

LIVRO 10 DE A RODA DO TEMPO

# ROBERT JORDAN

## ENCRUZILHADAS DO CREPÚSCULO



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR  
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times

## **Aclamação para A Roda do Tempo®**

“As cenas de batalha têm a urgência sem fôlego da experiência em primeira mão, e... o mal atado nas forças do bem, os perigos latentes em qualquer salvação prometida e o sentido do ataque inevitável de eventos imprevisíveis carregam as marcas da experiência nacional americana durante os últimos três décadas.”

— *The New York Times* sobre A Roda do Tempo

“Tem toda a amplitude e profundidade que fizeram deste autor de fantasia um dos grandes nomes do gênero.”

— *Publishers Weekly* sobre *Encruzilhadas do Crepúsculo*

“Sua escrita é distinta... pela riqueza de sua trama, com todo o charme e ingenuidade dos Irmãos Grimm e o comentário social/moral do Admirável Mundo Novo de Huxley. Com seus personagens bem desnudos, imagens escuras, alívio cômico, paisagens vívidas e um fascinante senso de atemporalidade, Jordan criou uma literatura complexa com uma linguagem e realidade própria.”

— *BookPage*

“Ao longo da preeminente saga de alta fantasia de Jordan... os personagens (os menores, bem como os maiores), o mundo e a fonte de poderes permaneceram notavelmente ricos e consistentes — nenhuma façanha média... Em meio a todo o Sturm und Drang, no entanto, há uma tensão cômica afinada que tanto deixa a história e adiciona ao seu desenvolvimento. Um grande épico de fantasia.”

— *Booklist*

“A verdade não é apenas estranha, é mais rica que a ficção, mas o universo fictício de Jordan se aproxima da variedade e complexidade do real... Enredos [são] dedilhados com ritmos de ondas longas ressoando algo como *Eroica* de Beethoven.”

— Robert Knox, MPG Newspapers

“Aventura, mistério e coisas sombrias que se movem durante a noite — uma combinação de Robin Hood e Stephen King que é difícil de resistir... Além disso, Jordan faz o leitor... largar o livro lamentando a espera para o próximo título na série.”

— *Milwaukee Sentinel*

“A Roda do Tempo [está] rapidamente se tornando a saga de fantasia americana definitiva. É um conto de fantasia raramente igualado e ainda menos frequentemente superado em inglês.”

— *Chicago Sun-Times*

“Nas décadas desde que a trilogia O Senhor dos Anéis, de J.R.R. Tolkien, foi publicada, muitos escritores de fantasia tentaram capturar o espírito dessa obra seminal. Embora muitos tenham sido capazes de imitar o estilo, desenvolver uma trama igualmente rápida e complexa, e criar personagens convincentes, nenhum deles capturou o espírito de homens pequenos e poderosos, lutando contra uma força do mal avassalador. Robert Jordan tem isso.”

— *Ottawa Citizen*

“Jordan tem uma visão poderosa do bem e do mal, mas o que me parece mais prazeroso... são todas as pessoas fascinantes movendo-se através de um mundo rico e interessante.”

— Orson Scott Card

“Sempre se pode contar com Jordan para fundamentar suas intrigas vertiginosas em pedaços sólidos de detalhes culturais, e aqui ele se destaca na ocasião, com capítulos tão densos quanto estrofes *Spenserianas* com símbolos e rituais... Ele manipula a desordem de sua narrativa para transmitir de forma crível uma sensação de um mundo em apuros à beira da autodestruição, e ele justapõe de maneira divertida a civilidade cortês de seus vilões com o caos precário que eles causam.”

— *Publishers Weekly*

“Jordan continua a utilizar sua imaginação para construir enredos de incrível engenhosidade e desenvolver temas ocultos, às vezes bastante profundos, em parcelas anteriores. Como sempre, Jordan escreve de forma inteligente e lírica – um dos expoentes mais literários do gênero.”

— *SFX* magazine

“Cuidado, há magia nesses livros. Eles podem fazer com que você negligencie seu trabalho e o mantenha acordado até além da hora de dormir... Este é o artigo genuíno.”

— John Lee, *The Suffolk County News*

“A série de alta fantasia mais vendida de Jordan continua... uma narrativa colossal e assustadoramente complexa... a narrativa emprega elementos de realismo raros na alta fantasia.”

— *Publishers Weekly* (starred review)

“Os personagens de Jordan [são] encarnados com os pontos fortes e fracos de homens e mulheres reais... Invoca o meio do fim do mundo de *The Stand*, de Stephen King.”

— *The Post and Courier* (Charleston, S.C.)

“Jordan escreve com a visão austera da luz e da escuridão, e às vezes senso de maravilha infantil, que permeia as obras de J. R. R. Tolkien. Seu estilo é indubitavelmente seu.”

— *Pittsburgh Press*

“[A Roda do Tempo] será a exploração americana definitiva do território de Tolkien por muitos anos. Jordan pode girar um mundo tão rico e um conto tão cheio de eventos quanto o mestre, e a presença de mulheres e um certo senso das possibilidades cômicas de um alto destino adicionam mais dimensão ao trabalho.”

— *Booklist*

“O épico de vários volumes da Jordan continua a corresponder às suas altas ambições. Trama complexa, uma variedade de

personagens fortes, detalhes luxuosos e um escopo panorâmico tornam esta série um banquete para os aficionados de fantasia.... Ricamente detalhado e vividamente imaginado.”

— *Library Journal*

“A escrita de Jordan é clara e sua visão é fascinante, assim como as filosofias que executam seus personagens. E falando de personagens, seria difícil colocar nomear um grupo mais interessante.”

— *Science Fiction Review*

“A saga de fantasia americana mais ambiciosa, A Roda do Tempo, [pode] também ser a melhor... supera todas, exceto alguns de seus pares.”

— *Booklist*

“A complexa filosofia por trás da série A Roda do Tempo é exposta de forma tão simples que o leitor muitas vezes se surpreende ao retornar ao mundo real. As aventuras de Rand não terminaram e nem a série de fantasia dessa pessoa pensante.”

— *Brunswick Sentinel* (Australia)

“Intrincada fantasia alegórica [que] lembra as obras de Tolkien por causa de sua intensidade e calor.”

— *Publishers Weekly*

“Robert Jordan pode escrever uma história e tanto... [Ele] mantém o suspense agudo e as surpresas e as invenções muito bem andadas. Convincentes. Uma experiência emocionante.”

— *Isaac Asimov's Science Fiction Magazine*

“[A Roda do Tempo é] uma obra de imaginação genuína e muitas vezes instigante.”

— *Kirkus Reviews*

“Para quem gosta de se manter em um mundo de fantasia, é difícil superar o mundo complexo e detalhado criado aqui.”

— *Locus*

“O talento de Jordan para sustentar a difícil combinação de suspense e resolução, tão necessária em uma série de vários volumes...

— *Library Journal*

“Jordan não apenas colocou vinho velho em odres novos: ele vestiu ossos velhos com carne nova”.

— *Chicago Sun-Times*

# ENCRUZILHADAS DO CREPÚSCULO



*Traduzido por Paulo Cilas*

A Roda do TEMPO® por  
Robert Jordan

*O Olho do Mundo*  
*A Grande Caçada*  
*O Dragão Renascido*  
*A Ascensão da Sombra*  
*As Chamas do Paraíso*  
*O Senhor do Caos*  
*Uma Coroa de Espadas*  
*O Caminho das Adagas*  
*Coração do Inverno*  
*Encruzilhadas do Crepúsculo*  
*Faca dos Sonhos*

por Robert Jordan  
e Brandon Sanderson

*A Aproximação da Tempestade*

## **ENCRUZILHADAS DO CREPÚSCULO**

**ROBERT JORDAN**

*Traduzido por Paulo Cilas*



A TOM DOHERTY ASSOCIATES BOOK  
NEW YORK



Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia.

## ENCRUZILHADAS DO CREPÚSCULO

Copyright © 2003 by The Bandersnatch Group, Inc.

As frases “A Roda do Tempo®” e “O Dragon Renascido™”, e o símbolo da roda-cobra, são marcas registradas de Robert Jordan.

Todos os direitos reservados.

Capa por Greg Ruth

Mapas por Ellisa Mitchell

Ilustrações no interior por Matthew C. Nielsen e Ellisa Mitchell

Traduzido por Paulo Cilas

Um Livro Tor

Publicado por Tom Doherty Associates, LLC

175 Fifth Avenue

New York, NY 10010

[www.tor-forge.com](http://www.tor-forge.com)

Tor® é uma marca registrada de Tom Doherty Associates, LLC.

ISBN 978-1-4299-6074-8

Primeira Edição: Janeiro de 2003

Primeira Edição do E-book: Julho de 2010

Manufactured in the United States of America

0 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Para Harriet  
Na época, agora,  
e sempre

# CONTEÚDOS

## MAPAS

### PRÓLOGO: Vislumbres do Padrão

- 1 Tempo de Ir
- 2 Dois Capitães
- 3 Um Leque de Cores
- 4 O Conto de uma Boneca
- 5 A Forja de um Martelo
- 6 O Cheiro de um Sonho
- 7 Quebra-cabeça de Ferreiro
- 8 Redemoinhos de Cor
- 9 Armadilhas
- 10 Um Farol Flamejante
- 11 Conversa sobre Dívidas
- 12 Uma Barganha
- 13 Alto Assentos
- 14 O que as Sábias Sabem
- 15 Aproximação das Trevas
- 16 O Tema das Negociações
- 17 Segredos
- 18 Uma Conversa com Siuan
- 19 Surpresas
- 20 Na Noite
- 21 Uma Marca
- 22 Uma Resposta
- 23 Enfeites

[24 Uma Tempestade se Fortalece](#)

[25 Quando Usar Joias](#)

[26 Em So Habor](#)

[27 O que Deve Ser Feito](#)

[28 Um Aglomerado de Botões de Rosa](#)

[29 Algo Pisca](#)

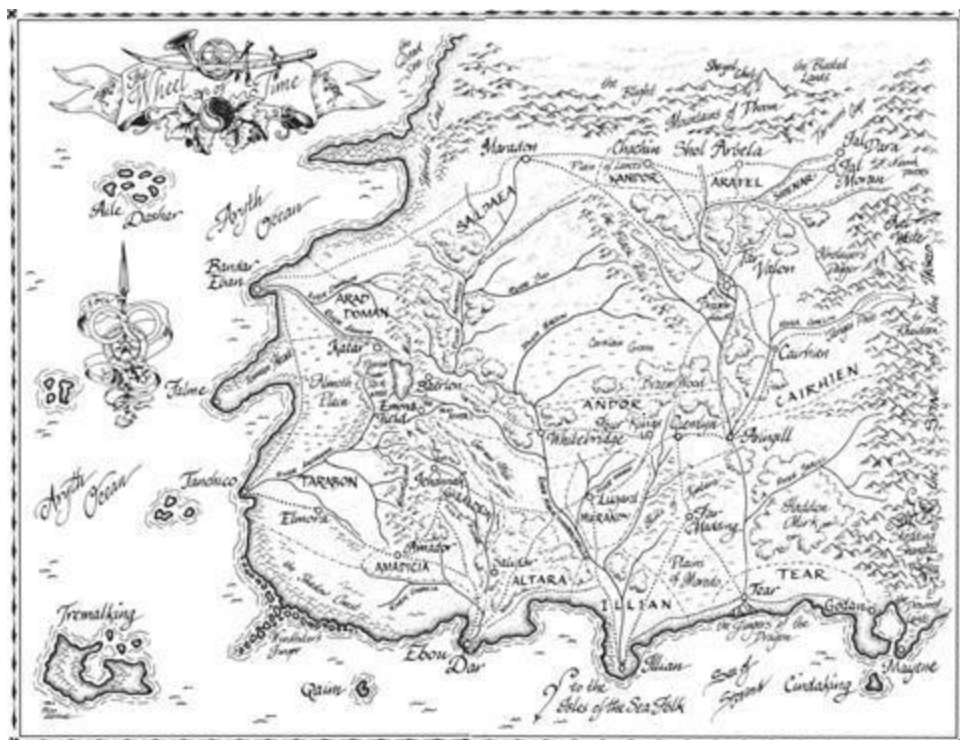
[30 O que o Bastão dos Juramentos Pode Fazer](#)

[EPÍLOGO: Uma Resposta](#)

[GLOSSÁRIO](#)

E acontecerá que, nos dias em que a Caçada Sombria cavalga, quando a mão direita vacila e a mão esquerda se perde, que a humanidade chegará à Encruzilhada do Crepúsculo e tudo o que é, tudo o que foi e tudo o que será se equilibrará na ponta de uma espada, enquanto os ventos da Sombra crescem.

— Das *Profecias do Dragão*, tradução possivelmente feita por Jain Charin, conhecido como Jain Andarilho, pouco antes de seu desaparecimento.



## PRÓLOGO

---



### *Vislumbres do Padrão*

Rodel Ituralde odiava esperar, embora soubesse que era a maior parte de ser um soldado. Esperar a próxima batalha, que o inimigo se mova, que cometa um erro. Ele observou a floresta de inverno e ficou tão imóvel quanto as árvores. O sol estava a meio caminho de seu pico e não dava calor. Sua respiração ficou branca na frente de seu rosto, cobrindo o bigode bem aparado e o pelo de raposa preto que revestia o capuz. Ele estava feliz que seu capacete estava pendurado em seu punho. Seu peitoral segurava o frio e o irradiava através de seu casaco e todas as camadas de lã, seda e linho por baixo. Até a sela de Dardo estava fria, como se o cavalo branco fosse feito de leite congelado. O capacete teria confundido seu cérebro.

O inverno chegara tarde a Arad Doman, muito tarde, mas com uma vingança. Do calor do verão que se prolongava anormalmente no outono, ao coração do inverno em menos de um mês. As folhas que sobreviveram à longa seca do verão foram congeladas antes que pudessem mudar de cor, e agora brilhavam como estranhas esmeraldas cobertas de gelo ao sol da manhã. Os cavalos dos vinte e poucos homens armados ao redor dele ocasionalmente batiam um casco na neve até os joelhos. Tinha sido uma longa viagem até aqui, e eles tinham que ir mais longe, quer este dia acabasse bem ou mal. Nuvens escuras agitavam o céu para o norte. Ele não precisava de seu conhecimento do clima para lhe dizer que a

temperatura cairia antes do anoitecer. Eles tinham que estar sob abrigo até então.

“Não é tão duro quanto o inverno passado, não é, meu Lorde?” Jaalam disse baixinho. O jovem oficial alto tinha um jeito de ler a mente de Ituralde, e sua voz era aguda para os outros ouvirem. “Mesmo assim, suponho que alguns homens estariam sonhando com vinho quente agora. Não este grupo, é claro. Notavelmente abstinência. Todos bebem chá, acredito. Chá gelado. Se eles tivessem alguns esfregões de bétula, estariam se despindo para banhos de neve.”

“Eles vão ter que ficar de roupa por enquanto,” Ituralde respondeu secamente, “mas eles podem tomar um chá gelado esta noite, se tiverem sorte.” Isso trouxe algumas risadas. Risos tranquilos. Ele havia escolhido esses homens com cuidado, e eles sabiam do barulho na hora errada.

Ele mesmo poderia ter feito uma xícara fumegante de vinho condimentado, ou até mesmo chá. Mas fazia muito tempo que os mercadores não traziam chá para Arad Doman. Fazia muito tempo que nenhum mercador estrangeiro se aventurava além da fronteira com Saldeia. No momento em que as notícias do mundo exterior chegaram a ele, estavam tão velhas quanto o pão do mês passado, se eram mais do que um boato para começar. Isso pouco importava, no entanto. Se a Torre Branca realmente estivesse dividida contra si mesma, ou homens que pudessem canalizar realmente estivessem sendo chamados para Caemlyn... bem, o mundo teria que ficar sem Rodel Ituralde até que Arad Doman estivesse inteira novamente. No momento, Arad Doman era mais do que suficiente para qualquer homem são.

Mais uma vez ele revisou as ordens que enviara, levadas pelos cavaleiros mais rápidos que possuía, a todos os nobres leais ao rei. Divididos como estavam por brigas antigas e velhas rixas, eles ainda compartilhavam isso. Reuniriam seus exércitos e cavalgariam quando as ordens viessem do Lobo; pelo menos, enquanto ele mantivesse o favor do rei. Eles até se escondiam nas montanhas e esperavam, por ordem dele. Ah, eles se irritariam, e alguns



amaldiçoariam seu nome, mas obedeceriam. Eles sabiam que o Lobo ganhava batalhas. Mais que isso, sabiam que ele ganhava guerras. O Lobinho, eles o chamavam quando achavam que ele não podia ouvir, mas ele não se importava se chamavam atenção para sua estatura — bem, não muito — desde que cavalgassem quando e para onde ele dissesse.

Muito em breve, eles estariam cavalcando duro, movendo-se para montar uma armadilha que não daria resultado por meses. Era um longo risco que ele estava tomando. Planos complexos tinham muitas maneiras de desmoronar, e esse plano tinha camadas dentro de camadas. Tudo estaria arruinado antes de começar se ele não fornecesse a isca. Ou se alguém ignorasse sua ordem de fugir dos mensageiros do rei. Todos eles conheciam seus motivos, porém, e mesmo os mais obstinados os compartilhavam, embora poucos estivessem dispostos a falar sobre o assunto em voz alta. Ele próprio havia se movido como um fantasma correndo em uma tempestade desde que recebeu o último comando de Alsalam. Em sua manga, onde o papel dobrado estava enrolado sobre a renda pálida que caía em sua luva de costas de aço. Eles tinham uma última chance, uma chance muito pequena, de salvar Arad Doman. Talvez até de salvar Alsalam de si mesmo antes que o Conselho de Mercadores decidisse colocar outro homem no trono em seu lugar. Ele tinha sido um bom governante, por mais de vinte anos. A Luz mandasse que ele pudesse ser novamente.

Um estalo alto ao sul enviou a mão de Ituralde ao punho de sua espada longa. Ouviu-se um leve rangido de couro e metal enquanto outros baixavam suas armas. De resto, silêncio. A floresta estava tão quieta quanto uma tumba congelada. Era apenas um galho quebrando sob o peso da neve. Depois de um momento, deixou-se relaxar — tanto quanto havia relaxado desde que as histórias chegaram ao norte sobre o Dragão Renascido aparecendo no céu em Falme. Talvez o homem fosse mesmo o Dragão Renascido, talvez tivesse realmente aparecido no céu, mas seja qual for a verdade, aquelas histórias incendiaram Arad Doman.

Ituralde tinha certeza de que poderia ter apagado aquele incêndio, se tivesse mais liberdade. Não era se gabar pensar assim. Ele sabia o que podia fazer, com uma batalha, uma campanha ou uma guerra. Mas, desde que o Conselho decidira que o rei estaria mais seguro tirado de Bandar Eban, Alsalam parecia ter colocado na cabeça que ele era o renascimento de Artur Asa de Gavião. Sua assinatura e selo marcaram dezenas de ordens de batalha desde então, saindo de onde quer que o Conselho o escondesse. Não diziam onde ficava, nem mesmo para o próprio Ituralde. Todas as mulheres do Conselho que ele confrontou ficavam de olhos vazios e evasivas a qualquer menção ao rei. Quase podia acreditar que não sabiam onde estava Alsalam. Um pensamento ridículo, é claro. O Conselho mantinha um olho sem piscar no Rei. Ituralde sempre acreditara que as Casas dos mercadores interferiam demais, mas desejava que interferissem agora. Por que eles permaneciam em silêncio era um mistério, porque um rei que prejudicava o comércio não permanecia muito tempo no trono.

Ele era leal aos seus juramentos, e Alsalam era um amigo, além disso, mas as ordens que o rei enviou não poderiam ter sido melhor escritas para alcançar o caos. Nem poderiam ser ignorados. Alsalam era o rei. Mas ele havia ordenado a Ituralde marchar para o norte com toda a velocidade possível contra um grande ajuntamento de Devotos do Dragão que Alsalam supostamente sabia de espiões secretos, então dez dias depois, sem Devotos do Dragão ainda à vista, veio uma ordem para se mover para o sul novamente, com toda a velocidade possível, contra outro encontro que nunca se materializou. Ele tinha sido ordenado a concentrar suas forças para defender Bandar Eban quando um ataque em três frentes poderia ter acabado com tudo e dividi-los quando um golpe de martelo poderia ter feito o mesmo, para devastar o terreno que ele sabia que os Devotos do Dragão haviam abandonado, e marchar para longe de onde ele sabia que eles estavam acampados. Pior ainda, as ordens de Alsalam muitas vezes iam diretamente para os nobres poderosos que deveriam estar seguindo Ituralde, enviando Machir nessa direção, Teacal naquela, Rahman em uma terceira. Quatro

vezes, batalhas campais resultaram de partes do exército colidindo umas com as outras durante a noite enquanto se moviam sob o comando expresso do rei e não esperavam nada além de inimigos à frente. E ao mesmo tempo os Devotos do Dragão ganhavam números e confiança. Ituralde teve seus triunfos — em Solanje e Maseen, no Lago Somal e Kandemar — os Senhores de Katar aprenderam a não vender os produtos de suas minas e forjas aos inimigos de Arad Doman —, mas sempre, as ordens de Alsalam desperdiçavam seus ganhos.

Este último pedido foi diferente, no entanto. Por um lado, um Homem Cinza havia matado Lady Tuva tentando impedi-la de alcançá-lo. Por que a Sombra poderia temer essa ordem mais do que qualquer outra era um mistério, mas era mais uma razão para se mover rapidamente. Antes que Alsalam o alcançasse com outra. Essa ordem abria muitas possibilidades, e ele havia considerado cada uma que pudesse ver. Mas as boas todas começavam aqui, hoje. Quando pequenas chances de sucesso eram tudo o que restava, você tinha que aproveitá-las.

O grito estridente de um gaio-das-neves soou ao longe, depois uma segunda vez, uma terceira. Envolvendo a boca com as mãos, Ituralde repetiu os três gritos ásperos. Momentos depois, um capão desganhado e pálido apareceu das árvores, seu cavaleiro em uma capa branca listrada de preto. Homens e cavalos teriam sido difíceis de ver na floresta nevada se estivessem parados. O cavaleiro parou ao lado de Ituralde. Um homem atarracado, que usava apenas uma única espada, com uma lâmina curta, e havia um arco e uma aljava presos à sua sela.

“Parece que todos eles vieram, meu Lorde,” ele disse em sua voz permanentemente rouca, empurrando o capuz para trás de sua cabeça. Alguém tentou enforcar Donjel quando ele era jovem, embora a razão tenha se perdido nos anos. O que restava de seu cabelo curto era grisalho. O remendo de couro escuro que cobria a órbita do olho direito era um resquício de outro arranhão da juventude. Um olho ou dois, porém, era o melhor batedor que Ituralde já conhecera. “A maioria, de qualquer maneira,” ele

continuou. “Eles colocaram dois anéis de sentinelas ao redor do alojamento, um dentro do outro. Você pode vê-los a um quilômetro e meio de distância, mas ninguém chegará perto sem que eles na pousada ouçam a tempo de fugir. Pelos rastros, eles não trouxeram mais homens do que você disse que poderiam, não o suficiente para contar. Claro,” ele acrescentou ironicamente, “que ainda deixa você em desvantagem numérica.”

Ituralde assentiu. Ele havia oferecido a Fita Branca, e os homens que iria encontrar aceitaram. Três dias em que os homens se comprometeram sob a Luz, por suas almas e esperança de salvação, a não sacar uma arma contra outro ou derramar sangue. A Fita Branca não havia sido testada nesta guerra, entretanto, e naqueles dias alguns homens tinham ideias estranhas sobre onde estava a salvação. Aqueles que se autodenominavam Devotos do Dragão, por exemplo. Ele sempre foi chamado de jogador, embora não fosse. O truque estava em saber quais riscos você poderia correr. E às vezes, em saber quais você teve que tomar.

Tirando um pacote costurado em seda oleada de sua bota, ele o entregou a Donjel. “Se eu não chegar a Coron Ford em dois dias, leve isso para minha esposa.”

O batedor enfiou o pacote em algum lugar debaixo de sua capa, tocou sua testa e virou seu cavalo para o oeste. Ele já havia feito algo parecido para Ituralde antes, geralmente na véspera da batalha. O envio da Luz não era o momento que Tamsin teria para abrir aquele pacote. Ela viria atrás dele — ela havia dito isso a ele — o primeiro incidente de um vivo assombrando os mortos.

“Jaalam”, disse Ituralde, “vamos ver o que espera no pavilhão de caça de Lady Osana.” Enquanto ele empurrava Dardo para a frente, os outros o seguiam.

O sol subiu ao máximo e recomeçou a descer enquanto cavalgavam. As nuvens escuras no norte se aproximaram, e o frio ficou mais profundo. Não havia nenhum som além do barulho de cascos quebrando a crosta de neve. A floresta parecia vazia, exceto por eles mesmos. Ele não viu nenhuma das sentinelas de que Donjel havia falado. A opinião do homem sobre o que podia ser visto

a uma milha era diferente daquela da maioria. Eles estariam esperando por ele, é claro. E observando para ter certeza de que ele não foi seguido por um exército, com ou sem Fita Branca. Muitos deles provavelmente tinham razões que sentiam ser suficientes para empenar Rodel Ituralde com flechas. Um lorde pode prometer a Fita Branca para seus homens, mas todos eles se sentiriam obrigados? Às vezes, havia chances que você tinha que correr.

Por volta do meio da tarde, o chamado pavilhão de caça de Osana surgiu de repente entre as árvores, uma massa de torres pálidas e cúpulas esguias e pontiagudas que se encaixariam bem entre os palácios do próprio Bandar Eban. Sua caça sempre foi por homens ou poder, seus troféus numerosos e notáveis apesar de sua relativa juventude, e as “caças” que aconteceram aqui teriam levantado sobrelanceiras até na capital. A cabana estava desolada, agora. Janelas quebradas escancaradas como bocas com dentes pontiagudos. Nenhuma mostrou um vislumbre de Luz ou movimento. A neve que cobria o terreno limpo ao redor do alojamento havia sido bem pisada por cavalos, no entanto. Os portões ornamentados de latão do pátio principal estavam abertos, e ele passou sem diminuir a velocidade, seguido por seus homens. Os cascos dos cavalos batiam nas pedras do calçamento, onde a neve havia sido batida até virar lama.

Nenhum servo saiu para cumprimentá-lo, não que ele esperasse algum. Osana havia desaparecido no início dos problemas que agora abalavam Arad Doman, como um cachorro sacudindo um rato, e seus servos foram rapidamente para outros de sua casa, tomando quaisquer lugares que pudessem encontrar. Hoje em dia, os sem mestre passavam fome ou viravam bandidos. Ou Devotos do Dragão. Desmontando em frente à larga escadaria de mármore no final do pátio, ele entregou as rédeas de Dardo a um de seus armeiros, e Jaalam ordenou que os homens se abrigassem onde pudessem encontrar abrigo para si e para os animais. Observando as sacadas de mármore e as amplas janelas que cercavam o pátio, eles se moviam como se esperassem uma flecha de besta entre as omoplatas. Um par de portas do estábulo estava entreaberta, mas,

apesar do frio, eles se dividiram entre os cantos do pátio, amontoados com os cavalos, onde podiam vigiar em todas as direções. Se o pior acontecesse, talvez alguns pudessem sobreviver.

Removendo as luvas, ele as colocou atrás do cinto e verificou sua renda enquanto subia as escadas com Jaalam. A neve que havia sido pisada e congelada novamente estalou sob suas botas. Ele se absteve de olhar para qualquer lugar que não fosse para a frente. Ele deveria parecer extremamente seguro, como se não houvesse nenhuma possibilidade de que os eventos fossem além do que esperava. A confiança era a chave para a vitória. O outro lado acreditar que você estava confiante às vezes era quase tão bom quanto estar realmente confiante. No alto da escada, Jaalam abriu uma das portas altas e esculpidas pelo anel dourado. Ituralde tocou seu ponto de beleza com um dedo para se certificar de que estava no lugar — suas bochechas estavam frias demais para sentir a estrela de veludo preto agarrada — antes de entrar. Tão seguro de si quanto estaria em um baile.

O cavernoso saguão de entrada estava tão gelado quanto o lado de fora. A respiração deles formava névoas emplumadas. Apagado, o espaço já parecia envolto em crepúsculo. O chão era um mosaico colorido de caçadores e animais, os ladrilhos lascados em alguns lugares, como se pesos pesados tivessem sido arrastados sobre eles, ou talvez derrubados. Com exceção de um único pedestal tombado que poderia ter abrigado um grande vaso ou uma pequena estátua, o salão estava vazio. O que os servos não levaram quando fugiram já havia sido saqueado pelos bandidos. Um único homem os esperava, de cabelos brancos e mais esquelético do que quando Ituralde o vira pela última vez. Seu peitoral estava surrado e seu brinco era apenas uma pequena argola de ouro, mas sua renda era imaculada, e a lua crescente vermelha ao lado de seu olho esquerdo teria ido bem na corte, em tempos melhores.

“Pela Luz, seja bem-vindo sob a Fita Branca, Senhor Ituralde”, disse ele formalmente, com uma ligeira reverência.

“Pela Luz, estou sob a Fita Branca, Lord Shimron”, respondeu Ituralde, fazendo sua cortesia em troca. Shimron tinha sido um dos conselheiros mais confiáveis de Alsalam. Até se juntar aos Devotos do Dragão, pelo menos. Agora ele se destacava em seus conselhos. “Meu armeiro é Jaalam Nishur, honra vinculada à Casa Ituralde, assim como todos os que vieram comigo.”

Não houve Casa Ituralde antes de Rodel, mas Shimron respondeu à reverência de Jaalam, a mão no coração. “Honra seja honra. Você me acompanhará, Lorde Ituralde?” ele disse enquanto se endireitava.

As grandes portas do salão de baile tinham desaparecido das dobradiças, embora Ituralde mal pudesse imaginar bandidos saqueando-as. Elas deixaram um arco pontiagudo alto o suficiente para dez homens passarem. Dentro da sala oval sem janelas, meia centena de lanternas de todos os tamanhos e tipos batiam nas sombras, embora a Luz mal alcançasse o teto abobadado. Separados por uma grande extensão de chão, dois grupos de homens estavam encostados nas paredes pintadas, e se a Fita Branca os havia induzido a deixar os capacetes, todos os duzentos ou mais estavam blindados de outra forma, e certamente ninguém havia deixado de lado suas espadas. De um lado estavam alguns senhores domaneses tão poderosos quanto Shimron — Rajabi, Wakeda, Ankaer — cada um cercado por seu grupo de senhores menores e plebeus jurados e grupos menores, de apenas dois ou três, muitos contendo nenhum nobre. Os Devotos do Dragão tinham conselhos, mas nenhum comandante. Ainda assim, cada um daqueles homens era um líder por direito próprio, alguns contando seus seguidores em dezenas, alguns em milhares. Nenhum parecia feliz por estar onde ele estava, e um ou dois olharam para o chão, para onde cinquenta ou sessenta taraboneanos estavam em uma massa sólida, e franziram a testa. Devotos do Dragão podiam ser todos, mas havia pouco amor perdido entre domaneses e taraboneanos. Ituralde quase sorriu ao ver os forasteiros, no entanto. Ele não ousara contar com metade de tantos aparecendo hoje.

“Lord Rodel Ituralde vem sob a fita branca.” A voz de Shimron ecoou pelas sombras das lanternas. “Quem quer que pense em violência examine seu coração e considere sua alma.” E esse foi o fim da formalidade.

“Por que Lord Ituralde oferece a Fita Branca?” Wakeda exigiu, uma mão segurando o punho de sua espada longa e a outra em punho ao seu lado. Ele não era um homem alto, embora mais alto do que Ituralde, mas tão altivo como se ele próprio ocupasse o trono. As mulheres o chamaram de bonito uma vez. Agora, um lenço preto oblíquo cobria a órbita de seu olho direito perdido, e seu ponto de beleza era uma ponta de flecha preta apontando para a cicatriz grossa que ia da bochecha até a testa. “Ele pretende se juntar a nós? Ou pedir-nos para nos render? Todos sabem que o Lobo é ousado e também desonesto. Ele é tão ousado assim?” Um estrondo se ergueu entre os homens ao seu lado da sala, parte alegria, parte raiva.

Ituralde cruzou as mãos atrás das costas para não tocar o rubi em sua orelha esquerda. Isso era amplamente conhecido como um sinal de que ele estava com raiva, e às vezes ele fazia isso de propósito, mas ele precisava apresentar um rosto calmo, agora. Mesmo enquanto o homem falava em seu ouvido! Não. Calma. Os duelos eram travados com raiva, mas ele estava ali para travar um duelo, e isso exigia calma. Palavras podem ser armas mais mortais do que espadas.

“Todo homem aqui sabe que temos outro inimigo ao sul”, disse ele com voz firme. “Os Seanchan engoliram Tarabon.” Ele correu seu olhar sobre os taraboneanos, e encontrou olhares vazios. Ele nunca conseguira ler os rostos dos taraboneanos. Entre aqueles bigodes absurdos — como presas peludas; pior que os de um saldaeano! — e esses véus ridículos, bem podiam usar máscaras, e a pobre luz das lanternas não ajudou. Mas ele os tinha visto cobertos com cota de malha e precisava deles. “Eles inundaram a Planície Almoth e se moveram para o norte. A intenção deles é clara. Eles querem tomar Arad Dom também. Eles pretendem tomar o mundo inteiro, eu temo.”



“Será que Lord Ituralde quer saber quem vamos apoiar se esses Seanchan nos invadirem?” Wakeda exigiu.

“Tenho verdadeira fé que você lutará por Arad Doman, Lorde Wakeda,” Ituralde disse suavemente. Wakeda ficou roxo por ter o insulto direto arremessado em seus dentes, e as mãos de seus jurados foram até os punhos das espadas.

“Os refugiados trouxeram a notícia de que há Aiel na planície, agora”, disse Shimron rapidamente, como se temesse que Wakeda pudesse quebrar a Fita Branca. Nenhum dos jurados de Wakeda puxaria aço a menos que ele o fizesse, ou ordenasse que o fizessem. “Eles lutam pelo Dragão Renascido, dizem os relatos. Ele deve tê-los enviado, talvez como um auxílio para nós. Ninguém jamais derrotou um exército Aiel, nem mesmo Artur Asa de Gavião. Você se lembra da Neve de Sangue, Lord Ituralde, quando éramos mais jovens? Acredito que você concorda comigo que não os derrotamos lá, não importa o que digam as histórias, e não posso acreditar que os Seanchan tenham os números que tínhamos naquela época. Eu mesmo ouvi falar de Seanchan se movendo para o sul, longe da fronteira. Não, suspeito que o próximo que ouvirmos será deles se retirando da planície, não avançando sobre nós.” Ele não era um mau comandante em campo, mas sempre fora pedante.

Ituralde sorriu. A notícia vinha mais rapidamente do sul do que de qualquer outro lugar, mas ele tinha medo de ter que mencionar os Aiel, e eles pensarem que ele estava tentando enganá-los. Ele mesmo mal podia acreditar, Aiel na Planície Almoth. Ele não apontou que Aiel enviados para ajudar os Devotos do Dragão eram mais prováveis de terem aparecido na própria Arad Doman. “Eu também questionei refugiados, e eles falam de ataques de Aiel, não de exércitos. O que quer que os Aiel estejam fazendo na planície, pode ter retardado o Seanchan, mas não os fez recuar. Suas feras voadoras começaram a explorar nosso lado da fronteira. Isso não cheira a recuo.”

Tirando o papel da manga com um floreio, ele o ergueu para que todos pudessem ver a Espada e a Mão impressas em cera verde e azul. Como sempre ultimamente, ele havia usado uma lâmina

quente para separar o Selo Real de um lado, deixando-o inteiro, para que pudesse mostrá-lo intacto aos cétricos. Havia muitos deles, quando ouviram algumas das ordens de Alsalam. “Tenho ordens do rei Alsalam para reunir o máximo de homens que puder, de onde quer que eu possa encontrá-los, e atacar os Seanchan o mais forte que puder.” Ele respirou fundo. Aqui, ele arriscou outra vez, e Alsalam poderia ter sua cabeça no cepo, a menos que os dados caíssem do jeito certo. “Eu ofereço uma trégua. Prometo em nome do rei não agir contra vocês de forma alguma enquanto os Seanchan continuarem sendo uma ameaça para Arad Doman, se todos fizerem o mesmo e lutarem ao meu lado contra eles até que sejam derrotados.”

Um silêncio atordoado lhe respondeu. Rajabi de pescoço de touro parecia arrepiado. Wakeda mordeu o lábio como uma garota assustada.

Então Shimron murmurou: “Eles podem ser derrotados, Lorde Ituralde? Eu enfrentei suas... suas Aes Sedai acorrentadas na Planície Almoth, assim como você.” Botas arranharam o chão enquanto os homens trocavam de posição, e os rostos escureceram em uma raiva sombria. Nenhum homem gostava de pensar que era indefeso diante de um inimigo, mas havia o suficiente nos primeiros dias, com Ituralde e Shimron, para que todos soubessem como era esse inimigo.

“Eles podem ser derrotados, Lorde Shimron,” Ituralde respondeu, “mesmo com suas... pequenas surpresas.” Uma coisa estranha para chamar a terra em erupção sob seus pés, e batedores que cavalgavam o que pareciam ser Crias das Trevas, mas ele tinha que soar seguro, assim como parecer. Além disso, quando você sabia o que o inimigo podia fazer, você se adaptava. Esse tinha sido um núcleo de guerra muito antes de os Seanchan aparecerem. Escuridão dava vantagens aos Seanchan, assim como as tempestades, e um especialista em clima sempre poderia dizer quando uma tempestade estava chegando. “Um homem sábio para de mastigar quando chega ao osso”, continuou ele, “mas até agora, os Seanchan tiveram sua carne cortada em fatias finas antes de

alcançá-la. Eu pretendo dar-lhes um osso duro para roer. Além disso, tenho um plano para fazê-los quebrar tão rápido que quebrarão os dentes no osso antes de comerem um bocado de carne. Agora. Eu me comprometi. Vocês poderiam?"

Foi difícil não prender a respiração. Cada homem parecia estar olhando para dentro. Ele podia quase vê-los refletindo sobre isso. O Lobo tinha um plano. Os Seanchan haviam acorrentado Aes Sedai e bestas voadoras e só a Luz sabia o que mais. Mas o Lobo tinha um plano. Os Seanchan. O Lobo.

"Se algum homem pode derrotá-los" disse Shimron finalmente, "você pode, Lorde Ituralde. Eu vou me comprometer."

"Eu me comprometo a isso!" gritou Rajabi. "Vamos persegui-los de volta pelo oceano de onde eles vieram!" Ele tinha o temperamento de um touro, assim como seu pescoço.

Surpreendentemente, Wakeda trovejou seu acordo com igual entusiasmo, e então uma tempestade de vozes se rompeu, clamando que eles cumpririam a promessa do rei, que esmagariam os Seanchan, alguns até que seguiriam o Lobo até o Poço da Perdição. Tudo muito gratificante, mas nem tudo que a Ituralde veio buscar.

"Se você nos pedir para lutar por Arad Doman", uma voz gritou acima das outras, "então nos peça!" Os homens que estavam fazendo suas promessas caíram em murmúrios raivosos e maldições semi-ouvidas.

Escondendo seu prazer por trás de uma expressão branda, Ituralde virou-se para o interlocutor, do outro lado da sala. O taraboneano era um homem magro, com um nariz afilado que formava uma tenda em seu véu. Seus olhos eram duros, porém, e aguçados. Alguns dos outros taraboneanos franziram a testa como se estivessem descontentes por ele ter falado, então parecia que eles não tinham um líder igual aos domaneses, mas ele havia falado. Ituralde esperava pelas promessas que recebera, mas elas não eram necessárias ao seu plano. Os taraboneanos eram. Pelo menos, eles tornariam cem vezes mais provável de funcionar. Dirigiu-se ao homem com cortesia, com uma reverência.

“Ofereço a você a chance de lutar por Tarabon, meu bom Senhor. Os Aiel estão fazendo alguma confusão na planície; os refugiados falam disso. Diga-me, poderia uma pequena companhia de seus homens — uma centena, talvez duas — atravessar a planície nessa desordem e entrar em Tarabon, se suas armaduras estivessem marcadas com listras, como aqueles que cavalgam para os Seanchan?”

Parecia impossível que o rosto do taraboneano pudesse ficar mais tenso, mas ficou, e foi a vez dos homens do seu lado da sala murmurarem com raiva e xingarem. Chegaram notícias suficientes ao norte para que soubessem de um rei e uma Panarca colocados em seus tronos pelos Seanchan e jurando fidelidade a uma imperatriz do outro lado do Oceano Aryth. Eles não gostavam de lembrar quantos de seus compatriotas agora cavalgavam para essa imperatriz. A maioria dos “Seanchan” na Planície Almoth eram taraboneanos.

“Que bem uma pequena companhia poderia fazer?” o homem magro rosnou, desdenhoso.

“Pouco bem”, respondeu Ituralde. “Mas se houvesse cinquenta dessas companhias? Cem?” Esses taraboneanos deviam ter aquela quantidade de homens atrás deles, ao todo. “Se todos eles atacassem no mesmo dia, em toda Tarabon? Eu mesmo iria com eles, e tantos dos meus homens quantos pudessem ser equipados com armaduras de taraboneano. Só para você saber que isso não é simplesmente um estratagema para me livrar de vocês.”

Atrás dele, os domaneses começaram a protestar em voz alta. Wakeda o mais alto de todos, se é que se podia acreditar! O plano do Lobo estava muito bom, mas eles queriam o próprio Lobo à frente. A maioria dos taraboneanos começou a discutir entre si, sobre o fato de tantos homens poderem cruzar a planície sem serem descobertos, mesmo em bandos tão pequenos, sobre o que de bom eles poderiam fazer em Tarabon em pequenas companhias, sobre eles estarem dispostos a usar armaduras marcadas com listras Seanchan. Os taraboneanos argumentavam tão facilmente quanto saldaeanos, e tão ardentemente. Não o homem de nariz afiado. Ele encontrou o olhar de Ituralde com firmeza. Então deu um leve aceno

de cabeça. Era difícil dizer, por trás daqueles bigodes grossos, mas Ituralde achou que ele sorriu.

A última tensão desapareceu dos ombros de Ituralde. O sujeito não teria concordado enquanto os outros discutiam se ele não fosse mais líder entre eles do que parecia. Os outros viriam também, ele tinha certeza. Eles cavalgariam para o sul com ele até o coração do que os Seanchan consideravam seu, e os esbofetearia com força e em cheio no rosto. Os taraboneanos gostariam de ficar depois, é claro, e continuar a luta em sua própria terra natal. Ele não podia esperar mais nada. O que deixaria ele e os poucos milhares de homens que ele poderia levar com ele para serem perseguidos de volta ao norte, por todo o longo caminho através da Planície Almoth. Se a Luz brilhasse sobre ele, perseguido com fúria.

Ele retribuiu o sorriso do taraboneano, se era mesmo um sorriso. Com alguma sorte, generais furiosos não veriam para onde ele os estava levando até que fosse tarde demais. E se vissem... Bem, ele tinha um plano B.

Eamon Valda segurou seu manto apertado em torno de si enquanto caminhava pela neve entre as árvores. Frio e constante, o vento suspirava através dos galhos cobertos de neve, um som enganosamente calmo na luz cinzenta e úmida. Cortava a grossa lã branca como uma gaze, gelando-o até os ossos. O acampamento que se estendia ao redor dele pela floresta estava muito quieto. O movimento fornecia um pouco de calor, mas os homens se amontoavam, a menos que fossem levados a se mover.

Abruptamente ele parou em seu caminho, enrugando o nariz com um fedor repentino, uma imundície engasgada como vinte montes de estrume rastejando com vermes. Ele não engasgou; em vez disso, fez uma careta. O acampamento não tinha a organização que ele preferia. As tendas estavam agrupadas ao acaso onde quer que as extremidades suspensas ficassem mais grossas, os cavalos amarrados por perto, em vez de devidamente estaqueados. Era o tipo de negligência que levava à sujeira. Sem serem vigiados, os homens enterravam esterco de cavalo sob algumas pás de terra

para acabar com isso mais rápido, e cavavam latrinas onde não teriam que andar muito no frio. Qualquer oficial dele que permitisse isso deixaria de ser um oficial e aprenderia em primeira mão como usar uma pá.

Ele estava examinando o acampamento em busca da fonte do cheiro, quando de repente não havia cheiro. O vento não mudou; o fedor simplesmente sumiu. Ele se assustou por apenas um momento. Caminhando, fez uma carranca ainda mais forte. O fedor tinha vindo de algum lugar. Ele encontraria quem pensasse que a disciplina havia afrouxado e faria disso um exemplo. A disciplina tinha que ser rígida agora; mais apertada do que nunca.

Na beira de uma ampla clareira, parou novamente. A neve na clareira era lisa e sem marcas, apesar do acampamento escondido ao redor. Ficando entre as árvores, ele examinou o céu. Nuvens cinzentas esvoaçantes escondiam o sol do meio-dia. Um lampejo de movimento fez sua respiração travar antes que ele percebesse que era apenas um pássaro, alguma coisinha marrom cautelosa com falcões e ficando abaixada. Ele latiu uma risada que foi mais do que tocada com amargura. Pouco mais de um mês desde que os Seanchan amaldiçoados pela Luz engoliram Amador e a Fortaleza da Luz em um gole inacreditável, mas ele havia aprendido novos instintos. Os sábios aprenderam, enquanto os tolos...

Ailron tinha sido um tolo, inchado com velhas histórias de glória iluminadas pela idade e novas esperanças de ganhar poder real para acompanhar sua coroa. Ele se recusou a ver a realidade diante de seus olhos, e o Desastre de Ailron foi o resultado. Valda ouvira o nome de Batalha de Jeramel, mas apenas por alguns dos poucos nobres amadócios que escaparam, atordoados como novilhos com machados de vara, mas ainda tentando mecanicamente colocar a melhor face nos eventos. Ele se perguntou do que Ailron havia chamado aquilo quando as bruxas mansas dos Seanchan começaram a rasgar suas fileiras ordenadas em trapos sangrentos. Ele ainda podia ver isso em sua cabeça, a terra se transformando em fontes de fogo. Ele viu em seus sonhos. Bem, Ailron estava morto, abatido tentando fugir do campo, e sua cabeça exposta na

lança de um taraboneano. Uma morte adequada para um tolo. Ele, por outro lado, tinha mais de nove mil Filhos reunidos ao seu redor. Um homem que visse claramente poderia tirar muito disso em tempos como estes.

Do outro lado da clareira, bem dentro da linha das árvores, havia uma casa rústica que uma vez pertenceu a um queimador de carvão, um único cômodo com ervas daninhas marrons de inverno espessas nas fendas entre as pedras. Ao que tudo indica, o homem havia abandonado o local há algum tempo; partes do telhado de palha se curvavam perigosamente, e o que quer que antes enchia as janelas estreitas já havia desaparecido há muito tempo, substituído agora por cobertores escuros. Dois guardas estavam ao lado da porta de madeira mal ajustada, homens grandes com o cajado de pastor escarlate atrás do sol dourado em suas capas. Eles estavam com os braços em volta de si mesmos e batiam as botas contra o frio. Nem poderia ter alcançado sua espada a tempo de fazer algum bem, se Valda fosse um inimigo. Questionadores gostavam de trabalhar dentro de casa.

Seus rostos poderiam ter sido esculpidos em pedra enquanto o observavam se aproximar. Nenhum deles ofereceu mais do que uma saudação indiferente. Não para um homem sem o cajado do pastor, mesmo que ele fosse o Senhor Capitão Comandante dos Filhos. Um abriu a boca como se questionasse o propósito de Valda, mas Valda passou por eles e empurrou a porta áspera. Pelo menos eles não tentaram impedi-lo. Ele teria matado os dois, se eles tivessem.

Em sua entrada, Asunawa ergueu os olhos da mesa torta onde estava folheando um pequeno livro, uma mão ossuda em concha ao redor de uma xícara de estanho fumegante que exalava o cheiro de especiarias. Sua cadeira de espaldar, a única outra peça de mobília na sala, parecia frágil, mas alguém a havia reforçado com amarrações de couro cru. Valda apertou a boca para impedir um sorriso de escárnio. O Alto Inquisidor da Mão da Luz exigia um telhado de verdade, não uma barraca, mesmo que fosse de palha que precisasse muito de remendos, e vinho quente quando ninguém

mais tinha provado vinho de qualquer tipo em uma semana. Um pequeno fogo queimava na lareira de pedra também, dando um calor escasso. Até as fogueiras para cozinhar tinham sido proibidas desde antes do Desastre, para evitar que a fumaça as denunciasses. Ainda assim, embora a maioria dos Filhos desprezasse os Questionadores, eles tinham Asunawa com uma estranha estima, como se seus cabelos grisalhos e o rosto esquelético de mártir o agraciassem com todos os ideais dos Filhos da Luz. Isso foi uma surpresa, quando Valda soube disso pela primeira vez; ele não tinha certeza se o próprio Asunawa sabia. De qualquer forma, havia Questionadores suficientes para causar problemas. Nada que ele não pudesse lidar, mas era melhor evitar esse tipo de problema. Por enquanto.

"Está quase na hora", disse ele, fechando a porta atrás de si. "Você está pronto?"

Asunawa não fez nenhum movimento para se levantar ou pegar o manto branco dobrado sobre a mesa ao lado dele. Não havia luz solar nele, apenas o cajado escarlate. Em vez disso, ele cruzou as mãos sobre o livro, escondendo as páginas. Valda achava que era O Caminho da Luz, de Mantelar. Leitura estranha para o Alto Inquisidor. Mais adequada para novos recrutas; aqueles que não sabiam ler quando juravam que foram ensinados para que pudessem estudar as palavras de Mantelar. "Tenho relatos de um exército andoreano em Murandy, meu filho", disse Asunawa. "Nas profundezas de Murandy, talvez."

"Murandy está muito longe daqui", disse Valda como se não reconhecesse uma velha discussão começando de novo. Uma discussão que Asunawa muitas vezes parecia esquecer que ele já havia perdido. Mas o que andoreanos estavam fazendo em Murandy? Se os relatos fossem verdadeiros; tantas eram as fantasias de viajantes envolvidos em mentiras. Andor. O próprio nome irritou a memória de Valda. Morgase estava morta, ou então era serva de algum Seanchan. Eles tinham pouco respeito por outros títulos que não os seus. Morta ou serva, ela estava perdida para ele e, mais importante, de longe, seus planos para Andor estavam



perdidos. Galadedrid passou de uma alavanca útil para apenas mais um jovem oficial, e um que era muito popular entre os soldados comuns. Bons oficiais nunca foram populares. Mas Valda era um homem pragmático. O passado era o passado. Novos planos substituíram Andor.

“Não tão longe se formos para o leste, atravessando Altara, meu filho, atravessando o norte de Altara. Os Seanchan não podem ter se movido para longe de Ebou Dar ainda.”

Estendendo as mãos para pegar o pequeno calor da lareira, Valda suspirou. Eles se espalharam como uma praga em Tarabon e aqui em Amadicia. Por que o homem achava que Altara era diferente? “Você está esquecendo as bruxas em Altara? Com um exército próprio, preciso lembrá-lo? A menos que elas estejam em Murandy agora.” Aqueles relatórios ele acreditava, das bruxas em movimento. Apesar de si mesmo, sua voz se elevou. “Talvez esse chamado exército andoreano de que você ouviu falar sejam as bruxas e o exército delas! Elas deram Caemlyn para al'Thor, lembre-se! E Illian, e metade do leste! Você realmente acredita que as bruxas estão divididas? Acredita?” Lentamente, ele respirou fundo, se acalmando. Tentando. Cada história do leste era pior que a anterior. Uma rajada de vento pela chaminé soprou faíscas na sala, e ele recuou com uma maldição. Maldito casebre de camponês! Até a chaminé estava mal feita!

Asunawa fechou o livrinho entre suas palmas. Suas mãos estavam cruzadas como em oração, mas seus olhos fundos de repente pareciam mais quentes que o fogo. “Eu acredito que as bruxas devem ser destruídas! É nisso que eu acredito!”

“Eu me contentaria em saber como os Seanchan as domam.” Com bruxas mansas o suficiente, ele poderia expulsar al'Thor de Andor, de Illian e de todos os outros lugares em que ele havia se estabelecido como a própria Sombra. Ele poderia ser melhor do próprio Asa de Gavião!

“Elas devem ser destruídas,” Asunawa afirmou teimosamente.

“E nós com elas?” Valda exigiu.

Uma batida veio da porta, e com a convocação curta de Asunawa, um dos guardas do lado de fora apareceu na porta, de pé

rigidamente ereto, o braço estalando sobre o peito em uma saudação firme. “Meu Lorde Alto Inquisidor,” ele disse respeitosamente, “o Conselho dos Ungidos está aqui.”

Valda esperou. O velho tolo continuaria sendo teimoso com todos os dez Lordes Capitães sobreviventes do lado de fora, montados e prontos para cavalgar? O que foi feito, foi feito. O que tinha que ser feito.

“Se isso derrubar a Torre Branca,” Asunawa disse finalmente, “eu posso ficar contente. Por enquanto. Eu irei a esta reunião.”

Valda sorriu levemente. “Então estou contente. Veremos as bruxas caírem juntos.” Certamente, *ele* as veria cair. “Eu sugiro que você prepare seu cavalo. Temos um longo caminho a percorrer até o anoitecer.” Se Asunawa veria isso com ele era outra questão.

Gabrelle gostava de seus passeios pelos bosques de inverno com Logain e Toveine. Ele sempre deixava Toveine e ela seguirem seu próprio ritmo em uma aparência de privacidade, desde que não ficassem muito para trás. As duas Aes Sedai raramente falavam mais do que o absolutamente necessário, mesmo quando eram realmente privadas. Elas estavam longe de serem amigas. Na verdade, Gabrelle muitas vezes desejava que Toveine pedisse para ficar para trás quando Logain oferecia esses passeios. Teria sido muito agradável estar realmente sozinha.

Segurando as rédeas com uma das mãos enluvadas de verde e mantendo o manto forrado de raposa fechado com a outra, ela se permitiu sentir o frio, só um pouco, só pelo vigor refrescante. A neve não era profunda, mas o ar da manhã estava fresco. Nuvens cinza-escuras prometiam mais neve em breve. No alto, voava um pássaro de asas longas de algum tipo. Uma águia, talvez; pássaros não eram seu ponto forte. Plantas e minerais ficavam em um só lugar enquanto você os estudava, assim como livros e manuscritos, embora pudessem desmoronar sob seus dedos, se tivessem idade suficiente. De qualquer forma, ela mal conseguia distinguir o pássaro daquela altura, mas uma águia se encaixava na paisagem. A floresta os cercava, pequenos arbustos densos pontilhados entre

as árvores mais espaçadas. Grandes carvalhos e altos pinheiros e abetos haviam matado a maior parte da vegetação rasteira, embora aqui e ali houvesse grossos restos marrons de uma trepadeira resistente, esperando por uma primavera ainda distante, agarrados a uma pedra ou a uma borda baixa de pedra cinza. Ela segurou cuidadosamente aquela paisagem em sua mente como um exercício de principiante, fria e vazia.

Sem ninguém à vista, exceto seus dois companheiros, ela quase podia imaginar que estava em outro lugar além da Torre Negra. Esse nome horrível vinha muito facilmente à mente, agora. Uma coisa tão real quanto a Torre Branca, e não mais “assim chamada” para quem visse os grandes quartéis de pedra que abrigavam centenas de homens em treinamento e a aldeia que havia crescido ao redor deles. Ela morava naquela vila há quase duas semanas, e havia partes da Torre Negra que ela ainda não tinha visto. Seus terrenos cobriam quilômetros, cercados pelo início de uma parede de pedra negra. Ainda assim, ela quase podia esquecer, aqui na floresta.

Quase. Exceto pelo pacote de sensação e emoção, a essência de Logain Ablar, que sempre andava no fundo de sua mente, uma sensação constante de cautela controlada, de músculos sempre à beira da tensão. Um lobo caçador pode se sentir assim, ou talvez um leão. A cabeça do homem se movia constantemente; mesmo aqui ele observava seus arredores como se esperasse um ataque.

Ela nunca teve um Guardião — eles eram extravagância desnecessária para Marrons; um empregado contratado podia fazer tudo o que ela precisava — e parecia peculiar não apenas ser parte de um vínculo, mas estar no lado errado dele, por assim dizer. Pior do que simplesmente o lado errado; esse vínculo exigia que ela obedecesse, e ela estava cercada de proibições. Então não era o mesmo que um vínculo de Guardião, na verdade. As Irmãs não forçavam seus Guardiões à obediência. Bem, não com muita frequência. E irmãs não tinham vinculado homens contra sua vontade por séculos. Ainda assim, forneceu um estudo fascinante. Ela havia trabalhado para interpretar o que sentia. Às vezes, ela

quase podia ler sua mente. Outras vezes, era como vasculhar um poço de mina sem lâmpada. Supôs que tentaria estudar se seu pescoço estivesse esticado no bloco do carrasco. O que, de uma forma muito real, estava. Ele podia senti-la tão bem quanto ela podia senti-lo.

Devia sempre se lembrar disso. Alguns dos Asha'man podiam acreditar que as Aes Sedai estavam resignadas ao cativeiro, mas apenas um tolo poderia pensar que 51 irmãs que foram vinculadas à força iriam todas abraçar a resignação, e Logain não era tolo. Além disso, ele sabia que elas tinham sido enviadas para destruir a Torre Negra. No entanto, se ele suspeitasse que eles ainda estavam tentando encontrar uma maneira de acabar com a ameaça de centenas de homens que poderiam canalizar... Luz, controladas como estavam, uma ordem poderia detê-las em seu caminho! Não fariam nada para prejudicar a Torre Negra. Ela não conseguia entender por que aquela ordem não tinha sido dada como uma simples precaução. Elas deviam ter sucesso. Falhem, e o mundo estará condenado.

Logain virou-se em sua sela, uma figura imponente de ombros largos em um casaco bem ajustado escuro como piche, sem um toque de cor exceto pela Espada prateada e o Dragão vermelho e dourado em sua gola alta. Sua capa preta foi jogada para trás, como se ele estivesse se recusando a deixar o frio tocá-lo. Ele podia estar; esses homens pareciam acreditar que tinham que lutar contra tudo, o tempo todo. Ele sorriu para ela — tranquilizador? — e ela piscou. Ela deixou muita ansiedade escorregar em sua extremidade do vínculo? Era uma dança tão delicada, tentando controlar suas emoções, para apresentar as respostas certas. Era quase como fazer o teste do xale, onde cada trama tinha que ser feita exatamente assim, sem o menor vacilar, apesar de todas as distrações, só que esse teste continuava sem parar.

Ele voltou sua atenção para Toveine, e Gabrelle exalou suavemente. Apenas um sorriso, então. Um gesto de companheirismo. Ele era muitas vezes simpático. Poderia ter sido simpático se fosse qualquer coisa, menos o que era.

Toveine sorriu de volta para ele, e Gabrelle teve que se impedir de balançar a cabeça com admiração, não pela primeira vez. Puxando o capuz um pouco para frente como se estivesse contra o frio, de modo que protegesse seu rosto enquanto lhe dava uma vantagem para espiar, ela estudou a irmã Vermelha disfarçadamente.

Tudo o que sabia sobre a outra mulher dizia que ela enterrava seu ódio em covas rasas, se é que o fazia, e Toveine detestava homens que pudessem canalizar tão profundamente quanto qualquer Vermelha que Gabrelle já conheceu. Qualquer Vermelha devia desprezar Logain Ablar, depois das alegações que ele fez, de que a própria Ajah Vermelha o havia preparado para se tornar um falso Dragão. Ele podia estar mantendo seu silêncio agora, mas o estrago estava feito. Havia irmãs cativas com elas que olhavam para as Vermelhas como se pensassem que elas, pelo menos, foram pegas em uma armadilha que elas mesmas fizeram. No entanto, Toveine quase sorriu para ele. Gabrelle mordeu o lábio inferior em pensamento perplexo. É verdade que Desandre e Lemai tinham ordenado a todas que mantivessem relações cordiais com o Asha'man que mantinha seus vínculos — os homens deveriam ser acalmados antes que as irmãs pudessem fazer algo útil —, mas Toveine se irritava abertamente a cada comando de qualquer irmã. Ela detestava ceder a eles, e poderia ter recusado se Lemai não fosse também Vermelha, não importava que ela tivesse admitido que deveria ser assim. Ou que ninguém reconhecesse sua autoridade uma vez que ela as levou ao cativeiro. Ela odiava isso também. No entanto, foi quando ela começou a sorrir para Logain.

Por falar nisso, como Logain poderia se sentar do outro lado do vínculo dela e considerar aquele sorriso como algo além de fraude? Gabrelle tinha puxado aquele nó antes, também, sem chegar perto de desatá-lo. Ele sabia muito sobre Toveine. Saber sua Ajah deveria ter sido suficiente. No entanto, Gabrelle sentiu tão pouca suspeita nele quando olhou para a irmã Vermelha quanto quando olhou para ela. Ele não estava livre de suspeitas; o homem desconfiava de todos, parecia. Mas menos de qualquer irmã do que de algum Asha'man. Isso também não fazia sentido.

*Ele não é nenhum tolo, ela lembrou a si mesma. Então por que? E por que para Toveine, também? O que ela está tramando?*

Abruptamente, Toveine lançou aquele sorriso aparentemente caloroso para ela e falou como se tivesse feito pelo menos uma de suas perguntas em voz alta. "Com você por perto", ela murmurou em uma névoa de respiração, "ele mal está ciente de mim. Você o tornou seu cativo, irmã."

Pega de surpresa, Gabrelle corou apesar de si mesma. Toveine nunca conversava, e dizer que desaprovava a situação de Gabrelle com Logain era subestimar drasticamente. Seduzi-lo parecia uma maneira tão óbvia de se aproximar o suficiente para conhecer seus planos, suas fraquezas. Afinal, mesmo que ele fosse um Asha'man, ela era Aes Sedai muito antes de ele nascer, e dificilmente era totalmente inocente quando se tratava de homens. Ele ficou tão surpreso quando percebeu o que ela estava fazendo que ela quase pensou nele como um inocente. Mais tola, ela. Dar uma de domanesa acabou escondendo muitas surpresas e algumas armadilhas. Pior de tudo, uma armadilha que ela nunca poderia revelar a ninguém. Algo que ela temia muito que Toveine soubesse, pelo menos em parte. Mas então, qualquer irmã que seguiu seu exemplo devia saber também, e ela pensou que várias tinham. Ninguém havia falado do problema, e provavelmente ninguém falaria, é claro. Logain podia mascarar o vínculo, de uma maneira grosseira que ela acreditava que ainda permitiria que ela o encontrasse, por mais que escondesse suas emoções, mas às vezes, quando compartilhavam um travesseiro, ele deixava escapar o mascaramento. Para dizer o mínimo, os resultados eram... devastadores. Não havia nenhuma contenção calma, então, nenhum estudo frio. Sem muita razão.

Apressadamente, ela convocou a imagem da paisagem nevada novamente e a fixou em sua mente. Árvores e pedregulhos e neve lisa e branca. Neve lisa e fria.

Logain não olhou para ela, nem deu qualquer sinal externo, mas o vínculo lhe disse que ele estava ciente de sua perda momentânea de controle. O homem transbordava de presunção! E satisfação! Era

tudo o que ela podia fazer para não ferver. Mas ele esperaria que ela fervesse, que o queime! Ele tinha que saber o que ela sentia dele. Deixar sua raiva aumentar, porém, só encheu o sujeito de diversão! E ele nem estava tentando esconder isso!

Toveine estava com um pequeno sorriso satisfeito, Gabrelle notou, mas ela teve apenas um momento para se perguntar por quê.

Eles tiveram a manhã para eles, mas agora outro cavaleiro apareceu por entre as árvores, um homem sem manto preto que inclinou seu cavalo na direção deles quando os viu, e enfiou as botas nos flancos de seu animal para acelerar, apesar da neve. Logain freou para esperar, a imagem da calma, e Gabrelle endureceu quando parou sua montaria ao lado dele. Os sentimentos carregados pelo vínculo haviam mudado. Agora eles eram a tensão de um lobo esperando para saltar. Ela esperava ver suas mãos enluvadas no punho da espada em vez de descansar à vontade no alto pomo de sua sela.

O recém-chegado era quase tão alto quanto Logain, com ondas de cabelos dourados até os ombros largos e um sorriso cativante. Ela suspeitava que ele sabia que era um sorriso cativante. Ele era bonito demais para não saber, muito mais bonito que Logain. As forjas da vida endureceram o rosto de Logain e deixaram bordas. Este jovem era suave ainda. Ainda assim, a Espada e o Dragão decoravam a gola do seu casaco. Ele estudou as duas irmãs com olhos azuis brilhantes. “Você está dormindo com as duas, Logain?” ele disse em uma voz profunda. “A gordinha parece fria, para mim, mas a outra parece quente o suficiente.”

Toveine sibilou com raiva, e a mandíbula de Gabrelle apertou. Ela não fizera nenhum segredo do que fizera — não era cairhiena, para esconder em privacidade aquilo de que se envergonhava em público —, mas isso não significava que esperasse ser alvo de brincadeiras. Pior, o homem falava como se fossem saias leves de taberna!

“Nunca mais me deixe ouvir isso, Mishraile,” Logain disse baixinho, e ela percebeu que o vínculo havia mudado novamente. Estava frio agora; frio para fazer a neve parecer quente. Frio para fazer um túmulo parecer quente. Ela já tinha ouvido esse nome

antes, Atal Mishraile, e sentiu desconfiança em Logain quando ele o falou — certamente mais do que ele sentia dela ou de Toveine —, mas essa era a sensação de matar. Era quase risível. O homem a mantinha prisioneira, mas estava pronto para fazer violência para defender sua reputação? Parte dela queria rir, mas ela guardou a informação. Qualquer informação podia ser útil.

O rapaz não deu sinal de ouvir uma ameaça. Seu sorriso nunca vacilou. “O M'Hael diz que você pode ir, se quiser. Não consigo ver por que você gostaria de assumir o recrutamento.”

“Alguém tem que fazer isso,” Logain respondeu em um tom nivelado.

Gabrelle trocou olhares intrigados com Toveine. Por que Logain iria querer recrutar? Elas tinham visto grupos de Asha'man voltarem disso, e eles estavam sempre cansados de Viajar longas distâncias, e geralmente sujos e mal-humorados além disso. Os homens que trabalhavam para o Dragão Renascido nem sempre eram bem recebidos, ao que parecia, mesmo antes de alguém saber o que eles realmente procuravam. E por que ela e Toveine estavam ouvindo falar disso agora? Ela teria jurado que ele lhe contou tudo quando eles estavam deitados juntos.

Mishraile deu de ombros. “Muitos Dedicados e Soldados para fazer esse tipo de trabalho. Claro, suponho que te cabia cuidar de treinar o tempo todo. Ensinando tolos a se esgueirar pela floresta e escalar penhascos como se não pudessem canalizar um fiapo. Até mesmo uma vila cheia de moscas pode parecer melhor.” Seu sorriso deslizou em um sorriso desdenhoso e nada vencedor. “Talvez se você perguntar ao M'Hael, ele vai deixar você participar de suas aulas no palácio. Você não ficaria entediado então.”

O rosto de Logain nunca mudou, mas Gabrelle sentiu uma pontada afiada de fúria através do vínculo. Ela ouvira boatos sobre Mazrim Taim e suas aulas particulares, mas tudo o que qualquer uma das irmãs realmente sabia era que Logain e seus comparsas não confiavam em Taim ou em qualquer um que frequentasse suas aulas, e Taim parecia não confiar em Logain. Infelizmente, o que as irmãs puderam descobrir das aulas era limitado; ninguém estava



ligado a um homem da facção de Taim. Algumas achavam que a desconfiança era porque os dois homens afirmavam ser o Dragão Renascido, ou mesmo um sinal da loucura que a canalização trazia aos homens. Ela não havia detectado nenhuma evidência de insanidade em Logain, e ela procurou tanto quanto procurou por sinais de que ele estava prestes a canalizar. Se ainda estivesse ligada a ele quando ele enlouquecesse, isso poderia tomar conta de sua mente também. O que quer que tenha causado uma rachadura nas fileiras dos Asha'man devia ser explorado, no entanto.

O sorriso de Mishraile desapareceu quando Logain apenas olhou para ele. “Aproveite suas moscas,” ele disse finalmente, puxando seu cavalo ao redor. Um baque de seu calcanhar fez o animal saltar para longe quando ele gritou por cima do ombro: “Glória espera por alguns de nós, Logain.”

“Ele pode não gostar de seu Dragão por muito tempo,” Logain murmurou, observando o outro homem galopando. “Ele é muito livre com a língua.” Ela não achava que ele queria dizer o comentário sobre ela e Toveine, mas o que mais ele queria dizer? E por que ele estava de repente preocupado? Escondendo muito bem, especialmente considerando o vínculo, mas ainda assim, ele estava preocupado. Luz, às vezes parecia que saber o que estava na cabeça de um homem piorava a confusão!

Abruptamente, ele voltou seu olhar para ela e Toveine, estudando. Um novo fio de preocupação deslizou pelo vínculo. Sobre elas? Ou — um pensamento estranho — *por* elas?

“Temo que devamos interromper nossa viagem”, disse ele depois de um momento. “Tenho preparativos para fazer.”

Ele não saiu a galope, mas mesmo assim deu um passo mais rápido na volta para a aldeia dos homens em treinamento, do que quando saiu. Ele estava se concentrando em algo, agora; pensando muito, Gabrelle suspeitou. O vínculo praticamente zumbia com ele. Ele devia estar cavalgando por instinto.

Antes que tivessem ido muito longe, Toveine aproximou seu cavalo do de Gabrelle. Inclinando-se em sua sela, ela tentou fixar Gabrelle com um olhar atento enquanto lançava olhares rápidos

para Logain como se temesse que ele pudesse olhar para trás e vê-las conversando. Ela nunca parecia prestar atenção ao que o vínculo lhe dizia. O esforço dividido a fez balançar como uma marionete, correndo o risco de cair.

“Nós devemos ir com ele,” a Vermelha sussurrou. “O que for preciso, você deve cuidar disso.” Gabrelle ergueu as sobrancelhas e Toveine teve a graça de enrubescer, mas não perdeu nada de sua insistência. “Não podemos nos dar ao luxo de sermos deixadas para trás,” ela respirou apressadamente. “O homem não abandonou suas ambições quando chegou aqui. Qualquer que seja a vileza que ele planeje, não podemos fazer nada se não estivermos lá quando ele tentar.”

“Eu posso ver o que está na frente do meu nariz”, disse Gabrelle bruscamente, e sentiu alívio quando Toveine simplesmente assentiu e ficou em silêncio. Era tudo que Gabrelle podia fazer para controlar o medo que estava crescendo nela. Toveine nunca pensava sobre o que devia sentir através do vínculo? Algo que sempre esteve lá na conexão com Logain — determinação — agora estava duro e afiado como uma faca. Ela pensou que sabia o que significava, desta vez, e saber fez sua boca secar. Contra quem, ela não sabia dizer, mas tinha certeza de que Logain Ablar estava cavalgando para a guerra.

Descendo lentamente um dos amplos corredores que serpenteavam suavemente pela Torre Branca, Yukiri sentiu-se espinhosa como um gato faminto. Ela mal conseguia ouvir o que a irmã que deslizava ao lado dela estava dizendo. A manhã ainda estava turva, a primeira Luz escureceu pela neve que caía pesadamente em Tar Valon, e os níveis intermediários da Torre estavam tão gelados quanto um inverno das Fronteiras. *Bem, talvez não tão frio assim*, ela se permitiu depois de um momento. Fazia vários anos que ela não ia tão ao norte, e a memória expandiu o que não encolheu. Essa era a razão pela qual os registros escritos eram tão importantes. Exceto quando você não ousava escrever nada, pelo menos. Ainda assim, estava frio o suficiente. Apesar de toda a inteligência e habilidade dos antigos construtores, o calor das grandes fornalhas no porão

nunca chegava tão alto. As correntes de ar faziam as chamas dançarem nos lampiões dourados, e algumas eram fortes o suficiente para agitar as pesadas tapeçarias espaçadas ao longo das paredes brancas, flores primaveris e bosques e animais exóticos e pássaros alternando com cenas de triunfos da Torre que nunca seriam exibidos nas áreas públicas abaixo. Seus próprios aposentos, com suas lareiras quentes, já teriam sido muito mais confortáveis.

Notícias do mundo exterior se agitavam em sua cabeça, apesar de seus esforços para evitá-las. Ou melhor, mais frequentemente, a falta de notícias sólidas. O que os olhos e ouvidos relataram de Altara e Arad Doman foi tudo confusão, e os poucos relatórios que começaram a vazar de Tarabon novamente foram assustadores. Rumores colocaram os governantes das Fronteiras em todos os lugares, da Praga a Andor, Amadicia e Deserto Aiel; o único fato confirmado era que nenhum estava onde deveria estar, guardando a fronteira de Praga. Os Aiel estavam por toda parte e, finalmente, fora do controle de al'Thor, ao que parecia, se é que alguma vez estiveram sob ele. As últimas notícias de Murandy a fizeram querer ranger os dentes e chorar ao mesmo tempo, enquanto Cairhien...! Irmãs por todo o Palácio do Sol, algumas suspeitas de serem rebeldes e nenhuma conhecida por ser leal, e ainda nenhuma palavra de Coiren e sua embaixada desde que deixaram a cidade, embora devessem estar de volta a Tar Valon há muito tempo. E como se isso não bastasse, o próprio al'Thor havia desaparecido como uma bolha de sabão mais uma vez. As histórias de que ele destruiu pela metade o Palácio do Sol poderiam ser verdadeiras? Luz, o homem ainda não *podia* enlouquecer! Ou a oferta estúpida de “proteção” de Elaida o assustou e o fez se esconder? Alguma coisa o assustava? Ele a assustava. Ele também assustava o resto do Salão, mesmo que mostrassem a expressão que quisessem.

A única coisa realmente certa era que nada disso importava nem um cuspe em uma tempestade. Saber disso não ajudava nem um pouco seu humor. Preocupar-se em ser pega em um emaranhado de rosas, mesmo que os espinhos pudessem matá-la

eventualmente, era um luxo quando se tinha uma ponta de faca pressionada contra suas costelas.

“Toda vez que ela deixou a Torre nos últimos dez anos, foi por conta própria, então não há registros recentes para verificar,” sua companheira murmurou. “É difícil saber exatamente quando ela saiu da Torre e permanecer... discreta.” Com seus cabelos dourados escuros presos por pentes de marfim, Meidani era alta e esbelta o suficiente para parecer desequilibrada por seus seios, um efeito enfatizado tanto pelo ajuste de seu corpete bordado de prata escura quanto pela maneira como ela andava curvada para colocar a boca mais no nível da orelha de Yukiri. Seu xale estava preso em seus pulsos, a longa franja cinza arrastando os ladrilhos do chão.

“Endireite sua coluna,” Yukiri rosnou baixinho. “Meus ouvidos não estão entupidos de sujeira.”

A outra mulher ergueu-se bruscamente, com leves manchas de cor em suas bochechas. Puxando seu xale mais alto em seus braços, Meidani meio que olhou por cima do ombro em direção ao seu Guardião Leonin, que estava seguindo a uma distância discreta. Se elas mal podiam ouvir o leve tilintar dos sinos de prata nas tranças pretas do homem magro, porém, ele não conseguia ouvir nada dito em um tom moderado. O homem não sabia mais do que o necessário — muito pouco, na verdade, exceto que sua Aes Sedai queria certas coisas dele; isso era o suficiente para qualquer bom Guardião — e ele poderia causar problemas se descobrisse demais, mas não havia necessidade de sussurrar. As pessoas que viam sussurros queriam saber qual era o segredo.

A outra Cinza não era mais a fonte de sua irritação do que o mundo exterior, no entanto, mesmo que a mulher fosse uma gralha em penas de cisne. Não a fonte principal, de qualquer maneira. Uma coisa nojenta, uma rebelde fingindo lealdade, mas Yukiri estava realmente feliz por Saerin e Pevara a terem convencido de que ainda não deveriam entregar Meidani e sua irmã gralhas à lei da Torre. Suas asas estavam cortadas, agora, e eram úteis. Elas podem até ganhar uma medida de clemência, para quando enfrentarem a justiça. Claro, quando o juramento que havia cortado

as asas de Meidani saísse, Yukiri poderia facilmente encontrar-se desejando clemência. Rebeldes ou não, o que ela e as outras fizeram com Meidani e suas confederadas estava tão fora da lei quanto assassinato. Ou traição. Um juramento de obediência pessoal — feito no próprio Bastão dos Juramentos; jurado sob coação — estava muito perto de Compulsão, que era claramente proibida, se não realmente definida. Ainda assim, às vezes você tinha que borrar o gesso para defumar as vespas, e as Ajahs Negras eram vespas com picadas venenosas. A lei teria seu curso no devido tempo — sem a lei, não havia nada —, mas ela precisava se preocupar mais se sobreviveria ao fumo do que com as penalidades que a lei exigiria. Os cadáveres não precisavam se preocupar com a punição.

Ela fez um gesto curto para Meidani continuar, mas assim que a outra mulher abriu a boca, três Marrons viraram uma esquina de outro corredor bem na frente delas, exibindo seus xales como Verdes. Yukiri conhecia Marris Thornhill e Doraise Mesianos ligeiramente, da mesma forma que Votantes conhecia irmãos de outras Ajahs que passavam longos períodos na Torre, o que era dizer o suficiente para anexar nomes a rostos e não muito mais. Suaves e absortas em seus estudos, era como ela as teria descrito, se pressionada. Elin Warrel foi tão recentemente elevada ao xale, que ainda deveria estar fazendo reverências por instinto. Em vez de oferecer cortesias a uma Votante, porém, todas as três olharam para Yukiri e Meidani do jeito que os gatos olhavam para cães estranhos. Ou talvez cães para gatos estranhos. Sem brandura ali.

“Posso perguntar sobre um ponto da lei Arafellin, Votante?” Meidani disse, tão suavemente como se isso fosse o que ela pretendia dizer o tempo todo.

Yukiri assentiu, e Meidani começou a divagar sobre direitos de pesca em rios versus lagos, dificilmente uma escolha inspirada. Um magistrado pode pedir a uma Aes Sedai para ouvir um caso de direitos de pesca, mas apenas para reforçar sua própria opinião se pessoas poderosas estiverem envolvidas e ela estiver preocupada com um apelo ao trono.

Um único Guardião seguia as Marrons — Yukiri não conseguia se lembrar se pertencia a Marris ou Doraise — um sujeito corpulento com um rosto duro e redondo e um coque escuro que olhava para Leonin e as espadas nas costas com uma desconfiança certamente herdada de sua irmã. Esse par caminhou pelo corredor em espiral lenta com queixos gorduchos erguidos, a novata magra pulando ansiosamente para acompanhá-las. O Guardião caminhou atrás delas irradiando o ar de um homem em um país hostil.

A hostilidade era muito comum, hoje em dia. As paredes invisíveis entre as Ajahs, outrora grossas o suficiente para esconder os próprios mistérios de cada Ajah, tornaram-se muralhas de pedra dura com fossos. Não, não fossos; abismos, profundos e largos. As irmãs nunca saíam sozinhas dos aposentos de sua própria Ajah, muitas vezes levavam seus Guardiões até a biblioteca e os refeitórios, e sempre usavam seus xales, como se alguém pudesse confundir sua Ajah caso contrário. A própria Yukiri estava usando o seu melhor, bordado em prata e fio de ouro, com a longa franja de seda que ia até os tornozelos. Então ela supôs que estava exibindo sua Ajah um pouco também. E ultimamente ela vinha pensando que uma dúzia de anos era tempo suficiente para ficar sem um Guardião. Um pensamento horrível, uma vez que ela vasculhou a fonte. Nenhuma irmã deveria precisar de um Guardião dentro da Torre Branca.

Não pela primeira vez, o pensamento a atingiu com força de que alguém tinha que mediar entre as Ajahs, e logo, ou as rebeldes entrariam dançando pela porta da frente, ousadas como ladrões, e esvaziariam a casa enquanto o resto delas discutia sobre quem tem o estanho da tia-avó Sumi. Mas o único fim do fio que ela podia ver para começar a resolver o problema era fazer com que Meidani e suas amigas admitissem publicamente que haviam sido enviadas à Torre pelas rebeldes para espalhar rumores — histórias que eles ainda insistiam que eram verdadeiras! — de que a Ajah Vermelha havia criado Logain como um falso Dragão. Poderia ser verdade? Sem Pevara saber? Impossível pensar que uma Votante, especialmente Pevara, pudesse ter sido enganada. De qualquer

forma, aquele pedaço do emaranhado já estava sobreposto a tantos outros que dificilmente poderia fazer alguma diferença por si só. Além disso, jogaria fora a ajuda de dez das quatorze mulheres que ela podia ter certeza que não eram Ajah Negra, para não mencionar provavelmente expor o que o resto delas estava fazendo, antes que a tempestade explodisse.

Ela estremeceu, e não tinha nada a ver com as correntes de ar no corredor. Ela e todas as outras mulheres que pudessem revelar a verdade morreriam antes que a tempestade terminasse, por um suposto acidente ou na cama. Ou ela poderia simplesmente desaparecer, aparentemente saindo da Torre para nunca mais ser vista. Ela não tinha dúvidas disso. Qualquer evidência seria enterrada tão profundamente que um exército com pás nunca poderia desenterrá-la. Até os boatos seriam espalhados. Já havia acontecido antes. O mundo e a maioria das irmãs ainda acreditavam que Tamra Ospanya havia morrido em sua cama. Ela tinha acreditado. Elas tinham que embrulhar e amarrar a Ajah Negra, o mais próximo possível, antes que ousassem arriscar ir a público.

Meidani retomou seu relatório assim que as Marrons passaram em segurança, mas ficou em silêncio momentos depois quando, bem à frente delas, uma grande mão peluda de repente empurrou para o lado uma tapeçaria por trás. Uma corrente de gelo varreu a porta que havia sido escondida pelos pássaros de cores vivas da tapeçaria das Terras Afogadas, e um sujeito pesado em um casaco marrom grosso recuou para o corredor, puxando um carrinho de mão cheio de noqueira quebrada que outro servo em um casaco áspero estava empurrando por trás. Trabalhadores comuns: nenhum deles tinha a Chama branca no peito.

Ao verem duas Aes Sedai, os homens apressadamente deixaram a tapeçaria voltar ao lugar e empurraram o carrinho para fora do caminho contra a parede enquanto tentavam fazer suas medidas, quase derrubando a carga, o que os fez agarrar freneticamente a lenha deslizante enquanto ainda estavam balançando. Sem dúvida, eles esperavam terminar seu trabalho sem encontrar nenhuma irmã. Yukiri sempre sentiu simpatia pelas pessoas que tinham que

carregar madeira, água e tudo mais pelas rampas dos servos desde o térreo, mas passou por eles com uma carranca.

A conversa enquanto caminhava nunca era ouvida, e os corredores nas áreas comuns pareciam um bom lugar para ficar a sós com Meidani. Muito melhor do que seus próprios aposentos, onde qualquer proteção contra espionagem só anunciaria a todos no alojamento Cinza que ela estava discutindo segredos e, muito pior, com quem. Havia apenas duzentas irmãs na Torre no momento, um número que a Torre Branca poderia engolir e parecer vago, e com todos reservados, as áreas comuns deveriam estar vazias. Assim ela havia pensado.

Ela levava em conta os criados de libré correndo de um lado para o outro para verificar os pavios das lamparinas e os níveis de óleo e uma dúzia de outras coisas, e os trabalhadores à paisana carregando cestos de vime de a Luz sabia o que nas costas. Eles estavam sempre de madrugada, preparando a Torre para o dia, mas faziam reverências e medidas apressadas e corriam para sair do caminho de uma irmã. Fora da audição. Os servos da torre sabiam como ter tato, especialmente porque qualquer um que escutasse uma irmã seria levado à porta de saída. Dado o clima atual na Torre, os servos eram particularmente rápidos em evitar a chance de ouvir coisas que não deveriam.

O que ela não tinha contado era quantas irmãs escolheriam andar fora dos quartéis, a duas e a três, apesar da hora e do frio, Vermelhas tentando encarar qualquer um que encontrassem, exceto outras Vermelhas; Verdes e Amarelas disputando a coroa de arrogantes e Marrons fazendo o seu melhor para superar as duas. Algumas Brancas, todas menos uma sem Guardião, tentaram manter uma fachada de razão fria enquanto saltavam aos seus próprios passos. Um pequeno grupo não estava fora de vista por mais de minutos, ao que parecia, antes que outro aparecesse, então Meidani passou quase tanto tempo conversando sobre questões de direito quanto fazendo seu relatório.

Pior de tudo, o dobro de Cinzas sorriu no que parecia ser um alívio ao ver outras de sua Ajah, e teriam se juntado a elas se Yukiri



não tivesse balançado a cabeça. O que a enfureceu muito, porque deixou todas que viram saber que ela tinha uma razão especial para ficar sozinha com Meidani. Mesmo que a Ajah Negra não tomasse conhecimento e que a Luz mandasse, não havia razão para que fizessem isso, muitas irmãs espionavam outras Ajahs esses dias, e apesar dos Três Juramentos, as histórias que elas carregavam de alguma forma cresciam no caminho. Com Elaida aparentemente tentando forçar as Ajahs a se alinharem pela força bruta, essas histórias muitas vezes resultavam em penitências, e o melhor a se esperar era que se pudesse fingir que escolheu aceitar por motivos próprios. Yukiri já havia sofrido com uma dessas, e ela não tinha vontade de perder dias esfregando o chão novamente, especialmente agora que tinha mais em seu prato do que ela sabia o que fazer. E a alternativa, uma visita privada à Silviana, não era melhor, ainda que economizasse tempo! Elaida parecia mais feroz do que nunca desde que começou a convocar Silviana para suas próprias penitências supostamente privadas. A Torre inteira ainda estava zumbindo com isso.

Por mais que Yukiri odiasse admitir, tudo isso a fazia ser cuidadosa em como ela olhava para as outras irmãs que via. Olhe por muito tempo, e você pode parecer estar se espionando. Desvie seu olhar rápido demais e você parecerá furtiva com o mesmo resultado. Mesmo assim, ela mal conseguia evitar que seus olhos se demorassem em um par de Amarelas que deslizavam ao longo de um corredor cruzado como rainhas em seu próprio palácio.

O Guardião moreno e atarracado seguindo atrás apenas o suficiente para lhes dar privacidade devia pertencer a Pritalle Nerbaijan, uma mulher de olhos verdes que escapou em grande parte do nariz saldaeano, porque Atuan Larisett não tinha Guardião. Yukiri sabia pouco sobre Pritalle, mas aprenderia mais depois de vê-la em uma conversa próxima com Atuan. Em cinza de gola alta riscado com amarelo e um xale com franjas de seda, a taraboneana era impressionante. Seu cabelo escuro, em tranças finas e brilhantes que iam até a cintura, emolduravam um rosto que de alguma forma parecia perfeito como era sem ser bonito. Ela era até

bastante modesta, pelo menos para uma Amarela. Mas era a mulher que Meidani e as outras estavam tentando estudar sem serem pegas. A mulher cujo nome elas tinham medo de falar em voz alta, exceto por trás de proteções fortes. Atuan Larisett era uma das três únicas irmãs Negras que Talene conhecia. Era assim que elas se organizavam, três mulheres que se conheciam, três mulheres que formavam um coração, com cada mulher conhecendo uma mais as outras duas não. Atuan tinha sido “mais uma” de Talene, então havia alguma esperança de que ela pudesse ser seguida por outras duas.

Pouco antes de o par desaparecer do outro lado da esquina, Atuan olhou para o corredor em espiral. Seu olhar apenas roçou Yukiri, mas foi o suficiente para fazer o coração de Yukiri pular em sua garganta. Ela continuou andando, mantendo o rosto calmo com esforço, e arriscou um rápido olhar quando chegou à esquina. Atuan e Pritalle já estavam bem ao longo do corredor, em direção ao anel externo. O Guardiã estava no caminho, mas nenhuma das duas estava olhando para trás. Pritalle estava balançando a cabeça. A algo que Atuan estava dizendo? Eles estavam longe demais para Yukiri ouvir qualquer som além do leve estalar das botas do Guardiã escuro no piso. Tinha sido apenas um olhar. Claro que tinha. Ela apressou o passo para levá-la além da vista se uma delas olhasse por cima do ombro, e soltou um longo suspiro que não percebeu que estava segurando. Meidani ecoou fracamente, seus ombros cedendo.

*Estranho, como isso nos afeta*, pensou Yukiri, endireitando seus próprios ombros.

Quando souberam que Talene era uma Amiga das Trevas, Talene era uma prisioneira blindada. *E ela ainda nos assustou*, admitiu para si mesma. Bem, o que elas fizeram para fazê-la confessar as assustou primeiro, mas descobrir a verdade transformou suas línguas em pó. Agora Talene estava mais amarrada do que Meidani, bem guardada mesmo que parecesse estar livre — como manter uma Votante prisioneira sem que ninguém percebesse estava além de Saerin — e ela estava pateticamente ansiosa para oferecer cada

pedaço que ela conhecia ou até suspeitava com esperança de que isso pudesse salvar sua vida, não que ela tivesse escolha. Dificilmente um objeto de medo. Quanto ao resto...

Pevara tentou sustentar que Talene devia estar enganada sobre Galina Casban, e teve um acesso de raiva que durou um dia inteiro quando finalmente se convenceu de que sua irmã Vermelha era mesmo Negra. Ela ainda falava em estrangular Galina com as próprias mãos. A própria Yukiri sentiu um distanciamento frio quando Temaile Kinderode foi nomeada. Se havia Amigas das Trevas na Torre, era lógico que algumas tinham que ser Cinzas, embora talvez não gostar de Temaile ajudasse. Ela permaneceu fria mesmo depois de fazer as contas e perceber que Temaile havia deixado a Torre ao mesmo tempo em que três irmãs foram assassinadas. Isso dava mais nomes para suspeita, outras irmãs que haviam ido então também, mas Galina e Temaile e o resto estavam fora da Torre, fora de alcance no momento, e apenas as duas podiam ser comprovadas como Amigas das Trevas.

Ali estava Atuan, Ajah Negra sem dúvida, andando pela Torre como desejava, desenfreada e desvinculada dos Três Juramentos. E até que Doesine conseguisse que ela fosse interrogada em segredo — um assunto difícil, mesmo para uma Votante da Ajah de Atuan, já que tinha que ser segredo de todos — até então, tudo o que podiam fazer era observar. Uma observação distante e cuidadosamente circunspecta. Era como viver com uma víbora vermelha, sem nunca saber quando você ficaria cara a cara com ela, sem nunca saber quando ela poderia morder. Como viver em um covil de víboras vermelhas e só poder ver uma.

De repente, Yukiri percebeu que o corredor largo e curvo estava vazio à frente até onde ela podia ver, e um olhar para trás mostrou apenas Leonin atrás. A Torre poderia estar vazia, exceto pelos três. Nada à vista se movia, exceto as chamas bruxuleantes nas lâmpadas do suporte. Silêncio.

Meidani deu um pequeno começo. “Perdoe-me, Votante. Vê-la tão de repente me surpreendeu. Onde eu estava? Ah, sim. Eu entendo que Celestin e Annarid estão tentando descobrir suas amigas

íntimas na Amarela.” Celestin e Annharid eram companheiras conspiradoras de Meidani, ambas Amarelas. Havia duas de cada Ajah — exceto a Vermelha e a Azul, é claro — que se mostraram muito úteis. “Temo que não vai ajudar muito. Ela tem um grande círculo de amigas, ou tinha antes da... situação atual entre as Ajahs.” Um toque de satisfação tingiu sua voz, por mais suave que fosse seu rosto; ela ainda era uma rebelde, apesar do juramento adicionado. “Investigar todas elas será difícil, se não impossível.”

“Esqueça-a por enquanto.” Demorou um esforço para Yukiri não esticar o pescoço tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Uma tapeçaria trabalhada com grandes flores brancas ondulava levemente, e ela hesitou até ter certeza de que era uma corrente de ar e não outro servo saindo de uma rampa de serviço. Ela nunca conseguia se lembrar onde elas estavam localizadas. Seu novo assunto era tão perigoso quanto discutir Atuan, à sua maneira. “Ontem à noite, lembrei que você foi noviça com Elaida, e amigas próximas pelo que me lembro. Seria uma boa ideia para você renovar essa amizade.”

“Isso foi há alguns anos”, a mulher mais alta respondeu rigidamente, levantando o xale até os ombros e enrolando-o em volta de si como se de repente sentisse frio. “Elaida terminou isso muito prontamente apropriadamente quando foi elevada a Aceita. Ela pode ter sido acusada de favoritismo quando eu estava uma aula que ela deveria dar.”

“Ainda bem que você não era uma favorita,” Yukiri disse secamente. A ferocidade atual de Elaida teve seu precedente. Antes de partir para Andor anos atrás, ela havia pressionado tanto aqueles que ela favorecia que as irmãs precisaram intervir mais de uma vez. Siuan Sanche tinha sido uma delas, algo estranho de se lembrar, embora Siuan nunca tivesse precisado ser resgatada de padrões que não pudesse cumprir. Estranho e triste. “Mesmo assim, você fará tudo ao seu alcance para renovar essa amizade.”

Meidani andou duas dúzias de passos ao longo do corredor abrindo e fechando a boca, ajustando e reajustando o xale, contorcendo os ombros como se tentasse se livrar de uma mutuca,

olhando para todos os lugares, menos para Yukiri. Como a mulher funcionava como uma Cinza, com tão pouco autocontrole? “Eu tentei,” ela disse finalmente, em um tom ofegante. Ela ainda evitou o olho de Yukiri. “Várias vezes. A Guardiã... Alviarín sempre me desencorajou. A Amyrlin estava ocupada, tinha compromissos, precisava descansar. Sempre havia alguma desculpa. Acho que Elaida simplesmente não quer retomar uma amizade que abandonou há mais de trinta anos.”

Então as rebeldes também se lembraram dessa amizade. Como elas pensaram em usá-la? Espionagem, muito provavelmente. Ela teria que descobrir como Meidani deveria transmitir o que ela descobrisse. De qualquer forma, as rebeldes forneceram a ferramenta e Yukiri a usaria. “Alviarín está fora do seu caminho. Ela deixou a Torre ontem, ou talvez no dia anterior. Ninguém tem certeza. Mas as empregadas dizem que ela levou roupas sobressalentes, então é improvável que volte por alguns dias pelo menos.”

“Para onde ela poderia ter ido com esse tempo?” Meidani franziu a testa. “Está nevando desde ontem de manhã e já era ameaçador antes.”

Yukiri parou e usou as duas mãos para virar a outra mulher de frente para ela. “A única coisa que precisa te preocupar, Meidani, é que ela se foi”, disse ela com firmeza. Onde Alviarín *tinha* ido nesse tempo? “Você tem um caminho claro até Elaida, e você vai tomá-lo. E vai ficar de olho para ver se alguém pode estar lendo os papéis de Elaida. Apenas certifique-se de que ninguém a veja assistindo.” Talene disse que a Ajah Negra sabia tudo o que saía do escritório da Amyrlin antes de ser anunciado, e elas precisavam de alguém próximo a Elaida se quisessem descobrir como era feito. Claro, Alviarín via tudo antes de Elaida assinar, e a mulher assumira mais autoridade do que qualquer Guardiã de que se lembrava, mas isso não era motivo para acusá-la de ser uma Amiga das Trevas. Não havia razão para não acusar também. Seu passado também estava sendo investigado. “Cuide de Alviarín também, o máximo que puder, mas os papéis de Elaida são o mais importante.”

Meidani suspirou e deu um aceno relutante. Ela poderia ter que obedecer, mas sabia do perigo adicional que correria se Alviarin fosse uma Amiga das Trevas. No entanto, a própria Elaida ainda podia ser Negra, independentemente do que Saerin e Pevara insistissem. Uma Amiga das Trevas como Trono de Amyrlin. Agora, isso era um pensamento para picar seu coração.

“Yukiri!” uma voz de mulher chamou do fundo do corredor.

Uma Votante no Salão da Torre não pulava como uma cabra assustada ao ouvir seu próprio nome, mas Yukiri sim. Se ela não estivesse segurando Meidani, poderia ter caído, e do jeito que foi, as duas cambalearam como fazendeiros bêbados em uma dança de colheita.

Recuperando-se, Yukiri endireitou o xale e fez uma careta que não diminuiu quando viu quem estava correndo em sua direção. Seaine deveria ficar perto de seus próprios aposentos, com tantas irmãs Brancas ao seu redor quanto pudesse, quando ela não estava com Yukiri ou uma das outras Votantes que sabiam sobre Talene e a Ajah Negra, mas aqui ela estava correndo pelo corredor com apenas Bernaile Gelbarn, uma taraboneana atarracada e outra das gralhas de Meidani, como companhia. Leonin deu um passo para o lado e fez uma reverência formal a Seaine, as pontas dos dedos pressionadas contra o coração. Meidani e Bernaile foram tolas o suficiente para trocar sorrisos. Elas eram amigas, mas deveriam saber melhor, quando não podiam dizer quem poderia ver.

Yukiri não estava com humor para sorrisos. “Pegando o ar, Seaine?” ela disse bruscamente. “Saerin não ficará satisfeita quando eu contar a ela. Nem *um pouco* satisfeita. *Eu* não estou satisfeita, Seaine.”

Meidani fez um pequeno som em sua garganta, e a cabeça de Bernaile se contorceu, sua multidão de tranças estreitas de contas chocalhando umas contra as outras. As duas começaram a estudar uma tapeçaria que supostamente mostrava a humilhação da rainha Rhiannon e, apesar de todos os rostos lisos, claramente desejavam estar em outro lugar. Aos seus olhos, as Votantes deveriam ser iguais. E assim eram. Normalmente. Por um costume. Leonin não

deveria ter ouvido uma palavra, mas ele podia sentir o humor de Meidani, é claro, e se afastou um passo. Enquanto ainda vigiava o corredor, é claro.

Um bom homem. Um homem sábio.

Seaine teve juízo suficiente para parecer envergonhada. Inconscientemente, ela alisou o vestido, coberto de bordados nevados ao longo da bainha e do corpete, mas quase imediatamente suas mãos se enrolaram no xale e suas sobrancelhas se curvaram teimosamente. Seaine era obstinada desde o primeiro dia em que chegou à Torre, a filha de um marceneiro de Lugard que convenceu o pai a comprar passagens para ela e sua mãe. Passagem para duas rio acima, mas apenas uma para baixo. Forte e confiante. E frequentemente tão cega para o mundo ao seu redor quanto qualquer Marrom. As Brancas eram muitas vezes assim, todas lógicas e sem julgamento. “Não há necessidade de me esconder da Ajah Negra, Yukiri”, disse ela.

Yukiri estremeceu. Mulher tola, nomeando a Negra às claras. O corredor ainda estava vazio em ambas as direções até onde a curva permitia a visão, mas o descuido levava a mais descuido. Ela mesma podia ser teimosa, quando havia necessidade, mas pelo menos mostrava mais cérebro do que um ganso sobre quando e onde. Ela abriu a boca para dar a Seaine um pedaço de sua mente, um pedaço afiado, mas a outra mulher se apressou antes que ela pudesse falar.

“Saerin me disse que eu poderia encontrar você.” A boca de Seaine se apertou e manchas de cor brilharam em suas bochechas, por ter pedido permissão ou por ter que pedir. Era compreensível que ela se ressentisse de sua situação, é claro. Apenas tola por não aceitar isso. “Preciso falar com você a sós, Yukiri. Sobre o segundo mistério.”

Por um momento, Yukiri ficou tão intrigada quanto Meidani e Bernaile pareciam. Elas podiam fingir não ouvir, mas isso não fechava seus ouvidos. Segundo mistério? O que Seaine quis dizer? A menos que... Será que ela queria dizer a coisa que trouxe Yukiri para a caça à Ajah Negra em primeiro lugar? Perguntar-se por que

as chefes das Ajahs se reuniam em segredo perdera a urgência em relação a encontrar Amigas das Trevas entre as irmãs.

"Muito bem, Seaine", disse Yukiri, com mais calma do que se sentia. "Meidani, leve Leonin pelo corredor até que você possa ver Seaine e eu na curva. Fique de olho em quem estiver vindo por aqui. Bernaile, faça o mesmo no corredor. Elas estavam se movendo antes que ela terminasse de falar, e assim que estavam fora do alcance da voz, ela voltou sua atenção para Seaine. "Bem?"

Para sua surpresa, o brilho de *saidar* surgiu ao redor da Votante Branca, que teceu uma proteção contra espionagem ao redor das duas. Era um claro sinal de segredos para quem visse. Era melhor que isso fosse importante.

"Pense nisso logicamente." A voz de Seaine estava calma, mas suas mãos ainda seguravam o xale em punhos. Ela estava muito ereta, elevando-se sobre Yukiri, embora não estivesse muito acima da altura média. "Faz mais de um mês, quase dois, desde que Elaida veio até mim, e quase duas semanas desde que você encontrou Pevara e eu. Se a Ajah Negra soubesse de mim, eu já estaria morta. Pevara e eu estaríamos mortas antes que você, Doesine e Saerin nos encontrassem. Portanto, elas não sabem. Sobre qualquer uma de nós. Admito que fiquei com medo, no começo, mas agora tenho o controle de mim mesma. Não há razão para o resto de vocês continuar tentando me tratar como uma noviça," um pouco de calor invadiu a calma, "e uma desmiolada, ainda por cima."

"Você vai ter que falar com Saerin," Yukiri disse secamente. Saerin assumiu o comando desde o início — depois de quarenta anos no Salão para as Marrons, Saerin era muito boa em assumir o comando — e Yukiri não tinha intenção de ir contra ela a menos que precisasse, não sem o privilégio de Votante que ela dificilmente poderia reivindicar nas circunstâncias. Era como tentar pegar uma pedra caindo. Se Saerin pudesse ser convencida, Pevara e Doesine apareceriam, e ela mesma dificilmente tentaria ficar no caminho. "Agora, e esse 'segundo segredo'? Você quer dizer a reunião das chefes de Ajah?"



O rosto de Seaine assumiu uma expressão burra. Yukiri quase esperava que suas orelhas ficassem para trás. Então ela exalou. “a chefe de sua Ajah teve participação na escolha de Andaya para o Salão? Mais do que o normal, quero dizer?”

“Ela teve,” Yukiri respondeu com cuidado. Todos tinham certeza de que Andaya entraria no Salão um dia, talvez daqui a quarenta ou cinquenta anos, mas Serancha quase a ungiu, quando o método costumeiro era a discussão até chegar a um consenso sobre duas ou três candidatas, depois uma votação secreta. Mas isso era assunto de Ajah, tão secreto quanto o nome e o título de Serancha.

“Eu sabia.” Seaine assentiu animadamente, nada do seu jeito normal. “Saerin diz que Juilaine foi escolhida a dedo para a Marrom também, aparentemente não da maneira usual, e Doesine diz o mesmo sobre Suana, embora ela tenha hesitado em dizer qualquer coisa. Acho que Suana pode ser a chefe da Amarela. De qualquer forma, ela foi Votante durante quarenta anos pela primeira vez, e você sabe que não é comum ocupar uma cadeira depois de tanto tempo como Votante. E Ferane deixou o cargo pela Branca há menos de dez anos; ninguém nunca entrou no Salão de novo tão cedo. Para finalizar, Talene diz que as Verdes nomeiam escolhas e sua Capitã-General escolhe uma, mas Adelorna escolheu Rina sem nenhuma indicação.”

Yukiri conseguiu abafar uma careta, mas apenas por um fio de cabelo. Todos tinham suas suspeitas sobre quem chefiava outras Ajahs, caso contrário ninguém jamais teria notado as reuniões em primeiro lugar, mas falar esses nomes em voz alta era, na melhor das hipóteses, rude. Qualquer uma, exceto uma Votante, podia enfrentar penitência por isso. Claro, ela e Seaine sabiam quando se tratava de Adelorna. Em suas tentativas de agradar, Talene derramou todos os segredos da Verde sem ser perguntada. Isso envergonhou todas elas, exceto a própria Talene. Pelo menos explicava por que as Verdes estavam tão furiosas quando Adelorna foi decapitada. Ainda assim, Capitã-General era um título ridículo, Ajah da Batalha ou não. Pelo menos a secretária-chefe realmente descreveu o que Serancha fez, por assim dizer.

No final do corredor, Meidani e seu Guardião estavam bem à vista na curva, aparentemente vigiando calmamente. Um ou outro sempre observava mais abaixo na curva, no entanto. Na direção oposta, Bernaile também estava à vista. Sua cabeça girava constantemente enquanto ela tentava observar Yukiri e Seaine enquanto ficava de olho em qualquer um que se aproximasse. A maneira como ela ficava mudando de um pé para o outro também atrairia a atenção, mas naqueles dias uma irmã sozinha do lado de fora dos alojamentos de sua Ajah estava pedindo problemas, e ela sabia disso. Essa conversa tinha que terminar logo.

Yukiri levantou um dedo. “Cinco Ajahs tiveram que escolher novas Votantes depois que as mulheres que elas tinham no Salão se juntaram aos rebeldes.” Seaine assentiu e Yukiri levantou um segundo dedo. “Cada uma dessas Ajahs escolheu uma mulher como Votante que não era a... escolha... lógica.” Seaine assentiu novamente. Um terceiro dedo juntou-se aos dois primeiros. “A Marrom teve que escolher duas novos Votantes, mas você não mencionou Shevan. Existe alguma coisa...” Yukiri sorriu ironicamente, “estranha... sobre ela?”

“Não; de acordo com Saerin, Shevan provavelmente teria sido sua substituta quando ela decidiu deixar o cargo, mas...”

“Seaine, se você está realmente insinuando que as chefes de Ajah conspiraram sobre quem iria para o Salão — e eu nunca ouvi uma ideia mais maluca! — se é isso que você está sugerindo, por que elas escolheriam cinco mulheres estranhas e uma que não é?”

“Sim, estou sugerindo. Com o resto de vocês me mantendo praticamente trancado a sete chaves, tive mais tempo para pensar do que sei o que fazer. Juilaine, Rina e Andaya me deram uma dica, e Ferane me fez decidir verificar.” O que Seaine quis dizer sobre Andaya e as outras duas dando uma dica? Ah. Claro: Rina e Andaya ainda não tinham idade suficiente para estar no Salão. O costume de não falar sobre idade logo se tornou o hábito de também não pensar nisso.

“Duas podem ter sido coincidência”, continuou Seaine, “até três, embora isso force a credulidade, mas cinco formam um padrão.

Com exceção da Azul, a Marrom foi a única Ajah a ter dois Votantes se juntando às rebeldes. Talvez haja uma razão para elas escolherem uma irmã estranha e outra não, se eu conseguir descobrir. Mas há um padrão, Yukiri — um quebra-cabeça — e seja racional ou não, algo me diz que é melhor resolvê-lo antes que as rebeldes cheguem aqui. Isso me faz sentir como se a mão de alguém estivesse no meu ombro, mas quando olho, não há ninguém lá.”

O que pressionou a credulidade foi a ideia das chefes de Ajah conspirarem em primeiro lugar. *Mas então*, pensou Yukiri, *uma conspiração de Votantes também é muito improvável, e estou no meio de uma*. E havia o simples fato de que ninguém fora de uma Ajah deveria conhecer a cabeça da Ajah, mas as cabeças das Ajahs, contra todos os costumes, conheciam. “Se há um quebra-cabeça”, ela disse cansada, “você tem muito tempo para resolvê-lo. As rebeldes não podem deixar Murandy antes da primavera, não importa o que tenham dito às pessoas, e a marcha rio acima levará meses, se elas mantiverem seu exército unido por tanto tempo.” Ela não duvidava que eles manteriam, porém, não mais. “Voltem para seus quartos antes que alguém nos veja aqui protegidas e pense em seu quebra-cabeça”, disse ela, sem maldade, pousando a mão na manga de Seaine. “Você vai ter que aguentar ser vigiada até que *todas* tenhamos certeza de que você está segura.”

A expressão no rosto de Seaine teria sido chamada de mal-humorada para qualquer uma que não fosse uma Votante. “Vou falar com Saerin novamente”, disse ela, mas a Luz de *sair* ao seu redor desapareceu.

Observou-a se juntar a Bernaile e as duas deslizarem pelo corredor curvo em direção ao alojamento das Ajahs, ambas tão cautelosas quanto os filhotes quando os lobos estavam fora, Yukiri sentiu o coração pesado. Era uma pena que as rebeldes não pudessem chegar lá antes do verão. Pelo menos isso poderia fazer as Ajahs se unirem novamente, para que as irmãs não fossem forçadas a se esgueirar pela Torre Branca. *Isso é como desejar asas*, ela pensou com tristeza.

Determinada a manter seu humor sob controle, ela foi buscar Meidani e Leonin. Tinha uma irmã Negra para investigar, e pelo menos a investigação era um quebra-cabeça que ela sabia como lidar.

Os olhos de Gawyn se abriram na escuridão quando uma nova onda de frio subiu no palheiro. As grossas paredes de pedra do celeiro normalmente protegiam o pior do frio da noite, ainda que apenas o pior. Vozes murmuravam abaixo; ninguém parecia animado. Ele tirou a mão da espada que estava ao seu lado e puxou suas manoplas com mais força. Como todo o resto da Jovem Guarda, ele dormia em todos os pontos que podia se colocar. Provavelmente já era hora de acordar alguns dos homens ao seu redor para suas rondas de sentinela, mas ele estava totalmente acordado agora, e duvidava que encontraria o sono novamente em breve. Em todo caso, seu sono era sempre inquieto, perturbado por sonhos sombrios, assombrado pela mulher que amava. Ele não sabia onde Egwene estava, ou se estava viva. Ou se poderia perdoá-lo. Ele se levantou, deixando o feno solto que havia puxado sobre si mesmo escorregar de sua capa e afivelou o cinto da espada.

Enquanto abria caminho entre os montes sombrios de homens dormindo em cima dos fardos de feno empilhados, o leve raspar de botas nos degraus de madeira lhe disse que alguém estava subindo a escada para o sótão. Uma figura indistinta apareceu no topo da escada e parou para esperá-lo.

“Lorde Gawyn?” A voz profunda de Rajar disse suavemente, em um sotaque de domanês inalterado por seis anos de treinamento em Tar Valon. A voz retumbante do primeiro-tenente era sempre uma surpresa, vinda de um homem franzino que era um pouco mais alto que o ombro de Gawyn. Mesmo assim, se os tempos fossem outros, Rajar certamente teria sido um Guardiã nessa época. “Achei que teria que acordar você. Uma irmã acabou de chegar, a pé. Uma mensageira da Torre. Ela queria a irmã responsável aqui. Eu disse a

Tomil e seu irmão para levá-la para a casa do prefeito antes de dormirem.”

Gawyn suspirou. Ele deveria ter ido para casa quando voltou para Tar Valon e encontrou a Jovem Guarda expulsa da cidade, em vez de se deixar prender aqui pelo inverno. Especialmente quando tinha certeza de que Elaida queria todos eles mortos. Sua irmã Elayne viria a Caemlyn, eventualmente, se já não estivesse lá. Certamente qualquer Aes Sedai faria que a Filha-Herdeira de Andor chegasse a Caemlyn a tempo de reivindicar o trono antes que outra pessoa pudesse. A Torre Branca não abriria mão da vantagem de uma rainha que também seria Aes Sedai. Por outro lado, Elayne poderia estar a caminho de Tar Valon também, ou residindo na Torre Branca naquele minuto. Ele não sabia como ela havia se enredado com Siuan Sanche, ou quão profundamente — ela sempre mergulhava em um lago sem verificar a profundidade —, mas Elaida e o Salão da Torre poderiam querer interrogá-la de perto, sendo Filha-Herdeira ou não. Rainha ou não. Ele tinha certeza de que ela não poderia ser responsabilizada, no entanto. Ainda era apenas uma das Aceitas. Ele tinha que dizer isso a si mesmo com frequência.

O problema mais recente era que agora havia um exército entre ele e Tar Valon. Pelo menos vinte e cinco mil soldados deste lado do rio Erinin e, ele tinha que acreditar, mais tantos na margem oeste. Eles deviam estar apoiando as Aes Sedai a quem Elaida chamava de rebeldes. Quem mais ousaria sitiá-la própria Tar Valon? A forma como aquele exército apareceu, porém, parecendo se materializar do nada no meio de uma tempestade de neve, foi o suficiente para causar arrepios em suas costas. Rumores e alarmes sempre voavam à frente de qualquer grande força armada em marcha. Sempre. Esta tinha chegado como espíritos, em silêncio. O exército era tão real quanto pedra, no entanto, então ele não podia entrar em Tar Valon para descobrir se Elayne estava na Torre, nem cavalgar para o sul. Qualquer exército notaria mais de trezentos homens em movimento, e as rebeldes não teriam boa vontade para com a Jovem Guarda. Mesmo que fosse sozinho, viajar no inverno era muito lento, e ele poderia chegar a Caemlyn tão rapidamente se

esperasse até a primavera. Também não havia esperança de encontrar passagem em um navio. O cerco atrapalharia o tráfego fluvial em um emaranhado desesperado. *Ele* estava atolado em um emaranhado desesperado.

E agora, uma Aes Sedai chegara no meio da noite. Ela não simplificaria as coisas.

"Vamos descobrir que novidades ela trouxe", disse ele baixinho, apontando Rajar para baixo da escada à sua frente.

Vinte cavalos e suas selas empilhadas ocupavam quase cada centímetro do celeiro escuro não ocupado pelas duas dúzias de vacas leiteiras da Sra. Millin em suas baias, então ele e Rajar tiveram que abrir caminho até as portas largas. O único calor vinha dos animais adormecidos. Os dois homens que guardavam os cavalos eram sombras silenciosas, mas Gawyn podia senti-los observando Rajar e ele deslizando para a noite gelada. Eles saberiam sobre a mensageira e estariam se perguntando.

O céu estava claro, e a lua minguante ainda dava uma bela luz. A aldeia de Dorlan brilhava com a neve. Segurando seus mantos, os dois se arrastaram até os joelhos pela vila em silêncio, ao longo do que uma vez havia sido a estrada para Tar Valon de uma cidade que não existia há centenas de anos. Hoje em dia, ninguém viajava nessa direção de Tar Valon, exceto para vir para Dorlan, e não havia motivo para vir no inverno. Por tradição, a aldeia fornecia queijos à Torre Branca e a mais ninguém. Era um lugar minúsculo, apenas quinze casas de pedra cinzenta com telhado de ardósia com montes de neve empilhados tão alto quanto a parte inferior das janelas do primeiro andar. Um pouco atrás de cada casa, ficava seu estábulo, agora cheio de homens e cavalos, além de vacas. A maior parte de Tar Valon poderia ter esquecido que Dorlan existia. Quem pensava de onde vinha o queijo? Parecia um lugar muito bom para ficar fora de vista. Até agora.

Todas as casas, exceto uma da aldeia, estavam escuras. A luz vazou pelas venezianas de várias janelas da residência do mestre Burlow, no andar de cima e de baixo. Garon Burlow teve a infelicidade de possuir a maior casa de Dorlan, além de ser prefeito.

Os aldeões que mudaram os arranjos de dormir para encontrar uma cama para uma Aes Sedai devem estar se arrependendo agora; Mestre Burlow já tinha dois quartos vazios.

Batendo a neve de suas botas no degrau de pedra, Gawyn bateu na porta robusta do prefeito com o punho fechado. Ninguém respondeu, e depois de um momento ele levantou o trinco e conduziu Rajar para dentro.

A sala da frente com teto de vigas era bastante grande para uma casa de fazenda, e dominada por vários armários altos e abertos, cheios de estanho e louças vitrificadas, e uma mesa longa e polida forrada com cadeiras de espaldar alto. Todas as lamparinas a óleo estavam acesas, uma extravagância no inverno, quando algumas velas de sebo serviam, mas as chamas da lareira tinham causado pouca impressão nas toras partidas, ou na temperatura da sala. Mesmo assim, as duas irmãs que tinham quartos no andar de cima estavam descalças no chão de madeira sem tapete, com capas forradas de pele jogadas às pressas sobre suas camisolas de linho. Katherine Alruddin e Tarna Feir observavam uma mulher pequena com um vestido de montaria escuro e amarelo e uma capa úmida de neve até os quadris. Ficou o mais perto possível da lareira, aquecendo as mãos com cansaço e estremecendo. A pé na neve, ela não poderia ter feito a viagem de Tar Valon em menos de dois ou três dias, e até mesmo Aes Sedai acabavam sentindo o frio. Ela tinha que ser a irmã que Rajar tinha falado, mas comparada com as outras, as feições que não mostravam idade quase não eram perceptíveis nela. Comparada com as outras duas, ela quase não era perceptível.

A ausência do prefeito e de sua esposa deu um nó extra no meio de Gawyn, embora ele já esperasse isso. Eles estariam lá paparicando a Aes Sedai, oferecendo bebidas quentes e comida, não importa a hora, a menos que tivessem sido mandados de volta para sua cama para dar privacidade a Katherine e Tarna com a mensageira. O que provavelmente significava que ele era um tolo por querer saber a mensagem. Mas ele sabia disso antes de sair do celeiro.

“...O barqueiro disse que ficaria onde desembarcamos até que o cerco terminasse — disse a pequena mulher em tom cansado quando Gawyn entrou —, mas estava tão assustado que poderia estar a léguas rio abaixo agora.” Quando o frio da porta a alcançou, ela olhou ao redor, e um pouco da fadiga sumiu de seu rosto quadrado. “Gawyn Trakand”, disse ela. “Tenho ordens para você do Trono de Amyrlin, Lorde Gawyn.”

“Ordens?” Gawyn disse, tirando suas manoplas e colocando-as atrás do cinto para ganhar tempo. A verdade contundente podia estar em ordem por uma vez, ele decidiu. “Por que Elaida me enviaria ordens? Por que eu deveria obedecer se ela ordenasse? Ela deserdou a mim e a Jovem Guarda.” Rajar assumiu uma postura respeitosa pelas irmãs, com as mãos cruzadas atrás das costas, e deu a Gawyn um rápido olhar de soslaio. Ele não falaria fora de hora, independentemente do que quer que Gawyn dissesse, mas a Jovem Guarda não compartilhava da crença de Gawyn. As Aes Sedai fizeram o que fizeram, e nenhum homem poderia saber por quê até que uma irmã lhe dissesse. A Jovem Guarda tinha apostado na Torre Branca de todo o coração, abraçando o destino.

“Isso pode esperar, Narenwin”, retrucou Katherine, apertando mais a capa. Seu cabelo preto caía sobre os ombros meio emaranhado, como se ela tivesse dado alguns golpes apressados com um pente e desistido. Havia uma intensidade nela que lembrava a Gawyn um lince caçador. Ou talvez um cauteloso com armadilhas. Ela deu um meio olhar para ele e Rajar; não mais. “Tenho negócios urgentes na Torre. Diga-me como encontrar esta vila de pescadores sem nome. Esteja ou não seu barqueiro ainda lá, encontrarei alguém para me levar até o outro lado.”

“E a mim,” Tarna colocou, sua mandíbula forte teimosa e seus olhos azuis afiados como lanças. Em contraste com Katherine, o cabelo longo e amarelo pálido de Tarna estava tão arrumado como se ela tivesse uma empregada cuidando dela antes de descer. Ela estava tão focada, porém, apenas mais controlada. “Também tenho motivos urgentes para chegar à Torre sem mais demora.” Ela acenou com a cabeça para Gawyn e para Rajar um pouco menos,



fria como o mármore em que ela parecia esculpida. No entanto, mais amigável do que o rosto que ela mostrou a Katherine ou recebeu em troca. Sempre havia uma rigidez entre as duas mulheres, embora compartilhassem a mesma Ajah. Elas não gostavam uma da outra, talvez até desgostassem uma da outra. Com as Aes Sedai, era difícil ter certeza.

Gawyn não se arrependeria de ver nenhuma das duas partir. Tarna tinha entrado em Dorlan apenas um dia depois da chegada do misterioso exército e, por mais que Aes Sedai determinassem essas coisas, ela imediatamente deslocou Lusonia Cole de seu quarto no andar de cima e Covarla Baldene do comando das onze outras irmãs que já estavam na aldeia. Ela poderia ter sido uma Verde pela forma como se encarregava de tudo, questionando as outras irmãs sobre a situação, inspecionando a Jovem Guarda de perto todos os dias como se procurasse por possíveis Guardiões. Ter uma Vermelha a estudá-los dessa maneira fez os homens começarem a olhar por cima dos ombros. Pior, Tarna passava longas horas cavalgando, não importando o clima, tentando encontrar algum local que pudesse lhe mostrar um caminho para a cidade passando pelos sitiadores. Mais cedo ou mais tarde, ela levaria seus batedores de volta a Dorlan. Katherine tinha vindo ontem, furiosa por ter seu caminho para Tar Valon bloqueado, e imediatamente assumiu o comando de Tarna e seu quarto de Covarla. Não que ela usasse sua autoridade da mesma maneira. Ela evitava as outras irmãs, recusando-se a contar a ninguém por que havia desaparecido em Poços de Dumai ou onde estivera. Mas ela também havia inspecionado a Jovem Guarda. Com o ar de uma mulher examinando um machado, ela tinha a intenção de usar, e não se importava com quanto sangue seria derramado. Ele não ficaria surpreso se ela tentasse intimidá-lo a abrir caminho para as pontes da cidade para ela. Ele ficaria mais do que feliz em vê-las partir, na verdade. Mas então, quando eles saíssem, ele teria que lidar com Narenwin. E com as ordens de Elaida.

“Difícilmente é uma aldeia, Katherine”, disse a irmã trêmula, “apenas três ou quatro casinhas miseráveis de pescador um dia

inteiro rio abaixo por terra. Mais do que isso daqui.” Arrancando suas saias úmidas, ela as segurou mais perto do fogo. “Podemos encontrar uma maneira de enviar mensagens para a cidade, mas vocês duas são necessárias aqui. Tudo o que impediu Elaida de enviar cinquenta irmãs, ou mais, em vez de apenas eu, foi a dificuldade de fazer um pequeno barco atravessar o rio sem ser visto, mesmo na escuridão. Devo dizer que fiquei surpresa ao saber que havia irmãs tão próximas de Tar Valon. Dadas as circunstâncias, toda irmã que está fora da cidade deve...”

Tarna a cortou firmemente com uma mão levantada. “Elaida não pode nem saber que estou aqui.” Katherine fechou a boca e franziu a testa, levantando o queixo, mas deixou a outra Vermelha continuar. “Quais foram as ordens dela para você em relação às irmãs em Dorlan, Narenwin?” Rajar começou a estudar as tábuas do piso na frente de suas botas. Ele havia enfrentado a batalha sem vacilar, mas apenas um tolo queria estar perto de Aes Sedai que estavam discutindo.

A mulher baixinha mexeu nas saias divididas por mais um momento. “Recebi ordens para tomar conta das irmãs que encontrasse aqui”, disse ela em tom abafado, “e fazer o que pudesse”. Depois de um momento, ela suspirou e se corrigiu com relutância. “As irmãs que encontrasse aqui sob o comando de Covarla. Mas seguramente...”

Desta vez, Katherine interrompeu. “Eu nunca estive sob o comando de Covarla, Narenwin, então essas ordens não podem se aplicar a mim. De manhã, sairei em busca dessas três ou quatro cabanas de pescadores.”

“Mas...”

“Chega, Narenwin,” Katherine disse com uma voz gelada. “Você pode fazer seus arranjos com Covarla.” A mulher de cabelos pretos lançou um olhar para a irmã de sua Ajah pelo canto do olho. “Suponho que você possa me acompanhar, Tarna. Um barco de pesca deve ter espaço para duas.” Tarna inclinou a cabeça um pouco, possivelmente em agradecimento.

Concluídos os negócios, o par de Vermelhas juntou as capas ao redor delas e deslizou em direção à porta mais profunda da casa. Narenwin lançou um olhar vexado para as costas delas e voltou sua atenção para Gawyn, seu rosto parecendo uma máscara calma.

“Você tem alguma notícia da minha irmã?” ele perguntou antes que ela pudesse abrir a boca. “Você sabe onde ela está?”

A mulher realmente estava cansada. Ela piscou, e ele quase podia vê-la formando uma resposta que não lhe diria nada.

Parando a meio caminho da porta, Tarna disse: “Elayne estava com as rebeldes quando a vi pela última vez.” Cada cabeça virou em direção a ela. “Mas sua irmã está a salvo do retalhamento,” ela continuou calmamente, “então tire isso de sua mente. A Aceita não pode escolher a quais irmãos obedecer. Eu te dou minha palavra; sob a lei, ela não pode sofrer danos duradouros por isso.” Ela parecia não perceber o olhar congelado de Katherine, ou os olhos arregalados de Narenwin.

“Você poderia ter me contado isso antes”, Gawyn disse asperamente. Ninguém falava rudemente com Aes Sedai, não mais de uma vez, mas ele não se importava. As outras duas ficaram surpresas que Tarna soubesse a resposta, ou surpresas por ela ter dado? “O que você quer dizer com ‘sem danos duradouros’?”

A irmã de cabelos claros latiu uma risada. “Difícilmente posso prometer que ela não sofrerá alguns vergões se colocar os pés muito fora do caminho. Elayne é uma das Aceitas, não Aes Sedai. No entanto, isso a protege de maiores danos se ela for desencaminhada por uma irmã. E você nunca perguntou. Além disso, ela não precisa ser resgatada, mesmo que você consiga. Ela está com Aes Sedai. Agora você sabe tudo o que posso dizer sobre ela, e vou encontrar mais algumas horas de sono antes do amanhecer. Vou deixá-lo para Narenwin.”

Katherine a viu sair sem alterar sua expressão por um cílio, uma mulher de gelo com os olhos de um gato caçador, mas então ela mesma saiu do cômodo tão rapidamente que seu manto faiscou atrás dela.

“Tarna está certa,” Narenwin disse uma vez que a porta se fechou atrás de Katerine. A pequena mulher podia não dar um bom show de serenidade e mistério da Aes Sedai ao lado das outras duas, mas sozinha ela se saía muito bem. “Elayne está selada à Torre Branca. Assim como você, apesar de toda a sua conversa sobre renegar. A história de Andor sela você à Torre.”

“A Jovem Guarda está toda selada à Torre por nossa própria escolha, Narenwin Sedai,” Rajar disse, fazendo uma mesura formalmente. O olhar de Narenwin permaneceu em Gawyn.

Fechou os olhos e fez tudo o que pôde para não os esfregar com as palmas das mãos. A Jovem Guarda foi selada à Torre Branca. Ninguém jamais esqueceria que eles lutaram, nos próprios terrenos da Torre, para impedir o resgate da Amyrlin deposta. Para o bem ou para o mal, a história os seguiria até seus túmulos. Ele foi marcado por isso, também, e por seus próprios segredos. Depois de todo aquele derramamento de sangue, ele foi o homem que deixou Siuan Sanche livre. Mais importante, porém, Elayne o amarrou à Torre Branca, assim como Egwene al’Vere, e ele não sabia qual amarrava o nó mais apertado, o amor de sua irmã ou o amor de seu coração. Abandonar uma era abandonar todas as três, e enquanto ele respirasse, não poderia abandonar Elayne ou Egwene.

“Você tem minha palavra de que farei tudo o que puder”, disse ele, cansado. “O que Elaida quer de mim?”

O céu acima de Caemlyn estava claro, o sol uma pálida bola dourada perto do pico do meio-dia. Ele derramava uma luz brilhante no manto branco que cobria a paisagem circundante, mas não dava calor. Ainda assim, o clima estava mais quente do que Davram Bashere teria esperado em sua casa em Saldeia, embora ele não se arrependesse da pele de marta que forrava sua nova capa. Frio o suficiente em qualquer caso para que seu hálito tivesse coberto seus bigodes grossos com mais branco do que os anos haviam colocado neles. De pé na neve até os tornozelos, entre as árvores sem folhas em uma elevação talvez uma légua ao norte de Caemlyn, ele segurou um longo espelho dourado em seu olho,

estudando a atividade em terreno mais baixo cerca de um quilômetro e meio ao sul dele. Veloz bateu o focinho em seu ombro impaciente por trás, mas ele ignorou o baio. Veloz não gostava de ficar parado, mas às vezes você tinha que fazer o que quisesse.

Um acampamento extenso estava subindo lá embaixo entre as árvores espalhadas, montado na estrada para Tar Valon, soldados descarregando carroças de suprimentos, cavando latrinas, erguendo tendas e construindo alpendres de arbustos e galhos de árvores espalhados em aglomerados de tamanhos variados, cada senhor e senhora mantendo seus próprios homens por perto. Eles esperavam ficar no local por algum tempo. Pelas linhas de cavalos e pela extensão geral do acampamento, ele estimou cerca de cinco mil homens, mais ou menos algumas centenas. Lutadores; flecheiros, ferradores, armeiros, lavadeiras, condutores de carroça e outros seguidores do acampamento praticamente dobravam isso, embora, como de costume, estivessem montando seu próprio acampamento nas margens. A maioria dos seguidores do acampamento passou mais tempo olhando para a elevação onde Bashere estava do que trabalhando. Aqui e ali, um soldado fazia uma pausa em seu trabalho para espiar também o terreno mais alto, mas vassalos e esquadrões rapidamente os levavam de volta ao trabalho. Os nobres e oficiais que cavalgavam pelo acampamento em ascensão nem sequer olharam para o norte, pelo que Bashere viu. Uma dobra de terra os escondia da cidade, embora ele pudesse ver as paredes cinzentas com listras prateadas de sua elevação. A cidade sabia que eles estavam lá, é claro; anunciaram-se naquela manhã com trombetas e estandartes à vista das paredes. Bem fora do tiro de arco, no entanto.

Assediar uma cidade com muros altos e fortes que se estendiam por mais de seis léguas de circunferência não era tarefa fácil, e complicada neste caso por Baixa Caemlyn, o labirinto de casas e lojas de tijolo e pedra, armazéns sem janelas e longos mercados, que ficavam fora dos muros de Caemlyn. No entanto, mais sete acampamentos semelhantes estavam sendo feitos, espaçados ao redor da cidade, onde poderiam cobrir todas as estradas, todos os

portões que permitiriam uma surtida considerável. Eles já tinham patrulhas, e provavelmente observadores espreitavam nos edifícios agora desertos de Baixa Caemlyn. Pequenos grupos podiam passar pela cidade, talvez alguns animais de carga à noite, mas não perto o suficiente para alimentar uma das grandes cidades do mundo. A fome e a doença acabavam com mais cercos do que espadas ou máquinas de cerco já fizeram. A única questão era se elas derrubariam os sitiados ou os sitiadores primeiro.

O plano aparentemente tinha sido bem pensado por alguém, mas o que o confundiu foram os estandartes no acampamento abaixo. Era um espelho forte, feito por um cairhieno chamado Tovere, um presente de Rand al'Thor, e ele conseguia distinguir a maioria dos estandartes sempre que uma brisa os endireitava. Ele conhecia o suficiente dos símbolos andoreanos para encontrar o Carvalho e o Machado de Dawlin Armagh e as cinco Estrelas de Prata de Daerilla Raened e vários outros estandartes de nobres menores que apoiavam a reivindicação de Naeen Arawn ao Trono do Leão e à Coroa de Rosas de Andor. No entanto, a Muralha Vermelha hachurada de Jailin Maran também estava lá embaixo, e os Leopardos Brancos emparelhados de Carlys Ankerin e a Mão Alada dourada de Eram Talkend. De acordo com todos os relatos, eles foram jurados à rival de Naeen, Elenia Sarand. Vê-los com os outros era como ver lobos e cães de caça compartilhando uma refeição. Com um barril de bom vinho aberto na barganha.

Dois outros estandartes, com franjas douradas e pelo menos o dobro do tamanho de qualquer outro, também estavam em exibição, embora ambos fossem pesados demais para que uma rajada ocasional os fizesse mais do que agitar. Eles brilhavam com o brilho da seda grossa. Ele tinha visto a dupla com bastante clareza antes, no entanto, quando os vassalos cavalgaram para frente e para trás no topo da elevação que escondia seu acampamento, os estandartes se espalharam acima deles na brisa de seu galope. Um era o Leão de Andor, branco sobre vermelho, o mesmo que voava das altas torres redondas espalhadas ao longo da muralha da cidade. Em ambos os casos, era uma declaração do direito de

alguém ao trono e à coroa. A segunda grande bandeira abaixo dele proclamava a mulher lançando sua reivindicação contra a de Elayne Trakand. Quatro luas prateadas em um campo azul crepuscular, o símbolo da Casa Marne. Tudo isso era em apoio a Arymilla Marne? Um mês atrás, ela teria tido sorte se alguém, exceto sua própria Casa ou aquele imbecil Nasin Caeren, lhe desse uma cama para passar a noite!

“Eles nos ignoram,” Bael rosnou. “Eu poderia quebrá-los antes do pôr do sol e não deixar nenhum vivo para ver o sol nascer novamente, mas eles nos ignoram.”

Bashere olhou de soslaio para o homem Aiel. De lado e para cima. O homem elevava-se acima dele por bem mais de um pé. Apenas os olhos cinzas de Bael e uma faixa de pele escura como o sol eram visíveis acima do véu preto sobre seu rosto. Bashere esperava que o homem estivesse apenas protegendo a boca e o nariz do frio. Ele estava carregando suas lanças curtas e broquel de couro de touro, e tinha um arco nas costas e uma aljava no quadril, mas apenas o véu importava. Não era hora para o Aiel começar a matar. Vinte passos ladeira abaixo em direção ao acampamento, mais trinta homens Aiel estavam agachados em seus calcanhares, segurando suas armas casualmente. Um em cada três estava com o rosto descoberto, então talvez fosse o frio. Com os Aiel, você nunca poderia ter certeza, no entanto.

Considerando rapidamente várias abordagens, Bashere decidiu pela leveza. “Elayne Trakand não gostaria disso, Bael, e se você esqueceu como é ser jovem, isso significa que Rand al’Thor não vai gostar.”

Bael grunhiu azedo. “Melaine me contou o que Elayne Trakand disse. Não devemos fazer nada da parte dela. Isso é simplório. Quando um inimigo vem contra você, você faz uso de quem vai dançar as lanças ao seu lado. Eles jogam na guerra do jeito que jogam em seus Jogo de Casas?”

“Nós somos estrangeiros, Bael. Isso conta em Andor.” O enorme Aiel grunhiu novamente.

Parecia inútil tentar explicar a política envolvida. A ajuda de Forasteiros poderia custar a Elayne o que ela estava tentando ganhar, e seus inimigos sabiam disso e sabiam que ela sabia, então eles não tinham medo de Bashere ou Bael ou da Legião do Dragão, quaisquer que fossem seus números. De fato, apesar do cerco, ambos os lados fariam um grande esforço para evitar a batalha campal. Era uma guerra, mas de manobras e escaramuças, a menos que alguém errasse, e o vencedor seria quem ganhasse uma posição inatacável ou forçasse o outro a uma que não pudesse ser defendida. Bael provavelmente não veria isso como algo diferente de Daes Dae'mar. Na verdade, Bashere via muita semelhança. Com a Praga à sua porta, Saldaea não podia permitir disputas pelo trono. Tiranos podiam ser suportados, e a Praga logo matava os estúpidos e os gananciosos, mas mesmo esse tipo peculiar de guerra civil permitiria que a Praga matasse Saldeia.

Ele voltou a estudar o acampamento através de seu espelho, tentando decifrar como uma tola completa como Arymilla Marne poderia ter conseguido o apoio de Naeen Arawn e Elenia Sarand. Essa dupla era gananciosa e ambiciosa, cada uma totalmente convencida de seu próprio direito ao trono, e se ele entendia a teia emaranhada que os andoreanos usavam para decidir esses assuntos, cada uma tinha muito mais direito do que Arymilla. Lobos e cães de caça não estavam naquilo. Eram mais lobos decidindo seguir um cão de colo. Talvez Elayne soubesse o motivo, mas ela mal trocava notas com ele, breves e pouco informativas. Havia muita chance de alguém saber disso e pensar que ela estava tramando com ele. Era muito parecido com o Jogo das Casas.

"Alguém vai dançar as lanças, ao que parece", disse Bael, e Bashere baixou o tubo ornamentado por tempo suficiente para descobrir para onde o Aiel estava apontando.

Houve um fluxo constante de pessoas fugindo da cidade antes do cerco por dias, mas algumas a deixaram tarde demais. Meia dúzia de carroças cobertas de lona estavam paradas no meio da Estrada de Tar Valon, logo nos limites da Baixa Caemlyn, cercadas por cinquenta cavaleiros sob um estandarte azul e branco que parecia



mostrar um urso correndo, ou talvez algum tipo de cão de corpo grosso, quando ondulava em um vento repentino. Pessoas desanimadas se amontoavam em um lado, segurando mantos em volta de si, homens com a cabeça baixa, crianças agarradas às saias das mulheres. Alguns dos cavaleiros haviam desmontado para saquear as carroças; baús e caixas e até o que pareciam ser roupas já pontilhavam a neve. Provavelmente eles estavam procurando por moeda ou bebida, embora qualquer outro valor que aparecesse também fosse para os alforjes de alguém. Em breve, alguém libertaria as carroças, ou talvez apenas as levassem. Carroças e cavalos sempre foram úteis para um exército, e as regras peculiares dessa peculiar guerra civil andoreana não pareciam dar muita proteção àqueles que estavam no lugar errado na hora errada. Mas os portões da cidade estavam se abrindo, e assim que a brecha ficou grande o suficiente, lanceiros de casaco vermelho saíram do arco de seis metros de altura a galope, a luz do sol brilhando nas pontas das lanças, couraças e capacetes, trovejando pela estrada entre os mercados longos e vazios. Os Guardas da Rainha estavam saindo. Chegava deles, de qualquer maneira. Bashere virou seu copo de volta para as carroças.

Aparentemente, o oficial sob o comando do urso, se fosse o urso, já havia feito suas contas. Cinquenta contra duzentos tinham chances muito baixas, com apenas alguns carroções em jogo. Os homens que haviam desmontado estavam de volta em suas selas, e assim que Bashere os encontrou, muitos deles galoparam para o norte em direção a ele, o estandarte azul e branco flutuando atrás de seu cajado. A maioria das pessoas amontoadas ao lado da estrada olhava para os soldados que partiam, sua confusão tão clara como se ele pudesse ver seus rostos, mas alguns imediatamente correram para começar a recolher seus pertences espalhados na neve e empilhá-los de volta nos carroções.

A chegada dos guardas, puxando as rédeas das carroças alguns minutos depois, pôs um fim rápido nisso. Os guardas rapidamente começaram a conduzir as pessoas em direção às carroças. Algumas ainda tentaram passar por eles em busca de pertences valiosos, e

um homem começou a acenar com os braços em protesto para um guarda, um oficial óbvio com plumas brancas no capacete e uma faixa vermelha no peitoral, mas o oficial se inclinou da sela e deu um tapa na cara do manifestante. O sujeito caiu de costas como uma pedra e, depois de um momento congelado, todos que ainda não estavam subindo nas carroças saíram correndo, exceto dois homens que pararam para pegar o homem caído pelos ombros e calcanhares, e eles apressaram-se o melhor que puderam carregando seu peso inerte. Uma mulher no último carroção da fila já estava amarrando as rédeas para dar meia-volta e voltar para a cidade.

Bashere baixou a luneta para estudar o acampamento, depois pressionou-a de volta no olho para ver mais de perto. Os homens ainda cavavam com pás e enxadas, e outros tiravam sacos e barris das carroças. Nobres e oficiais passeavam com seus cavalos pelo acampamento, de olho no trabalho. Tudo calmo como gado no pasto. Finalmente, alguém apontou para a elevação entre eles e a cidade, depois outro e outro, e homens montados começaram a trotar, gritando ordens claramente. A bandeira do urso acabava de avistar o acampamento nas alturas.

Colocando a luneta debaixo do braço, Bashere franziu a testa. Eles não tinham guardas no terreno elevado para avisá-los do que poderia estar acontecendo além de sua visão. Mesmo na certeza de que ninguém iria oferecer batalha, isso era estúpido. Também poderia ser útil, se os outros campos fossem tão descuidados e se ninguém corrigisse o erro. Ele bufou irritado através de seus bigodes. Como se fosse lutar contra os sitiante.

Um olhar mostrou-lhe as carroças a meio caminho de volta ao portal de Tar Valon com sua escolta de guardas, os condutores das carroças chicoteando suas montarias como se a perseguição estivesse respirando em seus pescoços. Ou talvez fosse apenas o oficial com a faixa, que estava agitando a espada sobre a cabeça por algum motivo. "Não haverá dança hoje", disse ele.

“Então é melhor fazer meu dia do que assistir aguacentos cavando buracos”, respondeu Bael. “Que você sempre encontre água e sombra, Davram Bashere.”

"No momento, eu prefiro ter os pés secos e um fogo quente", Bashere murmurou sem pensar, então desejou que não tivesse. Pise na formalidade de um homem e ele pode tentar matá-lo, e os Aiel eram formais e estranhos além disso.

Mas Bael jogou a cabeça para trás e riu. “Os pântanos viram tudo de cabeça para baixo, Davram Bashere.” Um gesto curioso de sua mão direita fez o outro Aiel ficar de pé, e eles se afastaram para o leste em passadas longas e fáceis. A neve não parecia lhes dar nenhuma dificuldade.

Deslizando sua luneta para dentro do estojo de couro pendurado no arco de Veloz, Bashere montou e virou o baio para o oeste. Sua própria escolta estava esperando na encosta oposta, e eles foram atrás dele com apenas o leve rangido de couro e nunca um tilintar de metal solto. Eles eram menos numerosos do que a escolta de Bael, mas eram homens durões de suas propriedades em Tyr, e ele os levou para a Praga muitas vezes antes de trazê-los para o sul. Cada homem tinha sua parte designada da trilha para observar, à frente ou atrás, esquerda ou direita, alto ou baixo, e suas cabeças giravam constantemente. Ele esperava que eles não estivessem apenas passando pelos movimentos. A floresta era esparsa ali, todos os galhos nus, exceto carvalho e folhas de couro, pinheiros e abetos, mas a terra coberta de neve rolava de modo que cem homens montados podiam estar a cinquenta passos de distância e invisíveis. Não que ele esperasse tal coisa, mas então, o que te matava sempre era o que você nunca esperava. Inconscientemente, ele enfiou a espada na bainha. Você só tinha que esperar o inesperado.

Tumad tinha o comando da escolta, como fazia na maioria dos dias. Bashere não tinha algo mais importante para o jovem tenente fazer. Bashere estava preparando-o. Podia pensar com clareza e ver além do que estava à sua frente; ele estava destinado a um posto mais alto, se vivesse o suficiente. Um homem alto, embora um

par de mãos mais baixo que Bael, hoje usava descontentamento em seu rosto como um segundo nariz. “O que o incomoda, Tumad?”

“O Aiel estava certo, meu Lorde.” Tumad puxou furiosamente sua espessa barba negra com o punho enluvado. “Esses andoreanos cospem em nossos pés. Eu não gosto de ter que ir embora enquanto eles nos cutucam.” Bem, ele ainda era jovem.

“Você acha nossa situação chata, talvez?” Basher riu. “Você precisa de mais emoção? Tenobia fica a apenas cinquenta léguas ao norte de nós e, se pudermos acreditar nos rumores, ela trouxe Ethenielle de Kandor e Paitar de Arafel e até mesmo aquele shienarano Easar com ela. Todo o poder das Fronteiras vem nos procurar, Tumad. Aqueles andoreanos em Murandy também não gostam que estejamos em Andor, pelo que ouvi dizer, e se o exército de Aes Sedai que estão enfrentando não os despedaçar, ou ainda não os despedaçou, eles podem vir nos procurar. O mesmo acontecerá com as Aes Sedai, mais cedo ou mais tarde. Já cavalgamos para o Dragão Renascido, e não vejo nenhuma irmã se esquecendo disso. E depois há os Seanchan, Tumad. Você realmente acha que nos livramos deles? Eles virão até nós, ou teremos que ir até eles; um ou outro é certo. Vocês, rapazes, não conhecem a emoção quando ela está rastejando em seu bigode!”

Risadas silenciosas ecoaram pelos homens que o seguiram, homens tão velhos quanto o próprio Bashere na maioria das vezes, e até Tumad mostrou os dentes brancos através da barba em um sorriso. Todos eles tinham estado em campanha antes, só nunca uma tão estranha como esta. Endireitando-se, Bashere observou o caminho através das árvores, mas com apenas metade de sua atenção.

Na verdade, Tenobia o preocupava. Só a Luz sabia por que Easar e os outros decidiram sair juntos da fronteira da Praga, muito menos arrancar tantos soldados quanto os boatos diziam que haviam trazido para o sul. Mesmo o boato dividido pela metade. Sem dúvida, eles tinham razões que consideravam boas e suficientes, e sem dúvida Tenobia as compartilhava. Mas ele a conhecia; ele a ensinou a cavalgar, a viu crescer, presenteou-a com a Coroa

Quebrada quando ela assumiu o trono. Ela era uma boa governante, nem muito pesada nem muito leve, inteligente, embora nem sempre sábia, corajosa sem ser temerária, mas impulsiva era uma descrição suave dela. Às vezes, a cabeça quente era leve. E ele estava tão certo quanto podia estar de que ela tinha seu próprio objetivo além de qualquer que fosse o objetivo dos outros. A cabeça de Davram Bashere. Se fosse assim, era improvável que ela se contentasse com outro período de exílio, depois de chegar tão longe. Quanto mais Tenobia apertava um osso em seus dentes, mais difícil era convencê-la a desistir. Era um problema legal. Ela deveria estar em Saldeia guardando a fronteira da Praga, mas ele também. Ela poderia condená-lo por traição duas vezes, pelo menos pelo que ele havia feito desde que viera para o sul, mas ele ainda não conseguia ver outro caminho a seguir. Rebelião — Tenobia poderia definir isso livremente quando ela quisesse — rebelião era horrível de se contemplar, mas ele queria sua cabeça firmemente presa ao pescoço por mais algum tempo. Um problema puro e espinhoso.

O acampamento contendo a cavalaria leve de oito mil e tantos que ele havia deixado depois de Illian e lutando contra os Seanchan se espalhava mais do que o acampamento na estrada de Tar Valon, mas não se podia dizer que se dispersasse. As linhas de cavalos eram fileiras uniformes com uma forja de ferrador em cada extremidade, esticadas entre fileiras igualmente retas de grandes tendas cinzentas ou brancas, embora agora mostrassem muitos remendos. Todo homem poderia estar montado e pronto para lutar dentro de uma contagem de cinquenta a partir de um sinal de trombeta, e suas sentinelas foram colocadas para garantir que tivessem essa contagem e muito mais. Até as barracas e carroças dos seguidores do acampamento, cem passos ao sul do resto, eram mais ordenadas do que os soldados que sitiavam a cidade, como se tivessem seguido o exemplo dos saldaeanos. Um pouco, pelo menos.

Enquanto ele entrava com sua escolta, os homens se moviam rápida e sombriamente entre as fileiras de cavalos, quase como se o sinal para montar tivesse soado. Mais de um estava com a espada

desembainhada. Vozes o chamavam, mas ao ver uma grande multidão de homens e mulheres, principalmente mulheres, reunidos no centro do acampamento, ele sentiu um súbito entorpecimento por dentro. Ele cravou os calcanhares e Veloz saltou para a frente a galope. Ele não sabia se alguém o seguia ou não. Não ouvia nada além do sangue pulsando em seus ouvidos, não via nada além da multidão na frente de sua própria tenda de ponta afiada. A barraca que ele dividia com Deira.

Ele não freou ao alcançar a multidão, apenas se jogou para fora da sela e caiu no chão correndo. Ouvia as pessoas falarem sem entender o que estavam dizendo. Elas se separaram na frente dele, abrindo um caminho para sua tenda, ou ele as teria atropelado.

Logo dentro das abas da tenda, ele parou. A tenda, grande o suficiente para vinte soldados dormirem, estava lotada até as paredes com mulheres, esposas de nobres e oficiais, mas seus olhos rapidamente encontraram sua própria esposa, Deira, sentada em uma cadeira dobrável no meio dos tapetes que serviam por um piso, e a dormência desapareceu. Ele sabia que ela morreria um dia — ambos morreriam —, mas a única coisa que ele temia era viver sem ela. Então ele percebeu que algumas das mulheres a estavam ajudando a baixar o vestido até a cintura. Outra estava pressionando um pano dobrado no braço esquerdo de Deira, e o pano estava ficando vermelho enquanto o sangue escorria por seu braço em um lençol e pingava de seus dedos em uma tigela colocada no tapete. Já havia uma quantidade considerável de sangue escuro na tigela.

Ela o viu no mesmo instante, e seus olhos brilharam em um rosto que estava muito pálido. “Isso vem da contratação de forasteiros, marido,” ela disse ferozmente, sua mão direita balançando uma longa adaga para ele. Tão alta quanto a maioria dos homens, centímetros mais alta que ele, e bonita, seu rosto emoldurado por cabelos negros salpicados de branco, ela tinha uma presença dominante que podia se tornar imperiosa quando estava com raiva. Mesmo quando ela obviamente mal conseguia se sentar. A maioria das mulheres ficaria confusa por estar nua até a cintura na frente de tantas, com o marido presente. Não Deira. “Se você nem sempre

insistisse em se mover como o vento, poderíamos ter bons homens de nossas próprias propriedades para fazer o que fosse necessário.”

“Uma disputa com servos, Deira?” ele disse, levantando uma sobancelha. “Eu nunca pensei que você começaria a levar facas para eles.” Várias das mulheres lhe deram olhares frios e de soslaio. Nem todo homem e mulher lidavam bem um com o outro como ele e Deira faziam. Alguns os achavam estranhos, pois raramente gritavam.

Deira fez uma careta para ele, então grunhiu uma risada curta e involuntária. “Vou começar do começo, Davram. E vou devagar, para que você possa entender,” ela acrescentou com um pequeno sorriso, parando para agradecer as mulheres que enrolaram um lençol de linho branco em volta de seu torso nu. “Voltei do meu passeio e encontrei dois homens estranhos saqueando nossa barraca. Eles sacaram punhais, então, naturalmente, bati em um deles com uma cadeira e esfaqueei o outro.” Ela dirigiu uma careta para o braço cortado. “Não bem o suficiente, já que ele conseguiu me tocar. Então Zavion e algumas das outras entraram, e os dois fugiram por uma fenda que fizeram na parte de trás da tenda.”

Várias das mulheres assentiram sombriamente e agarraram os cabos das adagas que todas usavam. Até que Deira disse sombriamente: “Eu disse para elas perseguirem, mas elas insistiram em cuidar do meu arranhão.” As mãos caíram dos punhos e os rostos ficaram vermelhos, embora nenhuma parecesse nem um pouco apologética por desobedecer. Elas estavam em uma posição delicada. Deira era sua dama suserana como ele era seu suserano, mas se ela chamasse ou não de arranhão, poderia ter sangrado até a morte se elas a tivessem deixado para perseguir os ladrões. “Em todo caso,” ela continuou, “ordenei uma busca. Eles não serão difíceis de encontrar. Um tem um caroço na cabeça e o outro está sangrando”. Ela deu um aceno afiado e satisfeito.

Zavion, a vigorosa e ruiva Senhora de Gahaur, ergueu uma agulha com linha. “A menos que você tenha se interessado por bordados, meu Lorde,” ela disse friamente, “posso sugerir que você se retire?”

Bashere aquiesceu com uma pequena inclinação de sua cabeça. Deira nunca gostou que ele a visse sendo costurada. Ele nunca gostou de vê-la sendo costurada.

Do lado de fora da tenda, ele parou para anunciar em voz alta que sua esposa estava bem e sendo cuidada, e que todos deveriam continuar com seus negócios. Os homens partiram desejando o bem-estar de Deira, mas nenhuma das mulheres moveu um pé. Ele não as pressionou. Elas permaneceriam até que a própria Deira aparecesse, independentemente do que ele dissesse, e um homem sábio tentava evitar batalhas que ele não só perderia, mas pareceria um tolo perdendo.

Tumad estava esperando na beira da multidão, e se colocou ao lado de Bashere, que caminhava com as mãos apertadas atrás das costas. Ele esperava isso, ou algo assim, há muito tempo, mas quase começou a pensar que não iria acontecer. E nunca esperou que Deira quase morresse por causa disso.

"Os dois homens foram encontrados, meu Lorde", disse Tumad. "Pelo menos, eles aparentemente atendem à descrição que Lady Deira deu." A cabeça de Bashere se virou, o rosto de um assassino, e o homem mais jovem rapidamente acrescentou: "Eles estavam mortos, meu Lorde, logo fora do acampamento. Cada um recebeu um golpe com uma lâmina estreita." Ele esfaqueou um dedo na base do crânio, logo atrás da orelha. "Tinha que ser mais de um, a menos que ele fosse mais rápido que uma víbora da rocha."

Bashere assentiu. O preço do fracasso muitas vezes era a morte. Dois para procurar, e quantos para silenciá-los? Quantos permaneceram e quanto tempo antes de tentarem novamente? Pior de tudo, quem estava por trás disso? A Torre Branca? Os Abandonados? Parecia que uma decisão havia sido tomada para ele.

Ninguém, exceto Tumad, estava perto o suficiente para ouvi-lo, mas mesmo assim ele falou baixinho e escolheu as palavras com cautela. Às vezes, o preço do descuido também era a morte. "Você sabe onde encontrar o homem que veio até mim ontem? Encontre-o e diga-lhe que concordo, mas haverá um pouco mais do que falamos.



A neve leve que caía sobre a cidade de Cairhien ofuscou um pouco a luz do sol da manhã, apenas silenciando o brilho. Da janela alta e estreita do Palácio do Sol, guarnecida com um batente de boas vidraças contra o frio, Samitsu podia ver claramente os andaimes de madeira erguidos ao redor da seção em ruínas do palácio, cubos quebrados de pedra escura ainda cobertos de escombros e torres escalonadas que pararam abruptamente de igualar o resto das torres do palácio. Uma, a Torre do Sol Ressuscitado, simplesmente não estava mais lá. Várias das lendárias torres “sem topo” da cidade assomavam através dos flocos brancos à deriva, enormes torres quadradas com enormes contrafortes, muito mais altas do que qualquer outra no palácio, apesar de sua localização na colina mais alta de uma cidade de colinas. Elas foram envoltas em seus próprios andaimes e ainda não foram completamente reconstruídas vinte anos depois que os Aiel as queimaram; outros vinte anos podem vê-las prontas. Não havia operários escalando as tábuas dos andaimes, é claro, não com aquele tempo. Ela se pegou desejando que a neve também lhe desse um descanso.

Quando Cadsuane partiu há uma semana, deixando-a no comando, sua tarefa parecia simples. Certificar-se de que a panela cairhiena não começasse a ferver novamente. Isso parecia uma tarefa simples na época, embora ela raramente se interessasse por política. Apenas um nobre manteve forças consideráveis em armas, e Dobraine foi cooperativo, na maior parte, parecendo querer que tudo ficasse quieto. É claro que ele aceitara aquela tola nomeação de “Administrador de Cairhien do Dragão Renascido”. O menino também havia nomeado um “Administrador” de Tear, um homem que havia se rebelado contra ele há um mês! Se ele tivesse feito o mesmo em Illian... Parecia muito provável. Essas nomeações causariam muitos problemas para as irmãs resolverem antes que tudo fosse dito e feito! O menino não trazia nada além de problemas! No entanto, até agora Dobraine parecia estar usando seu novo posto apenas para administrar a cidade. E para reunir silenciosamente apoio à reivindicação de Elayne Trakand ao Trono do Sol, se é que ela já tinha feito uma. Samitsu ficou satisfeita em

deixar por isso mesmo, não se importando de uma forma ou de outra com quem assumia o Trono do Sol. Ela não se importava muito com Cairhien.

A neve caindo além de sua janela rodopiava em uma rajada de vento como um caleidoscópio branco. Tão... tranquila. Ela já valorizou a tranquilidade antes? Certamente não conseguia se lembrar, se tivesse.

Nem a possibilidade de Elayne Trakand assumir o trono nem o novo título de Dobraine trouxeram quase tanta consternação quanto os rumores ridículos e ridiculamente persistentes sobre o garoto al'Thor indo para Tar Valon para se submeter a Elaida, embora ela não tivesse feito nada para reprimi-los. Essa história deixou todos, de nobres a cavaleiros, com medo de respirar, o que era muito bom para manter a paz. O Jogo das Casas havia parado; bem, comparado a como as coisas normalmente eram em Cairhien. Os Aiel que vieram para a cidade de seu enorme acampamento a alguns quilômetros a leste muito provavelmente ajudaram, por mais que fossem odiados pelo povo em geral. Todos sabiam que eles seguiam o Dragão Renascido, e ninguém queria correr o risco de se encontrar do lado errado de milhares de lanças Aiel. O jovem al'Thor era muito mais útil ausente do que presente. Rumores vindos do oeste sobre Aiel invadindo outros lugares — saqueando, queimando, matando indiscriminadamente, diziam os boatos dos mercadores — deram às pessoas outra razão para se aproximarem cautelosamente dos que estavam ali.

Na verdade, parecia não haver rebarbas para tirar Cairhien de seu silêncio, além de uma ocasional briga de rua entre Precursores e pessoas da cidade que consideravam os Precursores barulhentos e brilhantemente vestidos tão estranhos quanto os Aiel e muito mais seguros para lutar. A cidade estava lotada até os sótãos, com pessoas dormindo em qualquer lugar onde pudessem encontrar abrigo do frio, mas os suprimentos de comida eram mais do que suficientes, se não superabundantes, e o comércio era realmente melhor do que o esperado no inverno. Em suma, ela deveria ter se sentido satisfeita por estar cumprindo as instruções de Cadsuane

tão bem quanto a Verde poderia desejar. Exceto que Cadsuane esperava mais. Ela sempre esperava.

"Você está me ouvindo, Samitsu?"

Suspirando, Samitsu virou-se da vista pacífica através da janela, esforçando-se para não alisar a saia amarela. Os sinos de prata feitos por Jakanda em seu cabelo tilintaram levemente, mas hoje o som não conseguiu acalmá-la. Na melhor das hipóteses, ela não se sentia inteiramente à vontade em seus aposentos no palácio, embora o fogo ardente na ampla lareira de mármore desse um bom calor e a cama no quarto ao lado tivesse colchões de penas da melhor qualidade e travesseiros de penas de ganso. Todos os três quartos eram excessivamente ornamentados no severo estilo cairhieno, o reboco branco do teto trabalhado em quadrados entrelaçados, as amplas cornijas fortemente douradas e os painéis de parede de madeira polidos para um brilho suave, mas escuro mesmo assim. Os móveis eram ainda mais escuros e de construção maciça, orlados com finas linhas de folha de ouro e incrustados com cunhas de marfim estampadas. O tapete taireno florido nesta sala parecia extravagantemente desordenado em comparação com todo o resto, e enfatizava a rigidez circundante. Tudo parecia muito com uma gaiola, ultimamente.

O que realmente a desconcertava, no entanto, era a mulher com o cabelo em cachos até os ombros, parada no meio do tapete, punhos nos quadris, uma postura beligerante no queixo e uma carranca estreitando os olhos azuis. Sashalle usava o anel da Grande Serpente, é claro, na mão direita, mas também um colar e uma pulseira Aiel, contas gordas de prata e marfim primorosamente trabalhadas e esculpidas, espalhafatosas contra seu vestido de gola alta de lã marrom, que era simples, embora fino e bem cortado. Não peças toscas, certamente, mas... extravagantes, e dificilmente do tipo que uma irmã usaria. A estranheza daquela joia poderia ser a chave para muita coisa, se Samitsu pudesse encontrar a razão por trás disso. As Sábias, especialmente Sorilea, olhavam para ela como se ela fosse uma tola por não saber sem perguntar, e se recusavam a se incomodar em responder. Elas faziam isso com

muita frequência. Mais especialmente Sorilea. Samitsu não estava acostumada a ser considerada uma tola, e ela não gostava muito disso.

Não pela primeira vez, ela achou difícil encontrar o olhar da outra irmã. Sashalle era a principal razão pela qual o contentamento a iludiu, não importa o quão bem tudo estivesse indo de outra forma. Mais enlouquecedor, Sashalle era uma Vermelha, mas apesar de sua Ajah, ela era jurada ao jovem al'Thor. Como poderia qualquer Aes Sedai jurar fidelidade a alguém ou a algo que não fosse a própria Torre Branca? Como na Luz poderia uma Vermelha jurar a um homem que sabia canalizar? Talvez Verin estivesse certa sobre a chance de influência *ta'veren*. Samitsu não conseguia pensar em nenhum outro motivo para trinta e uma irmãs, cinco delas Vermelhas, fazerem tal juramento.

“A Lady Ailil foi abordada por lordes e damas que representam a maior parte da força da Casa Riatin,” ela respondeu, com muito mais paciência do que sentia. “Eles querem que ela ocupe o Alto Assento de Riatin, e ela quer a aprovação de Torre Branca. Aprovação das Aes Sedai, pelo menos.” Para fazer algo além de trocar olhares fixos — e provavelmente perder — ela se mudou para uma mesa de madeira preta onde uma jarra de prata trabalhada em uma bandeja de prata ainda exalava um leve aroma de especiarias. Encher uma taça com vinho quente era uma desculpa para quebrar o contato visual fugaz. Precisar de uma desculpa a fez substituir a jarra na bandeja com um tilintar agudo. Ela se via evitando olhar para Sashalle com muita frequência. Mesmo agora, ela percebeu que estava olhando para a outra mulher de lado. Para sua frustração, não conseguiu se virar completamente para encontrar seu olhar.

“Diga a ela que não, Sashalle. Seu irmão ainda estava vivo quando foi visto pela última vez, e a rebelião contra o Dragão Renascido não é nada que deva preocupar a Torre; certamente não agora que acabou.” A memória surgiu de Toram Riatin como visto pela última vez, fugindo para uma estranha neblina que poderia tomar forma sólida e matar, uma neblina que resistiu ao Poder Único. A Sombra havia saído dos muros de Cairhien naquele dia. A

voz de Samitsu se apertou com o esforço de impedi-la de tremer. Não com medo, mas com raiva. Esse foi o dia em que ela falhou em Curar o jovem al'Thor. Ela odiava fracassos, odiava lembrar deles. E ela não deveria ter que se explicar. “A maior parte da força de Riatin não é tudo. Aqueles que ainda estão ligados a Toram irão se opor a ela, com força de armas se necessário, e em qualquer caso, promover agitação dentro das próprias Casas não é maneira de manter a paz. Há um equilíbrio precário em Cairhien agora, Sashalle, mas é um equilíbrio, e não devemos perturbá-lo.” Ela conseguiu se impedir de dizer que Cadsuane ficaria descontente se fizessem aquilo. Isso dificilmente teria peso com Sashalle.

“A revolta virá quer a promovamos ou não,” a outra irmã disse com firmeza. Sua carranca se desvaneceu assim que Samitsu mostrou que estava escutando, embora o conjunto de sua mandíbula permanecesse. Talvez fosse mais teimosia do que beligerância, mas isso pouco importava. A mulher não estava discutindo ou tentando convencê-la, apenas afirmando sua própria posição. E o mais irritante de tudo, claramente fazendo isso como uma cortesia. “O Dragão Renascido é o arauto da turbulência e mudança, Samitsu. O arauto predisse. E se não fosse, aqui é Cairhien. Você acha que eles realmente pararam de jogar o Daes Dae'mar? A superfície da água pode estar parada, mas os peixes nunca param de nadar.”

Uma *Vermelha*, pregando o Dragão Renascido como uma demagoga de esquina! Luz! “E se você estiver errada?” Apesar de tudo, Samitsu mordeu as palavras. Sashalle — que a queime! — manteve uma serenidade perfeita.

“Ailil renunciou a qualquer reivindicação ao Trono do Sol em favor de Elayne Trakand, que é o que o Dragão Renascido deseja, e ela está pronta para jurar fidelidade a ele, se eu pedir. Toram liderou um exército contra Rand al'Thor. Digo que vale a pena fazer a mudança e que vale a pena arriscar, e direi isso a ela.”

Os sinos no cabelo de Samitsu soaram com um aceno irritado de sua cabeça, e ela mal conseguiu evitar suspirar novamente. Dezoito dessas irmãs Devotas do Dragão permaneciam em Cairhien —

Cadsuane levava algumas consigo, depois mandara Alanna de volta para buscar ainda mais — e outras das dezoito, além de Sashalle, eram mais altas do que ela, mas as Sábias Aiel as mantinham longe do caminho dela. No começo, ela desaprovava como isso era feito — Aes Sedai não podiam ser aprendizes de ninguém! Era ultrajante! — mas, na prática, isso facilitou o trabalho dela. Elas não podiam se intrometer ou tentar se encarregar de Sábias administrando suas vidas e vigiando cada hora. Infelizmente, por algum motivo que ela não conseguia descobrir, as Sábias olhavam de forma diferente para Sashalle e as outras duas irmãs que haviam sido estancadas em Poços de Dumai. Estancadas. Ela sentiu um leve arrepio com o pensamento, mas apenas um pouco, e seria menor se ela conseguisse descobrir como Damer Flinn havia curado o que não podia ser curado. Pelo menos alguém poderia curar estancamento, mesmo que fosse um homem. Um homem canalizando. Luz, como o horror de ontem se tornava apenas o mal-estar de hoje, depois que se acostumava.

Tinha certeza de que Cadsuane teria acertado as coisas com as Sábias antes de partir se soubesse da diferença com Sashalle, Irgain e Ronaille. Pelo menos, ela pensou que tinha certeza. Esta não era a primeira vez que ela era puxada para uma das tramas da lendária Verde. Cadsuane poderia ser mais desonesta que uma Azul, esquemas dentro de tramas, envoltas em estratégias e tudo escondidos atrás de outros. Alguns foram planejados para falhar, para ajudar outros a ter sucesso, e apenas Cadsuane sabia quais eram quais, isso não era um pensamento reconfortante. De qualquer forma, aquelas três irmãs eram livres para ir e vir como quisessem, fazer o que quisessem. E elas certamente não sentiram necessidade de seguir a orientação que Cadsuane deixou para trás ou seguir a irmã que ela nomeou para liderar. Apenas seu juramento louco a al'Thor as guiava ou constrangia.

Samitsu nunca se sentiu fraca ou ineficaz em sua vida, exceto quando seu Talento falhou, mas ela desejou muito que Cadsuane voltasse e tirasse o assunto de suas mãos. Algumas palavras ditas no ouvido de Ailil saciariam qualquer desejo que a dama tivesse de

subir no Alto Assento, é claro, mas não daria em nada a menos que ela encontrasse uma maneira de desviar Sashalle de seu propósito. Por mais que Ailil temesse que seus segredos tolos fossem divulgados no exterior, a inconsistência no que Aes Sedai lhe diziam poderia fazê-la decidir que era melhor tentar desaparecer em suas propriedades rurais em vez de correr o risco de ofender uma irmã, faça o que fizer. Cadsuane ficaria chateada por perder Ailil. A própria Samitsu ficaria chateada. Ailil era um canal em metade das tramas que se formavam entre os nobres, uma medida para ter certeza de que essas intrigas ainda eram mesquinhas e improváveis de causar qualquer grande perturbação. A maldita Vermelha sabia disso. E uma vez que Sashalle desse essa permissão a Ailil, seria para ela que a mulher viria correndo com suas notícias, não para Samitsu Tamagowa.

Enquanto Samitsu estava se debatendo em seu dilema, a porta do corredor se abriu para dar passagem a uma mulher cairhiena pálida e de rosto severo, uma mão mais baixa do que qualquer uma das Aes Sedai. Seu cabelo estava em um grosso rolo cinza na nuca, e ela usava um vestido cinza sem adornos tão escuro que era quase preto, a libré atual de uma criada do Palácio do Sol. Os criados nunca se anunciavam ou pediam entrada, é claro, mas Corgaide Marendevin dificilmente era apenas mais uma criada; o pesado anel prateado de chaves compridas em sua cintura era um distintivo do cargo. Quem quer que governasse Cairhien, a Portadora das Chaves governava o Palácio do Sol de fato, e não havia nada submisso na maneira de Corgaide. Ela fez uma reverência mínima cuidadosamente apontada a meio caminho entre Samitsu e Sashalle.

“Me pediram para relatar qualquer coisa incomum”, ela disse para o ar, embora tenha sido Samitsu quem pediu. Muito provavelmente, ela sabia da luta pelo poder entre elas assim que elas mesmos souberam. Pouco no palácio lhe escapava. “Disseram-me que há um Ogier nas cozinhas. Ele e um jovem supostamente estão cuidando do trabalho como pedreiros, mas nunca ouvi falar de Ogier e pedreiros humanos trabalhando juntos. E o Pouso Tsofu mandou

dizer que nenhum construtor estaria disponível de qualquer pouso no futuro próximo, quando perguntamos sobre... o incidente.” A pausa foi quase imperceptível, e sua expressão grave não se alterou, mas metade das fofocas sobre o ataque ao Palácio do Sol foi atribuída a al’Thor, a outra metade a Aes Sedai. Algumas histórias mencionavam os Abandonados, mas apenas para combiná-los com al’Thor ou com as Aes Sedai.

Franzindo os lábios em pensamento, Samitsu deixou de lado o emaranhado amaldiçoado que cairhienos faziam de tudo o que tocavam. As negações do envolvimento da Aes Sedai de pouco serviram; os Três Juramentos foram longe em uma cidade onde um simples sim ou não poderia dar origem a seis rumores contraditórios. Mas, Ogier... As cozinhas do palácio mal acolhiam os transeuntes, mas os cozinheiros muito provavelmente dariam uma refeição quente a um Ogier só pela estranheza de vê-lo. Ogier eram ainda mais incomuns do que o habitual, neste último ano. Alguns ainda eram vistos de vez em quando, mas andando tão rápido quanto só um Ogier podia e raramente parando em um lugar mais do que o tempo suficiente para dormir. Raramente viajavam com humanos, muito menos trabalhavam com eles. O emparelhamento fez cócegas em sua mente, no entanto. Na esperança de provocar o que quer que fosse, ela abriu a boca para fazer algumas perguntas.

"Obrigado, Corgaide", disse Sashalle com um sorriso. "Você foi muito útil. Mas pode nos deixar agora?" Ser brusca com a Portadora das Chaves era uma boa maneira de se encontrar com roupas de cama sujas e refeições mal condimentadas, penicos não esvaziados e mensagens extraviadas, mil aborrecimentos que poderiam tornar a vida uma miséria e deixá-la vadeando na lama tentando realizar qualquer coisa, mas de alguma forma, aquele sorriso pareceu tirar o ardor de suas palavras para Corgaide. A mulher de cabelos grisalhos inclinou a cabeça ligeiramente em concordância e novamente fez a menor reverência possível. Desta vez, obviamente para Sashalle.

Assim que a porta se fechou atrás da mulher de cabelos grisalhos, Samitsu jogou sua taça de prata de volta na bandeja com força



suficiente para espirrar vinho quente em seu pulso e rodear a irmã Vermelha. Ela estava à beira de perder o controle de Ailil, e agora o próprio Palácio do Sol parecia estar escorregando por entre seus dedos! Era tão provável que Corgaide criasse asas e voasse quanto ficasse em silêncio sobre o que ela tinha visto aqui, e qualquer coisa que ela dissesse atravessaria o palácio e infectaria todos os servos até os homens que limpavam os estábulos. Aquela reverência final deixou bem claro o que ela pensava. Luz, mas Samitsu odiava Cairhien! Os costumes de civilidade entre irmãs estavam profundamente arraigados, mas Sashalle não era suficientemente alta para fazê-la segurar a língua diante desse desastre, e ela pretendia entregar o lado áspero disso.

Franzindo o cenho para a outra mulher, porém, ela viu o rosto de Sashalle — realmente o viu, talvez pela primeira vez — e de repente soube por que isso a incomodava tanto, talvez até por que ela achava difícil olhar diretamente para a irmã Vermelha. Não era mais um rosto de Aes Sedai, fora do tempo e distante da idade. A maioria das pessoas não tinha certeza do visual até ser apontado, mas era inconfundível para outra irmã. Talvez alguns pedaços permanecessem, fragmentos que faziam Sashalle parecer mais bonita do que realmente era, mas qualquer um colocaria uma idade para ela, em algum lugar abaixo de sua meia-idade. A percepção congelou a língua de Samitsu.

O que se sabia sobre as mulheres que haviam sido estancadas era pouco mais do que boatos. Elas fugiam e se escondiam de outras irmãs; eventualmente, elas morriam. Normalmente, morriam cedo e não tarde. A perda de *saidar* era mais do que a maioria das mulheres poderia suportar por muito tempo. Mas era tudo muita fofoca; até onde ela sabia, ninguém em muito tempo teve a coragem de tentar descobrir mais. O medo raramente reconhecido no canto mais escuro da cabeça de cada irmã, de que o mesmo destino pudesse vir a ela um dia em um momento de descuido, impedia qualquer uma de querer saber demais. Até as Aes Sedai conseguiam esconder os olhos quando não queriam ver. Havia sempre esses rumores, porém, quase nunca mencionados e tão

vagos que você nunca conseguia lembrar onde os ouviu primeiro, sussurros à beira da audição, mas sempre flutuando. Um que Samitsu só se lembrava pela metade, até agora, dizia que uma mulher que estava estancada voltava a ser jovem, se vivesse. Sempre parecera ridículo, até agora. Recuperar a capacidade de canalizar não devolvera tudo a Sashalle. Mais uma vez ela teria que trabalhar com o Poder durante anos para ganhar o rosto que a proclamaria Aes Sedai para qualquer irmã que pudesse vê-la claramente. Ou... ela o recuperaria? Parecia inevitável, mas este era um terreno não mapeado. E se com seu rosto mudando, alguma outra coisa sobre ela houvesse mudado também? Samitsu estremeceu, mais forte do que tinha pensado em se acalmar. Talvez fosse bom que ela tivesse demorado a tentar decifrar a forma de Cura de Damer.

Manuseando seu colar Aiel, Sashalle parecia não saber que Samitsu tinha alguma queixa, desconhecendo o escrutínio de Samitsu. “Isso pode não ser nada, ou pode justificar uma investigação”, disse ela, “mas Corgaide estava apenas relatando o que ouviu. Se queremos descobrir alguma coisa, devemos ir e ver por nós mesmas.” Sem outra palavra, ela juntou as saias e saiu dos aposentos, deixando Samitsu apenas uma escolha entre seguir ou ficar para trás. Era intolerável! No entanto, permanecer era impensável.

Sashalle não era mais alta do que ela, não por assim dizer, mas ela teve que se apressar para acompanhá-la enquanto a Vermelha deslizava rapidamente pelos corredores largos e abobadados. Assumir a liderança estava fora de questão, a menos que ela escolhesse correr. Ela bufou em silêncio, embora fosse necessário ranger os dentes. Discutir com outra irmã em público era, na melhor das hipóteses, impróprio. Pior, sem dúvida, seria inútil. E isso só cavaría mais fundo o buraco em que ela estava. Ela sentiu um desejo muito grande de chutar alguma coisa.

As lamparinas em intervalos regulares davam muita luz mesmo nos trechos mais escuros do corredor, mas havia pouca cor ou decoração além da tapeçaria ocasional com tudo arrumado de

maneira ordenada, fossem animais caçando ou nobres lutando bravamente em batalha. Alguns nichos nas paredes continham ornamentos de ouro ou porcelana do Povo do Mar, e em alguns corredores as cornijas eram trabalhadas em frisos, a maioria sem pintura. Isso era tudo. Os cairhienos escondiam sua opulência da vista do público, como faziam com tanta coisa. Os criados e as criadas que se apressavam diligentemente pelos corredores como formigas usavam libré cor de carvão, exceto os que serviam aos nobres residentes no palácio, que pareciam brilhantes ao lado dos outros, com os emblemas da Casa bordados no peito, e suas golas e às vezes mangas marcadas com as cores da Casa. Um ou dois até tinham um casaco ou vestido com as cores da Casa e pareciam quase um forasteiro entre os outros. Mas todos mantiveram os olhos baixos e mal pararam o suficiente para oferecer rápidas reverências ou mesuras às duas irmãs enquanto passavam. O Palácio do Sol exigia incontáveis centenas de servos, e parecia que todos estavam correndo esta manhã cuidando de suas tarefas.

Os nobres também passeavam pelos corredores, oferecendo suas próprias cortesias cautelosas às Aes Sedai enquanto passavam, talvez com uma saudação cuidadosamente equilibrada entre uma ilusão de igualdade e o verdadeiro estado das coisas, dita em vozes baixas que não iam muito longe. Eles provaram o velho ditado de que tempos estranhos fazem estranhos companheiros de viagem. Velhas inimizades foram afastadas diante de novos perigos. Pelo momento. Por aqui, dois ou três senhores cairhienos pálidos em casacos de seda escura com listras finas de cor na frente, alguns com a frente de suas cabeças raspadas e empoadas à moda de soldado, passeavam ao lado de um número igual de tairenos escuros, mais altos em seus casacos brilhantes com mangas gordas e listradas. Por ali, uma nobre tairena com um gorro justo bordado com pérolas, vestido de brocado colorido e gola de renda clara caminhava de braços dados ao lado de uma nobre cairhiena mais baixa, com o cabelo em uma torre elaborada que chegava bem acima da cabeça de sua companheira, renda cinza esfumada sob o queixo, e listras estreitas das cores de sua Casa em cascata na

frente de sua saia de seda escura. Todos como amigos do peito e confidentes de confiança.

Alguns pares pareciam mais estranhos do que outros. Várias mulheres começaram a usar roupas estranhas ultimamente, aparentemente nunca percebendo como elas atraíam os olhos dos homens e faziam até os servos lutarem para não olhar. Calções apertados e um casaco comprido o suficiente para cobrir os quadris não eram roupas adequadas para uma mulher, não importa quanto esforço fosse investido em bordados ricos ou estampado no casaco com pedras preciosas. Colares e pulseiras de joias e broches com rajadas de penas coloridas só apontavam para a estranheza. E aquelas botas tingidas de cores vivas, com seus saltos que acrescentavam tanto quanto uma mão à altura de uma mulher, faziam com que elas parecessem em perigo de cair a cada passo oscilante.

“Escândalo,” Sashalle murmurou, olhando para um desses pares de mulheres e contraindo suas saias em desgosto.

“Escândalo,” Samitsu murmurou antes que ela pudesse se conter, então fechou a boca com tanta força que seus dentes estalaram. Ela precisava controlar sua língua. Expressar acordo só porque ela concordou era um hábito que ela mal podia pagar com Sashalle.

Ainda assim, ela não pôde deixar de olhar para o par com desaprovação. E um pouco de admiração. Um ano atrás, Elaine Chuliandred e Fionnda Annariz estariam na garganta uma da outra. Ou melhor, teriam seus homens armados na garganta uns dos outros. Mas então, quem esperaria ver Bertome Saighan andando pacificamente com Weiramon Saniago, nenhum dos dois alcançando a adaga em seu cinto? Tempos estranhos e estranhos companheiros de viagem. Sem dúvida, eles estavam jogando o Jogo das Casas, manobrando para obter vantagem como sempre fizeram, mas as linhas divisórias que antes eram gravadas em pedra agora eram desenhadas na água. Tempos muito estranhos.

As cozinhas ficavam no nível mais baixo do Palácio do Sol acima do solo, nos fundos, um aglomerado de salas com paredes de pedra e teto com vigas centradas em torno de uma longa sala sem janelas

cheia de fogões de ferro e fornos de tijolos e lareiras de pedra, e o calor era o suficiente para fazer qualquer um esquecer a neve lá fora, ou mesmo que era inverno. Normalmente, cozinheiros e sub-cozinheiros de rosto suado, tão escuros quanto quaisquer outros servos do palácio sob seus aventais brancos, estariam correndo para preparar a refeição do meio-dia, amassando pães em longas mesas cobertas de farinha cobertas com mármore, alinhavando as juntas e as aves que giravam em espetos nas lareiras. Agora, apenas os cães trotadores se moviam, ansiosos para ganhar seus pedaços das articulações. Cestas de nabos e cenouras permaneciam com casca e não picadas, e cheiros doces e picantes vinham de potes de molhos abandonados. Até os ajudantes de cozinha, meninos e meninas que enxugavam disfarçadamente o rosto nos aventais, ficavam à margem de um grupo de mulheres agrupadas em torno de uma das mesas. Da porta, Samitsu podia ver a parte de trás da cabeça de um Ogier erguendo-se acima deles onde ele estava sentado à mesa, mais alto do que a maioria dos homens estaria de pé, e largo também. É claro que os cairhienos eram baixos em geral, e isso ajudava. Ela colocou a mão no braço de Sashalle e, por uma maravilha, a mulher parou onde estavam sem protestar.

"... desapareceu sem deixar uma pista para onde ele estava indo?" o Ogier estava perguntando em um estrondo profundo como a terra se movendo. Suas orelhas compridas e tufadas, espetadas por entre os cabelos escuros que iam até a gola alta, balançavam para frente e para trás inquietos.

"Ah, pare de falar sobre ele, Mestre Ledar," a voz de uma mulher respondeu em um tremor que parecia bem praticado. "Mau, ele era. Rasgou metade do palácio com o Poder Único, ele fez. Ele poderia transformar seu sangue em gelo só de olhar para você, e matá-lo assim que olhasse. Milhares morreram por suas próprias mãos. Dezenas de milhares! Ah, eu nunca gosto de falar sobre ele."

"Para alguém que nunca gosta de falar sobre alguma coisa, Eldrid Methin," outra mulher disse bruscamente, "você certamente fala de pouco mais." Robusta e bastante alta para uma cairhiena, quase tão

alta quanto a própria Samitsu, com alguns fios de cabelo grisalho escapando de seu gorro branco de renda simples, ela deve ter sido a cozinheira-chefe de plantão, porque todos que Samitsu podia ver rapidamente concordaram com a cabeça e chilrearam com risos e disseram: "Ah, você está certa, senhora Beldair", de uma forma particularmente bajuladora. Os servos tinham suas próprias hierarquias, tão rigidamente mantidas quanto a própria Torre.

"Mas esse tipo de coisa realmente não é para nós ficarmos fofocando, mestre Ledar," a mulher robusta continuou. "Negócio das Aes Sedai, quero dizer, e não para gente como você e eu. Conte-nos mais sobre as Fronteiras. Você realmente viu Trollocs?"

"Aes Sedai," um homem murmurou. Escondido pela multidão ao redor da mesa, ele tinha que ser o companheiro de Ledar. Samitsu não viu nenhum homem adulto entre o pessoal da cozinha esta manhã. "Diga-me, você realmente acha que elas vincularam aqueles homens de quem você estava falando, aqueles Asha'man? Como Guardiões? E o que morreu? Você nunca disse como."

"Ora, foi o Dragão Renascido que o matou," Eldrid saltou. "E como o que mais Aes Sedai vinculariam um homem? Ah, terríveis, eles eram, aqueles Asha'man. Transformar você em pedra com um olhar, eles poderiam. Você pode reconhecer um só de olhar para ele, você sabe. Olhos brilhantes e assustadores, eles têm."

"Fique quieta, Eldrid," a Senhora Beldair disse com firmeza. "Talvez eles fossem Asha'man e talvez não, Mestre Underhill. Talvez eles estivessem vinculados e talvez não. Tudo que eu ou qualquer outra pessoa pode dizer é que eles estavam com ele," a ênfase em sua voz deixou claro de quem ela estava falando; Eldrid poderia considerar Rand al'Thor medroso, mas essa mulher não queria nem dar um nome a ele, "e logo depois que ele partiu, de repente as Aes Sedai estavam dizendo a eles o que fazer e eles estavam fazendo. Claro, qualquer tolo sabe fazer o que uma Aes Sedai diz. De qualquer forma, esses caras sumiram, agora. Por que está tão interessado neles, Mestre Underhill? Esse é um nome andoreano?"

Ledar jogou a cabeça para trás e riu, um som estrondoso que encheu a sala. Suas orelhas se contraíram violentamente. “Ah, queremos saber tudo sobre os lugares que visitamos, senhora Beldair. As Fronteiras, você diz? Você pode pensar que está frio aqui, mas vimos árvores se abrirem como nozes no fogo do frio nas Fronteiras. Você tem blocos de gelo no rio, flutuando rio acima, mas já vimos rios tão largos quanto o Alguenya congelados para que os mercadores possam conduzir trens carregados de carroças por eles, e homens pescando em buracos cortados no gelo com quase um palmo de espessura. À noite, há folhas de luz no céu que parecem estalar, brilhantes o suficiente para escurecer as estrelas, e...”

Até a Sra. Beldair estava se inclinando para o Ogier, alcançado, mas um dos jovens ajudantes de cozinha, muito baixo para ver além dos adultos, olhou para trás, e seus olhos se arregalaram quando pousaram em Samitsu e Sashalle. Seu olhar permaneceu fixo nelas como se estivesse preso, mas ele se atrapalhou com uma mão até poder puxar a manga da senhora Beldair. Na primeira vez, ela o sacudiu sem olhar ao redor. Em um segundo puxão, ela virou a cabeça com uma carranca que desapareceu em um piscar de olhos quando ela também viu a Aes Sedai.

“Que a graça favoreça vocês, Aes Sedai” disse ela, enfiando apressadamente os cabelos soltos sob o boné enquanto fazia uma reverência. “Como posso servi-las?” Ledar parou no meio da frase, e suas orelhas endureceram por um momento. Ele não olhou para a porta.

“Queremos falar com seus visitantes”, disse Sashalle, movendo-se para a cozinha. “Não vamos atrapalhar sua cozinha por muito tempo.”

“Claro, Aes Sedai.” Se a mulher gorda sentiu alguma surpresa por duas irmãs querendo falar com os visitantes da cozinha, ela não mostrou nada. Balançando a cabeça de um lado para o outro para contemplar todos, ela bateu palmas e começou a jorrar ordens. “Eldrid, esses nabos nunca vão se descascar sozinhos. Quem estava assistindo o molho de figo? Figos secos são difíceis de encontrar! Onde está sua colher de alinhavo, Kasi? Andil, corra,

pegue um pouco...” Cozinheiros e ajudantes de cozinha se espalharam em todas as direções, e um barulho de panelas e colheres rapidamente encheu a cozinha, embora todos estivessem claramente fazendo um esforço para ficar o mais quieto possível para não perturbar o ambiente. Aes Sedai. Eles estavam claramente fazendo um esforço para nem mesmo olhar em sua direção, embora isso envolvesse alguma contorção.

O Ogier levantou-se suavemente, a cabeça chegando perto das grossas vigas do teto. Sua roupa era o que Samitsu se lembrava de conhecer de Ogier antes, um longo casaco escuro que brilhava sobre botas viradas para baixo. Manchas em seu casaco diziam que ele estava viajando muito; Ogier eram um povo exigente. Ele apenas se virou para ela e Sashalle ao mesmo tempo em que fez uma reverência, e esfregou o nariz largo como se coçasse, escondendo parcialmente o rosto largo, mas parecia jovem, para um Ogier. “Perdoe-nos, Aes Sedai”, ele murmurou, “mas realmente devemos seguir em frente.” Curvando-se para pegar um enorme alforje de couro que tinha um grande cobertor enrolado amarrado na parte superior e mostrava as impressões de várias formas quadradas em volta de tudo o que estava dentro, ele içou a alça larga sobre um ombro. Os bolsos do casaco espaçosos também estavam cheios de formas angulares. “Temos um longo caminho a percorrer antes do anoitecer.” Seu companheiro permaneceu sentado, porém, com as mãos estendidas sobre a mesa, um jovem de cabelos claros com uma semana de barba que parecia ter dormido mais de uma noite em seu casaco marrom amarrotado. Ele observou as Aes Sedai com cautela, com olhos escuros que pertenciam a uma raposa encurralada.

“Aonde você vai que possa chegar ao anoitecer?” Sashalle não parou até estar na frente do jovem Ogier, perto o suficiente para precisar esticar o pescoço para olhar para ele, embora ela fizesse parecer gracioso em vez de estranho, como deveria ter sido. “Você está a caminho da reunião de que ouvimos falar, no Pouso Shangtai? Mestre... Ledar, não é?”



Suas orelhas altas se contraíram violentamente, depois pararam, e seus olhos do tamanho de uma xícara de chá se estreitaram quase tão cautelosamente quanto os do jovem, até as pontas pendentes de suas sobancelhas trilharem em suas bochechas. “Ledar, filho de Shandin filho de Koimal, Aes Sedai,” ele disse relutantemente. “Mas eu certamente não vou ao Grande Tronco. Ora, os Anciões não me deixariam chegar perto o suficiente para ouvir o que estava sendo dito.” Ele deu uma risada grave e profunda que soou forçada. “Não podemos chegar aonde vamos esta noite, Aes Sedai, mas cada légua atrás de nós é uma légua que não temos que andar amanhã. Precisamos seguir caminho”. O jovem com a barba por fazer levantou-se, passando a mão nervosamente pelo longo cabo da espada amarrada à cintura, mas não fez nenhum movimento para pegar o rolo de alforje e cobertor aos pés e seguiu-o enquanto o Ogier se dirigia para a porta que levava para a rua, mesmo quando o Ogier disse por cima do ombro: “Precisamos ir agora, Karlidin”.

Sashalle deslizou com fluidez no caminho do Ogier, embora tivesse que dar três passos para ele. “Você estava pedindo trabalho como pedreiro, mestre Ledar,” ela disse em um tom que não tolerava bobagens, “mas suas mãos não são tão calejadas quanto as de qualquer pedreiro que eu já vi. Seria melhor que você respondesse às minhas perguntas.”

Suprimindo um sorriso triunfante, Samitsu se aproximou da irmã Vermelha. Então Sashalle pensou que poderia simplesmente empurrá-la de lado e descobrir o que estava acontecendo, não é? A mulher teve uma surpresa. “Você realmente precisa ficar mais um pouco”, disse ela ao Ogier em voz baixa; o barulho na cozinha deveria impedir que alguém ouvisse, mas não havia necessidade de arriscar. “Quando cheguei ao Palácio do Sol, já tinha ouvido falar de um jovem Ogier, amigo de Rand al’Thor. Ele deixou Cairhien alguns meses atrás, em companhia de um jovem chamado Karlidin. Não é mesmo, Loial?” As orelhas do Ogier murcharam.

O jovem mordeu uma maldição grosseira que deveria saber que não deveria falar na frente das irmãs. “Eu saio quando quero sair,

Aes Sedai,” ele disse asperamente, mas em voz baixa. Na maior parte, ele dividia seu olhar entre ela e Sashalle, mas estava atento a qualquer um dos trabalhadores da cozinha que pudessem se aproximar. Ele também não queria ser ouvido. “Antes disso, eu quero algumas respostas. O que aconteceu com... meus amigos? E ele. Ele ficou louco?”

Loial suspirou pesadamente e fez um gesto pacificador com uma mão enorme. “Calma, Karldin”, ele murmurou. “Rand não gostaria que você criasse problemas com a Aes Sedai. Fique calmo.” A carranca de Karldin só se aprofundou.

Abruptamente ocorreu a Samitsu que ela poderia ter lidado melhor com isso. Aqueles não eram os olhos de uma raposa encurralada, mas de um lobo. Ela havia se acostumado demais com Damer, Jahar e Eben, unidos e domesticados com segurança. Isso podia ser um exagero, embora Merise estivesse fazendo um esforço com Jahar — esse era o jeito de Merise —, mas parecia que o horror de ontem poderia se tornar a complacência de hoje depois de uma exposição longa o suficiente. Karldin Manfor também era um Asha'man, e nem vinculado, nem manso. Ele estava abraçando a metade masculina do Poder? Ela quase riu. Os pássaros voavam?

Sashalle estava olhando para o jovem com uma carranca de estudo, com as mãos muito imóveis nas saias, mas Samitsu estava feliz por não ver a luz de *saidar* ao seu redor. Asha'man podia sentir quando uma mulher detinha o Poder, e isso poderia fazê-lo agir... precipitadamente. Certamente ela e Samitsu juntas poderiam lidar com ele — poderiam, se ele já detinha o Poder? Claro que podiam. É claro! — mas seria muito melhor se não precisassem.

Sashalle certamente não estava fazendo nenhum movimento para assumir o comando agora, então Samitsu colocou a mão levemente em seu braço esquerdo. Através da manga do casaco, parecia uma barra de ferro. Então ele estava tão inquieto quanto ela. Tão inquieto quanto ela? Luz, mas Damer e os outros dois estragaram todos os seus instintos!

“Ele parecia são como a maioria dos homens quando o vi pela última vez,” ela disse suavemente, com apenas uma leve ênfase.

Nenhum dos funcionários da cozinha estava por perto, mas alguns começaram a espiar a mesa. Loial exalou pesadamente de alívio, um som como o do vento passando pela boca de uma caverna, mas ela manteve sua atenção em Karldin. “Não sei onde ele está, mas ele estava vivo há alguns dias.” Além disso, Alanna estava de boca fechada como um mexilhão, e arrogante, também, com o bilhete de Cadsuane na mão. “Fedwin Morr morreu de veneno, eu temo, mas não tenho ideia de quem deu a ele.” Para sua surpresa, Karldin apenas balançou a cabeça, com uma careta de pesar, e murmurou algo incompreensível sobre vinho. “Quanto aos outros, eles se tornaram Guardiões por vontade própria.” Tanto quanto qualquer homem fez qualquer coisa com seu livre arbítrio. Seu Roshan certamente não queria ser um Guardião, até que ela decidiu que o queria como um. Mesmo uma mulher que não era Aes Sedai geralmente conseguia fazer um homem decidir do jeito que ela queria. “Eles acharam uma escolha melhor, mais segura, do que voltar para... os outros como vocês. Você vê, o dano aqui foi feito com *saidin*. Você entende quem deve estar por trás disso? Foi uma tentativa de matar aquele cuja sanidade você teme.”

Isso também não pareceu surpreendê-lo. Que tipo de homens eram esses Asha'man? A chamada Torre Negra era um poço de assassinato? A tensão desapareceu de seu braço, porém, e de repente ele era apenas um jovem cansado da estrada que precisava se barbear. "Luz!" ele respirou. “O que vamos fazer agora, Loial? Onde vamos?”

"Eu... não sei", respondeu Loial, seus ombros caídos de cansaço e suas longas orelhas caídas. “Eu... Temos que encontrá-lo, Karldin. De alguma forma. Não podemos desistir agora. Temos que falar com ele que fizemos o que ele pediu. Tanto quanto podíamos.”

*E o que foi que al'Thor pediu?*, Samitsu se perguntou. Com um pouco de sorte, ela poderia descobrir muito com esses dois. Um homem cansado, ou Ogier, sentindo-se perdido e sozinho, estava pronto para responder a perguntas.

Karldin deu um pequeno salto, a mão apertando o punho da espada, e ela reprimiu uma maldição quando uma serva do palácio

entrou correndo na sala com as saias dobradas quase até os joelhos. "Lorde Dobraine foi assassinado!" a serva gritou. "Todos seremos mortos em nossas camas! Meus próprios olhos viram os mortos andando, o próprio velho Maringil, e minha mãe diz que os espíritos vão matá-lo se houver um assassinato! Eles..." Sua boca congelou quando percebeu a presença de Aes Sedai, e ela parou derrapando ainda segurando as saias. O pessoal da cozinha também parecia congelado, todos observando as Aes Sedai pelo canto dos olhos para ver o que fariam.

"Não Dobraine," Loial gemeu, as orelhas encostadas na cabeça. "Ele não." Ele parecia tão zangado quanto entristecido, seu rosto impassível. Samitsu achava que nunca tinha visto um Ogier zangado.

"Qual é o seu nome?" Sashalle exigiu da criada antes que Samitsu pudesse abrir os lábios. "Como você sabe que ele foi assassinado? Como você sabe que ele está morto?"

A mulher engoliu em seco, seus olhos presos pelo olhar frio de Sashalle. "Cera, Aes Sedai" ela disse hesitante, dobrando os joelhos em uma reverência e só então percebendo que ela ainda estava com as saias levantadas. Alisá-las apressadamente só pareceu perturbá-la ainda mais. "Cera Doinal? Dizem... Todo mundo diz que Lorde Dobraine está... quero dizer, ele estava... quero dizer..." Ela engoliu em seco novamente, com força. "Todos dizem que seus quartos estão cobertos de sangue. Ele foi encontrado deitado em uma grande poça dele. Com a cabeça cortada, dizem."

"Eles dizem muitas coisas," Sashalle disse severamente, "e geralmente estão errados. Samitsu, você virá comigo. Se Lorde Dobraine foi ferido, você pode fazer algo por ele. Loial, Karldin, venham vocês também. Não quero vocês fora da minha vista antes que eu tenha a chance de fazer algumas perguntas."

"Que queime suas perguntas!" o jovem Asha'man rosnou, carregando seus pertences. "Estou indo embora!"

"Não, Karldin," Loial disse gentilmente, colocando uma mão enorme no ombro de seu companheiro. "Não podemos ir antes de sabermos sobre Dobraine. Ele é um amigo, amigo de Rand, e meu.

Nós não podemos. De qualquer forma, para onde estamos nos apressando?” Karldin desviou o olhar. Ele não tinha resposta.

Samitsu fechou os olhos com força e respirou fundo, mas não havia como evitar. Ela se viu seguindo Sashalle para fora da cozinha, mais uma vez se apressando para acompanhar o passo rápido e deslizante da outra mulher. Na verdade, ela se viu meio correndo; Sashalle estabeleceu um ritmo ainda mais rápido do que antes.

O balbucio de vozes se elevou atrás delas assim que saíram pela porta. O pessoal da cozinha provavelmente estava pressionando a criada para obter detalhes, detalhes que ela provavelmente inventaria onde seu conhecimento falhasse. Dez versões diferentes de eventos encontrariam a saída daquela cozinha, se não tantos quanto o pessoal da cozinha. Pior de tudo, dez versões diferentes de eventos na cozinha encontrariam uma saída, cada uma aumentando os rumores que Corgaide, sem dúvida, já estava começando. Ela mal conseguia se lembrar de um dia que tivesse ido tão mal para ela, tão de repente, como escorregar em um pedaço de gelo apenas para encontrar outro sob seus pés, depois outro. Cadsuane mandaria ela se esconder para fazer luvas depois disso!

Pelo menos Loial e Karldin também foram atrás de Sashalle. O que quer que ela descobrisse com eles ainda poderia ser aproveitado, uma maneira de salvar alguma coisa. Correndo ao lado de Sashalle, ela os estudou em breves olhares por cima do ombro. Dando passos curtos para não ultrapassar as Aes Sedai, o Ogier franziu a testa, preocupado. Com Dobraine, muito provavelmente, mas também talvez apenas completando sua misteriosa tarefa “da melhor forma que podia”. Esse era um mistério que ela pretendia resolver. O jovem Asha'man não teve dificuldade em acompanhá-lo, embora tivesse uma expressão de teimosa relutância e sua mão acariciasse o punho da espada. O perigo nele não estava no aço. Ele olhou desconfiado para as costas da Aes Sedai à frente, uma vez encontrando o olhar de Samitsu com um olhar sombrio. Ele teve o bom senso de manter a boca fechada, no entanto. Ela teria que

encontrar uma maneira de abri-la mais tarde para mais do que rosnar.

Sashalle nunca olhou para trás para ter certeza de que o par estava seguindo, mas então, ela tinha que ouvir o baque das botas do Ogier no piso. Seu rosto estava pensativo, e Samitsu teria dado muito para saber o que ela estava pensando. Sashalle pode ter se jurado a Rand al'Thor, mas que proteção isso dava a um Asha'man? Ela era Vermelha, afinal. Isso não mudou com seu rosto. Luz, este pode ser o pior pedaço de gelo de todos!

Foi uma longa e árdua escalada das cozinhas até os aposentos de Lorde Dobraine na Torre da Lua Cheia, que geralmente era reservada para visitas da nobreza de alto escalão, e ao longo do caminho, Samitsu viu a evidência de que Cera estivera longe do primeiro a ouvir o que o sempre anônimo *e/es* tinha a dizer. Em vez de fluxos intermináveis de servos fluindo pelos corredores, pequenos nós excitados sussurravam ansiosamente. Ao ver as Aes Sedai, eles se separaram e fugiram. Um punhado ficou boquiaberto ao ver um Ogier caminhando pelo palácio, mas, na maioria das vezes, todos fugiram. Os nobres que estiveram por ali antes desapareceram, sem dúvida voltaram para seus próprios quartos para refletir sobre quais oportunidades e riscos a morte de Dobraine lhes oferecia. O que quer que Sashalle pensasse, Samitsu não duvidava mais. Se Dobraine estivesse vivo, seus próprios servos já teriam liquidado o boato.

Servindo de mais confirmação, o corredor do lado de fora dos aposentos de Dobraine estava lotado de servos de rosto pálido, as mangas enroladas até os cotovelos no azul e branco da Casa Taborwin. Alguns choravam e outros pareciam perdidos, sua pedra fundamental arrancada de debaixo deles. A uma palavra de Sashalle, eles se afastaram para as Aes Sedai, movendo-se bêbados ou mecanicamente. Olhos atordoados varreram o Ogier sem realmente registrar o que viram. Poucos se lembraram de fazer cortesias, mesmo sem entusiasmo.

Lá dentro, a antessala estava quase tão cheia de servos de Dobraine, a maioria olhando como se estivesse com uma

machadinha. O próprio Dobraine jazia imóvel em uma liteira no meio da grande sala, a cabeça ainda presa ao corpo, mas os olhos fechados e uma camada de sangue secando, de um longo corte no couro cabeludo, em suas feições imóveis. Um fio escuro vazou de sua boca frouxa. Dois servos com lágrimas escorrendo pelo rosto pararam no ato de colocar um pano branco sobre o rosto com a entrada das Aes Sedai. Dobraine não parecia estar respirando, e havia cortes manchados de sangue no peito de seu casaco, com suas finas listras coloridas que desciam até os joelhos. Ao lado da liteira, uma mancha escura maior que o corpo de um homem marcava o labirinto tairino verde e amarelo do tapete de franjas. Qualquer um que perdesse tanto sangue tinha que estar morto. Dois outros homens estavam esparramados no chão, um com olhos vidrados de morte olhando para o teto, o outro de lado, um cabo de faca de marfim saindo de suas costelas, onde a lâmina certamente atingiu seu coração. Cairhienos baixinhos e de pele pálida, ambos usavam a libré dos servos do palácio, mas um servo nunca carregava a longa adaga de cabo de madeira que estava ao lado de cada cadáver. Um homem da Casa Taborwin, com o pé puxado para trás para chutar um dos cadáveres, hesitou em ver as duas irmãs, mas de qualquer maneira fincou a bota com força nas costelas do morto. Claramente, o decoro adequado estava longe da mente de qualquer um no momento.

"Tire esse pano do caminho", Sashalle disse aos homens ao lado da liteira. "Samitsu, veja se você ainda pode ajudar Lorde Dobraine."

O que quer que ela acreditasse, o instinto moveu Samitsu em direção a Dobraine, mas aquela ordem — era claramente uma ordem! — gaguejou em seu passo. Apertando os dentes, ela continuou se movendo e ajoelhou-se cuidadosamente ao lado da liteira, do lado distante da mancha ainda úmida, para colocar as mãos na cabeça ensanguentada de Dobraine. Ela nunca se importou em colocar sangue em suas mãos, mas manchas de sangue eram impossíveis de tirar da seda a menos que você canalizasse, e ela ainda sentia uma pontada de culpa pelo desperdício quando ela usava o Poder para algo tão mundano.

As tramas necessárias eram uma segunda natureza para ela, tanto que ela abraçou a Fonte e mergulhou no lorde cairhieno sem pensar. E piscou surpresa. O instinto a fez seguir em frente, embora ela tivesse certeza de que havia três cadáveres na sala, mas a vida ainda tremeluzia em Dobraine. Uma pequena chama gotejante que o choque da Cura poderia muito bem extinguir. O choque da Cura que ela conhecia.

Seus olhos procuraram o Asha'man de cabelos claros. Ele estava agachado ao lado de um dos servos mortos, calmamente examinando o homem, alheio aos olhares chocados dos servos vivos. Uma das mulheres de repente notou Loial, parado do lado de fora da porta, e arregalou os olhos como se tivesse saltado do nada. Com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão sombria no rosto largo, o Ogier parecia estar montando guarda.

“Karlidin, você conhece o tipo de cura que Damer Flinn usa?” perguntou Samitsu. “O tipo que usa todos os Cinco Poderes?”

Ele parou por um momento, franzindo a testa para ela. “Flinn? Eu nem sei do que você está falando. Eu não tenho muito talento para Curar, de qualquer maneira.” Olhando para Dobraine, ele acrescentou: “Ele parece morto para mim, mas espero que você possa salvá-lo. Ele estava nos Poços.” E ele se inclinou para vasculhar o casaco do servo morto.

Samitsu lambeu os lábios. A emoção de estar cheia de *saidar* sempre parecia diminuída para ela, em situações como essa. Situações em que todas as suas escolhas possíveis eram ruins. Cuidadosamente, ela reuniu fluxos de Ar, Espírito e Água, tecendo-os exatamente assim, a trama básica da Cura que toda irmã conhecia. Ninguém na memória viva tinha o talento para curar tão fortemente quanto ela, e a maioria das irmãs eram limitadas no que podiam curar, algumas pouco mais do que contusões. Por si mesma, ela poderia Curar quase tão bem quanto um círculo vinculado. A maioria das irmãs não conseguia regular a trama em nenhum grau; a maioria nem tentava aprender. Ela tinha conseguido desde o início. Ah, ela não podia Curar uma coisa em particular e deixar todo o resto como estava, do jeito que Damer podia; o que



ela fazia afetaria tudo, desde as facadas até o nariz entupido de que Dobraine também estava sofrendo. A Exploração tinha contado a ela tudo o que o afligia. Mas ela podia lavar os piores ferimentos como se eles nunca tivessem existido, ou Curar para que quem ela curasse parecesse ter passado dias se recuperando sozinha, ou qualquer coisa entre as duas. Cada uma delas não tomava menos de sua força, mas elas exigiam menos do paciente. Quanto menor a quantidade de mudança no corpo, menor a quantidade de força do corpo drenada. Só que, exceto pelo corte em seu couro cabeludo, os ferimentos de Dobraine eram todos sérios, quatro perfurações profundas em seus pulmões, duas delas cortando o coração também. A Cura mais forte o mataria antes que suas feridas terminassem de fechar, enquanto a mais fraca o reviveria por tempo suficiente para se afogar em seu próprio sangue. Ela tinha que escolher algum lugar no meio e esperar que estivesse certa.

*Eu sou a melhor que já existiu*, ela pensou com firmeza. Cadsuane tinha dito isso a ela. *Eu sou a melhor!* Alterando ligeiramente a trama, ela a deixou afundar no homem imóvel.

Alguns dos servos gritaram alarmados quando o corpo de Dobraine convulsionou. Ele meio que se sentou, os olhos profundos se arregalando, tempo suficiente para o que parecia muito com um longo estertor de morte sair correndo de sua boca. Então seus olhos rolaram para trás em sua cabeça, e ele escorregou de suas mãos, caindo de volta na liteira. Apressadamente, ela reajustou a trama e mergulhou novamente, prendendo a respiração. Ele vivia. Por um fio de cabelo, e tão fraco que ainda poderia morrer, mas não seriam essas punhaladas que o matariam, exceto que indiretamente. Mesmo através do sangue seco que cobria seu cabelo, raspado em sua testa, ela podia ver a linha rosa enrugada de uma cicatriz fresca e macia em seu couro cabeludo. Ele teria o mesmo sob o casaco, e poderia se incomodar com a falta de ar quando se esforçasse, se conseguisse sobreviver, mas no momento ele estava vivo, e isso era tudo o que importava. No momento. Ainda havia a questão de quem o queria morto e por quê.

Liberando o poder, ela ficou instável. *Saidar* drenando dela sempre a fazia se sentir cansada. Um dos servos, boquiaberto,

entregou-lhe hesitante o pano que ia colocar no rosto de seu senhor, e ela o usou para enxugar as mãos. "Leve-o para a cama", disse ela. "Dê o máximo de água doce com mel a ele que puder. Ele precisa ganhar força rapidamente. E encontre uma mulher sábia... uma Leitora? Sim, uma Leitora. Ele vai precisar dela também." Ele estava fora de suas mãos agora, e as ervas poderiam ajudar. Pelo menos, elas provavelmente não fariam mal, vindos de uma Leitora, e na pior das hipóteses a mulher se certificaria de que eles lhe dessem água com mel suficiente e não demais.

Com muitas reverências e muitos murmúrios de agradecimento, quatro dos criados pegaram a liteira e carregaram Dobraine para dentro dos aposentos. A maioria dos outros servos seguiu apressadamente, com expressões de alívio, e o resto correu para o corredor. Um instante depois, gritos e aplausos de alegria irromperam, e ela ouviu seu nome quase com a mesma frequência que o de Dobraine. Muito gratificante. Teria sido mais satisfatório se Sashalle não tivesse sorrido e dado a ela um aceno de aprovação. Aprovação! E por que não um tapinha na cabeça, enquanto ela estava fazendo isso?

Karldin não se importou com a Cura, até onde Samitsu percebeu. Terminando a busca do segundo cadáver, levantou-se e atravessou a sala até Loial, tentando mostrar algo ao Ogier, protegido por seu corpo, sem deixar que a Aes Sedai percebesse. Loial arrancou-a — uma folha de papel creme, amassada por estar dobrada — da mão do Asha'man e a ergueu na frente de seu rosto aberto em seus dedos grossos, ignorando a carranca de Karldin.

"Mas isso não faz sentido," o Ogier murmurou, franzindo a testa enquanto lia. "Nenhum sentido. A menos que..." Ele interrompeu abruptamente, orelhas compridas tremeluzindo, e trocou um olhar tenso com o sujeito de cabelos claros, que fez um breve aceno com a cabeça. "Ah, isso é muito ruim", disse Loial. "Se houvesse mais de dois, Karldin, se eles encontrassem..." Ele engasgou suas palavras novamente em um movimento frenético de cabeça do jovem.

"Vou ver isso, por favor", disse Sashalle, estendendo a mão, e com por favor ou não, não era um pedido.

Karldin tentou arrancar o papel da mão de Loial, mas o Ogier o entregou calmamente a Sashalle, que o inspecionou sem nenhuma

mudança de expressão, depois o entregou a Samitsu. Era papel grosso, liso e caro, e com aparência de novo. Samitsu teve que controlar o desejo de suas sobrancelhas subirem enquanto lia.

*Ao meu comando, os portadores disso devem remover certos itens, que eles conhecerão, de meus aposentos e levá-los para fora do Palácio do Sol. Faça-os privados dos meus aposentos, dê-lhes a ajuda que precisarem e cale-se sobre este assunto, em nome do Dragão Renascido e sob pena de seu desagrado.*

*Dobraine Taborwin*

Ela tinha visto a escrita de Dobraine com frequência suficiente para reconhecer a letra arredondada como sendo dele. "Obviamente, alguém emprega um falsificador muito bom", disse ela, ganhando um olhar rápido e desdenhoso de Sashalle.

"Parecia improvável que ele mesmo tivesse escrito e sido esfaqueado por seus próprios homens por engano", disse a Vermelha em tom cortante. Seu olhar se voltou para Loial e o Asha'man. "O que é que eles podem ter encontrado?" ela exigiu. "O que você tem medo que eles tenham encontrado?" Karldin a encarou com brandura.

"Só quis dizer o que eles estavam procurando", respondeu Loial. "Eles tinham que estar aqui para roubar alguma coisa." Mas suas orelhas tufadas se contraíram com tanta força que quase vibraram antes que ele pudesse dominá-las. A maioria dos Ogier mentiria muito mal, pelo menos quando jovem.

Os cachos de Sashalle balançaram quando ela balançou a cabeça deliberadamente. "O que você sabe é importante. Vocês dois não vão embora até que eu saiba também."

"E como você vai nos impedir?" A própria quietude das palavras de Karldin as tornava mais perigosas. Ele encontrou o olhar de Sashalle de forma nivelada, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Ah, sim; muito como um lobo, não uma raposa.

“Pensei que nunca te encontraria”, anunciou Rosara Medrano, marchando para aquele momento de silêncio perigoso ainda usando suas luvas vermelhas e capa forrada de pele, com o capuz jogado para trás para revelar os pentes de marfim esculpidos em seu cabelo preto. Havia manchas úmidas nos ombros da capa devido à neve derretida. Uma mulher alta, morena como um Aiel escuro de sol, ela havia saído na primeira luz para tentar encontrar temperos para algum tipo de ensopado de peixe de sua Tear natal. Ela poupou apenas um breve olhar para Loial e Karldin, e não perdeu um momento perguntando sobre Dobraine. “Um grupo de irmãs entrou na cidade, Samitsu. Eu cavalguei como uma louca para chegar aqui na frente delas, mas eles poderiam estar entrando neste momento. Há Asha’man com elas, e um dos Asha’man é Logain!”

Karldin soltou uma risada áspera e, de repente, Samitsu se perguntou se viveria o suficiente para que Cadsuane se escondesse.



## CAPÍTULO

### 1

---



### Tempo de Ir

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu nas Colinas Rhannon. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era um início.

Nascido entre os bosques e vinhas que cobriam grande parte das colinas escarpadas, as oliveiras em fileiras sempre verdes, as vinhas ordenadas sem folhas até a primavera, o vento frio soprava para oeste e norte através das fazendas prósperas que pontilham a terra entre as colinas e o grande porto de Ebou Dar. A terra ainda estava em pousio durante o inverno, mas homens e mulheres já estavam lubrificando arados e cuidando dos arreios, preparando-se para o plantio. Eles prestaram pouca atenção aos carroções de vagões pesadamente carregados que se deslocavam para o leste ao longo das estradas de terra, transportando pessoas que usavam roupas estranhas e falavam com sotaques estranhos. Muitos dos estranhos pareciam ser os próprios fazendeiros, implementos familiares amarrados às caixas de suas carroças e, em suas carroças, mudas desconhecidas com raízes enroladas em pano áspero, mas eles estavam indo em direção a terras mais distantes. Nada a ver com a vida aqui e agora. A mão dos Seanchan se

colocou levemente sobre aqueles que não contestaram o governo dos Seanchan, e os fazendeiros das Colinas Rhannon não viram mudanças em suas vidas. Para eles, a chuva ou a falta dela sempre foi o verdadeiro governante.

O vento soprava para o oeste e para o norte, atravessando a vasta extensão azul-esverdeada do porto, onde centenas de navios enormes balançavam ancorados em ondas agitadas, alguns de proa escarpada e guarnecidos com velas nervuradas, outros longos e de proa afiada, com homens trabalhando para combinar suas velas e cordames com as dos navios mais largos. Não havia tantos navios flutuando por ali ainda, como houvera apenas alguns dias antes, no entanto. Muitos agora jaziam nas águas rasas, destroços carbonizados caídos de lado, e estruturas queimadas se acomodando na lama cinzenta profunda como esqueletos enegrecidos. Embarcações menores deslizavam pelo porto, inclinando-se sob velas triangulares ou rastejando em remos como insetos aquáticos de muitas pernas, a maioria carregando trabalhadores e suprimentos para os navios que ainda flutuavam. Outras pequenas embarcações e barcas cavalgavam amarradas ao que pareciam ser troncos de árvores sem galhos, erguendo-se da água azul-esverdeada, e aqueles homens mergulhavam segurando pedras para levá-las rapidamente para os navios afundados abaixo, onde amarravam cordas a qualquer coisa que pudesse ser rebocado para salvamento. Seis noites atrás, a morte atravessou a água aqui, o Poder Único matando homens e mulheres e navios na escuridão divididos por raios prateados e bolas de fogo arremessadas. Agora o áspero porto ondulante, cheio de atividade furiosa, parecia em paz em comparação, as ondas espalhando-se ao vento que soprava para o norte e oeste através da foz do rio Eldar, onde se alargava no porto, a norte, oeste e no interior.

Sentado de pernas cruzadas em cima de uma pedra coberta de musgo marrom, na margem de juncos do rio, Mat encolheu os ombros contra o vento e praguejou em silêncio. Não havia ouro para ser encontrado aqui, nenhuma mulher ou dança, nenhuma diversão. Muito desconforto, no entanto. Em suma, era o último tipo de lugar

que ele escolheria, normalmente. O sol mal estava na sua própria altura acima do horizonte, o céu acima era cinza ardósia pálido, e nuvens roxas grossas que se aproximavam do mar ameaçavam chover. O inverno dificilmente parecia inverno sem neve — ele ainda não tinha visto um único floco em Ebou Dar —, mas um vento frio e úmido da manhã na água poderia servir tão bem quanto a neve para gelar um homem até os ossos. Seis noites desde que ele havia cavalgado para fora da cidade em uma tempestade, mas seu quadril latejante parecia pensar que ele ainda estava encharcado e agarrado a uma sela. Não era tempo ou hora do dia para um homem sair por sua própria escolha. Ele desejou ter pensado em trazer uma capa. Desejou ter ficado na cama.

Ondulações na terra escondiam Ebou Dar, a pouco mais de um quilômetro e meio ao sul, e o escondiam da cidade também, mas não havia uma árvore ou nada além de arbustos à vista. Estar ao ar livre dessa maneira o fazia sentir como se formigas estivessem rastejando sob sua pele. Ele devia estar seguro, no entanto. Seu casaco de lã marrom simples e boné não eram nada parecidos com as roupas pelas quais ele era conhecido na cidade. Em vez de seda preta, um lenço de lã monótono escondia a cicatriz em volta do pescoço, e a gola do casaco estava virada para cima para esconder isso também. Nem um pouco de renda ou um fio de bordado. Suficientemente sem graça para passar por um fazendeiro ordenhando vacas. Ninguém que ele precisava evitar o conhecia a ponto de reconhecê-lo se o vissem. Não, a menos que estivessem perto. Mesmo assim, ele puxou a capa um pouco mais para baixo.

"Você pretende ficar aqui por muito mais tempo, Mat?" O casaco azul-escuro esfarrapado de Noal já tinha visto dias melhores, mas ele também. Encurvado e de cabelos brancos, o velho de nariz quebrado estava agachado sob a pedra, pescando na margem do rio com uma vara de bambu. A maioria de seus dentes estava faltando, e às vezes ele sentia uma lacuna com a língua como se estivesse surpreso ao encontrar o espaço vazio. "Está frio, caso você não tenha notado. Todo mundo sempre pensa que é quente em Ebou Dar, mas o inverno é frio em todos os lugares, mesmo em



lugares que fazem Ebou Dar parecer Shienar. Meus ossos anseiam por um fogo. Ou um cobertor, de qualquer maneira. Um homem pode ficar aconchegado com um cobertor, se estiver protegido do vento. Você vai fazer qualquer coisa além de olhar rio abaixo?”

Quando Mat apenas olhou para ele, Noal deu de ombros e voltou a espiar a boia de madeira asfaltada flutuando entre os juncos esparsos. De vez em quando, ele mexia uma mão nodosa como se seus dedos tortos sentissem o frio particularmente, mas se sentiam, era sua própria culpa. O velho tolo tinha ido nadando no baixio para pegar peixinhos como isca com uma cesta que agora estava meio submersa e ancorada por uma pedra lisa na beira da água. Apesar de suas queixas sobre o tempo, Noal foi até o rio sem insistência ou convite. Pelas coisas que ele havia dito, todo mundo com quem ele se importava estava morto há muitos anos, e a verdade era que ele parecia quase desesperado por qualquer tipo de companhia. Desesperado, de fato, para escolher a companhia de Mat quando poderia estar a cinco dias de Ebou Dar agora. Um homem poderia cobrir muito terreno em cinco dias se tivesse motivos e um bom cavalo. Mat já havia pensado nesse assunto com bastante frequência.

Do outro lado do Eldar, meio escondido por uma das ilhas pantanosas que pontilhavam o rio, um barco a remo de vigas largas sustentava remos, e um dos tripulantes se levantou e pescou nos juncos com um longo anzol. Outro remador o ajudou a colocar no barco o que ele havia pegado. A esta distância, parecia um grande saco. Mat estremeceu e desviou os olhos rio abaixo. Eles ainda estavam encontrando corpos, e ele era o responsável. Os inocentes morreram junto com os culpados. E se você não faz nada, apenas os inocentes morrem. Ou acontece algo tão ruim quanto a morte. Talvez pior do que a morte, dependendo de como você olha para isso.

Ele fez uma careta irritado. Sangue e cinzas, ele estava se transformando em um maldito filósofo! Assumir a responsabilidade esvaziava toda a alegria da vida e secava um homem a pó. O que ele queria naquele momento era uma grande quantidade de vinho

quente em uma sala comunal aconchegante cheia de música, e uma criada gorda e bonita em seu colo, em algum lugar longe de Ebou Dar. Muito longe. O que ele tinha eram obrigações das quais não podia se afastar e um futuro que não lhe agradava. Parecia não haver nenhuma ajuda em ser *ta'veren*, não se fosse assim que o Padrão se moldava a você. Ele ainda tinha sua sorte, de qualquer maneira. Pelo menos, estava vivo e não acorrentado em uma cela. Dadas as circunstâncias, isso contava como sorte.

De seu poleiro, ele tinha uma visão bastante clara além das últimas ilhas pantanosas do rio. A espuma do vento subia pelo porto como bancos de névoa fina, mas não o suficiente para esconder o que ele precisava ver. Ele estava tentando fazer contas de cabeça, contando navios à tona, tentando contar destroços. Continuava perdendo a conta, porém, pensando que havia contado as embarcações duas vezes e recomeçando. O Povo do Mar que havia sido recapturado também se intrometia em seus pensamentos. Ele tinha ouvido falar que forcas no Rahad, do outro lado do porto, exibiam mais de cem cadáveres, com cartazes listando “assassinato” e “rebelião” como seus crimes. Normalmente, os Seanchan usavam o machado do carrasco e a estaca empaladora, enquanto o Sangue tinha a corda de estrangulamento, mas a *propriedade* tinha que se contentar em ser enforcada.

*Que me queime, fiz o que pude*, pensou ele azedo. Não adiantava se sentir culpado por isso ser tudo o que ele podia fazer. Não havia nenhum uso nisso. Nenhum! Ele tinha que se concentrar nas pessoas que escaparam.

Os Atha'an Miere que escaparam haviam levado navios do porto para a fuga e, embora pudessem ter pego alguma embarcação menor, qualquer coisa que pudessem embarcar e esconder à noite, pretendiam levar tantos de seu povo quanto possível. Com milhares deles trabalhando como prisioneiros no Rahad, isso significaria grandes navios, por opção, e isso significava grandes navios Seanchan. Muitas das próprias embarcações do Povo do Mar eram grandes o suficiente, com certeza, mas todas tinham sido despojadas de suas velas e cordames naquele momento, para

serem equipadas à moda de Seanchan. Se ele pudesse calcular quantos grandes navios restavam, ele poderia ter alguma noção de quantos Atha'an Miere realmente alcançaram a liberdade. Libertar as Chamadoras de Vento do Povo do Mar tinha sido a coisa certa a fazer, a única coisa que ele podia fazer, mas além dos enforcamentos, centenas e centenas de corpos foram pescados para fora do porto nos últimos cinco dias, e só a Luz sabia quantos tinham ido para o mar com as marés. Os coveiros trabalhavam de sol a sol, e os cemitérios estavam cheios de mulheres e crianças chorando. Homens também. Mais do que alguns dos mortos eram Atha'an Miere, sem ninguém para chorar enquanto eram jogados em valas comuns, e ele queria ter uma ideia do número que havia guardado para equilibrar suas suspeitas sombrias sobre o número que havia matado.

Estimar quantos navios chegaram ao Mar das Tempestades era difícil, além de perder a conta. Ao contrário das Aes Sedai, as Chamadoras de Vento não tinham restrições ao uso do Poder como arma, não quando a segurança de seu povo estava em jogo, e elas teriam desejado interromper a perseguição antes que começasse. Ninguém perseguia em um navio em chamas. Os Seanchan, com suas *damane*, tinham ainda menos escrúpulos em revidar. *Raios de luz atravessando a chuva, tão numerosos quanto folhas de grama, e bolas de fogo riscando o céu, algumas do tamanho de cavalos, e o porto parecia em chamas de um lado ao outro, até que mesmo em uma tempestade a noite fazia qualquer show de Iluminador parecer sem graça.* Sem virar a cabeça, ele podia contar uma dúzia de lugares onde as costelas carbonizadas de um grande navio saíam de águas rasas ou um enorme casco inclinado de lado com as ondas do porto lambendo o convés inclinado, e duas vezes mais onde linhas de madeira enegrecida eram mais finas, os restos de *rakers* do Povo do Mar. Aparentemente, eles não gostavam de deixar suas próprias embarcações para as pessoas que os acorrentaram. Três dúzias bem na frente dele, e isso sem adicionar os destroços afundados que tinham barcos de salvamento trabalhando sobre eles. Talvez um marinheiro pudesse distinguir um

grande navio de um *raker* pelos topos dos mastros saindo da água, mas a tarefa estava além dele.

De repente, uma velha lembrança o puxou, de carregar navios para um ataque do mar, e quantos homens poderiam ser amontoados em quanto espaço por quanto tempo. Não era sua memória, na verdade, de uma antiga guerra entre Fergansea e Moreina, mas parecia sua. Perceber que ele não tinha realmente vivido um daqueles pedaços antigos da vida de outros homens que estavam presos em sua cabeça sempre o pegava um pouco de surpresa agora, então talvez eles fossem dele, de certa forma. Eles eram certamente mais afiados do que alguns trechos de sua própria vida. Os navios que ele lembrou eram menores do que a maioria no porto, mas os princípios eram os mesmos.

"Eles não têm navios suficientes", ele murmurou. Os Seanchan tinham ainda mais em Tanchico do que tinha vindo aqui, mas as perdas aqui foram suficientes para fazer a diferença.

"Navios suficientes para quê?" disse Noal. "Nunca vi tantos em um só lugar antes." Essa foi uma declaração e tanto, vindo dele. Para ouvir Noal contar, ele tinha visto tudo, e quase sempre maior ou mais grandioso do que o que estava na frente de seu nariz. Em Dois Rios casa, teriam dito que ele mantinha os cordões da bolsa apertados na verdade.

Mat balançou a cabeça. "Eles não têm navios suficientes para levá-los todos de volta para casa."

"Nós não temos que ir para casa", uma mulher falou lentamente atrás dele. "Nós já voltamos para casa."

Ele não pulou com o sotaque arrastado de Seanchan, mas quase fez isso antes que reconhecesse quem estava falando.

Egeanin estava carrancuda, seus olhos como adagas azuis, mas não para ele. Pelo menos, ele achava que não. Ela era alta e magra, com um rosto duro de pele pálida, apesar de uma vida no mar. Seu vestido verde era brilhante o suficiente para um Latoeiro, ou perto disso, e bordado com uma massa de minúsculas flores amarelas e brancas na gola alta e nas mangas. Um lenço florido amarrado firmemente sob seu queixo segurava uma longa peruca preta em

sua cabeça, caindo até a metade de suas costas e sobre seus ombros. Ela odiava o cachecol e o vestido, que não cabiam bem, mas suas mãos checavam a cada dois minutos para ter certeza de que a peruca estava reta. Isso a preocupava mais do que suas roupas, embora preocupação não fosse uma palavra suficientemente forte.

Ela apenas suspirou ao cortar as unhas compridas, mas quase teve um ataque, o rosto vermelho e os olhos esbugalhados, quando ele disse que ela deveria raspar a cabeça completamente. A forma como seu cabelo havia sido cortado antes, raspado acima das orelhas com apenas um gorro em forma de tigela e uma cauda larga na altura dos ombros nas costas, gritava que ela era do Sangue Seanchan, uma nobre menor. Mesmo alguém que nunca tinha visto uma Seanchan teria se lembrado de tê-la visto. Ela concordou, relutantemente, mas depois ficou quase histérica até conseguir cobrir o couro cabeludo. Não pelas razões que a maioria das mulheres teria ido à lua, no entanto. Não, entre os Seanchan, apenas a família imperial raspava a cabeça. Homens que ficavam carecas começavam a usar perucas assim que seus cabelos começavam a cair em qualquer grau perceptível. Egeanin teria morrido antes de deixar alguém pensar que ela estava fingindo pertencer à família imperial, mesmo pessoas que nunca teriam pensado nisso em suas vidas. Bem, esse tipo de pretensão trazia pena de morte entre os Seanchan, mas ele nunca teria acreditado que ela continuaria assim. O que era mais uma pena de morte quando seu pescoço já estava sendo esticado para o machado? O cordão de estrangulamento, no caso dela. O laço seria para ele.

Deslizando a faca meio desembainhada de volta na manga esquerda, ele deslizou para baixo da pedra. Aterrissou mal e quase caiu, mal escondendo um estremecimento no choque perfurante em seu quadril. Ele escondeu, no entanto. Ela era uma nobre e capitã de navio, e fez tentativas suficientes para assumir o comando sem que ele mostrasse mais fraqueza para lhe dar uma abertura do que ele precisava. Ela tinha vindo a ele para pedir ajuda, não o contrário, mas isso não fazia as coisas serem fáceis com ela. Apoiando-se na

pedra com os braços cruzados, ele fingiu que estava descansando, chutando à toa tufo de grama morta para aliviar a dor. Isso foi afiado o suficiente para colocar suor em sua testa, apesar do vento frio. Fugir naquela tempestade lhe custou caro com o quadril, e ele ainda não havia se recuperado.

"Você tem certeza sobre o Povo do Mar?" Ele perguntou a ela. Não adianta mencionar a falta de navios novamente. Muitos colonos Seanchan se espalharam de Ebou Dar de qualquer maneira, e aparentemente ainda mais de Tanchico. Não importa quantos navios eles tivessem, nenhum poder na terra poderia erradicar todos os Seanchan, agora.

Alcançando a peruca novamente, ela hesitou, franzindo a testa para suas unhas curtas, e em vez disso colocou as mãos sob os braços. "E elas?" Ela sabia que ele estava por trás da liberdade das Chamadoras de Vento, mas nenhum deles havia mencionado isso especificamente. Ela sempre tentava evitar falar sobre os Atha'an Miere. Além de todos os navios afundados e mortos, libertar *damane* era outra acusação de pena de morte e, além disso, repugnante, na visão dos Seanchan, tão ruim quanto estuprar ou molestar crianças. É claro que ela mesma ajudara a libertar algumas *damane*, embora, para sua aparência, esse fosse um dos menores de seus crimes. Ainda assim, ela evitava esse tópico também. Havia alguns assuntos que ela mantinha em silêncio.

"Tem certeza sobre as Chamadoras de Vento que foram pegadas? Ouvi falar sobre cortar mãos ou pés." Mat engoliu um gosto amargo. Ele tinha visto homens morrerem, tinha matado homens com suas próprias mãos. Que a Luz lhe mandasse misericórdia, ele tinha matado uma mulher uma vez! Nem mesmo as memórias mais sombrias desses outros homens queimavam tão quente assim, e algumas delas eram escuras o suficiente para precisar se afogar em vinho quando flutuaram para a superfície. Mas a ideia de cortar deliberadamente as mãos de alguém fez seu estômago gelar.

A cabeça de Egeanin sacudiu, e por um momento ele pensou que ela iria ignorar sua pergunta. "Fala de Renna, aposto", disse ela, com um gesto de desdém. "Alguma *sul'dam* fala sobre essa

bobagem para assustar as *damane* recalcitrantes quando elas estão com a coleira nova, mas ninguém fez isso em seiscentos ou setecentos anos. Não muitos, de qualquer maneira, e as pessoas que não podem controlar suas propriedades sem... mutilação... são *sei'mosiev* para começar. Sua boca se torceu em ódio, embora não fosse claro se pela mutilação ou por *sei'mosiev*.

"Vergonha ou não, eles fazem isso", ele retrucou. *Sei'mosiev* era além de ser envergonhado para um Seanchan, mas ele duvidava que alguém que deliberadamente cortasse a mão de uma mulher pudesse ser humilhado o suficiente para se matar. "É Suroth um daqueles 'não muitos'?"

A mulher Seanchan encarou para combinar com ele e plantou os punhos nos quadris, inclinando-se para a frente com os pés montados como se estivesse no convés de um navio e prestes a repreender um marinheiro desajeitado. "A Alta Dama Suroth não é dona dessas *damane*, seu agricultor estúpido! Eles são propriedade da Imperatriz, que ela viva para sempre. Suroth poderia muito bem cortar seus próprios pulsos imediatamente ou pedir algo assim para as *damane* imperiais. Isso mesmo se ela quisesse; nunca ouvi falar dela maltratando a si mesma. Vou tentar colocar isso em termos que você possa entender. Se seu cachorro foge, você não o mutila. Você bate no cachorro para que ele saiba que não deve fazer isso de novo e o coloca de volta no canil. Além disso, as *damane* são muito..."

"Muito valiosas," Mat terminou para ela secamente. Ele tinha ouvido isso até se cansar.

Ela desconsiderou o sarcasmo dele, ou talvez não tenha notado. Em sua experiência, se uma mulher não quisesse ouvir algo, ela poderia ignorá-lo até que você mesmo começasse a duvidar de ter falado. "Você finalmente está começando a entender," ela falou lentamente, assentindo. "Aquelas *damane* com as quais você está tão preocupado provavelmente nem têm vergões a essa altura." Seu olhar foi para os navios no porto e, lentamente, assumiu uma expressão de perda, agravada pela dureza de seu rosto. Seus polegares correram pelas pontas dos dedos. "Você não acreditaria

no que minha *damane* me custou,” ela disse em voz baixa, “ela e contratar a *sul’dam* para ela. Vale cada trono que paguei, claro. O nome dela é Serrisa. Bem treinada, responsiva. Ela vai se empanturrar de nozes com mel, se você deixar, mas ela nunca fica enjoada ou de mau humor, como algumas ficam. Uma pena que eu tive que deixá-la em Cantorin. Acho que nunca mais a verei.” Ela suspirou com pesar.

"Tenho certeza de que ela sente sua falta tanto quanto você sente dela", disse Noal, exibindo um sorriso dentuço, e para todo o mundo, ele parecia sincero. Talvez ele fosse. Ele alegou que tinha visto coisa pior do que *damane* e *da'covale*, pelo que valia a pena.

As costas de Egeanin enrijeceram e ela franziu a testa como se não acreditasse em sua simpatia. Ou então ela tinha acabado de perceber como estava olhando para os navios no porto. Certamente, ela se afastou da água muito deliberadamente. "Dei ordens para que ninguém deixasse as carroças", disse ela com firmeza. Provavelmente, os tripulantes de seus navios pulavam com esse tom. Ela empurrou a cabeça para longe do rio como se esperasse que Mat e Noal saltassem para onde ela indicou também.

"Você ordenou, é?" Mat sorriu, mostrando os dentes. Ele conseguiu dar um sorriso insolente que levou a maioria dos tolos pomposos à apoplexia. Egeanin estava longe de ser uma tola, na maioria das vezes, mas ela era pomposa. Capitã de navio e nobre. Ele não sabia o que era pior. Que se danasse ambos! “Bem, eu estava prestes a ir naquela direção. A menos que você não tenha terminado de pescar, Noal. Podemos esperar aqui um pouco, se você não estiver.”

Mas o velho já estava esvaziando os peixinhos cinza-prateados restantes de sua cesta na água. Suas mãos foram quebradas gravemente, talvez mais de uma vez por sua aparência irregular, mas elas eram hábeis em enrolar sua linha ao redor da vara de bambu. No curto espaço de tempo em que estava pescando, ele pegou quase uma dúzia de peixes, o maior com menos de trinta centímetros de comprimento, amarrado pelas brânquias em uma cana enrolada, e os moveu para a cesta antes de pegá-la. Ele



alegou que, se conseguisse encontrar as pimentas certas, faria um ensopado de peixe — de Shara, de todos os lugares! Era melhor dizer da lua! — um ensopado que faria Mat esquecer tudo sobre seu quadril. Do jeito que Noal falou sobre as pimentas, Mat suspeitava que qualquer esquecimento seria porque ele estava concentrado em encontrar cerveja suficiente para esfriar a língua.

Egeanin, esperando impaciente, também não estava prestando atenção no sorriso de Mat, então ele passou um braço ao redor dela. Se eles estavam voltando, eles poderiam muito bem começar. Ela empurrou a mão dele para longe de seu ombro. A mulher fazia algumas tias donzelas que ele conhecia parecerem garotas de taverna.

“Nós deveríamos ser amantes, você e eu,” ele a lembrou.

“Não há ninguém aqui para ver”, ela rosnou.

“Quantas vezes eu tenho que te dizer, Leilwin?” Esse era o nome que ela estava usando. Ela alegava que era taraboneana. De qualquer forma, não parecia Seanchan. “Se nem dermos as mãos a menos que vejamos alguém assistindo, vamos parecer um par de amantes bem estranho para quem não vemos.”

Ela bufou em escárnio, mas o deixou colocar o braço de volta ao redor dela, e deslizou o dela ao redor dele. Mas lhe deu um olhar de advertência ao mesmo tempo.

Mat balançou a cabeça. Ela estava louca como uma lebre da primavera se achava que ele gostava disso. A maioria das mulheres tinha um pouco de enchimento sobre seus músculos, pelo menos as mulheres que ele gostava, mas abraçar Egeanin era como abraçar um poste de cerca. Quase tão dura, e definitivamente tão firme. Ele não conseguia decifrar o que Domon viu nela. Talvez ela não tivesse dado escolha ao illianense. Afinal, ela havia comprado o homem, o mesmo que comprar um cavalo. *Que me queime, nunca vou entender esses Seanchan*, pensou. Não que ele quisesse. A única questão era que ele tinha que entender.

Enquanto se afastavam, ele deu uma última olhada no porto e quase desejou não ter feito isso. Dois pequenos barcos à vela

romperam uma larga parede de neblina que descia lentamente pelo porto. À deriva contra o vento. Tempo de ir e tempo passado.

Era melhor do que três quilômetros do rio até a Grande Estrada Norte, atravessando campos ondulantes cobertos de grama e ervas daninhas marrom-invernais e pontilhados de moitas de arbustos emaranhados de videiras muito grossos para serem empurrados mesmo sem a maioria das folhas. As elevações dificilmente mereciam o nome de colina, não para alguém que havia escalado as Colinas de Areia e as Montanhas da Névoa quando menino — havia lacunas em suas próprias memórias, mas Mat conseguia se lembrar de algumas delas — mas por pouco tempo, ele estava feliz por ter um braço em torno de alguém. Ele ficou sentado imóvel naquela maldita pedra por muito tempo. A pulsação em seu quadril havia diminuído para uma dor surda, mas ainda o fazia mancar e, sem algum tipo de apoio, ele estaria cambaleando nas encostas. Não que ele se apoiasse em Egeanin, é claro, mas segurar ajudava a estabilizá-lo. A mulher franziu a testa para ele como se pensasse que ele estava tentando tirar vantagem.

“Se você fizesse o que foi dito,” ela rosnou, “eu não precisaria carregar você.”

Ele mostrou os dentes novamente, desta vez não tentando disfarçar com um sorriso. A maneira como Noal corria ao lado deles com facilidade, nunca errando um passo, apesar de equilibrar sua cesta de peixes no quadril com uma mão e carregar sua vara de pescar na outra, era embaraçosa. Por mais que parecesse desgastado, o velho era bastante ágil. Ágil demais pela metade do tempo.

Sua rota se inclinava para o norte do Circuito do Céu, com suas longas fileiras abertas de assentos de pedra polida onde, em climas mais quentes, clientes ricos sentavam-se em almofadas sob toldos de lona colorida para assistir a corrida de seus cavalos. Agora os toldos e as varas estavam guardados, os cavalos todos nos estábulos do campo, aqueles que os Seanchan não haviam levado, e os assentos estavam vazios, exceto por um punhado de meninos pequenos correndo para cima e para baixo nas fileiras em um jogo

de manter distância. Mat gostava de cavalos e corridas, mas seus olhos deslizaram pelo Circuito em direção a Ebou Dar. Sempre que ele subia uma elevação, as enormes muralhas brancas da cidade ficavam visíveis, profundas o suficiente para sustentar uma estrada que circundava a cidade no topo, e olhar lhe dava uma desculpa para parar um momento. Mulher tola! Um pedaço de coxear não significava que ela o estava carregando! Ele conseguia manter um bom temperamento, aceitar o duro com o suave e sem reclamar. Por que ela não podia?

Dentro da cidade, telhados e paredes brancas, cúpulas e pináculos brancos, cercados de finas faixas de cor, brilhavam na luz cinzenta da manhã, uma imagem de serenidade. Ele não conseguia distinguir as lacunas onde os prédios haviam queimado até o chão. Uma longa fila de carros de boi de rodas altas de fazendeiros passava pelo amplo portal em arco que se abria na Grande Estrada Norte, homens e mulheres a caminho dos mercados da cidade com o que restava para vender no final do inverno, e em seu meio uma caravana de grandes carroças com capota de lona atrás de parelhas de seis e oito cavalos, transportando mercadorias de onde só a Luz sabia. Mais sete carroções, variando de quatro a dez vagões, fizeram fila na beira da estrada para esperar que os guardas do portal terminassem suas inspeções. O comércio nunca parava completamente enquanto o sol brilhava, não importava quem governasse uma cidade, a menos que houvesse uma luta real. Às vezes, não parava completamente nem assim. O fluxo de pessoas que corria na outra direção era principalmente Seanchan, soldados em fileiras ordenadas com suas armaduras segmentadas pintadas em listras e capacetes que pareciam cabeças de insetos enormes, alguns marchando e outros montados, nobres que estavam sempre montados, vestindo mantos ornamentados, vestidos de montaria plissados e véus de renda, ou calças volumosas e casacos compridos.

Os colonos Seanchan ainda estavam deixando a cidade também, carroças sobre carroças cheias de fazendeiros e artesãos e as ferramentas de seus negócios. Os colonos começaram a partir

assim que saíram dos navios, mas levaria semanas até que todos fossem embora. Era uma cena pacífica, cotidiana e comum se você ignorasse o que estava por trás dela, mas toda vez que eles chegavam a um lugar onde ele podia ver os portões, sua mente voltava para seis noites atrás, e ele estava lá novamente, naqueles mesmos portões.

A tempestade piorou quando cruzaram a cidade do Palácio Tarasin. A chuva caía aos baldes, batendo na cidade escurecida e escorregando as pedras do calçamento sob os cascos dos cavalos, e o vento uivava do Mar de Tempestades, empurrando a chuva como pedras de fundas e puxando as capas de modo que manter-se seco era uma causa perdida. Nuvens escondiam a lua, e o dilúvio parecia absorver a luz das lanternas de poste carregadas por Blaeric e Fen, a pé à frente dos outros. Então eles entraram na longa passagem através da muralha da cidade e ganharam um pouco de abrigo, pelo menos da chuva. O vento tornava o túnel de teto alto afiado como uma flauta. Os guardas do portal estavam esperando na extremidade da passagem, quatro deles também carregando lanternas de poste. Mais uma dúzia, metade deles Seanchan, carregava alabardas que podiam atingir um homem na sela ou puxá-lo para fora dela. Dois Seanchan sem capacete estavam espiando da porta iluminada da guarita construída na parede rebocada de branco, e sombras inconstantes atrás deles informavam de outros dentro. Muitos para lutar em silêncio, talvez muitos para lutar. Não sem que tudo explodisse como o fogo de artifício de um Iluminador explodindo em sua mão.

Os guardas não eram o perigo, de qualquer maneira, não o perigo principal. Uma mulher alta, de rosto rechonchudo, vestida de azul-escuro, suas saias até os tornozelos divididas com painéis vermelhos trabalhados com relâmpagos prateados, passou pelos homens na porta da guarita. Uma longa coleira de metal prateado estava enrolada na mão esquerda da *sul'dam*, a ponta livre a conectando à mulher grisalha em um vestido cinza escuro que a seguia com um sorriso ansioso. Mat sabia que elas estariam lá. Os Seanchan tinham *sul'dam* e *damane* em todos os portões agora.

Podia até haver outra par dentro, ou duas. Eles não pretendiam deixar uma mulher que pudesse canalizar escapar de suas redes. O medalhão prateado de cabeça de raposa sob sua camisa estava frio contra seu peito; não o frio que sinalizava alguém abraçando a Fonte por perto, apenas o frio acumulado da noite e sua carne gelada demais para aquecê-lo, mas ele não conseguia parar de esperar pelo outro frio. Luz, ele estava fazendo *malabarismo* com fogos de artifício esta noite, com os fusíveis acesos!

Os guardas podem ter ficado intrigados com uma nobre deixando Ebou Dar no meio da noite e aquele tempo, com mais de uma dúzia de servos e fileiras de cavalos de carga indicando uma viagem de alguma distância, mas Egeanin era do Sangue, sua capa bordada em um águia com asas em preto e branco abertas e dedos longos em suas luvas vermelhas de montaria para acomodar suas unhas. Soldados comuns não questionavam o que o Sangue escolhia fazer, mesmo o Sangue inferior. O que não significava que não houvesse formalidades. Qualquer um era livre para deixar a cidade quando quisesse, mas os Seanchan registravam o movimento de *damane*, e três cavalgavam na comitiva, cabeças baixas e rostos cobertos pelos capuzes de seus mantos cinza, cada uma ligada a uma *sul'dam* montada pelo comprimento prateado de um *a'dam*.

A *sul'dam* de rosto gordo passou por eles com apenas um olhar, caminhando pelo túnel. Sua *damane* olhou atentamente para cada mulher que passava, porém, sentindo se ela poderia canalizar, e Mat prendeu a respiração quando ela parou ao lado da última *damane* montada com uma leve carranca. Mesmo com sua sorte, ele não apostaria contra os Seanchan reconhecerem o rosto sem idade de uma Aes Sedai se eles olhassem dentro daquele capuz. Havia Aes Sedai tidas como *damane*, mas quais eram as chances de que todas as três de Egeanin fossem? Luz, quais eram as chances de um dos Sangues baixos possuir três?

A mulher de rosto rechonchudo fez um som de clique, como você faria para um cachorro de estimação, e contraiu o *a'dam*, e a *damane* a seguiu. Elas estavam procurando por *marath'damane* tentando escapar da coleira, não por *damane*. Mat ainda achava que

poderia engasgar. O som dos dados rolando recomeçara em sua cabeça, alto o suficiente para rivalizar com o estrondo ocasional de um trovão distante. Algo ia dar errado; ele sabia disso.

O oficial dos guardas, um Seanchan corpulento com olhos inclinados como um saldaeano, mas de pálida pele marrom-mel, curvou-se cortesmente e convidou Egeanin a entrar na guarita, para tomar uma taça de vinho condimentado enquanto um funcionário anotava as informações sobre as *damane*. Todas as guaritas que Mat já vira eram um lugar desolado, mas a luz do lampião brilhando nas fendas das flechas fazia com que aquela parecesse quase convidativa. Um jarro provavelmente também parecia convidativo para uma mosca. Ele ficou feliz com a chuva pingando do capuz de sua capa e escorrendo pelo rosto. Disfarçava o suor dos nervos. Ele segurava uma de suas facas de arremesso, descansando em cima do longo pacote pendurado na frente de sua sela. Com ele deitado assim, nenhum dos soldados deveria notar. Ele podia sentir a mulher dentro do pano respirando sob suas mãos, e seus ombros estavam tensos de esperar que ela gritasse por socorro. Selucia manteve sua montaria perto dele, olhando para ele do abrigo de seu capuz com sua trança dourada escondida, nem mesmo desviando o olhar quando a *sul'dam* e a *damane* passavam. Um grito de Selucia teria colocado a doninha no galinheiro tanto quanto um de Tuon. Ele achava que a ameaça da faca havia mantido as duas mulheres em silêncio — elas tinham que acreditar que ele estava desesperado ou louco o suficiente para usá-la —, mas ainda não tinha certeza. Havia tanta coisa sobre a noite que ele não podia ter certeza, tanto que estava desequilibrado e torto.

Lembrou-se de prender a respiração, imaginando quando alguém notaria que o embrulho que ele carregava era ricamente bordado e questionaria por que ele estava deixando-o encharcado de chuva, imaginando e se xingando por pegar uma tapeçaria de parede porque estava à mão. Na memória, tudo ficou mais lento. Egeanin desceu, jogando as rédeas para Domon, que as pegou com um arco de sua sela. O capuz de Domon foi empurrado para trás apenas o suficiente para mostrar que sua cabeça estava raspada de um lado

e seu cabelo restante reunido em uma trança que pendia até o ombro. Gotas de chuva escorriam da barba curta do atarracado ilianense, mas ele conseguiu a arrogância apropriada de um *so'jhin*, servo superior hereditário de um dos Sangue e, portanto, quase igual ao Sangue. Definitivamente mais alto do que qualquer soldado comum. Egeanin olhou de volta para Mat e seu fardo, seu rosto uma máscara congelada que poderia passar por altivez se você não soubesse que ela estava horrorizada com o que eles estavam fazendo. A alta *sul'dam* e sua *damane* voltaram rapidamente pelo túnel, terminando a inspeção. Vanin, logo atrás de Mat conduzindo uma das fileiras de cavalos de carga e como sempre sentado em seu cavalo como um saco de sebo, inclinou-se de sua sela e cuspiu. Mat não sabia por que isso ficou em sua memória, mas ficou. Vanin cuspiu, e trombetas soaram, finas e afiadas na distância muito atrás deles. Do sul da cidade, onde os homens planejavam disparar suprimentos Seanchan armazenados ao longo da Estrada da Baía.

O oficial da guarda hesitou ao som das trombetas, mas de repente um sino ressoou alto na própria cidade, depois outro, e então parecia que centenas estavam soando o alarme na noite enquanto o céu negro se dividia com mais relâmpagos do que qualquer tempestade havia feito, listras azul-prateadas esfaqueando dentro das muralhas. Elas banharam o túnel na luz bruxuleante. Foi quando começaram os berros, em meio às explosões na cidade, e aos gritos.

Por um momento, Mat amaldiçoou as Chamadoras de Vento por se moverem antes do prometido. Mas os dados em sua cabeça haviam parado, ele percebeu. Por quê? Isso o fez querer amaldiçoar novamente, mas não havia tempo para isso. No instante seguinte, o oficial estava apressadamente incitando Egeanin de volta à sua sela e a caminho, gritando ordens apressadamente para os homens que saíam da guarita, direcionando um para a cidade a correr para ver qual era o alarme enquanto ele preparava o resto contra qualquer ameaça de dentro ou de fora. A mulher de rosto rechonchudo correu para colocar a si mesma e sua *damane* com os soldados, junto com outro par de mulheres ligadas por um *a'dam*, que veio correndo da

guarita. E Mat e os outros galoparam na tempestade, levando consigo três Aes Sedai, duas delas escapando de ser *damane*, e a herdeira sequestrada do Trono de Cristal Seanchan, enquanto atrás deles uma tempestade muito pior irrompia sobre Ebou Dar. *Relâmpagos mais numerosos que folhas de grama...*

Com um arrepio, Mat voltou ao presente. Egeanin fez uma careta para ele e deu-lhe um puxão exagerado. "Amantes de braços dados não se apressam", ele murmurou. "Eles... passeiam." Ela zombou. Domon tinha que estar cego pelo amor. Isso, ou ele tinha levado muitas pancadas na cabeça.

O pior já havia passado e sido feito, em todo caso. Mat esperava que sair da cidade tivesse sido o pior. Ele não sentiu os dados desde então.

Eles sempre foram um mau sinal. Seu rastro estava tão confuso quanto ele conseguia, e ele tinha certeza de que seria preciso alguém tão sortudo quanto ele para separar o ouro da escória. Os Buscadores estavam no rastro de Egeanin antes daquela noite, e ela seria procurada por roubar *damane* agora também, mas as autoridades esperavam que ela estivesse cavalgando o mais rápido que pudesse e já a léguas de Ebou Dar, não parada logo fora da cidade. Nada, exceto uma coincidência de tempo, a conectava a Tuon. Ou a Mat, e isso era importante. Tylin certamente teria feito suas próprias acusações contra ele — nenhuma mulher perdoaria um homem amarrando-a e empurrando-a para debaixo da cama, mesmo quando ela tivesse sugerido —, mas, com alguma sorte, ele estava abaixo da suspeita por qualquer outra coisa que tivesse acontecido naquela noite. Com alguma sorte, ninguém, exceto Tylin, pensava nele. Amarrar uma rainha como um porco para o mercado seria suficiente para matar um homem normalmente, mas tinha que contar como cebolas mofadas ao lado do desaparecimento da Filha das Nove Luas, e o que o Brinquedo de Tylin teria a ver com isso? Ainda o irritava ter sido visto como um parasita — pior, um animal de estimação! — mas havia vantagens.

Ele pensou que estava a salvo — dos Seanchan, pelo menos —, mas um ponto o preocupava como um espinho enterrado em seu



calcanhar. Bem, vários o preocupavam, a maioria crescendo por causa da própria Tuon, mas este tinha um ponto particularmente longo. O desaparecimento de Tuon deveria ter sido tão chocante quanto o sol desaparecendo ao meio-dia, mas nenhum alarme foi dado. Nenhum! Nenhum anúncio de recompensas ou ofertas de resgate, nenhum soldado de olhos quentes vasculhando cada carroça e carroção num raio de quilômetros, galopando pelo campo para desenterrar cada cubículo e nicho onde uma mulher pudesse estar escondida. Essas velhas memórias lhe diziam algo sobre caçar a realeza sequestrada, mas, exceto pelos enforcamentos e pelos navios queimados no porto, o lado de fora Ebou Dar parecia inalterado desde o dia anterior ao sequestro. Egeanin alegou que a busca seria em absoluto sigilo, que muitos dos próprios Seanchan ainda não sabiam que Tuon estava desaparecida. Sua explicação envolvia o choque para o Império e maus presságios para o Retorno e a perda de *sei'taer*, e ela soava como se acreditasse em cada palavra, mas Mat se recusou a comprar um centavo. Os Seanchan eram um povo estranho, mas ninguém poderia ser tão estranho. O silêncio de Ebou Dar fez sua pele formigar. Ele sentia uma armadilha naquele silêncio. Quando chegaram à Grande Estrada Norte, ele ficou grato por a cidade estar escondida atrás das colinas baixas.

A estrada era um caminho largo, uma importante avenida de comércio, larga o suficiente para cinco ou seis carroças lado a lado, com uma superfície de terra e barro que centenas de anos de uso haviam compactado quase tão firme quanto a ocasional pedra antiga que grudava uma borda ou canto polegadas no ar. Mat e Egeanin correram para a beira do outro lado com Noal perseguindo seus calcanhares, entre o carroção de um mercador roncando em direção à cidade, guardado por uma mulher com o rosto cheio de cicatrizes e dez homens de olhos duros em coletes de couro cobertos com discos de metal, e um fileira de carroças de formas estranhas dos colonos, elevando-se a picos nas extremidades, que se dirigiam para o norte, algumas puxadas por cavalos ou mulas, outras por bois. Agrupados entre as carroças, meninos descalços usavam chicotes para pastorear cabras de quatro chifres com

longos cabelos pretos e grandes vacas brancas de barbela. Um homem na retaguarda das carroças, com calças largas azuis e um chapéu redondo vermelho, conduzia um enorme touro corcunda por uma corda grossa amarrada a uma argola em seu nariz. Exceto pelas roupas, ele poderia ser de Dois Rios. Ele olhou para Mat e os outros, caminhando na mesma direção, como se fosse falar, então balançou a cabeça e continuou sem olhar para eles novamente. Lutando contra a claudicação de Mat, eles não estavam se movendo rápido, e os colonos avançaram devagar, mas com firmeza.

De ombros curvados e segurando o lenço sob o queixo com a mão livre, Egeanin soltou um suspiro e afrouxou os dedos que começaram a apertar o lado de Mat quase dolorosamente. Depois de um momento, ela se endireitou e olhou para as costas do fazendeiro, como se estivesse pronta para persegui-lo e dar um soco em suas orelhas e no touro. Se isso não bastasse, uma vez que o fazendeiro estava a uns vinte passos de distância, ela mudou sua carranca para uma companhia de soldados Seanchan marchando pelo meio da estrada em um ritmo que logo ultrapassaria os colonos, talvez duzentos homens em um coluna quatro lado a lado, seguida por uma coleção heterogênea de carroças puxadas por mulas cobertas com lona bem amarrada. O meio da estrada ficou livre para o tráfego militar. Meia dúzia de oficiais bem montados em elmos de plumas finas que escondiam tudo, menos os olhos, cavalgavam na cabeça da coluna, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita, capas vermelhas espalhadas ordenadamente sobre as garras de seus cavalos. O estandarte que seguia nos calcanhares dos oficiais estava marcado com o que parecia ser uma ponta de flecha prateada estilizada, ou talvez uma âncora, atravessada por uma longa flecha e um raio irregular em ouro, com escrita e numerais abaixo que Mat não conseguia distinguir, como rajadas, varria a bandeira de um lado para o outro. Os homens nas carroças de suprimentos usavam casacos e calções azuis escuros e chapéus quadrados vermelhos e azuis, mas os soldados eram ainda mais vistosos do que a maioria dos Seanchan, sua armadura segmentada listrada em azul com faixas na parte inferior com branco prateado e vermelho com faixas douradas, seus capacetes pintados em todas as quatro cores para que se

assemelhassem aos rostos de aranhas temíveis. Um grande distintivo com a âncora — Mat achou que devia ser uma âncora — e flecha e raio estavam presos à frente de cada capacete, e todos os homens, exceto os oficiais, carregavam um arco de curva dupla ao lado, com uma aljava eriçada no cinto equilibrando uma espada curta.

“Arqueiros do navio,” Egeanin resmungou, encarando os soldados. Sua mão livre havia deixado o cachecol, mas ainda estava fechado em punho. “Brigadores de taverna. Eles sempre causam problemas quando ficam em terra por muito tempo.”

Eles tinham um olhar bem treinado, para Mat. De qualquer forma, ele nunca tinha ouvido falar de soldados que não entravam em brigas, especialmente quando estavam bêbados ou entediados, e soldados entediados tendiam a ficar bêbados. Um canto de sua mente se perguntou até onde aqueles arcos iriam, mas era um pensamento ausente. Ele não queria nada com nenhum soldado Seanchan. Se pudesse, nunca mais teria nada a ver com soldados. Mas sua sorte nunca ia tão longe, ao que parecia. O destino e a sorte eram diferentes, infelizmente. Duzentos passos no máximo, decidiu. Uma boa besta os superaria, ou qualquer arco de Dois Rios.

“Nós não estamos em uma taverna,” ele disse entre dentes, “e eles não estão brigando agora. Portanto, não vamos começar uma briga só porque você estava com medo de que um fazendeiro falasse com você.” Sua mandíbula se apertou, e ela lançou-lhe um olhar forte o suficiente para quebrar seu crânio. Era a verdade, no entanto. Ela estava com medo de abrir a boca perto de alguém que pudesse reconhecer seu sotaque. Uma precaução sábia, em sua opinião, mas tudo parecia irritá-la. “Teremos um vassalo aqui fazendo perguntas se você continuar olhando para eles. As mulheres ao redor de Ebou Dar são famosas por serem recatadas”, mentiu. O que ela poderia saber dos costumes locais?

Ela deu a ele uma carranca de soslaio — talvez ela estivesse tentando descobrir o que recatada significava —, mas parou de fazer caretas para os arqueiros. Ela apenas parecia pronta para morder em vez de bater.

“Esse sujeito é escuro como um Atha’an Miere”, Noal murmurou distraidamente, olhando para os soldados que passavam. “Escuro

como um Sharan. Mas eu juro que ele tem olhos azuis. Eu já vi isso antes, mas onde?" Tentando esfregar as têmporas, quase se feriu na cabeça com a vara de pescar de bambu e deu um passo como se quisesse perguntar ao sujeito onde havia nascido.

Com uma guinada, Mat agarrou a manga do velho. "Nós vamos voltar para o espetáculo, Noal. Agora. Nunca deveríamos ter saído." "Eu te disse isso", disse Egeanin com um aceno afiado.

Mat gemeu, mas não havia nada a fazer a não ser continuar andando. Ah, já passava da hora de ir embora. Ele só esperava que não tivesse deixado isso para muito tarde.



## CAPÍTULO 2



### *Dois Capitães*

Cerca de três quilômetros ao norte da cidade, uma larga faixa azul estendida entre dois postes altos ondulava ao vento, proclamando o Grande Espetáculo Itinerante de Valan Luca e a Magnífica Exibição de Maravilhas e Encantos em letras vermelhas brilhantes, grandes o suficiente para serem lidas da estrada, talvez uma centena de passos para o leste. Para aqueles que não sabiam ler, pelo menos indicava a localização de algo fora do comum. Este era o maior espetáculo itinerante do mundo, assim dizia o banner. Luca alegava muitas coisas, mas Mat achava que ele devia estar dizendo a verdade sobre isso. A parede de lona do espetáculo, com três metros de altura e bem encaixada na parte inferior, cercava tanto terreno quanto uma vila de bom tamanho.

As pessoas que passavam olhavam para a bandeira com curiosidade, mas os fazendeiros e comerciantes tinham seu trabalho pela frente e os colonos seu futuro, e ninguém se desviava. Cordas grossas presas a postes colocados no chão foram feitas para reunir multidões para a ampla entrada em arco logo atrás da bandeira, mas não havia ninguém esperando para entrar, não a esta hora. Ultimamente, poucos vinham a qualquer hora. A queda de Ebou Dar trouxe apenas uma ligeira queda no comparecimento, uma vez que as pessoas perceberam que a cidade não seria saqueada e eles não teriam que fugir para salvar suas vidas, mas com o Retorno, todos aqueles navios e colonos, quase todos decidiram manter a sua moeda contra necessidades mais prementes. Dois homens volumosos, encolhidos em capas que poderiam ter vindo de um

saco de trapos, estavam de plantão sob a bandeira para impedir a entrada de qualquer um que quisesse espiar sem pagar, mas mesmo esses estavam em falta, hoje em dia. O par, um com o nariz torto sobre um bigode grosso e o outro sem um olho, estava agachado no chão, jogando dados.

Surpreendentemente, Petra Anhill, o homem forte do espetáculo, ficou assistindo os dois adestradores de cavalos jogarem, os braços maiores do que as pernas da maioria dos homens cruzados sobre o peito. Ele era mais baixo que Mat, mas pelo menos duas vezes mais largo, seus ombros esticando o pesado casaco azul que sua esposa o obrigava a usar contra o frio. Petra parecia absorto nos dados, mas o homem não jogava, nem mesmo lançava moedas de um centavo. Ele e sua esposa, Clarine, uma treinadora de cães, economizavam todas as moedas que podiam poupar, e Petra precisava de uma pequena desculpa para falar longamente sobre a pousada que pretendiam comprar um dia. Ainda mais surpreendente, Clarine estava ao seu lado, envolta em uma capa escura e aparentemente tão absorta no jogo quanto ele.

Petra olhou cautelosamente por cima do ombro para o acampamento quando viu Mat e Egeanin se aproximando de braços dados, o que fez Mat franzir a testa. Pessoas olhando por cima dos ombros nunca era bom. O rosto moreno e gordo de Clarine abriu um sorriso caloroso, no entanto. Como a maioria das mulheres no espetáculo, ela achava que ele e Egeanin eram românticos. O adestrador de cavalos de nariz torto, um taireno de ombros pesados chamado Col, olhou de soslaio enquanto pegava a aposta, algumas moedas de cobre. Ninguém além de Domon podia ver Egeanin como bonita, mas para alguns tolos, a nobreza conferia beleza. Ou o dinheiro, e uma nobre devia ser rica. Alguns achavam que qualquer nobre que abandonasse o marido por gente como Mat Cauthon também estaria disposta a deixá-lo e levar dinheiro consigo. Essa era a história que Mat e os outros tinham inventado para explicar por que estavam se escondendo dos Seanchan: um marido cruel e uma fuga de amantes. Todo mundo tinha ouvido esse tipo de história, de menestréis ou livros, se raramente na vida real, muitas vezes o

suficiente para aceitar. Col manteve a cabeça baixa, no entanto. Egeanin — Leilwin — já havia sacado seu canivete para um malabarista de espadas, um sujeito bonito demais que havia sido excessivamente sugestivo ao pedir-lhe para compartilhar uma taça de vinho em sua carroça, e ninguém duvidava que ela teria usado a lâmina se ele tivesse pressionado sua proposta um pouquinho a mais.

Assim que Mat alcançou o homem forte, Petra disse calmamente: “Há soldados Seanchan conversando com Luca, cerca de vinte deles. O oficial está falando com ele, pelo menos.” Ele não parecia assustado, mas a preocupação vincou sua testa, e ele colocou uma mão protetora no ombro de sua esposa. O sorriso de Clarine se desvaneceu, e ela levantou uma mão para descansar sobre a dele. Eles confiavam no julgamento de Luca, de certa forma, mas sabiam do risco que corriam. Ou pensavam que sim. O risco em que eles acreditavam era ruim o suficiente.

“O que eles querem?” Egeanin exigiu, se livrando de Mat, antes que ele pudesse quebrar os dentes. Na verdade, ninguém esperou por ele.

“Segure isso para mim”, disse Noal, entregando sua vara e cesta para o homem de um olho, que ficou boquiaberto para ele. Endireitando-se, Noal enfiou a mão nodosa por baixo do casaco, onde guardava duas facas de lâmina longa. “Podemos alcançar nossos cavalos?” ele perguntou a Petra. O homem forte olhou para ele em dúvida. Mat não era o único a não saber se Noal ainda possuía toda a sua inteligência.

“Eles não parecem interessados em procurar por aí,” Clarine disse apressadamente, fazendo uma insinuação de uma reverência para Egeanin. Todos deveriam fingir que Mat e os outros faziam parte do espetáculo, mas poucos conseguiram fazer isso com Egeanin. “O oficial está na carroça de Luca há uma boa meia hora, mas os soldados estão ao lado de seus cavalos o tempo todo.”

“Eu não acho que eles estão aqui por você,” Petra acrescentou respeitosamente. Novamente, para Egeanin. Por que ele deveria ser diferente? Provavelmente praticando para receber nobres naquela

pousada. “Só não queríamos que vocês ficassem surpresos ou preocupados ao vê-los. Tenho certeza de que Luca os enviará sem problemas.” Apesar de seu tom, as rugas permaneceram em sua testa. A maioria dos homens ficava chateada se suas esposas fugissem, e um nobre poderia fazer outros suportarem o peso de sua ira. Um espetáculo itinerante, com estranhos apenas de passagem, tornava-se um alvo particularmente fácil, sem complicações adicionais. “Você não precisa se preocupar com ninguém falando fora de hora, minha senhora.” Olhando para os adestradores de cavalos, Petra acrescentou. “Precisa, Col?” Nariz torto balançou a cabeça, os olhos nos dados que ele estava jogando na palma da mão. Ele era um homem grande, mas não tão grande quanto Petra, e o homem forte podia endireitar ferraduras com as próprias mãos.

“Todo mundo gosta de uma chance de cuspir nas botas de um nobre de vez em quando”, o caolho murmurou, olhando para a cesta de peixes. Ele era quase tão alto e de ombros largos quanto Col, mas seu rosto era todo enrugado e tinha ainda menos dentes que Noal. Olhando para Egeanin, ele abaixou a cabeça e acrescentou: “Com a sua licença, senhora. Além disso, assim todos nós ganhamos uma pequena moeda, que não tem sido muito ultimamente. Certo, Col? Se alguém falar, esses Seanchan vão nos levar, talvez nos enforcar como fizeram com o Povo do Mar. Ou nos colocar para trabalhar limpando os canais do outro lado do porto.” Os adestradores de cavalos faziam o que era necessário durante o espetáculo, desde limpar as linhas dos cavalos e limpar as gaiolas dos animais até erguer e derrubar a parede de lona, mas ele estremeceu como se cavar canais assoreados no Rahad fosse uma perspectiva pior do que ser enforcado.

“Eu disse alguma coisa sobre falar?” Col protestou, estendendo as mãos. “Acabei de perguntar por quanto tempo vamos ficar parados aqui, isso é tudo. Acabei de perguntar quando vamos ver algumas dessas moedas.”

“Nós ficamos aqui enquanto eu disser para ficar.” Era notável o quão forte Egeanin conseguia fazer aquele som arrastado sem



levantar a voz, como uma lâmina deslizando livre da bainha. “Você verá sua moeda quando chegamos ao nosso destino. Haverá algo extra para aqueles que me servirem fielmente. E uma sepultura fria para quem pensar em traição.” Col puxou seu manto muito remendado e arregalou os olhos tentando parecer indignado, ou talvez inocente, mas ele apenas parecia estar esperando que ela chegasse perto o suficiente para ele roubar sua bolsa.

Mat rangeu os dentes. Por um lado, aquele era o ouro que ela estava prometendo com tanta liberdade. Ela tinha o seu próprio, mas não perto o suficiente para isso. Mais importante, ela estava tentando assumir o comando novamente. Luz, exceto por ele, ela ainda estaria em Ebou Dar tramando para evitar os Buscadores, se já não estivesse sendo questionada. Exceto por ele, ela nunca teria pensado em ficar perto de Ebou Dar para evitar a perseguição, ou encontrar um esconderijo com o espetáculo de Luca. Mas por que os soldados estavam lá? Os Seanchan teriam enviado cem homens, mil, por uma vaga suspeita da presença de Tuon. Se suspeitassem das Aes Sedai... Não; Petra e Clarine não sabiam que estavam ajudando a esconder Aes Sedai, mas teriam mencionado *sul’dam* e *damane*, e os soldados não estariam caçando irmãs sem elas. Ele passou os dedos pela cabeça de raposa através do casaco. Ele usava isso acordado e dormindo, e isso poderia lhe dar um pequeno aviso.

Nunca considerou tentar pegar os cavalos, e não só porque Col e uma dúzia mais como ele iriam correr para os Seanchan antes que ele estivesse fora de vista. Eles não tinham nenhuma animosidade particular contra ele ou Egeanin que ele conhecesse — até Rumann, o malabarista de espadas, parecia ter se acomodado alegremente com uma contorcionista chamada Adria —, mas algumas pessoas também não resistiriam à tentação de um pouco mais de ouro. De qualquer forma, nenhum dado de aviso caiu em sua cabeça. E havia pessoas dentro daquelas paredes de lona que ele não podia deixar para trás.

“Se eles não estão procurando, então não temos nada com que nos preocupar”, disse ele com confiança. “Mas obrigado pelo aviso,

Petra. Nunca gostei de surpresas.” O homem forte fez um pequeno gesto como se dissesse que não era nada, mas Egeanin e Clarine olharam para Mat como se estivessem surpresas ao encontrá-lo ali. Até mesmo Col e o caolho piscaram para ele. Demorou um esforço para parar de ranger os dentes novamente. “Vou apenas passear perto da carroça de Luca e ver o que puder ver. Leilwin, você e Noal encontrem Olver e fiquem com ele.” Eles gostavam do garoto, todos gostavam, e isso os manteria longe de seu cabelo. Ele poderia escutar melhor sozinho. E se eles tivessem que fugir, talvez Egeanin e Noal pudessem ajudar a tirar o garoto, pelo menos. A Luz mandasse que não chegasse a isso. Ele não podia ver nada além de desastre nisso.

"Bem, suponho que ninguém vive para sempre", suspirou Noal, recuperando sua vara de bambu e cesta. Que o queime, mas o sujeito poderia fazer uma cabra com cólica parecer alegre! A carranca de Petra certamente se aprofundou. Homens casados sempre pareciam preocupados, uma razão pela qual Mat não estava com pressa. Enquanto Noal desaparecia no canto da parede de lona, o caolho observou o peixe partir com pesar. Ele parecia ser outro sem um conjunto completo de juízo. Provavelmente tinha uma esposa em algum lugar.

Mat puxou a capa quase até os olhos. Ainda não havia dados. Ele tentou não pensar em quantas vezes quase teve sua garganta cortada ou seu crânio partido sem nenhum dado. Mas certamente eles estariam lá se houvesse algum perigo real. Claro que sim.

Ele não havia dado três passos para dentro da entrada antes que Egeanin o alcançasse e passasse o braço ao redor de sua cintura. Ele parou em seu caminho, olhando-a maldosamente. Ela resistia às ordens dele como uma truta luta contra o anzol, mas isso ia além de teimosia. "O que você pensa que está fazendo? E se esse oficial Seanchan reconhecer você?" Isso parecia tão provável quanto a própria Tylin entrando no espetáculo, mas qualquer coisa que pudesse fazê-la sair valia a pena agarrar.

"Quais são as chances desse sujeito ser alguém que eu conheço?" ela zombou. "Eu não tenho..." seu rosto se contorceu por

um instante, "não tenho... muitos amigos deste lado do oceano, e nenhum em Ebou Dar." Ela tocou uma ponta da peruca preta sobre o peito. "De qualquer forma, com isso, minha própria mãe não me reconheceria." Sua voz ficou sombria no final.

Ele iria quebrar um dente se continuasse apertando a mandíbula. Ficar ali discutindo com ela seria pior do que inútil, mas a maneira como ela olhou para aqueles soldados Seanchan estava fresca em sua mente. "Não encare ninguém", ele a avisou. "Nem olhe para ninguém."

"Sou uma recatada mulher eboudariana." Ela fez parecer um desafio. "Você pode fazer toda a conversa." Ela transformou isso em um aviso. Luz! Quando uma mulher não estava tornando tudo suave, ela tornava as coisas realmente muito ásperas, e Egeanin nunca tornava nada suave. Ele estava definitivamente em perigo de lascar um dente.

Além da entrada, a rua principal do espetáculo serpenteava entre vagões como os que os Latoeiros usavam, casinhas sobre rodas com os eixos dos vagões levantados contra os assentos dos condutores e barracas muradas muitas vezes do tamanho de pequenas casas. A maioria das carroças estava pintada de cores vivas, todos os tons de vermelho ou verde, amarelo ou azul, e muitas das tendas eram igualmente coloridas, algumas até listradas. Aqui e ali, plataformas de madeira, onde os artistas podiam se apresentar, ficavam ao lado da rua, suas bandeirinhas coloridas começando a parecer um pouco sujas. A vasta extensão de terra, com quase trinta passos de largura e espaçada por milhares de pés, era realmente uma rua, uma das várias que serpenteavam pelo show. O vento afastou tênues flâmulas cinzentas de fumaça que subiam das chaminés de estanho que se projetavam dos tetos das carroças e de algumas tendas. A maioria do pessoal do espetáculo provavelmente estava no café da manhã, se não ainda na cama. Eles acordavam tarde, como regra geral — uma regra que Mat aprovava — e ninguém gostaria de comer sentado ao redor de uma fogueira do lado de fora com esse frio. A única pessoa que ele viu foi Aludra, as mangas de seu vestido verde escuro empurradas para

cima em seus antebraços, triturando algo com um almofariz e pilão de bronze em uma mesa que se dobrava ao lado de sua carroça azul vívida, ao virar da esquina em uma das ruas laterais mais estreitas.

Atenta ao seu trabalho, a esbelta taraboneana não viu Egeanin e Mat. Ele não podia deixar de olhar para ela, no entanto. Com seu cabelo escuro em tranças finas e frisadas que iam até a cintura, Aludra era provavelmente a mais exótica das maravilhas de Luca. Ele a anunciava como uma Iluminadora e, ao contrário de muitos outros artistas e maravilhas, ela realmente era o que Luca afirmava, embora Luca provavelmente não acreditasse nisso. Mat se perguntou o que ela estava moendo. E se podia explodir. Ela havia prometido revelar o segredo dos fogos de artifício se ele pudesse responder a um enigma, mas ele não havia encontrado um vislumbre até agora. Iria encontrar, no entanto. De uma forma ou de outra.

Egeanin enfiou um dedo duro em suas costelas. “Nós deveríamos ser amantes, como você continua me lembrando,” ela rosnou. “Quem vai acreditar se você olhar para aquela mulher como se estivesse com fome?”

Mat sorriu lascivamente. “Eu sempre olho para mulheres bonitas, você não percebeu?” Ajustando o lenço de cabeça com um pouco mais de vigor do que o habitual, ela deu um grunhido depreciativo, e ele ficou satisfeito. Seu lado pudico vinha a calhar de vez em quando. Egeanin estava fugindo por sua vida, mas ela ainda era Seanchan, e já sabia mais sobre ele do que ele gostaria. Não estava disposto a confiar nela todos os seus segredos. Mesmo aqueles que ele ainda não conhecia.

A carroça de Luca ficava bem no meio do acampamento do espetáculo, a posição mais favorecida, o mais longe possível dos cheiros das jaulas dos animais e das cavaliças situadas ao longo das paredes de lona. A carroça era extravagante mesmo comparada com as outras no show, uma coisa vermelha e azul que brilhava como a mais fina laca, cada superfície manchada com estrelas e cometas dourados. As fases da lua, em prata, corriam por toda a

volta logo abaixo da linha do teto. Até a chaminé de estanho era pintada com anéis vermelhos e azuis. Um Latoeiro teria corado. De um lado da carroça, duas fileiras de soldados Seanchan com capacetes estavam rigidamente ao lado de seus cavalos, lanças com borlas verdes inclinadas exatamente no mesmo ângulo. Um dos homens segurava as rédeas de uma montaria extra, um belo cavalo capão com ancas fortes e bons tornozelos. A armadura azul e verde dos soldados parecia monótona ao lado da carroça de Luca.

Mat não ficou surpreso ao ver que ele não era o único interessado nos Seanchan. Com um gorro escuro cobrindo a cabeça raspada, Bayle Domon estava agachado sobre os calcanhares com as costas apoiadas em uma roda da carroça verde que pertencia a Petra e Clarine, cerca de trinta passos além dos soldados. Os cachorros de Clarine jaziam embaixo da carroça, uma coleção heterogênea de pequenos animais dormindo amontoados. O illianense corpulento fingia esculpir, mas tudo o que havia produzido era uma pequena pilha de lascas a seus pés. Mat desejou que o sujeito deixasse crescer um bigode para esconder o lábio superior ou então raspasse o resto da barba. Alguém podia conectar um ilianense a Egeanin. Blaeric Négina, um sujeito alto encostado na carroça como se estivesse fazendo companhia a Domon, não hesitou em tirar o topete de shienarano para evitar ser notado por Seanchan, embora passasse a mão sobre a cerda preta que crescia em sua cabeça com a mesma frequência que Egeanin verificava sua peruca. Talvez ele devesse usar um chapéu.

Em seus casacos escuros com punhos puídos e botas muito usadas, os dois homens podiam passar por povo do espetáculo, talvez adestradores de cavalos, exceto para outros do povo do espetáculo. Eles estavam observando os Seanchan enquanto tentavam parecer que não estavam, mas Blaeric era o mais bem-sucedido, como era de se esperar de um Guardiã. Sua atenção total parecia estar em Domon, exceto por um olhar ocasional para os soldados, o mais casual possível. Domon fazia uma careta para os Seanchan quando não estava olhando para o pedaço de madeira em sua mão, como se ordenasse que se transformasse em uma

escultura perfeita. O homem levava muito a sério o fato de ser *so'jhin*.

Mat estava tentando descobrir como se esgueirar para perto da carroça de Luca e escutar sem ser visto pelos soldados quando a porta na parte de trás da carroça se abriu e um Seanchan de cabelos claros desceu os degraus, plantando um capacete com uma fina pluma azul em sua cabeça quando sua bota tocou o chão. Luca apareceu atrás dele, resplandecente em escarlate bordado com raios de sol dourados, curvando-se com floreios elaborados enquanto seguia o oficial. Luca tinha pelo menos duas dúzias de casacos, a maioria vermelhos e cada um mais vistoso que o anterior. Ainda bem que sua carroça era a maior do espetáculo, ou ele não teria espaço para todos eles.

Ignorando Luca, o oficial Seanchan subiu em seu capão, ajustou sua espada e gritou ordens que fizeram seus homens subirem em suas selas e formarem uma coluna de dois que se moveu lentamente em direção à entrada. Luca ficou observando-os sair com um sorriso fixo no rosto, pronto para outra reverência se alguém olhasse para trás.

Mat ficou bem ao lado da rua e deixou a boca aberta, fingindo ficar boquiaberto enquanto os soldados passavam. Não que algum deles olhasse em sua direção — o oficial olhava para a frente, assim como os soldados atrás dele —, mas ninguém nunca prestava atenção a um caipira, ou se lembrava de um.

Para sua surpresa, Egeanin estudou o chão na frente dos dedos dos pés, segurando o lenço amarrado sob o queixo, até que o último cavaleiro passou. Erguendo a cabeça para cuidar deles, ela apertou os lábios por um momento. “Parece que eu conheço aquele garoto,” ela falou suavemente. “Eu o carreguei para Falme no Destemido. Seu servo morreu, no meio da viagem, e ele pensou que poderia usar um dos meus tripulantes. Tive que colocá-lo em seu lugar. Você teria pensado que ele era do Sangue, pelo barulho que fez.”

"Sangue e malditas cinzas ", Mat respirou. Quantas outras pessoas ela tinha irritado, fixando seu rosto em suas mentes? Egeanin sendo Egeanin, provavelmente centenas. E ele a estava

deixando andar por aí com apenas uma peruca e uma muda de roupa para disfarçar! Centenas? Milhares, mais provável. Ela poderia irritar um tijolo.

De qualquer forma, o oficial já tinha ido embora. Mat expirou lentamente. Sua sorte realmente ainda estava com ele. Às vezes ele pensava que era tudo o que o impedia de chorar como um bebê. Ele foi até Luca para descobrir o que os soldados queriam.

Domon e Blaeric alcançaram Luca tão rapidamente quanto ele e Egeanin, e a carranca no rosto redondo de Domon se aprofundou quando ele olhou para o braço de Mat em volta do ombro de Egeanin. O illianense entendia a necessidade do fingimento, ou disse que entendia, mas parecia acreditar que eles poderiam realizá-lo sem sequer tocar as mãos. Mat tirou o braço dela — não havia nada para fingir aqui; Luca sabia a verdade; sabia tudo — e Egeanin começou a soltá-lo também, mas depois de um olhar para Domon, ela apertou a cintura de Mat em vez disso, tudo sem a menor mudança de expressão. Domon continuou a franzir a testa, mas para o chão agora. Mat decidiu que entenderia os Seanchan muito antes de entender as mulheres. Ou illianenses, por falar nisso.

“Cavalos,” Luca rosnou quase antes de Mat parar de andar. Sua carranca abrangeu todos eles, mas ele concentrou a maior parte de sua raiva em Mat. Um pouco mais alto, Luca se esticou para encarar Mat. “Era isso que ele queria. Mostrei a ele o mandado que me isentava da loteria dos cavalos, assinado pela própria Alta Dama Suroth, mas ele ficou impressionado? Não importava para ele que eu resgatasse um Seanchan de alto escalão.” A mulher não era de alto escalão, e ele não a resgatou, mas deu a ela uma maneira de viajar como artista contratada, mas Luca sempre exagerava para sua própria vantagem. “Eu não sei por quanto tempo essa isenção é realmente válida, de qualquer maneira. Os Seanchan estão desesperados por cavalos. Eles podem pegá-la de volta a qualquer dia!” Seu rosto estava ficando quase tão vermelho quanto seu casaco, e ele apontou um dedo para Mat repetidamente. “Você vai pegar meus cavalos! Como faço para mover meu espetáculo sem cavalos? Responda-me isso, se puder. Eu estava pronto para partir

assim que vi aquela loucura no porto, até que você torceu meu braço. Você vai cortar minha cabeça! Eu poderia estar a cem milhas daqui, se não fosse por você, cavalgando na noite e me prendendo em seus esquemas malucos! Eu não estou ganhando um centavo aqui! Não houve clientes suficientes nos últimos três dias para pagar a alimentação dos animais um dia! Metade do dia! Eu deveria ter saído há um mês! Ou mais! Eu deveria ter saído!"

Mat quase riu quando Luca começou a balbuciar. Cavalos. Isso era tudo; apenas cavalos. Além disso, a noção de que os vagões carregados do espetáculo poderiam cobrir cem milhas em cinco dias era tão ridículo quanto o vagão de Luca. O homem poderia ter ido há um mês, dois meses, exceto por querer arrancar cada cobre que pudesse de Ebou Dar e seus conquistadores Seanchan. E quanto a convencê-lo a ficar, seis noites atrás, foi tão fácil quanto cair da cama.

Em vez de rir, Mat colocou a mão no ombro de Luca. O sujeito era vaidoso como um pavão e, além disso, ganancioso, mas não fazia sentido deixá-lo mais irritado do que já estava. "Se você tivesse saído naquela noite, Luca, você acha que ninguém teria desconfiado? Você teria feito os Seanchan rasgarem suas carroças antes de andar duas léguas. Você poderia dizer que eu te salvei disso." Luca franziu o cenho. Algumas pessoas simplesmente não conseguiam ver além de seus próprios narizes. "De qualquer forma, você pode parar de se preocupar. Assim que Thom voltar da cidade, podemos colocar tantas milhas atrás de nós quanto você quiser.

Luca saltou tão de repente que Mat recuou assustado, mas tudo o que o homem fez foi pular em um pequeno círculo rindo. Domon olhou para ele, e até mesmo Blaeric o encarou. Às vezes, Luca parecia um tolo chato.

Luca mal havia começado sua dança quando Egeanin empurrou Mat para longe dela. "Assim que Merrillin retornar? Eu dei ordens para ninguém sair!" O olhar dela balançou entre ele e Luca com fúria fria, um frio que queimava. "Espero que minhas ordens sejam obedecidas!"



Luca parou de pular abruptamente e olhou para ela de lado, então de repente fez uma reverência com tantos floreios que você praticamente podia ver a capa. Quase dava para ver o bordado no manto! Ele achava que tinha jeito com as mulheres, Luca realmente tinha. "Você comanda, minha doce Senhora, e eu salto para obedecer." Ficando de pé, ele deu de ombros se desculpando. "Mas o Mestre Cauthon tem ouro, e temo que o ouro comande minha primeira obediência." O baú de Mat cheio de moedas de ouro nessa mesma carroça foi todo o esforço necessário para convencê-lo. Talvez Mat sendo *ta'veren* tenha ajudado, mas por ouro suficiente, Valan Luca ajudaria a sequestrar o Tenebroso.

Egeanin respirou fundo, pronta para repreender Luca ainda mais, mas o homem virou as costas e subiu os degraus em sua carroça gritando: "Latelle! Latelle! Devemos expulsar todos imediatamente! Estamos partindo finalmente, no minuto em que Merrillin voltar! A Luz seja louvada!"

Um momento depois, ele estava de volta, correndo de volta pela escada curta, seguido por sua esposa puxando uma capa de veludo preto, costurada com lantejoulas brilhantes, em torno de si. Uma mulher de rosto severo, ela torceu o nariz para Mat como se ele tivesse um cheiro ruim e deu a Egeanin um olhar que provavelmente fazia seus ursos treinados subirem em árvores. Latelle não gostava da ideia de uma mulher fugir do marido, mesmo sabendo que era mentira. Por sorte, ela parecia adorar Luca por algum motivo, e ela gostava de ouro quase tão bem quanto ele. Luca correu para a carroça mais próxima e começou a bater na porta, e Latelle fez o mesmo na próxima.

Sem esperar para assistir, Mat correu por uma das ruas laterais. Mais um beco em comparação com a rua principal, serpenteava entre o mesmo tipo de carroças e barracas, todas fechadas contra o frio, com fumaça saindo das chaminés de metal. Não havia plataformas para artistas aqui, mas varais para secar roupas penduradas entre alguns dos vagões, e aqui e ali brinquedos de madeira estavam espalhados pelo chão. Esta rua era apenas para viver, a estreiteza destinada a desencorajar os forasteiros.

Ele se moveu rapidamente apesar de seu quadril —tinha andado a maior parte da dor —, mas não deu dez passos antes que Egeanin e Domon o alcançassem. Blaeric havia desaparecido, provavelmente indo dizer às irmãs que ainda estavam seguras e que finalmente poderiam ir embora. As Aes Sedai, disfarçadas de criadas doentes de medo de que o marido de sua patroa as pegasse, estavam cansadas de ficar confinadas à carroça, para não dizer cansadas de as compartilhar com as *sul'dam*. Mat as fizera compartilhar, para que as Aes Sedai pudessem vigiar as *sul'dam* enquanto as *sul'dam* mantinham as Aes Sedai longe de seus cabelos. Ainda assim, Mat estava feliz por Blaeric ter tirado a necessidade de ele visitar aquela carroça novamente. Uma ou outra das irmãs o chamava quatro ou cinco vezes por dia desde que fugiram da cidade, e ele ia quando não podia evitar, mas nunca era uma experiência agradável.

Desta vez, Egeanin não o abraçou. Ela caminhou ao lado dele olhando para frente, sem se preocupar em checar sua peruca, pelo menos uma vez. Domon se arrastou para trás como um urso, resmungando baixinho em seu forte sotaque illianense. O gorro expunha o fato de que sua barba escura parava abruptamente no meio de cada orelha, com apenas barba por fazer acima. Isso o fazia parecer... inacabado.

“Dois capitães em um navio garantem o curso para o desastre,” Egeanin falou com paciência exagerada. Seu sorriso compreensivo parecia machucar seu rosto.

“Não estamos em um navio”, respondeu Mat.

“O princípio é o mesmo, Cauthon! Você é um agricultor. Eu sei que você é um bom homem em uma situação difícil.” Egeanin lançou um olhar sombrio por cima do ombro para Domon. Foi ele quem a uniu com Mat, quando ela achava que estava contratando um homem contratado. “Mas esta situação precisa de julgamento e experiência. Estamos em águas perigosas e você não tem conhecimento de comando.

“Mais do que você imagina,” ele disse a ela secamente. Ele poderia ter feito uma lista das batalhas que ele se lembrava de

comandar, mas apenas um historiador reconheceria a maioria delas, e talvez nem mesmo um historiador. Ninguém iria acreditar, de qualquer maneira. Ele certamente não acreditaria se outra pessoa tivesse feito essa afirmação. “Você e Domon não deveriam estar se preparando? Você não gostaria de deixar nada para trás.” Tudo o que ela possuía já estava guardado na carroça que ela e Mat dividiam com Domon — não era um arranjo confortável isso —, mas ele apressou o passo, esperando que ela entendesse a dica. Além disso, ele viu seu destino à frente.

A barraca de parede azul brilhante, amontoada entre uma carroça amarela virulenta e uma verde esmeralda, mal era grande o suficiente para acomodar três catres, mas fornecer abrigo para todos que ele trouxe de Ebou Dar exigiu subornos para fazer as pessoas se mudarem e mais subornos para fazer com que os outros os deixassem entrar. O que ele conseguira contratar era o que os proprietários estavam dispostos a deixá-lo ter. A taxas adequadas para uma boa pousada. Juilin, um homem moreno e compacto com cabelo preto curto, estava sentado de pernas cruzadas no chão em frente à barraca com Olver, um garotinho magro, mas não tão magro como quando Mat o viu pela primeira vez, e baixo para dez anos, a idade que ele dizia ter. Ambos sem casaco, apesar do vento, brincavam de cobras e raposas em um tabuleiro que o pai morto do menino havia desenhado para ele em um pedaço de pano vermelho. Jogando os dados, Olver contou as sementes cuidadosamente e considerou seu movimento ao longo da teia de aranha de linhas pretas e flechas. O caçador de ladrões taireno estava prestando menos atenção ao jogo. Ele se endireitou ao ver Mat.

Abruptamente, Noal disparou da parte de trás da tenda, respirando com dificuldade como se estivesse correndo. Juilin olhou surpresa para o velho, e Mat franziu a testa. Ele havia dito a Noal que viesse direto para cá. Onde ele tinha ido em vez disso? Noal olhou para ele com expectativa, sem culpa ou constrangimento, apenas ansioso para ouvir o que Mat tinha a dizer.

"Você sabe sobre os Seanchan?" Juilin perguntou, voltando sua atenção para Mat também.

Uma sombra se moveu dentro das abas de entrada da tenda, e uma mulher de cabelos escuros, sentada na ponta de um dos catres com uma velha capa cinza enrolada em volta dela, inclinou-se para descansar a mão no braço de Juilin. E para dar a Mat um olhar cauteloso. Thera era bonita, se você gostasse de uma boca que sempre parecia fazer beicinho, e parecia que Juilin gostava, pelo jeito que ele sorriu para ela de forma tranquilizadora e acariciou sua mão. Ela também era Amathera Aelfdene Casmir Lounault, Panarca de Tarabon e a coisa mais próxima de uma rainha. Pelo menos, ela tinha sido, uma vez. Juilin sabia disso, e Thom também, mas ninguém pensou em contar a Mat até chegarem ao espetáculo. Ele supôs que isso pouco importava, junto com todo o resto. Ela respondia mais rápido a Thera do que a Amathera, não fazia exigências, exceto no horário de Juilin, e parecia haver pouca chance de alguém reconhecê-la aqui. De qualquer forma, Mat esperava que ela sentisse mais do que gratidão por ter sido resgatada, porque Juilin certamente sentia mais por ela. Quem poderia dizer que uma panarca destronada não poderia se apaixonar por um caçador de ladrões? Coisas estranhas aconteceram. Embora ele não tivesse certeza se poderia nomear uma, de improviso.

"Eles só queriam ver o mandato para os cavalos de Luca", disse ele, e Juilin assentiu, visivelmente relaxando um pouco.

"Além disso, eles não contaram os cavalos." O mandado listava o número exato de cavalos que Luca tinha permissão para manter. Os Seanchan podiam ser generosos com suas recompensas, mas dada a necessidade de montarias e pares de carroças, eles não estavam dispostos a dar a ninguém uma licença para estabelecer comércio de cavalos. "Na melhor das hipóteses, eles teriam aceitado o extra. Na pior das hipóteses..." O apanhador de ladrões deu de ombros. Outra alma alegre.

Com um suspiro, Thera de repente puxou a capa com mais força e voltou para as profundezas da tenda. Juilin olhou para trás de Mat, seus olhos ficando duros, e o tairino poderia competir com os Guardiões quando se tratava de dureza. Egeanin não pareceu

entender as dicas e estava olhando para a barraca. Domon estava ao lado dela com os braços cruzados, chupando os dentes em pensamento ou paciência forçada.

"Arrume sua barraca, Sandar", ordenou Egeanin. "O espetáculo está saindo assim que Merrillin retornar." Sua mandíbula apertou, e ela não olhou para Mat. Não exatamente. "Certifique-se de que sua... mulher... não dê nenhum problema." Mais recentemente, Thera tinha sido uma serva, *da'covale*, propriedade da Alta Senhora Suroth, até que Juilin a roubou. Para Egeanin, roubar *da'covale* era quase tão ruim quanto libertar *damane*.

"Posso andar no Vento?" Olver exclamou, saltando para seus pés. "Posso, Mat? Posso, Leilwin? Egeanin realmente sorriu para ele. Mat ainda não tinha visto o sorriso dela para mais ninguém, nem mesmo para Domon.

"Ainda não", disse Mat. Não até que estivessem longe o suficiente de Ebou Dar para que ninguém se lembrasse das corridas cinzentas vencedoras com um garotinho nas costas. "Em alguns dias, talvez. Juilin, você vai contar aos outros? Blaeric já sabe, então as irmãs estão sabendo."

Juilin não perdeu tempo, além de se esconder dentro da barraca para tranquilizar Thera. Ela parecia precisar ser tranquilizada com frequência. Quando ele saiu, carregando um casaco taireno escuro que estava começando a se desgastar, disse a Olver para guardar o jogo e ajudar Thera com a embalagem até que ele voltasse, então colocou o chapéu vermelho cônico na cabeça e partiu, encolhendo os ombros no casaco. Ele nunca olhava para Egeanin. Ela o considerava um ladrão, ofensivo em si mesmo para um caçador de ladrões, e os tairenos também não a amavam.

Mat começou a perguntar a Noal onde ele estava, mas o velho correu agilmente atrás de Juilin, gritando por cima do ombro que ajudaria a avisar os outros que o espetáculo estava indo embora. Bem, dois poderiam espalhar a notícia mais rápido do que um — Vanin e os quatro Braços Vermelhos sobreviventes dividiam uma tenda lotada de um lado do espetáculo, enquanto o próprio Noal dividia outra com Thom e os dois servos, Lopin e Nerim, no lado oposto — e a pergunta podia esperar. Provavelmente, ele tinha apenas atrasado para colocar seu precioso peixe em algum lugar

seguro. De qualquer forma, a pergunta de repente parecia sem importância.

O barulho de pessoas gritando para que os tratadores de cavalos trouxessem suas parelhas, e outros exigindo a plenos pulmões para saber o que estava acontecendo, estava começando a encher o acampamento. Adria, uma mulher esbelta segurando um manto verde florido em volta de si, veio correndo descalça e desapareceu na carroça amarela, onde moravam os outros quatro contorcionistas. Alguém na carroça verde gritou roucamente que as pessoas estavam tentando dormir. Um punhado de filhos de artistas, alguns deles artistas também, passaram correndo, e Olver ergueu os olhos ao dobrar o jogo. Esse era seu bem mais precioso, mas se não fosse por isso, ele claramente teria ido atrás deles. Ainda levaria algum tempo antes que o espetáculo estivesse pronto para viajar, mas não foi isso que fez Mat gemer. Ele tinha acabado de ouvir aqueles malditos dados começarem a chacoalhar em sua cabeça novamente.



## CAPÍTULO

### 3

---



### *Um Leque de Cores*

Mat não sabia se amaldiçoava ou chorava. Com os soldados tendo ido embora e Ebou Dar prestes a ser deixada para trás, parecia não haver razão para os dados, mas nunca houve uma maldita razão que ele pudesse ver até que fosse tarde demais. O que quer que estivesse por vir poderia estar a dias no futuro ou apenas uma hora, mas ele nunca foi capaz de descobrir antes do tempo. As únicas certezas eram de que algo importante – ou terrível – iria acontecer e que ele não conseguiria evitar. Às vezes, como naquela noite no portal, ele não entendia por que os dados estavam caindo mesmo depois que pararam. Tudo o que ele realmente sabia com certeza era que, por mais que os dados o fizessem se contorcer como uma cabra com coceira, uma vez que comesçassem, ele não queria que parassem nunca. Mas eles paravam. Mais cedo ou mais tarde, eles sempre paravam.

“Você está bem, Mat?” disse Olver. “Esses Seanchan não podem nos pegar.” Ele tentou uma convicção rude, mas uma pitada de pergunta pairou em sua voz.

Abruptamente, Mat percebeu que estava olhando para o nada. Egeanin franziu a testa para ele enquanto brincava distraidamente com sua peruca, claramente zangada por ele a estar ignorando. Os olhos de Domon tinham um olhar estudioso; se ele não estivesse decidindo se ficaria chateado em nome de Egeanin, Mat comeria sua capa. Até Thera estava espiando para ele por trás da aba de

entrada da barraca, e ela sempre tentava ficar fora da vista de Egeanin. Ele não sabia explicar. Apenas um homem com mingau no lugar do cérebro acreditaria que recebeu avisos ao ouvir dados que ninguém podia ver. Ou talvez um homem marcado pelo Poder. Ou pelo Tenebroso. Ele não estava ansioso para ter nenhuma dessas coisas suspeitas sobre ele. E podia ser aquela noite no portal novamente. Não, isso não era um segredo que ele queria revelar. Não adiantaria, de qualquer maneira.

"Eles nunca vão nos pegar, Olver, não você e eu." Ele bagunçou o cabelo do menino, e Olver deu um sorriso largo, a confiança restaurada tão fácil assim. "Não enquanto mantivermos nossos olhos abertos e nossa inteligência sobre nós. Lembre-se, você pode encontrar uma saída para qualquer dificuldade se mantiver os olhos e a inteligência aguçados, mas, se não o fizer, tropeçará nos próprios pés." Olver assentiu gravemente, mas Mat quis dizer o lembrete para os outros. Ou talvez para si mesmo. Luz, não havia como nenhum deles estar mais alerta. Exceto por Olver, que achava tudo uma grande aventura, todos eles estavam pulando fora de suas peles desde antes de deixar a cidade. "Vá ajudar Thera como Juilin te disse, Olver."

Uma rajada cortante atravessou o casaco de Mat, fazendo-o estremecer. "E coloque seu casaco; está frio", acrescentou enquanto o menino passava por Thera e entrava na barraca. Barulhos e ruídos de raspagem vindos de dentro diziam que Olver estava se preparando para trabalhar, com ou sem casaco, mas Thera permaneceu agachada na entrada da barraca, olhando para Mat. Por todos os cuidados que qualquer pessoa, exceto Mat Cauthon, tomasse, o menino poderia alcançar sua morte.

Assim que Olver desapareceu, Egeanin se aproximou de Mat, os punhos nos quadris novamente, e ele gemeu baixinho. "Vamos resolver as coisas agora, Cauthon", disse ela com uma voz dura. "Agora! Não terei nossa jornada arruinada por você contrariar minhas ordens."

"Não há nada para resolver", ele disse a ela. "Eu nunca fui seu contratado, e é isso." De alguma forma, seu rosto conseguiu ficar



mais duro, bem como gritar que ela não via coisas assim. A mulher era tão tenaz como uma tartaruga, mas tinha que haver alguma maneira de arrancar suas mandíbulas de sua perna. Que o queime se ele quisesse ficar sozinho com os dados rolando em sua cabeça, mas isso era melhor do que ter que ouvi-los enquanto discutia com ela. "Vou ver Tuon antes de partirmos." As palavras saíram de sua boca antes que ficassem claras em sua cabeça. Ele percebeu que elas estavam deitadas lá por algum tempo, porém, turvas e lentamente se solidificando.

O sangue sumiu das bochechas de Egeanin assim que o nome de Tuon saiu de sua boca, e ele ouviu um guincho de Thera seguido pelo estalo das abas da tenda sendo fechadas. A ex-panarca havia absorvido muitos costumes dos Seanchan enquanto era propriedade de Suroth, e muitos de seus tabus também. Egeanin era feita de material mais duro, no entanto. "Por que?" ela exigiu. Quase no mesmo fôlego, ela continuou, ansiosa e furiosa ao mesmo tempo. "Você não deve chamá-la assim. Você deve mostrar respeito." Mais dura em alguns aspectos.

Mat sorriu, mas ela não pareceu entender a piada. Respeito? Havia muito pouco respeito em enfiar uma mordaca na boca de alguém e enrolá-la em uma tapeçaria de parede. Chamar Tuon de Alta Dama ou qualquer outra coisa não mudaria isso. Claro, Egeanin estava mais disposta a falar sobre libertar *damane* do que sobre Tuon. Se ela pudesse fingir que o sequestro nunca aconteceu, ela o faria, e assim mesmo, ela tentou. Luz, ela tentou ignorar o sequestro enquanto estava acontecendo. Em sua mente, quaisquer outros crimes que ela pudesse ter cometido não eram nada além disso.

"Porque eu quero falar com ela", disse ele. E porque não? Ele tinha que falar, mais cedo ou mais tarde. As pessoas tinham começado a trotar para cima e para baixo na rua estreita, agora, homens seminus com suas camisas penduradas e mulheres com os cabelos ainda enrolados em lenços de dormir, alguns conduzindo cavalos e outros apenas vagando até onde ele podia ver. Um menino rijo, um pouco maior que Olver, passava dando cambalhotas onde a multidão lhe dava um ritmo de espaço, praticando ou talvez

brincando. O sujeito sonolento na carroça verde-escura ainda não havia aparecido. O Grande Espetáculo Itinerante de Luca ainda não viajaria por horas. Havia muito tempo. “Você poderia vir comigo,” ele sugeriu em sua voz mais inocente. Devia ter pensado nisso antes.

O convite fez com que Egeanin ficasse dura de verdade. Dificilmente parecia possível que seu rosto ficasse mais pálido, mas um pedaço extra de cor se esvaiu. “Você vai mostrar a ela o devido respeito”, disse ela com a voz rouca, agarrando o lenço atado com as duas mãos como se tentasse apertar a peruca preta mais firme em sua cabeça. “Venha, Bayle. Quero ter certeza de que minhas coisas estão arrumadas corretamente.”

Domon hesitou quando ela se virou e correu para a multidão sem olhar para trás, e Mat o observou com cautela. Ele tinha vagas lembranças de uma viagem no navio de Domon, uma vez, mas vagas era o melhor que podia dizer sobre elas. Thom era amigo de Domon, um ponto a favor do ilianense, mas ele era o homem de Egeanin na faca, pronto para apoiá-la em qualquer coisa, até não gostar de Juilin, e Mat não confiava nele mais do que ele confiava nela. Ou seja, não muito. Egeanin e Domon tinham seus próprios objetivos, e se Mat Cauthon mantinha um esconderijo inteiro não os levava em consideração. Ele duvidava que o homem realmente confiasse nele, mas nenhum deles tinha muita escolha no momento.

“A sorte me pica,” Domon murmurou, coçando as cerdas crescendo acima de sua orelha esquerda, “o que quer que você esteja fazendo, você pode estar arriscando sua cabeça. Eu acho que ela é mais forte do que você suspeita.”

“Egeanin?” Mat disse incrédulo. Ele olhou ao redor rapidamente para ver se alguém no beco tinha ouvido seu deslize. Alguns olharam para ele e Domon enquanto passavam, mas ninguém olhou duas vezes. Luca não era o único ansioso para ir embora de uma cidade onde o fluxo de clientes para o espetáculo havia secado e os relâmpagos na noite incendiando o porto eram uma lembrança fresca. Eles podem ter fugido naquela primeira noite, deixando Mat sem nenhum lugar para se esconder, não fosse por Luca discutindo com eles. Aquele ouro prometido tornara Luca muito persuasivo. “Eu

sei que ela é mais forte que botas velhas, Domon, mas botas velhas não contam para mim. Este não é um maldito navio, e não vou deixá-la assumir o comando e arruinar tudo.”

Domon fez uma careta como se Mat tivesse um cérebro de ganso. “A menina, cara. Você acredita que poderia ficar tão calmo se fosse levado à noite? O que quer que você esteja fazendo, com essa conversa louca de que ela é sua esposa, tenha cuidado ou ela pode cortar sua cabeça nos ombros.”

“Eu estava apenas dando uma de tolo,” Mat murmurou. “Quantas vezes eu tenho que dizer isso? Fiquei nervoso por um minuto.” Ah, ele tinha ficado. Saber quem era Tuon, enquanto lutava com ela, teria enervado um maldito Trolloc.

Domon grunhiu em descrença. Bem, dificilmente era a melhor história que Mat já inventara. Exceto por Domon, todos que a ouviram balbuciar pareciam aceitar a história, no entanto. Mat achava que sim. Egeanin poderia ter um nó na língua só de pensar em Tuon, mas ela teria dito muito se acreditasse que ele estava falando sério. Provavelmente, teria enfiado a faca nele.

Espiando na direção que Egeanin tinha ido, o illianense balançou a cabeça. “Tente segurar sua língua de agora em diante. Por exemplo... Leilwin... quase tem um ataque sempre que ela pensa no que você disse. Eu a ouvi murmurar baixinho, e você pode apostar que a própria garota não aceita mais fácil. Você 'dá uma de tolo' com ela, e você pode nos matar. Ele deslizou um dedo pela garganta expressivamente e deu um aceno curto antes de empurrar a multidão atrás de Egeanin.

Observando-o ir, Mat balançou a cabeça. Tuan, forte? É verdade, ela era a Filha das Nove Luas e tudo aquilo, e ela foi capaz de fazê-lo arrepiar com um olhar no Palácio Tarasin, quando ele pensou que ela era apenas mais uma nobre Seanchan com o nariz empinado, mas isso era só porque ela continuava aparecendo onde ele não esperava. Não mais do que isso. Forte? Ela parecia uma boneca feita de porcelana preta. Quão dura ela poderia ser?

*Era tudo que você podia fazer para evitar que ela quebrasse seu nariz e talvez mais, ele lembrou a si mesmo.*

Ele teve o cuidado de não repetir o que Domon chamava de “conversa selvagem”, mas a verdade era que iria se casar com Tuon. O pensamento o fez suspirar. Ele sabia disso com tanta certeza quanto uma profecia, o que era, de certa forma. Não conseguia imaginar como tal casamento poderia acontecer; parecia impossível, à primeira vista, e ele não choraria se fosse. Mas sabia que não era. Por que ele sempre se encontrava malditamente atravancado com malditas mulheres que puxavam facas para ele ou tentavam chutar sua cabeça? Não era justo.

Pretendia ir direto para a carroça onde Tuon e Selucia estavam sendo mantidas, com Setalle Anan para vigiar — a estalajadeira podia fazer uma pedra parecer macia; uma nobre mimada e uma dama de companhia não lhe dariam nenhum problema, especialmente com um Braço Vermelho de plantão do lado de fora. Pelo menos, elas não tinham até agora, ou ele teria ouvido —, mas ele encontrou seus pés vagando, levando-o pelas ruas sinuosas que passavam pelo espetáculo. A agitação enchia todas elas, largas e estreitas. Homens corriam conduzindo cavalos que se reviravam e se esquivavam, muito tempo sem exercício. Outras pessoas estavam desmontando tendas e empacotando os vagões de armazenamento, ou transportando trouxas embrulhadas em pano e baús encadernados em latão e barris e latas de todos os tamanhos dos vagões semelhantes a casas que estavam parados aqui há meses, descarregando parcialmente para que tudo pudesse ser reembalado para viajar mesmo enquanto as equipes estavam sendo aproveitadas. A algazarra era constante: cavalos relinchavam, mulheres gritavam por crianças, crianças choravam por brinquedos perdidos ou berravam pelo puro prazer do barulho, homens berravam para saber quem estava em seus arreios ou quem havia pegado alguma ferramenta emprestada. Uma trupe de acrobatas, mulheres esbeltas, mas musculosas que trabalhavam em cordas penduradas em postes altos, cercaram um dos adestradores de cavalos, todas agitando os braços e dando voz a plenos pulmões e ninguém ouvindo. Mat parou por um momento tentando descobrir sobre o que elas estavam discutindo, mas eventualmente decidiu

que elas mesmas não tinham certeza. Dois homens lutando sem casaco rolaram no chão, observados de perto pela causa provável, uma costureira esbelta e de olhos quentes chamada Jameine, mas Petra apareceu e os separou antes que Mat pudesse fazer uma aposta.

Ele não tinha medo de ver Tuon novamente. Claro que não. Tinha ficado longe, depois de colocá-la naquela carroça, para dar-lhe tempo para se acalmar e se recompor. Isso era tudo. Só que estava... Calma, como Domon a chamou, e era verdade. Sequestrada no meio da noite, arrebatada em uma tempestade por pessoas que tão logo teriam cortado sua garganta ao olhar para ela, até onde ela sabia, e ela tinha sido de longe a mais calma de todas. Luz, ela poderia ter planejado isso sozinha, de tão chateada que estava! Isso o fez sentir como se a ponta de uma faca estivesse fazendo cócegas entre suas omoplatas na hora, e a faca estava de volta só de pensar nela. E aqueles dados estavam chacoalhando dentro de seu crânio.

*A mulher dificilmente se oferecerá para trocar votos aqui e agora,* ele pensou com uma risada, mas soou forçada até mesmo para ele. No entanto, não havia razão sob o sol para ele ter medo. Estava apenas devidamente cauteloso, não com medo.

O espetáculo poderia ter igualado uma aldeia de tamanho razoável em tamanho, mas havia apenas uma quantidade limitada de tempo que um homem poderia vagar por todo esse espaço antes de começar a se circular. Logo, cedo demais, ele se viu olhando para uma carroça sem janelas pintada em púrpura desbotada, cercada por carroças de armazenamento cobertas de lona e à vista das linhas de cavalos mais ao sul. As carroças de esterco não tinham saído esta manhã, e o odor era forte. O vento também trazia um cheiro forte das jaulas de animais mais próximas, um cheiro almiscarado de grandes felinos e ursos e a Luz sabia o que mais. Além dos vagões de armazenamento e piquetes, uma parte da parede de lona caiu e outra começou a tremer enquanto os homens afrouxavam as cordas que seguravam os postes. O sol, meio

escondido pelas nuvens escuras agora, havia subido até a metade do pico do meio-dia ou mais, mas ainda era cedo demais.

Harnan e Metwyn, dois dos Braços Vermelhos, já haviam atrelado o primeiro par de cavalos ao eixo da carroça púrpura e estavam quase terminando o segundo par. Soldados bem treinados no Bando da Mão Vermelha, estariam prontos para pegar a estrada enquanto o povo do espetáculo ainda descobria para que lado os cavalos deveriam apontar. Mat havia ensinado o Bando a se mover rápido quando havia necessidade. Seus próprios pés se arrastavam como se estivesse andando na lama.

Harnan, com aquela tatuagem idiota de um falcão na bochecha, foi o primeiro a vê-lo. Apertando um rastro, o líder de esquadrão de maxilar pesado trocou olhares com Metwyn, um cairhieno de rosto infantil cuja aparência desmentia sua idade e sua fraqueza por brigas de taverna. Eles não precisavam parecer surpresos.

“Tudo indo bem? Eu quero estar longe a tempo.” Esfregando as mãos contra o frio, Mat olhou inquieto para a carroça roxa. Ele deveria ter trazido um presente para ela, joias ou flores. Qualquer uma funcionava bem, com a maioria das mulheres.

“Suavemente suave, meu Lorde,” Harnan respondeu em um tom cauteloso. “Sem gritos, sem berros, sem choro.” Ele olhou para a carroça como se ele próprio não acreditasse.

“Silêncio combina comigo”, disse Metwyn, amarrando uma das rédeas em um anel em uma coleira de cavalo. “A mulher começa a chorar, e a única coisa a fazer é ir embora, se você valoriza sua pele, e dificilmente podemos deixar isso na beira da estrada.” Mas ele também olhou para a carroça e balançou a cabeça, incrédulo.

Realmente não havia nada para Mat fazer a não ser entrar. Então ele entrou. Bastaram duas tentativas, com um sorriso estampado no rosto, para se obrigar a subir o pequeno lance de degraus de madeira pintada na parte de trás da carroça. Ele não estava com medo, mas qualquer tolo saberia o suficiente para ficar nervoso.

Apesar da falta de janelas, o interior da carroça estava bem iluminado, com quatro lamparinas espelhadas acesas, e as lamparinas tinham bom óleo, então não havia cheiro de ranço. Mas

então, com o fedor do lado de fora, teria sido difícil dizer. Ele precisava encontrar um lugar melhor para estacionar esta carroça. Um pequeno fogão de tijolos com porta de ferro e tampo de ferro para cozinhar tornava o espaço quentinho em comparação com o exterior. Não era uma carroça grande, e cada centímetro de parede que podia ser poupado estava coberto de armários ou prateleiras ou ganchos para pendurar roupas e toalhas e coisas do gênero, mas a mesa que podia ser pendurada em cordas estava encostada no teto, e as três mulheres dentro da carroça não estavam empilhadas.

Elas não poderiam ser mais diferentes, aquelas três. A senhora Anan estava sentada em uma das duas camas estreitas construídas nas paredes, uma mulher régia com toques grisalhos em seu cabelo, aparentemente concentrada em seu bastidor de bordar e sem olhar como se fosse uma guarda. Um grande anel de ouro pendia em cada uma de suas orelhas, e sua faca de casamento pendia de um colar de prata justo, o punho com suas pedras vermelhas e brancas encaixado no colo exposto pelo decote estreito de seu vestido Ebou Dari que tinha um lado da saia costurado para expor anáguas amarelas. Ela usava outra faca, com uma lâmina longa e curva, enfiada atrás do cinto, mas esse era apenas o costume de Ebou Dar. Setalle se recusou a assumir qualquer disfarce, o que parecia bom o suficiente. Ninguém tinha motivos para procurá-la, e encontrar roupas para todos os outros já era um problema grande o suficiente. Selucia, uma mulher bonita com a pele cor de creme amanteigado, estava de pernas cruzadas no chão entre as camas, um lenço escuro cobrindo a cabeça raspada e uma expressão carrancuda no rosto, embora normalmente ela fosse digna o suficiente para fazer a senhora Anan parecer volúvel. Seus olhos eram tão azuis quanto os de Egeanin, e mais penetrantes, e ela fez mais barulho do que Egeanin por perder o resto do cabelo. Ela também não gostou do vestido azul escuro eboudariano que recebeu, alegando que o decote profundo era indecente, mas a escondia tão efetivamente quanto uma máscara. Poucos homens que vislumbrassem os seios impressionantes de Selucia seriam capazes de se concentrar por muito tempo em seu rosto. Mat podia

ter apreciado a vista por um momento ou dois, mas lá estava Tuon, sentada no único banco da carroça, um livro encadernado em couro aberto no colo, e ele mal conseguia olhar para qualquer outra coisa. Sua futura esposa. Luz!

Tuon era baixinha, não só baixinha, mas quase magra como um menino, e um vestido folgado de lã marrom, comprado de uma mulher do povo do espetáculo, a fazia parecer uma criança com as roupas da irmã mais velha. Não era o tipo de mulher que ele gostava, especialmente com apenas alguns dias de crescimento de cabelo preto cobrindo seu couro cabeludo. Se você ignorasse isso, ela era bonita, porém, de um jeito reservado, com seu rosto em forma de coração e lábios carnudos, seus olhos grandes piscinas líquidas escuras de serenidade. Essa calma absoluta quase o enervava. Nem mesmo uma Aes Sedai seria serena em suas circunstâncias. Os malditos dados em sua cabeça não ajudaram em nada.

"Setalle tem me mantido informado", disse ela em um sotaque frio enquanto ele fechava a porta. Ele conseguira perceber a diferença nos sotaques de Seanchan; Tuon fazia Egeanin soar como se estivesse com a boca cheia de mingau, mas todos pareciam arrastados e lentos. "Ela me contou a história que você contou sobre mim, Brinquedo." Tuon insistira em chamá-lo assim, lá no Palácio Tarasin. Ele não se importou na hora. Bem, não muito.

"Meu nome é Mat," ele começou. Ele nunca viu de onde veio o copo de cerâmica na mão dela, mas conseguiu se jogar no chão a tempo de estilhaçar contra a porta ao invés de sua cabeça.

"Eu sou uma serva, Brinquedo?" Se o tom de Tuon tinha sido frio antes, agora era gelo de inverno profundo. Ela mal levantou a voz, mas também estava dura como gelo. Sua expressão teria feito um juiz enforcado parecer tonto. "Uma serva ladra?" O livro escorregou de seu colo quando ela se levantou e se curvou para pegar o penico branco com tampa. "Uma serva infiel?"

"Vamos precisar disso", disse Selucia com deferência, tirando o pote bulboso das mãos de Tuon. Colocando-o cuidadosamente de lado, ela se agachou aos pés de Tuon quase como se estivesse



pronta para se atirar em Mat, por mais risível que isso fosse. Embora nada parecesse risível naquele momento.

A Sra. Anan estendeu a mão para uma das prateleiras com grade acima de sua cabeça e entregou outra xícara a Tuon. “Nós temos muitas destas,” ela murmurou.

Mat lançou-lhe um olhar indignado, mas seus olhos castanhos brilharam com diversão. Diversão! Ela deveria estar vigiando aquelas duas!

Um punho bateu na porta. “Você precisa de ajuda aí?” Harnan chamou incerto. Mat se perguntou a quem ele estava perguntando.

“Nós temos tudo sob controle,” Setalle respondeu, calmamente empurrando a agulha através do tecido esticado em seu aro. Você teria pensado que o bordado era a coisa mais importante. “Continue com seu trabalho. Não demore.” A mulher não era eboudariana, mas certamente havia assimilado os costumes de Ebou Dar. Depois de um momento, botas voltaram a descer os degraus do lado de fora. Parecia que Harnan também estava há muito tempo em Ebou Dar.

Tuon virou a xícara nova em suas mãos como se examinasse as flores pintadas nela, e seus lábios se curvaram em um sorriso tão pequeno que quase poderia ter sido a imaginação de Mat. Ela era mais do que bonita quando sorria, mas era um daqueles sorrisos que diziam que ela sabia coisas que ele não sabia. Ele ia ter urticária se ela continuasse fazendo isso. “Eu não serei conhecida coma uma serva, Brinquedo.”

“Meu nome é Mat, não... aquela outra coisa,” ele disse, ficando de pé e cautelosamente testando seu quadril. Para sua surpresa, não doeu mais depois de bater nas tábuas do assoalho. Tuon arqueou uma sobrancelha e ergueu o copo em uma mão. “Difícilmente eu poderia dizer ao povo do espetáculo que havia sequestrado a Filha das Nove Luas”, disse exasperado.

“A Alta Dama Tuon, camponesa!” Selucia disse secamente. “Ela está sob o véu!” Véu? Tuon usava um véu no palácio, mas não desde então.

A pequena mulher gesticulou graciosamente, uma rainha concedendo licença. “Não tem importância, Selucia. Ele é ignorante,

ainda. Devemos educá-lo. Mas você vai mudar essa história, Brinquedo. Eu não serei uma serva.”

“É tarde demais para mudar alguma coisa”, disse Mat, mantendo um olho no copo. Suas mãos pareciam frágeis, com aquelas unhas compridas cortadas, mas ele se lembrava de como eram rápidas. “Ninguém está pedindo para você ser uma serva.” Luca e sua esposa sabiam a verdade, mas tinha que haver alguma razão para dar a todos os outros por que Tuon e Selucia eram mantidas confinadas a esta carroça e vigiadas. A solução perfeita tinha sido um par de criadas, prestes a serem despedidas por roubo, que pretendiam trair a fuga da patroa com o amante. Parecia perfeito para Mat, de qualquer maneira. Ao povo do espetáculo, isso só agregou ao romance. Ele pensou que Egeanin ia engolir a língua enquanto ele explicava a Luca. Talvez ela soubesse como Tuon reagiria. Luz, ele quase desejou que os dados parassem. Como um homem pode pensar com isso na cabeça?

“Eu não poderia deixar você para trás para dar um alarme”, ele continuou pacientemente. Isso era verdade, até onde ia. “Eu sei que a Sra. Anan explicou isso para você.” Ele pensou em dizer que estava balbuciando de nervoso quando disse que ela era sua esposa — ela devia pensar que ele era um completo idiota! —, mas parecia melhor não tocar no assunto novamente. Se ela estava disposta a deixar o assunto de lado, melhor ainda. “Eu sei que ela já te contou isso, mas prometo que ninguém vai te machucar. Não estamos atrás de resgate, apenas fugindo com nossas cabeças ainda presas ao pescoço. Assim que eu descobrir como te mandar para casa são e salva, eu vou. Eu prometo. Vou deixá-la o mais confortável possível até então. Você só vai ter que aturar o resto.”

Os grandes olhos escuros de Tuon estalaram, o calor de raios no céu noturno, mas ela disse: “Parece que vou ver o que suas promessas valem, Brinquedo”. A seus pés, Selucia sibilou como um gato encharcado, a cabeça meio girando como se fosse protestar, mas a mão esquerda de Tuon mexeu, e a mulher de olhos azuis corou e ficou em silêncio. Os Sangue usavam algo como uma

conversa de Donzela com seus servos superiores. Mat desejou ter entendido os sinais.

"Responda-me uma pergunta, Tuon", disse ele.

Ele pensou ter ouvido Setall murmurar: "Tolo". A mandíbula de Selucia se contraiu e um olhar perigoso se acendeu nos olhos de Tuon, mas se ela o chamasse de "Brinquedo", ele se queimaria se lhe desse algum título.

"Quantos anos você tem?" Ele tinha ouvido falar que ela era apenas alguns anos mais nova que ele, mas olhando para ela naquele saco de vestido, parecia impossível.

Para sua surpresa, aquela faísca perigosa explodiu em chamas. Não apenas aquecimento de raios, desta vez. Ele deveria ter sido frito na hora. Tuon jogou os ombros para trás e ficou em sua altura total. Tal como era; ele duvidava que ela pudesse alcançar um metro e meio de altura com os calcanhares retos, por mais que ela se esticasse. "Meu décimo quarto dia do nome verdadeiro chegará em cinco meses," ela disse em uma voz que estava longe de ser fria. Na verdade, poderia ter aquecido melhor a carroça do que o fogão. Ele sentiu um momento de esperança, mas ela não havia terminado. "Não; você mantém seus nomes de nascimento aqui, não é? Esse será meu vigésimo dia de nomeação. Você está satisfeito, Brinquedo? Você temia ter sequestrado uma... criança?" Ela quase assobiou a última palavra.

Mat acenou com as mãos na frente dele, freneticamente descartando a sugestão. A mulher começou a assobiar para ele como uma chaleira, um homem com algum cérebro encontraria uma maneira de esfriá-la rapidamente. Ela estava segurando a xícara com tanta força que os tendões se destacavam nas costas de sua mão, e ele não queria testar o quadril com outra queda no chão. Parando para pensar sobre isso, ele não tinha certeza do quanto ela tentou bater nele da primeira vez. Suas mãos eram muito rápidas. "Eu só queria saber, só isso", disse ele rapidamente. "Fiquei curioso conversando. Eu sou apenas um pouco mais velho." Vinte. Tinha esperado que ela fosse jovem demais para se casar por mais três

ou quatro anos. Qualquer coisa que se interpusesse entre ele e o dia de seu casamento seria bem-vinda.

Tuon o estudou desconfiada com a cabeça inclinada, então jogou a xícara na cama ao lado da sra. Anan e sentou-se novamente no banco, tomando tanto cuidado em arrumar suas volumosas saias de lã como se elas pertencessem a um vestido de seda. Mas ela continuou a examiná-lo através de seus longos cílios. “Onde está seu anel?” ela exigiu.

Inconscientemente, ele manuseou o dedo da mão esquerda, onde o longo anel geralmente ficava. “Eu não uso isso o tempo todo.” Não quando todos no Palácio Tarasin sabiam que ele usava. A coisa teria se destacado, com seu traje áspero de vagabundo, em qualquer caso. Não era nem mesmo seu sinete, de qualquer maneira, apenas uma peça de escultor. Estranho, como sua mão parecia visivelmente mais leve sem ele. Leve demais. Estranho que ela comentou sobre isso também. Mas então, por que não? Luz, esses dados o fizeram se encolher por causa de sombras e pular com suspiros. Ou talvez fosse apenas ela, o que era um pensamento desconfortável.

Ele se moveu para se sentar na cama desocupada, mas Selucia se jogou nela tão rápido que qualquer um dos acrobatas poderia ter ficado com ciúmes, e se esticou com a cabeça apoiada na mão. Isso fez seu lenço ficar torto por um momento, mas ela rapidamente o endireitou, o tempo todo olhando para ele orgulhosa e fria como uma rainha. Ele olhou para a outra cama, e a Sra. Anan largou seu bordado o suficiente para alisar ostensivamente suas saias, deixando claro que não pretendia compartilhar um centímetro. Que a queime, ela estava se comportando como se estivesse protegendo Tuon dele! As mulheres sempre pareciam se unir para que um homem nunca tivesse uma chance justa. Bem, ele conseguiu impedir Egeanin de assumir o comando até agora, e não estava prestes a ser intimidado por Setalle Anan ou uma dama de peituda ou a alta e poderosa Grã-Senhora Filha das malditas Nove Luas! Só que ele dificilmente poderia empurrar uma delas para fora do caminho para encontrar um lugar para sentar.

Encostado a um armário com gavetas ao pé da cama em que a Sra. Anan estava sentada, ele tentou pensar no que dizer. Nunca teve problemas para pensar no que dizer às mulheres, mas seu cérebro parecia ensurdecedor pelo som daqueles dados. Todas as três mulheres deram-lhe olhares de desaprovação — ele podia ouvir uma delas dizendo para ele não se curvar! — então ele sorriu. A maioria das mulheres achava seu melhor sorriso muito atraente.

Tuon soltou um longo suspiro que não soou nem um pouco conquistada. “Você se lembra da cara do Asa de Gavião, Brinquedo?” A senhora Anan piscou surpresa, e Selucia sentou-se na cama franzindo a testa. Para ele. Por que ela franziria a testa para ele? Tuon apenas continuou a olhar para ele, as mãos cruzadas no colo, tão fria e controlada quanto uma Sabedoria no Domingo.

O sorriso de Mat parecia congelado. Luz, o que ela sabia? Como ela poderia saber alguma coisa? *Ele estava deitado sob o sol escaldante, segurando seu lado com as duas mãos, tentando evitar que o resto da vida vazasse e se perguntando se havia algum motivo para aguentar. Aldeshar estava acabado, depois do trabalho deste dia. Uma sombra obscureceu o sol por um instante, e então um homem alto de armadura se agachou ao lado dele, capacete debaixo do braço, olhos escuros e profundos emoldurando um nariz adunco. “Você lutou bem contra mim hoje, Culin, e muitos dias atrás”, disse aquela voz memorável. “Você vai morar comigo em paz?” Com seu último suspiro, ele riu na cara de Artur Asa de Gavião.* Ele odiava lembrar de morrer. Uma dúzia de outros encontros também passaram por sua mente, memórias antigas que eram dele, agora. Artur Paendrag tinha sido um homem difícil de conviver antes mesmo de as guerras começarem.

Respirando fundo, ele teve o cuidado de escolher suas palavras. Não era hora de falar a Velha Língua. “Claro que não!” ele mentiu. Um homem que não conseguia mentir de forma convincente recebia pouca atenção das mulheres. “Luz, Asa de Gavião morreu há mil anos! Que tipo de pergunta é essa?”

A boca dela se abriu lentamente, e por um momento ele teve certeza de que ela pretendia responder pergunta com pergunta. "Uma tolice, Brinquedo", ela respondeu finalmente, em vez disso. "Eu não posso dizer por que isso apareceu na minha cabeça."

A rigidez nos ombros de Mat relaxou um pouco. É claro. Ele era *ta'veren*. As pessoas faziam e diziam coisas ao redor dele que nunca fariam em outro lugar. Sem sentido nenhum. Ainda assim, uma coisa dessas podia se tornar desconfortável quando chega muito perto da realidade. "Meu nome é Mat. Mat Cauthon." Ele poderia muito bem não ter falado.

"Não posso dizer o que farei depois de retornar a Ebou Dar, Brinquedo. Ainda não decidi. Posso mandar fazer você *da'covale*. Você não é bonito o suficiente para um copeiro, mas poderia me agradar tê-lo como um. Ainda assim, você representou certas promessas para mim, então me agrada agora prometer também. Enquanto você cumprir suas promessas, não escaparei nem trairei você de forma alguma, nem causarei dissensão entre seus seguidores. Acredito que isso cobre tudo o que é necessário." Desta vez, a Senhora Anan ficou boquiaberta para ela, e Selucia fez um som em sua garganta, mas Tuon pareceu não notar nenhuma das mulheres. Ela apenas olhou para ele com expectativa, esperando uma resposta.

Ele fez um som na garganta também. Não um gemido, apenas um som. O rosto de Tuon era tão suave quanto uma máscara severa de vidro escuro. Sua calma era uma loucura, mas isso fazia o balbuciar parecer sensato! Ela teria que ser louca para pensar que ele acreditaria nessa oferta. Exceto que, ele pensava que ela falava sério. Isso, ou ela era uma mentirosa melhor do que ele esperava. Novamente ele teve aquela sensação nauseante de que ela sabia mais do que ele.

Era ridículo, claro, mas lá estava. Ele engoliu um nó na garganta. Um caroço duro.

"Bem, isso é bom para você," ele disse, tentando ganhar tempo, "mas e a Selucia?" Tempo para quê? Ele não conseguia pensar com aqueles dados batendo em seu crânio.

“Selucia segue meus desejos, Brinquedo,” Tuon disse impacientemente. A própria mulher de olhos azuis se endireitou e olhou para ele como se estivesse indignada por ele ter duvidado disso. Para uma dama de companhia, ela poderia parecer feroz quando tentasse.

Mat não sabia o que dizer ou fazer. Sem pensar, ele cuspiu na palma da mão e ofereceu a mão como se estivesse selando uma barganha em um cavalo.

“Seus costumes são... terrenos,” Tuon disse com uma voz seca, mas ela cuspiu na própria palma e apertou a mão dele. “Assim está escrito nosso tratado; assim é feito o acordo.’ O que significa essa escrita em sua lança, Brinquedo?”

Ele choramingou dessa vez, e não porque ela tivesse lido a inscrição em Língua Antiga em seu *ashandarei*. Uma maldita pedra teria choramingado. Os dados pararam assim que ele tocou a mão dela. Luz, o que aconteceu?

Um punho bateu na porta, e ele estava tão nervoso que se moveu sem pensar, girando, uma faca entrando em cada mão pronta para atirar em qualquer coisa que entrasse. “Fique atrás de mim,” ele retrucou.

A porta se abriu e Thom enfiou a cabeça para dentro. O capuz de sua capa estava levantado, e Mat percebeu que estava chovendo lá fora. Entre Tuon e os dados, ele havia perdido o som da chuva batendo no teto da carroça. “Eu acredito que não estou interrompendo nada?” Thom disse, juntando seus longos bigodes brancos.

O rosto de Mat aqueceu. Setalle estava congelada com a agulha de bordado descendo o fio azul até o trabalho, e suas sobancelhas pareciam estar tentando subir por cima da cabeça. Tensa na beirada da outra cama, Selucia o observou enfiar as facas de volta nas mangas com considerável interesse. Ele não teria pensado que ela era do tipo que gosta de homens perigosos. Vale a pena evitar esse tipo de mulher; elas tendiam a encontrar maneiras de fazer um homem precisar ser perigoso. Ele não olhou de volta para Tuon. Ela provavelmente estava olhando para ele como se ele estivesse

saltando como Luca. Só porque ele não queria se casar não significava que ele queria que sua futura esposa pensasse que ele era um tolo.

“O que você descobriu, Thom?” ele perguntou bruscamente. Algo havia acontecido, ou os dados não teriam parado. Um pensamento veio que fez seu cabelo querer ficar em pé. Esta era a segunda vez que eles paravam na presença de Tuon. A terceira, contando o portal que sai de Ebou Dar. Três malditas vezes, e todas amarradas a ela.

Mancando um pouco, o homem de cabelos brancos entrou, empurrando o capuz para trás e fechou a porta atrás de si. Sua manquejada vinha de uma lesão antiga, não de problemas na cidade. Alto e magro e enrugado, com olhos azuis afiados e bigodes nevados que pendiam abaixo do queixo, parecia que ele chamaria a atenção onde quer que fosse, mas ele tinha prática em se esconder à vista de todos, e seu casaco de bronze escuro e manto de lã marrom eram adequados para um homem com um pouco de moeda para gastar, mas não muita. “As ruas estão cheias de rumores sobre ela,” ele disse, acenando para Tuon, “mas nada sobre seu desaparecimento. Comprei bebidas para alguns oficiais Seanchan, e eles parecem acreditar que ela está aconchegada no Palácio Tarasin ou em uma viagem de inspeção. Não senti nenhuma dissimulação, Mat. Eles não sabiam.”

“Você esperava anúncios públicos, Brinquedo?” Tuon disse incrédula. “Do jeito que está, Suroth pode estar pensando em tirar a própria vida por vergonha. Você espera que ela espalhe um mau presságio para o Retorno para que todos vejam acima disso?”

Então Egeanin estava certa. Ainda parecia impossível. E não parecia nada importante em comparação com a parada dos dados. O que *tinha acontecido*? Ele havia apertado a mão de Tuon, isso era tudo. Apertou as mãos e fez uma barganha. Ele pretendia ficar do seu lado, mas o que os dados lhe disseram? Que ela manteria a dela? Ou que ela não manteria? Pelo que ele sabia, as mulheres nobres de Seanchan tinham o hábito de se casar — o que ela disse



que ia fazer com ele? — um copeiro — talvez elas se casassem com copeiro o tempo todo.

“Há mais, Mat”, disse Thom, olhando para Tuon pensativo e com uma pitada de surpresa. Ocorreu a Mat que ela não parecia muito preocupada com a possibilidade de Suroth se matar. Talvez ela fosse tão durona quanto Domon pensava. O que os malditos dados estavam tentando dizer a ele? Isso era o que era importante. Então Thom continuou, e Mat esqueceu como Tuon podia ser durona e até mesmo dos dados. “Tylin está morta. Eles estão mantendo o silêncio por medo de distúrbios, mas um dos guardas do palácio, um jovem tenente que não conseguiu segurar seu conhaque, me disse que estão planejando o banquete do funeral e a coroação de Beslan para o mesmo dia.”

“Como?” Mat exigiu. Ela era mais velha que ele, mas não muito mais velha! A coroação de Beslan. Luz! Como Beslan lidaria com isso, quando odiava os Seanchan? Era seu plano explodir esses mantimentos na Estrada da Baía. Ele teria tentado uma revolta se Mat não o tivesse convencido de que só resultaria em um massacre, e não dos Seanchan.

Thom hesitou, acariciando os bigodes com o polegar. Finalmente, ele suspirou. “Ela foi encontrada em seu quarto na manhã seguinte à nossa partida, Mat, ainda com as mãos e os pés amarrados. A cabeça dela... A cabeça dela foi arrancada.”

Mat não percebeu que seus joelhos cederam até que se viu sentado no chão com a cabeça zumbindo. Ele podia ouvir a voz dela. *Você ainda vai ter sua cabeça cortada se não tomar cuidado, porquinho, e eu não gostaria disso.* Setalle se inclinou para frente na cama estreita para pressionar uma mão contra sua bochecha em comiseração.

“As Chamadoras de Vento?” ele disse oco. Ele não precisava dizer mais nada.

“De acordo com o que aquele tenente disse, os Seanchan resolveram colocar a culpa das Aes Sedai. Porque Tylin jurou os juramentos dos Seanchan. Isso é o que eles vão anunciar em seu banquete fúnebre.”

“Tylin morre na mesma noite em que as Chamadoras de Vento escapam, e os Seanchan acreditam que Aes Sedai a mataram?” Ele não podia imaginar Tylin morta. *Eu vou ter você para o jantar, patinho.* “Isso não faz sentido, Thom.”

Thom hesitou, franzindo a testa enquanto considerava. “Pode ser político, em parte, mas acho que é nisso que eles realmente acreditam, Mat. Aquele tenente disse que eles têm certeza de que as Chamadoras de Vento estavam correndo demais para parar ou sair do caminho, e o caminho mais rápido para sair do palácio dos canis das *damane* não chega nem perto dos apartamentos de Tylin.”

Mat grunhiu. Ele tinha certeza que não era assim. E se fosse, não havia nada no mundo que ele pudesse fazer sobre isso.

“As *marath'damane* tinham motivos para matar Tylin,” Selucia disse de repente. “Elas devem temer o exemplo dela para os outros. Que motivo tinham as *damane* de que fala? Nenhum. A mão da justiça exige motivo e prova, mesmo para *damane* e *da'covale*.” Ela soava como se estivesse lendo as palavras de uma página. E ela estava olhando para Tuon pelo canto do olho.

Mat olhou por cima do ombro, mas se a pequena mulher usou as mãos para dizer a Selucia o que dizer, elas estavam descansando em seu colo, agora. Ela estava olhando para ele, uma expressão neutra em seu rosto. “Você se importava tanto com Tylin?” ela disse com uma voz cautelosa.

“Sim. Não. Que me queime, eu gostava dela!” Virando-se, ele passou os dedos pelo cabelo, tirando a touca. Ele nunca tinha ficado tão feliz em se afastar de uma mulher em sua vida, mas isso...! “E eu a deixei amarrada e amordaçada para que ela não pudesse nem pedir ajuda, presa fácil para o gholam”, disse ele amargamente. “Estava procurando por mim. Não balance a cabeça, Thom. Você sabe disso tão bem quanto eu.”

“O que é um... gholam?” perguntou Tuon.

“Crias das Trevas, minha senhora”, disse Thom. Ele franziu a testa preocupado. Ele não se preocupava com facilidade, mas qualquer um, exceto um tolo, se preocuparia com um gholam. “Parece um homem, mas pode passar por um buraco de rato, ou por

baixo de uma porta, e é forte o suficiente para...” Ele resmungou por entre os bigodes. “Bem, chega disso. Mat, ela poderia ter uma centena de guardas ao seu redor, e isso não teria parado aquela coisa.” Ela não precisaria de cem guardas se não tivesse se juntado a Mat Cauthon.

“Um gholam,” Tuon murmurou ironicamente. De repente, ela bateu com força no topo da cabeça de Mat com os nós dos dedos. Colocando a mão no couro cabeludo, ele olhou por cima do ombro incrédulo. “Estou muito feliz que você mostre lealdade a Tylin, Brinquedo,” ela disse a ele com uma voz severa, “mas eu não terei superstição em você. Não vou aceitar isso. Isso não traz nenhuma honra para Tylin.” Que o queime, a morte de Tylin parecia preocupá-la tão pouco quanto se Suroth cometeu suicídio ou não. Com que tipo de mulher ele iria se casar?

Quando um punho bateu na porta desta vez, ele nem se deu ao trabalho de ficar de pé. Ele se sentiu entorpecido no núcleo e raspado na superfície. Blaeric entrou na carroça sem perguntar, sua capa marrom escura pingando chuva. Era uma capa velha, gasta em alguns pontos, mas ele parecia não se importar se a chuva vazava. O Guardião ignorou todos menos Mat, ou quase todos. O homem realmente levou um momento para considerar o peito de Selucia! “Joline quer ver você, Cauthon”, disse ele, ainda estudando-a. Luz! Isso era tudo o que Mat precisava para fazer um bom dia.

“Quem é Joline?” Tuon exigiu.

Mat a ignorou. “Diga a Joline que a verei quando estivermos na estrada, Blaeric.” A última coisa que ele queria era ser forçado a ouvir mais queixas das Aes Sedai agora.

“Ela quer ver você agora, Cauthon.”

Com um suspiro, Mat se levantou e pegou a capa do chão. Blaeric parecia que tentaria arrastá-lo, caso contrário. Em seu próprio humor atual, ele pensou que poderia enfiar uma faca no homem se tentasse. E ter seu pescoço quebrado por suas dores; um Guardião não levaria uma facada nas costelas levemente. Ele tinha quase certeza de que já havia morrido na única vez que lhe foi permitido, e

não em uma memória antiga. Com certeza suficiente para não correr riscos, ele poderia evitar.

“Quem é Joline, Brinquedo?” Se ele não soubesse melhor, ele teria dito que Tuon parecia com ciúmes.

“Uma maldita Aes Sedai,” ele resmungou, puxando a capa, e teve um pequeno prazer para o dia. O queixo de Tuon caiu em choque. Ele fechou a porta atrás dele ao sair antes que ela pudesse encontrar uma palavra para dizer. Um prazer muito pequeno. Uma borboleta em um monte de esterco. Tylin morta, e as Chamadoras de Vento ainda podiam levar a culpa, não importava o que Thom dissesse. E isso ia além de Tuon e os malditos dados. Uma borboleta muito pequena em um monte de esterco muito grande.

O céu estava cheio de nuvens escuras, agora, e a chuva constante. Uma chuva encharcada, eles teriam chamado de volta em casa. Começou a escorregar em seu cabelo, com ou sem capa, e escorrer pelo casaco assim que ele saiu. Blaeric mal pareceu notar, mal recolhendo sua capa. Não havia nada a fazer, a não ser Mat encolher os ombros e chapinhar pelas poças cada vez maiores nas ruas de terra. No momento em que ele pudesse alcançar sua carroça para pegar uma capa de chuva, estaria encharcado de qualquer maneira. Além disso, o clima combinava com seu espírito.

Para sua surpresa, com ou sem chuva, uma quantidade incrível de trabalho foi feita no curto espaço de tempo em que esteve lá dentro. A parede de lona tinha desaparecido até onde ele podia ver em qualquer direção, e metade dos vagões de armazenamento que estavam ao redor do vagão de Tuon também estava faltando. Assim como a maioria dos animais que foram apanhados nas linhas dos cavalos. Uma grande jaula com barras de ferro contendo um leão de juba negra passou em direção à estrada atrás de uma parelha, os cavalos tão despreocupados com o leão aparentemente adormecido atrás deles quanto com a chuva. Os artistas também já estavam pegando a estrada, embora como eles determinassem a ordem de saída fosse um mistério. A maioria das tendas parecia ter desaparecido; em um lugar, três dos vagões de cores vivas juntos podiam estar faltando, em outro lugar um a cada dois vagões,

enquanto em outro lugar os vagões parados e esperando ainda pareciam uma massa sólida. A única coisa que dizia que o povo do espetáculo não estava se espalhando era o próprio Luca, um manto vermelho brilhante envolto em volta dele contra a umidade enquanto ele desfilava pela rua, parando de vez em quando para bater no ombro de um homem ou murmurar algo para uma mulher que a fazia rir. Se o espetáculo estivesse desmoronando, Luca estaria perseguindo aqueles que tentavam sair. Ele mantinha o espetáculo junto tanto por persuasão quanto por qualquer outra coisa, e ele nunca deixava ninguém sair sem falar até ficar rouco tentando argumentar com eles. Mat sabia que deveria se sentir bem por ver Luca ainda ali, embora nunca lhe tivesse ocorrido que o homem acabaria com o ouro, mas naquele momento, ele duvidou que qualquer coisa pudesse fazê-lo se sentir entorpecido e irritado.

A carroça para a qual Blaeric o levou era quase tão grande quanto a de Luca, mas fora caiada em vez de pintada. O branco há muito havia escorrido, riscado e desbotado, e a chuva o levava um pouco mais para o cinza, onde a madeira ainda não estava nua. A carroça pertencia a uma companhia de palhaços, quatro homens taciturnos que pintavam seus rostos para os clientes do show, encharcando uns aos outros com água e batendo uns nos outros com bexigas de porco infladas, e além disso gastavam seu tempo e dinheiro bebendo tanto vinho quanto podiam comprar. Com o que Mat pagara de aluguel, eles poderiam ficar bêbados por meses, e tinha custado mais do que isso fazer com que alguém os aceitasse.

Quatro cavalos peludos e indescritíveis já estavam engatados na carroça, e Fen Mizar, o outro Guardião de Joline, estava no banco do condutor, envolto em uma velha capa cinza e rédeas na mão. Seus olhos inclinados observavam Mat da mesma forma que um lobo observa um vira-lata descarado. Os Guardiões estavam descontentes com o plano de Mat desde o início, certos de que poderiam ter levado as irmãs em segurança assim que estivessem fora dos muros da cidade. Talvez eles pudessem, mas os Seanchan caçavam vigorosamente por mulheres que pudessem canalizar — o programa em si aparentemente havia sido revistado quatro vezes

nos dias após a queda de Ebou Dar — e tudo o que precisava era de um deslize para pousar todas elas no caldeirão. Pelo que Egeanin e Domon disseram, os Buscadores podiam fazer um pedregulho contar tudo o que já tinha visto. Por sorte, nem todas as irmãs tinham tanta certeza quanto os Guardiões de Joline. As Aes Sedai tendiam a hesitar quando não conseguiam concordar sobre o que fazer.

Quando Mat alcançou os degraus na parte de trás da carroça, Blaeric o deteve com a mão no peito. O rosto do Guardião poderia ter sido esculpido, não mais preocupado do que um pedaço de madeira com a chuva escorrendo pelas bochechas. “Fen e eu somos gratos a você por tirá-la da cidade, Cauthon, mas isso não pode continuar. As irmãs estão empilhadas, dividindo com aquelas outras mulheres, e elas não se dão bem. Haverá problemas se não conseguirmos encontrar outra carroça.”

“É disso que se trata?” Mat disse irritado, puxando seu colarinho mais apertado. Não que isso tenha feito muito bem. Ele já estava molhado nas costas, e não muito melhor na frente. Se Joline o tivesse puxado aqui para reclamar das acomodações de novo...

“Ela vai lhe dizer do que se trata, Cauthon. Basta você se lembrar do que eu disse.”

Resmungando baixinho, Mat subiu os degraus sujos de terra e entrou, sem bater a porta atrás de si.

A carroça era muito parecida com a de Tuon, embora com quatro camas, duas delas dobradas contra as paredes acima das outras duas. Ele não tinha ideia de como as seis mulheres arrumavam o sono, mas suspeitava que não fosse feito pacificamente. O ar na carroça quase crepitava como graxa em uma chapa. Três mulheres estavam sentadas em cada uma das camas inferiores, cada uma observando ou ignorando as mulheres sentadas na outra cama. Joline, que nunca foi considerada *damane*, se comportava como se as três *sul'dam* não existissem. Lendo um pequeno livro encadernado em madeira, ela era uma Aes Sedai em cada milímetro e de total arrogância, apesar de seu vestido azul bem gasto, recentemente possuído por uma mulher que ensinava os leões a

fazer truques. As outras duas irmãs sabiam em primeira mão o que era ser *damane*, no entanto. Edesina observava as três *sul'dam* com cautela, uma mão descansando perto de seu canivete, enquanto os olhos de Teslyn se moviam constantemente, olhando para qualquer coisa, menos para as *sul'dam*, e suas mãos amassavam suas saias de lã escura. Ele não sabia como Egeanin havia coagido as três *sul'dam* a ajudar *damane* a escapar, mas mesmo que elas estivessem sendo procuradas pelas autoridades com tanta certeza quanto Egeanin, elas não haviam mudado suas atitudes em relação às mulheres que podiam canalizar. Bethamin, alta e morena como Tuon em um vestido eboudariano com um decote muito profundo e saias costuradas acima do joelho de um lado para mostrar anáguas vermelhas desbotadas, parecia uma mãe esperando o inevitável mau comportamento dos filhos, enquanto a loura Seta, em lã cinza de gola alta que a cobria completamente, parecia estar estudando cães perigosos que precisariam ser enjaulados mais cedo ou mais tarde. Renna, da conversa sobre cortar mãos e pés, também fingia estar lendo, mas de vez em quando seus olhos castanhos enganosamente suaves se elevavam do volume fino para estudar as Aes Sedai, e quando o faziam, ela sorria com uma expressão desagradável. Mat sentiu vontade de xingar antes que uma delas abrisse a boca. Um homem sábio mantinha distância quando as mulheres estavam em desacordo, especialmente se havia Aes Sedai entre elas, mas era sempre assim quando ele vinha para esta carroça.

“É melhor que isso seja importante, Joline.” Desabotoando o casaco, ele tentou sacudir um pouco da água. Ele achou que seria melhor torcer a roupa. “Acabei de saber que o gholam matou Tylin na noite em que partimos e não estou com disposição para reclamações.”

Joline marcou seu lugar cuidadosamente com um marcador bordado e cruzou as mãos sobre o livro antes de falar. Aes Sedai nunca se apressavam; elas apenas esperavam que todos os outros o fizessem. Sem ele, ela provavelmente já estaria usando um *a'dam*, mas ele também nunca achara Aes Sedai particularmente

reconhecidas pela gratidão. Ela ignorou o que ele disse sobre Tylin. “Blaeric me disse que o espetáculo já começou a se mover,” ela disse friamente, “mas você deve parar com isso. Luca só vai ouvir você.” Sua boca se apertou levemente com as palavras. As Aes Sedai também não estavam acostumadas a não serem ouvidas, e as Verdes não eram as melhores em esconder seu descontentamento. “Devemos abandonar a ideia de Lugard por enquanto. Devemos pegar a balsa pelo porto e ir para Illian.”

Essa era uma sugestão tão ruim quanto a que ele ouviu dela, embora ela não quisesse dizer isso como uma sugestão, é claro; ela era pior do que Egeanin dessa forma. Com metade do espetáculo já na estrada, ou perto o suficiente, levaria o dia todo apenas para levar todos até o desembarque da balsa, e isso significaria ir para a cidade, além disso. Ir para Lugard tirava o espetáculo dos Seanchan o mais rápido possível, enquanto eles tinham soldados acampados por todo o caminho até a fronteira de Illian e talvez além. Egeanin estava relutante em contar o que sabia, mas Thom tinha suas maneiras de descobrir essas coisas. Mat não se preocupou em quebrar os dentes, no entanto. Ele não precisava.

“Não,” Teslyn disse em uma voz tensa, seu sotaque ilianense forte. Inclinando-se sobre Edesina, ela parecia mastigar pedras três refeições por dia, rosto duro e queixo duro, mas havia um nervosismo em seus olhos, colocado ali por suas semanas como *damane*. “Não, Joline. Já lhe disse, não ousamos arriscar! Não ousamos!”

“Luz!” Joline cuspiu, jogando o livro no chão. “Se controle, Teslyn! Só porque você foi mantida prisioneira por um tempo não é motivo para desmoronar!”

“Desmoronar? Desmoronar? Deixe-as colocar essa coleira em você e depois fale em desmoronar!” A mão de Teslyn foi para sua garganta como se ela ainda sentisse o colar do *a'dam*. “Ajude-me a convencê-la, Edesina. Ela vai nos prender de novo, se deixarmos!”

Edesina encostou-se na parede atrás da cama — uma mulher esbelta e bonita com cabelos pretos caindo até a cintura, ela sempre ficava calada quando a Vermelho e a Verde discutiam, como



costumavam fazer —, mas Joline não a poupou mais do que um olhar. “Você pede ajuda a uma rebelde, Teslyn? Devíamos tê-la deixado para os Seanchan! Ouça bem. Você pode sentir isso tão bem quanto eu. Você realmente aceitaria um perigo maior para evitar um menor?”

“Menor!” Teslyn rosnou. “Você não sabe nada de...!”

Renna estendeu o livro com o braço estendido e o deixou cair no chão com um estrondo. “Se meu Lorde nos der licença um pouco, ainda temos nossos *a’dam*, e podemos ensinar essas garotas a se comportar novamente em pouco tempo.” Seu sotaque tinha uma qualidade musical, mas o sorriso em seus lábios nunca tocou seus olhos castanhos. “Nunca funciona deixá-las relaxar dessa maneira.” Seta assentiu sombriamente e se levantou como se fosse pegar as coleiras.

“Acho que terminamos com os *a’dam*,” Bethamin disse, ignorando os olhares chocados das outras duas *sul’dam*, “mas existem outras maneiras de acalmar essas garotas. Posso sugerir que meu Lorde volte em uma hora? Elas vão te dizer o que você quer saber sem brigas, uma vez que elas não possam se sentar.” Ela soou como se quisesse dizer exatamente o que ela disse. Joline estava olhando para as três *sul’dam* com incredulidade indignada, mas Edesina estava sentada ereta, segurando seu canivete com uma expressão determinada, enquanto Teslyn agora era a que se encolhia contra a parede, com as mãos apertadas na cintura.

“Isso não será necessário”, disse Mat depois de um momento. Apenas um momento. Por mais satisfatório que fosse ter Joline “acalmada”, Edesina poderia sacar aquela faca, e isso colocaria o gato no meio das galinhas, não importava o que acontecesse. “De que perigo maior você está falando, Joline? Joline? Que perigo é maior do que os Seanchan agora?”

A Verde decidiu que seu olhar não estava causando nenhuma impressão em Bethamin e, em vez disso, voltou-se para Mat. Se ela não fosse Aes Sedai, ele teria dito que ela parecia mal-humorada. Joline não gostava de explicar. “Se você quer saber, alguém está

canalizando.” Teslyn e Edesina assentiram, a irmã Vermelha com relutância, a Amarela enfaticamente.

“No acampamento?” ele disse em alarme. Sua mão direita se ergueu sozinha para pressionar a cabeça de raposa prateada sob a camisa, mas o medalhão não esfriou.

“Longe,” Joline respondeu, ainda sem vontade. “Para o norte.”

“Muito mais longe do que qualquer uma de nós deveria ser capaz de sentir a canalização,” Edesina colocou, um toque de medo em sua voz. “A quantidade de *saidar* sendo empunhada deve ser imensa, inconcebível.” Ela ficou em silêncio com um olhar penetrante de Joline, que se virou para estudar Mat como se decidisse o quanto ela tinha que dizer a ele.

“A essa distância”, ela continuou, “não seríamos capazes de sentir todas as irmãs da Torre canalizando. Tem que ser os Abandonados, e o que quer que eles estejam fazendo, não queremos estar mais perto do que podemos evitar.”

Mat ficou imóvel por um momento; então, finalmente, ele disse: “Se for longe, então seguimos o plano”.

Joline continuou discutindo, mas ele não se deu ao trabalho de ouvir. Sempre que pensava em Rand ou Perrin, cores giravam em sua cabeça. Uma parte de ser *ta'veren*, ele supunha. Desta vez, ele não tinha pensado em nenhum de seus amigos, mas de repente as cores estavam lá, um leque de mil arco-íris. Desta vez, elas quase formaram uma imagem, uma vaga impressão que poderia ter sido um homem e uma mulher sentados no chão de frente um para o outro. Desapareceu em um instante, mas ele sabia com tanta certeza quanto sabia seu nome. Não eram os Abandonados. Rand. E ele não pôde deixar de se perguntar, o que Rand estava fazendo quando os dados pararam?



## CAPÍTULO

### 4

---



### *O Conto de uma Boneca*

Furyk Karede ficou sentado olhando para sua escrivaninha sem ver os papéis e mapas espalhados à sua frente. As duas lamparinas a óleo estavam acesas e sobre a mesa, mas ele não precisava mais delas. O sol devia estar delineando o horizonte, mas desde que acordou de um sono irregular e disse suas devoções à Imperatriz, que ela vivesse para sempre, ele apenas vestiu seu manto, no verde escuro imperial que alguns insistiam em chamar de preto, e sentou-se ali, sem se mover desde então. Ele nem se barbeou. A chuva havia parado e ele pensou em dizer a seu criado Ajimbura para abrir uma janela para tomar um pouco de ar fresco em seu quarto n'A Mulher Errante. O ar puro podia limpar sua cabeça. Mas, nos últimos cinco dias, houve calmarias na chuva que terminaram com precipitações repentinas, e sua cama estava localizada entre as janelas. Ele já precisara ter seu colchão e roupa de cama pendurados na cozinha para secar uma vez.

Um pequeno guincho e um grunhido satisfeito de Ajimbura o fizeram olhar para cima para encontrar o homenzinho magro exibindo um rato flácido com metade do tamanho de um gato na ponta de sua longa faca. Não era a primeira vez que Ajimbura matava neste quarto recentemente, algo que Karede acreditava que não teria acontecido se Setalle Anan ainda fosse a dona da estalagem, embora o número de ratos em Ebou Dar parecesse estar

aumentando bem antes da primavera. Ajimbura se parecia um pouco com um rato enrugado, seu sorriso ao mesmo tempo satisfeito e selvagem. Depois de mais de trezentos anos sob o Império, as tribos das colinas de Kaensada eram apenas metade civilizadas e menos da metade domesticadas. O homem usava o cabelo ruivo escuro com mechas brancas em uma trança grossa que ia até a cintura, para fazer um bom troféu se ele alguma vez encontrasse o caminho de volta para aquelas montanhas próximas e caísse em uma das intermináveis rixas entre famílias ou tribos, e ele insistia em beber de uma taça de prata que qualquer um que olhasse de perto poderia ver que era o topo do crânio de alguém.

“Se você vai comer isso”, disse Karede como se houvesse alguma dúvida, “vai limpá-lo no estábulo, fora da vista de qualquer um.” Ajimbura comia qualquer coisa, exceto lagartos, que eram proibidos para sua tribo por algum motivo que ele nunca deixaria claro.

“Mas é claro, Alto,” o homem respondeu com a curva de seus ombros que passava por uma reverência entre seu povo. “Conheço bem os costumes das pessoas da cidade e não envergonharia o Alto.” Depois de quase vinte anos a serviço de Karede, sem um lembrete, ele ainda teria esfolado o rato e assado sobre as chamas da pequena lareira de tijolos.

Rasgando a carcaça da lâmina em um pequeno saco de lona, Ajimbura guardou-o em um canto para mais tarde e cuidadosamente limpou a faca antes de embainhá-la e se acomodar nos calcanhares para aguardar as necessidades de Karede. Esperaria assim o dia todo, se necessário, com a paciência de um *da'cova*le. Karede nunca descobrira exatamente por que Ajimbura havia deixado sua casa no forte da colina para seguir um dos guardas da Vigília da Morte. Era uma vida muito mais circunscrita do que o homem conhecera antes e, além disso, Karede quase o matara três vezes antes de fazer essa escolha.

Ignorando os pensamentos de seu servo, ele voltou para a exibição em sua escrivaninha, embora não tivesse intenção de pegar sua caneta no momento. Havia sido elevado a general por alcançar algum pequeno sucesso nas batalhas com os Asha'man,

em dias em que poucos haviam alcançado algum, e agora, porque ele havia comandado contra homens que podiam canalizar, alguns achavam que ele deveria ter sabedoria para compartilhar sobre a luta contra *marath'damane*. Ninguém tinha que fazer isso em séculos, e desde que as chamadas Aes Sedai revelaram sua arma desconhecida a apenas algumas léguas de onde ele estava sentado, muito pensamento foi feito sobre como paralisar seu poder. Esse não era o único pedido espalhado pela mesa. Além da habitual série de requisições e relatórios que precisavam de sua assinatura, seus comentários sobre as forças armadas contra eles em Illian haviam sido solicitados por quatro lordes e três damas, e sobre o problema especial dos Aiel por seis damas e cinco lordes, mas essas perguntas seriam decididas em outro lugar, muito provavelmente já haviam sido decididas. Suas observações só seriam usadas na disputa interna sobre quem controlava o quê no Retorno. De qualquer forma, a guerra sempre foi uma segunda chamada para a Guarda da Vigília da Morte. Ah, os Guardas estavam lá sempre que uma grande batalha era travada, a mão de espada da Imperatriz, que ela pudesse viver para sempre, para atacar seus inimigos estando ela ou não presente, sempre para liderar o caminho onde a luta era mais quente, mas seu primeiro chamado era proteger as vidas e as pessoas da família imperial. Com suas próprias vidas, quando necessário, e dadas voluntariamente. E nove noites antes, a Alta Dama Tuon havia desaparecido como se engolida pela tempestade. Ele não pensava nela como a Filha das Nove Luas, não podia pensar assim até saber que ela não estava mais sob o véu.

Ele também não havia pensado em tirar a própria vida, embora a vergonha o cortasse profundamente. Cabia ao Sangue recorrer ao caminho mais fácil para escapar da desgraça; a Guarda da Vigília da Morte lutava até o fim. Musenge comandava seus guarda-costas pessoais, mas como o membro mais graduado da Guarda deste lado do Oceano Aryth, era dever de Karede devolvê-la em segurança. Cada fresta da cidade estava sendo revistada com uma desculpa ou outra, cada embarcação maior que um barco a remo,

mas na maioria das vezes por homens ignorantes do que estavam procurando, inconscientes de que o destino do Retorno poderia depender de sua diligência. O dever era dele. Claro, a família Imperial era dada a intrigas ainda mais complicadas do que o resto do Sangue, e a Alta Dama Tuon frequentemente jogava um jogo muito profundo, com uma habilidade afiada e mortal. Apenas alguns estavam cientes de que ela havia desaparecido duas vezes antes e havia sido dada como morta, para o próprio arranjo de seus ritos funerários, tudo por sua própria artimanha. Quaisquer que fossem as razões de seu desaparecimento, porém, ele tinha que encontrá-la e protegê-la. Até agora não tinha ideia de como. Engolida pela tempestade. Ou talvez pela Dama das Sombras. Houve inúmeras tentativas de sequestrá-la ou assassiná-la, começando no dia de seu nascimento. Se ele a encontrasse morta, deveria descobrir quem a tinha matado, quem tinha dado as ordens finais, e vingá-la custe o que custar. Esse era seu dever também.

Um homem esguio entrou na sala vindo do corredor sem bater. Ele podia ter sido um dos cavaleiros da pousada por causa de seu casaco áspero, mas nenhum local tinha seus cabelos claros ou os olhos azuis que deslizavam pelo quarto como se estivessem memorizando tudo nele. Sua mão escorregou sob o casaco, e Karede ensaiou duas maneiras de matá-lo com as mãos nuas no breve momento antes de ele apresentar uma pequena placa de marfim com borda dourada trabalhada com o Corvo e a Torre. Os Buscadores da Verdade não precisavam bater. Matá-los era desaprovado.

“Deixe-nos”, disse o Buscador a Ajimbura, guardando a placa assim que teve certeza de que Karede a havia reconhecido. O homenzinho permaneceu agachado sobre os calcanhares, imóvel, e as sobranceiras do Buscador se ergueram de surpresa. Mesmo nas Colinas Kaensada, todos sabiam que a palavra de um Buscador era lei. Bem, talvez não em alguns dos fortes nas colinas mais remotos, não se eles acreditassem que ninguém sabia que o Buscador estava lá, mas Ajimbura era mais esperto que isso.

"Espere lá fora", Karede ordenou bruscamente, e Ajimbura levantou-se com entusiasmo, murmurando: "Eu ouço e obedeco, Alto." Ele estudou o Buscador abertamente, no entanto, como se quisesse ter certeza de que o Buscador sabia que ele havia marcado seu rosto, antes de sair da sala. Ele ia ser decapitado, um dia.

"Uma coisa preciosa, a lealdade," o homem de cabelos claros disse, olhando para o tampo da mesa, depois que Ajimbura fechou a porta atrás de si. "Você está envolvido nos planos de Lorde Yulan, General de Estandarte Karede? Eu não esperava que a Guarda da Vigília da Morte fizesse parte disso."

Karede moveu dois pesos de mapa de bronze em forma de leões e deixou o mapa de Tar Valon rolar sobre si mesmo. O outro ainda não tinha sido desenrolado. "Você deve perguntar a Lorde Yulan, Buscador. A lealdade ao Trono de Cristal é preciosa acima do sopro da vida, seguida de perto por saber quando ficar em silêncio. Quanto mais falarem de uma coisa, mais descobrirão sobre ela quem não deveria."

Ninguém menos que a família imperial repreendia um Buscador ou qualquer outra Mão que o guiasse, mas o sujeito não parecia afetado. Por outro lado, sentou-se na poltrona acolchoada do quarto e fez uma tenda com os dedos, olhando por cima deles para Karede, que tinha a opção de mover sua própria cadeira ou deixar o homem quase às suas costas. A maioria das pessoas ficaria muito nervosa por ter um Buscador atrás delas. A maioria ficaria nervosa tendo um Buscador no mesmo cômodo. Karede escondeu um sorriso e não se mexeu. Ele só tinha que virar a cabeça um pouco e era treinado para ver claramente o que estava nos cantos da visão.

"Você deve se orgulhar de seus filhos", disse o Buscador, "dois seguindo você na Guarda da Vigília da Morte, o terceiro listado entre os mortos homenageados. Sua esposa ficaria muito orgulhosa.

"Qual é o seu nome, Buscador?" O silêncio de resposta foi ensurdecedor. Mais pessoas repreendiam Buscadores do que perguntavam seus nomes.

“Mor,” a resposta veio finalmente. “Almurat Mor.” Então. Mor. Ele tinha um antepassado que veio com Luthair Paendrag, então, e estava orgulhoso com razão. Sem acesso aos livros de criação, que nenhum *da'covale* permitia, Karede não tinha como saber se alguma das histórias sobre sua própria ascendência era verdadeira — ele também poderia ter um antepassado que seguira o grande Asa de Gavião — mas isso não importava. Os homens que tentaram se apoiar nos ombros de seus antepassados, em vez de nos próprios pés, muitas vezes se viram mais baixos por uma cabeça. Especialmente *da'covale*.

“Me chame de Furyk. Ambos somos propriedade do Trono de Cristal. O que você quer de mim, Almurat? Não está aqui para discutir minha família, eu acho.” Se seus filhos estivessem com problemas, o sujeito nunca os teria mencionado tão cedo, e Kalia estava além de qualquer miséria. Do canto do olho, Karede podia ver a luta no rosto do Buscador, embora ele a escondesse quase bem. O homem perdera o controle da entrevista — como era de se esperar, exibindo sua placa como se um guarda da Vigília da Morte não estivesse pronto para enfiar uma adaga em seu próprio coração ao comando.

“Ouça uma história”, disse Mor lentamente, “e me diga o que você pensa.” Seu olhar estava fixo em Karede como se por tachinhas, estudando, pesando, avaliando como se Karede estivesse no quarteirão à venda. “Isso chegou até nós nos últimos dias.” Por nós, ele quis dizer os Buscadores. “Começou entre a população local, até onde podemos dizer, embora ainda não tenhamos encontrado a fonte original. Supostamente, uma garota com sotaque de Seandar está extorquindo ouro e joias de comerciantes aqui em Ebou Dar. O título Filha das Nove Luas foi mencionado.” Ele fez uma careta de desgosto e, por um momento, seus dedos ficaram brancos, eles estavam pressionando um contra o outro com muita força. “Nenhum dos locais parece entender o que esse título significa, mas a descrição da garota é notavelmente precisa. Notavelmente precisa. E ninguém se lembra de ouvir esse boato antes da noite depois... a noite depois que o assassinato de Tylin foi descoberto,” ele



terminou, escolhendo o evento menos desagradável para marcar a hora.

"Um sotaque de Seandar", disse Karede em uma voz monótona, e Mor assentiu. "Esse boato passou para nosso próprio povo." Isso não era uma pergunta, mas Mor assentiu novamente. Um sotaque Seandar e uma descrição precisa, duas coisas que nenhum local poderia inventar. Alguém estava jogando um jogo muito perigoso. Perigoso para si e para o Império. "Como o Palácio Tarasin encara os eventos recentes?" Haveria Ouvintes entre os servos, provavelmente entre os servos eboudarianos agora, e o que os Ouvintes ouviam logo passava para os Buscadores.

Mor entendeu a pergunta, é claro. Não havia necessidade de mencionar o que não deveria ser mencionado. Ele respondeu em um tom indiferente. "A comitiva da Grã-Senhora Tuon continua como se nada tivesse acontecido, exceto que Anath, sua Oradora da Verdade, ficou reclusa, mas me disseram que isso não é incomum para ela. A própria Suroth fica ainda mais perturbada em particular do que em público. Ela dorme mal, ataca seus favoritos e tem sua propriedade batida por ninharias. Ela ordenou a morte de um Buscador a cada dia até que as coisas fossem corrigidas, e só rescindiu a ordem esta manhã, quando percebeu que poderia ficar sem Buscadores antes que acabassem os dias." Seus ombros se moveram em um pequeno encolher de ombros, talvez para indicar que tudo isso acontecera em um dia para Buscadores, talvez em alívio por escapar por pouco. "É compreensível. Se ela for chamada a prestar contas, ela orará pela Morte de Dez Mil Lágrimas. Os outros Sangue que sabem o que aconteceu estão tentando fazer crescer olhos atrás de suas cabeças. Alguns até fizeram arranjos para o funeral discretamente, para cobrir qualquer eventualidade."

Karede queria uma visão mais clara do rosto do homem. Ele estava acostumado a insultar — isso fazia parte do treinamento —, mas isso... Empurrando a cadeira para trás, ele se levantou e se sentou na beirada da escrivaninha. Mor olhou para ele sem piscar, tenso para se defender de um ataque, e Karede respirou fundo para acalmar sua raiva. "Por que você veio até mim se acredita que os

Guardas da Vigília da Morte estão implicados nisso?” O esforço de manter o tom de voz quase o estrangulou. Desde que os primeiros Guardas da Vigília da Morte juraram sobre o cadáver de Luthair Paendrag que defenderiam seu filho, nunca houve traição entre os Guardas! Nunca!

Mor relaxou aos poucos ao perceber que Karede não pretendia matá-lo, pelo menos não naquele momento, mas havia uma névoa de suor em sua testa. “Ouvi dizer que um Guarda da Vigília da Morte pode ver a respiração de uma borboleta. Você tem alguma coisa para beber?”

Karede fez um gesto curto para a lareira de tijolos, onde uma taça de prata e um jarro estavam perto das chamas, para se aquecer. Eles estavam lá, intocados, desde que Ajimbura os trouxe quando Karede acordou. “O vinho pode estar frio agora, mas fique à vontade. E quando sua garganta estiver molhada, você responderá minha pergunta. Ou você suspeita dos guardas, ou deseja jogar comigo em algum jogo seu, e pelos meus olhos, saberei qual das opções e por quê.”

O sujeito se esgueirou até a lareira, observando-o com o canto do olho, mas quando Mor se inclinou para o jarro, franziu a testa e deu um pequeno sobressalto. O que parecia ser uma tigela de borda de prata com uma base de prata com padrão de chifre de carneiro estava ao lado da xícara. Luz do céu, Ajimbura tinha ouvido muitas vezes para manter aquela coisa fora de vista! Não havia dúvida de que Mor a reconhecia pelo que era.

O homem considerava a traição possível para os Guardas? “Coloque para mim também, se puder.”

Mor piscou, mostrando uma leve consternação — ele segurava a única xícara óbvia — e então uma luz de compreensão apareceu em seus olhos. Uma luz inquieta. Ele encheu a tigela também, um pouco vacilante, e enxugou a mão no casaco antes de pegá-la. Todo homem tinha seus limites, até mesmo um Buscador, e um homem pressionado a eles era especialmente perigoso, mas também estava desequilibrado.

Aceitando a taça de caveira com as duas mãos, Karede ergueu-a bem alto e baixou a cabeça. “Para a Imperatriz, que ela viva para sempre em honra e glória. Morte e vergonha para seus inimigos.”

“Para a Imperatriz, que ela viva para sempre em honra e glória”, repetiu Mor, inclinando a cabeça e erguendo a taça. “Morte e vergonha para seus inimigos.”

Levando a xícara de Ajimbura aos lábios, Karede percebeu que o outro homem o observava beber. O vinho era de fato fresco, as especiarias amargas, e havia um leve toque acre de polimento de prata; disse a si mesmo que o gosto da poeira do morto era sua imaginação.

Mor bebeu metade de seu próprio vinho em goles apressados, depois olhou para sua taça, pareceu perceber o que havia feito e fez um esforço visível para recuperar o controle de si mesmo. “Furyk Karede,” ele disse rapidamente. “Nascido há quarenta e dois anos, filho de tecelões, propriedade de um tal Jalid Magonine, um artesão em Ancarid. Escolhido aos quinze anos para formação na Guarda da Vigília da Morte. Citado duas vezes por heroísmo e mencionado em despachos três vezes, então, como veterano de sete anos, nomeado para a guarda-costas da Alta Senhora Tuon ao nascer.” Esse não era o nome dela na época, é claro, mas mencionar seu nome de nascimento teria sido um insulto. “Nesse mesmo ano, como uma das três sobreviventes do primeiro atentado conhecido contra sua vida, foi escolhido para treinamento como oficial. Serviu durante a Revolta de Muyami e o Incidente de Jianmin, mais citações por heroísmo, mais menções em despachos e atribuição de volta aos guarda-costas da Alta Dama pouco antes de seu primeiro dia de nome verdadeiro.” Mor espiou seu vinho, então ergueu os olhos de repente. “A seu pedido. Incomum, isso. No ano seguinte, você sofreu três ferimentos graves, protegendo-a com seu corpo contra outro conjunto de assassinos. Ela lhe deu seu bem mais precioso, uma boneca. Depois de um serviço mais distinto, com mais citações e menções, você foi selecionado para a guarda-costas da própria Imperatriz, que ela viva para sempre, e serviu lá até ser nomeado para acompanhar o Grão-Senhor Turak a estas terras com

*Hailene.* Os tempos mudam e os homens mudam, mas antes de ir guardar o trono, você fez outros dois pedidos de designação para ser guarda-costas da Alta Senhora Tuon. Ainda mais incomum. E você manteve a boneca até que ela foi destruída no Grande Incêndio de Sohima, uma questão de dez anos.”

Não pela primeira vez, Karede ficou feliz com o treinamento que lhe permitiu manter um rosto suave, não importa o que aconteça. Expressões descuidadas entregavam demais a um oponente. Lembrou-se do rosto da garotinha que colocara aquela boneca em sua liteira. Ele ainda podia ouvi-la. *Você protegeu minha vida, então você deve levar Emela para cuidar de você também*, ela disse. *Ela não pode realmente protegê-lo, é claro; ela é apenas uma boneca. Mas mantenha-a para lembrá-lo de que sempre ouvirei se você falar meu nome. Se eu ainda estiver vivo, é claro.*

"Minha honra é a lealdade", disse ele, colocando a xícara de Ajimbura na escrivaninha com cuidado, para não derramar vinho em seus papéis. Por mais que o sujeito polisse a prataria, Karede achava que ele não se dava ao trabalho de lavar a coisa. "Lealdade ao trono. Por que você veio até mim?"

Mor se moveu levemente, então a poltrona ficou entre eles. Sem dúvida, ele pensou que estava de pé casualmente, mas estava claramente pronto para jogar a taça de vinho. Tinha uma faca debaixo do casaco nas costas, e provavelmente pelo menos uma outra. "Três pedidos para se juntar aos guarda-costas da Alta Senhora Tuon. E você ficou com a boneca."

"Isso, eu entendo", disse-lhe Karede secamente. Os guardas não deveriam formar ligações com aqueles que foram enviados para guardar. A Guarda da Vigília da Morte servia apenas ao Trono de Cristal, servia a quem o sucedesse, com todo o coração e toda a fé. Mas ele se lembrava do rosto daquela criança séria, já ciente de que ela poderia não viver para cumprir seu dever, mas tentando fazer isso de qualquer maneira, e ele ficou com a boneca. "Mas há mais do que rumores de uma garota, não é?"

"A respiração de uma borboleta," o sujeito murmurou. "É um prazer conversar com alguém que vê profundamente. Na noite em

que Tylin foi assassinada, duas *damane* foram retiradas dos canis do Palácio Tarasin. Ambas eram anteriormente Aes Sedai. Você não acha coincidência demais?”

“Eu acho qualquer coincidência suspeita, Almurat. Mas o que isso tem a ver com rumores e... outros assuntos?”

“Esta teia é mais emaranhada do que você imagina. Vários outros deixaram o palácio naquela noite, entre eles um jovem que aparentemente era o animal de estimação de Tylin, quatro homens que certamente eram soldados, e um homem mais velho, um tal de Thom Merrill, ou assim se chamava, que era supostamente um servo, mas que exibia muito mais educação do que seria de esperar. Em um momento ou outro, todos foram vistos com Aes Sedai que estavam na cidade antes que o Império a recuperasse.” Atento, o Buscador inclinou-se ligeiramente para a frente sobre o espaldar da poltrona. “Talvez Tylin não tenha sido assassinada porque ela jurou fidelidade, mas porque ela soube de coisas que eram perigosas. Ela pode ter sido descuidada no que revelou ao menino sobre os travesseiros, e ele transmitiu a palavra a Merrill. Podemos chamá-lo assim até descobrirmos um nome melhor. Quanto mais descubro sobre ele, mais intrigante ele fica: conhecedor do mundo, bem falado, à vontade com nobres e coroas. Um cortesão, na verdade, se você não soubesse que ele era um servo. Se a Torre Branca tivesse certos planos em Ebou Dar, elas poderiam enviar um homem para realizá-los.”

Planos. Sem pensar, Karede pegou a xícara de Ajimbura e quase bebeu antes de perceber o que estava fazendo. Continuou a segurar a taça, no entanto, para não revelar sua turbulência. Todos — aqueles que sabiam, pelo menos — tinham certeza de que o desaparecimento da Alta Dama Tuon fazia parte da disputa para suceder a Imperatriz, que ela vivesse para sempre. Assim era a vida na família imperial. Se a Alta Dama estivesse morta, afinal, um novo herdeiro deveria ser nomeado. Se ela estivesse morta. E se não... A Torre Branca teria mandado o melhor deles, se planejassem levá-la embora. Se o Buscador não estivesse jogando com ele em algum jogo próprio. Buscadores poderiam tentar enganar qualquer um que

não fosse a própria Imperatriz, que ela vivesse para sempre. “Você levou essa ideia a seus superiores, e eles a rejeitaram, ou você não viria até mim. Isso, ou... Você não mencionou isso para eles, não é? Por que não?”

"Muito mais emaranhado do que você pode imaginar", disse Mor suavemente, olhando para a porta como se suspeitasse de espiões. Por que ele ficou cauteloso agora? “Há muitas... complicações. As duas *damane* foram removidas pela Lady Egeanin Tamarath, que já havia feito negócios com Aes Sedai antes. Negócios próximos, na verdade. Muito próximos. Claramente, ela soltou as outras *damane* para cobrir sua fuga. Egeanin deixou a cidade naquela mesma noite, com três *damane* em sua comitiva, e também, acreditamos, Merrillin e os outros. Não sabemos quem foi a terceira *damane* — suspeitamos de alguém importante entre os Atha'an Miere, ou talvez uma Aes Sedai que estava escondida na cidade — mas identificamos as *sul'dam* que ela usou, e duas têm conexões próximas com Suroth. Ela mesma tem muitas conexões com as Aes Sedai.” Apesar de toda a sua cautela, Mor disse isso como se não fosse um choque de relâmpago. Não é à toa que ele estava no limite.

Então. Suroth conspirou com Aes Sedai e corrompeu pelo menos alguns dos Buscadores acima de Mor, e a Torre Branca colocou um de seus melhores homens para realizar certas ações. Era tudo crível. Quando Karede foi enviado com os Precursores, foi encarregado de vigiar o Sangue por excesso de ambição. Sempre havia uma possibilidade, tão longe do Império, de que eles tentariam estabelecer seus próprios reinos. E ele mesmo havia enviado homens para uma cidade que sabia que cairia o que fosse destinado a defendê-la, para que pudessem prejudicar o inimigo por dentro.

"Você tem uma direção, Almurat?”

Mor balançou a cabeça. “Eles foram para o norte, e Jehannah foi mencionada nos estábulos do palácio, mas isso parece uma tentativa óbvia de engano. Eles terão mudado de direção na primeira oportunidade. Verificamos barcos grandes o suficiente para transportar o grupo através do rio, mas embarcações desse

tamanho vêm e vão toda hora. Não há ordem neste lugar, nenhum controle.”

“Isso me dá muito em que pensar.”

O Buscador fez uma careta, uma leve torção na boca, mas pareceu perceber que havia conseguido tanto comprometimento quanto Karede estava disposto a dar. Ele assentiu uma vez. “O que quer que você escolha fazer, deve saber disso. Você pode se perguntar como a garota extorquiu alguma coisa desses comerciantes. Parece que dois ou três soldados sempre a acompanhavam. A descrição de sua armadura também foi muito precisa.” Ele meio que estendeu a mão como se fosse tocar a túnica de Karede, mas sabiamente a deixou cair de volta ao seu lado. “A maioria das pessoas chama isso de preto. Você me entende? O que quer que você escolha fazer, não demore.” Mor ergueu a xícara. “À sua saúde, General de Estandarte Furyk. À sua saúde e à saúde do Império.” Karede esvaziou a xícara de Ajimbura sem hesitar.

O Buscador partiu tão abruptamente quanto havia entrado, e momentos depois que a porta se fechou atrás dele, ela se abriu para dar entrada a Ajimbura. O homenzinho olhou acusadoramente para a taça de caveira nas mãos de Karede.

“Você conhece esse boato, Ajimbura?” Perguntar se o sujeito estava ouvindo era o mesmo que perguntar se o sol nascia de manhã. Ele não negou, em todo caso.

“Eu não sujaria minha língua com tanta sujeira, meu Alto,” ele disse, se endireitando.

Karede se permitiu um suspiro. Fosse o desaparecimento da Alta Dama Tuon feito por ela ou por outra pessoa, ela estava em grande perigo. E se o boato fosse algum estratagema de Mor, a melhor maneira de derrotar o jogo de outro era tornar o jogo seu. “Pegue minha navalha.” Sentando-se, ele pegou sua caneta, segurando a manga de seu manto limpa da tinta com a mão esquerda. “Então você encontrará o capitão Musenge, quando ele estiver sozinho, e lhe dará isto. Retorne rapidamente; terei mais instruções para você.”

Pouco depois do meio-dia do dia seguinte, atravessava o porto na balsa que partia de hora em hora, segundo o estrito toque dos sinos.

Era uma barça pesada que se erguia quando longas curvas a impulsionaram pela superfície agitada do porto. As cordas que amarravam meia dúzia de embarcações cobertas de lona de um mercador às presilhas do convés rangiam a cada mudança, os cavalos batiam os cascos nervosamente e os remadores tinham que se defender de condutores de carroças e guardas contratados que queriam esvaziar suas barrigas pelo lado. Alguns homens não tinham estômago para o movimento da água. A própria mercadora, uma mulher de rosto roliço e pele acobreada, estava na proa envolta em sua capa escura, equilibrando-se facilmente com os movimentos da balsa, olhando fixamente para o desembarque que se aproximava e ignorando Karede ao seu lado. Ela poderia saber que ele era Seanchan, pela sela em seu capão, mas uma capa cinza simples cobria seu casaco verde com detalhes vermelhos, então se ela pensava nele, era como um soldado comum. Não um colono com uma espada no quadril. Podia haver olhos mais aguçados na cidade, apesar de tudo que ele fez para evitá-los, mas não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso. Com sorte, tinha um dia, talvez dois, antes que alguém percebesse que ele não voltaria para a estalagem tão cedo.

Subindo em sua sela assim que a balsa bateu com força nos postes acolchoados de couro da doca de desembarque, ele foi o primeiro a descer quando o portal de carga se abriu, a mercadora ainda estava levando seus condutores para as carroças e os barqueiros desamarrando as rodas. Manteve Aldazar a caminhar lentamente pelas pedras, ainda escorregadias com a chuva da manhã, um lixo de esterco de cavalo e os restos de um rebanho de ovelhas, e deixou o passo do baio aumentar apenas quando chegou à própria estrada de Illian, embora mantendo aquém de um trote mesmo assim. A impaciência era um vício ao iniciar uma jornada de duração desconhecida.

Estalagens se alinhavam na estrada além do patamar, prédios de telhado plano, cobertos de gesso branco rachado e descascado e com placas desbotadas na frente ou nenhuma. Essa estrada marcava a margem norte do Rahad, e homens com roupas rudes,



curvados em bancos em frente às estalagens, o observavam mal-humorado. Não porque ele era Seanchan; suspeitava que não seriam mais agradáveis com ninguém a cavalo. Com qualquer um que tivesse duas moedas para esfregar, aliás. Logo, ele os deixou para trás, porém, e as próximas horas o levaram a passar por olivais e pequenas fazendas onde os trabalhadores estavam acostumados o suficiente com os transeuntes na estrada que não olhavam para cima de seus trabalhos. De qualquer forma, o tráfego era escasso, um punhado de carroças de fazendeiros de rodas altas e duas vezes um carroção mercante indo em direção a Ebou Dar, cercado por guardas contratados. Muitos dos condutores e ambos os mercadores usavam aquelas barbas illianenses distintas. Parecia estranho que Illian continuasse a enviar o seu comércio para Ebou Dar enquanto lutava para resistir ao Império, mas as pessoas deste lado do Mar Oriental eram muitas vezes peculiares, com costumes estranhos, e pouco parecidas com as histórias contadas sobre a terra natal do grande Asa de Gavião. Muitas vezes nada parecidas. Eles deveriam ser compreendidos, é claro, se fossem trazidos para o Império, mas a compreensão era para os outros, os mais elevados do que ele. Ele tinha seu dever.

As fazendas deram lugar a bosques e campos de mato, e sua sombra se alongava à sua frente, o sol mais da metade do horizonte, quando viu o que procurava. Logo à frente, Ajimbura estava agachado no lado norte da estrada, tocando uma flauta de junco, a imagem de um ocioso se esquivando. Antes que Karede o alcançasse, ele enfiou a flauta atrás do cinto, recolheu o manto marrom e desapareceu no mato e nas árvores. Olhando para trás para certificar-se de que a estrada também estava vazia naquela direção, Karede virou Aldazar para o bosque no mesmo ponto.

O homenzinho estava esperando fora da vista da estrada, entre uma espécie de pinheiro grande, o mais alto com trinta metros de altura. Ele fez sua reverência de ombros corcundas e subiu na sela de um cavalo castanho magro com quatro pés brancos. Ele insistia que pés brancos em um cavalo davam sorte. "Por aqui, Alto?" disse

ele e, com o gesto de permissão de Karede, virou sua montaria para dentro da floresta.

Eles tinham apenas um caminho curto, não mais de meia milha, mas ninguém que passasse na estrada poderia suspeitar do que os esperava ali em uma grande clareira. Musenge trouxera cem da Guarda em bons cavalos e vinte Jardineiros Ogier, todos com armadura completa, junto com animais de carga para carregar suprimentos por duas semanas. O cavalo de carga que Ajimbura trouxe ontem, com a armadura de Karede, estaria entre eles. Um grupo de *sul'dam* estava de pé ao lado de suas próprias montarias, algumas acariciando as seis *damane* amarradas. Quando Musenge avançou para encontrar Karede com Hartha, o Primeiro Jardineiro, caminhando a passos largos ao lado dele com o machado de borla verde sobre o ombro. Uma das mulheres, Melitene, a *der'sul'dam* da Alta Senhora Tuon, subiu na sela e se juntou a eles.

Musenge e Hartha tocaram o coração com os punhos cerrados, e Karede retribuiu a saudação, mas seus olhos se voltaram para as *damane*. Para uma em particular, uma mulher pequena cujos cabelos estavam sendo acariciados por uma *sul'dam* morena e de rosto quadrado. O rosto de uma *damane* era sempre enganador — envelheciam lentamente e viviam muito tempo —, mas esta tinha uma diferença que ele aprendera a reconhecer como pertencente àquelas que se autodenominavam Aes Sedai. “Que desculpa você usou para tirar todas elas da cidade de uma vez?” ele perguntou.

“Exercício, General de Estandarte,” Melitene respondeu com um sorriso irônico. “Todo mundo sempre acredita no exercício.” Dizia-se que a Alta Dama Tuon na verdade não precisava de *der'sul'dam* para treinar sua propriedade ou suas *sul'dam*, mas Melitene, com menos preto do que cinza em seus longos cabelos, tinha experiência em mais do que seu ofício, e ela sabia o que ele estava realmente perguntando. Ele havia pedido que Musenge trouxesse um par de *damane*, se pudesse. “Nenhuma de nós seria deixada para trás, General de Estandarte. Nunca por isso. Quanto a Mylen...” Devia ser a antiga Aes Sedai. “Depois que saímos da cidade, contamos à *damane* por que estávamos indo. É sempre melhor se

elas sabem o que é esperado. Temos acalmado Mylen desde então. Ela ama a Alta Dama. Todos elas amam, mas Mylen a adora como se ela já estivesse sentada no Trono de Cristal. Se Mylen colocar as mãos em uma dessas 'Aes Sedai', ela riu, "teremos que ser rápidos para evitar que a mulher seja muito maltratada para valer a pena ser encoleirada".

"Não vejo motivo para rir," Hartha resmungou. O Ogier estava ainda mais envelhecido e grisalho do que Musenge, com longos bigodes grisalhos e olhos como pedras negras olhando para fora do capacete. Ele era jardineiro desde antes do nascimento do pai de Karede, talvez antes do avô. "Não temos meta. Estamos tentando pegar o vento em uma rede." Melitene ficou séria rapidamente, e Musenge começou a parecer mais sombrio do que Hartha, se é que isso era possível.

Em dez dias, as pessoas que procuravam teriam ficado muitos quilômetros atrás deles. O melhor que a Torre Branca poderia enviar não seria tão descarado a ponto de seguir para leste depois de tentar o ardil de Jehannah, nem tão estúpido a ponto de chegar muito perto do norte, mas isso deixava uma área vasta e sempre em expansão para ser examinada. "Então devemos começar a espalhar nossas redes sem demora", disse Karede, "e espalhá-las bem".

Musenge e Hartha assentiram. Para a Guarda da Vigília da Morte, o que deveria ser feito, seria feito. Até para pegar o vento.



## CAPÍTULO

### 5

---



### A Forja de um Martelo

*Ele corria facilmente pela noite, apesar da neve que cobria o chão. Era um com as sombras, deslizando pela floresta, o luar quase tão claro para seus olhos quanto a luz do sol. Um vento frio agitava seu pelo espesso, e de repente trouxe um cheiro que fez seu pelo se arrepiar e seu coração disparar com um ódio maior do que pelo Nunca Nascido. Ódio, e um conhecimento seguro da morte chegando. Não havia escolhas a serem feitas, não agora. Ele correu mais rápido, em direção à morte.*

Perrin acordou abruptamente na escuridão profunda antes do amanhecer, sob um dos carrinhos de suprimentos de rodas altas. O frio havia se infiltrado em seus ossos a partir do chão, apesar de seu pesado manto forrado de pele e dois cobertores, e havia uma brisa intermitente, não forte ou constante o suficiente para ser chamada de vento leve, mas gelada. Quando ele esfregou o rosto com as mãos enluvadas, o gelo estalou em sua barba curta. Pelo menos parecia não ter nevado mais durante a noite. Muitas vezes, ele acordou coberto de poeira, apesar do abrigo de uma carroça, e a queda de neve tornava as coisas difíceis para os batedores. Desejava poder falar com Elyas da mesma forma que falava com os lobos. Então não teria que suportar essa espera interminável. O cansaço se agarrava a ele como uma segunda pele; ele não conseguia se lembrar da última vez que tivera uma boa noite de sono. O sono, ou a falta dele, parecia sem importância de qualquer

maneira. Esses dias, apenas o calor da raiva lhe dava forças para continuar em movimento.

Não achava que fora o sonho que o havia acordado. Todas as noites ele se deitava esperando pesadelos, e todas as noites eles vinham. Nos piores, encontrava Faile morta, ou nunca a encontrava. Aqueles o acordavam em suores trêmulos. Qualquer coisa menos horrível, ele dormia, ou apenas meio que acordava com Trollocs cortando-o vivo para ir para a panela ou um Draghkar comendo sua alma. Este sonho estava desaparecendo rapidamente, à maneira dos sonhos, mas ele se lembrava de ser um lobo e cheirar... O quê? Algo que os lobos odiavam mais do que Myrddraal. Algo que um lobo sabia que o mataria. O conhecimento que ele tivera no sonho havia desaparecido; restavam apenas vagas impressões. Ele não estivera no sonho de lobo, aquele reflexo deste mundo onde os lobos mortos viviam e os vivos podiam consultá-los. O sonho de lobo sempre permanecia claro em sua cabeça depois que ele partia, quer ele tenha ido lá conscientemente ou não. No entanto, esse sonho ainda parecia real e de alguma forma urgente.

Deitado imóvel de costas, ele enviou sua mente em busca de lobos. Tentou usar lobos para ajudar em sua caça, sem sucesso. Convencê-los a se interessar pelos feitos de duas pernas era difícil, para dizer o mínimo. Eles evitavam grandes grupos de homens e, para eles, meia dúzia era grande o suficiente para ficar longe. Os homens afugentavam a caça, e a maioria dos homens tentava matar um lobo à vista. Seus pensamentos não encontraram nada, mas então, depois de um tempo, ele tocou lobos, à distância. Quão longe, ele não podia ter certeza, mas era como pegar um sussurro quase no limite da audição. Um longo caminho. Isso era estranho. Apesar das aldeias e mansões dispersas e até mesmo de uma cidade ocasional, este era um país privilegiado para os lobos, floresta intocada na maior parte, com muitos veados e caça menor.

Sempre havia uma formalidade em falar com um bando do qual você não fazia parte. Educadamente, ele enviou seu nome entre os lobos, Jovem Touro, compartilhou seu cheiro e recebeu o deles em resposta, Caçadora de Folhas e Urso Alto, Cauda Branca e Pluma e

Névoa do Trovão, uma cascata de outros. Era uma matilha considerável, e Caçadora de Folhas, uma fêmea com uma sensação de certeza tranquila, era sua líder. Pluma, inteligente e em seu auge, era seu companheiro. Eles tinham ouvido falar do Jovem Touro, estavam ansiosos para falar com o amigo do lendário Dente Longo, os primeiros bípedes que aprenderam a falar com lobos depois de um lapso de tempo que carregava a sensação de Eras ter desaparecido nas brumas do passado. Era tudo uma torrente de imagens e memórias de aromas que sua mente transformou em palavras, enquanto as palavras que ele pensava de alguma forma se tornavam imagens e aromas que eles podiam entender.

*Há algo que eu quero descobrir*, ele pensou, uma vez que os cumprimentos foram feitos. *O que um lobo odiaria mais do que o Nunca Nascido?* Ele tentou se lembrar do cheiro do sonho, para acrescentar isso, mas desapareceu de sua memória. Algo que um lobo sabe que significa morte.

O silêncio respondeu, e um fio de medo se misturou com ódio, determinação e relutância. Ele já sentira o medo dos lobos antes — acima de tudo, eles temiam o fogo selvagem que corria pela floresta, ou assim ele teria dito —, mas esse era o tipo de medo que fazia a pele de um homem arrepiar, o fazia estremecer e pular nas coisas despercebidas. Atado com a resolução de continuar não importa o quê, parecia perto do terror. Os lobos nunca experimentavam esse tipo de pavor. Exceto que estes experimentaram.

Um por um, eles desapareceram de sua consciência, um ato deliberado de excluí-lo, até que apenas a Caçadora de Folhas permaneceu. *A Última Caçada está chegando*, ela disse finalmente, e então também se foi.

*Eu ofendi?*, ele enviou. *Se ofendi, foi por ignorância*. Mas não houve resposta. Esses lobos, pelo menos, não falariam com ele novamente, não tão cedo.

*A Última Caçada está chegando*. Era assim que os lobos chamavam de Última Batalha, Tarmon Gai'don. Eles sabiam que estariam lá, no confronto final entre a Luz e a Sombra, mas o motivo era algo que eles não sabiam explicar. Algumas coisas estavam

predestinadas, tão certas quanto o nascer e o pôr do sol e da lua, e estava predestinado que muitos lobos morressem na Última Caçada. O que eles temiam era outra coisa. Perrin tinha uma forte sensação de que ele também tinha que estar lá, pelo menos deveria estar, mas se a Última Batalha chegasse logo, ele não estaria. Tinha um trabalho à sua frente do qual não podia se esquivar — não iria! — mesmo para Tarmon Gai'don.

Afastando medos inomináveis e a Última Batalha de sua mente, ele se atrapalhou com suas manoplas e procurou no bolso do casaco o comprimento do cordão de couro cru que mantinha lá. Em um ritual matinal, seus dedos faziam outro nó mecanicamente, depois deslizavam pelo cordão, contando. Vinte e dois nós. Vinte e duas manhãs desde que Faile foi sequestrada.

No início, não havia pensado que havia necessidade de manter a contagem. Naquele primeiro dia, acreditava que estava frio e entorpecido, porém concentrado, mas olhando para trás, ele podia ver que tinha sido dominado por uma raiva desenfreada e uma necessidade consumidora de encontrar os Shaido o mais rápido possível. Homens de outros clãs estavam entre os Aiel que roubaram Faile, mas, com base nas evidências, a maioria era Shaido, e era assim que ele pensava neles. A necessidade de arrancar Faile deles, antes que ela pudesse se machucar, o agarrou pela garganta até que ele quase engasgou. Ele resgataria as outras mulheres capturadas com ela, é claro, mas às vezes tinha que listar seus nomes em sua cabeça para ter certeza de que não as esqueceria completamente. Alliandre Maritha Kigarin, Rainha de Ghealdan, e sua soberana. Ainda parecia estranho ter alguém jurado a ele, especialmente uma rainha — ele era um ferreiro! — Tinha sido ferreiro, uma vez, mas tinha responsabilidades para com Alliandre, e ela nunca estaria em perigo se não fosse por ele. Bain da Rocha Negra Shaarad e Chiad das Pedras Rio Goshien, Donzelas da Lança Aiel que seguiram Faile para Ghealdan e Amadicia. Elas também enfrentaram Trollocs em Dois Rios, quando Perrin precisava de todas as mãos que pudessem levantar uma arma, e isso lhes valia o direito de contar com ele. Arrela Shiego e

Lacile Aldorwin, duas jovens tolas que pensavam que poderiam aprender a ser Aiel, ou alguma estranha versão de Aiel. Fizeram juramento a Faile, assim como Maighdin Dorlain, uma refugiada sem dinheiro que Faile tinha sob sua asa como uma de suas criadas. Ele não podia abandonar o povo de Faile. Faile ni Bashere t'Aybara.

A litania voltou para ela, sua esposa, o fôlego de sua vida. Com um gemido, ele agarrou a corda com tanta força que os nós se imprimiram dolorosamente em uma mão endurecida por longos dias balançando o martelo em uma forja. Luz, vinte e dois dias!

Trabalhar com ferro lhe ensinara que a pressa arruinava o metal, mas no começo ele fora apressado, viajando para o sul através de portões criados por Grady e Neald, os dois Asha'man, para onde os vestígios mais distantes dos Shaido haviam sido encontrados, depois pulando para o sul novamente, a direção que seus rastros seguiram, assim que os Asha'man puderam fazer mais portais. Preocupado a cada hora que levavam para descansar de fazer o primeiro e mantê-los abertos o tempo suficiente para que todos passassem, sua mente estava devorada por libertar Faile a qualquer custo. O que ele encontrou foram dias de dor crescente à medida que os batedores se espalhavam cada vez mais longe pela selva desabitada sem localizar o menor sinal de que alguém já havia estado ali antes, até que soube que tinha que refazer seu caminho, desperdiçando mais dias para cobrir o terreno que os Asha'man o haviam atravessado em um passo, procurando qualquer indicação de onde os Shaido haviam se desviado.

Ele deveria saber que eles iriam se virar. O sul os levava para terras mais quentes, sem a neve que parecia tão estranha para Aiel, mas também os levava para mais perto do Seanchan em Ebou Dar. Ele sabia sobre os Seanchan e deveria ter esperado que os Shaido soubessem! Eles estavam atrás de pilhagem, não de uma briga com Seanchan e *damane*. Dias de marcha lenta com os batedores se espalhando à frente, dias em que a neve caindo cegou até os Aiel e os forçou a parar por atrito, até que finalmente Jondyn Barran encontrou uma árvore raspada por uma carroça e Elyas cavou uma haste de lança quebrada de Aiel debaixo do neve. E Perrin



finalmente virou para o leste, no máximo dois dias ao sul de onde viajara pela primeira vez. Ele queria uivar quando percebeu isso, mas se manteve firme. Não podia ceder, nem um centímetro, não quando Faile dependia dele. Foi quando começou a guardar sua raiva, começou a forjá-la.

Seus sequestradores ganharam uma longa vantagem porque ele foi apressado, mas desde então, ele tinha sido tão cuidadoso quanto em uma ferraria. Sua raiva foi endurecida e moldada com um propósito. Desde que encontrou a trilha dos Shaido novamente, não tinha Viajado mais longe em um salto do que os batedores podiam ir e chegar entre o nascer e o pôr do sol, e foi bom que ele tenha sido cauteloso, porque os Shaido mudaram de direção de repente várias vezes, ziguezagueando quase como se não pudessem decidir sobre um destino. Ou talvez eles tivessem se juntado a outros de sua espécie. Tudo o que ele tinha eram vestígios antigos, antigos acampamentos enterrados pela neve, mas todos os batedores concordaram que os números dos Shaido haviam aumentado. Tinha que haver pelo menos dois ou três clãs juntas, talvez mais, uma formidável presa para caçar. Lenta, mas seguramente, porém, ele começou a ultrapassá-los. Isso era o que era importante.

Os Shaido cobriram mais terreno durante a marcha do que ele teria imaginado possível, dado seu número e a neve, mas eles não pareciam se importar se alguém os estava rastreando. Talvez eles acreditassem que ninguém ousava. Às vezes, eles acampam vários dias em um local. A raiva forjada com um propósito. Aldeias em ruínas e pequenas cidades e propriedades cobriam o caminho dos Shaido como se fossem gafanhotos humanos, depósitos e objetos de valor saqueados, homens e mulheres levados junto com o gado. Muitas vezes ninguém ficara quando ele chegava, apenas casas vazias, as pessoas procurando algum lugar para comer para sobreviver até a primavera. Ele havia cruzado o Eldar até Altara, onde uma pequena balsa usada por mascates e fazendeiros locais, não mercadores, uma vez passava entre duas aldeias nas margens florestadas do rio. Como os Shaido haviam atravessado, ele não sabia, mas fez os Asha'man fazerem portais. Tudo o que restava da

balsa eram os ásperos desembarques de pedra em ambas as margens, e as poucas estruturas não queimadas estavam desertas, exceto por três cães selvagens que se esgueiraram ao ver os humanos. A raiva endurecida e moldada como um martelo.

Na manhã do dia anterior, ele havia chegado a uma pequena vila onde um punhado de pessoas atordoadas e de rosto sujo havia encarado as centenas de lanceiros e arqueiros cavalgando para fora da floresta a princípio devagar ao ver da Águia Vermelha de Manetheren e da Cabeça de Lobo Vermelha, as Estrelas de Prata de Ghealdan e o Falcão Dourado de Mayene, seguidos por longas filas de carroças de rodas altas e fileiras de montarias. À primeira vista de Gaul e dos outros Aiel, essas pessoas superaram sua paralisia e começaram a correr para as árvores em pânico. Apanhar alguns para responder a perguntas tinha sido difícil; eles estavam prontos para correr até a morte em vez de deixar um Aiel se aproximar. Brytan consistia em apenas uma dúzia de famílias, mas os Shaido haviam levado nove rapazes e moças de lá, junto com todos os seus animais, apenas dois dias atrás. Dois dias. Um martelo era uma ferramenta com um propósito e um alvo.

Ele sabia que tinha que ser cuidadoso, ou perderia Faile para sempre, mas ser muito cuidadoso poderia perdê-la também. No dia anterior cedo, havia dito aos que iam na frente para explorar que deveriam ir mais longe do que antes, avançar com mais força, retornando apenas com uma volta completa do sol, a menos que encontrassem os Shaido mais cedo. Dali a pouco o sol nasceria e, no máximo, algumas horas depois, Elyas, Gaul e os outros voltariam, as Donzelas e homens de Dois Rios que ele conhecia podiam rastrear uma sombra sobre a água. Tão rápido quanto os Shaido se moviam, os batedores podiam se mover mais rápido. Eles não estavam sobrecarregados com famílias e carroças e cativos. Desta vez, seriam capazes de lhe dizer exatamente onde os Shaido estavam. Eles diriam. Ele sabia disso em seus ossos. A certeza corria em suas veias. Ele encontraria Faile e a libertaria. Isso vinha antes de qualquer coisa, mesmo viver, desde que vivesse o suficiente para libertá-la, mas ele era um martelo agora, e se

houvesse alguma maneira de fazer isso, de qualquer maneira, ele pretendia martelar esses Shaído até que virassem sucata.

Jogando os cobertores de lado, Perrin colocou suas manoplas de volta, pegou seu machado de onde estava ao seu lado, uma lâmina de meia-lua equilibrada por um prego pesado, e rolou para o campo aberto, levantando-se sobre a neve pisoteada e congelada. Carroças estavam ao redor dele em filas, no que tinha sido os campos de Brytan. A chegada de mais estranhos, tantos, e armados, com suas bandeiras estrangeiras, tinha sido mais do que os sobreviventes da pequena aldeia podiam absorver. Assim que Perrin permitiu, o lamentável remanescente fugiu para a floresta, carregando o que podiam nas costas e em trenós puxados. Eles correram tão rápido como se Perrin fosse outro Shaído, sem olhar para trás com medo de que ele os estivesse seguindo.

Quando ele enfiou o cabo do machado no laço grosso do cinto, uma sombra mais profunda ao lado de uma carroça próxima ficou mais alta e se transformou em um homem envolto em uma capa que parecia preta na escuridão. Perrin não ficou surpreso; as fileiras de cavalos próximas engrossavam o ar com o cheiro de vários milhares de animais, montarias e remontas e cavalos de carroça, para não mencionar o cheiro doce de esterco de cavalo, mas ele ainda sentira o cheiro do outro ao acordar. O cheiro de homem sempre se destacava. Além disso, Aram estava sempre lá quando Perrin acordava, esperando. Uma lua minguante baixa no céu ainda dava luz suficiente para ele distinguir o rosto do outro homem, mas não claramente, e o punho de latão de sua espada inclinado sobre seu ombro. Aram tinha sido um Latoeiro uma vez, mas Perrin não achava que ele seria novamente, mesmo que ele usasse um casaco Latoeiro listrado. Havia uma dureza carrancuda em Aram agora, que as sombras da lua não podiam esconder. Ele se levantou como se estivesse pronto para desembainhar a espada, e desde que Faile foi levada, a raiva parecia uma parte permanente de seu cheiro. Muita coisa havia mudado quando Faile foi levada. De qualquer forma, Perrin entendia a raiva. Ele não entendia, não realmente, antes de Faile ser levada.

"Eles querem vê-lo, Lorde Perrin", disse Aram, sacudindo a cabeça em direção a duas formas escuras mais distantes entre as linhas de carroças. As palavras saíram em uma névoa fraca no ar frio. "Eu disse a eles para deixar você dormir." Era uma falha que Aram tinha, cuidar muito dele, sem ele pedir.

Testando o ar, Perrin separou os aromas daquelas duas sombras do cheiro dos cavalos que mascarava. "Vou vê-los agora. Prepare Stepper para mim, Aram." Ele tentava estar na sela antes que o resto do acampamento acordasse. Em parte, porque ficar parado por muito tempo parecia além dele. Ficar parado não era pegar os Shaido. Em parte, era para evitar ter que compartilhar a companhia de alguém que pudesse evitar. Ele próprio teria saído com os batedores se os homens e mulheres que já faziam esse trabalho não fossem tão melhores nisso do que ele.

"Sim, meu Lorde." Uma sensação irregular penetrou no cheiro de Aram enquanto ele se arrastava pela neve, mas Perrin mal notou. Apenas algo importante faria Sebban Balwer se arrancar de seus cobertores no escuro, e quanto a Selande Darengil...

Balwer parecia magro mesmo em uma capa volumosa, seu rosto contraído quase escondido no capuz profundo. Se ele tivesse ficado ereto em vez de curvado, ainda seria no máximo uma mão mais alto que a mulher cairhiena, que não era alta. Com os braços em volta de si, ele estava pulando de um pé para o outro, tentando evitar o frio que devia estar encharcando suas botas. Selande, com um casaco e calções escuros de homem, fez um bom esforço para ignorar a temperatura, apesar do branco plumoso que marcava cada respiração. Ela estava tremendo, mas conseguiu se gabar de pé, com um lado de sua capa jogado para trás e uma mão enluvada no punho de sua espada. O capuz de sua capa também estava abaixado, expondo o cabelo cortado curto, exceto pelo rabo nas costas que estava amarrada na nuca com uma fita escura. Selande era a líder daqueles tolos que queriam ser imitação de Aiel, Aiel que carregavam espadas. Seu cheiro era suave e espesso, como uma geleia. Ela estava preocupada. Balwer cheirava a... intenção..., mas

então, ele quase sempre era assim, embora nunca houvesse qualquer calor em sua intensidade, apenas foco.

O homenzinho magricela parou de pular para fazer uma reverência dura e apressada. "Lady Selande tem notícias que acho que você deveria ouvir de seus lábios, meu Lorde." A voz fina de Balwer era seca e precisa, assim como seu dono. Ele soaria o mesmo com o pescoço no bloco de um carrasco. "Minha senhora, se você quiser?" Ele era apenas um secretário — o secretário de Faile e de Perrin — um sujeito exigente e discreto na maior parte do tempo, e Selande era uma nobre, mas Balwer fez isso ser mais do que um pedido.

Ela deu-lhe um olhar de soslaio, mudando sua espada, e Perrin ficou tenso para agarrá-la. Ele não achava que ela realmente castigaria o homem, mas, novamente, ele não tinha certeza o suficiente dela, ou de qualquer um de seus amigos ridículos, para colocar isso fora de questão. Balwer apenas a observava, a cabeça inclinada para um lado, e seu cheiro carregava impaciência, não preocupação.

Com um movimento de cabeça, Selande voltou sua atenção para Perrin. "Eu vejo você, Lorde Perrin Olhos Dourados," ela começou com o sotaque nítido de Cairhien, mas, ciente de que ele tinha pouca paciência para a formalidade fingida de Aiel, ela se apressou. "Descobri três coisas esta noite. Primeiro, a menos importante, Haviar informou que Masema enviou outro cavaleiro de volta para Amadicia ontem. Nerion tentou segui-lo, mas o perdeu."

"Diga a Nerion que eu disse que ele não deve seguir ninguém", disse Perrin bruscamente. "E diga a Haviar o mesmo. Eles deveriam saber disso! Eles devem vigiar, ouvir e relatar o que veem e ouvem, nada mais. Você me entende?" Selande deu um aceno rápido, um espinho de medo entrando em seu cheiro por um momento. Medo dele, Perrin supôs, medo de que ele estivesse zangado com ela. Olhos amarelos em um homem deixavam algumas pessoas inquietas. Ele tirou a mão do machado e apertou as duas mãos atrás das costas.

Haviar e Nerion eram mais das duas dúzias de jovens tolos de Faile, um taireno, o outro cairhieno. Faile usara muitos deles como olhos e ouvidos, um fato que ainda o irritava por algum motivo, embora ela lhe dissesse na cara que espionar era assunto de esposa. Um homem precisava ouvir com atenção quando achava que sua esposa estava brincando; ela podia não estar. Toda a noção de espionagem o deixava desconfortável, mas se Faile podia usá-los assim, então o marido também podia, quando houvesse necessidade. Mas apenas os dois. Masema parecia convencido de que todos, exceto Amigos das Trevas, estavam destinados a segui-lo mais cedo ou mais tarde, mas poderia ficar desconfiado se muitos saíssem do acampamento de Perrin para se juntar a ele.

"Não o chame de Masema, nem mesmo aqui", acrescentou bruscamente. Ultimamente o homem alegou que Masema Dagar estava realmente morto e ressuscitado da sepultura como o Profeta do Senhor Dragão Renascido, e ele estava mais sensível do que nunca sobre a menção de seu nome anterior. "Você fica descuidada com a língua no lugar errado, e pode ter sorte se ele apenas mandar alguns de seus valentões açoitarem você da próxima vez que puderem encontrá-la sozinha." Selande assentiu novamente, gravemente, e desta vez sem nenhum cheiro de medo. Luz, aqueles idiotas do Faile não tinham o bom senso de reconhecer do que deveriam ter medo.

"Está quase amanhecendo", murmurou Balwer, tremendo e apertando mais a capa. "Todos estarão acordando em breve, e alguns assuntos são melhor discutidos sem serem vistos. Se minha Senhora continuar?" Mais uma vez, isso foi mais do que uma sugestão. Selande e o resto dos parasitas de Faile tinham sido bons apenas para causar problemas, isso Perrin podia ver, e Balwer parecia estar tentando colocar uma mosca no nariz por algum motivo, mas ela realmente deu um sobressalto envergonhado e murmurou um pedido de desculpas.

A escuridão realmente estava começando a diminuir, Perrin percebeu, pelo menos para seus olhos. O céu acima ainda parecia preto, salpicado de estrelas brilhantes, mas ele quase conseguia

distinguir as cores das seis listras finas que cruzavam a frente do casaco de Selande. Ele poderia distinguir uma da outra, de qualquer maneira. A percepção de que ele tinha dormido mais tarde do que o habitual o fez rosnar. Não podia ceder ao cansaço, por mais cansado que estivesse! Precisava ouvir o relatório de Selande — ela não estaria preocupada com o fato de Masema enviar cavaleiros; o homem fazia isso quase todos os dias —, mas ele procurava ansiosamente por Aram e Stepper. Seus ouvidos captaram os sons de atividade entre as fileiras de cavalos, mas ainda não havia sinal de seu cavalo.

“A segunda coisa, meu Lorde”, disse Selande, “é que Haviar viu barris de peixe salgado e carne salgada com marcas de Altara, muitos deles. Ele diz que há altaranos entre o povo de Mas... entre o povo do Profeta também. Vários parecem ser artesãos, e um ou dois podem ser comerciantes ou funcionários da cidade. Homens e mulheres estabelecidos, em todo caso, pessoas sólidas, e alguns parecem inseguros de que tomaram a decisão certa. Algumas perguntas podem revelar de onde vieram o peixe e a carne. E talvez ganhe mais olhos e ouvidos para você.

"Eu sei de onde veio o peixe e a carne e você também", disse Perrin, irritado. Suas mãos se fecharam em punhos atrás das costas. Ele esperava que a velocidade com que se movia impedisse Masema de enviar grupos de ataque. Isso era o que eles eram, e tão ruins quanto os Shaido, se não piores. Eles ofereciam às pessoas a chance de se jurar ao Dragão Renascido, e aqueles que recusavam, às vezes aqueles que simplesmente hesitavam demais, morriam a fogo e aço. De qualquer forma, marchando ou não para seguir Masema, esperava-se que aqueles que jurassem doassem generosamente em apoio à causa do Profeta, enquanto aqueles que morriam eram claramente Amigos das Trevas, com seus pertences confiscados. Os ladrões perdiam uma mão, pelas leis de Masema, mas nada do que seus invasores faziam foi roubo, de acordo com Masema. Pelas suas leis, assassinato e toda uma série de outros crimes mereciam o enforcamento, mas um bom número de seus seguidores parecia preferir matar a receber juramentos. Havia mais

pilhagem, dessa forma, e para alguns deles o assassinato era um bom jogo para se jogar antes de comer.

“Diga a eles para ficarem longe desses altaranos”, Perrin continuou. “Todos os tipos chegam aos seguidores de Masema e, mesmo que estejam tendo dúvidas, não demorarão muito para cheirar a zelo como o resto. Eles não hesitariam em estripar um vizinho, muito menos alguém que fez as perguntas erradas. O que eu quero saber é o que Masema está fazendo, o que ele está planejando.”

Que o homem tinha algum esquema parecia óbvio. Masema alegou que era uma blasfêmia qualquer um, exceto Rand, tocar no Poder Único, alegou que não queria nada mais do que se juntar a Rand no leste. Como sempre, pensar em Rand trouxe cores girando na cabeça de Perrin, mais vívidas do que o normal desta vez, mas a raiva as derreteu em vapor. Blasfêmia ou não, Masema aceitara Viajar, que não era apenas canalização, mas canalização de homens. E não importa o que ele alegasse, ele fez isso para permanecer no oeste o maior tempo possível, não para ajudar a resgatar Faile. Perrin tendia a confiar nas pessoas até que elas não fossem confiáveis, mas uma cheirada em Masema lhe disse que o sujeito era tão louco quanto um animal raivoso e ainda menos confiável.

Ele havia considerado maneiras de parar aquele esquema, qualquer que fosse. Maneiras de parar a matança e a queima de Masema. Masema tinha dez ou doze mil homens com ele, talvez mais — o homem não era muito franco com os números, e a maneira como eles acampavam em uma área miserável tornava a contagem impossível — enquanto menos de um quarto desse número seguia Perrin, várias centenas deles carroceiros e cavaliços e outros que mais atrapalhariam do que ajudariam em uma briga, mas com três Aes Sedai e dois Asha'man, para não falar de seis Sábias Aiel, ele conseguiria deter Masema em seu caminho. As Sábias e duas das Aes Sedai estariam ansiosas para participar. Mais do que simplesmente querer, pelo menos. Elas queriam Masema morto. Mas dispersar o exército de Masema só o quebraria



em centenas de bandos menores que se espalhariam por Altara e além, ainda saqueando e matando, apenas para si mesmos e não em nome do Dragão Renascido. *Separar os Shaido fará a mesma coisa*, pensou, e afastou o pensamento. Parar Masema levaria um tempo que ele não tinha. O homem teria que ficar até que Faile estivesse segura. Até que os Shaido fossem reduzidos a gravetos.

“Qual é a terceira coisa que você descobriu esta noite, Selande?” ele disse grosseiramente. Para sua surpresa, o cheiro de preocupação vindo da mulher engrossou.

“Haviar viu alguém,” ela disse lentamente. “Ele não me contou no começo.” Sua voz endureceu por um momento. “Eu me certifiquei de que isso não vai acontecer de novo!” Respirando fundo, ela parecia lutar consigo mesma, então explodiu, “Masuri Sedai visitou Masema... o Profeta. É verdade, meu Lorde; acredite em mim! Haviar a viu mais de uma vez. Ela entra no acampamento encapuzada e sai do mesmo jeito, mas ele deu uma boa olhada no rosto dela duas vezes. Um homem a acompanha cada vez, e às vezes outra mulher. Haviar não viu o homem bem o suficiente para ter certeza, mas a descrição se encaixa em Rovair, Guardiã de Masuri, e Haviar tem certeza de que a segunda mulher é Annoura Sedai.”

Ela parou abruptamente, seus olhos brilhando sombriamente ao luar enquanto ela o observava. Luz, ela estava tão preocupada em como ele iria reagir quanto ao que significava! Ele forçou as mãos a se abrirem. Masema desprezava Aes Sedai tanto quanto os Amigos das Trevas; quase os considerava Amigos das Trevas. Então, por que ele receberia duas irmãs? Por que elas iriam até ele? A opinião de Annoura sobre Masema estava escondida por trás do mistério da Aes Sedai e de comentários duplos que poderiam significar qualquer coisa, mas Masuri havia dito diretamente que o homem precisava ser sacrificado como um cachorro louco.

“Certifique-se de que Haviar e Nerion fiquem de olho nas irmãs e vejam se podem espionar uma de suas reuniões com Masema.” Poderia Haviar estar enganado? Não, havia poucas mulheres no acampamento de Masema, relativamente falando, e era improvável

que os tairanos pudessem confundir uma daquelas megeras de olhos assassinos com Masuri. O tipo de mulher disposta a marchar com Masema geralmente fazia os homens parecerem Latoeiros. “Diga a eles para tomarem cuidado, no entanto. Melhor deixar a chance passar do que ser pego por ela. Eles não são bons para ninguém pendurados em uma árvore.” Perrin sabia que ele parecia rude e tentou tornar sua voz mais suave. Isso parecia mais difícil desde que Faile foi sequestrada. “Você se saiu bem, Selande.” Pelo menos ele não soava como se estivesse latindo para ela. “Você e Haviar e Nerion. Faile ficaria orgulhosa se soubesse.

Um sorriso iluminou seu rosto, e ela ficou um pouco mais reta, se isso fosse possível. Orgulho, limpo e brilhante, o orgulho da realização, quase superou qualquer outro perfume dela! “Obrigada, meu Lorde. Obrigada!” Você teria pensado que ele tinha dado a ela um prêmio. Talvez ele tivesse, parando para pensar sobre isso. Embora pensasse que Faile podia não ficar muito satisfeita por ele estar usando seus olhos e ouvidos, ou mesmo que soubesse sobre eles. Uma vez, o pensamento de Faile descontente o teria deixado inquieto, mas isso foi antes de saber sobre seus espiões. E aquela pequena questão da Coroa Quebrada que Elyas deixara escapar. Todo mundo sempre dizia que as esposas guardavam seus segredos, mas havia limites!

Ajeitando a capa nos ombros estreitos com uma mão, Balwer tossiu atrás da outra. “Bem dito, meu Lorde. Muito bem dito. Minha Senhora, tenho certeza de que deseja transmitir as instruções de Lorde Perrin o mais rápido possível. Não adiantaria haver qualquer mal-entendido.”

Selande assentiu sem tirar os olhos de Perrin. A boca dela se abriu, e Perrin teve certeza de que ela pretendia dizer algo sobre esperar que ele encontrasse água e sombra. Luz, água era a única coisa que eles tinham em abundância, mesmo que estivesse quase congelada, e nessa época do ano ninguém precisava de sombra mesmo ao meio-dia! Ela provavelmente pretendia isso, porque hesitou antes de dizer: “Que a graça te favoreça, meu Lorde. Se puder ser tão ousada, a Graça favoreceu a Lady Faile com você.”

Perrin sacudiu a cabeça em agradecimento. Havia um gosto de cinzas em sua boca. A Graça tinha um jeito engraçado de favorecer Faile, dando-lhe um marido que ainda não a tinha encontrado depois de mais de duas semanas de busca. As Donzelas disseram que ela tinha sido feita *gai'shain*, que não seria maltratada, mas elas tinham que admitir que esses Shaido já haviam quebrado seus costumes de cem maneiras diferentes. Em sua opinião, ser sequestrado já era mau tratos o suficiente. Cinzas amargas.

"A senhora vai se sair muito bem, meu Lorde", disse Balwer suavemente, observando Selande desaparecer na escuridão entre as carroças. Essa aprovação foi uma surpresa; ele tentou convencer Perrin a não usar Selande e seus amigos, alegando que eles eram cabeçudos e não confiáveis. "Ela tem os instintos necessários. Os cairhienos, geralmente têm, e os tairenos até certo ponto, pelo menos os nobres, especialmente uma vez..." Ele interrompeu abruptamente e olhou para Perrin com cautela. Se fosse outro homem, Perrin teria acreditado que ele havia dito mais do que pretendia, mas duvidava que Balwer tivesse escorregado dessa maneira. O cheiro do homem permaneceu estável, não balançando como faria em um homem que não tinha certeza. "Posso oferecer um ou dois pontos em seu relatório, meu Lorde?"

O ranger de cascos na neve anunciou a aproximação de Aram, conduzindo o garanhão pardo de Perrin e seu próprio capão cinzento e esguio. Os dois animais estavam tentando morder um ao outro, e Aram estava mantendo-os bem separados, embora com alguma dificuldade. Balwer suspirou.

"Você pode dizer o que precisar na frente de Aram, Mestre Balwer", disse Perrin. O homenzinho inclinou a cabeça em aquiescência, mas suspirou de novo também. Todos no acampamento sabiam que Balwer tinha a habilidade de juntar rumores e comentários ouvidos ao acaso e coisas que as pessoas tinham feito para formar uma imagem do que realmente aconteceu ou do que poderia acontecer, e o próprio Balwer considerava isso parte de seu trabalho como secretário, mas por alguma razão ele

gostava de fingir que nunca fazia tal coisa. Era uma pretensão inofensiva, e Perrin tendia a agradá-lo.

Tomando as rédeas de Stepper de Aram, ele disse: “Ande atrás de nós um pouco, Aram. Preciso falar com Mestre Balwer em particular.” O suspiro de Balwer foi tão fraco que Perrin mal o ouviu.

Aram ficou atrás dos dois sem uma palavra enquanto eles começaram a andar, a neve congelada estalando sob seus pés, mas seu cheiro ficou pontiagudo novamente, e trêmulo, um cheiro fino e azedo. Desta vez, Perrin reconheceu o cheiro, embora não prestasse mais atenção do que de costume. Aram tinha ciúmes de qualquer um, exceto Faile, que passava um tempo com ele. Perrin não via como acabar com isso, e de qualquer maneira, ele estava tão acostumado com a possessividade de Aram quanto com a maneira como Balwer saltava ao seu lado, olhando por cima do ombro para ver se Aram estava perto o suficiente para ouvir quando ele finalmente resolveu falar. O cheiro fino de suspeita de Balwer, curiosamente seco e nem mesmo quente, mas ainda suspeito, forneceu um contraponto ao ciúme de Aram. Você não pode mudar homens que não querem mudar.

As cavaliças e as carroças de suprimentos estavam localizadas no meio do acampamento, onde os ladrões teriam dificuldade em alcançá-las, e embora o céu ainda parecesse preto para a maioria dos olhos, os condutores de carroças e cavaliços, que dormiam perto de seus protegidos, já estavam acordados e dobrando seus cobertores, alguns cuidando de abrigos feitos de galhos de pinheiros e outros pequenos galhos de árvores colhidos na floresta ao redor, para o caso de serem necessários mais uma noite. Fogueiras para cozinhar estavam sendo acesas e pequenas chaleiras pretas colocadas sobre elas, embora houvesse pouco para comer, exceto mingau ou feijão. A caça e as armadilhas acrescentavam um pouco de carne, veado e coelhos, perdizes e galinhas de lenha e coisas do gênero, mas isso só chegava até certo ponto com tantos para alimentar, e não havia onde comprar suprimentos desde antes de cruzar o Eldar. Uma onda de reverências e mesuras e murmúrios de “Bom dia, meu Lorde” e “A Luz te favoreça, meu Lorde” seguiu

Perrin, mas os homens e mulheres que o viram pararam de tentar fortalecer seus abrigos, e alguns começaram a puxar os deles para baixo, como se tivessem sentido a determinação de sua caminhada. Eles deveriam ter conhecido sua determinação até agora. Desde o dia em que percebeu o quanto havia cometido um erro grave, não passou duas noites em um só lugar. Ele retribuiu os cumprimentos sem diminuir a velocidade.

O resto do acampamento formava um círculo fino em torno dos cavalos e carroças, de frente para a floresta circundante, com os homens de Dois Rios divididos em quatro grupos e os lanceiros de Ghealdan e Mayene espaçados entre eles. Quem os atacasse, de qualquer direção, enfrentaria os arcos Dois Rios e a cavalaria treinada. Não era uma aparição repentina dos Shaido que Perrin temia, mas sim Masema. O homem parecia segui-lo com bastante humildade, mas, além dessa notícia de invasão, nove ghealdanos e oito mayenos haviam desaparecido nas últimas duas semanas, e ninguém acreditava que tivessem desertado. Antes disso, no dia em que Faile foi roubada, vinte mayenos foram emboscados e mortos, e ninguém acreditava que tinha sido alguém além dos homens de Masema que os mataram. Portanto, existia uma paz inquieta, um estranho tipo de paz espinhosa, mas um cobre apostado nela, afirmando que duraria para sempre, era provavelmente um cobre perdido. Masema fingia desconhecer qualquer perigo para aquela paz, mas seus seguidores pareciam não se importar de uma forma ou de outra, e o que quer que Masema fingisse, eles seguiam sua liderança. De alguma forma, porém, Perrin pretendia que isso durasse até que Faile estivesse livre. Tornar seu próprio acampamento um osso duro de roer era uma maneira de fazer a paz durar.

Os Aiel insistiram em ter sua própria fatia fina da torta estranha, embora houvesse menos de cinquenta deles, contando os *gai'shain* que serviam às Sábias, e ele parou para estudar suas tendas baixas e escuras. As únicas outras tendas erguidas em qualquer lugar do acampamento eram as de Berelain e suas duas servas, do outro lado do acampamento, não muito longe das poucas casas de

Brytan. As pulgas e os piolhos em hordas tornavam aqueles lugares inabitáveis, mesmo para soldados empedernidos que procuravam abrigo do frio, e os celeiros eram coisas podres e em ruínas que deixavam o vento uivar e abrigavam pragas piores do que as casas. As Donzelas e Gaul, o único homem entre os Aiel que não era *gai'shain*, estavam todos fora com os batedores, e as tendas Aiel estavam silenciosas e quietas, embora o cheiro de fumaça vindo de alguns dos orifícios de ventilação lhe dissesse que os *gai'shain* estavam preparando o café da manhã para as Sábias, ou servindo. Annoura era a conselheira de Berelain e geralmente dividia sua barraca, mas Masuri e Seonid estariam com as Sábias, talvez até ajudando os *gai'shain* no café da manhã. Elas ainda tentavam esconder o fato de que as Sábias as consideravam aprendizes, embora todos no acampamento já devessem estar cientes disso. Qualquer um que visse uma Aes Sedai realmente carregando lenha ou água, ou ouvisse uma sendo chicoteada, poderia entender. As duas Aes Sedai prestaram juramento a Rand — novamente as cores giraram em sua cabeça, uma explosão de matizes; novamente eles se derreteram sob sua raiva constante —, mas Edarra e as outras Sábias foram enviadas para ficar de olho nelas.

Só as próprias Aes Sedai sabiam com que firmeza seus juramentos as mantinham, ou que espaço elas viam para manobrar entre as palavras, e nenhuma delas podia pular a menos que uma Sábria dissesse sapo. Seonid e Masuri haviam dito que Masema deveria ser abatido como um cachorro louco, e as Sábrias concordaram. Ou pelo menos disseram que sim. Elas não tinham os Três Juramentos para segurá-las à verdade, embora, na verdade, aquele Juramento em particular mantinha as Aes Sedai mais na palavra do que em espírito. E parecia lembrar-se de uma das Sábrias dizendo-lhe que Masuri achava que o cachorro louco podia ser amarrado. Não era permitido pular a não ser que uma Sábria dissesse sapo. Era como um quebra-cabeça de ferreiro com as bordas das peças de metal afiadas. Ele precisava resolvê-lo, mas um erro e ele poderia se cortar até o osso.

Do canto do olho, Perrin pegou Balwer observando-o, os lábios franzidos em pensamento. Um pássaro estudando algo desconhecido, sem medo, sem fome, apenas curioso. Pegando as rédeas de Stepper, ele andou tão rápido que o homenzinho teve que alongar o passo em pequenos saltos para alcançá-lo.

Os homens de Dois Rios tinham o segmento de acampamento próximo aos Aiel, voltado para nordeste, e Perrin pensou em caminhar um pouco para o norte, até onde os lanceiros ghealdanos estavam acampados, ou para o sul até a seção mayena mais próxima, mas respirando fundo, ele se obrigou a cavalgar através de seus amigos e vizinhos de casa. Estavam todos acordados, aconchegados em suas capas e jogando os restos de seus abrigos nas fogueiras ou cortando os restos frios do coelho da noite anterior para adicionar ao mingau nas chaleiras. A conversa diminuiu e o cheiro de cautela cresceu espesso quando as cabeças se ergueram para observá-lo. As pedras de amolar pararam de deslizar ao longo do aço, depois retomaram seu sussurro sibilante. O arco era sua arma preferida, mas todos carregavam uma adaga pesada ou uma espada curta também, ou às vezes uma espada longa, e eles pegaram lanças e alabardas e outras armas de haste com lâminas e pontas estranhas que os Shaido achavam que não valia a pena carregar com sua pilhagem. Lanças com as quais estavam acostumados, e mãos acostumadas a empunhar o bastão em competições e festas não achavam as armas de haste muito diferentes, uma vez que o peso do metal em uma extremidade era contabilizado. Seus rostos estavam famintos, cansados e retraídos.

Alguém levantou um grito desanimado de “Olhos Dourados!” mas ninguém aceitou, uma coisa que teria agradado Perrin um mês depois. Muita coisa havia mudado desde que Faile foi levada. Agora o silêncio deles era de chumbo. O jovem Kenly Maerin, com as bochechas ainda pálidas onde havia raspado sua tentativa de barba, evitou olhar nos olhos de Perrin, e Jori Congar, dedos leves sempre que via algo pequeno e valioso, e bêbado sempre que podia, cuspiu desdenhosamente enquanto Perrin passava. Ban Crowe deu um

soco forte no ombro de Jori, mas Ban também não olhou para Perrin.

Dannil Lewin levantou-se, puxando nervosamente o bigode grosso que parecia tão ridículo sob seu nariz pontudo. "Ordens, Lorde Perrin?" O magricela parecia realmente aliviado quando Perrin balançou a cabeça e sentou-se de novo rapidamente, olhando para a chaleira mais próxima como se estivesse ansioso pelo mingau matinal. Talvez ele estivesse; ninguém andava de barriga cheia ultimamente, e Dannil nunca tivera muita carne sobrando nos ossos. Atrás de Perrin, Aram fez um som de nojo muito parecido com um rosnado.

Havia outros aqui além do povo de Dois Rios, mas não eram melhores. Ah, Lamgwin Dorn, um sujeito corpulento com cicatrizes no rosto, puxou o topete e balançou a cabeça. Lamgwin parecia um valentão, um durão de taverna, mas agora era o criado de Perrin, quando precisava de um, o que não era frequente, e talvez quisesse apenas manter um bom humor com seu patrão. Mas Basel Gill, o robusto estalajadeiro que Faile havia escolhido como seu *shambayan*, ocupou-se dobrando seus cobertores com cuidado exagerado, mantendo a cabeça calva abaixada, e a empregada-chefe de Faile, Lini Eltring, uma mulher ossuda cujo coque branco e justo fazia seu rosto parecer ainda mais estreita do que era, endireitou-se depois de mexer uma chaleira, os lábios finos comprimidos, e ergueu a longa colher de pau como se quisesse afastar Perrin. Breane Taborwin, olhos escuros ferozes em seu rosto pálido de cairhiena, deu um tapa forte no braço de Lamgwin e franziu a testa para ele. Ela era a mulher de Lamgwin, mas não sua esposa, e a segunda das três empregadas de Faile. Eles seguiriam os Shaido até caírem mortos, se necessário, e cairiam no pescoço de Faile quando a encontrassem, mas apenas Lamgwin tinha um pingo de boas-vindas para Perrin. Ele poderia ter conseguido mais de Jur Grady — os Asha'man estavam afastados de todos os outros, por quem e o que eles eram, e nenhum deles mostrou qualquer animosidade em relação a Perrin —, mas apesar do barulho das pessoas andando na neve congelada e xingando quando



escorregavam, Grady ainda estava enrolado em seus cobertores, roncando sob um alpendre de galho de pinheiro. Perrin passou por seus amigos, vizinhos e criados e se sentiu sozinho. Um homem só podia proclamar sua fidelidade por muito tempo antes de desistir. O coração de sua vida estava em algum lugar a nordeste. Tudo voltaria ao normal assim que ele a tivesse de volta.

Uma moita de estacas afiadas a dez passos de profundidade circundava o acampamento, e ele foi até a extremidade da seção de lanceiros de ghealdanos, onde caminhos inclinados haviam sido deixados para homens montados cavalgarem, embora Balwer e Aram tivessem que ir para atrás dele no caminho estreito. Na frente dos homens de Dois Rios, um homem a pé teria que se virar e curvar para passar. A borda da floresta ficava a pouco mais de cem passos de distância, tiro de arco fácil para os homens de Dois Rios, árvores enormes erguendo um dossel alto no céu. Algumas das árvores ali eram estranhas para Perrin, mas havia pinheiros, folhas de couro e olmos lá fora, algumas com três ou quatro passos de espessura na base, e carvalhos ainda maiores. Árvores daquele tamanho matavam qualquer coisa maior do que ervas daninhas ou pequenos arbustos que tentavam crescer abaixo delas, deixando grandes espaços entre elas, mas sombras mais escuras que a noite preenchiam esses espaços. Uma velha floresta, que poderia engolir exércitos inteiros e nunca desistir dos ossos.

Balwer o seguiu por todo o caminho antes de decidir que isso era o mais próximo de estar sozinho com Perrin que ele provavelmente chegaria em breve. "Os cavaleiros que Masema enviou, meu Lorde", disse ele e, segurando sua capa perto, lançou um olhar desconfiado para Aram, que o encarou com um olhar fixo.

"Eu sei", disse Perrin, "você acha que eles vão para os Mantos Brancos." Ele estava ansioso para se mover, e para muito mais longe de seus amigos. Ele colocou a mão que segurava as rédeas no arco da sela, mas evitou colocar uma bota no estribo. Stepper sacudiu a cabeça, também impaciente. "Masema pode estar enviando mensagens para os Seanchan com a mesma facilidade."

“Como você diz, meu Lorde. Uma possibilidade viável, com certeza. Posso sugerir mais uma vez, no entanto, que a visão de Masema das Aes Sedai é muito próxima da dos Mantos Brancos? Aliás, idêntica. Ele veria cada irmã morta, se pudesse. A visão dos Seanchan é mais... pragmática, se me permite chamá-la assim. Menos de acordo com Masema, em qualquer caso.”

“Por mais que você odeie os Mantos Brancos, Mestre Balwer, eles não estão na raiz de todos os males. E Masema já lidou com os Seanchan antes.”

“Como você diz, meu Lorde.” O rosto de Balwer não mudou, mas ele cheirava a dúvida. Perrin não podia provar os encontros de Masema com os Seanchan, e contar a alguém como ele soubera deles só aumentaria suas dificuldades atuais. Isso dava problemas a Balwer; ele era um homem que gostava de provas. “Quanto às Aes Sedai e às Sábias, meu Lorde... As Aes Sedai sempre parecem acreditar que sabem mais do que ninguém, exceto possivelmente outra Aes Sedai. Acredito que as Sábias são muito parecidas.”

Perrin bufou breves plumas brancas no ar. “Diga-me algo que eu não saiba. Como por que Masuri se encontraria com Masema e por que as Sábias permitiram. Aposto Stepper contra um prego de ferradura que ela não fez isso sem a permissão delas.” Annoura era outra pergunta, mas ela poderia estar agindo por conta própria. Certamente parecia improvável que estivesse agindo a pedido de Berelain.

Colocando a capa nos ombros, Balwer olhou para trás através das fileiras de estacas afiadas no acampamento, em direção às tendas de Aiel, apertando os olhos como se esperasse ver através das paredes da tenda. “Existem muitas possibilidades, meu Lorde,” ele disse irritado. “Para alguns que juram, tudo o que não é proibido é permitido, e tudo o que não é ordenado pode ser ignorado. Outros realizam ações que acreditam que ajudarão seu suserano sem primeiro pedir permissão. As Aes Sedai e as Sábias se enquadram em uma dessas categorias, ao que parece, mas, além disso, posso apenas especular, do jeito que as coisas estão.”

“Eu poderia simplesmente perguntar. Aes Sedai não podem mentir, e se eu pressionar o suficiente, Masuri pode realmente me dizer a verdade.”

Balwer fez uma careta como se sentisse uma dor de estômago repentina. “Talvez, meu Lorde. Talvez. O mais provável é que ela lhe diga algo que soe como a verdade. As Aes Sedai têm experiência nisso, como você sabe. De qualquer forma, meu Lorde, Masuri se perguntaria como você sabia perguntar, e essa linha de pensamento poderia levar a Haviar e Nerion. Dadas as circunstâncias, quem pode dizer a quem ela poderia contar? O simples nem sempre é o melhor caminho. Às vezes, certas coisas devem ser feitas por trás de máscaras, por segurança.”

“Eu lhe disse que as Aes Sedai não eram confiáveis”, disse Aram abruptamente. “Já lhe disse isso, Lorde Perrin.” Ele ficou em silêncio quando Perrin levantou a mão, mas o fedor de fúria dele era tão forte que Perrin teve que exalar para limpar seus pulmões. Parte dele queria atrair o cheiro profundamente e deixá-lo consumi-lo.

Perrin estudou Balwer cuidadosamente. Se as Aes Sedai podiam distorcer a verdade até que você não pudesse distinguir de cima para baixo, e elas podiam e faziam, até onde se poderia confiar? Confiança sempre era a questão. Ele tinha aprendido isso em duras lições. Deu uma checada firme em sua raiva, no entanto. Um martelo tinha que ser usado com cuidado, e ele estava trabalhando em uma forja onde um deslizaria arrancaria o coração de seu peito. “E as coisas poderiam mudar se alguns dos amigos de Selande comesçassem a passar mais tempo entre os Aiel? Eles querem ser Aiel, afinal. Isso devia lhes dar desculpa suficiente. E talvez um deles pudesse fazer amizade com Berelain e com sua conselheira.”

“Isso deve ser possível, meu Lorde”, disse Balwer após a menor hesitação. “O pai de Lady Medore é um Grão-Senhor de Tear, dando a ela uma posição suficiente para se aproximar da Primeira de Mayene, e também uma razão. Possivelmente, um ou dois dos cairhienos também são altos o suficiente. Encontrar aqueles para viver entre os Aiel será ainda mais fácil.”

Perrin assentiu. Cuidado infinito com o martelo, por mais que você quisesse esmagar o que estivesse ao seu alcance. “Então faça.

Mas, mestre Balwer, você está tentando... me guiar... desde que Selande nos deixou. A partir de agora, se você tiver uma sugestão a fazer, faça. Mesmo que eu diga não a nove seguidas, sempre ouvirei uma décima. Não sou um homem inteligente, mas estou disposto a ouvir as pessoas que são, e acho que você é. Só não tente me cutucar na direção que você quer que eu vá. Eu não gosto disso, mestre Balwer.”

Balwer piscou, e então, de todas as coisas, curvou-se com as mãos cruzadas na cintura. Ele cheirava surpreso. E grato. Grato? “Como você disser, meu Lorde. Meu empregador anterior não gostava que eu sugerisse ações, a menos que me pedisse. Não cometerei o mesmo erro novamente, eu lhe asseguro.” Olhando para Perrin, ele pareceu chegar a uma decisão. “Se me permite”, ele disse cuidadosamente, “eu acho servir a você... agradável... de maneiras que eu não esperava. Você é o que parece, meu Lorde, sem agulhas envenenadas escondidas para pegar os incautos. Meu empregador anterior era amplamente conhecido por sua inteligência, mas acredito que você seja igualmente inteligente, de uma maneira diferente. Acredito que me arrependeria de deixar seu serviço. Qualquer homem pode dizer essas coisas para manter seu lugar, mas estou falando sério.”

Agulhas envenenadas? Antes de entrar a serviço de Perrin, o último emprego de Balwer foi como secretário de uma nobre murandiana em tempos difíceis que não podia mais mantê-lo. Murandy devia ser um lugar mais difícil do que Perrin pensava. “Não vejo razão para você deixar meu emprego. Apenas me diga o que você quer fazer e deixe-me decidir, não tente incitar. E esqueça a bajulação.”

“Eu nunca bajulo, meu Lorde. Mas sou adepto de me moldar de acordo com as necessidades de meu mestre; é uma exigência da minha profissão.” O homenzinho curvou-se mais uma vez. Ele nunca tinha sido tão formal antes. “Se não tiver mais perguntas, meu Lorde, posso ir encontrar Lady Medore?”

Perrin assentiu. O homenzinho curvou-se mais uma vez, recuando, depois foi deslizando em direção ao acampamento, sua capa esvoaçando atrás dele enquanto se esquivava das estacas

afiadas como um pardal saltitando pela neve. Ele era um sujeito estranho.

"Eu não confio nele", Aram murmurou, olhando para Balwer. "E eu não confio em Selande e nesse grupo. Eles vão jogar com as Aes Sedai, guarde minhas palavras."

"Você tem que confiar em alguém", disse Perrin asperamente. A pergunta era, quem? Balançando na sela de Stepper, ele chutou as costelas. Um martelo era inútil parado.



## CAPÍTULO

### 6

---



### *O Cheiro de um Sonho*

O ar frio parecia limpo e fresco no nariz de Perrin enquanto ele galopava pela floresta, as brisas cheias do frescor da neve que jorrava sob os cascos de Stepper. Aqui, ele poderia esquecer velhos amigos que estavam dispostos a acreditar no pior dos boatos. Podia tentar esquecer Masema, as Aes Sedai e as Sábias. Os Shaido eram soldados ao interior de seu crânio, no entanto, um quebra-cabeça de ferreiro que não cedia, não importava o quanto ele torcia. Queria separar as partes, mas isso nunca funcionava com o quebra-cabeça de um ferreiro.

Depois de uma breve explosão de velocidade, diminuiu para uma caminhada, sentindo um toque de culpa. A escuridão sob o dossel da floresta era profunda, e afloramentos de pedra entre as árvores altas alertavam para mais escondidos sob a neve, uma centena de lugares que poderiam quebrar a perna de um cavalo correndo, e isso sem contar buracos de esquilos e tocas de raposas e conjuntos de texugos. Não havia necessidade de correr o risco. Um galope não libertaria Faile uma hora antes, e nenhum cavalo poderia manter esse ritmo por muito tempo, de qualquer forma. A neve aqui estava na altura do joelho em lugares onde havia caído, e profunda o suficiente em outros lugares. Ele cavalgava para nordeste, no entanto. Os batedores estariam vindo do nordeste, com notícias de Faile. Notícias dos Shaido, pelo menos, um local. Ele havia esperado por isso tantas vezes, orado por isso, mas hoje, sabia que viria. No entanto, saber só aumentava sua ansiedade. Encontrá-los

era apenas a primeira parte da solução desse quebra-cabeça. A raiva fez sua mente passar de uma coisa para outra, mas não importava o que Balwer dissesse, Perrin sabia que era, na melhor das hipóteses, metódico. Ele não se saiu bem tentando pensar rápido, e faltando esperteza, ser metódico ia ter que servir. De alguma forma.

Aram o alcançou, correndo com seu cavalo cinza, e diminuiu a velocidade para cavalgar um pouco atrás e para um lado como um cão de caça. Perrin deixou. Aram nunca cheirava bem quando Perrin o fazia cavalgar ao seu lado. O outrora Latoeiro não falava, mas redemoinhos no ar gelado traziam seu cheiro, uma mistura de raiva, suspeita e descontentamento. Ele sentava em sua sela tão tenso quanto uma mola de relógio e observava a floresta ao redor deles severamente, como se esperasse que Shaido saltassem de trás da árvore mais próxima.

Na verdade, quase tudo poderia estar escondido da maioria dos homens nesta floresta. Onde o céu podia ser visto através do dossel de galhos, tinha um tom definido de cinza escuro, mas no momento isso lançava a floresta em sombras mais escuras do que a noite, e as próprias árvores eram enormes colunas de escuridão. No entanto, mesmo o deslocamento de uma gralha de asas negras em um galho coberto de neve, suas penas esvoaçantes contra o frio, chamava a atenção de Perrin, e uma marta de pinheiro, de um preto mais profundo que a escuridão, erguendo cautelosamente a cabeça sobre outra. Ele sentiu o cheiro de ambos, também. Um leve aroma de cheiro de homem veio de um carvalho maciço com galhos escuros tão grossos quanto um pônei. Os ghealdanos e mayenos tinham suas patrulhas montadas circulando o acampamento a alguns quilômetros de distância, mas ele preferia contar com os homens de Dois Rios mais próximos. Ele não tinha homens suficientes para cercar completamente o acampamento, mas eles estavam acostumados com florestas e a caçar animais que por sua vez poderiam caçá-los, acostumados a perceber movimentos que escapariam a um homem, pensando em termos de soldados e guerra. Leões das montanhas descendo das montanhas atrás de

ovelhas podiam se esconder à vista de todos, e ursos e javalis eram conhecidos por darem a volta por atrás de seus perseguidores, fazendo uma emboscada. Dos galhos a trinta e quarenta pés acima do solo, os homens podiam ver qualquer coisa que se movesse abaixo a tempo de alertar o acampamento e, com seus arcos longos, podiam cobrar um alto preço de qualquer um que tentasse passar por eles. No entanto, a presença do guarda tocou sua mente tão levemente quanto a presença da gralha. Ele estava focado à frente por entre as árvores e as sombras, com a intenção de captar o primeiro sinal dos batedores retornando.

Abruptamente, Stepper jogou a cabeça e bufou em uma nuvem de névoa, os olhos rolando de medo quando parou, e o cavalo cinza de Aram gritou e se encolheu. Perrin se inclinou para a frente para dar um tapinha no pescoço do garanhão trêmulo, mas sua mão congelou quando captou um rastro de cheiro, um cheiro de enxofre queimado no ar, que fez o cabelo de sua nuca tentar se arrepiar. Enxofre quase queimado; isso era apenas uma pálida imitação desse cheiro. Tinha um cheiro... errado, de algo que não pertencia a este mundo. O cheiro não era fresco — você nunca poderia chamar aquele fedor de “fresco” —, mas também não era velho. Uma hora, talvez menos. Talvez na hora em que ele acordou. No momento que ele tinha sonhado com este aroma.

“O que é, Lorde Perrin?” Aram estava tendo dificuldade em controlar seu cavalo cinza, que dançava em círculos lutando contra as rédeas e querendo correr em qualquer direção, desde que estivesse longe, mas mesmo enquanto firmava suas rédeas, ele segurava sua espada com punho de lobo. Ele praticava com ela diariamente, por horas a fio quando podia, e aqueles que sabiam dessas coisas diziam que ele era bom. “Você pode distinguir um fio preto de um branco agora, mas ainda não é dia para mim. Não consigo ver nada bem o suficiente para importar.”

“Guarde isso,” Perrin disse a ele. “Não é necessário. Espadas não fariam nenhum bem, de qualquer maneira.” Ele teve que persuadir sua montaria trêmula a avançar, mas seguiu o cheiro fétido,



examinando o chão coberto de neve à frente. Ele conhecia aquele cheiro, e não apenas do sonho.

Demorou apenas um pouco para encontrar o que procurava, e Stepper deu um relincho agradecido quando Perrin o freou bem perto de uma laje de pedra cinzenta, com dois passos de largura, que se projetava à sua direita. A neve ao redor era lisa e sem marcas, mas pegadas de cachorro cobriam a extensão inclinada de pedra, como se uma matilha tivesse passado por cima dela enquanto eles corriam. Com ou sem escuridão e sombras, eram claras aos olhos de Perrin. Pegadas maiores que a palma de sua mão, pressionadas na pedra como se fosse lama. Ele deu um tapinha no pescoço de Stepper novamente. Não admirava que o animal estivesse assustado.

“Volte para o acampamento e encontre Dannil, Aram. Diga a ele que eu disse para que todos saibam que havia Cães das Trevas aqui, talvez uma hora atrás. E guarde sua espada. Você não gostaria de tentar matar um Cão das Trevas com uma espada, acredite em mim.

“Cães das Trevas?” Aram exclamou, olhando ao redor nas sombras escuras entre as árvores. Havia um medo ansioso em seu cheiro agora. A maioria dos homens teria rido de contos de viajantes ou histórias para crianças. Os latoeiros vagavam pelo campo, e sabiam o que podiam encontrar na selva. Aram embainhou a espada em suas costas com óbvia relutância, mas sua mão direita permaneceu levantada, meio que alcançando o punho. “Como você mata um Cão das Trevas? Eles podem ser mortos?” Então, novamente, talvez ele não tivesse muito bom senso nisso.

“Apenas fique feliz por você não ter que tentar, Aram. Agora vá fazer como eu lhe disse. Todos precisam ficar atentos caso voltem. Não há muita chance disso, eu diria, mas é melhor prevenir.” Perrin lembrou-se de enfrentar um bando deles uma vez e matar um. Ele pensou que tinha matado um, depois de atingi-lo com três boas flechas de ponta larga. A Cria das Trevas não morreu facilmente. Moiraine teve que exterminar aquele bando com fogo devastador. “Certifique-se de que as Aes Sedai e Sábias saibam disso, e os

Asha'man." Pouca chance de qualquer um deles saber fazer fogo devastador — as mulheres talvez não admitissem conhecer uma trama proibida se soubessem, e talvez os homens também não — mas talvez soubessem outra coisa que pudesse funcionar.

Aram estava relutante em deixar Perrin sozinho até Perrin ameaçá-lo, e então voltou para o acampamento deixando um rastro de ressentimento e mágoa, como se dois homens fossem um pouco mais seguros do que um. Assim que o outro homem sumiu de vista, Perrin puxou Stepper para o sul, na direção em que os Cães das Trevas estavam indo. Ele não queria companhia para isso, nem mesmo de Aram. Só porque as pessoas às vezes notavam sua visão aguçada não era motivo para ostentá-la, ou seu olfato. Já havia motivos suficientes para evitá-lo sem acrescentar mais.

Pode ter sido por acaso que as criaturas passaram tão perto de seu acampamento, mas os últimos anos o deixaram inquieto com coincidências. Com muita frequência, não eram coincidências, não do jeito que outros homens contavam essas coisas. Se isso era mais um pedaço de ser *ta'veren* puxando o Padrão, era um pedaço que ele poderia ter dispensado. A coisa parecia ter mais desvantagens do que vantagens, mesmo quando parecia estar funcionando a seu favor. A chance que favorecia você em um minuto podia se voltar contra você no próximo.

E sempre havia outra possibilidade. Ser *ta'veren* fazia você se destacar no Padrão, e alguns dos Abandonados poderiam usar isso para encontrá-lo às vezes, ou assim lhe disseram. Talvez algumas Crias das Trevas também pudessem.

A trilha que ele seguiu certamente tinha quase uma hora, mas Perrin sentiu um aperto entre as omoplatas, um formigamento no couro cabeludo. O céu ainda era de um cinza escuro profundo onde se mostrava, até mesmo para seus olhos. O sol ainda não havia nascido no horizonte. Pouco antes do nascer do sol era um dos piores momentos para encontrar a Caçada Selvagem, quando a escuridão estava se transformando em luz, mas a luz não havia se estabelecido. Pelo menos não havia encruzilhada por perto, nenhum cemitério, mas as únicas pedras da lareira a tocar estavam em

Brytan, e ele não tinha certeza de quanta segurança essas choupanas tinham. Em sua mente, ele marcou a localização de um riacho próximo, onde o acampamento obtinha sua água cortando o gelo. Não tinha mais do que dez ou doze passos de largura e apenas na altura dos joelhos, mas colocar água corrente entre você e os Cães das Trevas supostamente os impediria. Mas então, enfrentá-los também, supostamente, e ele tinha visto os resultados disso. Seu nariz testou a brisa, procurando por aquele cheiro antigo. E por qualquer dica de um mais novo. Chegar a essas coisas sem saber seria pior do que desagradável.

Stepper captava cheiros quase tão facilmente quanto Perrin, e às vezes percebia o que eram mais cedo, mas sempre que o pardo hesitava, Perrin o forçava a avançar. Havia muitos rastros espalhados na neve, pegadas das patrulhas montadas na saída e na volta, sinais ocasionais de coelhos e raposas, mas as únicas marcas deixadas pelos Cães das Trevas eram as pedras que saíam da neve. O cheiro de enxofre queimado era sempre mais forte ali, mas havia vestígios suficientes no meio para levá-lo ao próximo lugar onde seus rastros apareciam. As enormes pegadas se sobrepunham, e não havia como dizer quantos Cães das Trevas haviam sido, mas se de um passo largo ou seis, cada superfície rochosa que eles cruzavam estava sufocada em rastros de um lado para o outro. Um bando maior do que os dez que ele tinha visto fora de Illian. Muito maior. Era por isso que não havia lobos na área? Ele tinha certeza de que a certeza da morte que sentira no sonho era algo real, e ele havia sido um lobo no sonho.

Quando a trilha começou a se curvar para o oeste, sentiu uma suspeita crescente que se firmava em forma de certeza à medida que continuava a circular. Os Cães das Trevas haviam circundado o acampamento completamente, atravessando o local ao norte do acampamento, onde várias árvores enormes jaziam meio derrubadas e apoiadas por suas vizinhas, cada uma com um pedaço alto cortado de seu tronco lascado. Os rastros cobriam um afloramento de pedra tão liso e plano como um piso de mármore polido, exceto por um corte fino como um fio de cabelo cortado reto

como um fio de prumo. Nada resistia à abertura do portal de um Asha'man, e dois se abriram aqui. Um pinheiro grosso que havia caído bloqueando um tinha uma seção de quatro passos de largura queimada, mas as pontas carbonizadas estavam tão limpas como se tivessem vindo de uma serraria. No entanto, parecia que a prova do Poder Único não interessava aos Cães das Trevas. A matilha não havia parado ali mais do que em qualquer outro lugar, ou até mesmo desacelerado que ele pudesse dizer. Cães das Trevas podiam correr mais rápido que cavalos, e por mais tempo, e o fedor deles dificilmente parecia ter desaparecido mais em um lugar do que em outro. Em dois pontos daquele circuito, ele havia encontrado uma bifurcação na trilha, mas era apenas a matilha que vinha do norte e partia para o sul. Uma vez ao redor do acampamento, e então em seu caminho atrás do que ou quem quer que eles estivessem caçando.

Claramente, não era ele. Talvez o bando tivesse circulado porque o sentiram, sentiram alguém que era *ta'veren*, mas ele duvidava que Cães das Trevas hesitassem um instante em entrar no acampamento, se estivessem atrás dele. A matilha que ele enfrentou antes entrou na cidade de Illian, embora não tenha tentado matá-lo até mais tarde. Mas será que os Cães das Trevas relatavam o que viam, como faziam os ratos e os corvos? O pensamento fez sua mandíbula apertar. A atenção da Sombra era algo que qualquer homem sensato temia, a atenção da Sombra poderia interferir na libertação de Faile. Isso o preocupava mais do que qualquer outra coisa. No entanto, havia formas de combater as Crias das Trevas, formas de combater os Abandonados, se chegasse a isso. O que quer que se interpusesse entre ele e Faile, Cães das Trevas ou os Abandonados ou qualquer outra coisa, ele encontraria uma maneira de contornar ou passar, o que fosse necessário. Um homem só podia ter uma quantidade limitada de medo nele de uma só vez, e todo o seu medo estava centrado em Faile. Simplesmente não havia mais espaço.

Antes de chegar ao ponto de partida novamente, as brisas trouxeram-lhe os cheiros de pessoas e cavalos, fortes no frio gelado,

e ele puxou Stepper para uma caminhada lenta e depois parou. Avistara cerca de cinquenta ou sessenta cavalos perto de cem passos à frente. O sol finalmente apareceu no horizonte e começou a enviar raios de luz nitidamente oblíquos através do dossel da floresta, refletindo na neve e diminuindo um pouco a escuridão, embora sombras profundas e manchadas permanecessem entre os dedos finos do sol. Algumas dessas sombras o envolveram. O grupo montado não estava longe de onde vira pela primeira vez os rastros dos Cães das Trevas, e ele podia ver o manto verde vômito de Aram e o casaco listrado de vermelho, as vestes de Latoeiro estremecendo com a espada nas costas. A maioria dos cavaleiros usava capacetes vermelhos com aros em forma de potes e mantos escuros sobre couraças vermelhas, e as longas fitas vermelhas em suas lanças agitavam-se nos ares da luz enquanto os soldados tentavam vigiar em todas as direções. A Primeira de Mayene costumava cavalgar pela manhã, com uma equipe de guarda-costas adequados dos Guardas Alados.

Ele começou a fugir para não ter que encontrar Berelain, mas então ele viu três mulheres altas a pé entre os cavalos, longos xales escuros enrolados em suas cabeças e drapeados sobre a parte superior do corpo, e hesitou. Sábias cavalgava quando era preciso, ainda que a contragosto, mas andar um ou dois quilômetros na neve usando saias de lã pesadas não era motivo suficiente para forçá-las a montar a cavalo. Quase certamente Seonid ou Masuri também estavam nesse grupo, embora as mulheres Aiel parecessem gostar de Berelain por algum motivo que ele não conseguia entender.

Ele não pensava em se juntar aos cavaleiros, não importava quem estivesse com eles, mas a hesitação lhe custou a chance de evasão. Uma das Sábias — ele pensou que fosse Carelle, uma mulher de cabelos cor de fogo que sempre tinha um desafio em seus olhos azuis penetrantes — levantou a mão para apontar em sua direção, e todo o grupo se virou, os soldados chicoteando seus cavalos e espiando através das árvores em direção a ele, lanças apontadas com um pé de aço meio abaixado. Era improvável que eles pudessem vê-lo claramente através das profundas poças de

sombra e barras brilhantes de luz do sol. Estava surpreso que Sábia tinha visto, mas Aiel geralmente tinham olhos afiados.

Masuri estava lá, uma mulher esbelta com um manto cor de bronze montando uma égua malhada, e Annoura também, mantendo sua égua marrom bem para trás, mas marcada pelas dezenas de finas tranças escuras que pendiam da abertura de seu capuz. A própria Berelain sentava-se um cavalo baio esguio na frente, uma jovem alta e bonita com longos cabelos negros, com um manto vermelho forrado de pelo preto. Uma simples falha diminuía sua beleza, no entanto; ela não era Faile. Uma falha pior o arruinava, no que lhe dizia respeito. Ele soubera do sequestro de Faile por ela e do contato de Masema com os Seanchan, mas quase todos no acampamento acreditavam que ele havia dormido com Berelain na mesma noite em que Faile foi levada, e ela não fez nada para corrigir a história. Dificilmente era o tipo de história que ele poderia pedir a ela para se levantar e negar publicamente, mas ela poderia ter dito algo, dito a suas empregadas para negar, qualquer coisa. Em vez disso, Berelain manteve seu silêncio, e suas criadas, fofocando como pegas, na verdade promoveram a história. Esse tipo de fama grudava em um homem em Dois Rios.

Ele evitara Berelain desde aquela noite, e teria ido embora agora mesmo depois de eles o verem, mas ela pegou uma cesta com um arco da criada que a acompanhava, uma mulher roliça embrulhada em um manto azul e dourado, então falou com o outros e apontou seu cavalo baio lustroso castrado em direção a ele. Sozinha. Annoura ergueu a mão e disse algo atrás dela, mas Berelain não olhou para trás. Perrin não duvidava que ela o seguiria aonde quer que ele fosse, e do jeito que as coisas estavam, partir só faria as pessoas acreditarem que ele queria ficar sozinho com ela. Ele cravou os calcanhares nos flancos de Stepper, com a intenção de se juntar aos outros, não importava o quão pouco ele quisesse — deixá-la segui-lo de volta para eles, se ela quisesse —, mas ela incitou o baio a um galope apesar do terreno acidentado e da neve, mesmo saltando um afloramento de pedra, seu manto vermelho esvoaçando atrás dela, e o encontrou no meio do caminho. Ela era

uma boa amazona, ele admitiu de má vontade. Não tão boa quanto Faile, mas melhor que a maioria.

"Sua carranca é bastante feroz", ela riu baixinho quando parou bem na frente de Stepper. Pela maneira como segurava as rédeas, estava pronta para bloqueá-lo se tentasse dar a volta. A mulher não tinha vergonha nenhuma! "Sorria, para que as pessoas pensem que estamos flertando." Ela empurrou a cesta para ele com uma mão enluvada carmesim. "Isso deve fazer você sorrir, pelo menos. Ouvi dizer que você esquece de comer." Seu nariz enrugou. "E de se lavar, parece. Sua barba também precisa ser aparada. Um marido preocupado e um tanto desganhado resgatando sua esposa é uma figura romântica, mas ela pode não pensar muito bem de um maltrapilho sujo. Nenhuma mulher jamais irá perdoá-lo arruinando sua imagem de você."

Subitamente confuso, Perrin pegou a cesta, colocou-a à sua frente no alto pomo de sua sela e, inconscientemente, esfregou o nariz. Ele estava acostumado a certos cheiros de Berelain, geralmente os de uma loba caçando, e ele era a presa pretendida, mas hoje ela não exalava nenhum cheiro de caça. Nem um pouco disso. Ela cheirava paciente como pedra, e divertida, com tendências ocultas de medo. A mulher certamente nunca teve medo dele, que ele se lembrasse. E com o que ela tinha que ser paciente? Aliás, o que ela tinha para se divertir? Um leão da montanha com cheiro de cordeiro não o teria confundido mais.

Confusão ou não, seu estômago roncou com os aromas que vinham da cesta com tampa. Galinha assada, a menos que estivesse muito enganado, e pão ainda quente do cozimento. A farinha era escassa e o pão quase tão raro quanto a carne. Era verdade que ele esquecia de comer alguns dias. Realmente se esquecia, às vezes, e quando se lembrava, comer era uma tarefa árdua, pois ele tinha que enfrentar Lini e Breane ou ser ignorado por pessoas com quem cresceu apenas para conseguir uma refeição. A comida bem debaixo de seu nariz lhe dava água na boca. Seria traição comer comida trazida por Berelain?

“Obrigado pelo pão e pela galinha,” ele disse rudemente, “mas a última coisa no mundo que eu quero é que alguém pense que estamos flertando. E me lavo quando posso, não que seja da sua conta. Não é fácil com este tempo. Além disso, ninguém mais cheira melhor do que eu.” Ela cheirava, ele percebeu de repente. Não havia sinal de suor ou sujeira sob seu perfume levemente florido. Irritou-o ter notado que ela estava usando perfume, ou que ela cheirava a limpeza. Parecia uma traição.

Os olhos de Berelain se arregalaram momentaneamente em espanto — por quê? — mas então ela suspirou através de seu sorriso, que estava começando a parecer fixo, e um fio de irritação penetrou em seu perfume. “Monte sua barraca. Eu sei que há uma boa banheira de cobre em um de seus carrinhos. Você não terá jogado isso fora. As pessoas esperam que um nobre se pareça com um nobre, Perrin, e isso inclui ser apresentável, mesmo que exija um esforço extra. É uma barganha entre você e eles. Você deve dar a eles o que eles esperam, bem como o que eles precisam ou querem, ou eles perdem o respeito e começam a se ressentir por você fazê-los perder. Francamente, nenhum de nós pode permitir que você deixe isso acontecer. Estamos todos longe de nossas casas, cercados de inimigos, e acredito muito que você, Lorde Perrin Olhos Dourados, pode ser nossa única chance de viver para chegarmos novamente às nossas casas. Sem você, tudo desmorona. Agora sorria, porque se estamos flertando, não estamos falando de outra coisa.”

Perrin mostrou os dentes. Os Mayenos e as Sábias observavam, mas a cinquenta passos, nesta penumbra, seria tomado por um sorriso. Perder o respeito? Berelain tinha ajudado a despojá-lo de qualquer respeito que ele já teve do povo de Dois Rios, para não mencionar os servos de Faile. Pior, Faile havia lhe dado uma versão daquela palestra sobre o dever de um nobre de dar às pessoas o que elas esperavam mais de uma vez. O que ele ressentia era ouvir essa mulher, de todas as pessoas, ecoar sua esposa. “Do que estamos falando, então, que você não confia que seu próprio povo saiba?”



Seu rosto permaneceu suave e sorridente, mas a corrente de medo em seu perfume se fortaleceu. Não estava nem perto de pânico, mas ela acreditava estar em perigo. Suas mãos enluvadas estavam apertadas nas rédeas do baio. “Já enviei meus apanhadores de ladrões para fuçar no acampamento de Masema, fazer 'amigos'. Não é tão bom quanto ter olhos e ouvidos lá, mas eles pegaram o vinho que supostamente roubaram de mim, e descobriram um pouco ouvindo.” Por um instante, ela o olhou com curiosidade, inclinando a cabeça. Luz! Ela sabia que Faile usava Selande e aqueles outros idiotas como espiões! Foi Berelain quem lhe contou sobre eles em primeiro lugar. Provavelmente Gendar e Santes, seus caçadores de ladrões, tinham visto Haviar e Nerion no acampamento de Masema. Balwer teria que ser avisado antes de tentar colocar Medore para vigiar Berelain e Annoura. Isso certamente faria um belo emaranhado.

Quando ele não disse nada, ela continuou. “Coloquei algo naquela cesta além de pão e uma galinha. Um... documento... que Santes encontrou ontem cedo, trancado na escrivaninha de Masema. O tolo nunca viu uma fechadura sem querer saber o que ela escondia. Se ele tivesse que mexer com o que Masema mantinha a sete chaves, deveria ter memorizado a coisa em vez de pegá-la, mas o que está feito está feito. Não deixe ninguém ver você lendo isso depois que eu tive todo esse trabalho para esconder!” ela acrescentou bruscamente quando ele levantou a tampa da cesta, revelando um pacote embrulhado em pano e liberando cheiros mais fortes de pássaro assado e pão quente. “Eu vi os homens de Masema seguindo você antes. Eles poderiam estar assistindo agora!”

“Eu não sou um tolo”, ele rosnou. Ele sabia sobre os observadores de Masema. A maioria dos seguidores do homem eram moradores da cidade, e a maioria dos demais desajeitados o suficiente na floresta para envergonhar uma criança de dez anos em casa. O que não significava que um ou dois não estivessem escondidos em algum lugar entre as árvores perto o suficiente para espiar por entre as sombras. Eles sempre mantinham distância, pois seus olhos os faziam acreditar que ele era uma espécie de Crias das Trevas meio mansa, por isso raramente detectava seus cheiros, e tinha outras coisas em mente esta manhã.

Afastando o pano para expor a galinha assada, quase tão grande quanto uma galinha de tamanho razoável, com a pele bem dourada, ele arrancou uma das pernas da ave enquanto tateava sob o embrulho e tirava um pedaço de papel grosso de cor creme dobrado em quatro. Descuidado com as manchas de gordura, ele desdobrou o papel em cima do pássaro, um pouco desajeitado em suas manoplas, e leu enquanto mordiscava a perna. Para todos que observavam, ele parecia estar estudando qual parte do galho atacar em seguida. Um grosso selo de cera verde, rachado de um lado, tinha uma impressão do que ele decidiu serem três mãos, cada uma com o dedo indicador e o dedo mindinho levantados e os outros dobrados. As letras escritas no papel em uma caligrafia fluida eram estranhamente formadas, algumas irreconhecíveis, mas a coisa era legível com um pouco de esforço.

*O portador disso está sob minha proteção pessoal. Em nome da Imperatriz, que ela viva para sempre, dê-lhe toda a ajuda que ele precisar a serviço do Império e fale sobre isso para ninguém além de mim.*

Por seu selo  
Suroth Sabelle Meldarath  
de Asinbayar e Barsabba  
Alta Dama

“A Imperatriz,” ele disse suavemente, suave como ferro escovando seda. Confirmação das relações de Masema com os Seanchan, embora para si mesmo, ele não precisasse de nenhuma. Não era o tipo de coisa sobre a qual Berelain mentiria. Suroth Sabelle Meldarath devia ser alguém importante para distribuir esse tipo de documento. “Isso vai acabar com ele, uma vez que Santes testemunhar onde o encontrou.” Serviço ao Império? Masema sabia que Rand havia lutado contra os Seanchan! Aquele arco-íris explodiu em sua cabeça e foi varrido. O homem era um traidor!

Berelain riu como se ele tivesse dito algo espirituoso, mas seu sorriso definitivamente parecia forçado agora. “Santes me disse que

ninguém o viu no alvoroço de montar acampamento, então permiti que ele e Gendar voltassem com meu último barril do bom Tunaighan. Eles deveriam voltar uma hora depois do anoitecer, mas nenhum deles voltou. Eu suponho que eles poderiam estar dormindo, mas eles nunca...”

Ela parou com um som assustado, olhando para ele, e ele percebeu que tinha mordido o fêmur ao meio. Luz, ele havia arrancado toda a carne da perna sem perceber. "Estou com mais fome do que pensei", ele murmurou. Cuspindo o pedaço de osso na palma de sua luva, ele jogou os pedaços no chão. "É seguro assumir que Masema sabe que você tem isso. Espero que você esteja mantendo uma guarda pesada em torno de si o tempo todo, não apenas quando você sai."

"Gallenne teve cinquenta homens dormindo ao redor da minha barraca na noite passada," ela disse, ainda olhando, e ele suspirou. Você pensaria que ela nunca tinha visto ninguém morder um osso até partir em dois antes.

"O que Annoura disse a você?"

"Ela queria que eu entregasse para ela destruir. Então, se me pedissem, eu poderia dizer que não tinha e não sabia onde estava, e ela poderia apoiar minha palavra. Duvido que isso satisfaça Masema, no entanto."

"Não, duvido que sim." Annoura tinha que saber disso também. As Aes Sedai podiam estar equivocadas, ou até mesmo tolas de vez em quando, mas nunca eram estúpidas. "Ela disse que iria destruí-lo, ou que se você desse a ela, ela poderia?"

A testa de Berelain franziu em pensamento, e ela levou um momento para dizer: "Ela faria isso." O baio dançou alguns passos impacientes, mas ela o controlou facilmente, sem prestar atenção. "Eu não consigo imaginar para que mais ela iria querer isso," ela disse depois de outra pausa. "É pouco provável que Masema seja suscetível a... pressão." Chantagem, ela quis dizer. Perrin também não conseguia ver Masema parado para isso. Especialmente chantagem de uma Aes Sedai.

Sob o pretexto de arrancar a outra perna do pássaro, ele conseguiu dobrar novamente o pedaço de papel e enfiá-lo na manga, onde sua luva impediria que caísse. Ainda era uma evidência. Mas de quê? Como poderia o homem ser ao mesmo tempo fanático pelo Dragão Renascido e traidor? Ele poderia ter tirado o documento de... ? Quem? Algum colaborador que ele havia capturado? Mas por que Masema o manteria trancado a menos que fosse para ele? Ele havia se encontrado com Seanchan. E como ele pretendia usá-lo? Quem poderia dizer que coisa isso permitiria a um homem visitar? Perrin suspirou pesadamente. Ele tinha muitas perguntas e nenhuma resposta. As respostas exigiam uma mente mais rápida que a dele. Talvez Balwer tivesse uma noção.

Com um gosto de comida dentro, seu estômago queria que ele devorasse a perna em sua mão e o resto do pássaro também, mas ele fechou a tampa com firmeza e tentou dar mordidas medidas. Havia uma coisa que ele poderia descobrir por si mesmo. “O que mais Annoura disse? Sobre Masema.”

“Nada, além de que ele é perigoso e eu deveria evitá-lo, como se eu já não soubesse disso. Ela não gosta dele ou fala sobre ele.” Outra breve hesitação, e Berelain acrescentou: “Por quê?” A Primeira de Mayene estava acostumada a intrigas, e ela ouvia o que não era dito.

Perrin deu outra mordida para se dar um momento enquanto mastigava e engolia. Ele não estava acostumado a intrigas, mas já havia sido exposto a um número suficiente delas para saber que falar demais poderia ser perigoso. Assim como dizer muito pouco, não importa o que Balwer pensasse. “Annoura tem se encontrado com Masema em segredo. Assim como Masuri.”

O sorriso fixo de Berelain permaneceu no lugar, mas o alarme entrou em seu cheiro. Ela começou a se contorcer na sela como se estivesse olhando para as duas Aes Sedai, e parou, lambendo os lábios com a ponta da língua. “As Aes Sedai sempre têm seus motivos” foi tudo o que ela disse. Então, ela estava alarmada com o encontro de sua conselheira com Masema, ou alarmada que Perrin soubesse, ou...? Ele odiava todas essas complicações. Elas apenas

atrapalharam o que era importante. Luz, ele já tinha conseguido limpar a segunda mão! Esperando que Berelain não tivesse notado, ele rapidamente jogou os ossos de lado. Sua barriga roncou por mais.

Seu povo havia mantido distância, mas Aram havia cavalgado um pouco na direção de Perrin e Berelain e estava se inclinando para espia-los através das árvores sombreadas. As Sábias estavam de um lado conversando entre si, aparentemente sem saber que estavam sobre os tornozelos na neve ou que a brisa fria havia soprado o suficiente para bater as pontas dos xales. De vez em quando, uma ou outra das três olhava para Perrin e Berelain também. As noções de privacidade nunca impediram uma Sábia de meter o nariz onde quisesse. Elas eram como Aes Sedai dessa maneira. Masuri e Annoura também observavam, embora parecessem manter distância uma da outra. Perrin teria apostado que sem as Sábias ali, as duas irmãs estariam usando o Poder Unico para bisbilhotar. Claro, as Sábias provavelmente sabiam como fazer isso também, e elas permitiram as visitas de Masuri a Masema. Será que as Aes Sedai estalariam os dentes se vissem as Sábias ouvindo com o Poder? Annoura parecia quase tão cuidadosa com as Sábias quanto Masuri. Luz, ele não tinha tempo para esta moita de urzes! Tinha que viver nela, no entanto.

“Já demos às línguas o suficiente para nos abalar”, disse ele. Não que elas precisassem mais do que tinham. Enganchando as alças da cesta em seu pomo, ele se aproximou dos flancos de Stepper. Dificilmente poderia ser traição apenas comer um pássaro.

Berelain não o seguiu imediatamente, mas antes que ele chegasse a Aram, ela o alcançou e diminuiu a velocidade de seu baio ao lado dele. “Vou descobrir o que Annoura está fazendo”, disse ela com determinação, olhando para frente. Seus olhos estavam duros. Perrin teria pena de Annoura, se não estivesse pronto para tentar arrancar respostas dela. Mas as Aes Sedai raramente precisavam de piedade e raramente davam respostas que não queriam dar. No instante seguinte, Berelain estava toda sorrisos e alegria novamente, embora o cheiro de determinação ainda pairasse sobre ela, quase esmagando o cheiro de medo. “O jovem Aram tem nos contado sobre o Tenebroso de Coração

Amaldiçoado cavalgando nestas florestas com a Caçada Selvagem, Lorde Perrin. Poderia realmente ser isso, você acha? Lembro-me de ouvir essas histórias no berçário.” Sua voz era leve, divertida e carregada. As bochechas de Aram ficaram vermelhas e alguns dos homens atrás dele riram.

Eles pararam de rir quando Perrin lhes mostrou os rastros na laje de pedra.



## CAPÍTULO

### 7

---



### Quebra-cabeça de Ferreiro

Quando o riso parou, Aram deu um sorriso presunçoso, e sem nenhum cheiro do medo que ele havia exalado antes. Qualquer um teria pensado que ele já tinha visto os rastros e sabia tudo o que havia para saber. Ninguém prestou atenção ao seu sorriso, no entanto, ou a qualquer coisa, exceto as enormes pegadas de cães gravadas em pedra, até mesmo a explicação de Perrin de que os Cães das Trevas haviam desaparecido há muito tempo. Claro, ele não poderia dizer a eles como sabia disso, mas ninguém parecia notar a falta de explicação. Uma das barras nitidamente oblíquas da luz da madrugada caía diretamente sobre a laje cinzenta, iluminando-a claramente. Stepper se acostumou com o cheiro de enxofre queimado — pelo menos ele apenas bufou e colocou as orelhas para trás —, mas os outros cavalos se assustaram com a pedra inclinada. Nenhum dos humanos, exceto Perrin, conseguia detectar aquele cheiro, e a maioria rosnou sobre o comportamento rebelde de suas montarias e olhou para a pedra estranhamente marcada como se fosse uma curiosidade exibida por um espetáculo itinerante.

A gorducha criada de Berelain gritou ao ver os rastros e balançou a ponto de cair de sua égua barrigudinha e dançando nervosamente, mas Berelain apenas pediu a Annoura de maneira ausente que cuidasse dela e olhou para as pegadas com a menor expressão possível, como se ela mesma fosse Aes Sedai. Suas mãos apertaram as rédeas, no entanto, até que o couro vermelho

fino empalideceu em seus dedos. Bertain Gallenne, o Lorde Capitão dos Guardas Alados, seu elmo vermelho com asas em relevo e três finas plumas carmesim, tinha o comando pessoal dos guarda-costas de Berelain esta manhã, e ele forçou seu alto capão preto a ir para perto da pedra, balançando para baixo de sua sela na neve até os joelhos e tirando o capacete para franzir a testa para a laje de pedra com o único olho. Um remendo de couro escarlate cobria a cavidade vazia do outro, a alça cortando seu cabelo grisalho na altura dos ombros. Sua careta dizia que ele via problemas, mas ele sempre via as piores possibilidades primeiro. Perrin supôs que isso era melhor em um soldado do que sempre ver o melhor.

Masuri desmontou também, mas assim que estava no chão, ela parou com as rédeas manchadas em uma mão enluvada, olhando incerta para as três mulheres Aiel bronzeadas pelo sol. Alguns dos soldados mayenos murmuraram inquietos com isso, mas já deveriam estar acostumados com isso agora. Annoura escondeu o rosto ainda mais no capuz cinza como se não quisesse ver a rocha e deu uma sacudida vigorosa na criada de Berelain; a mulher arregalou os olhos para ela com espanto. Masuri, por outro lado, esperava ao lado de sua égua com uma aparência de paciência, estragada apenas por alisar as saias vermelhas de seu vestido de montaria de seda como se não soubesse o que estava fazendo. As Sábias trocaram olhares silenciosos, inexpressivas como as próprias irmãs. Carelle estava de um lado de Nevarin, uma mulher magra de olhos verdes, e do outro Marline, com olhos de um azul crepuscular e cabelos escuros, raros entre Aiel, não cobertos completamente com seu xale. Todas as três eram mulheres altas, tão altas quanto alguns homens, e nenhuma parecia mais do que alguns anos mais velha que Perrin, mas ninguém poderia ter conseguido essa calma autoconfiança sem mais anos do que seus rostos afirmavam. Apesar dos longos colares e pesadas pulseiras de ouro e marfim que usavam, suas saias escuras e pesadas e os xales escuros que quase escondiam suas blusas brancas poderiam ser adequados para mulheres do campo, mas não havia dúvida de quem estava no



comando entre elas e as Aes Sedai. Na verdade, às vezes parecia haver dúvidas sobre quem estava no comando entre elas e Perrin.

Finalmente, Nevarin assentiu. E deu um sorriso caloroso e aprovador. Perrin nunca tinha visto um sorriso dela. Nevarin não andava por aí carrancuda, mas ela geralmente parecia estar procurando alguém para repreender.

Com aquele aceno de cabeça, Masuri entregou suas rédeas para um dos soldados. O Guardião dela não estava à vista, e isso tinha que ser por causa das Sábias. Rovair geralmente grudava nela como um carrapicho. Levantando as saias divididas, ela atravessou a neve, mais fundo quanto mais se aproximava da pedra, e começou a passar as mãos sobre as pegadas, obviamente canalizando, embora nada acontecesse que Perrin pudesse ver. As Sábias a observavam de perto, mas então, as tramas de Masuri eram visíveis para elas. Annoura não demonstrou interesse. As pontas das tranças estreitas da irmã Cinza se contraíram como se ela estivesse balançando a cabeça dentro do capuz, e ela afastou o cavalo da empregada, para bem fora da linha de visão das Sábias, embora isso a afastasse de Berelain, que qualquer um poderia pensar que poderia querer seu conselho agora. Annoura realmente evitava as Sábias o máximo que podia.

"Histórias contadas à beira da fogueira estão andando", Gallenne murmurou, afastando seu capão da pedra com um olhar de soslaio para Masuri. Aes Sedai, ele honrava, mas poucos homens queriam estar perto de uma Aes Sedai que estava canalizando. "Embora eu não saiba por que estou mais surpreso depois do que vi desde que deixei Mayene." Atento aos rastros, Masuri não pareceu notá-lo.

Uma agitação percorreu os lanceiros montados, como se não tivessem acreditado realmente em seus próprios olhos até que seu comandante deu a confirmação, e alguns deles começaram a cheirar a um medo inquieto, como se esperassem que Cães das Trevas saltassem das sombras. Perrin não conseguia distinguir indivíduos entre tantos com facilidade, mas o ranço nervoso era forte o suficiente para que tivesse que vir de mais do que alguns.

Gallenne pareceu sentir o cheiro de Perrin; ele tinha seus defeitos, mas comandava soldados há muito tempo. Pendurando o capacete no longo punho da espada, ele sorriu. O tapa-olho lhe dava uma qualidade sombria, um homem que podia ver uma piada diante da morte e esperava que os outros também a vissem. “Se os Cães Negros nos incomodarem, vamos salgar seus ouvidos”, anunciou ele em voz alta e calorosa. “Isso é o que você faz nas histórias, não é? Polvilhe sal em seus ouvidos e eles desaparecem.” Alguns dos lanceiros riram, embora o ranço de medo não tenha diminuído consideravelmente. Histórias contadas junto ao fogo eram uma coisa, aquelas mesmas histórias andando em carne e osso eram outra bem diferente.

Gallenne levou seu cavalo preto para Berelain e descansou a mão enluvada no pescoço de seu baio. Ele deu a Perrin um olhar pensativo que Perrin retornou calmamente, recusando-se a entender a dica. O que quer que o homem tivesse a dizer, ele poderia dizer na frente dele e de Aram. Gallen suspirou. “Eles vão manter a calma, minha senhora,” ele disse suavemente, “mas o fato é que nossa posição é precária, com inimigos de todos os lados e nossos suprimentos acabando. Crias das Trevas só podem piorar as coisas. Meu dever é com você e Mayene, minha senhora, e com todo respeito a Lorde Perrin, você pode querer alterar seus planos.” A raiva estalou em Perrin — o homem abandonaria Faile! —, mas Berelain falou antes que ele pudesse sugerir.

“Não haverá alteração, Lord Gallenne.” Às vezes era fácil esquecer que ela era uma governante, embora Mayene fosse pequena, mas havia um tom real em sua voz adequado para a Rainha de Andor. De costas, ela fez sua sela parecer um trono e falou alto o suficiente para garantir que todos ouvissem sua decisão, com firmeza suficiente para que todos soubessem que a decisão havia sido tomada. “Se temos inimigos por toda parte, seguir em frente é tão seguro quanto voltar atrás ou virar de lado. No entanto, se voltar ou desviar fosse dez vezes mais seguro, eu ainda continuaria. Pretendo ver Lady Faile resgatada se tivermos de abrir

caminho através de mil Cães das Trevas, e Trollocs também. Isso eu jurei fazer!”

Um rugido de aplausos respondeu a ela, Guardas Alados gritando e empurrando suas lanças no ar para que as serpentinas vermelhas dançassem. O cheiro de medo permaneceu, mas eles pareciam prontos para abrir caminho através de qualquer número de Trollocs em vez de parecerem menos aos olhos de Berelain. Gallenne os comandava, mas eles sentiam mais do que carinho por sua governante, apesar de sua reputação entre os homens. Talvez por causa disso, em parte. Berelain impediu que Tear engolissem Mayene jogando um homem que a achava bonita contra outro. De sua parte, Perrin achou difícil não ficar boquiaberto de surpresa. Ela parecia tão determinada quanto ele! Ela cheirava tão determinada! Gallenne inclinou a cabeça grisalha em aceitação relutante, e Berelain deu um pequeno aceno de cabeça satisfeito antes de voltar sua atenção para a Aes Sedai ao lado da laje de pedra.

Masuri tinha parado de acenar com as mãos e estava olhando para as pegadas, batendo um dedo contra os lábios pensativamente. Ela era uma mulher bonita sem ser linda, embora parte disso pudesse ser por causa da fisionomia sem idade das Aes Sedai, com uma graça e elegância que também poderiam vir de ser Aes Sedai. Muitas vezes era difícil distinguir uma irmã nascida em uma fazenda pobre de uma nascida em um grande palácio. Perrin a tinha visto com o rosto vermelho e zangado, desgastado e no limite de suas forças, mas apesar das viagens difíceis e da vida nas tendas das Aiel, seu cabelo escuro e suas roupas pareciam ter uma empregada cuidando dela também. Ela poderia estar em uma biblioteca.

“O que você descobriu, Masuri?” perguntou Berelain. “Masuri, por favor? Masuri?”

A última veio um pouco mais forte, e Masuri deu um pulo, como se estivesse surpresa ao perceber que não estava sozinha. Possivelmente ela se assustou; em muitos aspectos ela parecia mais da Ajah Verde do que da Marrom, mais concentrada na ação do que na contemplação, direta ao ponto e nunca vaga, mas ainda

assim era capaz de se perder completamente em qualquer coisa que capturasse seu interesse. Cruzando as mãos na cintura, ela abriu a boca, mas ao invés de falar, ela hesitou e olhou com uma pergunta nos olhos para a Sábias.

“Vá em frente, garota,” Nevarin disse impaciente, plantando os punhos em seus quadris em um tilintar de pulseiras. Uma carranca fez com que ela parecesse mais como sempre, mas nenhuma das outras Sábias parecia mais aprovadora. Três carrancas seguidas como três corvos de olhos claros em uma cerca. “Nós não estávamos simplesmente deixando você exercitar sua curiosidade. Continue com isso. Conte-nos o que você descobriu.”

O rosto de Masuri ficou vermelho, mas ela falou imediatamente, seus olhos em Berelain. Não gostava de ser chamada atenção em público, por mais que soubessem de sua relação com as Sábias.

“Sabe-se relativamente pouco dos Cães das Trevas, mas fiz um pouco de estudo sobre eles, em pequena escala. Ao longo dos anos, cruzei o caminho de sete matilhas, cinco delas duas vezes e outras duas três vezes.” A cor começou a desaparecer de suas bochechas, e lentamente ela começou a soar como se estivesse dando uma palestra. “Alguns escritores antigos dizem que há apenas sete matilhas, outros dizem que são nove, ou treze, ou algum outro número que eles acreditavam ter um significado especial, mas durante a Guerra dos Trollocs, Sorelana Alsahhan escreveu sobre 'as cem matilhas de cães da Sombra que caçam à noite', e ainda antes, Ivonell Bharatiya supostamente escreveu sobre “cães nascidos da Sombra, em números semelhantes aos pesadelos da humanidade.” Embora, na verdade, a própria Ivonell possa ser apócrifa. De qualquer forma, o...” Ela gesticulou como se estivesse procurando uma palavra. “Cheiro não é a palavra certa, nem sabor. O sentido de cada bando é único, e posso dizer com certeza que nunca encontrei este antes, então sabemos que o número sete está errado. Quer o número correto seja nove ou treze ou qualquer outra coisa, os contos de Cães das Trevas são muito mais comuns do que os próprios Cães das Trevas, e são extremamente raros tão ao sul de Praga. Uma segunda raridade:

pode ter havido até cinquenta neste bando. Dez ou doze é o limite usual. Uma máxima útil: duas raridades combinadas exigem muita atenção.” Fazendo uma pausa, ela levantou um dedo para enfatizar o ponto, então assentiu quando pensou que Berelain o havia entendido e cruzou as mãos novamente. Uma rajada de brisa empurrou seu manto marrom-amarelado de um ombro, mas ela não pareceu notar a perda de calor.

“Há sempre uma sensação de urgência nas trilhas do Cães das Trevas, mas varia por vários fatores, dos quais nem todos posso ter a certeza. Esta tem uma mistura intensa de... suponho que se possa chamar de impaciência. Isso não é realmente forte o suficiente, nem de longe — é como chamar uma facada de alfinetada —, mas servirá. Eu diria que a caça deles está acontecendo há algum tempo, e sua presa os está iludindo de alguma forma. Não importa o que as histórias digam — a propósito, Lord Gallenne, o sal não faz mal aos Cães das Trevas.” Então ela não estava totalmente perdida em pensamentos, afinal. “Apesar das histórias, eles nunca caçam ao acaso, embora matem se a oportunidade se apresentar e não interferir na caçada. Com Cães das Trevas, a caça é primordial. Sua presa é sempre importante para a Sombra, embora às vezes não possamos ver o porquê. Eles são conhecidos por ignorar os grandes e poderosos para matar uma dona de fazenda ou um artesão, ou entrar em uma cidade ou vila e sair sem matar, embora claramente tenham vindo por algum motivo. Meu primeiro pensamento sobre o que os trouxe aqui teve que ser descartado, já que eles seguiram em frente.” Seu olhar vacilou para Perrin, tão rápido que ele não tinha certeza se alguém mais havia notado. “Dado isso, duvido muito que eles retornem. Ah, sim; e eles se foram há uma hora ou mais. Isso, temo, é realmente tudo o que posso lhes dizer”. Nevarin e as outras Sábias acenaram com a cabeça quando ela terminou, e um toque de cor retornou às suas bochechas, embora tenha desaparecido rapidamente quando ela assumiu uma máscara de serenidade de Aes Sedai. Uma mudança na brisa trouxe seu cheiro para Perrin, surpreso e satisfeito, e chateado por estar satisfeito.

“Obrigada, Masuri Sedai,” Berelain disse formalmente, fazendo uma pequena reverência em sua sela que Masuri reconheceu com um leve movimento de sua cabeça. “Você deixou nossas mentes em paz.”

De fato, o cheiro de medo entre os soldados começou a desaparecer, embora Perrin tenha ouvido Gallenne resmungar baixinho: “Ela podia ter contado as últimas partes primeiro”.

As orelhas de Perrin também captaram outra coisa, através do bater dos cascos dos cavalos e da risada calma e aliviada dos homens. O trinado de um chapim-azul soou ao sul, além do ouvido de qualquer pessoa ali, seguido de perto pelo zumbido de um pardal mascarado. Outro chapim-azul soou, mais perto, seguido novamente por um pardal mascarado, e então o mesmo par chamou novamente ainda mais perto. Pode haver chapins e pardais mascarados em Altara, mas ele sabia que esses pássaros carregavam arcos longos de Dois Rios. O chapim-azul significava que os homens estavam chegando, mais do que alguns e talvez hostis. O pardal mascarado, que alguns em casa chamavam de pássaro ladrão por seu hábito de roubar objetos brilhantes, por outro lado... Perrin passou o polegar ao longo da ponta de seu machado, mas esperou por mais um par de chamados, perto o suficiente para os outros podem ter notado.

“Vocês ouviram isso?” ele disse, olhando para o sul como se tivesse acabado de ouvir. “Minhas sentinelas localizaram Masema.” Isso trouxe atenção, ouvindo, e vários homens assentiram quando as chamadas foram repetidas, ainda mais perto. “Ele está vindo para cá.”

Rosnando maldições, Gallenne colocou o capacete na cabeça e montou. Annoura apanhou as rédeas e Masuri começou a se debater de volta em direção a sua montaria. Os lanceiros se mexeram em suas selas e começaram a exalar cheiros de raiva, mais uma vez tocados pelo medo.

Os Guardas Alados tinham uma dívida de sangue com Masema, aos olhos deles, mas nenhum estava ansioso para tentar coletar

com apenas cinquenta homens, não quando Masema sempre cavalgava com cem às suas costas.

"Eu não vou fugir dele", anunciou Berelain. Ela olhou para o sul com uma carranca fria. "Vamos esperar por ele aqui."

Gallenne abriu a boca e voltou a fechá-la sem falar — para ela, pelo menos. Respirando fundo, ele começou a berrar ordens para organizar seus guardas. Isso não foi uma questão fácil. Não importa a distância entre as árvores, as florestas eram lugares pobres para lanceiros. Qualquer formação seria desconexa no início, e furar um homem com uma lança era difícil quando ele podia se esquivar atrás de um tronco de árvore e sair atrás de você. Gallenne tentou formá-los na frente de Berelain, entre ela e os homens que se aproximavam, mas ela deu a ele um olhar penetrante, e o homem caolho mudou seus comandos, alinhando os lanceiros em uma única fileira torta, se projetando em torno de árvores maciças, mas centrado nela. Um soldado Gallenne enviou correndo de volta para o acampamento, agachado na sela com a lança baixa como se estivesse atacando, cavalgando o mais rápido que podia, apesar da neve e do terreno. Berelain ergueu uma sobrancelha ao ouvir isso, mas não disse nada.

Annoura começou a guiar sua égua marrom em direção a Berelain, mas parou quando Masuri chamou seu nome. A irmã Marrom tinha apanhado sua montaria, mas ainda estava de pé na neve com as Sábias ao seu redor, que eram altas o suficiente em comparação para fazê-la parecer menos do que adulta. Annoura hesitou até que Masuri a chamou novamente, com mais força, e então Perrin pensou ter ouvido Annoura suspirar pesadamente antes que ela cavalgasse até elas e desmontasse. O que quer que as mulheres Aiel tivessem a dizer, em vozes muito suaves para Perrin ouvir, aglomerando-se na frente de Annoura com as cabeças inclinadas perto dela, a irmã taraboneana não gostou. Seu rosto permanecia escondido no capuz, mas suas tranças finas balançavam cada vez mais rápido com o balançar da cabeça, e por fim ela se virou abruptamente e colocou um pé no estribo da sela. Masuri estava parada em silêncio, deixando as Sábias falarem, mas

agora ela colocou a mão na manga de Annoura e disse algo em voz baixa que fez os ombros de Annoura caírem e as Sábias assentirem. Empurrando o capuz para trás para cair nas costas, Annoura esperou que Masuri subisse em sua égua antes de montar em seu próprio cavalo, e então as duas irmãs voltaram para a linha de lanceiros juntas, amontoando-se ao lado de Berelain com as Sábias empurrando entre elas, do outro lado de Perrin. A boca larga de Annoura estava virada para baixo em uma curva sombria, e ela estava esfregando os polegares nervosamente.

“O que vocês estão planejando?” Perrin perguntou, tentando não esconder suspeitas. Talvez as Sábias tivessem deixado Masuri se encontrar com Masema, mas ainda assim alegavam achar que o homem estaria melhor morto. As Aes Sedai não podiam usar o Poder como arma a não ser que estivessem em perigo, mas as Sábias não tinham tal proibição. Ele se perguntou se elas estavam conectadas. Ele sabia mais do que queria sobre o Poder Único, e o suficiente sobre as Sábias para ter certeza de que Nevarin estaria no controle se elas formassem um círculo.

Annoura abriu a boca, mas a fechou com um toque de advertência de Carelle e olhou para Masuri. A irmã Marrom apertou os lábios e balançou a cabeça ligeiramente, o que não pareceu acalmar Annoura. Suas mãos enluvadas agarraram suas rédeas com tanta força que tremeram.

Nevarin olhou para Perrin passando por Berelain como se lesse sua mente. “Planejamos vê-lo em segurança de volta ao acampamento, Perrin Aybara,” ela disse bruscamente, “você e Berelain Paeron. Planejamos fazer com que o maior número possível sobreviva a este dia e aos dias que virão. Você tem objeções?”

“Só não faça nada a menos que eu diga”, disse ele. Uma resposta como essa podia significar muitas coisas. “Nada de nada.”

Nevarin balançou a cabeça com desgosto, e Carelle riu como se tivesse feito uma grande piada. Nenhuma das Sábias parecia achar que mais nenhuma resposta era necessária. Elas foram ordenadas a obedecê-lo, mas suas noções de obediência não se encaixavam



com nenhuma que ele já havia aprendido. Os porcos criariam asas antes que ele obtivesse uma resposta melhor delas.

Ele poderia ter dado um basta nisso. Sabia que deveria. Não importa o que as Sábias tivessem planejado, encontrar Masema tão longe dos outros no acampamento, quando o homem tinha que saber quem havia roubado seu papel dos Seanchan, era como esperar arrancar a mão da bigorna antes que o martelo caísse. Berelain era quase tão ruim quanto as Sábias quando se tratava de seguir ordens, mas ele achou que ela ouviria se ele desse uma ordem para se retirar para o acampamento. Ele pensava que sim, por mais que o cheiro dela dissesse que ela estava com os calcanhares enterrados com força. Ficar era um risco sem sentido. Ele tinha certeza de que poderia convencê-la disso. No entanto, ele também não queria fugir do homem. Parte dele dizia que estava sendo um tolo. A maior parte ardia de raiva que ele achava difícil de controlar. Aram se amontoou ao lado dele carrancudo, mas pelo menos não havia desembainhado sua espada. Agitar uma espada poderia colocar um carvão em brasa no palheiro, e a hora de um confronto com Masema ainda não havia chegado. Perrin descansou a mão em seu machado. Ainda não.

Apesar dos raios de luz em ângulos agudos que penetravam através dos galhos grossos acima, a floresta como um todo estava envolta em sombras fracas do início da manhã. Mesmo ao meio-dia, estaria escuro aqui. Os sons chegaram primeiro a ele, o baque abafado dos cascos na neve, a respiração pesada dos cavalos forçando para obter velocidade, e então uma massa de cavaleiros apareceu, uma multidão desordenada fluindo para o norte entre as árvores enormes a quase galope, apesar da neve e do terreno acidentado. Em vez de cem, eram duas ou três vezes mais. Um cavalo caiu com um grito e caiu em cima de seu cavaleiro, mas nenhum dos outros diminuiu a velocidade até que, a uns setenta ou oitenta passos de distância, o homem à frente deles levantou a mão, e de repente eles puxaram as rédeas em rajadas de neve, cavalos suados soprando forte e fumegando. Aqui e ali, lanças espetadas entre os cavaleiros. A maioria não usava armadura, e muitos apenas

um peitoral ou um capacete, mas suas selas penduravam espadas, machados e maças. Raios de sol iluminavam alguns rostos, homens sombrios de olhos sem emoção que pareciam nunca ter sorrido e nunca sorriam.

Ocorreu a Perrin que ele poderia ter cometido um erro ao não por Berelain de lado. Isso era o que resultava de decisões precipitadas, de deixar a raiva fazer seu pensamento. Todos sabiam que ela costumava sair a cavalo pela manhã, e Masema podia estar desesperado para recuperar seu documento dos Seanchan. Mesmo com as Aes Sedai e Sábias, uma luta naquela mata podia se tornar sangrenta, um vale-tudo onde homens e mulheres podiam morrer sem ver quem os matou. Se nenhuma testemunha vivesse, a culpa sempre poderia ser atribuída a bandidos ou mesmo aos Shaido. Isso já havia acontecido antes. E se ainda restassem testemunhas, Masema não deixaria de enforcar algumas dúzias de seus próprios homens e alegar que os culpados haviam sido punidos. Ele provavelmente queria manter Perrin Aybara vivo por um tempo, porém, e ele não esperava as Sábias, ou uma segunda Aes Sedai. Pequenos pontos para apostar cinquenta e tantas vidas. Pontos muito pequenos para apostar a vida de Faile. Perrin enfiou o machado no laço do cinto. Ao lado dele, Berelain cheirava a calma fria e determinação pétrea. Sem medo, estranhamente. Nem um sopro. Aram cheirava... excitado.

Os dois grupos ficaram parados olhando um para o outro em silêncio, até que finalmente Masema avançou, seguido por apenas dois homens, os três empurrando os capuzes para trás. Nenhum usava capacete ou qualquer peça de armadura. Como Masema, Nengar e Bartu eram shienarianos, mas, como ele, haviam raspado os coques, deixando as cabeças nuas com aparência de caveiras. A vinda do Dragão Renascido rompia todos os vínculos, inclusive os que haviam prometido a esses homens combater a Sombra ao longo da Praga. Nengar e Bartu carregavam cada um uma espada nas costas e tinha outra pendurada no arco da sela, e Bartu, mais baixo que os outros dois, tinha um arco de cavalo e uma aljava presos à sela também. Masema não usava armas visíveis. O Profeta

do Lorde Dragão Renascido não precisava de nada. Perrin ficou feliz em ver Gallenne observando os homens que Masema havia deixado para trás, pois havia algo em Masema que chamava a atenção. Talvez fosse apenas saber quem ele era, mas isso era mais que suficiente.

Masema parou seu alazão esguio a alguns passos de Perrin. O Profeta era um homem moreno, carrancudo, de tamanho médio, com uma cicatriz de flecha branca desbotada na bochecha, em um casaco de lã marrom gasto e uma capa escura com bordas puídas. Masema não se importava com as aparências, muito menos com as suas. Atrás dele, Nengar e Bartu tinham uma febre nos olhos, mas os olhos profundos e quase negros de Masema pareciam tão quentes quanto carvões em uma forja, como se a brisa logo os avivasse, e seu cheiro fosse a nitidez estridente e lancinante de pura insanidade. Ignorou as Sábias e as Aes Sedai com um desprezo que não se deu ao trabalho de esconder. Sábias eram piores que Aes Sedai, em sua opinião; elas não apenas blasfemavam ao canalizar o Poder Único, elas eram Aiel selvagens ainda, um duplo pecado. Os Guardas Alados poderiam ser apenas mais sombras sob as árvores. "Você está fazendo um piquenique?" ele disse com um olhar para a cesta pendurada na sela de Perrin. Normalmente, a voz de Masema era tão intensa quanto seus olhos, mas agora soava irônica, e seu lábio se curvou enquanto seus olhos viajavam para Berelain. Ele tinha ouvido os rumores, é claro.

Uma onda de raiva atravessou Perrin, mas ele a agarrou, forçando-a a recuar. Dobrando-a com o resto, dobrando-a bem. Sua raiva tinha um alvo, e ele não a desperdiçaria atacando outro. Percebendo o humor de seu cavaleiro, Stepper mostrou os dentes para o capão de Masema, e Perrin teve que controlá-lo bruscamente. "Tinham Cães das Trevas aqui à noite", disse ele, não muito suavemente, mas foi o melhor que conseguiu. "Eles se foram, e Masuri não acha que eles vão voltar, então não há necessidade de se preocupar."

Masema não cheirava a preocupação. Ele nunca cheirava a nada além de loucura. O alazão empurrou a cabeça agressivamente para

Stepper, mas Masema o puxou para cima com um puxão áspero. Ele cavalgava bem, Masema cavalgava, mas tratava seus cavalos como tratava as pessoas. Pela primeira vez, ele olhou para Masuri. Talvez seu olhar tenha ficado um pouco mais quente, se isso fosse possível. "A Sombra pode ser encontrada em todos os lugares", disse ele, um pronunciamento acalorado de verdade inquestionável. "Ninguém precisa temer a Sombra que segue o Lorde Dragão Renascido, que a Luz ilumine seu nome. Mesmo na morte encontrarão a vitória final da Luz."

A égua de Masuri estremeceu como se queimada por aquele olhar, mas Masuri controlou o animal com um toque nas rédeas e encontrou o olhar de Masema com a inescrutabilidade das Aes Sedai, tão calma quanto um lago congelado. Nada indicava que ela estava encontrando esse homem em segredo. "O medo é um estímulo útil à inteligência e à determinação, quando bem controlado. Se não temos medo de nossos inimigos, isso deixa apenas desprezo, e o desprezo leva à vitória do inimigo". Você poderia pensar que ela estava falando com um simples fazendeiro que ela nunca havia conhecido antes. Annoura, observando, parecia um pouco doente. Ela estava com medo de que o segredo deles fosse revelado? Que seus planos para Masema poderiam ser arruinados?

O lábio de Masema se curvou novamente, em um sorriso ou em um sorriso de escárnio. A Aes Sedai parecia deixar de existir para ele quando voltou sua atenção para Perrin. "Alguns dos que seguem o Lorde Dragão encontraram uma cidade chamada So Habor." Era assim que ele sempre se referia aos seus seguidores: eles seguiam mesmo o Dragão Renascido, não ele. O fato de Masema dizer a eles o que fazer, quando e como, era apenas um detalhe. "Um lugar arrumado de três ou quatro mil pessoas, cerca de um dia atrás, ou um pouco menos, ao sul e oeste. Parece que eles estavam fora do caminho dos Aiel, e sua colheita foi boa no ano passado, apesar da seca. Eles têm depósitos cheios de cevada, milho e aveia, e outras coisas necessárias, imagino. Eu sei que você está ficando sem forragem. Para seus homens, bem como para seus cavalos.

“Por que seus armazéns estariam cheios nesta época do ano?” Berelain se inclinou para frente com uma carranca, seu tom quase uma exigência, e não muito longe de descrença.

Carrancudo, Nengar colocou a mão em sua espada de sela. Ninguém fazia exigências ao Profeta do Lorde Dragão. Ninguém duvidava dele, também. Ninguém que quisesse viver. O couro rangeu quando os lanceiros trocaram de posição nas selas, mas Nengar os ignorou. O cheiro da loucura de Masema deslizou e se debateu no nariz de Perrin. Masema estudou Berelain. Parecia não saber de Nengar ou dos lanceiros ou da possibilidade de homens começarem a matar uns aos outros a qualquer momento.

“Uma questão de ganância”, disse ele finalmente. “Aparentemente, os comerciantes de grãos de So Habor pensavam em obter lucros maiores mantendo seus estoques até o inverno elevar os preços. Mas eles normalmente vendem para o oeste, em Ghealdan e Amadicia, e os eventos lá e em Ebou Dar os fizeram temer que qualquer coisa que eles enviassem fosse confiscada. Sua ganância os deixou com depósitos cheios e bolsas vazias”. Uma nota de satisfação entrou na voz de Masema. Ele desprezava a ganância. Mas então, ele desprezava qualquer fraqueza humana, grande ou pequena. “Eu acho que eles vão se separar de seus grãos por um preço muito barato agora.”

Perrin sentiu o cheiro de uma armadilha e não pegou o nariz de um lobo. Masema tinha seus próprios homens e cavalos para alimentar e, por mais que tivessem vasculhado o país que atravessavam, não poderiam estar em muito melhor forma do que o próprio povo de Perrin. Por que Masema não enviou alguns milhares de seus seguidores para esta cidade e tomou tudo o que ela continha? Um dia atrás. Isso o afastaria de Faile e talvez daria tempo aos Shaido para ganhar terreno novamente. Era esse o motivo dessa oferta peculiar? Ou mais um atraso para manter Masema no oeste, perto de seus amigos Seanchan?

“Talvez haja tempo para visitar esta cidade depois que minha esposa estiver livre.” Mais uma vez, os ouvidos de Perrin captaram o som fraco de homens e cavalos se movendo pela floresta antes de

qualquer outro, vindo do oeste, desta vez, do acampamento. O mensageiro de Gallenne deve ter galopado todo o caminho.

"Sua esposa", disse Masema em uma voz monótona, dirigindo um olhar para Berelain que fez o sangue de Perrin ferver. Até mesmo Berelain corou, embora seu rosto permanecesse impassível. "Você realmente acredita que terá notícias dela hoje?"

"Eu acredito." A voz de Perrin era tão monótona quanto a de Masema, e mais dura. Ele agarrou o punho de sua sela, em cima das alças da cesta de Berelain, para não pegar seu machado. "Libertá-la vem primeiro. Ela e as outras. Podemos encher nossas barrigas até estourar quando isso for feito, mas isso vem primeiro."

Os cavalos que se aproximavam eram audíveis para todos agora. Uma longa fila de lanceiros apareceu a oeste, vasculhando as árvores sombreadas com outra linha montada atrás dela, as flâmulas e couraças vermelhas de Mayene intercaladas com as flâmulas verdes e couraças polidas de Ghealdan. As linhas se estendiam do lado oposto de Perrin, abaixo da massa de cavaleiros que esperava Masema. Homens andando como fantasmas de árvore em árvore, carregando longos arcos de Dois Rios. Perrin se viu esperando que eles não tivessem despedido demais o acampamento. Roubar aquele papel de Seanchan poderia ter forçado a mão de Masema, e ele era um veterano de luta ao longo do Praga e contra os Aiel. Ele poderia ter pensado mais adiante do que simplesmente sair para encontrar Berelain. Era como o quebra-cabeça de outro ferreiro. Mova uma peça para deslocar outra apenas o suficiente para deixar uma terceira escapar. Um acampamento com defensores enfraquecidos poderia ser invadido e, nessas florestas, os números contariam tanto quanto quem tinha pessoas canalizando. Será que Masema queria manter seu segredo o suficiente para tentar selá-lo aqui e agora? Perrin percebeu que havia movido uma mão para descansar em seu machado, mas a deixou lá.

Entre a massa de seguidores de Masema, os cavalos se moviam nervosamente com os puxões de seus cavaleiros, homens gritavam e acenavam com armas, mas o próprio Masema estudou os lanceiros e arqueiros que se aproximavam sem mudar de

expressão, nem mais nem menos severas. Eles podem ter sido pássaros pulando de galho em galho. O cheiro dele se contorcia loucamente, imutável.

“O que é feito para servir a Luz, deve ser feito”, disse ele quando os recém-chegados pararam, a cerca de duzentos passos de distância. Era um alcance fácil para um arqueiro de Dois Rios, e Masema tinha visto demonstrações, mas não deu sinal de que flechas de ponta larga pudessem ser apontadas para seu coração. “Tudo o mais é escória e lixo. Lembre-se disso, Lorde Perrin Olhos Dourados. Todo o resto é escória e lixo!”

Sacudindo seu alazão sem outra palavra, ele voltou para seus homens que esperavam seguidos por Nengar e Bartu, todos os três pressionando seus cavalos sem se importar com pernas quebradas ou cabeças quebradas. A companhia que esperava ficou para trás, uma multidão fluindo para o sul, agora. Alguns homens no final da cauda pararam para arrastar uma forma flácida de debaixo do cavalo ferido e tirar o animal de sua miséria com um golpe rápido de uma adaga. Então começaram a eviscerar e massacrar. Essa quantidade de carne não podia ser desperdiçada. O cavaleiro, eles deixaram onde o colocaram.

“Ele acredita em cada palavra que diz,” Annoura respirou, “mas aonde sua crença o leva?”

Perrin pensou em perguntar diretamente a ela para onde ela achava que a crença de Masema o estava levando, para onde ela queria levá-lo, mas de repente ela assumiu aquela calma impenetrável de Aes Sedai. A ponta de seu nariz afilado ficou vermelha de frio; ela o encarou com um olhar fixo. Você poderia arrancar aquela pedra com a marca Cão das Trevas do chão com as mãos nuas com a mesma facilidade com que obteria uma resposta de uma Aes Sedai que usava aquela expressão. Ele teria que deixar as perguntas para Berelain.

O homem que trouxe os lanceiros de repente esporeou seu cavalo para a frente. Um sujeito baixo e compacto com um peitoral prateado e um elmo com um protetor facial barrado e três plumas brancas curtas, Gerard Arganda era um homem duro, um soldado que havia escalado de baixo para cima, contra todas as probabilidades, para se tornar o Primeiro Capitão dos guarda-costas

de Alliandre. Ele não gostava de Perrin, que havia trazido sua rainha para o sul sem uma boa razão e a sequestrado, mas Perrin esperava que ele parasse e apresentasse seus respeitos a Berelain, talvez conferenciasse com Gallenne. Arganda tinha muito respeito por Gallenne, e muitas vezes passava algum tempo com ele fumando seus cachimbos. Em vez disso, o ruão passou por Perrin e os outros, Arganda cravando os calcanhares nas laterais do animal, tentando forçar mais velocidade. Quando Perrin viu para onde o homem estava indo, entendeu. Um único cavaleiro em um animal cor de rato se aproximava no leste em uma caminhada constante, e ao lado dele, um Aiel arrastava os pés em raquetes de neve.





## CAPÍTULO

### 8

---



### Redemoinhos de Cor

Perrin não percebeu que havia se movido até que se viu agachado sobre o pescoço de Stepper, correndo atrás de Arganda. A neve não era menos profunda, o chão não era mais liso, o Luz não era melhor, mas Stepper corria pelas sombras, não querendo deixar o ruão ficar na frente, e Perrin insistiu para que ele corresse mais rápido. O cavaleiro que se aproximava era Elyas, a barba espalhada sobre o peito, um chapéu de abas largas projetando seu o rosto nas sombras e o manto forrado de pele pendurado nas costas. A Aiel era uma das Donzelas, com uma *shoufa* escura enrolada na cabeça e um manto branco, usado para se esconder contra a neve, por cima do casaco e calções de tons cinzas, marrons e verdes. Elyas e uma Donzela, sem os outros, significavam que Faile havia sido encontrada. Tinha que ter sido.

Arganda corria com seu cavalo sem se importar se quebraria o pescoço do ruão ou o seu próprio, saltando afloramentos de pedra, chapinhando na neve a quase galope, mas Stepper o alcançou no momento em que alcançou Elyas e exigiu com voz áspera: “você viu a rainha, Machera? Ela está viva? Diga-me, homem!” A Donzela, Elienda, com o rosto escurecido pelo sol sem expressão, ergueu a mão para Perrin. Podia ter sido uma saudação ou por simpatia, mas ela nunca parou seu trote deslizante. Com Elyas para fazer seu relatório a Perrin, ela levaria o dela para as Sábias.

"Você a encontrou?" A garganta de Perrin ficou subitamente seca como areia. Ele esperou tanto por isso. Arganda rosnou silenciosamente através das barras de aço do protetor facial de seu capacete, sabendo que Perrin não estava perguntando por Alliandre.

"Encontramos os Shaido que estávamos seguindo", disse Elyas cuidadosamente, ambas as mãos no punho de sua sela. Até Elyas, o lendário Dente Longo que vivera e correria com os lobos, mostrava o esforço de muitos quilômetros e pouco sono. Todo o seu rosto murchou com um cansaço acentuado pelo brilho amarelo-dourado de seus olhos sob a aba do chapéu. Grisalho riscava sua barba espessa e o cabelo que ele usava pendurado até a cintura e amarrado com um cordão de couro na nuca, e pela primeira vez desde que Perrin o conhecesse, ele parecia velho. "Eles estão acampados em torno de uma cidade de tamanho razoável que tomaram, em uma região montanhosa perto de sessenta e cinco quilômetros daqui. Eles não têm sentinelas por perto, e as mais distantes parecem estar observando os prisioneiros tentando escapar mais do que qualquer outra coisa, então chegamos perto o suficiente para dar uma boa olhada. Mas Perrin, há mais deles do que pensávamos. Pelo menos nove ou dez clãs, dizem as Donzelas. Contando os *gai'shain* — pessoas de branco, pelo menos — poderia haver tantas pessoas naquele campo quanto em Mayene ou Ebou Dar. Eu não sei quantos lanceiros, mas dez mil podem estar no lado menor, pelo que eu vi."

Nós de desespero se retorciam e apertavam no estômago de Perrin. Sua boca estava tão seca que ele não poderia ter falado se Faile milagrosamente aparecesse na frente dele. Dez mil *algai'd'siswai*, e mesmo tecelões, ourives e velhos que passavam seus dias relembrando na sombra pegariam uma lança se fossem atacados. Ele tinha menos de dois mil lanceiros, e eles teriam sido superados contra um número igual de Aiel. Menos de trezentos homens de Dois Rios, que poderiam causar estragos com seus arcos à distância, mas não deter dez mil. Aquele tanto de Shaido destruiria a ralé assassina de Masema como um gato matando um ninho de ratos. Mesmo contando os Asha'man e as Sábias e Aes

Sedai... Edarra e as outras Sábias não eram generosas no que lhe contavam sobre Sábias, mas ele sabia que dez clãs poderiam ter cinquenta mulheres que poderiam canalizar, talvez mais. Talvez menos também — não havia um número definido —, mas não menos o suficiente para fazer a diferença.

Com um esforço, ele estrangulou o desespero que brotava dentro de si, espremeu até que só restassem fios contorcidos para que sua raiva queimasse. Um martelo não tinha lugar para desespero. Sendo dez clãs ou todo o grupo Shaido, eles ainda tinham Faile, e ele ainda tinha que encontrar um jeito.

“O que importa quantos são?” Aram exigiu. “Quando os Trollocs chegaram a Dois Rios, eram milhares, dezenas de milhares, mas nós os matamos do mesmo jeito. Shaido não podem ser piores que Trollocs.”

Perrin piscou, surpreso ao encontrar o homem logo atrás dele, sem mencionar Berelain e Gallenne e a Aes Sedai. Em sua pressa de chegar a Elyas, ele havia excluído todo o resto. Vagamente visíveis através das árvores, os homens que Arganda trouxe para confrontar Masema ainda mantinham suas linhas ásperas, mas os guarda-costas de Berelain estavam formando um círculo frouxo centrado em Elyas e voltado para fora. As Sábias ficaram do lado de fora do círculo, ouvindo Elienda com rostos sérios. Ela falava em um murmúrio baixo, às vezes balançando a cabeça. Sua visão dos assuntos não era mais brilhante do que a de Elyas. Ele devia ter perdido a cesta na pressa, ou jogado fora, porque agora estava pendurada na sela de Berelain. Havia um olhar de... poderia ser simpatia em seu rosto? Que o queime, ele estava cansado demais para pensar direito. Só que, agora mais do que nunca, ele tinha que pensar direito. Seu próximo erro podia ser o último para Faile.

“Pelo que ouvi, Latoeiro”, disse Elyas baixinho, “os Trollocs vieram até vocês em Dois Rios, e vocês conseguiram pegá-los em uma armadilha. Você tem algum plano extravagante para pegar os Shaido em uma armadilha?” Aram olhou para ele carrancudo. Elyas o conhecia desde antes de pegar uma espada, e Aram não gostava

de ser lembrado daquele tempo, apesar de suas roupas de cores vivas.

"Dez clãs ou cinquenta," Arganda rosnou, "deve haver alguma maneira de libertar a Rainha. E as outras, claro. E as outras." Seu rosto endurecido estava enrugado em uma carranca de raiva, mas ele cheirava frenético, uma raposa pronta para morder sua própria perna para escapar de uma armadilha. "Eles... ? Eles aceitarão um resgate?" O ghealdano olhou em volta até encontrar Marline passando pelos Guardas Alados. Ela conseguiu um passo firme apesar da neve, não cambaleando nem um pouco. As outras Sábias já não se viam entre as árvores, nem Elienda. "Esses Shaido aceitarão um resgate... Sábia?" O honorífico de Arganda parecia uma reflexão tardia. Ele não acreditava mais que os Aiel com eles tinham qualquer conhecimento do sequestro, mas havia uma mácula nele em relação a Aiel.

"Eu não posso dizer." Marline pareceu não notar seu tom. Braços cruzados sobre o peito, ela ficou olhando para Perrin em vez de Arganda. Era um daqueles olhares em que uma mulher pesa e mede você até conseguir costurar uma roupa para você ou dizer quando suas roupas de baixo foram lavadas pela última vez. Isso o deixaria desconfortável quando tivera tempo para essas coisas. Quando ela falou novamente, não havia nada sobre oferecer conselhos em seu tom, apenas uma exposição dos fatos. Ela pode até estar falando sério. "Seu pagamento de resgate pela aguacenta vai contra nosso costume. *Gai'shain* pode ser dado como presente ou trocado por outros *gai'shain*, mas não são animais para serem vendidos. No entanto, parece que os Shaido não seguem mais o *ji'e'toh*. Fazem aguacentos de *gai'shain* e levam tudo em vez de apenas o quinto. Eles podem definir um preço."

"Minhas joias estão à sua disposição, Perrin," Berelain interveio, sua voz firme e seu rosto firme. "Se necessário, Grady ou Neald podem buscar mais em Mayene. Ouro também."

Gallenne limpou a garganta. "Altaranos estão acostumados com saqueadores, minha senhora, nobres vizinhos e bandidos", disse ele lentamente, batendo as rédeas na palma da mão. Embora relutante

em contradizer Berelain, ele claramente pretendia fazer isso de qualquer maneira. “Não há lei tão longe de Ebou Dar, exceto o que o senhor ou senhora local diz. Nobres ou comuns, eles estão acostumados a pagar qualquer um contra quem não podem lutar e são rápidos em perceber a diferença. Vai contra a razão que nenhum deles tentou comprar segurança, mas não vimos nada além de ruínas no caminho desses Shaido, não ouvimos falar de nada além de pilhagem até o chão. Eles podem aceitar uma oferta de resgate e até mesmo tomá-la, mas pode-se confiar neles para dar algo em troca? Apenas fazer a oferta revela nossa única vantagem real, que eles não sabem que estamos aqui.” Annoura balançou a cabeça ligeiramente, o movimento mais simples, mas o único olho de Gallenne o captou, e ele franziu a testa. “Você discorda, Annoura Sedai?” ele perguntou educadamente. E com uma pitada de surpresa. A Cinza era quase tímida às vezes, especialmente para uma irmã, mas ela nunca vacilava em falar quando discordava do conselho oferecido a Berelain.

Desta vez Annoura hesitou, porém, e cobriu-se puxando sua capa em volta de si mesma e arrumando as dobras com cuidado. Foi desajeitado da parte dela; as Aes Sedai podiam ignorar o calor ou o frio quando quisessem, permanecendo intocadas quando todos ao seu redor estavam encharcados de suor ou lutando para parar de bater os dentes. Uma Aes Sedai que prestasse atenção à temperatura estava ganhando tempo para pensar, geralmente sobre como esconder o que estava pensando. Olhando para Marline com uma pequena carranca, ela finalmente chegou a uma decisão, e o leve vinco em sua testa desapareceu.

“Negociar é sempre melhor do que brigar”, ela disse com sotaque frio de taraboneana, “e na negociação, a confiança é sempre uma questão de precauções, certo? Devemos considerar com cuidado as precauções que devem ser tomadas. Há também a questão de quem deve abordá-los. Sábias podem não ser mais sacrossantas, porque participaram da batalha de Poços de Dumai. Uma irmã, ou um grupo de irmãs, pode ser melhor, mas mesmo isso deve ter um arranjo cuidadoso. Eu mesma estou disposta a...”

"Sem resgate", disse Perrin, e quando todos olharam para ele, mais consternados, Annoura com o rosto ilegível, ele disse novamente, com uma voz mais dura. "Sem resgate." Ele não pagaria a esses Shaido por fazerem Faile sofrer. Ela ficou com medo, e eles teriam que pagar por isso, não lucrar com isso. Além disso, Gallenne estava certo naquilo. Nada que Perrin tinha visto, em Altara ou Amadicia ou antes disso em Cairhien, sugeria que os Shaido podiam ser confiáveis para manter qualquer barganha. Era o mesmo que confiar em ratos nas caixas de grãos e lagartas com a colheita. "Elyas, quero ver o acampamento deles." Quando menino, conhecera um cego, Nat Torfinn, com seu rosto enrugado e cabelos brancos finos, que conseguia desmontar qualquer quebra-cabeça de ferreiro com o toque. Durante anos, Perrin tentou aprender a duplicar esse feito, mas nunca conseguiu. Ele tinha que ver como as peças se encaixavam antes que pudesse entendê-las. "Aram, encontre Grady e diga a ele para me encontrar o mais rápido que puder, no campo de Viagem." Era assim que eles chamavam o lugar onde chegavam ao final de cada salto e partiam para o próximo. Era mais fácil para os Asha'man tecer um portal em um lugar já tocado por um que eles haviam tecido antes.

Aram deu um aceno curto e determinado, então virou seu cavalo cinza e acelerou em direção ao acampamento, mas Perrin podia ver discussões, perguntas e demandas se acumulando nos rostos ao seu redor. Marline ainda o examinava, como se de repente não tivesse muita certeza do que ele era, e Gallenne estava franzindo a testa para as rédeas em suas mãos, sem dúvida vendo as coisas acabarem mal, independentemente do que ele fizesse, mas Berelain tinha uma expressão perturbada, objeções visíveis em seus olhos, e a boca de Annoura se apertava em uma linha fina. Aes Sedai não gostavam de ser interrompidas e, tímida para uma Aes Sedai ou não, ela parecia pronta para desabafar seu descontentamento. Arganda, com o rosto cada vez mais vermelho, abriu a boca com a clara intenção de gritar. Arganda gritou muitas vezes desde que sua rainha foi sequestrada. Não havia sentido em esperar para ouvir.

Batendo em seus calcanhares, Perrin enviou Stepper saltando através da linha de Guardas Alados, voltando para as árvores cortadas. Não correndo, mas também não vagando — um trote rápido pelas florestas altas, mãos apertadas nas rédeas e olhos já procurando Grady na escuridão manchada. Elyas seguiu seu capão sem dizer uma palavra. Perrin tinha certeza de que não havia espaço nele para mais um pingo de medo, mas o silêncio de Elyas fez o peso crescer. O outro homem nunca via um obstáculo sem ver uma volta. Seu silêncio gritava montanhas intransponíveis. Tinha que haver uma maneira, no entanto.

Quando chegaram ao afloramento de pedra lisa, Perrin andou com Stepper de um lado para o outro pelas barras inclinadas da luz, ao redor das árvores tombadas e entre as que estavam em pé, incapaz de parar. Ele tinha que continuar se movendo. Tinha que haver um jeito. Sua mente disparava como um rato enjaulado.

Elyas desmontou para se agachar e franziu o cenho para a pedra cortada, prestando pouca atenção ao seu capão puxando as rédeas e tentando recuar. Ao lado da pedra, o tronco grosso de um pinheiro que tinha uns bons cinquenta passos de altura estava apoiado em uma extremidade pelos restos estilhaçados de seu toco, alto o suficiente para que Elyas pudesse passar por baixo do tronco da árvore ereto. Brilhantes raios de sol perfurando o dossel da floresta em outros lugares pareciam aprofundar a sombra até quase a escuridão ao redor do afloramento marcado, mas isso não o incomodava mais do que Perrin. Seu nariz enrugou com o cheiro de enxofre queimado que ainda pairava no ar. “Pensei ter captado esse fedor no caminho para cá. Imagino que você teria mencionado isso se não tivesse as coisas em mente. Um grande bando. Maior do que qualquer coisa que eu já tenha visto ou ouvido.”

“Isso é o que Masuri disse”, disse Perrin distraidamente. O que estava segurando Grady? Quantas pessoas havia em Ebou Dar? Esse era o tamanho do acampamento Shaído. “Ela disse que cruzou o caminho de sete matilhas, e esta não é uma que ela tenha visto antes.”

“Sete,” Elyas murmurou surpreso. “Mesmo uma Aes Sedai teria que procurar para ver isso. A maioria dos contos de Cães das Trevas são apenas pessoas assustadas com o escuro.” Franzindo o cenho para os rastros que cruzavam a pedra lisa, ele balançou a cabeça, e a tristeza entrou em sua voz quando ele disse: “Eles já foram lobos. As almas dos lobos, de qualquer maneira, capturadas e torcidas pela Sombra. Esse foi o núcleo usado para fazer os Cães das Trevas, os Irmãos das Sombras. Acho que é por isso que os lobos têm que estar na Última Batalha. Ou talvez os Cães das Trevas tenham sido feitos porque os lobos estarão lá, para os combater. O Padrão faz a renda Sovarra parecer um pedaço de barbante às vezes. De qualquer forma, foi há muito tempo, durante a Guerra dos Trollocs, até onde posso ver, e a Guerra da Sombra antes disso. Os lobos têm memórias longas. O que um lobo sabe nunca é realmente esquecido enquanto outros lobos permanecem vivos. Mas evitam falar de Cães das Trevas e também evitam Cães das Trevas. Com lobos poderiam morrer tentando matar um Irmão das Sombras. Pior, se eles falharem, o Cão das Trevas pode comer as almas daqueles que ainda não estão completamente mortos, e em um ano ou mais, haveria um novo bando de Irmãos das Sombras que não se lembrariam de terem sido lobos. Espero que eles não se lembrem, de qualquer maneira.”

Perrin freou, embora estivesse ansioso para continuar se movendo. Irmãos das Sombras. O nome dos lobos para Cães das Trevas havia assumido uma nova severidade. “Eles podem comer a alma de um homem, Elyas? De um homem que pode falar com lobos?” Elyas deu de ombros. Apenas um punhado de pessoas poderia fazer o que eles faziam, pelo que os dois sabiam. Uma resposta a essa pergunta podia vir apenas no momento da morte. Mais importante naquele momento, se eles já foram lobos uma vez, eles deviam ser inteligentes o suficiente para relatar o que encontravam. Masuri tinha insinuado isso. Tolice esperar o contrário. Quanto tempo antes de eles fazerem isso? Quanto tempo ele tinha para libertar Faile?



O som de cascos esmagando a neve anunciou a chegada dos cavaleiros, e ele disse apressadamente a Elyas que os Cães das Trevas haviam circulado o acampamento, que levariam notícias dele a quem se reportasse.

"Eu não me preocuparia muito, garoto", respondeu o homem mais velho, observando com cautela os cavalos que se aproximavam. Afastando-se da pedra, ele começou a se esticar, trabalhando os músculos que estavam há muito tempo na sela. Elyas era muito cuidadoso para ser pego estudando o que seria engolido pelas sombras por outros olhos. "Parece que eles estão caçando algo mais importante do que você. Eles vão ficar nisso até encontrar, mesmo se levar o ano todo. Não se preocupe. Vamos salvar sua esposa antes que os Cães das Trevas informem que você esteve aqui. Não estou dizendo que vai ser fácil, mas vamos conseguir." Havia determinação em sua voz e em seu cheiro, mas não muita esperança. Quase nenhuma, na verdade.

Lutando contra o desespero, recusando-se a deixá-lo subir novamente, Perrin voltou a andar com Stepper quando Berelain e seus guarda-costas apareceram por entre as árvores, com Marline montada atrás de Annoura. Assim que a Aes Sedai puxou as rédeas, a Sábia de olhos crepusculares deslizou para o chão, sacudindo as saias grossas para cobrir as meias escuras. Outra mulher poderia parecer perturbada por ter as pernas expostas, mas não Marline. Ela estava apenas endireitando suas roupas. Annoura era quem parecia chateada, um descontentamento azedo que fazia seu nariz parecer mais um bico. Ela ficou em silêncio, mas sua boca estava pronta para morder. Ela devia ter certeza de que sua oferta de negociar com os Shaido seria aceita, especialmente com o apoio de Berelain e Marline aparentemente neutra na pior das hipóteses. Cinzas eram negociadoras e mediadoras, adjudicadoras e fazedoras de tratados. Essa podia ter sido sua motivação. O que mais poderia ter sido? Um problema que ele tinha que deixar de lado, mantendo-o em mente. Tinha que levar em conta qualquer coisa que pudesse interferir na libertação de Faile, mas o problema que tinha que resolver ficava a quarenta milhas a nordeste.

Enquanto os Guardas Alados formavam seu círculo protetor entre as árvores altas ao redor do campo de Viagem, Berelain trouxe seu baio para o lado de Stepper e o acompanhou, tentando conversar com Perrin, para seduzi-lo com o resto do frango. Ela cheirava incerta, duvidosa de sua decisão. Talvez esperasse convencê-lo a tentar o resgate. Ele manteve Stepper em movimento e se recusou a ouvir. Fazer essa tentativa era apostar tudo em um lance de dados. Ele não podia jogar com Faile como aposta. Metódico como trabalhar em uma forja, esse era o jeito. Luz, mas estava cansado. Ele se dobrou mais apertado em torno de sua raiva, abraçando o calor para obter energia.

Gallenne e Arganda chegaram pouco depois de Berelain, com uma coluna dupla de lanceiros ghealdanoa em couraças polidas e elmos cônicos brilhantes que se intercalavam entre os mayenos entre as árvores. Com um traço de irritação entrando em seu cheiro, Berelain deixou Perrin e cavalgou até Gallenne. Os dois pararam os cavalos lado a lado, o caolho curvando a cabeça para ouvir o que Berelain tinha a dizer. Sua voz era baixa, mas Perrin conhecia o assunto, pelo menos em parte. De vez em quando, um deles olhava para ele enquanto ele movia Stepper para frente e para trás, para frente e para trás. Arganda plantou seu ruão em um ponto e olhou para o sul através das árvores em direção ao acampamento, ainda como uma estátua e ainda irradiando impaciência como um fogo irradiando calor. Ele era a imagem de um soldado, com suas plumas e sua espada e sua armadura prateada, seu rosto duro como pedra, mas ele cheirava à beira do pânico. Perrin se perguntou como ele próprio cheirava. Você nunca poderia sentir seu próprio cheiro a menos que estivesse em um espaço fechado. Ele não achava que cheirava a pânico, apenas medo e raiva. Tudo ficaria bem quando tivesse Faile de volta. Tudo ficaria bem então. Para trás e para frente, para trás e para frente.

Por fim, Aram apareceu, com Jur Grady bocejando em um capão escuro, escuro o suficiente para que a faixa branca em seu nariz o fizesse parecer quase preto. Dannil e uma dúzia de homens de Dois Rios, lanças e alabardas abandonadas por enquanto em favor de

seus arcos longos, cavalgavam logo atrás, mas não muito perto. Um sujeito atarracado com um rosto envelhecido já começando a mostrar rugas, embora ainda não chegasse à meia-idade, Grady parecia um fazendeiro sonolento, apesar da espada de cabo longo na cintura e do casaco preto com o pino da espada de prata na gola alta, mas ele tinha deixado a fazenda para trás para sempre, e Dannil e os outros sempre lhe davam espaço. Eles também deram espaço a Perrin, ficando para trás e olhando para o chão, às vezes lançando olhares rápidos e embaraçados para ele ou para Berelain. Isso não importava. Tudo ficaria bem.

Aram tentou levar Grady a Perrin, mas o Asha'man sabia por que havia sido convocado. Com um suspiro, desceu ao lado de Elyas, que se agachou em uma mancha de sol para marcar um mapa na neve com o dedo e falar de distância e direção, descrevendo em detalhes o lugar que queria ir, uma clareira em uma ladeira que se voltava quase para o sul, com o cume acima entalhado em três lugares. Distância e direção eram suficientes, se a distância e a direção fossem precisas, mas quanto melhor a imagem na mente de um Asha'man, mais perto ele poderia chegar de um ponto exato.

“Não há margem para erro aqui, garoto.” Os olhos de Elyas pareciam brilhar com intensidade. O que quer que os outros pensassem dos Asha'man, eles nunca o intimidaram. “Há muitos cumes naquela região, e o acampamento principal fica a apenas um quilômetro e meio do outro lado deste. Haverá sentinelas, pequenos grupos que acampam em um lugar diferente todas as noites, talvez a menos de três quilômetros na direção oposta. Você nos afasta muito, e seremos vistos com certeza.”

Grady encontrou aquele olhar, sem piscar. Então assentiu e passou os dedos grossos pelos cabelos, respirando fundo. Parecia tão cansado quanto Elyas. Tão exausto quanto Perrin se sentia. Fazer portões, mantê-los abertos por tempo suficiente para que milhares de pessoas e cavalos passassem, era cansativo.

“Você está descansado o suficiente?” Perrin perguntou a ele. Homens cansados cometeram erros, e erros com o Poder Único podem ser mortais. “Devo chamar Neald?”

Grady olhou para ele turvamente, então balançou a cabeça. “Fager não está mais descansado do que eu. Menos, talvez. Eu sou mais forte do que ele, um pouco. Melhor se eu fizer isso.” Ele se virou para o nordeste e, sem mais aviso, uma barra vertical de azul prateada apareceu ao lado da pedra marcada. Annoura empurrou sua égua para fora do caminho com um suspiro alto quando a linha de luz se alargou em uma abertura, um buraco no ar que mostrava uma clareira iluminada pelo sol em terreno íngreme entre árvores muito menores do que aquelas ao redor de Perrin e dos outros. O pinheiro já lascado estremeceu ao perder outra fatia fina, gemeu e desmoronou o resto do caminho com um estrondo abafado pela neve que fez os cavalos bufar e dançar. Annoura olhou para o Asha'man, seu rosto escurecendo, mas Grady apenas piscou e disse: "Isso parece o lugar certo?" Elyas ajustou o chapéu antes de assentir.

Esse aceno era tudo que Perrin esperava. Ele abaixou a cabeça e montou Stepper pela neve que estava sobre os talões do pardo. Era uma pequena clareira, mas o céu cheio de nuvens brancas acima fazia com que parecesse muito aberta depois da floresta atrás. A luz era quase ofuscante em comparação com a floresta, embora o sol ainda estivesse escondido pelo cume coberto de árvores acima. O acampamento Shaido ficava do outro lado daquele cume. Ele olhou para a altura ansiosamente. Era tudo o que ele podia fazer para ficar onde estava, em vez de correr à frente para finalmente ver onde Faile estava. E se obrigou a virar Stepper para encarar o portal quando Marline saiu.

Ainda estudando-o, mal desviando os olhos o suficiente para colocar os pés na neve sem tropeçar, ela se moveu para um lado para deixar Aram e os homens de Dois Rios passarem. Acostumados a Viajar, se não aos Asha'man, eles mal baixaram a cabeça o suficiente para desviar do topo da abertura, e apenas os mais altos fizeram isso. Perrin percebeu que o portal era maior do que o primeiro de Grady pelo qual ele havia passado. Teve que desmontar daquela vez. Era um pensamento vago, não mais importante do que uma mosca zumbindo. Aram cavalgou direto para

Perrin, com o rosto tenso e cheirando a impaciência e ansioso para continuar, e assim que Dannil e os outros estavam fora do caminho, descendo e ajustando calmamente as flechas nos arcos enquanto observavam as árvores ao redor, Gallenne apareceu, espiando sombriamente as árvores ao redor deles, como se esperasse que um inimigo viesse correndo, seguido por meia dúzia de mayenos que tiveram que baixar suas lanças com flâmulas vermelhas para se aglomerar atrás dele.

Uma longa pausa se passou com o portal vazio, mas justo quando Perrin decidiu voltar e ver o que estava segurando Elyas, o homem barbudo levou seu cavalo para fora, com Arganda e seis ghealdanos cavalgando em seus calcanhares, descontentamento estampado em seus rostos. Seus brilhantes elmos e couraças não estavam à vista, e eles franziram a testa como se tivessem sido obrigados a deixar de fora os calções.

Perrin assentiu para si mesmo. É claro. O acampamento Shaido ficava do outro lado dessa cordilheira, assim como o sol. Aquela armadura brilhante teria sido como espelhos. Ele deveria ter pensado nisso. Ainda estava deixando o medo instigá-lo em impaciência e nublar seu pensamento. Tinha que ser lúcido, agora mais do que nunca. O detalhe que ele perdesse agora poderia matá-lo e deixar Faile nas mãos dos Shaido. Era mais fácil dizer que tinha que deixar de lado o medo do que deixar de fato, no entanto. Como poderia não ter medo por Faile? O medo tinha que ser administrado, mas como?

Para sua surpresa, Annoura atravessou o portal logo à frente de Grady, que conduzia seu baio escuro. Assim como todas as vezes que ele a viu passar por um portal, ela se deitou na égua o máximo que o punho alto da sela permitia, fazendo uma careta para a abertura que havia sido feita com a metade masculina maculada do Poder, e assim que ela estava livre disso, ela instigou seu cavalo o mais longe que pôde na encosta sem entrar nas árvores. Grady deixou o portal se fechar, deixando a pós-imagem roxa de uma barra vertical nos olhos de Perrin, e Annoura se encolheu e desviou o olhar, olhando para Marline, para Perrin. Se ela não fosse uma

Aes Sedai, ele teria dito que ela estava fervendo em uma fúria mal-humorada. Berelain devia ter dito a ela para vir, mas não era Berelain que ela culpava por ter que estar lá.

"Daqui, vamos a pé", anunciou Elyas com uma voz calma que mal carregava a batida ocasional do casco de um cavalo. Dissera que os Shaido eram descuidados e não tinham sentinelas, ou quase nenhuma, mas falava como se pudessem estar a vinte passos. "Um homem a cavalo se destaca. Os Shaido não são cegos, apenas cegos para Aiel, o que significa que eles enxergam duas vezes mais nitidamente do que qualquer um de vocês, então não saiam voando quando chegarmos ao cume. E tentem não fazer mais barulho do que necessário. Eles também não são surdos. Vão encontrar nossos rastros, eventualmente — não podemos fazer muito sobre isso na neve —, mas não podemos deixá-los saber que estávamos aqui até depois de termos ido embora."

Já azedo por ter sido despojado de sua armadura e plumas, Arganda começou a discutir sobre Elyas dar ordens. Não sendo um completo tolo, ele o fez com uma voz calma que não se sustentava, mas era soldado desde os quinze anos, havia comandado soldados lutando contra Mantos Brancos, altaranos e amadícios, e como ele gostava de apontar, lutou na Guerra Aiel e viveu na Neve Sangrenta, em Tar Valon. Ele sabia sobre Aiel e não precisava de um lenhador não barbeado para lhe dizer como calçar as botas. Perrin deixou passar, já que o homem fez sua reclamação entre mandar dois homens segurarem os cavalos. Ele realmente não era um tolo, apenas temia por sua rainha. Gallenne deixou todos os seus homens para trás, murmurando que os lanceiros eram piores que inúteis fora de seus cavalos e provavelmente quebrariam seus pescoços se ele os fizesse caminhar qualquer distância. Ele também não era tolo, mas via primeiro o lado ruim. Elyas assumiu a liderança, e Perrin esperou apenas o tempo suficiente para transferir o tubo grosso encadernado em latão de seu espelho dos alforjes de Stepper para o bolso do casaco antes de seguir.

A vegetação rasteira crescia em touceiras sob as árvores, que eram principalmente pinheiros e abetos, com aglomerados de outras

que eram cinzentas de inverno e sem folhas, e o terreno, não mais íngreme do que as Colinas de Areia em casa, embora mais rochoso, não apresentou problemas para Dannil e os outros homens de Dois Rios, que subiram a encosta como fantasmas com flechas engatilhadas e olhos atentos, quase tão silenciosos quanto a névoa de sua respiração. Aram, que não era um estranho na floresta, ficou perto de Perrin com sua espada em punho. Certa vez, ele começou a cortar um emaranhado de grossas trepadeiras marrons para fora de seu caminho até que Perrin o deteve com uma mão em seu braço, mas ele fazia pouco mais barulho do que Perrin, o leve ranger de botas na neve. Não foi nenhum choque que Marline se moveu entre as árvores como se tivesse crescido em uma floresta em vez do Deserto Aiel, onde qualquer coisa que pudesse ser chamada de árvore era rara e a neve nunca foi vista, embora parecesse que todos os seus colares e pulseiras deveriam ter feito algum barulho enquanto balançavam, mas Annoura subiu com quase tão pouco esforço, debatendo-se um pouco com suas saias, mas evitando habilmente os espinhos afiados de garras de gato mortas e trepadeiras de espera um minuto. As Aes Sedai costumam dar um jeito de te surpreender. Ela também conseguiu manter um olho cauteloso em Grady, embora o Asha'man parecesse estar focado em colocar um pé na frente do outro. Às vezes ele suspirava pesadamente e parava por um minuto, franzindo a testa em direção à crista à frente, mas, de alguma forma, ele nunca ficava para trás. Gallenne e Arganda não eram jovens, nem acostumados a andar onde pudessem cavalgar, e sua respiração começou a ficar mais pesada à medida que subiam, às vezes subindo de árvore em árvore, mas observavam-se quase tanto quanto o chão, cada um não querendo deixar o outro superá-lo. Os quatro lanceiros ghealdanos, por outro lado, deslizavam e escorregavam, tropeçavam em raízes escondidas sob a neve, agarravam suas bainhas em cipós e rosnavam maldições quando caíam nas rochas ou eram esfaqueados por espinhos. Perrin começou a pensar em mandá-los de volta para esperar com os cavalos. Isso, ou bater na

cabeça deles e deixá-los para serem apanhados quando ele voltasse.

Abruptamente, duas Aiel saíram da vegetação rasteira na frente de Elyas, véus escuros escondendo seus rostos para os olhos, mantos brancos pendurados em suas costas e lanças e escudos na mão. Elas eram Donzelas da Lança por sua altura, o que as tornava não menos perigosas do que qualquer outra *algai'd'siswai*, e em um instante, nove arcos longos foram desembainhados, pontas largas apontadas para seus corações.

"Você pode se machucar assim, Tuandha", murmurou Elyas. "Você deveria saber melhor, Sulin." Perrin fez sinal para os homens de Dois Rios baixarem os arcos e para Aram baixar a espada. Ele captou seus aromas ao mesmo tempo que Elyas, antes que elas saíssem.

As Donzelas trocaram olhares assustados, mas se desnudaram, deixando os véus escuros pendurados no peito. "Você vê de perto, Elyas Machera", disse Sulin. Rosto rijo e enrugado, com uma cicatriz em uma bochecha, ela tinha olhos azuis afiados que podiam perfurar como furadores, mas eles ainda pareciam surpresos, agora. Tuandha era mais alta e mais jovem, e poderia ter sido bonita antes de perder o olho direito e ganhar uma cicatriz grossa que corria do queixo sob a *shoufa*. Ela puxou um canto de sua boca em um meio sorriso, mas esse foi o único sorriso que já deu.

"Seus casacos são diferentes", disse Perrin. Tuandha franziu a testa para o casaco, todo cinza, verde e marrom, depois para a roupa idêntica de Sulin. "Suas capas também." Elyas estava cansado de cometer esse deslize. "Eles não começaram a se mover, não é?"

"Não, Perrin Aybara", disse Sulin. "Os Shaido parecem preparados para ficar em um lugar por um tempo. Eles fizeram o povo da cidade sair e ir para o norte ontem à noite, aqueles que eles deixariam sair." Ela deu um pequeno aceno de cabeça, ainda perturbada pelos Shaido forçando as pessoas que não seguiam o *ji'e'toh* a se tornarem *gai'shain*. "Seus amigos Jondyn Barran e Get Ayliah e Hu Marwin foram atrás deles para ver se podem descobrir



alguma coisa. Nossas irmãs de lança e a Gaul estão dando a volta no acampamento novamente. Esperamos aqui que Elyas Machera voltasse com você.” Ela raramente deixava emoção em sua voz, e não havia nenhuma lá agora, mas ela cheirava a tristeza. “Vem, eu vou te mostrar.”

As duas Donzelas subiram a encosta e ele correu atrás delas, esquecendo-se de todos os outros. Um pouco abaixo do cume, elas se agacharam, depois foram para as mãos e joelhos, e ele as copiou, rastejando os últimos vãos pela neve para espiar por uma árvore acima do cume. A floresta terminava ali, desaparecendo em arbustos dispersos e mudas isoladas na encosta. Ele estava alto o suficiente para ver por vários quilômetros, através de cumes ondulantes como longas colinas sem árvores até onde uma faixa escura de floresta começava novamente. Ele podia ver tudo o que queria ver, e muito menos do que precisava.

Tentou imaginar o acampamento Shaido pela descrição de Elyas, mas a realidade ofuscou suas imaginações. Mil passos abaixo, havia uma massa de tendas baixas de Aiel e todos os outros tipos de tendas, uma massa de carroças e carroções e pessoas e cavalos. Estendia-se por mais de um quilômetro e meio em todas as direções, das paredes de pedra cinzenta de uma cidade no meio do caminho até a próxima elevação. Ele sabia que a expansão devia ser a mesma do outro lado. Não era uma das grandes cidades, não como Caemlyn ou Tar Valon, com menos de quatrocentos passos de largura ao longo do lado que ele podia ver e mais estreita nas outras, pelo que parecia, mas ainda uma cidade com muros e torres altas e o que parecia ser uma fortaleza no extremo norte. No entanto, o acampamento Shaido engolia tudo. Faile estava em algum lugar naquele grande lago de pessoas.

Tirando o espelho do bolso, ele se lembrou no último instante de colocar uma mão em concha para a sombra na outra extremidade do tubo. O sol era uma bola dourada quase à sua frente, pouco antes da metade da altura do meio-dia. Um reflexo perdido da lente podia arruinar tudo. Grupos de pessoas apareceram no espelho, seus rostos claros, pelo menos aos olhos dele. Mulheres de cabelos

compridos com xales escuros sobre os ombros, envoltas em dezenas de longos colares, mulheres com menos colares ordenhando cabras, mulheres usando o *cadin'sor* e às vezes carregando lanças e escudos, mulheres espreitando dos capuzes profundos de pesados mantos brancos enquanto corriam pela neve já pisoteada a meio caminho da lama. Havia homens e crianças também, mas seu olho passou por eles avidamente, ignorou-os. Milhares e milhares de mulheres, só contando as de branco.

“Muitos,” Marline sussurrou, e ele abaixou o tubo para encará-la. Os outros se juntaram às Donzelas e a ele, todos deitados em fila na neve ao longo da crista. Os homens de Dois Rios estavam se esforçando para manter as cordas de seus arcos fora da neve sem levantar seus arcos acima da linha do cume. Arganda e Gallenne estavam usando seus próprios espelhos para estudar o acampamento abaixo, e Grady estava olhando para a encosta com o queixo apoiado nas mãos, tão atento quanto os dois soldados. Talvez ele estivesse usando o Poder de alguma forma. Marline e Annoura também olhavam para o acampamento, a Aes Sedai lambendo os lábios e a Sábida franzindo a testa. Perrin não achava que Marline pretendia falar em voz alta.

“Se você acha que eu vou embora só porque há mais Shaido do que eu esperava,” ele começou acaloradamente, mas ela interrompeu, encontrando sua carranca com um olhar nivelado.

“Muitas Sábidas, Perrin Aybara. Para onde quer que eu olhe, vejo uma mulher canalizando. Só por um momento aqui, um momento ali — Sábidas não canalizam o tempo todo —, mas elas estão em todos os lugares que olho. Muitas para serem as Sábidas de dez clãs.”

Ele respirou fundo. “Quanto você acha que são?”

“Acho que talvez todos as Sábidas Shaido estejam lá embaixo”, respondeu Marline, tão calma como se estivesse falando do preço da cevada. “Todas as que podem canalizar.”

Todas elas? Isso não fazia sentido! Como elas poderiam estar todas juntas aqui, quando os Shaido pareciam estar espalhados por toda parte? Pelo menos, ele tinha ouvido histórias do que deviam ser ataques de Shaido por toda Ghealdan e Amadicia, histórias de

ataques aqui em Altara muito antes de Faile ser tomada e rumores de ainda mais longe. *Por que* estariam todas juntas? Se os Shaido pretendiam reunir aqui todo o clã... Não, ele tinha que lidar com o que sabia de fato. Isso era ruim o suficiente. "Quantas?" ele perguntou novamente, em um tom razoável.

"Não rosne para mim, Perrin Aybara. Não sei dizer exatamente quantos Sábias Shaido permanecem vivas. Até as Sábias morrem de doença, picada de cobra, acidente. Algumas morreram em Poços de Dumai. Encontramos corpos deixados para trás, e eles devem ter levado os que puderam para um enterro adequado. Mesmo Shaido não podem ter abandonado todos os costumes. Se todas as que permanecem vivas estão abaixo, e as aprendizes que podem canalizar, eu diria que talvez quatrocentas. Talvez mais, mas menos de quinhentas. Havia menos de quinhentas Sábias Shaido que podiam canalizar antes de cruzar a Muralha do Dragão, e talvez cinquenta aprendizes." A maioria dos fazendeiros teria demonstrado mais emoção pela cevada.

Ainda olhando para o acampamento Shaido, Annoura fez um som estrangulado, meio soluço. "Quinhentas? Luz! Metade da Torre com um clã? Ah, Luz!"

"Nós poderíamos entrar de fininho, durante a noite," Dannil murmurou de baixo da fileira, "do jeito que você entrou furtivamente naquele acampamento Manto Branco lá em casa." Elyas soltou um grunhido que poderia significar alguma coisa, mas não parecia esperançoso.

Sulin bufou ironicamente. "Não podíamos entrar furtivamente naquele acampamento, não com nenhuma esperança real de sair. Você seria amarrado como uma cabra para o espeto antes de passar pelas primeiras tendas."

Perrin assentiu lentamente. Ele havia pensado em entrar escondido na escuridão e de alguma forma levar Faile para longe. E as outras, claro. Ela não iria sem as outras. Ele nunca teve nenhuma crença real que pudesse funcionar, não contra Aiel, e o tamanho do acampamento havia apagado os últimos vislumbres. Ele poderia vagar por dias entre tantas pessoas sem encontrá-la.

Abruptamente, percebeu que não precisava lutar contra o desespero. A raiva permanecia, mas agora era fria como aço no inverno, e ele não conseguia detectar uma única gota da desesperança que ameaçara afogá-lo antes. Havia dez mil *algai'd'siswai* naquele acampamento e quinhentas mulheres que podiam canalizar — Gallenne estava certo sobre isso; prepare-se para o pior, e todas as suas surpresas serão agradáveis — quinhentas mulheres que não hesitariam em usar o Poder como arma; Faile estava escondida como um floco de neve em um prado coberto de neve, mas quando se empilhava tanto, não havia motivo para desespero. Você tinha que se curvar ou ser arado. Além disso, ele podia ver o quebra-cabeça, agora.

Nat Torfinn sempre disse que qualquer quebra-cabeça poderia ser resolvido, uma vez que você descobrisse onde empurrar e onde puxar.

Ao norte e ao sul, a terra havia sido desmatada mais longe da cidade do que a elevação onde ele estava. Casas de fazenda espalhadas, nenhuma com fumaça subindo de sua chaminé, pontilhavam a paisagem, e cercas de trilho marcavam os campos sob a neve, mas mais do que um punhado de homens tentando se aproximar de qualquer direção poderia carregar tochas, estandartes e tocar trombetas. Parecia haver uma estrada que levava mais ou menos ao sul através das fazendas e outra mais ou menos ao norte. Inútil para ele, provavelmente, mas nunca se poderia dizer. Jondyn poderia trazer de volta algumas informações sobre a cidade, embora não pudesse adivinhar o que isso faria de bom quando a cidade estivesse no meio dos Shaído. Gaul e as Donzelas que estavam dando a volta no acampamento seriam capazes de lhe dizer o que havia além da próxima crista. Uma sela naquele cume parecia uma estrada indo para algum lugar a leste. Estranhamente, um grupo de moinhos de vento estava a cerca de um quilômetro e meio ao norte da sela, longos braços brancos girando lentamente, e apareceu outro grupo de moinhos de vento no topo da próxima elevação além. Uma fileira de arcos, como uma ponte longa e estreita, se estendia pela encosta dos moinhos de vento mais próximos até as muralhas da cidade.

“Alguém sabe o que é isso?” ele perguntou, apontando. Estudá-lo através do espelho não lhe disse nada, exceto que parecia feito da mesma pedra cinzenta da parede. A coisa era estreita demais para uma ponte. Faltavam paredes laterais e não parecia haver nada para uma ponte atravessar.

“É para trazer água”, respondeu Sulin. “Ele corre por cinco milhas, até um lago. Não sei por que eles não construíram a cidade mais próxima, mas a maior parte do terreno ao redor do lago parece que será lama quando o frio passar.” Ela já não tropeçava em palavras desconhecidas como lama, mas um toque de admiração permanecia em “lago”, na ideia de tanta água em um só lugar. “Você pensa em parar o abastecimento de água deles? Isso certamente fará com que eles saiam.” Ela entendia sobre brigar por água. A maioria dos combates no Deserto começava com água. “Mas eu não acho...”

As cores explodiram dentro da cabeça de Perrin, uma explosão de tons tão forte que a visão e a audição desapareceram. Toda a visão, exceto as próprias cores, pelo menos. Elas eram uma grande maré, como se todas as vezes que ele as empurrou para fora de sua cabeça, tivessem construído uma represa que elas agora quebraram em uma inundação silenciosa, girando em redemoinhos silenciosos que tentavam sugá-lo. Uma imagem se formou no meio dela, Rand e Nynaeve sentados no chão de frente um para o outro, tão claros como se estivessem bem na frente dele. Ele não tinha tempo para Rand, não agora. Agora não! Agarrando as cores como um homem se afogando agarrando a superfície, ele — as — forçou — para fora!

Visão e audição, o mundo ao redor, colidiram com ele.

“...é uma loucura”, Grady estava dizendo em tom preocupado. “Ninguém pode lidar com o suficiente de *saidin* para eu sentir tão longe! Ninguém!”

“Ninguém pode lidar com tanto de *saidar*, também,” Marline murmurou. “Mas alguém está fazendo.”

“Os Abandonados?” A voz de Annoura tremeu. “Os Abandonados, usando alguns *sa’angreal* que nunca suspeitamos. Ou... ou o próprio Tenebroso.”

Eles estavam todos os três olhando para o norte e oeste, e se Marline parecia mais calma do que Annoura ou Grady, ela cheirava tão assustada e preocupada. Com exceção de Elyas, os outros

observavam aqueles três com ar de homens aguardando o anúncio de que uma nova Ruptura do Mundo havia começado. O rosto de Elyas estava aceitando. Um lobo morderia em um deslizamento de terra levando-o para a morte, mas um lobo sabia que a morte viria mais cedo ou mais tarde, e você não poderia lutar contra a morte.

“É Rand,” Perrin murmurou com voz grossa. Ele estremeceu quando as cores tentaram retornar, mas ele as derrubou. “É negócio dele. Ele vai cuidar disso, seja o que for.” Todos o encaravam, inclusive Elyas. “Eu preciso de prisioneiros, Sulin. Eles devem enviar grupos de caça. Elyas diz que eles têm sentinelas a alguns quilômetros, pequenos grupos. Você pode me fazer prisioneiros?”

“Ouça-me com cuidado”, disse Annoura, as palavras correndo para fora dela. Ela se levantou da neve o suficiente para alcançar Marline e pegar um punhado da capa de Perrin. “Algo está acontecendo, talvez maravilhoso, talvez terrível, mas de qualquer forma importante, mais do que qualquer coisa na história registrada! Devemos saber o que! Grady pode nos levar até lá, perto o suficiente para ver. Eu poderia nos levar se conhecesse as tramas. Devemos saber!”

Encontrando seu olhar, Perrin levantou a mão, e ela parou com a boca aberta. Aes Sedai nunca calavam a boca tão facilmente, mas ela calou. “Eu disse a você o que é. Nosso trabalho está bem ali na nossa frente. Sulin?”

A cabeça de Sulin girou dele para a Aes Sedai e para Marline. Finalmente, ela deu de ombros. “Você descobrirá pouca coisa útil mesmo se você os interrogar. Eles vão abraçar a dor e rir de você. E a vergonha será lenta — se esses Shaido ainda puderem ser envergonhados.”

“Tudo o que eu descobrir será mais do que sei agora”, respondeu ele. Seu trabalho estava à sua frente. Um quebra-cabeça para resolver, Faile para libertar e os Shaido para destruir. Isso era tudo o que importava no mundo.



## CAPÍTULO

### 9

---



### Armadilhas

“E ela reclamou de novo que as outras Sábias são tímidas,” Faile terminou com sua melhor voz mansa, deslocando a cesta alta que segurava equilibrada em um ombro, movendo-se de um pé para outro na neve lamacenta. A cesta não era pesada, embora cheia de roupa suja, e a lã de sua túnica branca era grossa e quente, com duas túnicas por baixo, mas suas botas de couro macio, elas mesmas pintadas de branco, davam pouca proteção contra a lama fria. “Disseram-me para relatar exatamente o que Sábia Sevanna disse”, acrescentou rapidamente. Someryn era uma das “outras” Sábias, e sua boca se fechou com a palavra tímida.

Com os olhos abaixados, isso era tudo que Faile conseguia ver do rosto de Someryn. *Gai'shain* eram obrigados a manter uma atitude humilde, especialmente os *gai'shain* que não eram Aiel, e embora ela olhasse através de seus cílios para ler a expressão de Someryn, a outra mulher era mais alta que a maioria dos homens, mesmo os homens Aiel, uma gigante de cabelo amarelo que se elevava sobre ela. A maior parte do que ela podia ver era o busto muito grande de Someryn, o decote gorducho escuro como o sol exposto por uma blusa desamarrada na metade do peito e coberta principalmente por uma enorme coleção de colares longos, gotas de fogo e esmeraldas, rubis e opalas, fios de três camadas de pérolas gordas e correntes de ouro com padrões intrincados. A maioria das Sábias

parecia não gostar de Sevanna, que “falava pelo chefe” até que um novo chefe do clã Shaido pudesse ser escolhido, um evento improvável de ocorrer tão cedo, e elas tentavam minar sua autoridade sempre que não estavam brigando entre si ou formando panelinhas, mas muitas compartilhavam o amor de Sevanna por joias aguacentas, e algumas até começaram a usar anéis de dedo, como Sevanna. Na mão direita, Someryn usava uma grande opala branca que reluzia cavernas vermelhas sempre que ela ajustava o xale, e uma longa safira azul cercada de rubis na esquerda. Ela não adotou roupas de seda, no entanto. A blusa era de algodão branco simples, do Deserto, e a saia e o xale de lã grossa tão escuros quanto o lenço dobrado que segurava o cabelo louro comprido até a cintura para trás do rosto. O frio não parecia incomodá-la nem um pouco.

As duas estavam um pouco além do que Faile pensava ser a fronteira entre o acampamento Shaido e o acampamento *gai'shain* — o acampamento dos prisioneiros — não que houvesse realmente dois acampamentos. Alguns *gai'shain* dormiam entre os Shaido, mas os demais eram mantidos no centro do acampamento, a menos que fizessem seu trabalho designado, o gado cercado da tentação da liberdade por uma muralha de Shaido. A maioria dos homens e mulheres que passavam por elas usavam túnicas *gai'shain* brancas, embora poucas fossem tão finamente tecidas quanto a que ela usava. Com tantos para vestir, os Shaido pegaram qualquer tipo de pano branco que pudessem encontrar. Alguns estavam vestidos com camadas de linho grosso ou toalhas ou mantos de pano de tenda áspero, e muitos dos mantos estavam manchados de lama ou fuligem. Só de vez em quando um dos *gai'shain* mostrava a altura e os olhos claros de um Aiel. A grande maioria eram amadócios de rosto corado, altaranos de pele morena e cairhienos pálidos, junto com viajantes ocasionais ou mercadores de Illian ou Tarabon ou de qualquer outro lugar que se encontraram no pior lugar na pior hora. Os cairhienos eram os mais retidos e os mais resignados à sua situação, além do punhado de Aiel de branco, mas todos mantinham os olhos baixos e se moviam em suas tarefas tão rápido quanto o



mingau pisoteado de neve e lama permitia. Esperava-se que *gai'shain* demonstrassem humildade, obediência e uma vontade de abraçar ambas. Qualquer coisa a menos resultava em lembretes dolorosos.

Faile teria gostado muito de se apressar. Os pés frios eram apenas uma pequena parte do motivo, e a vontade de lavar a roupa de Sevanna menor ainda. Muitos olhos podiam vê-la parada ali ao ar livre com Someryn, e mesmo com seu capuz profundo escondendo seu rosto, o largo cinto de malha de elos dourados brilhantes em volta da cintura e um colarinho justo para combinar a marcavam como uma das servas de Sevanna. Ninguém as chamava assim — aos olhos dos Aiel, ser um servo era humilhante — mas era o que elas eram, pelo menos as aguacentas, apenas não pagas e com menos direitos e menos liberdade do que qualquer servo que Faile já ouvira falar. Mais cedo ou mais tarde, a própria Sevanna iria saber que Sábias estavam parando seus *gai'shain* para questioná-los. Sevanna tinha bem mais de cem criados e não parava de aumentar, e Faile tinha certeza de que cada um repetia cada palavra que ouvia Sevanna dizer às Sábias.

Era uma armadilha brutalmente eficiente. Sevanna era uma ama dura, de uma maneira bastante casual, nunca estalando, raramente zangada abertamente, mas a menor infração, o menor deslize no comportamento ou na atitude, era punido imediatamente com o chicote ou a correia, e todas as noites cinco *gai'shain*, aqueles que menos a agradaram naquele dia, eram escolhidos para mais punição, às vezes uma noite amarrada e amordaçada após uma surra, apenas para encorajar o resto. Faile não queria pensar no que a mulher faria a um espião. Por outro lado, as Sábias haviam deixado claro que quem não falasse livremente sobre o que ouviu, quem tentasse se conter ou barganhar, enfrentaria um futuro incerto, possivelmente terminando em uma cova rasa. Prejudicar um *gai'shain* além dos limites permitidos de disciplina era uma violação do *ji'e'toh*, a teia de honra e obrigação que governava a vida de Aiel, mas os aguacentos *gai'shain* pareciam estar fora de várias regras.

Mais cedo ou mais tarde, um lado ou outro dessa armadilha se fecharia. Tudo o que mantinha as mandíbulas separadas por tanto tempo era que os Shaido pareciam ver seus aguacentos *gai'shain* como não diferente de cavalos de carroça ou animais de carga, embora na verdade os animais recebessem um tratamento muito melhor. De vez em quando, um *gai'shain* tentava fugir, mas, além disso, apenas lhes davam comida e abrigo, os colocavam para trabalhar e os puniam se vacilavam. As Sábias não esperavam que desobedecessem, Sevanna não esperava que a espionassem, nem esperavam que um cavalo de carroça cantasse. Mais cedo ou mais tarde, porém... E essa não foi a única armadilha em que Faile foi pega.

“Sábia, não tenho mais nada para contar”, murmurou ela quando Someryn não disse nada. A não ser que você estivesse confuso da cabeça, você não se afastava simplesmente de uma Sábia, não até que ela o dispensasse. “A Sábia Sevanna fala livremente na nossa frente, mas fala pouco.”

A mulher alta permaneceu em silêncio e, depois de um longo momento, Faile ousou levantar um pouco mais os olhos. Someryn estava olhando por cima da cabeça de Faile, sua boca aberta em espanto atordoado. Franzindo o cenho, Faile colocou a cesta no ombro e olhou para trás, mas não havia nada para explicar a expressão de Someryn, apenas a extensão do acampamento, tendas escuras de Aiel misturadas com tendas pontiagudas e tendas muradas e todo tipo de tenda, a maioria em tons de branco sujo ou marrom pálido, outras verdes ou azuis ou vermelhas ou até listradas. Os Shaido levavam tudo de valor quando atacavam, tudo que pudesse ser útil, e não deixavam nada que lembrasse uma tenda.

Do jeito que estava, eles mal tinham abrigo suficiente para se movimentar. Havia dez grupos reunidos aqui, mais de setenta mil Shaido e quase tantos *gai'shain*, por sua estimativa, e em todos os lugares ela via apenas a agitação habitual, Aiel vestidos de escuro vivendo suas vidas entre os cativos vestidos de branco. Um ferreiro trabalhava o fole em sua forja diante de uma tenda aberta com suas

ferramentas dispostas sobre uma pele de touro curtida, crianças pastoreavam rebanhos de cabras balindo com varas, um comerciante exibia suas mercadorias em um pavilhão aberto de lona amarela, tudo, desde castiçais de ouro e tigelas de prata até potes e chaleiras, tudo saqueado. Um homem magro com um cavalo na coleira conversava com uma Sábia de cabelos grisalhos chamada Masalin, sem dúvida buscando a cura para alguma doença que o animal tinha, pelo jeito que ele apontava para a barriga do cavalo. Nada para deixar Someryn boquiaberta.

Assim que Faile estava prestes a se virar, ela notou uma mulher Aiel de cabelos escuros virada para o outro lado. Não apenas cabelos escuros, mas cabelos negros como a asa de um corvo, uma grande raridade entre Aiel. Mesmo por trás, Faile pensou ter reconhecido Alarys, outra das Sábias. Havia mais de quatrocentas Sábias no acampamento, mas ela aprendeu rapidamente a conhecer todas elas à primeira vista. Confundir uma Sábia com uma tecelã ou uma oleira era uma maneira rápida de ganhar uma chicotada.

Podia não ter significado nada que Alarys estivesse imóvel e olhando na mesma direção que Someryn, ou que ela tivesse deixado seu xale escorregar para o chão, exceto que logo atrás dela, Faile reconheceu ainda outra Sábia, também olhando para o noroeste, e batendo nas pessoas que passavam na frente dela. Essa tinha que ser Jesain, uma mulher que teria sido chamada de baixinha mesmo se não fosse Aiel, com uma grande massa de cabelo vermelho, o suficiente para fazer o fogo parecer pálido e um temperamento que combinava. Masalin estava conversando com o homem com o cavalo e gesticulando para o animal. Ela não conseguia canalizar, mas três Sábias que conseguiam estavam todas olhando na mesma direção. Apenas uma coisa poderia explicar isso; eles viram alguém canalizando lá em cima no cume da floresta além do acampamento. Uma canalização de Sábia certamente não faria nenhuma delas olhar. Seria uma Aes Sedai? Ou mais de uma? Melhor não ter esperanças. Era muito cedo.

Uma pancada na cabeça a fez cambalear, e ela quase deixou cair a cesta.

"Por que você está parada como um carço?" Someryn rosnou. "Continue com seu trabalho. Vá, antes que eu...!"

Faile foi, equilibrando a cesta com uma mão, levantando as abas de seu roupão da neve lamacenta com a outra e movendo-se o mais rápido que podia sem escorregar e cair na lama. Someryn nunca batia em ninguém, e ela nunca levantava a voz. Se ela estava fazendo as duas coisas, era melhor sair do seu caminho sem demora. Humilde e obedientemente.

O orgulho dizia para manter um desafio frio, uma recusa silenciosa em ceder, mas o bom senso dizia que essa era a maneira de encontrar-se vigiada duas vezes mais do que já estava. Os Shaido podiam tomar os aguacentos *gai'shain* como animais domesticados, mas não eram completamente cegos. Eles deviam pensar que ela aceitava seu cativeiro como inescapável se era capaz de escapar, e esse pensamento ocupava muito sua mente. Quanto antes escapasse melhor. Certamente, antes que Perrin a alcançasse. Ela nunca duvidou que Perrin a estivesse seguindo, que ele a encontraria de alguma forma — o homem atravessaria uma parede se colocasse isso na cabeça! —, mas ela tinha que escapar antes disso. Ela era filha de um soldado. Sabia os números dos Shaido, sabia a força que Perrin tinha que chamar, e ela sabia que tinha que alcançá-lo antes que o confronto pudesse acontecer. Havia apenas a pequena questão de se livrar dos Shaido primeiro.

O que as Sábias estavam olhando — as Aes Sedai ou Sábias com Perrin? Luz, ela esperava que não, ainda não! Mas outros assuntos vinham antes, a roupa para lavar não menos importante. Ela carregou a cesta em direção ao que restava da cidade de Malden, esgueirando-se através de um fluxo constante de *gai'shain*. Os que saíam da cidade carregavam, cada um, um par de baldes pesados equilibrados nas pontas de uma vara carregada nos ombros, enquanto os baldes dos que entravam balançavam, vazios, em suas varas. Tantas pessoas que estavam no acampamento precisavam de muita água, e era assim que acontecia, balde por

balde. Era fácil dizer quais *gai'shain* haviam sido habitantes de Malden. Tão ao norte, em Altara, eles eram mais claros do que cor de azeitona, e alguns até tinham olhos azuis, mas todos cambaleavam atordoados. Shaido escalando os muros da cidade durante a noite haviam sobrecarregado as defesas antes que a maioria dos moradores soubesse que estava em perigo, e eles ainda pareciam incapazes de acreditar no que suas vidas haviam se tornado.

No entanto, Faile procurou um rosto em particular, alguém que ela esperava que não estivesse carregando água hoje. Ela estava procurando desde que os Shaido acamparam aqui, quatro dias atrás. Do lado de fora dos portões da cidade, que estavam abertos e empurrados contra as paredes de granito, ela a encontrou, uma mulher vestida de branco mais alta do que ela, com uma cesta de pão na cintura e o capuz puxado para trás apenas o suficiente para mostrar um pouco de cabelo ruivo escuro. Chiad parecia estar estudando os portões de ferro que falharam em proteger Malden, mas ela se afastou deles assim que Faile se aproximou. Elas pararam lado a lado, sem realmente olhar uma para a outra, enquanto fingiam mexer nas cestas. Não havia razão para duas *gai'shain* não falarem uma com a outra, mas ninguém deveria se lembrar de que elas haviam sido capturadas juntas. Bain e Chiad não eram observadas tão de perto quanto *gai'shain* servindo Sevanna, mas isso poderia mudar se alguém se lembrasse. Quase todos à vista eram *gai'shain*, e além disso, do oeste da Muralha do Dragão, muitos aprenderam a bajular, levando histórias e rumores. A maioria das pessoas fazia o que precisava para sobreviver, e algumas sempre tentavam arrumar seus próprios ninhos, quaisquer que fossem as circunstâncias.

“Elas fugiram na primeira noite aqui,” Chiad murmurou. “Bain e eu as levamos para as árvores e obscurecemos os rastros de volta. Ninguém parece perceber que elas se foram, até onde posso ver. Com tantos *gai'shain*, é de se admirar que esses Shaido notem qualquer um que fuja.”

Faile deu um pequeno suspiro de alívio. Três dias se foram. Os Shaido notavam fugitivos. Poucos conseguiam um dia inteiro de liberdade, mas as chances de sucesso aumentavam a cada dia sem serem pegas, e parecia certo que os Shaido partiriam amanhã ou no dia seguinte. Eles não paravam tanto tempo desde que Faile foi capturada. Ela suspeitava que eles pudessem estar tentando marchar de volta para a Muralha do Dragão e cruzar novamente para o Deserto.

Não foi fácil convencer Lacile e Arrela a partirem sem ela. O que finalmente as convenceu foi o argumento de que elas poderiam levar a notícia a Perrin sobre onde Faile estava, junto com um aviso de quantos Shaido havia e uma alegação de que Faile já tinha sua própria fuga em mãos e qualquer interferência dele poderia colocar em risco o plano e ela. Ela tinha certeza de que as tinha feito acreditar em tudo isso — ela tinha sua fuga em mãos, de certa forma; tinha vários planos, na verdade, e um deles tinha que funcionar —, mas até este minuto, ela estava meio convencida de que as duas mulheres decidiriam que seus juramentos a ela exigia que elas ficassem. Os juramentos da água eram mais rígidos que os juramentos de fidelidade em alguns aspectos, mas deixavam espaço considerável para a estupidez em nome da honra. Na verdade, ela não sabia se a dupla poderia encontrar Perrin, mas de qualquer forma, elas estavam livres e ela tinha apenas duas outras mulheres para se preocupar. Claro, a ausência de três das servas de Sevanna seria notada muito rapidamente, em poucas horas, e os melhores rastreadores seriam enviados para trazê-las de volta. Faile estava acostumada com a floresta, mas sabia que não deveria se colocar contra os rastreadores Aiel. Era muito desagradável para os *gai'shain* “comuns” que fugiam e eram recapturados. Para os *gai'shain* de Sevanna, talvez fosse melhor morrer tentando. Na melhor das hipóteses, eles nunca teriam a oportunidade de uma segunda tentativa.

“O resto de nós teria uma chance melhor se você e Bain viessem conosco,” ela disse em voz baixa. O fluxo de homens e mulheres vestidos de branco carregando água por elas continuou, ninguém

parecia mais do que olhar na direção delas, mas a cautela se tornara arraigada nela nas últimas duas semanas. Luz, parecia mais dois anos! “Que diferença pode haver entre ajudar Lacile e Arrela a chegar à floresta e ajudar o resto de nós a chegar mais longe?” Isso era o desespero falando. Ela sabia a diferença — Bain e Chiad eram suas amigas e a ensinaram sobre os costumes de Aiel, sobre *ji'e'toh* e até um pouco da conversa de Donzela — e não a surpreendeu quando Chiad virou a cabeça ligeiramente para encará-la com olhos cinzentos que não tinham nada de mansidão de *gai'shain*. Nem na sua voz, embora ela ainda falasse baixinho.

“Vou ajudá-la na medida do possível porque não é certo que os Shaido a prendam. Você não segue o *ji'e'toh*. Eu sigo. Se eu deixar de lado minha honra e minhas obrigações só porque os Shaido deixaram, então estarei permitindo que eles decidam como vou agir. Eu vou usar branco por um ano e um dia e então eles vão me soltar, ou eu vou embora, mas não vou jogar fora quem eu sou”. Sem outra palavra, Chiad caminhou para a multidão de *gai'shain*.

Faile ergueu a mão pela metade para detê-la, depois a deixou cair. Havia feito essa pergunta antes, recebendo uma resposta mais gentil, e ao perguntar novamente, ela insultou sua amiga. Teria que se desculpar. Não para manter a ajuda de Chiad — a mulher não iria retirar isso —, mas porque tinha sua própria honra, mesmo que não seguisse o *ji'e'toh*. Não se insulta amigos e simplesmente esquece, ou se espera que eles esqueçam. As desculpas deviam esperar, no entanto. Elas não ousavam ser vistas conversando por muito tempo.

Malden fora uma cidade próspera, produtora de boa lã e grandes quantidades de vinho de boa qualidade, mas agora era uma ruína vazia dentro das muralhas. Muitas das casas com telhados de ardósia eram de madeira, assim como de pedra, e o fogo se alastrou durante o saque. O extremo sul da cidade era formado por meias pilhas de vigas enegrecidas decoradas com pingentes de gelo, paredes meio chamuscadas e sem teto. As ruas em todos os lugares, fossem pavimentadas com pedras ou terra, estavam cinzentas com as cinzas levadas pelo vento pisadas na neve, e toda a cidade fedia a madeira carbonizada. Água era uma coisa que

Malden aparentemente nunca ficava sem, mas como todos os Aiel, os Shaido atribuíam um valor muito alto a ela, e eles não sabiam nada sobre combate a incêndios. Havia pouca coisa no Deserto Aiel que pudesse queimar. Eles poderiam ter deixado a cidade inteira ser consumida se tivessem acabado com o roubo, e mesmo como foi, eles hesitaram sobre o desperdício de água antes de forçar *gai'shain* com linhas de baldes na ponta da lança e deixar os homens de Malden trazerem seus vagões-bomba. Faile teria pensado que os Shaido pelo menos recompensariam aqueles homens permitindo que eles fossem embora com as pessoas que escaparam de serem escolhidas para *gai'shain*, mas os homens que trabalhavam nas bombas eram jovens e em forma, exatamente do tipo que os Shaido queriam para seus *gai'shain*. Os Shaido mantinham algumas das regras em relação aos *gai'shain* — mulheres grávidas ou com filhos com menos de dez anos foram dispensadas, e jovens com menos de dezesseis anos, e os ferreiros da cidade, que ficaram confusos e agradecidos —, mas a gratidão nunca se fez presente.

Móveis cobriam as ruas, grandes mesas viradas e baús e cadeiras ornamentadas, e às vezes uma tapeçaria amassada ou pratos quebrados. Pedacos de roupas estavam por toda parte, casacos, calças e vestidos, a maioria cortada em farrapos. Os Shaido haviam apreendido qualquer coisa feita de ouro ou prata, qualquer coisa que tivesse pedras preciosas, qualquer coisa útil ou comestível, mas os móveis deviam ter sido levados para fora no frenesi do saque, depois abandonados quando quem os carregava decidiu que uma pequena borda dourada ou finamente esculpida não os fazia valer o esforço. Aiel não usavam cadeiras em nenhum caso, exceto para chefes, e não havia espaço nas carroças e carroções para nenhuma daquelas mesas pesadas. Alguns Shaido ainda perambulavam, procurando nas casas, estalagens e lojas por qualquer coisa que pudessem ter perdido, mas a maioria das pessoas que ela viu eram *gai'shain* carregando baldes. Aiel não tinham interesse em cidades, exceto como depósitos a serem saqueados. Um par de Donzelas passou por ela, usando as pontas



de suas lanças para conduzir um homem nu de olhos arregalados, com os braços amarrados atrás dele, em direção aos portões. Sem dúvida, ele pensou que poderia se esconder em um porão ou sótão até que os Shaido fossem embora. Sem dúvida, as Donzelas pensaram em encontrar um esconderijo de moedas ou pratos. Quando um homem enorme no *cadin'sor* de um *algai'd'siswai* entrou na frente dela, ela desviou para contorná-lo o mais suavemente que pôde. Um *gai'shain* sempre abria caminho para qualquer Shaido.

"Você é muito bonita", disse ele, colocando-se no caminho dela. Ele era o maior homem que ela já tinha visto, talvez dois metros de altura e grosso em proporção. Não gordo — ela nunca tinha visto um Aiel gordo —, mas muito largo. Ele arrotou, e ela sentiu cheiro de fumaça de vinho. Aiel bêbados ela tinha visto, desde que eles encontraram todos aqueles barris de vinho aqui em Malden. Ela não sentiu medo, no entanto. *Gai'shain* podiam ser punidas por qualquer número de infrações, muitas vezes por transgressões que poucos dos aguacentos entendiam, mas as vestes brancas também davam uma certa proteção, e ela tinha outra camada além.

"Sou *gai'shain* da Sábria Sevanna", disse ela no tom mais obsequioso que conseguiu. Para seu desgosto, tinha conseguido que pudesse lidar com isso muito bem. "Sevanna ficaria descontente se eu me esquivasse dos meus deveres para conversar." Ela tentou novamente dar um passo ao redor dele, e engasgou quando ele agarrou seu braço com uma mão que poderia tê-lo enrolado duas vezes com centímetros de sobra.

"Sevanna tem centenas de *gai'shain*. Ela não vai sentir falta de uma por uma hora ou duas."

A cesta caiu no chão enquanto ele a levantava no ar com a mesma facilidade com que pega um travesseiro. Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, ele a colocou debaixo de seu braço, seus próprios braços presos ao seu lado. Ela abriu a boca para gritar, e ele usou a mão livre para pressionar o rosto dela contra seu peito. O cheiro de lã suada encheu seu nariz. Tudo o que ela podia ver era lã marrom-acinzentada. Onde estavam aquelas duas Donzelas? Donzelas da Lança não o deixariam fazer isso!

Qualquer Aiel que visse interviria! Ela nunca esperava ajuda de nenhum dos *gai'shain*. Um ou dois poderiam correr para pedir ajuda, se tivesse sorte, mas a primeira lição que um *gai'shain* aprendia era que mesmo uma ameaça de violência fazia você ser enforcado pelos tornozelos e espancado até você uivar. A primeira lição que os aguamentos aprendiam, pelo menos; os Aiel já sabiam: um *gai'shain* estava proibido de praticar violência por qualquer motivo. Qualquer razão. O que não a impediu de chutar o homem furiosamente. Ela poderia muito bem estar chutando uma parede por toda a impressão que causou. Ele estava se movendo, levando-a para algum lugar. Ela mordeu o mais forte que pôde, e pegou um bocado de lã grossa e suja para suas dores, seus dentes deslizando sobre os músculos sem folga para dar-lhe apoio. Ele parecia feito de pedra. Ela gritou, mas seu grito soou abafado até mesmo para seus próprios ouvidos.

Abruptamente, o monstro que a carregava parou.

“Eu fiz esta *gai'shain*, Nadric,” a voz profunda de outro homem disse.

Faile sentiu um estrondo de riso no peito contra seu rosto antes mesmo de ouvi-lo. Ela não parou de chutar, nunca parou de se contorcer ou tentar gritar, mas seu captor parecia inconsciente de seus esforços. “Ela pertence a Sevanna agora, Sem-Irmãos,” o homem enorme — Nadric? — disse com desprezo. “Sevanna pega o que ela quer, e eu pego o que eu quero. É o novo caminho.”

“Sevanna a pegou,” o outro homem respondeu calmamente, “mas eu nunca a dei para Sevanna. Eu nunca me ofereci para trocá-la com Sevanna. Você abandona sua honra porque Sevanna abandona a dela?”

Houve um longo silêncio quebrado apenas pelos ruídos abafados que Faile estava fazendo. Ela não parava de lutar, não conseguia parar, mas poderia muito bem ter sido uma criança em cueiros.

“Ela não é bonita o suficiente para brigar,” Nadric disse finalmente. Ele não parecia assustado ou mesmo preocupado.

Suas mãos caíram dela, e os dentes de Faile se soltaram de seu casaco tão de repente que ela pensou que um ou dois poderiam ser arrancados, mas o chão bateu em suas costas e todo o ar saiu de

seus pulmões junto com a maior parte do juízo da cabeça dela. No momento em que ela conseguiu reunir fôlego suficiente para levantar as mãos, o homem enorme estava caminhando pelo beco, quase de volta à rua. Era um beco, uma trilha estreita de terra entre dois prédios de pedra. Ninguém teria visto o que ele fizesse aqui. Estremecendo — ela não estava tremendo, apenas estremecendo! — cuspiando o gosto de lã suja e suor de Nadric, ela olhou para as costas dele. Se a faca que havia escondido estivesse ao seu alcance, ela o teria esfaqueado. Não era bonita o suficiente para brigar, não é? Parte dela sabia que era ridículo, mas ela estava agarrando qualquer coisa que pudesse alimentar sua raiva, apenas pelo calor dela. Para ajudá-la a parar de tremer. Ela o teria esfaqueado tanto, até que não pudesse levantar os braços.

Levantando-se sobre as pernas que vacilavam, ela explorou os dentes com a língua. Estavam todos bons, nada quebrado ou faltando. Seu rosto havia sido arranhado pela lã áspera do casaco de Nadric, e seus lábios estavam machucados, mas ela estava ilesa. Ela se lembrou disso. Estava ilesa e livre para sair do beco. Tão livre quanto qualquer um com mantos *gai'shain* poderia estar, de qualquer maneira. Se havia muitos como Nadric que não viam mais a proteção daquelas vestes, então a ordem estava desmoronando entre os Shaido. O acampamento seria um lugar mais perigoso, mas a desordem traria mais oportunidades de fuga. Era assim que ela tinha que olhar para isso. Tinha descoberto algo que poderia ajudá-la. Se pudesse parar de tremer.

Por fim, com relutância, ela olhou para seu salvador. Ela havia reconhecido a voz dele. Ele ficou bem longe dela, observando-a calmamente, sem fazer nenhum movimento para oferecer simpatia. Ela pensou que teria gritado se ele a tocasse. Outro absurdo, já que ele a resgatara, mas mesmo assim um fato. Rolan não era mais do que uma mão mais baixo que Nadric, e quase tão largo, e ela tinha motivos para querer esfaqueá-lo também. Ele não era Shaido, mas um dos Sem-Irmãos, os Mera'din, homens que deixaram seus clãs porque não seguiram Rand al'Thor, e ele realmente foi a pessoa a "torná-la *gai'shain*". É verdade que ele a impediu de congelar até a

morte na noite depois que ela foi capturada, envolvendo-a em seu próprio casaco, mas ela não precisaria da cobertura se ele não tivesse cortado cada último ponto de sua roupa em primeiro lugar. A primeira parte de ser feito *gai'shain* era sempre ser despido, mas isso não era motivo para perdoá-lo por nada disso.

"Obrigada", disse ela, as palavras azedas em sua língua.

"Eu não peço gratidão", disse ele suavemente. "Não olhe para mim como se você quisesse me morder só porque você não conseguiu morder Nadric."

Ela conseguiu não rosnar para ele — por pouco; ela não poderia ter invocado mansidão naquele momento, se quisesse — antes de se virar e voltar para a rua. Bem, ela tentou caminhar. Suas pernas ainda estavam tremendo o suficiente para que fosse mais um balançar. Os *gai'shain* que passavam mal olhavam em sua direção enquanto se arrastavam pela rua com seus baldes de água. Poucos dos cativos queriam compartilhar os problemas de outras pessoas. Eles já tinham o suficiente.

Alcançando o cesto de roupa suja, ela deu um suspiro. Estava deitado de lado, blusas de seda branca e saias de seda escura divididas para cavalgadas espalhadas pelo chão sujo e manchado de cinzas. Pelo menos parecia que ninguém os havia pisado. Qualquer um que estivesse carregando água a manhã toda, e tivesse um dia para esperar, poderia ter sido perdoado se não se afastasse, com peças de roupa espalhadas por toda parte, que haviam sido tomadas do povo de Malden, que havia sido feito *gai'shain*. Ela teria tentado perdoá-los. Endireitando a cesta, começou a juntar as roupas, sacudindo a sujeira e as cinzas que se soltavam e tomando cuidado para não triturar o resto. Ao contrário de Someryn, Sevanna gostava de seda. Ela não usava mais nada. Estava tão orgulhosa de suas sedas quanto de suas joias, e igualmente possessiva com ambas. Não ficaria satisfeita se alguma dessas roupas não fosse devolvida limpa.

Quando Faile colocou a última blusa em cima do resto, Rolan passou por ela e ergueu a cesta com uma das mãos. À beira de dar uma bronca nele — ela poderia carregar seus próprios fardos, muito

obrigado! — engoliu as palavras. Seu cérebro era a única arma real que ela possuía, e ela tinha que usá-lo em vez de deixar seu temperamento ter controle. Rolan não estava ali por acaso. Isso seria forçar demais a credulidade. Ela o tinha visto com frequência desde que foi capturada, muito mais vezes do que o acaso poderia explicar. Ele a estava seguindo. O que foi que ele disse a Nadric? Ele não a tinha dado a Sevanna ou oferecido para trocá-la. Apesar de ter sido ele quem a capturou, ela achava que ele desaprovava fazer aguacentos de *gai'shain* — a maioria dos Sem-Irmão desaprovava —, mas aparentemente ele ainda reivindicava seus direitos sobre ela.

Ela tinha certeza de que não precisava temê-lo tentando forçá-la. Rolan teve sua chance para isso, quando a teve nua e amarrada, e poderia muito bem estar olhando para um poste de cerca. Talvez ele não gostasse de mulheres dessa maneira. De qualquer forma, os Sem-Irmãos eram quase tão estranhos entre os Shaido quanto os aguacentos. Nenhum dos Shaido realmente confiava neles, e os próprios Sem-Irmãos muitas vezes pareciam homens tapando o nariz, aceitando o que consideravam um erro menor em vez de abraçar um maior, mas não mais realmente certos de que era menor. Se ela pudesse fazer do homem um amigo, talvez ele estivesse disposto a ajudá-la. Não a escapar, certamente — isso seria pedir demais — mas... E se não fosse? A única maneira de descobrir era tentar.

“Obrigada,” ela disse novamente, e desta vez ela esboçou um sorriso. Surpreendentemente, ele sorriu de volta. Um pequeno sorriso, quase inexistente, mas Aiel não demonstravam. Eles podiam parecer impassíveis até você se acostumar com eles.

Por alguns passos, eles caminharam lado a lado em silêncio, ele carregando a cesta em uma mão e ela segurando as saias de suas vestes. Eles podem estar saindo para um passeio. Se você apertasse os olhos. Alguns dos *gai'shain* que passavam olhavam para eles com surpresa, mas sempre baixavam os olhos rapidamente. Ela não conseguia pensar em como começar — ela

não queria que ele pensasse que ela estava flertando; ele poderia gostar de mulheres, afinal —, mas ele eliminou a necessidade.

"Eu observei você", disse ele. "Você é forte e feroz, e não tem medo, eu acho. A maioria dos aguacentos está com medo até a metade. Eles bramam até serem punidos, e então choram e se acovardam. Acho que você é uma mulher de muito *ji*."

"Estou assustada", ela respondeu. "Apenas tento não deixar transparecer. Chorar nunca faz bem." A maioria dos homens acreditava nisso. As lágrimas podem atrapalhar se você deixar, mas algumas lágrimas derramadas à noite podem ajudá-lo a superar o dia seguinte.

"Há momentos para chorar e momentos para rir. Eu gostaria de ver você rir."

Ela riu, uma risada seca. "Há pouca razão enquanto eu visto branco, Rolan." Ela olhou para ele com o canto do olho. Estava indo muito rápido? Mas ele apenas assentiu.

"Ainda assim, gostaria de ver. Sorrisos combinam com seu rosto. O riso seria ainda melhor. Não tenho esposa, mas às vezes consigo fazer uma mulher rir. Ouvi dizer que você tem marido?"

Assustada, Faile tropeçou nos próprios pés e se agarrou no braço dele. Rapidamente, ela afastou a mão, estudando-o além da borda de seu capuz. Ele fez uma pausa longa o suficiente para ela se firmar, então continuou andando quando ela andou. Sua expressão não era mais do que levemente curiosa. Apesar de Nadric, o costume dos Aiel era que uma mulher fizesse o pedido, depois que um homem atraísse seu interesse. Dar-lhe presentes era uma maneira. Fazê-la rir era outra. E tinha pensado que ele não gostava de mulheres. "Eu tenho um marido, Rolan, e o amo muito. MUITÍSSIMO. Mal posso esperar para voltar a ele."

"O que acontece enquanto você é *gai'shain* não pode ser usado contra você quando você coloca o branco," ele disse calmamente, "mas talvez vocês aguacentos não vejam assim. Ainda assim, pode ser solitário quando você é *gai'shain*. Talvez possamos conversar algumas vezes."

O homem queria vê-la rir, e ela não sabia se ria ou chorava. Ele estava anunciando que não pretendia desistir de tentar atrair o interesse dela. As mulheres Aiel admiravam a perseverança em um homem. Ainda assim, se Chiad e Bain não quisessem, se não pudessem, auxiliar além de ajudá-la a alcançar as árvores, Rolan era sua melhor esperança. Ela pensou que poderia convencê-lo, com o tempo. Claro que podia; corações fracos nunca tinham sucesso! Ele era um pária desprezado, aceito apenas porque os Shaido precisavam de sua lança. Mas ela ia ter que lhe dar uma razão para persistir.

"Eu gostaria disso", disse ela cuidadosamente. Afinal, um pouco de flerte poderia ser necessário, mas ela não podia deixar de dizer a ele o quanto amava seu marido direto para olhos arregalados e sem fôlego. Não que tivesse qualquer intenção de ir tão longe — ela não era domanesa! — ainda que precisasse se aproximar. Por enquanto, um pequeno lembrete de que Sevanna havia usurpado seu "direito" não faria mal. "Eu tenho trabalho a fazer agora, no entanto, e duvido que Sevanna ficaria satisfeita se eu passasse o tempo conversando com você em vez disso."

Rolan assentiu novamente e Faile suspirou. Ele podia saber como fazer uma mulher rir, como dizia, mas certamente não falava muito. Ela ia ter que trabalhar para atraí-lo se pretendia obter algo mais do que piadas que não entendia. Mesmo com a ajuda de Chiad e Bain, o humor dos Aiel permanecia incompreensível para ela.

Eles haviam chegado à ampla praça em frente à fortaleza no extremo norte da cidade, uma massa imponente de paredes de pedra cinza que protegiam seus habitantes não melhor do que as muralhas da cidade. Faile pensou ter visto a senhora que governara Malden e tudo mais por trinta quilômetros, uma bela e digna viúva de meia-idade, entre os *gai'shain* transportando água. Homens e mulheres vestidos de branco carregando baldes lotavam a praça pavimentada de pedra. No extremo leste da praça, o que parecia ser uma parte da muralha externa da cidade, cinza e com dez metros de altura, era na verdade a parede de uma enorme cisterna alimentada por um aqueduto. Quatro bombas, cada uma acionada por um par

de homens, jorravam água para encher os baldes, um pouco mais espirrando nas pedras do pavimento do que os homens ousariam permitir se soubessem que Rolan estava perto o suficiente para ver. Faile havia pensado em rastejar pelo aqueduto em forma de túnel para escapar, mas elas não tinham como manter nada seco, e onde quer que ele as deixasse sair, elas estariam encharcadas e mais propensas a congelar até a morte do que fazer mais de dois quilômetros ou três na neve.

Havia dois outros lugares na cidade para obter água, ambos alimentados por dutos de pedra subterrâneos, mas ali uma longa mesa de pau-preto com pés de leão havia sido colocada ao pé da parede da cisterna. Uma vez tinha sido uma mesa de banquete, a parte superior incrustada com marfim, mas as cunhas de marfim foram arrancadas e várias tinas de madeira estavam sobre a mesa agora. Um par de baldes de madeira estava ao lado da mesa, e em uma extremidade uma chaleira de cobre fumegava sobre um fogo feito de cadeiras quebradas. Faile duvidava que Sevanna tivesse levado suas roupas para a cidade para poupar seus *gai'shain* do trabalho de transportar água para as barracas, mas, fosse qual fosse o motivo, Faile estava grata. Um cesto de roupa suja era mais leve do que baldes cheios de água. Ela tinha carregado o suficiente deles para saber. Duas cestas estavam sobre a mesa, mas apenas uma mulher usando o cinto e colar dourados estava trabalhando, as mangas de seu manto branco enroladas o mais alto que podiam e seus longos cabelos escuros amarrados com uma tira de pano branco para impedi-lo de cair na água da cuba.

Quando Alliandre viu Faile se aproximando com Rolan, ela se endireitou, enxugando os braços nus no roupão. Alliandre Maritha Kigarín, Rainha de Ghealdan, Abençoada da Luz, Defensora da Muralha de Garen e mais uma dúzia de títulos, tinha sido uma mulher elegante, reservada, equilibrada e imponente. Alliandre, a *gai'shain*, ainda era bonita, mas tinha uma expressão perpetuamente atormentada. Com manchas úmidas em suas vestes e as mãos enrugadas pela longa imersão na água, ela poderia ter passado por uma linda lavadeira. Observando Rolan largar a cesta e



sorrir para Faile antes de se afastar, observando Faile devolver o sorriso, ela ergueu uma sobrancelha interrogativa.

“Foi ele que me capturou”, disse Faile, colocando peças de roupa da cesta sobre a mesa. Mesmo aqui entre ninguém além de *gai'shain*, era melhor conversar enquanto o trabalho era feito. “Ele é um dos Sem-Irmãos, e acho que ele realmente não aprova fazer aguacentos de *gai'shain*. Acho que ele pode nos ajudar.”

“Entendo”, disse Alliandre. Com uma mão, ela roçou delicadamente a parte de trás do manto de Faile.

Franzindo o cenho, Faile se virou para olhar por cima do ombro. Por um momento ela olhou para a sujeira e as cinzas que cobriam suas costas dos ombros para baixo; então o calor inundou seu rosto. “Eu caí,” ela disse rapidamente. Ela não podia contar a Alliandre o que havia acontecido com Nadric. Ela não achava que poderia contar a ninguém. “Rolan se ofereceu para carregar minha cesta.”

Alliandre deu de ombros. “Se ele me ajudasse a escapar, eu me casaria com ele. Ou não, como ele quiser. Ele não é muito bonito, mas não seria doloroso, e meu marido, se eu tivesse um, nunca teria que saber. Se ele tivesse algum bom senso, ficaria muito feliz em me receber de volta e não faria perguntas para as quais não quisesse ouvir respostas.”

Com as mãos apertando uma blusa de seda, Faile cerrou os dentes. Alliandre era sua vassala, através de Perrin, e ela mantinha isso bem o suficiente, pelo menos no que dizia respeito a obedecer a ordens, mas a natureza do relacionamento tornou-se tensa. Elas concordaram que deveriam tentar pensar como servas, tentar ser servas, se quisessem sobreviver, mas isso significava que cada uma tinha visto a outra fazendo reverência e correndo para obedecer. As punições de Sevanna eram distribuídas pelos *gai'shain* mais próximos à mão quando ela tomava sua decisão, e uma vez que Faile recebeu ordens para punir Alliandre. Pior, Alliandre recebeu ordens de retribuir o favor duas vezes. Segurar a mão só significava garantir o mesmo para você, mais a outra mulher, tendo que suportar uma dose dupla de alguém que não pouparia seu braço.

Tinha que fazer a diferença quando você fez duas vezes sua dama suserana chutar e gritar.

Abruptamente, ela percebeu que a blusa que estava segurando era uma daquelas que acumularam sujeira extra quando a cesta caiu. Afrouxando seu aperto, ela examinou a roupa ansiosamente. Não parecia que tivesse aterrado a terra. Por um momento, ela sentiu alívio e depois irritação por estar aliviada. Ainda mais irritante, o alívio não foi embora.

"Arrela e Lacile fugiram há três dias", disse ela em voz baixa. "Elas devem estar bem longe agora. Onde está Maighdin?"

Uma carranca preocupada apareceu no rosto da outra mulher. "Ela está tentando se infiltrar na tenda de Therava. Therava passou por nós com um grupo de Sábias, e pelo que ouvimos, elas pareciam estar a caminho de se encontrar com Sevanna. Maighdin empurrou sua cesta para mim e disse que ia tentar. Eu acho... acho que ela está ficando desesperada o suficiente para arriscar demais," ela disse com um toque de desesperança em sua própria voz. "Ela já deveria estar aqui."

Faile respirou fundo e soltou o ar lentamente. Todas estavam ficando desesperadas. Elas haviam reunido suprimentos para a fuga — facas e comida, botas e calças masculinas e casacos que se encaixavam o suficiente, todos cuidadosamente escondidos nas carroças; os mantos brancos serviriam como cobertores e como mantos para escondê-las na neve —, mas a chance de usar toda aquela preparação parecia não estar mais perto agora do que no dia em que foram capturadas. Apenas duas semanas. Vinte e dois dias, para ser exato. Isso não deveria ter sido longo o suficiente para mudar alguma coisa, mas sua pretensão de serem servas as estava mudando, apesar de tudo o que podiam fazer. Apenas duas semanas, e elas se viram pulando para obedecer ordens sem pensar, se preocupando com punições e se estavam agradando Sevanna. O pior de tudo era que elas podiam se ver fazendo essas coisas, sabiam que alguma parte delas estava sendo moldada contra suas vontades. Por enquanto, elas podiam dizer a si mesmas que estavam apenas fazendo o que era necessário para evitar

suspeitas até que pudessem escapar, mas a cada dia, as reações se tornavam mais automáticas. Quanto tempo antes da fuga, um sonho pálido foi sonhado na noite após um dia sendo uma *gai'shain* perfeito em pensamento e ação? Ninguém ousara fazer essa pergunta em voz alta, até agora, e Faile sabia que ela mesma tentava não pensar nisso, mas a pergunta estava sempre no limite de sua consciência. De certa forma, ela estava com medo de ir embora. Quando fosse, já teria sido respondido?

Com um esforço, ela se forçou a sair do desânimo. Essa era a segunda armadilha, e apenas a força de vontade a mantinha aberta. “Maighdin sabe que precisa ter cuidado”, disse ela com voz firme. “Ela estará aqui em breve, Alliandre.”

“E se ela for pega?”

“Ela não vai ser!” Faile disse bruscamente. Se ela fosse... Não. Ela tinha que pensar na vitória, não na derrota. Corações fracos nunca venciam.

Lavar a seda era demorado. Os baldes de água que elas buscavam nas bombas das cisternas estavam gelados, mas a água quente retirada da chaleira de cobre fazia a temperatura das cubas ficar morna. Não se pode lavar seda em água quente. Afundar as mãos nas tinas era maravilhoso no frio, mas sempre se tinha que tirá-las de novo, e então o frio era duas vezes mais amargo. Não havia sabonete, não que fosse suave o suficiente de qualquer maneira, então cada saia e blusa tinham que ser submersas uma a uma e delicadamente esfregadas contra si mesmas. Em seguida, era colocado em um pedaço de toalha e enrolado suavemente para espremer o máximo de água possível. A roupa úmida era mergulhada novamente, em outra tina cheia de uma mistura de vinagre e água — que reduzia o desbotamento e aumentava o brilho da seda — e depois enrolada em toalha novamente. A toalha molhada era espremida com força e estendida ao sol para secar onde houvesse espaço, enquanto cada peça de seda era pendurada em um poste horizontal, pendurada à sombra de um pavilhão de lona áspero erguido na borda da praça e alisada à mão para esfregar as rugas. Com sorte, nada precisaria ser passado. Ambas

sabiam como a seda tinha que ser cuidada, mas passar a ferro precisava de experiência que nenhuma delas tinha. Nenhum dos *gai'shain* de Sevanna sabia, nem mesmo Maighdin, embora ela tivesse sido criada de uma dama antes mesmo de entrar a serviço de Faile, mas Sevanna não aceitava desculpas. Toda vez que Faile ou Alliandre iam pendurar outra peça de roupa, verificavam as que já estavam lá e alisavam as que pareciam precisar.

Faile estava colocando água quente em uma tina quando Alliandre disse amargamente: “Aí vem a Aes Sedai”.

Galina era Aes Sedai, completa com o rosto que aparentava não ter idade e um anel dourado da Grande Serpente em seu dedo, mas ela também usava vestes *gai'shain* brancas — em seda tão grossa quanto a lã de qualquer outra pessoa, nada menos! — junto com um cinto largo e elaborado de ouro e gotas de fogo que apertavam sua cintura com força e um colar alto combinando em volta do pescoço, joias dignas de uma monarca. Ela era Aes Sedai, e às vezes saía do acampamento sozinha, mas sempre voltava, e pulava quando alguma Sábida torcia o dedo, principalmente Therava, cuja barraca ela muitas vezes compartilhava. De certa forma, essa última era a coisa mais estranha de todas. Galina sabia quem era Faile, sabia quem era seu marido e a conexão de Perrin com Rand al'Thor, e ameaçou revelar a Sevanna a menos que Faile e suas amigas roubassem algo da própria barraca em que ela dormia. Essa era a terceira armadilha esperando por elas. Sevanna estava obcecada por al'Thor, insanamente convencida de que poderia de alguma forma se casar com ele, e se ela soubesse sobre Perrin, Faile nunca teria permissão para sair de sua vista o suficiente para pensar em escapar. Ela seria estacada como uma cabra para atrair um leão.

Faile tinha visto Galina se esgueirando e se encolhendo, mas agora a irmã deslizava pela praça como uma rainha desdenhando a ralé ao seu redor, uma Aes Sedai até o talo. Não havia Sábidas aqui para ela sorrir. Galina era bonita, mas nem de longe linda, e Faile não entendia o que Therava via nela, a menos que fosse simplesmente o prazer de dominar uma Aes Sedai. Isso ainda

deixava a questão de por que a mulher permanecia quando Therava parecia aproveitar todas as oportunidades para humilhá-la.

Parando a um passo da mesa, Galina as examinou com um pequeno sorriso que poderia ser chamado de pena. "Vocês não estão progredindo muito em seu trabalho", disse ela. Ela não estava falando da lavanderia.

Era o lugar de Faile para falar, mas Alliandre falou, ainda mais amarga do que antes. "Maighdin foi buscar sua vara de marfim esta manhã, Galina. Quando veremos parte da ajuda que você prometeu?" A ajuda em sua fuga foi a cenoura que Galina ofereceu junto com a vara de ameaçar a exposição de Faile. Até agora, no entanto, elas tinham visto apenas a vara.

"Ela foi à tenda de Therava esta manhã?" Galina sussurrou, o sangue drenando de seu rosto.

Ocorreu a Faile que o sol estava a meio caminho do horizonte a oeste, e seu coração começou a bater dolorosamente. Maighdin deveria ter se juntado a elas há muito tempo.

A Aes Sedai parecia ainda mais abalada do que ela. "Esta manhã?" Galina repetiu, olhando por cima do ombro. Ela deu um sobressalto e um grito quando Maighdin apareceu de repente da multidão de *gai'shain* que lotava a praça.

Ao contrário de Alliandre, a mulher de cabelos dourados tinha ficado mais forte a cada dia desde sua captura. Ela não estava menos desesperada, mas parecia concentrar tudo em determinação. Ela sempre teve uma presença que pertencia mais a uma rainha do que a uma dama de companhia, embora a maioria das damas de companhia a tivesse, mas agora ela tropeçou por elas, com os olhos opacos, e mergulhou as mãos em um balde de água, levando um punhado duplo à boca para beber com sede, depois esfregando as costas da mão na boca.

"Eu quero matar Therava quando formos," ela disse com voz rouca. "Eu gostaria de matá-la agora." Seus olhos azuis ganharam vida novamente, e calor. "Você está segura, Galina. Ela pensou que eu estava lá para roubar. Eu não tinha começado a procurar. Algo... Algo aconteceu, e ela foi embora. Depois de me amarrar. Para mais

tarde." O calor desapareceu de seu olhar para ser substituído por perplexidade. "O que foi, Galina? Até eu sinto isso, e tenho tão pouca habilidade que essas mulheres Aiel decidiram que eu não era perigo. Maighdin poderia canalizar. Não confiável, porém, e não muito — pelo que Faile sabia, a Torre Branca a teria mandado embora em questão de semanas, e ela alegou nunca ter ido — então sua habilidade não seria de muita utilidade para ajudar na fuga delas. Faile teria perguntado sobre o que ela estava falando, mas nunca teve a chance.

O rosto de Galina ainda estava pálido, mas fora isso ela era toda a calma das Aes Sedai. Exceto que ela agarrou um punhado do capuz de Maighdin e o cabelo por baixo e puxou a cabeça para trás. "Não importa o que é", disse ela friamente. "Não tem nada a ver com você. Você só precisa se preocupar em conseguir o que eu quero. Mas você deve se preocupar muito com isso."

Antes que Faile pudesse se mover para defender Maighdin, outra mulher usando o largo cinto dourado sobre suas vestes brancas estava lá, puxando Galina para longe e jogando-a no chão. Rechonchuda e simples, Aravine estava cansada e resignada na primeira vez que Faile a viu, no dia em que a mulher amadúcia lhe entregou o cinto de ouro que ela usava e disse que agora estava a serviço da "Senhora Sevanna". Os dias intermediários endureceram Aravine ainda mais do que Maighdin, no entanto.

"Você está louca por colocar as mãos em uma Aes Sedai?" Galina estalou, lutando para ficar de pé. Escovando a sujeira que manchava suas vestes de seda, ela dirigiu toda a sua fúria para a mulher gorda. "Eu vou fazer você—"

"Devo dizer a Therava que você estava maltratando uma das *gai'shain* de Sevanna?" Aravine interrompeu friamente. Seus sotaques eram cultos. Ela podia ter sido uma mercadora de alguma notoriedade, ou talvez até mesmo uma nobre, mas ela nunca falou do que tinha sido antes de se vestir de branco. "A última vez que Therava pensou que você tinha enfiado o nariz onde ela não queria, todo mundo dentro de cem passos podia ouvir você gritando e implorando."

Galina realmente estremeceu de raiva, a primeira vez que Faile via uma Aes Sedai tão superada. Com um esforço visível, ela ganhou o controle de si mesma. Apenas. Sua voz gotejava ácido. “Nós Aes Sedai fazemos o que fazemos por nossas próprias razões, Aravine, razões que você não poderia entender. Você vai se arrepender de incorrer nessa dívida quando eu decidir cobrar o pagamento. Você vai se arrepender em seu coração.” Dando uma última escovada em suas vestes, ela se afastou, não mais a rainha desdenhosa da ralé, mas um leopardo desafiando um ovelha a bloquear seu caminho.

Ao vê-la partir, Aravine não parecia impressionada e pouco inclinada a conversar. “Sevanna quer você, Faile” foi tudo o que ela disse.

Faile não se deu ao trabalho de perguntar por quê. Ela apenas enxugou as mãos, abaixou as mangas e seguiu a mulher amadúcia, depois de prometer a Alliandre e Maighdin que voltariam assim que pudesse. Sevanna ficou fascinada com as três. Maighdin, a única verdadeira dama de companhia entre seus *gai'shain*, parecia interessá-la tanto quanto a rainha Alliandre e a própria Faile, uma mulher poderosa o suficiente para ter uma rainha como suserana, e às vezes ela chamava uma delas pelo nome para ajudá-la a trocar de roupa ou tomar banho na grande banheira de cobre que ela usava com mais frequência do que a tenda de suor, ou apenas para servir seu vinho. No resto do tempo, elas recebiam as mesmas tarefas que seus outros servos, mas ela nunca perguntava se elas já haviam recebido trabalho ou as dispensava por causa disso. O que quer que Sevanna quisesse, Faile sabia que ela ainda seria responsabilizada pela lavanderia junto com as outras duas. Sevanna queria o que queria quando queria, e não aceitava desculpas.

Não havia necessidade de mostrar a Faile o caminho para a tenda de Sevanna, mas Aravine liderou o caminho através da multidão de carregadores de água até chegarem às primeiras tendas baixas de Aiel, e então ela apontou na direção oposta à tenda de Sevanna e disse: por esse caminho primeiro.”

Faile parou onde estava. "Por que?" ela perguntou desconfiada. Na verdade, havia homens e mulheres entre os servos de Sevanna que estavam com ciúmes das atenções que ela dava a Faile, Alliandre e Maighdin, e embora Faile nunca tivesse detectado isso em Aravine, alguns dos outros poderiam muito bem tentar colocá-las em apuros passando instruções falsas.

"Você vai querer ver isso antes de ver Sevanna. Acredite em mim."

Faile abriu a boca para exigir mais explicações, mas Aravine simplesmente se virou e foi embora. Faile recolheu as saias de suas vestes e a seguiu.

Todos os tipos e tamanhos de carroças e carroções estavam entre as tendas, suas rodas substituídas por trenós. A maioria estava empilhada com trouxas e caixotes de madeira e barris, com as rodas amarradas em cima das cargas, mas ela não precisou seguir Aravine muito antes de ver uma carroça vazia que havia sido esvaziada. Exceto que a cama do carrinho não estava vazia. Duas mulheres estavam deitadas nas ásperas tábuas de madeira, nuas e cruelmente amarradas, tremendo de frio, mas ofegantes como se estivessem correndo. As cabeças das duas mulheres penduravam cansadas, mas como se de alguma forma soubessem que Faile estava lá, ambas olharam para cima. Arrela, uma tairana morena tão alta quanto a maioria das mulheres Aiel, desviou os olhos com vergonha. Lacile, magra e pálida e cairhiena, ficou vermelho brilhante.

"Elas foram trazidas de volta esta manhã", disse Aravine, observando o rosto de Faile. "Elas serão desamarradas antes de escurecer, já que é a primeira vez que tentam escapar, embora eu duvide que estejam em condições de andar antes de amanhã."

"Por que você me mostrou isso?" Faile disse. Elas tinham sido tão cuidadosas em manter a conexão entre elas em segredo.

"Você se esquece, minha senhora, eu estava lá quando todas vocês foram colocadas de branco." Aravine a estudou por um momento, então de repente pegou as mãos de Faile e as virou para que suas próprias mãos ficassem entre as palmas de Faile.



Dobrando os joelhos quase ajoelhando-se, ela disse rapidamente: "Sob a Luz e por minha esperança de renascimento, eu, Aravine Carnel, prometo minha fidelidade e obediência em todas as coisas a Lady Faile t'Aybara".

Apenas Lacile pareceu ter notado; os Shaido que passavam não prestaram atenção a duas mulheres *gai'shain*. Faile soltou as mãos. "Como você conhece esse nome?" Ela teve que dar mais de seu nome do que Faile, é claro, mas ela escolheu Faile Bashere assim que percebeu que nenhum dos Shaido tinha a menor ideia de quem era Davram Bashere. Além de Alliandre e os outros, apenas Galina sabia a verdade. Ou assim ela havia pensado. "E para quem você contou?"

"Eu escuto, minha senhora. Eu ouvi Galina falando com você, uma vez." A ansiedade tocou a voz de Aravine. "E eu não contei a ninguém." Ela não parecia surpresa por Faile querer esconder seu nome, embora claramente t'Aybara não significasse nada para ela. Talvez Aravine Carnel não fosse seu verdadeiro nome, ou nem todo. "Neste lugar, os segredos devem ser guardados tão perto quanto em Amador. Eu sabia que essas mulheres eram suas, mas não contei a ninguém. Eu sei que você pretende escapar. Tenho certeza desde o segundo ou terceiro dia, e nada do que vi desde então me convence do contrário. Aceite meu juramento e me leve com você. Posso ajudar e, além disso, posso ser confiável. Eu provei isso guardando seus segredos. Por favor." A última palavra saiu tensa, como se fosse de alguém desacostumado a dizê-la. Uma nobre, então, em vez de uma comerciante.

A mulher não havia provado nada além de que podia espionar segredos, mas isso em si era uma característica útil. Por outro lado, Faile sabia de pelo menos dois *gai'shain* que tentaram escapar e foram traídos por outros. Algumas pessoas realmente tentavam fazer seus próprios ninhos, não importando as circunstâncias. Mas Aravine já sabia o suficiente para estragar tudo. Faile pensou novamente na faca escondida. Uma mulher morta não poderia trair nada. Mas a faca estava a 800 metros de distância, ela não conseguia pensar em nenhuma maneira de esconder o corpo e,

além disso, a mulher poderia ter bajulado Sevanna apenas dizendo que achava que Faile estava planejando uma fuga.

Tomando as mãos de Aravine entre as suas, ela falou tão rápido quanto a outra mulher. “Sob a Luz, eu aceito sua promessa e defenderei e protegerei você e os seus através dos destroços da batalha e da explosão do inverno e tudo o que o tempo pode trazer. Agora. Você conhece mais alguém que pode ser confiável? Não pessoas que você acha que pode confiar, pessoas que você sabe que pode.”

“Não com isso, minha senhora”, disse Aravine sombriamente. Seu rosto brilhou com alívio, no entanto. Ela não tinha certeza se Faile a aceitaria. O alívio mais do que qualquer outra coisa fazia com que Faile tendesse a acreditar nela. Tendesse a confiar, o que não queria dizer completamente. “Metade trairia suas próprias mães na esperança de comprar a liberdade, e a outra metade está com muito medo de tentar ou muito atordoada para ser confiável para não entrar em pânico. Deve haver alguns, e estou de olho em um ou dois, mas quero ser muito cuidadosa. Um erro é um a mais do que me será permitido.”

“Muito cuidado”, concordou Faile. “Sevanna realmente mandou me chamar? Se ela não...”

Parecia que sim, e Faile foi rápida em chegar à tenda de Sevanna — mais rápida do que gostaria, na verdade; era irritante pular para evitar o descontentamento de Sevanna —, mas ninguém lhe deu a menor atenção quando ela entrou e parou humildemente junto às portinholas de entrada.

A tenda de Sevanna não era uma estrutura baixa de Aiel, mas uma tenda de parede de lona vermelha grande o suficiente para precisar de dois postes centrais, iluminada por cerca de uma dúzia de lâmpadas espelhadas. Dois braseiros dourados davam um pouco de calor, emitindo finas gavinhas de fumaça que saíam pelos buracos de fumaça no teto, mas o interior estava um pouco mais quente do que o exterior. Tapetes ricos, a neve cuidadosamente raspada antes de serem colocados, formavam um piso de vermelho, verde e azul, com labirintos tairenos, flores e animais. Almofadas de

seda com borlas estavam espalhadas pelos tapetes, e uma cadeira, uma coisa maciça esculpida e pesadamente dourada, estava em um canto. Faile nunca tinha visto ninguém sentado nela, mas sua presença deveria evocar a presença de um chefe de clã, ela sabia. Estava feliz de ficar quieta com os olhos baixos. Três outros *gai'shain* com cintos e colares dourados, um era um homem barbudo, estavam ao longo de uma parede da tenda, caso algum serviço fosse necessário. Sevanna estava lá, e Therava também.

Sevanna era uma mulher alta, um pouco mais alta que a própria Faile, com olhos verdes pálidos e cabelos como ouro fiado. Ela poderia ser bonita, exceto por um forte toque de avareza em torno de sua boca gorda. Pouco sobre ela realmente parecia Aiel, além de seus olhos e cabelos e rosto escuro de sol. A blusa era de seda branca, a saia dividida para montar e também de seda, cinza-escura, e o lenço dobrado em volta das têmporas era uma chama de carmesim e dourado. Também de seda. Botas vermelhas espreitavam sob a bainha de sua saia quando ela se movia. Anéis de joias decoravam cada dedo dela, e seus colares e pulseiras de pérolas gordas e diamantes lapidados e rubis tão grandes quanto ovos de pombo, safiras e esmeraldas e gotas de fogo, empalideciam qualquer coisa que Someryn tivesse. Nem um único foi feito por Aiel. Therava, por outro lado, era toda Aiel, de lã escura e algodão branco, as mãos nuas e os colares e pulseiras de ouro e marfim. Sem anéis ou pedras preciosas para ela. Mais alta que a maioria dos homens, seu cabelo vermelho escuro com mechas brancas, ela era uma águia de olhos azuis que parecia devorar Sevanna como um cordeiro aleijado. Faile preferiria enfurecer Sevanna dez vezes do que Therava uma vez, mas as duas mulheres enfrentavam uma outra em uma mesa incrustada com marfim e turquesa, e Sevanna encontrava Therava olhar por olhar.

"O que está acontecendo hoje significa perigo", disse Therava com o ar de alguém cansado de se repetir. E talvez prestes a sacar a faca em seu cinto. Ela acariciava o punho enquanto falava, e não totalmente ausente, pensou Faile. "Precisamos colocar a maior distância possível entre nós e o que quer que seja, e o mais rápido

possível. Há montanhas a leste. Assim que as alcançarmos, estaremos seguras até reunirmos todas os clãs novamente. Clãs que nunca teriam sido separados se você não estivesse tão segura de si mesma, Sevanna.”

“Você fala de segurança?” Sevanna riu. “Você ficou tão velha e desdentada que precisa ser alimentada com pão e leite? Olha. Essas suas montanhas estão a que distância? Quantos dias, ou semanas, devemos rastejar por esta neve amaldiçoada?” Ela gesticulou para a mesa entre elas, onde um mapa estava estendido, apoiado com duas grossas tigelas douradas e um pesado castiçal dourado de três pontas. A maioria dos Aiel desprezava os mapas, mas Sevanna os adotara junto com outros costumes dos aguacentos. “O que quer que aconteceu está longe, Therava. Você concorda com isso, assim como todas as Sábias. Esta cidade está cheia de comida, o suficiente para nos alimentar por semanas, se ficarmos aqui. Quem está lá para nos desafiar, se formos? E se formos... Você ouviu os corredores, as mensagens. Em duas ou três semanas, quatro no máximo, mais dez grupos terão se juntado a mim. Talvez mais! Essa neve já terá derretido, se acreditarmos nesses aguacentos da cidade. Viajaremos rapidamente em vez de ter que arrastar tudo em trenós.” Faile se perguntou se alguma das pessoas da cidade havia mencionado lama.

“Mais dez grupos se juntarão a você,” disse Therava, sua voz monótona exceto pela última palavra. Sua mão apertou o cabo da faca. “Você fala pelo chefe do clã, Sevanna, e por isso fui escolhida para aconselhá-la como chefe do clã, que deve ouvir os conselhos para o bem do nosso clã. Aconselho você a se mover para o leste e continuar se movendo para o leste. Os outros grupos podem se juntar a nós tão facilmente naquelas montanhas quanto aqui, e se tivermos que passar um pouco de fome no caminho, quem entre nós é estranho à privação?”

Sevanna acariciou seus colares, uma grande esmeralda na mão direita como fogo verde na luz dos lampiões. Sua boca se apertou e parecia mais faminta por isso. Ela podia ter conhecido a privação, mas apesar da falta de calor na tenda, ela não a escolheria mais.

“Falo pelo chefe e digo que permaneceremos aqui.” Havia mais do que uma pitada de desafio em sua voz, mas ela não deu a Therava a chance de enfrentá-la. “Ah, vejo que Faile veio. Minha boa e obediente *gai'shain*.” Pegando algo embrulhado em um pano da mesa, ela tirou o pano. “Você reconhece isso, Faile Bashere?”

O que Sevanna segurava era uma faca com uma lâmina de um único gume com uma mão e meia de comprimento, uma ferramenta simples do tipo que milhares de fazendeiros carregavam. Exceto que Faile reconheceu o padrão de rebites no cabo de madeira e a lasca na borda. Era a faca que ela havia roubado e escondido com tanto cuidado. Ela não disse nada. Não havia nada a dizer. Os *gai'shain* eram proibidos de possuir qualquer arma, mesmo uma faca, exceto ao cortar carne ou vegetais para cozinhar. Ela não pôde deixar de sacudir a cabeça quando Sevanna continuou, no entanto.

“Bem, Galina me trouxe isso antes que você pudesse usá-la. Para qualquer finalidade. Se você esfaqueasse alguém, eu teria que ficar com muita raiva de você.”

Galina? É claro. A Aes Sedai não permitiria que elas fugissem antes que fizessem o que ela queria.

“Ela está chocada, Therava.” A risada de Sevanna foi divertida. “Galina sabe o que é exigido de *gai'shain*, Faile Bashere. O que devo fazer com ela, Therava? Esse é um conselho que você pode me dar. Vários aguacentos foram mortos por esconder armas, mas eu odiaria perdê-la.”

Therava levantou o queixo de Faile com um dedo e olhou nos olhos dela. Faile encontrou aquele olhar sem piscar, mas sentiu os joelhos tremerem. Ela não tentou dizer a si mesma que era apenas o frio. Faile sabia que não era uma covarde, mas quando Therava olhou para ela, Faile se viu como um coelho nas garras daquela águia, viva e esperando o bico descer. Foi Therava quem primeiro lhe disse para espionar Sevanna e, por mais circunspectas que as outras Sábias pudessem ter sido, Faile não tinha dúvidas de que Therava cortaria sua garganta sem o menor escrúpulo se ela falhasse. Não adiantava fingir que a mulher não a assustava. Ela só tinha que controlar esse medo. Se pudesse.

“Eu acho que ela estava planejando fugir, Sevanna. Mas acho que ela pode aprender a fazer o que ela manda.”

A mesa de madeira rústica havia sido colocada entre as barracas no espaço aberto mais próximo da barraca de Sevanna, a cem passos de distância. A princípio, Faile pensou que a vergonha de estar nua seria o pior de tudo, isso e o frio gélido que atingia sua pele. O sol estava baixo no céu; o ar havia esfriado e ficaria muito mais frio antes do amanhecer. Ela tinha que ficar lá até de manhã. Os Shaido sabiam o que envergonhava os aguacentos e usavam a vergonha como castigo. Ela pensou que iria morrer de rubor sempre que alguém olhasse para ela, mas os Shaido que passavam nem paravam. Em si, a nudez não era motivo de vergonha entre Aiel. Aravine apareceu na frente dela, mas parou apenas o suficiente para sussurrar: “Mantenha sua coragem”, e então ela se foi. Faile entendeu. Fosse ou não a mulher leal, ela não ousava fazer nada para ajudar.

Depois de um tempo muito curto, Faile não se preocupou mais com a vergonha. Seus pulsos foram amarrados atrás dela, e então seus tornozelos foram dobrados para trás e amarrados aos cotovelos. Agora entendia por que Lacile e Arrela estavam ofegantes. Respirar era um esforço nessa posição. O frio era cada vez mais profundo, até que ela tremia incontrolavelmente, mas mesmo isso logo parecia secundário. As câibras começaram a arder em suas pernas, ombros, flancos, músculos tensos que pareciam em chamas, torcendo-se cada vez mais e mais e mais. Ela se concentrou em não gritar. Isso se tornou o centro de sua existência. Ela — não — gritaria. Mas, ah, Luz, ela sentia dor!

“Sevanna ordenou que você ficasse aqui até o amanhecer, Faile Bashere, mas não disse que você não poderia ter companhia.”

Ela teve que piscar várias vezes antes que pudesse ver claramente. O suor ardia em seus olhos. Como ela poderia estar suando quando estava congelada até a medula? Rolan estava parado na frente dela, e estranhamente, estava carregando um par de braseiros de bronze baixos cheios de brasas, com pedaços de pano enrolados em uma perna de cada um para proteger as mãos do calor. Vendo-a olhar para os braseiros, ele deu de ombros. “Uma vez, uma noite no frio não teria me incomodado, mas fiquei mole desde que cruzei a Muralha do Dragão.”

Ela quase engasgou quando ele colocou os braseiros embaixo da mesa. O calor inundou as rachaduras entre as tábuas. Seus músculos ainda gritavam com câibras, mas ah, o calor era abençoado. Ela engasgou quando o homem colocou um braço sobre seu peito e o outro sobre seus joelhos dobrados. De repente, ela percebeu que a pressão havia desaparecido de seus cotovelos. Ele tinha... apertado... ela. Uma de suas mãos começou a trabalhar em sua coxa, e ela quase gritou quando seus dedos cravaram nos músculos nodosos, mas ela sentiu os nós começarem a se soltar. Eles ainda doíam, sua massagem doía, mas a dor naquele músculo de uma coxa estava mudando. Não diminuindo, exatamente, mas ela sabia que iria, se ele continuasse.

"Você não se importa se eu me ocupar enquanto tento pensar em uma maneira de fazer você rir, não é?" ele perguntou.

De repente, ela percebeu que estava rindo, e não histericamente. Bem, era apenas parcialmente histeria. Ela foi amarrada como um ganso para o forno e sendo salva do frio pela segunda vez por um homem que ela pensava que talvez não fosse apunhalar, afinal, Sevanna estaria olhando para ela como um falcão de agora em diante, e Therava poderia estar tentando matá-la como exemplo; mas ela sabia que ia escapar. Uma porta nunca se fechava sem que outra se abrisse. Ela ia escapar. Riu até chorar.



## CAPÍTULO 10

---



### *Um Farol Flamejante*

A empregada de olhos arregalados estava mais acostumada a amassar massa de pão do que a abotoar fileiras de botões minúsculos, mas acabou abotoando Elayne em seu vestido de montaria verde-escuro, fez uma reverência e recuou respirando pesadamente, embora se era pelo esforço de concentração ou apenas por estar na presença da Filha-Herdeira, fosse difícil dizer. O anel da Grande Serpente na mão esquerda de Elayne também podia ter algo a ver com isso. Pouco mais de trinta quilômetros em linha reta a levaria da mansão da Casa Matherin ao rio Erinin e todo seu grande comércio, mas a distância era muito maior em quilômetros reais a serem percorridos pelas montanhas Chishen, e as pessoas ali estavam mais acostumadas às incursões de gado na fronteira de Murandy do que a qualquer tipo de visitante, especialmente uma visita que era Filha-Herdeira e Aes Sedai ao mesmo tempo. A honra parecia além do que alguns dos criados podiam suportar. Elsie tinha sido dolorosamente conscienciosa ao dobrar o vestido de seda azul que Elayne usara na noite anterior e guardá-lo em um grande baú de viagem de couro, que fazia parte de um par no quarto de vestir do aposento, tão conscienciosa que Elayne quase assumiu a tarefa. Ela tinha dormido mal no início, em um sono intermitente e acordando, depois dormiu até tarde quando conseguiu pegar no sono, e estava além da irritação por estar a caminho de Caemlyn.



Esta era a quinta vez que ela passava uma noite fora de Caemlyn desde que soubera que a cidade estava ameaçada e, em cada viagem, ela dedicava um dia para visitar três ou quatro mansões, uma vez cinco, todas propriedade de homens e mulheres vinculados à Casa Trakand por sangue ou juramentos, e cada visita levava tempo. A pressão do tempo pesava sobre seus ossos, mas era necessário apresentar a imagem adequada. Roupas de montaria eram necessárias para viajar de uma mansão para outra para que ela não chegasse amarrotada e parecendo uma fugitiva, mas ela tinha que se trocar antes de decidir se passaria a noite ou apenas algumas horas. Metade daquelas horas podiam ser gastas trocando a roupa de montaria por uma túnica e vice-versa, mas as roupas de montaria falavam de pressa e necessidade, talvez de desespero, enquanto a coroa da Filha-Herdeira e um vestido bordado de renda, desembrulhados de um conjunto de malas de viagem e vestidas após a lavagem, retratava confiança e força. Ela teria trazido sua própria empregada para aumentar a impressão se Essande estivesse a fim de manter o ritmo no inverno, embora suspeitasse que a lentidão da mulher de cabelos brancos a teria mastigado a língua de frustração. Ainda assim, Essande não poderia ter sido tão lenta quanto essa jovem Elsie de olhos arregalados.

Por fim, Elsie lhe entregou sua capa carmesim forrada de pele com uma reverência, e ela atirou a capa sobre os ombros apressadamente. Um fogo ardia na lareira de pedra, mas a sala não estava nem perto de quente, e recentemente ela não conseguia ignorar o frio com confiabilidade. A garota balançou enquanto perguntava se poderia trazer homens para carregar os baús se fosse do agrado de Sua Majestade. A primeira vez que ela fez isso, Elayne explicou gentilmente que ainda não era rainha, mas Elsie parecia horrorizada com a ideia de se dirigir a ela simplesmente como minha senhora, ou mesmo como princesa, embora na verdade o último título fosse considerado muito antiquado. Adequado ou não, geralmente agradava a Elayne ouvir alguém reconhecer seu direito ao trono, mas esta manhã ela estava muito cansada para fazer qualquer coisa, e menos ansiosa para estar na estrada. Reprimindo

um bocejo, ela disse a Elsie secamente para chamar os homens e ser rápida com isso, e virou-se para a porta de lambris. A garota correu para abri-la para ela, o que levou mais tempo do que se ela mesma tivesse aberto, com uma reverência antes de abrir e outra depois. Suas saias de seda divididas sussurravam furiosamente uma contra a outra enquanto ela caminhava para fora do quarto, puxando suas luvas vermelhas de montaria. Se Elsie a tivesse atrasado mais um segundo, ela pensou que teria gritado.

Foi a garota que gritou, no entanto, antes que Elayne desse três passos, um uivo horrorizado que soou rasgado de sua garganta. O manto cintilou quando Elayne girou, abraçando a Fonte Verdadeira, sentindo a riqueza de *saidar* inundar-se nela. Elsie estava de pé na faixa de carpete que corria no meio dos ladrilhos marrom-claros do chão, olhando para o outro lado do salão com as duas mãos pressionadas contra a boca. Dois corredores que se cruzavam se abriam naquela direção, mas não havia outra alma à vista.

“O que foi, Elsie?” Elayne exigiu. Ela já tinha várias tramas à beira de se formar, desde uma simples rede de ar até uma bola de fogo que teria demolido metade das paredes à sua frente, e em seu humor atual, ela queria usar uma delas, para golpear com o Poder. Seu humor estava incerto ultimamente, para dizer o mínimo.

A garota olhou para trás por cima de um ombro, tremendo, e se seus olhos já estavam arregalados antes, eles estavam muito mais arregalados agora. Suas mãos permaneceram presas à boca como se para evitar outro grito. De cabelos escuros e olhos escuros, alta e seios roliços na libré cinza e azul da Casa Matherin, ela não era realmente uma garota — Elsie podia ser quatro ou cinco anos mais velha do que ela —, mas a maneira como ela se comportava tornava difícil pensar nela de qualquer outra forma.

“O que *foi*, Elsie? E *não* me diga que não foi nada. Parece que você viu um fantasma.”

A garota se encolheu. “Eu vi”, disse ela instável. O fato de ela não dar nenhum título a Elayne mostrava o quão instável estava. “Senhora Nelein, a avó de Lorde Aedmun. Ela morreu quando eu era pequena, mas me lembro que até Lorde Aedmun controlava seu

temperamento na ponta dos pés, e as empregadas costumavam pular se ela olhasse para elas, e outras damas que visitavam também, e os lordes também. *Todos* tinham medo dela. Ela estava bem ali na minha frente e fez uma careta tão furiosa...” Ela parou, corando, quando Elayne riu.

Foi mais uma risada de alívio do que qualquer outra coisa. A Ajah Negra não a seguiu de alguma forma até a mansão do Senhor Aedmun. Não havia assassinos esperando com facas em seus punhos, nenhuma irmã leal a Elaida querendo levá-la de volta para Tar Valon. Às vezes ela sonhava com essas coisas, com todas elas no mesmo sonho. Soltou *saidar*, relutante como sempre, arrependida quando aquela plenitude de alegria e vida se esvaiu dela. Matherin a apoiou, mas Aedmun poderia ter levado a mal se ela tivesse arruinado metade de sua casa.

“Os mortos não podem prejudicar os vivos, Elsie,” ela disse gentilmente. Mais gentilmente porque havia rido, sem falar que queria dar um soco nas orelhas da boba. “Eles não são mais deste mundo e não podem tocar em nada nele, incluindo nós.” A garota assentiu e fez outra reverência, mas pelo tamanho de seus olhos e o tremor de seus lábios ela não estava convencida. Elayne não tinha tempo para mimá-la, no entanto. “Traga os homens para minhas malas, Elsie,” ela disse com firmeza, “e não se preocupe com fantasmas.” Com mais uma reverência, a garota saiu correndo, a cabeça girando ansiosamente para o caso de Lady Nelein pular das paredes de lambris. Fantasmas! A garota tola era uma tola!

Matherin era uma casa antiga, se não grande ou forte, e as escadas principais, que desciam para o salão de entrada, eram largas e guarnecidas com grades de mármore. O salão de entrada em si era um espaço generoso, com piso de azulejo cinza e azul, e lamparinas a óleo espelhadas penduradas em correntes do teto seis metros acima. Não havia nada de dourado e pouca incrustação, mas baús e armários esculpidos com ornamentos ficavam ao longo dos lados do salão, e duas tapeçarias estavam expostas em uma parede. Uma mostrava homens caçando leopardos a cavalo, um negócio arriscado na melhor das hipóteses, e a outra mostrava

mulheres da Casa Matherin apresentando uma espada à primeira rainha de Andor, um evento que Matherin valorizava e que poderia ou não ter acontecido.

Aviendha já estava lá embaixo, andando inquieta pelo salão, e Elayne suspirou com a visão. Elas teriam compartilhado um quarto, se não fosse pela implicação de que Matherin não poderia fornecer adequadamente para duas visitantes importantes, mas Aviendha realmente não entendia que quanto menor a casa, mais alto o orgulho. Muitas vezes, as Casas menores possuíam pouco mais. Orgulho ela deveria entender, já que um orgulho feroz e força quase brilhavam dela. De costas retas e ainda mais alta que Elayne, um xale grosso e escuro sobre a blusa clara e um lenço de cabeça cinza dobrado segurando os longos cabelos ruivos, ela era a própria imagem de uma Sábia, apesar de ser apenas um ano mais velha que Elayne. Sábias que sabiam canalizar muitas vezes pareciam ser muito mais jovens do que eram, e Aviendha tinha a dignidade. Neste momento ela tinha, de qualquer maneira, embora as duas já tivessem rido juntas muitas vezes. Claro que sua única joia era um longo colar de prata kandoriano, um broche de âmbar em forma de tartaruga e uma larga pulseira de marfim, e Sábias sempre usavam decorações de colares e pulseiras, mas Aviendha ainda não era uma Sábia, apenas uma aprendiz. Elayne nunca pensou em Aviendha como apenas qualquer coisa, mas isso apresentava problemas de vez em quando. Às vezes ela achava que as Sábias a consideravam também uma espécie de aprendiz, ou pelo menos uma aluna. Um pensamento bobo, com certeza, mas às vezes...

Quando Elayne chegou ao pé da escada, Aviendha ajustou seu xale e perguntou: "Você dormiu bem?" Seu tom era imperturbável, mas a ansiedade se aninhava ao redor de seus olhos verdes. "Você não pediu vinho para ajudá-la a dormir, não é? Assegurei-me de que seu vinho fosse agitado quando comemos, mas vi você olhando para a jarra de vinho."

"Sim, Mãe", disse Elayne com uma voz enjoativamente doce. "Não, Mãe. Eu estava me perguntando como Aedmun colocou as mãos em uma safra tão boa, mãe. Foi uma pena aguardar. E bebi o

leite de cabra antes de dormir.” Se alguma coisa a fazia enjoar, era o leite de cabra! E pensar que ela costumava gostar disso.

Aviendha plantou os punhos nos quadris, uma personificação da indignação, e Elayne teve que rir. Havia inconvenientes em estar grávida, variando de mudanças abruptas em seu temperamento a ternura em seus seios e estar sempre cansada, mas o excesso de cuidado era o pior, em alguns aspectos. Todos no Palácio Real sabiam que ela estava grávida — muitos já sabiam antes dela, cortesia da visão de Min e Min sendo muito língua solta — e ela não achava que poderia ter sido tão maternal quando era nova. Ainda assim, ela aguentava todo o incômodo com tanta graça quanto podia reunir. Normalmente, ela aguentava. Eles estavam apenas tentando ser úteis. Ela só desejava que todas as mulheres que conhecia não acreditassem que a gravidez a deixou sem cérebro. Quase todas as mulheres que ela conhecia. As que nunca tiveram filhos eram as piores.

Pensando em seu bebê — às vezes ela desejava que Min tivesse dito se seria menino ou menina, ou melhor, que Aviendha ou Birgitte pudessem se lembrar exatamente do que Min dissera; Min sempre tinha razão, mas as três haviam consumido muito vinho naquela noite, e Min já havia saído do palácio muito antes que a própria Elayne pudesse perguntar — pensar na criança crescendo dentro dela sempre a fazia pensar em Rand, do mesmo jeito que pensar nele a fazia pensar no bebê. Um seguia o outro com tanta certeza quanto a espuma subia na leiteira. Ela sentia terrivelmente a falta de Rand, e ainda assim não podia sentir falta dele. Uma parte dele, a sensação dele, estava sempre na parte de trás de sua cabeça, a menos que ela mascarasse o vínculo, bem ao lado de sua sensação de Birgitte, sua outra Guardiã. O vínculo tinha seus limites, no entanto. Ele estava em algum lugar a oeste, longe o suficiente para que ela pudesse dizer pouco mais do que o fato de ele estar vivo. Nada mais, na verdade, embora ela achasse que saberia se ele estivesse gravemente ferido. Ela não tinha certeza se queria saber o que ele estava fazendo. Ele esteve muito ao sul por um longo tempo depois de deixá-la, e agora, nesta mesma manhã, ele Viajou para o

oeste. Era desconcertante, realmente, senti-lo em uma direção e, de repente, encontrá-lo em outra, ainda mais longe. Ele poderia estar perseguindo inimigos ou fugindo de inimigos ou qualquer uma das milhares de coisas. Ela esperava muito que fosse algo inócuo que o fizesse Viajar. Ele iria morrer cedo demais — homens que podiam canalizar sempre morriam por isso —, mas ela queria muito mantê-lo vivo o maior tempo possível.

"Ele está bem", disse Aviendha quase como se pudesse ler sua mente. Elas tinham seu próprio senso comum uma da outra desde a adoção mútua como irmãs-primeiras, mas não ia tão longe quanto o vínculo de Guardião que elas e Min compartilhavam com Rand. "Se ele se permitir ser morto, vou cortar suas orelhas."

Elayne piscou, depois riu de novo, e depois de um olhar assustado, Aviendha se juntou a ela. Não era tão engraçado, exceto talvez para um Aiel — o senso de humor de Aviendha era muito estranho —, mas Elayne não conseguia parar de rir, e Aviendha parecia tão impotente quanto ela. Tremendo de alegria, elas se abraçaram e esperaram. A vida era muito estranha. Se alguém houvesse dito a ela alguns anos atrás que ela compartilharia um homem com outra mulher — com duas outras mulheres! — ela teria chamado a pessoa de louca. A própria ideia teria sido indecente. Mas ela amava Aviendha tanto quanto amava Rand, só que de uma maneira diferente, e Aviendha amava Rand tanto quanto ela. Negar isso significava negar Aviendha, e ela poderia fazer isso com tanta facilidade quanto poderia sair de sua pele. As mulheres Aiel, irmãs ou amigas íntimas, muitas vezes se casavam com o mesmo homem e raramente lhe davam alguma opinião sobre o assunto. Ela ia se casar com Rand, assim como Aviendha, e Min também. O que quer que alguém dissesse ou pensasse, isso era tudo. Se ele vivesse o suficiente.

De repente, ela ficou com medo de que seu riso estivesse se aproximando das lágrimas. Que a Luz ajudasse que ela não fosse uma daquelas mulheres que choram quando estão grávidas. Já era ruim o suficiente não saber se ficaria melancólica ou furiosa de um minuto para o outro. As horas podiam passar quando ela se sentia

perfeitamente normal, mas havia horas em que ela se sentia como uma bola de criança quicando por um interminável lance de escadas. Esta manhã, ela parecia estar nas escadas.

“Ele está bem, e ele ficará bem,” Aviendha sussurrou ferozmente, como se pretendesse assegurar sua sobrevivência matando qualquer coisa que o ameaçasse.

Com as pontas dos dedos, Elayne limpou uma lágrima do rosto da irmã. “Ele está bem, e ele ficará bem”, ela concordou suavemente. Mas elas não podiam matar *saidin*, e a mácula na metade masculina do Poder era o que iria matá-lo.

As lâmpadas no teto piscaram quando uma das portas altas para o lado de fora se abriu, deixando entrar uma rajada de ar ainda mais fria do que a do salão de entrada, e elas rapidamente se afastaram um pouco, ficando apenas de mãos dadas. Elayne moldou seu rosto para uma suavidade serena totalmente digna de uma Aes Sedai. Ela não podia permitir que ninguém a visse aparentemente procurando conforto em um abraço. Um governante, ou alguém que procurava governar, não tinha a menor sugestão de fraqueza ou lágrimas, não em público. Já havia rumores suficientes sobre ela, tanto ruins quanto bons. Ela era benevolente ou cruel, imparcial ou arbitrária, generosa ou avarenta, tudo de acordo com a história que se ouvia. Pelo menos as histórias se equilibravam, mas quem pudesse dizer que realmente viu a Filha-Herdeira aninhada nos braços de sua companheira poderia acrescentar uma história de medo à mistura, e se seus inimigos acreditassem que ela estava com medo, eles só ficariam mais ousados. E mais fortes. Covardia era o tipo de boato que grudava como lama gordurosa; nunca era possível lavá-lo completamente. A história registrava mulheres que perderam seu direito ao Trono do Leão sem mais motivos discerníveis. A capacidade era um requisito para um governante bem-sucedido e a sabedoria era de se esperar, embora as mulheres sem ambos tivessem conquistado o trono e se atrapalhado de alguma forma, mas poucos apoiariam uma covarde, e ninguém assim ela ia quer ao seu lado.

O homem que entrou, virando-se para fechar a porta maciça atrás de si, tinha apenas uma perna e usava uma muleta no lugar da outra. Mesmo com acolchoamento de lã, a manga de seu pesado casaco de lã estava desgastada. Um ex-soldado de ombros pesados, Fridwyn Ros administrava a propriedade de Lorde Aedmun, com a ajuda de um escriturário gordo que havia piscado para a Filha-Herdeira consternado, olhando boquiaberto para o anel da Grande Serpente com algo próximo ao temor, e correu de volta para seus livros aliviado assim que percebeu que ela não tinha nada a ver com ele. Ele provavelmente temia uma taxa sobre as contas da mansão. Mestre Ros olhava espantado para o anel dela, com certeza, mas sorria de prazer para a Filha-Herdeira e lamentava não poder mais cavalgar para ela com tanta sinceridade que, se fosse mentiroso, já teria enganado Aedmun e o escriturário de tudo o que possuíam entre eles. Ela não temia que ele carregasse as histórias erradas.

Sua muleta fez um baque rítmico quando ele subiu o salão, e ele conseguiu uma reverência credível apesar dela, incluindo Aviendha em sua cortesia. Ele se assustou com ela no início, mas foi surpreendentemente rápido para conquistar sua amizade, e se ele não confiasse inteiramente em uma Aiel, isso significava que ele a aceitava. Não se pode pedir tudo.

"Os homens estão amarrando suas malas aos animais de carga, minha rainha, e sua escolta está pronta." Ele era um daqueles que se recusavam a chamá-la de qualquer coisa, exceto "minha Rainha" ou "Majestade", mas uma pitada de dúvida entrou em sua voz ao mencionar sua escolta. Ele a cobriu rapidamente com uma tosse e se apressou. "Os homens que estamos enviando com você estão todos montados tão bem quanto podem. Homens jovens, principalmente, e alguns mais experientes, mas todos eles sabem qual ponta de uma alabarda é a certa. Eu gostaria que a mansão pudesse lhe dar mais, mas eu expliquei, quando Lorde Aedmun soube que havia outros reivindicando o que é seu por direito, ele decidiu não esperar pela primavera, e chamou seus armadores e partiu para Caemlyn. Tivemos algumas nevascas ruins desde então,



mas ele pode estar no meio do caminho agora se teve sorte nas passagens.” Seu olhar carregava convicção, mas ele sabia melhor do que ela que, com a má sorte, Aedmun e seus homens poderiam estar mortos naquelas passagens.

“Matherin sempre manteve a fé em Trakand”, Elayne disse a ele, “e confio que sempre manterá. Eu valorizo a lealdade de Lorde Aedmun, Mestre Ros, e a sua.”

Ela não insultou Matherin e ele, prometendo lembrar ou oferecer recompensas, mas o sorriso largo de Mestre Ros disse que ela já havia lhe dado tanta recompensa quanto ele desejava. Matherin receberia recompensas, se fossem merecidas, mas não poderia ser oferecida como se estivesse se oferecendo para comprar um cavalo.

Batendo em sua muleta, Mestre Ros curvou-se para a porta, e fez uma reverência para o largo degrau de granito onde os servos vestindo casacos pesados esperavam no frio intenso com uma taça de vinho quente condimentado que ela rejeitou com um murmúrio. Até que ela tivesse a chance de se ajustar ao ar cortante, queria que ambas as mãos segurassem sua capa fechada. Aviendha provavelmente teria encontrado uma maneira de fazê-la recusar, de qualquer maneira. Ela pegou uma xícara, depois de enrolar o xale na cabeça e nos ombros, a única concessão que fez à manhã gelada. Ela estava ignorando o frio, é claro. Elayne foi quem a ensinou. Elayne tentou novamente afastar o frio e, para sua surpresa, ele recuou. Não até o fim — ela ainda sentia frio —, mas era melhor do que congelar.

O céu estava claro, o sol brilhava sobre as montanhas, mas nuvens de tempestade podiam surgir fervendo nos picos ao redor a qualquer momento. Seria melhor chegar ao seu primeiro destino hoje o mais rápido possível. Infelizmente, Coração de Fogo, seu alto capão preto, estava fazendo jus ao nome dele, empinando e bufando como se nunca tivesse usado uma rédea antes, e a égua cinza de pernas longas e pescoço arqueado de Aviendha tinha colocado em sua cabeça que devia imitá-lo, dançando na neve até os joelhos e tentando ir a qualquer lugar, exceto para onde o cavaliço tentasse levá-la. Ela era um animal mais espirituoso do

que Elayne teria escolhido para sua irmã, mas a própria Aviendha insistiu depois de saber o nome da égua. Siswai significava lança na Língua Antiga. As cavaliças pareciam mulheres capazes, mas pareciam achar que precisavam acalmar os animais antes de entregá-los. Foi tudo o que Elayne pôde fazer para não explodir com elas que tinha conseguido lidar com Coração de Fogo antes que eles o vissem.

Sua escolta já estava montada, para evitar ficar na neve, vinte e poucos cavaleiros com casacos vermelhos de colarinho branco e couraças e elmos brilhantemente polidos da Guarda da Rainha. A dúvida de Mestre Ros podia ser explicada pelo fato de que os casacos dos cavaleiros eram de seda, assim como seus calções vermelhos com a faixa branca em cada perna e pela renda clara que usavam no pescoço e no punho. Eles certamente pareciam mais cerimoniais do que eficazes. Ou talvez porque fossem todos mulheres. As mulheres eram incomuns em trabalhos que exigiam o uso de armas, apenas a guarda ocasional dos comerciantes ou uma mulher rara que aparecia no exército durante a guerra, e Elayne nunca tinha ouvido falar de um grupo de soldados femininos antes de criar um. Exceto as Donzelas, é claro, mas elas eram Aiel e era uma questão diferente. Esperava que as pessoas pensassem que eram uma afetação de sua parte, e em grande parte que fossem decorativas com todas as rendas e seda. Os homens tendiam a subestimar uma mulher carregando armas até enfrentarem uma, e até mesmo a maioria das outras mulheres tendia a considerá-la uma tola sem cérebro. As guarda-costas geralmente tentavam parecer tão ferozes que ninguém ousaria tentar passar por elas, mas seus inimigos apenas encontrariam uma nova maneira de atacar se ela colocasse toda a Guarda da Rainha ao seu lado. Uma Guarda que seus inimigos dispensariam até que fosse tarde demais para se arrepender era seu objetivo. Ela pretendia fazer seus uniformes mais elaborados, em parte para alimentar esses equívocos e em parte para alimentar o orgulho das mulheres como soldados destacados do resto, mas ela mesma não tinha dúvidas. Cada uma delas, desde as guardas dos mercadores até as Caçadoras da

Trombeta, foram cuidadosamente escolhidas por suas habilidades, experiência e coragem. Ela estava pronta para colocar sua vida em suas mãos. E já tinha colocado.

Uma mulher magra usando dois nós dourados de tenente no ombro de seu manto vermelho saudou Elayne com um braço sobre o peito, e seu castrado ruão sacudiu a cabeça, fazendo os sinos de prata em sua crina soarem fracamente, como se ele também estivesse fazendo continência. "Estamos prontas, minha senhora, e a área está livre." Caseille Raskovni era uma daquelas que tinha sido guarda de um comerciante, e seu sotaque arafellino não era o de uma mulher educada, mas sua voz era viva e não era sem sentido. Ela usou a forma adequada de tratamento, e faria isso até que Elayne fosse coroada, mas ela estava pronta para lutar para ganhar essa coroa para Elayne. Muito, muito poucos, homens ou mulheres, estavam na lista da Guarda da Rainha nos dias de hoje, a menos que estivessem prontos para isso. "Os homens que o Mestre Ros entregou também estão prontos. Tão prontos quanto podem ficar." Limpando a garganta, o homem mudou sua muleta e começou a estudar a neve na frente de suas botas.

Elayne percebeu o que Caseille queria dizer. Mestre Ros juntou onze homens da mansão para enviar a Caemlyn e os equipou com alabardas e espadas curtas e todas as armaduras que conseguiu encontrar, nove capacetes únicos sem protetores faciais e sete couraças com amassados que os tornavam vulneráveis. Suas montarias não eram ruins, embora peludas com seus casacos de inverno, mas mesmo amontoados como seus cavaleiros estavam em capas grossas, ela podia ver que era improvável que oito pessoas precisassem se barbear uma vez por semana, se tanto. Os homens que Mestre Ros descrevera como experientes tinham rostos enrugados e mãos ossudas e provavelmente não tinham dentes entre eles. Ele não estava mentindo ou tentando economizar; Aedmun teria reunido todos os homens em forma na área para levar consigo e os equiparia com o melhor que tinha. A história era a mesma em todos os lugares. Aparentemente, um grande número de homens são e vigorosos espalhados por Andor tentavam alcançá-

la em Caemlyn. E nenhum deles provavelmente entraria na cidade até que tudo estivesse decidido agora. Ela poderia procurar todos os dias sem encontrar um único bando. Ainda assim, este pequeno grupo segurava suas alabardas como se soubesse como usá-las. Então, novamente, isso não era difícil de fazer sentado em uma sela em repouso com a coroa da alabarda enfiada em seu estribo. Ela poderia ter conseguido isso.

“Nós visitamos dezenove dessas mansões, irmã,” Aviendha disse suavemente, aproximando-se até que seus ombros se tocaram, “e contando isso, reunimos duzentos e cinco meninos jovens demais para serem sanguinários e velhos que deveriam ter largado a lança há muito tempo. Eu não perguntei antes. Você conhece seu povo e seus modos. Vale a pena o tempo que você gasta com isso?”

“Ah, sim, irmã.” Elayne manteve a voz igualmente baixa, para que o ex-soldado de uma perna só e os servos não pudessem ouvir. A melhor das pessoas poderia virar cabeça de mula se percebesse que você queria que ela se comportasse de uma certa maneira. Especialmente se eles percebessem que a ajuda que dolorosamente reuniram e ofereceram, e você aceitou, não era o que você estava procurando. “Todo mundo naquela aldeia à beira do rio sabe que estou aqui agora, assim como metade das fazendas por quilômetros. Ao meio-dia, a outra metade saberá, e amanhã, a próxima aldeia, e mais fazendas. As notícias viajam lentamente no inverno, especialmente neste país. Eles *sabem* que eu falei sobre minha reivindicação ao trono, mas se eu ganhar o trono amanhã ou morrer amanhã, eles podem não saber disso antes do meio da primavera, talvez nem mesmo até o verão. Mas hoje eles sabem que Elayne Trakand está viva que ela visitou a mansão em sedas e joias e convocou homens para sua bandeira. Pessoas a vinte milhas daqui dirão que me viram e tocaram minha mão. Poucas pessoas podem dizer isso sem falar a favor de quem dizem ter visto, e quando você fala a favor de alguém, você se convence a favorecê-lo. Há homens e mulheres em dezenove lugares ao redor de Andor falando sobre como viram a Filha-Herdeira nesta última semana, e

todos os dias a área que falam se espalha como uma mancha de tinta.

“Se eu tivesse tempo, visitaria todas as aldeias de Andor. Não fará a menor diferença no que acontece em Caemlyn, mas pode fazer toda a diferença depois que eu ganhar.” Ela não admitiria outra possibilidade além de ganhar. Especialmente sem saber quem tomaria o trono se ela falhasse. “A maioria das rainhas em nossa história passou os primeiros anos de seu governo reunindo as pessoas solidamente atrás de si, Aviendha, e algumas nunca fizeram isso, mas tempos mais difíceis do que estes estão por vir. Posso não ter um ano antes de precisar que todos os andoreanos me apoiem. Mal posso esperar até ter o trono. Tempos mais difíceis estão chegando, e eu tenho que estar pronta. Andor tem que estar pronto, e eu devo fazer isso,” ela terminou com firmeza.

Sorrindo, Aviendha tocou a bochecha de Elayne. “Acho que vou aprender muito sobre ser uma Sábua com você.”

Para sua mortificação, Elayne corou de vergonha. Suas bochechas estavam pegando fogo! Talvez as mudanças de humor fossem piores do que o excesso de cuidado. Luz, ela tinha *meses* disso para esperar! Não pela primeira vez, encontrou um núcleo de ressentimento em relação a Rand. Ele tinha feito isso com ela — tudo bem, ela o havia ajudado, instigado o ato, na verdade, mas isso não importava — ele tinha feito isso e foi embora com um sorriso presunçoso no rosto. Ela duvidava que o sorriso dele fosse realmente presunçoso, mas ela podia imaginar isso muito facilmente. Deixe *ele* ir do vertiginoso ao choroso a cada duas horas e veja se ele gosta disso! *Não consigo pensar direito*, pensou ela, irritada. Isso era culpa dele também.

Os cavaleiros finalmente consideraram o Siswai de Coração de Fogo e Aviendha mansos o suficiente para serem montados por damas, e Aviendha subiu em sua sela do bloco de montar de pedra com muito mais graça do que antes, arrumando suas saias volumosas e indivisas para cobrir o máximo possível de seu corpo e pernas com meias escuras. Ela ainda acreditava que suas próprias pernas eram superiores a qualquer cavalo, mas se tornou uma

amazona razoável. Embora tivesse uma tendência a parecer surpresa quando o cavalo fazia o que ela queria. Coração de Fogo tentou dançar uma vez que Elayne estava de costas, mas ela o controlou com inteligência e um pouco mais bruscamente do que faria normalmente. Seus humores oscilantes a levaram a uma súbita sensação de pavor por Rand, e se ela não pudesse garantir sua segurança, havia um homem à mão que ela poderia ter certeza que faria exatamente o que deveria fazer.

Seis das Guardas seguiram a estrada da mansão em uma caminhada lenta, com toda a profundidade que a neve permitia, com o resto seguindo ela e Aviendha em colunas elegantes, as últimas amazonas na fila liderando os animais de carga. Os homens locais seguiam atrás com seu próprio cavalo de carga, uma criatura desgrenhada amarrada com panelas e trouxas ásperas e até meia dúzia de galinhas vivas. Alguns aplausos os saudaram enquanto cavalgavam pela vila com telhado de palha e pela ponte de pedra que cruzava um riacho congelado em curva de serpente, gritos altos de “Elayne do Lírio!” e “Trakand! Trakand!” e “Matherin se levanta!” Mas ela viu uma mulher chorando no peito de seu marido, e lágrimas em seu rosto também, e outra mulher que estava de costas para os cavaleiros e de cabeça baixa, recusando-se até mesmo a olhar. Elayne esperava mandar seus filhos para casa. Deveria haver pouca luta em Caemlyn, a menos que ela cometesse um erro grave, mas haveria algumas, e uma vez que a Coroa de Rosas fosse dela, as batalhas estavam por vir. Ao sul ficavam os Seanchan, e ao norte, Myrddraal e Trollocs esperando para descer para Tarmon Gai'don. Andor sangraria filhos nos dias vindouros. Que a queime, ela não ia chorar!

Além da ponte, a estrada subia novamente, uma subida íngreme por entre pinheiros, abetos e folhas de couro, mas não havia mais de um quilômetro e meio até o prado montanhoso que procuravam. A neve que brilhava sob o sol do meio da manhã ainda trazia marcas de cascos vindos de onde um portal havia deixado um sulco profundo na neve. Poderia estar mais perto da mansão, mas a

possibilidade de alguém estar onde seu portal se abria era sempre um perigo.

O brilho de *saidar* cercou Aviendha enquanto elas cavalgavam para o prado. Ela tinha feito o portal para vir aqui de sua última parada na tarde de ontem, uma mansão cem milhas ao norte, então ela teceria o portal para ir para Caemlyn, mas a visão de Aviendha brilhando com o Poder fez Elayne ficar melancólica. Quem fazia o portal para deixar Caemlyn sempre acabava fazendo todos os outros até que elas voltassem, desde que estudasse o chão em cada lugar que seu portal tocava, mas em cada uma de suas cinco Viagens, Aviendha pediu para fazer esse primeiro portal. Ela poderia simplesmente querer a prática, como afirmava, embora Elayne dificilmente tivesse mais prática do que ela, mas outra possibilidade veio à mente. Talvez Aviendha quisesse impedi-la de canalizar, pelo menos em quantidade considerável. Porque ela estava grávida. A trama que as tornara irmãs da mesma mãe não poderia ter sido usada se uma das duas estivesse grávida, porque o nascituro teria compartilhado o vínculo, algo a que não poderia ser forte o suficiente para sobreviver, mas certamente uma da Aes Sedai no palácio teria dito algo se a canalização fosse evitada durante a gravidez. Por outro lado, pouquíssimas Aes Sedai tiveram filhos. Eles podiam não saber. Ela sabia que havia muitas coisas que as Aes Sedai não sabiam, por mais que fingissem o contrário para o resto do mundo — ela mesma se aproveitava dessa presunção de tempos em tempos —, mas parecia muito estranho que elas ignorassem algo tão importante para a maioria das mulheres. Era como se um pássaro soubesse comer todas as sementes e grãos, exceto cevada, assim supostamente sabia, porque se não soubesse comer cevada, o que mais poderia ignorar? Sábias davam a luz, porém, e elas não falaram nada sobre...

Abruptamente preocupações sobre seu bebê e canalização e o que Aes Sedai poderiam ou não saber foram empurradas para fora de sua cabeça. Ela podia sentir alguém canalizando *saidar*. Não Aviendha, nem alguém em uma das montanhas ao redor, nem ninguém tão perto assim. Isso era distante, como um farol brilhando

no topo de uma montanha distante na noite. Uma montanha muito distante. Ela não podia imaginar o quanto do Poder Único era necessário para que ela sentisse alguém canalizando àquela distância. Toda mulher no mundo que podia canalizar devia ser capaz de sentir isso. E de apontar diretamente para isso. E o farol estava a oeste. Nada havia mudado no vínculo com Rand, ela não poderia dizer exatamente onde ele estava dentro de cem milhas, mas ela sabia.

"Ele está em perigo", disse. "Devemos ir até ele, Aviendha."

Aviendha se sacudiu e parou de olhar para o oeste. O brilho permaneceu ao redor dela, e Elayne pôde sentir que havia atraído a Fonte o mais profundamente que podia. Mas mesmo quando Aviendha se virou para ela, ela sentiu a quantidade de *saidar* que a outra mulher segurava diminuir. "Não devemos, Elayne."

Horrorizada, Elayne girou na sela de Coração de Fogo para encará-la. "Você quer *abandoná-lo*? Com *isso*?" Ninguém conseguia lidar com tanto *saidar*, nem o círculo mais forte, nem sem ajuda. Supostamente existia um *sa'angreal*, maior do que qualquer outra coisa já feita, e se o que ela ouviu estivesse correto, ele poderia lidar com isso. Podia ser. Mas pelo que ela tinha ouvido, nenhuma mulher poderia usá-lo e viver, não sem um *ter'angreal* feito para esse propósito, e ninguém nunca tinha visto um que ela conhecesse. Certamente nenhuma irmã tentaria mesmo que tivesse encontrado um. Aquele tanto do Poder Único poderia nivelar colinas de uma só vez! Nenhuma irmã tentaria, exceto talvez uma das Ajahs Negras. Ou pior, um dos Abandonados. Talvez mais de um. O que mais poderia ser? E Aviendha simplesmente queria *ignorar aquilo*, quando *devia* saber que Rand estava lá?

As mulheres da guarda, sem saber, ainda esperavam pacientemente em seus cavalos, vigiando a linha das árvores ao redor do prado e pouco preocupadas com isso depois de sua recepção na mansão, embora Caseille estivesse observando Elayne e Aviendha, uma leve carranca visível atrás das grades de rosto do capacete dela. Ela sabia que elas nunca demoravam para abrir um portal. Os homens da mansão estavam reunidos em torno de seu



cavalo de carga, apalpando os embrulhos e aparentemente discutindo se algo havia sido incluído ou não. Aviendha ainda aproximou sua égua cinza do capão preto de Elayne e falou com uma voz insustentável.

“Não sabemos de nada, Elayne. Não sabemos se ele está dançando as lanças ou isso é outra coisa. Se ele dançar as lanças e nos apressarmos, ele nos atacará antes de saber quem somos? Vamos distraí-lo porque ele não nos espera e permitir que seus inimigos vençam? Se ele morrer, vamos descobrir quem tirou sua vida e matá-los, mas se formos até ele agora, iremos às cegas, e podemos trazer o desastre em nossas costas.”

“Poderíamos ter cuidado,” Elayne disse mal-humorada. Enfureceu-a que estivesse se sentindo mal-humorada e demonstrando isso, mas tudo o que podia fazer era controlar seus humores e tentar não os deixar dominar completamente. “Não precisamos Viajar direto para o local.” Agarrando sua bolsa, sentindo a pequena escultura de marfim de uma mulher sentada dentro dela, ela olhou incisivamente para o broche de âmbar de sua irmã. “Luz, Aviendha, temos *angreal*, e nenhuma de nós está exatamente indefesa.” Ah, Luz, agora ela estava soando petulante. Ela sabia muito bem que as duas juntas, com *angreal* e tudo, seriam moscas lutando contra uma chama com o que podiam sentir, mas mesmo assim, uma picada de mosca no momento certo poderia fazer a diferença. “E não me diga que vou colocar o bebê em perigo. Min disse que vai nascer forte e saudável. Você mesma me disse isso. Isso significa que vou viver pelo menos o suficiente para que minha filha nasça.” Ela esperava uma filha.

Coração de Fogo escolheu aquele momento para beliscar a égua cinza, e Siswai beliscou de volta, e por um tempo Elayne estava ocupada em controlar seu cavalo castrado e evitar que Aviendha fosse derrubada e dizer a Caseille que elas não precisavam de nenhuma ajuda, e até o final de isso, ela não estava mais se sentindo mal-humorada. Ela queria bater em Coração de Fogo bem entre suas orelhas.

Além de fazer o animal obedecer às rédeas, Aviendha se comportou como se nada tivesse acontecido. Ela franziu a testa, um

pouco incerta, seu rosto emoldurado pela lã escura de seu xale, mas sua incerteza não tinha nada a ver com o cavalo.

"Eu lhe falei sobre os anéis em Rhuidean," ela disse lentamente, e Elayne deu um aceno impaciente. Toda mulher que queria se tornar uma Sábia passava por um *ter'angreal* antes de começar a treinar. Era algo como o *ter'angreal* usado para testar noviças para serem elevadas a Aceitas na Torre Branca, só que neste, uma mulher via toda a sua vida. Todas as suas vidas possíveis, na verdade, cada decisão tomada de forma diferente, um leque infinito de vidas baseadas em escolhas diferentes. "Ninguém consegue se lembrar de tudo isso, Elayne, apenas pedaços e partes. Eu sabia que amaria Rand al'Thor..." ela ainda se sentia desconfortável às vezes em usar apenas o primeiro nome dele na frente dos outros, "e que eu encontraria esposas-irmãs. Para a maioria das coisas, tudo o que você retém é, na melhor das hipóteses, uma vaga impressão. Uma dica de aviso, às vezes. Acho que se formos até ele agora, algo muito ruim vai acontecer. Talvez uma de nós morra, talvez ambas, apesar do que Min disse." O fato de ela ter dito o nome de Min sem se atrapalhar era uma medida de sua preocupação. Ela não conhecia Min muito bem, e geralmente a nomeava formalmente, como Min Farshaw. "Talvez ele morra. Talvez outra coisa. Não tenho certeza — talvez todos nós sobrevivamos e nos sentaremos ao redor de uma fogueira com ele assando pecara quando o encontrarmos —, mas o vislumbre de um aviso está na minha cabeça."

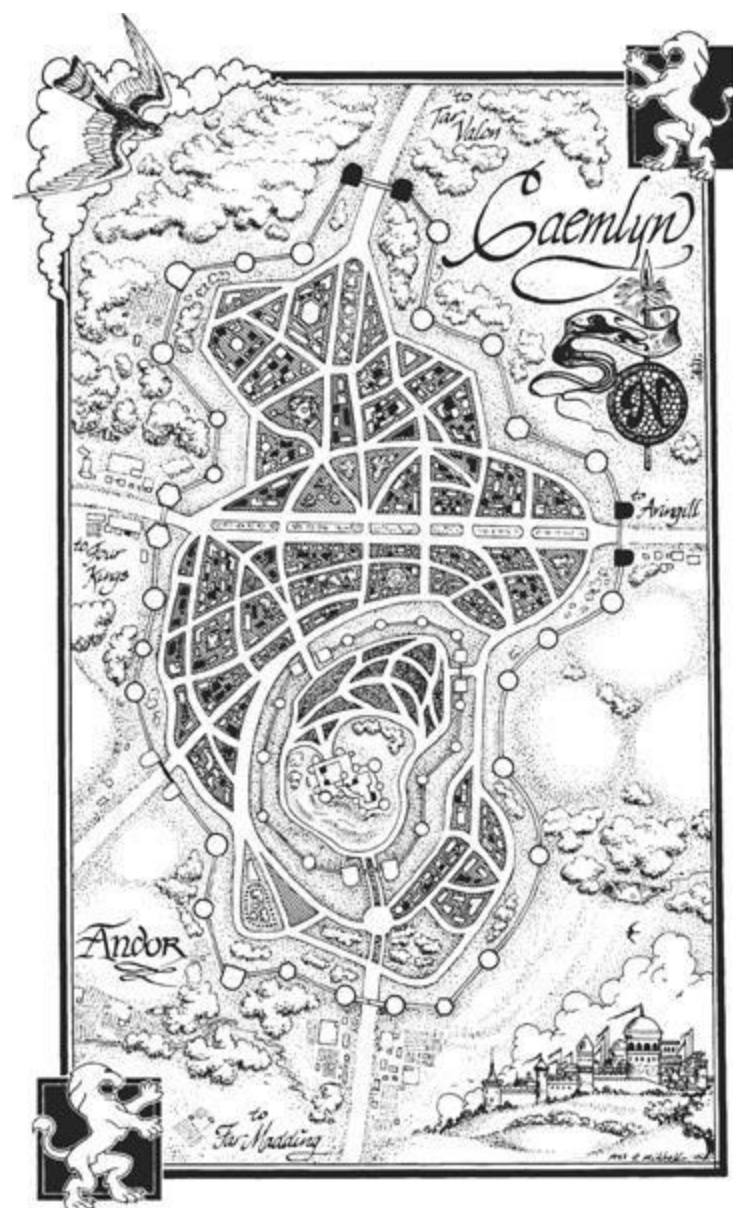
Elayne abriu a boca com raiva. Então ela a fechou novamente, a raiva se esvaindo como água por um buraco, e seus ombros caíram. Talvez o vislumbre de Aviendha fosse verdade ou talvez não, mas o fato era que seus argumentos tinham sido bons desde o início. Um grande risco assumido na ignorância, e assumi-lo podia trazer desastre. O farol ficou ainda mais brilhante. E ele estava lá, exatamente onde estava o farol. O vínculo não lhe dizia isso, não àquela distância, mas ela sabia. E sabia que tinha que deixá-lo cuidar de si mesmo enquanto ela cuidava de Andor.

"Eu não tenho nada para te ensinar sobre ser uma Sábia, Aviendha," ela disse calmamente. "Você já é muito mais sábia do que eu. Para não mencionar mais corajosa e mais cabeça fria.

Voltaremos a Caemlyn.” Aviendha corou levemente sob os elogios — ela podia ser muito sensível, às vezes —, mas não perdeu tempo em abrir o portal, uma visão giratória de um estábulo no Palácio Real que se alargava em um buraco no ar e deixava a neve do prado cair sobre as pedras limpas do calçamento a quase trezentos quilômetros de distância, sem fazer diferença. A sensação de Birgitte, em algum lugar do palácio, surgiu na cabeça de Elayne. Birgitte estava com dor de cabeça e estômago azedo, ocorrências não incomuns ultimamente, mas combinavam muito bem com o humor de Elayne.

*Devo deixá-lo cuidar de si mesmo,* ela pensou enquanto cavalgava. Luz, quantas vezes ela pensou isso? Não importa. Rand era o amor de seu coração e a alegria de sua vida, mas Andor era seu dever.





## CAPÍTULO

### 11

---



### Conversa sobre Dívidas

O portal estava posicionado de forma que Elayne parecia estar cavalgando para fora de um buraco na parede contra a rua, em uma praça marcada por segurança com barris de vinho cheios de areia sobre as pedras do calçamento. Estranhamente, ela não podia sentir uma única mulher canalizando em qualquer lugar do palácio, embora abrigasse mais de cento e cinquenta com a habilidade. Algumas estavam paradas nas muralhas externas da cidade, é claro, longe demais para ela sentir qualquer coisa que não fosse um círculo unido, e algumas estavam completamente fora da cidade, mas alguém no palácio estava quase sempre usando *saidar*, seja para tentar forçar uma das *sul'dam* cativas a admitir que realmente podia ver tramas do Poder Único ou simplesmente para alisar as rugas de um xale sem aquecer um ferro. Não esta manhã, no entanto. A arrogância das Chamadora de Vento muitas vezes combinava com o pior demonstrado por qualquer Aes Sedai, mas mesmo isso devia ser anulado pelo que elas sentiam. Elayne pensou que, se subisse até uma janela alta, deveria ser capaz de ver as tramas daquele grande farol, a centenas de léguas de distância. Sentia-se como uma formiga que acabava de tomar consciência das montanhas, uma formiga comparando a Espinha do Mundo com as colinas que sempre admirara. Sim, até as Chamadoras de Vento deviam estar se sentindo pequenas diante disso.

No lado leste do palácio e fronteado ao norte e ao sul por estábulos de pedra branca pura de dois andares, o Estábulo da Rainha tradicionalmente era entregue aos cavalos e carruagens pessoais da Rainha, e ela hesitou em usá-lo antes que o Trono do Leão fosse reconhecido como dela. Os passos que levavam ao trono eram tão delicados quanto qualquer dança da corte, e se a dança às vezes se assemelhava a uma briga de taverna, você ainda tinha que dar seus passos com graça e precisão para alcançar seu objetivo. Reivindicar os privilégios antes de ser confirmada custou a algumas mulheres a chance de governar. No final, ela decidiu que não era uma transgressão que a faria parecer orgulhosa demais. Além disso, o Estábulo da Rainha era relativamente pequeno e não tinha outro uso. Havia menos pessoas para manter longe de um portal ali. Na verdade, quando ela entrou, o pátio pavimentado de pedra estava vazio, exceto por um único cavaleiro de casaca vermelha parado em uma das portas em arco do estábulo, mas ele se virou para dar um grito para dentro, e dezenas de outros saíram enquanto ela guiava Coração de Fogo para se afastar do quadrado marcado. Afinal, ela poderia ter retornado com uma comitiva de poderosos senhores e senhoras, ou talvez eles apenas esperavam que ela tivesse.

Caseille trouxe as Guardas pelo portal e ordenou que a maioria desmontasse e cuidasse de seus animais. Ela e mais meia dúzia permaneceram em suas selas, vigiando as cabeças das pessoas a pé. Mesmo aqui, ela não deixaria Elayne desprotegida. Particularmente aqui, onde ela enfrentou mais perigo do que em qualquer mansão que visitou. Os homens de Matherin circulavam, atrapalhando cavaleiros e guardas enquanto olhavam boquiabertos para as varandas e colunatas de pedra branca que davam para o pátio e as torres e cúpulas douradas visíveis além dele. O frio parecia menor ali do que nas montanhas — recusar-se a deixá-lo tocá-la, tanto quanto podia no momento, não a tornava totalmente inconsciente —, mas homens, mulheres e cavalos ainda respiravam tênues nuvens de névoa. O odor de esterco de cavalo também parecia forte, depois do ar puro das montanhas. Um banho quente na frente de uma lareira seria bem-vindo. Depois, ela teria que mergulhar

de volta no negócio de garantir o trono, mas agora uma longa imersão seria a coisa certa.

Um par de cavaleiros correu para Coração de Fogo. Uma pegou suas rédeas com uma reverência apressada para Elayne, mais preocupado em ver que o alto capão não se incomodava enquanto Elayne desmontava do que em fazer ela mesma as cortesias, e outro que fez sua reverência e permaneceu curvado com as mãos fazendo um estribo para Elayne. Nenhum deles deu mais do que um olhar para a vista de um prado de montanha coberto de neve, onde normalmente veriam um muro de pedra. Os trabalhadores dos estábulos já estavam acostumados com os portais agora. Ela tinha ouvido falar que eles ganhavam bebidas nas tavernas se gabando de quantas vezes eles viam o Poder sendo usado e as coisas que eles supostamente tinham visto serem feitas com ele. Elayne podia imaginar como seriam essas histórias quando chegassem a Arymilla. Ela gostava bastante da ideia de Arymilla roendo as unhas.

Quando ela pôs os pés nas pedras do calçamento, um grupo de Guardas apareceu ao seu redor, com chapéus carmesins com plumas brancas estendidas nas abas largas e faixas carmesim com bordas rendadas, bordadas com o Leão Branco, que se inclinavam sobre suas couraças brilhantes. Só então Caseille levou o restante da escolta de Elayne para o estábulo. Suas substitutas eram igualmente cautelosas, os olhos observando todas as direções, as mãos pairando perto dos punhos das espadas, exceto Deni, uma mulher larga e de rosto plácido que carregava um longo porrete cravejado de latão. Elas eram apenas nove em número — *Apenas nove*, Elayne pensou amargamente. *Eu preciso de apenas nove guarda-costas no próprio Palácio Real!* — ainda assim, toda aquela que carregava uma espada era especialista. As mulheres que seguiam o “comércio da espada”, como Caseille o chamava, tinham que ser boas, ou mais cedo ou mais tarde seriam cortadas por algum sujeito cuja única vantagem era a força suficiente para derrubá-la. Deni não possuía nenhuma facilidade com uma espada, mas os poucos homens que testaram seu porrete se arrependeram disso. Apesar de seu tamanho, Deni era muito rápida, e ela não tinha noção de luta justa, ou de prática.

Rasoria, a atarracada subtenente encarregada, pareceu aliviada quando os cavaleiros levaram Coração de Fogo. Se a guarda-costas de Elayne conseguisse o que queria, ninguém, exceto elas mesmas, teriam sido permitidas ao alcance de um braço. Bem, talvez não fossem *tão* ruins assim, mas olhavam com desconfiança para quase todos, exceto Birgitte e Aviendha. Rasoria, uma tairana apesar dos olhos azuis e do cabelo louro cortado curto, estava entre as piores nesse quesito, insistindo até em ver os cozinheiros prepararem as refeições de Elayne e provar tudo antes de ser trazido à mesa. Elayne não protestava, por mais zelosas que fossem. Uma experiência de vinho drogado era mais do que suficiente, mesmo quando ela sabia que viveria pelo menos o suficiente para ter um filho. Mas não foi a desconfiança das Guardas nem a necessidade disso que apertou sua boca. Era Birgitte, abrindo caminho pelo estábulo lotado, mas não em direção a ela.

Aviendha foi a última a sair do portal, é claro, depois de ter certeza de que todos haviam passado, e antes de deixar o portal desaparecer, Elayne foi em sua direção, afastando-se tão repentinamente que sua escolta teve que saltar para manter seu anel de guarda ao redor dela. No entanto, com a mesma rapidez com que se movia, Birgitte, com sua grossa trança dourada pendurada na cintura, chegou primeiro, ajudando Aviendha a descer e entregando a égua cinzenta a um cavaleiro de rosto comprido que parecia quase tão musculoso quanto Siswai. Aviendha sempre teve mais dificuldade em descer de um cavalo do que em subir, mas Birgitte tinha mais do que ajuda em mente. Elayne e sua escolta chegaram bem a tempo de ouvir a mulher dizer a Aviendha em voz baixa e apressada: “Ela bebeu o leite de cabra? Ela dormiu o suficiente? Ela sente...” Sua voz sumiu no final, e ela respirou fundo antes de se virar para Elayne, aparentemente calma e sem surpresa por encontrá-la ali. O vínculo funcionava nos dois sentidos.

Birgitte não era uma mulher grande, embora fosse mais alta que Elayne em suas botas de salto alto, tão alta quanto Aviendha, mas geralmente tinha uma presença que só era intensificada pelo uniforme do capitã-mor da Guarda da Rainha, um casaco vermelho curto com



uma colarinho branco alto usado sobre calças azuis largas enfiadas em botas pretas reluzentes, quatro nós dourados no ombro esquerdo e quatro faixas douradas em cada punho branco. Afinal, ela era Birgitte Arco de Prata, uma heroína das Lendas. Ela permanecia cautelosa em tentar viver de acordo com essas lendas; alegava que as histórias eram grosseiramente infladas quando não eram invenções completas. No entanto, ela ainda era a mesma mulher que tinha feito cada uma das coisas que formavam o coração dessas lendas e muito mais. Agora, apesar de sua aparente compostura, o desconforto tingia a preocupação por Elayne que fluía através do vínculo junto com sua dor de cabeça e seu estômago mal-humorado. Ela sabia muito bem que Elayne odiava que elas a verificassem pelas costas. Esse não foi o motivo da irritação de Elayne, mas o vínculo deixou Birgitte saber o quanto ela estava chateada.

Aviendha, calmamente desembrulhando o xale da cabeça e colocando-o sobre os ombros, tentou dar o olhar de uma mulher que não havia feito nada de errado e certamente não estava envolvida com mais ninguém que tivesse feito algo de errado. Ela poderia ter conseguido se não tivesse arregalado os olhos para um toque adicional de inocência. Birgitte era uma má influência para ela em alguns aspectos.

“Eu bebi o leite de cabra,” Elayne disse em uma voz calma, muito consciente das mulheres da Guarda circulando as três. Olhando para fora, os olhos examinando o quintal, as varandas e os telhados, quase todas certamente estavam ouvindo. “Dormi o suficiente. Há mais alguma coisa que você queira *me* perguntar?” As bochechas de Aviendha ficaram levemente coradas.

“Acho que tenho todas as respostas de que preciso no momento”, respondeu Birgitte sem uma pitada do rubor que Elayne esperava. A mulher *sabia* que estava cansada, *sabia* que devia estar mentindo sobre o sono.

O vínculo era decididamente inconveniente às vezes. *Ela* não tinha bebido nada além de meia xícara de vinho extremamente bem aguada na noite anterior, mas estava começando a *ter* a cabeça de ressaca de Birgitte e seu estômago azedo. Nenhuma das outras Aes

Sedai com quem ela havia falado sobre o vínculo havia mencionado algo do tipo, mas ela e Birgitte muitas vezes se espelhavam, física e emocionalmente. A última vez apresentou problemas reais quando seus humores estavam em uma gangorra. Às vezes ela conseguia dar de ombros, ou lutar contra isso, mas hoje ela sabia que teria que sofrer até que Birgitte fosse Curada. Ela pensou que o espelhamento deveria ocorrer porque ambas eram mulheres. Ninguém tinha ouvido falar de alguém que se vinculou a outra mulher antes. Poucas tinham ouvido falar disso agora, para dizer a verdade, e algumas delas pareciam acreditar que não podia ser verdade. Um Guardião era do sexo masculino tão certo quanto um touro era macho. Todos sabiam disso, e poucos paravam para pensar que qualquer coisa que “todo mundo soubesse” merecia um exame minucioso.

Ser pega em uma mentira, quando estava tentando seguir o ditado de Egwene sobre viver como se ela já tivesse tomado os Três Juramentos, deixou Elayne na defensiva, e isso a deixou embotada. “Dyelin voltou?”

“Não,” Birgitte disse tão sem rodeios, e Elayne suspirou. Dyelin havia deixado a cidade dias antes do exército de Arymilla aparecer, levando Reanne Corly com ela para fazer portais e acelerar sua Viagem, e muito dependia do retorno de Dyelin. De quais notícias ela traria de volta. E se ela traria algo além de notícias.

Escolher quem seria a Rainha de Andor era bastante simples, resumido ao essencial. Havia mais de quatrocentas Casas no reino, mas apenas dezenove fortes o suficiente para que outras seguissem para onde elas levassem. Normalmente, todas as dezenove apoiavam a Filha-Herdeira, ou a maioria delas, a menos que ela fosse claramente incompetente. A Casa Mantear perdera o trono para Trakand quando Mordrellen morreu apenas porque Tigraine, a Filha-Herdeira, havia desaparecido e Mantear começara a ter pesadamente meninos. E porque Morgase Trakand reuniu treze Casas em seu apoio. Apenas dez das dezenove eram necessários para ascender ao trono, por lei e costume. Mesmo as pretendentes que ainda achavam que deveriam ter o trono elas mesmas geralmente concordavam com

o resto, ou pelo menos ficavam em silêncio e desistiam de sua perseguição, uma vez que outra mulher tinha dez Casas ao seu lado.

As coisas já estavam ruins o suficiente quando ela tinha três rivais declarados, mas agora Naeen e Elenia estavam unidos apoiando Arymilla Marne, de todas as pessoas, a menos provável das três de ter sucesso, e isso significava que ela tinha duas Casas — duas grandes o suficiente para contar; Matherin e aquelas dezoito outras que ela visitara eram pequenas demais — sua própria Trakand e a Taravin de Dyelin, para enfrentar seis. Ah, Dyelin insistia que Carand, Coelan e Renshar viriam para Elayne, e também Norwelyn, Pendar e Traemane, mas as três primeiros queriam a própria Dyelin no trono, e as três últimas pareciam ter entrado em hibernação. Dyelin era firme em sua lealdade, porém, e incansável em nome de Elayne. Ela persistia em sua crença de que algumas das Casas que estavam se mantendo em silêncio poderiam ser convencidas a apoiar Elayne. É claro que Elayne não podia se aproximar delas, mas Dyelin podia. E agora a situação beirava o desespero. Seis Casas apoiando Arymilla, e só um tolo pensaria que ela não havia enviado batedores para as outras. Ou que algumas pudessem ouvir só porque ela já tinha seis.

Apesar do fato de Caseille e seus guardas terem desocupado o pátio, Elayne e as outras tiveram que abrir caminho pelas pedras do calçamento em meio à multidão. Os homens de Matherin finalmente desceram de seus cavalos, mas ainda estavam se mexendo, largando suas alabardas e pegando-as apenas para soltá-las novamente, tentando descarregar seu cavalo de carga ali no estábulo. Um dos meninos estava perseguindo uma galinha que de alguma forma havia se soltado e estava correndo entre as pernas dos cavalos, enquanto um dos velhos enrugados gritava encorajamentos, embora não fosse claro se pelo menino ou pela galinha. Um vassalo de rosto enrugado com uma mera franja de cabelo branco restante, em um casaco vermelho desbotado que esticava em sua barriga, estava tentando estabelecer a ordem com a ajuda de um guarda apenas um pouco mais jovem, ambos provavelmente retornados de suas aposentadorias, como muitos tinham, mas outro dos meninos parecia prestes a levar seu cavalo peludo para dentro do próprio palácio, e

Birgitte teve que ordenar que ele saísse do caminho antes que Elayne pudesse entrar. O menino, um rapaz de bochechas felpudas que não devia ter mais de quatorze anos, olhou para Birgitte tão boquiaberto quanto paro palácio. Ela era certamente mais pitoresca de farda do que a Filha-Herdeira de vestido de montaria, e ele já tinha visto a Filha-Herdeira. Rasoria deu-lhe um empurrão de volta para o velho vassalo, balançando a cabeça.

“Eu não sei o que posso fazer com eles,” Birgitte resmungou quando uma empregada de libré vermelha e branca pegou o manto e as luvas de Elayne no pequeno salão de entrada. Pequeno em termos do Palácio Real. Com lamparinas douradas piscando entre colunas brancas estreitas e caneladas, tinha metade do tamanho do salão principal de Matherin, embora o teto não fosse tão alto. Outra empregada com o Leão Branco no peito esquerdo do vestido, uma garota não muito mais velha do que o menino que tentara trazer seu cavalo para dentro, ofereceu uma bandeja de prata feita de cordas com copos altos de vinho fumegante e condimentado antes do franzir de testa simultâneo de Aviendha e Birgitte a fazer recuar. “Os malditos meninos adormecem se forem colocados em guarda,” Birgitte continuou, fazendo uma careta para a empregada que se afastava. “Os velhos ficam acordados, mas metade não consegue se lembrar do que deve fazer se vir alguém tentando escalar a maldita parede, e a outra metade não conseguiria lutar contra seis pastores com um cachorro.” Aviendha ergueu uma sobrancelha para Elayne e assentiu.

“Eles não estão aqui para lutar,” Elayne as lembrou quando elas começaram a descer um corredor de ladrilhos azuis alinhado com lâmpadas espelhadas e baús incrustados, Birgitte e Aviendha de cada lado dela e as Guardas espalhando-se alguns passos à frente delas e atrás. *Luz*, pensou, *eu não teria aceitado o vinho!* Sua cabeça latejava no ritmo da de Birgitte, e ela tocou a têmpora, perguntando-se se deveria ordenar a sua Guardiã que fosse buscar a Cura imediatamente.

Birgitte tinha outras ideias, no entanto. Ela olhou para Rasoria e as outras na frente, então olhou por cima do ombro e fez sinal para as

que seguiam para recuar um pouco mais. Isso foi estranho. Ela havia escolhido a dedo todas as mulheres da Guarda e confiava nelas. Mesmo assim, quando ela falou, foi em um sussurro apressado, inclinando a cabeça perto de Elayne. “Algo aconteceu pouco antes de você voltar. Eu estava perguntando a Sumeko se ela me Curaria antes de você voltar, e ela de repente desmaiou. Seus olhos apenas reviraram em sua cabeça, e ela caiu. Não é só ela. Ninguém vai admitir uma maldita coisa, não para mim, mas as outras Kin que eu vi estão saltando de suas malditas peles, e as Chamadoras de Vento também. Nenhuma delas poderia cuspir se fosse preciso. Você voltou antes que eu pudesse encontrar uma irmã, mas suspeito que elas também me olhariam como um peixe. Eles vão te dizer, no entanto.”

O palácio exigia que a população de uma grande aldeia continuasse correndo, e os servos começaram a aparecer, homens e mulheres de libré correndo pelos corredores, achatando-se contra as paredes ou agachando-se em corredores cruzados para dar espaço para a escolta de Elayne, então ela explicou o pouco que sabia em uma voz tão suave e tão poucas palavras quanto possível. Alguns rumores ela não se importava de chegar às ruas, e inevitavelmente Arymilla, mas as histórias de Rand podiam ser tão ruins quanto as histórias dos Abandonados no momento em que eram distorcidas através de algumas recontagens. Piores, de certa forma. Ninguém acreditaria que os Abandonados estavam tentando colocá-la no trono como uma marionete. “De qualquer forma”, ela terminou, “não tem nada a ver conosco aqui.”

Ela achou que parecia muito convincente, muito fria e distante, mas Aviendha estendeu a mão para apertar a sua, o que para um Aiel era tanto quanto um abraço reconfortante com tantas pessoas para ver, e a simpatia de Birgitte inundou o vínculo. Era mais do que comiseração; era o sentimento compartilhado de uma mulher que já havia sofrido a perda que ela mesma temia e muito mais. Gaidal Cain estava perdido para Birgitte com tanta certeza como se estivesse morto e, além disso, suas memórias de suas vidas passadas estavam desaparecendo. Ela não se lembrava claramente de quase nada antes da fundação da Torre Branca, e nem de tudo isso. Algumas

noites, o medo de que Gaidal também desaparecesse de sua memória, de que ela perdesse qualquer lembrança de tê-lo conhecido e amado, a deixava incapaz de dormir até que bebesse o máximo de conhaque que pudesse suportar. Essa era uma solução ruim, e Elayne desejava poder oferecer uma melhor, mas sabia que suas próprias lembranças de Rand não morreriam até que ela morresse, e não podia imaginar o horror de saber que essas lembranças poderiam deixá-la. Ainda assim, esperava que alguém curasse a cabeça de ressaca de Birgitte em breve, antes que ela se abrisse como um melão maduro demais. Sua habilidade com Cura ficava aquém da tarefa, e a de Aviendha não era mais forte.

Apesar da emoção que podia sentir em Birgitte, a outra mulher manteve o rosto suave e despreocupado. “Os Abandonados,” ela murmurou secamente. E suavemente. Esse não era um nome para cogitar. “Bem, contanto que não tenha nada a ver conosco, estamos bem.” Um grunhido que poderia ter sido uma risada lhe desmentiu. Mas então, embora Birgitte dissesse que nunca tinha sido um soldado antes, ela tinha uma visão de soldado. As probabilidades longas eram geralmente as únicas probabilidades que você podia encontrar, mas ainda assim você tinha que fazer o trabalho. “Eu me pergunto o que elas acham disso” ela acrescentou, acenando para as quatro Aes Sedai que tinham acabado de sair de um corredor que cruzava o corredor onde estavam.

Vandene, Merilille, Sareitha e Careane estavam com as cabeças juntas enquanto caminhavam, ou melhor, as três últimas estavam agrupadas em torno de Vandene, inclinando-se para ela e falando com gestos urgentes que faziam balançar as franjas de seus xales. Vandene deslizava lentamente como se estivesse sozinha, sem prestar atenção. Sempre fora esguia, mas o vestido verde-escuro, bordado com flores nas mangas e nos ombros, pendia-lhe como se fosse feito para uma mulher mais robusta, e os cabelos brancos reunidos na nuca pareciam precisar de uma escova. Sua expressão era sombria, mas isso podia não ter nada a ver com o que as outras irmãs estavam dizendo. Ela estava triste desde o assassinato de sua irmã. Elayne teria apostado que aquele vestido tinha pertencido a

Adeleas. Desde o assassinato, Vandene usava as roupas da irmã com mais frequência do que as suas. Não que isso explicasse o ajuste. As duas mulheres eram grandes, mas o apetite de Vandene por comida havia morrido com a irmã. Seu gosto pela maioria das coisas parecia ter morrido.

Sareitha, uma Marrom cujo rosto escuro e quadrado ainda não havia sido tocado pela velhice, viu Elayne naquele momento e pôs a mão no braço de Vandene como se fosse arrastá-la pelo corredor. Vandene afastou a mão da mulher tairana e deslizou com um mero olhar para Elayne, desaparecendo no corredor de onde haviam saído. Duas mulheres vestidas de branco de noviça, que vinham seguindo as outras a uma distância respeitosa, ofereceram rápidas reverências às irmãs restantes e correram atrás de Vandene. Merilille, uma mulher pequenina vestida de cinza escuro que fazia sua palidez cairhiena parecer marfim, olhou como se pudesse segui-la. Careane ajustou o xale de franjas verdes em ombros mais largos do que os de muitos homens e trocou palavras calmas com Sareitha. As duas se voltaram para encontrar Elayne quando ela se aproximou, fazendo suas reverências quase tão profundas quanto as noviças haviam feito. Merilille notou as Guardas e piscou, então notou Elayne e deu um pulo. Sua reverência combinava com a das noviças.

Merilille usava o xale por mais de cem anos, Careane por mais de cinquenta, e até mesmo Sareitha o usava por mais tempo do que Elayne Trakand, mas estar entre as Aes Sedai levava em conta a força no Poder, e nenhuma dessas três era mais do que medianamente forte entre as irmãs. Aos olhos das Aes Sedai, o aumento que a força dava, se não aumentava a sabedoria, pelo menos aumentava o peso de suas opiniões. Com uma lacuna suficiente, essas opiniões tornavam-se comandos. Às vezes, Elayne achava que o jeito das Kin era melhor.

“Eu não sei o que é”, ela disse antes que qualquer uma das outras Aes Sedai pudesse falar, “mas não há nada que possamos fazer sobre isso, então podemos parar de nos preocupar. Temos o suficiente à nossa frente sem nos preocuparmos com coisas que não podemos afetar.”

Rasoria virou a cabeça, franzindo a testa e claramente se perguntando o que havia perdido, mas as palavras suavizaram a ansiedade dos olhos escuros de Sareitha. Talvez não do resto dela, já que suas mãos se moviam como se ela quisesse alisar suas saias marrons, mas ela estava disposta a seguir o exemplo de uma irmã que era tão alta quanto Elayne. Às vezes, havia vantagens em ficar alta o suficiente para reprimir objeções com uma frase. Careane já recuperara a serenidade, se é que a perdera. Ficava bem nela, embora ela parecesse mais uma condutora de carroça do que uma Aes Sedai, apesar de suas sedas cortadas em berilo e rosto liso e acobreado sem idade. Mas então, as Verdes geralmente eram feitas de material mais resistente do que as Marrons. Merilille não parecia nada serena. Olhos arregalados e lábios entreabertos lhe davam uma aparência de espanto. Isso era normal para ela, no entanto.

Elayne continuou pelo corredor, esperando que elas continuassem seus negócios, mas Merilille foi para o lado de Birgitte. A Cinza deveria ter tido a primazia entre as três, mas ela desenvolveu uma tendência a esperar que alguém lhe dissesse o que fazer, e se moveu sem dizer uma palavra quando Sareitha educadamente pediu a Birgitte que lhe desse espaço. As irmãs eram infalivelmente gentis com a Guardiã de Elayne quando ela atuava como Capitã-General. Era Birgitte como Guardiã que eles tentavam ignorar. Aviendha não recebeu tal cortesia de Careane, que se colocou entre ela e Elayne. Quem não treinava na Torre Branca era um Bravia por definição, e Careane desprezava Bravias. Aviendha franziu os lábios, embora não sacasse o canivete nem sugerisse que pudesse fazê-lo, pelo que Elayne ficou grata. Sua primeira irmã podia ser... precipitada, às vezes. Pensando bem, ela teria perdoado um pouco da precipitação de Aviendha naquele momento. O costume proibia a grosseria com outra Aes Sedai em qualquer circunstância, mas Aviendha poderia ter rosnado ameaças e acenado com a faca para contentar seu coração. Isso pode ter sido o suficiente para fazer o trio ir embora, mesmo que ficasse agitado. Careane não pareceu notar o frio olhar verde que a observava.



"Eu disse a Merilille e Sareitha que não havia nada que pudéssemos fazer", disse ela calmamente. "Mas não deveríamos estar prontas para fugir se chegar mais perto? Não há vergonha em fugir disso. Mesmo vinculadas, seríamos mariposas lutando contra um incêndio florestal." Vandene não se daria ao trabalho de ouvir.

"Nós realmente deveríamos fazer algum tipo de preparativos, Elayne," Sareitha murmurou distraidamente, como se estivesse fazendo listas em sua cabeça. "É quando você não faz planos que gostaria de ter feito. Há uma série de volumes na biblioteca aqui que não devem ser deixados para trás. Acredito que vários não podem ser encontrados na biblioteca da Torre."

"Sim." A voz de Merilille estava sem fôlego e tão ansiosa quanto seus grandes olhos escuros. "Sim, nós realmente devemos estar prontas para ir. Talvez... Talvez não devêssemos esperar. Certamente ir por necessidade não violaria nosso acordo. Tenho certeza que não." Apenas Birgitte olhou para ela, mas ela se encolheu.

"Se formos," Careane disse como se Merilille não tivesse falado, "teremos que levar todos as Kin conosco. Deixe que elas se espalhem, e só a Luz sabe o que eles vão fazer ou quando vamos pegá-las novamente, especialmente agora que algumas aprenderam a Viajar." Não havia amargura em sua voz, embora apenas Elayne entre as irmãs do palácio pudesse Viajar. Parecia fazer diferença para Careane que as Mulheres Kin tivessem começado na Torre Branca, mesmo que a maioria tivesse sido apagada e algumas tivessem fugido. Ela mesma identificara nada menos que quatro delas. Pelo menos não eram Bravias.

A boca de Sareitha se apertou, no entanto. Pesava para ela que várias Mulheres Kin pudessem tecer portais, e ela tinha noções muito diferentes das Kin. Normalmente, limitava suas objeções a uma ocasional carranca ou careta depreciativa, já que Elayne havia deixado suas próprias opiniões claras, mas o estresse da manhã parecia ter afrouxado sua língua. "Nós realmente precisamos levá-las conosco," ela disse em um tom cortante, "ou então elas todas vão se dizer Aes Sedai assim que estiverem fora de nossa vista. Qualquer

mulher que afirme que foi expulsa da Torre há mais de trezentos anos irá reivindicar qualquer coisa! Elas precisam ser mantidas sob vigilância, se você me perguntar, em vez de irem como quiserem, principalmente aquelas que podem Viajar. Elas podem ter ido para onde você mandou e voltado até agora, Elayne, mas quanto tempo até um deles não voltar? Grave minhas palavras, uma vez que uma delas escapar, outras seguirão, e teremos uma bagunça em nossas mãos que nunca vamos limpar.”

“Não há razão para irmos a lugar algum”, disse Elayne com firmeza, tanto para as Guardas quanto para as irmãs. Aquele farol distante ainda estava no mesmo local onde ela o havia sentido pela primeira vez, e se ele se movesse, a chance parecia pequena de que se moveria em direção a Caemlyn, muito menos que realmente chegaria lá, mas um boato de que Aes Sedai estavam planejando uma fuga poderia ser o suficiente para provocar uma debandada, turbas lutando para alcançar os portões à frente de qualquer coisa que pudesse assustar Aes Sedai. Um exército saqueando a cidade não mataria tantos. E essas três tagarelavam como se não houvesse ninguém para ouvir, a não ser as tapeçarias! Havia alguma desculpa para Merilille, mas não para as outras. “Nós permaneceremos aqui, como o Trono de Amyrlin ordenou, até que a Amyrlin ordene o contrário. As Mulheres Kin continuarão a receber todas as cortesias até serem recebidas de volta na Torre, e isso também é comando da Amyrlin, como vocês bem sabem. E vocês continuarão ensinando as Chamadoras de Vento e seguirão suas vidas como as Aes Sedai devem. Devemos lidar com os medos das pessoas e acalmá-los, não espalhar fofocas sem sentido e pânico.”

Bem, talvez ela tivesse sido um pouco mais que firme. Sareitha fixou o olhar no piso como uma noviça repreendida. Merilille estremeceu novamente à menção das Chamadoras de Vento, mas isso era de se esperar. As outras davam aulas, mas o Povo do Mar segurava Merilille com tanta força quanto segurava uma de suas aprendizes. Ela dormia em seus alojamentos e normalmente não era vista sem duas ou três delas, e ela seguia mansamente em seus

calcanhares. Elas se recusaram a aceitar menos do que mansidão dela.

“Claro, Elayne,” Careane disse apressadamente. “É claro. Nenhuma de nós sugeriria desobedecer à Amyrlin.” Hesitando, ela ajustou o xale de franjas verdes sobre os braços, aparentemente ocupada em colocá-lo exatamente assim. Ela poupou um olhar de pena para Merilille. “Mas falando do Povo do Mar, você poderia dizer a Vandene para fazer a parte dela nas aulas?” Quando Elayne não disse nada, sua voz assumiu um tom que seria considerado taciturno em qualquer pessoa que não fosse Aes Sedai. “Ela diz que está muito ocupada com aquelas duas fugitivos, mas encontra tempo suficiente para me manter conversando algumas noites até que eu esteja meio dormindo. Esse par já está tão intimidado que não gritaria se seus vestidos pegassem fogo. Elas não precisam da atenção dela. Ela poderia tomar sua parte de ensinar aquelas malditas Bravias. Vandene precisa começar a se comportar como uma Aes Sedai também!”

De pé ou não, com repreensão ou não, ela deu a Elayne um olhar maligno que levou um momento para sufocar. Foi Elayne quem fez a barganha que levou a Aes Sedai a ensinar as Chamadoras de Vento, mas até agora ela mesma havia conseguido deixar de dar mais do que um punhado de aulas, reivindicando a pressa de outras tarefas mais importantes. Além disso, o Povo do Mar via uma professora em terra como um mercenário, até mesmo uma Aes Sedai, e um mercenário com menos prestígio do que um ajudante de cozinha. Um ajudante de cozinha que poderia tentar enganar seu trabalho. Elas ainda achavam que Nynaeve tinha ido embora apenas para evitar dar essas aulas. Certamente ninguém esperava acabar no estado de Merilille, mas mesmo algumas horas de cada vez já eram ruins o suficiente.

“Ah, não, Careane”, interveio Sareitha, ainda evitando o olhar de Elayne. E o de Merilille. Em sua opinião, a Cinza havia se metido nessa situação e, portanto, merecia o que aconteceu, mas ela tentava não esfregar sal nas feridas. “Vandene está perturbada com sua irmã, e Kirstian e Zarya a ajudam a ocupar sua mente.” O que quer que ela

pensasse das outras Kin, ela aceitava que Zarya era uma fugitiva, como deveria, já que Adeleas a havia reconhecido, e se Kirstian fosse uma mentirosa, sua própria mentira a faria pagar por isso. As fugitivas não eram tratadas com gentileza. “Passo horas com ela também, e ela quase nunca fala de nada além de Adeleas. É como se ela quisesse adicionar minhas memórias às dela. Acho que ela precisa ter o tempo que precisar, e essas duas a impedem de ficar sozinha com muita frequência.” Dando a Elayne um olhar de soslaio, ela respirou fundo. “Ainda assim, ensinar as Chamadoras de Vento é certamente... desafiador. Talvez uma hora de vez em quando ajudasse a tirá-la do desânimo, mesmo que apenas deixando-a com raiva. Você não concorda, Elayne? Apenas uma ou duas horas, de vez em quando.”

“Vandene terá tanto tempo para lamentar por sua irmã quanto ela precisar ou quiser,” Elayne disse em tom nivelado. “E não haverá mais discussão sobre isso.”

Careane suspirou pesadamente e tornou a arrumar o xale. Sareitha suspirou levemente e começou a torcer o anel da Grande Serpente no dedo indicador de sua mão esquerda. Talvez elas tivessem percebido seu humor, ou talvez fosse apenas que nenhuma das duas ansiava por outra sessão com as Chamadoras de Vento. A expressão permanentemente surpresa de Merilille não mudou, mas então, suas sessões com o Povo do Mar duravam o dia todo e a noite toda, a menos que Elayne conseguisse afastá-la, e as Chamadoras de Vento estavam ficando cada vez menos dispostas a deixá-la ir, não importa o quanto Elayne arrancasse.

Pelo menos ela conseguiu evitar ser rude com as três. Foi um esforço, especialmente com Aviendha lá. Elayne não sabia o que faria se perdesse a irmã. Vandene não estava apenas de luto por uma irmã, ela estava procurando o assassino de Adeleas, e não havia dúvida de que o assassino era Merilille Ceandevin, Careane Fransi ou Sareitha Tomares. Uma delas, ou pior, mais de uma. Era difícil acreditar na acusação de Merilille, em sua condição atual, mas não era fácil acreditar em qualquer irmã. Como Birgitte havia apontado, um dos piores Amigos das Trevas que ela já conhecera, durante a

Guerra dos Trollocs, era um rapaz manso que pulava com barulhos altos. E envenenou o abastecimento de água de uma cidade inteira. A sugestão de Aviendha era interrogar todos as três, o que horrorizou Birgitte, mas Aviendha estava consideravelmente menos admirada com Aes Sedai do que antes. As devidas cortesias deviam ser mantidas, até que houvesse provas para condenar. Então não haveria cortesia nenhuma.

“Ah,” Sareitha disse, iluminando-se de repente. “Aqui está o capitão Mellar. Ele voltou a ser um herói enquanto você esteve fora, Elayne.”

Aviendha agarrou o cabo de seu canivete e Birgitte enrijeceu. O rosto de Careane ficou muito quieto, muito frio, e até Merilille conseguiu uma arrogância de desaprovação. Nenhuma das irmãs fazia segredo de sua antipatia por Doilan Mellar.

Com um rosto estreito, ele não era bonito, ou mesmo belo, mas se movia com a graça ágil de um espadachim que falava de força física. Como Capitão da Guarda de Elayne, ele tinha três nós dourados de patente, e os usava soldados em cada ombro de seu peitoral brilhantemente polido. Um observador ignorante poderia pensar que ele superava Birgitte. As gotas de renda branca como a neve em seu pescoço e pulsos eram duas vezes mais grossas e duas vezes mais longas que as usadas por qualquer uma das mulheres da Guarda, mas ele havia deixado de lado a faixa novamente, talvez porque teria obscurecido um conjunto de nós dourados. Ele alegou que não queria nada mais na vida do que comandar sua Guarda, mas frequentemente falava de batalhas que havia travado como mercenário. Parecia que ele nunca esteve do lado perdedor, e a vitória muitas vezes vinha de seus esforços não celebrados em campo. Ele tirou seu chapéu de plumas brancas em uma profunda e floreada reverência, manejando sua espada habilmente com uma mão, então ofereceu um pouco menos a Birgitte com um braço sobre o peito em saudação.

Elayne arrumou um sorriso no rosto. “Sareitha disse que você voltou a ser um herói, capitão Mellar. Como assim?”

“Nada mais do que meu dever para com minha rainha.” Apesar de uma voz grossa com autodepreciação, seu sorriso de resposta foi

mais caloroso do que deveria ter sido. Metade do palácio o considerava o pai do filho de Elayne. O fato de ela não ter esmagado aquele boato parecia fazê-lo acreditar que tinha perspectivas. O sorriso nunca alcançou seus olhos escuros, no entanto. Eles permaneceram frios como a morte. “Meu dever para com você é meu prazer, minha rainha.”

“O capitão Mellar liderou outra surtida sem ordens ontem,” Birgitte disse em uma voz cuidadosamente uniforme. “Desta vez, a luta quase se espalhou pelo portão de Far Madding, que ele havia ordenado que ficasse aberto até que retornasse.” Elayne sentiu seu rosto endurecer.

“Ah, não,” Sareitha protestou. “Não foi nada disso. Uma centena de homens armados de Lorde Luan tentou chegar à cidade durante a noite, mas eles saíram tarde demais e o nascer do sol os pegou. O mesmo aconteceu com três vezes o número de homens de Lord Nasin. Se o capitão Mellar não tivesse aberto os portões e liderado um resgate, eles teriam sido cortados em pedaços à vista das paredes. Do jeito que estava, ele conseguiu economizar oitenta para sua causa.” Sorrindo, Mellar se deleitou com os elogios da Aes Sedai como se não tivesse ouvido as críticas de Birgitte. Claro, ele parecia não perceber os olhares de desaprovação de Careane e Merilille também. Ele sempre conseguia ignorar a desaprovação.

“Como você sabia que eles eram homens de Lorde Luan, Capitão?” Elayne perguntou baixinho. Um pequeno sorriso que deveria ter alertado Mellar apareceu no rosto de Birgitte. Mas então, ele era um daqueles que parecia não acreditar que ela era uma Guardiã. Mesmo que soubesse, poucos, exceto Guardiões e Aes Sedai, sabiam o que o vínculo implicava. Se valeu de alguma coisa, a expressão de Mellar ficou mais presunçosa.

“Eu não fui por estandartes, minha rainha. Qualquer um pode carregar uma bandeira. Reconheci Jurad Accan através da minha lupa. Accan é o homem de Luan até as unhas. Uma vez eu soube disso...” Ele fez um gesto de desprezo em uma enxurrada de rendas. “O resto não foi mais do que fazer um pouco de exercício.”

“E esse Jurad Accan trouxe alguma mensagem de Lorde Luan? Qualquer coisa assinada e selada da Casa Norwelyn, afirmando o apoio à Casa Trakand?”

“Nada por escrito, minha rainha, mas como eu disse...”

“Lorde Luan não se declarou por mim, capitão.”

O sorriso de Mellar desapareceu um pouco. Ele não estava acostumado a ser interrompido. “Mas, minha rainha, Lady Dyelin diz que Luan é tão bom quanto se estivesse em seu acampamento agora. Accan aparecendo é prova de...”

“De nada, capitão,” Elayne disse friamente. “Talvez Lorde Luan esteja no meu acampamento eventualmente, capitão, mas até que ele declare, você me deu oitenta homens que precisam ser vigiados.” Oitenta em cem. E quantos dela ele tinha perdido? E ele arriscou Caemlyn fazendo isso, que o queime! “Já que você pode encontrar tempo em seus deveres comandando minha Guarda para liderar surtidas, você pode encontrar tempo para vigiá-los. Não vou tirar ninguém das muralhas para isso. Mande o Mestre Accan e seus companheiros treinarem os homens que eu trouxe das mansões. Isso os manterá ocupados e longe de problemas a maior parte do dia, mas deixo para você descobrir como mantê-los longe das muralhas o resto do tempo. E espero que fiquem longe das muralhas e longe de problemas, capitão. Você pode cuidar disso agora.”

Mellar olhou para ela atordoado. Ela nunca o havia criticado antes, e ele não gostava disso, principalmente na frente de tantas testemunhas. Não havia sorrisos calorosos agora. Sua boca se contraiu, e um calor sombrio cresceu em seus olhos. Mas não havia nada para ele fazer, a não ser fazer outra reverência e murmurar: “Como a minha rainha ordena” com voz rouca, e sair com a maior graça que conseguiu reunir. Antes de dar três passos, descia o salão a passos largos, como se fosse atropelar qualquer um que se interpusesse em seu caminho. Ela teria que dizer a Rasoria para tomar cuidado. Ele poderia tentar acalmar sua bÍlis descontando em quem tinha visto e ouvido. Merilille e Careane acenaram com a cabeça, quase idênticas; elas gostariam de ver Mellar ser repreendido e, de preferência, expulso do palácio, há muito tempo.

“Mesmo que ele tenha feito algo errado,” Sareitha disse cuidadosamente, “e eu não estou convencida de que ele tenha feito isso, o Capitão Mellar salvou sua vida colocando em risco a dele, Elayne, sua vida e a de Lady Dyelin. Havia realmente necessidade de envergonhá-lo na frente do resto de nós?”

“Nunca pense que evito pagar minhas dívidas, Sareitha.” Elayne sentiu Aviendha agarrar uma de suas mãos e Birgitte a outra. Ela deu a cada uma delas um aperto leve. Quando se está cercado de inimigos, é bom ter uma irmã e uma amiga por perto. “Eu vou encontrar um banho quente agora, e a menos que uma de vocês queira esfregar minhas costas...”

Elas reconheceram uma dispensa e partiram mais graciosamente do que o capitão Mellar, Careane e Sareitha já discutindo se as Chamadoras de Vento iriam realmente querer aulas hoje, Merilille tentando olhar em todas as direções ao mesmo tempo na esperança de evitar qualquer uma das Chamadoras de Vento. Mas sobre o que elas fariam mais tarde? Que Elayne estava brigando com o pai de seu filho? Que elas conseguiram esconder sua culpa em matar Adeleas?

*Sempre pago minhas dívidas, pensou Elayne, vendo-as partir. E eu ajudo meus amigos a pagar as deles.*





## CAPÍTULO

### 12



### Uma Barganha

Um banho não foi difícil de encontrar, embora Elayne tivesse que esperar no salão franzindo a testa para as portas esculpidas em leões de seus aposentos, correntes de ar piscando nas lâmpadas espelhadas enquanto Rasoria e duas das Guardas entraram para verificar as coisas. Assim que tiveram certeza de que não havia assassinos à espreita, e as guardas foram organizadas no corredor e na sala externa, Elayne entrou e encontrou Essande de cabelos brancos esperando no quarto com Naris e Sephanie, as duas jovens serviçais que ela estava treinando. Essande era magra, com o Lírio Dourado de Elayne bordado sobre o seio esquerdo e uma dignidade muito grande enfatizada por sua maneira deliberada de se mover, embora parte disso viesse da idade e das articulações doloridas que ela se recusava a reconhecer. Naris e Sephanie eram irmãs, de rosto fresco, robustas e tímidas, orgulhosas de sua libré e felizes por terem sido escolhidas para isso, em vez de limpar corredores, mas quase tanto admiradas por Essande quanto por Elayne. Havia empregadas mais experientes disponíveis, mulheres que trabalharam anos no palácio, mas, infelizmente, as meninas que vieram em busca de qualquer tipo de trabalho que pudessem encontrar eram mais seguras.

Duas banheiras de cobre estavam sobre grossas camadas de toalhas colocadas sobre os ladrilhos cor-de-rosa do piso onde um dos tapetes havia sido enrolado, evidência de que a notícia da chegada

de Elayne havia voado antes dela. Os servos tinham um talento especial para descobrir o que estava acontecendo que os olhos e ouvidos da Torre poderiam invejar. Uma boa chama na lareira e os caixilhos apertados nas janelas deixavam o quarto quente depois dos corredores, e Essande esperou apenas para ver Elayne entrar na sala antes de mandar Sephanie correr para buscar os homens com a água quente. Isso seria trazido em baldes de parede dupla com tampas para evitar que esfriasse no caminho das cozinhas, embora pudesse ser um pouco atrasado pelas Guardas verificando se não havia facas escondidas na água.

Aviendha olhou para a segunda banheira quase tão indecisa quanto Essande olhou para Birgitte, a que ainda estava incomodada por realmente entrar na água e a outra ainda não aceitando que alguém mais do que o necessário deveria estar presente durante o banho, mas a mulher de cabelos brancos não perdeu tempo antes de silenciosamente mover Elayne e Aviendha para o quarto de vestir, onde outro fogo em uma ampla lareira de mármore havia tirado o frio do ar. Foi um grande alívio que Essande a ajudasse a tirar suas roupas de montaria, sabendo que tinha mais pela frente do que uma lavagem apressada e uma demonstração de tranquilidade enquanto se preocupava com a rapidez com que poderia seguir para seu próximo destino. Outros pretextos a esperavam, que a Luz a ajudasse, e outras preocupações, mas ela estava em casa, e isso contava muito. Quase podia esquecer aquele farol brilhando no oeste. Quase. Bem, de jeito nenhum, na verdade, mas ela conseguia parar de se preocupar com isso, desde que ela não insistisse em pensar na coisa.

No momento em que foram despidas — com Aviendha afastando as mãos de Naris com um tapa e removendo suas próprias joias, fazendo o possível para fingir que Naris não existia e suas roupas estavam de alguma forma se removendo — no momento em que foram embrulhadas em roupões de seda bordados e tinham seus cabelos amarrados em toalhas brancas — Aviendha tentou enrolar a toalha em volta da própria cabeça três vezes, e só depois que a construção desabou em seu pescoço pela terceira vez, ela permitiu

que Naris enrolasse, resmungando sobre ficar tão mole que ela logo precisaria de alguém para amarrar suas botas até que Elayne começou a rir e ela se juntou, jogando a cabeça para trás para que Naris tivesse que começar de novo — quando tudo isso foi feito e elas voltaram para o quarto, as banheiras estavam cheias e o cheiro do óleo de rosas que havia sido adicionado à água enchia o ar. Os homens que trouxeram a água tinham ido embora, é claro, e Sephanie estava esperando com as mangas arregaçadas acima dos cotovelos, caso alguém quisesse esfregar suas costas. Birgitte estava sentada na cômoda incrustada de turquesa ao pé da cama, os cotovelos sobre os joelhos.

Elayne permitiu que Essande a ajudasse a tirar o roupão verde-claro e amassado e afundou na banheira imediatamente, submergindo-se até o pescoço em água apenas um pouco quente demais. Isso deixou seus joelhos para cima, mas mergulhou a maior parte dela no calor, e ela suspirou, sentindo o cansaço se esvair dela e o langor se infiltrar. A água quente pode ter sido o maior presente da civilização.

Olhando para a outra banheira, Aviendha deu um sobressalto quando Naris tentou tirar o roupão lavanda e bordado de flores nas mangas largas. Fazendo uma careta, ela finalmente permitiu e entrou cautelosamente na água, mas arrancou o sabonete redondo da mão de Sephanie e começou a se lavar vigorosamente. Vigorosamente, mas com muito cuidado para não derramar nem uma colher de água sobre a borda da banheira. Os Aiel usavam água para se lavar, assim como nas tendas de suor, especialmente para enxaguar o xampu que faziam de uma folha gorda que crescia no Deserto, mas a água suja era conservada e usada para regar as plantações. Elayne havia mostrado a ela duas das grandes cisternas abaixo de Caemlyn, alimentadas por dois rios subterrâneos e grandes o suficiente para que o lado mais distante de cada um estivesse perdido em uma floresta de colunas espessas e sombras, mas o árido Deserto estava nos ossos de Aviendha.

Ignorando os olhares aguçados de Essande — ela raramente dizia duas palavras além do necessário, e achava que banhos não eram

tempo para dizer nada — Birgitte falava enquanto tomavam banho, embora cuidasse do que dizia na frente de Naris e Sephanie. Era improvável que fossem pagas por outra Casa, mas as empregadas fofocavam quase tão livremente quanto os homens — parecia quase uma tradição. Alguns rumores valiam a pena fomentar, no entanto. Birgitte falou principalmente de dois enormes comboios de mercadores que chegaram no dia anterior de Tear, os vagões carregados de grãos e carne salgada, e outro de Illian com óleo e sal e peixe defumado. Sempre valia a pena lembrar às pessoas que a comida continuava a fluir para a cidade. Poucos mercadores desbravavam as estradas de Andor no inverno, nenhum carregando nada tão barato quanto comida, mas os portais significavam que Arymilla poderia interceptar todos os mercadores que desejasse e suas forças ainda morreriam de fome muito antes de Caemlyn sentir as primeiras dores da fome. As Chamadoras de Vento, que estavam fazendo a maioria desses portais, relataram que o Grão-Senhor Darlin — reivindicando o título de Administrador em Tear para o Dragão Renascido, de todas as coisas! — foi assediado na Pedra de Tear por nobres que queriam o Dragão Renascido completamente fora de Tear, mas mesmo eles dificilmente tentariam impedir um rico comércio de grãos, principalmente porque acreditavam que as Kin que acompanhavam as Chamadoras de Vento eram Aes Sedai. Não que qualquer tentativa real de engano tenha sido feita, mas anéis da Grande Serpente foram feitos para Mulheres Kin que haviam passado nos testes para Aceitas antes de serem expulsas da Torre, e se alguém chegou à conclusão errada, ninguém realmente mentiu para eles.

A água ia perder o calor se ela esperasse muito mais, decidiu Elayne, então pegou um sabonete com aroma de rosas de Sephanie e permitiu que Naris começasse a esfregar suas costas com uma escova de cabo comprido. Se houvesse notícias de Gawyn ou Galad, Birgitte teria mencionado imediatamente. Ela estava tão ansiosa para ouvir sobre eles quanto Elayne, e não conseguiria se conter. O retorno de Gawyn era um boato que elas queriam muito que chegasse às ruas. Birgitte cumpria bem seus deveres como capitã-

general, e Elayne queria que ela mantivesse a posição, se pudesse ser convencida, mas ter Gawyn ali permitiria que ambas as mulheres relaxassem um pouco. A maioria dos soldados da cidade eram mercenários, e apenas o suficiente para vigiar os portões com força e fazer uma exibição ao longo dos quilômetros de muralha que cercavam a Cidade Nova, mas ainda eram mais de trinta companhias, cada uma com seu próprio capitão que inevitavelmente estava cheio de orgulho, obcecado por precedência e pronto para brigar por qualquer descuido imaginado de outro capitão na gota de um canudo. Gawyn havia treinado a vida inteira para comandar exércitos. Ele poderia lidar com as brigas, deixando-a livre para garantir o trono.

Além disso, ela simplesmente o queria longe da Torre Branca. Rezava para que um de seus mensageiros tivesse passado e que ele estivesse bem rio abaixo a essa altura. Egwene estava sitiando Tar Valon com seu exército há mais de uma semana, e seria a mais cruel reviravolta do destino para Gawyn ser pego entre seus juramentos de defender a Torre e seu amor por Egwene. Pior, ele já havia quebrado aquele juramento uma vez, ou pelo menos o dobrado, por amor à irmã e talvez por amor a Egwene. Se Elaida alguma vez suspeitasse que Gawyn havia ajudado na fuga de Siuan, qualquer crédito que ele ganhasse ajudando-a a substituir Siuan como Amyrlin evaporaria como uma gota de orvalho, e se ele ainda estivesse ao alcance de Elaida quando ela descobrisse, ele se encontraria em uma cela, com sorte se evitasse o carrasco. Elayne não se ressentia de sua decisão de ajudar Elaida; ele não poderia saber o suficiente para fazer qualquer outra escolha. Muitas irmãs também ficaram confusas com o que estava acontecendo. Muitas ainda pareciam estar. Como ela poderia pedir a Gawyn para ver o que Aes Sedai não podiam?

Quanto a Galad... Ela crescera incapaz de gostar do homem, com certeza ele devia se ressentir dela, e de Gawyn acima de tudo. Galad devia ter pensado que um dia seria o Primeiro Príncipe da Espada, até Gawyn nascer. Suas primeiras lembranças dele eram de um menino, um jovem, já se comportando mais como um pai ou tio do que um irmão, dando a Gawyn suas primeiras lições com uma espada. Ela se lembrava de ter medo de que ele quebrasse a cabeça

de Gawyn com a lâmina de treino. Mas ele nunca tinha dado mais do que as contusões que qualquer jovem esperava ao aprender espadas. Ele sabia o que era certo, Galad sabia, e estava disposto a fazer o que era certo não importando o custo para ninguém, incluindo ele mesmo. Luz, ele havia começado uma guerra para ajudar ela e Nynaeve a escapar de Samara, e era provável que ele soubesse do risco desde o início! Galad gostava de Nynaeve, ou gostou por algum tempo — era difícil imaginar que ele ainda se sentisse assim, com ele um Manto Branco, só a Luz sabia onde e fazendo o quê —, mas a verdade era que ele havia começado aquela guerra para resgatar sua irmã. Ela não podia tolerar que ele fosse um Filho da Luz, podia não gostar dele, mas esperava que ele estivesse seguro e bem. Esperava que ele também encontrasse o caminho de casa para Caemlyn. Notícias dele teriam sido quase tão bem-vindas quanto notícias de Gawyn. Isso a surpreendeu, mas era verdade.

“Mais duas irmãs vieram enquanto você estava fora. Elas estão no Cisne de Prata.” Birgitte fez parecer que elas estavam apenas parando em uma pousada porque todas as camas do palácio estavam ocupadas. “Uma Verde com dois Guardiões e uma Cinza com um. Elas vieram separadamente. Uma Amarela e uma Marrom saíram no mesmo dia, então ainda há dez no total. A Amarela foi para o sul, em direção a Far Madding. A Marrom estava indo para o leste.

Sephanie, esperando pacientemente ao lado da banheira de Aviendha sem nada para fazer, trocou um olhar com a irmã por cima da cabeça de Elayne e sorriu. Como muitas na cidade, elas sabiam que a presença da Aes Sedai no Cisne de Prata significava o apoio da Torre Branca a Elayne e à Casa Trakand. Observando as duas garotas como um falcão, Essande assentiu; ela também sabia. Cada varredor de rua e trapeiro sabia que a Torre estava dividida contra si mesma, mas mesmo assim, o nome ainda carregava peso e uma imagem de força que nunca falhava. Todos sabiam que a Torre Branca havia dado apoio a todas as legítimas Rainhas de Andor. Na verdade, a maioria das irmãs ansiava por uma monarca em exercício que também fosse Aes Sedai, a primeira em mil anos e a primeira desde a Ruptura do Mundo a ser abertamente conhecida como Aes

Sedai, mas Elayne não ficaria surpresa ao descobrir que havia uma irmã no acampamento de Arymilla, mantendo-se discretamente despercebida. A Torre Branca nunca colocava todas as suas moedas em um cavalo, a menos que a corrida fosse fixada.

“Já chega de escova”, disse ela, afastando-se irritada das cerdas. Bem treinada, a garota pousou a escova em um banquinho e lhe entregou uma grande esponja ilianense que ela usou para começar a limpar o sabão. Ela desejou saber o que aquelas irmãs significavam. Eles eram como um grão de areia em seu chinelo, uma coisa tão pequena que você dificilmente poderia imaginar que fosse um desconforto, mas quanto mais tempo permanecia, maior parecia. As irmãs no Cisne Prateado estavam se tornando uma pedra considerável apenas por estarem lá.

Desde antes de ela chegar a Caemlyn, o número da estalagem tinha sido mudado com frequência, algumas irmãs partiam todas as semanas e algumas vinham substituí-las. O cerco não mudou nada; os soldados que cercavam Caemlyn não estavam mais propensos a tentar impedir uma Aes Sedai de ir aonde ela queria, do que os nobres rebeldes em Tear. Houve Vermelhas na cidade também, por um tempo, perguntando por homens que se dirigiam para a Torre Negra, mas quanto mais elas descobriam, mais mostravam seu descontentamento, e o último par havia saído da cidade no dia seguinte ao aparecimento de Arymilla diante das muralhas. Cada Aes Sedai que entrava na cidade era cuidadosamente vigiada, e nenhuma das Vermelhas havia se aproximado do Cisne Prateado, então parecia improvável que as irmãs de lá tivessem sido enviadas por Elaida para sequestrá-la. Por alguma razão, ela imaginou pequenos grupos de Aes Sedai espalhados da Praga ao Mar de Tempestades, e fluxos constantes de irmãs fluindo entre eles, coletando informações, compartilhando informações. Um pensamento peculiar. As irmãs usavam olhos e ouvidos para observar o mundo e raramente compartilhavam o que descobriam, a menos que fosse uma ameaça à própria Torre. Provavelmente as que estavam no Cisne estavam entre as irmãs que ficaram de fora dos problemas da Torre, esperando para ver se Egwene ou Elaida terminariam com o Trono de Amyrlin antes

de se declararem. Isso estava errado — uma Aes Sedai deveria defender o que ela achava certo sem se preocupar se estava escolhendo o lado vencedor! —, mas isso a deixava desconfortável por outro motivo.

Recentemente, um de seus observadores no Cisne ouviu um nome perturbador, murmurado e rapidamente silenciado, como se estivesse com medo de bisbilhoteiros. Cadsuane. Não era um nome comum, esse. E Cadsuane Melaidhrin se enredara estreitamente com Rand enquanto ele estava em Cairhien. Vandene não deu muita importância à mulher, chamando-a de teimosa e cabeça de mula, mas Careane quase desmaiou de espanto ao ouvir seu nome. Parecia que as histórias em torno de Cadsuane eram lendas. Tentar lidar com o Dragão Renascido sozinha era o tipo de coisa que Cadsuane Melaidhrin poderia fazer. Não que Elayne se preocupasse com Rand e qualquer Aes Sedai, exceto que ele poderia ultrajá-la além de seu controle — o homem era muito teimoso às vezes para ver onde estava seu próprio bem! —, mas por que uma irmã em Caemlyn mencionaria seu nome? E por que outra a silenciou?

Apesar da água quente do banho, ela estremeceu, pensando em todas as teias que a Torre Branca teceu ao longo dos séculos, tão finas que ninguém as podia ver, exceto as irmãs que fiavam, tão enroladas que só aquelas irmãs poderiam desvendá-las. A Torre teceu teias, as Ajahs teceram teias, até mesmo irmãs individuais teceram teias. Às vezes, esses esquemas se misturavam como se fossem guiados por uma única mão. Outras vezes, eles se separavam. Foi assim que o mundo foi moldado por três mil anos. Agora a Torre havia se dividido em três partes, um terço para Egwene, um para Elaida e um que estava de lado. Se essas últimas estivessem em contato umas com as outras, trocando informações — formando planos? — as implicações...

Um repentino tumulto de vozes, obscurecido pela porta fechada, fez com que ela se endireitasse. Naris e Sephanie gritaram e pularam para se agarrar, olhando para a porta com os olhos arregalados.



“Que diabos de porcarias...?” Rosnando, Birgitte se jogou do baú e saiu do quarto, batendo a porta atrás de si. As vozes ficaram mais altas.

Não parecia que as Guardas estivessem brigando, apenas discutindo a plenos pulmões, e o vínculo carregava principalmente raiva e frustração, junto com sua *maldita* dor de cabeça, mas Elayne saiu da banheira, estendendo os braços para Essande vestir o roupão. A calma da mulher de cabelos brancos, e talvez a de Elayne, acalmou as duas empregadas o suficiente para que elas corassem quando Essande olhou para elas, mas Aviendha saltou de sua banheira, espirrando água por toda parte, e correu pingando para o quarto de vestir. Elayne esperava que ela voltasse com seu canivete, mas em vez disso voltou cercada pelo brilho de *saidar* e segurando a tartaruga âmbar em uma das mãos. Com a outra, ela entregou a Elayne o *angreal* que estivera na bolsa do cinto, uma velha escultura de marfim de uma mulher vestida apenas com o cabelo. Com exceção da toalha em cima da cabeça, Aviendha usava apenas um brilho molhado, e ela acenou furiosamente para Sephanie quando a mulher tentou colocar o roupão nela. Com ou sem faca, Aviendha ainda tendia a pensar como se fosse lutar com uma lâmina e pudesse precisar se mover de repente.

“Coloque isso de volta no quarto de vestir”, disse Elayne, entregando o *angreal* de marfim para Essande. “Aviendha, eu realmente não acho que precisamos...”

A porta se abriu e Birgitte colocou a cabeça para dentro, carrancuda. Naris e Sephanie pularam, não tão aliviadas quanto pareciam.

“Zaida quer ver você,” Birgitte rosnou para Elayne. “Eu disse a ela que ela teria que esperar, mas...” Com um ganido repentino, ela cambaleou para dentro da sala, recuperando o equilíbrio depois de dois passos e girando para encarar a mulher que a havia empurrado.

A Mestra das Ondas do Clã Catelar não parecia ter empurrado ninguém. As pontas de sua faixa vermelha intrincada girando em torno de seus joelhos, ela entrou na sala calmamente, seguida por duas Chamadoras de Vento, uma das quais fechou a porta na cara

zangada de Rasoria. Todas as três balançavam quando se moviam quase tanto quanto Birgitte fazia em suas botas de salto alto. Zaida era baixa, com mechas grisalhas no cabelo bem encaracolado, mas seu rosto moreno era um dos que ficavam mais bonito com o passar dos anos, e sua beleza só parecia ampliada pela corrente dourada, pesada de pequenos medalhões, que unia um dos seus gordos brincos de ouro ao piercing no nariz. Mais importante, seu ar era de comando. Não por arrogância, mas por saber que seria obedecida. As Chamadoras de Vento olharam para Aviendha, ainda brilhando com o Poder, e o rosto anguloso de Chanelle se contraiu, mas além de um murmúrio de Shielyn de que “a garota Aiel” estava pronta para tecer, elas permaneceram em silêncio e esperaram. Os oito brincos nas orelhas de Shielyn a marcavam como Chamadora de Vento para a Mestra das Ondas de um Clã, e a corrente de honra de Chanelle carregava quase tantos medalhões de ouro quanto a própria Zaida. Ambas eram mulheres de autoridade, e isso era claro na maneira como se comportavam e se moviam, mas não era preciso saber nada dos Atha'an Miere para saber, assim que as visse, que Zaida din Parede ocupava o primeiro lugar.

“Suas botas devem ter feito você tropeçar, Capitã-General,” ela murmurou com um pequeno sorriso em seus lábios carnudos, uma mão tatuada brincando com a caixa de perfume dourada que pendia em seu peito. “Coisas desajeitadas, botas.” Ela e as duas Chamadoras de Vento estavam descalças como sempre. As solas dos pés dos Atha'an Miere eram tão duras quanto solas de sapato, não incomodadas por deques ásperos ou pisos frios. Estranhamente, além de suas blusas e calças de brocados de seda de cores vivas, cada mulher usava uma estola larga de branco liso que pendia abaixo da cintura e quase escondia sua multidão de colares.

“Eu estava tomando banho,” Elayne disse com uma voz tensa. Como se elas não pudessem ver isso com o cabelo preso e o roupão grudado nela. Essande estava quase *tremendo* de indignação, o que significava que ela devia estar fora de si de fúria. Elayne se sentia próxima disso. “Estarei tomando banho novamente assim que vocês se forem. Falarei com vocês quando terminar de tomar meu banho.

Se agradar a Luz.” Pronto! Se elas iam se enfiar em seus quartos, que eles engolissem isso como cerimônia!

“Que a graça da Luz esteja com você também, Elayne Sedai”, Zaida respondeu suavemente. Ela ergueu uma sobancelha para Aviendha, mas não para a contínua Luz de *saidar*, já que Zaida não podia canalizar, nem para sua nudez, já que o Povo do Mar era bastante casual quanto a isso, pelo menos fora da vista dos homens da terra. “Você nunca me convidou para tomar banho com você, embora fosse cortês, mas não vamos falar sobre isso. Soube que Nesta din Reas Duas Luas está morta, morta pelos Seanchan. Lamentamos sua perda.” As três mulheres tocaram suas estolas brancas e tocaram os lábios com as pontas dos dedos, mas Zaida parecia tão impaciente com a formalidade quanto Elayne. Sem levantar a voz ou acelerar o passo, ela simplesmente continuou, quase chocantemente abrupta e direta para alguém do Povo do Mar.

“As Doze Primeiras dos Atha’an Miere devem se reunir para escolher outra Mestra dos Navios. O que está acontecendo no oeste deixa claro que não pode haver atraso”. A boca de Shielyn se apertou, e Chanelle ergueu sua caixa de perfume perfurada até o nariz como se quisesse afogar o cheiro de alguma coisa. Seu perfume picante era forte o suficiente para cortar o cheiro de óleo de rosas no quarto. Independentemente de como descreveram o que sentiram para Zaida, ela não demonstrou nenhuma inquietação, nem nada além de certeza. Seu olhar fixou-se no rosto de Elayne. “Devemos estar prontas para o que vier, e para isso precisamos de uma Mestra dos Navios. Em nome da Torre Branca, você prometeu vinte professoras. Não posso levar Vandene em sua dor, nem você, mas levarei as outras três comigo. O resto, a Torre Branca deve, e espero o pagamento à vista. Enviei mensageiras às irmãs do Cisne Prateado para ver se algumas delas pagarão a dívida da Torre, mas mal posso esperar pela resposta. Se agradar à Luz, tomarei banho com a outra Mestra das Ondas esta noite no porto de Illian.”

Elayne lutou muito para manter o rosto impassível. A mulher acabara de *anunciar* que pretendia pegar todas as Aes Sedai soltas

em Caemlyn e levá-las embora? E parecia que ela não pretendia deixar nenhuma das Chamadoras de Vento para trás.

Isso fez o coração de Elayne afundar. Até que Reanne voltasse, havia sete das Kin com força suficiente para tecer um portal, mas duas delas não podiam fazer um grande o suficiente para admitir uma carroça. Sem as Chamadoras de Vento, os planos para manter Caemlyn abastecido de Tear e Illian tornavam-se problemáticos na melhor das hipóteses. O Cisne de Prata! Luz, quem quer que Zaida tivesse enviado revelaria cada linha do acordo que ela fizera! Egwene não ia agradecê-la por despejar aquela bagunça abertamente. Ela não achava que já tivesse tantos problemas caídos no colo no decorrer de uma curta declaração.

“Lamento sua perda e a perda dos Atha’an Miere”, disse ela, pensando rápido. “Nesta din Reas era uma grande mulher.” Ela tinha sido uma mulher poderosa, de qualquer maneira, e uma personalidade muito forte. Elayne se sentiu feliz por sair com mais do que suas roupas depois de seu único encontro com ela. Falando em roupas, ela não tinha tempo para se vestir. Zaida podia não esperar. Ela apertou mais o roupão. “Precisamos conversar. Mande trazer vinho para nossos convidados, Essande, e chá para mim. Chá fraco,” ela suspirou em uma explosão de cautela através do vínculo com Birgitte. “Na sala de estar menor. Você vai se juntar a mim, Mestra das Ondas?”

Para sua surpresa, Zaida apenas assentiu como se esperasse isso. Isso fez Elayne pensar no lado de Zaida no acordo entre elas. As barganhas; havia duas, na realidade, e isso poderia ser um ponto chave.

Ninguém esperava que a sala de estar menor fosse usada por algum tempo, então o ar ficou frio mesmo depois que Sephanie correu com uma faísca para acender o graveto colocado sob o carvalho rachado na ampla lareira branca e saiu correndo da sala. As chamas saltaram da lenha, atingindo o tronco em cima dos ferros-fogo enquanto as mulheres se arrumavam nas cadeiras de espaldar baixo levemente esculpidas dispostas em semicírculo em frente à lareira. Pois bem, Elayne e as mulheres do Povo do Mar se arrumaram,

Elayne arrumando cuidadosamente o roupão sobre os joelhos e desejando que Zaida tivesse demorado apenas uma hora para poder se vestir adequadamente, as Chamadoras de Vento esperando friamente que a Mestra das Ondas se sentasse, em seguida, sentando-se ao lado dela. Birgitte estava na frente da escrivaninha com as mãos nos quadris e os pés separados, o rosto uma nuvem de chuva. O vínculo carregava um desejo claro de torcer o pescoço de uma Atha'an Miere. Aviendha encostou-se casualmente em um dos aparadores, e mesmo quando Essande trouxe seu roupão e o estendeu para ela, ela simplesmente o vestiu e retomou a pose com os braços cruzados sob os seios. Ela havia soltado *saidar*, mas a tartaruga ainda estava em sua mão, e Elayne suspeitou que ela estivesse pronta para abraçar o Poder novamente em um instante. Nem o olhar frio de olhos verdes de Aviendha nem a carranca de Birgitte afetaram o Povo do Mar, no entanto. Elas eram quem eram e sabiam quem eram.

"Os Atha'an Miere recebeu a promessa de vinte professoras", disse Elayne, enfatizando ligeiramente. Zaida havia dito que lhe haviam prometido, que receberia o pagamento, mas essa barganha foi feita com Nesta din Reas. Claro, Zaida poderia acreditar que ela mesma se tornaria a nova Mestra dos Navios. "Professoras adequados, a serem selecionadas pelo Trono de Amyrlin. Eu sei que os Atha'an Miere se orgulham de cumprir integralmente suas barganhas, e a Torre também cumprirá seu lado. Mas você sabia quando as irmãs aqui concordaram em ensinar, que era temporário. E uma barganha bem diferente daquela feita com a Mestra dos Navios. Você admitiu isso quando concordou que as Chamadoras de Vento tecessem portais para trazer suprimentos para Caemlyn de Illian e Tear. Certamente você não teria se envolvido nos assuntos do litoral por qualquer motivo que não fosse pagar uma barganha. Mas se você está partindo, sua ajuda chegou ao fim, assim como nossa exigência de ensinar. Temo que você também não colherá professoras no Cisne Prateado. Os Atha'an Miere terão que esperar até que a Amyrlin envie professoras. De acordo com a barganha feita com a Mestra dos Navios." Uma pena que ela não pudesse exigir que ficassem longe da

pousada, mas já podia ser tarde demais para isso, e todos os motivos que ela conseguia pensar pareciam vazios. Um argumento quebrado por falta de um centro apenas encorajaria Zaida. As Atha'an Miere eram ferozes em pechinchar. Escrupulosas, mas ferozes. Ela tinha que ir muito devagar, com muito cuidado.

“Minha irmã tem você pela orelha, Zaida din Parede,” Aviendha gargalhou, batendo em sua coxa. “Pendurada pelos tornozelos, na verdade.” Essa era uma punição do Povo do Mar que ela achava incrivelmente divertida, por algum motivo.

Elayne reprimiu uma explosão de irritação. Aviendha aproveitava as chances de torcer o nariz do Povo do Mar — ela começou enquanto estavam fugindo de Ebou Dar e nunca parou —, mas não era hora para isso.

Chanelle endureceu, seu rosto calmo afundando em uma encarada. A mulher magra havia sido alvo do torcer de nariz de Aviendha mais de uma vez, incluindo um episódio lamentável envolvendo *oosquai*, uma bebida Aiel muito potente. O brilho de *saidar* realmente a cercava! Zaida não podia ver isso, mas sabia sobre o *oosquai* e Chanelle ser carregada para sua cama, vomitando o tempo todo, e ergueu a mão peremptória em direção à Chamadora de Vento. O brilho desapareceu, e o rosto de Chanelle escureceu. Podia ter sido um rubor ou raiva.

“Tudo o que você diz pode ser verdade”, disse Zaida, o que não estava longe de ser um insulto, especialmente dito a uma Aes Sedai. “De qualquer forma, Merilille não fez parte disso. Ela concordou em ser uma das professoras muito antes de chegar a Caemlyn e irá comigo para continuar ensinando.”

Elayne respirou fundo. Ela não podia nem tentar argumentar com Zaida sobre isso. Grande parte da influência da Torre Branca deveu-se ao fato de a Torre manter a sua palavra tão seguramente como o Povo do Mar. Que era conhecido por manter sua palavra. Ah, as pessoas diziam que você tinha que ouvir com atenção para ter certeza de que uma Aes Sedai havia prometido o que você achava que ela tinha, e isso muitas vezes era verdade, mas uma vez que a promessa era clara, era tão bom quanto um juramento sob a Luz.

Pelo menos as Chamadoras de Vento provavelmente não deixariam Merilille escapar. Elas mal a deixavam fora de vista. "Você pode ter que devolvê-la para mim, se eu tiver uma necessidade especial dela." Se Vandene e as duas ajudantes encontrassem provas de que ela era Ajah Negra. "Se isso acontecer, providenciarei uma substituição." E quem poderia ser, ela não tinha ideia.

"Ela tem o resto de seu ano para servir. Pelo menos um ano, pela barganha." Zaida fez um gesto como se estivesse fazendo uma concessão. "Mas contanto que você entenda que sua substituta deve vir antes que ela parta. Eu não vou deixá-la ir sem outra em seu lugar."

"Acho que isso vai servir," Elayne respondeu calmamente. Teria que servir, já que ela não tinha outra escolha!

Zaida sorriu levemente e deixou que o silêncio se estendesse. Chanelle moveu os pés, mas mais por impaciência do que para se levantar, e a Mestra das Ondas não se mexeu. Claramente ela queria algo mais, pretendia outra barganha, e claramente ela queria que Elayne falasse primeiro. Elayne se preparou para esperar a outra mulher. O fogo tinha começado a arder e crepitar, enviando faíscas pela chaminé e irradiando um bom calor para o quarto, mas seu roupão úmido absorvia o frio no ar e o transferia para sua pele. Ignorar o frio tudo bem, mas como você deveria ignorar o frio e a umidade? Ela encontrou o olhar de Zaida de forma nivelada e combinava com seu pequeno sorriso. Essande voltou, seguida por Naris e Sephanie carregando bandejas de cordas, uma com um bule de prata em forma de leão e xícaras verdes finas de porcelana do Povo do Mar, a outra com xícaras de prata marteladas e uma jarra de vinho de gargalo alto que exalava o aroma de especiarias. Todas tomaram vinho, exceto Elayne, a quem nunca foi oferecida a escolha. Olhando para o chá, ela suspirou. Podia ver o fundo do copo com bastante clareza. Se elas o enfraquecessem, poderiam muito bem dar água a ela!

Depois de um momento, Aviendha atravessou a sala para colocar sua taça de vinho de volta na bandeja em cima de um dos aparadores e se servir de uma xícara de chá. Ela acenou com a cabeça para

Elayne e um sorriso combinando simpatia com a sugestão de que ela realmente preferia chá aguado a vinho. Elayne sorriu de volta apesar de si mesma. As primeiras-irmãs compartilhavam tanto o mal quanto o bem. Birgitte sorriu por cima de sua xícara de prata e começou a esvaziar metade de um gole. O vínculo levou sua diversão ao mau humor que sentiu de Elayne. E ainda carregava sua dor de cabeça, de forma alguma reduzida. Elayne esfregou a têmpora. Ela deveria ter insistido para que Merilille curasse a mulher assim que a viu. Várias Kin superavam Merilille quando se tratava de Cura, mas ela era a única irmã no palácio com uma habilidade meio decente.

“Você precisa muito de mulheres para fazer esses portais”, disse Zaida de repente. Sua boca cheia não estava mais sorrindo. Ela não gostou de ter falado primeiro.

Elayne tomou um gole de sua miserável imitação de chá e não disse nada.

“Poderia agradar à Luz que eu pudesse deixar aqui uma ou duas Chamadoras de Vento”, prosseguiu Zaida. “Por um tempo determinado.”

Elayne franziu a testa como se estivesse considerando. Ela *precisava* daquelas malditas mulheres, e mais de uma ou duas. “O que você pediria em troca?” ela disse finalmente.

“Uma milha quadrada de terra no rio Erinin. Boa terra, veja bem. Não pantanosa ou lamacenta. Será a terra dos Atha'an Miere perpetuamente. Sob nossas leis, não as de Andor,” ela acrescentou como se isso fosse uma pequena reflexão tardia que dificilmente valeria a pena mencionar.

Elayne engasgou com o chá. As Atha'an Miere odiavam deixar o mar, odiavam ficar fora de vista dele. E Zaida estava pedindo terra a mil milhas da água salgada mais próxima? Pedindo que fosse cedida absolutamente, diga-se de passagem. Cairhienos e murandianos e até mesmo altaranos sangraram tentando tirar pedaços de Andor, e andoranos sangraram para mantê-los fora. Ainda assim, uma milha quadrada era pouco, e um preço pequeno para manter Caemlyn abastecida. Não que ela fosse deixar Zaida saber disso. E se o Povo do Mar começasse a negociar diretamente em Andor, então as



mercadorias andoreanas seriam capazes de se mover nos fundos do Povo do Mar em todos os lugares em que o Povo do Mar navegasse, e isso era em todos os lugares. Zaida certamente já sabia disso, mas não fazia sentido deixá-la saber que Elayne havia pensado nisso. O vínculo da Guardiã pedia cautela, mas havia momentos para ousadia, como Birgitte deveria saber melhor do que ninguém.

“Às vezes o chá desce pelo caminho errado.” Não era mentira; apenas uma evasão. “Por um quilômetro quadrado de Andor, mereço mais que duas Chamadoras de Vento. As Atha’an Miere conseguiram vinte professoras e mais para ajudar no uso da Tigela dos Ventos, e quando elas forem embora vocês terão vinte para substituí-las. Você tem vinte e uma Chamadoras de Vento com você. Por um quilômetro e meio de Andor, devo ter todos as vinte e uma, e mais vinte e uma em seus lugares quando partirem, enquanto as Aes Sedai ensinarem o Povo do Mar.” Melhor não deixar a mulher pensar que era sua maneira de rejeitar a oferta. “É claro que as taxas alfandegárias normais se aplicariam a quaisquer mercadorias que saíssem desta terra para Andor.”

Zaida levou a taça de prata à boca e, quando a baixou, exibia um sorriso tímido. No entanto, Elayne achou que era um sorriso de alívio e não de triunfo. “Mercadorias entrando em Andor, mas não mercadorias vindo do rio para nossas terras. Posso deixar três Chamadoras de Vento. Por meio ano, digamos. E elas não devem ser usadas em combates. Não permitirei que meu povo morra por você, e não permitirei que outros andoreanos fiquem com raiva de nós porque o Povo do Mar matou alguns deles.”

“Elas serão solicitadas apenas a fazer portais”, disse Elayne, “embora elas devam fazê-los onde quer que eu exija.” Luz! Como se ela pretendesse usar o Poder Único como arma! O Povo do Mar fazia isso sem pensar duas vezes, mas ela estava se esforçando muito para se comportar como Egwene exigia, como se já tivesse tomado os Três Juramentos. Além disso, se ela explodisse aqueles acampamentos fora dos muros com *saidar*, ou permitisse que qualquer outra pessoa fizesse isso, nenhuma Casa em Andor ficaria ao lado dela. “Elas devem ficar até que minha coroa esteja segura,

seja por meio ano ou mais.” A coroa deveria ser dela em muito menos tempo, mas como sua velha babá Lini costumava dizer, você deve contar suas ameixas na cesta, não na árvore. Uma vez que a coroa fosse dela, porém, ela não precisaria de Chamadoras de Vento para abastecer a cidade e, na verdade, ficaria feliz em vê-las longe dali. “Mas três não é o suficiente. Você vai querer Shielyn, já que ela é sua Chamadora de Vento. Eu vou ficar com o resto.”

Os medalhões da corrente de honra de Zaida balançaram suavemente enquanto ela balançava a cabeça. “Talaan e Metarra ainda são aprendizes. Elas devem retornar ao seu treinamento. As outras também têm deveres. Quatro podem ser poupadas até que sua coroa esteja segura.”

A partir daí foi só negociar. Elayne nunca esperava manter as aprendizes, e as Chamadoras de Vento do Clã da Mestra das Ondas também não podiam ser poupadas, o que ela esperava. A maioria das Mestra das Ondas usava suas Chamadoras de Vento e Mestres de Espadas como conselheiras próximas, e se separava de uma com a mesma facilidade com que ela se separava de Birgitte. Zaida tentou excluir outras também, como Chamadoras de Vento que serviam em grandes embarcações como *rakers* e *skimmers*, mas isso teria desqualificado o maior número ali mesmo, e Elayne recusou, e se recusou a diminuir suas demandas a menos que Zaida aumentasse suas ofertas. O que a mulher fez lentamente, relutante em cada concessão. Mas não tão devagar quanto Elayne esperava. Claramente, a Mestra das Ondas precisava dessa barganha tanto quanto ela mesma precisava de mulheres que pudessem tecer portais.

“Sob a Luz, está combinado”, conseguiu dizer por fim, beijando as pontas dos dedos da mão direita e inclinando-se para pressioná-los nos lábios de Zaida. Aviendha sorriu, obviamente impressionada. Birgitte manteve um rosto suave, mas o vínculo dizia que ela achava difícil acreditar que Elayne tinha se saído tão bem.

“Está combinado, sob a Luz”, murmurou Zaida. Seus dedos nos lábios de Elayne eram duros e calejados, embora ela mesma não conseguisse puxar uma corda em muitos anos. Ela parecia bastante satisfeita para uma mulher que rendeu nove das quatorze Chamadoras de Vento que estavam em jogo. Elayne se perguntou

quantas daquelas nove seriam mulheres cujos navios haviam sido destruídos pelos Seanchan em Ebou Dar. Perder um navio era um assunto sério entre os Atha'an Miere, qualquer que fosse o motivo, e talvez motivo suficiente para querer ficar um pouco mais longe de casa. Não importa.

Chanelle parecia taciturna, suas mãos tatuadas apertadas nos joelhos de sua calça de brocado vermelho, mas não tão taciturna quanto se poderia esperar de uma mulher do Povo do Mar que teria que permanecer em terra por mais algum tempo. Ela devia comandar as Chamadoras de Vento que ficavam, e não gostou que Zaida a colocasse sob a autoridade de Elayne e de Birgitte. Não haveria mais ninguém do Povo do Mar andando pelo palácio como se fosse dona dele e fazendo exigências a torto e a direito. Mas então, Elayne suspeitou que Zaida tinha vindo para esta reunião sabendo que deixaria algumas de seu grupo para trás, e Chanelle veio sabendo que ela as comandaria. Isso também pouco importava, nem a vantagem que Zaida esperava obter para se tornar o Mestra dos Navios. Que ela via algumas era claro como um bom vidro. Tudo o que importava era que Caemlyn não passaria fome. Isso e o... o maldito farol ainda brilhando no oeste. Não, ela seria uma rainha, e não poderia ser uma garota enlouquecida. Caemlyn e Andor eram tudo o que *poderia* importar.



## CAPÍTULO

### 13

---



### Altos Assentos

Zaida e as duas Chamadoras de Vento saíram dos aposentos de Elayne, graciosas e aparentemente sem pressa, mas com quase tão pouca cerimônia quanto quando entraram, um mero desejo de que a Luz iluminasse Elayne e a visse em segurança. Para Atha'an Miere, isso era quase sair correndo sem dizer uma palavra. Elayne decidiu que, se Zaida queria mesmo ser a próxima Mestra dos Navios, a mulher tinha uma rival que esperava conquistar. Poderia ser bom para Andor se Zaida alcançasse o trono dos Atha'an Miere, ou seja lá como o Povo do Mar o chamasse; com ou sem barganha, ela sempre estaria ciente de que Andor a ajudara, e isso tinha que ser algo bom. Embora se ela falhasse, sua rival estaria ciente de onde o favor de Andor tinha ido também. Ainda assim, era tudo se e talvez. Aqui e agora era outra coisa.

“Eu não espero que ninguém maltrate um embaixador,” ela disse calmamente uma vez que as portas se fecharam atrás delas, “mas no futuro, espero a privacidade de meus quartos. Nem os embaixadores podem simplesmente entrar. Estou entendida?”

Rasoria assentiu, seu rosto rígido, mas pela cor que brilhou em suas bochechas, ela sentiu a mortificação de ter deixado o Povo do Mar passar tão profundamente quanto Birgitte, e o vínculo... se *contorceu*... até que Elayne sentiu seu próprio rosto ficar vermelho com um embaraço pungente. “Vocês não fizeram nada de errado, não

exatamente, mas não deixem isso acontecer de novo." Luz, agora ela parecia uma idiota! "Não vamos falar mais sobre isso", disse ela rigidamente. Ah, que *queimasse* Birgitte e o vínculo! Elas *teriam* que lutar com Zaida para detê-la, mas adicionar uma humilhação profunda à dor de cabeça da outra mulher era acumular insulto sobre injúria! E Aviendha não tinha motivos para sorrir daquele jeito... daquele jeito *bajulador*. Elayne não sabia quando ou como sua irmã descobrira que ela e Birgitte às vezes refletiam uma à outra, mas Aviendha achava tudo muito divertido. Seu senso de humor podia ser áspero às vezes.

"Eu acho que vocês duas vão uma fazer a outra derreter um dia", disse ela rindo. "Mas então, você já fez essa piada, Birgitte Trahelion." Birgitte fez uma careta para ela, um súbito alarme esmagando o constrangimento no vínculo, e ela devolveu um olhar tão inocente que parecia que seus olhos iam cair do rosto.

Melhor não perguntar, Elayne decidiu. Quando você faz perguntas, Lini costumava dizer, então você tem que ouvir as respostas querendo ou não. Ela não queria ouvir, não com Rasoria examinando cuidadosamente o piso na frente de suas botas e o resto das Guardas na antessala falhando em fingir não estar ouvindo. Ela nunca tinha percebido o quão preciosa era a privacidade até perdê-la completamente. Perto disso o suficiente, de qualquer maneira. "Vou terminar meu banho agora", disse ela calmamente. Sangue e cinzas, que brincadeira Birgitte fez com ela? Algo que a fez... derreter? Não poderia ter sido muito se ela ainda não soubesse o que era.

Infelizmente, a água do banho estava fria. Morna, de qualquer maneira. Quase nada em que ela quisesse se sentar. Um pouco mais de imersão teria sido maravilhoso, mas não à custa de esperar enquanto as banheiras eram esvaziadas balde por balde e mais água quente trazida. Todo o palácio já devia saber que ela estava de volta agora, e a Primeira Empregada e o Primeiro Escriturário estariam ansiosos para fazer seus relatórios diários. Diariamente, quando ela estava na cidade, e duplamente ansiosos porque ela tinha saído por um dia. O dever vinha antes do prazer, se você for governar um país. E isso valia duplamente para tentar ganhar o trono, em primeiro lugar.

Aviendha tirou a toalha da cabeça e balançou o cabelo, parecendo aliviada por não ter que entrar na água novamente.

Ela foi para o quarto de vestir, tirando o roupão antes de chegar à porta, e já havia vestido a maior parte de suas roupas quando Elayne e as empregadas entraram. Com apenas alguns murmúrios, ela deixou Naris completar o trabalho, embora pouco restasse além de vestir sua pesada saia de lã. Ela deu um tapa nas mãos da empregada e apertou os cadarços de suas botas macias até o joelho.

Para Elayne, não foi tão fácil. A menos que surgisse alguma emergência, Essande se sentia menosprezada quando não discutia sua escolha de vestidos. Com serviçais próximos, sempre havia um equilíbrio delicado a ser mantido. Sem exceção, uma criada sabia mais de seus segredos do que você pensava que ela sabia, e ela via você no seu pior, mal-humorada, cansada, chorando em seu travesseiro, com raiva e mau humor. O respeito tinha que existir nos dois sentidos, ou a situação se tornava impossível. Então Aviendha estava sentada em um dos bancos acolchoados, permitindo que Naris penteasse seu cabelo, antes que Elayne pudesse escolher um vestido simples cinza em lã fina, bordado em verde na gola alta e nas mangas e enfeitado com raposa preta. Não era porque ela tinha dificuldade em decidir, mas porque Essande continuava apresentando sedas costuradas com pérolas ou safiras ou gotas de fogo, cada uma mais ornamentada que a outra. Por mais que o trono ainda não fosse dela, Essande queria vesti-la todos os dias como uma rainha se preparando para uma audiência.

Houve um motivo para isso, quando todos os dias traziam delegações de mercadores para oferecer petições ou apresentar seus respeitos, especialmente forasteiros esperando que os problemas em Andor não afetassem seu comércio. O velho ditado que dizia que quem segurava Caemlyn segurava Andor nunca foi realmente verdade e, aos olhos dos mercadores, as chances de ela realmente ganhar o trono diminuíram com a chegada do exército de Arymilla fora dos portões. Eles podiam contar as Casas dispostas em ambos os lados com a mesma facilidade com que podiam contar moedas. Até os mercadores andoreanos evitavam agora o Palácio Real,

mantendo-se o mais longe possível do Centro da Cidade para que ninguém pensasse que tinham ido ao palácio, e os banqueiros vinham bem encapuzados, em carruagens anônimas. Ninguém a desejava mal, isso ela sabia, e certamente ninguém queria enfurecê-la, mas também não queriam enfurecer Arymilla, não agora. Ainda assim, os banqueiros vinham, e até agora ela não tinha ouvido falar de nenhum mercador apresentando petições a Arymilla. Esse seria o primeiro sinal de que sua causa estava perdida.

Colocar o vestido levou o dobro do tempo que deveria, já que Essande permitiu que Sephanie ajudasse Elayne. A garota respirou pesadamente o tempo todo, ainda desacostumada a vestir outra pessoa e com medo de cometer um erro sob o olhar de Essande. Muito mais do que cometer um na frente de sua senhora, Elayne suspeitava. A apreensão tornou a jovem robusta desajeitada, a falta de jeito a tornou mais meticulosa, e o esforço a fez se preocupar mais com os erros, então o resultado foi que ela se moveu mais devagar do que a frágil mulher mais velha já havia feito. Finalmente, porém, Elayne se viu sentada de frente para Aviendha, deixando Essande passar um pente de marfim pelos cachos. Na opinião de Essande, permitir que uma das garotas enfiasse uma camisola na cabeça de Elayne ou abotoasse seus botões era uma coisa, mas arriscar qualquer uma delas fazer um emaranhado no cabelo dela era outra.

Antes que o pente tivesse feito duas dúzias de golpes, porém, Birgitte apareceu na porta. Essande fungou, e Elayne quase pôde ver a careta da mulher atrás das costas. Essande cedera ao fato de Birgitte estar presente nos banhos, embora com relutância, mas o vestiário era sacrossanto.

Surpreendentemente, Birgitte deixou passar a desaprovação da empregada sem sequer um olhar apaziguador. Normalmente, ela evitava pressionar Essande um centímetro além do que Elayne exigia. “Dyelin voltou, Elayne. Ela trouxe companhia. Os Altos Assentos de Mantear, Haevin, Gilyard e Northan.” Por alguma razão, o vínculo carregava traços de perplexidade e aborrecimento.

Dor de cabeça compartilhada ou não, Elayne poderia ter saltado de alegria. Se Essande não tivesse o pente enfiado no cabelo, talvez

tivesse. Quatro! Ela nunca esperava que Dyelin conseguisse tanto. Tinha esperança disso, rezava por isso, mas nunca esperava por isso, certamente não em uma curta semana. Na verdade, ela tinha certeza de que Dyelin voltaria de mãos vazias. Quatro lhe davam igualdade com Arymilla. Era irritante pensar em estar “em pé de igualdade” com aquela mulher tola, mas a verdade era a verdade. Mantear, Haevin, Gilyard e Northan. Por que não Candraed? Essa foi a quinta Casa Dyelin que se aproximou. Não. Ela tinha mais quatro Casas, e não ia se preocupar com a falta de uma.

“Entretenha-os na sala de estar formal até que eu possa ir, Birgitte.” A pequena sala de estar tinha sido suficiente para Zaida — ela esperava que a Mestra das Ondas não tivesse notado —, mas quatro Assentos exigiam mais. “E peça à Primeira Empregada para arranjar aposentos.” Aposentos. Luz! As Atha'an Miere teriam de ser apressadas para fora deles para abrir espaço. Até elas saírem, a maioria dos leitos que não tinham dois ocupantes tinha três. “Essande, a seda verde com safiras, eu acho. E safiras para o meu cabelo também. As grandes safiras.”

Birgitte saiu ainda se sentindo confusa e chateada. Por quê? Certamente ela não poderia pensar que deveria deixar *Dyelin* esperando por causa de Zaida? Ah, Luz, agora ela estava se sentindo intrigada por Birgitte se sentir confusa; se aquilo tivesse permissão se alimentar se de si mesmo, ambas acabariam tontas! Quando a porta se fechou, Essande foi até o guarda-roupa mais próximo com um sorriso que poderia ser chamado de triunfante.

Olhando para Aviendha, que havia feito sinal para Naris e seu pente se afastarem e estava dobrando um lenço cinza-escuro para prender o cabelo, Elayne também sorriu. Ela precisava de algo para tirá-la daquele ciclo giratório. “Talvez você devesse usar sedas e pedras preciosas só mais essa vez, Aviendha,” ela disse em um tom gentilmente provocador. “Dyelin não vai se importar, é claro, mas os outros não estão acostumados com Aiel. Eles podem pensar que estou entretendo uma cavalaria.”

Ela quis dizer isso como uma piada — elas zombavam uma da outra sobre roupas o tempo todo, e Dyelin olhava de soslaio para



Aviendha, independentemente do que ela vestisse —, mas sua irmã franziu a testa para os guarda-roupas alinhados na parede, depois assentiu e colocou o lenço ao lado dela na almofada do estofado. “Só para que esses Altos Assentos fiquem devidamente impressionados. Não pense que vou fazer isso o tempo todo. É um favor para você.”

Para alguém que estava apenas fazendo um favor, ela se debruçou sobre as roupas que Essande tirou com muito interesse antes de decidir por um veludo azul-escuro com riscas verdes e uma rede prateada para prender seu cabelo. Eram suas roupas, feitas para ela, mas desde que chegara a Caemlyn, ela as evitou como se estivessem com aranhas caveira rastejando nelas. Acariciando as mangas, ela hesitou como se pudesse mudar de ideia, mas finalmente deixou Naris fechar os minúsculos botões de pérolas. Ela recusou a oferta de Elayne de esmeraldas que combinariam admiravelmente com o vestido, mantendo o colar de flocos de neve de prata e a pesada pulseira de marfim, mas no último minuto ela prendeu a tartaruga âmbar no ombro.

"Você nunca pode dizer quando pode ser necessário", disse ela.

“Melhor prevenir do que remediar,” Elayne concordou. “Essas cores ficam lindas em você.” Era verdade, mas Aviendha corou. Elogie-a por quão bem ela atirou com o arco ou quão rápido ela podia correr, e ela tomava isso como não mais do que o devido, mas ela tinha dificuldade em aceitar o fato de que era bonita. Essa era uma parte de si mesma que ela conseguira ignorar até recentemente.

Essande balançou a cabeça em desaprovação, sem saber que o broche era um *angreal*. Âmbar não combinava com veludo azul. Ou talvez fosse a faca com cabo de chifre de Aviendha, que ela enfiou atrás do cinto de veludo verde. A mulher de cabelos brancos certificou-se de que Elayne usava uma pequena adaga com safiras na bainha e no punho, pendurada em um cinto de ouro trançado. Tudo tinha que ser assim para ganhar a aprovação de Essande.

Rasoria sobressaltou-se quando Aviendha entrou na antessala em seus veludos de gola alta. As mulheres da Guarda nunca a tinham visto em nada além do traje de Aiel antes. Aviendha fez uma careta como se elas estivessem rido, e agarrou seu canivete com firmeza,

mas felizmente sua atenção foi desviada por uma bandeja coberta de pano sobre a longa mesa lateral contra a parede. A refeição do meio-dia de Elayne fora entregue enquanto elas se vestiam. Afastando o pano listrado de azul para o lado, Aviendha tentou despertar o interesse de Elayne em comer, sorrindo e mostrando o quão doce seria o ensopado de ameixas secas e exclamando sobre os pedaços de carne de porco no mingau granulado. Lascas, eles pareciam. Rasoria limpou a garganta e mencionou que um fogo estava queimando bem na sala de estar maior do apartamento. Ela ficaria mais do que feliz em levar a bandeja para Lady Elayne. Todos tentavam se certificar de que Elayne comia direito, do modo como viam o que era “direito”, mas isso era ridículo. A bandeja estava ali há algum tempo. O mingau era uma massa congelada que ficaria presa na tigela se ela a virasse de cabeça para baixo!

Ela tinha os Altos Assentos de quatro Casas esperando por ela, e eles esperaram tempo suficiente. Ela apontou isso, mas se ofereceu para deixar as duas comerem se estivessem com fome. Na verdade, ela insinuou que poderia insistir para que elas comessem. Isso foi o suficiente para fazer Aviendha largar o pano sobre a bandeja com um estremecimento, e Rasoria também não perdeu mais tempo.

Foi apenas uma curta caminhada pelo corredor gelado até a sala de estar formal, e as únicas coisas que se moviam, além delas, eram as cortinas de inverno brilhantes que se agitavam nas correntes de ar do corredor, mas as Guardas formaram um círculo em torno de Elayne e Aviendha e vigiavam como se esperassem Trollocs. Foi apenas com esforço que Elayne convenceu Rasoria de que não havia necessidade de revistar a sala de estar antes de entrar. As Guardas a serviam e a obedeciam, mas também tinham o compromisso de mantê-la viva, e podiam ficar tão emburradas nesse último dever quanto Birgitte em decidir se era Guardiã, Capitã-General ou irmã mais velha a qualquer momento. Provavelmente, após o incidente com Zaida, Rasoria teria querido que os senhores e senhoras que esperavam lá dentro entregassem suas armas! A ameaça com o mingau podia ter tido sua parte também. Depois de uma breve discussão, no entanto, Elayne e Aviendha entraram pela porta larga

juntas e sozinhas. A sensação de satisfação de Elayne não durou, no entanto.

A sala de estar era grande, destinada a acomodar confortavelmente dezenas de pessoas, um espaço de painéis escuros com tapetes em camadas cobrindo o piso e um arco de ferradura de cadeiras de espaldar alto em frente a uma lareira alta de mármore branco com finos veios vermelhos. Aqui, dignitários importantes podiam ser recebidos com mais honra do que uma audiência diante do trono, porque era mais íntimo. As chamas dançando ao longo das toras da lareira mal tiveram tempo de aliviar o frio no ar, mas certamente não era por isso que Elayne se sentia como se tivesse sido atingida no estômago. Ela entendia a perplexidade de Birgitte agora.

Dyelin deixou de aquecer as mãos no fogo quando elas entraram. Uma mulher de rosto forte, com linhas finas nos cantos dos olhos e toques grisalhos em seus cabelos dourados, ela não esperou para se trocar ao chegar ao palácio, e ainda usava um vestido de montaria cinza escuro que mostrava algumas manchas de viagem na bainha. Sua reverência foi a mera curva de seu pescoço, a menor inclinação de seus joelhos, mas ela não pretendia ser descortês. Dyelin sabia quem ela era com tanta certeza quanto Zaida — sua única joia era um pequeno broche de ouro em forma de coruja e carvalho de Taravin em seu ombro, uma declaração clara de que o Alto Assento de Taravin não precisava de mais nada —, mas ela quase morrera para provar sua lealdade a Elayne. “Minha Senhora Elayne,” ela disse formalmente, “é uma honra apresentar a você Lorde Perival, Alto Assento da Casa Mantear.”

Um menino bonito de cabelos dourados com um casaco azul simples afastou-se de olhar através o caleidoscópio de quatro canos em um suporte dourado mais alto do que ele. Ele tinha uma taça de prata na mão que Elayne esperava muito que não contivesse vinho, ou pelo menos extremamente bem aguçado se contivesse. Uma das mesas laterais continha várias bandejas carregadas de jarras e xícaras. E um bule ornamentado que ela sabia que poderia estar cheio de água. “Meu prazer, minha Lady Elayne,” ele disse, corando e fazendo uma reverência crível apesar de um pouco de falta de jeito ao

manusear a espada amarrada em sua cintura. A arma parecia longa demais para ele. “A Casa Mantear está com a Casa Trakand.” Ela retribuiu sua cortesia atordoada, abrindo as saias mecanicamente.

“Senhora Catalyn, Alto Assento da Casa Haevin,” Dyelin continuou.

“Elayne,” uma jovem de olhos escuros ao seu lado murmurou, tocando suas saias verde-escuras divididas e fazendo um mergulho fracionário que poderia ter sido destinado a uma reverência, embora talvez ela só quisesse imitar Dyelin. Ou talvez ela quisesse evitar encostar o queixo no grande broche esmaltado na gola alta do vestido, o Urso Azul de Haevin. Seu cabelo estava preso em uma rede prateada trabalhada com o Urso Azul também, e ela usava um longo anel com o símbolo também. Um toque de orgulho demais da Casa, talvez. Apesar de sua arrogância fria, ela era uma mulher apenas por cortesia, suas bochechas ainda redondas com gordura de bebê. “Haevin está com Trakand, obviamente, ou eu não estaria aqui.”

A boca de Dyelin se apertou levemente, e ela deu à garota um olhar duro que Catalyn parecia não ver. “Lord Branlet, Alto Assento da Casa Gilyard.”

Outro menino, este de cachos pretos rebeldes, de verde bordado com ouro nas mangas, que colocou apressadamente sua taça de vinho em uma mesa lateral, como se incomodasse ser visto com ela. Seus olhos azuis eram grandes demais para seu rosto, e ele quase tropeçou com a espada, curvando-se. “É um prazer dizer que a Casa Gilyard representa Trakand, Lady Elayne.” No meio do caminho, sua voz passou dos agudos aos graves, e ele corou ainda mais do que Perival.

“E Lorde Conail, Alto Assento da Casa Northan.”

Conail Northan sorriu por cima da borda de sua taça de prata. Alto e magro, com um casaco cinza com mangas curtas demais para cobrir seus pulsos ossudos, ele tinha um sorriso cativante, olhos castanhos alegres e um bico de águia como nariz. “Tiramos no palito a ordem de quem seria apresentado, e eu tirei o menor. Northan está com Trakand. Não posso deixar uma tola como Arymilla assumir o trono. Ele manjava sua espada sem problemas, e pelo menos havia

atingido a maioridade, mas se passasse muitos meses dos dezesseis anos, Elayne comeria suas botas e esporas de nó de prata.

A juventude deles não era surpresa, é claro, mas ela esperava que Conail tivesse uma cabeça grisalha ao seu lado para aconselhá-lo e aos outros a ter seus guardiões olhando por cima de seus ombros. Não havia mais ninguém na sala além de Birgitte, parada na frente das altas janelas arqueadas com os braços cruzados sob os seios. A brilhante luz do sol do meio-dia inundando o vidro transparente nas janelas fez dela uma silhueta de desagrado.

“Trakand dá as boas-vindas a todos vocês, e eu dou as boas-vindas a todos vocês”, disse Elayne, reprimindo seu desânimo. “Eu não vou esquecer o seu apoio, e Trakand não vai esquecer.” Algo de sua consternação deve ter surgido, porque a boca de Catalyn se comprimiu e seus olhos brilharam.

“Eu já passei da minha tutela, como você deve saber, Elayne,” ela disse com uma voz dura. “Meu tio, Lord Arendor, disse na Festa das Luzes que eu estava tão pronta quanto jamais estaria e poderia muito bem ter rédea livre naquele momento ou em um ano. Verdade, acho que ele queria mais tempo para caçar enquanto ainda pode. Ele sempre amou caçar e é bem velho.” Mais uma vez ela não conseguiu ver a carranca de Dyelin. Arendor Haevin e Dyelin tinham mais ou menos a mesma idade.

“Eu também não tenho guardião,” Branlet disse incerto, sua voz quase tão aguda quanto a de Catalyn.

Dyelin deu-lhe um sorriso solidário e alisou o cabelo da testa. Ele prontamente caiu para a frente novamente. “Mayv estava cavalcando sozinha, como ela gostava de fazer, e seu cavalo entrou em um buraco de esquilo,” ela explicou calmamente. “Quando alguém a encontrou, já era tarde demais. Houve alguma... discussão... sobre quem deve tomar o lugar dela.

“Eles estão discutindo há três meses,” Branlet murmurou. Por um momento ele pareceu mais jovem que Perival, um menino tentando encontrar o caminho sem ninguém para lhe mostrar o caminho. “Eu não deveria dizer isso a ninguém, mas posso dizer a você. Você vai ser a rainha.”

Dyelin pôs a mão no ombro de Perival e ele se endireitou, embora ainda fosse mais baixo que ela. “Lorde Willin estaria aqui com Lorde Perival, mas os anos o deixaram acamado. A idade se aproxima para todos nós, eventualmente.” Ela lançou outro olhar para Catalyn, mas a garota estava estudando Birgitte, agora, com os lábios franzidos. “Willin disse que eu deveria dizer a você que ele envia seus votos de felicidades e também um que ele considera um filho.”

“Tio Willin me disse para defender a honra de Mantear e de Andor”, disse Perival, com a intenção de que só uma criança falando sério poderia ter. “Vou tentar, Elayne. Vou me esforçar muito.”

“Tenho certeza que você terá sucesso,” Elayne disse a ele, conseguindo colocar pelo menos um pouco de calor em seu tom. Ela queria expulsar todos eles e fazer algumas perguntas muito diretas a Dyelin, mas isso não podia acontecer, não imediatamente. Quaisquer que fossem as idades, eram todos Altos Assentos de Casas poderosas, e ela precisava oferecer refresco e pelo menos um pouco de conversa antes de partirem para trocar a roupa da viagem.

“Ela é realmente a Capitã-General da Guarda da Rainha?” Catalyn perguntou enquanto Birgitte entregava a Elayne uma fina xícara de porcelana azul com água quente levemente escurecida. A garota falou como se Birgitte não estivesse lá. Birgitte ergueu uma sobrancelha antes de sair, mas Catalyn parecia experiente em não ver o que ela não queria ver. A taça de vinho em sua mão gorda exalava o aroma adocicado de especiarias. Não havia nem uma gota de mel na imitação miserável de chá de Elayne.

“Sim, e minha Guardiã também”, disse ela. Educadamente. Tão pronta quanto ela jamais estaria! A garota provavelmente achou isso um elogio. Ela merecia uma chicotada por pura grosseria, mas não se poderia chicotear um Alto Assento. Não quando você precisava do apoio dela.

Os olhos de Catalyn brilharam para as mãos de Elayne, mas o anel da Grande Serpente não fez nada para alterar a frieza de sua expressão. “Eles te deram isso? Eu não sabia que você tinha sido elevada a Aes Sedai. Achei que a Torre Branca tinha mandado você para casa. Quando sua mãe morreu. Ou talvez por causa dos

problemas na Torre de que ouvimos falar. Imagine, Aes Sedai brigando como donas de campo no mercado. Mas como ela pode ser general *ou* Guardiã sem espada? De qualquer forma, minha tia Evelle diz que uma mulher deve deixar as espadas para os homens. Você não ferra seu próprio cavalo quando tem um ferrador, nem moe seu próprio grão quando tem um moleiro.” Uma citação de Lady Evelle, sem dúvida.

Elayne corrigiu o rosto, ignorando os únicos insultos levemente enterrados. “Um exército é a espada de um general, Catalyn. Gareth Bryne diz que um general que usa outra lâmina está confundindo o trabalho.” O nome também não parecia impressioná-la. Os filhos dos mineiros nas Montanhas da *Névoa* sabiam o nome de Gareth Bryne!

Aviendha apareceu ao lado de Elayne, sorrindo como se estivesse encantada com a oportunidade de conversar com a garota. “Espadas não servem para nada,” ela disse docemente. Docemente! Aviendha! Elayne nunca tinha percebido que sua irmã pudesse dissimular com tanta habilidade. Ela tinha uma taça de vinho quente, também. Seria demais esperar que ela continuasse bebendo chá amargo por afeto fraternal. “Você deveria aprender a usar a lança. Também a faca e o arco. Birgitte Trahelion poderia disparar em seus olhos a duzentos passos com seu arco. Talvez em trezentos.”

“A lança?” Catalyn disse fracamente. E então, em um tom levemente incrédulo, “Meus *olhos*?”

“Você não conheceu minha irmã”, disse Elayne. “Aviendha, Lady Catalyn Haevin. Catalyn, Aviendha dos Nove Vales Taardad.” Talvez devesse ter feito isso ao contrário, mas Aviendha era sua irmã, e mesmo um Alto Assento devia contentar-se em ser apresentado à irmã da Filha-Herdeira. “Aviendha é Aiel. Ela está estudando para se tornar uma Sabia.”

A boca da garota tola se abriu no começo, seu queixo caindo mais e mais a cada pronunciamento até que ela estava boquiaberta como um peixe. Foi muito satisfatório. Aviendha deu a Elayne um sorriso menor, seus olhos verdes brilhando com aprovação acima de sua taça de vinho. Elayne manteve seu próprio rosto suave, mas ela queria sorrir de volta.

Os outros eram muito mais fáceis de lidar, muito menos irritantes. Perival e Branlet ficaram tímidos na primeira vez em Caemlyn, ainda mais no Palácio Real, mal dizendo duas palavras, a menos que alguém falasse com eles. Conail achou que a afirmação de que Aviendha era Aiel devia ser uma piada, e quase enfiou o canivete dela no peito dele por rir roucamente, mas, felizmente, ele também achou que era uma piada. Aviendha adotou uma postura gélida que poderia tê-la feito parecer uma Sábia em suas roupas habituais; em veludos, ela parecia ainda mais uma dama da corte, não importa como ela manuseasse sua faca. E Branlet continuou dando olhadelas de lado em Birgitte. Demorou um pouco para Elayne perceber que ele a observava andar com as botas de salto alto — aquelas calças largas eram bem justas nos quadris —, mas ela apenas suspirou. Felizmente, Birgitte nunca percebeu, e o vínculo teria deixado Elayne saber, mesmo que ela tentasse esconder. Birgitte gostava que os homens a olhassem. Homens crescidos. Não teria feito bem à causa de Elayne se sua Guardiã batesse no traseiro do jovem Branlet.

O que eles mais queriam saber era se Reanne Corly era uma Aes Sedai. Nenhum dos quatro tinha visto uma irmã antes, mas eles achavam que ela devia ser, já que podia canalizar, e carregá-los e seus soldados por centenas de quilômetros em um passo. Era uma boa oportunidade para praticar a evasão sem mentir, ajudada pelo anel da Grande Serpente em seu próprio dedo. Uma mentira mancharia suas relações com esses quatro no início, mas dificilmente seria bom esperar que os rumores de ajuda das Aes Sedai chegassem a Arymilla enquanto espalhavam a verdade livremente. Claro, todos os quatro estavam ansiosos para que ela soubesse quantos homens armados haviam trazido, um total de pouco mais de três mil, quase metade deles besteiros ou alabardeiros que seriam especialmente úteis nas muralhas. Essa era uma força considerável para quatro Casas ter à mão quando Dyelin viesse a chamar, mas nenhuma Casa queria seu Alto Assento desprotegido naqueles tempos. O sequestro não era inédito quando o trono estava em questão. Conail disse isso, com uma risada; ele parecia achar que tudo valia a pena rir. Branlet assentiu e passou a mão pelo cabelo.



Elayne se perguntou quantas de suas numerosas tias, tios e primos sabiam que ele se foi e o que fariam quando soubessem.

“Se Dyelin estivesse disposta a esperar alguns dias”, disse Catalyn, “eu poderia ter trazido mais de mil e duzentos homens.” Essa foi a terceira vez em tantas frases que ela conseguiu apontar que trouxe o maior contingente por uma margem considerável. “Eu enviei mensagens para todas as Casas juradas a Haevin.”

“E eu a todas as casas juradas a Northan”, acrescentou Conail. Com um sorriso, é claro. “Northan pode não convocar tantas espadas quanto Haevin ou Trakand — ou Mantear”, ele disse com uma reverência para Perival, “mas quem cavalgar quando as Águias chamarem estará cavalgando para Caemlyn.”

“Eles não vão andar muito rápido no inverno”, disse Perival calmamente. E surpreendentemente, já que ninguém havia falado com ele. “Acho que o que quer que façamos, teremos que fazer com quem temos agora.”

Conail riu e deu um tapa no ombro do rapaz e disse-lhe para se animar, porque todo homem com coração estava a caminho de Caemlyn para apoiar Lady Elayne, mas Elayne estudou Perival mais de perto. Seus olhos azuis encontraram os dela por um momento sem piscar antes de ele timidamente abaixar o olhar. Um menino, mas ele sabia no que havia cavalgado melhor do que Conail ou Catalyn, que passou a dizer-lhes mais uma vez quantos homens armados ela havia trazido, e quantos Haevin poderia chamar, como se todos lá, exceto Aviendha, não soubessem *exatamente* como muitos cavalgavam para a convocação de cada Casa, em soldados treinados e fazendeiros que carregavam uma alabarda ou lança em alguma guerra e homens da aldeia que podiam ser convocados em caso de necessidade. Perto o suficiente para se exata, de qualquer maneira. Lord Willin fizera um bom trabalho com o jovem Perival. Agora ela tinha que evitar que isso fosse desperdiçado.

Por fim, chegou a hora de trocar beijos, com Branlet corando até o cabelo, Perival piscando timidamente quando Elayne se inclinou para ele, e Conail jurando nunca lavar o rosto. Catalyn deu um beijo surpreendentemente hesitante na bochecha de Elayne, como se

tivesse acabado de lhe ocorrer que ela havia consentido em colocar Elayne acima dela, mas depois de um momento ela assentiu para si mesma, o orgulho frio voltando sobre ela como um manto. Assim que os quatro foram entregues às empregadas e criados que os levariam para os aposentos que Elayne esperava que a Primeira Empregada tivesse tempo de preparar, Dyelin tornou a encher sua taça de vinho e se acomodou em uma das cadeiras altas e esculpidas com um suspiro cansado.

“O melhor trabalho de uma semana que eu já fiz, se é que posso dizer. Tirei Candraed do caminho imediatamente. Eu nunca pensei que Danine seria capaz de se decidir, e só levou uma hora para provar que eu estava certa, embora eu tivesse que ficar três para não a ofender. A mulher deve ficar na cama até o meio-dia por não poder decidir de que lado do colchão deve descer! O resto estava pronto para ver o sentido das coisas com apenas um pouco de convencimento. Ninguém com bom senso quer arriscar que Arymilla ganhe o trono.”

Por um momento, ela franziu a testa para seu vinho, então fixou Elayne com um olhar firme. Ela nunca hesitou em falar o que pensava, achando ou não que Elayne concordaria, e claramente pretendia fazer isso agora. “Pode ter sido um erro passar essas Mulheres Kin como Aes Sedai, por mais que tenhamos falado sobre isso. A tensão pode ser demais para exigir deles, e isso nos coloca em risco. Esta manhã, por nenhuma razão que eu pudesse entender, a Sra. Corly estava olhando e boquiaberta como uma garota ganso vindo para a cidade. Acho que ela quase falhou em tecer o portal para nos trazer aqui. Isso teria sido maravilhoso, todos alinhados para passar por um buraco milagroso no ar que nunca se materializou. Sem falar que teria me enfiado na companhia de Catalyn pela Luz sabe quanto tempo. Criança odiosa! Há uma boa mente lá, se alguém a pegar na mão dela por alguns anos, mas ela tem uma dose dupla da língua víbora de Haevin.”

Elayne cerrou os dentes. Ela sabia como Haevins podiam ser cortantes. A família inteira se *orgulhava* disso! Catalyn obviamente se orgulhava. E ela estava cansada de explicar o que naquele dia

poderia assustar qualquer mulher que pudesse canalizar. Ela estava cansada de ser lembrada do que estava tentando ignorar. Aquele *maldito* farol ainda estava brilhando no oeste, uma impossibilidade absoluta tanto por seu tamanho quanto por sua duração. A coisa estava imutável há horas! *Qualquer um* que tenha canalizado por tanto tempo sem descanso *devia* ter caído de exaustão agora. E Rand maldito al'Thor estava bem ali, no coração disso. Ela tinha certeza disso! Ele estava vivo, mas isso só a fez querer dar um tapa em seu rosto por fazê-la passar por isso. Bem, o rosto *dele* não estava lá, mas...

Birgitte bateu sua taça de prata em uma mesa lateral com tanta força que o vinho voou por toda parte. Alguma lavadeira ia suar para tirar aquela mancha da manga do casaco. Uma empregada trabalhava por horas para restaurar o polimento da mesa lateral. "Crianças!" ela latiu. "As pessoas vão morrer por causa das decisões que tomam, e são malditas crianças, Conail a pior de todas! Você o ouviu, Dyelin. Ele quer desafiar o *campeão* de Arymilla como o maldito Artur Asa de Gavião! Asa de Gavião nunca lutou contra o maldito campeão de ninguém, e ele sabia quando era mais jovem que *Lord* Northan que era um jogo de tolos apostar tanto em um maldito duelo, mas Conail acha que pode conquistar para Elayne o maldito trono com sua maldita espada!

"Birgitte Trahelion está certa," Aviendha disse ferozmente. Suas mãos eram punhos segurando suas saias. "Conail Northan é um tolo! Mas como alguém poderia seguir aquelas crianças na dança das lanças? Como alguém poderia pedir a elas para liderar?"

Dyelin olhou para as duas e optou por responder primeiro a Aviendha. Ela estava claramente confusa com o traje de Aviendha. Mas então, ela ficou confusa por Aviendha e Elayne se adotarem como irmãs, por Elayne ter uma amiga Aiel em primeiro lugar. Que Elayne tenha escolhido incluir aquela amiga em seus conselhos era algo que ela tolerava. Embora não sem mostrar sua tolerância. "Tornei-me Alto Assento de Taravin aos quinze anos, quando meu pai morreu em uma escaramuça nas Marchas de Altara. Meus dois irmãos mais novos morreram lutando contra invasores de gado em

Murandy naquele mesmo ano. Ouvi os conselheiros, mas disse aos cavaleiros de Taravin onde atacar, e ensinamos os altaranos e os murandianos a procurar em outro lugar por seus ladrões. Os tempos escolhem quando os filhos devem crescer, Aviendha, não nós, e nestes tempos, um Alto Assento que é criança não pode mais ser criança.”

“Quanto a você, Lady Birgitte,” ela continuou com uma voz mais seca. “Sua linguagem é, como sempre... pungente.” Não perguntou como Birgitte presumia saber tanto de Artur Asa de Gavião, coisas que nenhum historiador sabia, mas a estudou de modo apreciativo. “Branlet e Perival receberão minha orientação, e Catalyn também, eu acho, por mais que eu me arrependa do tempo que terei que passar com a garota. Quanto a Conail, ele dificilmente é o primeiro jovem a pensar que é invencível e imortal. Se você não pode mantê-lo controlado como Capitã-General, sugiro que tente andar perto ele. Do jeito que ele estava olhando para essas suas calças, ele seguirá em qualquer lugar que você levar.”

Elayne... estremeceu... a pura fúria brotando nela. Não sua fúria, não mais do que tinha sido sua raiva de Dyelin em primeiro lugar, ou sua raiva de Birgitte espirrando vinho. Era de Birgitte. Ela não queria dar um tapa no rosto de Rand. Bem, ela quis, mas isso não vinha ao caso. Luz, Conail também estava olhando para Birgitte? “São os Altos Assentos de suas Casas, Aviendha. Ninguém em suas Casas me agradecerá por tratá-los como menos; longe disso. Os homens que cavalgam por eles lutarão para mantê-los vivos, mas é com Perival e Branlet, Conail e Catalyn que eles cavalgam, não eu. Porque são os Altos Assentos.” Aviendha franziu a testa e cruzou os braços como se estivesse enrolando um xale, mas assentiu. Abruptamente e com relutância — ninguém alcançava tal proeminência entre os Aiel sem anos de experiência e a aprovação dos Sábias —, mas ela assentiu.

“Birgitte, você terá que lidar com eles, capitã-general e Altos Assentos. O cabelo branco não os tornaria necessariamente mais sábios e definitivamente não os tornaria mais fáceis de lidar. Eles ainda teriam suas próprias opiniões e, com anos de experiência para lhes dar peso, provavelmente teriam dez vezes mais certeza de que

sabiam o que precisa ser feito melhor do que você. Ou do que eu.” Ela fez um grande esforço para manter seu tom claro, e sem dúvida Birgitte sentiu o esforço. Pelo menos, o fluxo de raiva através do vínculo de repente diminuiu. Foi apenas abafado, não sumiu — Birgitte gostava de ver os homens olhando, pelo menos quando ela queria que eles olhassem, mas ela não gostava muito que alguém dissesse que ela estava tentando atrair a atenção deles — mesmo assim, ela sabia do perigo das duas deixarem suas emoções correrem muito livremente.

Dyelin começou a beber seu vinho, ainda estudando Birgitte. Apenas um punhado sabia a verdade que Birgitte queria desesperadamente manter escondida, e Dyelin não estava entre eles, mas Birgitte tinha sido bastante descuidada, um lapso de língua aqui, um lapso ali, que a mulher mais velha tinha certeza de que algum mistério escondia atrás dos olhos azuis de Birgitte. Só a Luz sabia o que pensaria se resolvesse aquele enigma. Como estava, as duas eram óleo e água. Eles poderiam discutir sobre qual era o caminho, e certamente sobre todo o resto. Desta vez, Dyelin claramente pensou que tinha vencido, a pé e a cavalo.

“Seja como for, Dyelin”, continuou Elayne, “eu teria ficado mais satisfeita se você tivesse trazido seus conselheiros com eles. O que está feito está feito, mas Branlet me incomoda em particular. Se Gilyard me acusar de sequestrá-lo, as coisas ficarão piores do que antes, não melhores.”

Dyelin acenou para isso. “Você não conhece bem os Gilyards, não é? Pela maneira como brigam entre si, podem não perceber que o menino se foi antes do verão e, se perceberem, ninguém vai repudiar o que ele fez. Nenhum deles vai admitir que estavam tão ocupados discutindo sobre quem seria seu guardião que se esqueceram de ficar de olho nele. E segundo, nenhum deles vai admitir que não foi consultado antes. De qualquer forma, Gilyard representaria Zaida antes de Marne, e eles não gostam muito mais de Arawn ou Sarand.”

“Espero que você esteja certa, Dyelin, porque estou nomeando você para lidar com qualquer Gilyards zangado que aparecer. E enquanto você estiver aconselhando os outros três, pode manter o polegar em Conail para que ele não faça nada completamente insensato.”

Apesar de toda a sua conversa, a primeira sugestão fez Dyelin estremecer ligeiramente. A segunda a fez suspirar.

Isso fez Birgitte rir alto. “Se você tiver algum problema, eu lhe empresto um par de calças e algumas botas, e você pode andar por ele.”

“Algumas mulheres,” Dyelin murmurou em seu vinho, “podem fisgar um peixe torcendo um dedo, Lady Birgitte. Outras mulheres têm que arrastar a isca por todo o lago.” Aviendha riu disso, mas a raiva de Birgitte começou a subir no vínculo.

Uma onda de ar frio invadiu a sala quando a porta se abriu e Rasoria entrou, prestando atenção. “A Primeira Empregada e o Primeiro Escriturário chegaram, minha Lady Elayne,” ela anunciou. Sua voz falhou no final, quando ela pegou o clima na sala.

Uma cabra cega poderia ter percebido, com Dyelin presunçosa como um gato na leiteria, e Birgitte franzindo a testa para ela e Aviendha, e Aviendha escolhendo este momento para lembrar que Birgitte era Birgitte Arco de Prata, que nessa ocasião a fez olhar para o chão, envergonhada como se estivesse rindo de uma Sábia. De vez em quando, Elayne desejava que suas amigas pudessem se dar tão bem quanto ela e Aviendha, mas de alguma forma elas conseguiam se dar bem, e ela supôs que isso era realmente tudo o que ela podia pedir de pessoas reais. A perfeição era coisa dos livros e das histórias dos menestrelis.

“Mande-os entrar,” ela disse a Rasoria. “E não nos perturbe a menos que a cidade esteja sob ataque. A menos que seja importante,” ela emendou. Nas histórias, as mulheres que davam ordens assim estavam sempre se preparando para o desastre. Às vezes, havia lições em histórias, se você as procurasse.



## CAPÍTULO

### 14

---



### *O que as Sábias Sabem*

Halwin Norry, o Primeiro Escriturário, e Reene Harfor, a Primeira Empregada, entraram juntos, ele fazendo uma reverência brusca e inexperiente, e ela uma graciosa reverência que não era nem muito baixa nem muito superficial. Eles não poderiam ser mais diferentes. A Sra. Harfor tinha o rosto redondo e uma dignidade régia, o cabelo em um coque grisalho bem arrumado no alto da cabeça, Mestre Norry alto e desajeitado como uma ave pernalta, com o pouco de cabelo remanescente preso atrás das orelhas como se fossem penas brancas. Cada um carregava uma pasta de couro em relevo recheada de papéis, mas ela segurava a sua ao lado como se para não amassar seu tabardo escarlate formal, sem amassados como sempre parecia estar, não importava a hora ou há quanto tempo ela estava de pé; enquanto ele apertava a pasta contra o peito estreito como se quisesse esconder velhas manchas de tinta, das quais várias manchavam seu tabardo, incluindo uma grande mancha que fazia a cauda do Leão Branco terminar em um tufo preto. Cortesias feitas, eles imediatamente colocaram uma pequena distância entre si, cada um não observando o outro.

Assim que a porta se fechou atrás de Rasoria, o brilho de *saidar* surgiu ao redor de Aviendha, e ela teceu uma proteção contra espionagem que se agarrava às paredes da sala. O que fosse dito entre eles agora estava o mais seguro possível, e Aviendha saberia

se alguém tentasse ouvir com o Poder. Ela era muito boa com esse tipo de trama.

“Senhora Harfor,” Elayne disse, “se você puder começar.” Ela não ofereceu vinho ou assentos, é claro. Mestre Norry teria ficado chocado até as unhas com tal lapso de decoro, e a Sra. Harfor poderia muito bem ter ficado ofendida. Do jeito que estava, Norry se contorceu e olhou de lado para Reene, e sua boca se estreitou. Mesmo depois de uma semana de reuniões, era palpável sua aversão por dar seus relatórios onde um pudesse ouvir o outro. Eles estavam com ciúmes de seus campos, ainda mais desde que a Primeira Empregada se mudou para um território que antes poderia ter sido considerado responsabilidade de Mestre Norry. É claro que administrar o Palácio Real sempre foi tarefa da Primeira Empregada, e pode-se dizer que seus novos deveres eram apenas uma extensão disso. Isso não seria dito por Halwin Norry, no entanto. As toras em chamas se estabeleceram na lareira com um estalo alto, enviando uma chuva de faíscas pela chaminé.

“Estou convencida de que o Segundo Bibliotecário é... um espião, minha senhora,” a Sra. Harfor disse finalmente, ignorando Norry como se quisesse fazê-lo desaparecer. Resistira a deixar que *qualquer outra pessoa* soubesse que estava procurando espiões no palácio, mas o Primeiro Escriturário saber parecia irritar mais do que tudo. Sua única autoridade sobre ela, se é que existia, vinha do pagamento das contas do palácio, e ele nunca questionava uma despesa, mas mesmo esse pouco era mais do que ela desejava. “A cada três ou quatro dias, o Mestre Harnder visita uma estalagem chamada Arco e Flecha, supostamente para a cerveja feita pelo estalajadeiro, um Millis Fendry, mas a Senhora Fendry também cria pombos, e sempre que o Mestre Harder os visita, ela manda um pombo que voa para o norte. Ontem, três das Aes Sedai hospedadas no Cisne Prateado encontraram motivos para visitar o Arco e a Flecha, embora atenda a um público muito mais pobre do que o Cisne. Elas iam e vinham encapuzadas, e ficavam fechadas com a Sra. Fendry em particular por mais de uma hora. Todas as três são da Ajah Marrom. Temo que isso indique quem são as superiores do Mestre Harder.



“Cabeleireiros, lacaios, cozinheiros, o mestre marceneiro, nada menos que cinco dos escriturários de Mestre Norry, e agora um dos bibliotecários.”

Recostando-se na cadeira e cruzando as pernas, Dyelin fez uma careta amarga. “Existe alguém que não vamos descobrir eventualmente que é um espião, Senhora Harfor?” Norry esticou o pescoço desconfortavelmente; ele tomava a má conduta de seus funcionários como uma afronta pessoal.

“Tenho esperanças de estar chegando ao fundo desse barril, minha senhora,” a Senhora Harfor disse complacentemente. Nem os espiões nem os Altos Assentos das Casas poderosas a perturbavam. Espiões eram pragas das quais ela pretendia livrar o palácio com tanta certeza quanto o mantinha livre de pulgas e ratos — embora ela tivesse sido forçada a aceitar a ajuda de Aes Sedai com ratos recentemente — enquanto nobres poderosos eram como chuva ou neve, fatos da natureza a serem suportados até que fossem embora, mas nada para ficar perturbada. “Existem muitas pessoas que podem ser compradas, mas há apenas um número limitado das que podem comprar, ou que querem comprar.”

Elayne tentou imaginar o Mestre Harder, mas tudo o que conseguiu trazer à mente foi vago, um homem gorducho e calvo que piscava sem parar. Ele havia servido a mãe dela e, como ela se lembrava, a rainha Mordrellen antes disso. Ninguém comentou o fato de que parecia que ele também servia a Ajah Marrom. O palácio de cada governante entre a Espinha do Mundo e o Oceano Aryth continha os olhos e ouvidos da Torre. Qualquer governante com meio cérebro esperava isso. Sem dúvida, os Seanchan logo estariam vivendo sob o olhar da Torre Branca também, se já não estivessem. Reese havia descoberto vários espiões da Ajah Vermelha, certamente legados do tempo de Elaida em Caemlyn, mas esse bibliotecário era o primeiro de outra Ajah. Elaida não gostaria que outras Ajahs soubessem o que acontecia no palácio enquanto ela era conselheira da rainha.

“É uma pena que não tenhamos histórias falsas em que queremos que a Ajah Marrom acredite”, disse ela levemente. Uma *grande* pena que elas e as Vermelhas soubessem sobre as Kin. Na melhor das

hipóteses, elas tinham que saber que havia um grande número de mulheres no palácio que podiam canalizar, e não levaria muito tempo para descobrir quem eram. Isso criaria uma série de problemas no futuro, mas essas dificuldades estavam em algum lugar no futuro. Sempre planeje com antecedência, Lini costumava dizer, mas se preocupe demais com o próximo ano, ou você pode tropeçar amanhã. “Observe Mestre Harder e tente descobrir quem são seus amigos. Isso terá que ser suficiente por enquanto.” Alguns espiões dependiam de seus ouvidos, seja para ouvir fofocas ou para escutar nas portas; outros lubrificavam as línguas com algumas taças de vinho amistoso. A primeira parte de neutralizar um espião era descobrir como ele sabia o que vendia.

Aviendha bufou alto e, abrindo as saias, começou a se sentar no tapete antes de perceber o que estava vestindo. Com um olhar de advertência para Dyelin, ela se empoleirou rigidamente na beirada de uma cadeira, a imagem de uma dama da corte com os olhos brilhando. Exceto que uma dama da corte não teria verificado o fio de seu canivete com o polegar. Deixada por conta própria, Aviendha cortaria a garganta de cada espião assim que pudesse alcançar a faca. Espionar era um negócio vil, em sua opinião, não importava quantas vezes Elayne explicasse que cada espião encontrado era uma ferramenta que poderia ser usada para fazer seus inimigos acreditarem no que ela queria.

Não que todo espião necessariamente trabalhasse para um inimigo. A maioria dos que a Primeira Empregada descobriu recebia dinheiro de mais de uma fonte e, entre os que ela havia identificado, estavam o Rei Roedran de Murandy, vários Grão-Senhores e Damas tairenos, um punhado de nobres cairhienos e um bom número de mercadores. Muitas pessoas estavam interessadas no que acontecia em Caemlyn, seja por seu efeito sobre o comércio ou por outras razões. Às vezes parecia que todo mundo espionava todo mundo.

“Senhora Harfor,” ela disse, “você não encontrou olhos e ouvidos da Torre Negra.”

Como a maioria das pessoas que ouviam a Torre Negra ser mencionada, Dyelin estremeceu e tomou um gole profundo de seu

vinho, mas Reese apenas fez uma careta fraca. Ela decidiu ignorar o fato de que eles eram homens que podiam canalizar, já que ela não podia mudar as coisas. Para ela, a Torre Negra era... um aborrecimento. "Eles não tiveram tempo, minha senhora. Dê-lhes um ano e você encontrará lacaios e bibliotecários levando suas moedas também."

"Acho que vou." Era um pensamento terrível. "O que mais você tem para nós hoje?"

"Tive uma conversa com Jon Skellit, minha senhora. Um homem que vira o casaco uma vez é muitas vezes passível de virar de novo, e Skellit é." Skellit, um barbeiro, estava a soldo da Casa Arawn, que por enquanto o tornava homem de Arymilla.

Birgitte soltou um xingamento no meio de uma palavra — por algum motivo, ela tentava observar sua linguagem perto de Reese Harfor — e falou com uma voz dolorida. "Você conversou com ele? Sem perguntar a ninguém?"

Dyelin não teve escrúpulos em relação à Primeira Empregada, e murmurou: "Leite da mãe em um copo!" Elayne nunca a ouvira usar uma obscenidade antes. Mestre Norry piscou e quase deixou cair sua pasta, e se ocupou em não olhar para Dyelin. A Primeira Empregada, no entanto, apenas fez uma pausa até ter certeza de que ela e Birgitte terminaram, então continuou calmamente.

"O momento parecia oportuno, e Skellit também. Um dos homens a quem ele entrega seus relatórios deixou a cidade e ainda não voltou, enquanto parece que o outro quebrou a perna. As ruas estão sempre geladas onde um incêndio foi apagado." Ela disse isso tão suavemente que parecia mais do que provável que tivesse planejado a queda do homem de alguma forma. Tempos difíceis descobriam talentos difíceis nas pessoas mais surpreendentes. "Skellit concorda em levar ele mesmo sua próxima comunicação aos campos. Ele viu um portal feito e não terá que fingir terror." Você teria pensado que ela mesma tinha visto vagões de mercadores roncando para fora de buracos no ar durante toda a sua vida.

"O que impede esse barbeiro de continuar correndo uma vez que ele estiver fora da maldi... ah... da cidade?" Birgitte exigiu irritada,

começando a andar na frente do fogo com as mãos cruzadas atrás de si. Sua pesada trança dourada deveria estar eriçada. “Se ele for, Arawn contratará outra pessoa e você terá que caçar novamente. Luz, Arymilla deve ter ouvido falar dos portais assim que chegou, e Skellit tem que saber.” Não era o pensamento de Skellit escapando que a irritava, ou não apenas isso. Os mercenários pensavam que tinham sido contratados para deter os soldados, mas por algumas moedas de prata permitiam que um ou dois passassem pelos portões à noite em qualquer direção. Um ou dois não poderiam fazer mal, porque viam as coisas. Birgitte não gostava de ser lembrada disso.

“A ganância o deterá, minha senhora,” a Senhora Harfor respondeu calmamente. “O pensamento de ganhar ouro de Lady Elayne, bem como de Lady Naeon, é suficiente para fazer o homem respirar com dificuldade. É verdade, Lady Arymilla já deve ter ouvido falar dos portais, mas isso só dá crédito ao motivo de Skellit ter ido pessoalmente.”

“E se sua ganância for grande o suficiente para ele tentar ganhar ainda mais ouro virando seu casaco pela terceira vez?” disse Dyelin. “Ele pode causar uma grande quantidade de... travessuras, Senhora Harfor.”

O tom de Reese ficou um pouco mais nítido. Ela nunca ultrapassaria os limites, mas não gostava de *ninguém* pensando que ela era descuidada. “Lady Naeon quer enterrá-lo sob o monte de neve mais próximo, minha senhora, como eu me certifiquei de que ele esteja ciente. Ela nunca foi paciente. Como eu tenho certeza que você está ciente. De qualquer forma, as notícias que recebemos dos campos são bastante escassas, para dizer o mínimo, e ele pode ver algumas coisas que gostaríamos de saber.”

“Se Skellit puder nos dizer em qual acampamento Arymilla, Elenia e Naeon estarão e quando, eu darei a ele seu ouro com minhas próprias mãos,” Elayne disse deliberadamente. Elenia e Naeon ficavam perto de Arymilla, ou ela os mantinha perto, e Arymilla era muito menos paciente do que Naeon, muito menos disposta a acreditar que qualquer coisa pudesse funcionar sem sua presença. Ela passava metade de cada dia cavalgando de acampamento em

acampamento e nunca dormia nos mesmos duas noites seguidas, pelo que se podia saber. “Essa é a única coisa que ele pode nos dizer sobre os acampamentos que eu quero saber.”

Reene inclinou a cabeça. “Como você diz, minha senhora. Eu cuidarei disso.” Ela muitas vezes tentava não dizer as coisas diretamente na frente de Norry, mas não dava nenhum sinal de ter ouvido qualquer repreensão. Claro, Elayne não tinha certeza se realmente repreenderia a mulher abertamente. A Sra. Harfor continuaria a cumprir seus deveres adequadamente se o fizesse, e certamente continuaria caçando espiões com ardor inabalável, se não por outra razão, a sua presença no palácio a ofenderia, mas Elayne poderia encontrar uma dúzia de inconvenientes todos os dias, um uma dúzia de pequenos desconfortos que se somavam à infelicidade, e nenhum que ela pudesse atribuir diretamente à Primeira Empregada. *Devemos seguir os passos da dança com tanta certeza quanto nossos servos*, sua mãe lhe disse uma vez. *Você pode continuar contratando novos servos e passar todo o seu tempo treinando-os e sofrendo até que aprendam, apenas para se encontrar de volta ao ponto de partida, ou pode aceitar as regras como elas aceitam e viver confortavelmente enquanto usa seu tempo para governar.*

“Obrigada, Senhora Harfor,” ela disse, e recebeu outra reverência precisa. Reene Harfor era outra que conhecia seu próprio valor. “Mestre Norry?”

O homem parecido com uma garça deu um pulo e parou de franzir a testa para Reene. De certa forma, ele via os portais como seus, e não para brincadeiras. “Sim, minha senhora. É claro.” Sua voz era de um tom monótono empoeirado. “Espero que a senhora Birgitte já tenha informado você sobre os comboios dos mercadores de Illian e Tear. Eu acredito que é... hum... seu costume habitual quando você volta para a cidade.” Por um momento, seus olhos pousaram com reprovação em Birgitte. Ele nunca pensaria em causar a menor irritação em Elayne, mesmo que ela gritasse com ele, mas ele vivia de acordo com suas próprias regras e, de uma maneira suave, ele se ressentia de Birgitte roubando sua chance de enumerar os comboios

e tonéis e barris que chegaram. Ele amava seus números. Pelo menos, Elayne supunha que fosse de uma forma suave. Parecia haver muito pouco calor em Mestre Norry.

“Ela informou,” ela disse a ele, com apenas uma pitada de desculpas, não o suficiente para envergonhá-lo. “Temo que algumas mulheres do Povo do Mar estejam nos deixando. Só teremos metade do número para fazer portais depois de hoje.”

Seus dedos percorreram a pasta de couro contra seu peito como se sentisse os papéis dentro. Ela nunca o tinha visto consultar um. “Ah. Ah. Vamos... lidar com isso, minha senhora.” Halwin Norry sempre lidava com isso. “Para continuar, houve nove incêndios ontem e ontem à noite, um pouco mais do que o habitual. Foram feitas três tentativas de incêndio em armazéns que armazenavam alimentos. Nenhuma bem sucedida, apresso-me a acrescentar.” Ele podia se apressar em acrescentar, mas fez isso no mesmo tom monótono. “Se posso dizer, os guardas que patrulham as ruas estão surtindo efeito — o número de assaltos e roubos caiu para pouco mais do que o normal para esta época do ano —, mas parece evidente que alguma mão está comandando os incêndios. Dezesete prédios foram destruídos, todos menos um abandonado”, sua boca se estreitou em desaprovação; seria preciso muito mais do que um cerco para fazê-lo sair de Caemlyn, “e, na minha opinião, todas as fogueiras foram colocadas de modo a afastar os vagões de água para o mais longe possível dos armazéns onde foram feitas as tentativas. Agora acredito que esse padrão se aplica a todos os incêndios que vimos nas últimas semanas.”

“Birgitte?” disse Elayne.

“Eu posso tentar traçar os armazéns em um mapa,” Birgitte respondeu duvidosamente, “e colocar Guardas extras nas ruas que parecem estar mais distantes, mas ainda está deixando muito para a dro... ah... para o acaso.” Ela não olhou para a Sra. Harfor, mas Elayne sentiu um leve tom de rubor vindo dela. “Qualquer um pode ter pederneira e aço em uma bolsa de cinto, e leva apenas um minuto com um pouco de palha seca para iniciar um incêndio.”

“Faça o que puder,” Elayne disse a ela. Seria pura sorte se eles pegassem um incendiário em flagrante, e além de sorte se o incendiário pudesse dizer algo mais do que que alguém com um capuz escondendo o rosto lhe entregando uma moeda. Rastrear esse ouro até Arymilla, Elenia ou Naeen exigiria a sorte de Mat Cauthon. “Você tem mais alguma coisa, Mestre Norry?”

Juntando o nariz comprido, ele evitou o olhar dela. “É... ah... chegou ao meu conhecimento,” ele disse hesitante, “que Marne, Arawn e Sarand tomaram recentemente empréstimos muito grandes contra as receitas de suas propriedades.” As sobancelhas da Senhora Harfor subiram antes que ela as controlasse.

Olhando para a xícara de chá, Elayne descobriu que realmente a esvaziara. Os banqueiros nunca contavam a ninguém quanto haviam emprestado a quem, ou contra o quê, mas ela não perguntou como ele sabia. Seria... embaraçoso. Para ambos. Ela sorriu quando sua irmã pegou a xícara, então fez uma careta quando Aviendha voltou com ela cheia de novo. Aviendha parecia pensar que ela deveria beber chá fraco até seus olhos flutuarem! Leite de cabra era melhor, mas água de louça disfarçada de chá serviria. Bem, ela seguraria a maldita taça, mas não precisava beber.

“Os mercenários,” Dyelin rosnou, o calor em seus olhos o suficiente para fazer um urso voltar. “Eu já disse isso antes, e vou dizer de novo; o problema com os mercenários é que eles nem sempre permanecem comprados.” Ela se opôs à contratação de mercenários para ajudar a defender a cidade desde o início, embora o fato fosse que, sem eles, Arymilla poderia ter entrado com seu exército por qualquer portão que escolhesse, ou perto o suficiente disso. Simplesmente não havia homens suficientes para guardar adequadamente todos os portões, muito menos homens nas muralhas.

Birgitte também se opôs aos mercenários, mas aceitou as razões de Elayne, ainda que com relutância. Ela ainda desconfiava deles, mas agora ela balançou a cabeça. Sentada no braço de uma cadeira perto do fogo, ela descansou a bota de esporas no assento. “Mercenários se preocupam com sua reputação, se não com sua honra. Mudar de lado é uma coisa; na verdade, trair um acordo é algo

completamente diferente. Uma companhia que fizesse isso nunca mais seria contratada, em lugar nenhum. Arymilla teria que oferecer o suficiente para um capitão viver o resto de sua vida como um lorde, e pelo menos convencer seus homens de que eles também seriam capazes.”

Norry limpou a garganta. Até isso parecia empoeirado, de alguma forma. “Parece que eles podem ter emprestado contra as mesmas receitas duas ou até três vezes. Os banqueiros, é claro, ainda não sabem... disso.”

Birgitte começou a xingar, depois se interrompeu. Dyelin fez uma careta para o vinho com força suficiente para torná-lo azedo. Aviendha apertou a mão de Elayne, apenas uma pressão rápida logo liberada. O fogo estalou em uma chuva de faíscas, algumas quase atingindo os tapetes.

“As companhias de mercenários terão que ser vigiadas.” Elayne levantou a mão para evitar Birgitte. A outra mulher não abriu a boca, mas o vínculo gritou muito. “Você terá que encontrar os homens para isso em algum lugar.” Luz! Eles pareciam estar se protegendo de tantas pessoas dentro da cidade quanto de fora! “Não deve demorar tanto, mas precisamos saber se eles começarem a agir de forma estranha ou secreta, Birgitte. Esse pode ser o nosso único aviso.”

“Eu estava pensando no que fazer se uma das companhias se vendesse”, disse Birgitte ironicamente. “Saber não será suficiente a menos que eu tenha homens para correr para qualquer portão que eu ache que vai ser traído. E metade dos soldados da cidade são mercenários. Metade do resto são velhos que estavam vivendo de suas pensões há alguns meses. Vou mudar os postos dos mercenários em intervalos irregulares. Será mais difícil para eles trair um portão se não puderem ter certeza de onde estarão amanhã, mas isso não torna isso impossível.” Ela podia protestar o quanto quisesse que não era general, mas tinha visto mais batalhas e cercos do que dez generais vivos, e sabia muito bem como esses assuntos se desenrolavam.

Elayne quase desejou ter vinho em sua xícara. Quase. “Existe alguma chance de os banqueiros descobrirem o que você tem, mestre



Norry? Antes do vencimento dos empréstimos?” Se descobrissem, alguns poderiam decidir que preferiam Arymilla no trono. Ela poderia desembolsar os cofres do país para pagar esses empréstimos então. Ela podia até fazer isso agora. Os comerciantes cavalgavam os ventos políticos, independentemente da direção em que soprassem. Os banqueiros eram conhecidos por tentar influenciar os eventos.

“Na minha opinião, é improvável, minha senhora. Eles teriam que... hum... fazer as perguntas certas para as pessoas certas, mas os banqueiros normalmente são... hum... calados... uns com os outros. Sim, acho pouco provável. Por enquanto.”

Não havia nada a ser feito em qualquer caso. Exceto dizer a Birgitte que pode haver uma nova fonte para assassinos e sequestradores. Apenas dada sua expressão dura e uma súbita severidade no vínculo, ela já havia percebido isso. Haveria pouca chance de manter a Guarda com menos de uma centena de mulheres agora. Se alguma vez houve.

“Obrigada, Mestre Norry,” Elayne disse. “Você se saiu bem, como sempre. Avise-me imediatamente se vir alguma indicação de que os banqueiros fizeram essas perguntas.”

“Claro, minha senhora”, ele murmurou, abaixando a cabeça como uma garça correndo atrás de um peixe. “Minha senhora é muito gentil.”

Quando Reese e Norry saíram da sala, ele segurando a porta para ela e fazendo uma reverência um pouco mais graciosa do que o habitual e ela dando-lhe um leve aceno de cabeça enquanto deslizava por ele para o corredor, Aviendha não soltou a proteção que estava segurando. Assim que a porta se fechou, seu som sólido engolido pela proteção, ela disse: “Alguém tentou ouvir”.

Elayne balançou a cabeça. Não havia como dizer quem — uma irmã Negra? Uma Mulher Kin curiosa? —, mas pelo menos a escuta falhou. Não que houvesse muita chance de alguém passar por uma das proteções de Aviendha, talvez nem mesmo os Abandonados, mas ela teria falado imediatamente se alguém tivesse.

Dyelin aceitou o anúncio de Aviendha com menos desenvoltura, resmungando sobre o Povo do Mar. Ela não se moveu um fio de

cabelo ao saber que metade das Chamadoras de Vento estava saindo, não na frente de Reene e Norry, mas agora ela exigia saber toda a história. "Eu nunca confiei em Zaida", ela resmungou quando Elayne terminou. "Este acordo parece bom para o comércio, suponho, mas não me surpreenderia se ela tivesse uma das Chamadoras de Vento tentando ouvir. Ela me pareceu uma mulher que quer saber tudo, apenas no caso de ser útil um dia." Havia muito pouca hesitação sobre Dyelin, mas ela hesitou agora, rolando a taça de vinho entre as palmas das mãos. "Você tem certeza que este... este farol... não pode nos prejudicar, Elayne?"

"Estou tão certa quanto posso estar, Dyelin. Se fosse abrir o mundo, acho que já teria feito." Aviendha riu, mas Dyelin empalideceu. Realmente! Às vezes você tinha que rir apenas para não chorar.

"Se demorarmos muito mais agora que Norry e Senhora Harfor se foram", disse Birgitte, "alguém pode começar a se perguntar por quê." Ela acenou com a mão para as paredes, indicando a proteção que não podia ver. Ela sabia que ainda estava no lugar, no entanto. Os encontros diários com a Primeira Empregada e o Primeiro Escriturário sempre escondiam um pouco mais.

Todas se reuniram ao redor dela enquanto ela movia um par de tigelas de porcelana douradas do Povo do Mar em uma das mesas laterais e tirava um mapa muito dobrado de dentro de seu casaco curto. Ele sempre estava lá, exceto quando ela dormia, e então residia debaixo de seu travesseiro. Esticado, com taças de vinho vazias nos cantos para mantê-lo plano, o mapa mostrava Andor do rio Erinin até a fronteira entre Altara e Murandy. Na verdade, poderia ser dito que mostrava Andor por inteira, já que o que ficava mais a oeste estava apenas metade sob o controle de Caemlyn por gerações. Para começar, não era uma obra-prima da arte de cartógrafo, e os vincos obscureciam muitos detalhes, mas mostrava bem o terreno, e todas as cidades e vilas estavam marcadas, todas as estradas, pontes e vaus. Elayne colocou sua xícara de chá a um braço de distância do mapa para evitar derramar sobre ele e adicionar mais manchas. E para se livrar da miserável imitação de chá.

“Os Fronteiriços estão se movendo”, disse Birgitte, apontando para as florestas ao norte de Caemlyn, para um ponto acima da fronteira norte de Andor, “mas eles não cobriram muito terreno. Nesse ritmo, estarão em bem mais de um mês se aproximando de Caemlyn.”

Girando sua taça de prata, Dyelin olhou para o vinho escuro, então ergueu os olhos de repente. “Pensei que vocês, nortistas, estivessem acostumados a neve, Lady Birgitte.” Mesmo agora ela tinha que investigar, e dizer a ela para não fazer isso só a deixaria dez vezes mais certa de que Birgitte estava escondendo segredos, e vinte vezes mais determinada a descobri-los.

Aviendha fez uma careta para a mulher mais velha — quando ela não estava admirada com Birgitte, às vezes se tornava ferozmente protetora dos segredos de Birgitte —, mas a própria Birgitte encontrou o olhar de Dyelin com calma, sem nenhum sinal de alarme no vínculo. Ela ficou bastante confortável com a mentira sobre suas origens. “Faz muito tempo que não volto para Kandor.” Isso era uma verdade simples, embora tivesse sido muito mais tempo do que Dyelin poderia ter imaginado. O país nem se chamava Kandor na época. “Mas não importa o que você esteja acostumado, mover duzentos mil soldados, sem falar que só a Luz sabe quantos seguidores de acampamento, é lento no inverno. Pior, enviei a Sra. Ocalin e a Sra. Fote para visitar algumas das aldeias a alguns quilômetros ao sul da fronteira.” Sabeine Ocalin e Julanya Fote eram Mulheres Kin que sabiam Viajar. “Dizem que os aldeões acham que os Fronteiriços estão acampados para o inverno.”

Elayne estalou os lábios, franzindo a testa para o mapa enquanto traçava distâncias com um dedo. Ela estava contando com notícias sobre os Fronteiriços, se não com os próprios Fronteiriços. A notícia de um exército desse tamanho entrando em Andor deveria estar saltando à frente dele como fogo na grama seca. Ninguém além de um tolo poderia acreditar que eles marchavam todas aquelas centenas de léguas para tentar conquistar Andor, mas todos que ouvissem estariam especulando sobre suas intenções e o que fazer com elas, uma opinião diferente em cada língua. Uma vez que a notícia começasse a se espalhar, de qualquer maneira. Quando isso

acontecesse, ela teria uma vantagem sobre todos os outros. Tinha providenciado para que os Fronteiriços cruzassem para Andor em primeiro lugar, e já tinha providenciado para que eles fossem embora.

A escolha não foi muito difícil. Detê-los teria sido um caso sangrento, se fosse possível, e eles não queriam mais do que a largura de uma estrada para marchar em direção a Murandy, onde pensavam encontrar o Dragão Renascido. Isso era coisa dela também. Eles esconderam o motivo de procurar Rand, e ela não estava disposta a dar a eles uma localização verdadeira, não quando eles tinham uma dúzia de Aes Sedai com eles e escondiam esse fato também. Mas assim que as notícias deles chegaram aos Altos Assentos...

“Deve funcionar,” ela disse suavemente. “Se necessário, podemos plantar rumores sobre os Fronteiriços nós mesmas.”

“Deve funcionar,” Dyelin concordou, então acrescentou com uma voz sombria, “Contanto que Bashere e Bael mantenham um controle próximo sobre seus homens. Vai ser uma mistura volátil, com Fronteiriços, Aiel e a Legião do Dragão todos a poucos quilômetros uns dos outros. E não consigo ver como podemos ter certeza de que os Asha'man não farão algo louco.” Ela terminou com uma fungada. Em sua opinião, um homem tinha que ser louco em primeiro lugar, ou ele nunca escolheria se tornar um Asha'man. Avienda assentiu. Ela discordava de Dyelin quase tão frequentemente quanto Birgitte, mas na maioria das vezes, os Asha'man eram uma coisa com a qual elas concordavam.

“Vou garantir que os Fronteiriços ficarão bem longe da Torre Negra”, Elayne as tranquilizou, embora já tivesse feito o mesmo antes. Dyelin sabia que Bael e Bashere manteriam suas forças sob controle — nenhum dos homens que queriam uma batalha que não precisasse, e Davram Bashere certamente não lutaria contra seus próprios compatriotas —, mas qualquer um tinha o direito de ficar nervoso com os Asha'man e com o que eles podem fazer. Ela deslizou o dedo da estrela de seis pontas que identificava Caemlyn pelas poucas milhas até a terra que os Asha'man usurparam. A Torre Negra não estava marcada, mas ela sabia muito bem onde estava.

Pelo menos era bem longe da Estrada de Lugard. Enviar os Fronteiriços para o sul em Murandy sem perturbar os Asha'man não seria difícil.

Sua boca se comprimiu com o pensamento de que ela não deveria perturbar os Asha'man, mas não havia nada a ser feito tão cedo, então ela moveu mentalmente os homens de casaco preto para um lado. O que não podia ser tratado agora, tinha que ser tratado depois.

"E os outros?" Ela não precisou dizer mais nada. Seis Casas principais permaneciam descompromissadas — pelo menos com ela ou Arymilla. Dyelin alegou que todos viriam para Elayne eventualmente, mas eles não mostraram nenhum sinal disso até agora. Sabeine e Julanya também estavam procurando notícias desses seis. Ambas as mulheres haviam passado os últimos vinte anos como mascates, acostumadas a jornadas difíceis, dormindo em estábulos ou sob as árvores, e ouvindo o que as pessoas não diziam tanto quanto o que diziam. Elas eram batedoras perfeitas. Seria uma grande perda se elas tivessem que ser transferidas para ajudar a manter a cidade abastecida.

"Rumores mostram Lord Luan em uma dúzia de lugares, a leste e oeste." Franzindo o cenho para o mapa muito amassado, como se a posição de Luan devesse estar marcada nele, Birgitte murmurou uma maldição, muito mais vil do que o esperado, agora que Reene Harfor estava ausente. "Sempre a próxima aldeia, ou a outra depois dela. Lady Ellorien e Lorde Abelle parecem ter desaparecido completamente, por mais difícil que isso seja para um Alto Assento. Pelo menos, a Sra. Ocalin e a Sra. Fote não foram capazes de encontrar um sussurro sobre eles, ou de qualquer exército da Casa Pendar ou da Casa Traemane. Nem um homem ou um cavalo." *Aquilo* era muito incomum. Alguém estava fazendo um grande esforço.

"Abelle sempre foi um fantasma quando queria ser," Dyelin murmurou, "sempre capaz de pegar você desprevenido. Ellorien..." Roçando os dedos contra os lábios, ela suspirou. "A mulher é muito extravagante para desaparecer. A menos que ela esteja com Abelle

ou Luan. Ou os dois.” Ela não estava feliz com essa ideia, não importava o que dissesse.

“Quanto aos nossos outros ‘amigos’”, disse Birgitte, “Lady Arathelle saiu de Murandy há cinco dias, aqui.” Ela tocou o mapa levemente, cerca de trezentos quilômetros ao sul de Caemlyn. “Quatro dias atrás, Lorde Pelivar cruzou cerca de cinco ou seis milhas a oeste disso, e Lady Aemlyn aqui, outras cinco ou seis milhas.”

“Não juntos”, disse Dyelin, assentindo. “Eles trouxeram algum murandiano? Não? Bom. Eles podem estar se movendo para suas propriedades, Elayne. Se eles se afastarem, saberemos com certeza.” Essas três Casas a deixavam mais ansiosa de todas.

“Eles podem estar indo para casa”, concordou Birgitte, relutante como sempre ao concordar com Dyelin. Puxando sua trança intrincada sobre o ombro, ela agarrou-a em um punho quase do jeito que Nynaeve fazia. “Os homens e os cavalos devem estar esgotados, depois de marcharem para Murandy no inverno. Mas tudo o que podemos ter certeza é que eles estão em movimento.”

Aviendha bufou. Com ela em veludos elegantes, era um som surpreendente. “Sempre assumo que seu inimigo fará o que você não quer. Decida o que você menos quer que eles façam e planeje isso.”

“Aemlyn, Arathelle e Pelivar não são inimigos,” Dyelin protestou fracamente. Onde quer que ela acreditasse que a lealdade deles chegaria com o tempo, aqueles três anunciaram seu apoio à própria Dyelin para o trono.

Elayne nunca tinha lido sobre qualquer rainha sendo forçada ao trono — esse tipo de coisa poderia não ter entrado nas histórias, de qualquer forma —, mas Aemlyn, Arathelle e Pelivar pareciam dispostos a tentar, e não pela esperança de poder para si mesmos. Dyelin não queria o trono, mas dificilmente seria uma governante passiva. O simples fato era que o último ano de Morgase Trakand foi marcado por erro após erro, e poucos sabiam ou acreditavam que ela havia sido prisioneira de um dos Abandonados durante esse período. Algumas Casas queriam qualquer uma, exceto outra Trakand no trono. Ou pensavam que sim.

“Qual é a última coisa que queremos que eles façam?” disse Elayne. “Se eles se dispersarem para suas propriedades, estarão fora de jogo até a primavera, e tudo será decidido até lá.” Que a Luz quisesse que sim. “Mas se eles continuarem para Caemlyn?”

“Sem os murandinos, eles não têm armas suficientes para desafiar Arymilla.” Estudando o mapa, Birgitte esfregou o queixo. “Se eles não sabem até agora que Aiel e a Legião do Dragão estão ficando de fora disso, eles terão que saber disso em breve, mas eles vão querer ter cuidado. Nenhum deles parece tolo o suficiente para provocar uma briga que não podem vencer quando não precisam. Eu diria que eles vão acampar em algum lugar a leste ou sudeste, onde podem ficar de olho nos eventos e talvez influenciar o que acontece.”

Bebendo o resto de seu vinho, que já devia estar frio, Dyelin exalou pesadamente e caminhou para encher sua taça novamente. “Se eles vierem para Caemlyn,” ela disse em um tom pesado, “então eles estão esperando que Luan ou Abelle ou Ellorien se juntem a eles. Talvez os três.”

“Então devemos descobrir como impedi-los de chegar a Caemlyn antes que nossos planos se concretizem, sem torná-los inimigos permanentes.” Elayne trabalhou para tornar sua voz tão segura e firme quanto a de Dyelin era monótona. “E devemos planejar o que fazer caso eles cheguem aqui muito cedo. Se isso acontecer, Dyelin, você terá que convencê-los de que a escolha é entre mim e Arymilla. Caso contrário, estaremos em um emaranhado que nunca poderemos endireitar, e toda Andor estará nele conosco.”

Dyelin grunhiu como se tivesse levado um soco. A última vez que as grandes Casas se dividiram igualmente entre três pretendentes ao Trono do Leão foi há quase quinhentos anos, e sete anos de guerra aberta se seguiram antes que uma rainha fosse coroada. As requerentes originais estavam todas mortas a essa altura.

Sem pensar, Elayne pegou sua xícara e tomou um gole. O chá esfriou, mas o mel explodiu em sua língua. Mel! Ela olhou para Aviendha com espanto, e os lábios de sua irmã se curvaram em um pequeno sorriso. Um sorriso conspiratório, como se Birgitte não soubesse exatamente o que havia acontecido. Mesmo seu vínculo

estranhamente reforçado não se estendia a ela provar o que Elayne tomava, mas ela certamente sentiu a surpresa e o prazer de Elayne ao provar o chá. Plantando os punhos nos quadris, ela adotou um olhar de censura. Ou melhor, ela tentou; apesar de tudo o que ela podia fazer, um sorriso apareceu em seu rosto também. Abruptamente, Elayne percebeu que a dor de cabeça de Birgitte havia desaparecido. Ela não sabia quando tinha desaparecido, mas certamente não estava mais lá.

“Espere pelo melhor e planeje o pior”, disse ela. “Às vezes, o melhor realmente acontece.”

Dyelin, sem saber do mel ou de qualquer coisa, exceto ver que as três estavam sorrindo, resmungou alto. “E às vezes isso não acontece. Se seu plano inteligente sair *exatamente* como planejado, Elayne, não precisaremos de Aemlyn ou Ellorien ou dos outros, mas é uma aposta terrível. Tudo o que é precisa para dar errado é...”

A porta do lado esquerdo se abriu para deixar entrar uma onda de frio e uma mulher de bochechas em forma de maçãs com olhos gélidos e o nó dourado de subtenente no ombro. Ela podia ter batido primeiro, mas se tivesse, a proteção havia selado o som. Como Rasoria, Tzigan Sokorin tinha sido uma Caçadora da Trombeta antes de se juntar à Guarda de Elayne. Parecia que o turno da Guarda havia mudado. “A Sábia Monaelle deseja ver Lady Elayne,” Tzigan anunciou, endireitando-se rigidamente. “A Senhora Karistovan está com ela.”

Sumeko poderia ser adiada, mas Monaelle não. O povo de Arymilla interferiria tanto com Aes Sedai quanto com os Aiel, mas apenas algo importante teria trazido uma Sábia para a cidade. Birgitte também sabia disso; ela imediatamente começou a dobrar o mapa novamente. Aviendha deixou a proteção se dissipar e liberou a Fonte.

“Peça para elas entrarem”, disse Elayne.

Monaelle não esperou por Tzigan, deslizando para dentro da sala assim que a proteção desapareceu, sua multidão de braceletes de ouro e marfim chacoalhando enquanto ela baixava o xale dos ombros aos cotovelos no relativo calor. Elayne não sabia quantos anos Monaelle tinha — Sábias não era tão reticentes quanto a idade como



Aes Sedai, mas eram oblíquas —, mas ela parecia não ter chegado à meia-idade. Havia indícios de vermelho em seu cabelo louro comprido até a cintura, mas não um toque de cinza. Baixinha para uma Aiel, mais baixa que Elayne, com um rosto suave e maternal, mal tinha força no Poder para ser aceita na Torre Branca, mas força não contava entre Sábias, e entre elas, ela se destacava muito. Mais importante para Elayne e Aviendha, ela havia sido a parteira em seu renascimento como irmãs-primeiras. Elayne fez uma reverência, ignorando a fungada de desaprovação de Dyelin, e Aviendha fez uma profunda reverência, dobrando-se sobre as mãos. Além dos deveres devidos à sua parteira nos costumes Aiel, ela ainda era apenas uma aprendiz de Sábia, afinal.

“Suponho que sua necessidade de privacidade acabou, já que você baixou a proteção”, disse Monaelle, “e é hora de verificar sua condição, Elayne Trakand. Deve ser feito duas vezes no mês até o final do prazo.” Por que ela estava franzindo a testa para Aviendha? Ah, Luz, os veludos!

“E vim ver o que ela faz”, acrescentou Sumeko, seguindo a Sábia até a sala. Sumeko era imponente, uma mulher corpulenta de olhos confiantes, vestida de lã amarela bem cortada com cinto vermelho, com pentes de prata nos cabelos pretos lisos e um alfinete de círculo prateado esmaltado de vermelho na gola alta do vestido. Ela poderia ter sido uma nobre ou uma comerciante de sucesso. Uma vez ela mostrou certa desconfiança, pelo menos em torno de Aes Sedai, mas não mais. Não com Aes Sedai ou soldados da Guarda da Rainha. “Você pode ir,” ela disse a Tzigan. “Isso não diz respeito a você.” Ou com nobres, aliás. “Você pode ir também, Lady Dyelin, e você, Lady Birgitte.” Ela estudou Aviendha como se pensasse em adicioná-la à lista.

“Aviendha pode ficar”, disse Monaelle. “Ela está perdendo muitas lições, e deve aprender isso mais cedo ou mais tarde.” Sumeko assentiu em aceitação de Aviendha, mas manteve um olhar friamente impaciente em Dyelin e Birgitte.

“Lady Dyelin e eu temos assuntos para discutir”, disse Birgitte, enfiando o mapa dobrado de volta sob seu casaco vermelho enquanto

se dirigia para a porta. “Vou lhe dizer esta noite o que pensamos, Elayne.”

Dyelin lançou-lhe um olhar penetrante, quase tão penetrante quanto o que dera a Sumeko, mas ela pousou a taça de vinho em uma das bandejas e fez suas cortesias a Elayne, depois esperou com visível impaciência enquanto Birgitte se inclinava para murmurar longamente no ouvido de Monaelle e a Sábua respondeu brevemente, mas com a mesma calma. O que elas estavam cochichando? Provavelmente sobre leite de cabra.

Assim que a porta se fechou atrás de Tzigan e das outras duas mulheres, Elayne se ofereceu para mandar buscar mais vinho, já que o que havia nas jarras estava frio, mas Sumeko recusou secamente, e Monaelle educadamente, embora um tanto distraída. A Sábua estudava Aviendha com tanta intensidade que a jovem começou a corar e desviou o olhar, agarrando as saias.

“Você não deve criticar Aviendha sobre suas roupas, Monaelle”, disse Elayne. “Pedi a ela para usá-las, e ela me fez um favor.”

Apertando os lábios, Monaelle pensou antes de responder. “Irmãs-primelras devem dar favores umas às outras,” ela disse finalmente. “Você conhece seu dever para com nosso povo, Aviendha. Até agora, você se saiu bem em uma tarefa difícil. Você deve aprender a viver em dois mundos, então é apropriado que você se sinta confortável com essas roupas.” Aviendha começou a relaxar. Até que Monaelle continuou. “Mas não muito confortável. De agora em diante, você passará a cada três dias uma noite nas tendas. Você pode voltar comigo amanhã. Você ainda tem muito a aprender antes de se tornar uma Sábua, e esse é seu dever tanto quanto ser um cordão de ligação.”

Elayne estendeu a mão e pegou a mão de sua irmã, e quando Aviendha tentou soltar depois de um apeto, ela segurou. Após uma breve hesitação, Aviendha também se agarrou. De uma maneira estranha, ter Aviendha ali confortava Elayne pela perda de Rand; ela não era apenas uma irmã, mas uma irmã que também o amava. Elas podiam compartilhar forças e fazer a outra rir quando quisessem chorar, e podiam chorar juntas quando fosse necessário. Uma noite

em três sozinha muito provavelmente significava uma noite em três chorando sozinha. Luz, o que Rand estava fazendo? Aquele terrível farol a oeste ainda estava brilhando tão forte como sempre, e ela tinha certeza de que ele estava no centro disso. Nenhuma partícula havia mudado no vínculo com ele, mas ela tinha certeza.

De repente, percebeu que tinha um aperto esmagador na mão de Aviendha, e Aviendha estava segurando a dela com a mesma força. Elas afrouxaram seus apertos no mesmo instante. Sem largar, no entanto.

"Os homens causam problemas mesmo quando estão em outro lugar", disse Aviendha suavemente.

"Eles causam," Elayne concordou.

Monaelle sorriu com a troca. Ela estava entre os poucos que sabiam sobre o vínculo de Rand e quem era o pai do bebê de Elayne. Nenhuma das Mulheres Kin sabia, no entanto.

"Eu acho que você deixou um homem causar a você todos os problemas que ele podia, Elayne," disse Sumeko afetadamente. A Regra das Kin seguia as regras para noviças e Aceitas, proibindo não apenas crianças, mas qualquer coisa que pudesse levá-las a tê-las, e elas a seguiam estritamente. Uma vez, uma Mulher Kin teria engolido a língua antes de sugerir que uma Aes Sedai estava aquém de sua Regra. Muito havia mudado desde então, no entanto. "Eu tenho que Viajar para Tear hoje para que possa trazer de volta um carregamento de grãos e óleo amanhã, e está ficando tarde, então se vocês terminaram de falar sobre homens, sugiro que vocês deixem Monaelle continuar com o que ela veio fazer."

Monaelle posicionou Elayne na frente da lareira, perto o suficiente para que o calor das toras quase consumidas fosse quase desconfortável — era melhor se a mãe estivesse muito quente, ela explicou — então o brilho de *saidar* a cercou, e ela começou a tecer fios do Espírito e do Fogo e da Terra. Aviendha observou quase tão avidamente quanto Sumeko.

"O que é isto?" Elayne perguntou enquanto a trama se acomodava ao redor dela e afundava nela. "É como Investigar?" Todas as Aes Sedai do palácio a haviam Investigado, embora apenas Merilille

tivesse habilidade suficiente com a Cura para que fosse muito útil, mas nem elas nem Sumeko foram capazes de dizer muito mais do que confirmar que ela estava grávida. Ela sentiu um leve formigamento, uma espécie de zumbido dentro de sua carne.

“Não seja boba, garota,” Sumeko disse distraidamente. Elayne ergueu uma sobrancelha e até pensou em acenar com o anel da Grande Serpente sob o nariz de Sumeko, mas a mulher de rosto redondo não pareceu notar. Ela podia não ter notado o anel, também. Ela estava inclinada para a frente, espiando como se pudesse ver a trama dentro do corpo de Elayne. “As Sábias aprenderam sobre a Cura comigo. E com Nynaeve, eu suponho,” ela permitiu depois de um momento. Ah, Nynaeve teria explodido como o fogo de artifício de um Iluminador, ouvindo isso. Mas então, Sumeko havia superado Nynaeve há muito tempo. “E elas aprenderam a forma simples com Aes Sedai.” Um bufo como tela rasgada mostrou o que Sumeko pensava da forma “simples”, o único tipo de Cura que as Aes Sedai conheciam há milhares de anos. “Isso é coisa das próprias Sábias.”

“Chama-se Acariciar a Criança”, disse Monaelle em uma voz abstrata. A maior parte de sua atenção estava focada na trama. Uma simples investigação para descobrir o que afligia alguém — *era* simples, parando para pensar — já estaria terminada, mas ela alterou os fluxos, e o zumbido dentro de Elayne mudou de tom, ficando mais profundo. “Pode ser alguma parte da Cura, uma espécie de Cura, mas sabemos disso desde antes de sermos enviados para a Terra da Trindade. Algumas das formas de utilização dos fluxos são semelhantes ao que Sumeko Karistovan e Nynaeve al’Meara nos mostraram. Em Acariciar a Criança, você aprende sobre a saúde da mãe e do filho, e mudando os tecidos, você pode curar alguns problemas de ambos, mas eles não funcionarão em uma mulher que não está grávida. Ou em um homem, é claro.” O zumbido ficou mais alto, até que parecia que todos podiam ouvi-lo. Elayne achou que seus dentes estavam vibrando.

Um pensamento anterior voltou a ela, e ela disse: “A canalização machucará meu filho? Se eu canalizar, quero dizer.”

“Não mais do que respirar.” Monaelle deixou a trama desaparecer com um sorriso. “Você tem dois. É muito cedo para dizer se são meninas ou meninos, mas são saudáveis, e você também.”

Dois! Elayne compartilhou um sorriso largo com Aviendha. Ela quase podia sentir o deleite de sua irmã. Ela ia ter gêmeos. Os bebês de Rand. Um menino e uma menina, ela esperava, ou dois meninos. Gêmeas apresentariam todo tipo de dificuldade para a sucessão. Ninguém nunca ganhava a Coroa de Rosas com *todos* ao seu lado.

Sumeko fez um som urgente em sua garganta, gesticulando em direção a Elayne, e Monaelle assentiu. “Faça exatamente como eu fiz, e você verá.” Observando Sumeko abraçar a Fonte e formar a trama, ela assentiu novamente, e a Mulher Kin redonda deixou-a afundar em Elayne, soltando um suspiro como se ela mesma sentisse o zumbido. “Você não terá que se preocupar com a doença do parto,” Monaelle continuou, “mas você vai descobrir que às vezes você tem dificuldade em canalizar. Os fios podem escorregar de você como se estivessem lubrificados ou desbotar como névoa, então você terá que tentar repetidamente fazer a trama mais simples ou segurá-la. Isso pode piorar à medida que sua gravidez progride, e você não será capaz de canalizar durante o trabalho de parto ou parto, mas poderá logo após o nascimento das crianças. Você logo ficará mal-humorada também, se isso ainda não começou, chorando em um minuto e rosnando no próximo. O pai de seu filho será sábio em dar um passo cauteloso e manter a distância o máximo que puder.”

"Ouvi dizer que ela já arrancou a cabeça dele uma vez esta manhã", Sumeko murmurou. Soltando a trama, ela se endireitou e ajustou o cinto vermelho ao redor de sua cintura. “Isso é notável, Monaelle. Nunca pensei em uma trama que só pudesse ser usada em uma mulher grávida.”

A boca de Elayne se apertou, mas o que ela disse foi: "Você pode dizer tudo isso com esta trama, Monaelle?" Era melhor que as pessoas pensassem que seus bebês eram de Doilan Mellar. Os filhos de Rand al'Thor seriam alvos, perseguidos por medo, vantagem ou ódio, mas ninguém pensaria duas vezes sobre os de Mellar, talvez nem mesmo Mellar. Era o melhor assim.

Monaelle jogou a cabeça para trás, rindo tanto que teve que enxugar o canto dos olhos com o xale. “Sei disso por ter tido sete filhos e três maridos, Elayne Trakand. A capacidade de canalizar protege você da doença do parto, mas há outros preços a pagar. Venha, Aviendha, você deve tentar também. Com cuidado, agora. Exatamente como eu fiz.”

Avidamente, Aviendha abraçou a Fonte, mas antes de começar a tecer um fio, ela soltou *saidar* e virou a cabeça para olhar para a parede de painéis escuros. Em direção a oeste. Assim como Elayne, Monaelle e Sumeko. O farol que estava queimando por tanto tempo havia acabado de desaparecer. Num instante estava ali, aquela chama furiosa de *saidar*, e depois desapareceu como se nunca tivesse existido.

O peito maciço de Sumeko se ergueu quando ela respirou fundo. “Eu acho que algo muito maravilhoso ou muito terrível aconteceu hoje,” ela disse suavemente. “E acho que tenho medo de descobrir qual.”

“Maravilhoso”, disse Elayne. Estava feito, o que quer que fosse, e Rand estava vivo. Isso era maravilhoso o suficiente. Monaelle olhou para ela com curiosidade. Sabendo sobre o vínculo, ela poderia decifrar o resto, mas apenas tocou um de seus colares de maneira pensativa. De qualquer forma, ela arrancaria aquilo de Aviendha em breve.

Uma batida na porta fez todas se assustarem. Todas menos Monaelle, de qualquer maneira. Fingindo não ver as outras mulheres pularem, ela se concentrou um pouco demais em ajustar seu xale, o que fez o contraste ainda maior. Sumeko tossiu para esconder seu constrangimento.

“Entra”, disse Elayne em voz alta. Um meio grito era necessário para ser ouvido através da porta, mesmo sem proteção.

Caseille enfiou a cabeça no quarto, com o chapéu de plumas na mão, depois voltou e fechou a porta com cuidado atrás de si. A renda branca em seu pescoço e pulsos estava fresca, a renda e os leões em sua faixa brilhavam, e seu peitoral brilhava como se tivesse acabado de polir, mas obviamente ela havia voltado ao trabalho

depois de se limpar da viagem da noite. "Perdoe-me por interromper, minha senhora, mas pensei que você deveria saber imediatamente. O Povo do Mar está em frenesi, aquelas que ainda estão aqui. Parece que uma de suas aprendizes desapareceu.

"O que mais?" disse Elayne. Uma aprendiz desaparecida podia ser ruim o suficiente, mas algo no rosto de Caseille lhe disse que *havia* mais.

"A guarda Azeri me contou que viu Merilille Sedai deixando o palácio cerca de três horas atrás", disse Caseille com relutância. "Merilille é uma mulher que estava com capa e encapuzada. Levaram cavalos e uma mula carregada. Yurith disse que as mãos da segunda mulher estavam tatuadas. Minha senhora, ninguém tinha motivos para procurar..."

Elayne acenou para que ela se calasse. "Ninguém fez nada de errado, Caseille. Ninguém será culpado". Não entre as Guardas, de qualquer maneira. Uma complicação grande, isso era. Talaan e Metarra, as duas aprendizes Chamadoras de Vento, eram muito fortes no Poder, e se Merilille tivesse conseguido convencer qualquer uma delas a tentar se tornar Aes Sedai, ela poderia ter se convencido de que levar a garota até onde pudesse ser inscrita no livro de noivas, isso era motivo suficiente para evadir sua própria promessa de ensinar as Chamadoras de Vento. Que ficariam mais do que chateadas com a perda de Merilille e mais do que furiosas com a aprendiz. Elas culpariam todos à vista, e principalmente Elayne.

"Todo mundo já sabe sobre Merilille?" ela perguntou.

"Ainda não, minha senhora, mas quem selou seus cavalos e carregou aquela mula não vai segurar a língua. Empregados de estábulo não têm muito sobre o que focar." Mais um incêndio no mato do que uma complicação, então, e pouca chance de apagá-lo antes que chegasse aos celeiros.

"Espero que você jante comigo mais tarde, Monaelle", disse Elayne, "mas você deve me perdoar agora." Tendo dever para com a parteira ou não, ela não esperou o consentimento da outra mulher. Tentar apagar o fogo podia ser suficiente para impedir que os celeiros pegassem fogo. Podia ser. "Caseille, informe Birgitte e diga a ela que quero uma ordem enviada aos portões imediatamente para vigiar Merilille. Eu sei; eu sei; ela já pode estar fora da cidade, e os guardas

do portão não vão parar uma Aes Sedai, de qualquer maneira, mas talvez eles possam atrasá-la, ou assustar sua companheira para que ela volte para a cidade para se esconder. Sumeko, você pediria a Reanne para atribuir cada Mulher Kin que não pode Viajar para começar a procurar pela cidade. É uma pequena esperança, mas Merilille pode ter pensado que era tarde demais para começar. Verifique todas as pousadas, incluindo o Cisne Prateado, e...”

Ela esperava que Rand tivesse feito algo maravilhoso hoje, mas não podia perder tempo pensando nisso agora. Ela tinha um trono para ganhar e Atha'an Miere com raiva para lidar, antes que elas pudessem descarregar sua raiva sobre ela, era de se esperar. Em suma, foi um dia como qualquer outro desde que ela voltou para Caemlyn, e isso significava que suas mãos estavam bastante cheias.





## CAPÍTULO

### 15

---



### *Aproximação das Trevas*

O sol da tarde era uma bola de sangue nas copas das árvores, lançando uma luz lúgubre sobre o acampamento, uma extensão de cavalos e carroças cobertas de lona e carroças de rodas altas e tendas de todos os tamanhos e tipos, com a neve entre elas pisoteada e lamacenta. Não era a hora do dia ou o tipo de lugar que Elenia desejava estar a cavalo. O cheiro de carne fervendo saindo das grandes panelas pretas de ferro foi o suficiente para revirar seu estômago. O ar frio congelava sua respiração e prometia uma noite amarga por vir, e o vento cortava seu melhor manto vermelho sem se importar com o forro grosso de pelúcia branca. Raposa da neve deveria ser mais quente do que outras peles, mas ela nunca pensou assim.

Segurando o manto fechado com uma mão enluvada, ela cavalgou devagar e tentou muito, mas não com muito sucesso, não estremecer. Dada a hora, parecia mais do que provável que ela passaria a noite ali, mas ainda não tinha ideia de onde dormiria. Sem dúvida na tenda de algum nobre menor, com o senhor ou a senhora arrastados para encontrar refúgio em outro lugar e tentando fazer a melhor cara ao serem despejados, mas Arymilla gostava de deixá-la em suspense até o último instante, sobre camas e tudo mais. Assim que um suspense era dissipado, outro o substituía. Claramente, a mulher

pensava que a incerteza constante a faria se contorcer, talvez até se esforçar para agradar.

Esse estava longe de ser o único erro de cálculo que Arymilla havia feito, começando com a crença de que as garras de Elenia Sarand haviam sido cortadas.

Ela tinha apenas quatro homens com os dois Javalis Dourados em suas capas como escolta — e sua empregada, Janny, é claro, encolhida em sua capa até parecer um pacote de lã verde empilhado em sua sela — e ela não tinha visto um único companheiro a mais no acampamento que ela poderia ter certeza de ter um pouco de lealdade a Sarand. Aqui e ali, um dos grupos de homens amontoados ao redor das fogueiras com suas lavadeiras e costureiras exibia a Raposa Vermelha da Casa Anshar, e uma dupla coluna de cavaleiros usando o Martelo Alado de Baryn passou por ela indo na direção oposta a um passo lento, com o rosto duro por trás das barras de seus capacetes. Eles eram de pouca importância real, a longo prazo. Karind e Lir ficaram muito queimados por serem lentos quando Morgase assumiu o trono. Desta vez, eles levariam Anshar e Baryn para onde quer que estivesse a vantagem no instante em que a vissem claramente, abandonando Arymilla com a mesma vivacidade com que saltaram para se juntar a ela. Quando chegasse a hora.

A maioria dos homens que se arrastavam pela lama lamacenta ou olhavam esperançosamente para aquelas panelas nojentas era recrutas, fazendeiros e aldeões reunidos quando seu senhor ou senhora marchavam, e poucos usavam qualquer tipo de distintivo da Casa em seus casacos surrados e mantos remendados. Até mesmo separar supostos soldados de ferradores e flecheiros e similares era quase impossível, já que quase todos tinham cingido uma espada de alguma descrição, ou um machado. Luz, um bom número de mulheres usava facas grandes o suficiente para serem chamadas de espadas curtas, mas não havia como distinguir a esposa de um fazendeiro recrutado de uma condutora de carroça. Elas usavam a mesma lã grossa e tinham as mesmas mãos ásperas e rostos cansados. Isso realmente não importava, em qualquer caso. Este cerco de inverno foi um erro terrível — os homens armados

começariam a passar fome muito antes da cidade —, mas dava a Elenia uma oportunidade e, quando uma abertura se apresenta, você ataca. Mantendo o capuz para trás o suficiente para mostrar suas feições claramente, apesar do vento gelado, ela acenou graciosamente para cada idiota sujo que olhou em sua direção, e ignorou os sobressaltos surpresos que alguns deram com sua condescendência.

A maioria se lembraria de sua afabilidade, lembraria dos Javalis Dourados que sua escolta usava e saberia que Elenia Sarand os havia notado. Sobre esse fundamento era construído o poder. Um Alto Assento tanto quanto uma rainha estava no topo de uma torre construída de pessoas. É verdade que os de baixo eram tijolos do mais vil barro, mas se esses tijolos comuns se amassassem em seu suporte, a torre caía. Isso era algo que Arymilla parecia ter esquecido, se é que ela sabia. Elenia duvidava que Arymilla falasse com alguém inferior a um Administrador ou um servo pessoal. Se tivesse sido... prudente... ela mesma teria falado algumas palavras em cada fogueira, talvez segurando uma mão suja de vez em quando, lembrando-se de pessoas que ela havia encontrado antes ou pelo menos dissimulando bem o suficiente para fazer parecer que sim. Pura e simplesmente, Arymilla carecia de inteligência para ser rainha.

O acampamento cobria mais terreno do que a maioria das cidades, e era mais como uma centena de acampamentos agrupados de tamanhos variados do que apenas um, então ela estava livre para vagar sem se preocupar muito em se aproximar dos limites externos, mas tomou cuidado de qualquer maneira. Os guardas de sentinela seriam educados, a menos que fossem tolos, mas sem dúvida eles tinham suas ordens. Por princípio, ela aprovava que as pessoas fizessem o que mandavam, mas seria melhor evitar incidentes embaraçosos. Especialmente dadas as prováveis consequências se Arymilla realmente pensasse que estava tentando sair. Ela já havia sido forçada a suportar uma noite frígida dormindo na tenda imunda de algum soldado, um abrigo que mal valia esse nome, completo com vermes e buracos mal remendados, sem falar na falta de Janny para ajudá-la com suas roupas e adicionar um pouco de calor sob o que se

passava por cobertores, e isso não passara de um desrespeito percebido. Bem, tinha sido um desrespeito real, mas ela não achava que Arymilla era inteligente o suficiente para entender. Luz, pensar que ela devia passar cautelosamente em torno daquela... daquela idiota com cérebro de ervilha! Puxando o manto para mais perto, ela tentou fingir que seu tremor era apenas uma reação ao vento. Havia coisas melhores para pensar. Coisas mais importantes. Ela acenou para um jovem de olhos arregalados com um lenço escuro enrolado na cabeça, e ele recuou como se ela o tivesse encarado. Camponês tolo!

Era irritante pensar que, a apenas alguns quilômetros de distância, aquela jovem Elayne estava sentada confortável e quente no conforto do Palácio Real, atendida por dezenas de criados bem treinados e provavelmente sem dois pensamentos em sua cabeça além do que vestir esta noite em um jantar preparado pelos cozinheiros do palácio. Rumores tinham a menina grávida, possivelmente de algum guarda. Podia ser assim. Elayne nunca teve mais senso de decência do que sua mãe. Dyelin era o cérebro ali, uma mente afiada e perigosa apesar de sua patética falta de ambição, talvez aconselhada por uma Aes Sedai. Devia haver pelo menos uma verdadeira Aes Sedai entre todos esses rumores absurdos.

Tantas fabulações saíam da cidade que distinguir a realidade do absurdo tornou-se difícil – o Povo do Mar fazendo buracos no ar? Bobagem absoluta! —, mas a Torre Branca claramente tinha interesse em colocar uma das suas no trono. Como não poderia? Mesmo assim, Tar Valon parecia pragmática quando se tratava desses assuntos. A história mostrava claramente que quem chegasse ao Trono do Leão logo descobriria que ela era a que a Torre realmente favoreceu o tempo todo. As Aes Sedai não perderiam sua conexão com Andor por falta de agilidade, principalmente com a própria Torre dilacerada. Elenia tinha tanta certeza disso quanto de seu próprio nome. Na verdade, se metade do que ela ouviu sobre a situação da Torre fosse verdade, a próxima Rainha de Andor poderia exigir o que quisesse em troca de manter essa conexão intacta. De qualquer forma, ninguém iria colocar a coroa de rosas na cabeça dela

antes do verão, e muita coisa poderia mudar antes disso. Muita mesmo.

Ela estava fazendo sua segunda ronda pelo acampamento quando a visão de outro pequeno grupo montado à sua frente, abrindo caminho lentamente entre as fogueiras espalhadas na última luz, a fez franzir a testa e puxar as rédeas bruscamente. As mulheres estavam com capas e profundamente encapuzadas, uma de seda azul forte forrada com pele preta, a outra de lã cinza lisa, mas as Chaves Triplas de prata eram grandes nas capas dos quatro homens armados com nomes bastante claros. Ela conseguia pensar em várias pessoas que preferia encontrar do que em Naeen Arawn. De qualquer forma, embora Arymilla não tivesse precisamente proibido que elas se encontrassem sem ela — Elenia ouviu seus dentes rangerem tanto quanto os sentiu, e forçou seu rosto a ficar impassível —, no momento, parecia mais sensato não pressionar o assunto. Especialmente quando parecia não haver vantagem em tal reunião.

Infelizmente, Naeen a viu antes que ela pudesse se virar. A mulher falou apressadamente com sua escolta e, enquanto os armeiros e a criada ainda se curvavam em suas selas, esporeou em direção a Elenia em um ritmo que fez com que torrões de neve voassem dos cascos de seu cavalo preto. Que a Luz queimasse a tola! Por outro lado, o que quer que estivesse incitando Naeen à imprudência podia ser valioso saber, e perigoso não saber. Podia, mas descobrir apresentava seus próprios perigos.

"Fique aqui e lembrem-se de que vocês não viram nada", Elenia repreendeu sua própria comitiva magra e cravou os calcanhares nos flancos de Vento do Amanhecer sem esperar por qualquer resposta. Ela não precisava de reverências elaboradas e cortesias toda vez que se virava, não além do que o decoro exigia, e seu povo sabia que não devia fazer nada além do que ela ordenava. Era com todo o resto que ela tinha que se preocupar, que queimassem todos! Quando o baio de pernas compridas saltou para a frente, ela soltou o manto e ele flutuou atrás dela como o estandarte carmesim de Sarand. Ela se recusou a controlar o manto, se debatendo na frente dos fazendeiros

e só a Luz sabia quem, então o vento cortava seu vestido de montaria, outro motivo de irritação.

Naeen pelo menos teve o bom senso de diminuir a velocidade e encontrá-la pouco mais da metade do caminho, ao lado de um par de carroças pesadamente carregadas com seus eixos vazios caídos na lama. O fogo mais próximo estava a quase vinte passos de distância, e as tendas mais próximas, mais distantes, com as abas de entrada bem amarradas contra o frio. Os homens na fogueira estavam concentrados na grande panela de ferro fumegando sobre as chamas, e se o fedor fosse suficiente para fazer Elenia querer esvaziar o estômago, pelo menos o vento que carregava o fedor manteria palavras longe de seus ouvidos. Mas era melhor que fossem palavras importantes.

Com um rosto pálido como marfim em sua moldura de pelo preto, Naeen poderia ter sido chamada de bonita por alguns, apesar de mais do que um toque de aspereza ao redor de sua boca e olhos tão frios quanto gelo azul. Direta e aparentemente bastante calma, ela parecia intocada pelos acontecimentos. Sua respiração, formando uma névoa branca, era constante e uniforme. “Você sabe onde vamos dormir esta noite, Elenia?” ela disse friamente.

Elenia não fez nenhum esforço para parar de olhar. “É isso que você quer?” Arriscando o desagrado de Arymilla por uma pergunta sem cérebro! O pensamento de arriscar o desagrado de Arymilla, o pensamento de que o desagrado de Arymilla era algo que ela precisava evitar, a fez rosnar. “Você sabe tanto quanto eu, Naeen.” Puxando as rédeas, ela já estava virando sua montaria quando Naeen falou novamente, com apenas uma pitada de calor.

“Não seja simplória comigo, Elenia. E não me diga que você não está tão pronta quanto eu para mastigar seu próprio pé para escapar dessa armadilha. Agora, podemos pelo menos fingir civilidade?”

Elenia manteve Vento do Amanhecer meio virado de costas para a outra mulher e olhou para ela de lado, além da borda de seu capuz forrado de pele. Dessa forma, ela poderia ficar de olho nos homens que se aglomeravam ao redor do fogo mais próximo também. Nenhum emblema de Casa exibido lá. Eles poderiam pertencer a

qualquer um. De vez em quando, um sujeito ou outro, protegendo as mãos nuas em suas axilas, olhava para as duas senhoras a cavalo, mas seu verdadeiro interesse estava em aproximar-se o suficiente do fogo para se aquecer. Isso, e quanto tempo levaria para a carne se transformar em algo que se aproximasse de uma papa. Esse tipo parecia capaz de comer qualquer coisa.

“Você acha que pode escapar?” ela perguntou baixinho. A civilidade estava muito bem, mas não à custa de ficar aqui para todos verem mais do que o absolutamente necessário. Se Naeen visse uma saída, porém... “Como? A promessa que você assinou para apoiar Marne já foi publicada em metade de Andor. Além disso, você dificilmente pode pensar que Arymilla simplesmente permitirá que você vá embora.” Naean se encolheu, e Elenia não pôde evitar um sorriso tenso. A mulher não era tão intocada quanto fingia. Ela ainda conseguiu manter seu nível de voz, no entanto.

“Eu vi Jarid ontem, Elenia, e mesmo à distância ele parecia uma nuvem de trovoadas, galopando a ponto de quebrar o pescoço de sua montaria e o dele. Se eu conheço seu marido, ele já está planejando uma maneira de tirar você disso. Ele cuspiria no olho do Tenebroso por você.” Isso era verdade; ele faria isso. “Tenho certeza que você pode ver que seria melhor se eu fizesse parte desses planos.”

“Meu marido assinou a mesma promessa que você, Naean, e ele é um homem honrado.” Ele era muito honrado para seu próprio bem, na verdade, mas o que Elenia queria era ser sua guia desde antes de seus votos de casamento. Jarid tinha assinado o compromisso porque ela lhe escreveu e lhe disse para fazer isso, não que ela tivesse qualquer escolha, e ele até repudiaria isso, embora com relutância, se ela fosse louca o suficiente para pedir. Claro, havia a dificuldade em deixá-lo saber o que ela queria no momento. Arymilla foi muito cuidadosa para não a deixar a menos de um quilômetro e meio dele. Ela tinha tudo em mãos — tanto quanto podia nas circunstâncias —, mas precisava avisar Jarid, mesmo que para apenas para impedi-lo de “cortar uma saída para ela”. Cuspir no olho do Tenebroso? Ele poderia levar os dois à ruína na crença de que a estava ajudando, e poderia fazer isso mesmo sabendo que significaria sua ruína.

Foi necessário um grande esforço para não permitir que a frustração e a fúria subitamente surgissem dentro dela, mas cobriu a tensão com um sorriso. Ela tinha um orgulho considerável em ser capaz de produzir um sorriso para qualquer situação. Este tinha um toque de surpresa. E um toque de desdém. “Não estou planejando nada, Naeen, e nem Jarid, tenho certeza. Mas se eu estivesse, por que eu incluiria você?”

“Porque se eu não estiver incluída nesses planos,” Naeen disse sem rodeios, “Arymilla pode ficar sabendo deles. Ela pode ser uma tola cega, mas ela verá uma vez que lhe digam onde procurar. E você pode se encontrar compartilhando uma barraca com seu *marido* todas as noites, para não mencionar *protegida* pelos soldados dele.

O sorriso de Elenia derreteu, mas sua voz virou gelo, combinando com a bola congelada que abruptamente encheu seu estômago. “Você quer ter cuidado com o que diz, ou Arymilla pode pedir ao taraboneano para brincar de berço de gato com você novamente. Na verdade, acho que posso garantir isso.”

Parecia impossível que o rosto de Naeen pudesse ficar mais branco, mas ficou. Ela realmente balançou na sela e pegou o braço de Elenia como se quisesse não cair. Uma rajada de vento arremessou sua capa, e ela a deixou balançar. Aqueles olhos outrora frios estavam bem arregalados agora. A mulher não fez nenhum esforço para esconder seu medo. Talvez ela tivesse ido longe demais para ser capaz de escondê-lo. Sua voz saiu ofegante e em pânico. “Eu sei que você e Jarid estão planejando algo, Elenia. Eu sei disso! Leve-me com você, e... e eu vou jurar Arawn a você assim que eu puder me livrar de Arymilla.” Ah, ela estava abalada para oferecer isso.

“Você quer chamar mais atenção do que você já tem?” Elenia estalou, soltando-se do aperto da outra mulher. Vento do Amanhecer e o capão negro dançavam nervosamente, captando o humor de suas Amazonas, e Elenia refreou seu baio com força para acalmá-lo. Dois dos homens no fogo abaixaram a cabeça apressadamente. Sem dúvida, eles pensaram ter visto duas nobres discutindo na noite cinzenta e não queriam atrair parte dessa raiva para si. Sim; devia ser



só isso. Eles podiam espalhar histórias, mas sabiam que não deviam se misturar nas brigas de seus superiores.

“Não tenho planos de... escapar; absolutamente nenhum,” ela disse em uma voz mais calma. Apertando sua capa novamente, ela calmamente virou a cabeça para checar as carroças e as barracas mais próximas. Se Naeen estivesse assustada o suficiente... Quando uma abertura se apresentasse... Não havia ninguém perto o suficiente para ouvir, mas ela ainda manteve a voz baixa. “As coisas podem mudar, é claro. Quem pode dizer? Se mudarem, faço-lhe esta promessa, sob a Luz e pela minha esperança de renascer, não partirei sem você.” Uma esperança assustada floresceu no rosto de Naeen. Agora era a hora apresentar o que havia por trás daquilo. “Se, quero dizer, eu tiver em minha posse uma carta escrita por sua própria mão, assinada e selada, na qual você explicitamente repudia seu apoio a Marne, de sua própria vontade, e jura apoiar a Casa Arawn, a mim pelo trono. Sob a Luz e pela tua esperança de renascimento. Nada menos servirá.”

A cabeça de Naeen virou para trás e ela tocou os lábios com a língua. Seus olhos se moveram como se procurassem uma saída, por ajuda. O cavalo negro continuou a bufar e dançar, mas ela mal apertou as rédeas o suficiente para impedi-lo de fugir, e mesmo isso parecia inconsciente. Sim, ela estava com medo. Mas não com muito medo para não saber o que Elenia estava exigindo. A história de Andor continha muitos exemplos para ela não saber. Mil possibilidades permaneciam enquanto nada estivesse escrito, mas a mera existência de tal carta colocaria pouco espaço entre os dentes de Naeen e as rédeas nas mãos de Elenia. A publicação significava a destruição de Naeen, a menos que Elenia fosse tola o suficiente para admitir a coerção. Ela poderia tentar resistir depois dessa revelação, mas mesmo uma Casa com muito menos antagonismos entre seus membros do que Arawn, muito menos primos e tias e tios prontos para minar uns aos outros em um piscar de olhos, ainda se desintegraria. As Casas menores que estiveram ligadas a Arawn por gerações procurariam proteção em outro lugar. Em questão de anos, se não antes, Naeen seria rebaixada de Alto Assento a um

remanescente menor e desacreditado. Ah sim; tinha acontecido antes.

“Já estamos juntas há tempo suficiente.” Elenia pegou as rédeas. “Eu não gostaria de deixar as línguas trabalhando. Talvez tenhamos outra chance de falar a sós antes que Arymilla assumo o trono.” Que pensamento vil! “Talvez.”

A outra mulher exalou como se todo o ar de seu corpo estivesse vazando, mas Elenia continuou virando seu cavalo, nem devagar nem com pressa, não parando até que Naeen dissesse urgentemente: “Espere!”

Olhando para trás por cima do ombro, ela fez exatamente isso. Esperou. Sem falar uma palavra. O que precisava ser dito foi dito. Tudo o que restava era ver se a mulher estava desesperada o suficiente para se entregar nas mãos de Elenia. Ela deveria estar. *Ela* não tinha Jarid para trabalhar para ela. Na verdade, qualquer pessoa em Arawn que sugerisse que Naeen precisava ser resgatada provavelmente seria presa por frustrar a vontade expressa de Naeen. Sem Elenia, ela poderia envelhecer em cativeiro. Com a carta, porém, seu cativeiro seria de um tipo diferente. Com a carta, Elenia poderia permitir-lhe toda a aparência de total liberdade. Aparentemente, ela era inteligente o suficiente para ver isso. Ou talvez apenas assustada o suficiente com o taraboneano.

“Vou entregar para você assim que puder”, disse ela finalmente, com uma voz resignada.

“Estou ansiosa para ver,” Elenia murmurou, mal se preocupando em mascarar sua satisfação. *Mas não espere muito tempo*, ela quase acrescentou, mas se conteve por pouco. Naeen podia estar derrotada, mas um inimigo derrotado ainda pode enfiar uma faca em suas costas se muito pressionado. Além disso, ela temia a ameaça de Naeen tanto quanto Naeen temia a dela. Talvez mais. Enquanto Naeen não soubesse disso, no entanto, sua lâmina não tinha utilidade.

Enquanto ela voltava para seus soldados, o humor de Elenia estava mais animado do que estava desde... Certamente desde antes de seus “resgatadores” serem os homens de Arymilla. Talvez desde

antes que Dyelin a tivesse aprisionado em Aringill, embora ela nunca tivesse perdido a esperança lá. Sua prisão tinha sido a casa do governador, bastante confortável, mesmo que ela tivesse que dividir um aposento com Naeen. Comunicar-se com Jarid certamente não apresentou nenhum problema, e ela pensou que havia feito algumas incursões com os Guardas da Rainha em Aringill. Tantos deles tinham sido recém-saídos de Cairhien que eles estavam... inseguros... de onde estavam suas verdadeiras lealdades.

Agora, esse encontro maravilhosamente fortuito com Naeen levantou tanto seu ânimo que ela sorriu para Janny e prometeu a ela um bando de vestidos novos assim que estivessem dentro de Caemlyn. O que produziu um sorriso devidamente agradecido da mulher de bochechas roliças. Elenia sempre comprava vestidos novos para sua empregada quando se sentia particularmente bem, todos bons o suficiente para uma mercadora de sucesso. Era uma maneira de garantir lealdade e discrição, e por vinte anos Janny havia cumprido as duas coisas.

O sol estava apenas uma borda vermelha acima das árvores agora, e era hora de encontrar Arymilla para que pudesse saber onde ela iria dormir esta noite. Que a Luz permitisse que fosse uma cama decente, numa barraca quentinha e não muito esfumaçada, com uma refeição decente antes. Ela não poderia pedir mais, no momento. Mesmo isso não afetou seu humor, no entanto. Ela não apenas acenou para os grupos de homens e mulheres por que eles passaram, ela sorriu para eles. Quase foi tão longe a ponto de acenar. As coisas estavam progredindo melhor do que em algum tempo. Naeen não foi simplesmente descartada como uma rival pelo trono, ela havia sido amarrada e colocada de joelhos, ou algo tão bom quanto isso, e isso poderia ser — seria! —suficiente para trazer Karind e Lir. E havia aqueles que aceitariam qualquer uma que não fosse outra Trakand no trono. Ellorien, por exemplo. Morgase mandara açoitá-la! Ellorien nunca apoiaria nenhuma Trakand. Aemlyn, Arathelle e Abelle também eram possibilidades, com suas próprias queixas que podiam ser exploradas. Talvez Pelivar ou Luan também. Ela tinha suas antenas para fora. E não desperdiçaria a vantagem de Caemlyn, como aquela

espevitada da Elayne fazia. Historicamente, manter Caemlyn era suficiente para reunir o apoio de pelo menos quatro ou cinco Casas por si só.

O momento seria fundamental, certamente, ou toda a vantagem cairia para Arymilla, mas Elenia já podia se ver sentada no Trono do Leão, com os Altos Assentos ajoelhados para jurar fidelidade. Ela já tinha sua lista de quais Altos Assentos precisariam ser substituídos. Ninguém que se opusesse a ela teria permissão para lhe causar problemas mais tarde. Uma série de acidentes infelizes cuidaria disso. Uma pena que ela não pudesse escolher seus substitutos, mas acidentes podiam acontecer com uma frequência incrível.

Sua contemplação feliz foi quebrada pelo homem esquelético que de repente apareceu ao lado dela em um cavalo cinza atarracado, seus olhos febrilmente brilhantes na luz desbotada. Por alguma razão, Nasin tinha ramos de abeto verde presos em seu cabelo branco e fino. Parecia que ele estava subindo em uma árvore, e seu casaco e capa de seda vermelha eram tão trabalhados com flores de cores vivas que poderiam passar por tapetes ilianenses. Ele era ridículo. Ele também era Alto Assento da mais poderosa Casa individual de Andor. E estava bem louco. “Elenia, meu querido tesouro,” ele zurrou, espirrando saliva, “como é doce a visão de você para os meus olhos. Você faz o mel parecer velho e as rosas monótonas.”

Sem necessidade de pensamento consciente, ela rapidamente puxou as rédeas de Vento do Amanhecer para trás e para a direita, colocando a égua marrom de Janny entre ela e ele. “Eu *não* sou sua noiva, Nasin”, ela retrucou, fervendo por ter que dizer isso em voz alta para que todos ouvissem. “Eu sou casada, seu velho tolo! Espere!” ela acrescentou, levantando a mão.

A palavra imperativa e o gesto eram para seus soldados, que haviam colocado as mãos nos punhos das espadas e estavam olhando para Nasin. Cerca de trinta ou quarenta homens usando a Espada e a Estrela da Casa Caeren seguiam o homem, e não hesitariam em abater qualquer um que achassem que estivesse ameaçando seu Alto Assento. Alguns já estavam com as lâminas meio puxadas. Eles não iriam machucá-la, é claro. Nasin mandaria

enforcá-los mesmo que fosse machucada. Luz, ela não sabia se ria ou chorava com isso.

“Você ainda tem medo daquele jovem idiota do Jarid?” Nasin exigiu, inclinando sua montaria para segui-la. “Ele não tem o direito de continuar incomodando você. O homem melhor venceu, e ele deveria reconhecer isso. Eu vou desafiá-lo!” Uma mão, claramente ossuda mesmo em sua luva vermelha apertada, tateou em uma espada que ele provavelmente não sacava há vinte anos. “Vou derrubá-lo como um cachorro por assustá-la!”

Elenia moveu Vento do Amanhecer habilmente, então eles descreveram um círculo ao redor de Janny, que murmurou desculpas a Nasin e fingiu tirar sua égua de seu caminho ao entrar nele. Mentalmente, Elenia acrescentou um pouco de bordado aos vestidos que compraria. Atordoado como estava, Nasin podia passar, em um piscar de olhos, das doces palavras de amor cortês para apalpá-la como se ela fosse o tipo mais baixo de empregada de taverna. Isso ela não poderia suportar, não de novo, certamente não em público. Circulando, ela forçou um sorriso preocupado em seu rosto, embora, na verdade, o sorriso exigisse mais esforço do que a preocupação. Se esse velho tolo forçasse Jarid a matá-lo, arruinaria tudo! “Você sabe que eu não poderia tolerar que homens lutassem por mim, Nasin.” Sua voz estava ofegante e ansiosa, mas ela não tentou controlá-la. Ofegante e ansiosa se encaixava bem o suficiente. “Como eu poderia amar um homem com sangue nas mãos?”

O homem ridículo franziu a testa para aquele nariz comprido até que ela começou a se perguntar se havia ido longe demais. Ele estava louco como uma lebre da primavera, mas não em tudo. Nem sempre. “Eu não tinha percebido que você era tão... sensível,” ele disse finalmente. Sem parar seu esforço para andar ao redor de Janny. Seu rosto decrépito se iluminou. “Mas eu deveria saber. Vou me lembrar, a partir de agora. Jarid pode viver. Desde que não te incomode.” Abruptamente, ele pareceu notar Janny pela primeira vez, e com uma careta irritada, ele ergueu a mão bem alto, fechando-a em um punho. A mulher gorda visivelmente se preparou para o golpe sem se mover para o lado, e Elenia cerrou os dentes. Bordado de seda.

Definitivamente inadequado para uma empregada, mas Janny tinha merecido.

"Lorde Nasin, estive procurando por você em todos os lugares", gritou a voz de uma mulher, e o círculo parou.

Elenia suspirou aliviada enquanto Arymilla cavalgava no crepúsculo com sua comitiva, e teve que reprimir uma onda de fúria ao sentir alívio. Em seda verde excessivamente bordada, com renda sob o queixo e nos pulsos, Arymilla era roliça, quase corpulenta, com um sorriso vazio e olhos castanhos que estavam sempre arregalados de interesse afetado, mesmo quando não havia nada para se interessar. Faltava cérebro para saber a diferença, mas ela possuía astúcia suficiente para saber que havia coisas que deveriam interessá-la, e ela não queria que ninguém pensasse que havia perdido. A única preocupação real que tinha era seu próprio conforto e a renda para garanti-lo, e a única razão pela qual desejava o trono era que os cofres reais pudessem proporcionar maior conforto do que as receitas de qualquer Alto Assento. Sua comitiva era maior que a de Nasin, embora apenas metade fosse de homens armados usando as Quatro Luas de sua Casa. Em sua maioria, parasitos e bajuladores compunham o resto, senhores e senhoras menores de Casas menores e outros dispostos a lambem o pulso de Arymilla por um lugar perto do poder. Ela adorava que as pessoas a bajulassem. Naeen estava lá, também, na borda do grupo com seus soldados e empregada, aparentemente de olhos frios e no controle de si mesma mais uma vez. Mas se mantendo bem longe de Jaq Lounalt, um homem magro com um daqueles véus de taraboneano ridículos cobrindo seus bigodes enormes e um gorro cônico empurrando o capuz de sua capa a uma altura ridícula. O sujeito sorria demais também. Ele mal parecia um homem que poderia reduzir alguém a mendigar com apenas algumas cordas.

"Arymilla," Nasin disse em um tom confuso, então franziu a testa para seu punho como se estivesse surpreso ao encontrá-lo levantado. Abaixando a mão para o pomo de sua sela, ele sorriu para a mulher tola. "Arymilla, minha querida", disse ele calorosamente. Não com o tipo de calor que ele costumava dirigir a Elenia. De alguma forma,

parecia que ele estava pelo menos meio convencido de que Arymilla era sua filha, e sua favorita. Certa vez, Elenia o ouvira lembrar longamente com a mulher sobre sua “mãe”, sua última esposa, morta há quase trinta anos. Arymilla também conseguiu manter sua parte da conversa, embora nunca tivesse conhecido Miedelle Caeren, pelo que Elenia sabia.

Ainda assim, apesar de todos os sorrisos paternais para Arymilla, seus olhos procuraram através da multidão sombria a cavalo atrás dela, e seu rosto relaxou quando encontrou Sylvase, sua neta e herdeira, uma jovem robusta e plácida que encontrou seu olhar, sem sorrir, então puxou seu capuz escuro forrado de pele bem para a frente. Ela nunca sorria ou franzia a testa ou mostrava qualquer emoção que Elenia já havia detectado, apenas mantinha uma expressão invariável de vaca. Claramente, ela também tinha o juízo de uma vaca. Arymilla mantinha Sylvase mais perto do que Elenia ou Naeen, e enquanto o fizesse isso, não havia chance de que Nasin fosse forçado a se aposentar de suas honras. Ele era louco, com certeza, mas astuto. "Espero que você esteja cuidando bem da minha pequena Sylvase, Arymilla", ele murmurou. "Há caçadores de fortunas em todos os lugares, e eu quero que a querida menina seja mantida em segurança."

"Claro que estou", respondeu Arymilla, passando sua égua superalimentada por Elenia sem nem mesmo olhar. Seu tom era doce como mel, e enjoativo. "Você sabe que eu vou mantê-la tão segura quanto eu me mantenho." Sorrindo aquele sorriso de cabeça oca, ela começou a endireitar o manto de Nasin em seus ombros e alisá-lo com o ar de quem coloca um xale em um querido inválido. "Está muito frio para você. Eu sei do que você precisa. Uma tenda quente e um pouco de vinho quente temperado. Ficarei feliz em ter minha empregada preparando isso para você. Arlene, acompanhe Lorde Nasin até sua tenda e prepare um bom vinho condimentado para ele."

Uma mulher esbelta em sua comitiva estremeceu violentamente, então avançou lentamente, empurrando para trás o capuz de sua capa azul simples para revelar um rosto bonito e um sorriso trêmulo. De repente, todos aqueles lambedores e comedores de sapos

estavam ajustando suas capas contra o vento ou aconchegando suas luvas, olhando para qualquer lugar, menos para a empregada de Arymilla. Especialmente as mulheres. Um deles poderia ter sido escolhido com a mesma facilidade, e eles sabiam disso. Estranhamente, Sylvase não desviou o olhar. Era impossível ver seu rosto nas sombras do capuz, mas a abertura virou para seguir a mulher esbelta.

O sorriso de Nasin mostrou seus dentes, fazendo-o parecer ainda mais uma cabra do que o normal. "Sim. Sim, vinho quente seria bom. Arlene, é? Venha, Arlene, é uma boa menina. Não está com muito frio, não é?" A garota guinchou quando ele colocou uma ponta de sua capa em volta dos ombros dela e a puxou tão perto que ela estava se inclinando para fora de sua sela. "Você vai se aquecer na minha barraca, eu prometo." Sem olhar para trás, ele saiu andando, gargalhando e sussurrando para a jovem sob seu braço. Seus soldados o seguiram com o ranger do couro e o lento e úmido bater de cascos na lama. Um deles riu, como se outro tivesse dito algo engraçado.

Elenia balançou a cabeça em desgosto. Empurrar uma mulher bonita na frente de Nasin para distraí-lo era uma coisa — ela nem precisava ser tão bonita assim; qualquer mulher que o velho tolo pudesse encurralar estava em perigo —, mas usar sua própria empregada era revoltante. Não tão revoltante quanto o próprio Nasin, no entanto. "Você prometeu mantê-lo longe de mim, Arymilla", disse ela em voz baixa e firme. Aquele velho lascivo sem cérebro poderia ter esquecido sua existência por um momento, mas ele se lembraria da próxima vez que a visse. "Você prometeu mantê-lo ocupado."

O rosto de Arymilla ficou carrancudo e ela, com petulância, apertou ainda mais as luvas de montaria. Ela não tinha conseguido o que queria. Isso era um grande pecado para ela. "Se você quer estar a salvo de admiradores, você deve ficar perto de mim em vez de vagar solta. Posso evitar se você atrai homens? E eu salvei você. Não ouvi nenhum agradecimento por isso."

A mandíbula de Elenia apertou com tanta força que começou a doer. Fingir que apoiava essa mulher por sua própria escolha era o



suficiente para fazê-la querer morder alguma coisa. Suas escolhas foram esclarecidas o suficiente; escreva para Jarid ou passe uma lua de mel prolongada com seu “noivo”. Luz, ela poderia ter feito a escolha se não fosse a certeza de que Nasin a trancaria em alguma mansão afastada e, depois que ela aguentasse a patada dele, acabaria esquecendo que ela estava lá. E a deixaria lá. Arymilla insistia no fingimento, no entanto. Ela insistia em muitas coisas, algumas delas totalmente insuportáveis. No entanto, elas tinham que ser sofridas. Por enquanto. Talvez, uma vez que as coisas fossem resolvidas, Mestre Lounalt pudesse oferecer suas atenções a Arymilla por alguns dias.

De algum lugar, ela convocou um sorriso de desculpas e se obrigou a dobrar o pescoço como se fosse uma das sanguessugas lambedoras de botas que a observavam avidamente. Afinal, se ela rastejasse até Arymilla, isso só provaria que eles estavam certos. A sensação de seus olhos sobre ela a fez querer tomar banho. Fazer isso na frente de Naeen a fez querer gritar. “Ofereço-lhe toda a gratidão que há em mim, Arymilla.” Bem, isso não era mentira. Toda a gratidão que havia nela se igualava ao desejo de estrangular a outra mulher. Muito devagar. Ela teve que inalar profundamente antes que ela pudesse tirar a próxima parte, no entanto. “Você deve me perdoar por ser lenta, por favor.” Uma palavra muito amarga. “Nasin me deixou bastante perturbada. Você sabe como Jarid reagiria se soubesse do comportamento de Nasin.” Sua própria voz ganhou um tom afiado com isso, mas a mulher tola deu uma risadinha. Ela riu!

“Claro que você está perdoada, Elenia,” ela riu, seu rosto brilhando. “Tudo que você precisa fazer é pedir. Jarid é um cabeça quente, não é? Você deve escrever para ele e dizer o quanto você está satisfeita. Você está contente, não está? Você pode ditar para minha secretária. Eu odeio manchar meus dedos com tinta, você não?”

“Certamente estou contente, Arymilla. Como eu poderia não estar?” Sorrir não exigiu nenhum esforço, desta vez. A mulher realmente pensava que era inteligente. Usar a secretária de Arymilla excluía qualquer possibilidade de mensagens secretas, mas ela poderia dizer a Jarid abertamente para não fazer absolutamente nada sem seu

conselho, e o idiota sem cérebro pensaria que ela estava apenas obedecendo.

Assentindo com uma autossatisfação presunçosa, Arymilla pegou as rédeas, imitada por seu círculo. Se ela enfiasse um pote na cabeça e chamasse de chapéu, todos usariam potes também. “Está ficando tarde,” ela disse, “e eu quero começar cedo pela manhã. A cozinheira de Aedelle Baryn tem uma excelente refeição esperando por nós. Você e Naeen devem cavalgar comigo, Elenia.” Ela fez parecer que as estava honrando, e elas não tiveram escolha a não ser se comportar como se ela estivesse, caindo em ambos os lados dela. “E Sylvase, é claro. Venha, Sylvase.”

A neta de Nasin aproximou sua égua, mas não ao lado de Arymilla. Ela a seguiu um pouco atrás, com os bajuladores de Arymilla se aglomerando em seus calcanhares, já que não haviam sido convidados a cavalgar com Arymilla. Apesar do vento gélido e intermitente que puxava suas capas, várias das mulheres e dois ou três dos homens tentaram, sem sucesso, iniciar uma conversa com a garota. Ela raramente dizia duas palavras juntas. Ainda assim, sem Alto Assento ao alcance para bajular, uma herdeira de Alto Assento serviria, e talvez um dos companheiros esperasse se casar bem. Provavelmente um ou dois eram mais da natureza de guardas, ou pelo menos espiões certificando-se de que ela não tentasse se comunicar com ninguém em sua Casa. Este grupo acharia isso excitante, tocando as bordas do poder. Elenia tinha seus próprios planos para Sylvase.

Arymilla era outra sem objeções a tagarelar quando alguém com bom senso estaria se escondendo em seu capuz, e sua tagarelice enquanto cavalgavam pela luz moribunda esvoaçava do que a irmã de Lir ofereceria no jantar aos planos para sua coroação. Elenia ouviu apenas o suficiente para murmurar com aprovação nos pontos que pareciam apropriados. Se a tola queria oferecer uma anistia juramentada para aqueles que se opunham a ela, longe de Elenia Sarand dizer que ela era uma tola. Já era doloroso ter que... sorrir... para a mulher sem ouvi-la. Então uma coisa que Arymilla disse atingiu seu ouvido como um furador.

“Você e Naeen não vão se importar em dividir a cama, vão? Parece que estamos com falta de barracas decentes aqui.”

Ela flutuou, mas por um momento, Elenia não conseguiu ouvir uma palavra. Ela sentiu como se sua pele tivesse sido recheada de neve. Virando a cabeça ligeiramente, ela encontrou o olhar chocado de Naeen. Não havia nenhuma maneira possível de Arymilla saber sobre seu encontro casual, ainda não, e mesmo se soubesse, por que ela lhes ofereceria uma chance de conspirar juntas? Uma armadilha? Espiões para ouvir o que elas disseram? A empregada de Naeen, ou... Ou Janny? O mundo parecia girar. Manchas pretas e prateadas flutuavam na frente dos olhos de Elenia. Ela pensou que estava prestes a desmaiar.

Abruptamente, percebeu que Arymilla havia endereçado algo diretamente a ela e estava esperando uma resposta com uma carranca cada vez mais impaciente. Freneticamente, ela focou sua mente. Sim, ela conseguia. “Uma carruagem dourada, Arymilla?” Que noção ridícula. Bem como andar na carroça de um Latoeiro! “Ah, que agradável! Você tem ideias tão maravilhosas!” O sorriso satisfeito de Arymilla facilitou um pouco a respiração de Elenia. A mulher era uma tola sem cérebro. Talvez houvesse uma escassez de tendas adequadas. O mais provável é que ela apenas pensasse que elas estavam seguras agora. Domesticadas. Elenia transformou seus dentes arreganhados em um sorriso malicioso. Mas deixou de lado qualquer ideia de que o taraboneano “entretinha” a mulher, mesmo que por uma hora. Com a assinatura de Jarid nessa promessa, havia apenas uma maneira de limpar seu caminho para o trono. Tudo estava em mãos e pronto para seguir em frente. A única questão era se Arymilla ou Nasin deveriam morrer primeiro.

A noite se abateu sobre Caemlyn com um frio intenso impulsionado por ventos cortantes. Aqui e ali um brilho de Luz derramando-se de uma janela superior indicava pessoas ainda acordadas, mas a maioria das persianas estava fechada, e uma fina lasca de lua baixa no céu apenas parecia enfatizar a escuridão. Até a neve que cobria os

telhados e empilhadas ao longo das fachadas dos prédios onde havia escapado do tráfego do dia era de um cinza sombrio. O homem solitário, coberto da cabeça aos tornozelos com uma capa escura, caminhando pela lama congelada deixada nas pedras do calçamento, respondia como Daved Hanlon ou Doilan Mellar com igual facilidade; um nome não passava de um casaco, e um homem trocava de casaco sempre que necessário. Ele tinha usado um número ao longo dos anos. Atendendo aos seus desejos, ele estaria com os pés para cima na frente de uma lareira no Palácio Real, uma caneca na mão, uma jarra de conhaque ao seu lado e uma prostituta disposta no joelho, mas ele tinha desejos de outros a servir. Pelo menos a base era melhor aqui na Cidade Nova. Não era bom, com essa lama congelada sob os pés que poderia transformar um passo descuidado em um tombo, mas as botas de um homem eram menos propensas a sair debaixo dele aqui do que nas colinas mais íngremes do centro da cidade. Além disso, a escuridão lhe convinha esta noite.

Havia poucas pessoas nas ruas quando ele começou, e o número foi diminuindo à medida que a escuridão se aprofundava. As pessoas sábias ficavam dentro de casa quando a noite caía. Ocasionalmente, formas escuras escondiam-se nas sombras mais profundas, mas depois de um breve estudo de Hanlon, elas corriam pelas esquinas à sua frente, ou se retiravam para becos tentando abafar suas maldições enquanto se debatiam na neve que provavelmente não havia sido tocada pelo sol. Ele não era volumoso, e pouco mais alto do que a média dos homens, com sua espada e couraça escondidas por sua capa, mas ladrões procuravam fraqueza ou hesitação, e ele se movia com uma óbvia autoconfiança, claramente sem medo de espreitadores. Uma atitude ajudada pela longa adaga escondida em sua mão direita enluvada.

Manteve-se atento às patrulhas dos guardas enquanto caminhava, mas não esperava ver nenhuma. Os valentões e bandidos teriam procurado outros locais de caça se os guardas estivessem por perto. Claro, ele poderia se livrar de guardas intrometidos com uma palavra, mas não queria observadores de qualquer tipo, e nenhuma pergunta de por que ele estava tão longe do palácio em pé. Seu passo hesitou

quando duas mulheres com capas pesadas apareceram em um cruzamento bem à frente, mas seguiram em frente sem olhar em sua direção, e ele respirou com mais facilidade. Pouquíssimas mulheres se aventurariam a sair a essa hora da noite sem um homem junto para empunhar espada ou porrete, e mesmo sem ver seus rostos, ele teria apostado um punhado de ouro em uma maçã de cavalo que o par era Aes Sedai. Ou então algumas daquelas mulheres estranhas que enchiam a maioria das camas do palácio.

O pensamento daquele grupo trouxe uma carranca, e um formigamento entre suas omoplatas como o roçar de urtigas. O que quer que estivesse acontecendo no palácio, era o suficiente para lhe dar o controle. As mulheres do Povo do Mar já eram ruins o suficiente, e não apenas porque andavam balançando pelos corredores daquela maneira sedutora, depois apontavam uma faca para um homem. Ele nem tinha pensado em dar um tapinha no traseiro de uma depois de perceber que elas e as Aes Sedai estavam se encarando como gatos estranhos em uma caixa. E claramente, embora fosse impossível, as do Povo do Mar eram os gatos maiores. As outras eram piores, de certa forma. Não importa o que os rumores dissessem, ele conhecia o visual das Aes Sedai, e não incluía rugas. No entanto, algumas delas podiam canalizar, e ele tinha a noção perturbadora de que todas podiam. O que não fazia o menor sentido. Talvez o Povo do Mar tivesse algum tipo de dispensa peculiar, mas quanto a essas Kin, como Falion as chamava, todas sabiam que se três mulheres que pudessem canalizar e não fossem Aes Sedai se sentassem à mesma mesa, Aes Sedai apareceriam antes que elas pudessem terminar uma jarra de vinho e dizer-lhes para seguirem em frente e nunca mais falarem uma com a outra. E certificar-se de que elas fizeram isso, além disso. Isso era certo. Mas lá estavam aquelas mulheres sentadas no palácio, mais de cem delas, realizando suas reuniões particulares, andando pelas Aes Sedai sem uma carranca entre elas. Até hoje, pelo menos, e o que quer que as tenha feito amontoar-se como galinhas assustadas, as Aes Sedai estavam igualmente ansiosas. Havia muitas esquisitices para seu gosto. Quando as Aes

Sedai se comportavam de maneira estranha, era hora de um homem cuidar da segurança de sua própria pele.

Com uma maldição, ele saiu de seu devaneio. Um homem precisava cuidar de sua pele à noite também, e deixar sua concentração à deriva não era maneira de fazer isso. Pelo menos ele não tinha parado, ou mesmo desacelerado. Depois de mais alguns passos, ele sorriu um sorriso fino e manuseou a lâmina de sua adaga. O vento suspirava na rua e caía, assobiava pelos telhados e caía, e nos breves momentos de silêncio, ele podia ouvir o débil ranger das botas que o seguiam desde pouco depois que ele deixou o palácio.

No próximo cruzamento, virou à direita no mesmo passo firme e sem pressa, então de repente encostou as costas na frente de um estábulo que ficava na esquina. As amplas portas do estábulo estavam fechadas e provavelmente trancadas por dentro, mas o cheiro de cavalo e esterco de cavalo pairava no ar gelado. A estalagem do outro lado da rua também estava bem fechada, as janelas fechadas e escuras, o único som além do vento era o ranger de sua placa balançando que ele não conseguia distinguir na noite. Ninguém para ver o que não deveria.

Ele teve um momento de aviso, o som de botas se acelerou em um esforço para não o deixar fora de vista por muito tempo, e então uma cabeça encapuzada foi empurrada cautelosamente na esquina. Não com cautela suficiente, é claro. Sua mão esquerda disparou para dentro do capuz para agarrar uma garganta ao mesmo tempo em que a direita fez uma parada praticada com a adaga. Ele meio que esperava encontrar um peitoral, ou uma cota de malha sob o casaco do homem, e estava pronto se encontrasse, mas uma polegada de aço afundou facilmente sob o esterno do sujeito. Ele não sabia por que isso parecia paralisar os pulmões de um homem, de modo que ele não podia gritar, até que se afogasse em seu próprio sangue, mas ele sabia que era assim. Ainda assim, esta noite ele não tinha tempo para esperar. Nenhum guarda à vista no momento não significava que as coisas ficariam assim por muito tempo. Com um puxão rápido, ele bateu a cabeça do homem contra a parede de pedra do estábulo com força suficiente para quebrar um crânio, então empurrou sua adaga

até o punho, sentindo a lâmina raspar ao perfurar a espinha do sujeito.

Sua respiração permaneceu estável — matar era apenas uma coisa que tinha que ser feita de vez em quando, nada para se excitar —, mas ele rapidamente abaixou o cadáver na neve contra a parede e se agachou ao lado dele, limpando a lâmina no manto escuro do morto, enquanto enfiava a outra mão em sua axila para puxar sua luva de costas de aço. Com a cabeça girando, ele observou a rua nos dois sentidos enquanto apalpava rapidamente o rosto do homem na escuridão. Um raspar de barba sob seus dedos lhe disse que era um homem, mas nada mais. Homem, mulher ou criança não faziam diferença para ele — os tolos se comportavam como se as crianças não tivessem olhos para ver ou línguas para contar o que viam —, mas ele desejava que houvesse um bigode ou um nariz bulboso, qualquer coisa para acender uma memória e lhe dizer quem esse sujeito tinha sido. Um aperto na manga do morto encontrou lã grossa, nem fina nem particularmente áspera, e um braço musculoso que poderia ter pertencido a um escriturário ou carroceiro ou lacaio. A qualquer homem, em suma, assim como o casaco. Examinando o corpo, ele vasculhou os bolsos do sujeito, encontrando um pente de madeira e um novelo de barbante, que jogou de lado. No cinto do homem, sua mão parou. Uma bainha de couro pendia ali, vazia. Nenhum homem na terra poderia ter sacado uma adaga depois que a lâmina de Hanlon encontrou seus pulmões. Claro, havia um bom motivo para um homem carregar sua faca desembainhada quando saía à noite, mas a razão que mais prontamente vinha à mente era apunhalar alguém pelas costas ou cortar uma garganta.

Foi apenas uma pausa fugaz, no entanto. Sem perder tempo com especulações, ele cortou a bolsa do sujeito sob os cordões. O peso das moedas que ele derramou em sua mão e enfiou apressadamente em seu próprio bolso lhe disse que não havia ouro, provavelmente nem mesmo uma peça de prata, mas uma bolsa cortada e nenhuma moeda faria quem encontrasse o corpo pensar que ele era a presa de valentões. Endireitando-se, ele puxou sua manopla, e apenas alguns momentos depois de acertar sua lâmina, ele estava caminhando ao

longo da calçada coberta de lama mais uma vez, adaga segura perto do seu lado sob sua capa e olhos cautelosos. Ele não relaxou até estar a uma rua de distância do homem morto, e então não relaxou muito.

A maioria das pessoas que ouvissem falar do assassinato aceitaria a história de assassinato por roubo que ele havia contado para elas, mas não quem enviou o sujeito. Seguir todo o caminho desde o palácio significava que ele havia sido enviado, mas por quem? Ele tinha quase certeza de que qualquer mulher do Povo do Mar que quisesse que uma faca fosse colocada nele teria feito a ação ela mesma. Mesmo que as Kin o incomodassem apenas por estarem lá, elas pareciam ficar quietas e não causar confusão. É verdade que as pessoas que evitavam ser notadas eram as mais propensas a recorrer a uma faca alugada durante a noite, mas ele nunca havia trocado mais de três palavras por vez com nenhuma delas, e certamente nunca tentou passar as mãos em uma. As Aes Sedai pareciam mais prováveis, mas ele tinha certeza de que não fizera nada para levantar suspeitas. Ainda assim, qualquer uma delas poderia ter suas próprias razões para o querer morto. Nunca se pode dizer com as Aes Sedai. Birgitte Trahelion era uma tola que parecia pensar que realmente era um personagem de uma história, talvez até a verdadeira Birgitte, se é que alguma vez existiu uma verdadeira Birgitte, mas ela poderia muito bem pensar que ele era uma ameaça à sua posição. Ela podia ser uma prostituta, rebolando pelos corredores com aquelas calças do jeito que fazia, mas tinha um olhar frio. Aquela poderia ordenar um corte na garganta sem pestanejar. A última possibilidade era a que mais o preocupava, no entanto. Seus próprios mestres não eram as pessoas mais confiáveis, e nem sempre confiáveis. E a Senhora Shiaine Avarhin, que atualmente lhe dava suas ordens, foi quem enviou uma convocação que o puxou para a noite. Onde um sujeito estava esperando para segui-lo de faca na mão. Ele não acreditava em coincidência, não importava o que as pessoas dissessem sobre esse al'Thor.

Pensamentos de voltar para o palácio vieram e foram em um flash. Ele tinha ouro guardado; poderia subornar seu caminho através dos



portões tão facilmente quanto qualquer outro, ou simplesmente ordenar que um deles fosse aberto por tempo suficiente para deixá-lo sair. Mas isso significaria passar o resto de sua vida olhando para trás, e qualquer um que chegasse ao alcance dele poderia ser o enviado para matá-lo. Não tão diferente da maneira como ele vivia agora. Exceto pela certeza de que mais cedo ou mais tarde alguém colocaria veneno em sua sopa ou uma faca em suas costelas. Além disso, aquela meretriz de olhos de pedra, Birgitte, era a culpada mais provável. Ou uma Aes Sedai. Ou talvez ele tenha ofendido essas Kin de alguma forma. Ainda assim, sempre valia a pena ser cuidadoso. Seus dedos flexionaram em torno do punho da adaga. A vida estava boa no momento, com muito conforto e muitas mulheres impressionadas ou amedrontadas por um capitão da guarda, mas a vida em fuga era sempre preferível à morte aqui e agora.

Encontrar a rua correta, muito mais a casa correta, não foi fácil — uma rua estreita parecia muito com a outra quando a escuridão envolvia as duas —, mas ele tomou cuidado e acabou batendo nas portas da frente de uma construção alta e sombreada que poderia pertenceram a um comerciante rico, mas discreto. Exceto que ele sabia agora que não. Avarhin era uma casa minúscula, alguns diziam extinta, mas uma filha dela permaneceu, e Shiaine possuía dinheiro.

Uma das portas se abriu e ele ergueu a mão contra o clarão repentino de luz. Sua mão esquerda; a adaga em sua direita, ele manteve escondida e pronta. Apertando os olhos por entre os dedos abertos, ele reconheceu a mulher na porta, com o vestido escuro simples de uma empregada.

Não que isso aliviasse sua mente por um fio de cabelo.

“Dê-nos um beijo, Falion,” ele disse enquanto entrava. Olhando de soslaio, ele estendeu a mão para ela. Esquerda, claro.

A mulher de rosto comprido afastou a mão dele e fechou a porta com firmeza atrás dele. “Shiaine está fechada com um visitante na sala de estar da frente no andar de cima,” ela disse calmamente, “e a cozinheira está em seu quarto. Não há mais ninguém na casa. Pendure sua capa no cabide. Vou avisá-la que você está aqui, mas você pode ter que esperar.”

Hanlon deixou seu olhar malicioso desaparecer e sua mão cair. Apesar de todo o seu rosto sem idade, bonita era o melhor que Falion poderia ser chamada, e mesmo isso poderia ser um exagero da verdade, com seu olhar frio e um jeito mais frio na barganha. Ela dificilmente era o tipo de mulher que ele escolheria para acariciar, mas parecia que ela estava sendo punida por um dos Escolhidos e ele deveria fazer parte da punição, o que alterava as coisas. Até certo ponto. Derrubar uma mulher que não tinha escolha nunca o incomodava, e Falion certamente não tinha nenhuma. O vestido de empregada era simples de verdade; ela fazia o trabalho de quatro ou cinco mulheres sozinha, empregadas e ajudantes de cozinha e arrumadeira, dormindo quando podia e se submetendo sempre que Shiaine franzia a testa. Suas mãos estavam ásperas e vermelhas de lavar roupa e esfregar o chão. No entanto, ela provavelmente sobreviveria ao castigo, e a última coisa que ele queria era uma Aes Sedai com um rancor pessoal contra Daved Hanlon. Não quando as circunstâncias poderiam mudar antes que ele tivesse a oportunidade de enfiar uma faca no coração dela, de qualquer maneira. Alcançar um acordo com ela tinha sido fácil, no entanto. Ela parecia ter uma visão prática. Quando os outros podiam ver, ele a amarrotava toda vez que ela chegava ao seu alcance, e quando havia tempo, ele a embrulhava em seu minúsculo quarto de empregada sob o beiral. Onde eles bagunçavam a roupa de cama, depois se sentavam na cama estreita no frio e trocavam informações. Embora por insistência dela, ele lhe deu alguns hematomas, apenas no caso de Shiaine optar por verificar. Ele esperava que ela lembrasse que foi por sua insistência.

"Onde estão os outros?" ele disse, tirando sua capa e pendurando-a no cabide esculpido em leopardo. O som de suas botas no piso ricocheteou no teto alto do hall de entrada. Era um espaço bonito, com cornijas de gesso pintadas e várias tapeçarias ricas em painéis esculpidos que eram polidos até um brilho fraco, bem iluminado por luminárias espelhadas com dourado suficiente para o próprio Palácio Real, mas que o queime se estivesse muito mais quente do que fora. Falion ergueu uma sobrancelha para a adaga em sua mão e ele a

embainhou com um sorriso tenso. Poderia tirá-la de novo mais rápido do que qualquer um acreditaria, e sua espada quase tão rapidamente. “As ruas estão cheias de ladrões à noite.” Apesar do frio, ele tirou as luvas e as colocou atrás do cinto da espada. Qualquer outra coisa poderia fazer parecer que ele se achava em perigo. O peitoral devia ser suficiente de qualquer maneira, caso viesse o pior.

“Eu não sei onde Marillin está,” ela disse por cima do ombro, já se virando e pegando suas saias para os degraus. “Ela saiu antes do pôr do sol. Murellin está nos estábulos com seu cachimbo. Podemos conversar depois que eu informar a Shiaine que você chegou.”

Observando-a subir as escadas, ele grunhiu. Murellin, um sujeito corpulento que Hanlon não gostava de ter atrás de si, era banido para os estábulos atrás da casa sempre que queria fumar seu cachimbo, porque Shiaine não gostava do cheiro do tabaco áspero que ele usava, e como ele costumava tomar um pote de cerveja com ele, ou mesmo um jarro, ele não devia chegar tão cedo. Marillin o preocupou mais. Ela também era Aes Sedai, aparentemente tanto sob as ordens de Shiaine quanto Falion, ou ele mesmo, mas ele não tinha acordos com ela. Sem brigas, mas desconfiava por princípio de qualquer Aes Sedai, Ajah Negra ou não. Onde ela tinha ido? Para fazer o que? O que um homem não sabia poderia matá-lo, e Marillin Gemalphin passava muito tempo fora fazendo coisas sobre as quais ele não sabia nada. Estava chegando à conclusão de que havia muitas coisas em Caemlyn sobre as quais ele não sabia nada. Passado o tempo, ele descobriria, se quisesse viver.

Sem Falion, ele foi da entrada gelada do hall direto para a cozinha nos fundos da casa. A sala de paredes de tijolos estava vazia, é claro — a cozinheira sabia que não devia enfiar o nariz para fora do quarto no porão depois de ser mandada embora para passar a noite — e o fogão de ferro preto e os fornos estavam frios, mas uma pequena chama da longa lareira de pedra fazia da cozinha um dos poucos cômodos da casa que estariam quentes. Comparada com o resto, pelo menos. Shiaine era uma mulher mesquinha, exceto quando se tratava de seu próprio conforto. O fogo aqui era apenas para o caso de ela querer vinho quente à noite ou um leite ou ovo aquecido.

Ele estivera nesta casa mais de meia dúzia de vezes desde que chegara a Caemlyn, e sabia quais armários guardavam as especiarias e qual cômodo da cozinha sempre guardava um barril de vinho. Sempre um bom vinho. Shiaine nunca economizava nisso. Não com o que ela mesma pretendia beber, de qualquer maneira. Quando Falion voltou, ele tinha o pote de mel e um prato de gengibre e cravo na mesa larga da cozinha com uma jarra cheia de vinho e um atiçador enfiado no fogo. Shiaine poderia dizer “venha agora” e significaria “agora”, mas quando ela queria fazer um homem esperar, poderia ser quase dia antes que ela o visse. Essas chamadas sempre lhe custavam o sono, que queimasse a mulher!

“Quem é o visitante?” ele perguntou.

“Ele não deu nome, não para mim”, disse Falion, apoiando a porta do salão aberta com uma cadeira. Isso deixou um pouco do calor escasso vazar, mas ela gostaria de ser capaz de ouvir se Shiaine a convocasse. Ou talvez ela quisesse ter certeza de que a outra mulher não fosse capaz de espionar. “Um homem magro, alto e duro, com cara de soldado. Um oficial de alguma patente, talvez um nobre, por seu jeito, e andoreano por seu sotaque. Ele parece inteligente e cauteloso. Suas roupas são bastante simples, embora caras, e ele não usa anéis ou broches.” Franzindo o cenho para a mesa, ela se virou para um dos armários altos com a frente aberta ao lado da porta do corredor e acrescentou uma segunda xícara de estanho à que ele havia preparado para si mesmo. Nunca lhe ocorrera colocar duas. Já era ruim o bastante ter que preparar seu próprio vinho. Aes Sedai ou não, ela era a empregada. Mas ela pegou uma cadeira à mesa e empurrou o prato de especiarias para longe dela para todo o mundo, como se esperasse que ele servisse.

“Shiaine teve dois visitantes ontem, porém, mais descuidados do que este sujeito,” ela continuou. “Um, de manhã, tinha os Javalis Dourados de Sarand no punho de suas manoplas. Ele provavelmente pensou que ninguém notaria o trabalho pequeno, se é que ele pensava. Um homem gorducho de cabelos louros na meia-idade que olhava com desprezo para tudo, elogiou o vinho como se estivesse surpreso por encontrar uma safra decente na casa e queria que

Shiaine me batesse por mostrar pouco respeito.” Ela disse até isso com uma voz fria e comedida. A única vez que ela teve algum calor em si foi quando Shiaine colocou uma coleira nela. Ele tinha ouvido ela uivar o suficiente então. “Um compatriota que raramente esteve em Caemlyn, mas acredita que sabe como seus superiores se comportam, devo dizer. Você pode marcá-lo por uma verruga no queixo e uma pequena cicatriz de meia-lua ao lado do olho esquerdo. O sujeito da tarde era baixo e moreno, com um nariz afilado e olhos cautelosos, e nenhuma cicatriz ou marca que eu pudesse ver, embora ele usasse um anel com uma granada quadrada na mão esquerda. Ele era poupador de palavras, muito atento para não revelar nada do pouco que ouvi, mas carregava uma adaga com as Quatro Luas da Casa Marne no punho.”

Cruzando os braços, Hanlon encostou-se ao lado da lareira e manteve o rosto suave apesar do desejo de fazer uma careta. Ele tinha certeza de que o plano era que Elayne assumisse o trono, embora o que vinha depois permanecesse um mistério. Ela tinha sido prometida a ele como uma rainha. Se ela usava ou não uma coroa quando ele a tomasse não importava nem um pouco para ele, exceto pelo tempero que acrescentava — quebrar aquele pedaço de perna comprida para selar seria puro prazer se ela fosse filha de um fazendeiro, especialmente depois que a garota cortou uma fatia dele hoje na frente de todas aquelas outras mulheres! —, mas as negociações com Sarand e Marne diziam que talvez Elayne estivesse destinada a morrer sem coroa. Talvez, apesar de todas as promessas de que poderia trair uma rainha, ele tivesse sido colocado onde estava para poder matá-la em algum momento selecionado, quando a morte dela traria algum resultado específico buscado por Shiaine. Ou melhor, pelo Escolhido que lhe dera ordens. Moridin, o sujeito era chamado, um nome que Hanlon nunca tinha ouvido antes de vir para esta casa. Isso não o incomodou. Se um homem tinha a coragem de chamar a si mesmo de um dos Escolhidos, Hanlon não era tolo o suficiente para questioná-lo. A probabilidade de que ele não fosse mais do que um punhal nesse plano o incomodava. Contanto que um

punhal fizesse o trabalho, que importava se ele quebrasse no ato? Muito melhor ser o punho no punhal do que a lâmina.

"Você viu algum ouro mudar de mãos?" ele perguntou. "Você ouviu alguma coisa?"

"Eu teria dito", ela respondeu com voz fraca. "E pelo nosso acordo, é a minha vez de fazer uma pergunta."

Ele conseguiu mascarar sua irritação por trás de um olhar de expectativa. A mulher tola sempre perguntava sobre as Aes Sedai no palácio ou aquelas que ela chamava de Kin, ou sobre o Povo do Mar. Perguntas tolas. Quem era amiga de quem e quem era hostil. Quem trocava palavras particulares e quem evitava uma a outra. O que ele as ouvira dizer. Como se ele não tivesse nada a fazer com seu tempo, para espreitar pelos corredores as espionando. Ele nunca mentiu para ela — havia muita chance de ela descobrir a verdade, mesmo atolada aqui nesta casa como empregada; afinal de contas, ela era Aes Sedai —, mas estava ficando cada vez mais difícil pensar em algo que ainda não tivesse contado a ela, e ela estava inflexível em que ele desse informações se esperasse receber alguma. Ainda assim, ele tinha alguns petiscos para oferecer hoje, algumas do Povo do Mar saindo, e todas elas pulando a maior parte do dia como se tivessem pingentes de gelo enfiados nas costas. Ela teria que se contentar com isso. O que ele precisava saber era importante, não maldita fofoca.

Antes que ela pudesse fazer sua pergunta, porém, a porta para o lado de fora se abriu. Murellin era grande o suficiente para quase encher a porta, mas o frio gelado ainda girava, uma rajada que fez o pequeno fogo dançar e enviou faíscas pela chaminé até que o grande homem fechou a porta. Ele não deu nenhum sinal de que sentiu o frio, mas então, seu casaco marrom parecia grosso como duas capas. Além disso, o homem não era apenas do tamanho de um boi, ele tinha a inteligência de um. Colocando uma caneca alta de madeira na mesa com um baque, ele enfiou os polegares atrás do cinto largo e olhou para Hanlon com ressentimento. "Você está brincando com a minha mulher?" ele murmurou.

Hanlon deu um sobressalto. Não por medo de Murellin, não com o imbecil do outro lado da mesa. O que o assustou foi a Aes Sedai

pulando da cadeira e pegando a jarra de vinho. Despejando o gengibre e os cravos, ela acrescentou uma colher de mel e girou a jarra como se isso fosse misturar tudo, então usou uma dobra de sua saia para puxar o atizador do fogo e enfiá-lo no vinho sem verificar ver se já estava quente o suficiente. Ela nunca olhou na direção de Murellin.

"Sua mulher?" Hanlon disse cuidadosamente. Isso ganhou um sorriso do outro homem.

"Perto disso o suficiente. A Dama achou que eu poderia usar o que você não está usando. De qualquer forma, Fally e eu mantemos um ao outro quentes à noite." Murellin deu a volta na mesa, ainda sorrindo, mas para a mulher, agora. Um grito ecoou no corredor, e ele parou com um suspiro, seu sorriso desaparecendo.

"Falion!" A voz distante de Shiaine chamou bruscamente. "Traga Hanlon agora e seja rápida!" Falion colocou a jarra na mesa com força suficiente para derramar vinho sobre a borda e estava indo para a porta antes que Shiaine terminasse. Quando a outra mulher falava, Falion pulava.

Hanlon pulou também, ainda que por um motivo diferente. Alcançando-a, ele agarrou seu braço quando ela deu o primeiro passo na escada. Uma rápida olhada para trás mostrou a porta da cozinha fechada. Talvez Murellin tenha sentido frio. Ele manteve sua voz baixa de qualquer maneira. "Sobre o que era tudo isso?"

"Não é da sua conta," ela disse secamente. "Você pode me dar algo que o faça dormir? Algo que eu possa colocar em sua cerveja ou vinho? Ele vai beber qualquer coisa, seja qual for o gosto."

"Se Shiaine acha que não estou obedecendo ordens, isso é problema meu, e você deveria ver dessa forma também, se você tem dois malditos pensamentos para discutir."

Ela inclinou a cabeça, olhando daquele nariz comprido para ele, fria como um peixe. "Isso não tem nada a ver com você. No que diz respeito a Shiaine, ainda pertencerei a você quando estiver aqui. Veja, certos assuntos mudaram." De repente, algo invisível agarrou seu pulso com força e puxou a mão de sua manga. Algo mais se prendeu em sua garganta, apertando até que ele não conseguia mais

respirar. Inutilmente, ele procurou com a mão esquerda por sua adaga. Seu tom permaneceu frio. “Achei que alguns outros assuntos deveriam mudar de acordo, mas Shiaine não vê as coisas logicamente. Ela diz que quando o Grande Mestre Moridin desejar que meu castigo diminua, ele dirá. Moridin me deu a ela. Murellin é sua maneira de garantir que eu entenda isso. Sua maneira de garantir que eu saiba que sou sua cadela até que ela diga o contrário.” Abruptamente ela respirou fundo, e a pressão desapareceu de seu pulso e garganta. O ar nunca tinha sido tão doce. “Você pode obter o que eu peço?” ela disse, tão calma como se não tivesse acabado de tentar matá-lo com o maldito Poder. Apenas o pensamento de que isso o havia tocado fez sua pele se arrepiar.

“Eu posso...” ele começou com a voz rouca, e parou para engolir, esfregando a garganta. Parecia que tinha sido amarrado no laço de um carrasco. “Eu posso te dar algo que vai colocá-lo em um sono do qual ele nunca vai acordar.” Assim que fosse seguro, ele a estriparia como um ganso.

Ela bufou ironicamente. “Eu seria a primeira suspeita de Shiaine, e eu poderia cortar meus próprios pulsos como objeto de qualquer coisa que ela decidisse fazer. Será suficiente se ele dormir as noites inteiras. Deixe o pensamento para mim, e nós dois seremos melhores por isso.” Descansando a mão no poste esculpido, ela olhou para as escadas. “Venha. Quando ela diz agora, ela quer dizer agora.” Uma pena que ele não pudesse pendurá-la como um ganso para esperar pela faca.

Seguindo-a, suas botas bateram nos degraus, fazendo um barulho pelo salão de entrada, e ocorreu-lhe que não tinha ouvido o visitante sair. A menos que a casa tivesse alguma saída secreta que ele não conhecia, havia apenas a porta da frente, a da cozinha, e uma segunda nos fundos que só podia ser alcançada passando pela cozinha. Então parecia que ele iria conhecer esse soldado. Talvez devesse ser uma surpresa. Sorrateiramente, ele enfiou a adaga na bainha.

Como esperado, a sala de estar da frente tinha uma bela chama queimando na ampla lareira de mármore com veios azuis. Era uma



sala que valia a pena saquear, com vasos de porcelana do Povo do Mar nas mesinhas de canto dourada, e tapeçarias e tapetes que custariam um bom preço. Exceto que um dos tapetes provavelmente não tinha valor, agora. Um monte baixo coberto por um cobertor jazia perto do meio da sala, e se o sujeito que o fez não tivesse manchado o tapete com seu sangue, Hanlon comeria as botas saindo de uma ponta.

A própria Shiaine estava sentada em uma poltrona esculpida, uma mulher bonita em seda azul bordada a ouro com um cinto ornamentado de ouro trançado e um pesado colar de ouro em volta do pescoço fino. Cabelo castanho brilhante pendurado abaixo dos ombros até preso em uma rede de renda intrincada. Ela parecia delicada à primeira vista, mas havia algo vulpino em seu rosto, e seu sorriso nunca tocou aqueles grandes olhos castanhos.

Ela estava usando um lenço com borda de renda para limpar uma pequena adaga com uma gota de fogo no punho. “Vá dizer a Murellin que eu terei um... pacote... para ele se desfazer mais tarde, Falion,” ela disse calmamente.

O rosto de Falion permaneceu impassível como mármore polido, mas ela fez uma reverência que faltou pouco se encolher antes de sair correndo da sala.

Observando a mulher e sua adaga pelo canto do olho, Hanlon foi até o monte coberto e se curvou para levantar uma ponta do cobertor. Olhos azuis vidrados olhavam para fora de um rosto que poderia ter sido duro vivo. Os mortos sempre pareciam mais suaves. Aparentemente, ele não tinha sido tão cauteloso nem tão inteligente quanto Falion pensava. Hanlon deixou o cobertor cair e se endireitou. “Ele disse algo a que você se opôs, minha senhora?” ele disse suavemente. “Quem era ele?”

“Ele disse várias coisas às quais eu me opus.” Ela ergueu sua adaga, estudando a pequena lâmina para ter certeza de que estava limpa, então a deslizou em uma bainha trabalhada em ouro em sua cintura. “Diga-me, o filho de Elayne é seu?”

“Eu não sei quem é o pai do filhote,” ele disse ironicamente. “Por que, minha senhora? Você acha que eu ficaria mole? A última garota

que alegou que eu tinha um filho com ela, eu a enfiei em um poço para esfriar sua cabeça e fiz com que ela ficasse lá.” Havia um jarro de vinho prateado de gargalo comprido e duas taças de prata entalhadas em uma bandeja em uma das mesas laterais. “Isso é seguro?” ele perguntou, olhando para os copos. Ambos tinham vinho no fundo, mas um pequeno acréscimo a um teria transformado o morto em presa fácil.

“Catrelle Mosenain, filha de um ferreiro de Maerone”, disse a mulher, tão suavemente como se fosse do conhecimento geral, e ele quase se encolheu de surpresa. “Você abriu a cabeça dela com uma pedra antes de jogá-la no chão, sem dúvida para poupá-la de se afogar.” Como ela sabia o nome da moça, muito menos sobre a pedra? Ele mesmo não se lembrava do nome dela. “Não, eu duvido que você fosse mole, mas eu odiaria pensar que você estava beijando Lady Elayne sem me avisar. Eu simplesmente odiaria isso.”

De repente, ela franziu a testa para o lenço manchado de sangue em sua mão e se levantou graciosamente para deslizar até a lareira e atirá-lo nas chamas. Ela ficou ali se aquecendo, sem nem mesmo olhar na direção dele. “Você pode fazer com que algumas das mulheres Seanchan escapem? Melhor se puder ser tanto as chamadas *sul’dam* quanto as chamados *damane*,” ela tropeçou um pouco nas palavras estranhas, “mas se você não pode fazer as duas coisas, então algumas *sul’dam* devem servir. Elas vão libertar algumas das outras.”

“Pode ser.” Sangue e malditas cinzas, ela estava dançando de uma coisa para outra pior do que Falion esta noite. “Não será fácil, minha senhora. Elas são todas guardadas de perto.”

“Eu não perguntei se seria fácil”, disse ela, olhando para as chamas. “Você pode tirar os guardas dos armazéns de comida? Me agradaria se alguns daqueles realmente queimassem. Estou cansada de tentativas que sempre falham.”

“Isso eu não posso fazer”, ele murmurou. “Não, a menos que você espere que eu me esconda logo depois. Eles mantêm um registro de ordens que fariam um cairhieno estremecer. E não adiantaria nada, não com aqueles malditos portais trazendo mais carroças a cada dia.”

Na verdade, ele não estava arrependido por isso. Enjoado sobre os meios usados, certamente, mas não arrependido. Ele esperava que o palácio fosse o último lugar em Caemlyn a passar fome em qualquer caso, mas ele viveu cercos em ambos os lados das linhas, e ele não tinha intenção de cozinhar suas botas para sopa novamente. Shiaine queria incêndios, no entanto.

“Outra resposta que eu não pedi.” Ela balançou a cabeça, ainda olhando para a lareira, não para ele. “Mas talvez algo possa ser feito lá. Quão perto você está de realmente... desfrutar das afeições de Elayne?” ela terminou de forma primorosa.

“Mais perto do que no dia em que cheguei ao palácio,” ele rosnou, olhando para ela de volta. Ele tentava nunca ofender aqueles que os Escolhidos colocaram acima dele, mas a garota o estava tentando. Ele poderia quebrar aquele pescoço fino como um galho! Para manter as mãos longe de sua garganta, ele encheu um dos copos e segurou sem intenção de beber. Na mão esquerda, é claro. Só porque já havia um homem morto na sala não significava que ela não tinha planos de transformar em dois cadáveres. “Mas eu tenho que ir devagar. Não é como se eu pudesse encurralá-la em um canto e fazer cócegas em seu vestido.”

“Acho que não,” disse Shiaine em uma voz abafada. “Ela não é o tipo de mulher com quem você está acostumado.” Ela estava rindo? Estava se *divertindo* com ele? Foi tudo o que ele pôde fazer para não jogar a taça de vinho no chão e estrangular a garota com cara de raposa.

De repente, ela se virou, e ele piscou quando ela casualmente colocou a adaga de volta na bainha. Ele nunca a tinha visto desembainhar a maldita coisa! Tomou um gole de vinho sem pensar e quase engasgou quando percebeu o que tinha feito.

“Você gostaria de ver Caemlyn saqueada?” ela perguntou.

“Seria bom o suficiente, se eu tiver uma boa companhia às minhas costas e um caminho livre para os portões.” O vinho tinha que ser seguro. Duas xícaras significavam que ela também havia bebido, e se ele tivesse pegado a do morto, não haveria veneno suficiente para adoecer um rato. “É isso que você quer? Eu sigo ordens tão bem

quanto o próximo homem.” Ele seguia quando parecia provável que sobrevivesse a elas, ou quando elas vinham dos Escolhidos. Dava na mesma morrer por um tolo ou desobedecer a um Escolhido. “Mas às vezes ajuda saber mais do que ‘vá lá e faça isso’. Se você me disser o que está procurando aqui em Caemlyn, talvez eu possa ajudá-la a alcançar isso mais rápido.”

"É claro." Ela sorriu um sorriso cheio de dentes enquanto seus olhos permaneciam planos como pedras marrons. "Mas primeiro, me diga por que há sangue fresco em sua luva?"

Ele sorriu de volta. "Um pedestre que teve azar, minha senhora." Talvez ela tivesse enviado o homem e talvez não, mas ele acrescentou a garganta dela à lista daquelas que pretendia cortar. E ele podia adicionar Marillin Gemalphin também. Afinal, um único sobrevivente era o único que poderia contar a história do que havia acontecido.



## CAPÍTULO

### 16

---



### *O Tema das Negociações*

O sol da manhã estava no horizonte, deixando o lado mais próximo de Tar Valon ainda envolto em sombras, mas a neve que cobria tudo brilhava intensamente. A própria cidade parecia brilhar por trás de suas longas muralhas brancas, todas bravamente imponentes e com estandartes, mas para Egwene, sentada com seu cavalo castrado na margem do rio acima da cidade, parecia ainda mais distante do que realmente estava. O Erinin alargava-se em mais de duas milhas ali, e o Alindrelle Erinin e Osendrelle Erinin, fluindo para ambos os lados da ilha, eram quase metade disso, de modo que Tar Valon parecia estar no meio de um grande lago, inalcançável apesar da enorme pontes que ficavam bem acima das águas para que os navios pudessem navegar facilmente sob elas. A própria Torre Branca, um poço espesso e branco como osso que se elevava a uma altura impossível do coração da cidade, enchia seu próprio coração com um anseio de ir para casa. Não para Dois Rios, mas para a Torre. Aquela era sua casa agora. Uma nuvem de fumaça chamou sua atenção, uma tênue linha preta subindo da margem distante além da cidade, e ela fez uma careta. Daishar bateu um casco na neve, mas um tapinha no pescoço foi suficiente para acalmar o ruão. Seria preciso mais para acalmar sua amazona. A saudade de casa era a menor parte daquilo. Minúscula, comparada ao resto.

Com um suspiro, ela descansou as rédeas no pomo alto de sua sela e ergueu a longa luneta encadernada em latão. Sua capa caiu para trás, escorregando de um ombro, mas ela ignorou o frio que enevoou sua respiração e colocou a mão enluvada para proteger a lente frontal contra o brilho do sol. As muralhas da cidade saltaram mais perto de sua vista. Ela se concentrou nos braços altos e curvos do Porto Norte que avançavam nas correntes rio acima. As pessoas se moviam propositalmente sobre as ameias que cercavam o porto, mas ela mal conseguia distinguir homens de mulheres àquela distância. Ainda assim, ela estava feliz por não estar usando sua estola de sete listras e que seu rosto estivesse dentro do capuz, apenas no caso de alguém lá ter uma luneta mais forte do que ela. A larga boca do porto artificial estava bloqueada por uma enorme corrente de ferro esticada alguns metros acima da água. Pequenos pontos na água, pássaros mergulhando pescando em frente ao porto, davam escala à corrente. Um único elo de um passo de comprimento exigiria dois homens para levantá-lo. Um barco a remo poderia passar por baixo dessa barreira, mas nenhuma embarcação de qualquer tamanho entraria a menos que a Torre Branca permitisse. Claro, a corrente era apenas para manter os inimigos afastados.

“Lá estão eles, Mãe,” Lord Gareth murmurou, e ela abaixou a luneta. Seu general era um homem atarracado com um peitoral simples usado sobre um casaco marrom simples, sem nenhum toque de dourado ou bordado em qualquer lugar. Seu rosto estava duro e desgastado atrás das barras do capacete, e os anos lhe deram uma estranha espécie de calma reconfortante. Tudo o que se precisava fazer é olhar para Gareth Bryne para saber que se o Poço da Perdição se abrisse na frente dele, ele sufocaria seu medo e faria o que precisava ser feito. E outros homens o seguiriam. Ele provou em campo de batalha após campo de batalha que segui-lo era o caminho para a vitória. Um bom homem para segui-la. Os olhos dela seguiram a mão enluvada dele, apontando rio acima.

Chegando à vista em torno de um ponto de terra, cinco, seis — não, sete — navios fluviais estavam cortando sulcos no Erinin. Grandes embarcações, como essas coisas, eram vistas no rio, uma

com três mastros, suas velas triangulares se destacavam e suas longas curvas cortavam com força a água azul-esverdeada para adicionar um pouco mais de velocidade. Tudo sobre o ofício falava de um desejo ardente de velocidade, um desejo de alcançar Tar Valon *agora*! O rio era fundo o suficiente aqui para que os navios pudessem correr a uma distância gritante das margens em alguns lugares, mas estes navegavam quase em fila indiana tão perto do meio do Erinin quanto os timoneiros podiam controlar e segurar o vento. Marinheiros agarrados aos mastros vigiavam a costa, e não os bancos de lama.

Na verdade, eles não tinham nada a temer, desde que se mantivessem longe do tiro de arco. É verdade que, de onde estava seu cavalo, ela poderia ter incendiado cada um daqueles navios, ou simplesmente abrir buracos em seus cascos e deixá-los afundar. O que aconteceria em poucos momentos. No entanto, fazer isso certamente significava que alguns dos que estavam a bordo se afogariam. As correntes eram fortes, a água parecia gelo, e o nado até a praia era longo para aqueles que realmente sabiam nadar. Mesmo uma morte faria com que houvesse usando o Poder como arma. Estava tentando viver como se já estivesse presa pelos Três Juramentos, e os Juramentos protegiam aquelas embarcações dela ou de qualquer outra irmã. Uma irmã que tivesse jurado no Bastão dos Juramentos não conseguiria se *fazer* tecer aquelas tramas, talvez nem mesmo formá-las, a não ser que se convencesse de que estava em perigo imediato por causa dos navios. Mas nem os capitães nem as tripulações acreditavam nisso, aparentemente.

À medida que os navios fluviais se aproximavam, gritos reduzidos a ruídos pela distância flutuavam pela água. Os vigias nos mastros apontavam para ela e Gareth, e logo ficou claro que a tomaram por uma Aes Sedai com seu Guardiã. Ou pelo menos, os capitães não estavam dispostos a arriscar que ela não era. Depois de um momento, a batida dos remos aumentou. Apenas por uma fração, mas os remadores trabalharam para encontrar essa fração. Uma mulher no tombadilho do navio principal, provavelmente a capitã, acenou com os braços como se exigindo ainda mais esforço, e um punhado de homens começou a correr para cima e para baixo no

convés, apertando esta linha ou afrouxando aquela para mudar o ângulo das velas, embora Egwene não pudesse ver se eles conseguiram alguma coisa. Havia homens naqueles conveses além de marinheiros, e a maioria deles se amontoava nas amuradas, um punhado levantando suas próprias lunetas. Alguns pareciam estar medindo a distância que faltava cobrir antes de chegarem à segurança do porto.

Ela pensou em tecer um sinalizador, uma explosão estelar de luz, talvez com um estrondo alto, logo acima de cada um dos navios. Isso certamente deixaria qualquer um a bordo com cérebro perceber que nem a velocidade nem a distância os mantinham seguros aqui, apenas uma indulgência nascida dos Três Juramentos. Eles *deveriam* saber que estavam seguros *por causa* das Aes Sedai. Exalando pesadamente, ela balançou a cabeça e se repreendeu mentalmente. Essa trama simples também atrairia a atenção da cidade, certamente mais do que a aparência de uma irmã sozinha. As irmãs muitas vezes vinham à margem do rio para olhar Tar Valon e a Torre. Mesmo que a única reação às suas olhadas fosse algum tipo de exibição, uma vez iniciada, esse tipo de competição poderia ser muito difícil de parar. Uma vez iniciadas, as coisas podem ficar fora de controle. Havia muitas oportunidades para isso, do jeito que as coisas estavam, ainda mais nos últimos cinco dias.

“O capitão do porto não deixou passar de oito ou nove navios ao mesmo tempo desde que chegamos”, disse Gareth quando o primeiro navio se aproximou deles, “mas os capitães pareciam ter calculado o momento. Outra ninhada aparecerá em breve, e chegará à cidade na hora em que os Guardas da Torre têm certeza de que esses caras realmente vieram se alistar. Jimar Chubain sabe o suficiente para se proteger contra mim, levando homens escondidos a bordo de navios. Ele tem mais Guardas amontoados nos portos do que em qualquer outro lugar, exceto nas torres da ponte, e não muitos em qualquer outro lugar, pelo que eu saiba. Isso vai mudar, no entanto. O fluxo de navios começa na luz e continua até perto do anoitecer, aqui e no Porto Sul também. Este grupo não parece estar carregando tantos soldados quanto a maioria. Todo plano é brilhante até o dia chegar,



Mãe, mas então você deve se adaptar às circunstâncias ou será derrotada.”

Egwene fez um som irritado. Devia haver duzentos ou mais passageiros ao todo nesses sete navios. Alguns podiam ser mercadores ou comerciantes ou algum outro tipo de viajante inocente, mas o sol baixo brilhava em elmos e couraças e discos de aço costurados em coletes de couro. Quantos carregamentos chegavam por dia? Qualquer que fosse o número, um fluxo constante estava inundando a cidade para se alistar sob o alto capitão Chubain. “Por que os homens sempre correm tanto para matar ou serem mortos?” ela murmurou irritada.

Lorde Gareth olhou para ela calmamente. Ele estava sentado em seu cavalo, um grande baio castrado com uma listra branca no nariz, como uma estátua. Às vezes, ela achava que entendia uma pequena parte de como Siuan se sentia em relação ao homem. Às vezes ela achava que valeria a pena qualquer esforço necessário para assustá-lo, apenas para vê-lo assustado.

Infelizmente, ela sabia a resposta para sua própria pergunta tão bem quanto ele. Pelo menos no que se aplicava aos homens que se tornariam soldados. Ah, havia muitos homens que corriam para apoiar uma causa ou defender o que achavam certo, e alguns que buscavam aventura, o que quer que acreditassem, mas o simples fato era que, por carregar um pique ou uma lança, um homem poderia ganhar duas vezes por dia o que ganharia andando atrás do arado de outro homem, e mais metade se pudesse cavalgar bem o suficiente para se juntar à cavalaria. Besteiros e arqueiros ficaram no meio. O homem que trabalhava para outro poderia sonhar em ter sua própria fazenda ou loja um dia, ou começar uma que seus filhos pudessem construir, mas certamente já ouvira milhares de histórias de homens soldados por cinco ou dez anos e voltando para casa com ouro suficiente para se estabelecer com conforto, histórias de homens comuns que se tornaram generais ou senhores. Para um homem pobre, Gareth disse sem rodeios, olhar para a ponta de uma lança poderia ser uma visão melhor do que a traseira do cavalo de arado de outra pessoa. Mesmo que fosse muito mais provável que ele morresse no pique do que

ganhasse fama ou fortuna. Uma maneira amarga de encarar isso, mas ela imaginava que era assim que a maioria daqueles homens nos navios viam as coisas também. Mas então, foi assim que ela conseguiu seu próprio exército. Para cada homem que queria ver a usurpadora ser retirada do Trono de Amyrlin, para cada homem que sabia com certeza quem era Elaida, dez, se não cem, haviam se juntado pelo pagamento. Alguns dos homens do navio estavam levantando as mãos, para mostrar aos guardas nas paredes do porto que não estavam segurando armas.

“Não,” ela disse, e Lord Gareth suspirou. Sua voz permaneceu calma, mas suas palavras dificilmente eram reconfortantes quando ele falou.

“Mãe, enquanto os portos permanecerem abertos, Tar Valon comerá melhor do que nós, e em vez de ficar mais fraco com a fome, a Guarda da Torre ficará maior e mais forte. Duvido muito que Elaida deixe Chubain sair correndo para nos atacar, por mais que eu desejasse que ele fizesse isso. Cada dia que você espera só aumenta a conta do açougueiro que teremos que pagar mais cedo ou mais tarde. Eu disse desde o início que chegaria a um assalto, no final, e isso não mudou, mas todo o resto mudou. Mande as irmãs colocarem eu e meus homens dentro das muralhas agora, e eu posso pegar Tar Valon. Não será limpo. Nunca é. Mas eu posso tomar a cidade para você. E menos morrerão do que se você demorar.”

Um nó se formou em sua barriga, torcido até que ela mal podia respirar. Cuidadosamente, passo a passo, ela realizou exercícios para principiantes para afrouxar. A margem continha o rio, guiando-o sem controlá-lo. A calma se instalou nela, nela.

Muitas pessoas começaram a ver os usos dos portais e, de certa forma, Gareth representava o pior. Seu negócio era a guerra, e ele era muito bom nisso. Assim que ele soube que um portal poderia levar mais do que um pequeno grupo de pessoas ao mesmo tempo, ele percebeu as implicações. Mesmo as grandes muralhas de Tar Valon, além do alcance de qualquer catapulta de cerco que não fosse uma barça, e trabalhar com o Poder até que a maior catapulta não pudesse acertá-los de nenhuma maneira, que poderiam muito bem

ser feitas de papel contra um exército que pudesse Viajar. Mas, quer Gareth Bryne tivesse descoberto ou não, outros homens se agarrariam a essa ideia. Os Asha'man já tinham, pelo que parecia. A guerra sempre foi feia, mas ia ficar ainda mais feia.

"Não", ela repetiu. "Eu sei que as pessoas vão morrer antes que isso acabe." Que a Luz a ajudasse, ela podia vê-los morrendo só de fechar os olhos. Ainda mais morreria se ela tomasse as decisões erradas, e não apenas aqui. "Mas eu tenho que manter a Torre Branca viva — contra Tarmon Gai'don — para ficar entre o mundo e os Asha'man — e a Torre morrerá se isso acontecer com irmãs se matando nas ruas de Tar Valon." Isso já havia acontecido uma vez. Não poderia ser permitido uma segunda vez. "Se a Torre Branca morrer, morre a esperança. Eu não deveria ter que te dizer isso de novo."

Daishar bufou e balançou a cabeça, saltando como se tivesse sentido sua irritação, mas ela o controlou com firmeza e enfiou a luneta na maleta de couro pendurada em sua sela. Os pássaros mergulhadores desistiram de pescar e saltaram no ar quando a corrente grossa que bloqueava Porto Norte começou a cair. Ela mergulharia abaixo da superfície bem antes que o primeiro navio chegasse à boca do porto. Há quanto tempo ela chegara a Tar Valon pela mesma rota? Quase além da memória, parecia. Uma Era se foi. Foi outra mulher que desembarcou e foi recebida pela Mestra das Noviças.

Gareth balançou a cabeça com uma careta rápida. Mas então, ele nunca desistia, não é? "Você tem que manter a Torre Branca viva, Mãe, mas meu trabalho é dá-la a você. A menos que as coisas tenham mudado que eu não saiba. Posso ver irmãs sussurrando e olhando por cima dos ombros, mesmo que eu não saiba o que isso significa. Se você ainda quer a Torre, chegará a um ataque, melhor cedo do que tarde."

De repente, a manhã parecia mais escura, como se as nuvens tivessem obscurecido o sol. O que quer que ela fizesse, os mortos iam se amontoar como lenha, mas ela tinha que manter a Torre

Branca viva. Ela tinha. Quando não havia boas escolhas, você tinha que escolher a que parecia menos errada.

"Já vi o suficiente aqui", disse ela calmamente. Com um último olhar para aquela estreita linha de fumaça além da cidade, ela virou Daishar na direção das árvores a cem passos do rio, onde sua escolta esperava entre as folhas de couro perenes e as faias e bétulas desfolhadas pelo inverno.

Duzentas cavalarias leves, com couraças de couro fervido ou casacos cobertos com discos de metal, certamente chamariam a atenção ao aparecer na margem do rio, mas Gareth a convencera da necessidade desses homens com suas lanças esguias e arcos curtos. Sem dúvida, aquela nuvem de fumaça na margem oposta subia de carroças ou suprimentos em chamas. Alfinetadas, mas essas alfinetadas vinham todas as noites, às vezes uma, às vezes duas ou três, até que todos procurassem fumaça logo ao subir. Caçar os invasores provou ser impossível, até agora. Repentinhas rajadas de neve se espalhavam ao redor dos perseguidores, ou fortes ventos noturnos gelados, ou os rastros simplesmente desapareciam abruptamente, a neve além da última pegada tão suave quanto neve recém caída. Os restos de tramas deixavam bem claro que estavam sendo ajudados por Aes Sedai, e não fazia sentido arriscar que Elaida tivesse homens e talvez irmãos deste lado do rio também. Poucas coisas poderiam agradar mais a Elaida do que colocar as mãos em Egwene al'Vere.

Eles não eram toda a sua escolta, é claro. Além de Sheriam, sua Guardiã, ela tinha saído com mais seis Aes Sedai esta manhã, e aquelas que tinham Guardiões os trouxeram, então atrás das irmãs oito homens esperavam em mantos que mudavam de cor que ondulavam de maneira enjoativa quando uma brisa os pegava e partes de cavaleiros e cavalos parecem desaparecer nos troncos das árvores. Conscientes dos perigos — de invasores, pelo menos — cientes de que suas Aes Sedai estavam apertadas a ponto de quebrar, eles observavam o bosque ao redor como se os cavaleiros não estivessem lá. A segurança de suas próprias Aes Sedai era sua principal preocupação, e eles não confiavam em mais ninguém. Sarin,

um homem de barba preta, não tão baixo, mas muito largo, ficou tão perto de Nisao que parecia pairar sobre a diminuta Amarela, e Jori conseguia pairar sobre Morvrin também, embora ele fosse na verdade mais baixo do que ela. Tão largo quanto Sarin, mas muito baixo, mesmo para um cairhieno. Os três Guardiões de Myrelle, os três que ela ousou reconhecer, agrupavam-se ao redor dela até que ela não conseguia mover seu cavalo sem empurrar um deles para fora de seu caminho. O Setagana de Anaiya, magro e moreno e tão bonito quanto simples, quase conseguiu cercá-la sozinho, e Tervail, com seu nariz ousado e rosto cheio de cicatrizes, fazia o mesmo com Beonin. Carlinya não tinha Guardião, o que não era incomum para uma Branca, mas estudava os homens do fundo de seu capuz forrado de pele como se pensasse em encontrar um.

Não muito tempo atrás, Egwene teria hesitado em ser vista com aquelas seis mulheres. Elas e Sheriam juraram fidelidade a ela, por várias razões, e nem elas nem ela queriam que o fato fosse conhecido ou mesmo suspeito. Elas tinham sido sua maneira de influenciar os eventos, na medida em que podia, quando todas a consideravam nada mais do que uma figura de proa, uma garota Amyrlin, que o Salão da Torre pudesse usar como quisesse sem ninguém ouvir. O Salão havia perdido essa ilusão quando ela as trouxe para declarar guerra a Elaida, finalmente admitindo o que estavam fazendo desde o dia em que fugiram da Torre em primeiro lugar, mas isso só fez o Salão e as Ajahs se preocuparem com o que ela faria em seguida e tentaria descobrir como ter certeza de que o que quer que fosse recebesse com a aprovação delas. As Votantes ficaram muito surpresas quando ela aceitou a sugestão de um conselho, uma irmã de cada Ajah, para aconselhá-la com sua sabedoria e experiência. Ou talvez pensassem que seu sucesso com a declaração de guerra havia subido à cabeça. Claro, ela tinha acabado de dizer a Morvrin e Anaiya e as outras para se certificarem de que elas fossem as irmãs escolhidas, e elas mantinham prestígio suficiente dentro de suas Ajahs para administrar isso, apenas. Ela vinha ouvindo seus conselhos, embora nem sempre os seguisse, por

semanas àquela altura, mas agora não havia mais necessidade de marcar encontros furtivos ou passar mensagens em segredo.

Parecia, no entanto, que havia uma adição ao grupo enquanto Egwene olhava para a Torre.

Sheriam, vestindo a estreita estola azul de seu ofício fora de sua capa, conseguiu uma reverência muito formal de sua sela. A mulher ruiva podia ser incrivelmente formal às vezes. “Mãe, a Votante Delana deseja falar com você,” ela disse como se Egwene não pudesse ver a robusta irmã Cinza sentada ali em uma égua malhada quase tão escura quanto a montaria de patas negras de Sheriam. “Sobre um assunto de alguma importância, é o que ela diz.” E o leve toque de aspereza significava que Delana não havia dito a ela o que era. Sheriam não teria gostado disso. Ela poderia ser muito ciumenta de sua posição.

"Em particular, por favor, Mãe", disse Delana, empurrando para trás o capuz escuro para revelar o cabelo quase da cor de prata. Sua voz era profunda para uma mulher, mas dificilmente carregava a urgência de alguém com assuntos importantes para falar.

A presença dela foi uma surpresa. Delana frequentemente apoiava Egwene no Salão da Torre, quando as Votantes discutiam se uma decisão em particular realmente dizia respeito à guerra contra Elaida. Isso significava que o Salão era obrigado a apoiar os comandos de Egwene como se elas estivessem com o maior consenso, e até mesmo as Votantes que haviam defendido a guerra não gostaram nem da metade desse pequeno fato, que gerou intermináveis lamúrias. Elas queriam derrubar Elaida, mas deixadas por conta própria, o Salão não faria nada além de discutir. Verdade seja dita, porém, o apoio de Delana nem sempre foi bem-vindo. Um dia ela poderia ser a própria imagem de uma negociadora Cinza buscando o consenso, e no dia seguinte tão estridente em seus argumentos que todas as votantes ao seu redor a levantavam. Ela era conhecida por colocar o gato entre os pombos de outras maneiras também. Não menos de três vezes, ela havia exigido do Salão uma declaração formal de que Elaida era Ajah Negra, o que inevitavelmente levou a um silêncio constrangedor até que alguém pediu o adiamento da

sessão. Poucas estavam dispostas a discutir abertamente a Ajah Negra. Delana discutia qualquer coisa, desde como encontrar roupas adequadas para noventa e oito e sete noviças até se Elaida tinha apoiadoras secretas entre as irmãs, outro assunto que dava à maioria das irmãs um caso de formigamento. O que deixou a questão de por que ela tinha saído tão cedo e sozinha. Ela nunca havia abordado Egwene antes sem outra Votante ou três como companhia. Os olhos azuis pálidos de Delana não revelavam mais do que seu rosto suave de Aes Sedai.

“Enquanto cavalgamos,” Egwene disse a ela. “Vamos querer um pouco de privacidade”, acrescentou quando Sheriam abriu a boca. “Fique para trás com as outras, por favor.” Os olhos verdes do Guardiã se apertaram no que quase poderia ser raiva. Uma Guardiã eficiente e ansiosa por isso, ela depositava suas esperanças em Egwene e fazia pouco segredo de que não gostava de ser excluída de qualquer reunião que Egwene tivesse. Chateada ou não, ela inclinou a cabeça em aceitação com apenas uma pequena hesitação. Sheriam nem sempre soubera qual delas comandava, mas agora sabia.

A terra tendia para cima a partir do rio Erinin, não em colinas, mas simplesmente subindo em direção ao pico monstruoso que assomava a oeste, tão maciço que parecia zombar do nome monte. O Monte do Dragão teria se elevado acima de tudo, mesmo na Espinha do Mundo; na região relativamente plana ao redor de Tar Valon, sua crista branca parecia alcançar os céus, especialmente quando um fino fio de fumaça escorria do topo irregular como agora. Um fio fino a essa altura seria algo completamente diferente, se estivesse perto. As árvores cederam a menos da metade do Monte do Dragão, e ninguém jamais conseguira alcançar o cume ou mesmo aproximar-se, embora se dissesse que as encostas estavam repletas de ossos daqueles que tentaram. Por que alguém tentaria em primeiro lugar, ninguém conseguia explicar. Às vezes, a longa sombra noturna da montanha se estendia até a cidade. As pessoas que viviam na região estavam acostumadas com o Monte do Dragão dominando o céu, assim como estavam acostumados com a Torre Branca pairando acima das muralhas da cidade e visível por quilômetros. Ambos eram acessórios

imutáveis que sempre estiveram lá e sempre estariam, mas colheitas e artesanato ocupavam a vida das pessoas, não montanhas ou Aes Sedai.

Em pequenas aldeias de dez ou uma dúzia de casas de pedra com telhados de palha ou ardósia, e a ocasional aldeia de cem, crianças brincando na neve ou carregando baldes de água dos poços paravam para olhar boquiabertas os soldados que cavalgavam pelas trilhas de terra que passavam para estradas quando não cobertas de neve. Não carregavam estandartes, mas alguns dos soldados usavam a Chama de Tar Valon trabalhada em seus mantos ou mangas de casacos, e os estranhos mantos dos Guardiões indicavam que pelo menos algumas das mulheres eram Aes Sedai. Mesmo perto da cidade, irmãs eram uma visão incomum até recentemente, e ainda eram algo para fazer os olhos de uma criança brilharem. Mas então, os próprios soldados provavelmente chegavam perto na lista de maravilhas. As fazendas que alimentavam Tar Valon cobriam a maior parte da terra, campos com muros de pedra cercando casas espalhadas e celeiros altos de pedra ou tijolo, com bosques e talhadias e moitas de árvores entre eles, e grupos de crianças do campo muitas vezes corriam uma pequena distância paralela na linha de viagem, saltando pela neve como lebres. As tarefas de inverno mantinham a maioria dos mais velhos dentro de casa, mas os que se aventuravam a sair, bem agasalhados contra o frio, mal olhavam para soldados ou Guardiões ou Aes Sedai. A primavera chegaria em breve, e a lavoura e o plantio, e o que as Aes Sedai fizessem não afetaria isso. A Luz quisesse que não.

De nada adiantavam os guardas, a menos que cavalgassem como se esperassem um ataque, e Lord Gareth havia organizado um forte grupo de cavaleiros e linhas de flancos, com trilheiros cavalgando na retaguarda enquanto ele conduzia a massa dos soldados logo atrás dos Guardiões que seguiam de perto os passos de Sheriam e do “conselho”. Todos formaram um grande círculo torto ao redor de Egwene, e ela quase podia imaginar que estava cavalgando pelo campo sozinha com Delana se não olhasse muito de perto. Ou se ela olhasse além. Em vez de pressionar a Votante Cinza a falar — era



uma longa viagem de volta ao acampamento, e ninguém tinha permissão para tecer um portal onde a trama pudesse ser observada; havia muito tempo para ouvir o que Delana tinha a dizer — Egwene comparou as fazendas que passaram com as de Dois Rios.

Talvez a constatação de que Dois Rios não era mais sua casa a tenha feito estudá-las. Reconhecer a verdade nunca poderia ser uma traição, mas ela precisava se lembrar de Dois Rios. Você poderia esquecer quem você era se esquecesse de onde veio, e às vezes a filha do estalajadeiro de Campo de Emond parecia uma estranha para ela. Qualquer uma dessas fazendas teria parecido decididamente estranha, se localizada perto de Campo de Emond, embora ela não pudesse dizer o porquê exatamente. Uma forma diferente para as casas, uma inclinação diferente para os telhados. E mais frequentemente ardósia cobria uma casa do que palha aqui, quando se podia ver tanto através da neve que muitas vezes se amontoava nos telhados. Claro, havia menos palha e mais pedra e tijolo do que antes em Dois Rios agora. Ela tinha visto em Tel'aran'rhiod. A mudança vem tão lentamente que você nunca percebe que ela se aproxima de você, ou rápido demais para o conforto, mas vem. Nada permanece o mesmo, mesmo quando você pensa que sim. Ou espera que sim.

“Algumas pensam que você vai vincular ele como seu Guardião”, disse Delana de repente em voz baixa. Ela poderia estar envolvida em uma conversa casual. Toda a sua atenção parecia estar em arrumar o capuz de sua capa com as mãos enluvadas em verde. Ela cavalgava bem, misturando-se com o movimento de sua égua tão facilmente que parecia não perceber o animal. “Algumas pensam que talvez você já tenha feito isso. Eu não tenho um há algum tempo, mas só de saber que seu Guardião está lá pode ser um conforto. Se você escolher o certo.”

Egwene ergueu uma sobrancelha — ela estava orgulhosa por não ter ficado boquiaberta para a mulher; este era o último tópico que ela esperava — e Delana acrescentou: “Lorde Gareth. Ele passa muito tempo com você. Ele é bem mais velho do que o normal, mas as Verdes costumam escolher um homem mais experiente para o

primeiro. Eu sei que você nunca teve uma Ajah, mas muitas vezes eu penso em você como uma Verde. Eu me pergunto, Siuan ficará aliviada se você o amarrar, ou chateada? Às vezes penso em uma coisa, às vezes na outra. O relacionamento deles, se pode ser chamado assim, é muito peculiar, mas ela parece completamente desembaraçada.”

“Você deve perguntar a Siuan sobre isso.” O sorriso de Egwene tinha alguma provocação. Assim como seu tom, por falar nisso. Ela mesma não entendia inteiramente por que Gareth Bryne lhe oferecera sua lealdade, mas o Salão da Torre tinha melhores usos para seu tempo do que fofocar como as mulheres da aldeia. “Você pode dizer a quem você escolher que eu não tenho vínculo com ninguém, Delana. Lord Gareth passa tempo comigo, como você diz, porque eu sou a Amyrlin e ele é meu general. Você pode lembrá-las disso também.” Então Delana pensava nela como uma Verde. Essa era a Ajah que ela teria escolhido, embora na verdade ela quisesse apenas um Guardião. Mas Gawyn estava dentro de Tar Valon ou a caminho de Caemlyn e, de qualquer forma, ela não colocaria as mãos nele em breve. Ela deu um tapinha no pescoço de Daishar desnecessariamente e tentou evitar que seu sorriso se tornasse uma encarada. Foi bom esquecer o Salão, entre outras coisas, por um tempo. O Salão a fez entender por que Siuan tantas vezes parecia um urso com um dente dolorido quando era Amyrlin.

"Eu não diria que se tornou um assunto para ampla discussão", murmurou Delana. "Até agora. Ainda assim, há algum interesse em saber se você vai vincular um Guardião, e quem. Duvido que Gareth Bryne seja considerado uma escolha sábia." Ela se virou na sela para olhar atrás delas. Para Lord Gareth, Egwene pensou, mas quando a Votante se virou, ela disse, muito suavemente: "Sheriam nunca foi sua escolha para Guardiã, é claro, mas você deve saber que as Ajahs colocaram o resto daquele grupo para vigiar você também." Sua égua cinza malhada era mais baixa que Daishar, então ela teve que olhar para cima para Egwene, o que ela tentou fazer sem demonstrar. Aqueles olhos azuis lacrimejantes de repente ficaram bem afiados. "Houve alguns pensamentos de que Siuan poderia estar

aconselhando você... muito bem... depois da forma como você fez a declaração de guerra contra Elaida. Mas ela ainda está ressentida por suas circunstâncias alteradas, não é? Sheriam é vista como a culpada mais provável agora. De qualquer forma, as Ajahs querem um pequeno aviso se você decidir fazer outra surpresa.”

“Agradeço o aviso”, disse Egwene educadamente. Culpada? Ela havia provado ao Salão que não seria a marionete delas, mas a maioria insistia em pensar que ela tinha que ser de alguém. Pelo menos ninguém suspeitava da verdade sobre seu conselho. Era de esperar que ninguém suspeitasse.

“Há outra razão pela qual você deve ser cautelosa,” Delana continuou, a intensidade em seus olhos desmentindo a casualidade de sua voz. Isso era mais importante para ela do que ela queria que Egwene soubesse. “Você pode ter certeza de que qualquer conselho que uma delas lhe dá vem direto da cabeça de sua Ajah e, como você sabe, a cabeça de uma Ajah e suas Votantes nem sempre concordam. Ouvir muito de perto pode colocá-la em desacordo com o Salão. Nem todas as decisões dizem respeito à guerra, lembre-se, mas você certamente desejará que algumas delas sigam seu caminho.”

“Uma Amyrlin deve ouvir todos os lados antes de tomar qualquer decisão”, respondeu Egwene, “mas vou me lembrar do seu aviso quando elas me aconselharem, filha.” Delana achava que ela era uma tola? Ou talvez a mulher estivesse tentando deixá-la com raiva. Raiva feita por decisões precipitadas e palavras precipitadas que às vezes eram difíceis de retirar. Ela não conseguia imaginar o que Delana pretendia, mas quando as Votantes não conseguiam manipulá-la de um jeito, elas tentavam de outro. Ela havia adquirido muita prática em evitar a manipulação desde que foi elevada a Amyrlin. Respirando fundo e regularmente, ela procurou o equilíbrio da calma e o encontrou. Tinha muita prática nisso também, ultimamente.

A Cinza olhou para ela além da borda de seu capuz, seu rosto totalmente suave. Mas seus olhos azuis pálidos eram muito afiados, agora, como brocas. “Você pode perguntar o que elas pensam sobre as negociações com Elaida, mãe.”

Egwene quase sorriu. A pausa tinha sido muito deliberada. Aparentemente Delana não gostava de ser chamada de Filha por uma mulher mais jovem que a maioria das noviças. Mais jovem do que a maioria das que vieram da Torre, muito menos a mais nova. Mas então, a própria Delana era jovem demais para ser uma Votante. E ela não conseguia se controlar tão bem quanto a filha do estalajadeiro. “E por que eu perguntaria isso?”

“Porque o assunto surgiu no Salão nos últimos dias. Não como uma proposta, mas foi mencionado, muito discretamente, por Varilin, e por Takima, e também por Magla. E Faiselle e Saroiya parecem interessadas no que elas têm a dizer.”

Com calma ou não, um verme de raiva de repente se contorceu dentro de Egwene, e esmagá-lo não foi tarefa fácil. Essas cinco tinham sido Votantes antes de a Torre ser quebrada, mas mais importante, elas estavam divididas entre as duas principais facções que lutavam pelo controle do Salão. Na realidade, elas estavam divididas entre seguir Romanda ou Lelaine, mas esse par se oporia se isso significasse que ambas se afogariam. Elas também mantinham um controle de ferro sobre suas seguidoras.

Ela poderia acreditar que as outras estavam em pânico com os acontecimentos, mas não Romanda ou Lelaine. Já fazia meia semana que as conversas sobre Elaida ou a retomada da Torre haviam sido dominadas por conversas preocupadas sobre aquela erupção impossivelmente poderosa e longa do Poder. Quase todo mundo queria saber o que havia causado isso, e quase todo mundo tinha medo de descobrir. Ainda no dia anterior, Egwene conseguiu convencer o Salão de que deveria ser seguro para um pequeno grupo Viajar para onde aquela erupção acontecera — até a memória era forte o suficiente para todas identificarem exatamente onde ela estivera — e a maioria das irmãs ainda parecia estar prendendo a respiração coletiva até que Akarrin e as outras voltassem. Cada Ajah queria uma representante, mas Akarrin foi a única Aes Sedai a avançar.

Nem Lelaine nem Romanda pareciam preocupadas, no entanto. Violenta e prolongada como a exibição tinha sido, também tinha sido

muito longe, e nenhum dano foi feito que elas pudessem ver; se fosse o trabalho dos Abandonados, como parecia certo, a chance de descobrir alguma coisa era muito pequena, e a possibilidade de que elas pudessem fazer qualquer coisa para combater aquilo era ainda menor. Desperdiçar tempo e esforço com impossibilidades não fazia sentido quando uma tarefa importante estava bem na frente delas. Assim disseram, rangendo os dentes por se encontrarem de acordo. Elas concordavam que Elaida deveria ser despojada da estola e do cajado, no entanto, Romanda com quase tanto fervor quanto Lelaine, e se Elaida derrubando uma ex-Azul como Amyrlin enfureceu Lelaine, a proclamação de Elaida de que a Ajah Azul foi dissolvida a deixou perto de raivosa. Se elas estavam permitindo falar de negociação... Não fazia sentido.

A última coisa que Egwene queria era que Delana ou qualquer outra pessoa suspeitasse que Sheriam e as outras eram mais do que um bando de cães pastores prontos para vigiá-la, mas ela as convocou com um chamado agudo. Elas eram espertas o suficiente para guardar os segredos que precisavam ser guardados, já que suas próprios Ajahs arrancariam suas peles se até a metade vazasse, e sem grande pressa, elas avançaram e cavalgaram em um grupo ao redor dela, seus rostos todos máscaras de Aes Sedai, de serenidade e paciência. Então Egwene disse a Delana para repetir o que havia dito. Apesar de todo o seu pedido inicial de privacidade, a Cinza fez apenas uma objeção superficial antes de concordar. E esse foi o fim da calma e da paciência.

"Isso é loucura", disse Sheriam antes que alguém pudesse abrir a boca. Ela parecia zangada, e talvez um pouco assustada. Bem, ela podia estar. O nome dela estava em uma lista daquelas marcados para ser estancada. "Nenhuma delas pode realmente acreditar que a negociação é possível."

"Eu mal poderia pensar nisso", disse Anaiya secamente. Seu rosto simples pertencia a uma dona de fazenda, e não a uma irmã Azul, e ela se vestia com muita simplicidade, pelo menos publicamente, com boa lã, mas lidava com seu cavalo castrado com tanta facilidade quanto Delana com sua égua. Muito pouco poderia perturbar a calma

de Anaiya. Claro, não havia Azuis entre as Votantes falando de negociação. Anaiya parecia um soldado improvável, mas para Azuis, isso era uma guerra à faca, sem tréguas pedidas ou concedidas. “Elaida deixou a situação bem clara.”

“Elaida é irracional,” Carlinya disse com um aceno de cabeça que fez seu capuz cair sobre seus ombros e sacudiu seus curtos cachos escuros. Ela puxou o capuz de volta no lugar irritada. Carlinya raramente mostrava qualquer sinal de emoção, mas suas bochechas pálidas estavam quase tão coradas quanto as de Sheriam, e o calor enchia sua voz. “Ela não pode acreditar que todas nós voltaremos rastejando de volta para ela agora. Como Saroiya pode acreditar que ela aceitará menos?”

“Rastejar é o que Elaida exigiu, no entanto,” Morvrin murmurou de modo acre. Seu rosto redondo geralmente plácido também tinha uma expressão azeda, e suas mãos gordas estavam apertadas nas rédeas. Ela fez uma carranca tão forte para um bando de gaios tagarelas, espalhando-se de um grupo de bétulas na passagem de cavalos, que parecia que eles deveriam cair do céu. “Takima gosta do som de sua própria voz, às vezes. Ela deve estar falando para ouvir a si mesma.”

“Faiselle também deve”, disse Myrelle sombriamente, olhando para Delana como se ela fosse a culpada. A mulher de pele morena era conhecida por seu temperamento, mesmo entre as Verdes. “Eu nunca esperei ouvir esse tipo de conversa dela. Ela nunca foi uma tola antes.”

“Eu não posso acreditar que Magla realmente acredita em tal coisa”, insistiu Nisao, olhando para cada uma delas. “Ela simplesmente não pode. Por um lado, por mais que eu odeie dizer isso, Romanda tem Magla tão apertada sob seu polegar que Magla guincha sempre que Romanda espirra, e a única dúvida que Romanda tem é se Elaida deveria ser espancada antes de ser exilada.”

A expressão de Delana era tão branda que ela devia estar reprimindo um sorriso presunçoso. Claramente, esta era exatamente a reação que ela esperava. “Romanda segura Saroiya e Varilin com a

mesma firmeza, e Takima e Faiselle dificilmente colocam um pé na frente do outro sem a permissão de Lelaine, mas ainda assim disseram o que disseram. Acho que suas conselheiros estão mais próximos dos sentimentos da maioria das irmãs, Mãe.” Alisando as luvas, ela deu a Egwene um olhar de soslaio. “Você pode ser capaz de cortar isso pela raiz, se você se mover com firmeza. Parece que terá o apoio que precisa das Ajahs. E o meu, claro, no Salão. Meu, e mais o suficiente para deter isso.” Como se Egwene precisasse de apoio para conseguir isso. Talvez ela estivesse tentando ganhar agrados para si mesma. Ou apenas queria fazer parecer que o apoio de Egwene era sua única preocupação.

Beonin estava cavalcando em silêncio, segurando a capa em volta do corpo e espiando um ponto entre as orelhas de sua égua marrom, mas de repente ela balançou a cabeça. Normalmente, seus grandes olhos azul-acinzentados a faziam parecer assustada, mas eles espiavam de seu capuz em uma explosão de raiva enquanto ela olhava de uma de suas companheiras para outra, incluindo Egwene. “Por que as negociações deveriam estar fora de questão?” Sheriam piscou para ela surpresa, e Morvrin abriu a boca com uma carranca, mas Beonin continuou, direcionando sua ira para Delana, agora, seu sotaque taraboneano mais forte do que o habitual. “Nós somos Cinzas, você e eu. Negociamos, mediamos. Elaida, ela afirmou as condições mais onerosas, mas que muitas vezes é o caso no início das negociações. Podemos reunir a Torre Branca e garantir a segurança de todos, se apenas conversarmos.”

“Nós também julgamos,” Delana retrucou, “e Elaida foi julgada.” Isso não era exatamente verdade, mas ela parecia mais assustada do que qualquer outra pessoa com a explosão de Beonin. Sua voz gotejava ácido. “Talvez você esteja disposta a negociar para ser punida. Eu não estou, e acho que você encontrará poucas outras que também estejam.”

“A situação mudou”, insistiu Beonin. Ela estendeu a mão para Egwene, quase suplicando. “Elaida não teria feito a proclamação que fez sobre o Dragão Renascido a menos que o tivesse em mãos, de uma forma ou de outra. Aquele clarão de *saidar* foi um aviso. Os

Abandonados devem estar se movendo, e a Torre Branca, deve estar...”

“Basta”, interrompeu Egwene. “Você está disposta a abrir negociações com Elaida? Com as Votantes ainda na Torre?” ela emendou. Elaida nunca conversaria.

“Sim”, disse Beonin fervorosamente. “As coisas podem ser organizadas para a satisfação de todas. Eu sei que podem.”

“Então você tem minha permissão.”

Imediatamente todas, exceto Beonin, começaram a falar freneticamente umas em cima das outras, tentando dissuadi-la, dizendo-lhe que isso era insanidade. Anaiya gritou tão alto quanto Sheriam, gesticulando enfaticamente, e os olhos de Delana se arregalaram no que parecia ser quase terror. Alguns dos batedores começaram a olhar para as irmãs tanto quanto observavam as fazendas por onde passavam, e houve um alvoroço entre os Guardiões, que certamente não precisavam de seus vínculos no momento para saber que suas Aes Sedai estavam agitadas, mas eles mantiveram seus lugares. Os sábios mantinham seus narizes fora do caminho quando as Aes Sedai começavam a levantar a voz.

Egwene ignorou os gritos e os acenos de braço. Ela havia considerado todas as possibilidades que podia pensar para acabar com essa luta com a Torre Branca inteira e unida. Ela havia conversado por horas com Siuan, que tinha mais motivos do que ninguém para querer derrubar Elaida. Se pudesse ter salvado a Torre, Egwene teria se rendido a Elaida, esquecendo se a mulher tinha vindo legalmente ou não ao Trono de Amyrlin. Siuan quase teve uma apoplexia com a sugestão, mas ela concordou, relutantemente, que preservar a Torre substituíria qualquer outra consideração. Beonin tinha um sorriso tão bonito que parecia um crime apagá-lo.

Egwene levantou a voz o suficiente para ser ouvida sobre as outras. “Você se aproximará de Varilin e dos outros nomes de Delana e combinará de se aproximar da Torre Branca. Estes são os termos que aceitarei: Elaida deve renunciar e ir para o exílio”. Porque Elaida nunca aceitaria de volta as irmãs que se rebelaram contra ela. Uma Amyrlin não tinha voz sobre como uma Ajah se governava, mas



Elaida havia declarado que as irmãs que fugiram da Torre não eram mais membros de nenhuma Ajah. Segundo ela, elas teriam que implorar a readmissão a suas Ajahs, depois de cumprir uma penitência sob seu controle direto. Elaida não reuniria a Torre, apenas a destruiria mais do que já estava. “Esses são os únicos termos que aceitarei, Beonin. Os únicos termos. Você me entende?”

Os olhos de Beonin reviraram em sua cabeça, e ela teria caído do cavalo se Morvrin não a tivesse pegado, resmungando baixinho enquanto ela segurava a Cinza na posição vertical e dava um tapa em seu rosto, não levemente. Todas as outras olharam para Egwene como se nunca a tivessem visto antes. Até Delana, que deve ter planejado algo assim desde a primeira palavra que disse. Elas haviam parado com o desmaio de Beonin, e o círculo de soldados ao redor delas se formou em uma ordem gritada de Lord Gareth. Alguns olhavam para as Aes Sedai, a ansiedade era evidente mesmo com os rostos escondidos atrás das barras dos capacetes.

“É hora de voltar ao acampamento”, disse Egwene. Calmamente. O que tinha que ser feito tinha que ser feito. Talvez a rendição tivesse curado a Torre, mas ela não podia acreditar nisso. E agora podia ser que Aes Sedai se enfrentassem nas ruas de Tar Valon, a menos que ela encontrasse uma maneira de fazer seu plano dar certo. “Temos trabalho a fazer”, disse ela, pegando as rédeas, “e não resta muito tempo.” Ela rezou para que houvesse tempo suficiente.



## CAPÍTULO 17



### Segredos

Uma vez que Delana teve certeza de que sua semente nociva havia se enraizado, ela murmurou que seria melhor se elas não fossem vistas chegando de volta ao acampamento juntas e se esgueirou, empurrando sua égua para um trote rápido pela neve e deixando o resto delas cavalgar em um silêncio inquieto, exceto pelo ranger dos cascos dos cavalos. Os Guardiões mantiveram distância atrás, e os soldados da escolta voltaram a atenção para as fazendas e moitas, sem sequer olhar para as Aes Sedai pelo que Egwene podia ver agora. Os homens nunca sabiam quando manter a boca fechada, no entanto. Dizer a um homem para ficar quieto só o fazia fofocar ainda mais, só para amigos íntimos em quem ele podia confiar, com certeza, como se eles, por sua vez, não contassem a todos que ouvissem. Os Guardiões podiam ser diferentes — as Aes Sedai sempre insistiam que eram, aquelas que tinham Guardiões —, mas sem dúvida os soldados falariam de irmãs discutindo, e sem dúvida diriam que Delana fora expulsa com uma pulga na orelha. A mulher havia planejado isso com muito cuidado. Pior do que erva-de-fogo ou videira estranguladora poderia crescer se essa semente pudesse brotar, mas a Votante Cinzenta se protegeu da culpa muito bem. A verdade quase sempre aparecia no final, mas no final, a verdade muitas vezes estava tão envolta em rumores, especulações e mentiras absolutas, que a maioria das pessoas nunca acreditava.

“Acho que não preciso perguntar se alguma de vocês já ouviu falar sobre isso antes.” Egwene disse isso de maneira bastante casual, aparentemente estudando o campo enquanto cavalgavam, mas ficou satisfeita quando todas negaram abertamente com considerável

indignação, incluindo Beonin, que estava mexendo o maxilar e olhando para Morvrin. Egwene confiava nelas até onde ousava — elas não poderiam ter feito seus juramentos sem querer cumprir cada palavra; não a menos que fossem da Ajah Negra, uma possibilidade insignificante que explicava a maior parte de sua cautela —, mas mesmo juramentos de fidelidade deixavam espaço para as pessoas mais leais fazerem a pior coisa possível na crença de que era do seu interesse. E as pessoas que foram coagidas a fazer seus juramentos podiam ser hábeis em identificar as lacunas e as margens de manobra.

“A verdadeira questão,” ela continuou, “é o que Delana estava procurando?” Ela não precisava explicar, não para essas mulheres, todas experientes no Jogo das Casas. Se tudo o que Delana queria era interromper as negociações com Elaida enquanto mantinha seu próprio nome fora disso, ela poderia simplesmente ter falado com Egwene sozinha a qualquer momento. Votantes não precisavam de desculpa para ir ao escritório da Amyrlin. Ou ela poderia ter usado Halima, que dormia em um catre na barraca de Egwene na maioria das noites, apesar de ser a secretária de Delana. Egwene sofria de dores de cabeça e, em algumas noites, apenas as massagens de Halima conseguiam diminuí-las para que ela pudesse dormir. Aliás, um bilhete anônimo podia ter sido suficiente para fazê-la apresentar ao Salão um decreto proibindo negociações. A mais melindrosa das negociadoras teria que admitir que as negociações para acabar com a guerra certamente tocavam na guerra. Mas claramente Delana queria que Sheriam e as outras soubessem também. Sua fofoca era uma flecha apontada para outro alvo.

“Disputa entre as cabeças de Ajah e as Votantes”, disse Carlinya, tão fria quanto a neve. “Talvez conflito entre as Ajahs.” Ajeitando casualmente sua capa, intrincadamente bordada em branco sobre branco, mas forrada com uma densa pele preta, ela poderia estar discutindo o preço de um carretel de linha. “Por que ela quer essas coisas, eu não posso começar a dizer, mas esses serão os resultados, a menos que sejamos muito cuidadosas, e ela não

poderia saber que seríamos cuidadosas, ou que temos alguma razão para ser, então logicamente um ou ambos devem ser seu objetivo.”

“A primeira resposta que vem à mente nem sempre é correta, Carlinya”, disse Morvrin. “Não há como dizer que Delana pensou em suas ações com tanto cuidado quanto você, ou que ela pensou na mesma linha.” A corpulenta Marrom acreditava mais no bom senso do que na lógica, ou assim ela dizia, mas na verdade ela parecia misturar os dois, uma combinação que a tornava muito teimosa e desconfiada de respostas rápidas ou fáceis. O que não era uma coisa ruim. “Delana pode estar tentando influenciar algumas Votantes sobre alguma questão que é importante para ela. Talvez ela espere que Elaida seja declarada Ajah Negra, afinal. Não importa os resultados, seu objetivo pode ser algo que nem suspeitamos. As Votantes podem ser tão mesquinhas quanto qualquer outra pessoa. Pelo que sabemos, ela pode ter rancor contra uma daquelas que ela nomeou, de quando era uma noviça e elas a ensinaram. É melhor se concentrar no que vai acontecer do que se preocupar com o porquê até sabermos mais.” Seu tom era tão plácido quanto seu rosto largo, mas a postura fria de Carlinya mudou para um desdém frio por um momento. Sua racionalidade fazia poucas concessões para as fraquezas humanas. Ou para quem discordasse dela.

Anaiya riu, um som de diversão quase maternal que fez seu baio dançar alguns passos, antes que ela o puxasse de volta para uma caminhada. Uma dona de fazenda maternal que se diverte com as travessuras dos outros na aldeia. Até algumas irmãs eram tolas o suficiente para dispensá-la facilmente. “Não fique de mau humor, Carlinya. Você está muito provavelmente certa. Não, Morvrin, ela provavelmente está. De qualquer forma, acredito que podemos esmagar qualquer esperança que ela tenha de discórdia.” Isso não soou nada divertido. Nenhuma Azul se divertia com qualquer coisa que pudesse dificultar a queda de Elaida.

Myrelle deu um aceno selvagem de acordo, então piscou surpresa quando Nisao disse: “Você pode parar com isso, mãe?” A pequena Amarela não falava com frequência. “Eu não quero dizer o que Delana está tentando fazer. Se pudermos decidir o que é isso”,

acrescentou ela rapidamente, fazendo um gesto para Morvrin, que havia aberto a boca novamente. Nisao parecia uma criança ao lado das outras mulheres, mas era um gesto peremptório. Ela era Amarela, afinal, com toda a autoconfiança que isso implicava, e não estava disposta a dar um passo atrás por ninguém na maioria das circunstâncias. “Quero dizer, a conversa de negociação com as Votantes na Torre.”

Por um momento, todas ficaram boquiabertas com ela, até mesmo Beonin.

“E por que iríamos permitir isso?” Anaiya disse finalmente, em uma voz perigosa. “Não viemos de tão longe para *falar* com Elaida.” Ela era uma dona de fazenda com um cutelo escondido atrás das costas e uma mente disposta a usá-lo agora.

Nisao olhou para ela e fungou com desdém. “Eu não disse que queríamos. Perguntei se ousaríamos parar isso.”

“Eu mal vejo a diferença.” A voz de Sheriam estava gelada e seu rosto pálido. Com raiva, pensou Egwene, mas podia ser medo.

“Então pense um pouco, e você poderá ver”, disse Nisao secamente. Seca como a lâmina de uma faca era seca e igualmente cortante. “No momento, a conversa sobre negociações está limitada a cinco Votantes, e muito tranquila, mas vai continuar assim? Uma vez que se espalhe a notícia de que as conversas foram propostas e rejeitadas, quanto tempo antes que o desespero se instale? Não, ouça! Todas nós partimos cheias de fúria justa por justiça, mas aqui estamos paradas, olhando para as muralhas de Tar Valon, enquanto Elaida está sentada na Torre. Estamos aqui há quase duas semanas e, pelo que todos podem ver, podemos estar aqui há dois anos ou vinte. Quanto mais ficarmos sentadas sem nada acontecendo, mais as irmãs começarão a inventar desculpas para os crimes de Elaida. Quanto mais elas começarem a pensar que temos que consertar a Torre, não importa o custo. Você quer esperar até que as irmãs comecem a voltar para Elaida uma a uma? Eu mesma não gosto de ficar na margem do rio desafiando a mulher com apenas a Ajah Azul e o resto de vocês como companhia. As negociações vão pelo menos deixar que todas vejam que algo está acontecendo.”

"Ninguém vai voltar para Elaida," Anaiya protestou, se mexendo na sela, mas ela tinha uma expressão preocupada, e soava como se pudesse ver isso acontecendo. A Torre acenava para todas as Aes Sedai. Muito provavelmente, até mesmo as irmãs Negras ansiavam que a Torre ficasse inteira novamente. E lá estava, a apenas alguns quilômetros de distância, mas aparentemente fora de alcance.

"Conversar poderia ganhar tempo, Mãe", disse Morvrin com relutância, e ninguém podia colocar tanta relutância em sua voz quanto ela. Sua carranca era pensativa, e nada satisfeita. "Mais algumas semanas e Lorde Gareth poderá encontrar os navios de que precisa para bloquear os portos. Isso vai alterar tudo a nosso favor. Sem nenhuma maneira de a comida entrar ou as bocas saírem, a cidade estará morrendo de fome dentro de um mês."

Egwene manteve um rosto impassível com esforço. Não havia nenhuma esperança real de navios bloquearem o porto, embora nenhuma delas soubesse disso. Gareth deixou claro o suficiente para ela, no entanto, muito antes de deixar Murandy. Originalmente, ele esperava comprar navios enquanto marchavam para o norte ao longo do Erinin, usando-os para transportar suprimentos até chegarem a Tar Valon, depois afundando-os nas bocas do porto. Usar portais para chegar a Tar Valon havia acabado com isso de várias maneiras. A notícia do cerco havia saído da cidade com os primeiros navios zarpando depois que o exército chegou, e agora, tanto ao norte e ao sul que ele havia enviado cavaleiros, capitães de navios estavam realizando seus negócios em terra através dos barcos, de ancoradouros bem para fora no rio. Nenhum capitão estava disposto a arriscar a chance de seu navio ser simplesmente apreendido. Gareth fazia seus relatórios apenas para ela, e seus oficiais apenas para ele, mas qualquer irmã poderia saber se falasse com alguns soldados.

Felizmente, mesmo as irmãs que procuravam Guardiões raramente falavam com os soldados. Eles eram geralmente considerados ladrões, iletrados, que só tomavam banho por acidente, quando tinham que atravessar um riacho. Não era o tipo de homem com quem qualquer irmã passava o tempo, exceto quando obrigada. Isso

tornava mais fácil guardar segredos, e alguns segredos eram essenciais. Incluindo, às vezes, segredos guardados daqueles aparentemente do seu lado. Ela se lembrava de não pensar assim, mas isso era uma parte da filha do estalajadeiro que ela foi obrigada a deixar para trás. Este era outro mundo, com regras muito diferentes de Campo de Emond. Um passo em falso significava uma convocação para o Círculo de Mulheres. Aqui, um passo em falso significava morte ou pior, e para mais do que ela mesma.

“As Votantes que permanecem na Torre devem estar dispostas a conversar,” Carlinya colocou, com um suspiro. “Elas têm que saber que quanto mais o cerco durar, maior a chance de Lord Gareth encontrar seus navios. Não consigo imaginar por quanto tempo elas continuarão falando, porém, quando perceberem que não pretendemos nos render.”

“Elaida vai insistir nisso”, murmurou Myrelle, mas não parecia estar discutindo, apenas falando consigo mesma, e Sheriam estremeceu, enrolando a capa em volta do corpo como se tivesse deixado o frio tocá-la.

Apenas Beonin parecia feliz, sentada ansiosa e ereta em sua sela, o cabelo cor de mel escuro emoldurando um largo sorriso dentro do capuz. Ela não pressionou seu caso, no entanto. Era boa em negociação, assim todos diziam, e sabia quando esperar.

“Eu disse que vocês poderiam começar”, disse Egwene. Não que ela pretendesse mais do que uma censura, mas se ia viver pelos Três Juramentos, então tinha que manter o que havia dito. Ela não via a hora de segurar o Bastão dos Juramentos. Seria muito mais fácil então. “Apenas certifiquem-se de tomar muito cuidado com o que dizem. A menos que pensem que todas criamos asas para voar aqui, devem suspeitar que redescobrimos a Viagem, mas não podem ter certeza a menos que alguém confirme. É melhor para nós se elas permanecerem incertas. Esse deve ser um segredo que vocês guardam tão firmemente quanto guardam o segredo de nossos furões na Torre.”

Myrelle e Anaiya estremeeceram ao ouvir isso, e Carlinya olhou em volta como se estivesse com medo, embora nem Guardiões nem

soldados estivessem perto o suficiente para ouvir, a menos que alguém gritasse. Morvrin meramente assumiu uma expressão ainda mais azeda. Até Nisao parecia um pouco doente, embora ela não tivesse nada a ver com a decisão de enviar irmãs de volta à Torre em segredo, supostamente respondendo à convocação de Elaida. O Salão podia ficar feliz em saber que dez irmãs estavam na Torre tentando minar Elaida como podiam, mesmo que o esforço aparentemente não tivesse dado frutos até agora, mas as Votantes definitivamente ficariam *descontentes* ao perceber que isso havia sido mantido em segredo porque essas mulheres temiam que algumas das Votantes pudessem ser realmente da Ajah Negra. Também significava que Sheriam e as outras revelariam seus juramentos a Egwene ao revelar isso. Os resultados para elas podiam não ser muito diferentes. O Salão ainda não havia ordenado que ninguém viesse, mas da forma como a maioria das Votantes se irritava com o controle de Egwene sobre a guerra, dificilmente seria uma surpresa se elas aproveitassem a chance de mostrar que ainda tinham alguma autoridade ao mesmo tempo em que expressavam seu descontentamento com força.

Aparentemente, Beonin foi a única que se opôs a essa decisão — pelo menos, até que ficou claro que as outras estavam indo em frente de qualquer maneira —, mas ela respirou trêmula também, e um aperto se formou em torno de seus olhos. No caso dela, a percepção repentina do que havia empreendido também podia ter desempenhado seu papel. Apenas encontrar alguém na Torre que estivesse disposta a conversar poderia ser uma tarefa assustadora. Olhos e ouvidos dentro de Tar Valon podiam oferecer apenas boatos sobre eventos dentro da Torre; as notícias da própria Torre vinham apenas aos poucos, de irmãs se aventurando em *Tel'aran'rhiol* para vislumbrar reflexos fugazes do mundo desperto, mas cada um desses fragmentos falava de Elaida governando por decreto e capricho, sem nem mesmo o Salão ousando ficar contra ela. O rosto de Beonin assumiu um tom acinzentado, até que ela começou a parecer mais doentia do que Nisao. Anaiya e as outras pareciam tão sombrias quanto a morte.



Uma onda de melancolia surgiu em Egwene. Estas estavam entre as mais fortes contra Elaida, até mesmo a arrastada Beonin, que sempre queria falar em vez de agir. Bem, as Cinzas eram conhecidas por acreditar que qualquer coisa poderia ser resolvida com bastante conversa. Elas deveriam tentar isso em um Trolloc algum dia, ou apenas um salteador, e ver até onde eles chegaram! Sem Sheriam e o resto, a resistência a Elaida teria desmoronado antes mesmo de ter a chance de se unir. Quase tinha desmoronado mesmo assim. Mas Elaida estava tão firmemente sentada na Torre como sempre, e depois de tudo o que passaram, tudo o que fizeram, parecia que até mesmo Anaiya via tudo se transformando em desastre.

Não! Respirando fundo, Egwene endireitou os ombros e se sentou ereta na sela. *Ela* era a Amyrlin de direito, não importa o que o Salão pensava que estava recebendo quando a elevou, e ela tinha que manter viva a rebelião contra Elaida para ter alguma esperança de curar a Torre. Se isso exigisse uma pretensão de negociações, não seria a primeira vez que as Aes Sedai fingiriam mirar uma coisa enquanto mirava outra. O que fosse necessário para manter a rebelião viva e derrubar Elaida, ela faria. O que fosse necessário.

“Estique as conversas o máximo que puder”, disse ela a Beonin. “Você pode falar sobre qualquer coisa, desde que guarde os segredos que precisam ser guardados, mas não concorde com nada e as mantenha falando.” Balançando em sua sela, a Cinza definitivamente parecia mais doente do que Anaiya. Ela quase parecia pronta para esvaziar o estômago.

Quando o acampamento apareceu, com o sol quase na metade do pico do meio-dia, a escolta de cavaleiros de armaduras leves partiu de volta para o rio, deixando Egwene e as irmãs para cavalgar a última milha pela neve, seguidas pelos Guardiões. Lorde Gareth fez uma pausa como se quisesse falar com ela mais uma vez, mas finalmente ele virou seu baio para o leste atrás da cavalaria, trotando para alcançá-los enquanto eles desapareciam além de um longo e recortado grupo de árvores. Ele não trazia o desacordo delas, ou suas discussões, onde qualquer outra pessoa pudesse ouvir, e ele acreditava que Beonin e as outras eram exatamente o que todos os

outros pensavam delas, os cães de guarda dos Ajahs. Ela se sentiu um pouco triste por esconder as coisas dele, mas quanto menos pessoas conhecessem um segredo, mais provável que permanecesse em segredo.

O acampamento era um amontoado de tendas de todas as formas e tamanhos e cores e estado de conservação que quase cobriam um amplo pasto cercado de árvores, a meio caminho entre Tar Valon e o Monte do Dragão, dentro de um anel de cavalos e fileiras de carroças e carroções em quase tantos formatos quanto havia carroças e carroções. A fumaça das chaminés subia em vários lugares alguns quilômetros além da linha das árvores, mas os fazendeiros locais ficavam longe, exceto para vender ovos, leite e manteiga, ou às vezes quando alguém precisava se Curar de algum acidente, e não havia sinal algum do exército que Egwene tinha trazido até agora. Gareth havia concentrado suas forças ao longo do rio, parte ocupando as cidades-ponte em ambas as margens e o restante no que ele chamava de acampamentos de reserva, colocados onde os homens podiam ser enviados para ajudar a combater qualquer surtida da cidade, apenas no caso de ele estar errado sobre o Alto Capitão Chubain. Sempre deveria considerar a possibilidade de suas suposições estarem erradas, ele disse a ela. Ninguém se opôs às suas colocações, é claro, pelo menos não em geral. Qualquer número de irmãs estava pronto para rever os detalhes, mas manter as cidades-ponte era a única maneira de sitiar Tar Valon, afinal. Por terra, era. E um bom número das Aes Sedai estava satisfeito por ter os soldados fora de vista, se não fora da mente.

Três Guardiões em capas que mudam de cor saíram do acampamento quando Egwene e as outras se aproximaram, um deles muito alto e outro bastante baixo, então eles pareciam organizados em degraus. Fazendo suas reverências para Egwene e as irmãs, acenando para os Guardiões atrás, todos eles tinham aquele olhar perigoso de homens tão confiantes que não precisavam convencer ninguém do quão perigosos eram, o que de alguma forma tornava tudo ainda mais evidente. Um Guardião à vontade e um leão descansando no morro, assim dizia um velho ditado entre as Aes

Sedai. O resto se perdeu ao longo dos anos, mas realmente não havia necessidade de dizer mais. As irmãs não eram inteiramente complacentes com a segurança de um acampamento cheio de Aes Sedai, dadas as circunstâncias. Guardiões patrulhavam de perto por quilômetros em todas as direções, leões à espreita.

Anaiya e as outras, todas menos Sheriam, se dispersaram assim que chegaram à primeira fileira de tendas além das carroças. Cada uma estaria procurando a cabeça de sua Ajah, ostensivamente para relatar a viagem de Egwene ao rio com Lord Gareth e, mais importante, para garantir que aquelas cabeças de Ajah soubessem que algumas das Votantes estavam falando sobre negociações com Elaida e que Egwene estava sendo firme. Teria sido mais fácil se ela soubesse quem eram aquelas mulheres, mas mesmo os juramentos de fidelidade não chegavam a revelar isso. Myrelle quase engoliu a língua quando Egwene sugeriu. Ser largada em um cargo sem treinamento dificilmente era a melhor maneira de aprender, e Egwene sabia que ainda tinha muito o que aprender sobre ser Amyrlin. Oceanos para aprender e um trabalho para fazer ao mesmo tempo.

“Se você me perdoar, mãe,” Sheriam disse quando Beonin, a última a ir, desapareceu entre as tendas arrastadas por seu Guardião com o rosto cheio de cicatrizes, “eu tenho uma escrivaninha cheia de papéis.” A falta de entusiasmo em sua voz era compreensível. A estola de Guardiã vinha com pilhas cada vez maiores de relatórios a serem classificados e documentos a serem preparados. Apesar de seu zelo pelo resto do trabalho, que neste caso era manter o acampamento funcionando, Sheriam era ouvida murmurando desejos fervorosos, quando confrontada por mais um monte de papéis, de que ainda fosse a Mestra das Noviças.

Ainda assim, assim que Egwene deu permissão, ela pôs o cavalo de pé preto a trote, espalhando um bando de trabalhadores com casacos ásperos e cachecóis enrolados na cabeça, que carregavam grandes cestos nas costas. Um caiu de cara no lodo meio congelado que passava por uma rua. O Arinvar de Sheriam, um cairhieno esguio com têmporas grisalhas, fez uma pausa longa o suficiente para ter certeza de que o sujeito estava se levantando, então esporeou seu

cavalo baio escuro atrás dela, deixando o trabalhador com suas maldições, a maioria das quais parecia ser dirigida às risadas seus companheiros. Todo mundo sabia que quando uma Aes Sedai queria ir a algum lugar, você saía do caminho.

O que caiu da cesta do sujeito na rua chamou a atenção de Egwene e a fez estremecer, uma pilha alta de farinha cheia de gorgulhos até parecer que havia tantos pontinhos pretos em movimento quanto farinha. Os homens deviam estar todos carregando farinha estragada para os montes de estrume. Não adiantava se incomodar em peneirar qualquer coisa que estivesse infestada — só alguém que estivesse faminto poderia comer —, mas muitas cestas de farinha e grãos tinham que ser descartadas todos os dias. Aliás, metade dos barris de carne de porco salgada e carne de boi salgada abertos para uso fediam, de modo que não havia nada a fazer a não ser enterrá-los. Para os criados e trabalhadores, pelo menos aqueles que tinham experiência de vida no campo, isso não era novidade. Um pouco pior do que o normal, mas não inédito. Os gorgulhos podiam aparecer a qualquer momento, e os comerciantes que tentavam aumentar seus lucros sempre vendiam um pouco de carne podre junto com a boa. Entre as Aes Sedai, porém, era motivo de profunda preocupação. Cada barril de carne, cada saco de grãos ou farinha ou grão, tinha sido cercado por uma Fortaleza assim que comprado, e tudo o que fosse tecido em uma Fortaleza não poderia mudar até que a trama fosse removida. Mas ainda assim a carne apodrecia e os insetos se multiplicavam. Era como se o próprio *saidar* estivesse falhando. Você poderia fazer uma irmã fazer piadas sobre a Ajah Negra antes de conseguir que ela falasse sobre isso.

Um dos homens risonhos avistou Egwene observando-os e cutucou o sujeito coberto de lama, que moderou sua linguagem, embora não muito. Ele até a encarou como se fosse a culpasse por sua queda. Com o rosto meio escondido pelo capuz e a estola da Amyrlin dobrada na bolsa do cinto, pareciam tomá-la por uma das Aceitas, das quais nem todas tinham roupas adequadas o suficiente para sempre se vestir como deveriam, ou talvez uma visitante. As mulheres frequentemente entravam no acampamento, muitas vezes

mantendo seus rostos escondidos em público até que fossem embora novamente, usando sedas finas ou lã puída, e mostrar uma expressão azeda para uma estranha ou uma Aceito era certamente mais seguro do que fazer caretas para uma Aes Sedai. Parecia estranho não ter todos à vista balançando e se curvando.

Ela estava na sela desde antes da primeira luz, e se um banho quente estava fora de questão — a água tinha que ser trazida dos poços que haviam sido cavados a meia milha a oeste do acampamento, o que fazia todas, exceto as mais exigentes ou as irmãs egocêntricas, se limitarem — se não fosse um longo banho quente, ela ainda gostaria de colocar os pés de volta no chão. Ou melhor ainda, colocá-los em um banco para os pés. Além disso, recusar-se a deixar o frio tocar em você não era o mesmo que aquecer as mãos em um braseiro quentinho. Sua própria escrivaninha também teria uma pilha de papel. Na noite anterior, ela dissera a Sheriam que lhe desse os relatórios sobre o estado dos reparos das carroças e o fornecimento de forragem para os cavalos. Eles seriam secos e chatos, mas ela verificava áreas diferentes todos os dias, para que pudesse pelo menos dizer se o que as pessoas lhe contavam era baseado em fatos ou desejos. E havia sempre os relatos dos olhos e ouvidos. O que as Ajahs decidiam passar para o Trono de Amyrlin era uma leitura fascinante quando comparado ao que Siuan e Leane lhe davam de seus agentes. Não era tanto que houvesse contradições, mas o que as Ajahs escolhiam guardar para si poderia desenhar imagens interessantes. Conforto e dever a puxaram para seu escritório — apenas outra barraca, na verdade, embora todos a chamassem de escritório da Amyrlin —, mas esta era uma oportunidade de olhar ao redor sem ter tudo pronto às pressas antes de sua chegada. Puxando o capuz um pouco mais para frente para esconder melhor o rosto, ela tocou levemente os calcanhares nos flancos de Daishar.

Havia poucas pessoas montadas, principalmente Guardiões, embora o cavalariaço infrequente aumentasse o tráfego, conduzindo um cavalo o mais próximo possível do trote que podia ser feito na lama até os tornozelos, mas ninguém parecia reconhecê-la ou a sua

montaria. Em contraste com as ruas quase vazias, as passarelas de madeira, não mais do que tábuas ásperas presas em troncos serrados, se moveram levemente sob o peso das pessoas. O punhado de homens, pontilhando os riachos de mulheres como passas em um bolo barato, andava duas vezes mais rápido que qualquer outro. Com exceção dos Guardiões, os homens faziam seus negócios entre as Aes Sedai o mais rápido possível. Quase todas as mulheres tinham seus rostos escondidos, sua respiração enevoadas nas aberturas de seus capuzes, mas era fácil distinguir as Aes Sedai das visitantes, fossem suas capas simples ou bordadas e forradas de pele. As multidões se separaram na frente de uma irmã. Qualquer outra pessoa tinha que abrir caminho. Não que muitas irmãs estivessem por perto neste meio de manhã frígido. A maioria ficaria aconchegada em suas barracas. Sozinhas ou em duplas ou trios, elas estariam lendo, escrevendo cartas ou questionando suas visitantes sobre qualquer informação que aquelas mulheres trouxessem. O que podia ou não ser compartilhado com o resto da Ajah de uma irmã, muito menos com qualquer outra pessoa.

O mundo via Aes Sedai como um monólito, imponente e sólido, ou tinha visto antes que a atual divisão da Torre se tornasse de conhecimento geral, mas o fato puro era que as Ajahs se distinguiam em tudo menos no nome, o Salão era seu único verdadeiro ponto de encontro, e as próprias irmãs eram pouco mais que uma convocação de eremitas, falando três palavras além do que era absolutamente necessário apenas com algumas amigas. Ou com outra irmã a que se juntaram em algum projeto. O que quer que mudasse na Torre, Egwene tinha certeza de que isso nunca mudaria. Não adiantava fingir que as Aes Sedai jamais foram Aes Sedai ou seriam, um grande rio correndo, todas as suas poderosas correntes escondidas nas profundezas, alterando seu curso com lentidão imperceptível. Ela havia construído algumas barragens naquele rio, desviando um córrego aqui e outro ali para seus próprios propósitos, mas sabia que eram estruturas temporárias. Mais cedo ou mais tarde, essas correntes profundas minariam suas barragens. Ela só podia rezar

para que durassem o suficiente. Orar, e se apoiar o mais forte que pudesse.

Muito ocasionalmente, uma das Aceitas aparecia na multidão, com as sete faixas coloridas no capuz de seu manto branco, mas a maioria era de longe noviças em lã branca sem adornos. Apenas um punhado das vinte e uma Aceitas no acampamento realmente possuíam mantos com faixas, e eles guardavam seus poucos vestidos com faixas para dar aulas ou ver as irmãs, mas grandes esforços foram feitos para que todas as noviças estivessem vestidas de branco o tempo todo, mesmo que tivesse apenas uma mudança de roupa. As Aceitas inevitavelmente tentavam se mover com o deslizar de cisne de Aes Sedai, e uma ou duas quase conseguiam, apesar da inclinação das passarelas sob os pés, mas as noviças corriam quase tão rápido quanto os poucos homens, correndo com recados ou correndo para as aulas em grupos de seis ou sete.

As Aes Sedai não tinham tantas noviças para ensinar há muito tempo, não desde antes da Guerra dos Trollocs, quando havia muitas outras Aes Sedai também, e o resultado de se encontrar com quase mil alunas foi uma confusão total, até que elas foram organizadas nessas “famílias”. O nome não era estritamente oficial, mas era usado até mesmo pelas Aes Sedai, que ainda não gostavam de aceitar qualquer mulher que pedisse. Agora cada noviça sabia onde deveria estar e quando, e cada irmã podia pelo menos descobrir. Sem mencionar que o número de fugitivas havia diminuído. Essa sempre foi uma preocupação para as Aes Sedai, e várias centenas dessas mulheres poderiam muito bem conseguir o xale. Nenhuma irmã queria perder uma dessas, ou qualquer outra, não antes de tomar a decisão de mandar uma mulher embora. As mulheres ainda escapavam ocasionalmente depois de perceberem que o treinamento era mais difícil do que esperavam e o caminho para o xale de uma Aes Sedai mais longo, mas, além das famílias que facilitavam o acompanhamento, fugir parecia menos atraente para as mulheres que cinco ou seis primas, como eram chamadas, para se apoiar.

Bem antes do grande pavilhão quadrado que servia de Salão da Torre, ela virou Daishar por uma rua lateral. A passarela em frente ao

pavilhão de lona marrom-clara estava vazia — o Salão não era um lugar que alguém se aproximasse sem negócios por lá —, mas as cortinas laterais muito remendadas foram mantidas abaixadas sem motivo para tornar público o funcionamento do Salão, então não havia como dizer quem podia sair. Qualquer Votante reconheceria Daishar de relance, e algumas Votantes ela evitaria ainda mais do que outras. Lelaine e Romanda, por exemplo, que resistiam à sua autoridade tão instintivamente quanto se opunham. Ou qualquer uma daquelas que começaram a falar de negociações. Era demais acreditar que elas estavam apenas esperando para animar os espíritos, ou elas não teriam mantido os sussurros. As cortesias tinham que ser mantidas, no entanto, não importava quantas vezes ela desejasse poder dar um soco nas orelhas de alguém, mas ninguém poderia pensar que estava sendo esnobada se Egwene não a visse.

Uma tênue luz prateada brilhou atrás de uma parede alta de lona logo à sua frente, cercando um dos dois Campos de Viagem do acampamento, e um momento depois duas irmãs surgiram de trás de uma das abas. Nem Phaedrine nem Shemari eram fortes o suficiente para tecer um portal sozinha, mas, vinculadas, ela pensou que poderiam conseguir um grande o suficiente para atravessar. Cabeças juntas em uma conversa profunda, estranhamente elas estavam apenas prendendo suas capas. Egwene manteve o rosto virado de qualquer maneira enquanto passava. Ambos as Marrons a ensinaram como noviça, e Phaedrine ainda parecia surpresa por Egwene ser Amyrlin. Magra como uma garça, ela era bem capaz de entrar na lama para perguntar se Egwene precisava de ajuda. Shemari, uma mulher vigorosa de rosto quadrado que parecia mais uma Verde do que uma bibliotecária, sempre foi além de apropriada em seu comportamento. Muito além. Suas profundas reverências, adequadas para uma noviça, carregavam pelo menos uma sugestão de zombaria, não importa quão suave sua expressão, até porque ela era conhecida por fazer reverências quando via Egwene a cem passos de distância.

Onde elas estavam, ela se perguntou. Em algum lugar dentro de casa, talvez, ou pelo menos mais quente que o acampamento.



Ninguém realmente acompanhava as idas e vindas das irmãs, é claro, nem mesmo as Ajahs. O costume governava a todas, e o costume desencorajava fortemente perguntas diretas sobre o que uma irmã estava fazendo ou para onde estava indo. Muito provavelmente, Phaedrine e Shemari foram ouvir alguns de seus olhos e ouvidos cara a cara. Ou talvez olhar um livro em alguma biblioteca. Elas eram Marrons. Mas ela não pôde deixar de pensar no comentário de Nisao sobre as irmãs fugindo para Elaida. Era bem possível contratar um barqueiro para fazer a travessia até a cidade, onde dezenas de pequenos portões de água davam entrada a quem quisesse, mas com um portal, não havia necessidade de arriscar a exposição cavalgando até o rio e perguntando por barcos. Apenas uma irmã retornando à Torre com o conhecimento daquela trama entregaria sua maior vantagem. E não havia como deter isso. Exceto manter o coração na oposição a Elaida. Exceto fazer as irmãs acreditarem que poderia haver um fim rápido para isso. Se ao menos houvesse uma maneira de um fim rápido.

Não muito além do Campo de Viagem, Egwene puxou as rédeas e franziu a testa para uma longa tenda de parede ainda mais remendada que a do Salão. Uma Aes Sedai desceu a passarela — ela usava uma capa azul-escura simples, e o capuz escondia seu rosto, mas noviças e outras saltavam de seu caminho como nunca teriam feito para uma mercadora, digamos — e parou na frente do tenda, olhando para ela por um longo momento antes de abrir a porta de entrada para entrar, sua falta de vontade tão clara como se ela tivesse gritado. Egwene nunca tinha entrado lá. Podia sentir *sair* sendo canalizado lá dentro, embora fracamente. A quantidade necessária era surpreendentemente pequena. Uma visita rápida da Amyrlin não devia chamar muita atenção, no entanto. Ela queria muito ver o que tinha posto em movimento.

Desmontando na frente da tenda, porém, ela descobriu uma dificuldade insignificante. Não havia onde amarrar Daishar. A Amyrlin sempre tinha alguém correndo para segurar seu estribo e levar seu cavalo, mas ela ficou lá segurando as rédeas do castrado, e grupos de noviças passaram apressados com apenas um olhar rápido,

descartando-a como uma das visitantes. A essa altura, todas as noviças conheciam todas as Aceitas à primeira vista, mas poucas tinham visto o Trono de Amyrlin de perto. Ela nem tinha o rosto sem idade para dizer a elas que era Aes Sedai. Com uma risada triste, ela colocou a mão enluvada na bolsa do cinto. A estola lhes diria quem ela era, e então ela poderia ordenar a uma delas que segurasse seu cavalo por alguns minutos. A menos que pensassem que era uma piada de mau gosto, pelo menos. Algumas das noviças de Campo de Emond tentaram tirar a estola de seu pescoço, para evitar que ela se metesse em encrencas. Não, isso era passado e estava resolvido.

Abruptamente, a aba de entrada foi aberta e Leane emergiu, prendendo sua capa verde escura com um alfinete de prata em forma de peixe. A capa era de seda e ricamente bordada em prata e ouro, assim como o corpete de seu vestido de montaria. Suas luvas vermelhas também estavam bordadas nas costas. Leane prestava atenção em suas roupas desde que se juntou à Ajah Verde. Seus olhos se arregalaram levemente ao ver Egwene, mas seu rosto acobreado suavizou imediatamente. Analisando a situação de relance, ela estendeu a mão para parar uma noviça que parecia estar sozinha. As noviças iam às aulas por família. “Qual é o seu nome, criança?” Muita coisa havia mudado em Leane, mas não sua vivacidade. Exceto quando ela queria, de qualquer maneira. A maioria dos homens se transformava em massa de vidraceiro quando a voz de Leane ficava lânguida, mas ela nunca desperdiçava isso com mulheres. “Você está em uma missão para uma irmã?”

A noviça, uma mulher de olhos claros perto da meia-idade, com uma pele imaculada que nunca tinha visto um dia de trabalho no campo, ficou boquiaberta antes de se recuperar o suficiente para fazer uma reverência, um espalhamento suavemente praticado de suas saias brancas com as mãos enluvadas. Tão alta quanto a maioria dos homens, mas esbelta, graciosa e bonita, Leane também não tinha a aparência sem idade, mas o rosto dela era um dos dois mais conhecidos no acampamento. As noviças a apontavam com admiração, uma irmã que uma vez havia sido Guardiã, que havia sido estancada e Curada para que pudesse canalizar novamente, mas não

tão fortemente quanto antes. E então ela havia trocado de Ajah! As mais novas mulheres de branco já tinham aprendido que isso nunca acontecia, embora a outra estivesse se tornando parte do normal, infelizmente. Era mais difícil fazer uma noviça ir devagar quando não se podia dizer que ela arriscava terminar sua busca pelo xale ao se exaurir e perder o Poder Único para sempre.

“Letice Murow, Aes Sedai,” a mulher disse respeitosamente, com um sotaque murandiano cadenciado. Ela soou como se quisesse dizer mais, talvez dar um título, mas uma das primeiras lições ao ingressar na Torre era que você deixou para trás quem costumava ser. Era uma dura lição, para algumas, especialmente para aquelas que possuíam títulos. “Vou visitar minha irmã. Não a vejo por mais de um minuto desde antes de deixarmos Murandy. As parentes eram sempre colocadas em famílias diferentes de noviças, assim como as mulheres que se conheciam antes de serem inscritas no livro de noviças. Encorajava a fazer novas amigas e reduzia as tensões inevitáveis quando uma estava aprendendo mais rápido que a outra ou tinha um potencial maior. “Ela está livre de aulas também, até a tarde, e...”

“Sua irmã vai ter que esperar mais um pouco, criança,” Leane interrompeu. “Segure o cavalo da Amyrlin para ela.”

Letice sobressaltou-se e olhou para Egwene, que finalmente conseguira retirar sua estola. Entregando as rédeas de Daishar para a mulher, ela abaixou o capuz e colocou a longa e estreita tira de pano sobre os ombros. Leve como uma pena em sua bolsa, a estola tinha peso real pendurado em seu pescoço. Siuan afirmou que às vezes você podia sentir todas as mulheres que já usaram a estola pendurada nas pontas dela, um lembrete constante de responsabilidade e dever, e Egwene acreditava em cada palavra. A murandiana ficou boquiaberta com ela mais do que com Leane, e levou mais tempo para se lembrar de fazer uma reverência. Sem dúvida, ela tinha ouvido falar que a Amyrlin era jovem, mas parecia improvável que ela tivesse pensado em quão jovem.

“Obrigada, criança,” Egwene disse suavemente. Houve um tempo em que ela se sentia estranha chamando uma mulher dez anos mais

velha do que ela de criança. Tudo mudou, com o tempo. “Não será por muito tempo. Leane, você pediria a alguém para enviar um cavalição para Daishar? Agora que estou fora da sela, prefiro ficar fora, e Letice deveria ter permissão para ver sua irmã.”

“Eu mesma cuidarei disso, Mãe.”

Leane fez uma reverência fluida e se afastou sem dar a menor dica de que havia mais entre elas do que esse encontro casual. Egwene confiava muito mais nela do que em Anaiya ou mesmo em Sheriam. Ela certamente não guardava segredos de Leane mais do que de Siuan. Mas a amizade delas era mais um segredo que precisava ser guardado. Por um lado, Leane realmente tinha olhos e ouvidos dentro de Tar Valon, senão na própria Torre, e seus relatórios chegavam a Egwene e Egwene apenas. Por outro lado, Leane era muito mimada por se acomodar tão bem ao seu status reduzido, e todas as irmãs a recebiam, mesmo porque ela era a prova viva de que o estancamento, o medo mais profundo de qualquer Aes Sedai, podia ser revertido. Elas a receberam de braços abertos, e porque ela era menos agora, abaixo de pelo menos metade das irmãs no acampamento, elas frequentemente falavam na frente dela sobre assuntos que nunca gostariam que Amyrlin soubesse. Então Egwene nem olhou para ela quando saiu. Em vez disso, ofereceu um sorriso a Letice — a mulher ficou vermelha e fez outra reverência — e então entrou na barraca, tirando as luvas e colocando-as atrás do cinto.

No interior, oito lamparinas espelhadas estavam ao longo das paredes entre baús baixos de madeira. Uma com um pouco de dourado gasto e o resto de ferro pintado, não havia duas lâmpadas com o mesmo número de braços, mas forneciam boa iluminação, mas não tão brilhante quanto do lado de fora. Mesas variadas que pareciam ter vindo de sete cozinhas de fazendas diferentes formavam uma fileira no centro da lona, os bancos das três mais distantes ocupados por meia dúzia de noviças com suas capas dobradas ao lado, cada mulher cercada pelo brilho do Poder. Tiana, a Mestra das Noviças, pairava ansiosamente sobre elas, caminhando entre as mesas, e surpreendentemente, Sharina Melloy também, uma das noviças adquiridas em Murandy.

Bem, Sharina não estava exatamente pairando, apenas observando calmamente, e talvez não devesse ser uma surpresa encontrá-la ali. Uma avó digna de cabelos grisalhos com um coque apertado na nuca, Sharina tinha uma família muito grande com uma mão muito firme, e ela parecia ter adotado todas as outras noviças como netas ou sobrinhas-netas. Foi ela quem as organizou em famílias minúsculas, completamente sozinha e aparentemente por simples desgosto de ver todas se debatendo ao redor. A maioria das Aes Sedai ficava mais do que um pouco calada se lembrada disso, embora tivessem aceitado o formulário com bastante rapidez quando perceberam como era mais fácil acompanhar e organizar as aulas. Tiana estava inspecionando o trabalho das noviças tão de perto que parecia óbvio que ela estava tentando ignorar a presença de Sharina. Baixa e magra, com grandes olhos castanhos e uma covinha na bochecha, Tiana de alguma forma parecia jovem apesar de seu rosto sem idade, particularmente ao lado das bochechas vincadas e quadris largos da noviça mais alta.

A dupla de Aes Sedai que canalizava na mesa mais próxima da entrada, Kairen e Ashmanaille, tinha uma audiência de duas também, Janya Frende, uma Votante para a Marrom, e Salita Toranes, uma Votante para a Amarela. A Aes Sedai e as noviças estavam todas realizando a mesma tarefa. Na frente de cada mulher, uma estreita rede tecida de Terra, Fogo e Ar cercava uma pequena tigela ou xícara ou algo parecido, tudo feito pelos ferreiros do acampamento, que ficaram muito intrigados com o motivo pelo qual as irmãs queriam essas coisas feitas de ferro, sem mencionar fazê-las tão finamente como se fossem de prata. Uma segunda trama, Terra e Fogo tecidas exatamente assim, penetrou em cada rede para tocar o objeto, que lentamente se tornava branco. Muito, muito lentamente, em todos os casos.

A habilidade com a trama melhorava com a prática, mas dos Cinco Poderes, a força na Terra era a chave, e além da própria Egwene, apenas nove irmãs no acampamento — junto com duas das Aceitas e quase duas dúzias de noviças — tinham o suficiente para fazer as tramas funcionarem. No entanto, poucas entre as irmãs queriam

dedicar algum tempo a isso. Ashmanaille, magra o suficiente para fazê-la parecer mais alta do que realmente era, dedos batendo no tampo da mesa em ambos os lados do copo de metal simples na frente dela, estava franzindo a testa com impaciência enquanto a borda da brancura subia pela metade. Os olhos azuis de Kairen eram tão frios que parecia que seu olhar sozinho poderia quebrar o cálice alto em que ela estava trabalhando. Que tinha apenas a menor borda branca na parte inferior. Deve ter sido Kairen que Egwene viu entrar.

Nem todo mundo estava sem entusiasmo, no entanto. Janya, esbelta em suas sedas de bronze claro e vestindo seu xale de franjas marrons sobre os braços, estudava o que Kairen e Ashmanaille estavam fazendo com a ânsia de quem desejava que pudesse fazer o mesmo. Janya queria saber tudo, saber como tudo era feito e por que acontecia daquela maneira. Ela ficou extremamente desapontada quando não conseguiu aprender a fazer *ter'angreal* — apenas três irmãs além de Elayne conseguiram isso, até agora, com muito sucesso — e ela fez um esforço conjunto para aprender essa habilidade mesmo depois que os testes mostraram que ela ficou aquém da força necessária no uso da Terra.

Salita foi a primeira a notar Egwene. Com o rosto redondo e quase tão escuro quanto carvão, ela olhou para Egwene com firmeza, e a franja amarela de seu xale balançou levemente quando ela fez uma reverência muito precisa, em cada ao centímetro. Elevada em Salidar, Salita fazia parte de um padrão perturbador: muitas Votantes jovens demais para o cargo. Salita era Aes Sedai havia apenas trinta e cinco anos, e raramente uma mulher recebia uma cadeira antes de usar o xale por cem ou mais. Siuan viu um padrão, de qualquer maneira, e achou perturbador, embora não pudesse dizer por quê. Padrões que não conseguia entender sempre perturbavam Siuan. Ainda assim, Salita defendeu a guerra contra Elaida e frequentemente apoiou Egwene no Salão. Mas nem sempre, e não nisto. “Mãe,” ela disse friamente.

A cabeça de Janya se ergueu e ela abriu um sorriso radiante. Ela também havia defendido a guerra, a única mulher que havia sido uma Votante antes de a ser Torre dividida, exceto Lelaine e Lyrelle, duas

das Azuis, e se seu apoio a Egwene não era sempre inabalável, era assim aqui. Como de costume, as palavras saíram dela. “Eu nunca vou superar isso, mãe. É simplesmente incrível. Eu sei que não devemos mais nos surpreender quando você apresenta algo em que ninguém mais pensou — às vezes acho que ficamos muito definidas em nossos caminhos, muito certas do que pode e não pode ser feito —, mas descobrir como fazer *cuendillar*...!” Ela fez uma pausa para respirar, e Salita moveu-se para a abertura suavemente. E friamente.

“Eu ainda digo que é errado”, disse ela com firmeza. “Admito que a descoberta foi um trabalho brilhante de sua parte, Mãe, mas as Aes Sedai não deveriam estar fazendo coisas para... vender.” Salita investiu essa palavra com todo o desprezo de uma mulher que aceitava a receita de sua propriedade em Tear sem nunca pensar em como ela havia chegado. A atitude não era incomum, embora a maioria das irmãs vivesse com a generosa mesada anual da Torre. Ou tivesse vivido, antes que a Torre se partisse. “Além disso,” ela continuou, “quase metade das irmãs forçadas a isso são Amarelas. Recebo reclamações todos os dias. Nós, pelo menos, temos usos mais importantes para o nosso tempo do que fazer... bugigangas.” Isso lhe rendeu um olhar duro de Ashmanaille, uma Cinza, e um olhar gélido de Kairen, que era Azul, mas Salita as ignorou. Ela era uma daquelas Amarelas que pareciam pensar que as outras Ajahs eram apenas auxiliares da sua, que, é claro, tinha o único propósito verdadeiramente útil entre elas.

“E as noviças não deveriam fazer tramas dessa complexidade”, acrescentou Tiana, juntando-se a elas. A Mestra das Noviças nunca teve vergonha de falar com as Votantes ou com a Amyrlin, e tinha uma expressão descontente. Ela não parecia perceber que isso aprofundava sua covinha e a fazia parecer mal-humorada. “É uma descoberta notável, e eu não tenho objeções ao comércio, mas algumas dessas garotas mal conseguem fazer uma bola de fogo mudar de cor com segurança. Deixá-las manusear tramas assim só tornará mais difícil impedi-las de pular para coisas que não podem lidar, e a Luz sabe que isso já é difícil o suficiente. Elas podem até se machucar.”

"Bobagem, bobagem", exclamou Janya, acenando com a mão esbelta como se quisesse afastar a ideia. "Toda garota que foi escolhida já pode fazer três bolas de fogo de uma vez, e isso requer muito pouco mais do Poder. Não há perigo algum, desde que estejam sob a supervisão de uma irmã, e sempre estão. Eu vi a lista. Além disso, o que fizermos em um dia trará o suficiente para pagar o exército por uma semana ou mais, mas as irmãs sozinhas não podem produzir tanto." Apertando os olhos ligeiramente, ela de repente parecia estar olhando através de Tiana. A cascata de sua língua nunca diminuiu, mas ela parecia estar falando pelo menos metade para si mesma. "Teremos que ter muito cuidado na venda. O Povo do Mar tem um apetite voraz por *cuendillar*, e há muitos de seus navios ainda em Illian e Tear — os nobres de lá também são ávidos por isso —, mas mesmo apetites vorazes têm limites. Ainda não consigo decidir se é melhor aparecer com tudo de uma vez ou deixar escorrer. Mais cedo ou mais tarde, até o preço do *Cuendillar* começará a cair." De repente, ela piscou e olhou primeiro para Tiana e depois para Salita, inclinando a cabeça para um lado. "Vocês entendem meu ponto de vista, não é?"

Salita franziu o cenho e pendurou o xale nos ombros. Tiana ergueu as mãos em exasperação. Egwene manteve a calma. Pela primeira vez, ela não sentiu vergonha de ser elogiada por uma de suas supostas descobertas. Ao contrário de quase tudo, exceto Viajar, esta era realmente dela, embora Moghedien tivesse apontado o caminho antes de escapar. A mulher não sabia como fazer nada — pelo menos, ela não havia revelado tal conhecimento por mais que Egwene a pressionasse, e ela pressionou muito —, mas Moghedien tinha um grande traço de ganância, e mesmo na Era da Lendas, *cuendillar* tinha sido um luxo valioso. Ela sabia o suficiente de como era feito para Egwene decifrar o resto. De qualquer forma, não importa quem fizesse objeção ou com que intensidade, a necessidade de dinheiro significava que a produção de *cuendillar* continuaria. Embora, no que lhe dizia respeito, quanto mais tempo demorasse a vender, melhor.



Sharina batendo as mãos ruidosamente na parte de trás da barraca sacudiu a cabeça de todas dessas maneiras. Kairen e Ashmanaille também se viraram, a Azul até mesmo deixou suas tramas dissiparem, de modo que a taça quicou no tampo da mesa com um tinido metálico. Era um sinal de tédio. O processo poderia ser reiniciado, embora encontrar o ponto exato fosse muito difícil, e algumas irmãs aproveitavam todas as oportunidades para fazer qualquer outra coisa durante a hora que tinham que passar na tenda todos os dias. Uma hora ou até que elas completassem um item do início ao fim, o que ocorresse primeiro. Isso deveria forçá-las a se esforçar mais para aumentar sua habilidade, mas poucas progrediram muito.

“Bodewin, Nicola, vão para sua próxima aula,” Sharina anunciou. Ela não falava alto, mas sua voz tinha uma força que poderia cortar um murmúrio de vozes, ainda mais o silêncio da tenda. “Vocês têm apenas tempo para lavar as mãos e o rosto. Rápido, agora. Vocês não querem nenhum relatório ruim.”

Bode — Bodewhin — moveu-se com entusiasmo eficiente, soltando *saidar* e colocando seu bracelete de *cuendillar* pela metade em um dos baús ao longo da parede para que outra pessoa terminasse, então recolheu sua capa. De bochechas roliças e bonitas, ela usava o cabelo em uma longa trança escura, embora Egwene não tivesse certeza de ter obtido permissão do Círculo Feminino. Mas então, esse mundo estava atrás dela, agora. Colocando as luvas enquanto saía apressada da barraca, Bode manteve os olhos baixos e nunca olhou na direção de Egwene. Claramente, ela ainda não entendia por que uma noviça não podia aparecer para conversar com o Trono de Amyrlin sempre que quisesse, mesmo que tivessem crescido juntas.

Egwene adoraria conversar com Bode e algumas das outras, mas uma Amyrlin também tinha lições a aprender. Uma Amyrlin tinha muitos deveres, poucas amigas e nenhuma favorita. Além disso, mesmo a aparência de favoritismo marcaria a saída das moças de Dois Rios e tornaria a vida com as outras noviças uma miséria. *E também não me deixaria muito bem com o Salão*, pensou ela com

ironia. Ela queria que as meninas de Dois Rios entendessem, no entanto.

A outra noviça que Sharina havia mencionado não deixou seu banco nem parou de canalizar. Os olhos negros de Nicola brilharam para Sharina. “Eu poderia ser a melhor nisso se eu tivesse permissão para praticar de verdade,” ela resmungou mal-humorada. “Estou ficando melhor; sei quem eu sou. Eu posso prever, você sabe.” Como se uma coisa tivesse algo a ver com a outra. “Tiana Sedai, diga a ela que posso ficar mais tempo. Posso terminar esta tigela antes da minha próxima aula, e tenho certeza de que Adine Sedai não se importará se eu me atrasar um pouco.” Se sua aula fosse em breve, ela estaria mais do que um pouco atrasada se demorasse para completar a tigela; seu esforço de uma hora havia tornado apenas metade dela branca.

Tiana abriu a boca, mas antes que pudesse pronunciar uma palavra, Sharina levantou um dedo, então um momento depois, um segundo dedo. Devia ter tido algum significado particular, porque Nicola ficou pálida e soltou seus fios no instante, saltando tão rapidamente que ela se moveu no banco, ganhando rápidas carrancas das outras duas noviças que o dividiam. Elas se curvaram rapidamente de volta ao seu trabalho, porém, e Nicola quase correu para enfiar a tigela pela metade em um baú antes de pegar sua capa. Para surpresa de Egwene, uma mulher que ela não tinha visto, vestida com um casaco marrom curto e calças largas, pulou de onde estava sentada no chão atrás das mesas. Franzindo o cenho com olhos azuis como adagas para todos à vista, Areina correu para fora da tenda atrás de Nicola, as duas mulheres imagens espelhadas de insatisfação e descontentamento. Ver as duas juntas deixou Egwene inquieta.

“Eu não sabia que amigas eram permitidas aqui para assistir”, disse ela. “Nicola ainda está causando problemas?” Nicola e Areina tentaram chantageá-la, e Myrelle e Nisao, mas não foi isso que ela quis dizer. Esse ainda era outro segredo.

“Melhor a garota ser amiga de Areina do que de um dos cavaleiros,” Tiana disse com uma fungada. “Tivemos duas com

filhos, você sabe, e mais dez propensas a isso. A garota precisa de mais amigas, no entanto. As amigas a ajudarão.”

Ela interrompeu quando mais duas noviças vestidas de branco entraram apressadas na tenda, as duas chiando e derrapando quando encontraram Aes Sedai bem na frente delas. Fazendo uma reverência apressadamente, elas correram para a parte de trás da tenda a um gesto de Tiana e dobraram suas capas em um banco antes de pegar uma taça parcialmente branca e uma xícara quase branca de um dos baús.

Sharina as viu prontas para trabalhar, então pegou sua própria capa e a colocou em volta dos ombros antes de subir na tenda. “Se você me dá licença, Tiana Sedai,” ela disse, fazendo uma reverência que não chegou a ser igual, “me mandaram ajudar com a refeição do meio-dia hoje, e eu não gostaria de ficar em maus lençóis com os cozinheiros.” Seus olhos escuros pousaram em Egwene por um breve momento, e ela assentiu para si mesma.

“Vá em frente, então,” Tiana disse bruscamente. “Eu odiaria saber que você foi chicoteada por estar atrasada.”

Sem mexer um fio de cabelo, Sharina ofereceu suas cortesias novamente, sem pressa sem arrastar, para Tiana, para as Votantes, para Egwene — com outro olhar penetrante, mas curto demais para ofender — e quando a aba da tenda se fechou atrás dela, Tiana estourou as bochechas em exasperação.

“Nicola causa menos problemas do que algumas,” ela disse sombriamente, e Janya balançou a cabeça.

“Sharina não causa problemas, Tiana.” Ela falou mais rápido do que nunca, mas baixinho, para que sua voz não chegasse ao fundo da tenda. Desentendimentos entre irmãs nunca eram expostos na frente de noviças. Especialmente quando o desacordo era sobre uma noviça. “Ela já conhece as regras melhor do que qualquer Aceita, e nunca coloca um dedo do pé sobre a linha. Ela também nunca se esquiva das tarefas mais sujas, e é a primeira a ajudar quando outra noviça precisa. Sharina é simplesmente quem ela é. Luz, você não pode permitir que uma noviça te intimide.”

Tiana enrijeceu e abriu a boca com raiva, mas uma vez que Janya tinha a palavra entre os dentes, conseguir falar não era fácil. “Nicola, por outro lado, causa todo tipo de problema, Mãe,” a Marrom apressou-se. “Desde que descobrimos que ela tem a predição, ela tem predito duas ou três vezes por dia, pelo que ouvi contar. Ou melhor, ouvi Areina contar. Nicola é inteligente o suficiente para saber que todas sabem que ela não consegue se lembrar do que diz quando prevê, mas Areina sempre parece estar lá para ouvir e lembrar, e ajudá-la a interpretar. Algumas são o tipo de coisa que qualquer um no acampamento com meio cérebro e uma natureza crédula poderia pensar — batalhas com os Seanchan ou com os Asha'man, uma Amyrlin presa, o Dragão Renascido fazendo nove coisas impossíveis, visões que podem ser Tarmon Gai'don ou um estômago bilioso — e o resto tudo indica que Nicola deveria ter permissão para ir mais rápido com suas aulas. Ela é sempre muito gananciosa com isso. Acho que até a maioria das outras noviças parou de acreditar nela.”

“Ela também enfia o nariz em todos os lugares”, Salita colocou no momento em que Janya lhe deu uma abertura, “ela e a cavaliça, ambos”. Seu rosto permaneceu suave e frio, e ela mudou o xale como se fosse o foco de sua atenção, mas apressou as palavras um pouco, talvez temendo que a Marrom assumisse novamente. “Ambas foram chicoteadas por espionar irmãs, e eu mesma peguei Nicola tentando espiar em um dos Campos de Viagem. Ela disse que só queria ver um portal aberto, mas acho que ela estava tentando aprender a trama. Impaciência, eu posso entender, mas o engano não pode ser tolerado. Não acredito mais que Nicola conseguirá o xale e, francamente, comecei a me perguntar se ela deveria ser mandada embora cedo ou tarde. O livro de noviças pode estar aberto a todos,” ela terminou com um olhar inexpressivo para Egwene, “mas não temos que baixar nossos padrões completamente.”

Encarando, Tiana franziu os lábios teimosamente, enfatizando sua covinha novamente. Você quase poderia esquecer que ela usava o xale por mais de trinta anos e pensar que ela mesma era uma noviça. “Enquanto eu for a Mestra das Noviças, a decisão de mandar uma

garota embora é minha,” ela disse acaloradamente, “e eu não pretendo perder uma garota com o potencial de Nicola.” Nicola seria muito forte no Poder um dia. “Ou o de Sharina,” ela adicionou com uma careta, mãos alisando suas saias com irritação. O potencial de Sharina era nada menos que notável, muito além de qualquer uma na memória viva, exceto Nynaeve, e à frente de Nynaeve também. Algumas pensaram que ela poderia se tornar tão forte quanto possível, embora isso fosse apenas especulação. “Se Nicola está incomodando você, Mãe, eu cuidarei dela.”

"Eu estava apenas curiosa", disse Egwene cuidadosamente, engolindo uma sugestão de que a jovem e sua amiga fossem observadas de perto. Ela não queria falar sobre Nicola. Seria muito fácil encontrar-se com uma escolha entre mentir ou revelar assuntos que não ousava expor. Uma pena ela não ter permitido que Siuan providenciasse duas mortes silenciosas.

Sua cabeça sacudiu em choque com o pensamento. Ela teria ido tão longe de Campo de Emond? Ela sabia que teria que ordenar que homens morressem em batalha mais cedo ou mais tarde, e pensava que poderia ordenar uma morte se a necessidade fosse grande o suficiente. Se uma morte pudesse impedir a morte de milhares, ou mesmo centenas, não seria correto ordená-la? Mas o perigo apresentado por Nicola e Areina era simplesmente que elas pudessem revelar segredos que poderiam incomodar Egwene al'Vere. Ah, Myrelle e as outras poderiam ter sorte de se safarem, e certamente considerariam isso mais do que inconveniente, mas o desconforto, por maior que fosse, não era motivo suficiente para matar.

Abruptamente, Egwene percebeu que estava franzindo a testa, e Tiana e as duas Votantes a observavam, Janya não se preocupando em esconder sua curiosidade atrás de uma máscara de serenidade. Para disfarçar, Egwene mudou o cenho para a mesa onde Kairen e Ashmanaille estavam mais uma vez trabalhando. O branco na xícara de Ashmanaille havia subido um pouco mais, mas em pouco tempo Kairen a alcançou. Mais do que alcançou, na verdade, já que sua taça era duas vezes mais alta que a xícara.

"Sua habilidade está melhorando, Kairen", disse Egwene com aprovação.

A Azul olhou para ela e respirou fundo. Seu rosto oval tornou-se uma imagem de calma fria em torno daqueles olhos azuis gelados. "Não há muita habilidade envolvida, Mãe. Tudo o que é necessário é definir a trama e esperar." A última palavra teve um toque de amargura e, por falar nisso, houve uma ligeira hesitação diante de Mãe. Kairen havia sido enviada de Salidar em uma missão muito importante apenas para vê-la desmoronar em ruínas, embora não por culpa dela, e ela voltou para elas em Murandy para encontrar tudo o que ela havia deixado para trás e uma garota que ela se lembrava de ser noviça usando a estola de Amyrlin. Ultimamente, Kairen vinha passando muito tempo com Lelaine.

"Ela está melhorando; em *algumas* coisas," Janya disse com uma carranca para a irmã Azul. Janya podia ter tanta certeza quanto qualquer outra Votante de que o Salão estava recebendo um fantoche quando elevaram Egwene, mas ela parecia ter aceitado que Egwene usava a estola e merecia o devido respeito de todos. "Claro, duvido que ela alcance Leane a menos que ela se aplique, muito menos você mesma, Mãe. A jovem Bodewhin pode alcançá-la, na verdade. Eu não gostaria de ser superada por uma noviça, mas suponho que algumas não se sintam assim." Uma mancha vermelha penetrou nas bochechas de Kairen, e seus olhos caíram para o cálice.

Tiana fungou. "Bodewhin é uma boa garota, mas ela passa mais tempo rindo e brincando com as outras noviças do que se aplicando se Sha..." Ela inalou bruscamente. "Se ela não for vigiada. Ontem, ela e Althyn Conly experimentaram dois itens ao mesmo tempo, só para ver o que aconteceria, e as coisas se fundiram em uma massa sólida. Inútil para venda, é claro, a menos que você encontre alguém que queira um par de xícaras meio ferro, meio *cuendillar* unidas em ângulos. E a Luz sabe o que podia ter acontecido com as meninas. Elas não pareciam ter sido prejudicadas, mas quem pode dizer sobre a próxima vez?"

"Certifique-se de que não haja uma próxima vez", disse Egwene distraidamente, sua atenção na xícara de Kairen. A linha de branco

rastejava para cima de forma constante. Quando Leane fazia essa trama, o ferro preto se transformava em *cuendillar* branco, como se o ferro estivesse afundando rapidamente no leite. Para a própria Egwene, a mudança era mais rápida do que um piscar de olhos, de preto para branco em um flash. Tinha que ser Kairen e Leane, mas mesmo Leane mal era rápida o suficiente. Kairen precisava de tempo para melhorar. Dias? Semanas? O que fosse necessário, porque qualquer coisa menos que isso significava desastre, para as mulheres envolvidas e para os homens que morreriam lutando nas ruas de Tar Valon, e talvez para a Torre. De repente, Egwene ficou feliz por ter aprovado a sugestão de Beonin. Dizer a Kairen por que ela precisava se esforçar mais podia ter estimulado seus esforços, mas esse era outro segredo que precisava ser mantido até que chegasse a hora de revelá-lo ao mundo.



## CAPÍTULO

### 18

---



### *Uma Conversa com Siuan*

Daishar havia sido levado quando Egwene saiu da tenda, é claro, mas a estola de sete listras pendurada na abertura de seu capuz funcionou melhor do que o rosto de uma Aes Sedai para abrir caminho entre a multidão. Ela se movia em uma onda de reverências, com um acenar de cabeça ocasional lançado por um Guardião, ou um artesão que tinha alguma tarefa entre as barracas das irmãs. Algumas noviças chiaram quando viram a estola da Amyrlin, e famílias inteiras saíram apressadamente da passarela, fazendo suas profundas reverências na lama da rua. Desde que fora obrigada a punir algumas mulheres de Dois Rios, espalhou-se entre as noviças a notícia de que a Amyrlin era tão dura quanto Sereille Bagand, e que era melhor evitar contrariar seu temperamento, que poderia explodir como um incêndio. Não que a maioria delas conhecesse história o suficiente para ter uma ideia real de quem Sereille tinha sido, mas seu nome tinha sido um sinônimo de rigidez e mão de ferro na Torre por cem anos, e as Aceitas se certificavam de que as noviças absorvessem petiscos como esse. Foi bom que o capuz de Egwene escondesse seu rosto. Na décima vez que uma família noviça saltou de seu caminho como lebres assustadas, ela estava rangendo os dentes com tanta força que ver seu rosto teria cimentado sua reputação de mascar ferro e cuspir pregos. Ela tinha a horrível sensação de que em algumas centenas de anos, as Aceitas estariam usando seu nome para assustar as noviças do jeito que elas usavam o de Sereille agora.



Claro, havia a pequena questão de garantir a Torre Branca primeiro. Pequenas irritações tinham que esperar. Ela pensou que poderia cuspir pregos sem o ferro.

A multidão se reduziu a nada ao redor do escritório da Amyrlin, que era apenas uma barraca de lona pontiaguda com paredes marrons remendadas, apesar do nome. Assim como o Salão, era um lugar a ser evitado, a menos que você tivesse negócios lá ou fosse convocado. Ninguém era simplesmente convidado para o Salão da Torre ou para o escritório da Amyrlin. O convite mais inócuo para qualquer um deles era uma convocação, fato que transformava aquela simples barraca em um refúgio. Varrendo as abas da entrada, ela tirou a capa com uma sensação de alívio. Um par de braseiros deixava a barraca deliciosamente quente depois do lado de fora, e eles soltavam muito pouca fumaça. Um toque de aroma doce permanecia das ervas secas que haviam sido espalhadas nas brasas incandescentes.

"Do jeito que essas garotas tolas se comportam, você pensaria que eu..." ela começou em um rosnado, e cortou abruptamente.

Ela não ficou surpresa ao ver Siuan de pé ao lado da escrivainha em lã azul lisa, finamente cortada, mas simples, uma pasta larga de couro trabalhado presa ao peito. A maioria das irmãs ainda parecia acreditar, como Delana, que ela estava reduzida a instruir Egwene no protocolo e fazer recados, de má vontade em ambos os casos, mas ela estava sempre lá bem brilhante e cedo, o que parecia ter passado despercebido até agora. Siuan *tinha* sido uma Amyrlin que mastigava ferro, embora ninguém que já não soubesse acreditasse. As noviças apontavam com tanta frequência quanto Leane, mas com um ar de dúvida de que ela realmente era quem as irmãs diziam. Bonita, se não linda, com uma boca delicada e cabelos escuros e brilhantes até os ombros, Siuan parecia ainda mais jovem que Leane, apenas alguns anos mais velha que Egwene. Ela poderia ter sido tomada por uma das Aceitas sem o xale de franjas azuis nos braços. Era por isso que ela nunca ficava sem o xale, para evitar erros embaraçosos. Seus olhos não haviam mudado mais do que seu espírito, no entanto, e

eram azuis perfurantes e gélidos voltados para a mulher cuja presença era uma surpresa.

Halima certamente era bem-vinda, mas Egwene não esperava vê-la esticada nas almofadas coloridas que estavam empilhadas ao lado da barraca, com a cabeça apoiada em uma das mãos. Enquanto Siuan era bonita, o tipo de jovem — aparentemente jovem, pelo menos — que fazia homens e mulheres sorrirem para ela, Halima era deslumbrante, com grandes olhos verdes em um rosto perfeito e um peito cheio e firme, o tipo que fazia os homens engolir e outras mulheres franzir a testa. Não que Egwene franzisse a testa, ou acreditasse nas histórias contadas por mulheres com ciúmes da forma como Halima atraía os homens apenas por existir. Ela não podia evitar a aparência, afinal. Mas mesmo que sua posição como secretária de Delana fosse claramente uma questão de caridade da irmã Cinza — uma camponesa mal instruída, Halima formava suas cartas com a estranheza de uma criança pequena — Delana geralmente a mantinha ocupada o dia todo com algum tipo de trabalho inventado. Ela raramente aparecia antes da hora de dormir, e quase sempre era porque tinha ouvido que Egwene tinha uma de suas dores de cabeça. Nisao não podia fazer nada com aquelas dores de cabeça, mesmo usando a nova Cura, mas as massagens de Halima faziam maravilhas mesmo quando a dor fazia Egwene choramingar.

“Eu disse a ela que você não teria tempo para visitas esta manhã, Mãe,” Siuan disse bruscamente, ainda olhando para a mulher nas almofadas enquanto pegava a capa de Egwene com a mão livre, “mas eu poderia muito bem ter brincado de cama de gato comigo mesma quando abri minha boca.” Pendurando a capa no suporte rústico, ela bufou com desprezo. “Talvez se eu usasse calções e tivesse bigode, ela prestasse atenção.” Siuan parecia acreditar em cada um dos rumores sobre as supostas depredações de Halima entre os mais bonitos artesãos e soldados.

Estranhamente, Halima parecia se divertir com sua reputação. Ela podia até gostar. Ela riu, um som baixo e gutural, e se esticou nas almofadas como um gato. Tinha um gosto infeliz por corpetes

decotados, incríveis com este tempo, e quase saía de sua seda verde azulada. A seda dificilmente era o traje usual para uma secretária, mas a caridade de Delana era profunda, ou sua dívida com Halima.

“Você parecia preocupada esta manhã, Mãe,” a mulher de olhos verdes murmurou, “e você saiu tão cedo para o seu passeio, tentando não me acordar. Achei que gostaria de conversar. Você não teria tantas dores de cabeça se falasse mais sobre suas preocupações. Pelo menos você sabe que pode falar comigo.” Olhando para Siuan, que estava olhando para baixo de seu nariz com desdém, Halima deu outra risada esfumada. “E você sabe que não quero nada de você, ao contrário de algumas.” Siuan bufou de novo, e deliberadamente se ocupou em colocar a pasta na escrivaninha entre o tinteiro de pedra e o jarro de areia. Ela até brincou com o descanso de caneta.

Com esforço, Egwene conseguiu não suspirar. Por pouco. Halima não pediu nada além de um catre na barraca de Egwene, para que ela pudesse estar à disposição quando uma das dores de cabeça de Egwene surgisse, e dormir lá devia ser difícil para ela cumprir seus deveres para Delana. Além disso, Egwene gostava de sua maneira franca e terrena. Era muito fácil falar com Halima e esquecer por um tempo que era o Trono de Amyrlin, um relaxamento que ela não poderia ter nem com Siuan. Havia lutado muito para ser reconhecida como Aes Sedai e Amyrlin, e seu controle sobre esse reconhecimento era muito tênue. Cada deslize de Amyrlin tornaria o próximo deslize mais fácil, e o próximo, e o próximo depois desse, até que ela voltasse a ser considerada uma criança brincando. Isso fazia de Halima um luxo a ser valorizado, independentemente do que seus dedos podiam fazer com as dores de cabeça de Egwene. Para seu aborrecimento, porém, todas as outras mulheres no acampamento pareciam compartilhar a visão de Siuan, com a possível exceção de Delana. A Cinza parecia pudica demais para usar uma saia leve, não importando a caridade que achava que devia. De qualquer forma, se a mulher perseguia os homens, ou até mesmo os fazia tropeçar, não importava agora.

“Receio que eu tenha trabalho, Halima”, disse ela, tirando as luvas. Uma montanha de trabalho, na maioria dos dias. Ainda não havia

nenhum sinal dos relatórios de Sheriam na mesa, é claro, mas ela os enviaria em breve, junto com algumas petições que achava que mereciam a atenção de Egwene. Apenas algumas; dez ou doze apelações para reparação de queixas, com Egwene esperando para passar o julgamento da Amyrlin sobre cada uma. Não poderia fazer aquilo sem estudo e perguntas e entregar uma decisão justa. "Talvez você possa jantar comigo." Se ela terminasse a tempo de fazer mais do que comer em sua mesa ali mesmo em seu escritório. Já estava chegando perto do meio-dia. "Podemos conversar então."

Halima sentou-se abruptamente, os olhos brilhando e os lábios carnudos comprimidos, mas sua carranca desapareceu tão rapidamente quanto havia surgido. Um ardor permaneceu em seus olhos, no entanto. Se ela fosse uma gata, teria as costas arqueadas e o rabo como uma escova de garrafa. Levantando-se graciosamente sobre os tapetes em camadas, ela alisou o vestido sobre os quadris. "Muito bem, então. Se você tem certeza de que não quer que eu fique."

Com um ritmo notável, um latejar surdo começou atrás dos olhos de Egwene, um precursor muito familiar de uma dor de cabeça ofuscante, mas ela balançou a cabeça de qualquer maneira e repetiu que tinha trabalho a fazer. Halima hesitou por mais um momento, sua boca se apertando mais uma vez, as mãos em punhos em suas saias, então pegou sua capa de seda forrada de pele do cabide e saiu da barraca sem se incomodar em puxar a roupa sobre os ombros. Ela poderia se machucar andando assim no frio.

"Esse temperamento de dona de peixaria a colocará em problemas mais cedo ou mais tarde," Siuan murmurou antes que as abas de entrada parassem de balançar. Fazendo uma careta para Halima, ela puxou o xale para cima dos ombros. "A mulher se segura perto de você, mas ela não se importa em me dar o lado áspero da língua. A mim ou a qualquer outra pessoa. Ela foi ouvida gritando com Delana. Quem já ouviu falar de uma secretária gritando com sua patroa e uma irmã? Uma Votante! Não entendo por que Delana a tolera."

"Isso é problema de Delana, com certeza." Questionar as ações de outra irmã era tão proibido quanto interferir nelas. Apenas pelo

costume, não pela lei, mas alguns costumes eram tão fortes quanto a lei. Certamente ela não precisava lembrar isso a Siuan.

Esfregando as têmporas, Egwene sentou-se cuidadosamente na cadeira atrás de sua escrivaninha, mas a cadeira balançou de qualquer maneira. Projetada para dobrar para armazenamento em uma carroça, as pernas tinham o hábito de dobrar quando não deveriam, e nenhum dos carpinteiros conseguiu consertá-las após repetidas tentativas. A mesa também dobrou, mas ficou mais firme. Ela desejou ter aproveitado a oportunidade para adquirir uma nova cadeira em Murandy, mas havia tantas coisas que precisavam ser compradas e não havia dinheiro suficiente para gastar quando ela já tinha uma cadeira. Pelo menos ela havia adquirido um par de abajures e um abajur de mesa, todos os três simples de ferro pintado de vermelho, mas com bons espelhos sem bolhas. Boa luz não parecia ajudar suas dores de cabeça, mas era melhor do que tentar ler com algumas velas de sebo e uma lanterna.

Se Siuan ouviu alguma repreensão, isso não a desacelerou. “É mais do que apenas um temperamento. Uma ou duas vezes, pensei que ela estava prestes a tentar me bater. Suponho que ela tenha juízo suficiente para evitar isso, mas nem todo mundo é Aes Sedai. Estou convencida de que ela conseguiu quebrar o braço de um carpinteiro de alguma forma. Ele diz que caiu, mas parecia estar mentindo para mim, com os olhos mudando e a boca se contorcendo. Ele não gostaria de admitir que uma mulher dobrou seu cotovelo para trás, não é?”

“Desista, Siuan,” Egwene disse cansada. “O homem provavelmente tentou tomar liberdades.” Ele devia ter tentado. Ela não conseguia ver como Halima poderia ter quebrado o braço de um homem em qualquer caso. Seja como fosse que se descrevesse a mulher, musculosa não entrava na descrição.

Em vez de abrir a pasta em relevo que Siuan havia colocado na mesa, ela descansou as mãos em cada lado dela. Isso as mantinha longe de sua cabeça. Talvez se ela ignorasse a dor, ela iria embora desta vez. Além disso, para variar, ela tinha informações para

compartilhar com Siuan. “Parece que algumas dos Votantes estão falando em negociar com Elaida”, ela começou.

Inexpressiva, Siuan se equilibrou em cima de um dos dois banquinhos de três pernas na frente da mesa e escutou atentamente, apenas seus dedos se movendo, acariciando levemente suas saias, até que Egwene terminou. Então ela cerrou os punhos e rosnou uma série de maldições que eram pungentes até mesmo para ela, começando com o desejo de que muitas delas morressem engasgadas com tripas de peixe de uma semana e deslizassem morro abaixo rapidamente depois disso. Vindo daquele rosto jovem e bonito só tornava as palavras piores.

“Eu suponho que você está certa em deixar isso ir para a frente”, ela murmurou uma vez que sua invectiva acabou. “A conversa vai se espalhar, agora que começou e, assim, você ganha uma vantagem. Beonin não deveria me surpreender, suponho. Beonin é ambiciosa, mas sempre pensei que teria ido correndo de volta para Elaida se Sheriam e as outras não tivessem endurecido sua espinha dorsal.” Com a voz acelerada, Siuan fixou os olhos em Egwene como se quisesse dar peso às suas palavras. “Queria que Varilin e aquele grupo me surpreendesse, Mãe. Descontando a Azul, seis Votantes de cinco Ajahs fugiram da Torre depois que Elaida deu seu golpe,” sua boca se torceu levemente na palavra, “e aqui temos uma de cada uma dessas cinco. Eu estava em *Tel'aran'rhiod* ontem à noite, na Torre...

“Espero que você tenha sido cuidadosa,” Egwene disse bruscamente. Siuan mal parecia saber o significado de cuidado às vezes. Os poucos *ter'angreal* dos sonhos em sua posse tinham filas de irmãs ofegantes para usá-los, principalmente para visitar a Torre, e embora Siuan não fosse precisamente proibida, estava perto disso. Ela poderia ter colocado seu nome sempre sem que o Salão lhe concedesse uma única noite. Além das irmãs que culpavam Siuan pela quebra da Torre em primeiro lugar — ela não foi aceita de volta tão calorosamente quanto Leane, por causa disso, nem mimada por ninguém — além disso, muitas se lembravam de seus ensinamentos ásperos, quando ela era uma das poucas que sabiam usar o

*ter'angreal* dos sonhos. Siuan não aceitava tolas de bom grado, e todas eram tolas nas primeiras vezes em *Tel'aran'rhiod*, então agora ela tinha que pegar emprestado a vez de Leane quando queria visitar o Mundo dos Sonhos, e se outra irmã a visse lá, 'estar perto disso' podia se tornar uma proibição total. Ou pior, iniciar uma busca por quem lhe emprestou um *ter'angreal*, o que podia acabar desmascarando Leane.

“Em *Tel'aran'rhiod*,” Siuan disse com um gesto de desprezo, “sou uma mulher diferente em um vestido diferente toda vez que viro uma esquina.” Foi bom ouvir isso, embora parecesse provável que a falta de controle tivesse tanto a ver com isso quanto com a intenção. A crença de Siuan em suas próprias habilidades às vezes era maior do que o justificado. “A questão é que ontem à noite eu vi uma lista parcial de Votantes e consegui ler a maioria dos nomes antes de mudar para uma lista de vinhos.” Isso era uma ocorrência comum em *Tel'aran'rhiod*, onde nada permanecia o mesmo por muito tempo, a menos que fosse um reflexo de algo permanente no mundo desperto. “Andaya Forae foi elevada para a Cinza, Rina Hafden para a Verde e Juilaine Madome para a Marrom. Nenhuma usa o xale há mais de setenta anos, no máximo. Elaida tem o mesmo problema que nós, Mãe.”

“Entendo,” Egwene disse lentamente. Ela percebeu que estava massageando o lado de sua cabeça. A pulsação atrás de seus olhos continuava. Ficaria mais forte. Sempre ficava. Ao cair da noite, ela iria se arrepender de ter mandado Halima embora. Abaixando a mão com firmeza, ela moveu a pasta de couro na frente de si meia polegada para a esquerda, então a deslizou de volta. “E o resto? Elas tinham seis Votantes para substituir.”

“Ferane Neheran foi elevada para a Branca,” Siuan admitiu, “e Suana Dragand para a Amarela. Ambas já estiveram no Salão antes. Era apenas uma lista parcial, e eu não consegui ler tudo.” Suas costas se endireitaram, e seu queixo saltou teimosamente. “Uma ou duas elevadas antes do tempo seria bastante incomum — acontece, mas não com frequência —, mas isso completa onze — talvez doze, mas onze com certeza — entre nós e a Torre. Não acredito em

coincidências tão grandes. Quando os peixeiros estão todos comprando pelo mesmo preço, você pode apostar que eles estavam todos bebendo na mesma estalagem ontem à noite.”

“Você não precisa mais me convencer, Siuan.” Com um suspiro, Egwene recostou-se, pegando automaticamente a perna da cadeira que sempre tentava dobrar quando ela fazia isso. Claramente, algo estranho estava acontecendo, mas o que isso significava? E quem poderia influenciar a escolha das Votantes em cada Ajah? Cada Ajah, exceto a Azul, pelo menos; elas haviam escolhido uma nova Votante, mas Moria era Aes Sedai há mais de cem anos. E talvez a Vermelha não tenha sido afetada; ninguém sabia que mudanças haviam sido feitas nas Votantes Vermelhas. As Negras podiam estar por trás disso, mas o que elas poderiam ganhar, a menos que todas aqueles Votantes muito jovens fossem Negras? De qualquer forma, isso parecia impossível; se a Ajah Negra tivesse tanta influência, o Salão já teria sido composto totalmente por Amigas das Trevas há muito tempo. No entanto, se houvesse um padrão e a coincidência não se sustentasse, então alguém tinha que estar no centro disso. Só de pensar nas possibilidades, nas impossibilidades, a dor surda atrás de seus olhos ficava um pouco mais aguda.

“Se isso for um acaso, Siuan, você vai se arrepender de ter pensado que viu um quebra-cabeça.” Ela forçou um sorriso dizendo isso, para tirar qualquer ferroadinha. Uma Amyrlin tinha que ser cuidadosa com suas palavras. “Agora que você me convenceu de que há um quebra-cabeça, quero que você o resolva. Quem são as responsáveis e o que elas querem? Até que saibamos disso, não sabemos nada.”

“Isso é tudo que você quer?” Siuan disse secamente. “Antes do jantar, ou depois?”

“Depois vai ter que servir, eu suponho,” Egwene retrucou, então respirou fundo ao ver o olhar envergonhado no rosto da outra mulher. Não fazia sentido desmentar sua dor de cabeça em Siuan. As palavras de uma Amyrlin tinham poder e, às vezes, consequências; ela tinha que se lembrar disso. “Assim que puder seria muito bom, no entanto,”



ela disse em uma voz mais suave. "Eu sei que você vai ser o mais rápida que puder."

Desgostosa ou não, Siuan parecia entender que a explosão de Egwene vinha de mais do que seu próprio sarcasmo. Apesar de sua aparência jovem, ela tinha anos de prática na leitura de rostos. "Devo encontrar Halima?" ela disse, meio levantando. A falta de acidez ligada ao nome da mulher era uma medida de sua preocupação. "Não vai demorar um minuto."

"Se eu ceder a cada dor, nunca vou fazer nada", disse Egwene, abrindo a pasta. "Agora, o que você tem para mim hoje?" Ela manteve as mãos nos papéis, no entanto, para parar de esfregar a cabeça.

Uma das tarefas de Siuan todas as manhãs era buscar o que as Ajahs estavam dispostas a compartilhar de suas redes de olhos e ouvidos, junto com quaisquer irmãos individuais que haviam passado para suas Ajahs e as Ajahs decidiam passar para Egwene. Era um processo estranho de peneirar, mas ainda dava uma imagem justa do mundo quando adicionado ao que Siuan colocava. Ela conseguira manter os agentes que haviam sido dela como Amyrlin pelo simples expediente de se recusar a contar a alguém quem eles eram apesar de todos os esforços do Salão, e no final, ninguém poderia negar que aqueles olhos e ouvidos eram da Amyrlin, e que eles deveriam por direito se reportar a Egwene. Ah, não havia sentido de resmungar sobre isso, e ainda era de vez em quando, mas ninguém podia negar os fatos.

Como de costume, o primeiro relatório não veio nem das Ajahs nem de Siuan, mas de Leane, escrito em folhas finas de papel com uma caligrafia elegante e fluida. Egwene não conseguia ver exatamente por quê, mas nunca se poderia duvidar de que qualquer coisa que Leane escrevesse foi escrita por uma mulher. Aquelas páginas Egwene segurou na chama do abajur uma a uma assim que as leu, deixando o papel queimar quase até os dedos, depois amassando as cinzas. Dificilmente ela e Leane se comportariam como quase estranhas em público e permitiriam que um de seus relatórios caísse em mãos erradas.

Pouquíssimas irmãs sabiam que Leane tinha olhos e ouvidos dentro da própria Tar Valon. Ela podia ser a única irmã que tinha. Era uma falha humana observar atentamente o que estava acontecendo na rua enquanto ignorava o que estava bem aos seus pés, e a Luz sabia que Aes Sedai tinham tantas falhas humanas quanto qualquer outra pessoa. Infelizmente, Leane tinha poucas novidades para comunicar.

Seu povo na cidade reclamava das ruas sujas que eram cada vez mais perigosas após o anoitecer e pouco mais seguras à luz do dia. Antigamente, o crime era praticamente desconhecido em Tar Valon, mas agora os Guardas da Torre haviam abandonado as ruas para patrulhar os portos e as torres das pontes. Exceto pela cobrança das taxas alfandegárias e compra de mantimentos, ambas feitas por meio de intermediários, a Torre Branca parecia ter se isolado completamente da cidade. As grandes portas que permitiam a entrada do público na Torre permaneciam fechadas e trancadas, e ninguém tinha visto uma irmã do lado de fora da Torre para conhecê-la como Aes Sedai desde o início do cerco, senão antes. Tudo confirmação do que Leane havia relatado antes. A última página fez as sobancelhas de Egwene se erguerem, no entanto. Rumores nas ruas diziam que Gareth Bryne havia encontrado um caminho secreto para a cidade e apareceria dentro das muralhas com todo o seu exército a qualquer dia.

“Leane teria dito se alguém tivesse respirado uma palavra que soasse como se fossem portais,” Siuan disse rapidamente quando viu a expressão de Egwene. Ela já havia lido todos esses relatórios, é claro, e sabia o que Egwene estava vendo pela página que segurava. Movendo-se no banco instável, Siuan quase caiu no tapete, porque estava prestando tão pouca atenção. Isso não a retardou nem um fio de cabelo, no entanto. “E você pode ter certeza que Gareth não deixou nada escapar,” ela continuou enquanto ainda se endireitava. “Não que algum de seus soldados seja tolo o suficiente para desertar para a cidade agora, mas ele sabe quando manter a boca fechada. Ele só tem a reputação de atacar onde não pode estar. Ele fez o

impossível com tanta frequência que as pessoas esperam que ele faça. Isso é tudo."

Escondendo um sorriso, Egwene segurou o papel que mencionava Lord Gareth para a chama e observou-o enrolar e escurecer. Alguns meses atrás, Siuan teria feito um comentário ácido sobre o homem em vez de elogios. Ele teria sido "Gareth maldito Bryne", não Gareth. Ela não podia deixar de lavar suas roupas e engraxar suas botas, mas Egwene a vira olhando para ele nas raras ocasiões em que ele vinha ao acampamento das Aes Sedai. Encarando, e então fugindo se ele sequer olhasse para ela. Siuan! Fugindo! Siuan era Aes Sedai há mais de vinte anos e Amyrlin há dez, mas ela não tinha mais ideia de como lidar com o amor do que um pato com tosquia de ovelhas.

Egwene esmigalhou as cinzas e espanou as mãos, seu sorriso desaparecendo. Ela não tinha espaço para falar sobre Siuan. Ela também estava apaixonada, mas nem sabia onde Gawyn estava no mundo, ou o que fazer se descobrisse. Ele tinha seu dever para com Andor, e ela para com a Torre. E a única maneira de superar esse abismo, vinculando-o, podia levar à sua morte. Era melhor deixá-lo ir, esquecê-lo completamente. O que era tão fácil quanto esquecer o próprio nome. E ela o vincularia. Aabia disso. Claro, não poderia vincular o homem sem saber onde ele estava, sem ter as mãos sobre ele, então tudo se completaria. Os homens eram... um incômodo!

Fazendo uma pausa para pressionar os dedos contra as têmporas — o que não fez nada para diminuir a dor pulsante — ela tirou Gawyn de sua mente. O máximo que pôde. Achava que tinha um gostinho de como era ter um Guardiã; sempre havia algo de Gawyn na parte de trás de sua cabeça. E suscetível de abrir caminho em sua consciência no momento mais inconveniente. Concentrando-se no assunto em mãos, ela pegou a próxima folha.

Grande parte do mundo havia desaparecido, no que dizia respeito aos olhos e ouvidos. Poucas notícias vinham das terras ocupadas pelos Seanchan, e isso se dividia entre descrições fantasiosas de bestas Seanchan entregues como prova de que estavam usando Crias das Trevas, histórias horríveis de mulheres sendo testadas para ver se deveriam ser colocadas como *damane* e histórias deprimentes

de... aceitação. Os Seanchan, ao que parecia, não eram piores governantes do que quaisquer outros e melhores do que alguns — contanto que você não fosse uma mulher que pudesse canalizar — e muitas pessoas pareciam ter desistido de pensar em resistência quando ficou claro que os Seanchan iriam permitir que eles continuem com suas vidas. Arad Doman era quase tão ruim, produzindo nada além de rumores, admitidos como tais pelas irmãs que escreveram os relatórios, mas incluídos apenas para mostrar o estado em que o país estava. O rei Alsalam estava morto. Não, ele havia começado a canalizar e enlouquecido. Rodel Ituralde, o Grande Capitão, também estava morto, ou havia usurpado o trono, ou estava invadindo Saldeia. O Conselho de Mercadores também estava morto, ou havia fugido do país, ou começado uma guerra civil sobre quem seria o próximo rei. Qualquer um desses boatos poderia ser verdade. Ou nenhum. As Ajahs estavam acostumadas a ver tudo, mas agora um terço do mundo estava envolto em uma névoa densa, com apenas pequenas lacunas. Pelo menos, se houvesse alguma visão mais clara, nenhuma Ajah se dignou a transmitir o que viu lá.

Outro problema era que as Ajahs viam coisas diferentes como de suma importância e ignoravam em grande parte qualquer outra coisa. As Verdes, por exemplo, estavam particularmente preocupados com as histórias dos exércitos da Fronteira perto de Nova Braem, a centenas de léguas da Praga que deveriam estar guardando. O relato delas falava dos Fronteiriços e só dos Fronteiriços, como se algo tivesse que ser feito e feito agora. Não que elas sugerissem alguma coisa, ou mesmo insinuassem, mas as frustrações surgiam na caligrafia apertada e apressada que se espalhava urgentemente pela página.

Egwene sabia a verdade sobre aquela situação de Elayne, mas estava satisfeita em deixar as Verdes rangerem os dentes por um momento, já que Siuan havia revelado por que elas não estavam correndo para resolver as coisas. Segundo seu agente em Nova Braem, os Fronteiriços estavam acompanhados de cinquenta ou cem irmãs, talvez duzentas. O número de Aes Sedai podia ser incerto, e devia ser exageradamente inflado, é claro, mas sua presença era um

fato que as Verdes tinham que estar cientes, embora os relatórios que enviaram a Egwene nunca as mencionassem. Nenhuma Ajah havia mencionado essas irmãs em seus relatórios. No final, porém, havia pouca diferença entre duzentas irmãs e duas. Ninguém podia ter certeza de quem eram aquelas irmãs ou por que estavam ali, mas meter o nariz certamente seria visto como uma interferência. Parecia estranho que elas pudessem estar envolvidas em uma guerra entre Aes Sedai e ainda serem impedidas de interferir com outra irmã por costume, mas felizmente, era assim.

“Pelo menos elas não sugerem enviar ninguém para Caemlyn.” Egwene piscou, a dor atrás de seus olhos se aguçou ao seguir as letras apertadas.

Siuan deu uma bufada irônica. “Por que deveriam? Até onde elas sabem, Elayne está deixando Merilille e Vandene guiá-la, então elas têm certeza de que vão conseguir sua rainha Aes Sedai, e uma Verde ainda. Além disso, enquanto os Asha'man ficarem fora de Caemlyn, ninguém quer correr o risco de instigá-los. Do jeito que as coisas estão, podemos tentar tirar geleias de vespa da água com nossas próprias mãos, e até as Verdes sabem disso. De qualquer forma, isso não vai impedir alguma irmã, Verde ou não, de cair em Caemlyn. Apenas uma visita tranquila para ver um de seus olhos e ouvidos. Ou mandar fazer um vestido, ou comprar uma sela, ou a Luz sabe para quê.”

“Até as Verdes?” Egwene disse sarcasticamente. Todas pensavam que as Marrons eram isso e as Brancas aquilo, mesmo quando comprovadamente não era assim, mas às vezes ela se irritava um pouco ao ouvir as Verdes agrupadas como se fossem a mesma mulher. Talvez ela pensasse em si mesma como uma Verde, ou como tendo sido uma, o que era bobagem. A Amyrlin era de todas as Ajahs e nenhuma — ela ajeitou a estola nos ombros, lembrando-se do fato representado por aquelas sete listras — e ela nunca tinha pertencido a uma em primeiro lugar. No entanto, ela sentia um... não carinho; isso era muito forte — uma sensação de mesmice entre ela e as irmãs Verdes. “Quantas irmãs estão desaparecidas, Siuan? Mesmo

as mais fracas podem Viajar para onde quiserem, vinculadas, e eu gostaria de saber para onde elas foram.”

Por um momento, Siuan franziu a testa em pensamento. “Cerca de vinte, eu acho,” ela disse finalmente. “Talvez um pouco menos. O número muda dia a dia. Ninguém acompanha, na verdade. Nenhuma irmã ficaria parada por isso.” Ela se inclinou para frente, equilibrando-se cuidadosamente desta vez quando as pernas irregulares fizeram seu banco balançar. “Você fez malabarismos com as coisas lindamente, até agora, Mãe, mas não pode durar. Eventualmente, o Salão descobrirá tudo o que está acontecendo em Caemlyn. Elas podem aceitar manter as prisioneiras dos Seanchan em segredo — isso será visto como negócio de Vandene, ou Merilille —, mas elas já sabem que há mulheres do Povo do Mar em Caemlyn, e elas descobrirão sobre o acordo com elas mais cedo ou mais tarde. E as Kin, se não seus planos para elas.” Siuan bufou novamente, embora fracamente. Ela não tinha certeza de como ela mesma se sentia sobre a ideia de Aes Sedai se aposentando como Kin, muito menos como outras irmãs aceitariam a ideia. “Meus olhos e ouvidos ainda não captaram um vislumbre disso, mas os de alguém vão, com certeza. Você não pode demorar muito mais, ou vamos nos encontrar atravessando um cardume de lúcios prateados.”

“Um dia desses,” Egwene murmurou, “eu vou ter que ver esses lúcios prateados de que você está sempre falando.” Ela ergueu a mão enquanto a outra mulher abria a boca. “Um dia. O acordo com o Povo do Mar causará problemas”, confessou ela, “mas quando as Ajahs ouvirem dicas, não perceberão imediatamente o que estão ouvindo. Irmãs ensinando o Povo do Mar em Caemlyn? É inédito, mas quem vai fazer perguntas ou interferir, contra todos os costumes? Tenho certeza de que haverá todo tipo de resmungo, talvez algumas perguntas feitas no Salão, mas antes de vazar que há uma barganha, terei apresentado meu plano para as Kin.”

“Você acha que isso não vai afiar os dentes delas?” Mudando o xale, Siuan mal se preocupou em esconder sua incredulidade. Na verdade, ela fez uma careta com isso.

“Isso vai causar discussão,” Egwene admitiu judiciosamente. Um eufemismo considerável. Causaria um alvoroço era o que faria, uma vez que o todo fosse revelado. Provavelmente o mais próximo de um motim já visto entre as Aes Sedai. Mas a Torre vinha diminuindo há mil anos, se não mais, e ela planejava acabar com isso. “Mas pretendo ir devagar. As Aes Sedai podem estar relutantes em falar sobre idade, Siuan, mas logo perceberão que jurar no Bastão dos Juramentos encurta nossas vidas pela metade, pelo menos. Ninguém *quer* morrer antes da hora.”

“Se elas estão convencidas de que realmente existe uma Mulher Kin com seiscentos anos de idade,” Siuan disse em tom relutante, e Egwene suspirou com irritação. Essa era outra coisa sobre a qual a outra mulher estava incerta, as alegações de longevidade das Kin. Ela valorizava o conselho de Siuan, valorizava que ela não dissesse apenas o que Egwene queria ouvir, mas às vezes a mulher parecia arrastar os calcanhares com tanta força quanto Romanda ou Lelaine.

“Se for preciso, Siuan,” ela disse irritada, “vou deixar as irmãs falarem com algumas mulheres com cem anos ou mais do que isso a mais do que qualquer uma delas. Elas podem tentar descartá-las como Bravias e mentirosas, mas Reanne Corly pode provar que estava na Torre e quando. As outras também podem. Com sorte, vou convencer as irmãs a aceitarem ser libertadas dos Três Juramentos para que possam se aposentar como Kin antes que saibam que há uma barganha com os Atha’an Miere. E uma vez que elas aceitem que qualquer irmã seja libertada dos Juramentos, não será tão difícil convencê-las a deixar as irmãs do Povo do Mar irem. Além disso, o resto desse acordo são pequenos nabos. Como você costuma dizer, habilidade e mão hábil são necessárias para fazer qualquer coisa no Salão, mas a sorte é absolutamente necessária. Bem, serei tão habilidoso e hábil quanto puder, e quanto à sorte, as probabilidades parecem estar a meu favor pela primeira vez.”

Siuan fez uma careta e hesitou, mas teve que concordar no final. Ela até concordou que Egwene poderia conseguir, com sorte e tempo. Não que ela estivesse convencida sobre as Kin ou o acordo com os Atha'an Miere, mas o que Egwene propunha era tão sem precedentes

que parecia que a maior parte poderia passar pelo Salão antes que elas percebessem o que estava acontecendo com elas. Egwene estava disposta a se contentar com isso. O que quer que fosse colocado diante do Salão, quase sempre as Votantes se opunham a ponto de dificultar a busca de um consenso na melhor das hipóteses, e nada se fazia no Salão sem ao menos o menor consenso e geralmente não sem o maior. Parecia-lhe que a maioria das negociações com o Salão consistia em convencê-las a fazer o que não queriam. Certamente não havia razão para que isso fosse diferente.

Enquanto as Verdes concentravam-se nos Fronteiriços, as Cinzas concentravam-se atualmente no sul. Todas as Ajah ficaram fascinadas com os relatos de Illian e Tear sobre um grande número de Bravias entre o Povo do Mar, que elas acharam interessantes, se verdadeiros, embora parecessem ter fortes dúvidas de que pudesse ser verdade, ou então as irmãs teriam descoberto aquilo antes. Afinal, como uma coisa dessas poderia ser escondida? Ninguém mencionava que elas só aceitavam o que viam na superfície e nunca olhavam mais fundo. As Cinzas, no entanto, ficaram fascinados com a ameaça contínua de Seanchan a Illian e o cerco recentemente iniciado da Pedra de Tear. Guerras e ameaças de guerra sempre hipnotizavam as Cinzas, já que elas se dedicavam a acabar com os conflitos. E a estender sua influência, é claro; toda vez que as Cinzas paravam uma guerra com um tratado, aumentavam a influência de todas as Aes Sedai, mas principalmente das Cinzas. Os Seanchan pareciam além da negociação, no entanto, pelo menos para Aes Sedai, e a sensação indignada das Cinzas de serem frustradas vinha em palavras curtas sobre as incursões de Seanchan através da fronteira e as forças crescentes reunidas por Lord Gregorin, o Administrador em Illian para o Dragão Renascido, um título que já preocupava por si só. Tear tinha seu próprio Administrador para o Dragão Renascido, o Grão-Senhor Darlin Sisnera, e foi sitiado na Pedra por nobres que se recusaram a aceitar Rand. Era um cerco muito estranho. A Pedra tinha suas próprias docas e os inimigos de Darlin não podiam cortar os suprimentos, mesmo segurando o resto



da cidade como faziam, e pareciam satisfeitos em sentar e esperar de qualquer maneira. Ou talvez eles simplesmente não pudessem ver o que fazer a seguir. Apenas os Aiel haviam tomado a Pedra de assalto, e ninguém jamais a havia deixado passar fome. As Cinzas tinham algumas esperanças em Tear.

A cabeça de Egwene se ergueu enquanto ela lia até o final da página, e ela rapidamente largou a página e pegou a próxima. As cinzas tinham algumas esperanças. Aparentemente, uma irmã Cinza foi reconhecida saindo da Pedra, e seguiu para uma reunião com o Grão-Senhor Tedosian e a Grã-Senhora Estanda, dois das mais proeminentes entre os sitiadores. "Merana", ela respirou. "Dizem que foi Merana Ambrey, Siuan." Inconscientemente, ela massageou sua têmpora. A dor atrás de seus olhos tinha aumentado um pouco mais.

"Ela pode fazer algum bem." Levantando-se, Siuan atravessou os tapetes até uma mesinha encostada na parede da barraca, onde várias xícaras sem par e duas jarras estavam em uma bandeja. A jarra de prata continha vinho condimentado, o chá na de cerâmica de vidro azul, ambas colocados lá na primeira luz por causa da chegada da Amyrlin e ambas haviam esfriado há muito tempo. Ninguém esperava que Egwene fosse cavalgar até o rio. "Contanto que Tedosian e as outras não percebam para quem ela está realmente trabalhando." O xale de Siuan escorregou de um ombro quando ela sentiu o lado do jarro de cerâmica, e a luz de *saidar* a cercou brevemente enquanto ela canalizava Fogo, aquecendo o conteúdo. "Elas não vão confiar nela para negociar de boa-fé se descobrirem que ela é cria do Dragão Renascido." Enchendo uma xícara de estanho polido com chá, ela acrescentou generosas gotas do pote de mel, mexendo bem, e trouxe a xícara de volta para Egwene. "Isso pode ajudar sua cabeça. É algum tipo de mistura de ervas que Chesa encontrou, mas o mel corta o sabor."

Egwene tomou um gole cauteloso e pousou a xícara com um estremecimento. Se tinha um gosto tão forte com mel, ela não queria imaginar sem. A dor de cabeça podia ser melhor. "Como você pode levar isso com tanta calma, Siuan? Merana aparecendo em Tear é a

primeira prova real que tivemos. Tomarei suas Votantes como coincidência antes disso.”

No começo, havia apenas sussurros, das Ajahs ou dos olhos e ouvidos de Siuan. Havia Aes Sedai em Cairhien, e elas pareciam entrar e sair livremente do Palácio do Sol enquanto o Dragão Renascido estava lá. Então os sussurros ficaram roucos e inquietos, hesitantes. Os olhos e ouvidos em Cairhien não queriam dizer isso. Ninguém queria repetir o que seus agentes disseram. Havia Aes Sedai em Cairhien, e pareciam seguir as ordens do Dragão Renascido. Piores foram os nomes que vazaram. Algumas eram mulheres que estiveram em Salidar, entre as primeiras a resistir a Elaida, enquanto outras eram mulheres conhecidas por serem leais a Elaida. Ninguém tinha mencionado Compulsão em voz alta que Egwene soubesse, mas elas deviam estar pensando nisso.

“Não adianta puxar o cabelo quando o vento não está soprando do jeito que você quer,” Siuan respondeu, pegando seu banquinho novamente. Ela começou a cruzar os joelhos, mas rapidamente colocou os dois pés de volta no tapete quando seu banco inclinou. Resmungando baixinho, ela ajustou o xale com um movimento dos ombros. E foi forçada a se equilibrar contra outra guinada. “Você tem que aparar suas velas para aproveitar como o vento *está* soprando. Pense com calma e você voltará à costa. Aqueça seu pescoço e você vai se afogar.” Às vezes, Siuan podia soar como se ainda trabalhasse em um barco de pesca. “Acredito que você precisa de mais de um gole para que isso faça algum bem, mãe.”

Com uma careta, Egwene empurrou a xícara para um pouco mais longe de si. O gosto grudado em sua língua era pelo menos tão ruim quanto sua dor de cabeça. “Siuan, se você encontrar uma maneira de fazer uso disso, gostaria que me dissesse. Eu nem quero pensar em usar o fato de que Rand pode ter irmãs compelidas. Não quero pensar na possibilidade de que ele possa ter.” Nem sobre a possibilidade de ele conhecer uma trama tão repulsiva, ou de poder colocar essa trama em alguém. Ela sabia — outro pequeno presente de Moghedien — e ela desejava muito poder esquecer como fazer.

“Neste caso, não é tanto uma questão de usar, mas de descobrir os efeitos. Ele terá que lidar com isso eventualmente, e talvez aprender uma lição, mas você não quer irmãs voando atrás dele agora, e essas histórias de Cairhien deixam todo mundo cauteloso.” A voz de Siuan estava calma o suficiente, mas ela se mexeu, claramente agitada por dentro. Não era nada de que qualquer Aes Sedai pudesse falar com *muita* calma. “Ao mesmo tempo, quando todas pensarem bem, perceberão que isso faz sentido com aquelas histórias sobre ele se submeter a Elaida. Ela pode ter enviado irmãs para vigiá-lo, mas elas não aceitariam irmãs que quisessem derrubar Elaida. Perceber isso colocará um pouco de juízo naquelas que começaram a pensar que talvez Elaida o tenha na coleira. Essa é menos uma razão para alguém considerar ceder a ela.”

“E Cadsuane?” disse Egwen. De todos os nomes que saíram de Cairhien, aquele foi o que mais chocou as irmãs. Cadsuane Melaidhrin era uma lenda, e havia tantas versões de desaprovação da lenda quanto de aprovação. Algumas irmãs tinham certeza de que devia ser um engano; Cadsuane já deve estar morta. Outras apenas pareciam desejar que ela estivesse morta. “Você tem certeza de que ela permaneceu em Cairhien depois que Rand desapareceu?”

“Eu me certifiquei de que meu povo ficasse de olho nela assim que ouvi seu nome,” Siuan disse, não soando mais calma. “Não sei se é Amiga das Trevas, só desconfio, mas posso garantir que estive no Palácio do Sol uma semana depois de ele ter desaparecido.”

Fechando os olhos com força, Egwene pressionou as palmas das mãos contra as pálpebras. Isso mal pareceu afetar a agulha pulsante em sua cabeça. Talvez Rand estivesse na companhia de uma irmã Negra, ou tivesse estado. Talvez ele tivesse usado Compulsão em Aes Sedai. Era ruim o suficiente usar em qualquer um, mas de alguma forma pior usar em Aes Sedai, mais sinistro. O que era ousado contra a Aes Sedai era dez, cem vezes mais provável de ser usado contra aqueles que não podiam se defender. Eventualmente elas teriam que lidar com ele, de alguma forma. Ela havia crescido com Rand, mas não podia permitir que isso a influenciasse. Ele era o Dragão Renascido, agora, a esperança do mundo e ao mesmo tempo

talvez a maior ameaça que o mundo enfrentava. Podia ser? Os Seanchan não conseguiam fazer tanto dano quanto o Dragão Renascido. E ela ia usar a possibilidade de que ele tivesse irmãs compelidas. O Trono de Amyrlin realmente era uma mulher diferente da filha daquele estalajadeiro.

Fazendo uma careta para a xícara de estanho do chamado chá, ela a pegou e se obrigou a beber a coisa vil, engasgando e cuspidando o tempo todo. Talvez o gosto tirasse sua mente da dor de cabeça, pelo menos.

Quando ela pousou a xícara com um tilintar agudo de metal na madeira, Anaiya se empurrou para dentro da barraca, a boca virada para baixo e uma carranca vincando seu rosto simples.

“Akarrin e as outras voltaram, Mãe”, disse ela. “Moria me disse para informar que ela foi chamada ao Salão para ouvir o relatório delas.”

“Assim como Escaralde e Malind”, anunciou Morvrin, vindo atrás de Anaiya com Myrelle. A Verde parecia uma imagem de fúria serena, se isso fosse possível, seu rosto moreno suave e seus olhos como brasas escuras, mas Morvrin estava carrancuda para fazer Anaiya parecer satisfeita. “Elas estão enviando noviças e Aceitas correndo para encontrar todas as Votantes”, disse a Marrom. “Não pudemos ouvir um sussurro do que Akarrin encontrou, mas acho que Escaralde e as outras pretendem usar isso para estimular o Salão em direção a algo.”

Examinando a borra escura flutuando em algumas gotas no fundo do copo de estanho, Egwene suspirou. Ela teria que estar lá também, e agora teria que enfrentar as Votantes com dor de cabeça e aquele gosto horrível na boca. Talvez pudesse chamar isso de penitência pelo que ia fazer no Salão.



## CAPÍTULO

### 19

---



### Surpresas

Por costume, a Amyrlin foi informada da sessão do Salão, mas nada dizia que elas tinham que esperar por ela antes de iniciar a sessão, o que significava que o tempo poderia ser curto. Egwene queria se levantar de um salto e marchar direto para o grande pavilhão antes que Moria e as outras duas pudessem dizer qualquer que fosse a surpresa que pretendiam. As surpresas no Salão raramente eram boas. Surpresas que você descobria tarde eram piores. Ainda assim, protocolos que eram lei, não costume, tinham que ser seguidos para Amyrlin entrar no Salão, então ela permaneceu onde estava e enviou Siuan para buscar Sheriam para que ela pudesse ser anunciada adequadamente pela Guardiã das Crônicas. Siuan disse a ela que era realmente uma questão de alertar as Votantes de sua presença — sempre havia assuntos que elas poderiam querer discutir sem que Amyrlin soubesse — e ela não souu inteiramente como se estivesse fazendo uma piada.

De qualquer forma, não adiantava ir ao Salão até que ela pudesse entrar. Reprimindo sua impaciência, ela apoiou a cabeça nas mãos e massageou as têmporas enquanto tentava ler um pouco mais dos relatórios das Ajahs. Apesar do vil “chá”, ou talvez por causa disso, sua dor de cabeça fazia as palavras brilharem na página toda vez que ela piscava, e Anaiya e as outras duas não ajudaram.

Assim que Siuan partiu, Anaiya jogou a capa para trás, acomodando-se no banco que Siuan havia desocupado — não parecia balançar embaixo dela, com pernas irregulares ou não — e

começou a especular sobre o que Moria e as outras estavam procurando. Ela não era uma mulher volúvel, então seus empreendimentos eram bastante limitados dadas as circunstâncias. Limitador, mas não menos perturbadores por isso.

“Pessoas assustadas fazem coisas bobas, Mãe, até mesmo Aes Sedai,” ela murmurou, colocando as mãos nos joelhos, “mas pelo menos você pode ter certeza que Moria será firme sobre Elaida, pelo menos a longo prazo. Ela coloca todas as irmãs que morreram depois que Siuan foi deposta sob responsabilidade de Elaida. Moria quer que Elaida seja punida por cada morte antes de ir ao carrasco. Uma mulher dura, mais dura que Lelaine em alguns aspectos. Mais firme, de qualquer maneira. Ela não terá escrúpulos em coisas que podem fazer Lelaine hesitar. Tenho muito medo de que ela pressione por um ataque à cidade o mais rápido possível. Se os Abandonados estão se movendo tão abertamente, em tal escala, então é melhor uma Torre ferida que esteja inteira do que uma Torre dividida. Pelo menos, temo que seja assim que Moria possa ver as coisas. Afinal, por mais que queiramos evitar irmãs matando irmãs, não seria a primeira vez. A Torre durou muito tempo e se curou de muitas feridas. Podemos nos curar desta também.”

A voz de Anaiya combinava com seu rosto, calorosa, paciente e reconfortante, mas ao fazer esses comentários parecia que unhas arranhavam uma ripa. Luz, por mais que Anaiya dissesse que isso era o que ela temia de Moria, ela parecia muito de acordo com os sentimentos. Ela era deliberada, imperturbável e nunca descuidada com as palavras. Se ela era a favor de uma agressão, quantas outras também eram?

Como sempre, Myrelle estava tudo, menos constrangida. Mercurial e ardente a descreviam melhor. Ela não conheceria a paciência se ela a mordesse no nariz. Andava de um lado para o outro, tanto quanto os limites da barraca permitiam, chutando suas saias verde-escuras e às vezes chutando uma das almofadas brilhantes empilhadas contra a parede antes de se virar para fazer outra rodada. “Se Moria está assustada o suficiente para pressionar por um ataque, então ela está com medo. Uma Torre ferida demais para ficar de pé sozinha não

poderá enfrentar os Abandonados ou qualquer outra pessoa. Malind é quem deve preocupar você. Ela está sempre apontando que Tarmon Gai'don pode estar sobre nós a qualquer dia. Eu a ouvi dizer que o que sentimos poderia muito bem ter sido os golpes iniciais da Última Batalha. E que isso pode acontecer aqui a seguir. Onde melhor para a Sombra atacar do que Tar Valon? Malind nunca teve medo de fazer escolhas difíceis ou recuar quando achava necessário. Ela abandonaria Tar Valon e a Torre imediatamente se achasse que isso preservaria pelo menos algumas de nós para Tarmon Gai'don. Ela vai propor levantar o cerco, fugir para algum lugar onde os Abandonados não possam nos encontrar até que estejamos prontas para contra-atacar. Se ela colocar a questão ao Salão da maneira certa, pode até obter o maior consenso de apoio.” O simples pensamento fez as palavras dançarem com mais força na página na frente de Egwene.

Morvrin, seu rosto redondo implacável, simplesmente plantou os punhos nos quadris largos e respondeu a cada sugestão com uma resposta curta. “Ainda não sabemos o suficiente para ter certeza de que foram os Abandonados” e “Você não pode saber até que ela diga”. “Talvez tenha sido, e talvez não” e “Suposição não é evidência”. Era dito que ela não acreditaria que era de manhã até que ela visse o sol por si mesma. Sua voz firme não tolerava tolices, especialmente tirar conclusões precipitadas. Também não era reconfortante para uma cabeça dolorida. Ela não estava se opondo às sugestões, na verdade, apenas mantendo a mente aberta. Uma mente aberta poderia ir para qualquer lado quando chegasse ao ponto de atrito.

Egwene fechou a pasta em relevo dos relatórios com um estalo alto. Entre o gosto repugnante em sua língua e a pulsação aguda em sua cabeça — para não mencionar suas vozes incessantes! — ela não conseguiu manter seu lugar para ler de qualquer maneira. As três irmãs olharam para ela com surpresa. Ela havia deixado claro há muito tempo que estava no comando, mas tentava não mostrar temperamento. Com juramentos de fidelidade ou não, uma jovem demonstrando temperamento era muito fácil de descartar como mal-humorada. O que só a deixou mais irritada, o que fez sua cabeça doer mais, o que...

"Já esperei o suficiente", disse ela, fazendo um esforço para manter a voz suave. Sua cabeça deu uma leve ponta de nitidez de qualquer maneira. Talvez Sheriam pensasse que deveria encontrá-la no Salão.

Recolhendo sua capa, ela caminhou para o frio enquanto ainda a balançava sobre os ombros, e Morvrin e as outras duas hesitaram apenas um momento antes de segui-la.

Acompanhá-la ao Salão podia parecer um pouco como se fossem sua comitiva, mas elas deveriam estar observando-a, e ela suspeitava que até Morvrin estava ansiosa para ouvir o que Akarrin tinha a relatar e o que Moria e o resto pretendiam fazer com isso. .

Nada muito difícil de lidar, Egwene esperava, nada parecido com o que Anaiya e Myrelle pensavam. Se necessário, ela poderia tentar aplicar a Lei da Guerra, mas mesmo que isso fosse bem-sucedido, governar por decreto tinha suas desvantagens. Quando as pessoas tinham que obedecer a você em uma coisa, elas sempre encontravam maneiras de se esquivar das outras, e quanto mais eram forçadas a obedecer, mais lugares encontravam para se esquivar. Era um equilíbrio natural do qual você não podia escapar. Pior, ela tinha aprendido o quão viciante era fazer as pessoas pularem quando ela falava. Passava a considerar isso como o caminho natural das coisas, e então, quando eles falhassem em pular, seria pega com o pé errado. Além disso, com a cabeça latejando — agora estava latejando, não pulsando, embora talvez não tão forte — com a cabeça, ela estava pronta para atacar qualquer uma que a olhasse torto, e mesmo quando as pessoas tinham que engoli-la, isso nunca caía bem.

O sol estava bem no alto, uma bola dourada em um céu azul com uma dispersão de nuvens brancas, mas não dava calor, apenas sombras pálidas e um brilho na neve onde quer que ela permanecesse intacta. O ar estava tão frio quanto perto do rio. Egwene ignorou o frio, recusou-se a deixá-lo tocá-la, mas apenas os mortos poderiam estar inconscientes dele, com a respiração de todos embaçada em branco na frente de seus rostos. Era hora da refeição do meio-dia, mas não havia possibilidade de alimentar tantas noviças de uma só vez, então Egwene e sua escolta ainda se moviam entre



uma onda de mulheres vestidas de branco saltando para fora do caminho e começando a fazer reverências na rua. Ela estabeleceu um ritmo tal que elas geralmente passavam antes que os grupos de noviças pudessem mais do que abrir suas saias.

Não era um longo caminho, com apenas quatro lugares que eles precisavam para atravessar as ruas lamacentas. Falava-se de pontes de madeira, altas o suficiente para passar por baixo, mas pontes sugeriam uma permanência no acampamento que ninguém queria. Mesmo as irmãs que falaram delas nunca pressionaram para construí-las. O que as deixava vagando devagar, e tendo o cuidado de manter suas saias e mantos no alto senão ficariam imundas até os joelhos. Pelo menos as multidões restantes desapareceram quando elas se aproximaram do Salão. Ele permanecia sozinho como sempre, ou quase isso.

Nisao e Carlinya já estavam esperando em frente ao grande pavilhão de lona com suas cortinas laterais remendadas, a pequena Amarela mordendo o lábio inferior com os dentes e olhando ansiosamente para Egwene. Carlinya era a própria calma, olhos frios, mãos cruzadas na cintura. Exceto que ela havia esquecido sua capa, a lama manchava a bainha bordada de pergaminho de sua saia clara, e seu gorro de cachos escuros precisava muito de um pente. Fazendo suas cortesias, a dupla se juntou a Anaiya e as outras duas, um pouco atrás de Egwene. Todas murmuravam baixinho, os fragmentos que Egwene pegou eram inócuos, sobre o tempo, ou quanto tempo elas poderiam ter que esperar. Este não era um lugar para elas parecerem intimamente associadas a ela.

Beonin desceu pelo caminho correndo, sua respiração apressada enevoadada, e parou derrapando, olhando para Egwene antes de se juntar às outras. A tensão em torno de seus olhos azul-acinzentados era ainda mais aparente do que antes. Talvez ela pensasse que isso afetaria suas negociações. Mas ela sabia que as conversas seriam uma farsa, apenas uma manobra para ganhar tempo. Egwene controlou sua respiração e praticou exercícios de iniciante, mas nada disso ajudou sua cabeça. Isso nunca ajudava.

Não havia sinal de Sheriam entre as tendas em qualquer direção, mas elas não estavam exatamente sozinhas na passarela do lado de fora do pavilhão. Akarrin e as outras cinco irmãs que a acompanhavam, uma de cada Ajah, esperavam agrupadas do outro lado da entrada. A maioria ofereceu reverências a Egwene distraidamente, mas manteve distância. Talvez tivessem sido avisadas para não dizer nada a ninguém até falarem perante o Salão. Egwene poderia simplesmente ter exigido o relatório no local, é claro. Elas podiam até ter dado para a Amyrlin. Provavelmente dariam. Por outro lado, as relações da Amyrlin com as Ajahs eram sempre delicadas, muitas vezes incluindo a Ajah de quem ela havia sido elevada. Quase tão delicada quanto as relações com o Salão. Egwene se obrigou a sorrir e abaixar a cabeça graciosamente. Se ela cerrou os dentes por trás daquele sorriso, bem, isso ajudou a manter sua boca fechada.

Nem todas as irmãs pareciam cientes de sua presença. Akarrin, esbelta em lã marrom simples e uma capa com bordados verdes surpreendentemente elaborados, estava olhando para o nada, acenando para si mesma de vez em quando. Aparentemente, ela estava praticando o que diria por dentro. Akarrin não era forte no Poder, pouco mais do que Siuan, se é que era, mas apenas uma outra das seis, Therva, uma mulher esguia com saias de montaria amarela e um manto debruado de amarelo, era tão alta quanto ela. Essa era uma medida angustiante de quão assustadas as irmãs estavam por aquele estranho farol de *saidar*. As mais fortes deveriam ter dado um passo à frente para a tarefa que lhes fora confiada, mas, exceto pela própria Akarrin, faltava zelo notavelmente. Suas companheiras ainda pareciam pouco entusiasmadas. Shana normalmente mantinha uma profunda reserva apesar dos olhos que a faziam parecer constantemente assustada, mas agora eles pareciam prontos para sair de sua cabeça com preocupação. Ela espiou a entrada do Salão, fechada por pesadas abas, e suas mãos mexiam na capa como se não pudesse mantê-las quietas. Reiko, uma forte arafellina Azul, mantinha os olhos baixos, mas os sinos de prata em seu longo cabelo escuro soavam fracamente como se ela estivesse

balançando a cabeça dentro do capuz. Apenas o rosto de nariz comprido de Therva exibía uma expressão de absoluta serenidade, completamente imperturbável e inabalável, mas isso em si era um mau sinal. A irmã Amarela era excitável por natureza. O que elas viram? O que queriam Moria e as outras duas Votantes?

Egwene controlou sua impaciência; o Salão claramente ainda não estava sentado. Estava se aproximando, mas várias Votantes passaram por ela e entraram no grande pavilhão, sem pressa. Salita hesitou como se fosse falar, mas então apenas baixou os joelhos antes de levantar o xale de franjas amarelas sobre os ombros e entrar. Kwamesa olhou por baixo de seu nariz afiado para Egwene enquanto fazia uma reverência, e olhou por baixo de seu nariz enquanto estudava Anaiya e as outras brevemente, mas então, a magra Cinza olhou para todas. Ela não era alta, mas tentava parecer que sim. Berana, com uma máscara de arrogância e grandes olhos castanhos frios como a neve, fez uma pausa para oferecer cortesias frias a Egwene e franziu a testa para Akarrin. Depois de um longo momento, talvez percebendo que Akarrin nem mesmo a viu, ela alisou as saias brancas bordadas de prata, que não precisavam, ajustou o xale ao longo dos braços para que a franja branca ficasse bem pendurada e deslizou pelas abas da entrada como se ela simplesmente estivesse indo naquela direção. Todas as três estavam entre as Votantes que Siuan havia apontado como muito jovens. Assim como Malind e Escaralde. Mas Moria era Aes Sedai havia cento e trinta anos. Luz, Siuan a fazia procurar conspirações em tudo!

Assim que Egwene começou a pensar que sua cabeça explodiria de frustração, se não de dor de cabeça, Sheriam apareceu de repente, levantando a capa e as saias enquanto corria pela lama suja da rua. “Sinto muito, Mãe,” ela disse sem fôlego, canalizando apressadamente para limpar a lama que havia espalhado em si mesma. Ela caiu na passarela em um pó seco quando ela sacudiu as saias. “Eu... ouvi dizer que o Salão estava sentado, e eu sabia que você estaria me procurando, então vim o mais rápido que pude. Sinto muito.” Então Siuan ainda estava procurando por ela.

"Você está aqui agora", disse Egwene com firmeza. A mulher deve ter ficado realmente chateada por oferecer desculpas na frente das outras, Akarrin e suas companheiras mais do que Anaiya e as outras. Mesmo quando as pessoas sabiam melhor, elas tendiam a tomá-la pelo que parecia ser, e a Guardiã não deveria ser vista se desculpando e torcendo as mãos. Certamente ela sabia disso. "Vá em frente e me anuncie."

Respirando fundo, Sheriam empurrou para trás o capuz de sua capa, ajustou sua estreita estola azul e passou pelas abas de entrada. Sua voz soou claramente nas frases rituais. "Ela vem, ela vem..."

Egwene mal esperou que ela terminasse com "... a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin", antes de atravessar o anel de braseiros e lamparinas que cercavam as paredes do pavilhão. As lamparinas davam uma boa luz, e os braseiros, hoje exalando um cheiro de lavanda, aqueciam todo o espaço. Ninguém queria ter que ignorar o frio quando podia sentir um calor real.

A disposição do pavilhão seguia regras antigas, apenas ligeiramente modificadas para permitir que não se reunissem na Torre Branca, na grande câmara circular chamada Salão da Torre. Na outra extremidade, um banco simples, embora bem polido, ficava em cima de uma plataforma em forma de caixa coberta com um pano listrado nas sete cores das Ajahs. Isso e a estola no pescoço de Egwene eram certamente os únicos lugares no acampamento onde a Ajah Vermelha tinha alguma representação. Algumas Azuis queriam que a cor fosse removida, já que Elaida aparentemente mandara repintar o trono real chamado Trono de Amyrlin e uma estola tecida sem azul, mas Egwene insistiu. Se ela fosse de todas as Ajahs e nenhum, então ela seria de todas as Ajahs. Abaixo dos tapetes em camadas brilhantes que serviam como pano de fundo, duas fileiras de bancos se afastavam da entrada em grupos de três, sentados em cima de caixas cobertas de tecido nas cores das Ajahs. Bem, seis das Ajahs. Por tradição, as duas Votantes mais velhas podiam reivindicar os lugares mais próximos do Trono de Amyrlin para suas Ajahs, então Amarela e Azul ocupavam esses lugares aqui. Depois disso, era uma

questão de quem vinha primeiro e queria se sentar onde, a primeira a chegar sempre escolhendo o lugar da Ajah.

Havia apenas nove Votantes presentes, muito poucas para o Salão estar sentado ainda, legalmente falando, mas uma estranheza nos assentos atingiu Egwene imediatamente. Sem surpresa, Romanda já estava no lugar, um banco vazio entre ela e Salita, e Lelaine e Moria ocupavam os bancos finais da Azul. Romanda, com o cabelo preso em um coque grisalho na nuca, era a Votante mais velha e quase sempre a primeira a chegar ao seu lugar quando o Salão se sentava. Lelaine, a segunda mais velha, apesar de seu cabelo escuro e brilhante, parecia incapaz de deixar a outra mulher ganhar uma vantagem sobre ela, mesmo em algo tão pequeno. Os homens que tinham deslocado as caixas — estavam guardadas ao longo das paredes até que o Salão fosse chamado a sentar — deviam ter saído pelos fundos, porque Kwamesa, já sentada no seu banco, era a única Votante Cinza em evidência, e Berana, acabando de subir para a dela, a única Branca. Mas Malind, uma kandoriana de rosto redondo com olhos de águia, e a única Verde, obviamente entrou na frente delas, mas estranhamente, escolheu sentar as Verdes perto da entrada do pavilhão. Quanto mais próximas do Trono de Amyrlin melhor, era o costume. E bem em frente a ela, Escaralde estava diante das caixas de capa Marrom, discutindo silenciosamente com Takima. Quase tão baixa quanto Nisao, Takima era uma mulher quieta parecida com um pássaro, mas ela podia ser forte quando queria, e com os punhos nos quadris ela parecia um pardal em um temperamento, as penas todas inchadas para fazê-la parecer maior. A propósito, ela continuava lançando olhares afiados em direção a Berana, o assento era o que a incomodava. Era tarde demais para mudar alguma coisa para esta sessão, é claro, mas de qualquer forma, Escaralde assomou de volta para Takima como se esperasse ter que lutar por sua escolha. Espantou Egwene como Escaralde conseguia fazer isso. Agigantando, era isso. Ela era centímetros mais baixa ainda do que Nisao. Devia ter sido pura força de vontade. Escaralde nunca recuava quando achava que tinha razão. E ela sempre achava que estava certa. Se Moria realmente queria um

ataque imediato a Tar Valon, e Malind realmente queria recuar, o que Escaralde queria?

Apesar de toda a conversa de Siuan sobre Votantes quererem ser avisadas, a entrada de Egwene não causou grande agitação. Por qualquer motivo que Malind e as outras tenham chamado o Salão para ouvir o relatório de Akarrin, elas não consideraram o assunto tão sensível que precisasse ser mantido apenas para os ouvidos das Votantes, então pequenos grupos de quatro ou cinco Aes Sedai estavam de pé atrás dos bancos das Votantes das Ajahs, e eles fizeram suas reverências enquanto Egwene descia pelos tapetes em direção ao seu próprio assento. As próprias Votantes apenas a observavam, ou talvez inclinassem a cabeça brevemente. Lelaine a olhou friamente, então voltou a franzir a testa levemente para Moria, uma mulher de aparência bastante comum vestida de lã azul simples. Tão comum, na verdade, que se poderia perder a qualidade sem idade em seu rosto à primeira vista. Ela se sentou olhando para frente, absorta em seus próprios pensamentos. Romanda era uma daquelas que inclinava a cabeça um pouco. Dentro do Salão, o Trono de Amyrlin ainda era o Trono de Amyrlin, mas um pouco menos do que fora dele. Dentro do Salão, as Votantes sentiam seu poder. De certa forma, pode-se dizer que Amyrlin era apenas a primeira entre iguais dentro do Salão. Bem, talvez um pouco mais do que isso, mas não muito. Siuan disse que tantas Amyrlins falharam por acreditar que as Votantes eram totalmente iguais a ela quanto por acreditar que a diferença era maior do que realmente existia. Era como correr ao longo de uma parede estreita com mastins ferozes de cada lado. Você mantinha um equilíbrio cuidadoso e tentava observar seus pés mais do que os cães. Mas você sempre esteve ciente dos cães.

Soltando a capa ao subir na caixa listrada, Egwene dobrou-a sobre o banco antes de se sentar. Os bancos eram duros, e algumas Votantes traziam almofadas quando achavam que a sessão seria longa. Egwene preferia não fazer isso. A proibição de discursos raramente impedia que pelo menos uma ou duas mulheres elaborassem seus comentários, e um assento duro poderia ajudá-la a permanecer acordada na pior das hipóteses. Sheriam ocupou o lugar

de Guardiã, à esquerda de Egwene, e não havia nada a fazer a não ser esperar. Talvez ela *devesse* ter trazido uma almofada.

Os outros bancos estavam começando a se encher, embora lentamente. Aledrin e Saroiya se juntaram a Berana, Aledrin gorda o suficiente para fazer as outros duas parecerem magras. Claro, as linhas verticais de arabescos brancos que desciam pelas saias de Saroiya tinham esse efeito de qualquer maneira, enquanto as mangas brancas largas de Aledrin e o painel de neve na frente de seu vestido faziam exatamente o oposto. Cada uma aparentemente estava tentando descobrir se as outras sabiam o que estava acontecendo, pela maneira como elas estavam balançando a cabeça uma para a outra e lançando olhares para as Azuis, Marrons e Verdes. Varilin, uma ruiva esguia e mais alta que a maioria dos homens, também se sentara ao lado de Kwamesa. Ajustando e reajustando o xale incansavelmente, Varilin desviou os olhos de Moria para Escaralde para Malind e vice-versa. Magla, com o xale de franjas amarelas enrolado firmemente em torno de seus ombros largos, e Faiselle, uma domanesa de rosto quadrado em sedas cobertas com densos bordados verdes, acabavam de entrar no pavilhão, cada uma ignorando a outra, mesmo quando suas saias roçavam. Magla estava firmemente no time de Romanda e Faiselle no de Lelaine, e os dois grupos não se misturavam. Outras irmãs também estavam chegando aos poucos, Nisao e Myrelle entre meia dúzia ou mais que se esgueiraram atrás de Magla e Faiselle. Morvrin já estava entre as Marrons atrás de Takima e Escaralde, e Beonin estava à beira das Cinzas atrás de Varilin e Kwamesa. Nesse ritmo, metade das Aes Sedai do acampamento logo estariam lotando o pavilhão.

Enquanto Magla ainda caminhava pelos tapetes em direção aos assentos Amarelos, Romanda se levantou. "Temos mais de onze agora, então podemos começar." Sua voz era surpreendentemente aguda. Você poderia ter pensado que ela tinha uma bela voz para cantar, se pudesse imaginar Romanda cantando. Seu rosto sempre parecia mais pronto para repreender, pelo menos um pouco desaprovador. "Acho que não precisamos fazer disso uma sessão formal", acrescentou quando Kwamesa se levantou. "Difícilmente vejo

por que isso precisa ser feito em sessão, mas se for preciso, vamos acabar com isso e sair do caminho. Algumas de nós têm assuntos mais importantes para tratar. Como tenho certeza que você tem, Mãe.”

Essa última parte foi dita com uma profunda inclinação de cabeça, em um tom talvez um pouco respeitoso demais. Não o suficiente para ser chamado de sarcasmo, é claro. Ela era inteligente demais para se colocar em perigo; as tolas raramente alcançavam uma cadeira de Votante, ou a seguravam por muito tempo, e Romanda ocupava um lugar no Salão há quase oitenta anos. Esta era sua segunda vez como Votante. Egwene inclinou a própria cabeça ligeiramente, os olhos frios. Um reconhecimento de que ela havia sido abordada e que havia marcado o tom. Um equilíbrio muito cuidadoso.

Kwamesa ficou olhando em volta com a boca aberta, sem saber se deveria falar as frases, sempre pronunciadas pela mais jovem Votante presente, que abriam uma sessão solene do Salão. O lugar de Romanda deu a ela considerável influência e alguma medida de autoridade, mas outras poderiam substituí-la nisso. Várias Votantes franziram a testa ou se mexeram em seus bancos, mas ninguém falou.

Lyrelle deslizou para o pavilhão, deslizou em direção aos bancos Azuis. Alta para uma mulher cairhiena, o que a tornava de estatura mediana para quase qualquer outro lugar, ela estava elegante em seda azulada bordada no corpete com vermelho e dourado, seus movimentos fluidos. Algumas diziam que ela havia sido dançarina antes de vir para a Torre como noviça. Em comparação, Samalin, a Verde com cara de raposa que entrou em seus calcanhares, parecia andar a passos largos, embora não houvesse nada de estranho na mulher murandiana. Ambas pareceram surpresas ao ver Kwamesa de pé e correram para seus respectivos bancos. De qualquer forma, Varilin começou a puxar a manga de Kwamesa, até que a mulher arafellina finalmente se sentou. O rosto de Kwamesa era uma máscara de calma fria, mas ela conseguiu irradiar desagrado. Ela colocava um grande valor na cerimônia.



“Talvez *haja* razão para uma sessão formal.” A voz de Lelaine parecia baixa, depois da de Romanda. Arrumando o xale como se tivesse todo o tempo do mundo, ela se levantou graciosamente, deliberadamente sem olhar para Egwene. Linda mulher, Lelaine ainda era a dignidade encarnada. “Parece que as conversas com Elaida foram licenciadas,” ela disse friamente. “Eu entendo que, sob a Lei da Guerra, não precisamos ser consultadas sobre isso, mas também acredito que devemos discutir em sessão, especialmente porque muitas de nós enfrentam a possibilidade de serem estancadas se Elaida mantiver algum poder.”

Essa palavra, “estancar”, não carregava mais o mesmo calafrio que tinha antes de Siuan e Leane serem curados do estancamento, mas murmúrios surgiram entre as Aes Sedai que observavam amontoadas atrás dos bancos. Parecia que as notícias das negociações não haviam se espalhado tão rapidamente quanto Egwene esperava. Ela não sabia dizer se as irmãs estavam excitadas ou consternadas, mas claramente elas estavam surpresas. Incluindo algumas das Votantes. Janya, que havia entrado enquanto Lelaine falava, parou no meio do caminho, de modo que outro grupo de irmãs chegando quase a atropelou. Ela olhou para a Azul, depois mais longa e mais duramente para a própria Egwene. Romanda evidentemente também não tinha ouvido, pelo modo como sua boca endureceu, e as expressões entre as jovens Votantes variavam da calma gelada de Berana a surpresa por parte de Samalin e abertamente horrorizada por parte de Salita. Por falar nisso, Sheriam balançou sobre os pés por um momento. Egwene esperava que a mulher não vomitasse na frente de todo o Salão.

Mais interessantes, porém, foram as reações daquelas que Delana havia relatado que estavam falando de negociação. Varilin estava muito quieta e parecia reprimir um sorriso enquanto estudava suas saias, mas Magla lambeu os lábios hesitantemente e lançou um olhar para Romanda pelo canto do olho. Saroiya estava com os olhos fechados e a boca se movia como se ela estivesse fazendo uma oração. Faiselle e Takima olharam para Egwene com pequenas carrancas quase idênticas. Então cada uma notou a outra e

sobressaltou-se, assumindo rapidamente tal serenidade régia que pareciam estar zombando uma da outra. Foi muito estranho. Certamente, àquela altura, Beonin já havia informado a todas o que Egwene havia dito, mas, exceto por Varilin, elas pareciam aborrecidas. Elas não poderiam ter pensado que poderiam realmente negociar um fim. Todas as mulheres sentadas neste Salão arriscavam ser estancadas e executadas apenas por estarem ali. Se alguma vez houve algum caminho de volta que não fosse remover Elaida, ele foi perdido meses atrás, quando este Salão foi escolhido. Não havia volta disso.

Lelaine parecia satisfeita com as reações às suas palavras — presunçosa como um gato no celeiro, na verdade —, mas antes que ela terminasse de se acomodar no banco, Moria se levantou. Isso chamou a atenção de todas e causou mais alguns murmúrios. Ninguém chamava Moria de particularmente graciosa, mas a illianense não era uma mulher que saltava. “Isso precisa de discussão,” ela disse, “mas deve vir mais tarde. Este Salão foi convocado por três Votantes com a mesma pergunta. Essa questão deve ser respondida antes de qualquer outra. O que Akarrin e seu grupo encontraram? Eu peço que elas sejam trazidas para fazer seu relatório perante o Salão.”

Lelaine fez uma careta para sua companheira Azul, e ela poderia fazer caretas da melhor forma, seus olhos tão afiados como furadores, mas a lei da Torre era bastante clara sobre o assunto, pela primeira vez, e isso era bem conhecido por todas. Muitas vezes, não havia nenhuma das duas coisas. Com a voz trêmula, Sheriam pediu a Aledrin, a mais nova depois de Kwamesa, que fosse escoltar Akarrin e as outras perante o Salão. Egwene decidiu que era melhor conversar com a mulher de cabelos cor de fogo assim que essa sessão terminasse. Se Sheriam continuasse assim, logo se tornaria pior do que inútil como Guardiã.

Delana entrou correndo no pavilhão em meio a um grupo de irmãs, a última Votante a chegar, e estava em seu banco com o xale nos cotovelos quando a roliça Votante Branca voltou com as seis irmãs e as levou para diante de Egwene. Elas devem ter deixado suas capas

na passarela do lado de fora, porque ninguém estava usando uma agora. Delana olhou para elas, uma carranca incerta puxando suas sobancelhas para baixo. Ela parecia sem fôlego, como se tivesse corrido para chegar lá.

Aparentemente, Aledrin sentiu que, quer a sessão fosse formal ou não, ela, pelo menos, deveria continuar com a formalidade adequada. "Vocês foram chamadas perante o Salão da Torre para relatar o que viram", disse ela com um forte sotaque de taraboneana. Sua combinação de cabelo dourado escuro e olhos castanhos não era incomum em Tarabon, embora ela usasse o cabelo na altura dos ombros preso em uma rede branca rendada em vez de tranças de contas. "Eu as encarrego de falar dessas coisas sem evasão ou hesitação, e de responder a todas as perguntas na íntegra, sem deixar nada de fora. Digam agora que o farão, sob a Luz e por sua esperança de renascimento e salvação, ou sofrerão as consequências." Aquelas irmãs antigas que faziam esta parte da cerimônia do Salão estavam bem cientes da margem de manobra que os Três Juramentos davam. Um pouco deixado de fora aqui, um toque de imprecisão ali, e todo o significado do que você disse poderia ser colocado de cabeça para baixo, enquanto você falava apenas a verdade.

Akarrin falou em voz alta e um tanto impaciente, as outras cinco com vários níveis de formalidade e autoconsciência. Muitas irmãs viveram a vida inteira sem serem chamadas para depor diante do Salão. Aledrin esperou até que a última repetisse cada palavra antes de marchar de volta para seu banco.

"Diga-nos o que você viu, Akarrin", disse Moria assim que a Votante Branca se virou. Aledrin enrijeceu visivelmente, e quando ela se sentou, seu rosto estava totalmente inexpressivo, mas pontos brilhantes de cor destacavam suas bochechas. Moria deveria ter esperado. Ela devia estar muito ansiosa.

Por tradição — havia muito mais tradições e costumes do que leis, e a Luz sabia que havia mais leis do que qualquer uma realmente sabia, muitas vezes camadas contraditórias de leis estabelecidas ao longo dos séculos, mas a tradição e o costume governavam as Aes

Sedai tanto quanto a lei da Torre jamais tinha, talvez mais — por tradição, Akarrin dirigiu sua resposta ao Trono de Amyrlin.

"O que vimos, Mãe, foi um buraco aproximadamente circular no chão", disse ela, acenando para dar ênfase a quase todas as outras palavras. Ela parecia escolher essas palavras com cuidado, como se quisesse ter certeza de que estava absolutamente clara para todas. "Pode ter sido um círculo preciso, originalmente, em forma de meio círculo, mas os lados desabaram em alguns lugares. O buraco tem aproximadamente três milhas de diâmetro e talvez uma milha e meia de profundidade." Alguém engasgou alto, e Akarrin franziu a testa como se quem quer que fosse tivesse tentado interromper. Ela continuou sem parar, no entanto. "Não podíamos ter certeza absoluta da profundidade. O fundo é coberto com água e gelo. Acreditamos que pode se tornar um lago, eventualmente. De qualquer forma, conseguimos determinar nossa localização exata sem muita dificuldade, e estamos preparadas para dizer que o buraco está localizado onde a cidade chamada Shadar Logoth ficava." Ela ficou em silêncio, e por um longo momento o único som foi o farfalhar de saias enquanto Aes Sedai se mexiam inquietas.

Egwene também queria se mover. Luz, um buraco desse tamanho cobriria metade de Tar Valon! "Você tem alguma ideia de como esse... buraco... foi criado, Akarrin?" ela perguntou finalmente. Ela estava bastante orgulhosa de quão firme sua voz estava. Sheriam estava realmente tremendo! Egwene esperava que ninguém mais notasse. As ações de uma Guardiã sempre refletiam na Amyrlin. Se a Guardiã demonstrasse medo, muitas irmãs pensariam que Egwene estava com medo. Isso dificilmente era algo que ela queria que alguém suspeitasse.

"Cada uma de nós foi escolhida porque temos alguma habilidade em ler resíduos, mãe. Melhor do que a maioria, na verdade." Portanto, elas não foram escolhidas simplesmente porque ninguém mais forte estava interessado. Havia uma lição nisso. O que as Aes Sedai faziam raramente era tão simples quanto parecia na superfície. Egwene desejou poder parar de ter que reaprender as lições que

pensava já ter aprendido. “Nisain é a melhor de nós nisso”, continuou Akarrin. “Com sua permissão, Mãe, vou deixá-la responder.”

Nisain alisou nervosamente as saias de lã escura e limpou a garganta. Uma Cinza desengonçada com um queixo forte e olhos surpreendentemente azuis, ela tinha uma pequena reputação em questões de direito e tratados, mas estava obviamente desconfortável em falar perante o Salão. Ela olhou diretamente para Egwene com o ar de quem não queria ver todas as Votantes reunidas. “Dada a quantidade de *saidar* usada lá, Mãe, não foi surpresa encontrar os resíduos tão grossos quanto a neve.” Mais do que uma pitada do sotaque de Murandy agarrava-se à sua língua, um som cadenciado. “Mesmo depois de tanto tempo, eu deveria ter sido capaz de ter alguma ideia do que foi tecido, se fosse algo que eu conheço, mas não tenho nenhuma. Eu podia traçar a trama, mãe, e não fazia o menor sentido. Nenhum. Na verdade, parecia tão estranho que poderia não ter sido...! Limpando a garganta novamente, ela engoliu em seco. Seu rosto ficou um pouco mais pálido. “Pode não ter sido tecido por uma mulher. Achamos que deviam ser os Abandonados, é claro, então testei a ressonância. Todas nós testamos.” Virando-se para gesticular para suas companheiras, ela se virou apressadamente. Ela definitivamente preferia olhar para Egwene do que para as Votantes, todas se inclinando para frente atentamente. “Não posso dizer o que foi feito, além de escavar cinco quilômetros da terra, ou como foi feito, mas *saidin* definitivamente também foi usado. A ressonância era tão forte que deveríamos ter sido capazes de cheirá-la. Havia mais *saidin* usado do que *saidar*, muito mais, o Monte do Dragão junto a um sopé. E isso é tudo o que posso dizer, Mãe.” Um som vibrou pelo pavilhão, o som de irmãs soltando a respiração que estavam prendendo. A exalação de Sheriam parecia a mais alta, mas talvez fosse apenas porque ela estava mais próxima.

Egwene acalmou o rosto. Os Abandonados, e uma trama que poderia arrancar metade de Tar Valon. Se Malind propusesse a fuga, ela poderia tentar fazer com que as irmãs ficassem e enfrentassem isso? Ela poderia abandonar Tar Valon, e a Torre, e a Luz sabia

quantas dezenas de milhares de vidas? “Alguém mais tem uma pergunta?” ela perguntou.

“Eu tenho uma,” Romanda disse em um tom seco. Sua calma não tinha quebrado por um fio de cabelo. “Mas não para essas irmãs. Se ninguém tiver mais perguntas para elas, tenho certeza que elas gostariam de ficar longe de ter o Salão olhando para elas.”

Não cabia exatamente a ela sugerir isso, mas também não era exatamente fora de sua alçada, então Egwene deixou passar. Ninguém mais tinha perguntas para Akarrin ou suas companheiras, como se viu, e Romanda ofereceu-lhes um agradecimento surpreendentemente caloroso por seus esforços. Mais uma vez, não exatamente o lugar dela.

“Para quem é a sua pergunta?” Egwene perguntou enquanto Akarrin e as outras cinco se espalhavam para se juntar ao crescente número de irmãs que se amontoavam entre as lamparinas e braseiros. Elas estavam ansiosas, como Romanda havia dito, para sair de debaixo dos olhos do Salão, mas queriam ouvir o resultado de seu trabalho. Foi muito difícil para Egwene manter a aspereza fora de sua voz. Romanda fingiu não notar. Ou talvez não tenha percebido.

“Para Moria,” ela disse. “Suspeitamos dos Abandonados desde o início. Sabíamos que o que quer que acontecesse era poderoso e distante. Tudo o que descobrimos, na verdade, é que Shadar Logoth se foi, e disso só posso dizer que o mundo está melhor sem aquele sumidouro da Sombra.” Ela fixou a Votante Azul com uma carranca que faria muitas Aes Sedai se contorcerem como uma novata. “Minha pergunta é essa. Alguma coisa mudou para nós?”

“Deveria”, respondeu Moria, encontrando o olhar da outra mulher. Ela podia não estar no Salão há tanto tempo quanto Romanda, mas Votantes estava pelo menos supostamente em pé de igualdade. “Há muito tempo temos preparativos para o caso de os Abandonados virem contra nós. Cada irmã sabe formar um círculo se for capaz, ou juntar-se a um que ela encontrar se formando, até que cada círculo chegue a treze. Todas devem ser trazidas, até as noviças, até as mais novas.” Lelaine olhou para ela bruscamente, mas por mais que quisesse repreender Moria, elas eram da mesma Ajah. Elas deviam

dar pelo menos a aparência de uma frente comum. O esforço de manter a boca fechada afinou os lábios de Lelaine, no entanto.

Romanda não estava sob tal restrição. “Você precisa explicar o que todas aqui já sabem? Nós é que fizemos esses arranjos. Talvez você tenha esquecido?” Desta vez, sua voz foi cortante. Demonstrações abertas de raiva eram proibidas no Salão, mas não provocações.

Se Moria sentiu a picada, porém, ela não deu nenhum sinal externo além de ajustar seu xale. “Devo explicar desde o início, porque não pensamos o suficiente. Malind, nossos círculos podem resistir ao que Akarrin e Nisain descreveram?”

Apesar de seus olhos ferozes, a boca carnuda de Malind sempre parecia pronta para sorrir, mas ela era bastante severa enquanto se levantava, e olhava para cada Votante, por sua vez, como se quisesse imprimir suas palavras nelas. “Eles não podem. Mesmo que reorganizemos as coisas para que as irmãs mais fortes estejam sempre no mesmo círculo — e isso significa que elas devem viver, comer e dormir juntas, se quiserem se conectar no momento — mesmo assim, seríamos ratos enfrentando um gato. Ratos suficientes podem sobrecarregar até mesmo um grande gato faminto, mas não antes que muitos ratos estejam mortos. Se muitos desses camundongos morrerem, porém, a Torre Branca morre.” Novamente aquela onda de suspiros percorreu o pavilhão como uma brisa instável.

Egwene conseguiu manter o rosto calmo, mas teve que forçar os punhos para relaxar o aperto em sua saia. O que elas propoariam, um assalto ou uma fuga? Luz, como ela poderia se opor a elas?

Da mesma Ajah ou não, Lelaine não aguentou mais o esforço. “O que você está sugerindo, Moria?” ela estalou. “Mesmo se reunirmos a Torre neste mesmo dia, isso não mudará os fatos.”

Moria sorriu levemente, como se a outra Azul tivesse dito exatamente o que ela esperava que alguém dissesse. “Mas devemos mudar os fatos. O fato no momento é que nossos círculos mais fortes são muito fracos. Não temos *angreal*, muito menos *sa'angreal*, então podemos ignorá-los. Não tenho certeza de que haja alguma coisa na Torre que faria uma diferença grande o suficiente, de qualquer

maneira. Como, então, fortalecemos nossos círculos? Fortes o suficiente, devemos esperar, para enfrentar o que aconteceu em Shadar Logoth e pará-lo. Escaralde, o que você tem a dizer sobre o assunto?”

Assustada, Egwene se inclinou para frente. Elas estavam trabalhando juntas. Mas para que fim?

Ela não foi a única a perceber que as três Votantes que convocaram o Salão estavam todas de pé. Permanecendo de pé, Moria e Malind fizeram uma declaração clara. Escaralde parecia uma rainha, mas a pequena Marrom parecia muito consciente dos olhos deslizando entre ela e Malind e Moria, as carrancas pensativas e os rostos muito imóveis. Ela mudou o xale duas vezes antes de falar. Soava como se estivesse dando uma aula, sua voz fina, mas forte.

“A literatura antiga é bastante clara, embora pouco estudada, eu temo. Acumula poeira em vez de leitores. Escritos coletados nos primeiros anos da Torre deixam claro que os círculos não eram limitados a treze, na Era das Lendas. O mecanismo preciso — devo dizer, o equilíbrio preciso — é desconhecido, mas não deve ser muito difícil de descobrir. Para aquelas de vocês que não passaram o tempo que deveriam ter na biblioteca da Torre, a maneira de aumentar o tamanho de um círculo envolve...” Pela primeira vez, ela vacilou e visivelmente se forçou a continuar. “...envolve a inclusão de homens que podem canalizar.”

Faiselle ficou de pé. “O que você está sugerindo?” ela exigiu e sentou-se imediatamente, como se alguém pudesse pensar que ela estava de pé em apoio.

“Peço que o Salão seja liberado!” Magla disse, levantando-se. Como Moria, ela era ilianense, e a agitação engrossou seu sotaque marcadamente. “Isso não deve ser discutido perante ninguém, exceto o Salão, em sessão fechada.” Ela também caiu de volta em seu banco assim que terminou, e sentou-se carrancuda, ombros largos curvados e mãos abrindo e fechando em suas saias.

“Eu temo que seja tarde demais para isso”, disse Moria em voz alta. Ela precisava falar alto, para ser ouvida por cima do murmúrio das irmãs conversando animadamente atrás dos bancos, um zumbido



como uma enorme colmeia. “O que foi dito foi dito e ouvido por muitas irmãs para que alguém tente calar as palavras agora.” Seu peito subiu quando ela respirou fundo, e ela levantou a voz um pouco mais alto. “Apresento ao Salão a proposta de que façamos um acordo com a Torre Negra, para que possamos trazer homens para nossos círculos em necessidade.” Se ela parecia um pouco estrangulada no final, não era de admirar. Poucas Aes Sedai poderiam dizer esse nome sem emoção, desgosto, senão ódio absoluto. Ele bateu contra o zumbido de vozes — e produziu silêncio absoluto pelo espaço de três batimentos cardíacos.

“Isso é loucura!” O grito de Sheriam quebrou a quietude de várias maneiras. A Guardiã não entrava em discussões no Salão. Ela não poderia nem entrar no Salão em si sem a Amyrlin. Com o rosto inundado de vermelho, Sheriam se endireitou, talvez para enfrentar a repreensão inevitável, talvez para se defender. O Salão tinha outras coisas em mente além de repreendê-la, no entanto.

Saltando de seus bancos apenas o tempo suficiente para proferir suas palavras, as Votantes começaram a falar, a gritar, às vezes umas por cima dos outros.

“Loucura mal começa a descrever isso!” Faiselle gritou, ao mesmo tempo em que Varilin gritou: “Como podemos nos aliar a homens que podem canalizar?”

“Esses chamados Asha'man estão contaminados!” Saroiya gritou sem nenhum sinal da alardeada reserva da Ajah Branca. Com as mãos atadas em seu xale, ela tremia tanto que a longa franja nevada balançou. “Manchados com o toque do Tenebroso!”

“Mesmo sugerir tal coisa nos coloca contra tudo o que a Torre Branca defende”, disse Takima asperamente. “Seríamos desprezadas por toda mulher que se chama Aes Sedai, por Aes Sedai há muito tempo em seus túmulos!”

Magla chegou ao ponto de sacudir o punho, com uma fúria que não tentou disfarçar. “Só uma Amigo das Trevas poderia sugerir isso! Só uma Amigo das Trevas!” Moria empalideceu com a acusação, depois ficou vermelha de raiva.

Egwene não sabia onde ela estava sobre isso. A Torre Negra era criação de Rand, e talvez necessária, se houvesse alguma esperança de vencer a Última Batalha, mas os Asha'man eram homens que podiam canalizar, algo temido por três mil anos, e eles canalizavam *saidin* manchado de sombras. O próprio Rand era um homem que podia canalizar, mas sem ele, a Sombra venceria em Tarmon Gai'don. A Luz a ajudou por ver isso com tanta frieza, mas era uma dura verdade. Onde quer que ela estivesse sobre o assunto, as coisas estavam ficando fora de controle ali mesmo. Escaralde trocava insultos com Faiselle, ambas a plenos pulmões. Insultos abertos! No Salão! Saroiya havia abandonado os últimos resquícios de frieza da Ajah Branca e estava gritando com Malind, que gritava de volta, nenhuma esperando a outra. Teria sido uma maravilha se qualquer uma pudesse entender o que a outra estava dizendo, e talvez uma bênção se não pudesse. Surpreendentemente, nem Romanda nem Lelaine abriram a boca desde o início. Sentaram-se olhando uma para a outra, sem piscar. Provavelmente cada uma estava tentando ler como a outra ficaria apenas para que pudesse ficar em oposição. Magla desceu de seu banco e caminhou em direção a Moria com o olhar de alguém ansioso para entrar em conflito. Não com palavras, mas punhos. Os de Magla estavam apertados ao seu lado. Seu xale trabalhado em videiras deslizou sobre os tapetes, despercebido.

De pé, Egwene abraçou a Fonte. Exceto por certas funções exatamente prescritas, a canalização era proibida no Salão — outro dos costumes que apontavam para dias mais sombrios na história do Salão —, mas ela fazia uma trama simples de Ar e Fogo. “Foi feita uma proposta perante o Salão”, disse ela, e soltou *saidar*. Isso não era tão difícil como já foi. Não era fácil, nem perto de fácil, mas não tão difícil. Uma lembrança da doçura do Poder permaneceu, o suficiente para sustentá-la até a próxima vez.

Ampliadas pela trama, suas palavras ressoaram no pavilhão como um trovão. As Aes Sedai encolheram-se, estremecendo e tapando os ouvidos. O silêncio depois parecia incrivelmente alto. Magla ficou boquiaberta para ela, então deu um pulo ao perceber que estava parada a meio caminho dos bancos Azuis. Desapertando os punhos

apressadamente, ela parou para pegar seu xale e voltou correndo para seu próprio lugar. Sheriam ficou chorando abertamente. Certamente não tinha sido tão alto.

“Uma proposta foi apresentada ao Salão”, Egwene repetiu no silêncio. Depois daquele estrondo ampliado pelo Poder, sua voz soou em seus próprios ouvidos. Talvez *tivesse* sido mais alto do que ela pensava. Essa trama nunca foi planejada para ser usada dentro de paredes, mesmo em paredes de lona remendada. “Como você fala em apoio a uma aliança com a Torre Negra, Moria?” Ela se sentou assim que terminou. O que *ela* pensava disso? Que dificuldades isso lhe apresentaria? Como poderia ser usado como vantagem? Que Luz a ajudasse, de verdade. Essas foram as duas primeiras coisas que lhe vieram à mente. Ela desejou que Sheriam secasse os olhos e endireitasse sua espinha dorsal. Ela era o Trono de Amyrlin, e precisava de uma Guardiã, não de uma covarde.

Levou alguns minutos para que a ordem se restabelecesse, Votantes alisando roupas e alisando saias desnecessariamente, evitando os olhos uma da outra e principalmente não olhando para as irmãs que observavam amontoadas atrás dos bancos. Alguns rostos de Votantes ficaram manchados de vermelho que não tinha nada a ver com raiva. Votantes não gritavam umas com as outras como lavradores na tosquia. *Principalmente*, não na frente de outras irmãs.

“Enfrentamos duas dificuldades aparentemente intransponíveis”, disse Moria finalmente. Sua voz estava composta e fria mais uma vez, mas uma pitada de rubor ainda pairava em suas bochechas. “Os Abandonados descobriram uma arma — descoberta ou revelada; eles certamente a teriam usado antes, se a possuíssem — uma arma que não podemos combater. Uma arma que não podemos igualar, embora a Luz saiba por que desejaríamos, mas o mais importante, uma arma que não podemos sobreviver nem parar. Ao mesmo tempo, os... Asha'man... cresceram como ervas daninhas. Relatórios confiáveis colocam seus números quase iguais a todas as Aes Sedai vivas. Mesmo que esse número seja inflado, não podemos nos dar ao luxo de acreditar que exagerou muito. E mais homens vêm todos os dias. Os olhos e ouvidos são consistentes demais para acreditar em

qualquer outra coisa. Devíamos pegar esses homens e amansá-los, é claro, mas os ignoramos por causa do Dragão Renascido. Nós os adiamos, para serem tratados mais tarde. A amarga verdade é que é tarde demais para tentar pegá-los. Eles são muitos. Talvez fosse tarde demais quando descobrimos o que eles estavam fazendo.”

“Se não podemos amansar esses homens, então devemos controlá-los de alguma forma. Um acordo com a Torre Negra — *aliança* é uma palavra muito forte — com um acordo cuidadosamente redigido, podemos dar os primeiros passos para proteger o mundo deles. Também podemos trazê-los para nossos círculos.” Erguendo um dedo de advertência, Moria correu seu olhar pelos bancos, mas sua voz permaneceu fria e composta. E firme. “Devemos deixar claro que uma irmã sempre fundirá os fluxos — não sugiro deixar um homem controlar um círculo vinculado! —, mas com homens nos círculos, podemos expandi-los. Com as bênçãos da Luz, talvez possamos expandir os círculos o suficiente para combater essa arma dos Abandonados. Matamos duas lebres com uma cajadada só. Mas essas lebres são leões, e se não atirmos aquela pedra, um deles certamente nos matará. É tão simples quanto isso.”

O silêncio caiu. Exceto por Sheriam, pelo menos. De pé curvada sobre si mesma a poucos metros de Egwene, os ombros tremendo, ela ainda não havia dominado o choro.

Então Romanda suspirou pesadamente. “Talvez possamos expandir os círculos o suficiente para combater os Abandonados”, disse ela em voz baixa. De certa forma, isso deu mais peso às suas palavras do que se ela tivesse gritado. “Talvez possamos controlar os Asha’man. Uma palavra fina, o *talvez*, em qualquer contexto.”

“Quando você está se afogando,” Moria respondeu, igualmente quieta, “você agarra qualquer galho que esteja flutuando, mesmo quando você não pode ter certeza de que ele suportará seu peso até que você o segure. A água ainda não fechou sobre nossas cabeças, Romanda, mas estamos nos afogando. Estamos nos afogando.”

Novamente houve silêncio, exceto pelo choro de Sheriam. Ela tinha esquecido todo o autocontrole? Mas então, ninguém entre as Votantes tinha uma expressão agradável, nem mesmo Moria ou

Malind ou Escaralde. Não era uma perspectiva agradável que estava diante delas. O rosto de Delana ficou decididamente esverdeado. Parecia que ela poderia ser quem ia vomitar, em vez de Sheriam.

Egwene se levantou mais uma vez, tempo suficiente para fazer a pergunta necessária. Mesmo quando o impensável era proposto, os rituais devem ser seguidos. Talvez mais do que nunca. “Quem fala contra essa proposta?”

Não havia falta de oradoras lá, embora todas tivessem se recuperado o suficiente para seguirem o protocolo. Várias Votantes se moveram ao mesmo tempo, mas Magla foi a primeira a se levantar, e as outras sentaram-se sem nenhuma demonstração de impaciência. Faiselle seguiu Magla e Varilin seguiu Faiselle. Então veio Saroiya e, finalmente, Takima. Cada uma falou longamente, Varilin e Saroiya chegando muito perto de fazer os discursos proibidos, e cada uma falou com toda a eloquência que conseguiu reunir. Ninguém chegava à cadeira de Votante sem eloquência na necessidade. Mesmo assim, logo ficou claro que elas estavam se repetindo e se repetindo, apenas com palavras diferentes.

Os Abandonados e sua arma nunca foram mencionados. A Torre Negra era o tema das Votantes, a Torre Negra e os Asha'man. A Torre Negra era uma praga na face da terra, uma ameaça tão grande para o mundo quanto a própria Última Batalha. O próprio nome sugeria conexões com a Sombra, sem falar em ser um tapa direto na Torre Branca. Os assim chamados Asha'man — ninguém usava o nome sem acrescentar “assim chamados” ou sem dizê-lo com escárnio; significava “guardiões” na Língua Antiga, e eles eram tudo menos guardiões — os assim chamados Asha'man eram homens que podiam canalizar! Homens condenados a enlouquecer se a metade masculina do Poder não os matasse primeiro. Loucos empunhando o Poder Único. De Magla a Takima, cada uma delas investiu isso com cada resquício de horror nelas. Três mil anos de horror do mundo, e a Ruptura do Mundo antes disso. Homens assim destruíram o mundo, destruíram a Era das Lendas e mudaram a face do mundo para a desolação. Era com quem elas estavam sendo solicitadas a fazer aliança. Se fizessem isso, seriam anátemas em todas as nações, e

com razão. Elas seriam desprezadas por todas as Aes Sedai, e com razão. Não poderia ser. Não podia.

Quando Takima finalmente se sentou, arrumando o xale cuidadosamente ao longo dos braços, ela exibia um sorriso pequeno, mas bastante satisfeito. Juntas, eles conseguiram fazer os Asha'man parecerem mais temíveis, mais perigosos, do que os Abandonados e a Última Batalha juntos. Talvez até páreos para o próprio Tenebroso.

Como Egwene havia começado as perguntas rituais, cabia a ela terminar, e ela se levantou o suficiente para dizer: “Quem defende um acordo com a Torre Negra?” Ela só tinha pensado que havia silêncio no pavilhão antes. Sheriam finalmente controlou seu choro, embora as lágrimas ainda brilhassem em seu rosto, mas seu soluço soava como gritos no silêncio que se seguiu a essa pergunta.

O sorriso de Takima deslizou para o lado quando Janya se levantou assim que a pergunta saiu da boca de Egwene. “Mesmo um galho fino é melhor do que nenhum galho quando você está se afogando”, disse Janya. “Prefiro tentar do que confiar na esperança até afundar.” Ela tinha o hábito de falar quando não deveria.

Samalin levantou-se para ficar ao lado de Malind e, de repente, houve uma corrida, Salita, Berana e Aledrin juntas, com Kwamesa apenas um segundo atrás. Nove Votantes de pé, e ficaram assim enquanto os momentos se alongavam. Egwene percebeu que estava mordendo o lábio e parou apressadamente, esperando que ninguém tivesse notado. Ela ainda podia sentir a impressão de seus dentes. Esperava não ter tirado sangue. Não que alguém estivesse olhando para ela. Todas pareciam estar prendendo a respiração.

Romanda sentou-se franzindo a testa para Salita, que estava olhando para frente, seu rosto cinza e seus lábios trêmulos. A irmã tairena podia não conseguir esconder seu medo, mas estava indo em frente. Romanda assentiu lentamente e então, surpreendentemente, se levantou. Ela também decidiu violar o costume. “Às vezes”, disse ela, olhando diretamente para Lelaine, “precisamos fazer coisas que preferimos não fazer.”

Lelaine encontrou os olhos da Amarela de cabelos grisalhos sem piscar. Seu rosto poderia ter sido moldado em porcelana. Seu queixo

se ergueu lentamente. E de repente, ela se levantou, olhando impacientemente para Lyrelle, que ficou boquiaberta para ela um momento antes de ficar de pé.

Todas olharam. Ninguém fez um som. Estava feito.

Quase feito, de qualquer maneira. Egwene pigarreou, tentando chamar a atenção de Sheriam. A parte seguinte era a da Guardiã, mas Sheriam ficou de pé esfregando as lágrimas do rosto com os dedos e correndo os olhos pelos bancos como se estivesse contando quantas Votantes estavam de pé e esperando descobrir que havia contado errado. Egwene pigarreou mais alto, e a mulher de olhos verdes deu um pulo e se virou para encará-la. Mesmo assim, pareceu levar uma eternidade antes que ela se lembrasse de seu dever.

"O menor consenso está de pé", ela anunciou em uma voz trêmula, "um acordo será buscado com... com a Torre Negra." Inalando profundamente, ela se endireitou e sua voz ganhou força. Ela estava de volta em terreno familiar. "No interesse da unidade, peço que haja um maior consenso."

Essa foi uma chamada poderosa. Mesmo nas questões que podiam ser decididas pelo menor consenso, sempre se preferia a unanimidade, sempre se buscava. Horas de discussão, dias, poderiam ser necessários para alcançá-la, mas o esforço não pararia até que todas as Votantes concordassem ou ficasse claro também que não poderia haver acordo. Um chamado poderoso, um que puxou cada irmã. Delana se levantou como uma marionete contra sua vontade, olhando em volta incerta.

"Eu não posso suportar isso", disse Takima, contra todo o decoro. "Não importa o que alguém diga, não importa quanto tempo fiquemos sentadas, eu não posso e não vou! Eu não vou!"

Ninguém mais se levantou, também. Ah, Faiselle se mexeu no banco, meio que se moveu como se fosse ficar de pé, ajustou o xale, estremeceu de novo como se fosse ficar de pé. Isso foi o mais perto que alguém chegou. Saroiya estava mordendo os dedos com uma expressão de horror, e Varilin tinha o olhar de uma mulher que tinha sido atingida entre os olhos com um martelo. Magla agarrou as extremidades de seu banco, mantendo-se no lugar e olhando

friamente para os tapetes à sua frente. Claramente, ela estava ciente da carranca que Romanda estava mirando em sua nuca, mas sua única resposta foi curvar os ombros.

Takima deveria ter sido o fim disso. Não havia sentido em buscar o maior consenso quando alguém deixou claro que não iria ficar de pé. Mas Egwene decidiu romper com o decoro e o protocolo. “Alguém acha que ela deve deixar seu assento por causa disso?” ela perguntou em uma voz alta e clara.

Suspiros encheram o pavilhão, mas ela estava prendendo a respiração. Isso poderia despedaçá-las, mas era melhor abrir isso agora, se era isso que estava por vir. Saroiya olhou para ela descontroladamente, mas ninguém se mexeu.

“Então vamos em frente”, disse ela. “Com cuidado. Levará tempo para planejar exatamente quem deve se aproximar da Torre Negra e o que elas devem dizer.” Tempo para ela plantar algumas salvaguardas, era de se esperar. Luz, ela ia ter que se esforçar para lidar com isso. “Primeiro, há sugestões para nossa... embaixada?”





## CAPÍTULO

### 20

---



### Na Noite

Muito antes de a sessão terminar, apesar da capa dobrada sob ela, o traseiro de Egwene estava bastante dormente do banco de madeira dura. Depois de ouvir a discussão interminável, ela desejou que seus ouvidos estivessem dormentes também. Sheriam, forçada a ficar de pé, começou a mexer os pés como se desejasse uma cadeira. Ou talvez apenas se sentar nos tapetes. Egwene poderia ter ido embora, libertando a si mesma e a Sheriam. Nada exigia que a Amyrlin ficasse e, na melhor das hipóteses, seus comentários seriam ouvidos educadamente. Depois disso, o Salão partiria a galope em sua própria direção. Isso não tinha nada a ver com a guerra, e com o freio entre os dentes, o Salão não estava disposto a deixá-la pôr a mão nas rédeas. Ela poderia ter saído a qualquer momento — com uma ligeira interrupção nas discussões para as cerimônias exigidas —, mas se saísse, temia que logo pela manhã pudesse receber um plano completo, um que as Votantes já estivessem realizando, e ela sem ideia do que estava por vir até que lesse. Pelo menos, esse era o medo dela no começo.

Quem falou mais longamente não foi surpresa, não mais. Magla e Saroiya, Takima e Faiselle e Varilin, cada uma visivelmente preocupada quando outra Votante tinha a palavra. Ah, elas aceitaram a decisão do Salão, pelo menos na superfície. Não havia mais nada a fazer a não ser renunciar às suas cadeiras; por mais que o Salão estivesse disposto a lutar pelo consenso se necessário, uma vez que um curso de ação fosse decidido, por qualquer consenso, então todas

deveriam seguir, ou pelo menos não atrapalhar. Esse era o problema. O que, exatamente, constituía atrapalhar? Nenhuma das cinco falou contra uma Votante de sua própria Ajah, é claro, mas as outras quatro pulavam de pé quando qualquer Votante tomava seu banco novamente, e todas as cinco se a Votante fosse Azul. E quem deu a palavra falou muito persuasivamente sobre por que as sugestões da oradora anterior estavam totalmente erradas e talvez uma receita para o desastre. Não que houvesse algum sinal real de conluio que Egwene pudesse ver. Elas se entreolhavam tão cautelosamente quanto qualquer outra pessoa, franziam a testa uma para a outra com a mesma força, se não mais, e, claramente, não confiavam em nenhuma das outras para argumentar.

De qualquer forma, pouco do que foi sugerido chegou perto de conformidade. As Votantes discordavam sobre quantas irmãs deveriam ser enviadas para a Torre Negra e quantas de cada Ajah, sobre quando essas irmãs deveriam ser enviadas, o que elas deveriam exigir, o que deveriam ser autorizadas a concordar e o que deveriam recusar completamente. Em um assunto tão delicado, qualquer erro podia levar ao desastre. Além disso, todas as Ajah, exceto a Amarela, se consideravam singularmente qualificadas para liderar a missão, desde a insistência de Kwamesa de que o objetivo era negociar um tipo de tratado, até a afirmação de Escaralde de que o conhecimento histórico era uma necessidade para um empreendimento tão inédito. Berana chegou a apontar que um acordo dessa natureza devia ser alcançado pela racionalidade absoluta; lidar com os Asha'man certamente inflamaria as paixões, e qualquer coisa, exceto a lógica fria, certamente levaria ao desastre no local. Ela ficou bastante aquecida sobre isso, na verdade. Romanda queria o grupo liderado por uma Amarela, mas como dificilmente parecia haver uma grande necessidade de cura, ela foi reduzida a uma insistência teimosa de que qualquer outra pessoa poderia ser influenciada pelos interesses especiais de sua Ajah e esquecer o que eles estavam fazendo.

Votantes da mesma Ajah se apoiavam apenas na medida em que não se opunham abertamente, e duas Ajahs não estavam dispostas a

ficar juntas muito além do fato de terem concordado em enviar uma embaixada para a Torre Negra. Se deveria ser chamada de embaixada permanecia em disputa, mesmo por algumas que se posicionaram a seu favor no início. A própria Moria parecia surpresa com a ideia.

Egwene não foi a única que achou desgastante a discussão e os contra-argumentos constantes, os pontos tão bem cortados que nada restava e tudo tinha que recomeçar. As irmãs se afastaram de trás dos bancos. Outras os substituíram e depois se afastaram depois de algumas horas. No momento em que Sheriam pronunciou o ritual “Saia agora na Luz”, a noite havia descido, e apenas algumas dúzias restavam além de Egwene e das Votantes, várias dos quais cediam como se tivessem passado por um desmanche, como lençóis úmidos. E nada havia sido decidido, exceto que mais conversa era necessária antes que qualquer coisa pudesse ser decidida.

Do lado de fora, uma meia-lua pálida pairava em um céu preto aveludado polvilhado com estrelas brilhantes, e o ar estava muito frio. Com a respiração formando uma névoa pálida na escuridão, Egwene se afastou do Salão sorrindo enquanto ouvia as Votantes se espalhando atrás dela, algumas ainda discutindo. Romanda e Lelaine caminhavam juntas, mas a voz clara e aguda da Amarela chegava perigosamente perto de gritar, e a Azul não estava muito atrás. Elas geralmente discutiam quando forçados a ficar na companhia uma da outra, mas essa era a primeira vez que Egwene as via escolher isso quando não precisavam. Sheriam se ofereceu para buscar os relatórios sobre consertos de carroças e forragem que ela havia pedido naquela manhã, mas a mulher de olhos cansados não tentou esconder seu alívio quando Egwene a mandou para a cama. Com uma mesura apressada, ela saiu correndo pela noite, segurando sua capa ao redor de si. A maioria das tendas estava escura, sombras ao luar. Poucas irmãs permaneciam acordadas muito depois do anoitecer. Óleo de lamparina e velas nunca foram abundantes.

No momento, a demora combinava perfeitamente com Egwene, mas essa não era a única razão de seu sorriso. Em algum lugar em toda aquela discussão, sua dor de cabeça tinha desaparecido

completamente. Ela não teria nenhuma dificuldade em dormir esta noite. Halima sempre remediava isso, mas seus sonhos eram sempre perturbados depois de uma das massagens de Halima. Bem, poucos de seus sonhos eram leves, mas esses eram mais sombrios do que quaisquer outros e, estranhamente, ela nunca conseguia se lembrar de nada, exceto que eram sombrios e perturbados. Sem dúvida, ambas as coisas vinham de algum resquício das dores que os dedos de Halima não alcançavam, mas isso era perturbador por si só. Ela tinha aprendido a se lembrar de cada sonho. Tinha que se lembrar de cada sonho. Ainda assim, sem dor de cabeça esta noite, ela não deveria ter problemas, e sonhar era o mínimo que ela tinha que fazer.

Assim como o Salão e seu escritório, sua barraca ficava em uma pequena clareira com sua própria faixa de passarela de madeira, as barracas mais próximas a uma dúzia de passos de distância, para dar um pouco de privacidade à Amyrlin. Pelo menos, foi assim que o espaçamento foi explicado. Podia até ser a verdade agora. Egwene al'Vere certamente não era mais irrelevante. A tenda não era grande, com menos de quatro passos de lado, e lotada dentro, com quatro baús de latão cheios de roupas empilhados contra uma parede, dois catres e uma pequena mesa redonda, um braseiro de bronze, um lavatório, um espelho e uma das poucas cadeiras de verdade no acampamento. Uma peça simples com um pequeno entalhe simples, que ocupava muito espaço, mas era confortável e um grande luxo quando ela queria enrolar os pés e ler. Quando tinha tempo para ler qualquer coisa por prazer. A segunda cama era de Halima, e ela ficou surpresa ao ver que a mulher ainda não estava lá esperando por ela. A tenda não estava desocupada, no entanto.

“Você não comeu nada além de pão no café da manhã, Mãe”, disse Chesa em uma voz levemente acusadora enquanto Egwene se abaixava pelas abas da entrada. Não muito gorda em seu vestido cinza simples, a empregada de Egwene estava sentada no banco da barraca, cerzindo meias à luz de uma lamparina a óleo. Ela era uma mulher bonita, sem um toque grisalho no cabelo, mas às vezes parecia que Chesa estava a seu serviço desde sempre, e não apenas desde Salidar. Ela certamente tomava todas as liberdades de uma

velha criada, incluindo o direito de repreender. “Você não comeu nada ao meio-dia, pelo que eu saiba,” ela continuou, segurando uma meia de seda branca para estudar o remendo que estava fazendo no calcanhar, “e seu jantar esfriou lá na mesa uma hora atrás pelo menos. Ninguém me perguntou, mas se perguntassem, eu diria que essas suas dores de cabeça vêm de não comer. Você é muito magra.”

Com isso, ela finalmente colocou a meia em cima de sua cesta de remendos e se levantou para pegar a capa de Egwene. E exclamar que Egwene estava fria como gelo. Essa era outra causa das dores de cabeça, em sua opinião. Aes Sedai ignoravam o frio congelante ou o calor fumegante, mas seu corpo sabia se você fazia isso ou não. Era melhor se embrulhar bem quentinha. E usar vestidos vermelhos. Todo mundo sabia que o vermelho era mais quente. Comer também ajudava. Uma barriga vazia sempre levava a tremores. Você nunca a via tremendo, via?

“Obrigada, mãe,” Egwene disse levemente, o que rendeu uma risada suave. E um olhar chocado. Apesar de todas as suas liberdades, Chesa era uma defensora do decoro que fazia Aledrin parecer relaxada. Em espírito, de qualquer maneira, se muitas vezes não literalmente. “Não estou com dor de cabeça esta noite, graças a esse seu chá.” Talvez tivesse sido o chá. Por mais vil que fosse, como cura, não era pior do que assistir a uma sessão do Salão que durava mais de meio dia. “E eu não estou com muita fome, realmente. Um pão será suficiente.”

Claro que não era tão simples assim. A relação entre patroa e serva nunca era simples. Uma vivia na manga uma da outra, e ela a via no seu pior, conhecia todos os seus defeitos e fraquezas. Não havia privacidade com sua empregada. Chesa murmurou e resmungou baixinho o tempo todo em que estava ajudando Egwene a se despir e, no final, envolta em um roupão — seda vermelha, com certeza, bordada com renda murandiana espumosa e bordada com flores de verão; um presente de Anaiya — Egwene deixou que ela tirasse o pano de linho que cobria a bandeja da mesinha redonda.

O ensopado de lentilhas era uma massa congelada na tigela, mas um pouco de canalização resolveu isso e, com a primeira colherada, Egwene descobriu que estava com algum apetite. Ela comeu cada pedaço, e o pedaço de queijo branco com veios azuis, e as azeitonas um pouco murchas, e os dois pãozinhos marrons crocantes, embora tivesse que tirar gorgulhos de ambos. Como não queria adormecer rápido demais, bebeu apenas uma xícara do vinho apimentado, que também precisara ser reaquecido e tinha um leve amargor, mas Chesa sorriu de aprovação como se tivesse limpado a bandeja. Examinando os pratos, vazios, exceto pelos caroços de azeitona e algumas migalhas, ela percebeu que sim.

Uma vez em seu catre estreito, dois cobertores de lã macios e um edredom de penas de ganso puxados até o queixo, Chesa pegou a bandeja do jantar, mas parou na entrada da barraca. “Você quer que eu volte, Mãe? Se você tiver uma de suas dores de cabeça... Bem, aquela mulher encontrou companhia, ou ela estaria aqui agora.” Havia desprezo aberto em “aquela mulher”. “Eu poderia preparar outro bule de chá. Ganhei de um vendedor ambulante que disse que era soberano para dores de cabeça. E articulações e dores de barriga também.”

“Você realmente acha que ela é uma saia leve, Chesa?” Egwene murmurou. Já quente sob as cobertas, ela se sentia sonolenta. Ela queria dormir, mas não ainda. Cabeças e articulações e barrigas? Nynaeve ria muito ao ouvir isso. Talvez tenham sido todas aqueles Votantes tagarelas que afugentaram sua dor de cabeça, afinal. “Halima flerta, suponho, mas acho que nunca foi além de flertar.”

Por um momento Chesa ficou em silêncio, franzindo os lábios. “Ela me deixa... inquieta, mãe,” ela disse finalmente. “Há algo de errado com essa Halima. Eu sinto isso toda vez que ela está por perto. É como sentir alguém se esgueirando atrás de mim, ou perceber que há um homem me observando tomar banho, ou...” Ela riu, mas era um som desconfortável. “Não sei como descrever. Apenas algo não está certo.”

Egwene suspirou e se aconchegou ainda mais debaixo das cobertas. “Boa noite, Chesa.” Canalizando brevemente, ela apagou a

lâmpada, mergulhando a tenda na escuridão. "Você vai dormir em sua própria cama esta noite." Halima podia ficar chateada por vir e encontrar outra pessoa em sua cama. A mulher realmente quebrou o braço de um homem? O homem devia tê-la provocado de alguma forma.

Ela queria sonhos esta noite, sonhos tranquilos — pelo menos, sonhos que ela pudesse recordar; poucos de seus sonhos eram o que qualquer um chamaria de tranquilos —, mas ela tinha outro tipo de sonho para entrar primeiro, e para isso, fazia algum tempo que ela precisava dormir. Nem precisava de um dos *ter'angreal* que o Salão guardava tão de perto. Entrar em um transe leve não era mais difícil do que decidir fazer isso, especialmente tão cansada quanto ela, e...

...sem corpo, flutuava em uma escuridão sem fim, cercada por um mar sem fim de luzes, um imenso redemoinho de pontinhos minúsculos brilhando mais nitidamente do que estrelas na noite mais clara, mais numerosos que as estrelas. Esses eram os sonhos de todas as pessoas do mundo, de pessoas em todos os mundos que existiam ou poderiam existir, mundos tão estranhos que ela não conseguia começar a compreendê-los, todos visíveis aqui no pequeno espaço entre *Tel'aran'rhiod* e o despertar, o espaço infinito entre a realidade e os sonhos. Alguns desses sonhos, ela reconheceu de relance. Todos pareciam iguais, mas ela os conhecia com tanta certeza quanto os rostos de suas irmãs. Alguns, ela evitou. Os sonhos de Rand estavam sempre protegidos, e ela temia que ele pudesse saber quando ela tentasse espiar. O escudo a impediria de ver qualquer coisa, de qualquer maneira. Uma pena que ela não pudesse dizer onde alguém estava em seus sonhos; dois pontos de luz podem estar lado a lado ali, e os sonhadores a mil milhas de distância. Os sonhos de Gawyn a puxaram, e ela fugiu. Seus sonhos continham seus próprios perigos, até porque parte dela queria muito afundar neles. Os sonhos de Nynaeve deram-lhe uma pausa, e o desejo de colocar o medo da Luz na mulher tola, mas Nynaeve conseguira ignorá-la até agora, e Egwene não afundaria em puxá-la para *Tel'aran'rhiod* contra sua vontade. Esse era o tipo de coisa que os Abandonados faziam. Mas era uma tentação.

Movendo-se sem se mover, ela procurou por um sonhador em particular. Um de dois, pelo menos; qualquer um serviria. As luzes pareciam girar em torno dela, passar tão rápido que se confundiam em raias enquanto ela flutuava imóvel naquele mar estrelado. Esperava que pelo menos um daqueles que ela caçava já estivesse dormindo. A Luz sabia, já era tarde para qualquer um. Vagamente consciente de seu corpo no mundo desperto, ela se sentiu bocejar e enrolar as pernas sob as cobertas.

Então ela viu o ponto de Luz que procurava, e ele cresceu em sua visão enquanto corria em sua direção, de uma estrela no céu a uma lua cheia a uma parede cintilante que preenchia sua visão, pulsando como uma coisa respirando. Ela não o tocou, é claro; que poderia levar a todos os tipos de complicações mesmo com esta sonhadora. Além disso, seria embaraçoso entrar acidentalmente no sonho de alguém. Estendendo sua vontade através do espaço tênue que restava entre ela e o sonho, ela falou com cautela, para não ser ouvida em um grito. Ela não tinha corpo, nem boca, mas falava.

ELAYNE, É EGWENE. ENCONTRE-ME NO LOCAL DE SEMPRE. Ela não achava que alguém pudesse espionar, não sem ela saber, mas não fazia sentido correr riscos desnecessários.

O brilho apagou. Elayne tinha acordado. Mas ela se lembraria e saberia que a voz não tinha sido apenas parte de um sonho.

Egwene se moveu... de lado. Ou talvez fosse mais como completar um passo que ela havia parado no meio. Parecia ambos. Ela se moveu e...

...estava de pé em uma pequena sala, vazia exceto por uma mesa de madeira arranhada e três cadeiras de espaldar reto. As duas janelas mostravam uma noite profunda lá fora, mas havia uma luz estranha, diferente da luz da lua, da lâmpada ou da luz do sol. Não parecia vir de lugar nenhum; apenas existia. Mas era mais do que suficiente para ver claramente aquele quatinho triste e arrependido. Os painéis empoeirados das paredes estavam crivados de besouros, e as vidraças quebradas das janelas permitiram que a neve caísse sobre um monte de galhos e folhas mortas. Pelo menos, às vezes havia neve no chão, e galhos e folhas às vezes. A mesa e as cadeiras



permaneciam onde estavam, mas sempre que ela desviava o olhar, a neve poderia ter desaparecido quando ela olhasse para trás, os galhos e folhas marrons em lugares diferentes como se fossem espalhados pelo vento. Eles até se mexiam enquanto ela olhava, simplesmente aqui e ali. Isso já não parecia mais estranho para ela do que a sensação de olhos invisíveis observando. Nenhuma das duas coisas era realmente real, do jeito que as coisas eram em *Tel'aran'rhiod*. Um reflexo da realidade e um sonho misturados.

Em todos os lugares do Mundo dos Sonhos parecia vazio, mas esta sala tinha o vazio oco que só vinha de um lugar que estava verdadeiramente abandonado no mundo desperto. Há poucos meses, esse quartinho tinha sido o escritório de Amyrlin, a pousada que o abrigava chamava-se Pequena Torre, e a aldeia de Salidar, recuperada da floresta invasora, fervilhava, o coração da resistência a Elaida. Agora, se ela saísse, veria mudas brotando na neve no meio daquelas ruas que tinham sido tão dolorosamente limpas. As irmãs ainda Viajavam para *Salidar*, para visitar os pombais, todas com ciúme de que um pombo enviado por um de seus olhos e ouvidos pudesse cair nas mãos de outra, mas apenas no mundo desperto. Ir aos pombais aqui seria tão inútil quanto desejar que os pombos a encontrassem por milagre. Animais domesticados pareciam não ter reflexos no Mundo dos Sonhos, e nada feito aqui poderia tocar o mundo desperto. As irmãs com acesso ao *ter'angreal* do sonho tinham outros lugares para visitar além de uma aldeia deserta em Altara, e certamente ninguém mais tinha motivos para vir aqui no sonho também. Este era um dos lugares do mundo que Egwene podia ter certeza de que ninguém a pegaria de surpresa. Muitos outros lugares acabaram por ter bisbilhoteiros. Ou tristeza profunda. Ela odiava ver o que havia acontecido com Dois Rios desde que partiu.

Esperando que Elayne aparecesse, ela tentou reprimir sua impaciência. Elayne não era uma sonhadora; precisava usar um *ter'angreal*. E ela gostaria de dizer a Aviendha para onde estava indo, sem dúvida. Ainda assim, com o passar dos minutos, Egwene se viu andando de um lado para o outro pelas tábuas ásperas do piso,

irritada. O tempo fluía diferente aqui. Uma hora em *Tel'aran'rhiod* podia ser minutos no mundo desperto, ou vice-versa. Elayne poderia estar se movendo como o vento. Egwene verificou suas roupas, um vestido de montaria cinza com bordados verdes elaborados no corpete e em faixas largas nas saias divididas — ela estava pensando na Ajah Verde? — uma simples rede prateada para prender o cabelo dela. Com certeza, a longa e estreita estola da Amyrlin estava pendurada em seu pescoço. Ela fez a estola desaparecer e, depois de um momento, permitiu que ela voltasse. Era uma questão de deixá-la voltar, sem pensar conscientemente nela. A estola era parte de como ela se via agora, e era como Amyrlin que ela precisava falar com Elayne.

A mulher que finalmente apareceu na sala, porém, apenas surgindo como um lampejo, não era Elayne, mas Aviendha, surpreendentemente vestida com seda azul bordada em prata, com rendas claras em seus pulsos e pescoço. O pesado bracelete de marfim esculpido que ela usava parecia tão deslocado com aquele vestido quanto o *ter'angreal* dos sonhos que pendia de um cordão de couro em volta do pescoço, um anel de pedra estranhamente retorcido salpicado de cores.

“Onde está Elayne?” Egwene perguntou ansiosamente. “Ela está bem?”

A mulher Aiel deu um olhar assustado para si mesma, e de repente ela estava com uma saia escura volumosa e blusa branca, com um xale escuro sobre os ombros e um lenço escuro dobrado nas têmporas para segurar o cabelo ruivo que agora pendia até a cintura, maior do que na vida real, suspeitava Egwene. Tudo era mutável no Mundo dos Sonhos. Um colar de prata apareceu em seu pescoço, fios complicados de discos primorosamente trabalhados que os kandorianos chamavam de flocos de neve, um presente da própria Egwene que parecia ser de muito tempo atrás. “Ela não poderia fazer isso funcionar”, disse Aviendha, a pulseira de marfim deslizando em seu pulso enquanto ela tocava o anel torcido que ainda estava pendurado em sua tira de couro, acima do colar agora. “São os bebês.” De repente, ela sorriu. Seus olhos esmeralda pareciam quase

brilhar. “Ela tem um temperamento maravilhoso, às vezes. Ela jogou o anel no chão e pulou para cima e para baixo sobre ele.”

Egwene fungou. Bebês? Então deveria ser mais de um. Estranhamente, Aviendha lidava bem com Elayne estar grávida, embora Egwene estivesse convencida de que a mulher também amava Rand. Os modos dos Aiel eram peculiares, para dizer o mínimo. Mas Egwene não teria pensado isso de Elayne! E Rand! Ninguém havia realmente dito que ele era o pai, e ela dificilmente poderia perguntar algo assim, mas sabia contar e duvidava muito que Elayne fosse deitar com outro homem. Ela percebeu que estava usando lã grossa, escura e pesada, e um xale muito mais grosso que o de Aviendha. Boas roupas de Dois Rios. O tipo de roupa que uma mulher usaria para se sentar no Círculo das Mulheres. Digamos, quando alguma mulher tola se deixava engravidar e não mostrava nenhum sinal de se casar. Uma respiração profunda e relaxante, e ela estava de volta em seu vestido de montaria bordado em verde. O resto do mundo não era o mesmo que Dois Rios. Luz, ela tinha ido longe o suficiente para saber disso. Não precisava gostar disso, mas tinha que viver com isso.

“Contanto que ela e os... bebês... estejam bem.” Luz, quantos? Mais de um podia apresentar dificuldades. Não; ela não ia perguntar. Elayne certamente tinha a melhor parteira de Caemlyn. Melhor apenas mudar de assunto rapidamente. “Vocês tiveram notícias de Rand? Ou de Nynaeve? Eu tenho algumas palavras para ela, fugindo com ele dessa maneira.”

“Não tivemos notícias de nenhum deles”, respondeu Aviendha, ajustando o xale com tanto cuidado quanto qualquer Aes Sedai evitando os olhos da Amyrlin. Seu tom foi cuidadoso também?

Egwene estalou a língua, irritada consigo mesma. Ela realmente estava começando a ver conspirações em todos os lugares e suspeitas em tudo. Rand se escondeu, e era isso. Nynaeve era Aes Sedai, livre para fazer o que quisesse. Mesmo quando a Amyrlin comandava, as Aes Sedai muitas vezes encontravam uma maneira de fazer exatamente o que desejavam. Mas a Amyrlin ainda iria derrubar Nynaeve al'Meara com força, uma vez que ela colocasse as

mãos nela. Quanto a Rand... "Receio que o problema esteja vindo em sua direção", disse ela.

Um belo bule de prata apareceu na mesa, em uma bandeja de prata martelada com duas delicadas xícaras de porcelana verde. Um fio de vapor subiu do bico. Ela poderia ter feito o chá aparecer já nas xícaras, mas servir parecia parte de oferecer chá a alguém, mesmo chá efêmero sem mais realidade do que um sonho. Você poderia morrer de sede tentando beber o que encontrava em *Tel'aran'rhiod*, ainda mais o que fazia, mas este chá tinha gosto de folhas provenientes de um barril novo e ela colocou a quantidade certa de mel. Sentou-se em uma das cadeiras, bebeu a sua enquanto explicava o que havia acontecido no Salão e por quê.

Após as primeiras palavras, Aviendha segurou a xícara na ponta dos dedos sem beber e observou Egwene sem piscar. Suas saias escuras e blusa clara tornaram-se o *cadin'sor*, casaco e calça cinza e marrom que se desvaneceriam nas sombras. Seu cabelo comprido estava de repente curto, e escondido por uma *shoufa*, o véu preto pendurado em seu peito. Incongruentemente, a pulseira de marfim ainda estava pendurada em seu pulso, embora Donzelas da Lança não usassem joias.

"Tudo isso por causa do farol que sentimos", ela murmurou, meio para si mesma, quando Egwene terminou. "Porque eles acham que os Almas Sombrias têm uma arma." Era uma maneira estranha de colocar isso.

"O que mais pode ser?" Egwene perguntou, curiosa. "Uma das Sábias disse alguma coisa?" Fazia muito tempo que ela não acreditava que Aes Sedai possuíam todo o conhecimento, e às vezes as Sábias revelavam bolsões de informações que podiam assustar a irmã mais impassível.

Aviendha franziu a testa, e suas roupas voltaram para a saia, a blusa e o xale, e depois de um momento para a seda azul e renda, desta vez com o colar kandoriano e a pulseira de marfim. O anel dos sonhos permanecia em seu cordão, é claro. Um xale apareceu ao redor de seus ombros. O quarto estava com o frio de inverno, mas dificilmente parecia que a camada transparente de renda azul pálida

pudesse fornecer algum calor. “As Sábias estão tão incertas quanto suas Aes Sedai. Não tão assustadas, porém, eu acho. A vida é um sonho, e todos acordam eventualmente. Dançamos as lanças com o Mata-folhas”, esse nome para o Tenebroso sempre pareceu estranho para Egwene, vindo do Deserto sem árvores, “mas ninguém entra na dança certo de que vai viver ou vencer. Eu não acho que as Sábias considerariam qualquer aliança com os Asha'man. Isso é sábio?” ela acrescentou cautelosamente. “Pelo que você disse, não posso ter certeza se você deseja.”

“Não vejo outra escolha”, disse Egwene com relutância. “Esse buraco tem cinco quilômetros de diâmetro. Esta é a única esperança que temos que posso ver.”

Aviendha espiou seu chá. “E se os Almas Sombrias não possuíssem nenhuma arma?”

De repente, Egwene percebeu o que a outra mulher estava fazendo. Aviendha estava treinando para ser uma Sábia, e vestida ou não, ela estava *sendo* uma Sábia. Provavelmente esse era o motivo do xale. Parte de Egwene queria sorrir. Sua amiga estava mudando da frequentemente impetuosa Donzela da Lança que ela conhecera pela primeira vez. Outra parte dela lembrou que as Sábias nem sempre tinham os mesmos objetivos das Aes Sedai. O que as irmãs valorizavam profundamente às vezes não significava nada para as Sábias. Entristecia-a pensar em Aviendha como uma Sábia em vez de apenas uma amiga. Uma Sábia que veria o que era bom para os Aiel e não o que era bom para a Torre Branca. Ainda assim, a pergunta era boa.

“Nós temos que lidar com a Torre Negra mais cedo ou mais tarde, Aviendha, e Moria estava certa; já existem muitos Asha'man para qualquer pensamento de amansá-los todos. E isso se ousássemos pensar em amansá-los antes da Última Batalha. Talvez um sonho me mostre outro caminho, mas nenhum mostrou até agora.” Nenhum de seus sonhos lhe mostrou *nada* útil, até agora. Bem, não de verdade. “Isso nos dá pelo menos o começo de uma maneira de lidar com eles. De qualquer forma, vai acontecer. Se as Votantes puderem concordar em qualquer coisa além do fato de que elas têm que tentar um

acordo. Então devemos conviver com isso. Pode até ser o melhor, a longo prazo.”

Aviendha sorriu em sua xícara de chá. Não um sorriso divertido; ela parecia aliviada, por algum motivo. Sua voz estava séria, no entanto. “Vocês Aes Sedai sempre acham que os homens são tolos. Muitas vezes, eles não são. Mais frequentemente do que você pensa, pelo menos. Tome cuidado com esses Asha'man. Mazrim Taim está longe de ser um tolo, e acho que ele é um homem muito perigoso.”

“O Salão está ciente disso,” Egwene disse secamente. De que ele era perigoso, certamente. A outra parte podia valer a pena apontar. “Não sei por que estamos discutindo isso. Está fora das minhas mãos. O importante é que, eventualmente, as irmãs decidirão que a Torre Negra não é mais motivo para ficar longe de Caemlyn, se vamos conversar com elas de qualquer maneira. Na próxima semana ou amanhã, você encontrará irmãs aparecendo apenas para dar uma olhada em Elayne e ver como o cerco está indo. O que temos que decidir é como manter o que queremos escondido, escondido. Tenho algumas sugestões e espero que você tenha mais.”

A ideia de uma estranha Aes Sedai aparecendo no Palácio Real agitou Aviendha a ponto de ela passar de seda azul para *cadin'sor*, para saia de lã e blusa de algodão e vice-versa enquanto conversavam, embora ela parecesse não notar. Seu rosto permaneceu suave o suficiente para se adequar a qualquer irmã. Ela certamente não tinha nada com que se preocupar se as Aes Sedai visitantes descobrissem as Mulheres Kin, ou as *sul'dam* e *damane* cativas, ou a barganha com o Povo do Mar, mas provavelmente estava preocupada com as repercussões sobre Elayne.

O Povo do Mar não apenas fez o *cadin'sor* aparecer, mas um escudo redondo de couro de touro deitado ao lado de sua cadeira com três lanças curtas de Aiel. Egwene pensou em perguntar se havia algum problema especial com as Chamadoras de Vento — qualquer problema além do normal, claro —, mas segurou a língua. Se Aviendha não mencionou isso, então o assunto era algo que ela e Elayne queriam resolver. Certamente ela teria dito algo se fosse algo que Egwene deveria saber. Ou não?

Suspirando, Egwene colocou sua xícara sobre a mesa, onde ela prontamente desapareceu, e esfregou os olhos com os dedos. A suspeita realmente fazia parte de seus ossos, agora. E era improvável que ela sobrevivesse muito tempo sem ela. Pelo menos ela nem sempre tinha que agir de acordo com suas suspeitas, não com uma amiga.

“Você está cansada”, disse Aviendha, mais uma vez de blusa branca e saia escura e xale, uma Sábia preocupada com olhos verdes penetrantes. “Você não dorme bem?”

“Eu durmo bem,” Egwene mentiu, conseguindo dar um sorriso. Aviendha e Elayne tinham suas próprias preocupações sem que soubessem de suas dores de cabeça. “Não consigo pensar em mais nada” disse ela, levantando-se. “Você consegue? Então terminamos,” ela continuou quando a outra mulher balançou a cabeça. “Diga a Elayne para cuidar de si mesma. Você cuida dela. E de seus bebês.”

“Eu vou”, disse Aviendha, agora na seda azul. “Mas você deve se cuidar. Acho que você se usa demais. Durma bem e acorde,” ela disse gentilmente, o jeito Aiel de dizer boa noite, e ela se foi.

Egwene franziu a testa para o local onde sua amiga havia desaparecido. Ela não estava se usando muito. Apenas tanto quanto precisava. Ela deslizou de volta para seu corpo e descobriu que ele estava profundamente adormecido.

Isso não significava que ela estava dormindo, ou não exatamente. Seu corpo adormecia, respirando lenta e profundamente, mas ela se deixou afundar apenas o suficiente para que os sonhos viessem. Ela poderia ter esperado até que acordasse e se lembrasse dos sonhos enquanto os escrevia no livrinho encadernado em couro que guardava no fundo de um de seus baús de roupas, enfiado sob finas camisolas de linho que não seriam tiradas até bem depois da primavera. Mas observar os sonhos à medida que eles surgiam economizava tempo. Ela pensou que poderia ajudá-la a decifrar o que eles significavam. Pelo menos, aqueles que eram mais do que fantasias noturnas comuns.

Havia muitos deles, muitas vezes apresentando Gawyn, um homem alto e bonito que a tomava nos braços e dançava com ela e fazia

amor com ela. Uma vez, mesmo em seus sonhos, ela se esquivou de pensamentos de fazer amor com ele. Ela corou ao pensar nisso acordada. Isso parecia tão tolo agora, tão infantil. Ela iria vinculá-lo como seu Guardião um dia, de alguma forma, e se casaria com ele, e faria amor com ele até que ele clamasse por misericórdia. Mesmo em seu sono, ela riu disso. Outros sonhos não foram tão agradáveis. Caminhar pela neve até a cintura com árvores grossas ao redor dela, sabendo que tinha que chegar à beira da floresta. Mas mesmo quando ela vislumbrava o final das árvores à frente, em um piscar de olhos ele recuava na distância, deixando-a se debater. Ou estava empurrando uma grande pedra de moinho para cima de uma colina íngreme, mas toda vez que estava quase no topo, escorregava e caía e observava a enorme pedra rolar de volta para o fundo, então ela tinha que se arrastar de volta para baixo e começar de novo, só que a cada vez, a colina estava mais alta do que antes. Ela conhecia o suficiente de sonhos para saber de onde vinham, mesmo que não tivessem nenhum significado especial. Nada além do fato de que ela estava cansada e tinha uma tarefa aparentemente interminável pela frente, de qualquer maneira. Não havia ajuda para isso, no entanto. Ela sentiu seu corpo estremecer com os sonhos laboriosos, e tentou acalmar seus músculos, fazê-los relaxar. Esse tipo de meio-sono era pouco melhor do que nenhum, e piores ainda se ela passasse a noite inteira se debatendo em sua cama. Seus esforços funcionaram, um pouco. Pelo menos ela apenas se contorceu em um sonho de ser forçada a puxar um carrinho cheio de Aes Sedai por uma estrada lamacenta.

Outros sonhos vieram, entre eles e no meio.

Mat estava em um gramado da aldeia, jogando boliche. As casas com telhados de palha eram vagas, à maneira dos sonhos — às vezes os telhados eram de ardósia; às vezes as casas pareciam de pedra, às vezes de madeira —, mas ele era nítido e claro, vestido com um belo casaco verde e aquele chapéu preto de abas largas, exatamente como no dia em que entrou em Salidar. Não havia outro ser humano à vista. Esfregando a bola entre as mãos, ele deu uma corrida curta e a rolou casualmente pela grama lisa. Todos os nove



pinos caíram, espalhados como se tivessem sido chutados. Mat se virou e pegou outra bola, e os pinos voltaram a se erguer. Não, havia um novo conjunto de pinos. Os velhos ainda estavam onde haviam caído. Ele arremessou a bola novamente, uma jogada preguiçosa e dissimulada. E Egwene queria gritar. Os pinos não eram pedaços de madeira torneados. Eles eram homens, parados ali observando a bola rolar em direção a eles. Nenhum se moveu até que a bola os enviou voando. Mat se virou para pegar outra bola, e havia mais pinos novos, homens novos, em formação ordenada entre os homens caídos no chão como se estivessem mortos. Não, eles estavam mortos. Despreocupado, Mat jogava boliche.

Foi um sonho verdadeiro; ela sabia disso muito antes de desaparecer. Um vislumbre de um futuro que podia acontecer, um aviso do que devia ser observado. Sonhos verdadeiros eram sempre possibilidades, não certezas — muitas vezes ela precisava se lembrar disso; Sonhar não era prever —, mas essa era uma possibilidade terrível. Cada um daqueles alfinetes humanos representava milhares de homens. Disso ela tinha certeza. E uma Iluminadora fazia parte disso. Mat conheceu um Iluminador uma vez, mas isso foi há muito tempo. Isso era algo mais recente. Os Iluminadores foram dispersos, suas guildas desapareceram. Uma estava até trabalhando em seu ofício com um show itinerante com o qual Elayne e Nynaeve viajaram por um tempo. Mat podia encontrar um iluminador em qualquer lugar. Ainda assim, era apenas um futuro possível. Sombrio e manchado de sangue, mas só possível. No entanto, ela havia sonhado com isso pelo menos duas vezes. Não exatamente o mesmo sonho, mas sempre o mesmo significado. Isso tornava mais provável que acontecesse? Ela teria que pedir às Sábias para descobrir, e estava cada vez mais relutante em fazer isso. Cada pergunta que fazia revelava algo para elas, e seus objetivos não eram os dela. Para salvar o que pudessem dos Aiel, deixariam a Torre Branca virar pó. Ela tinha mais do que qualquer povo, qualquer nação, em que pensar. Mais sonhos.

Ela estava lutando por um caminho estreito e rochoso ao longo da face de um penhasco alto. Nuvens a cercavam, escondendo o chão

abaixo e a crista acima, mas ela sabia que ambos estavam muito longe. Ela teve que colocar os pés com muito cuidado. O caminho era uma saliência rachada que mal era larga o suficiente para ela ficar de pé com um ombro pressionado contra o penhasco, uma saliência cheia de pedras do tamanho de seu punho que poderiam virar sob um degrau mal posicionado e enviá-la para a beirada. Quase parecia que isso era como os sonhos de empurrar pedras e puxar carrinhos, mas ela sabia que era um sonho verdadeiro.

Abruptamente, a saliência caiu debaixo dela com o estalo de pedra em ruínas, e ela agarrou freneticamente o penhasco, os dedos lutando para encontrar um apoio. Suas pontas dos dedos deslizaram em uma pequena fenda, e sua queda parou com um solavanco que torceu seus braços. Com os pés balançando nas nuvens, ela ouviu a pedra caindo batendo contra o penhasco até que o som se desvaneceu sem que a pedra batesse no chão. Vagamente, ela podia ver a borda quebrada à sua esquerda. A três metros de distância, poderia muito bem estar a um quilômetro e meio de distância por todas as chances que ela tinha de alcançá-lo. Na outra direção, as brumas escondiam o que restava do caminho, mas ela achava que devia estar ainda mais longe. Não havia força em seus braços. Ela não conseguia se levantar, apenas ficar ali pendurada pelas pontas dos dedos até cair. A borda da fenda parecia tão afiada quanto uma faca sob seus dedos.

De repente, uma mulher apareceu, descendo o lado escarpado do penhasco para fora das nuvens, fazendo seu caminho habilmente como se estivesse descendo uma escada. Havia uma espada amarrada em suas costas. Seu rosto vacilou, nunca parando claramente, mas a espada parecia tão sólida quanto a pedra. A mulher chegou ao nível de Egwene e estendeu uma mão. "Nós podemos chegar ao topo juntas", disse ela com um sotaque arrastado familiar.

Egwene afastou o sonho como se fosse uma víbora. Ela sentiu seu corpo se debater, ouviu-se gemer em seu sono, mas por um momento não pôde fazer nada. Ela havia sonhado com os Seanchan antes, com uma mulher Seanchan de alguma forma ligada a ela, mas esta

era uma Seanchan que a salvaria. Não! Elas colocaram uma coleira nela, fizeram dela *damane*. Ela preferiria morrer a ser salva por uma Seanchan! Muito tempo se passou antes que ela pudesse se dedicar a acalmar seu corpo adormecido. Ou talvez só parecesse muito tempo.

Não uma Seanchan; nunca isso!

Lentamente, os sonhos voltaram.

Ela estava escalando outro caminho ao longo de um penhasco envolto em nuvens, mas esta era uma larga saliência de pedra branca suavemente pavimentada, e não havia rochas sob os pés. O penhasco em si era branco como giz e liso como se tivesse sido polido. Apesar das nuvens, a pedra pálida quase brilhava. Ela subiu rapidamente e logo percebeu que a saliência estava em espiral. O penhasco era na verdade um pináculo. Assim que esse pensamento ocorreu, ela estava de pé em cima dele, um disco liso e polido cercado pela névoa. Não era bem plano, no entanto. Um pequeno pedestal branco estava no centro daquele círculo, sustentando uma lamparina a óleo feita de vidro transparente. A chama daquela lâmpada queimava brilhante e constante, sem piscar. Era branca também.

De repente, um par de pássaros surgiu da névoa, dois corvos negros como a noite. Atravessando o topo da torre, eles atingiram a lâmpada e voaram sem sequer uma pausa. A lâmpada girou e balançou, dançando em cima do pedestal, lançando gotas de óleo. Algumas dessas gotas pegaram fogo no ar e desapareceram. Outras caíram ao redor da pequena coluna, cada uma sustentando uma pequena e bruxuleante chama branca. E a lâmpada continuou a balançar à beira de cair.

Egwene acordou na escuridão com um sobressalto. Ela sabia. Pela primeira vez, ela sabia exatamente o que um sonho significava. Mas por que ela sonharia com uma mulher Seanchan salvando-a e depois com os Seanchan atacando a Torre Branca? Um ataque que abalaria as Aes Sedai e ameaçaria a própria Torre. Claro, era apenas uma possibilidade. Mas os eventos vistos em sonhos verdadeiros eram mais prováveis do que outras possibilidades.

Ela pensou que estava pensando com calma, mas com um farfalhar áspero de lona nas abas de entrada, ela quase abraçou a Fonte Verdadeira. Apressadamente, ela fez exercícios de principiante para se recompor, água fluindo sobre pedras lisas, vento soprando através da grama alta. Luz, ela estava com medo. Levou duas tentativas para alcançar qualquer tipo de calma. Ela abriu a boca para perguntar quem estava lá.

"Dormindo?" A voz de Halima murmurou suavemente. Ela parecia tensa, quase excitada. "Bem, eu não me importaria de ter uma boa noite de sono."

Ouvindo a mulher se despir para dormir no escuro, Egwene ficou muito quieta. Se avisasse que estava acordada, teria que falar com ela e, no momento, seria embaraçoso. Ela estava bastante certa de que Halima tinha encontrado companhia, se não fosse por toda a noite. Halima poderia fazer o que quisesse, é claro, mas Egwene ainda estava desapontada. Desejando ter permanecido dormindo, ela se viu escorregando mais uma vez, e desta vez, ela não tentou parar no meio do caminho. Ela se lembraria de qualquer sonho que viesse, e precisava dormir de verdade.

Chesa chegou com o primeiro brilho para trazer o café da manhã em uma bandeja e ajudá-la a se vestir. Na verdade, era cedo e nada brilhante. Havia apenas um mero indício de luz do sol, e a luz das lâmpadas era necessária para ver qualquer coisa. As brasas do braseiro tinham se apagado durante a noite, é claro, e o frio que pairava no ar parecia cinza. Podia haver uma chance de mais neve hoje. Halima se contorceu em sua camisola de seda e vestido, fazendo piadas engraçadas sobre como ela gostaria de ter uma empregada enquanto Chesa estava fechando as fileiras de botões que desciam pelas costas de Egwene. A mulher gorda tinha um rosto rígido, ignorando Halima completamente. Egwene não disse nada. Não disse nada com muita determinação. Halima não era sua serva. Ela não tinha o direito de estabelecer padrões para a mulher.

Assim que Chesa terminou o último dos botões minúsculos e deu um tapinha no braço de Egwene, Nisao mergulhou na tenda, deixando entrar uma nova onda de ar frio. O breve vislumbre dado

antes que as abas caíssem atrás dela mostrou que ainda estava cinza do lado de fora. Definitivamente havia uma chance de neve.

“Devo falar com a Mãe a sós”, disse ela, segurando o manto como se já sentisse a neve. Um tom tão firme era incomum da pequena mulher.

Egwene acenou para Chesa, que fez uma reverência, mas ainda advertiu: “Agora, não deixe seu café da manhã esfriar”, ao sair da barraca.

Halima fez uma pausa, olhando tanto para Nisao quanto para Egwene, antes de pegar sua capa de onde estava em uma pilha desordenada ao pé de sua cama. “Suponho que Delana tem trabalho para mim,” ela disse, parecendo irritada.

Nisao franziu o cenho para as costas da mulher quando ela saiu, mas sem dizer nada, ela abraçou *saidar* e teceu uma proteção contra espionagem em torno dela e de Egwene. Sem pedir permissão. “Anaiya e seu Guardião estão mortos”, disse ela. “Alguns dos trabalhadores que trouxeram sacos de carvão ontem à noite ouviram um barulho, como alguém se debatendo e, por incrível que pareça, todos foram correndo ver o que era. Eles encontraram Anaiya e Setagana deitados na neve, mortos.”

Egwene sentou-se lentamente em sua cadeira, que não parecia particularmente confortável no momento. Anaiya, morta. Ela não tinha beleza, exceto seu sorriso, mas quando sorria, aquecia tudo ao seu redor. Uma mulher de rosto simples que adorava rendas em suas vestes. Egwene sabia que deveria sentir tristeza por Setagana também, mas ele tinha sido um Guardião. Se ele tivesse sobrevivido a Anaiya, era improvável que tivesse vivido muito. “Como?” ela disse. Nisao não teria tecido aquela proteção só para lhe dizer que Anaiya estava morta.

O rosto de Nisao se contraiu e, apesar da proteção, ela olhou por cima do ombro como se temesse que alguém pudesse estar ouvindo nas abas de entrada. “Os trabalhadores pensaram que tinham comido cogumelos mal conservados. Alguns fazendeiros são descuidados ao coletar o que pretendem vender, e o tipo errado pode paralisar seus pulmões ou fazer sua garganta inchar, então você morre lutando por

ar.” Egwene assentiu com impaciência. Afinal, ela havia crescido em uma vila rural. “Todo mundo parecia disposto a aceitar isso,” Nisao continuou, mas ela não se apressou. Com as mãos torcendo e flexionando nas bordas de sua capa, ela parecia relutante em chegar a uma conclusão. “Não houve ferimentos, nenhum ferimento de qualquer tipo. Não havia razão para pensar que não passava de um fazendeiro ganancioso vendendo cogumelos ruins. Mas...” Ela suspirou, olhando por cima do ombro novamente, e baixou a voz. “Suponho que foi tudo sobre a Torre Negra no Salão hoje. Fiz o teste de ressonância. Eles foram mortos com *saidin*.” Uma careta de desgosto cruzou seu rosto. “Acho que alguém apenas teceu fluxos sólidos de ar ao redor de suas cabeças e os deixou sufocar.” Estremecendo, ela puxou sua capa para mais perto.

Egwene também queria estremecer. Ela ficou surpresa que não estremeceu. Anaiya, morta. Sufocada. Uma maneira deliberadamente cruel de matar, usada por alguém que esperava não deixar vestígios. “Você já contou a alguém?”

“Claro que não,” Nisao disse indignada. “Eu vim até você imediatamente. Assim que eu soubesse que você estaria acordada, pelo menos.”

“Uma pena. Você terá que explicar por que você atrasou. Não podemos manter esse segredo.” Bem, Amyrlins tinha guardado segredos mais sombrios, para o bem da Torre como elas a viam. “Se temos um homem que pode canalizar entre nós, então as irmãs precisam estar em guarda.” Um homem que pudesse se esconder entre os operários ou soldados parecia improvável, mas menos do que alguém vindo ali apenas para matar uma única irmã e seu Guardião. O que levantou outra questão. “Por que Anaiya? Ela estava apenas no lugar errado na hora errada, Nisao? Onde eles morreram?”

“Perto das carroças no lado sul do acampamento. Não sei por que eles estavam lá naquela hora da noite. A menos que Anaiya estivesse indo para as latrinas e Setagana pensasse que ela precisava ser vigiada mesmo lá.”

“Então você vai descobrir para mim, Nisao. O que Anaiya e Setagana estavam fazendo quando todo mundo estava dormindo?”

Por que eles foram mortos? Isso, você vai manter em segredo. Até que você possa me dar razões, ninguém além de nós duas saberá que você está procurando por alguma.”

A boca de Nisao abriu e fechou. "Se eu devo, eu devo", ela murmurou apenas meio baixinho. Ela não estava realmente preparada para guardar segredos profundos, e sabia disso. O último que ela tentou manter a levou diretamente a ter que jurar fidelidade a Egwene. "Isso vai acabar com as conversas sobre um acordo com a Torre Negra?"

"Duvido", disse Egwene, cansada. Luz, como ela já podia estar cansada? O sol ainda não tinha nascido totalmente. "De qualquer forma, acho que será outro dia muito longo." E o melhor que ela podia esperar nisso era que pudesse chegar a outra noite sem dor de cabeça.



## CAPÍTULO

### 21

---



### Uma Marca

Alviarín atravessou o portal, deixando-o se fechar atrás de si em uma faixa desbotada de azul-esbranquiçado brilhante, e quase imediatamente espirrou por causa da poeira levantada por seus sapatos. Imediatamente outro espirro a atormentou, e então outro que trouxe lágrimas aos seus olhos. Iluminado apenas pelo globo brilhante que flutuava na frente dela, o depósito de paredes ásperas escavado na rocha três níveis abaixo da Biblioteca da Torre estava vazio, exceto por séculos de poeira. Ela preferia voltar direto para seus aposentos na própria Torre, mas sempre havia a chance de entrar e encontrar uma empregada limpando, e então ela teria que se livrar do corpo e torcer para que ninguém se lembrasse de que a empregada tinha sido vista pela última vez entrando em seus aposentos. Permaneça escondida e não levante nem o menor indício de suspeita, Mesaana havia ordenado. Isso parecia muito tímido quando a Ajah Negra caminhava impunemente pela Torre desde sua fundação, mas quando um dos Escolhidos ordenava, apenas uma tola desobedecia. Pelo menos, se houvesse alguma chance de ser descoberta.

Irritada, Alviarín canalizou para forçar a poeira a sair do ar, batendo-a com tanta força que o chão de pedra deveria ter sacudido. Ela não teria que passar por isso todas as vezes se simplesmente varresse toda a poeira para um canto em vez de deixá-la espalhada. Ninguém mais tinha ido tão longe nos porões da Biblioteca em anos; ninguém notaria que o quarto estava limpo. Mas alguém estava sempre fazendo o que ninguém nunca fazia. Ela mesma costumava fazer isso



e não pretendia ser pega por um erro tolo. Ainda assim, ela resmungou baixinho enquanto canalizava a lama avermelhada de seus sapatos e a bainha de suas saias e capa. Parecia improvável que alguém a reconhecesse como vinda de Tremalking, a maior das ilhas do Povo do Mar, mas alguém poderia se perguntar onde ela esteve para ficar enlameada. Os terrenos da Torre estariam enterrados na neve, exceto onde tivesse sido removida com uma pá e a terra congelada. Ainda murmurando para si mesma, ela canalizou novamente para abafar o guincho das dobradiças enferrujadas enquanto abria a porta de madeira áspera. Havia uma maneira de fazer uma trama e escondê-la, para que ela não tivesse que suavizar aquele rangido todas as vezes — ela tinha certeza de que havia — mas Mesaana se recusou a ensinar a ela.

Mesaana era a verdadeira fonte de seu aborrecimento. A Escolhida ensinava o que desejava e nada mais, insinuava maravilhas e depois as retinha. E Mesaana a usava como uma garota de recados. Ela se sentava à frente do Conselho Supremo e sabia os nomes de cada irmã Negra em cada coração, o que era mais do que Mesaana poderia dizer. A mulher mostrava pouco interesse em quem cumpriria suas ordens, desde que fossem cumpridas, e ao pé da letra. Muitas vezes, ela queria que elas fossem executados pela própria Alviarin, forçando-a a lidar com mulheres e homens que se consideravam iguais apenas porque também serviam ao Grande Senhor. Muitos dos Amigos se consideravam iguais às Aes Sedai, ou mesmo superiores. Pior ainda, Mesaana a proibiu de fazer uma lição prática de até mesmo um deles. Pequenos roedores repelentes, nenhum capaz de canalizar, e Alviarin tinha que ser educada só porque alguns deles poderiam estar servindo a outro dos Escolhidos! Era óbvio que Mesaana não tinha certeza. Ela era uma das Escolhidas, e fez Alviarin sorrir para a poeira da rua por sua incerteza.

Com a bola de luz pálida flutuando à sua frente para iluminar, Alviarin deslizou pelo áspero corredor de pedra, alisando a poeira atrás com pinceladas de Ar para que parecesse imperturbável e ensaiando várias coisas seletas que gostaria de dizer a Mesaana. Ela realmente não diria nenhuma delas, é claro, o que só aguçava sua

irritação. Criticar um dos Escolhidos, mesmo nos termos mais suaves, era um caminho curto para a dor, talvez para a morte. Quase certamente ambas, na verdade. Com os Escolhidos, rastejar e obedecer era a única maneira de sobreviver, e a primeira parte era tão importante quanto a segunda. O prêmio da imortalidade valia um pouco de rastejamento. Com isso, ela poderia ganhar todo o poder que desejasse, muito mais do que qualquer Amyrlin já havia exercido. Primeiro, porém, era necessário sobreviver.

Uma vez que alcançou o topo da primeira rampa que levava para cima, ela não se incomodou mais em esconder seus rastros. Não havia tanta poeira ali, e era marcada pelas rodas de carrinhos de mão e arranhões de sapatos; então outro conjunto de pegadas tênues nunca seria notado. Ela ainda andava rapidamente, no entanto. Normalmente, o pensamento de viver para sempre a iluminava, o pensamento de eventualmente exercer poder através de Mesaana como ela agora fazia através de Elaida. Bem, quase o mesmo pensamento; esperar trazer Mesaana ao estado de conformidade de Elaida era muito ambicioso, mas ela ainda podia amarrar as cordas à mulher que garantiriam sua própria ascensão. Hoje, sua mente continuava voltando ao fato de que ela estava fora da Torre há quase um mês. Mesaana não se daria ao trabalho de manter Elaida sob controle durante sua ausência, embora a Escolhida certamente colocaria a culpa aos pés de Alviarin se algo desse errado. Claro, Elaida estava devidamente intimidada depois da última vez. A mulher *implorou* para ser liberada de fazer penitências particulares da Mestra das Noviças. Claro ela estava muito intimidada para ter saído da linha. É claro. Alviarin empurrou Elaida firmemente para trás de sua cabeça, mas ela não diminuiu seus passos.

Uma segunda rampa a levou ao porão mais alto, onde ela deixou a bola brilhante desaparecer e soltou *saidar*. As sombras aqui eram pontilhadas com poças de luz pálida que quase se tocavam, projetadas por lâmpadas colocadas em suportes de ferro ao longo de paredes de pedra que estavam bem vestidas nesse nível. Nada se movia, exceto um rato que saiu correndo com um leve clique de garras nas pedras do piso. Isso quase a fez sorrir. Quase. Os olhos

do Grande Senhor circulavam na Torre agora, embora ninguém parecesse ter notado que as proteções falharam. Ela não achava que fosse algo que Mesaana tivesse feito; as proteções simplesmente não funcionavam mais como deveriam. Havia... lacunas. Ela certamente não se importava se o animal a visse, ou relatasse o que tinha visto, mas mesmo assim ela se abaixou rapidamente em uma escada circular estreita. Podia haver pessoas nesse nível, e as pessoas não deveriam ser confiáveis da mesma forma que os ratos.

Talvez, ela pensou enquanto subia, ela pudesse sondar Mesaana sobre aquele clarão impossível no Poder, desde que fosse... delicada. A Escolhida pensaria que ela estava escondendo algo se nunca mencionasse isso. Toda mulher que podia canalizar no mundo inteiro devia estar se perguntando o que tinha acontecido. Ela só teria que tomar cuidado para não deixar escapar nada que sugerisse que realmente tinha visitado o local. Muito tempo depois que o faror desapareceu, é claro — ela não era estúpida o suficiente para simplesmente entrar *naquilo!* —, mas Mesaana parecia achar que Alviarin deveria realizar suas tarefas sem tirar um momento para si mesma. A mulher poderia realmente acreditar que não tinha assuntos próprios para cuidar? Era melhor se comportar como se ela tivesse nenhum. Por enquanto, pelo menos.

Nas sombras no topo da escada, ela parou em frente à pequena porta simples, grosseiramente acabada deste lado, para se segurar enquanto dobrava o manto sobre o braço. Mesaana era uma das Escolhidas, mas ainda humana. Mesaana cometia erros. E ela mataria Alviarin em um piscar de olhos se cometesse um. Rasteje, obedeça e sobreviva. E seja sempre cautelosa. Ela sabia disso muito antes de conhecer um dos Escolhidos. Recuperando a estola branca de Guardiã de sua bolsa de cinto, ela a colocou em volta do pescoço e abriu a porta com cuidado para ouvir. Silêncio, como esperado. Ela saiu para o Nono Depósito e fechou a porta atrás de si. Do lado de dentro, a porta não era menos simples, mas polida com um brilho suave.

A Biblioteca da Torre estava dividida em doze depósitos, pelo menos até onde o mundo sabia, e o Nono era o menor, dedicado a

textos sobre várias formas de aritmética, mas ainda era uma grande câmara, um oval comprido com uma cúpula achatada para um teto cheio de fileiras e mais fileiras de prateleiras altas de madeira, cada uma cercada por uma passagem estreita quatro passos acima dos ladrilhos de sete cores. Escadas altas ficavam ao lado das prateleiras, sobre rodas para que pudessem ser movidas com facilidade, tanto no chão quanto nas passarelas, e luminárias espelhadas de latão com bases tão pesadas que cada uma precisava de três ou quatro homens para mover. O fogo era uma preocupação constante na Biblioteca. As lamparinas estavam todas acesas, prontas para iluminar o caminho de qualquer irmã que quisesse encontrar um livro ou um manuscrito encaixotado, mas um carrinho de mão na estante com três grandes volumes em estojo de couro para serem substituídos ainda estava no meio de um corredor exatamente onde ela se lembrava da última vez que passou por ali. Não entendia por que havia necessidade de diferentes formas de aritmética ou por que tantos livros haviam sido escritos sobre elas, e por mais que a Torre se orgulhasse de ter a maior coleção de livros do mundo, cobrindo todos os tópicos possíveis, parecia que a maioria das Aes Sedai concordava com ela. Ela nunca tinha visto outra irmã no Nono Depósito, a razão pela qual ela o usava para sua entrada. Nas largas portas em arco, convidativamente abertas, ela escutou até se certificar de que o corredor estava vazio antes de sair. Qualquer um acharia estranho que ela tivesse desenvolvido um interesse pelos livros dali.

Enquanto corria pelos corredores principais, onde os ladrilhos do piso estavam dispostos em fileiras repetidas das cores das Ajahs, ocorreu-lhe que a Biblioteca estava mais silenciosa do que de costume, mesmo contando quantas Aes Sedai restavam na Torre no momento. Sempre havia uma ou duas irmãs para serem vistas, mesmo que apenas as bibliotecárias — algumas Marrons realmente mantinham aposentos nos níveis superiores, além de seus quartos na Torre —, mas as enormes figuras esculpidas nas paredes dos corredores, pessoas fantasiosamente vestidas e estranhos animais de três metros de altura ou mais, podiam ser os únicos habitantes da Biblioteca. As correntes de ar faziam com que as rodas de lâmpadas

intrincadamente esculpidas penduradas dez passos acima rangessem levemente em suas correntes. Seus passos pareciam anormalmente altos, lançando ecos suaves do teto abobadado.

"Posso te ajudar?" a voz de uma mulher disse baixinho atrás dela.

Assustada, Alviarin girou, quase deixando cair sua capa, antes que pudesse se segurar. "Eu só queria andar pela Biblioteca, Zemaille," ela disse, e imediatamente sentiu uma pontada de irritação. Se estava nervosa o suficiente para se explicar para uma bibliotecária, então ela realmente precisava se controlar antes de se reportar a Mesaana. Quase queria contar a Zemaille o que estava acontecendo em Tremalking, só para ver se a mulher se encolheria.

A expressão branda no rosto moreno da irmã Marrom não mudou, mas um toque de alguma emoção ilegível alterou o tom de sua voz. Alta e muito magra, Zemaille sempre mantinha aquela máscara externa de reserva e distância, mas Alviarin suspeitava de que ela fosse menos tímida do que fingia e menos agradável. "Isso é bastante compreensível. A Biblioteca é repousante e é um momento triste para todas nós. E mais triste ainda para você, é claro."

"Claro", Alviarin repetiu como se fosse verdade. Um momento triste? Para ela em particular? Ela pensou em levar a mulher para algum canto isolado onde ela pudesse ser questionada e descartada, mas então notou outra Marrom, uma mulher redonda ainda mais escura que Zemaille, observando-as de mais longe no salão. Aiden e Zemaille eram fracas no Poder, mas superar ambas de uma vez seria difícil, se fosse possível. Por que ambas estavam aqui no térreo? A dupla raramente era vista, circulando entre os quartos nos andares superiores que compartilhavam com Nyein, a terceira irmã do Povo do Mar, e o chamado Décimo Terceiro Depósito, onde os registros secretos eram mantidos. Todas as três trabalhavam lá, voluntariamente imersas até o pescoço em seus trabalhos. Ela continuou andando e tentou dizer a si mesma que estava nervosa sem motivo, mas isso não fez nada para aliviar o formigamento entre suas omoplatas.

A falta de bibliotecárias guardando a entrada da frente só fez os espinhos crescerem. As bibliotecárias sempre ficavam em *todas* as

entradas, para garantir que nenhum pedaço de papel saísse da biblioteca sem seu conhecimento. Alviarin canalizou para abrir uma das altas portas esculpidas antes que a alcançasse e a deixou de pé, boquiaberta, sobre as dobradiças de bronze, enquanto descia apressada as largas escadas de mármore. O largo caminho de pedra ladeado de carvalhos que levava ao alto poço branco da Torre tinha sido limpo, mas se não tivesse sido, ela teria usado o Poder para derreter a neve à sua frente, sem deixar ninguém pensar no que fazer. Mesaana deixou bem claro o preço de correr o risco de que alguém pudesse aprender a trama para Viajar, ou mesmo que ela soubesse disso, caso contrário ela teria Viajado do local. Com a Torre à vista, pairando sobre as árvores e brilhando à pálida luz do sol da manhã, ela poderia ter chegado lá em um passo. Em vez disso, ela lutou contra o desejo de correr.

Não foi surpresa encontrar os corredores largos e altos da Torre vazios. Alguns servos apressados com a Chama Branca de Tar Valon em seus peitos balançavam suas reverências e medidas enquanto ela passava, mas eles não eram mais úteis, não eram mais importantes, do que as correntes de ar que faziam as lamparinas douradas piscarem e ondulavam as tapeçarias brilhantes penduradas nas paredes brancas como a neve. As irmãs se mantinham nos alojamentos de suas próprias Ajahs o máximo possível ultimamente, é claro, e a menos que encontrasse um membro de seu próprio coração, até mesmo ver uma Aes Sedai que ela sabia ser da Ajah Negra teria sido inútil. Ela as conhecia, mas elas não a conheciam. Além disso, ela não estava disposta a se revelar a ninguém que não precisasse. Talvez alguns desses maravilhosos instrumentos da Era das Lendas de que Mesaana falou lhe permitissem um dia questionar qualquer irmã imediatamente, se a mulher realmente os produziu, mas agora ainda era uma questão de ordens cifradas deixadas em travesseiros ou em lugares secretos. O que antes parecia quase dar respostas instantâneas agora parecia interminavelmente atrasado. Um servo atarracado e careca fazendo sua reverência engoliu em seco audivelmente, e ela suavizou suas feições. Ela se orgulhava de seu distanciamento gelado, sempre apresentando uma superfície fria

e serena. De qualquer forma, olhar de cara feia para a Torre não a levaria a lugar nenhum.

Havia uma pessoa na Torre que ela tinha certeza que sabia exatamente onde encontrar, alguém de quem ela poderia exigir respostas sem medo do que a mulher pensasse. Era preciso um pouco de cautela mesmo ali, é claro — perguntas descuidadas revelavam mais do que a maioria das respostas valiam —, mas Elaida lhe contaria qualquer coisa. Com um suspiro, ela começou a subir.

Mesaana havia contado a ela sobre outra maravilha da Era das Lendas que ela desejava muito ver, uma coisa chamada “elevador”. As máquinas voadoras pareciam muito mais grandiosas, é claro, mas era muito mais fácil imaginar um dispositivo mecânico que a levasse de andar em andar. Ela não estava realmente certa de que edifícios várias vezes tão altos quanto a Torre Branca pudessem realmente existir — no mundo inteiro, nem mesmo a Pedra de Tear rivalizava com a altura da Torre —, mas apenas saber sobre “elevadores” fazia subir corredores em espiral e lances de escada arrebatadores parecer trabalhoso.

Ela fez uma pausa no escritório da Amyrlin, apenas três níveis acima, mas, como esperado, os dois cômodos estavam vazios, as escrivaninhas vazias polidas até brilhar. Os cômodos em si pareciam vazios, sem tapeçarias nas paredes, sem ornamentos, nada além de mesas e cadeiras e luminárias apagadas. Elaida raramente descia de seus aposentos perto do pico da Torre. Isso parecia aceitável uma vez, já que isolava ainda mais a mulher do resto da Torre. Poucas irmãs faziam essa escalada de bom grado. Hoje, porém, quando Alviarin já havia subido quase oitenta vãos, estava pensando seriamente em fazer Elaida voltar a descer.

A sala de espera de Elaida estava vazia, é claro, embora uma pasta de papéis em cima da escrivaninha dissesse que alguém esteve lá. Ver o que eles continham e decidir se Elaida precisava ser punida por ter aquilo poderia esperar, no entanto. Alviarin jogou a capa sobre a escrivaninha e empurrou a porta, recém-entalhada com a Chama de Tar Valon e esperando o dourador, que dava para dentro dos aposentos.

Ela ficou surpresa com a onda de alívio que sentiu ao ver Elaida sentada atrás da escrivaninha entalhada e dourada, as sete listras — não, agora seis listras — da estola em seu pescoço e a Chama de Tar Valon destacada em pedras da lua entre o ouro no encosto da cadeira alta acima de sua cabeça. Uma preocupação mesquinha que ela não tinha deixado à tona até agora era a possibilidade de que a mulher estivesse morta em algum acidente idiota. Isso explicaria o comentário de Zemaille. Escolher uma nova Amyrlin poderia levar meses, mesmo com as rebeldes e todo o resto confrontando-as, mas seus dias como Guardiã estariam contados. O que a surpreendeu mais do que o alívio, porém, foi a presença de mais da metade das Votantes so Salão de pé diante da escrivaninha com seus xales franjados. Elaida *sabia* que não devia receber esse tipo de delegação sem a presença dela. O enorme relógio de caixa dourada contra a parede, uma peça vulgarmente ornamentada, tocou duas vezes para o Alto, pequenas figuras esmaltadas de Aes Sedai saindo de pequenas portas em sua frente enquanto ela abria a boca para dizer às Votantes que precisava conversar com a Amyrlin em particular. Eles iriam embora com pouca hesitação ou gaguejar. Uma Guardiã não tinha autoridade para ordenar que saíssem, mas elas sabiam que sua autoridade se estendia além do que sua estola conferia, mesmo que não comesçassem a suspeitar de como isso poderia suceder.

“Alviarin,” Elaida disse, parecendo surpresa, antes que ela pudesse dizer uma palavra. A dureza do rosto de Elaida suavizou no que quase parecia prazer. Sua boca se curvou perto de um sorriso. Fazia tempo que Elaida não tinha motivos para sorrir. “Fique aí e fique quieta até que eu tenha tempo de lidar com você”, disse ela, acenando com a mão imperiosa em direção para um canto da sala. as Votantes mexiam os pés e ajustavam os xales. Suana, uma mulher corpulenta, deu a Alviarin um olhar apertado, e Shevan, alta como um homem e angulosa, olhou diretamente para ela sem expressão, mas as outras evitaram olhar nos olhos dela.

Atordoada, ela ficou imóvel no tapete de seda com estampas brilhantes, boquiaberta. Isso não poderia ser mera rebelião da parte



de Elaida – a mulher teria que ser louca! — mas o que, em nome do Grande Senhor, acontecera para lhe dar coragem? O que?

A mão de Elaida bateu no tampo da mesa com um estalo alto, um golpe que fez uma das caixas laqueadas chacoalhar. “Quando eu disser para você ficar no canto, filha,” ela disse em uma voz baixa e perigosa, “eu espero que você obedeça.” Seus olhos brilharam. “Ou devo convocar a Mestra das Noviças para que essas irmãs possam testemunhar sua penitência ‘privada’?”

Calor inundou o rosto de Alviarín, em parte humilhação e em parte raiva. Ter alguém *ouvindo* essas coisas ditas, e na cara dela! O medo borbulhou nela também, transformando seu estômago em ácido. Algumas palavras dela, e Elaida seria acusada de enviar irmãs ao desastre e ao cativeiro, não uma, mas duas vezes. Rumores já começavam a circular sobre eventos em Cairhien; rumores obscuros, mas ficando mais certos a cada dia. E uma vez que se soubesse que, além disso, Elaida havia enviado cinquenta irmãs para tentar derrotar centenas de homens que poderiam canalizar, nem mesmo a existência das irmãs rebeldes invernando em Murandy com seu exército manteria a estola de Amyrlín em seus ombros, ou sua cabeça. Ela não podia ousar fazer isso. A menos... A menos que ela pudesse desacreditar Alviarín como Ajah Negra. Isso podia ganhar um pouco de tempo para ela. Apenas um pouco, certamente, uma vez que os fatos sobre Poços de Dumai e a Torre Negra fossem conhecidos, mas Elaida poderia estar pronta para agarrar a palha. Não, não era possível, não podia ser possível. Fugir certamente era impossível. Por um lado, se Elaida estivesse pronta para fazer acusações, a fuga apenas as confirmaria. Por outro, Mesaana a encontraria e a mataria se ela fugisse. Tudo isso passou por sua cabeça enquanto ela se movia com pés de chumbo para ficar no canto como uma noviça penitente. Tinha que haver uma maneira de se recuperar disso, o que quer que tivesse acontecido. Sempre havia uma maneira de se recuperar. Ouvir podia encontrar essa maneira para ela. Ela teria orado, se o Lorde das Trevas ouvisse as orações.

Elaida a estudou por um momento, então deu um aceno satisfeito. Os olhos da mulher ainda brilhavam com emoção, no entanto.

Levantando a tampa de uma das três caixas laqueadas em sua mesa, ela tirou uma pequena escultura de marfim escurecido de uma tartaruga e acariciou-a entre os dedos. Acariciar os entalhes naquela caixa era um hábito que ela tinha quando queria acalmar seus nervos. “Agora,” ela disse. “Você estava me explicando por que eu deveria entrar em negociações.”

“Nós não estávamos pedindo permissão, Mãe,” Suana disse bruscamente, empurrando o queixo para fora. Ela tinha muito queixo, uma pedra quadrada como queixo, e a arrogância de empurrá-lo na direção de alguém. “Uma decisão desse tipo pertence ao Salão. Há um forte sentimento a favor disso na Ajah Amarela.” O que significava que ela tinha sentimentos fortes. Ela era a chefe da Ajah Amarela, a Primeira Tecelã, algo que Alviarin sabia porque a Ajah Negra conhecia todos os segredos das Ajahs, ou quase todos, e na visão de Suana, suas opiniões eram as opiniões de sua Ajah.

Doesine, a outra Amarela presente, olhou Suana de lado, mas não disse nada. Pálida e esbelta como um menino, Doesine parecia não querer estar ali, um menino bonito e mal-humorado que tinha sido arrastado para algum lugar pela orelha. Votantes muitas vezes se recusavam a torcer o braço da cabeça de sua Ajah, mas não estava fora de possibilidade que Suana tivesse encontrado alguma maneira.

“Muitas Brancas também apoiam conversas”, disse Ferane, franzindo a testa distraidamente para uma mancha de tinta em um dedo gordo. “É a coisa lógica a fazer, nas atuais circunstâncias.” Ela era a Primeira Racionalista, chefe da Ajah Branca, mas menos propensa do que Suana a ter seus próprios pontos de vista em favor de toda a Ajah. Um pouco menos propensa. Ferane muitas vezes parecia tão vaga quanto a pior das Marrons — os longos cabelos negros que emolduravam seu rosto redondo precisavam de uma escova, e parte da franja de seu xale parecia ter sido mergulhada descuidadamente em seu chá matinal —, mas ela conseguia captar o menor quebra na lógica de um argumento. Ela poderia muito bem ter estado lá sozinha porque simplesmente não acreditava que precisasse de qualquer ajuda das outras Votantes Brancas.

Recostando-se em sua cadeira alta, Elaida começou a franzir o cenho, seus dedos acariciando mais rápido a tartaruga, e Andaya falou rapidamente, sem olhar para Elaida enquanto fingia ajustar o conjunto de seu xale cinza de franjas ao longo de seus braços.

“A questão, Mãe, é que devemos encontrar uma maneira de acabar com isso pacificamente,” ela disse, o sotaque taraboneano forte em seu discurso como era quando ela se sentia desconfortável. Frequentemente tímida perto de Elaida, ela olhou para Yukiri como se esperasse apoio, mas a pequena mulher esguia virou a cabeça ligeiramente para o lado. Yukiri era notavelmente teimosa para uma mulher tão pequena; ao contrário de Doesine, ela não teria respondido a uma torção de braço. Então, por que ela estava aqui se não queria estar? Percebendo que estava sozinha, Andaya se apressou. “Não deve ser permitido lutar nas ruas de Tar Valon. Ou na Torre; especialmente não aqui; de novo não. Até agora, as rebeldes parecem satisfeitas em sentar e observar a cidade, mas isso não pode durar. Elas redescobriram como Viajar, Mãe, e usaram isso para transportar um exército por centenas de léguas. Devemos começar as negociações antes que elas decidam usar a Viagem para trazer esse exército para Tar Valon, ou tudo estará perdido, mesmo se vencermos.

Punhos atados em suas saias, Alviarin engoliu em seco. Ela pensou que seus olhos poderiam saltar de sua cabeça. As rebeldes sabiam Viajar? Elas já estavam aqui em Tar Valon? E essas tolas queriam *conversar*? Ela podia ver planos cuidadosamente elaborados, desenhos cuidadosamente organizados, evaporando como névoa em um sol de verão. Talvez o Lorde das Trevas ouvisse, se ela orasse muito.

A carranca de Elaida não diminuiu, mas ela pousou a tartaruga de marfim com muito cuidado, e sua voz chegou perto do normal. O velho normal, antes que Alviarin a controlasse, com um núcleo de aço sob a suavidade das palavras. “As Marrons e as Verdes também apoiam as negociações?”

“A Marrom,” Shevan começou, então franziu os lábios em pensamento e visivelmente mudou o que pretendia dizer.

Externamente, ela parecia totalmente composta, mas ela estava esfregando seus longos polegares contra seus dedos ossudos inconscientemente. “A Marrom é bastante clara sobre os precedentes históricos. Todas vocês leram as histórias secretas, ou deveriam ter lido. Sempre que a Torre foi dividida contra si mesma, o desastre atingiu o mundo. Com a Última Batalha se aproximando, em um mundo que contém a Torre Negra, não podemos mais nos dar ao luxo de permanecer divididas um dia a mais do que o necessário.”

Difícilmente parecia que o rosto de Elaida poderia ficar mais escuro, mas a menção da Torre Negra fez isso. “E a Verde?” Sua voz ainda estava controlada.

Todos as três Votantes Verdes estavam lá, indicando um apoio muito forte entre sua Ajah, ou uma forte pressão da cabeça das Verdes. Como veterana, Talene deveria ter respondido a Elaida — as Verdes apegam-se a suas hierarquias em tudo —, mas a mulher alta e de cabelos dourados olhou para Yukiri por algum motivo, então estranhamente, para Doesine, e colocou os olhos no tapete e ficou em suas saias de seda verde. Rina franziu a testa levemente, franzindo o nariz em perplexidade, mas ela usava o xale há menos de cinquenta anos, então coube a Rubinde responder. Uma mulher robusta, Rubinde parecia baixa e atarracada ao lado de Talene, e quase sem graça, apesar dos olhos cor de safiras.

“Estou instruída a fazer os mesmos pontos que Shevan,” ela disse, ignorando o olhar assustado que Rina deu a ela. Claramente houve pressão de Adelorna, a “capitã-general” Verde, e Rubinde discordava claramente se estava disposta a tornar isso público. “Tarmon Gai’don está chegando, a Torre Negra é uma ameaça quase tão grande, e falta o Dragão Renascido, se não estiver morto. Não podemos mais nos dar ao luxo de ficarmos divididas. Se Andaya pode convencer as rebeldes de volta à Torre, devemos deixá-la tentar.”

“Entendo,” Elaida disse em um tom monótono. Mas estranhamente, sua cor melhorou, e a sugestão de um sorriso tocou sua boca. “Então, por todos os meios, fale com elas de volta, se puder. Mas meus decretos permanecem. A Ajah Azul não existe mais, e toda irmã que segue aquela criança Egwene al’Vere deve cumprir penitência sob

minha orientação antes de poder ser readmitida em *qualquer* Ajah. Pretendo soldar a Torre Branca em uma arma para usar em Tarmon Gai'don."

Ferane e Suana abriram a boca, protesto pintado em seus rostos, mas Elaida as interrompeu com a mão levantada. "Eu falei, filhas. Agora deixem-me. E vejam suas... conversas.

Não havia nada que as Votantes pudessem fazer a não ser um desafio aberto. O que era direito do Salão era delas, mas o Salão raramente ousava infringir muito a autoridade do Trono de Amyrlin. A não ser que o Salão estivesse unido contra a Amyrlin, e este Salão era tudo menos unido em qualquer ponto. Alviarin havia ajudado a garantir isso ela mesma. Elas saíram, Ferane e Suana, de costas duras e lábios apertados, Andaya quase correndo. Nenhuma delas sequer olhou na direção de Alviarin.

Ela mal esperou que a porta se fechasse atrás da última. "Isso realmente não muda nada, Elaida, certamente você vê isso. Você deve pensar com clareza, não tropeçar em uma aberração momentânea." Ela sabia que estava balbuciando, mas não conseguia parar. "O desastre de Poços de Dumai, o desastre certo da Torre Negra, isso ainda pode derrubá-la. Você precisa que eu segure o cajado e estola. Você precisa de mim, Elaida. Você..." Ela apertou os dentes antes que sua língua jogasse tudo fora. Ainda tinha que haver um jeito.

"Estou surpresa que você voltou", disse Elaida, levantando e alisando suas saias com barras vermelhas. Ela nunca havia desistido de se vestir como uma Vermelha. Estranhamente, ela estava sorrindo enquanto dava a volta na mesa. Não uma sugestão de sorriso, mas uma curva cheia e satisfeita de seus lábios. "Você está se escondendo em algum lugar da cidade desde que as rebeldes chegaram? Achei que você teria embarcado assim que soubesse que elas estavam aqui. Quem teria pensado que elas redescobririam como Viajar? Imagine o que podemos fazer quando soubermos fazer isso." Sorrindo, ela deslizou pelo tapete.

"Agora deixe-me ver. O que eu tenho que temer de você? As histórias de Cairhien são o assunto da Torre, mas mesmo que as

irmãs estivessem realmente obedecendo ao menino al'Thor, o que eu não consigo acreditar, todas culpam Coiren. Ela tinha a responsabilidade de trazê-lo aqui, e ela foi julgada e condenada, na mente das irmãs.” Elaida parou na frente de Alviarín, encurralando-a no canto. Aquele sorriso nunca tocou seus olhos. Ela sorriu, e seus olhos brilharam. Alviarín não conseguia se desvencilhar daquele olhar. “Na última semana, também ouvimos muitas coisas sobre a ‘Torre Negra’.” Os lábios de Elaida se torceram em desgosto ao redor do nome. “Parece que há ainda mais homens do que você supunha. Mas todas pensam que Toveine deve ter tido o bom senso de descobrir isso antes de atacar. Tem havido uma boa discussão sobre isso. Se ela voltar arrastada para cá derrotada, ela colherá a culpa. Então suas ameaças...”

Alviarín cambaleou contra a parede, piscando para afastar alguns pontos, antes mesmo de perceber que a outra mulher a havia esbofeteado. Sua bochecha já estava inchada. O brilho de *saidar* havia cercado Elaida, e a blindagem pousou em Alviarín antes que ela pudesse se contorcer, cortando-a do Poder. Mas Elaida não pretendia usar o Poder. Ela recuou um punho. Ainda sorrindo.

Lentamente, a mulher respirou fundo e deixou cair a mão. Ela não removeu a blindagem, no entanto. “Você realmente usaria isso?” ela perguntou em um tom quase suave.

A mão de Alviarín saltou do cabo de seu canivete. Agarrá-lo foi um reflexo, mas mesmo que Elaida não estivesse segurando o Poder, matá-la quando tantas Votantes sabiam que estavam juntas seria o mesmo que se matar. Ainda assim, seu rosto queimou quando Elaida fungou com desprezo.

“Estou ansiosa para ver seu pescoço esticado no bloco do carrasco por traição, Alviarín, mas até que eu tenha a prova de que preciso, ainda há algumas coisas que posso fazer. Você se lembra de quantas vezes mandou Silviana vir me dar penitência particular? Espero que sim, porque vai levar dez por cada dia que sofri. E, ah, sim.” Com um puxão, ela puxou a estola de Guardiã rudemente do pescoço de Alviarín. “Como ninguém conseguiu encontrá-la quando as rebeldes chegaram, pedi ao Salão que a removesse do cargo de Guardiã. Não

o Salão completo, claro. Você ainda pode ter um pouco de influência lá. Mas foi surpreendentemente fácil obter o consenso daquelas que estavam sentadas naquele dia. Uma Guardiã deve estar com sua Amyrlin, não vagando sozinha. Pensando bem, você pode não ter nenhuma influência, já que você estava escondida na cidade o tempo todo. Ou você navegou de volta para encontrar o desastre e realmente achou que poderia recuperar algo das ruínas?

"Não importa. Talvez fosse melhor você pular no primeiro navio que encontrasse saindo de Tar Valon. Mas devo admitir, o pensamento de você correndo de aldeia em aldeia com vergonha de mostrar seu rosto para outra irmã empalidece ao lado do prazer que terei vendo você sofrer.

"Agora saia da minha vista antes que eu decida que deve ser um cajado de bétula e não o chicote de Silviana." Jogando a estola branca no chão, ela virou as costas e soltou *saidar*, deslizando em direção a sua cadeira como se Alviarín tivesse deixado de existir.

Alviarín não saiu, ela fugiu, correndo com a respiração do Cães das Trevas na nuca. Ela mal conseguia pensar desde que ouvira a palavra traição. Essa palavra, ecoando em sua cabeça, a fez querer uivar. Traição só podia significar uma coisa. Ela sabia e estava procurando provas. Que o Lorde das Trevas tivesse piedade. Mas ele nunca tinha. Misericórdia era para aqueles que tinham medo de ser fortes. Ela não tinha medo. Ela era uma pele cheia de terror.

De volta pela Torre, ela fugiu, e se havia um criado nos corredores, ela não viu. O horror cegou seus olhos para qualquer coisa que não estivesse diretamente em seu caminho. Todo o caminho de volta para o sexto nível ela correu, para seus próprios aposentos. Pelo menos, ela supôs que ainda eram dela no momento. Os quartos com varanda com vista para a grande praça em frente à Torre combinavam com o cargo de Guardiã. Por enquanto, bastava que ela ainda tivesse quartos. E uma chance de viver.

Os móveis ainda eram as peças domanesas deixadas pela ocupante anterior, todas de madeira listrada pálida incrustada com pérola e âmbar. No quarto, abriu um dos guarda-roupas e caiu de joelhos, afastando os vestidos para vasculhar atrás de um baú

pequeno, uma caixa com menos de dois palmos de tamanho, que havia sido dela por muitos anos. A escultura na caixa era complexa, mas desajeitada, fileiras de nós variados aparentemente feitas por um escultor com mais ambição do que habilidade. Suas mãos tremiam quando ela a levou para uma mesa, e a colocou sobre ela para limpar as palmas úmidas em seu vestido. O truque para abrir a caixa era simplesmente uma questão de abrir os dedos o máximo possível para pressionar simultaneamente em quatro nós na escultura, não dois iguais. A tampa levantou ligeiramente, e ela a puxou para trás, revelando seu bem mais precioso embrulhado em um pequeno pacote de pano marrom para evitar que chacoalhasse se uma empregada sacudisse a caixa. A maioria dos servos da Torre não se arriscaria a roubar, mas a maioria não significava todos.

Por um momento, Alviarín apenas olhou para o pacote. Seu bem mais precioso, uma coisa da Era das Lendas, mas ela nunca ousara usá-lo antes. Apenas na pior emergência, disse Mesaana, na necessidade mais desesperada, mas que necessidade poderia ser mais terrível do que essa? Mesaana disse que a coisa aguentava golpes de martelo sem quebrar, mas ela desfez os embrulhos com o cuidado que teria usado com um pedaço de vidro fino soprado, revelando um *ter'angreal*, uma haste vermelha brilhante não maior que seu dedo indicador, totalmente lisa, exceto por algumas linhas finas trabalhadas na superfície em um padrão sinuoso de interconexão. Abraçando a Fonte, ela tocou aquele padrão com fluxos finos de Fogo e Terra em duas das interconexões. Isso não seria necessário na Era das Lendas, mas algo chamado “fluxos permanentes” não existia mais. Um mundo onde quase qualquer *ter'angreal* pudesse ser usado por pessoas incapazes de canalizar parecia estranho além da compreensão. Por que era permitido?

Apertando uma ponta da haste com força com o polegar — o Poder Único não era suficiente por si só — ela sentou-se pesadamente e encostou-se no encosto da cadeira, olhando para a coisa em sua mão. Estava feito. Ela se sentia vazia agora, um vasto espaço vazio com medos esvoaçando pela escuridão como enormes morcegos.



Em vez de embrulhar o *ter'angreal*, ela o enfiou na bolsa do cinto e levantou-se o suficiente para enfiar a caixa de volta no guarda-roupa. Até que soubesse que estava segura, ela não pretendia deixar aquele bastão fora de sua posse. Mas então tudo o que podia fazer era sentar e esperar, balançando para frente e para trás com as mãos cruzadas entre os joelhos. Ela não conseguia parar de balançar mais do que conseguia parar os gemidos baixos que escapavam entre seus dentes. Desde a fundação da Torre, nenhuma irmã foi acusada de ser Ajah Negra. Ah, havia suspeitas de irmãos individuais, e de tempos em tempos Aes Sedai morriam para garantir que essas suspeitas nunca fossem mais longe, mas nunca chegaram a acusações oficiais. Se Elaida estava disposta a falar abertamente sobre o bloco do carrasco, ela devia estar perto de apresentar acusações. Muito perto. Irmãs Negras também desapareciam quando as suspeitas cresciam demais. A Ajah Negra permanecia escondida, custe o que custar. Ela desejou poder parar de gemer.

De repente, a luz na sala escureceu, envolvendo a câmara em rodopiantes sombras crepusculares. A luz do sol nas janelas parecia incapaz de penetrar além das vidraças. Alviarin estava de joelhos respirando fundo, olhos baixos. Ela estremeceu com o desejo de desabafar seus medos, mas com a Escolhida, as normas deviam ser seguidas. “Eu vivo para servir, Grande Mestra,” ela disse, e nada mais. Ela não podia perder um momento, muito menos uma hora gritando de dor. Suas mãos estavam apertadas para evitar que tremessem.

“Qual é a sua grave emergência, criança?” Era a voz de uma mulher, mas uma voz de sinos de cristal. Sinos desagradados. Apenas desagradados. Sinos raivosos podiam ter significado a morte no local. “Se você acha que eu vou levantar um dedo para pegar a estola de Guardiã de volta para você, está redondamente enganada. Você ainda pode fazer o que eu gostaria que fosse feito, com um pouco de esforço extra. E pode considerar suas penitências com a Mestra das Noviças um pequeno castigo meu. Eu avisei você sobre pressionar Elaida com tanta força.”

Alviarin engoliu seus protestos. Elaida não era uma mulher que se curvava sem pressionar com força. Mesaana tinha que saber disso. Mas os protestos podiam ser perigosos com os Escolhidos. Muitas coisas eram perigosas com os Escolhidos. De qualquer forma, o chicote de Silviana era uma ninharia em comparação com o machado do carrasco.

“Elaida sabe, Grande Mestra,” ela respirou, levantando os olhos. Na frente dela estava uma mulher de luz-e-sombra, vestida de luz-e-sombra, todos os pretos absolutos e brancos prateados fluíam de um para o outro e vice-versa. Olhos prateados franziram a testa de um rosto de fumaça, com lábios prateados desenhados em uma linha apertada. Era apenas Ilusão, e realmente não era melhor do que Alviarin poderia ter feito. Um flash de saia de seda verde bordada com elaboradas faixas de bronze apareceu enquanto Mesaana deslizava pelo tapete domanês. Mas Alviarin não conseguia ver as tramas que faziam a Ilusão mais do que sentira as que a mulher usara para chegar ou lançar o quarto nas sombras. Por tudo que ela podia sentir, Mesaana não podia canalizar nada! O desejo por esses dois segredos geralmente a cortava, mas hoje ela mal percebeu. “Ela sabe que sou Ajah Negra, Grande Mestra. Se ela me descobriu, então teve alguém procurando fundo. Dezenas de nós podem estar em risco, talvez todas nós.” Era melhor tornar a ameaça o maior possível se quisesse ter certeza de uma resposta. Podia até ser verdade.

Mas a resposta de Mesaana foi um aceno de desdém de uma mão agora prateada. Seu rosto brilhava como uma lua ao redor de olhos mais negros que carvões. “Isso é ridículo. Elaida não consegue decidir de um dia para o outro se acredita que a Ajah Negra existe. Você está apenas tentando se salvar de um pouco de dor. Talvez um pouco mais a instrua em seu erro.” Alviarin começou a implorar quando Mesaana levantou a mão mais alto, e uma trama que ela se lembrava muito bem foi formada no ar. Ela tinha que fazer a mulher entender!

Abruptamente, as sombras na sala cambalearam. Tudo parecia mudar de lado à medida que a escuridão engrossava em pedaços da meia-noite. E então a escuridão se foi. Assustada, Alviarin se viu com

as mãos suplicantes estendidas na direção de uma mulher de olhos azuis de carne e osso, vestida de verde com bordado de bronze. Uma mulher tentadoramente familiar que parecia um pouco abaixo da meia-idade. Ela sabia que Mesaana andava pela Torre disfarçada como uma das irmãs, embora nenhum Escolhido que ela conheceu mostrasse qualquer sinal de eternidade, mas ela não conseguia combinar aquele rosto com nenhum nome. E percebeu outra coisa, também. Aquele rosto estava com medo. Escondendo, mas com medo.”

“Ela tem sido muito útil”, disse Mesaana, sem soar com medo, em uma voz que puxou o limite do reconhecimento, “e agora vou ter que matá-la”.

“Você sempre foi... muito esbanjadora”, respondeu uma voz áspera, como osso podre desmoronando sob os pés.

Alviarin caiu em choque com a forma alta de um homem em uma armadura preta sinuosa, todas as placas sobrepostas como as escamas de uma cobra, parado na frente de uma janela. Não era um homem, no entanto. Aquele rosto exangue não tinha olhos, apenas pele branca e lisa onde deveriam estar. Ela já havia encontrado Myrddraal antes, a serviço do Lorde das Trevas, e até conseguiu encontrar seus olhares sem olhos sem dar lugar ao terror que esses olhares engendravam, mas este a fez se arrastar de volta pelo chão até que suas costas sacudiram uma perna da mesa. Os espreitadores eram parecidos como dois pingos de chuva, altos, esguios e idênticos, mas este era uma cabeça mais alto, e o medo parecia irradiar dele, encharcando seus ossos. Sem pensar, ela alcançou a Fonte. E quase gritou. A Fonte se foi! Ela não estava blindada; simplesmente não havia nada ali para ela abraçar! O Myrddraal olhou para ela e sorriu. Espreitadores nunca sorriam. Nunca. Sua respiração veio ofegante.

“Ela pode ser útil,” o Myrddraal murmurou. “Eu não gostaria que a Ajah Negra fosse destruída.”

“Quem é você para desafiar um dos Escolhidos?” Mesaana exigiu com desprezo, então arruinou o efeito lambendo os lábios.

“Você acha que Mão da Sombra é apenas um nome?” A voz do Myrddraal não era mais irritante. Oca, parecia descer cavernas de uma distância inimaginável. A criatura crescia enquanto falava, aumentando de tamanho até sua cabeça roçar o teto, mais de dois palmos acima. “Você foi convocada e não veio. Minha mão vai longe, Mesaana.”

Tremendo visivelmente, a Escolhida abriu a boca, talvez para implorar, mas de repente um fogo negro brilhou ao redor dela, e ela gritou quando suas roupas caíram em pó. Faixas de chamas negras prendiam seus braços ao lado do corpo, enroladas em torno de suas pernas, e uma bola preta fervilhante apareceu em sua boca, forçando suas mandíbulas a se abrirem. Ela se contorcia ali, nua e indefesa, e o olhar em seus olhos revirados fez Alviarin quase se sujar.

“Você quer saber por que um dos Escolhidos deve ser punido?” A voz era mais uma vez áspera, o Myrddraal parecia apenas um Espreitor alto demais, mas Alviarin não se deixou enganar. “Você quer assistir?” perguntou.

Ela deveria cair de bruços no chão, rastejar por sua vida, mas não podia se mover. Não conseguia desviar o olhar daquele olhar sem olhos. “Não, Grande Senhor,” ela conseguiu dizer com a boca seca como poeira. Ela sabia. Não podia ser, mas ela sabia. Lágrimas escorriam por suas bochechas, ela percebeu.

O Myrddraal sorriu novamente. “Muitos caíram de grandes alturas por quererem saber demais.”

Aquilo fluiu em direção a ela — não; não aquilo — o Grande Senhor, vestido com a pele de um Myrddraal, fluiu em direção a ela. Ele andava sobre pernas, mas não havia outra descrição para a maneira como se movia. A forma pálida vestida de preto se inclinou para ela, e ela teria gritado quando ele tocou um dedo em sua testa. Ela teria gritado se pudesse invocar qualquer som. Seus pulmões eram sacos sem ar. O toque queimava como ferro em brasa. Vagamente, ela se perguntou por que não sentiu o cheiro de sua própria carne queimando. O Grande Senhor se endireitou, e a dor lancinante diminuiu, desapareceu. Seu terror não diminuiu nem um pouco, no entanto.

“Você está marcada como minha,” o Grande Senhor disse com um som raspado. “Mesaana não irá prejudicá-la agora. A menos que eu dê permissão a ela. Você vai encontrar quem ameaça minhas criaturas aqui e entregá-las para mim.” Ele se afastou dela, e a armadura escura caiu de seu corpo. Ela se assustou quando ela atingiu o piso acarpetado com um estrondo de aço em vez de simplesmente desaparecer. Ele estava vestido de preto, e ela não poderia dizer se era de seda ou couro ou qualquer outra coisa. A escuridão parecia beber a luz do quarto. Mesaana começou a se debater em suas amarras, lamentando estridentemente a mordaca em sua boca. “Vá agora”, disse ele, “se deseja viver mais uma hora.” O som vindo de Mesaana se transformou em um grito desesperado.

Alviarin não sabia como saiu de seus aposentos — não conseguia entender como estava de pé quando suas pernas pareciam água —, mas se viu correndo pelos corredores, com as saias puxadas até os joelhos e correndo o máximo que podia. De repente, a cabeça de uma ampla escada apareceu na frente dela, e ela mal conseguiu parar antes de correr para fora no ar. Afundando contra a parede, tremendo, ela olhou para o lance curvo dos degraus de mármore branco. Em sua mente, podia ver seu corpo se quebrando ao cair da escada.

Respirando ofegante, com ofegos roucos e arranhados, ela colocou uma mão trêmula na testa. Seus pensamentos caíam uns sobre os outros, como ela teria caído das escadas. O Grande Senhor a havia marcado como sua. Seus dedos deslizaram pela pele lisa e imaculada. Ela sempre valorizou o conhecimento — o poder crescia do conhecimento —, mas não queria saber o que estava acontecendo nos aposentos que deixou. Ela desejou não saber que algo estava acontecendo. O Grande Senhor a marcou, mas Mesaana encontraria uma maneira de matá-la por saber disso. O Grande Senhor a havia marcado e lhe dado uma ordem. Ela poderia viver, se descobrisse quem estava caçando a Ajah Negra. Endireitando as costas com esforço, ela rapidamente esfregou as lágrimas em seu rosto com as palmas das mãos. Não conseguia desviar os olhos das escadas caindo na frente dela. Elaida certamente suspeitava dela, mas se não

houvesse mais do que isso, sempre poderia fabricar uma caça. Só tinha que incluir a própria Elaida como uma ameaça a ser extinta. Entregar ao Grande Senhor. Seus dedos flutuaram em sua testa novamente. Ela tinha a Ajah Negra sob seu comando. Pele lisa e sem manchas. Talene estava lá antes, nos aposentos de Elaida. Por que ela olhou para Yukiri e Doesine daquele jeito? Talene era Negra, embora não soubesse que Alviarin era, claro. Alguma marca apareceria em um espelho? Havia algo que as outras pudessem ver? Se ela tivesse que fingir um esquema para as supostas caçadores de Elaida, Talene poderia ser um lugar para começar. Tentou traçar a rota que qualquer mensagem teria tomado de coração a coração antes de chegar a Talene, mas não conseguia parar de olhar para as escadas, vendo seu corpo saltar e quebrar até chegar no fundo. O Grande Senhor a havia marcado.



## CAPÍTULO

### 22

---



### *Uma Resposta*

Pevara esperou com uma ponta de impaciência enquanto a pequena e esguia Aceita colocava a bandeja de prata em uma mesinha lateral e destampava a travessa de bolos. Mulher baixinha de rosto sério, Pedra não estava sendo preguiçosa, nem ressentida por ter que passar a manhã pegando e carregando coisas para um Votante, era apenas precisa e cuidadosa. Essas eram qualidades úteis, a serem encorajadas. Ainda assim, quando a Aceita perguntou se deveria servir o vinho, Pevara disse secamente: “Faremos por nós mesmas, criança. Você pode esperar na antessala.” Ela quase disse à jovem para voltar aos estudos.

Pedra estendeu as saias brancas listradas em uma graciosa medida, sem nenhum sinal de estar nervosa, como muitas vezes as Aceitas ficavam quando uma Votante se mostrava mal-humorada. Com muita frequência, a Aceita tomava qualquer amargor no tom de uma Votante como uma opinião sobre sua adequação ao xale, como se Votantes não tivessem outras preocupações.

Pevara esperou até que a porta se fechasse atrás de Pedra e o trinco estalou antes de assentir em aprovação. “Aquela será elevada como Aes Sedai em breve”, disse ela. Era satisfatório quando qualquer mulher alcançava o xale, mas especialmente quando a mulher parecia pouco promissora no começo. Pequenos prazeres pareciam os únicos disponíveis naqueles dias.

“Mas não é uma das nossas, eu acho” foi a resposta de sua surpreendente convidada, que se afastou de um estudo da fileira de

miniaturas pintadas da família morta de Pevara que estavam em uma fila na lareira de mármore esculpida em ondas acima da lareira. “Ela é incerta sobre os homens. Eu acredito que eles a deixam nervosa.”

Tarna certamente nunca tinha ficado nervosa com os homens ou com qualquer outra coisa, pelo menos não desde que alcançou o xale há pouco mais de vinte anos. Pevara conseguia se lembrar de uma noviça muito nervosa, mas os olhos azuis da mulher de cabelos claros estavam firmes como pedras agora. E tão quentes quanto pedras no inverno. Mesmo assim, havia algo naquele rosto orgulhoso e frio, algo no conjunto de sua boca, que a fez parecer desconfortável esta manhã. Pevara mal podia imaginar o que poderia deixar Tarna Feir nervosa.

A verdadeira questão, porém, era por que a mulher tinha vindo vê-la. Ela beirava a impropriedade de visitar qualquer Votante em particular, especialmente uma Vermelha. Tarna ainda mantinha seus aposentos aqui no Alojamento Vermelho, mas enquanto mantivesse sua nova posição, ela não fazia mais parte da Ajah Vermelha, apesar do bordado carmesim em seu vestido cinza escuro. Atrasar a mudança para seu novo aposento podia ser visto como uma demonstração de delicadeza, por quem não a conhecia.

Qualquer coisa fora do comum deixava Pevara cautelosa desde que Seaine a havia puxado para caçar a Ajah Negra. E Elaida confiava em Tarna, assim como confiara em Galina; era sensato ser muito cautelosa com qualquer pessoa em quem Elaida confiasse. Só de pensar em Galina — que a Luz queimasse a mulher para sempre! — ainda deixava Pevara com os dentes no limite, mas havia uma segunda conexão. Galina tinha um interesse especial em Tarna quando noviça também. É verdade que Galina havia se interessado por qualquer noviça ou Aceita que achasse que poderia se juntar à Vermelha, mas era outro motivo para cautela.

Não que Pavara deixasse transparecer alguma coisa em seu rosto, é claro. Ela era Aes Sedai há muito tempo para isso. Sorrindo, ela pegou o jarro de prata de pescoço comprido que estava na bandeja, exalando o doce aroma de especiarias. “Você aceita vinho, Tarna, como parabéns por ter sido elevada?”



Com taças de prata na mão, sentaram-se em poltronas trabalhadas em espiral, um estilo que havia saído de moda em Kandor há quase cem anos, mas que Pevara gostava. Ela não via razão para mudar seus móveis ou qualquer outra coisa de acordo com os caprichos do momento. As cadeiras a serviam desde que eram novas e eram confortáveis com a adição de algumas almofadas. Tarna sentou-se rigidamente, no entanto, na beirada de seu assento. Ninguém nunca a tinha chamado de lânguida, mas claramente ela *estava* inquieta.

"Eu não estou certa de que os parabéns cabem", disse ela, tocando a estreita estola vermelha em volta do pescoço. A tonalidade exata não era prescrita, exceto que qualquer um que a visse devia chamar a cor de vermelha, e ela havia escolhido um escarlata brilhante que quase brilhava. "Elaida insistiu e eu não pude recusar. Muita coisa mudou desde que saí da Torre, tanto por dentro quanto por fora. Alviarin deixou todas... atentas... à Guardiã. Suspeito que algumas vão querê-la castigada, quando ela finalmente voltar. E Elaida..." Ela fez uma pausa para bebericar seu vinho, mas quando abaixou a taça, continuou por um caminho diferente. "Muitas vezes ouvi você ser chamada de não convencional. Até ouvi dizer que uma vez você disse que gostaria de ter um Guardião."

"Fui chamada de pior do que não convencional", disse Pevara secamente. O que a mulher estava prestes a dizer sobre Elaida? Ela soava como se tivesse recusado a estola de Guardiã, atendendo a seus desejos. Estranho. Tarna dificilmente era tímida ou retraída. O silêncio parecia melhor. Principalmente sobre Guardiões. Ela estava falando demais se isso fosse fofoca geral. Além disso, se ficando em silêncio por tempo suficiente, e a outra mulher sempre falava apenas para preencher a lacuna. Você podia aprender muito através do silêncio. Ela tomou um gole de seu próprio vinho lentamente. Havia mel demais para seu gosto, e gengibre insuficiente.

Ainda rígida, Tarna se levantou e caminhou até a lareira, onde ficou olhando para as miniaturas sentadas em seus suportes laqueados de branco. Ela levantou a mão para tocar uma das ovas de marfim, e Pevara sentiu seus próprios ombros apertarem contra sua vontade. Georg, seu irmão mais novo, tinha apenas doze anos quando morreu,

quando todas as pessoas naquelas pinturas morreram, em uma revolta dos Amigos das Trevas. Eles não eram uma família que pudesse comprar miniaturas de marfim, mas uma vez que ela conseguiu o dinheiro, encontrou um pintor que poderia capturar suas memórias. Um menino lindo, Georg, alto para sua idade e totalmente destemido. Muito depois do evento, ela soube como seu irmãozinho morreu. Com uma faca na mão, de pé sobre o corpo de seu pai e tentando manter a multidão longe de sua mãe. Tantos anos atrás agora. De qualquer forma, todos estariam mortos há muito tempo, e os filhos dos filhos de seus filhos também. Mas alguns ódios nunca morriam.

“O Dragão Renascido é *ta'veren*, pelo que ouvi”, disse Tarna finalmente, ainda olhando para a foto de Georg. “Você acha que ele altera o acaso em todos os lugares? Ou mudamos o futuro por nós mesmas, um passo após o outro até nos encontrarmos em algum lugar que nunca esperávamos?”

“O que você quer dizer?” Pevara disse, um pouco mais secamente do que poderia desejar. Ela não gostou da outra mulher olhando a imagem de seu irmão tão atentamente enquanto falava de um homem que poderia canalizar, mesmo que fosse o Dragão Renascido. Mordeu o lábio para não dizer a Tarna para se virar e olhar para ela. Não se podia ler as costas de alguém do jeito que se pode ler um rosto.

“Não antecipei grandes dificuldades em Salidar. Nenhum grande sucesso, também, mas o que eu encontrei...” Isso foi um aceno de cabeça, ou ela apenas mudou o ângulo em que estava olhando para a miniatura? Ela falou devagar, mas com uma corrente de urgência lembrada. “Deixei uma tratadora de pombos um dia fora da aldeia, mas levei menos de meio dia para voltar até ela, e depois que soltei os pássaros com as cópias do meu relatório, pressionei tanto que tive que abandonar a mulher porque ela não conseguia acompanhar. Eu mal posso dizer quantos cavalos eu usei. Às vezes, o animal estava gasto a ponto de eu ter que mostrar meu anel para fazer um estábulo pegá-lo em troca, mesmo com prata adicionada. E porque pressionei tanto, cheguei a um vilarejo em Murandy enquanto um... grupo de

recrutamento... estava lá. Se eu não tivesse me assustado com a Torre pelo que vi em Salidar, teria cavalgado até Ebou Dar e embarcado para Illian e depois rio acima, mas a ideia de ir para o sul em vez de norte, a ideia de esperar para um navio, enviou-me como uma flecha em direção a Tar Valon. Então eu estava naquela aldeia para vê-los.”

“Quem, Tarna?”

“Os Asha'man.” A mulher se virou então. Seus olhos ainda eram gelo azul, mas apertados. Ela segurou a taça com as duas mãos como se tentasse absorver o calor. “Eu não sabia o que eram na época, claro, mas estavam recrutando abertamente homens para seguir o Dragão Renascido, e me pareceu mais sensato ouvir antes de falar. Bom para mim que eu fiz isso. Havia seis deles, Pevara, seis homens de casaco preto. Dois com espadas de prata em seus colarinhos estavam ouvindo os homens sobre se eles gostariam de aprender a canalizar. Ah, eles não diziam isso diretamente. Empunhar os relâmpagos, eles chamavam. Empunhar os relâmpagos e montar o trovão. Mas ficou claro o suficiente para mim, senão para os tolos com quem eles estavam falando.”

“Sim; muito bom para você que ficou calada”, disse Pevara baixinho. “Seis homens que podem canalizar seriam mais do que meramente perigosos para uma irmã sozinha. Nossos olhos e ouvidos estão cheios de conversas sobre esses grupos de recrutamento — eles aparecem em todos os lugares, de Saldaea a Tear —, mas ninguém parece ter uma ideia de como detê-los. Se já não for tarde demais para isso.” Ela quase mordeu o lábio novamente. Esse era o problema de falar. Às vezes, você dizia mais do que queria.

Estranhamente, o comentário tirou um pouco da rigidez de Tarna. Ela voltou a se sentar, recostando-se, embora uma pitada de cautela ainda se aferrasse à maneira como ela se portava. Ela escolheu as palavras com cuidado, parando para levar o vinho aos lábios, mas não bebeu de fato, isso Pevara viu. “Tive muito tempo para pensar no navio fluvial que vinha para o norte. Mais ainda, depois que o tolo capitão nos encalhou com tanta força que quebrou um mastro e fez um buraco no casco. Dias tentando chamar outro navio, depois que

desembarcamos, e dias procurando um cavalo. Seis daqueles homens enviados para uma aldeia me convenceram, finalmente. Ah, o bairro ao redor também, mas não era muito populoso. Eu... acredito que seja tarde demais.”

“Elaida acha que todos podem ser amansados”, disse Pevara evasivamente. Ela já havia se exposto demais.

“Quando eles podem enviar seis para uma pequena vila e Viajar? Há apenas uma resposta que eu possa ver. Nós...” Tarna respirou fundo, tocando a estola vermelha brilhante novamente, mas agora parecia mais com arrependimento do que para ganhar tempo. “As irmãs Vermelhas devem tomá-las como Guardiões, Pevara.”

Isso foi tão surpreendente que Pevara piscou. Um fio de cabelo menos de autocontrole, e ela teria ficado boquiaberta. “Você está falando sério?”

Aqueles olhos azuis gelados encontraram seu olhar firmemente. O pior já havia passado — o impensável falado em voz alta — e Tarna era uma mulher de pedra mais uma vez. “Isso não é uma brincadeira. A única outra opção é deixá-los soltos. Quem mais pode fazer isso? As irmãs Vermelhas estão acostumadas a enfrentar homens assim e prontas para correr os riscos necessários. Qualquer um vai vacilar. Cada irmã terá que tomar mais de um, mas as Verdes parecem lidar bem com isso. Eu acho que as Verdes vão desmaiar se isso for sugerido a elas, no entanto. Nós... irmãs Vermelhas... devemos fazer o que precisa ser feito.”

“Você abordou isso com Elaida?” Pevara perguntou, e Tarna balançou a cabeça com impaciência.

“Elaida acredita como você disse. Ela...” A mulher de cabelos louros franziu a testa para seu vinho antes de continuar. “Elaida muitas vezes acredita no que quer acreditar e vê o que quer ver. Tentei trazer à tona os Asha'man no primeiro dia em que voltei. Não sugerindo vínculo; não para ela. Eu não sou uma tola. Ela me proibiu de mencioná-los a ela. Mas você é... não convencional.”

“E você acredita que eles podem ser amansados *depois* de serem vinculados? Não tenho ideia do que isso faria com a irmã segurando o vínculo e, na verdade, não quero descobrir.” Era ela quem ganhava

tempo, percebeu Pevara. Ela não tinha ideia de onde esta entrevista estava indo quando começou, mas teria apostado tudo o que possuía contra ela chegar a isso.

“Isso pode ser o fim, e pode ser impossível,” a outra mulher respondeu friamente. A mulher era pedra. “De qualquer forma, não vejo outra maneira de lidar com esses Asha’man. As irmãs Vermelhas devem vinculá-los como Guardiões. Se houver alguma maneira, estarei entre as primeiras, mas deve ser feito.”

Ficou ali sentada, sorvendo calmamente o seu vinho, e durante muito tempo Pevara só conseguiu fitá-la consternada. Nada do que Tarna havia dito provava que ela não era Ajah Negra, mas ela não podia desconfiar de todas as irmãs incapazes de provar isso. Bem, ela podia e desconfiava, quando se tratava de assuntos da Negra, mas havia outros assuntos com os quais tinha que lidar. Ela era uma Votante, não simplesmente um cão de caça. Tinha a Torre Branca para pensar, e Aes Sedai longe da Torre. E o futuro.

Mergulhando os dedos em sua bolsa de cinto bordada, ela tirou um pequeno pedaço de papel enrolado em um tubo fino. Parecia-lhe que deveria brilhar com letras de fogo. Até agora, ela era uma das duas mulheres na Torre que sabiam o que estava escrito lá. Mesmo depois que o pegou, ela hesitou antes de entregá-lo a Tarna. “Isto veio de um de nossos agentes em Cairhien, mas foi enviado por Toveine Gazal.”

Os olhos de Tarna saltaram para o rosto de Pevara à menção do nome de Toveine, depois voltaram a ler. Seu rosto de pedra não mudou mesmo depois que ela terminou e deixou o papel rolar de volta em um tubo em sua mão. “Isso não muda nada”, disse ela categoricamente. Friamente. “Isso só torna o que eu sugiro mais urgente.”

“Pelo contrário”, suspirou Pevara. “Isso muda tudo. Muda o mundo inteiro.”





## CAPÍTULO

### 23

---



### Enfeites

O ar na sala era apenas mais quente do que lá fora para embaçar as vidraças colocadas nas janelas pintadas de vermelho, e o vidro continha bolhas, mas Cadsuane ficou olhando para fora como se pudesse ver claramente a paisagem sombria. Ela podia ver com clareza mais do que suficiente, em qualquer caso. Umas poucas pessoas desafortunadas, agasalhadas e com chapéus e apenas saias disformes ou calções largos distinguindo homens de mulheres, caminhavam penosamente pelos campos lamacentos que cercavam a casa senhorial, às vezes se abaixando para sentir um punhado de terra. Não demoraria muito para que pudessem começar a arar e adubar, mas apenas sua inspeção indicava a chegada da primavera em breve. Além dos campos, a floresta era toda de galhos escuros e nus contra um céu cinza desbotado da manhã. Uma boa camada de neve teria tornado a vista muito menos sombria, mas nevava levemente e raramente aqui, com vestígios de uma queda raramente durando até a próxima. Ainda assim, ela conseguia pensar em poucos lugares melhores para seus propósitos, com a Espinha do Mundo a pouco mais de um dia de viagem para o leste. Quem pensaria em olhar dentro das fronteiras de Tear? Mas convencer o menino a ficar ali foi muito fácil? Com um suspiro, ela se virou da janela, sentindo os enfeites dourados pendurados em seu cabelo balançando, as pequenas luas e estrelas, pássaros e peixes. Ela estava muito consciente deles, ultimamente. Consciente? Argh! Ultimamente, ela havia considerado dormir com eles no lugar.

A sala de estar era grande, mas não ornamentada, como a própria casa senhorial, com cornijas de madeira entalhada, pintada de vermelho. A mobília era brilhante com a pintura, mas sem um toque de dourado, as duas longas lareiras de pedra simples se bem feitas, os transfogueiros de metal forjado robusto feito para um longo serviço ao invés de aparências. Os fogos nas lareiras eram pequenos, por insistência dela, as chamas tremeluzindo baixas em rachaduras semiconsumidas, mas ambos eram suficientes para aquecer suas mãos, que era tudo o que ela queria. Deixado por conta própria, Algarin a teria cercado com um calor abrasador e a sufocaria com servos, mesmo sendo poucos os que ele ainda empregava. Um Senhor menor da Terra, ele estava longe de ser rico, mas pagava suas dívidas com palavras e espírito, mesmo quando a maioria dos outros homens teria visto exatamente o contrário de uma dívida.

A porta não entalhada para o corredor se abriu — a maioria das criadas de Algarin era quase tão velha quanto ele, e embora mantivessem tudo limpo e sem poeira, as lamparinas cobertas com óleo e os pavios aparados, as dobradiças da mansão pareciam escapar da lubrificação regular — o a porta se abriu para dar passagem a Verin, ainda vestida para uma viagem com uma simples lã marrom com saias divididas e carregando o manto no braço, ainda ajeitando o cabelo com mechas grisalhas no lugar. O rosto quadrado da irmãzinha robusta tinha uma expressão vexada, e ela estava balançando a cabeça. “Bem, o Povo do Mar foi entregue a Tear, Cadsuane. Não cheguei perto da Pedra, mas ouvi dizer que o Grão-Senhor Astoril parou de reclamar do rangido das articulações e entrou com Darlin. Quem teria pensado que Astoril iria se mexer, e do lado de Darlin? As ruas estão cheias de homens armados, a maioria se embebedando e brigando uns com os outros quando não estão lutando contra Atha’an Miere. Há tantos do Povo do Mar na cidade quanto todos os outros juntos. Harine ficou horrorizada. Saiu correndo para os navios assim que conseguiu alugar um barco, esperando ser declarada Mestra dos Navios e acertar tudo. Parece não haver dúvida de que Nesta din Reas está morta.”



Cadsuane contentou-se em deixar a mulherzinha redonda tagarelar. Verin não era tão vaga quanto fingia. Algumas Marrons realmente eram capazes de tropeçar nos próprios pés por não notá-los, mas Verin era uma daquelas que usavam uma capa assumida de não-mundanismo. Ela parecia acreditar que Cadsuane aceitava o manto como realidade, mas se houvesse um ponto a ser feito, ela o faria. E o que ela deixava de fora pode ser revelador também. Cadsuane tinha menos certeza da outra irmã do que desejaria. A incerteza era um fato da vida, mas ela estava incerta sobre muitas coisas que combinavam com ela.

Infelizmente, Min devia estar escutando na porta, e aquela jovem tinha pouca paciência. "Eu disse a Harine que não seria assim", ela protestou, irrompendo na sala. "Eu disse a ela que seria punida pela barganha que fez com Rand. Só depois ela se tornará Mestra dos Navios, e não sei dizer se daqui a dez dias ou daqui a dez anos." Magra e bonita, e alta em suas botas de salto vermelho, com cachos escuros pendurados em seus ombros, Min tinha uma voz feminina baixa, mas ela usava um casaco vermelho de menino e calças azuis. O casaco era bordado com flores coloridas nas lapelas e nas mangas, e os calções em faixas na parte de fora das pernas, mas ainda eram casaco e calções.

"Você pode entrar, Min," Cadsuane disse calmamente. Era um tom que geralmente fazia as pessoas se sentarem e prestarem atenção. Aquelas que a conheciam, de qualquer maneira. Manchas de cor apareceram nas bochechas de Min. "A Mestra das Ondas já descobriu tudo o que tem para descobrir com sua visão, eu temo. Mas pela sua urgência, talvez você tenha lido as auras de outra pessoa e queira me contar o que viu?" A habilidade peculiar da garota provou ser útil no passado e, sem dúvida, poderia novamente. Talvez. Até onde Cadsuane podia dizer, ela não mentia sobre o que via nas imagens e auras que percebia flutuando ao redor das pessoas, mas também não era sempre aberta. Particularmente não quando se tratava da única pessoa que Cadsuane gostaria de saber acima de todas as outras.

Com bochechas vermelhas ou não, Min levantou o queixo teimosamente. Ela havia mudado desde Shadar Logoth, ou talvez tivesse começado antes, mas de qualquer forma, a mudança não foi para melhor. “Rand quer que você venha vê-lo. Ele disse para pedir, então você não precisa ficar irritada com isso.”

Cadsuane apenas olhou para ela e deixou que o silêncio se estendesse. Irritada? Definitivamente não para melhor. “Diga a ele que irei quando puder,” ela disse finalmente. “Feche a porta firmemente atrás de você, Min.” A jovem abriu a boca como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas pelo menos manteve o bom senso de não dizer. Ela até fez uma reverência razoável, apesar daquelas botas ridículas, e fechou a porta com firmeza atrás de si. Apenas um pouco antes de bater, na verdade.

Verin balançou a cabeça novamente, dando uma risada que soou apenas ligeiramente divertida. “Ela está apaixonada pelo jovem, Cadsuane, e colocou o coração no bolso dele. Seguirá isso antes de seguir a cabeça, o que quer que você diga ou faça. Acho que ela teme que ele quase tenha morrido com ela, e você sabe como isso pode deixar uma mulher determinada a aguentar.”

Os lábios de Cadsuane se estreitaram. Verin sabia mais sobre esse tipo de relacionamento com os homens do que ela mesma — ela nunca acreditou em ceder aos seus próprios Guardiões, como algumas Verdes faziam, e outros homens sempre estiveram fora de questão —, mas a Marrom havia chegado perto da verdade sem saber. Pelo menos, Cadsuane não achava que a outra irmã sabia que Min estava vinculada ao menino al'Thor. Ela mesma só sabia porque a garota havia deixado escapar demais em um momento de descuido. Até mesmo o mexilhão mais apertado acaba rendendo sua carne assim que você consegue aquela primeira pequena rachadura na casca. Às vezes, também dá uma pérola inesperada. Sim, Min iria querer manter o rapaz vivo, quer ela o amasse ou não, mas não mais do que Cadsuane.

Colocando o manto no encosto alto de uma cadeira, Verin foi até a lareira mais próxima e estendeu as mãos para aquecê-las diante das chamas baixas. Você não poderia dizer que Verin deslizava, mas ela

era mais graciosa do que seu tamanho sugeria. Quanto dela era engano? Todas as Aes Sedai se escondiam atrás de várias máscaras, ao longo do tempo. Virava hábito depois de um tempo. “Acredito que a situação em Tear ainda pode ser resolvida pacificamente”, disse ela, olhando para o fogo. Ela poderia estar falando sozinha. Ou queria que Cadsuane pensasse. “Hearne e Simaan estão ficando desesperados, com medo de que os outros Grão-Senhores retornem de Illian e os prendam na cidade. Eles podem aceitar Darlin, dadas suas outras escolhas. Estanda é feita de coisas mais duras, mas se ela puder se convencer de que há vantagem para ela nisso...”

“Eu lhe disse para não chegar perto deles,” Cadsuane interrompeu severamente.

A mulher robusta piscou para ela com surpresa. “Eu não cheguei. As ruas estão sempre cheias de boatos, e eu sei como juntar boatos e peneirar um pouco de verdade. Eu vi Alanna e Rafela, mas me agachei atrás de um colega vendendo tortas de carne de um carrinho de mão antes que elas me vissem. Tenho certeza que não viram.” Ela fez uma pausa, claramente esperando que Cadsuane explicasse por que lhe disseram para evitar as irmãs também.

“Tenho que ir até o menino agora, Verin”, disse Cadsuane em vez disso. Esse era o problema de concordar em aconselhar alguém. Mesmo quando você conseguia definir todas as condições que poderia desejar — a maioria delas, pelo menos — ainda tinha que ir mais cedo ou mais tarde quando eles chamavam. Eventualmente. Mas isso lhe deu um motivo para fugir da curiosidade de Verin. A resposta era simples. Se você tentasse resolver todos os problemas sozinho, acabava não resolvendo nenhum. E com alguns problemas, como eles eram resolvidos realmente não importava a longo prazo. Mas não responder deixava Verin com um quebra-cabeça para refletir, um pouco de manteiga para suas patas. Quando Cadsuane não tinha certeza de alguém, também queria que a pessoa não tivesse certeza dela.

Verin pegou sua capa e saiu do quarto com ela. A outra mulher pretendia acompanhá-la? Mas fora da sala de estar, elas encontraram

Nesune andando rapidamente pelo corredor. Ela parou de repente. Não mais do que um punhado de pessoas jamais conseguiu ignorar Cadsuane, mas Nesune fez um trabalho crível, seus olhos quase negros cravados em Verin.

—Você voltou então, não é?” A melhor das Marrons tinha um jeito de dizer o óbvio. “Você escreveu um artigo sobre animais das Terras Afogadas, se bem me lembro.” O que significava que Verin tinha escrito; Nesune lembrava-se de tudo o que já tinha visto — uma habilidade útil, se Cadsuane tivesse certeza suficiente da mulher para fazer uso dela. “Lorde Algarin me mostrou a pele de uma grande cobra que ele afirma ter vindo das Terras Afogadas, mas estou convencida de que é a mesma que observei...” Verin olhou impotente para Cadsuane por cima do ombro enquanto a mulher mais alta a puxava para longe pela manga, mas antes que elas estivessem a três passos ao longo do corredor, ela estava mergulhada em uma discussão sobre essa cobra tola.

Era uma visão notável e, de certa forma, perturbadora. Nesune era leal a Elaida, ou tinha sido, enquanto Verin era uma das que queriam derrubar Elaida. Ou tinha sido. Agora elas conversavam amigavelmente sobre cobras. O fato de ambas terem jurado fidelidade ao menino al'Thor poderia ser atribuído a ele ser *ta'veren*, enrolando o Padrão em torno de si inconscientemente, mas esse juramento foi suficiente para fazê-las ignorar sua oposição sobre quem detinha o Trono de Amyrlin? Ou elas eram afetadas por ter um *ta'veren* nas proximidades? Ela teria gostado muito de saber disso. Nenhum de seus enfeites protegia contra *ta'veren*. Claro, ela não sabia o que dois dos peixes e uma das luas faziam, mas parecia improvável que eles fizessem isso. Poderia ser algo tão simples quanto Verin e Nesune serem ambas Marrons. As Marrons podiam esquecer todo o resto quando se decidiam a estudar alguma coisa. Cobras. Argh! Os pequenos enfeites balançaram quando ela balançou a cabeça antes de se virar, tendo as duas Marrons recuando atrás dela. O que o menino queria? Ela nunca gostou de ser uma conselheira, necessária ou não.

Ventos ao longo dos corredores ondulavam as poucas tapeçarias nas paredes, todas em estilo antigo e mostrando o desgaste de terem sido desmontadas e recolocadas muitas vezes. A mansão havia crescido como uma casa de fazenda desconexa, em vez de ser construída grande, com acréscimos adicionados sempre que a fortuna e os números da família aumentavam. A Casa Pendaloan nunca foi rica, mas houve momentos em que foram numerosos. Os resultados mostravam mais do que tapeçarias de parede antiquadas e desgastadas. As cornijas eram pintadas de cores vivas, vermelhas, azuis ou amarelas, mas os corredores variavam em largura e altura, e às vezes se encontravam levemente inclinados. Janelas que antes davam para os campos agora davam para pátios, geralmente vazios, exceto por alguns bancos e colocados apenas para fornecer luz. Às vezes não havia escolha para ir daqui até lá, exceto tomar uma colunata coberta com vista para um daqueles pátios. As colunas eram de madeira na maioria das vezes, embora corajosamente pintadas mesmo onde não eram esculpidas.

Em uma dessas passarelas, com grandes colunas verdes, duas irmãs estavam juntas observando a atividade no pátio abaixo. Pelo menos, elas estavam observando juntas quando Cadsuane abriu a porta da colunata. Beldeine a viu sair e ficou tensa, contorcendo-se no xale de franjas verdes que usava há menos de cinco anos. Bonita, com as maçãs do rosto salientes e uma ligeira inclinação nos olhos castanhos, ela ainda não havia alcançado a idade adulta e parecia mais jovem do que Min, principalmente quando lançou a Cadsuane um olhar gelado e se apressou da colunata na outra direção.

Merise, sua companheira, sorriu para ela, divertida, mudando levemente seu próprio xale de franjas verdes. Alta e geralmente bastante séria, com o cabelo puxado para trás do rosto pálido, Merise não era uma mulher que sorria com frequência. “Beldeine, ela está ficando preocupada porque ainda não tem Guardião”, disse ela no sotaque de Tarabon quando Cadsuane parou ao lado dela, embora seus olhos azuis voltassem para o pátio. “Ela parece estar considerando um Asha'man, se puder encontrar um. Eu disse a ela para falar com Daigian. Se isso não a ajudar, ajudará Daigian.”

Todos os Guardiões que estavam com elas estavam reunidos no pátio de pedra, em mangas de camisa apesar do frio, a maioria sentados em bancos de madeira pintada vendo dois deles trabalharem com espadas de madeira. Jahar, um dos três de Merise, era um jovem bonito e moreno. Os sinos de prata presos nas pontas de suas duas longas tranças soavam com a fúria de seu ataque. Ele se movia como um lança negra impressionante. Nem um sopro de brisa se movia, mas a estrela de oito pontas, como uma rosa-dos-ventos dourada, pareceu se mover contra o cabelo de Cadsuane. Se estivesse em sua mão, ela poderia senti-la vibrando claramente. Mas então, ela já sabia que Jahar era um Asha'man, e a estrela não o teria apontado, apenas lhe diria que um homem que podia canalizar estava por perto. Quanto mais homens pudessem canalizar, mais forte a estrela tremia, ela descobriu. O oponente de Jahar, um sujeito muito alto, de ombros largos, rosto de pedra e um cordão de couro trançado em volta das têmporas grisalhas para prender o cabelo na altura dos ombros, não era o segundo Asha'man lá embaixo, mas era tão mortal de seu próprio jeito. Lan realmente não parecia se mover tão rápido, mas ele... fluía. Sua lâmina de ripas empacotadas estava sempre lá para desviar a de Jahar, sempre afastando o homem mais jovem um pouco mais de sua linha.

De repente, a lâmina de madeira de Lan atingiu o lado de Jahar com um estalo retumbante, um golpe mortal se dado com aço. Enquanto o homem mais jovem ainda estava vacilando com a força do golpe, Lan voltou para uma posição de prontidão, a longa lâmina erguida em suas mãos. Nethan, outro de Merise, levantou-se, um sujeito magro com cabelos brancos nas têmporas e alto, ainda que um palmo ou mais baixo que Lan. Jahar acenou para que ele se afastasse e ergueu sua lâmina de treino novamente, exigindo ruidosamente outra tentativa.

“Daigian ainda está aguentando?” perguntou Cadsuane.

“Melhor do que eu esperava,” Merise admitiu. “Ela fica muito em seu quarto, mas mantém seu choro privado.” Seu olhar passou dos homens dançando suas espadas para um banco pintado de verde, onde o atarracado Tomas de cabelos grisalhos de Verin estava

sentado ao lado de um sujeito grisalho com apenas uma franja de cabelo branco restante. “Damer, ele queria tentar sua cura nela, mas Daigian recusou. Ela pode nunca ter tido um Guardião antes, mas sabe que o luto por um Guardião morto faz parte da lembrança dele. Estou surpresa que Corele considere permitir isso.”

Com um aceno de cabeça, a irmã taraboneana voltou a estudar Jahar. Os Guardiões das outras irmãs não lhe interessavam muito, pelo menos não como os dela. “Os Asha’man, eles sofrem como os Guardiões. Eu pensei que talvez Jahar e Damer simplesmente seguissem a liderança dos outros, mas Jahar, ele diz que é o jeito deles também. Não me intrometi, é claro, mas observei-os beber em memória do jovem Eben de Daigian. Eles nunca mencionaram seu nome, mas tinham uma taça de vinho cheia para ele. Bassane e Nethan, eles sabem que podem morrer a qualquer dia, e aceitam isso. Jahar espera morrer; todos os dias ele espera. Para ele, cada hora é certamente a última.”

Cadsuane mal se conteve de olhar para a outra mulher. Merise não costumava se alongar tanto. O rosto da outra mulher era suave, seus modos serenos, mas algo a aborrecia. “Eu sei que você pratica o a ligação em círculo com ele”, disse ela delicadamente, olhando para o pátio. Era preciso delicadeza ao falar com outra irmã sobre seu Guardião. Essa foi parte da razão pela qual ela olhou para o pátio, franzindo a testa. “Você já decidiu se o garoto al’Thor teve sucesso em Shadar Logoth? Ele realmente conseguiu limpar a metade masculina da Fonte?”

Corele também praticava a ligação com Damer, mas a Amarela estava tão concentrada em seus esforços fúteis para raciocinar como fazer com *saidar* o que ele fazia com *saidin*, que ela não teria notado a mácula do Tenebroso deslizando por sua garganta. Uma pena que ela mesma não tivesse chegado ao xale cinquenta anos mais tarde do que ela, ou ela mesma teria se vinculado a um dos homens e não precisaria perguntar. Mas cinquenta anos significariam que Norla morreria em sua casinha nas Colinas Negras antes mesmo de Cadsuane Melaidhrin ir para a Torre Branca. Isso teria alterado grande parte da história. Por um lado, seria improvável que ela

estivesse em qualquer coisa que se aproximasse de suas atuais circunstâncias. Então ela perguntou, delicadamente, e esperou.

Merise ficou quieta, e parada, por um longo momento, e então suspirou. “Não sei, Cadsuane. *Saidar* é um oceano calmo que o levará aonde você quiser, desde que você conheça as correntes e deixe-as levá-la. *Saidin*... Uma avalanche de pedra em chamas. Desmoronando montanhas de gelo. Parece mais limpo do que quando me vinculei com Jahar, mas qualquer coisa pode se esconder nesse caos. Qualquer coisa.”

Cadsuane assentiu. Ela não tinha certeza se esperava qualquer outra resposta. Por que ela deveria encontrar alguma certeza sobre uma das duas questões mais importantes do mundo quando não podia encontrar nenhuma sobre tantas questões mais simples? No pátio, a lâmina de madeira de Lan parou, não com um estalo desta vez, apenas tocando a garganta de Jahar, e o homem maior voltou para sua posição de espera. Nethan se levantou novamente, e novamente Jahar acenou para ele de volta, erguendo a espada com raiva e se preparando. O terceiro de Merise, Bassane, um sujeito baixo e largo quase tão escuro quanto Jahar, apesar de ser cairhieno, riu e fez um comentário rude sobre homens ambiciosos demais tropeçando em suas próprias lâminas. Tomas e Damer trocaram olhares e balançaram a cabeça; os homens dessa idade geralmente tinham desistido de insultar há muito tempo. O estalo de madeira contra madeira recomeçou.

Os outros quatro Guardiões não eram a única audiência de Lan e Jahar no pátio. A garota esbelta com seu cabelo escuro em uma longa trança, olhando ansiosamente de um banco vermelho, era o foco da carranca de Cadsuane. A criança precisaria mostrar seu anel da Grande Serpente sob o nariz das pessoas para ser tomada como Aes Sedai, o que ela era, mesmo que apenas tecnicamente. Não era apenas porque o rosto de Nynaeve era o rosto de uma menina; Beldeine ainda parecia tão jovem quanto ela. Nynaeve saltava no banco, sempre a ponto de pular. Ocasionalmente sua boca se movia como se ela estivesse gritando encorajamentos em silêncio, e às vezes suas mãos se torciam como se demonstrasse como Lan



deveria ter movido sua espada. Uma garota frívola, cheia de paixões, que raramente demonstrava ter um cérebro. Min não foi a única a ter jogado o coração e a cabeça no poço por causa de um homem. Pelos costumes do falecido Malkier, o ponto vermelho pintado na testa de Nynaeve indicava seu casamento com Lan, embora as Amarelas raramente se casassem com seus Guardiões. Pouquíssimas irmãs fizeram isso, aliás. E, claro, Lan não era o Guardião de Nynaeve, por mais que ele e a garota fingissem o contrário. A quem ele pertencia era um assunto que eles evitavam como ladrões se esgueirando pela noite.

Mais interessante, mais perturbador, eram as joias que Nynaeve usava, um longo colar de ouro e um cinto fino de ouro, com pulseiras e anéis de dedo combinando, as chamativas gemas vermelhas, verdes e azuis que as cravejavam, contrastando com seu vestido amarelo. E ela também usava aquela peça peculiar, na mão esquerda, anéis de ouro presos a uma pulseira de ouro por correntes chatas. Era um *angreal*, muito mais forte que o enfeite de cabelo de picanço de Cadsuane. As outras eram muito parecidas com seus próprios enfeites também, *ter'angreal* e feitas com simplicidade ao mesmo tempo, durante a Ruptura do Mundo, quando uma Aes Sedai podia encontrar muitas mãos voltadas contra ela, principalmente aquelas de homens que podiam canalizar. Estranho pensar que também se chamavam Aes Sedai. Seria como conhecer um homem chamado Cadsuane.

A pergunta — sua manhã parecia cheia de perguntas, e o sol ainda não estava na metade do dia — a pergunta era, a garota usava suas joias por causa do menino al'Thor, ou dos Asha'man? Ou por causa de Cadsuane Melaidhrin? Nynaeve demonstrou sua lealdade a um jovem de sua própria aldeia, e também mostrou sua cautela em relação a ele. Ela tinha um cérebro, quando escolhia usá-lo. Até que essa pergunta fosse respondida, no entanto, confiar demais na garota era perigoso. O problema era que pouco naqueles dias não parecia perigoso.

“Jahar está ficando mais forte,” Merise disse abruptamente.

Por um instante, Cadsuane franziu a testa para a outra Verde. Mais forte? A camisa do jovem estava começando a ficar úmida nas costas, enquanto Lan parecia não ter suado o primeiro suor. Então ela entendeu. Merise queria dizer no Poder. Cadsuane apenas levantou uma sobrancelha questionadora, no entanto. Ela não conseguia se lembrar da última vez que deixara o choque atingir seu rosto. Podia ter sido tantos anos atrás, nas Colinas Negras, quando ela começou a ganhar os enfeites que agora usava.

"No começo, eu pensei que a forma como esses Asha'man treinam, o forçamento, já o havia empurrado para sua força total", disse Merise, franzindo a testa para os dois homens trabalhando com suas espadas de treinamento. Não; era para Jahar que ela estava franzindo a testa. Apenas um leve franzir de olhos, mas ela reservou suas carrancas para aqueles que podiam ver e conhecer seu desagrado. "Em Shadar Logoth, pensei que devia estar imaginando. Três ou quatro dias atrás, eu estava meio convencida de que estava enganada. Agora, tenho certeza de que estou certa. Se os homens ganham força aos trancos e barrancos, não há como dizer o quão forte ele se tornará."

Ela não expressou sua preocupação óbvia, é claro: que ele pudesse ficar mais forte do que ela. Dizer uma coisa dessas teria sido impensável em muitos níveis diferentes, e embora Merise estivesse um pouco acostumada a fazer o impensável — a maioria das irmãs desmaiaria com a simples ideia de vincular um homem que pudesse canalizar — ela nunca se sentia confortável em dar voz a isso. Cadsuane se sentia, mas manteve a voz neutra. Luz, mas ela odiava ser delicada. Odiava a necessidade, de qualquer maneira.

"Ele parece contente, Merise." Os Guardiões de Merise sempre pareciam contentes; ela os tratava bem.

"Ele está com uma fúria de..." A outra mulher tocou o lado de sua cabeça como se estivesse tocando o pacote de sensações que ela sentia através do vínculo. Ela realmente estava chateada! "Não raiva. Frustração." Enfiando a mão na bolsa do cinto de couro verde trabalhado, ela tirou um pequeno alfinete esmaltado, uma figura sinuosa em vermelho e dourado, como uma cobra com pernas e juba

de leão. “Eu não sei onde o rapaz al’Thor conseguiu isso, mas ele deu para Jahar. Aparentemente, para os Asha’man, é como obter o xale. Eu tive que tirar, é claro; Jahar, ele ainda está no estágio em que precisa aprender a aceitar apenas o que eu digo que pode. Mas ele está tão agitado com a coisa... Devo devolver para ele? De certa forma, viria da minha mão, então.”

As sobrancelhas de Cadsuane começaram a subir antes que ela pudesse controlá-las. Merise estava pedindo conselhos sobre um de seus Guardiões? Claro, Cadsuane havia sugerido que ela sondasse o homem em primeiro lugar, mas esse grau de intimidade era... impensável? Argh! “Tenho certeza de que o que você decidir será correto.”

Com um último olhar para Nynaeve, ela deixou a mulher mais alta acariciando o alfinete esmaltado com o polegar e franzindo a testa para o pátio. Lan acabara de derrotar Jahar mais uma vez, mas o jovem estava se enfrentando novamente, exigindo mais uma partida. O que quer que Merise decidisse, ela já havia descoberto uma coisa de que não gostava. As fronteiras entre Aes Sedai e Guardiões sempre foram tão claras quanto as conexões; Aes Sedai mandavam e Guardiões obedeciam. Mas se Merise, de todas as pessoas, estava hesitando por causa de um alfinete de colarinho — Merise, que administrava seus Guardiões com mão firme —, então novos limites teriam que ser trabalhados, pelo menos com Guardiões que pudessem canalizar. Parecia improvável que a ligação entre eles parasse agora; Beldeine era prova disso. As pessoas nunca realmente mudavam, mas o mundo mudava, com uma regularidade perturbadora. Você apenas tinha que viver com isso, ou pelo menos sobreviver a isso. De vez em quando, com sorte, você pode afetar a direção das mudanças, mas mesmo se você parasse uma, apenas colocaria outra em movimento.

Como esperado, ela não encontrou a porta dos aposentos do menino al’Thor desprotegida. Alivia estava lá, é claro, sentada em um banco ao lado da porta com as mãos cruzadas pacientemente no colo. A mulher de cabelos claros Seanchan se automeiou a protetora do menino, de certa forma. Alivia o creditou por libertá-la do

colar de *damane*, mas havia mais do que isso. Min não gostava dela, para começar, e não era o tipo usual de ciúme. Alivia mal parecia saber o que homens e mulheres faziam juntos. Mas havia uma conexão entre ela e o menino, uma conexão revelada em olhares que carregavam determinação do lado dela e dele, esperança, por mais difícil que fosse acreditar. Até que Cadsuane soubesse do que se tratava, ela não pretendia fazer nada para separá-los. Os olhos azuis afiados de Alivia olharam Cadsuane com uma cautela respeitosa, mas ela não viu uma inimiga. Alivia tinha um pavio curto com aqueles que ela considerava inimigos do menino al'Thor.

A outra mulher de guarda era do tamanho de Alivia, mas as duas não poderiam ser mais diferentes, e não apenas porque os olhos de Elza eram castanhos e ela tinha o olhar suave e sem idade de Aes Sedai, onde Alivia tinha linhas finas na cantos de seus olhos e fios brancos quase escondidos em seu cabelo. Elza pôs-se de pé de um salto assim que viu Cadsuane, enfiando-se diante da porta e enrolando-se no xale. "Ele não está sozinho," ela disse, geada em sua voz.

"Você pretende ficar no meu caminho?" Cadsuane perguntou, com a mesma frieza. A andoreana Verde deveria ter se afastado. Elza estava suficientemente abaixo dela no Poder para que não tivesse hesitado, muito menos esperado, por um comando, mas a mulher plantou seus pés, e seu olhar ficou realmente aquecido.

Era um dilema. Cinco outras irmãs na mansão haviam jurado fidelidade ao menino, e todas aquelas que haviam sido leais a Elaida olhavam para Cadsuane como se suspeitassem de suas intenções em relação a ele. O que levantava a questão de por que Verin não fazia isso, é claro. Mas apenas Elza tentava mantê-la longe dele. A atitude da mulher cheirava a ciúmes, o que não fazia sentido. Ela não poderia acreditar que era mais adequada para aconselhá-lo, e se houvesse alguma sugestão de que Elza desejasse o menino, como homem ou Guardiã, Min estaria rosnando. A garota tinha instintos apurados, ali. Cadsuane teria rangido os dentes, se fosse o tipo de mulher que range os dentes.

No momento em que pensou que teria que ordenar que Elza se afastasse, Alivia se inclinou para frente. “Ele mandou chamá-la, Elza,” ela falou lentamente. “Ele ficará chateado se a mantivermos fora. Chateado conosco, não com ela. Deixe-a entrar.”

Elza olhou para a mulher Seanchan com o canto do olho, e seus lábios se curvaram em desprezo. Alivia estava muito acima dela no Poder — Alivia estava bem acima de Cadsuane, aliás —, mas era uma Bravia e uma mentirosa na visão de Elza. A morena mal parecia aceitar que Alivia tinha sido *damane*, muito menos o resto de sua história. Ainda assim, Elza lançou um olhar para Cadsuane, depois para a porta atrás de si, e ajeitou o xale. Claramente, ela não queria o menino chateado. Não com ela.

“Vou ver se ele está pronto para você”, disse ela, muito mal-humorada. “Mantenha-a aqui,” ela acrescentou a Alivia, mais bruscamente, antes de se virar para bater levemente na porta. Uma voz masculina chamou do outro lado, e ela abriu a porta o suficiente para entrar, fechando-a atrás de si.

“Você vai ter que perdoá-la”, disse Alivia naquele sotaque irritantemente lento e suave dos Seanchan. “Acho que ela leva seu juramento muito a sério. Não está acostumada a servir a ninguém.”

“As Aes Sedai cumprem sua palavra”, Cadsuane respondeu secamente. A mulher a fazia sentir como se sua própria maneira de falar fosse tão rápida e nítida quanto a de um cairhieno! “Nós devemos.”

“Eu acho que você cumpre. Só para você saber, eu também mantenho minha palavra. Devo a ele qualquer coisa que ele queira de mim.”

Um comentário fascinante, e uma abertura, mas antes que ela pudesse tirar vantagem disso, Elza saiu. Atrás dela vinha Algarin, a barba branca bem aparada. Ele ofereceu uma reverência a Cadsuane, com um sorriso que aprofundou as rugas de seu rosto. Seu casaco simples de lã escura, feito em seus dias de juventude, caía solto sobre ele agora, e o cabelo em sua cabeça fornecia uma cobertura fina. Não havia chance de descobrir por que ele estava visitando o menino al'Thor.

"Ele vai ver você agora", disse Elza bruscamente.

Cadsuane quase rangeu os dentes. Alivia teria que esperar. E Algarin.

O menino estava de pé quando Cadsuane entrou, quase tão alto e de ombros largos quanto Lan, com um casaco preto trabalhado com dourado nas mangas e gola alta. Era muito parecido com o casaco de um Asha'man com bordados adicionados para se adequar a ela, mas ela não disse nada. Ele fez uma reverência cortês, conduzindo-a a uma cadeira com uma almofada de borlas em frente à lareira e perguntando se ela gostaria de vinho. Aquele no jarro que estava em uma mesa lateral com duas taças de vinho havia esfriado, mas ele poderia pedir mais. Ela trabalhou duro o suficiente para forçá-lo à civilidade; ele podia usar qualquer casaco que quisesse. Havia assuntos mais importantes em que ele tinha que ser guiado. Ou cutucado, ou puxado conforme a necessidade. Ela não ia perder tempo ou falar sobre sua roupa.

Inclinando a cabeça educadamente, ela recusou o vinho. Uma taça de vinho oferecia muitas oportunidades — para saborear quando você precisava de um momento de reflexão; para perscrutar quando você desejava esconder os olhos —, mas esse jovem precisava ser observado a cada momento. Seu rosto revelava quase tão pouco quanto o de uma irmã. Com aquele cabelo ruivo escuro e aqueles olhos azul-acinzentados, ele poderia ter passado por Aiel, mas poucos Aiel tinham olhos tão frios. Eles faziam o céu da manhã que ela estava olhando mais cedo parecer quente. Mais frios do que antes de Shadar Logoth. Mais duros também, infelizmente. Eles também pareciam... cansados.

"Algarin tinha um irmão que podia canalizar", disse ele, virando-se para uma cadeira de frente. No meio da curva, ele cambaleou. Ele se pegou em um braço da cadeira com uma risada, fingindo que tinha tropeçado em suas próprias botas, mas não houve tropeço. E ele não tinha agarrado *saidin* — ela o vira cambalear, fazendo isso — ou seus enfeites a teriam avisado. Corele disse que só precisava de um pouco mais de sono para se recuperar de Shadar Logoth. Luz, ela precisava manter o menino vivo, ou tudo teria sido em vão!

"Eu sei", disse ela. E como parecia que Algarin poderia ter contado tudo a ele, ela acrescentou: "Fui eu quem capturou Emarin e o levou para Tar Valon". Uma coisa estranha para Algarin ser grato, a alguns olhos, mas seu irmão mais novo sobreviveu sendo gentil por mais de dez anos depois que ela o ajudou a se reconciliar com isso. Os irmãos eram próximos.

As sobrelanceiras do menino se contraíram quando ele se acomodou em sua cadeira. Ele não sabia. "Algarin quer ser testado", disse ele.

Ela encontrou seu olhar nivelado, serenamente, e segurou sua língua. Os filhos de Algarin eram casados, aqueles que ainda viviam. Talvez ele estivesse pronto para entregar este pedaço de terra para seus descendentes. De qualquer forma, um homem mais ou menos capaz de canalizar dificilmente faria qualquer diferença neste momento. A menos que fosse o garoto que estava olhando para ela.

Depois de um momento, seu queixo se moveu, o vestígio de um aceno de cabeça. Ele a estava testando? "Nunca tema que eu vou deixar de lhe dizer quando você está sendo um tolo, garoto." A maioria das pessoas lembrava depois de uma reunião que ela tinha uma língua afiada. Este jovem precisava ser lembrado de tempos em tempos. Ele resmungou. Podia ter sido uma risada. Podia ter sido um lamento. Ela lembrou a si mesma de que ele queria que ela lhe ensinasse alguma coisa, embora não parecesse saber o quê. Não importava. Ela tinha uma lista de coisas para escolher, e estava apenas começando.

Seu rosto poderia ter sido esculpido em pedra por toda a expressão que mostrava, mas ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro entre a lareira e a porta. Suas mãos estavam cerradas em punhos atrás das costas. "Eu tenho conversado com Alivia, sobre os Seanchan", disse ele. "Eles chamam seu exército de Exército Sempre Vitorioso por uma razão. Nunca perdeu uma guerra. Batalhas, sim, mas nunca uma guerra. Quando perdem uma batalha, sentam-se e descobrem o que fizeram de errado ou o que o inimigo fez de certo. Então eles mudam o que precisa mudar para eles vencerem."

“Uma maneira sábia,” ela disse quando o fluxo de palavras parou. Claramente, ele esperava algum comentário. “Conheço homens que fazem o mesmo. Davram Bashere, por exemplo. Gareth Bryne, Rodel Ituralde, Agelmar Jagad. Até Pedron Niall fez isso, quando estava vivo. Todos julgados grandes capitães.”

“Sim”, disse ele, ainda andando. Ele não olhou para ela, talvez não a tenha visto, mas estava ouvindo. Era de se esperar que ele realmente ouvisse também. “Cinco homens, todos grandes capitães. Todos os Seanchan fazem isso. Esse tem sido o jeito deles por mil anos. Eles mudam o que precisam mudar, mas não desistem.”

“Você está considerando a possibilidade de que eles não possam ser derrotados?” ela perguntou calmamente. A calma sempre servia até que você conhecesse os fatos, e geralmente depois também.

O menino se virou para ela, pescoço duro e olhos como gelo. “Eu posso derrotá-los eventualmente”, disse ele, lutando para manter seu tom civilizado. Isso era bom. Quanto menos ela tivesse que provar que podia e puniria as transgressões de suas regras, melhor. “Mas...” Ele cortou com um grunhido quando os sons de discussão no corredor penetraram a porta.

Um momento depois, a porta se abriu e Elza voltou para o quarto, ainda discutindo em voz alta e tentando segurar duas outras irmãs com os braços abertos. Erian, seu rosto pálido corado, estava empurrando a outra Verde à frente dela fisicamente. Sarene, uma mulher tão bonita que fazia Erian parecer quase comum, tinha uma expressão mais fria, como seria de esperar de uma Branca, mas ela estava balançando a cabeça em exasperação, e com força suficiente para fazer as contas coloridas em suas tranças finas se encaixarem. Sarene possuía um temperamento forte, embora normalmente o mantivesse bem guardado.

“Bartol e Rashan estão vindo,” Erian anunciou em voz alta, a agitação engrossando o sotaque de illian em seu discurso. Esses eram seus dois Guardiões, deixados para trás em Cairhien. “Eu não mandei chamá-los, mas alguém Viajou com eles. Uma hora atrás, eu os senti de repente mais perto, e agora, mais perto novamente. Eles estão vindo em nossa direção agora.”



"Meu Vitalien, ele também está se aproximando", disse Sarene. "Ele estará aqui em algumas horas, eu acho."

Elza deixou os braços caírem, embora pela rigidez de suas costas ela ainda estivesse olhando para as duas irmãs. "Meu Fearil estará aqui em breve também," ela murmurou. Ele era seu único Guardião; dizia-se que eram casados, e as Verdes que casavam raramente tomavam outro Guardião ao mesmo tempo. Cadsuane se perguntou se ela teria falado se as outras não tivessem.

"Eu não esperava isso tão cedo", disse o menino suavemente. Suavemente, mas havia aço em sua voz. "Mas eu não deveria esperar que os eventos esperassem por mim, deveria, Cadsuane?"

"Os eventos nunca esperam por ninguém", disse ela, de pé. Erian se encolheu como se tivesse acabado de notá-la, embora Cadsuane tivesse certeza de que seu rosto era tão suave quanto o do menino. E talvez tão pedregoso, quanto a isso. O que trouxe aqueles Guardiões de Cairhien, e quem Viajou com eles, podis ser bastante problema para continuar, mas ela achou que tinha recebido outra resposta do menino, e teria que pensar com muito cuidado em como aconselhá-lo sobre isso. Às vezes, as respostas eram mais espinhosas do que as perguntas.



## CAPÍTULO

### 24

---



### *Uma Tempestade se Fortalece*

A luz do sol do meio da tarde deveria estar atravessando as janelas do quarto de Rand, mas uma chuva forte caía lá fora, e todas as lâmpadas estavam acesas para conter a escuridão do crepúsculo. O trovão sacudiu os caixilhos cheios de vidro nas janelas. Era uma tempestade feroz que descia da Muralha do Dragão mais rápido do que um cavalo correndo e trazia um frio mais profundo, quase profundo o suficiente para nevar. Os pingos de chuva que caíam na casa eram lama semicongelada e, apesar das toras em chamas na lareira, um frio se apoderava do quarto.

Deitado em sua cama com as botas apoiadas uma sobre a outra na colcha, ele olhou para o dossel e tentou colocar seus pensamentos em ordem. Poderia ignorar a tempestade lá fora, mas Min, aconchegando-se sob seu braço, era outra questão. Ela não tentava distraí-lo; apenas fazia isso sem tentar. O que ele deveria fazer com ela? E com Elayne e Aviendha. Aquelas duas eram apenas presenças vagas em sua cabeça, a esta distância de Caemlyn. Pelo menos, ele presumia que eles ainda estavam em Caemlyn. Presumir era perigoso quando se tratava dessas duas. Tudo o que ele tinha delas no momento era um senso geral de direção e o conhecimento de que elas estavam vivas. O corpo de Min estava pressionado contra o seu lado, porém, e o vínculo a fazia tão vibrante dentro de sua cabeça quanto ela estava em carne e osso. Era tarde demais para manter Min a salvo? Para manter Elayne e Aviendha a salvo?

*O que faz você pensar que pode manter alguém a salvo?* Lews Therin sussurrou em sua cabeça. O louco morto era um velho amigo agora. *Nós todos vamos morrer. Só espere que não seja você a matá-las.* Não um amigo bem-vindo, apenas um do qual ele não conseguia se livrar. Ele não temia mais matar Min ou Elayne ou Aviendha mais do que temia ficar louco. Mais louco do que já estava, pelo menos, com um homem morto na cabeça e, às vezes, um rosto nebuloso que quase podia reconhecer. Ele ousava perguntar a Cadsuane sobre qualquer um deles?

*Não confie em ninguém,* murmurou Lew Therin, depois deu uma risada irônica. *Incluindo eu.*

Sem aviso, Min o socou nas costelas com força suficiente para fazê-lo grunhir. "Você está ficando melancólico, pastor de ovelhas", ela rosnou. "Se você está se preocupando comigo de novo, eu juro, eu vou..." Ela tinha tantas maneiras diferentes de rosnar, Min tinha, cada uma combinando com sensações muito diferentes através do vínculo. Havia a irritação leve que ele sentia dela agora, desta vez tocada com preocupação, e às vezes havia uma ponta afiada como se ela estivesse se abstendo de arrancar a cabeça dele. Houve um grunhido que quase o fez rir pela diversão em na cabeça dela, ou tão perto de rir no que parecia muito tempo, e um grunhido gutural que teria aquecido seu sangue mesmo sem o vínculo.

"Nada disso, agora", disse ela em advertência, antes que ele pudesse mover a mão que descansava em suas costas, e rolou para fora da cama, puxando seu casaco bordado com um olhar de reprovação. Desde o vínculo com ele, ela era ainda melhor em ler sua mente, e tinha sido boa o suficiente antes. "O que você vai fazer com eles, Rand? O que Cadsuane vai fazer?" Um relâmpago brilhou nas janelas, quase brilhante o suficiente para apagar as lâmpadas, e um trovão ressoou contra o vidro da janela.

"Ainda não consegui ver o que ela ia fazer com antecedência, Min. Por que hoje deveria ser diferente?"

O colchão de penas espesso cedeu debaixo dele quando ele balançou as pernas para o lado e se sentou de frente para ela. Quase pressionou a mão nas velhas feridas em seu lado sem pensar, então

se conteve e mudou o movimento para abotoar o casaco. Metade curadas e nunca cicatrizando, essas duas feridas sobrepostas doíam desde Shadar Logoth. Ou talvez ele estivesse apenas mais consciente de como elas pulsavam, o calor delas uma fornalha de febre presa em uma área menor que a palma de sua mão. Uma, pelo menos, ele esperava, começaria a se curar sem Shadar Logoth. Talvez ainda não houvesse tempo suficiente para ele sentir alguma diferença. Não era o mesmo lado que Min tinha socado — ela sempre era gentil com isso, mas não sempre com o resto dele —, mas ele pensou que tinha mantido a dor escondida dela. Não adiantava dar a ela algo mais para se preocupar. A preocupação em seus olhos, e em sua cabeça, devia ser sobre Cadsuane. Ou os outros.

A mansão e todos os seus prédios distantes estavam lotados agora. Parecia inevitável que mais cedo ou mais tarde alguém tentasse usar os Guardiões deixados em Cairhien; suas Aes Sedai não haviam gritado sobre ir encontrar o Dragão Renascido, mas também não haviam sido particularmente reservadas. Mesmo assim, nunca anteciparia aqueles que chegaram com eles. Davram Bashere com cem de seus cavalos leves saldaeanos, desmontando em uma chuva encharcada impelida pelo vento e resmungando sobre selas arruinadas. Mais de meia dúzia de Asha'man de casaco preto que, por algum motivo, não se protegiam da chuva. Eles cavalgaram com Bashere, mas foi como se dois grupos chegassem, sempre com uma pequena distância entre eles, um forte sopro de cautela vigilante. E um dos Asha'man era Logain Ablar. Logain! Um Asha'man, usando a Espada e o Dragão no colarinho! Bashere e Logain queriam falar com ele, mas não na frente de ninguém, especialmente um do outro, parecia. Inesperados ou não, porém, não eram os visitantes mais surpreendentes. Ele pensou que as oito Aes Sedai deviam ser mais amigas de Cadsuane, mas poderia jurar que ela ficou tão surpresa quanto ele ao ver a maioria delas. Mais estranho ainda, todas, menos uma, pareciam estar com os Asha'man! Não prisioneiras, e certamente não guardas, mas Logain estava relutante em explicar com Bashere presente, e Bashere relutante em dar a Logain a primeira chance de falar com Rand sozinho. Agora estavam todos se

secando e se acomodando em seus quartos, deixando que ele tentasse colocar seus pensamentos em ordem. Na medida do possível, com Min por perto. O que Cadsuane faria? Bem, ele tentou pedir seu conselho. Os eventos haviam superado os dois, no entanto. A decisão estava tomada, independentemente do que Cadsuane pensasse. Lighting brilhou novamente nas janelas. Lighting parecia combinar com Cadsuane. Você nunca poderia dizer onde ele iria atacar.

*Alivia acabaria com ela*, murmurou Lews Therin. *Ela vai nos ajudar a morrer; ela removeria Cadsuane para nós, se você mandar.*

*Não quero matá-la*, pensou Rand para o morto. *Não posso permitir que ela morra.* Lews Therin sabia disso tão bem quanto ele, mas mesmo assim o homem resmungou baixinho. Desde Shadar Logoth, ele parecia um pouco menos louco às vezes. Ou talvez Rand estivesse um pouco mais. Afinal, ele achava que falar com um morto na cabeça era algo do dia a dia, e isso não era nada sensato.

“Você tem que fazer *alguma coisa*,” Min murmurou, cruzando os braços sob os seios. “A aura de Logain ainda fala de glória, mais forte do que nunca. Talvez ainda pense que é o verdadeiro Dragão Renascido. E há algo... sombrio... nas imagens que vi ao redor de Lord Davram. Se ele se voltar contra você ou morrer... Ouvi um dos soldados dizer que Lorde Dobraine pode morrer. Perder até mesmo um deles seria um golpe. Se você perder os três, pode levar um ano para se recuperar.”

“Se você viu, então vai acontecer. Eu tenho que fazer o que posso, Min, não me preocupar com o que não posso.” Ela deu a ele um daqueles olhares que as mulheres têm em grande escala, como se ele estivesse tentando iniciar uma discussão.

Um arranhão na porta fez sua cabeça girar e fez Min mudar de posição. Ele suspeitava que ela tivesse tirado uma faca de arremesso da manga e a estivesse escondendo atrás do pulso. A mulher carregava mais facas do que Thom Merrilin. Ou Mat. Cores giravam em sua cabeça, quase se transformando em... o quê? Um homem em um assento de carroça? Não o rosto que às vezes aparecia em seus

pensamentos, pelo menos, e a cena se foi em um instante, sem nenhuma das tonturas que acompanhavam o rosto.

"Entra", ele falou, levantando-se.

Elza abriu as saias verde-escuras em uma elegante reverência ao entrar, os olhos brilhando para o rosto dele. Uma mulher de aparência agradável e friamente complacente como um gato, ela mal parecia ver Min. De todas as irmãs que se juraram a ele, Elza era a mais ansiosa. A única ansioso, na verdade. As outras tinham suas razões para se jurar, seus motivos, e é claro que Verin e as irmãs que vieram procurá-lo em Poços de Dumai não tiveram escolha real diante de um *ta'veren*, mas apesar de toda a frieza externa de Elza, ela parecia queimar por dentro com uma paixão para ver que ele alcançasse Tarmon Gai'don. "Você disse para avisar quando o Ogier chegasse", disse ela, sem tirar os olhos do rosto dele.

"Loial!" Min gritou alegremente, enfiando a faca de volta na manga enquanto passava correndo por Elza, que piscou ao ver a lâmina. "Eu poderia ter matado Rand por deixar você ir para o seu quarto antes de te ver!" O vínculo disse que ela não falava sério. Não exatamente.

"Obrigado", disse Rand a Elza, ouvindo os sons de alegria da sala de estar, a risada leve de Min e o tremor de Ogier de Loial, como a terra rindo. O trovão rolou pelo céu.

Talvez a paixão da Aes Sedai se estendesse a querer saber o que ele diria a Loial, porque seus lábios se estreitaram e ela hesitou antes de fazer outra reverência e sair do quarto. Uma breve pausa nos sons de prazer anunciou sua passagem pela sala de estar e a retomada de sua partida. Só então ele tomou o poder. Ele tentava nunca deixar ninguém o ver fazendo isso.

O fogo o inundou, mais quente que o sol, e frio para fazer a pior nevasca parecer primavera, toda uma fúria rodopiante que ofuscava a tempestade lá fora, ameaçando varrê-lo para longe por um momento de desatenção. Agarrar *saidin* era uma guerra pela sobrevivência. Mas o verde das cornijas de repente ficou mais verde, o preto do casaco mais preto, o dourado do bordado mais dourado. Ele podia ver o grão dos pilares da cama esculpidos em videiras, ver marcas fracas deixadas pelo lixamento do artesão todos aqueles anos atrás. *Saidin*

o fazia sentir como se estivesse meio cego e entorpecido sem ele. Isso era parte do que ele sentia.

*Limpo*, sussurrou Lews Therin. *Puro e limpo novamente.*

Estava. A sujeira que havia marcado a metade masculina do Poder desde a Ruptura havia desaparecido. No entanto, isso não impediu que a náusea aumentasse em Rand, o desejo violento de dobrar-se e esvaziar-se no chão. O quarto pareceu girar por um instante, e ele teve que colocar a mão na cabeceira da cama mais próxima para se equilibrar. Ele não sabia por que ainda deveria sentir essa náusea, sem a mácula. Lews Therin não sabia, ou não contaria. Mas o enjoo era a razão pela qual ele não podia deixar ninguém o ver segurar *saidin*, se pudesse evitar. Elza poderia queimar para vê-lo chegar à Última Batalha, mas muitos outros queriam vê-lo cair, e nem todos eram Amigos das Trevas.

Naquele momento de fraqueza, o morto estendeu a mão para *saidin*. Rand podia senti-lo agarrando-o avidamente. Era mais difícil do que antes afastá-lo? De certa forma, Lews Therin parecia mais solidamente parte dele desde Shadar Logoth. Isso não importava. Ele tinha apenas um limite de tempo para cumprir antes que pudesse morrer. Só tinha que durar esse tempo. Respirando fundo, ele ignorou os vestígios persistentes do enjoo em sua barriga e caminhou para a sala de estar com o estrondo do trovão.

Min estava no meio da sala segurando uma das mãos de Loial entre as suas e sorrindo para ele. Precisava de ambas as mãos para segurar uma das de Loial, e o par não chegava nem perto de cobri-la. O topo de sua cabeça errava o teto de gesso por pouco mais de trinta centímetros. Ele havia vestido um casaco novo de lã azul-escuro, a parte inferior larga sobre calças largas até o topo de suas botas de cano alto, mas pela primeira vez seus bolsos não estavam inchados com as formas angulares dos livros. Olhos do tamanho de xícaras de chá se iluminaram ao ver Rand, e o sorriso em sua boca larga realmente dividiu seu rosto em dois. As orelhas tufadas que se projetavam através de seu cabelo desgrenhado estremeceram de prazer.

“Lorde Algarin tem quartos de hóspedes Ogier, Rand,” ele trovejou em uma voz como um tambor profundo. “Você pode imaginar isso? Seis deles! Claro, eles não são usados há algum tempo, mas são arejados todas as semanas, então não há mofo, e os lençóis são de linho muito bom. Achei que voltaria a me dobrar em uma cama de tamanho humano. Umm. Não vamos ficar aqui por muito tempo, vamos?” Suas longas orelhas caíram um pouco, depois começaram a se contorcer desconfortavelmente. “Acho que não devemos. Quer dizer, eu posso me acostumar a ter uma cama de verdade, e isso não funcionaria se eu fosse ficar com você. Quero dizer... Bem, você sabe o que quero dizer.”

“Eu sei,” Rand disse suavemente. Ele poderia ter rido da consternação do Ogier. Ele deveria ter rido. O riso parecia ter fugido dele, ultimamente. Tecendo uma teia contra espionagem ao redor da sala, ele deu um nó para que pudesse liberar *saidin*. Os últimos vestígios de náusea começaram a desaparecer imediatamente. Ele podia controlar o enjoo, geralmente, com esforço, mas não havia sentido se não precisasse. “Algum dos seus livros ficou molhado?” A principal preocupação de Loial ao entrar fora verificar seus livros.

De repente, ocorreu-lhe que havia pensado no que tinha feito como se fosse tecer uma teia. Era isso que Lews Therin falava. Esse tipo de coisa acontecia com muita frequência, as frases do outro homem flutuando em sua cabeça, as memórias do outro homem se misturando com as dele. Ele era Rand al'Thor, não Lews Therin Telamon. Ele teceu uma barreira e amarrou a trama, não teceu uma teia e atou. Mas um pensamento veio até ele tão facilmente quanto o outro.

“Meu *Ensaio de Willim de Maneches* ficou úmido”, disse Loial com desgosto, esfregando o lábio superior com um dedo da espessura de uma salsicha. Ele estava se barbeando de forma descuidada ou aquilo era o começo de um bigode sob o nariz largo? “As páginas podem manchar. Eu não deveria ter sido tão descuidado, não com um livro. E meu caderno de anotações também ficou um pouco molhado. Mas a tinta não escorreu. Tudo ainda está legível, mas eu realmente preciso fazer um estojo para proteger...” Lentamente, uma carranca



rastejou em seu rosto, balançando as pontas longas de suas sobancelhas em suas bochechas. "Você parece cansado, Rand. Ele parece cansado, Min."

"Ele tem feito muito, mas está descansando agora", disse Min na defensiva, e Rand sorriu. Um pouco. Min sempre o defendia, mesmo de seus amigos. "Você está descansando, pastor de ovelhas", acrescentou ela, soltando a mão enorme de Loial e plantando os punhos nos quadris. "Sente-se e descanse. Ah, sente-se, Loial. Vou ter um torcicolo no pescoço se continuar olhando para você."

Loial deu uma risadinha, o berro de um touro abafado em sua garganta, enquanto examinava duvidosamente uma das cadeiras de espaldar reto. Comparada a ele, parecia uma cadeira feita para uma criança. "Pastor. Você não sabe como é bom ouvir você chamando ele de pastor de ovelhas, Min." Sentou-se cautelosamente. A cadeira esculpida simples rangeu sob seu peso, e seus joelhos se ergueram na frente dele. "Sinto muito, Rand, mas é engraçado, e não tive muito do que rir nos últimos meses." A cadeira estava aguentando. Com um rápido olhar para a porta do cômodo, ele acrescentou, um pouco alto demais: "Karlidin não tem muito senso de humor".

"Você pode falar livremente," Rand disse a ele. "Estamos seguros atrás de uma... uma barreira." Ele quase disse atrás de um escudo, o que não era a mesma coisa. Exceto que ele sabia que era.

Estava cansado demais para se sentar, assim como estava cansado demais para dormir facilmente na maioria das noites — seus ossos doíam com isso —, então ele foi ficar na frente da lareira. As rajadas de vento no topo da chaminé faziam as chamas dançarem nos troncos partidos e às vezes deixavam uma pequena nuvem de fumaça entrar na sala, e ele podia ouvir a chuva tamborilando nas janelas, mas o trovão parecia ter continuado. Talvez a tempestade estivesse acabando. Apertando as mãos atrás das costas, ele se afastou do fogo. "O que os Anciões disseram, Loial?"

Em vez de responder imediatamente, Loial olhou para Min como se procurasse encorajamento ou apoio. Empoleirada na beira de uma poltrona azul com os joelhos cruzados, ela sorriu para o Ogier e acenou com a cabeça, e ele suspirou pesadamente, um vento

soprando através de cavernas profundas. “Karldin e eu visitamos todos os *pousos*, Rand. Todos menos o *Pouso Shangtai*, é claro. Eu não pude ir lá, mas deixei uma mensagem em todos os lugares que fomos, e Daiting não fica longe de Shangtai. Alguém vai levar a mensagem para lá. O Grande Cepo está se reunindo em Shangtai, e isso atrairá multidões. Esta é a primeira vez que um Grande Cepo é convocado em mil anos, não desde que vocês humanos lutaram na Guerra dos Cem Anos, e era a vez de Shangtai. Eles devem estar pensando em algo muito importante, mas ninguém me disse por que foi convocado. Eles não vão falar sobre qualquer Cepo até que você tenha uma barba,” ele murmurou, tocando um pedaço estreito de barba por fazer em seu queixo largo. Aparentemente, ele pretendia remediar sua falta, embora não fosse certo que pudesse. Loial tinha mais de noventa anos agora, mas para um Ogier, ainda era um menino.

“Os anciões?” Rand perguntou pacientemente. Era preciso ter paciência com Loial, com qualquer Ogier. Eles não viam o tempo da mesma forma que os humanos — quem entre os humanos pensaria de quem seria a vez depois de mil anos? — e Loial tendia a continuar, com meia chance. Com grande duração.

As orelhas de Loial se contraíram e ele deu outro olhar a Min, recebendo outro sorriso encorajador em troca. “Bem, como eu disse, visitei todos os pousos, menos Shangtai. Karldin não quis entrar. Ele prefere dormir todas as noites debaixo de um arbusto do que ficar isolado da Fonte por um minuto.” Rand não disse uma palavra, mas Loial ergueu as mãos dos joelhos, com as palmas para fora. “Estou chegando ao ponto, Rand. Eu estou. Fiz o que pude, mas não sei se foi suficiente. O pouso nas Fronteiras me disse para ir para casa e deixar o assunto para cabeças mais velhas e mais sábias. Assim como Shadoon e Mardoon, nas montanhas da Costa das Sombras. O outro pouso concordou em guardar os Portões dos Caminhos. Eu não acho que eles realmente acreditem que haja algum perigo, mas concordaram, então você sabe que eles manterão a guarda acirrada. E tenho certeza de que alguém avisará Shangtai. Os Anciões de Shangtai nunca gostaram de ter um Portão dos Caminhos bem do

lado de fora do pouso. Devo ter ouvido o Ancião Haman dizer uma centena de vezes que era perigoso. Sei que eles vão concordar em vigiar.”

Rand assentiu lentamente. Ogier nunca mentiam, ou pelo menos os poucos que tentavam eram tão ruins que raramente tentavam uma segunda vez. A palavra de um Ogier era levada tão a sério quanto o juramento de qualquer outra pessoa. Os Portões dos Caminhos seriam guardados de perto. Exceto aqueles nas Fronteiras e nas montanhas ao sul de Amadicia e Tarabon. De portão em portão, um homem poderia viajar da Espinha do Mundo ao Oceano Aryth, das Fronteiras ao Mar das Tempestades, tudo em um mundo estranho de alguma forma fora do tempo, ou talvez ao lado dele. Dois dias caminhando pelos Caminhos podiam levar você a cem milhas, ou quinhentas, dependendo dos caminhos que você escolhesse. E se você estivesse disposto a arriscar os perigos. Você poderia morrer muito facilmente nos Caminhos, ou pior. Os Caminhos se tornaram escuros e corrompidos há muito tempo. Os trollocs não se importavam com isso, pelo menos não quando Myrddraal os conduziam. Trollocs só se importavam em matar, especialmente quando Myrddraal os conduziam. E nove Portões dos Caminhos permaneceriam desprotegidos, com o perigo de que qualquer um deles pudesse se abrir para liberar Trollocs às dezenas de milhares. Colocar qualquer tipo de guarda sem a cooperação do *pouso* podia ser impossível. Muitas pessoas não acreditavam que Ogier existissem, e poucos dos que acreditavam queriam se intrometer sem permissão. Talvez os Asha'man, se ele tivesse o suficiente em que poderia confiar.

De repente, percebeu que não era o único que estava cansado. Loial parecia desgastado e esquelético. Seu casaco estava amarrotado e pendurado frouxamente nele. Era perigoso para um Ogier ficar muito tempo fora do *pouso*, e Loial havia saído de casa há uns bons cinco anos. Talvez aquelas breves visitas nos últimos meses não tenham sido suficientes para ele. “Talvez você devesse ir para casa agora, Loial. *Pouso* Shangtai fica a apenas alguns dias daqui.”

A cadeira de Loial rangeu de forma alarmante quando ele se sentou ereto. Suas orelhas também se ergueram, alarmadas. “Minha mãe estará lá, Rand. Ela é uma oradora famosa. Ela nunca perderia um Grande Cepo.”

“Ela ainda não pode ter voltado de Dois Rios”, Rand disse a ele. A mãe de Loial também era supostamente uma caminhante famosa, mas havia limites, mesmo para Ogier.

“Você não conhece minha mãe”, Loial murmurou, um tambor ressoando sombriamente. “Ela ainda terá Erith a reboque também. Ela terá.”

Min se inclinou para o Ogier, uma luz perigosa em seus olhos. “Do jeito que você fala sobre Erith, eu sei que você quer se casar com ela, então por que continua fugindo dela?”

Rand a estudou da lareira. Casar. Aviendha supunha que ele se casaria com ela, e Elayne e Min também, à maneira dos Aiel. Elayne parecia pensar assim também, por mais estranho que isso parecesse. Ele achava que ela pensava. O que Min achava? Ela nunca havia dito. Ele nunca deveria ter deixado que elas o vinculassem. O vínculo as sufocaria de dor quando ele morresse.

As orelhas de Loial tremeram com cautela agora. Aquelas orelhas eram uma das razões pelas quais Ogier era mentirosos ruins. Ele fez gestos apaziguadores como se Min fosse a maior entre eles. “Bem, eu quero, Min. Claro que quero. Erith é linda e muito perspicaz. Eu já te disse com que cuidado ela me ouviu explicar sobre...? Claro, eu disse. Digo a todos que encontro. Eu quero casar com ela. Mas ainda não. Não é como com vocês humanos, Min. Você faz tudo o que Rand pede. Erith vai esperar que eu me acomode e fique em casa. As esposas nunca deixam o marido ir a qualquer lugar ou fazer qualquer coisa, se isso significar deixar o *pouso* por mais de alguns dias. Tenho meu livro para terminar, e como posso fazer isso se não ver tudo o que Rand faz? Tenho certeza de que ele fez todo tipo de coisa desde que deixei Cairhien, e sei que nunca vou acertar tudo. Erith simplesmente não entenderia. Min? Min, você está com raiva de mim?”

“O que faz você pensar que estou com raiva?” ela disse friamente.

Loial suspirou pesadamente, e tão claramente aliviado que Rand quase o encarou. Luz, o Ogier realmente pensava que ela falou sério ao dizer que não estava com raiva! Rand sabia que estava tateando no escuro quando se tratava de mulheres, mesmo Min — talvez especialmente Min —, mas Loial deveria aprender muito mais do que já sabia antes de se casar com sua Erith. Caso contrário, ela o esfolaria como uma cabra doente. Melhor tirá-lo da sala antes que Min fizesse o trabalho de Erith por ela. Rand limpou a garganta.

"Pense nisso durante a noite, Loial", disse ele. "Talvez você mude de ideia pela manhã." Parte dele esperava que Loial mudasse. O Ogier estava há muito tempo longe de casa. Outra parte dele, porém... Ele poderia usar Loial, se o que Alivia lhe dissera sobre os Seanchan fosse verdade. Às vezes, ele se enojava. "De qualquer forma, preciso falar com Bashere agora. E Logain." Sua boca se apertou ao redor do nome. O que Logain estava fazendo no preto de Asha'man?

Loial não resistiu. Na verdade, sua expressão ficou mais perturbada, orelhas inclinadas para trás e sobrancelhas caídas. "Rand, há algo que eu preciso te dizer. Sobre as Aes Sedai que vieram conosco."

Relâmpagos brilharam novamente do lado de fora das janelas enquanto ele prosseguia, e o trovão caiu mais forte do que nunca. Com algumas tempestades, uma calmaria significava apenas que o pior estava por vir.

*Eu disse para você matar todos eles quando tivesse a chance,* Lews Therin riu. *Eu te disse.*

"Você tem certeza de que elas estão vinculadas, Samitsu?" Cadsuane perguntou com firmeza. E alto o suficiente para ser ouvida acima do trovão que ressoava no telhado da mansão. Trovão e relâmpago combinavam com seu humor. Ela teria gostado de rosnar. Era preciso uma boa dose de seu treinamento e experiência para sentar-se calmamente e beber chá de gengibre quente. Fazia muito tempo que

não deixava a emoção tomar conta, mas queria morder alguma coisa. Ou alguém.

Samitsu também segurava uma xícara de chá de porcelana, mas ainda não tinha engolido uma gota e ignorou a oferta de Cadsuane de uma cadeira. A esbelta irmã deixou de olhar para as chamas da lareira à esquerda, os sinos em seu cabelo escuro tilintando enquanto ela balançava a cabeça. Ela não se preocupou em secar o cabelo direito, e ele pendia úmido e pesado pelas costas. Seus olhos castanhos estavam inquietos. “Difícilmente é o tipo de pergunta que eu poderia fazer a uma irmã, não é, Cadsuane, e elas certamente não me disseram. Quem diria? A princípio, pensei que talvez tivessem feito como Merise e Corele. E a pobre Daigian.” Um breve estremecimento de simpatia cruzou seu rosto. Ela conhecia completamente a dor que estava atormentando Daigian por sua perda. Qualquer irmã além de seu primeiro Guardião sabia disso muito bem. “Mas é claro que Toveine e Gabrelle estão ambas com Logain. Acho que Gabrelle está dormindo com ele. Se houve vínculo, foram os homens que a fizeram.”

“Uma reviravolta”, Cadsuane murmurou em seu chá. Alguns diziam que a reviravolta era um jogo limpo, mas ela nunca acreditou em uma luta justa. Ou você lutava, ou não lutava, e nunca era um jogo. A justiça era para pessoas em pé em segurança de um lado, conversando enquanto outras sangravam. Infelizmente, havia pouco que ela pudesse fazer além de tentar encontrar uma maneira de equilibrar os eventos. Equilíbrio não era o mesmo que justiça. Que bagunça isso estava se tornando. “Estou feliz que você tenha me dado pelo menos um pequeno aviso antes que eu tenha que enfrentar Toveine e as outras, mas eu quero que você volte para Cairhien logo amanhã.”

“Não havia nada que eu pudesse fazer, Cadsuane,” Samitsu disse amargamente. “Metade das pessoas a quem dei uma ordem começaram a verificar com Sashalle para ver se estava certo, e a outra metade me disse na minha cara que ela já havia dito diferente. Lorde Bashere a convenceu a soltar os Guardiões — não tenho ideia de como ele descobriu sobre eles em primeiro lugar — e ela

convenceu Sorilea a fazer isso, e não havia a menor coisa que eu pudesse fazer para impedir. Sorilea estava se comportando como se eu tivesse acabado de abdicar! Ela não entende, e deixou claro que pensa que sou uma tola. Não faz sentido eu voltar, a menos que você espere que eu carregue as luvas de Sashalle para ela.”

“Eu espero que você a observe, Samitsu. Não mais do que isso. Quero saber o que faz uma dessas irmãs Devotas do Dragão quando nem eu nem a Sábias estamos olhando por cima dos ombros e segurando um chicote. Você sempre foi muito observadora.” Paciência nem sempre era seu traço mais forte, mas às vezes era necessário com Samitsu. A Amarela era observadora, inteligente e obstinada a maior parte do tempo, para não mencionar a melhor pessoa viva com a Cura — pelo menos até o aparecimento de Damer Flinn —, mas podia sofrer os colapsos mais surpreendentes em sua confiança. O bastão nunca funcionou com Samitsu, mas tapinhas nas costas sim, e era ridículo não usar o que funcionava. Enquanto Cadsuane a lembrava de quão inteligente ela era, quão habilidosa em Curar — isso sempre era necessário com Samitsu; ela poderia entrar em depressão por não ter curado um homem morto — quão esperta, a irmã arafellina começou a se recompor. E sua autoconfiança também.

"Você pode ter certeza de que Sashalle não vai trocar suas meias sem eu saber", disse ela secamente. Na verdade, Cadsuane não esperava menos. “Mas se você não se importa que eu pergunte,” com sua confiança restaurada, o tom de Samitsu fez disso uma mera cortesia; ela não era uma flor encolhida, exceto quando sua autoconfiança enfraquecia, “por que você está aqui, no final de Tear? O que o jovem al'Thor vai fazer? Ou devo dizer, o que você vai fazer com que ele faça?”

"Ele pretende algo muito perigoso", respondeu Cadsuane. Um relâmpago brilhou do lado de fora das janelas, garfos prateados afiados em um céu quase tão escuro quanto a noite. Ela sabia exatamente o que ele pretendia. Só não sabia se deveria parar com isso.

“Isso tem que acabar!” Rand trovejou, ecoado pelos estrondos no céu. Ele havia tirado o casaco antes desta entrevista e arregaçado as mangas da camisa para descobrir os dragões enroscados em seus antebraços em escarlate e dourado, as cabeças de crina dourada descansando nas costas de suas mãos. Ele queria que o homem à sua frente lembrasse a cada olhar que estava enfrentando o Dragão Renascido. Mas suas mãos eram punhos, para impedi-lo de ceder às insistências de Lews Therin e estrangular o sangrento Logain Ablar. “Eu não preciso de uma guerra com a Torre Branca, e vocês malditos Asha'man não vão me dar uma guerra com a Torre Branca! Eu estou sendo claro?”

Logain, as mãos descansando facilmente em cima do longo punho de sua espada, não vacilou. Ele era um homem grande, embora menor que Rand, com um olhar firme que não dava nenhum sinal de que havia sido repreendido ou chamado a prestar contas. A espada de prata e o dragão vermelho e dourado brilhavam à luz da lâmpada na gola alta de seu casaco preto, que parecia recém passado. “Você está dizendo libertá-las?” ele perguntou calmamente. “As Aes Sedai vão libertar os nossos que tomaram?”

“Não!” Rand disse secamente. E amargamente. “O que está feito não pode ser desfeito.” Merise ficou tão chocada quando ele sugeriu que ela soltasse Narishma, que se poderia pensar que ele estava pedindo para ela abandonar um cachorrinho na beira da estrada. E ele suspeitava que Flinn lutaria tanto para se agarrar a Corele quanto ela a ele; ele estava bastante certo de que havia mais entre aqueles dois do que o vínculo, agora. Bem, se uma Aes Sedai podia unir um homem que canalizava, o que se poderia dizer que uma mulher bonita não poderia arrumar em um velho manco? “Você percebe a bagunça que criou, não é? Do jeito que está, o único homem que pode canalizar o que Elaida quer vivo sou eu, e isso só até a Última Batalha terminar. Uma vez que ela saiba disso, ficará duas vezes mais ansiosa para ver todos vocês mortos de qualquer maneira que ela puder. Não sei como o outro grupo reagirá, mas Egwene sempre foi uma boa negociadora. Talvez eu tenha que falar com os Asha'man para que as Aes Sedai se unam até que elas tenham tantos de vocês



quanto vocês têm delas. Isso se elas não decidirem que todos vocês têm que morrer assim que puderem arranjar isso também. O que está feito está feito, mas não pode haver mais!”

Logain enrijeceu um pouco mais a cada palavra, mas seu olhar se fixou no de Rand. Era claro como chifres de carneiro que ele estava ignorando os outros na sala de estar. Min não queria participar dessa reunião e saiu para ler; Rand não conseguia se concentrar nos livros de Herid Fel, mas ela os achava fascinantes. Ele havia insistido que Loial ficasse, porém, e o Ogier fingia estudar as chamas da lareira. Exceto quando ele olhava para a porta, orelhas em tufos se contorcendo, como se estivesse se perguntando se ele poderia escapar despercebido sob o manto da tempestade. Davram Bashere parecia ainda mais baixo do que realmente era ao lado do Ogier, um homem grisalho com olhos escuros e inclinados, nariz adunco e bigodes grossos curvados em volta da boca. Ele também usava sua espada, uma lâmina mais curta que a de Logain, e serpentina. Bashere passou mais tempo espiando sua taça de vinho do que olhando para qualquer outra coisa, mas sempre que seus olhos tocavam Logain, ele inconscientemente passava o polegar pelo punho da espada. Rand pensava que era inconscientemente.

"Taim deu a ordem", disse Logain, friamente desconfortável se explicando na frente de uma plateia. O repentino relâmpago perto da casa lançou seu rosto em sombras lúgubres por um instante, uma máscara sombria de escuridão. "Eu presumi que viesse de você." Seus olhos se moveram levemente na direção de Bashere e sua boca se apertou. "Taim faz muitas coisas que as pessoas pensam que estão vindo de você," ele continuou relutantemente, "mas ele tem seus próprios planos. Flinn e Narishma e Manfor estão na lista dos desertores, como todos os Asha'man que você manteve com você. E ele tem um círculo de vinte ou trinta que ele mantém por perto e treina em particular. Todo homem que usa o dragão é alguém desse grupo, exceto eu, e ele teria tirado o dragão de mim, se ousasse. Não importa o que você tenha feito, é hora de voltar os olhos para a Torre Negra antes que o Taim a divida pior do que a Torre Branca. Se ele

fizer isso, você descobrirá que a maior parte é leal a ele, não a você. Eles o conhecem. A maioria nunca viu você.”

Irritado, Rand empurrou as mangas para baixo e caiu em uma cadeira. O que ele havia feito não importava para Logain. O homem sabia que *saidin* estava limpo, mas não podia acreditar que Rand ou qualquer outro homem tivesse realmente feito a limpeza. Ele achava que o Criador havia decidido estender a mão misericordiosa depois de três mil anos de sofrimento? O Criador fez o mundo e depois deixou a humanidade fazer dele o que quisesse, um céu ou o Poço da Perdição por sua escolha. O Criador fez muitos mundos, observou cada flor ou morte, e passou a fazer infinitos mundos além deles. Um jardineiro não chorava por cada flor que caía.

Por um instante, ele pensou que aqueles deviam ser reflexos de Lews Therin. Ele nunca tinha falado sobre o Criador ou qualquer outra coisa de que se lembrasse. Mas podia sentir Lews Therin balançando a cabeça em aprovação, um homem ouvindo outra pessoa. Ainda assim, não era o tipo de coisa que ele teria considerado antes de Lews Therin. Quanto espaço restava entre eles?

“Taim terá que esperar,” ele disse cansado. Quanto tempo Taim poderia esperar? Ele ficou surpreso ao não ouvir Lews Therin gritando para que ele matasse o homem. Desejou que isso o fizesse parecer mais fácil. “Você veio apenas para ver se Logain me alcançou em segurança, Bashere, ou para me dizer que alguém esfaqueou Dobraine? Ou você tem uma tarefa urgente para mim também?” Bashere ergueu uma sobrelanceira ao ouvir o tom de Rand, e sua mandíbula apertou quando ele olhou para Logain, mas depois de um momento, ele bufou com tanta força que seus bigodes grossos deveriam ter balançado. “Dois homens saquearam minha tenda”, disse ele, colocando sua taça de vinho em uma mesa azul esculpida contra a parede, “um deles carregando um bilhete que eu poderia jurar que eu mesmo escrevi, se não tivesse juízo. Uma ordem para levar *certos itens*. Loial me disse que os caras que esfaquearam Dobraine tinham o mesmo tipo de bilhete, aparentemente na mão de Dobraine. Um cego podia ver o que eles estavam procurando, com um pouco de pensamento. Dobraine e eu somos os candidatos mais

prováveis para guardar os selos para você. Você tem três e diz que três estão quebrados. Talvez a Sombra saiba onde está o último.

Loial havia se afastado da lareira enquanto o saldaeano falava, seus ouvidos rígidos, e agora explodiu: “Isso é sério, Rand. Se alguém quebrar todos os selos da prisão do Tenebroso, ou talvez apenas mais um ou dois, o Tenebroso pode se libertar. Nem você pode enfrentar o Tenebroso! Quero dizer, eu sei que as Profecias dizem que você vai, mas isso tem que ser apenas uma maneira de falar.” Até mesmo Logain parecia preocupado, seus olhos estudando Rand como se o medissem contra o Tenebroso.

Rand recostou-se na cadeira, tomando cuidado para não deixar transparecer seu cansaço. Os selos da prisão do Tenebroso de um lado, Taim dividindo os Asha'man do outro. O sétimo selo já foi quebrado? A Sombra estava começando os movimentos de abertura da Última Batalha? “Você me disse algo uma vez, Bashere. Se o seu inimigo lhe oferecer dois alvos...”

“Ataque em um terceiro,” Bashere terminou prontamente, e Rand assentiu. Ele já tinha decidido, de qualquer maneira. O trovão sacudiu as janelas até que os caixilhos tremeram. A tempestade estava se fortalecendo.

“Eu não posso lutar contra a Sombra e os Seanchan ao mesmo tempo. Estou enviando vocês três para conseguir uma trégua com os Seanchan.”

Bashere e Logain pareciam atordoados em silêncio. Até que começaram a discutir, um por cima do outro. Loial parecia prestes a desmaiar.

Elza se mexeu, ouvindo Fearil relatar o que havia acontecido desde que ela o deixou em Cairhien. Não era a voz áspera do homem que a irritava. Ela odiava relâmpagos e desejava poder afastar as violentas luzes piscando nas janelas enquanto ela protegia seu quarto contra espionagem. Ninguém acharia estranho seu desejo de privacidade, já que ela passara vinte anos convencendo a todos de que era casada com o homem de cabelos claros. Apesar de sua voz, Fearil parecia do

tipo com quem uma mulher se casaria, alto, magro e bastante bonito. A borda dura de sua boca só fazia seu rosto ficar ainda mais bonito, na verdade. Claro, alguns podem achar estranho que ela nunca tenha tido mais de um Guardião ao mesmo tempo, se parassem para pensar nisso. Era difícil encontrar um homem com as qualificações certas, mas talvez ela devesse começar a procurar. Um relâmpago iluminou as janelas novamente.

"Sim, sim, o suficiente", ela interrompeu finalmente. "Você fez a coisa certa, Fearil. Seria estranho se você fosse o único a se recusar a encontrar sua Aes Sedai." Uma sensação de alívio brilhou através do vínculo. Ela era rigorosa quanto à obediência às suas ordens, e embora ele soubesse que ela não poderia matá-lo — não mataria, pelo menos — a punição apenas exigia que ela mascarasse o vínculo para que não compartilhasse sua dor. Isso, e uma proteção para abafar seus gritos. Ela não gostava de gritar quase tanto quanto detestava relâmpagos.

"Ainda bem que você está comigo", ela continuou. Uma pena que os selvagens Aiel ainda estivessem prendendo Fera, embora ela tivesse que interrogar a Branca sobre exatamente por que ela havia se jurado antes que ela pudesse ser confiável. Até a jornada para Cairhien, ela não sabia que compartilhava algo com Fera. Uma pena muito grande que nenhum de seu coração estivesse com ela, mas apenas ela havia sido enviada a Cairhien, e não questionava as ordens que recebia mais do que Fearil questionava as que ela dava. "Acho que algumas pessoas vão ter que morrer em breve." Assim que ela decidisse quais. Fearil inclinou a cabeça e uma onda de prazer atravessou o laço. Ele gostava de matar. "Enquanto isso, você vai matar quem ameaçar o Dragão Renascido. Qualquer um." Afinal, ficou perfeitamente claro para ela, enquanto ela mesma era prisioneira das selvagens. O Dragão Renascido tinha que chegar a Tarmon Gai'don, ou como o Grande Senhor poderia derrotá-lo lá?



## CAPÍTULO

### 25

---



### Quando Usar Joias

Perrin caminhava impacientemente para cima e para baixo nos tapetes floridos que cobriam a tenda, encolhendo os ombros com desconforto no casaco de seda verde-escuro que ele raramente usava desde que Faile o mandara fazer. Ela disse que o bordado prateado elaborado combinava com seus ombros, mas o cinto largo de couro que sustentava seu machado ao lado, um tão simples quanto o outro, apenas apontava que ele era um tolo fingindo ser mais do que era. Às vezes ele apertava mais as manoplas, ou olhava para sua capa forrada de peles, deitada nas costas de uma cadeira, pronta para ser vestida. Duas vezes, puxou uma folha de papel da manga e desdobrou-a para estudar o mapa esboçado de Malden enquanto andava. Essa era a cidade onde Faile estava detida.

Jondyn, Get e Hu alcançaram os habitantes fugitivos de Malden, mas a única coisa útil que conseguiram foi este mapa, e fazer qualquer um parar o tempo suficiente para fornecer isso tinha sido uma tarefa árdua. Aqueles fortes o suficiente para lutar estavam mortos ou usando o branco de *gai'shain* para os Shaido; os que ficaram para fugir foram os velhos e os muito jovens, os doentes e os coxos. De acordo com Jondyn, o pensamento de que alguém poderia forçá-los a retornar e lutar contra os Shaido acelerou seus passos para o norte em direção a Andor e à segurança. O mapa era um quebra-cabeça, com seu labirinto de ruas e a fortaleza da

senhora e a grande cisterna no canto nordeste. Isso o atormentava com possibilidades. Mas eram possibilidades apenas se ele encontrasse uma solução para o enigma maior que não era mostrado no mapa, a enorme massa de Shaído que cercava a cidade murada, para não falar de quatrocentas ou quinhentas Sábias Shaído que podiam canalizar. Então o mapa voltou para sua manga e ele continuou a andar de um lado para o outro.

A própria tenda listrada de vermelho o irritava tanto quanto o mapa, assim como os móveis, as cadeiras com bordas douradas que se dobravam para armazenamento e a mesa com tampo de mosaico que não dobrava, o espelho e o lavatório espelhado e até os baús encadernados em latão enfileirados ao longo de uma parede externa. Estava pouco claro lá fora, e todas as doze lâmpadas estavam acesas, os espelhos brilhando. Os braseiros que haviam segurado o frio congelante da noite ainda continham algumas brasas. Ele até mandara trazer as duas cortinas de seda de Faile, trabalhadas com fileiras de pássaros e flores, e penduradas nos postes do telhado. Ele deixara Lamgwin aparar a barba e barbear as bochechas e o pescoço; tinha lavado e vestido roupas limpas. Tinha montado a barraca como se Faile fosse voltar a qualquer momento de um passeio. Tudo para que todos olhassem para ele e vissem um maldito lorde, olhassem para ele e se sentissem confiantes. E cada pedacinho disso o lembrava de que Faile não estava cavalgando. Tirando uma de suas manoplas, ele apalpou o bolso do casaco e passou os dedos ao longo do cordão de couro cru enfiado ali. Trinta e dois nós, agora. Ele não precisava se lembrar disso, mas às vezes ficava acordado a noite inteira na cama que não tinha Faile, contando aqueles nós. De alguma forma, eles se tornaram uma conexão com ela. De qualquer forma, a vigília era melhor do que os pesadelos.

“Se você não se sentar, vai ficar cansado demais para cavalgar até So Habor, mesmo com a ajuda de Neald”, disse Berelain, parecendo levemente divertida. “Só de te ver está me deixando exausta.”

Ele conseguiu não a encarar. Em um vestido de montaria de seda azul escuro, um grande colar dourado cravejado de gotas de fogo apertadas em volta do pescoço e a coroa estreita de Mayene segurando um falcão dourado em voo acima de suas sobancelhas, a Primeira de Mayene estava sentada em cima de seu manto carmesim em uma das cadeiras dobráveis com as mãos cruzadas em torno de luvas vermelhas no colo. Ela parecia tão composta quanto uma Aes Sedai, e cheirava... paciente. Ele não entendia por que ela havia parado de cheirar como se ele fosse um cordeiro gordo pescado em espinheiros para sua refeição, mas quase se sentiu grato a ela. Era bom ter alguém com quem conversar sobre a falta de Faile. Ela ouvia, e cheirava a simpatia.

"Eu quero estar aqui se... quando a Gaul e as Donzelas trouxerem alguns prisioneiros." O deslize o fez fazer uma careta tanto quanto o atraso. Era como se ele duvidasse. Mais cedo ou mais tarde, eles capturariam alguns dos Shaido, mas aparentemente isso não era uma tarefa fácil. Fazer prisioneiros não adiantava a menos que pudessem ser levados, e os Shaido eram apenas descuidados em comparação com outros Aiel. Sulin também fora paciente, explicando-lhe. Estava ficando tão difícil para ele ser paciente, no entanto. "O que está mantendo Arganda?" ele rosnou.

Como se o nome do ghealdano finalmente o tivesse convocado, Arganda empurrou as abas de entrada, seu rosto como pedra e seus olhos fundos. Parecia que dormia tão pouco quanto Perrin. O homem baixo usava seu peitoral prateado, mas sem capacete. Ele ainda não tinha se barbeado esta manhã, e uma barba grisalha salpicava seu queixo. Pendurada em uma das mãos enluvadas, uma gorda bolsa de couro tilintou quando ele a colocou na mesa ao lado de duas que já estavam lá. "Do cofre da Rainha," ele disse amargamente. Ele disse pouco nos últimos dez dias que não fosse amargo. "O suficiente para cobrir nossa parte e muito mais. Tive que arrombar a fechadura e colocar três homens para guardar o baú. É uma tentação para o melhor deles, com a fechadura quebrada."

"Bom, bom", disse Perrin, tentando não soar muito impaciente. Ele não se importava se Arganda tivesse que colocar cem homens



guardando o cofre de sua rainha. Sua própria bolsa era a menor das três, e ele havia coletado cada pedaço de ouro ou prata que conseguiu encontrar para comprá-la. Colocando a capa nos ombros, pegou as bolsas e passou pelo homem na manhã cinzenta.

Para seu desgosto, o acampamento havia assumido um ar mais permanente, embora não fosse de propósito, e não havia nada que pudesse fazer a respeito disso. Muitos dos homens de Dois Rios dormiam sob tendas agora, lonas marrom-claras remendadas em vez de listradas de vermelho como a dele, mas grandes o suficiente para oito ou dez homens cada, com suas armas de haste empilhadas na frente, e os outros tornaram seus abrigos temporários em arbustos em pequenas cabanas resistentes de ramos de sempre-verdes entrelaçados. As tendas e cabanas formavam, na melhor das hipóteses, fileiras sinuosas, nada parecidas com as linhas rígidas vistas entre os ghealdanos e mayenos, mas ainda parecia um pouco com uma aldeia, com caminhos e trilhas pela neve pisoteadas até a terra nua e congelada. Um belo anel de fogo e pedra cercava cada uma das fogueiras, onde grupos de homens estavam com mantos e encapuzados contra o frio, esperando pelo café da manhã.

Era o que havia naquelas panelas de ferro preto que fizeram Perrin se mexer esta manhã. Com tantos homens caçando, a caça estava ficando escassa na terra, e todo o resto estava se esgotando. Eles estavam procurando por bolotas de esquilos para moer e esticar a aveia, e no final do inverno, as que eles encontravam estavam velhas e secas na melhor das hipóteses. A mistura azeda enchia a barriga de certa forma, mas você tinha que estar com fome para descer. A maioria dos rostos que Perrin podia ver observava ansiosamente as panelas. A última das carroças chacoalhava através de uma abertura feita no anel de estacas afiadas ao redor do acampamento, os condutores cairhienos enrolados em seus ouvidos e curvados em seus assentos como sacos de lã escuros. Tudo o que as carroças continham estava empilhado no centro do acampamento. Vazias, elas cambaleavam nos sulcos deixados

pelas carroças à frente, uma única fila desaparecendo na floresta ao redor.

A aparição de Perrin com Berelain e Arganda em seus calcanhares causou um rebuliço, embora não entre os homens famintos de Dois Rios. Ah, alguns acenaram cautelosamente em sua direção — um ou dois tolos fizeram reverências rudes! —, mas a maioria ainda tentava não olhar para ele quando Berelain estava por perto. Idiotas. Idiotas de cérebro de pedra! Havia muitas outras pessoas, porém, reunidas um pouco longe da tenda listrada de vermelho, amontoando-se nas pistas entre as outras tendas. Um soldado mayeno sem armadura com um casaco cinza veio correndo com a égua branca de Berelain, fazendo uma mesura e se curvando para segurar seu estribo. Annoura já estava montada em uma égua lustrosa quase tão escura quanto a montaria de Berelain era pálida. Finas tranças de contas penduradas no peito do capuz de sua capa, a Aes Sedai mal parecia notar a mulher que deveria aconselhar. Com as costas rígidas, ela olhava fixamente para as tendas baixas dos Aiel, onde nada se movia além das finas linhas ondulantes de fumaça subindo dos buracos de fumaça. Gallenne caolho, com seu capacete vermelho, peitoral e tapa-olho, compensava a desatenção da irmã taraboneana. Assim que Berelain apareceu, ele latiu uma ordem que transformou cinquenta Guardas Alados em estátuas, longas lanças com pontas de aço com flâmulas vermelhas erguidas em seus lados, e quando ela montou, Gallenne estalou outra ordem que os colocou em seus cavalos tão suavemente que eles pareciam se mover como um.

Arganda dirigiu uma carranca para as tendas Aiel, franziu a testa para os mayenos, então caminhou até onde tantos lanceiros ghealdanos esperavam, em armaduras brilhantes e elmos verdes cônicos, e falou suavemente com o sujeito que os comandaria, um homem magro chamado Kireyin, que Perrin suspeitava ter nascido nobremente, por causa do olhar altivo visível por trás das barras de seu elmo prateado. Arganda era baixo o suficiente para que Kireyin tivesse que se curvar para ouvir o que ele tinha a dizer, e a necessidade congelou ainda mais o rosto do homem mais alto. Um

dos homens atrás de Kireyin estava carregando um bastão com uma bandeira vermelha com as três estrelas de prata de seis pontas de Ghealdan em vez de uma lança com fita verde, e um dos guardas alados carregava o Falcão Dourado de Mayene em azul.

Aram também estava lá, embora de um lado e não pronto para cavalgar. Envolto em seu manto verde pútrido, o punho da espada subindo atrás do ombro, ele compartilhou suas carrancas ciumentas entre os mayenos e os ghealdanos. Quando viu Perrin, a carranca do homem ficou carrancuda e ele saiu correndo, tropeçando entre os homens de Dois Rios que esperavam pelo café da manhã. Ele não parou para pedir desculpas quando esbarrou em alguém. Aram tinha ficado cada vez mais sensível, rosnando e zombando de todos, exceto Perrin, à medida que os dias passavam e eles se sentavam e esperavam. Ontem, ele quase brigou com um par de ghealdanos por algo que nenhum deles conseguia se lembrar quando se separaram, exceto que Aram disse que o ghealdano não tinha respeito e eles disseram que ele tinha uma boca suja. Por isso o ex-Latoeiro ficou para trás esta manhã. As coisas provavelmente seriam delicadas o suficiente em So Habor sem que Aram começasse uma briga quando Perrin não estivesse olhando.

“Fique de olho em Aram,” ele disse baixinho quando Dannil trouxe seu baio. “E fique de olho em Arganda,” ele acrescentou, enfiando as bolsas em seus alforjes e afivelando as abas bem apertadas. O peso da contribuição de Berelain equilibrou muito bem a sua e a de Arganda. Bem, ela tinha motivos para ser generosa. Seus homens estavam tão famintos quanto qualquer outra pessoa. “Arganda parece um homem pronto para fazer algo estúpido, na minha opinião.” Stayer revirou um pouco e balançou a cabeça quando Perrin pegou as rédeas, mas o garanhão se acomodou rapidamente sob uma mão firme e gentil.

Dannil esfregou os bigodes que pareciam presas com os nós dos dedos avermelhados pelo frio e olhou Arganda de lado, depois exalou pesadamente em uma névoa. “Vou observá-lo, Lorde Perrin,” ele murmurou, dando um puxão em sua capa, “mas não importa o

que você disse sobre eu estar no comando, assim que você estiver fora de vista, ele não vai ouvir uma coisa que eu digo.”

Infelizmente, isso era verdade. Perrin preferia levar Arganda com ele e deixar Gallenne aqui, mas nenhum dos dois estava disposto a aceitar isso. O ghealdano aceitava que homens e cavalos começariam a morrer de fome em breve, a menos que comida e forragem fossem encontrados em algum lugar, mas ele não conseguia passar um dia mais longe de sua rainha do que já estava. De certa forma, ele parecia ainda mais frenético do que Perrin, ou talvez apenas mais disposto a ceder. Deixado a si mesmo, Arganda teria se aproximado um pouco mais dos Shaids a cada dia, até estar bem debaixo de seus narizes. Perrin estava pronto para morrer para libertar Faile. Arganda parecia prestes a morrer.

"Faça o que puder para impedi-lo de fazer qualquer coisa estúpida, Dannil."

Depois de um momento, ele acrescentou: "Contanto que não chegue a golpes". Havia um limite até onde podia esperar que Dannil contivesse o sujeito, afinal. Havia três ghealdanos para cada homem de Dois Rios, e Faile nunca seria libertada se eles se matassem. Perrin quase descansou a cabeça no flanco de Stayer. Luz, mas ele estava cansado, e não conseguia ver nenhum lugar à sua frente em lugar nenhum.

Um lento bater de cascos anunciou a chegada de Masuri e Seonid, com seus três Guardiões cavalcando logo atrás, envoltos em capas que faziam a maior parte de cada homem desaparecer, junto com parte de seu cavalo. Ambas as Aes Sedai usavam seda cintilante e um pesado colar de ouro, em camadas de fios grossos, aparecia sob a borda do manto escuro de Masuri. Uma pequena joia branca pendia na testa de Seonid de uma fina corrente dourada presa em seu cabelo. Annoura relaxou, acomodando-se mais facilmente em sua sela. De volta às tendas dos Aiel, as Sábias estavam em fila observando, seis mulheres altas com a cabeça envolta em xales escuros. O povo de So Habor poderia ser tão receptivo a Aiel quanto o povo de Malden teria sido, mas Perrin não tinha certeza se as Sábias deixariam qualquer uma das irmãs ir

sozinha. Elas tinham sido a última razão da espera. O sol era um aro vermelho-dourado nas copas das árvores.

“Quanto mais cedo lá, mais cedo voltamos”, disse ele, subindo na sela do baio. Enquanto cavalgava pelo buraco feito para deixar as carroças saírem, os homens de Dois Rios já começavam a repor as estacas que faltavam. Ninguém deixava de ter cautela com o povo de Masema nas proximidades.

Estava a cem passos da linha das árvores, mas seu olho captou um movimento, alguém a cavalo deslizando para as sombras mais profundas sob as árvores altas. Um dos observadores de Masema, sem dúvida, correndo para contar ao Profeta que Perrin e Berelain haviam deixado o acampamento. Não importa o quão rápido ele andasse, porém, ele não conseguiria chegar a tempo. Se Masema quisesse Berelain ou Perrin mortos, como parecia provável, teria de esperar outra oportunidade.

Gallenne não estava disposto a correr nenhum risco, no entanto. Ninguém tinha visto pele nem unhas de Santes ou Gendar, os dois caçadores de ladrões de Berelain, desde o dia em que não voltaram do acampamento de Masema, e para Gallenne isso era uma mensagem tão segura quanto suas cabeças em um saco. Ele tinha seus lanceiros espalhados em um círculo de olhos afiados ao redor de Berelain antes que alcançassem as árvores. E em torno de Perrin também, mas isso foi apenas incidental. Atendendo a seus desejos, Gallenne teria trazido todos os novecentos ou mais de seus Guardas Alados, ou melhor ainda, em sua opinião, teria convencido Berelain a não ir. Perrin havia tentado isso também, sem melhor sorte. A mulher tinha um jeito de ouvir e depois fazer exatamente o que queria. Faile também era assim. Às vezes, um homem tinha que viver com isso. Na maioria das vezes, já que não havia mais nada a fazer.

As enormes árvores e afloramentos de pedra que se projetavam da neve quebravam a formação, é claro, mas ainda era uma visão colorida mesmo na fraca luz da floresta, serpentinas vermelhas flutuando nos ares da luz em raios oblíquos de sol, blindadas de vermelho, cavaleiros desaparecendo momentaneamente atrás de

carvalhos maciços e folhas de couro. As três Aes Sedai cavalgavam atrás de Perrin e Berelain, seguidas por seus Guardiões, todos vigiando a floresta ao redor, e depois o homem com o estandarte de Berelain.

Kireyin e o estandarte de Ghealdan vinham um pouco atrás, seus homens vestidos com linhas elegantes e brilhantes, ou o mais próximo disso que podiam. A abertura da floresta era um engano, e não combinava com linhas elegantes e bandeiras brilhantes, mas acrescentando sedas e pedras preciosas bordadas e uma coroa e Guardiões naquelas capas que mudavam de cor, e era uma visão mais impressionante. Perrin poderia ter rido, embora sem muita alegria.

Berelain pareceu sentir seus pensamentos. “Quando você for comprar um saco de farinha”, disse ela, “use lã simples para que a vendedora pense que você não pode pagar mais do que deve. Quando você estiver atrás de farinha aos montes, use joias para que ela pense que você pode dar ao luxo de voltar por tudo o que ela conseguir.”

Perrin bufou uma risada, apesar de si mesmo. Parecia muito com algo que o Mestre Luhhan havia dito a ele, uma vez, com um empurrão nas costelas para dizer que era uma piada e um olhar nos olhos que dizia que era um pouco mais. Vista-se mal quando quisesse um pequeno favor e bem quando quisesse um grande favor. Ele estava muito feliz por Berelain não cheirar mais como um lobo caçador. Pelo menos isso tirou uma preocupação de sua mente.

Eles logo alcançaram a extremidade traseira das carroças, uma linha que não estava mais se movendo quando chegaram ao Campo de Viagem. O machado e o suor haviam removido as árvores cortadas pelos portais e feito uma pequena clareira, mas estava lotada antes mesmo de Gallenne espalhar seu círculo de lanceiros ao redor, voltado para fora. Fager Neald já estava lá, um murandino altivo com o bigode encerado em pontas, em um capão malhado. Seu casaco serviria para qualquer um que não tivesse visto um Asha'man antes; o único outro que ele tinha era preto também, e pelo menos ele não tinha alfinetes de colarinho para marcá-lo. A

neve não era profunda, mas os vinte homens de Dois Rios liderados por Wil al'Seen também estavam em seus cavalos, em vez de ficarem de pé esperando que seus pés congelassem nas botas. Pareciam muito mais duros do que os sujeitos que haviam deixado Dois Rios com ele, arcos longos pendurados nas costas, aljavas eriçadas e espadas de várias descrições em seus cintos. Perrin esperava poder mandá-los para casa logo, ou melhor, levá-los para casa.

A maioria estava equilibrando uma arma de haste sobre suas selas, mas Tod al'Caar e Flann Barstere carregavam estandartes, a própria Cabeça de Lobo Vermelho de Perrin e a Águia Vermelha de Manetheren. O maxilar pesado de Tod se contraiu teimosamente, e Flann, um sujeito alto e magrelo de até Colina da Vigília, parecia mal-humorado. Provavelmente ele não queria o serviço. Talvez Tod também não. Wil deu a Perrin um daqueles olhares francos e inocentes que enganavam tantas garotas em casa — Wil gostava de bordados demais em seu casaco em dias de festa, e adorava andar à frente daquelas bandeiras, provavelmente na esperança de que alguma mulher pensasse que eram suas —, mas Perrin deixou passar. Ele não esperava as outras três pessoas na clareira mais do que esperava pelos estandartes.

Segurando o manto em volta do corpo como se a brisa suave fosse um vendaval, Balwer desajeitadamente virou seu ruão de nariz achatado para encontrar Perrin. Dois dos parasitos de Faile o seguiam com expressões desafiadoras. Os olhos azuis de Medore pareciam estranhos em seu rosto escuro de Tairen, mas então, seu casaco, com suas mangas bufantes listradas de verde, parecia estranho em seu corpo com seios. A filha de um Grão-Senhor, ela era uma nobre em cada centímetro, e roupas masculinas simplesmente não combinavam com ela. Latian, cairhieno e pálido em um casaco quase tão escuro quanto o de Neald, embora marcado com quatro barras vermelhas e azuis no peito, não era muito mais alto do que ela, e a maneira como ele fungava de frio e esfregava o nariz afiado o fazia parecer muito menos competente. Nenhum usava espada, outra surpresa.

"Meu Senhor; minha Lady Primeira," Balwer disse com aquela voz seca, abaixando em uma mesura em sua sela, um pardal balançando em um galho. Seus olhos se voltaram para as Aes Sedai atrás deles, mas esse foi o único sinal que ele deu de que estava ciente das irmãs. "Meu Senhor, lembrei-me que tenho um conhecido nesta So Habor. Um cuteleiro que viaja com suas mercadorias, mas pode estar em casa, e não o vejo há vários anos." Esta foi a primeira vez que ele mencionou ter um amigo em qualquer lugar, e uma cidade enterrada no norte de Altara parecia um lugar peculiar para isso, mas Perrin assentiu. Ele suspeitava que havia mais nesse amigo do que Balwer estava deixando transparecer. Estava começando a suspeitar que havia mais em Balwer do que o homem deixava transparecer.

"E seus companheiros, Mestre Balwer?" O rosto de Berelain permaneceu sereno dentro de seu capuz forrado de pele, mas ela cheirava divertida. Ela sabia muito bem que Faile havia usado seus jovens seguidores como espiões e tinha certeza de que Perrin fazia o mesmo uso deles.

"Eles queriam um passeio, minha Lady Primeira," o homenzinho ossudo respondeu suavemente. "Eu atestarei por eles, meu Lorde. Eles prometeram não causar problemas e podem aprender alguma coisa." Ele cheirava divertido também — um cheiro de mofo, é claro, vindo dele — embora com um toque de irritação. Balwer sabia que ela sabia, o que não o agradava, mas ela nunca fazia referência aberta ao fato, o que agradava. Definitivamente havia mais em Balwer do que ele deixava transparecer.

O homem devia ter suas razões para levá-los junto com ele. Ele conseguiu pegar todos os jovens seguidores de Faile de uma forma ou de outra, e os fez espionar e assistir entre os ghealdanos e os mayenos e até os Aiel. Segundo ele, o que seus amigos diziam e faziam podia ser tão interessante quanto o que seus inimigos planejavam, e era aí que você tinha certeza de que eram seus amigos. Claro, Berelain sabia que seu povo estava sendo espionado. E Balwer sabia que ela sabia disso também. E ela sabia que ele... Era tudo muito sofisticado para um ferreiro do interior.



“Estamos perdendo tempo”, disse Perrin. “Abra o portal, Neald.”

O Asha'man sorriu para ele e acariciou seus bigodes encerados — Neald sorria demais desde que os Shaido foram encontrados; talvez ele estivesse ansioso para enfrentá-los — ele sorriu e gesticulou grandiosamente com uma mão. “Como você mandar”, disse ele com uma voz alegre, e o familiar corte prateado de luz apareceu, alargando-se em um buraco no ar.

Sem esperar por mais ninguém, Perrin atravessou um campo coberto de neve, cercado por um muro baixo de pedra, em um terreno ondulante que parecia quase sem árvores em comparação com a floresta que ele havia deixado para trás, a apenas alguns quilômetros de So Habor, a menos que Neald tivesse feito um erro substancial. Se tivesse, Perrin pensou que poderia arrancar aqueles bigodes idiotas do rosto do homem. Como o sujeito podia estar alegre?

Logo, porém, estava cavalgando para o oeste sob um céu nublado e cinzento, ao longo de uma estrada nevada com as carroças de rodas altas rodando em fila atrás dele e as sombras da manhã se estendendo à frente. Stayer puxou as rédeas, querendo correr, mas Perrin o segurou em um passo firme, não mais rápido do que os cavalos de carroça conseguiam. Os mayenos de Gallenne tinham de atravessar os campos ao lado da estrada para manter seu círculo em torno dele e de Berelain, e isso significava passar pelos muros baixos de pedra bruta que dividiam um campo de outro. Alguns tinham portões de um agricultor para outro, provavelmente para permitir o compartilhamento de equipamentos de arado, e outros eles saltavam extravagantemente com as flâmulas em suas lanças voando, arriscando as pernas de seus animais e seus pescoços. Perrin se importava menos com seus pescoços, na verdade.

Wil e os dois tolos que carregavam a Cabeça de Lobo e a Águia Vermelha juntaram-se ao vassalo mayeno atrás das Aes Sedai e dos Guardiões, mas os outros homens de Dois Rios se estenderam ladeando a fila de carroças. Havia carroças demais para menos de vinte homens vigiarem, mas os condutores se sentiriam mais

tranquilos ao vê-los. Não que alguém esperasse bandidos, ou Shaido, mas ninguém se sentia confortável fora da proteção do acampamento. De qualquer forma, aqui eles seriam capazes de ver qualquer ameaça bem antes que ela os alcançasse.

As colinas baixas não permitiam uma visão muito longa, mas era uma região de fazendas, com robustas casas de pedra com telhados de palha e celeiros espalhados entre os campos, e nada de selvageria em qualquer lugar. Até mesmo a maioria dos pequenos arbustos agarrados às encostas era cortada para lenha. Mas Perrin percebeu de repente que a neve na estrada à sua frente não era fresca; no entanto, as únicas pegadas eram aquelas feitas pelos precursores de Gallenne. Ninguém se movia por nenhuma daquelas casas e celeiros escuros; nenhuma fumaça subia de nenhuma das grossas chaminés. O campo parecia absolutamente imóvel e absolutamente vazio. O cabelo de sua nuca se mexeu, tentando se levantar.

Uma exclamação de uma das Aes Sedai o fez olhar por cima do ombro, e ele seguiu o dedo apontado de Masuri para o norte até uma forma voando pelo ar. À primeira vista, poderia ter sido tomado por um grande morcego, varrendo para o leste em longas asas com nervuras, um estranho morcego com um pescoço longo e uma cauda longa e fina atrás. Gallenne latiu um xingamento e pressionou a luneta contra o olho. Perrin podia vê-lo bem sem ajuda, e até mesmo distinguir a figura de um ser humano agarrado às costas da criatura, montando-a como um cavalo.

“Seanchan,” Berelain respirou, tanto sua voz quanto o cheiro dela preocupados.

Perrin girou na sela para observar o voo da coisa até que o brilho do nascer do sol o fez se virar. “Nada que seja da nossa conta”, disse ele. Se Neald tivesse cometido um erro, ele estrangularia o homem.



## CAPÍTULO

### 26

---



### Em So Habor

Por acaso, Neald, que teve que permanecer para manter o portal aberto até que Kireyin e o ghealdano passassem, havia colocado o buraco no ar muito perto de onde ele planejava. Ele e Kireyin alcançaram a galope no momento em que Perrin subia uma colina e puxava as rédeas com a cidade de So Habor à sua frente, do outro lado de um pequeno rio atravessado por duas pontes arqueadas de madeira. Perrin não era um soldado, mas soube imediatamente por que Masema deixara aquele lugar em paz. Forte contra o rio, a cidade tinha duas enormes muralhas de pedra pontilhadas de torres ao redor, a interna se elevando mais alta que a externa. Um par de barcas estava amarrado a um longo cais que corria ao longo da parede do rio de ponte a ponte, mas os amplos portões da ponte, amarrados com ferro e bem fechados, pareciam ser as únicas aberturas naquela extensão de pedra áspera e cinzenta, e ameias cobriam toda a extensão. Construída para afastar nobres vizinhos gananciosos, So Habor teria pouco medo da ralé do Profeta, mesmo que viesse aos milhares. Qualquer um que quisesse invadir esta cidade precisaria de máquinas de cerco e paciência, e Masema se sentia mais à vontade aterrorizando vilarejos e cidades sem muros ou defesas.

“Bem, é bom ver pessoas nas paredes por lá”, disse Neald. “Eu estava começando a pensar que todos neste país estavam mortos e enterrados.” Ele soava como se estivesse meio brincando, e seu sorriso parecia forçado.

“Desde que estejam vivos o suficiente para vender grãos”, Kireyin murmurou em sua voz nasalada e entediada. Desafivelando seu elmo prateado de plumas brancas, ele o ergueu até o alto pomo de sua sela. Seus olhos passaram por Perrin e pararam brevemente em Berelain antes de se virar para se dirigir à Aes Sedai no mesmo tom cansado. “Vamos parar aqui ou descer?” Berelain arqueou uma sobrancelha para ele, um olhar perigoso, que um homem com qualquer cérebro veria. Kireyin não viu.

Os pelos de Perrin ainda tentavam ficar de pé, ainda mais desde que viram a cidade. Talvez fosse apenas a parte dele que era lobo, não gostando de paredes. Mas ele não pensava que era isso. As pessoas no topo das paredes apontavam para eles, e algumas seguravam lunetas. Essas, pelo menos, seriam capazes de distinguir claramente os estandartes. Todas poderiam ver os soldados, com as flâmulas em suas lanças flutuando na brisa matinal. E as primeiras carroças da fila que se estendiam pela estrada fora de sua vista. Talvez todos das fazendas estivessem lotados na cidade. “Nós não viemos aqui para parar”, disse ele.

Berelain e Annoura haviam estabelecido entre elas como abordar So Habor. O senhor ou senhora local certamente tinha ouvido falar de depredações de Shaido não muitos quilômetros ao norte deles, e também podiam ter ouvido falar da presença do Profeta em Altara. Qualquer coisa era suficiente para deixar qualquer um cauteloso; juntos, eles podiam ser suficientes para fazer as pessoas soltarem flechas e esperar até depois para perguntar em quem atiraram. De qualquer forma, era altamente improvável que recebessem soldados estrangeiros por seus portões no momento. Os lanceiros permaneciam espalhados ao longo da elevação, uma demonstração de que esses visitantes possuíam alguma força armada, mesmo que optassem por não a empregar. Não que So Habor ficasse muito impressionada com cem homens, mas a armadura polida dos ghealdanos e a armadura vermelha dos Guardas Alados diziam que os visitantes não eram trapaceiros errantes. Os homens de Dois Rios não impressionavam ninguém até usarem seus arcos, então ficavam para trás com as carroças, para animar os carroceiros. Era

tudo uma tolice elaborada, penugem e penas, mas Perrin era um ferreiro rural, não importa quem o chamasse de senhor. A Primeira de Mayene e uma Aes Sedai deveriam saber o que queriam em uma coisa dessas.

Gallenne liderou o caminho até o rio em uma caminhada lenta, o capacete carmesim brilhante apoiado na sela, as costas retas. Perrin e Berelain cavalgavam um pouco atrás, com Seonid entre eles e Masuri e Annoura de cada lado, as Aes Sedai com seus capuzes jogados para trás para que qualquer um naquelas paredes que pudesse reconhecer um rosto de Aes Sedai tivesse a oportunidade de ver três. As Aes Sedai eram bem-vindas na maioria dos lugares, mesmo onde as pessoas realmente preferiam que não fossem. Atrás deles vinham os quatro vassalos, com os Guardiões espaçados entre eles em suas capas de arregalar os olhos. E Kireyin com seu capacete brilhante equilibrado na coxa, azedo por ter sido relegado a montar com os Guardiões e de vez em quando olhando friamente para Balwer, que seguia na retaguarda com seus dois companheiros. Ninguém disse a Balwer que ele poderia vir, mas ninguém disse que não podia. Ele fazia uma reverência sempre que o nobre olhava para ele, depois voltava a estudar as muralhas da cidade à frente.

Perrin não conseguia se livrar de sua inquietação à medida que se aproximavam da cidade. Os cascos dos cavalos ressoavam ocos na ponte mais ao sul, uma estrutura larga que se erguia o suficiente acima do rio caudaloso para deixar uma embarcação como aquelas amarradas ao cais passar facilmente por baixo em varreduras. Nenhuma das largas embarcações de proa plana tinha qualquer disposição para levantar um mastro. Uma dessas barcas havia se afundado na água, encostada nas cordas de amarração esticadas, e a outra de alguma forma também parecia abandonada. Um cheiro rançoso e azedo no ar o fez esfregar o nariz. Ninguém mais pareceu notar.

Perto do pé da ponte, Gallenne parou. Os portões fechados, cobertos com tiras de ferro preto de um pé de largura, teriam forçado uma pausa de qualquer maneira. “Ouvimos falar dos

problemas que assolam esta terra”, ele gritou para os homens no topo do muro, administrando a formalidade a plenos pulmões, “mas estamos apenas de passagem, e viemos para o comércio, não para o problema; para comprar grãos e outras coisas necessárias, não para lutar. Tenho a honra de anunciar Berelain sur Paendrag Paeron, Primeira de Mayene, Beata da Luz, Defensora das Ondas, Alto Assento da Casa Paeron, que veio falar com o senhor ou senhora desta terra. Tenho a honra de anunciar Perrin t'Bashere Aybara...” Ele jogou Senhor dos Dois Rios para Perrin, e vários outros títulos a que Perrin não tinha direito e nunca tinha ouvido antes, depois passou para as Aes Sedai, dando a cada uma o honorífico completo e adicionando sua Ajah também. Foi um recital muito impressionante. Quando ele ficou em silêncio, houve... silêncio.

Nas ameias acima, homens de rosto sujo trocavam olhares sombrios e sussurros ferozes, movendo bestas e armas de haste nervosamente. Apenas alguns usavam capacetes ou qualquer tipo de armadura. A maioria estava em casacos ásperos, mas em um homem Perrin pensou ter visto o que poderia ter sido seda sob uma camada de sujeira. Era difícil dizer, com tanta sujeira endurecida. Nem seus ouvidos conseguiam entender o que eles diziam.

“Como sabemos que você está vivo?” uma voz rouca gritou finalmente.

Berelain piscou surpresa, mas ninguém riu. Foi conversa fiada, mas Perrin achou que o cabelo na nuca estava realmente eriçado. Algo estava muito errado aqui. As Aes Sedai pareciam não perceber. Por outro lado, as Aes Sedai podiam esconder qualquer coisa por trás daquelas máscaras suaves de serenidade fria. As contas nas tranças finas de Annoura clicaram levemente quando ela balançou a cabeça. Masuri correu um olhar gélido pelos homens na parede.

“Se eu tiver que provar que estou viva, você vai se arrepender,” Seonid anunciou em voz alta com sotaque cairhieno, um pouco mais quente do que seu rosto sugeria. “Se continuar apontando essa besta para mim, você vai se arrepender ainda mais.” Vários dos

homens ergueram apressadamente suas bestas para apontar para o céu. Nem todos, porém.

Mais sussurros farfalharam ao longo do topo da parede, mas alguém deve ter reconhecido as Aes Sedai. Por fim, os portões se abriram com enormes dobradiças enferrujadas. Um fedor sufocante varria a cidade, o fedor que Perrin estava cheirando, só que mais forte. Sujeira velha e suor velho, montes de esterco em decomposição e penicos há muito tempo vazios. As orelhas de Perrin tentaram se recostar. Gallenne ergueu o elmo vermelho pela metade, como se fosse recolocá-lo na cabeça, antes de empurrar seu burro pelos portões. Perrin caminhou com Stayer para segui-lo, enfiando o machado no cinto.

Logo após o portão, um homem imundo com um casaco rasgado cutucou a perna de Perrin com um dedo, depois disparou para trás quando Stayer o repreendeu. O sujeito havia sido gordo uma vez, mas seu casaco cedia e sua pele estava solta. "Só queria ter certeza," ele murmurou, coçando seu lado distraidamente. "Meu Lorde", acrescentou ele, um tique-taque atrasado. Seus olhos pareciam focar no rosto de Perrin pela primeira vez, e seus dedos arranhando congelaram. Olhos amarelos dourados não eram uma visão comum, afinal.

"Você vê muitos homens mortos andando?" Perrin perguntou ironicamente, tentando fazer uma piada, enquanto acariciava o pescoço do baio. Um cavalo de guerra treinado queria ser recompensado por proteger seu cavaleiro.

O sujeito se encolheu como se o cavalo tivesse mostrado os dentes para ele novamente; sua boca se contorceu em um sorriso estranho, e ele se inclinou para o lado. Até que esbarrou solidamente na égua de Berelain. Gallenne estava bem atrás dela, ainda parecendo pronto para colocar o capacete, seu único olho tentando observar seis caminhos ao mesmo tempo.

"Onde posso encontrar seu senhor ou senhora?" ela exigiu impaciente. Mayene era uma nação pequena, mas Berelain não estava acostumada a ser ignorada. "Todo mundo parece ter ficado mudo, mas eu ouvi você usar sua língua. Bem, homem? Fale."



O sujeito olhou para ela, lambendo os lábios. "Lorde Cowlin... Lorde Cowlin está... longe. Minha dama." Seus olhos dispararam em direção a Perrin, então se afastaram. "Os comerciantes de grãos... Eles são quem você quer. Eles sempre podem ser encontrados na Barca Dourada. Por ali." Ele estendeu a mão apontando vagamente mais fundo na cidade, então de repente se afastou, olhando por cima do ombro para eles como se estivesse com medo de perseguição.

"Acho que devemos encontrar outro lugar", disse Perrin. Aquele sujeito tinha medo de mais coisas do que olhos amarelos. Este lugar parecia... torto.

"Já estamos aqui e não há outro lugar", respondeu Berelain com uma voz muito prática. Com todo aquele fedor, ele não conseguia sentir o cheiro dela; teria que se basear no que ouvia e via, e o rosto dela estava calmo o suficiente para uma Aes Sedai. "Já estive em cidades que cheiravam pior que isso, Perrin. Tenho certeza de que estive. E se esse Lorde Cowlin se foi, não será a primeira vez que negocie com mercadores. Você realmente não acredita que eles viram os mortos andando, acredita?" O que um homem poderia dizer sobre isso sem parecer um puro cabeça de lã?

De qualquer forma, os outros já estavam se aglomerando pelos portões, embora não em uma ordem organizada, agora. Wynter e Alharra seguiram Seonid como cães de guarda incompatíveis, um loiro, o outro moreno, e ambos prontos para arrancar gargantas em um piscar de olhos. Eles certamente tinham a sensação de So Habor. Kirklin, cavalgando ao lado de Masuri, não parecia disposto a esperar que aquele olho piscasse; sua mão repousava no punho de sua espada. Kireyin estava com a mão no nariz e um brilho nos olhos que dizia que alguém ia pagar por fazê-lo sentir o cheiro disso. Medore e Latian também pareciam enojados, mas Balwer apenas olhou em volta, inclinando a cabeça, e então os levou para uma rua estreita que levava ao norte. Como disse Berelain, eles já estavam ali.

As faixas coloridas pareciam decididamente fora de lugar enquanto Perrin cavalgava pelas ruas apertadas e sinuosas da

cidade. Algumas das ruas eram na verdade bem largas para o tamanho de So Habor, mas pareciam próximas, como se os prédios de pedra de ambos os lados assomassem mais alto do que seus dois ou três andares e estivessem prestes a cair de cabeça, ainda por cima. A imaginação também fazia as ruas parecerem escuras. Tinha que ser imaginação. O céu não estava tão cinza. As pessoas enchiam o calçamento de pedra sujo, mas não o suficiente para dar conta de todas as fazendas da área que foram abandonadas, e todas corriam de cabeça baixa. Não se apressando em direção a algo; só se apressando. Ninguém olhava para mais ninguém. Com um rio praticamente à sua porta, eles também haviam esquecido como se lavar. Ele não viu um rosto sem uma camada de sujeira ou uma roupa que não parecia ter sido usada por uma semana, e dura de sujeira com isso. O fedor só piorava quanto mais fundo na cidade eles cavalgavam. Ele supunha que se pudesse se acostumar com qualquer coisa, com o tempo. O pior de tudo era o silêncio, no entanto. As aldeias às vezes eram silenciosas, até tão quietas quanto as florestas, mas uma cidade sempre tinha um murmúrio fraco, o som de lojistas barganhando e pessoas cuidando de suas vidas. So Habor nem sussurrava. Mal parecia respirar.

Conseguir saber melhor as direções era difícil, já que a maioria das pessoas se afastava se falassem, mas eventualmente eles desmontaram na frente de uma pousada de aparência próspera, três andares de pedra cinza bem arrumada sob um telhado de ardósia, com uma placa pendurada na frente anunciando a Barca Dourada. A placa tinha até um toque de dourado nas letras e nos grãos amontoados no alto da barcaça e descobertos como nunca seriam para embarque. Nenhum cavaliço apareceu do estábulo ao lado da estalagem, então os vassalos tiveram que servir como detentores de cavalos, uma tarefa que não os deixou felizes. Tod colocava tanta atenção em espiar o fluxo de pessoas sujas que passavam correndo e acariciando o punho de sua espada curta, que Stayer quase pegou um par de dedos quando pegou as rédeas do garanhão. O mayeno e o ghealdano pareciam desejar ter lanças em vez de estandartes. Flann ficou com os olhos arregalados. Apesar

do sol da manhã, a luz parecia... sombria. Ir para o interior não melhorou as coisas.

À primeira vista, o salão comunal mostrava a prosperidade da pousada, com mesas redondas polidas e cadeiras adequadas em vez de bancos, sob um teto alto e com vigas fortes. As paredes eram pintadas com campos de cevada, aveia e painço, amadurecendo sob um sol brilhante, e um relógio colorido estava na cornija esculpida acima de uma ampla lareira de pedra branca. A lareira estava fria, porém, o ar quase tão gelado quanto lá fora. O relógio estava parado e o polimento embotado. A poeira cobria tudo. As únicas pessoas na sala eram seis homens e cinco mulheres amontoados em torno de suas bebidas em volta de uma mesa oval, maior do que as outras, que ficava no meio da sala.

Um dos homens pôs-se de pé com uma praga, o rosto empalidecendo sob a terra, quando Perrin e os outros entraram. Uma mulher rechonchuda com cabelos escorridos e oleosos empurrou o copo de estanho para a boca e tentou engolir tão rápido que o vinho derramou sobre seu queixo. Talvez fossem seus olhos. Podia ser.

“O que aconteceu nesta cidade?” Annoura disse com firmeza, jogando para trás sua capa como se um fogo ardesse na lareira. O olhar calmo que ela correu pelas pessoas na mesa congelou cada um deles. Abruptamente, Perrin percebeu que nem Masuri nem Seonid o seguiram para dentro. Duvidava muito que estivessem esperando na rua com os cavalos. O que elas e seus Guardiões estavam fazendo era uma incógnita.

O homem que havia saltado puxou a gola do casaco com um dedo. O casaco tinha sido de lã azul fina uma vez, com uma fileira de botões dourados no pescoço, mas ele parecia estar derramando comida na frente dele por algum tempo. Talvez mais do que tinha ido para sua boca. Ele era outro cuja pele estava flácida. “Aconteceu, Aes Sedai?” ele gaguejou.

“Fique quieto, Mycal!” uma mulher abatida disse rapidamente. Seu vestido escuro estava bordado na gola alta e nas mangas, mas a sujeira tornava as cores incertas. Seus olhos eram poços

afundados. “O que faz você pensar que algo aconteceu, Aes Sedai?”

Annoura teria continuado, mas Berelain interveio quando a Aes Sedai abriu a boca novamente. “Estamos procurando os comerciantes de grãos.” A expressão de Annoura nunca mudou, mas sua boca se fechou com um clique audível.

Longos olhares passaram entre as pessoas ao redor da mesa. A mulher abatida estudou Annoura por um momento, passando rapidamente para Berelain e obviamente absorvendo as sedas e gotas de fogo. E o diadema. Ela abriu as saias em uma reverência. “Nós somos a guilda de mercadores de So Habor, minha senhora. O que sobrou de...” Parando, ela respirou fundo, estremecendo. “Eu sou Rahema Arnon, minha senhora. Como podemos te servir?”

Os mercadores pareceram se alegrar um pouco ao saber que seus visitantes tinham vindo buscar grãos e outras coisas que podiam fornecer, óleo para lamparinas e para cozinhar, feijão e agulhas e pregos de ferradura, tecidos e velas e uma dúzia de outras coisas que o acampamento precisava. Pelo menos, eles ficaram um pouco menos temerosos. Qualquer mercador comum que ouvisse a lista que Berelain deu teria dificuldade em não sorrir avidamente, mas esse grupo...

A Senhora Arnon gritou para o estalajadeiro trazer vinho — “o melhor vinho; rapidamente, agora; rapidamente” —, mas quando uma mulher de nariz comprido enfiou a cabeça hesitantemente na sala comunal, a Sra. Arnon teve que correr e pegar sua manga suja para evitar que ela desaparecesse novamente. O sujeito do casaco manchado de comida chamou alguém chamado Sperial para trazer os frascos de amostra, mas depois de gritar três vezes sem resposta, ele deu uma risada nervosa e correu para um quarto dos fundos para voltar um momento depois, seus braços em volta de três grandes recipientes cilíndricos de madeira que ele colocou sobre a mesa, ainda rindo nervosamente. Os outros exibiam uma coleção de sorrisos trêmulos enquanto se curvavam e faziam uma reverência a Berelain para se sentar à cabeceira da mesa oval, homens e mulheres de rosto gorduroso se coçando sem parecer

notar o que estavam fazendo. Perrin enfiou as luvas atrás do cinto e ficou encostado em uma parede pintada, observando.

Eles concordaram em deixar a negociação para Berelain. Ela estava disposta a admitir, com relutância, que ele sabia mais sobre cavalos do que ela, mas havia negociado tratados que cobriam a venda de anos de pesca de peixes oleaginosos. Annoura sorriu levemente com a sugestão de que um rapaz do campo saltitante poderia dar uma mão. Ela não o chamava assim — ela podia dizer “meu Lorde” a ele tão suavemente quanto Masuri ou Seonid —, mas estava claro que achava algumas coisas claramente acima de sua habilidade. Ela não estava sorrindo agora, parada atrás de Berelain e estudando os mercadores como se quisesse memorizar seus rostos.

A estalajadeira trouxe vinho, em taças de estanho que tinham visto um pano de polir pela última vez semanas atrás, senão meses, mas Perrin apenas espiou o seu e o girou na taça. A senhora Vadere, a estalajadeira, tinha sujeira sob as unhas e cravada nos nós dos dedos como parte de sua pele. Ele notou que Gallenne, de costas para a parede oposta e uma mão no punho da espada, apenas segurava sua xícara também, e Berelain nunca tocou na dela. Kireyin cheirou o dele, depois bebeu profundamente e chamou a Sra. Vadere para lhe trazer uma jarra.

“Coisa rala, para ser chamada de seu melhor”, ele disse à mulher pelo nariz, e olhando para baixo, “mas pode lavar o fedor”. Ela olhou para ele sem expressão, então foi buscar um jarro de estanho alto para a mesa dele sem dizer uma palavra. Kireyin aparentemente tomou seu silêncio por respeito.

Mestre Crossin, o sujeito do casaco manchado de comida, desatarraxou as tampas dos recipientes de madeira e derramou amostras descascadas dos grãos que eles tinham para oferecer em pilhas sobre a mesa, painço amarelo e aveia marrom, a cevada um pouco mais escura. Não haveria chuva antes da colheita. “A melhor qualidade, como você pode ver”, disse ele.

“Sim, da melhor.” O sorriso desapareceu do rosto da Sra. Arnon, e ela o empurrou de volta. “Nós vendemos apenas o melhor.”

Para pessoas que anunciavam seus produtos como os melhores, eles não pareciam barganhar muito. Perrin tinha visto homens e mulheres em casa vendendo o grampo de lã e o tabac para comerciantes de Baerlon, e eles sempre menosprezavam as ofertas dos compradores, às vezes reclamando que os comerciantes estavam tentando mendigá-los quando o preço era o dobro do ano anterior ou mesmo sugerindo que eles poderiam esperar até o próximo ano para vender. Era uma dança tão intrincada quanto qualquer outra em um dia de festa.

“Acho que podemos baixar ainda mais o preço para uma quantidade tão grande”, disse um homem careca a Berelain, coçando a barba grisalha. Era curta e gordurosa o suficiente para grudar perto de seu queixo. Perrin queria coçar a própria barba apenas observando o sujeito.

“Tem sido um inverno duro,” uma mulher de rosto redondo murmurou. Apenas dois dos outros mercadores se preocuparam em franzir a testa para ela.

Perrin colocou sua taça de vinho em uma mesa próxima e caminhou até a reunião no meio da sala. Annoura deu-lhe um olhar afiado de advertência, mas vários dos mercadores olharam para ele com curiosidade. E com cautela. Gallenne tinha feito suas apresentações novamente, mas essas pessoas não sabiam exatamente onde Mayene estava, exatamente, ou quão poderosa, e Dois Rios significava apenas um bom tabac para eles. O tabac Dois Rios era conhecido em todos os lugares. Se não fosse a presença de uma Aes Sedai, seus olhos poderiam tê-los feito correr. Todos ficaram em silêncio quando Perrin pegou um punhado de painço, as pequenas esferas lisas e amarelas vivas na palma da mão. Este grão foi a primeira coisa limpa que ele viu na cidade. Deixando o grão cair de volta na mesa, ele pegou a tampa de um dos recipientes. Os fios cortados na madeira eram afiados e sem desgaste. A tampa se encaixaria bem. Os olhos da Senhora Arnon se desviaram dos dele, e ela lambeu os lábios.

“Quero ver os grãos nos armazéns”, disse ele. Metade das pessoas ao redor da mesa estremeceu.

A Senhora Arnon endireitou-se, vociferando. “Não vendemos o que não temos. Você pode assistir nossos trabalhadores carregarem cada saco em suas carroças, se quiser passar horas no frio.”

“Eu estava prestes a sugerir uma visita a um armazém”, acrescentou Berelain. Levantando-se, ela tirou as luvas vermelhas do cinto e começou a calçá-las. “Eu nunca compraria grãos sem ver o armazém.”

A Senhora Arnon cedeu. O homem careca colocou a cabeça sobre a mesa. Ninguém disse nada, no entanto.

Os mercadores desanimados não se preocuparam em pegar suas capas antes de levá-los para a rua. A brisa havia se tornado um vento, frio como só um vento de fim de inverno poderia ser, quando as pessoas já estavam pensando na chegada da primavera, mas não pareciam notar. A curva de seus ombros não tinha nada a ver com frio.

“Podemos ir agora, Lorde Perrin?” Flann perguntou ansiosamente quando Perrin e os outros apareceram. “Este lugar me faz querer um banho.” Annoura deu-lhe uma carranca de passagem que o fez recuar como um dos mercadores. Flann tentou um sorriso apaziguador para ela, mas foi um esforço doentio, e tarde demais para qualquer coisa além de suas costas.

“Assim que eu puder providenciar”, disse Perrin. Os mercadores já estavam correndo pela rua, de cabeça baixa e sem olhar para ninguém. Berelain e Annoura conseguiram seguir sem parecer apressadas, deslizando, uma tão composta quanto a outra, duas belas damas passeando e não se importando com a sujeira sob os pés, ou com o fedor no ar, ou com as pessoas sujas que começaram no avistá-las e, às vezes, todos fugiam o mais rápido que podiam. Gallenne finalmente colocou o capacete e segurou abertamente o punho da espada com as duas mãos, pronto para sacar. Kireyin carregava o capacete no quadril, a outra mão ocupada com a taça de vinho. Olhando desdenhosamente o povo de rosto sujo que se apressava, ele cheirou o vinho como se fosse um pomandro para combater o fedor da cidade.

Os armazéns estavam localizados em uma rua pavimentada de pedra pouco mais larga que uma carroça, entre os dois muros da cidade. O cheiro era melhor ali, perto do rio, mas a rua soprada pelo vento estava vazia, exceto por Perrin e os outros. Não havia sequer um cão vadio para ser visto. Os cães desapareciam quando uma cidade ficava com fome, mas por que uma cidade com grãos suficientes para vender estaria com fome? Perrin apontou para um armazém de dois andares escolhido ao acaso, não diferente de qualquer outro, um prédio de pedra sem janelas com um amplo par de portas de madeira fechadas por uma barra de madeira que poderia servir como viga no teto da Barca Dourada.

Os mercadores de repente se lembraram de que haviam esquecido de trazer homens para levantar as barras. Eles se ofereceram para voltar para eles. Lady Berelain e Annoura Sedai podiam descansar em frente ao fogo na Barca Dourada enquanto os trabalhadores eram trazidos. Eles tinham certeza que a Sra. Vadere iria atear fogo. Suas línguas ficaram imóveis quando Perrin colocou a mão sob a viga grossa e empurrou-a para fora dos suportes de madeira. A coisa era pesada, mas ele recuou com ela para dar espaço para se virar e atirá-la na rua com um estrondo. Os mercadores olharam. Estia pode ter sido a primeira vez que eles viam um homem com um casaco de seda fazer algo que pudesse ser chamado de trabalho. Kireyin revirou os olhos e deu outra cheirada em seu vinho.

“Lanternas,” a Senhora Arnon disse fracamente. “Vamos precisar de lanternas ou tochas. Se...”

Uma bola de luz apareceu flutuando acima da mão de Annoura, brilhando o suficiente na manhã cinzenta para lançar a todos sombras fracas no calçamento e nas paredes de pedra. Alguns dos mercadores ergueram as mãos para proteger os olhos. Depois de um momento, Mestre Crossin abriu uma das portas com uma argola de ferro.

O cheiro lá dentro era o cheiro forte e familiar de cevada, quase forte o suficiente para superar o fedor da cidade, e algo mais. Pequenas formas escuras se esgueiraram nas sombras à frente da



luz de Annoura. Ele poderia ter visto melhor sem ela, ou pelo menos mais fundo na escuridão. A bola brilhante lançou uma grande poça de luz e emparedou o que estava além. Ele sentiu o cheiro de a gato, mais próximo de selvagem do que não. E rato também. Um grito repentino nas profundezas negras do armazém, subitamente interrompido, apontava um gato encontrando um rato. Sempre havia ratos nos celeiros de grãos e gatos para caçá-los. Era reconfortante e normal. Quase o suficiente para acalmar sua inquietação. Quase. Ele sentiu o cheiro de outra coisa, um cheiro que deveria conhecer. Um uivo feroz no fundo do armazém se transformou em crescentes gritos de dor que morreram abruptamente. Aparentemente, os ratos de So Habor às vezes caçavam de volta. Os pelos de Perrin se mexeram novamente, mas certamente não havia nada aqui que o Tenebroso gostaria de espionar. A maioria dos ratos eram apenas ratos.

Não havia necessidade de ir muito longe. Sacos grossos enchiam a escuridão, em pilhas altas e inclinadas em plataformas baixas de madeira para manter os sacos fora do chão de pedra. Filas e mais fileiras de pilhas empilhadas quase até o teto, e provavelmente o mesmo no andar de cima. Caso contrário, este edifício ainda continha grãos suficientes para alimentar seu povo por semanas. Caminhando até a pilha mais próxima, ele enfiou seu canivete em um saco marrom-claro e cortou as fibras de juta duras. Uma enxurrada de grãos de cevada se derramou. E, claro no brilho da luz brilhante de Annoura, havia manchas pretas se contorcendo. Gorgulhos, quase tantos quantos grãos de cevada. O cheiro deles era mais forte que o da cevada. Gorgulhos. Ele desejou que o cabelo em seu pescoço parasse de tentar se arrepiar. O frio deveria ter sido suficiente para matar os gorgulhos.

Aquele saco era a prova, e seu nariz agora conhecia o cheiro de gorgulho, mas ele mudou para outra pilha, depois outra e mais outra, cada vez abrindo um saco. Cada um soltou um derramamento de cevada marrom-clara e gorgulhos pretos.

Os mercadores estavam amontoados na porta, a luz do dia atrás deles, mas a luz de Annoura lançou seus rostos em nítido relevo. Rostos preocupados. Rostos desesperados.

“Ficaríamos muito felizes em peneirar cada saco que vendermos”, disse a Sra. Arnon, vacilante. “Por apenas um pequeno adicional...”

“Pela metade do último preço que ofereci,” Berelain cortou bruscamente. Enrugando o nariz em desgosto, ela tirou as saias dos gorgulhos que corriam entre os grãos no chão. “Você nunca vai conseguir pegar todos eles.”

“E sem painço”, disse Perrin sombriamente. Seus homens precisavam de comida, e os soldados também, mas os grãos de painço eram pouco maiores que os gorgulhos. Por mais separassem, ele traria gorgulhos e painço em igual peso. “Vamos pegar feijão extra em vez disso. Mas eles também serão peneirados.”

De repente, alguém gritou do lado de fora na rua. Não um gato ou um rato, mas um homem aterrorizado. Perrin nem percebeu que havia sacado seu machado até que encontrou o cabo em sua mão enquanto empurrava os mercadores na porta. Eles se amontoaram, lambendo os lábios e nem tentando ver quem havia gritado.

Kireyin estava encostado na parede de um armazém do outro lado do caminho, seu capacete brilhante com a pluma branca caído na calçada ao lado de sua taça de vinho. A espada do homem estava meio fora da bainha, mas ele parecia congelado, olhando com olhos esbugalhados para a parede do prédio de onde Perrin acabara de sair. Perrin tocou seu braço e ele pulou.

“Havia um homem,” o ghealdano disse incerto. “Ele estava apenas lá. Ele olhou para mim e...” Kireyin esfregou a mão no rosto. Apesar do frio, o suor brilhava em sua testa. “Ele atravessou a parede. Ele atravessou. Você tem que acreditar em mim.” Alguém gemeu; um dos mercadores, pensou Perrin.

“Eu também vi o homem”, disse Seonid atrás dele, e foi a vez dele dar um pulo. Seu nariz era inútil neste lugar!

Dando uma última olhada para a parede que Kireyin indicara, a Aes Sedai se afastou dela com uma relutância palpável. Seus

Guardiões eram homens altos, elevando-se sobre ela, mas ficaram longe apenas o suficiente para ganhar espaço para desembainhar suas espadas. Embora com o que os Guardiões de olhos sombrios fossem lutar se Seonid estivesse falando sério, Perrin não podia imaginar.

“Acho difícil mentir, Lorde Perrin,” Seonid disse secamente quando ele expressou dúvida, mas seu tom rapidamente se tornou tão sério quanto seu rosto, e seus olhos estavam tão intensos que só eles começaram a fazer Perrin se sentir desconfortável. “Os mortos estão andando em So Habor. Lord Cowlin fugiu da cidade por medo do espírito de sua esposa. Parece que havia dúvidas sobre como ela morreu. Dificilmente um homem ou mulher na cidade não viu alguém morto, e muitos viram mais de um. Alguns dizem que as pessoas morreram pelo toque de alguém morto. Não posso verificar isso, mas pessoas morreram de susto e outras por causa disso. Ninguém sai à noite em So Habor, ou entra em um quarto sem avisar. As pessoas atacam sombras e surpresas com o que quer que esteja à mão, e às vezes encontram um marido, esposa ou vizinho morto a seus pés. Isto não é histeria ou um conto para assustar crianças, Lorde Perrin. Nunca ouvi falar de algo assim, mas é real. Você deve deixar uma de nós aqui para fazer o que pudermos.”

Perrin balançou a cabeça lentamente. Ele não podia se dar ao luxo de perder uma Aes Sedai se quisesse libertar Faile. A senhora Arnon começou a chorar antes mesmo que ele dissesse: “Então Habor terá que enfrentar seus mortos sozinho”.

Mas o medo dos mortos só explicava uma parte. Talvez as pessoas estivessem com muito medo de pensar em lavar, mas parecia improvável que o medo levasse todo mundo dessa maneira. Eles simplesmente não pareciam se importar mais. E gorgulhos prosperando no inverno, no frio congelante? Havia algo pior em So Habor do que espíritos andando, e todos os instintos lhe diziam para sair correndo, sem olhar para trás. Ele puramente desejou que ele pudesse.



## CAPÍTULO

### 27

---



### *O que Deve Ser Feito*

A peneiração ocorreu na margem leste nevada do rio, onde não havia nada para cortar o vento forte do norte. Homens e mulheres da cidade carregavam sacos pelas pontes em carroças de quatro cavalos e carroças de um cavalo, até carrinhos de mão empurrados à mão. Normalmente, os compradores traziam suas próprias carroças para os armazéns, ou, na pior das hipóteses, os grãos e os feijões secos só precisavam ser carregados até o cais, mas Perrin não tinha intenção de enviar seus carroceiros para So Habor. Ou qualquer outra pessoa, aliás. O que quer que estivesse errado naquela cidade poderia ser contagioso. De qualquer forma, os condutores estavam bastante inquietos, franzindo a testa para os habitantes sujos da cidade, pessoas que nunca falavam, mas riam nervosamente quando acidentalmente encontravam alguém com os olhos. Os mercadores carrancudos que supervisionavam o trabalho não eram melhores. Em Cairhien, a terra natal dos condutores, os comerciantes eram pessoas limpas e respeitáveis, pelo menos externamente, que raramente se contorciam apenas porque alguém se movia no canto de sua visão. Entre os mercadores com tendência a olhar desconfiados para qualquer um que não conhecessem e os habitantes da cidade que arrastavam os pés para cruzar as pontes, claramente relutantes em voltar para dentro de seus próprios muros, os condutores de carroça estavam no limite. Eles se reuniram em pequenos grupos, homens e mulheres pálidos e vestidos de preto, segurando os cabos de suas

facas de cinto e olhando para os moradores mais altos como se fossem loucos assassinos.

Perrin cavalgava devagar, observando a peneira, examinando a fileira de carroças que se estendiam pela elevação e fora de vista esperando para serem carregadas, ou as carroças e carroções e carrinhos de mão da cidade rolando pelas pontes. Ele se certificou de que estava à vista. Não sabia por que a visão dele fingindo estar despreocupado deveria acalmar os nervos de qualquer outra pessoa, mas parecia acalmar. O suficiente para que ninguém começasse a correr, pelo menos, embora continuassem a olhar de soslaio para o povo de So Habor. Eles também mantinham distância. Deixe a noção de que algumas daquelas pessoas podem não estar vivas entrar na cabeça dos cairhienos, e metade iria chicotear seus cavalos de carroça para fugir ali mesmo. A maior parte do resto podia não esperar muito depois do anoitecer. Esse tipo de história poderia torcer a cabeça de qualquer um à noite. O sol pálido, quase escondido pelas nuvens cinza, ainda estava a menos da metade do seu pico do meio-dia, mas cada vez mais era óbvio que eles teriam que estar lá durante a noite. Talvez mais de uma. Seu maxilar se contraiu com o esforço de não ranger os dentes, e até mesmo Neald começou a evitar sua carranca. Ele não brigou com ninguém. Só queria.

Foi um processo árduo, o peneiramento. Cada saco tinha que ser aberto e esvaziado em grandes cestos de vime, cada um dos quais levava duas pessoas para jogar o grão ou feijão. O vento frio levava os gorgulhos em uma chuva de manchas pretas, e homens e mulheres com leques trançados de duas mãos aumentavam as rajadas. Uma corrente rápida varria tudo o que foi soprado para o rio, mas logo a neve na margem do rio era pisoteada e a lama cinzenta coberta de insetos mortos ou morrendo de frio, e uma generosa camada de aveia e cevada salpicada de feijão vermelho. Sempre havia uma nova camada para substituir os pés esmagados na neve. O que restava nas cestas parecia mais limpo, porém, mas não inteiramente limpo, quando era despejado de volta nos sacos de juta grosseira, que haviam sido virados do avesso e batidos ferozmente com paus pelas crianças para sacudir os vermes. Os sacos

reabastecidos iam para as carroças dos cairhienos assim que as tampas eram amarradas, mas as pilhas de sacos vazios cresciam a um ritmo prodigioso.

Ele estava apoiado no pomo da sela de Stayer, tentando calcular se estava levando duas carroças inteiras dos armazéns para encher uma de suas carroças com grãos, quando Berelain trouxe sua égua branca para o lado dele, segurando seu manto escarlata contra a parede de vento com uma mão enluvada vermelha. Annoura freou a alguns passos de distância, seu rosto sem idade impassível e ilegível. A Aes Sedai parecia estar lhes dando privacidade, mas estava perto o suficiente para ouvir qualquer coisa acima de sussurros, mesmo sem nenhum truque do Poder. Rosto impassível ou não, seu nariz de bico lhe dava um olhar predatório hoje. Suas tranças de contas pareciam a crista abaixada de alguma águia estranha.

"Você não pode salvar a todos", disse Berelain calmamente. Longe do fedor da cidade, seu cheiro era afiado com urgência, e afiado com raiva. "Às vezes, você deve escolher. So Habor é o dever de Lord Cowlin. Ele não tinha o direito de abandonar seu povo." Não estava com raiva dele, então.

Perrin franziu a testa. Ela achava que ele se sentia culpado? Equilibrados com a vida de Faile, os problemas de So Habor não conseguiam mover as escamas nem um fio de cabelo. Mas ele virou o baio para olhar as muralhas cinzentas da cidade do outro lado do rio, não para as crianças de olhos fundos empilhando sacos vazios. Um homem fazia o que podia. O que tinha que fazer. "Annoura tem uma opinião sobre o que está acontecendo aqui?" ele rosnou. Silenciosamente, mas de alguma forma não tinha dúvidas de que a Aes Sedai ouviu.

"Tenho pouca ideia do que Annoura pensa", respondeu Berelain, sem fazer nenhum esforço para baixar a voz. Ela não só não se importava com quem ouvia, mas queria ser ouvida. "Ela não é tão aberta quanto antes. Como eu uma vez pensei que fosse. Cabe a ela consertar o que rasgou." Sem olhar para a Aes Sedai, ela se virou e foi embora.

Annoura ficou para trás, olhos sem piscar no rosto de Perrin. “Você é *ta’veren*, sim, mas ainda é apenas um fio no Padrão, assim como eu. Afinal, até o Dragão Renascido é apenas um fio a ser tecido no Padrão. Nem mesmo um fio de *ta’veren* escolhe como será tecido.”

“Esses fios são pessoas”, disse Perrin, cansado. “Às vezes, talvez as pessoas não queiram ser tecidas no Padrão sem dizer nada.”

“E você acha que isso faz diferença?” Sem esperar resposta, ela ergueu as rédeas e acompanhou sua égua marrom de belos tornozelos atrás de Berelain em um galope que abanou sua capa atrás dela.

Ela não era a única Aes Sedai que queria conversar com Perrin.

“Não,” ele disse a Seonid com firmeza depois de ouvi-la, dando um tapinha no pescoço de Stayer. Era o cavaleiro que queria calmante, no entanto. Ele queria ficar longe de So Habor. “Eu disse não, e quero dizer não.”

Ela sentou na sela rigidamente, uma pequena mulher pálida esculpida em gelo. Exceto que seus olhos eram carvões escuros queimando, e ela cheirava a fúria afrontada mal controlada. Seonid era suave como leite agulado com as Sábias, mas não era um Sábica. Atrás dela, o rosto escuro de Alharra era uma pedra, cinza riscando seu cabelo preto encaracolado como geada. O rosto de Wynter estava vermelho acima de seus bigodes encaracolados. Eles tinham que aceitar o que se passava entre sua Aes Sedai e as Sábicas, mas Perrin não era... O vento açoitou seus mantos de Guardiã, deixando suas mãos livres para espadas se necessário. Ondulando ao vento, as capas mudavam em tons de cinza e marrom, azul e branco. Era mais fácil para o estômago do que vê-las fazer desaparecer partes de um homem. Um pouco mais fácil.

“Se for preciso, enviarei Edarra para trazer você de volta”, avisou.

Seu rosto ficou frio, seus olhos quentes, mas um tremor a percorreu, balançando a pequena pedra branca pendurada em sua testa. Não por medo do que as Sábicas fariam com ela se ela tivesse que ser trazida de volta, apenas pela mesma ofensa em Perrin que fez o cheiro dela um espinho em forma de gancho. Ele estava se



acostumando a ofender as Aes Sedai. Não era um hábito que um homem sábio tivesse, mas parecia não haver saída.

"E você?" ele perguntou a Masuri. "Você quer ficar em So Habor também?"

A mulher magra era conhecida por falar direto ao ponto, direta como uma Verde, mesmo sendo Marrom, mas disse calmamente: "Você não mandaria Edarra atrás de mim também? Há muitas maneiras de servir, e nem sempre podemos escolher as maneiras que desejamos." O que, pensando bem, podia ser direto ao ponto, de certa forma. Ele ainda não tinha ideia de por que ela visitava Masema em segredo. Ela suspeitava que ele sabia? O rosto de Masuri era uma máscara suave. Kirklin tinha uma expressão entediada, agora eles estavam fora de So Habor. Ele conseguia parecer caído enquanto montava seu cavalo ereto, sem nenhuma preocupação no mundo ou um pensamento em sua cabeça. Um homem que acreditava nisso sobre Kirklin voltaria no dia seguinte para comprar um segundo porco em um leilão.

Os habitantes da cidade trabalhavam mecanicamente enquanto o sol subia mais alto, como pessoas que queriam se perder na tarefa e temiam o retorno das lembranças quando parassem. Perrin decidiu que So Habor o estava deixando fantasioso. Ainda assim, ele achava que estava certo. O ar além dos muros ainda parecia muito escuro, como se uma nuvem sombreada pairasse sobre a cidade.

Ao meio-dia, os condutores de carroça limpavam trechos de neve na encosta que se elevava do rio para fazer pequenas fogueiras e preparar chá fraco com folhas, preparando seu terceiro pote, ou talvez o quarto. Não havia chá para ser tomado na cidade. Alguns dos condutores olhavam para as pontes como se pensassem em entrar em So Habor e ver o que encontrariam para comer. Um olhar para as pessoas sujas de terra que trabalhavam nos cestos de peneirar os fez voltar para desenterrar seus saquinhos de mingau de aveia e bolota moída. Pelo menos eles sabiam que a mistura estava limpa. Alguns olhavam para os sacos já carregados nas carroças, mas o feijão precisava ficar de molho e o grão passar pelos grandes moinhos manuais que haviam sido deixados no acampamento, e isso era

depois que os cozinheiros pegassem tantos gorgulhos quanto pensavam os homens não tinham estômago para comer.

Perrin não tinha apetite, nem pelo pão mais limpo, mas estava bebendo o que se passava por chá em uma xícara de lata amassada quando Latian o encontrou. O cairhieno na verdade não veio até ele. Em vez disso, o homem baixo de casaco escuro listrado passou lentamente pela pequena fogueira onde Perrin estava, então freou com uma carranca um pouco ladeira acima. Desmontando, Latian ergueu o casco dianteiro de seu cavalo castrado e franziu o cenho. Claro, ele olhou duas vezes para ver se Perrin estava vindo.

Com um suspiro, Perrin devolveu a xícara amassada para a pequena mulher de quem ele a pegara emprestada, uma condutora de carroça grisalha que estendeu suas saias escuras em uma reverência. E sorriu e balançou a cabeça para Latian. Provavelmente, ela poderia se esgueirar dez vezes tão bem quanto o sujeito. Neald, agachado perto do fogo com as mãos em volta de outro copo de lata, riu tão alto que teve que enxugar uma lágrima do olho. Talvez ele estivesse começando a ficar louco. Luz, mas este lugar dava a um homem pensamentos alegres.

Latian se endireitou o suficiente para fazer uma medida para Perrin e dizer: "Eu vejo você, meu Senhor", então se abaixou para pegar a perna dianteira novamente como um tolo. Você não agarra as pernas de um cavalo dessa maneira, a menos que queira chutar. Mas então, Perrin não esperava nada além de tolices, na verdade. Primeiro foi Latian brincando de ser Aiel, com seu cabelo na altura dos ombros amarrado em um rabo na nuca em fraca imitação de como os Aiel cortavam os deles, e agora o homem estava brincando de ser um espião. Perrin descansou a mão no pescoço do capão para acalmar o animal depois de todo aquele arrebatamento e colocou um olhar interessado em seu rosto enquanto olhava para um casco que não tinha absolutamente nada de errado. Exceto por um corte na ferradura onde o ferro podia quebrar em poucos dias se não for substituído. Suas mãos coçavam pelas ferramentas do ferrador. Fazia anos que não trocava as ferraduras de um cavalo ou trabalhava em uma forja.

"Mestre Balwer manda um recado, meu senhor", disse Latian suavemente, de cabeça baixa. "Seu amigo está viajando para vender suas mercadorias, mas deve voltar amanhã ou no dia seguinte. Ele disse para perguntar se estaria tudo bem se nós alcançássemos você então." Espiando sob a barriga do cavalo para os peneiradores à beira do rio, ele acrescentou: "Embora dificilmente pareça que você sairá antes."

Perrin fez uma careta para a peneira. Ele fez uma careta para a fila de carroças esperando sua vez de serem carregadas, para a meia dúzia ou mais que já tinham suas capas de lona amarradas. Uma delas segurava o primeiro couro para remendar botas e velas e coisas do tipo. Sem óleo, no entanto. O óleo de lâmpada em So Habor cheirava tão rançoso quanto o óleo de cozinha. E se Gaul e as Donzelas trouxessem notícias de Faile? Um avistamento real, talvez? Ele daria qualquer coisa para falar com alguém que a tivesse visto, que pudesse lhe dizer que ela estava ilesa. E se os Shaido comesçassem a se mover de repente? "Diga a Balwer para não esperar muito", ele rosnou. "Quanto a mim, estarei fora dentro de uma hora."

Ele era tão bom quanto sua palavra. A maioria das carroças e condutores teve que ser deixada para trás para fazer a jornada de um dia de volta ao acampamento por conta própria, e Kireyin e seus soldados de capacete verde para guardá-los, com ordens de que ninguém cruzasse as pontes. De olhos frios, parecendo completamente recuperado de seu colapso, o ghealdano assegurou-lhe que estava em forma e pronto. Muito provavelmente, com ordens ou não, ele voltaria a So Habor apenas para se convencer de que não estava com medo. Perrin não perdeu tempo tentando dissuadi-lo. Por um lado, Seonid tinha que ser encontrada. Ela não estava exatamente se escondendo, mas soubera de sua partida e, deixando seus Guardiões segurarem seu cavalo bem abertamente, ela se esquivou a pé tentando manter as carroças entre ela e ele. A pálida Aes Sedai não conseguia esconder seu cheiro, ou se podia, não sabia que era necessário. Ela ficou surpresa quando ele a localizou rapidamente, e indignada quando ele a conduziu até seu cavalo na frente de Stayer.

Mesmo assim, ele estava a menos de uma hora cavalgando para longe de So Habor, com os Guardas Alados fazendo seu anel de armadura vermelha em torno de Berelain, os homens de Dois Rios cercando as oito carroças carregadas que rodavam atrás das três bandeiras restantes, e Neald sorrindo por tudo o que ele valia. Sem falar na tentativa de conversar com a Aes Sedai. Perrin não sabia o que fazer se o sujeito realmente estivesse ficando louco. Assim que a elevação escondeu So Habor atrás deles, ele sentiu o afrouxamento de um nó que não percebera estar cavalgando entre seus ombros. Isso deixou apenas dez outros, e um nó de impaciência torcendo sua barriga. A simpatia óbvia de Berelain não conseguiu afrouxar isso.

O portal de Neald os levou do campo coberto de neve até a pequena clareira do campo de Viagem entre as árvores altas, vinte quilômetros com apenas um passo, mas Perrin não esperou que o punhado de carroças passasse. Ele pensou ter ouvido Berelain fazer um som aborrecido quando instigou Stayer a um trote rápido, de volta ao acampamento. Ou talvez fosse uma das Aes Sedai. Muito mais provável.

Havia uma sensação de quietude quando ele cavalgava entre as barracas e cabanas dos homens de Dois Rios. O sol ainda não estava muito longe no céu cinzento, mas não havia panelas no fogo e pouquíssimos homens se reuniam ao redor das fogueiras, segurando suas capas e olhando atentamente para as chamas. Um punhado estava sentado nos bancos toscos que Ban Crowe sabia fazer; o resto ficava de pé ou agachado. Ninguém sequer olhou para cima. Certamente ninguém veio correndo para pegar seu cavalo. Não era quietude, ele percebeu. Tensão. O cheiro de alguma forma o lembrou de um arco puxado a ponto de quebrar. Ele quase podia ouvir o rangido.

Ao desmontar na frente da tenda listrada de vermelho, Dannil apareceu da direção das tendas baixas dos Aiel, andando rápido. Sulin e Edarra, uma das Sábias, o seguiam, e o acompanhavam com facilidade, embora nenhum dos dois parecesse se apressar. O rosto de Sulin era uma máscara enrugada escuro como o sol. O de Edarra, mal revelado pelo xale escuro enrolado na cabeça, era uma imagem

de calma. Apesar de suas saias volumosas, ela fez tão pouco som quanto a Donzela de cabelos brancos, nem mesmo um leve tilintar de suas pulseiras e colares de ouro e marfim. Dannil estava mastigando a ponta de um bigode grosso, distraidamente puxando sua espada uma polegada para fora de sua bainha de couro áspero e empurrando-a para trás com força. Puxando e empurrando. Ele respirou fundo antes de falar.

“As Donzelas trouxeram cinco Shaido, Lorde Perrin. Arganda os levou para as tendas ghealdanas para interrogá-los. Masema está com eles.”

Perrin ignorou a presença de Masema dentro do acampamento. “Por que você deixou Arganda levá-los?” perguntou a Edarra. Dannil não poderia ter impedido, mas as Sábias eram uma proposta diferente.

Edarra não parecia muito mais velha que Perrin, mas seus frios olhos azuis pareciam ter visto muito mais do que ele jamais veria. Ela cruzou os braços sob os seios em um chacoalhar de pulseiras. E com um toque de impaciência. “Até os Shaido sabem como abraçar a dor, Perrin Aybara. Levará dias para fazer qualquer um deles conversar, e parecia não haver razão para esperar.”

Se os olhos de Edarra eram frios, os de Sulin eram gelo azul. “Minhas irmãs de lança e eu poderíamos ter feito isso mais rápido, um pouco, mas Dannil Lewin disse que você não queria golpes. Gerard Arganda é um homem impaciente e desconfia de nós.” Ela soou como se tivesse cuspidido se não fosse Aiel. “Você pode não descobrir muito, em qualquer caso. São Cães de Pedra. Eles vão ceder lentamente, e o mínimo possível. Nisso, é sempre necessário juntar um pouco de um com um pouco de outro para fazer um quadro geral.”

Abracar a dor. Tinha que haver dor, quando você coloca um homem em interrogatório. Ele não tinha deixado esse pensamento se formar em sua cabeça antes disso. Mas para ter Faile de volta...

“Peça para alguém esfregar Stayer”, disse ele rudemente, empurrando as rédeas para Dannil.

A parte ghealdana do acampamento não poderia ser mais diferente dos rudes abrigos e barracas dispostas ao acaso dos homens de Dois

Rios. Aqui, as tendas de lona pontiagudas estavam em fileiras precisas, a maioria com um cone de lanças com ponta de aço nas abas de entrada e cavalos selados amarrados ao lado, prontos para montar. O balançar das caudas dos cavalos e as longas flâmulas nas lanças, levantando-se com uma brisa fria, eram as únicas coisas desordenadas que se viam. Os caminhos entre as tendas eram todos da mesma largura, e uma linha reta poderia ter sido traçada através das fileiras de fogueiras. Até os vincos na lona, de onde as barracas haviam sido dobradas no fundo dos carrinhos até a neve chegar, formavam linhas retas. Tudo ordenado e arrumado.

Um cheiro de mingau de aveia e bolota cozida pairava no ar, e alguns homens vestidos de verde estavam raspando o resto da refeição do meio-dia de seus pratos de lata com os dedos. Outros já estavam vasculhando as panelas. Nenhum mostrou qualquer sinal de tensão. Eles estavam apenas comendo e fazendo tarefas domésticas, com quase o mesmo prazer. Era algo que tinha que ser feito.

Um grande grupo de homens estava reunido em um círculo perto das estacas afiadas que marcavam a borda externa do acampamento. Não mais da metade usava os casacos verdes e as couraças polidas dos lanceiros ghealdanos. Alguns dos outros carregavam lanças ou espadas amarradas sobre seus casacos amarrotados. Essas iam de seda fina ou boa lã até as sobras de um saco de trapos, mas nenhuma podia ser chamada de limpa, exceto em comparação com So Habor. Você sempre pode saber quais são os homens de Masema, mesmo de costas.

Outro cheiro veio até ele quando se aproximou do círculo de homens. O cheiro de carne assando. E havia um som abafado que ele tentou não ouvir. Quando começou a abrir caminho, os soldados olharam para ele e cederam a contragosto. Os homens de Masema recuaram, resmungando sobre olhos amarelos e Crias das Trevas. De qualquer forma, ele ganhou passagem para a frente.

Quatro homens altos, ruivos ou pálidos no *cadin'sor* cinza e marrom, jaziam amarrados com os pulsos amarrados aos tornozelos na base das costas e grossos pedaços de galho amarrados atrás dos joelhos e cotovelos. Seus rostos estavam machucados e feridos, e

eles tinham trapos amarrados entre os dentes. O quinto homem estava nu, enfiado entre quatro estacas robustas fincadas no chão e esticadas com tanta força que seus tendões se destacavam. Ele se debatia tanto quanto suas amarras permitiam, porém, e uivava nos trapos que enchiam sua boca, um grito abafado de agonia. Carvões em brasa formavam um pequeno aglomerado em sua barriga, emitindo uma leve fumaça. Foi o cheiro de carne empolando que o nariz de Perrin captou. Os carvões grudavam na pele do homem esticado, e cada vez que sua contorção conseguia jogar um fora, um sujeito sorridente em um imundo casaco de seda verde, agachado ao lado dele, usava uma pinça para substituí-lo por outro de um pote derretendo um círculo de lama no solo. Perrin o conhecia. Seu nome era Hari, e ele gostava de colecionar orelhas amarradas em um cordão de couro. Orelhas masculinas, orelhas femininas, orelhas infantis; nunca importava para Hari.

Sem pensar, Perrin avançou e chutou a pequena pilha de brasas do homem amarrado. Algumas delas atingiram Hari, que pulou para trás com um grito assustado que se transformou em um grito agudo quando sua mão caiu no pote. Ele tombou de lado, segurando a mão queimada e encarando Perrin, uma doninha em pele humana.

“Os selvagens fazem uma farsa, Aybara”, disse Masema. Perrin nem tinha notado o homem parado ali, o rosto como uma pedra carrancuda sob o couro cabeludo raspado. Seus olhos escuros e febris continham uma medida de desprezo. O cheiro de loucura deslizou através do fedor de carne queimada. “Eu os conheço. Eles fingem sentir dor, mas não sentem; não do jeito que outros homens sentem. Você deve estar disposto e capaz de ferir uma pedra para fazer um deles falar.”

Arganda, rígido ao lado de Masema, segurava o punho da espada com tanta força que sua mão tremia. “Talvez você esteja disposto a perder sua esposa, Aybara,” ele ralhava, “mas eu não vou perder minha rainha!”

“Isso tem que ser feito”, disse Aram, meio suplicante, meio exigente. Ele estava do outro lado de Masema, segurando as pontas do manto verde como se quisesse manter as mãos longe da espada

nas costas. Seus olhos estavam quase tão quentes quanto os de Masema. “Você me ensinou que um homem faz o que deve.”

Perrin forçou os punhos a desatar. O que deve ser feito, por Faile.

Berelain e as Aes Sedai vieram empurrando a multidão, Berelain franzindo levemente o nariz ao ver o homem esticado entre os pinos. As três Aes Sedai poderiam estar olhando para um pedaço de madeira por toda a sua expressão. Edarra e Sulin estavam com elas, nenhum dos dois mais afetados. Alguns dos soldados ghealdanos franziram a testa para as duas mulheres Aiel e murmuraram baixinho. Os homens enrugados e de rosto sujo de Masema olharam para Aiel e Aes Sedai igualmente, mas a maioria se afastou dos três Guardiões, e aqueles que não se afastaram foram afastados por seus companheiros. Alguns tolos conheciam os limites da estupidez. Masema encarou Berelain com os olhos ardentes antes de decidir fingir que ela não existia. Alguns tolos não conheciam limites.

Curvando-se, Perrin desamarrou o pano em volta da boca do homem preso e puxou o maço de entre os dentes. Ele só conseguiu puxar sua mão de volta antes de um estalo de dentes tão cruel quanto qualquer um que Stayer poderia ter dado.

Imediatamente, o Homem Aiel jogou a cabeça para trás e começou a cantar com voz profunda e clara:

*“Lave as lanças; enquanto o sol sobe alto.  
Lave as lanças; enquanto o sol se põe.  
Lave as lanças; quem tem medo de morrer?  
Lave as lanças; ninguém que eu conheça!”*

A risada de Masema aumentou no meio da cantoria. Os pelos de Perrin também se ergueram. Ele nunca tinha ouvido Masema rir antes. Não era um som agradável.

Ele não queria perder um dedo, então tirou o machado do cinto e usou cuidadosamente o topo da cabeça do machado contra o queixo do homem para fechar a boca. Olhos da cor do céu olhavam para ele de um rosto escuro pelo sol, sem medo. O homem sorriu.



“Eu não peço que você traia seu povo”, disse Perrin. Sua garganta doía com o esforço de manter a voz firme. “Vocês Shaido capturaram algumas mulheres. Tudo o que eu quero saber é como recuperá-las. Uma é chamada Faile. Ela é tão alta quanto uma de suas mulheres, com olhos escuros e inclinados, nariz forte e boca ousada. Uma mulher bonita. Você se lembraria dela, se a tivesse visto. Você viu?” Puxando o machado, ele se endireitou.

O Shaido o encarou por um momento, depois levantou a cabeça e começou a cantar novamente, sem tirar os olhos de Perrin. Era uma música alegre, com o som jovial de uma dança.

*“Uma vez conheci um homem que estava longe de casa.*

*Seus olhos eram amarelos e sua inteligência era de pedra. Ele me pediu para segurar a fumaça na mão e disse que poderia me mostrar uma terra aquática. Ele colocou a cabeça no chão e os pés no ar, e disse que podia dançar como uma mulher bonita. Ele disse que aguentaria até virar pedra.*

*Quando eu pisquei meus olhos, ele tinha ido embora.”*

Deixando a cabeça cair para trás, o Shaido riu, profunda e ricamente. Ele poderia estar descansando à vontade em uma cama de penas.

“Se... Se você não pode fazer isso,” Aram disse desesperadamente, “então vá embora. Eu ajudo a cuidar disso.”

O que deve ser feito. Perrin olhou para os rostos ao seu redor. Arganda, carrancuda de ódio, para ele tanto quanto para o Shaido agora. Masema, fedendo a loucura e cheio de um ódio desdenhoso. Você deve estar disposto e capaz de ferir uma pedra. Edarra, seu rosto tão ilegível quanto o da Aes Sedai, braços cruzados calmamente sob os seios. Até Shaido sabem abraçar a dor. Vai demorar dias. Sulin, a cicatriz em sua bochecha ainda pálida em sua

pele enrugada, seu olhar nivelado e seu cheiro implacável. Eles vão ceder lentamente e o mínimo possível. Berelain, cheirando a julgamento, uma governante que condenou homens à morte e nunca perdeu uma noite de sono. O que deve ser feito. Disposto e capaz de ferir uma pedra. Abraçar a dor. Ah, Luz, Faile.

O machado era leve como uma pena subindo em sua mão, e desceu como um martelo na bigorna, a lâmina pesada cortando o pulso esquerdo do Shaido.

O homem grunhiu de dor, então empinou convulsivamente com um rosnado, deliberadamente borrifando o sangue que escorria de seu pulso no rosto de Perrin.

"Cure-o", disse Perrin à Aes Sedai, dando um passo para trás. Ele não tentou limpar o rosto. O sangue estava pingando em sua barba. Ele se sentia oco. Não poderia ter levantado o machado de novo se fosse preciso por sua vida.

"Você está louco?" Masuri disse com raiva. "Não podemos devolver a mão ao homem!"

"Eu disse, Cure-o!" ele rosnou.

Seonid já estava se movendo, porém, levantando as saias para deslizar pelo chão e se ajoelhar na cabeça do homem. Ele estava mordendo o pulso decepado, tentando inutilmente estancar o fluxo de sangue com a pressão de seus dentes. Mas não havia medo em seus olhos. Ou em seu cheiro. Nenhum.

Seonid agarrou a cabeça do Shaido, e de repente ele convulsionou novamente, jogando seu braço para fora descontroladamente. O jato de sangue diminuiu quando ele se sacudiu, e desapareceu antes que ele caísse de volta ao chão, com o rosto cinza. Instavelmente, ele ergueu o cotoco do braço esquerdo para olhar a pele lisa que agora cobria a ponta. Se havia uma cicatriz, Perrin não podia ver. O homem mostrou os dentes para ele. Ele ainda não cheirava a medo. Seonid também caiu, como se tivesse se esforçado ao máximo. Alharra e Wynter deram um passo à frente, e ela acenou para que se afastassem, levantando-se sozinha com um suspiro pesado.

"Disseram-me que vocês podem aguentar por dias e ainda dizer quase nada", disse Perrin. Sua voz soou muito alta em seus ouvidos.

“Eu não tenho tempo para vocês mostrarem o quão duros vocês são, ou o quão corajosos. Eu sei que vocês são corajosos e fortes. Mas minha esposa é prisioneira há muito tempo. Vocês serão separados e questionados sobre algumas mulheres. Se vocês as viram e onde. Isso é tudo que eu quero saber. Não haverá brasas ou qualquer outra coisa; apenas perguntas. Mas se alguém se recusar a responder, ou se suas respostas forem muito diferentes, todos perdem alguma coisa.” Ele ficou surpreso ao descobrir que poderia levantar o machado depois de tudo. A lâmina estava manchada de vermelho.

"Duas mãos e dois pés", disse ele friamente. Luz, ele parecia gelo. Ele se sentia como gelo em seus ossos. “Isso significa que vocês têm quatro chances de responder a mesma coisa. E se todos vocês resistirem, eu ainda não vou matar vocês. Encontrarei uma aldeia para deixá-los, algum lugar que os deixarão implorar, em algum lugar que os meninos jogarão uma moeda para os ferozes Homens Aiel sem mãos nem pés. Vocês pensem sobre isso e decidam se vale a pena manter minha esposa longe de mim.”

Até Masema olhava para ele como se nunca tivesse visto o homem parado ali com um machado. Quando ele se virou para sair, os homens de Masema e os ghealdanos se separaram na frente dele como se quisessem deixar passar um grupo inteiro de Trollocs.

Encontrou a cerca de estacas afiadas à sua frente, e a floresta uns cem passos adiante, mas não mudou de direção. Carregando o machado, ele caminhou até que enormes árvores o cercaram e o cheiro do acampamento ficou para trás. O cheiro de sangue que ele carregava com ele, afiado e metálico. Não havia como fugir disso.

Ele não saberia dizer quanto tempo andou pela neve. Mal notou a inclinação afiada das barras de luz que cortavam as sombras sob o dossel da floresta. O sangue era grosso em seu rosto, em sua barba. Começando a secar. Quantas vezes ele disse que faria qualquer coisa para ter Faile de volta? Um homem faz o que tem que fazer. Por Faile, qualquer coisa.

Abruptamente, ele ergueu o machado atrás da cabeça com as duas mãos e o arremessou o mais forte que pôde. Ele girou de ponta a ponta e bateu no tronco grosso de um carvalho com um *baque* sólido.

Soltando um suspiro que parecia preso em seus pulmões, ele afundou em um afloramento de pedra áspero que se erguia tão alto e largo quanto um banco, e colocou os cotovelos nos joelhos. “Você pode se mostrar agora, Elyas,” ele disse cansado. “Posso sentir seu cheiro aí.”

O outro homem saiu levemente das sombras, os olhos amarelos brilhando fracamente sob a aba larga de seu chapéu. Os Aiel eram barulhentos, comparados a ele. Ajustando sua longa faca, ele se sentou ao lado de Perrin no afloramento, mas por um tempo ele apenas ficou ali, penteando os dedos pela barba grisalha que se espalhava sobre seu peito. Ele acenou para o machado preso na lateral do carvalho. “Eu lhe disse uma vez para guardar isso até que gostasse de usá-lo demais. Você começou a gostar? Lá atrás?”

Perrin balançou a cabeça com força. “Não! Isso não! Mas...”

“Mas o que, garoto? Acho que você quase deixou Masema com medo. Só que você também cheira a medo.”

“Já estava na hora de ele estar com medo de alguma coisa,” Perrin murmurou, encolhendo os ombros desconfortavelmente. Algumas coisas eram difíceis de dar voz. Talvez fosse a hora, no entanto. “O machado. Eu não percebi da primeira vez; apenas olhando para trás. Essa foi a noite em que conheci Gaul, e os Mantos Brancos tentaram nos matar. Mais tarde, lutando contra Trollocs em Dois Rios, eu não tinha certeza. Mas aí, em Poços de Dumai, eu fui. Estou com medo de uma batalha, Elyas, com medo e triste, porque talvez nunca mais veja Faile.” Seu coração apertou até o peito doer. Faile. “Só... que eu ouvi o Grady e o Neald falarem como é, segurar o Poder Único. Dizem que se sentem mais vivos. Estou com muito medo de cuspir, em uma batalha, mas me sinto mais vivo do que em qualquer outro momento, exceto quando estou segurando Faile. Eu não acho que poderia suportar se eu chegasse a me sentir assim sobre o que acabei de fazer lá atrás. Não acho que Faile me aceitaria de volta se eu chegasse a isso.”

Elyas bufou. “Eu não acho que você tem isso em você, garoto. Ouça, o perigo toma homens diferentes de maneiras diferentes. Alguns são frios como um relógio, mas você nunca me pareceu do

tipo frio. Quando seu coração começa a bater, ele aquece seu sangue. É lógico que também aumenta seus sentidos. Conscientiza você. Talvez você morra em alguns minutos, talvez em um piscar de olhos, mas você não está morto agora, e sabe disso dos dentes às unhas dos pés. Do jeito que as coisas são. Não quer dizer que você goste.”

“Eu gostaria de acreditar nisso”, disse Perrin simplesmente.

“Viva tanto quanto eu”, respondeu Elyas com voz seca, “e você acreditará. Até lá, apenas acredite que eu vivi mais tempo do que você, e eu estive lá antes de você.”

Os dois ficaram sentados olhando para o machado. Perrin queria acreditar. O sangue em seu machado parecia preto agora. O sangue nunca pareceu tão preto antes. Há quanto tempo? Do ângulo da luz vasculhando as árvores, o sol estava se pondo.

Seus ouvidos captaram o ruído dos cascos na neve, vindo lentamente em sua direção. Minutos depois, Neald e Aram apareceram, o ex-Latoeiro apontando rastros e o Asha'man balançando a cabeça impaciente. Era uma trilha clara, mas, na verdade, Perrin não apostaria que Neald seria capaz de segui-la. Ele era um homem da cidade.

“Arganda achou que devíamos esperar até que seu sangue esfriasse”, disse Neald, apoiando-se na sela e estudando Perrin. “Eu acho que não pode ficar mais frio.” Ele assentiu, um toque de satisfação ao redor de sua boca. Estava acostumado a que as pessoas tivessem medo dele, por causa de seu casaco preto e do que ele representava.

“Eles conversaram”, disse Aram, “e todos deram as mesmas respostas”. Sua carranca dizia que não gostava das respostas. “Acho que a ameaça de deixá-los mendigar os assustou mais do que seu machado. Mas eles dizem que nunca viram Lady Faile. Ou qualquer uma das outras. Poderíamos tentar as brasas novamente. Eles podem se lembrar então.” Ele parecia ansioso? Para encontrar Faile, ou usar as brasas?

Elyas fez uma careta. “Eles só vão te devolver as respostas que você já deu a eles agora. Dizer o que você quer ouvir. Era uma

pequena chance, de qualquer maneira. Há milhares de Shaido e milhares de prisioneiros. Um homem poderia viver toda a sua vida entre tantas pessoas e nunca encontrar mais do que algumas centenas para se lembrar.”

“Então temos que matá-los”, disse Aram sombriamente. “Sulin disse que as Donzelas faziam questão de pegá-los quando não tinham armas, para que pudessem ser interrogados. Eles não vão apenas se estabelecer como *gai'shain*. Se pelo menos um escapar, pode avisar os Shaido que estamos aqui. Então eles virão atrás de nós.”

As juntas de Perrin pareciam enferrujadas, doendo quando ele se levantou. Ele não podia simplesmente deixar os Shaido irem. “Eles podem ser guardados, Aram.” A pressa quase o perdera completamente, Faile, e ele se apressara novamente. Apressado. Uma palavra tão suave para cortar a mão de um homem. E sem propósito. Ele sempre tentou pensar com cuidado e se mover com cuidado. Tinha que pensar agora, mas cada pensamento doía. Faile estava perdida em um mar de prisioneiros vestidos de branco. “Talvez outros *gai'shain* saibam onde ela está,” ele murmurou, voltando-se para o acampamento. Mas como colocar as mãos em qualquer um dos *gai'shain* dos Shaido? Eles nunca eram autorizados a sair do acampamento, exceto sob guarda.

“E isso, garoto?” perguntou Elyas.

Perrin sabia o que ele queria dizer sem olhar. O machado. “Deixe para quem o encontrar.” Sua voz ficou áspera. “Talvez algum menestrel tolo faça disso uma história.” Ele caminhou em direção ao acampamento, sem olhar para trás. Com seu laço vazio, o cinto grosso em volta da cintura era leve demais. Tudo sem propósito.

Três dias depois, as carroças voltaram de So Habor, pesadas, e Balwer entrou na tenda de Perrin com um homem alto e barbado, vestindo um casaco de lã sujo e uma espada que parecia muito mais bem cuidada. A princípio, Perrin não o reconheceu por trás de um mês de barba não aparada. Então sentiu o cheiro do homem.

“Eu nunca esperei ver você de novo”, disse ele. Balwer piscou, tanto quanto um suspiro de susto de qualquer outra pessoa. Sem

dúvida, o homenzinho parecido com um pássaro estava ansioso para apresentar uma surpresa.

“Eu estive procurando por... por Maighdin,” Tallanvor disse rudemente, “mas os Shaido se moveram mais rápido do que eu podia. Mestre Balwer disse que você sabe onde ela está.”

Balwer deu ao jovem um olhar penetrante, mas sua voz permaneceu tão seca e sem emoção quanto seu cheiro. “Mestre Tallanvor chegou a So Habor pouco antes de eu partir, meu Senhor. Foi o mero acaso que eu me encontrei com ele. Mas talvez uma sorte afortunada. Ele pode ter alguns aliados para você. Vou deixá-lo contar.”

Tallanvor franziu a testa para suas botas e não disse nada.

“Aliados?” Perrin pediu. “Nada menos que um exército será de muita utilidade, mas aceitarei qualquer ajuda que você possa trazer.”

Tallanvor olhou para Balwer, que devolveu uma meia reverência e um sorriso brandamente encorajador. O homem barbado respirou fundo. “Quinze mil Seanchan, perto o suficiente. A maioria são taraboneanos, na verdade, mas eles andam sob bandeiras Seanchan. E... E eles têm pelo menos uma dúzia de *damane*.” Sua voz acelerou com urgência, uma necessidade de terminar antes que Perrin pudesse interrompê-lo. “Eu sei que é como receber ajuda do Tenebroso, mas eles também estão caçando os Shaido, e eu aceitaria a ajuda do Tenebroso para libertar Maighdin.”

Por um momento, Perrin olhou para os dois homens, Tallanvor manuseando nervosamente o punho da espada, Balwer como um pardal esperando para ver para que lado um grilo pularia. Seanchan. E *damane*. Sim, seria como aceitar a ajuda do Tenebroso. “Sente-se e me fale sobre esses Seanchan”, disse ele.



## CAPÍTULO

### 28

---



### *Um Aglomerado de Botões de Rosa*

Desde o dia em que deixaram Ebou Dar, viajar com o Grande Espetáculo Itinerante de Valan Luca e a Magnífica Exibição de Maravilhas e Encantos foi tão ruim quanto os pensamentos mais sombrios de Mat. Por um lado, choveu quase todos os dias por algumas horas e uma vez por três dias seguidos, chuva fria de inverno em aguaceiros que eram pouco menos que neve e garoas geladas que lentamente encharcavam um casaco e deixavam você tremendo antes que você percebesse. A água escorria da estrada compactada como se tivesse sido pavimentada com pedra, deixando, na pior das hipóteses, uma fina camada de lama, mas aquela longa fila de carroças, cavalos e pessoas cobria pouco terreno quando o sol brilhava. No início, o povo do espetáculo tinha a ânsia de deixar a cidade onde os relâmpagos afundaram navios durante a noite e estranhos assassinatos faziam todos olharem por cima dos ombros, para ficar longe de um nobre Seanchan ciumento que caçaria furiosamente sua esposa e poderia descontar sua raiva em qualquer um associado a tirá-la de suas garras. No início, eles avançaram tão rápido quanto os cavalos podiam puxar as carroças, incitando os animais a dar um passo mais rápido, mais um quilômetro. Mas cada quilômetro parecia fazê-los se sentirem muito mais longe do perigo, muito mais seguros, e na primeira tarde...

“Temos que cuidar dos cavalos”, explicou Luca, vendo o par ser desatrelado de sua carroça ridiculamente pintada e ser levada para as fileiras cavalos através de uma garoa leve. O sol ainda estava a



pouco mais de metade do horizonte, mas gavinhas cinzentas já estavam subindo dos buracos de fumaça das tendas e das chaminés de metal das carroças vivas em forma de caixa. “Ninguém está nos perseguindo, e é um longo caminho até Lugard. Bons cavalos são difíceis de encontrar e caros.” Luca franziu o cenho e balançou a cabeça. A menção às despesas sempre o azedava. Ele estava apertado com um centavo, exceto no que dizia respeito à sua esposa. “Não há muitos lugares entre aqui e lá que valem a pena parar mais de um dia. A maioria das aldeias não fornecerá uma multidão completa, mesmo que toda a população apareça, e você nunca pode dizer como uma cidade será até que você monte tudo. Você não está me pagando o suficiente para eu desistir do que posso ganhar, no entanto.” Prendendo a capa carmesim bordada contra a umidade, ele olhou por cima do ombro em direção à carroça. O cheiro de algo amargo flutuava pela chuva leve. Mat não tinha certeza se gostaria de comer qualquer coisa que a esposa de Luca cozinhasse. “Você tem certeza de que ninguém está nos perseguindo, certo, Cauthon?”

Abaixando o gorro de lã, irritado, Mat afastou-se pela multidão de barracas e carroças de cores vivas, rangendo os dentes. Não estava pagando o suficiente? Pelo que havia oferecido, Luca deveria estar disposto a *carregar* seus animais até Lugard. Bem, não exatamente carregar — ele não queria matar cavalos, afinal —, mas aquele papagaio inchado deveria estar malditamente disposto a empurrá-los com força.

Não muito longe da carroça de Luca, Chel Vanin estava sentado em um banquinho de três pernas que ele sobrepôs, mexendo algum tipo de ensopado escuro em uma pequena chaleira que pairava sobre uma pequena fogueira. A chuva pingava na chaleira da aba caída de seu chapéu, mas o homem gordo não pareceu notar ou se importar. Gorderan e Fergin, dois dos Braço Vermelhos, resmungavam xingamentos enquanto enfiavam estacas no chão lamacento para pegar as cordas da barraca de lona marrom suja que dividiam com Harnan e Metwyn. E com Vanin também, mas Vanin possuía habilidades que ele considerava colocá-lo acima de armar barracas, e os Braço Vermelhos concordaram com apenas um pouco de

relutância. Vanin era um ferrador experiente, mas mais importante, ele era o melhor rastreador e o melhor ladrão de cavalos do país, por mais improvável que isso parecesse para ele, e você poderia nomear o país que escolhesse.

Fergin avistou Mat e soltou um palavrão quando seu martelo errou a estaca da barraca e atingiu seu polegar. Largando o martelo, ele enfiou o polegar na boca e se agachou reclamando estridentemente ao redor dele. "Nós vamos ficar a noite toda vigiando aquelas mulheres, meu Senhor. Você não pode contratar alguns daqueles adestradores de cavalos para fazer isso para que possamos pelo menos ficar secos até termos que nos molhar?"

Gorderan cutucou o ombro de Fergin com um dedo grosso. Ele era tão largo quanto Fergin era magro, e um tairen apesar de seus olhos cinzas. "Os tratadores de cavalos vão montar a barraca e roubar tudo o que estiver solto nela, Fergin." Outra cutucada. "Você quer um daqueles dedos leves andando com minha besta, ou minha sela? Essa é uma boa sela." Um terceiro cutucão quase empurrou Fergin para o lado. "Se nós não montarmos esta barraca, Harnan vai nos manter de guarda a noite toda."

Fergin franziu o cenho e resmungou, mas pegou o martelo, limpando a lama do casaco. Ele era um soldado bom o suficiente, mas não muito inteligente.

Vanin cuspiu pela fresta entre os dentes, quase acertando a chaleira. O ensopado tinha um cheiro maravilhoso depois do que Latelle estava fazendo, mas Mat decidiu que também não ia comer aqui. Batendo com a colher de pau na borda da chaleira para limpá-la, o gordo olhou para Mat com as pálpebras pesadas. Seu rosto redondo muitas vezes parecia meio adormecido, mas só um tolo acreditaria nisso. "Nesse ritmo, chegaremos a Lugard no final do verão. Se alguma vez chegarmos."

"Nós vamos, Vanin", disse Mat, mais confiante do que se sentia no momento. O casaco de lã áspero que ele havia vestido algumas horas atrás só fazia chover em alguns pontos, e a água escorria por suas costas. Era difícil se sentir confiante com a chuva gelada descendo pela sua espinha dorsal. "O inverno está quase acabando. Vamos nos

mover mais rápido quando a primavera chegar. Você vai ver. Chegando o meio da primavera, estaremos em Lugard.”

Ele também não tinha tanta certeza disso. Não percorreram mais de dez quilômetros naquele primeiro dia, e depois disso, doze eram um bom dia. Poucos lugares poderiam ser chamados de cidades ao longo da Grande Estrada Norte, um nome que começou a mudar muito rapidamente à medida que o espetáculo se arrastava para o norte. As pessoas a chamavam de “Estrada de Ebou Dar”, ou “Estrada da Passagem”, ou às vezes apenas “a estrada”, como se houvesse apenas uma. Mas Luca parava em cada uma das cidades, verdadeiras ou assim chamadas, vilarejos murados ou saltados com seis ruas e uma coisa rústica chamada de praça da cidade. Quase meio dia levava para montar o espetáculo e a parede de lona erguida em torno dele com aquela enorme faixa azul com letras vermelhas pendurada na entrada. Grande Espetáculo Itinerante de Valan Luca. Não fazia parte de Luca deixar passar a chance de ter uma multidão. Ou as moedas em suas bolsas. Ou a chance de florescer um de seus mantos vermelhos brilhantes e deleitar-se com sua adulação. Luca gostava disso quase tanto quanto do dinheiro. Quase.

A estranheza dos artistas e os animais enjaulados de terras distantes eram suficientes para atrair as pessoas. Os animais de não tão longe eram suficientes; poucos tinham ido suficientemente longe no campo para ver um urso, muito menos um leão. Apenas a chuva forte diminuía a multidão, e quando a chuva estava muito forte, os malabaristas e acrobatas se recusavam a se apresentar de qualquer maneira sem algum tipo de cobertura. O que fazia Luca espreitar mal-humorado e falar loucamente sobre encontrar metros de lona suficientes para abrigar cada ato, ou ter uma barraca grande o suficiente para conter todo o espetáculo. Uma barraca! O homem não era nada além de grandioso em suas ambições. Por que não um palácio sobre rodas enquanto ele pensava nisso?

Se Luca e a maneira lenta como o espetáculo se movia fossem tudo com que Mat precisasse se preocupar, ele teria sido um homem feliz. Às vezes, dois ou três comboios lentos de colonos Seanchan que haviam começado cedo passavam com suas carroças de formato

estranho e pontiagudas, com gado, ovelhas ou cabras de aparência estranha, antes que a primeira carroça do espetáculo começasse a se mover. Às vezes, colunas de soldados Seanchan os ultrapassavam enquanto caminhavam lentamente, fileiras de homens usando capacetes como cabeças de insetos enormes, saindo com agilidade, e colunas de cavaleiros com suas armaduras de placas sobrepostas pintadas em listras. Certa vez, os cavaleiros estavam em torpes criaturas com escamas de bronze, como gatos do tamanho de cavalos. Exceto por ter três olhos, de qualquer maneira. Cerca de vinte deles serpenteando em um trote sinuoso mais rápido do que um cavalo poderia trotar. Nem os cavaleiros nem suas montarias deram uma segunda olhada no espetáculo, mas os cavalos do espetáculo ficaram selvagens quando a tempestade passou, gritando e empinando nos rastros. Os leões, leopardos e ursos rugiram em suas jaulas, e o peculiar cervo se arremessava contra as grades tentando fugir. Levou horas para acalmar tudo o suficiente para as carroças se moverem novamente, e Luca insistiu em cuidar primeiro dos arranhões dos animais enjaulados. Seus animais eram um grande investimento. Por duas vezes, oficiais com capacetes de plumas finas decidiram verificar o mandado para os cavalos de Luca, e Mat escorria gotas de suor frio do tamanho de uvas até eles seguirem em frente novamente, satisfeitos. À medida que o espetáculo se arrastava para o norte, o número de Seanchan na estrada diminuía, mas ele ainda suava quando via outro grupo, de soldados ou colonos. Talvez Suroth realmente estivesse mantendo o desaparecimento de Tuon em segredo, mas os Seanchan estariam procurando por ela. Bastaria um oficial intrometido que realmente comparasse os números do mandado com o número de cavalos. Ele iria revistar as carroças com um pente fino depois disso, com certeza. Apenas uma *sul'dam* intrometida que achasse que poderia haver uma mulher que pudesse canalizar entre os malabaristas, acrobatas e contorcionistas. Ele suava gotas do tamanho de ameixas! Infelizmente, nem todos tinham a devida consideração por suas próprias peles.

Do lado de fora de um vilarejo às moscas chamado Weesin, um pequeno aglomerado de casas com telhado de palha onde nem

mesmo Luca achava que dois cobres poderiam ser ganhos, Mat estava com um pesado manto de lã enrolado em volta de si sob uma chuva torrencial e observou as três Aes Sedai voltarem para dentro do espetáculo enquanto o sol se punha. Um trovão ribombou ao longe. Elas estavam envoltas em capas escuras com os capuzes levantados, mas ele não tinha dúvidas de quem eram. Na chuva, elas passaram a três metros sem vê-lo, mas o medalhão de prata pendurado sob sua camisa esfriou contra seu peito. Pelo menos uma delas estava canalizando, ou mantendo o Poder, de qualquer maneira. Que as queime, elas eram as três loucas.

Assim que as Aes Sedai desapareceram entre as carroças e tendas, mais três formas encapuzadas apareceram, correndo atrás delas. Uma dessas mulheres tinha um olhar mais aguçado, levantando a mão para apontar para ele, mas as outras apenas pararam, e então correram atrás da Aes Sedai juntas. Ele começou a xingar, então deixou a frase sem pronunciar. Estava além disso. Se nomeasse as pessoas que queria vagando por onde uma patrulha Seanchan pudesse vê-las, as Aes Sedai e as *sul'dam* apareceriam mesmo com Tuon e Selucia.

"Eu me pergunto, o que elas querem?" Noal disse atrás dele, e Mat deu um salto que deixou uma torrente de chuva em seu capuz e pescoço. Ele desejou que o velho nodoso parasse de se aproximar dele.

"Eu pretendo descobrir," ele murmurou, endireitando sua capa. Mal sabia por que se incomodava. Seu casaco estava apenas um pouco úmido, mas sua camisa de linho já estava encharcada.

Curiosamente, Noal não estava mais com ele quando chegou à carroça listrada de cinza com o cal desbotado onde dormiam as Aes Sedai e as *sul'dam*. O homem gostava de enfiar o nariz em todos os lugares. Talvez tivesse decidido que estava molhado o suficiente. Blaeric e Fen já estavam enrolados em seus cobertores embaixo da carroça, aparentemente alheios à chuva ou à lama, mas ele não teria apostado que nenhum dos dois estaria dormindo. De fato, um sentou-se enquanto se aproximava da carroça. Fosse o que fosse, ele não

disse nada, mas Mat podia sentir os olhos do homem. Não hesitou, porém, e não se incomodou em bater.

O interior estava lotado com todas as seis mulheres em pé, mantos pingando ainda na mão. Duas lâmpadas montadas em estabilizadores nas paredes davam uma boa luz, melhor do que ele poderia desejar, de certa forma. Seis rostos se viraram para ele com aqueles olhares congelados que as mulheres davam a um homem quando ele colocava o pé onde elas não queriam. O ar na carroça cheirava a lã úmida e parecia que um relâmpago tinha acabado de cair, ou pudesse cair a qualquer momento. A chuva tamborilava no telhado e trovões ribombavam, mas o medalhão de cabeça de raposa não parecia mais frio do que qualquer outra peça de prata. Talvez Blaeric e Fen o tivessem deixado entrar pensando que lhe arrancariam a cabeça. Talvez eles só quisessem ficar fora disso. Mas então, um Guardião estava pronto para morrer se sua Aes Sedai decidisse que era necessário. Não Mat Cauthon. Ele empurrou a porta com o quadril. Ele quase não lhe dava mais uma pontada. Raramente dava, de qualquer maneira.

Quando ele as desafiou, Edesina, ferozmente, sacudindo o cabelo preto que escorria pelas costas. “Sou grata a você por me resgatar dos Seanchan, Mestre Cauthon, e mostrarei minha gratidão, mas há limites. Não sou sua serva para receber ordens. Não havia Seanchan na aldeia, e mantivemos nossos rostos escondidos. Não havia necessidade de enviar seus... cães de guarda... atrás de nós.” O olhar que ela lançou para as três mulheres Seanchan poderia ter fritado ovos. Edesina estava cansada de ficar nervosa com qualquer um com sotaque Seanchan. Ela queria um pouco de si mesma de volta, e as *sul'dam* estavam à mão. Mat estava contando com o lendário autocontrole das Aes Sedai para manter as coisas longe da violência. Esperava que já não estivesse esticado demais para aguentar. Aquelas memórias antigas lembravam de Aes Sedai explodindo como mercadorias de um Iluminador.

O rosto escuro de Bethamin não mostrou nenhum sinal de alarme. Ela tinha acabado de sacudir a capa e pendurá-la em um cabide enquanto Edesina falava, depois ajustou o vestido sobre os quadris.

Esta noite, ela usava anáguas verdes desbotadas. Reclamou que a roupa de Ebou Dar era indecente, e ele supôs que teria que encontrar outra coisa para ela agora que estavam longe da costa, mas ela preenchia bem aquele decote muito baixo e estreito. Soava muito como uma mãe para o gosto dele, no entanto. “Elas mantiveram seus rostos escondidos, meu Senhor,” ela falou lentamente, “e elas ficaram juntas. Ninguém tentou fugir. Muito bem comportadas, apesar de tudo.” Uma mãe elogiando suas filhas. Ou talvez uma treinadora de cães elogiando os cães. Seta, de cabelos amarelos, assentiu com aprovação. Definitivamente uma treinadora de cães.

“Se meu Senhor quiser mantê-las confinadas,” Renna disse, “sempre podemos usar o *a’dam*. Elas realmente não devem ser confiadas soltas.” Ela até lhe ofereceu uma reverência, à maneira de Seanchan, curvando-se em um ângulo reto. Seus grandes olhos castanhos pareciam esperançosos. Teslyn ofegou e apertou a capa molhada contra o peito. Ela certamente não tinha superado o medo das *sul’dam*, por mais que parecesse capaz de comer pregos. Joline, ativa como sempre, endireitou-se, os olhos faiscando. Com serenidade de Aes Sedai ou não, relâmpagos poderiam atacar quando os olhos de Joline comesçassem a piscar. Muitas vezes era assim com mulheres bonitas.

“Não”, disse Mat apressadamente. “Não há necessidade disso. Você me dá essas coisas e eu me livro delas.” Luz, por que ele se encarregou dessas mulheres? O que parecia a melhor ideia na época podia parecer pura estupidez em retrospectiva. “Todas vocês só precisam ter cuidado. Ainda não estamos a cinquenta quilômetros de Ebou Dar. As estradas estão cheias dos malditos Seanchan.” Ele deu um olhar de desculpas para as três mulheres Seanchan. Afinal, elas estavam do lado dele. Em uma maneira de falar. Elas não tinham para onde ir, exceto Egeanin, e perceberam quem tinha o dinheiro. As sobranceiras de Bethamin se ergueram em surpresa. As nobres Seanchan não se desculparam, mesmo com um olhar.

“Os soldados Seanchan passaram pela aldeia ontem”, disse Teslyn, seu sotaque ilianense particularmente forte. Os olhos brilhantes de Joline se voltaram para ela, mas ela não prestou atenção além de se

virar para pendurar sua própria capa. “Eles fizeram perguntas sobre estranhos na estrada. E alguns reclamaram de serem enviados para o norte.” Teslyn olhou por cima do ombro para as *sul’dam*, então desviou os olhos e respirou fundo. “Parece que o Retorno está voltado para o leste. Os soldados acreditavam que o Exército Sempre Vitorioso apresentaria Illian à sua imperatriz antes do final da primavera. A própria cidade, e todo o resto.” Supostamente as Aes Sedai desistiam das terras onde nasceram quando iam para a Torre Branca, mas para qualquer ilianense, a cidade de Illian era ‘a Cidade’, e dava para ouvir a letra maiúscula.

“Isso é bom,” Mat disse meio para si mesmo, pensando. Os soldados falavam fora de hora o tempo todo; essa era uma das razões pelas quais você não contava seus planos a todos os soldados até o último minuto. As sobrancelhas finas de Teslyn se ergueram e ele acrescentou: “Isso significa que a estrada para Lugard estará livre na maior parte do caminho”. O aceno de cabeça de Teslyn foi curto e não muito satisfeito. O que as Aes Sedai deveriam fazer e o que elas faziam eram muitas vezes muito diferentes.

"Nós não falamos com ninguém, meu Lorde, apenas observamos as meninas", disse Bethamin, ainda mais devagar do que o habitual, e Seanchan geralmente falavam como mel derramando em uma tempestade de neve. Ela estava claramente no comando entre as três *sul’dam*, mas olhou para cada uma das outras antes de continuar. “Em Ebou Dar, toda a conversa nos alojamentos das *sul’dam* era sobre Illian. Uma terra gorda e uma cidade gorda, onde muitos ganhariam novos nomes. E riqueza.” Ela jogou isso como se riqueza dificilmente contasse ao lado de um novo nome. "Nós deveríamos ter percebido que você gostaria de saber sobre essas coisas." Outra respiração profunda quase a tirou daquele vestido. "Se você tiver alguma dúvida, meu Lorde, nós lhe diremos o que sabemos."

Renna fez-lhe outra reverência, com o rosto ansioso, e Seta disse: “Podemos ouvir nas cidades e aldeias onde pararmos também, meu Lorde. As meninas podem ser traiçoeiras, mas você pode confiar em nós.”



Por que, quando uma mulher se oferecia para ajudá-lo, ela sempre começava o enfiando em uma panela de água quente e atizando o fogo? O rosto de Joline tornou-se uma máscara de gelo desdenhosa. As mulheres Seanchan estavam abaixo de sua atenção; ela deixou isso claro com um olhar. Foi Mat maldito Cauthon quem recebeu seu olhar gelado. A boca de Edesina se estreitou, e ela tentou olhar para ele e para as *sul'dam*. Até Teslyn controlou a indignação. Ela também estava grata pelo resgate, mas era Aes Sedai. E dirigiu sua carranca para ele. Ele suspeitava que ela pularia como um sapo assustado se uma das *sul'dam* batesse palmas.

“O que eu quero,” ele explicou pacientemente, “é que todas vocês fiquem com as carroças.” Tinha que ser paciente com as mulheres, incluindo Aes Sedai. Ele estava muito bem aprendendo isso de cor. “Um sussurro de que há uma Aes Sedai com este espetáculo, e estaremos enterrados até os quadris com Seanchan caçando por ela. Rumores de Seanchan com o espetáculo não nos servirão melhor. De qualquer forma, alguém virá descobrir o que está por trás disso mais cedo ou mais tarde, e todos estaremos em maus lençóis. Não se vangloriem. Vocês precisam ficar escondidas até chegarmos mais perto de Lugard. Isso não é pedir muito, é?” Um relâmpago iluminou as janelas da carroça com um clarão azul e um trovão ressoou no alto, tão perto que sacudiu a carroça.

Era pedir demais, aparentemente, com o passar dos dias. Ah, as Aes Sedai mantinham os capuzes bem levantados quando saíam — a chuva era desculpa suficiente para isso; a chuva e o frio —, mas uma ou outra andava no banco da carroça com frequência, e não fazia nenhum esforço real para se passar por serva do povo do espetáculo. Não que elas admitissem quem eram, é claro, ou ordenassem a alguém ou até mesmo falassem com alguém muito além umas das outras, mas que empregada esperava claramente que as pessoas saíssem do seu caminho? Elas também iam às aldeias, e às vezes às cidades, se tivessem certeza de que não havia Seanchan ali. Quando uma Aes Sedai tinha certeza de alguma coisa, tinha que ser verdade. Duas vezes elas voltaram correndo quando encontraram uma cidade meio cheia de colonos a caminho do norte. Elas lhe contavam o que

descobriam em suas visitas. Ele achava que sim. Teslyn parecia agradecida, à moda das Aes Sedai. E Edesina. Depois de uma moda.

Apesar de suas diferenças, Joline, Teslyn e Edesina ficavam juntas como gansos em bando. Se você via uma, via todas as três. Provavelmente porque quando você as via dando um passeio, todas cuidadosamente encapuzadas e escondidas como estavam, um minuto depois Bethamin, Renna e Seta apareciam atrás delas. Ah, tão casualmente, mas nunca deixando “as garotas” fora de vista. O rebanho de gansos. Um cego podia ver que havia tensão entre os dois grupos de mulheres. Um cego podia ver que nenhuma delas era serva. As *sul'dam* tinham ocupado posições respeitadas, posições de autoridade, e se moviam quase tão arrogantemente quanto as Aes Sedai. Ele estava preso com a história, no entanto.

Bethamin e as outras duas eram tão desconfiadas de outros Seanchan quanto das Aes Sedai, mas também seguiam as Aes Sedai quando entravam em uma vila ou cidade, e Bethamin sempre relatava os boatos que haviam captado por espionagem, com Renna usando um sorriso insinuante e Seta chilreando que 'as meninas' tinham perdido isso ou aquilo, ou alegavam não ter ouvido; nunca se pode ter certeza com alguém que tinha a audácia de se chamar de Aes Sedai; talvez ele devesse reconsiderar tê-las amarradas, apenas até que tudo estivesse seguro.

Suas histórias realmente não eram tão diferentes do que as irmãs contavam a ele. A conversa dos habitantes da cidade sobre o que eles ouviram dos Seanchan passando. Muitos dos colonos estavam nervosos, suas cabeças cheias de histórias sobre os selvagens Aiel devastando Altara, embora todos os habitantes locais dissessem que era em algum lugar ao norte. Parecia que alguém mais alto poderia estar pensando o mesmo, porém, porque muitos colonos foram desviados para o leste, em direção a Illian. Uma aliança havia sido concluída com alguém poderoso, que deveria dar à Alta Senhora Suroth acesso a muitas terras. As mulheres se recusaram a ser convencidas de que não precisavam ouvir rumores. Elas também nunca chegaram a entregar os *a'dam*. Na verdade, aquelas trelas prateadas e as três *sul'dam* eram a única ameaça real que ele tinha

contra as Aes Sedai. Gratidão. De uma Aes Sedai! Ah! Não que ele realmente pensasse em colocar aquelas coleiras nas irmãs novamente. Não muito, de qualquer maneira. Ele estava muito e verdadeiramente preso.

Realmente não precisava do que as *sul'dam* e as Aes Sedai descobriam. Tinha fontes melhores, pessoas em quem confiava. Bem, ele confiava em Thom, quando o menestrel de cabelos brancos podia ser desencorajado a brincar de cobras e raposas com Olver ou de ficar sonhando com uma carta muito vincada que ele carregava enfiada no peito do casaco. Thom podia entrar em uma sala comunal, contar uma história, talvez fazer malabarismos e sair sabendo o que estava na cabeça de cada homem ali. Mat confiava em Juilin também — ele se saía quase tão bem quanto Thom, sem fazer malabarismos ou contar histórias —, mas Juilin sempre insistia em levar Thera com ele, segurando seu braço recatadamente enquanto caminhavam pela cidade. Para acostumá-la à liberdade novamente, dizia o homem. Ela sorria para Juilin, aqueles grandes olhos brilhando sombriamente, aquela boquinha carnuda pedindo para ser beijada. Talvez ela tivesse sido Panarca de Tarabon, como Juilin e Thom afirmavam, mas Mat estava começando a duvidar. Ele tinha ouvido alguns contorcionistas brincando sobre como a criada taraboneana estava usando o apanhador de ladrões tairano até ele mal poder andar. Panarca ou serva, no entanto, Thera ainda começava a se ajoelhar toda vez que ouvia um sotaque arrastado. Mat imaginou que qualquer Seanchan que lhe fizesse uma pergunta obteria tudo o que ela sabia, começando com Juilin Sandar e terminando com a carroça em que as Aes Sedai estavam, todas as respostas entregues de joelhos. Thera era um perigo maior do que as Aes Sedai e *sul'dam* juntas, em sua opinião. Juilin se intimidava com a menor sugestão de que sua mulher pudesse não ser confiável, e girava seu cajado de bambu como se estivesse pensando em quebrar a cabeça de Mat para ele. Não havia solução, mas Mat encontrou um paliativo, uma maneira de receber um pequeno aviso se o pior ocorresse.

"Claro que posso segui-los", disse Noal, com um sorriso entre dentes que dizia que seria brincadeira de criança. Colocando um

dedo nodoso ao lado do nariz torto, ele deslizou a outra mão nodosa por baixo do casaco, onde guardava as facas. “Tem certeza de que não seria melhor apenas garantir que ela não possa falar com ninguém? Só uma sugestão, rapaz. Se você disser que não, então não.” Mat disse enfaticamente que não. Havia matado uma mulher em sua vida e deixado outra para ser massacrada. Não ia adicionar uma terceira à sua alma.

“Parece que Suroth pode ter feito uma aliança com algum rei,” Juilin relatou com um sorriso sobre uma taça de vinho quente. Pelo menos Thera parecia fazê-lo sorrir mais. Ela se aconchegou ao lado do banquinho de Juilin em sua barraca apertada, com a cabeça deitada no colo dele, e ele acariciava seu cabelo suavemente com a mão livre. “Pelo menos, há uma conversa considerável sobre algum novo aliado poderoso. E esses colonos estão todos assustados por Aiel.”

“A maioria dos colonos parece ter sido enviada para o leste”, disse Thom, olhando tristemente para sua xícara. À medida que Juilin ficava mais feliz a cada dia, ele parecia ficar mais triste. Noal estava atrás de Juilin e Thera, e Lopin e Nerim estavam sentados de pernas cruzadas na parte de trás da tenda, mas os dois servos cairhienos estavam com suas cestas de remendos e examinavam os bons casacos de Mat de Ebou Dar em busca de quaisquer reparos que julgassem necessários, então a pequena barraca ainda parecia lotada. “E muitos soldados também,” Thom continuou.

“Tudo diz que eles vão cair sobre Illian como um martelo.”

Bem, pelo menos ele sabia que estava ouvindo a verdade nua e crua quando a ouviu deles. Nada de Aes Sedai enrolando palavras em suas cabeças ou *sul'dam* tentando abrir caminho para as boas graças dele. Bethamin e Seta até aprenderam a fazer reverências. De alguma forma, ele se sentia mais confortável com Renna se curvando. Parecia honesto. Estranho, mas honesto.

Para si mesmo, cidade ou vila, Mat não deu mais do que uma rápida olhada ao redor, com a gola levantada e o capuz abaixado, antes de voltar para o espetáculo. Ele raramente usava um manto. Um manto poderia dificultar o uso das facas que ele carregava enfiadas em seu corpo. Não que ele esperasse precisar delas. Era

apenas uma precaução prudente. Não havia bebida, dança e jogos de azar. Especialmente jogos de azar. O som de dados chocalhando em uma mesa na sala comunal de uma pousada o atraiu, mas seu tipo de sorte com os dados estava destinado a ser notado, mesmo que não levasse a alguém puxando uma faca, e nesta parte de Altara os homens e as mulheres carregavam facas enfiadas atrás do cinto e estavam prontos para usá-las. Ele queria passar despercebido, então passava pelos jogos de dados, acenava friamente para as empregadas da taverna que sorriam para ele, e nunca bebia mais do que uma taça de vinho e geralmente nem isso. Afinal, ele tinha trabalho a fazer no espetáculo. Uma espécie de trabalho. Começou na primeira noite depois de deixar Ebou Dar, e era um trabalho difícil.

"Eu preciso que você vá comigo," ele disse então, abrindo o armário embutido na lateral da carroça embaixo de sua cama. Ele mantinha seu baú de ouro lá, tudo honestamente adquirido através do jogo. Tão honestamente quanto podia, de qualquer maneira. A maior parte veio de uma corrida de cavalos, e sua sorte não era melhor do que a de qualquer outro homem com cavalos.

Quanto ao resto... Se um homem quisesse jogar dados ou jogar cartas ou moedas, tinha que estar pronto para perder. Domon, sentado na outra cama, esfregando a mão na cerda do couro cabeludo raspado, havia aprendido essa lição. O sujeito deveria estar disposto a dormir no chão como um bom *so'jhin*, mas no começo insistiu em jogar uma moeda com Mat todas as noites pela a segunda cama. Egeanin conseguiu a primeira, é claro. Jogar moedas era tão fácil quanto dados. Contanto que a moeda não caísse no limite, como às vezes acontecia com ele. Mas Domon fez a oferta, não ele. Até que Mat ganhou quatro vezes seguidas e, na quinta noite, a moeda caiu no limite três vezes seguidas. Eles se revezavam e viravam agora. Mas ainda era a vez de Domon no chão esta noite.

Encontrando a pequena bolsa de couro que procurava, enfiou-a no bolso do casaco e se endireitou, fechando o armário com o pé. "Você tem que enfrentá-la algum dia", disse ele. "E preciso que você acalme as coisas." Ele precisava de alguém para atrair a ira de Tuon, alguém para fazê-lo parecer aceitável em comparação, mas não podia dizer

isso, podia? "Você é uma nobre Seanchan, e pode me impedir de colocar minha bota na minha boca."

"Por que você precisa suavizar as coisas?" O sotaque de Egeanin era duro como uma serra. Ela estava contra a porta da carroça com os punhos nos quadris, os olhos azuis brilhando sob sua longa peruca preta. "Por que você precisa vê-la? Você não fez o suficiente?"

"Não me diga que você tem medo dela," Mat zombou, esquivando-se da pergunta. Que resposta ele poderia dar que não soasse insana? "Você poderia colocá-la debaixo do braço quase tão facilmente quanto eu. Mas prometo não a deixar cortar sua cabeça ou bater em você."

"Egeanin não tem medo de nada, garoto," Domon rosnou protetoramente. "Se ela não quer ir, então você corra para cortejar a garota sozinho. Passe a noite, se preferir."

Egeanin continuou a encarar Mat. Ou olhou através dele. Então olhou para Domon, seus ombros um pouco caídos, e ela pegou seu manto do gancho na parede. "Vá em frente, Cauthon", ela rosnou. "Se tem que ser feito, melhor que seja feito e pronto." Ela estava fora da carroça em um piscar de olhos, e Mat teve que se apressar para alcançá-la.

Quase dava para pensar que ela não queria ficar sozinha com Domon, por mais que isso fizesse pouco sentido.

Do lado de fora da carroça roxa sem janelas, preta na noite, uma sombra se moveu nas sombras mais profundas. A lua em foice saiu de trás das nuvens tempo suficiente para Mat reconhecer a mandíbula em forma de lanterna de Harnan.

"Tudo quieto, meu Senhor", disse o líder da fileira.

Mat assentiu e respirou fundo, procurando a bolsa de couro no bolso. O ar estava limpo, lavado pela chuva e longe dos cavalos. Tuon devia estar aliviada por estar longe do cheiro de esterco e do odor fétido das gaiolas dos animais. Os vagões dos artistas à sua esquerda eram tão escuros quanto os vagões de armazenamento com tampo de lona à sua direita. Não adiantava esperar mais. Ele empurrou Egeanin pelos degraus da carroça roxa à sua frente.

Havia mais pessoas lá dentro do que ele esperava. Setalle estava sentada em uma das camas, mexendo no bastidor de novo, e Selucia estava na outra ponta franzindo a testa sob o lenço na cabeça, mas Noal estava sentado na outra cama, aparentemente perdido em pensamentos, e Tuon estava sentada de pernas cruzadas na cama, andar jogando Cobras e Raposas com Olver.

O menino se virou com um sorriso de boca larga que quase dividiu seu rosto quando Mat entrou. "Noal está nos contando sobre Co'dansin, Mat", ele exclamou. "Esse é outro nome para Shara. Você sabia que as Ayyad tatuam seus rostos? É assim que eles chamam as mulheres que podem canalizar em Shara."

"Não, eu não sabia", disse Mat, fixando um olhar sombrio em Noal. Já era ruim o suficiente que Vanin e os Braço Vermelhos estivessem ensinando maus hábitos ao menino, sem falar no que ele estava pegando de Juilin e Thom, sem que Noal enchesse sua cabeça de bobagens inventadas.

De repente, Noal deu um tapa em sua coxa e se endireitou. "Eu me lembro agora", disse ele, e então o tolo começou a recitar.

*"A fortuna cavalga como o sol no alto  
com a raposa que faz os corvos voarem.  
Sorte é sua alma, o Relâmpago é seu olho,  
Ele arrebatou as luas do céu."*

O velho de nariz quebrado olhou em volta como se tivesse acabado de perceber que havia mais alguém ali. "Tentei me lembrar disso. É das Profecias do Dragão."

"Muito interessante, Noal," Mat murmurou. Aquelas cores giravam em sua cabeça exatamente como naquela manhã, quando as Aes Sedai estavam em pânico. Elas desapareceram sem fazer uma imagem dessa vez, mas ele sentiu tanto frio como se tivesse passado uma noite dormindo debaixo de um arbusto sem roupas. A última coisa na terra que ele precisava era de alguém o ligando às Profecias. "Talvez algum dia você possa recitar a coisa toda para nós. Mas não essa noite, hein?"

Tuon olhou para ele através de seus cílios, uma boneca de porcelana preta em um vestido que era grande demais para ela. Luz, mas ela tinha cílios longos. Ela ignorava Egeanin como se a outra mulher não existisse e, na verdade, Egeanin estava fazendo o possível para parecer parte de um armário embutido na parede. E ele esperando por uma distração.

“O Brinquedo não quis ser rude,” Tuon murmurou naquele lento sotaque de mel. “Ele simplesmente nunca foi treinado em boas maneiras. Mas é tarde, Mestre Charin; hora de Olver estar na cama. Talvez você possa escoltá-lo para sua tenda? Vamos jogar outra vez, Olver. Você gostaria que eu te ensinasse a jogar pedras?”

Olver mais que enfaticamente gostaria. Ele quase se contorceu dizendo isso. O menino gostava de qualquer coisa que lhe desse a chance de sorrir para uma mulher, sem mencionar a chance de dizer coisas que deveriam tê-lo esbofeteado até suas orelhas ficarem maiores do que já eram. Se Mat descobrisse qual de seus “tios” estava ensinando isso a ele... Mas o rapaz juntou as peças de seu jogo e cuidadosamente enrolou o pano marcado com linha sem uma segunda insistência. Ele até fez uma medida muito boa, agradecendo à Alta Dama, antes de deixar Noal conduzi-lo para fora da carroça. Mat assentiu em aprovação. Havia ensinado o menino a fazer uma medida, mas o menino geralmente acrescentava um olhar malicioso para uma mulher bonita. Se ele descobrisse quem...

“Você tem um motivo para me interromper, Brinquedo?” Tuon disse em tons frios. “É tarde, e eu estava pensando em ir dormir.”

Ele fez uma medida e deu a ela seu melhor sorriso. Podia ser educado mesmo que ela não fosse. “Eu só queria ter certeza de que você estava bem. Esses carroções são desconfortáveis na estrada. E eu sei que você não está feliz com as roupas que eu pude encontrar para você. Achei que isso poderia fazer você se sentir um pouco melhor. Tirando a bolsa de couro do bolso, ele a presenteou com um floreio. As mulheres sempre gostavam daquele pequeno floreio extra.

Selucia ficou tensa, os olhos azuis se aguçando, mas Tuon balançou os dedos finos e a empregada peituda se acalmou. Um pouco. Mat gostava de mulheres mal-humoradas, em geral, mas se



ela arruinasse isso, ele iria surrar seu traseiro. Ele agarrou seu sorriso com um esforço, e até conseguiu aumentá-lo um pouco.

Tuon virou a bolsa sobre as mãos várias vezes antes de desamarrar os cordões e derramar o que continha em seu colo, um pesado colar de ouro e âmbar esculpido. Uma peça cara, e trabalho Seanchan, ainda por cima. Ele estava orgulhoso de encontrar a coisa. Tinha sido propriedade de uma acrobata, que obteve de um oficial Seanchan cuja fantasia ela captou, mas ela estava disposta a vender agora que seu oficial foi deixado para trás. Não combinava com sua pele, o que quer que isso significasse. Ele sorriu e esperou. As joias sempre abrandavam o coração de uma mulher.

A reação de ninguém foi exatamente o que ele esperava, no entanto. Tuon ergueu o colar na frente de seu rosto com as duas mãos, estudando-o como se nunca tivesse visto tal coisa antes. O lábio de Selucia se curvou em um sorriso de escárnio. Setalle colocou o bordado sobre os joelhos e olhou para ele, os grandes aros dourados em suas orelhas balançando enquanto ela balançava a cabeça.

Abruptamente, Tuon empurrou o colar de volta por cima do ombro para Selucia. "Não combina comigo", disse ela. "Você gostaria disso, Selucia?" O sorriso de Mat escorregou um pouco.

A mulher de pele creme pegou o colar entre o polegar e o indicador, como se estivesse segurando um rato morto pelo rabo. "Uma peça para uma dançarina de karité usar com seu véu," ela disse ironicamente. Com uma torção do pulso, ela arremessou o colar para Egeanin, estalando: "Coloque!" Egeanin pegou a coisa pouco antes de bater em seu rosto. O sorriso de Mat deslizou no seu.

Ele esperava uma explosão, mas Egeanin imediatamente abriu o fecho e empurrou a pesada peruca para trás para prender aquilo atrás do pescoço. Seu rosto poderia ter sido moldado de neve por toda a expressão nele.

"Vire," Selucia ordenou, e foi uma ordem, sem dúvida. "Deixe-me ver."

Egeanin se virou. Rígida como um poste de cerca, mas ela se virou.

Setalle olhou para ela atentamente, com um aceno de cabeça intrigado, então deu a Mat um aceno de cabeça diferente antes de retornar ao bordado. As mulheres tinham tantas maneiras de balançar a cabeça quanto olhares. Este disse que ele era um tolo, e se ele não captou as nuances mais sutis, estava feliz. Não achava que teria gostado delas. Que o queime, ele comprou um colar para Tuon, que deu para Selucia bem na frente dele, e agora era de Egeanin?

"Ela veio para um novo nome", disse Tuon pensativa. "Como ela se chama?"

"Leilwin," Selucia respondeu. "Um nome apropriado para uma dançarina de karité. Leilwin Sem Navio, talvez?"

Tuon assentiu. "Leilwin Sem Navio."

Egeanin estremeceu como se cada palavra fosse um tapa. "Posso me retirar?" ela perguntou rigidamente, curvando-se em uma reverência afiada.

"Se você quer ir, então vá," Mat rosnou. Trazê-la, em primeiro lugar, não foi a melhor ideia que ele já teve, mas talvez pudesse se recuperar um pouco sem ela.

Com os olhos fixos no assoalho, Egeanin caiu de joelhos. "Por favor, posso me retirar?"

Tuon sentou-se ali de costas retas no chão olhando através da mulher mais alta, claramente não a vendo. Selucia olhou Egeanin de cima a baixo, franzindo os lábios. Setalle empurrou a agulha pelo tecido esticado em seu aro. Ninguém sequer olhou para Mat.

Egeanin caiu para o rosto, e Mat engoliu um xingamento assustado quando ela beijou o chão. "Por favor", disse ela com voz rouca, "peço licença para me retirar."

"Você vai, Leilwin", disse Selucia, fria como uma rainha falando com um ladrão de galinhas, "e não me deixará ver seu rosto novamente a menos que esteja coberta por um véu de dançarina de karité."

Egeanin cambaleou para trás sobre as mãos e os joelhos e quase caiu pela porta, tão rápido que Mat ficou boquiaberto.

Com esforço, conseguiu recuperar o sorriso. Parecia haver pouco sentido em ficar, mas um homem poderia fazer uma saída graciosa. "Bem, eu suponho..."

Tuon torceu os dedos novamente, ainda sem olhar para ele, e Selucia o interrompeu. “A Alta Dama está cansada, Brinquedo. Você tem a permissão dela para ir.”

“Olha, meu nome é Mat”, disse ele. “Um nome fácil. Um nome simples. Mat.” Tuon poderia muito bem ser uma boneca de porcelana de verdade por toda a resposta que deu.

Setalle largou o bordado, porém, e se levantou com uma mão descansando levemente no cabo da adaga curvada presa atrás do cinto. “Jovem, se você acha que vai ficar de bobeira até nos ver nos preparando para dormir, está redondamente enganado.” Ela sorriu dizendo isso, mas estava com a mão na faca, e ela era eboudariana o suficiente para esfaquear um homem por capricho. Tuon permaneceu uma boneca imóvel, uma rainha em seu trono de alguma forma equivocadamente vestida com roupas mal ajustadas. Mat saiu.

Egeanin estava apoiada em uma mão contra a lateral da carroça, a cabeça pendurada. Sua outra mão estava segurando o colar ao redor de sua garganta. Harnan se moveu um pouco na escuridão, apenas para mostrar que ainda estava lá. Um homem sábio, para ficar longe de Egeanin naquele momento. Mat estava irritado demais para ter sabedoria.

“O que foi isso?” Ele demandou. “Você não precisa mais se ajoelhar para Tuon. E Selucia? Ela é uma maldita empregada de uma senhora! Eu não conheço ninguém que pularia para sua rainha do jeito que você pulou para ela.”

O rosto duro de Egeanin estava sombreado, mas sua voz estava abatida. “A Alta Dama é... quem ela é. Selucia é sua *so'jhin*. Ninguém do Sangue baixo ousaria encontrar os olhos de sua *so'jhin*, e talvez nem o Sangue Supremo também.” O fecho quebrou com um estalo metálico quando ela puxou o colar livre. “Mas então, eu não sou de nenhum Sangue, agora.” Recuando, ela colocou todo o seu corpo para jogar o colar o mais longe possível na noite.

Mat abriu a boca. Ele poderia ter comprado uma dúzia de cavalos de primeira com o que pagou por aquela coisa e ainda teria troco. Ele a fechou novamente sem dizer uma palavra. Podia nem sempre ser sábio, mas era sábio o suficiente para saber quando uma mulher

realmente poderia tentar enfiar uma faca nele. Também sabia de outra coisa. Se Egeanin se comportasse assim perto de Tuon e Selucia, então era melhor ele se certificar de que a *sul'dam* fosse mantida livre. Só a Luz sabia o que faria se Tuon comesse a mexer os dedos.

Isso o deixou com um trabalho a fazer. Bem, ele odiava o trabalho, mas aquelas velhas memórias encheram sua cabeça de batalhas. Também odiava a batalha — um homem poderia ser morto! —, mas era melhor do que trabalhar. Estratégia e tática. Aprenda o terreno, conheça seu inimigo, e se você não conseguir vencer de uma maneira, encontre outra.

Na noite seguinte, ele voltou para a carroça roxa sozinho, e assim que Olver terminou sua lição de pedras em Tuon, Mat abriu caminho para um jogo. A princípio, sentado no chão do outro lado do tabuleiro da mulher morena, ele não tinha certeza se ganhava ou perdia. Algumas mulheres gostavam de ganhar todas as vezes, mas o homem tinha que fazê-la trabalhar para isso. Algumas gostavam que o homem ganhasse, ou pelo menos mais vezes do que perdia. Nenhuma das duas coisas fazia sentido para ele — ele gostava de vencer, e quanto mais fácil, melhor —, mas era assim que era. Enquanto ele estava hesitante, Tuon tirou o assunto de suas mãos. No meio do jogo, ele percebeu que ela o tinha em uma armadilha da qual ele não conseguia sair. As pedras brancas dela estavam cortando o preto dele por toda parte. Foi uma vitória limpa e retumbante para ela.

“Você não joga muito bem, Brinquedo”, disse ela em tom de deboche. Apesar do tom, seus olhos grandes e líquidos o consideraram friamente, pesando e medindo. Um homem poderia se afogar em olhos assim.

Ele sorriu e se despediu antes que ela pudesse pensar em expulsá-lo. Estratégia. Pense no futuro. Faça o inesperado. Na noite seguinte, ele trouxe uma pequena flor vermelha de papel feita por uma das costureiras do espetáculo. E apresentou-a a uma assustada Selucia. As sobancelhas de Setalle se ergueram e até Tuon pareceu surpresa. Táticas. Desequilibre seu oponente. Pensando bem, as

mulheres e as batalhas não eram tão diferentes. Ambas envolviam um homem no nevoeiro e poderiam matá-lo sem tentar. Se ele fosse descuidado.

Todas as noites, ele visitava a carroça roxa para um jogo de pedras sob o olhar atento de Setalle e Selucia, e se concentrava no tabuleiro hachurado. Tuon era muito boa, e era muito fácil se ver observando a maneira como ela colocava suas pedras, com os dedos dobrados para trás de uma maneira curiosamente graciosa. Ela estava acostumada a ter unhas de um centímetro de comprimento e tomava cuidado para não as quebrar. Seus olhos também eram um perigo. Você precisava de uma cabeça limpa nas pedras ou na batalha, e o olhar dela parecia alcançar dentro do crânio dele. Ele se curvou para o jogo, no entanto, e conseguiu vencer quatro dos sete seguintes, com um empate. Tuon ficava satisfeita quando ganhava e determinada quando perdia, sem nenhum dos acessos de raiva que temia, sem comentários mordazes além de insistir em chamá-lo de Brinquedo, não muito daquela altivez régia gélida, desde que estivessem jogando de qualquer maneira. Ela simplesmente gostava do jogo, rindo exultante quando o puxava para uma armadilha, rindo de alegria quando ele conseguia uma posição inteligente para escapar. Ela parecia uma mulher diferente quando se perdia no tabuleiro de pedras.

Uma flor costurada de linho azul seguiu a flor de papel e, dois dias depois, uma flor de seda rosa que se estendia tão larga quanto a palma da mão de uma mulher. Ambas entregues a Selucia. Seus olhos azuis ficavam cada vez mais desconfiados quando pousavam nele, mas Tuon disse a ela que ela poderia ficar com as flores, e ela as guardou cuidadosamente, dobradas em um pano de linho. Ele deixou passar três dias sem um presente, então trouxe um pequeno buquê de botões de rosa de seda vermelha, com caules curtos e folhas brilhantes que pareciam tão reais quanto a natureza, só que mais perfeitas. Ele havia pedido à costureira para fazer no dia em que comprou aquela primeira flor de papel.

Selucia deu um passo, estendendo a mão para receber os botões de rosa com um cacho no lábio, mas ele se sentou e colocou as flores

ao lado da tábua, um pouco na direção de Tuon. Não disse nada, apenas o deixou ali. Ela nunca olhou para ele. Mergulhando nas pequenas bolsas de couro que continham as pedras, ele arrancou uma de cada uma e as arrastou entre as mãos até não ter certeza de qual estava onde, então ofereceu os punhos fechados. Tuon hesitou por um momento, estudando seu rosto sem expressão, então deu um tapinha na mão esquerda. Ele a abriu para exibir a pedra branca brilhante.

“Mudei de ideia, Brinquedo”, murmurou ela, colocando a pedra branca com cuidado na interseção de duas linhas perto do centro do tabuleiro. “Você joga muito bem.”

Mat piscou. Ela poderia saber o que ele estava fazendo? Selucia estava atrás de Tuon, aparentemente absorta no tabuleiro quase vazio. Setalle virou uma página de seu livro e se mexeu um pouco para obter uma luz melhor. Claro que não. Ela estava falando sobre pedras. Se ela suspeitasse de seu jogo real, ela o pegaria pela orelha. Qualquer mulher faria isso. Tinha que ser sobre as pedras.

Essa foi a noite em que eles ficaram empatados, com cada um deles controlando metade do tabuleiro em grupos e trechos irregulares. Na verdade, ela ganhou uma vitória.

“Mantive minha palavra, Brinquedo”, ela falou lentamente enquanto ele recolocava as pedras nas sacolas. “Nenhuma tentativa de fuga, nenhuma tentativa de traição. Isso é limitante.” Ela gesticulou para o interior da carroça. “Quero fazer caminhadas. Depois de escurecer vai servir. Você pode me acompanhar.” Seus olhos tocaram o cacho de botões de rosa, então subiram para o rosto dele. “Para ter certeza de que eu não fujo.”

Setalle marcou seu lugar com um dedo fino e olhou para ele. Selucia ficou atrás de Tuon e olhou para ele. A mulher manteve sua palavra, por mais louco que isso parecesse. Caminhadas à noite, com a maioria do povo do espetáculo já na cama, não faria mal nenhum, não com ele lá para garantir. Então, por que ele sentiu que estava perdendo o controle da situação?

Tuon concordou em ir camuflada e encapuzada, o que foi um alívio. O cabelo preto estava crescendo de volta em seu couro cabeludo

raspado, mas até agora era pouco mais que uma penugem longa, e ao contrário de Selucia, que provavelmente dormia com o lenço na cabeça, Tuon não mostrou nenhuma inclinação para cobrir a cabeça. Uma mulher do tamanho de uma criança com cabelo mais curto do que qualquer homem que não ficasse careca teria sido notada mesmo à noite. Setalle e Selucia sempre seguiam a uma pequena distância na escuridão, a empregada para ficar de olho na patroa e Setalle para ficar de olho na empregada. Pelo menos, ele achava que era assim. Às vezes parecia que ambas o observavam. As duas eram terrivelmente amigáveis para guarda e prisioneira. Ele tinha ouvido Setalle advertindo Selucia que ele era um malandro com as mulheres, uma coisa boa para ela estar dizendo! E Selucia respondeu calmamente que sua senhora quebraria os braços dele se ele demonstrasse algum desrespeito, como se não fossem prisioneiras.

Ele pensou em usar essas caminhadas para aprender um pouco mais sobre Tuon — ela não falava muito sobre uma tábua de pedras —, mas ela tinha um jeito de ignorar o que ele pedia ou desviar o assunto, geralmente para ele.

“Dois Rios é todo bosque e fazenda”, disse ele enquanto caminhavam pela rua principal do espetáculo. Nuvens escondiam a lua, e os vagões coloridos eram formas escuras indistinguíveis, as plataformas dos artistas ao longo da rua eram apenas sombras. “Todo mundo planta tabac e cria ovelhas. Meu pai também cria vacas e negocia cavalos, mas principalmente tabac e ovelhas de uma ponta à outra.”

“Seu pai negocia cavalos,” Tuon murmurou. “E o que você faz, Brinquedo?”

Ele olhou por cima do ombro para as duas mulheres como fantasmas dez passos atrás. Setalle poderia não estar perto o suficiente para ouvir, se mantivesse a voz baixa, mas decidiu ser honesto. Além disso, o espetáculo estava absolutamente silencioso na escuridão. Ela poderia ouvir, e sabia o que ele estava fazendo em Ebou Dar. “Sou um apostador”, disse ele.

“Meu pai se chamava de jogador,” Tuon disse suavemente. “Ele morreu por uma aposta ruim.”

E como ele deveria descobrir o que *aquilo* significava?

Outra noite, andando por uma fileira de gaiolas de animais, cada uma construída para encher uma carroça inteira, ele disse: “O que você faz para se divertir, Tuon? Só porque você gosta. Além de jogar pedras.” Ele quase podia sentir Selucia eriçada ao usar seu nome a dez metros de distância, mas Tuon não parecia se importar. Ele pensou que ela não se importava.

“Eu treino cavalos e *damane*”, disse ela, espiando dentro de uma jaula que continha um leão adormecido. O animal era apenas uma grande sombra deitada na palha atrás das grades grossas. “Ele realmente tem uma juba preta? Não há leões com juba negra em toda Seanchan.”

Ela treinava *damane*? Para se divertir? Luz! “Cavalos? Que tipo de cavalos?” Poderiam ser cavalos de guerra, se ela treinava malditas *damane*. Para se divertir.

“Senhora Anan me diz que você é um canalha, Brinquedo.” Sua voz era fria, não gelada. Composta. Ela se virou para ele, o rosto escondido nas sombras de seu capuz. “Quantas mulheres você já beijou?” O leão acordou e tossiu, um som profundo garantido para arrepiar os cabelos da cabeça de qualquer um. Tuon nem sequer vacilou.

“Parece que a chuva está vindo de novo,” ele disse fracamente. “Selucia arrancará minha pele se eu te deixar encharcada.” Ele a ouviu rir baixinho. O que ele disse que era engraçado?

Havia um preço a pagar, é claro. Talvez as coisas estivessem indo do jeito dele e talvez não, mas quando se pensava que estava, sempre havia um preço.

“Um bando de gaios tagarelas”, queixou-se a Egeanin. A tarde estava no horizonte, uma bola vermelho-dourada meio escondida pelas nuvens, lançando o espetáculo em longas sombras. Não havia chuva, pelo menos uma vez, e apesar do frio, eles estavam sentados curvados sob a carroça verde que compartilhavam, jogando pedras à vista de qualquer um que passasse. Muitos passavam, homens correndo para alguma tarefa de última hora, crianças aproveitando a última chance de rolar argolas pelas poças de lama e jogar bolas



antes que a noite caísse. Mulheres segurando suas saias olharam para a carroça que passava, e mesmo quando estavam encapuzadas, Mat sabia quais eram suas expressões. Dificilmente uma mulher no espetáculo falaria com Mat Cauthon. Irritado, ele sacudiu as pedras pretas que segurava reunidas em sua mão esquerda. “Eles receberão seu ouro quando chegarmos a Lugard. Isso é tudo com que eles deveriam se preocupar. Não deveriam estar metendo o nariz nos meus negócios.”

“Você dificilmente pode culpá-los,” Egeanin falou lentamente, estudando o tabuleiro. “Você e eu devíamos ser amantes fugitivos, mas você passa mais tempo com... ela... do que comigo.” Ela ainda tinha problemas para não chamar Tuon Alta Dama. “Você se comporta como um homem namorando.” Ela estendeu a mão para colocar sua pedra, então parou com a mão acima do tabuleiro. “Não pode pensar que ela vai completar a cerimônia, pode? Você não pode ser um tolo tão grande.”

“Que cerimônia? Do que você está falando?”

“Você a nomeou sua esposa três vezes naquela noite em Ebou Dar,” ela disse lentamente. “Você realmente não sabe? Uma mulher diz três vezes que um homem é seu marido, e ele diz três vezes que ela é sua esposa, e eles se casam. Há bênçãos envolvidas, geralmente, mas é dizer isso na frente de testemunhas que torna um casamento. Você realmente não sabia?”

Mat riu e deu de ombros, sentindo a faca pendurada atrás de seu pescoço. Uma boa faca dava a um homem uma sensação de conforto. Mas sua risada era rouca. “Mas ela não disse nada.” Ele estava colocando uma mordaca na boca dela na época! “Então, o que quer que eu disse, não significa nada.” Mas ele sabia o que Egeanin ia dizer. Tão certo quanto a água estava molhada, ele sabia. Disseram-lhe com quem ia se casar.

“Com o Sangue é um pouco diferente. Às vezes, um nobre de um extremo do Império se casa com um nobre do outro. Um casamento arranjado. A família imperial nunca tem de outro tipo. Eles podem não querer esperar até que possam ficar juntos, então um reconhece o casamento onde ela está e o outro onde ele está. Contanto que

ambos falem na frente de testemunhas, dentro de um ano e um dia, o casamento é legal. Você realmente não sabia?”

Com certeza, mas as pedras ainda caíram de sua mão no tabuleiro, quicando em todos os lugares. A maldita garota sabia. Talvez ela pensasse que tudo isso era uma aventura, ou um jogo. Talvez ela pensasse que ser sequestrada era tão divertido quanto treinar cavalos ou maldita *damane*! Mas ele sabia que era uma truta esperando que ela colocasse o anzol.

Ele ficou longe da carroça roxa por dois dias. Não adiantava correr — ele já tinha o maldito anzol na boca, e ele mesmo o colocara lá —, mas não precisava engolir a maldita coisa. Só que ele sabia que era apenas uma questão de quando ela decidisse apertar a linha.

Tão lentamente quanto o espetáculo se movia, finalmente eles chegaram à balsa que atravessava o Eldar, que ia de Alkindar na margem oeste até Coramen a leste, pequenas cidades muradas de prédios de pedra com telhados de telha com meia dúzia de docas de pedra cada. O sol estava subindo alto, mal uma nuvem cruzava o céu, e aquelas eram brancas como lã recém-lavada. Sem chuva hoje, talvez. Era uma travessia importante, com navios mercantes do rio acima amarrados a algumas docas e grandes balsas semelhantes a barcaças rastejando de uma cidade a outra em longas varreduras. Os Seanchan aparentemente pensavam assim também. Eles tinham acampamentos militares fora de ambas as cidades, e pelos muros de pedra começando a se erguer ao redor dos acampamentos e as estruturas de pedra subindo no interior, não tinham intenção de sair em breve.

Mat atravessou com as primeiras carroças, montando Pips. O capão marrom parecia bastante comum para um olho sem discernimento; não pareceria fora de propósito para ele ser montado por um sujeito com um casaco de lã áspero com um gorro de lã puxado para baixo sobre as orelhas por causa do frio. Na verdade, ele não estava pensando em correr para a região montanhosa e arborizada atrás de Coramen. Estava pensando nisso, mas não realmente considerando. Ela iria puxar o anzol se ele corresse ou não. Então ele parou Pips no final de um dos desembarques de pedra

da balsa, assistindo o espetáculo cruzar e rodar pela cidade. Havia Seanchan nos patamares, um esquadrão de homens corpulentos em armaduras segmentadas pintadas de azul e dourado queimado sob um jovem oficial magro com uma fina pluma azul em seu capacete de aparência estranha. Eles pareciam estar lá apenas para manter a ordem, mas o oficial verificou o mandado de cavalo de Luca, e Luca perguntou se o nobre senhor conhecia algum terreno fora da cidade adequado para seu espetáculo. Mat poderia ter chorado. Podia ver soldados vestindo armaduras listradas na rua atrás dele, entrando e saindo de lojas e tavernas. Um *raken* desceu do céu com asas longas e nervuradas, pousando do lado de fora de um dos acampamentos do outro lado do rio. Três ou quatro das criaturas com pescoço de cobra já estavam no chão. Devia haver centenas de soldados naqueles acampamentos. Talvez mil. E Luca ia fazer seu espetáculo.

Em seguida, uma das balsas atingiu os para-choques acolchoados de corda no final do patamar, e a rampa desceu para deixar o vagão roxo sem janelas cair ruidosamente nas pedras. Setall estava dirigindo. Selucia estava sentada ao lado dela, espiando por cima do capuz de um manto vermelho desbotado. Do outro lado, envolto em um manto escuro para que nem um centímetro dela aparecesse, estava Tuon.

Mat achou que seus olhos iam cair da cabeça. Se o coração dele não saísse do peito primeiro. Os dados começaram a surgir em sua cabeça, aquela sensação de chocalho de dados rolando sobre uma mesa. Eles iam atrair os olhos do Tenebroso, desta vez; ele simplesmente sabia disso.

No entanto, não havia nada a fazer a não ser se colocar ao lado da carroça roxa, cavalgando como se a vida fosse maravilhosa, cavalgando pela larga rua principal através de pregoeiros para lojas e vendedores ambulantes vendendo coisas em bandejas. E soldados Seanchan. Eles não estavam marchando em formação agora, e olhavam com interesse as carroças pintadas de cores vivas. Cavalgando e esperando Tuon gritar. Ela havia dado sua palavra, mas um prisioneiro diria qualquer coisa para soltar as algemas. Tudo o que ela precisava fazer era levantar a voz e convocar mil soldados

Seanchan para serem resgatadas. Os dados quicaram e giraram na cabeça de Mat. Cavalgando, esperando os olhos do Tenebroso.

Tuon nunca falou uma palavra. Ela espiou curiosamente além da borda de seu capuz profundo, curiosa e cautelosamente, mas manteve o rosto escondido, e até as mãos, todas envoltas naquele manto escuro e até mesmo aconchegada contra Setalle como uma criança buscando a proteção de sua mãe em uma estranha multidão. Nunca deu uma palavra até que eles passaram pelos portões de Coramen e estavam roncando em direção à base do cume que se erguia atrás da cidade, onde Luca já estava reunindo as carroças do espetáculo. Foi quando Mat realmente soube que não havia escapatória para ele. Ela ia puxar o anzol. Estava apenas esperando seu maldito tempo.

Ele garantiu que todas as Seanchan ficassem em suas carroças naquela noite, e as Aes Sedai também. Ninguém tinha visto nenhuma *sul'dam* ou *damane* que Mat conhecesse, mas as Aes Sedai não discutiram pela primeira vez. Tuon também não discutiu. Ela fez uma exigência que fez as sobrancelhas de Setalle quase chegarem à linha do cabelo. Foi formulada como um pedido, de certa forma, um lembrete de uma promessa que ele havia feito, mas ele conhecia uma exigência quando uma mulher fazia uma. Bem, um homem tinha que confiar na mulher com quem ia se casar. Ele disse a ela que tinha que pensar sobre isso, só para que ela não começasse a imaginar que poderia ter qualquer coisa que quisesse dele. Pensou nisso o dia todo que Luca fez seu show, pensando e suando enquanto tanto Seanchan quanto outras pessoas vinham ficar boquiabertos para os artistas. Ele pensou nisso enquanto as carroças serpenteavam para o leste pelas colinas, movendo-se mais devagar do que nunca, mas sabia que resposta tinha que dar.

No terceiro dia depois de deixar o rio, eles chegaram à cidade de sal de Jurador, e ele disse a Tuon que faria. Ela sorriu para ele, e os dados em sua cabeça pararam. Ele sempre se lembraria disso.

Ela sorriu, e *então* os dados pararam. Um homem poderia chorar!



## CAPÍTULO

### 29

---



### Algo Pisca

"Isso é loucura", Domon resmungou de onde estava com os braços cruzados como se estivesse bloqueando a saída da carroça. Talvez ele estivesse. Sua mandíbula estava empurrada para a frente de forma beligerante, destacando uma barba aparada, mas ainda mais longa do que o cabelo em sua cabeça, e ele estava mexendo as mãos como um homem pensando em fechar os punhos ou lutar com alguma coisa. Um homem largo, Domon, e não tão gordo quanto parecia à primeira vista. Mat queria evitar socos ou luta, se pudesse.

Ele terminou de amarrar o lenço de seda preta em volta do pescoço, escondendo sua cicatriz, e enfiou as pontas longas em seu casaco. A chance de que houvesse alguém em Jurador que soubesse sobre um homem em Ebou Dar usando um lenço preto... Bem, as chances pareciam boas mesmo descontando sua sorte. Claro, sempre havia o fato de ser *ta'veren* a ser levado em consideração, mas se isso o colocasse cara a cara com Suroth ou um punhado de servos do Palácio Tarasin, ele poderia ficar na cama com um cobertor enrolado em torno de sua cabeça, e ainda iria acontecer. Às vezes, só se tinha que confiar na sorte. O problema era que, quando ele acordou esta manhã, os dados estavam novamente rolando em sua cabeça. Eles ainda estavam quicando dentro de seu crânio.

"Eu prometi", disse ele. Era bom estar de volta em roupas decentes. O casaco era de uma fina lã verde, bem cortado e caindo

quase até os joelhos e a ponta das botas viradas para baixo. Não havia bordado — talvez pudesse até ter um pouco —, mas tinha um toque de renda nos punhos. E uma boa camisa de seda. Ele gostaria de ter um espelho. Um homem precisava estar no seu melhor em um dia como este. Pegando sua capa da cama, ele a jogou sobre os ombros. Não era uma coisa vistosa como a de Luca. Cinza escura, quase tão escura quanto a noite. Apenas o forro era vermelho. O alfinete de sua capa era um simples nó de prata do tamanho de seus polegares.

"Ela deu sua palavra, Bayle", disse Egeanin. "Sua palavra. Ela não vai quebrar isso, nunca." Egeanin parecia absolutamente convencida. Mais convencida do que Mat, de qualquer maneira. Mas às vezes um homem tinha que se arriscar. Mesmo que estivesse apostando seu pescoço. Ele havia prometido. E ele tinha sua sorte.

"Ainda é loucura", resmungou Domon. Mas se afastou relutantemente da porta quando Mat colocou seu chapéu preto de abas largas na cabeça. Bem, quando Egeanin fez sinal para ele de lado com um movimento rápido de sua cabeça, de qualquer maneira. Ele manteve seu olhar carrancudo, no entanto.

Ela seguiu Mat para fora da carroça, franzindo a testa e brincando com sua longa peruca preta. Talvez ainda se sentisse desconfortável com isso, ou talvez a peruca se encaixasse de forma diferente agora que ela tinha quase um mês de crescimento de seu próprio cabelo por baixo. Não o suficiente para andar de cabeça descoberta ainda, em todo caso. Não até que houvesse pelo menos mais cento e cinquenta quilômetros entre eles e Ebou Dar. Talvez não fosse seguro até que cruzassem as montanhas Damona em Murandy.

O céu estava claro, o sol apenas acima do horizonte, invisível ainda por trás da parede de lona do espetáculo, e a manhã estava quente apenas em comparação com uma tempestade de neve. Não a frescura de uma manhã de fim de inverno em Dois Rios, mas um frio que lentamente penetrou fundo e colocou uma leve névoa em sua respiração. O povo do espetáculo corria como formigas num formigueiro chutado, enchendo o ar de gritos de exigências para

saber quem havia movido aquelas argolas de malabarismo ou tomado emprestado aquele calção de lantejoulas vermelhas ou deslocado essa plataforma de espetáculo. Parecia e soava como o início de um tumulto, mas não havia raiva real em nenhuma das vozes. Eles gritavam e acenavam com os braços o tempo todo, mas nunca chegavam a brigas quando havia um espetáculo à vista e, de alguma forma, todos os artistas estariam no lugar e prontos antes que os primeiros clientes entrassem. Eles podiam ser lentos fazendo as malas para a estrada, mas se apresentar significava dinheiro, e eles podiam se mover rápido o suficiente para isso.

“Você realmente acha que pode se casar com ela,” Egeanin murmurou, caminhando ao lado dele, chutando suas saias de lã marrom gastas. Não havia nada de delicado em Egeanin. Ela tinha um passo longo, e acompanhava facilmente. Com vestido ou não, ela parecia precisar de uma espada em seu quadril. “Não há outra explicação para isso. Bayle está certo. Você é louco!”

Mat sorriu. “A questão é, ela pretende se casar comigo? As pessoas mais estranhas se casam, às vezes.” Quando você sabia que ia ser enforcado, a única coisa a fazer era sorrir para o laço. Então ele sorriu e a deixou ali parada com uma carranca em seu rosto duro. Pensou que ela estava rosnando maldições baixinho, embora não entendesse por quê. Ela não era aquela que tinha que se casar com a última pessoa na terra que ela queria. Uma nobre, toda reservada e fria e o nariz empinado, quando ele gostava de garçonetes com sorrisos prontos e olhos dispostos. A herdeira de um trono, e não um trono qualquer; o Trono de Cristal, o Trono Imperial de Seanchan. Uma mulher que girava sua cabeça como um pião e o deixava imaginando se ele a mantinha cativa ou se ela o mantinha. Quando o destino agarrava você pela garganta, não havia nada a fazer além de sorrir.

Manteve um passo alegre até avistar a carroça roxa sem janelas, e então errou um passo. Um grupo de acrobatas, quatro homens ágeis que se autodenominavam irmãos Chavana, embora fosse evidente que vinham de países diferentes, não apenas de mães diferentes, saíram correndo de uma carroça verde próxima, gritando



e gesticulando loucamente uns para os outros. Deram uma olhada para a carroça roxa e outra para Mat, mas estavam absortos demais na discussão e trotaram rápido demais para saber mais. Gorderan estava encostado em uma das rodas roxas, coçando a cabeça e franzindo a testa para as duas mulheres que estavam ao pé dos degraus de madeira da carroça. Duas mulheres. Ambas envoltas em capas escuras, rostos escondidos, mas não havia dúvidas sobre o lenço de cabeça florido pendurado no capuz da mulher mais alta. Bem. Ele deveria saber que Tuon iria querer sua empregada junto. As mulheres nobres nunca iam a lugar algum sem uma empregada. Aposte um centavo ou aposte uma coroa, no final tudo se resumia a um lance de dados da mesma forma. Elas tiveram a chance de traí-lo. Ainda assim, ele estava apostando em uma mulher fazendo a mesma escolha duas vezes seguidas. Em duas mulheres fazendo isso. Que tolo apostaria nisso? Mas ele tinha que jogar os dados. Exceto pelo fato de que eles já estavam rolando.

Ele encontrou o frio olhar azul de Selucia com um sorriso e tirou o chapéu para fazer uma medida elegante para Tuon. Não muito vistosa, com apenas um pequeno floreio de sua capa. "Você está pronta para ir às compras?" Ele quase a chamou de "minha senhora", mas até que ela estivesse disposta a dizer seu nome...

"Estou pronta há uma hora, Brinquedo," Tuon falou calmamente. Levantando casualmente uma ponta de sua capa, ela olhou para o forro de seda vermelha e olhou para seu casaco antes de deixar a capa cair. "A renda combina com você. Talvez eu tenha rendas adicionadas às suas vestes se eu fizer de você um copeiro."

Seu sorriso sumiu por um instante. Ela ainda poderia torná-lo *da'covale* se ela se casasse com ele? Ele teria que perguntar a Egeanin. Luz, por que as mulheres nunca facilitam?

"Você quer que eu vá junto, meu Lorde?" Gorderan perguntou lentamente, sem olhar para as mulheres agora. Ele enfiou os polegares atrás do cinto e também não olhou para Mat. "Só para carregar, talvez?"

Tuon não disse uma palavra. Ela apenas ficou lá olhando para Mat, esperando, olhos grandes ficando mais frios a cada segundo.

Os dados quicaram e chacoalharam em sua cabeça. Bem, ele só hesitou um segundo antes de sacudir a cabeça para mandar o Braço Vermelho embora. Talvez dois batimentos cardíacos. Tinha que confiar em sua sorte. Confiar na palavra dela. *A confiança é o som da morte*. Ele pisou naquele pensamento duro. Isso não era uma música, e nenhuma memória antiga poderia guiá-lo. Os dados dentro de seu crânio continuavam girando.

Com uma leve reverência, ele ofereceu seu braço, que Tuon examinou como se nunca tivesse visto um braço antes, franzindo aqueles lábios carnudos. Então ela pegou sua capa e partiu com Selucia deslizando em seus calcanhares, deixando-o correr atrás delas. Não, as mulheres nunca facilitavam.

Apesar da hora adiantada, dois sujeitos corpulentos com porretes já estavam guardando a entrada, e um terceiro com uma jarra de vidro transparente para pegar as moedas e despejá-las por uma fenda na caixa de ferro no chão. Cada um dos três parecia desajeitado demais para segurar um cobre sem cair de cara, mas Luca não se arriscava. Vinte ou trinta pessoas já esperavam dentro das cordas pesadas que levavam ao grande banner azul com o nome do show de Luca e, infelizmente, Latelle também estava lá, com o rosto severo em um vestido costurado com lantejoulas carmesim e uma capa costurada com azul. A esposa de Luca treinou ursos. Mat achava que os ursos faziam seus truques com medo de que ela pudesse mordê-los.

"Eu tenho sob controle", ele disse a ela. "Acredite em mim, não há com o que se preocupar." Poderia muito bem ter poupado o fôlego.

Latelle o ignorou, franzindo a testa de maneira preocupada para Tuon e Selucia. Ela e o marido eram os únicos dois membros do povo do espetáculo que sabiam quem eram. Parecia não haver razão para contar sobre o passeio desta manhã. Luca, pelo menos, teria parido gatinhos. O olhar que Latelle pousou para Mat não estava preocupado, apenas duro como pedra. "Lembre-se," ela disse calmamente, "se você nos mandar para a forca, você manda a si mesmo." Então ela fungou e voltou a estudar as pessoas esperando para entrar. Latelle era ainda melhor do que Luca em

julgar o peso de uma bolsa antes que os cordões fossem desfeitos. Ela também era dez vezes mais forte que o marido. Os dados caíam. O que quer que os tenha feito girar, ele ainda não havia atingido o ponto fatídico. O ponto decisivo.

“Ela é uma boa esposa para Mestre Luca,” Tuon murmurou quando se afastaram um pouco.

Mat olhou para ela de lado e recolocou o chapéu na cabeça. Não havia zombaria em seu tom. Ela odiava tanto Luca? Ou estava dizendo que tipo de esposa ela seria? Ou... ? Que o queime, ele poderia ficar tão louco quanto Domon pensava que estava, tentando desvendar essa mulher. Ela tinha que ser a razão para a sensação dos dados em sua cabeça. O que ela ia fazer?

Era uma curta caminhada do sol nascente até a cidade, ao longo de uma estrada compactada através de colinas que não tinham árvores ali, mas as pessoas pontilhavam a estrada como moinhos de vento e salinas pontilhavam as colinas. Olhando para a frente, eles se moviam com tanta determinação que pareciam não ver ninguém na frente deles. Mat se esquivou de um homem de rosto redondo que quase o atropelou, o que o fez ter que pular para longe de um velho de cabelos brancos que fazia uma boa velocidade com as pernas finas. Isso o colocou na frente de uma garota gorda que teria corrido na frente dele se ele não tivesse saltado novamente.

“Você está praticando uma dança, Brinquedo?” Tuon disse, olhando para ele por cima de um ombro fino. Sua respiração fez uma tênue névoa branca na frente de seu capuz. “Não é muito gracioso.”

Ele abriu a boca, só para apontar como a estrada estava lotada, e de repente percebeu que não podia mais ver ninguém além dela e Selucia. As pessoas que estavam lá simplesmente se foram, a estrada estava vazia até onde ele podia ver antes que ela fizesse uma curva. Lentamente, ele virou a cabeça. Também não havia ninguém entre ele e o espetáculo, apenas as pessoas esperando na fila, e ela não parecia maior do que antes. Além do espetáculo, a estrada serpenteava pelas colinas em direção a uma floresta distante, vazia. Não havia uma alma à vista. Ele pressionou os

dedos contra o peito, sentindo o medalhão de cabeça de raposa através de seu casaco. Apenas um pedaço de prata em um cordão de couro cru. Desejou que sentisse frio como gelo. Tuon arqueou uma sobancelha. O olhar de Selucia o chamou de tolo.

"Eu não posso comprar um vestido para você aqui", disse ele. Esse era o objetivo desta expedição, sua promessa de encontrar para Tuon algo melhor do que vestidos que ficavam pendurados nela e a faziam parecer uma criança em roupas de adulto. Pelo menos, ele tinha certeza de que havia prometido isso, e ela estava perfeitamente certa. O bordado das costureiras do desfile teve a aprovação de Tuon, mas não o tecido que tinham disponível. Os figurinos dos artistas brilhavam com lantejoulas, miçangas e cores vivas, mas o tecido geralmente era qualquer coisa que pudesse ser encontrada mais barata. Aqueles que os tinham deveriam guardá-los e usá-los até que se desgastassem. Jurador fazia dinheiro com o sal, e o sal dava muito dinheiro. As lojas da cidade deveriam oferecer qualquer tipo de material que uma mulher pudesse desejar.

Não houve mexer de dedos, desta vez. Tuon compartilhou um olhar com Selucia. A mulher mais alta balançou a cabeça, uma torção irônica e triste em sua boca. Tuon balançou a cabeça. E elas juntaram suas capas e foram em direção aos portões cravejados de ferro da cidade. Mulheres! Ele se apressou para alcançá-las novamente. Elas eram suas prisioneiras, afinal. Eles eram. Suas sombras se estendiam à frente delas. Alguma daquelas pessoas lançou sombras antes de desaparecer? Ele também não conseguia se lembrar de nenhuma delas fazendo uma névoa de respiração. Não parecia importar. Elas se foram, e ele não ia pensar de onde tinham vindo ou para onde tinham ido. Provavelmente algo a ver com ser *ta'veren*. Ele ia tirar isso da cabeça. Ele ia. Os dados que batiam não deixavam espaço para mais nada.

Os guardas do portão pareciam indiferentes a estranhos, ou pelo menos a um homem e duas mulheres a pé. Companheiros de rosto duro em couraças pintadas de branco e elmos cônicos com o que pareciam ser rabos de cavalo como cristas, eles correram olhos impassíveis sobre as mulheres encapuzadas, demorando-se

desconfiadamente em Mat por algum motivo, e depois voltaram a se apoiar em suas alabardas e a olhar inexpressivamente para o estrada. Eram homens locais, muito provavelmente, em todo caso não eram Seanchan. Os comerciantes de sal e a senhora local, Aethelaine, que aparentemente disse tudo o que os comerciantes de sal lhe disseram, fizeram os Juramentos de Retorno sem hesitação e se ofereceram para pagar um imposto sobre o sal antes de serem solicitados. Sem dúvida, os Seanchan acabariam por instalar algum tipo de oficial aqui, apenas para ficar de olho em tudo, mas, no momento, eles tinham usos mais importantes para seus soldados. Mat havia enviado Thom e Juilin para se certificar de que não havia Seanchan em Jurador antes de concordar com esta excursão. Um tolo poderia tropeçar em sua própria sorte se não fosse cuidadoso.

Era uma cidade próspera e movimentada, Jurador, com ruas pavimentadas de pedra, a maioria delas largas e todas ladeadas de prédios de pedra com telhados de telhas avermelhadas. Casas e estalagens se acotovelavam com estábulos e tavernas, numa barulhenta confusão com o retinir do martelo de um ferreiro em uma bigorna aqui e o barulho dos teares de um tecelão ali, e por toda parte, ao que parecia, tanoeiros martelando faixas em barris apertados para transportar sal. Os vendedores ambulantes gritavam alfinetes e fitas, tortas de carne e nozes assadas em bandejas, ou nabos enrugados pelo inverno e ameixas lamentáveis em carrinhos de mão. Em todas as ruas, homens e mulheres montavam guarda sobre as mercadorias expostas em mesas estreitas na frente de suas lojas e berravam listas do que era oferecido lá dentro.

Encontrar as casas dos mercadores de sal era fácil, porém, três andares de pedra em vez de dois, cobrindo oito vezes mais terreno do que qualquer outra, cada uma com uma calçada em colunas com vista para a rua e protegida por telas brancas de ferro forjado entre as colunas. As janelas inferiores da maioria das casas tinham essas telas, embora nem sempre pintadas. Isso era uma reminiscência de Ebou Dar, mas pouco mais era, além da pele morena das pessoas. Não havia decotes profundos expondo o colo aqui, nem saias costuradas para exibir anáguas coloridas. As mulheres usavam

vestidos bordados com gola alta até o queixo, pouco bordado para as pessoas comuns, muito para as mais ricas, que usavam mantos bordados de cima a baixo e véus transparentes pendurados sobre o rosto de pentes de ouro ou marfim esculpido preso em tranças escuras e enroladas. Os casacos curtos dos homens eram trabalhados quase na mesma proporção, em cores tão brilhantes, e ricos ou pobres, a maioria dos homens usava um longo canivete com uma lâmina um pouco menos curvada do que as de Ebou Dar. Ricos ou pobres, os sujeitos tinham a tendência de acariciar os cabos das facas como se esperassem uma briga, então talvez fosse a mesma coisa.

O palácio de Lady Aethelaine não parecia diferente do lado de fora das mansões dos mercadores de sal, mas estava localizado na praça principal da cidade, uma grande extensão de pedra polida onde uma ampla fonte redonda de mármore jorrava água no ar. As pessoas enchiam seus baldes e grandes jarras de cerâmica de canos que se derramavam em bacias de pedra nos cantos de outras praças. A grande fonte exalava um cheiro de salmoura. Era um símbolo da riqueza de Jurador, bombeado da mesma fonte que os poços de sal nas colinas circundantes. Mat conseguiu ver boa parte da cidade antes que o sol subisse até a metade do seu pico do meio-dia.

Toda vez que Tuon e Selucia avistavam uma loja com sedas expostas na frente, eles paravam na mesa longa e estreita para sentir pedaços de tecido e sussurrar com as cabeças juntas, dispensando as atenções do lojista vigilante. Eles ficavam *muito* atentos, até perceberem que Mat estava com as duas mulheres. Em suas roupas de lã robustas, bem gastas e mal ajustadas, elas não pareciam clientes para seda. Mat, com um lado de sua capa jogado para trás para expor o forro, parecia. Sempre que ele tentava mostrar interesse, — as mulheres diziam que queriam que se mostrasse interesse! — sempre que se aproximava o suficiente para ouvir o que diziam, as mulheres se calavam e olhavam para ele, frios olhos escuros e azuis olhando para fora de seus capuzes profundos, até que ele recuasse um ou dois passos. Então Selucia

inclinava a cabeça para a de Tuon, e elas voltavam a murmurar e dedilhar seda, seda vermelha, seda azul, seda verde, seda lisa e brilhante e seda brocada. Jurador era uma cidade muito rica. Por sorte, ele havia enfiado uma gorda bolsa de ouro no bolso do casaco. Nada disso parecia estar certo, no entanto. Inevitavelmente, Tuon balançava a cabeça, e as duas deslizaram para a multidão com Mat correndo para acompanhar até a próxima loja de sedas. Os dados continuavam quicando no interior de seu crânio.

Eles não eram os únicos do espetáculo que tinham vindo para a cidade. Ele viu Aludra, seu rosto emoldurado por tranças de contas, andando pela multidão com um homem de cabelos grisalhos que devia ser um mercador de sal pela quantidade de bordados brilhantes que cobriam seu casaco de seda com flores e beija-flores. O que a Iluminadora queria com um comerciante de sal? O que quer que ela estivesse dizendo a ele, seu sorriso satisfeito havia acrescentado algumas rugas em seu rosto, e ele estava balançando a cabeça.

Tuon balançou a cabeça e as duas mulheres deslizaram em direção à próxima loja, ignorando as profundas reverências do lojista. Bem, a maioria delas foi dirigida a Mat. Talvez o idiota magricela tenha pensado que queria comprar seda para si mesmo. Não que ele tivesse recusado um ou três casacos de seda novos, mas quem poderia pensar em casacos enquanto esperava que aqueles malditos dados parassem? Apenas um pequeno bordado, nas mangas e ombros.

Thom passou apertando o manto cor de bronze em volta do corpo, coçando os longos bigodes brancos e bocejando como se tivesse passado a noite acordado. Ele poderia ter passado. O menestrel não voltou a beber, mas Lopin e Nerim reclamaram que ele ficava acordado até tarde, acendendo uma lamparina para que pudesse ler e reler sua preciosa carta. O que poderia ser tão fascinante em uma carta de uma mulher morta? Uma mulher morta. Luz, talvez aquelas pessoas na estrada...! Não; ele não ia pensar sobre isso.

Tuon puxou uma dobra de seda e a deixou cair enquanto se virava sem testar outra. Selucia lançou um olhar tão feroz para a lojista corpulento antes de segui-la que a mulher recuou em afronta. Mat ofereceu-lhe um sorriso. Lojistas ofendidos poderiam levar os guardas da cidade a fazer perguntas, e quem poderia dizer aonde isso poderia levar? Ele sabia que poderia sorrir e a maioria das mulheres se sentiria aliviada. A mulher de rosto redondo fungou para ele e se inclinou para alisar o rolo de seda tão ternamente, como se aconchegasse um bebê. A maioria das mulheres, ele pensou com amargura.

Na rua, uma mulher com uma capa simples deixou o capuz cair para trás, e a respiração de Mat ficou presa na garganta. Edesina ergueu o capuz novamente, mas não se apressou com isso, e o estrago estava feito de qualquer maneira, o rosto sem idade de uma Aes Sedai exibido para quem sabia o que estava vendo. Ninguém na rua deu sinal de que havia notado alguma coisa, mas ele não conseguia ver todos os rostos. Alguém estava pensando em uma recompensa? Podia não haver nenhum Seanchan em Jurador no momento, mas eles passavam por ali.

Edesina deslizou em torno de uma esquina, e duas formas de capa escura a seguiram. Duas. As *sul'dam* haviam deixado apenas uma delas no acampamento para vigiar duas Aes Sedai? Ou talvez Joline ou Teslyn estivessem em algum lugar por perto e ele não a tivesse visto. Ele esticou o pescoço, procurando na multidão por outra capa simples, mas todas que viu tinham pelo menos um pouco de bordado.

Abruptamente, algo o atingiu como uma pedra entre os olhos. Cada capa que ele podia ver tinha pelo menos um pouco de bordado. Onde estavam a maldita Tuon e a maldita Selucia? Os dados estavam girando mais rápido?

Respirando com dificuldade, ele ficou na ponta dos pés, mas a rua era um rio de mantos bordados, casacos e vestidos bordados. Isso não significava que elas estavam tentando escapar. Tuon havia dado sua palavra; ela havia perdido uma chance perfeita de traição. Mas tudo o que qualquer das mulheres tinha que fazer era dizer três



palavras, e qualquer um que as ouvisse provavelmente reconheceria um sotaque Seanchan. Isso podia ser suficiente para colocar os cães em seu encalço. Havia duas lojas à frente que pareciam estar oferecendo tecidos, uma de cada lado da rua. Nenhuma com um par de mulheres de capas escuras nas mesas na frente. Elas poderiam ter dobrado uma esquina com bastante facilidade, mas ele tinha que confiar na sorte. Sua sorte era especialmente boa quando o jogo era aleatório. As malditas mulheres provavelmente pensavam que era um maldito jogo. Que o queime, deixaria sua sorte correr bem.

Fechando os olhos, ele girou em um círculo no meio da rua e deu um passo. Aleatoriamente. Esbarrou em alguém sólido, forte o suficiente para fazer os dois grunhirem. Um sujeito volumoso com uma boca pequena e um pouco de arabescos malfeitos nos ombros de seu casaco áspero estava olhando para ele quando ele abriu os olhos, encarando e manuseando o cabo de sua faca curva. Mat não se importou. Ele estava de frente para uma das duas lojas. Abaixando o chapéu com força, ele correu. Os dados *estavam* rolando mais rápido.

Prateleiras divididas cheias de pedaços de tecido cobriam as paredes da loja do chão ao teto, e mais estavam empilhadas em longas mesas no chão. A lojista era uma mulher magricela com uma grande verruga no queixo, sua assistente esbelta, bonita e com olhos raivosos. Ele correu para dentro bem a tempo de ouvir o lojista dizer: “Pela última vez, se você não me disser para que está aqui, vou mandar Nelsa chamar os guardas”. Tuon e Selucia, os rostos ainda escondidos em seus capuzes, caminhavam lentamente ao longo de uma parede cheia de pano, parando para tocar um rolo de tecido, mas sem prestar atenção à lojista.

“Elas estão comigo”, disse Mat sem fôlego. Tirando a bolsa do bolso, ele a jogou na mesa limpa mais próxima. O tilintar pesado que fez ao aterrissar colocou um largo sorriso no rosto estreito da lojista. “Dê a elas o que elas quiserem,” ele disse a ela. E para Tuon, ele acrescentou com firmeza: “Se você for comprar alguma coisa, será aqui. Fiz todo o exercício de que gosto esta manhã.”

Ele tomara as palavras de volta assim que saíram de sua boca, se pudesse. Fale com uma mulher dessa maneira, e ela brilha em seu rosto como um dos bastões de fogo de Aludra, todas as vezes. Mas os grandes olhos de Tuon olharam para ele do abrigo de seu capuz. E sua boca cheia se curvou ligeiramente em um sorriso. Era um sorriso secreto, para ela, não para ele. Só a Luz sabia o que significava. Ele odiava quando as mulheres faziam isso. Pelo menos os dados não pararam. Isso tinha que ser um bom sinal, certo?

Tuon não precisava de palavras para fazer suas escolhas, apontando silenciosamente rolo após rolo e medindo com suas pequenas mãos escuras o quanto a lojista deveria cortar com sua tesoura. A mulher fez o trabalho ela mesma em vez de delegá-lo à sua assistente, e bem que ela poderia, considerando as coisas. Seda vermelha em vários tons estava sob aquelas tesouras longas e afiadas, e seda verde em alguns tons, e mais variedades de seda azul do que Mat sabia que existiam. Tuon escolheu um linho fino de várias espessuras e pedaços de lã brilhante — ela consultou Selucia sobre aqueles em sussurros abafados —, mas a maioria era seda. Ele recebeu de volta muito menos de sua bolsa do que esperava.

Uma vez que todo aquele pano foi dobrado e cuidadosamente amarrado, então empacotado em um pedaço maior de linho grosso — sem nenhum custo extra, muito obrigado — ele formou um monte tão gordo quanto a mochila de um mascate. Não o surpreendeu nem um pouco saber que era esperado que ele carregasse a coisa nos ombros, com o chapéu pendurado em uma das mãos. Vista o seu melhor, compre uma seda para uma mulher, e ela ainda encontra uma maneira de fazer você trabalhar! Talvez ela o estivesse fazendo pagar por falar com firmeza.

Ele ganhou muitos olhares de tolos boquiabertos enquanto saía da cidade atrás das duas mulheres. Elas deslizavam presunçosas como gatos cheios de creme. Mesmo com mantos e encapuzadas, suas costas diziam tudo. O sol ainda estava bem abaixo do meio-dia, mas a fila de pessoas esperando para entrar no espetáculo se estendia pela estrada quase até a cidade. A maioria ficou boquiaberta e apontou como se ele fosse um idiota pintado. Um dos

grandes adestradores de cavalos que guardavam a caixa de moedas deu um sorriso malicioso e abriu a boca, mas Mat retribuiu-lhe um olhar nivelado, e o sujeito decidiu voltar a olhar para as moedas que iam dos habitantes da cidade para o jarro de vidro e para a caixa. Mat achou que nunca ficou tão aliviado por estar dentro do espetáculo de Luca.

Antes que ele e as duas mulheres tivessem dado três passos para dentro da entrada, Juilin veio correndo, por um milagre sem Thera ou seu chapéu vermelho. O rosto do caçador de ladrões poderia ter sido esculpido em carvalho antigo. Olhando para as pessoas que passavam por eles no espetáculo, ele baixou a voz. Um tom baixo e urgente. “Eu estava vindo para encontrar você. É Egeanin; ela foi... ferida. Venha rápido.”

O tom do homem disse o suficiente, mas pior, Mat percebeu que os dados em sua cabeça estavam martelando agora. Ele atirou o pacote de pano nos tratadores dos cavalos com uma ordem apressada para vigiá-lo tão perto quanto a caixa de moedas, ou ele colocaria as mulheres sobre eles, mas não esperou para ver se eles o levavam a sério. Juilin voltou correndo pelo mesmo caminho, e Mat correu atrás dele, ao longo da larga rua principal do espetáculo, onde multidões barulhentas e boquiabertas observavam os quatro irmãos Chavana sem camisa nos ombros uns dos outros, e contorcionistas em calças transparentes e coletes brilhantes que estavam em suas próprias cabeças, e uma andadora de cordas bambas em calças azuis com lantejoulas subindo uma longa escada de madeira para começar sua performance. Aquém da andadora de corda bamba, Juilin se esquivou para uma das ruas mais estreitas, onde roupas penduradas em varais entre as barracas e os vagões, os artistas sentavam-se em banquinhos e degraus de vagões esperando para continuar, e mostravam crianças correndo brincando com bolas e aros. Mat sabia para onde estavam indo agora, mas o apanhador de ladrões corria rápido demais para ultrapassá-lo.

À frente, ele viu sua carroça verde. Latelle estava espiando embaixo, e Luca, em uma de suas capas vermelhas brilhantes,

estava acenando para um par de malabaristas que se movessem. As duas mulheres, de calças largas e rostos pintados de branco como os bobos de um nobre, deram uma boa olhada embaixo da carroça antes de obedecerem. Quando ele se aproximou, podia ver o que eles estavam olhando. Sem casaco, Domon estava sentado no chão sob a borda da carroça, embalando uma Egeanin inerte em seus braços. Seus olhos estavam fechados, e um fio de sangue escorria do canto de sua boca. Sua peruca pendia torta. Isso se destacava, por algum motivo. Ela sempre se preocupava tanto para manter a peruca reta. Os dados batiam como um trovão.

“Isso pode ser um desastre,” Luca rosnou, dividindo seu olhar entre Mat e Juilin. Era um olhar furioso, porém, não assustado. “Você pode ter me trazido ao desastre!” Ele enxotou um bando de crianças de olhos arregalados e rosnou para uma mulher gorda em saias que brilhavam com lantejoulas prateadas. Miyora fazia leopardos fazerem truques que nem Latelle tentaria, mas ela apenas balançou a cabeça antes de deslizar. Ninguém levava Luca tão a sério quanto ele mesmo.

O homem deu um sobressalto quando Tuon e Selucia se apressaram, e parecia a ponto de mandá-las ir também, antes que pensasse melhor. Na verdade, ele começou a franzir a testa pensativamente. E preocupado. Parecia que sua esposa não havia contado a ele sobre Mat e as mulheres deixando o espetáculo, e estava claro que eles estavam em algum lugar. A mulher de olhos azuis estava com o enorme pacote de pano nas costas agora, com os braços dobrados para trás, embora estivesse ereta apesar do volume. Você pensaria que a empregada de uma dama estava acostumada a carregar coisas, mas seu rosto era uma imagem de irritação frustrada. Latelle a olhou de cima a baixo, então zombou de Mat como se ele fosse a razão pela qual a mulher estava empurrando seus seios consideráveis para fora. A esposa de Luca era muito boa em zombar, mas a expressão severa de Tuon fez Latelle quase parecer suave. Uma juíza espiava pelo capuz dela, uma juíza pronta para sentenciar.

No momento, Mat não se importava com o que as mulheres pensavam. Esses malditos dados. Jogando a capa para trás, ele se ajoelhou e tocou com os dedos a garganta de Egeanin. Seu pulso batia fracamente, fino e trêmulo.

"O que aconteceu?" ele perguntou. "Você mandou chamar uma das irmãs?" Mover Egeanin poderia ser suficiente para matá-la, mas poderia haver tempo para a cura, se as Aes Sedai fossem rápidas. Ele não estava prestes a dizer esse nome em voz alta, porém, com as pessoas passando, parando para dar olhares curiosos antes que Luca ou Latelle as apressassem. Todas se moviam mais rápido por ela do que por ele. A própria Latelle foi a única que realmente pulou por Luca.

"Rena!" Domon cuspiu o nome. Apesar de seu cabelo curto e aquela barba ilianense que deixava seu lábio superior à mostra, ele não parecia ridículo, agora. Parecia assustado e assassino, uma combinação perigosa. "Eu a vi esfaquear Egeanin pelas costas e correr. Se eu pudesse alcançá-la, teria quebrado seu pescoço, mas minha mão é tudo o que está segurando o sangue de Egeanin. Onde está aquela maldita Aes Sedai?" ele rosnou. E pensar que era cuidadoso com sua língua.

"Eu estou bem aqui, Bayle Domon," Teslyn anunciou friamente, correndo com Thera, que deu um olhar horrorizado para Tuon e Selucia e agarrou o braço de Juilin com um guincho, os olhos no chão. A maneira como ela começou a tremer, ela poderia estar no chão em um minuto.

A Aes Sedai de olhos duros fez uma careta como se estivesse com a boca cheia de urzes quando viu o que estava à sua frente, ou talvez onde estava, mas rapidamente se agachou embaixo da carroça ao lado de Domon e segurou a cabeça de Egeanin em suas mãos ossudas. "Joline é melhor nisso do que eu," ela murmurou, meio baixinho, "mas eu posso ser capaz..."

A cabeça de raposa prateada esfriou contra o peito de Mat, e Egeanin sacudiu tão violentamente que sua peruca caiu, quase se soltando das mãos de Domon quando seus olhos se arregalaram. A convulsão durou apenas o suficiente para ela se sentar até a

metade com um suspiro congelado; então ela caiu de volta contra o peito de Domon, ofegante, e o medalhão se tornou apenas uma peça de prata trabalhada novamente. Ele estava quase acostumado a isso. Odiava estar acostumado a isso.

Teslyn também desmoronou, a ponto de cair até que Domon trocou o aperto de Egeanin para firmar a Aes Sedai com uma mão. “Obrigada,” Teslyn disse depois de um momento, as palavras soando arrastadas dela. “Mas eu não preciso de ajuda.” Ela usou a lateral da carroça para ajudá-la a se levantar, porém, seu olhar frio de Aes Sedai desafiando qualquer um a comentar. “A lâmina deslizou em uma costela e por isso não atingiu seu coração. Tudo o que ela precisa agora é de descanso e comida.”

Ela não demorou para pegar uma capa, Mat percebeu. Em uma direção ao longo da rua estreita, um grupo de mulheres em capas de lantejoulas observava da frente de uma tenda listrada de verde, seus olhares atentos e focados. No outro, meia dúzia de homens e mulheres em casacos listrados de branco e calças justas, acrobatas que se apresentavam a cavalo, lançaram olhares para Teslyn entre colocar suas cabeças juntas para sussurrar. Tarde demais para se preocupar com alguém reconhecendo o rosto de uma Aes Sedai. Tarde demais para se preocupar que um deles conhecesse a Cura quando a via sendo feita. Os dados bateram no interior da cabeça de Mat. Eles não pararam; o jogo ainda não terminou.

“Quem está procurando por ela, Juilin?” ele perguntou. “Juilin?”

O apanhador de ladrões desistiu de olhar para Tuon e Selucia e de murmurar para Thera, embora continuasse a acariciar a mulher trêmula. “Vanin e os Braço Vermelhos, Lopin e Nerim. Olver também. Ele foi embora antes que eu pudesse pegá-lo. Mas neste...” Ele parou de acalmar Thera por tempo suficiente para gesticular em direção à rua principal. O murmúrio de vozes era claramente audível mesmo a essa distância. “Tudo o que ela precisa é colocar as mãos em uma daquelas capas extravagantes, e ela pode escapar com as primeiras pessoas a sair. Se tentarmos parar todas as mulheres com o capuz levantado, ou até mesmo tentar

olhar para dentro, teremos um tumulto em nossas mãos. Essas pessoas são sensíveis”.

"Desastre", Luca gemeu, enrolando sua capa em torno de si com força. Latelle colocou um braço em volta dele. Deve ter sido como ser confortado por um leopardo, mas de qualquer forma, Luca não parecia muito confortado.

"Que me queime, por quê?" Mat rosnou. "Renna estava sempre pronta para lambar meu maldito pulso! Eu pensei que se alguém passasse do limite...!" Ele nem mesmo olhou para Thera, mas Juilin ainda fez uma careta para ele sombriamente.

Domon se levantou com Egeanin em seus braços. Ela lutou debilmente no início — Egeanin não era uma mulher para se deixar ser carregada como uma boneca —, mas eventualmente pareceu perceber que se ela usasse seus próprios pés, cairia. Ela caiu contra o peito do illianense com um olhar ressentido. Domon aprenderia; mesmo quando uma mulher precisava de ajuda, se ela não quisesse, ela fazia você pagar para ajudar. "Eu sou a única que sabia o segredo dela," ela falou com uma voz fraca. "A única que poderia entregá-la, pelo menos. Ela pode ter pensado que seria seguro ir para casa comigo morta. "Que segredo?" perguntou Mat.

A mulher hesitou, por algum motivo, franzindo a testa para o peito de Domon. Finalmente ela suspirou. "Renna foi amarrada, uma vez. Assim como Bethamin e Seta. Elas podem canalizar. Ou talvez capazes de aprender; não sei. Mas o *a'dam* funcionou nessas três. Talvez funcione em qualquer *sul'dam*." Mat assobiou por entre os dentes. Agora, isso seria um chute na cabeça dos Seanchan.

Luca e sua esposa trocaram olhares intrigados, claramente sem entender uma palavra. A boca de Teslyn estava aberta, a serenidade da Aes Sedai foi lavada em choque. Selucia fez um som de raiva, porém, os olhos azuis brilhando, e largou o pacote de pano de suas costas enquanto dava um passo em direção a Domon. Um rápido lampejo dos dedos de Tuon a deteve em seu caminho, embora fosse uma parada trêmula. O rosto de Tuon era uma máscara escura, ilegível. Ela não gostou do que tinha ouvido, no entanto. Parando para pensar, ela disse que treinou *damane*. Ah,

que o queime, além de tudo, ele ia se casar com uma mulher que pudesse canalizar?

O som de cascos de cavalos anunciou Harnan e os outros três Braço Vermelhos vindo pelo caminho estreito entre as barracas e carroças em um trote rápido. Suas espadas estavam presas sob seus mantos, Metwyn com uma adaga quase tão longa quanto uma espada curta, e Gorderan tinha sua pesada besta pendurada na sela, já puxada e travada. A manivela em seu cinto levaria um minuto inteiro para puxar a corda grossa, mas dessa forma, tudo o que ele precisava fazer era colocar uma seta. Harnan carregava um arco de cavalo de curva dupla, com uma aljava eriçada em seu quadril. Fergin montava Pips.

Harnan não se incomodou em desmontar. Olhando Tuon e Selucia com desconfiança, e Luca e Latelle com quase tanta dúvida, ele se inclinou de sua sela, a tatuagem grosseira de falcão afiada em sua bochecha. "Renna roubou um cavalo, meu Lorde," ele disse calmamente. "Atropelou um dos adestradores de cavalos na entrada ao sair. Vanin a está seguindo. Ele diz que ela pode falar com Coramen esta noite. Esse é o caminho a que ela se dirigiu. Ela está se movendo muito mais rápido do que as carroças. Mas está cavalgando sem sela; podemos pegá-la, com sorte." Ele soava como se essa sorte fosse uma questão de fato. Os homens do Bando confiavam na sorte de Mat Cauthon mais do que ele mesmo.

Não parecia haver nenhuma escolha, realmente. Os dados ainda estavam rolando em sua cabeça. Ainda havia uma chance de que eles pudessem cair em seu lado. Uma pequena chance. Sorte de Mat Cauthon. "Coloque seu pessoal na estrada o mais rápido possível, Luca", disse ele, subindo para Pips. "Deixe a parede e qualquer outra coisa que você não consiga colocar nos vagões rapidamente. Apenas vá."

"Você é louco?" Luca gaguejou. "Se eu tentar expulsar essas pessoas, vou ter um tumulto! E elas vão querer seu dinheiro de volta!" Luz, o homem pensaria em dinheiro com o pescoço esticado no cepo do carrasco.



“Pense no que você terá se mil Seanchan encontrarem você aqui amanhã.” A voz de Mat estava tão fria quanto ele poderia fazer ficar. Se ele falhasse, os Seanchan acabariam com o espetáculo de Luca em pouco tempo, por mais rápido que eles açoitassem seus cavalos. Luca sabia disso também, pela torção de sua boca, como se tivesse acabado de morder uma ameixa podre. Mat se obrigou a ignorar o homem. Os dados batiam forte, mas ainda não haviam parado. “Juilin, deixe todo o ouro para Luca, exceto uma boa bolsa.” Talvez o homem pudesse subornar seu caminho, uma vez que os Seanchan vissem que ele não tinha sua Filha das Nove malditas Luas. “Reúna todo mundo e saia o mais rápido que puder. Quando estiver fora da vista da cidade, vá para a floresta. Vou te encontrar.”

“Todo o mundo?” Protegendo Thera com seu corpo, Juilin virou a cabeça na direção de Tuon e Selucia. “Deixe aquelas duas em Jurador, e os Seanchan podem parar para recuperá-las. Pode atrasá-los, pelo menos. Você continua dizendo que vai soltá-las mais cedo ou mais tarde.”

Mat encontrou os olhos de Tuon. Grandes olhos líquidos escuros, em um rosto suave e inexpressivo. Ela empurrou o capuz um pouco para trás, para que ele pudesse ver seu rosto claramente. Se ele a deixasse para trás, então ela não poderia dizer as palavras, ou se dissesse, ele estaria longe demais para que elas importassem. Se ele a deixasse para trás, nunca saberia por que ela sorria aqueles sorrisos misteriosos, ou o que estava por trás do mistério. Luz, ele era um tolo! Pips dançou alguns passos impacientes.

“Todo mundo”, disse ele. Tuon assentiu levemente, como se fosse para si mesma? Por que ela assentiria? “Vamos cavalgar”, disse ele a Harnan.

Eles tiveram que andar com seus cavalos pela multidão para sair do espetáculo, mas assim que chegaram à estrada, Mat colocou Pips em um galope, capa esvoaçando atrás e cabeça baixa para evitar que seu chapéu voasse. Não era um ritmo que se pudesse manter um cavalo por muito tempo. A estrada serpenteava em torno de colinas e cumes cruzados, ocasionalmente cortando onde a elevação não era muito alta. Eles se espalharam por riachos na

altura dos tornozelos e trovejaram por pontes baixas de madeira cruzando águas mais profundas. As árvores começaram a aparecer nas encostas novamente, pinheiros e folhas de couro mostrando o verde entre os galhos nus do inverno das outras. Fazendas se agarravam a algumas das colinas, casas baixas de pedra com telhado de telha e celeiros mais altos, e de vez em quando uma aldeia de oito ou dez casas.

A alguns quilômetros do espetáculo, Mat avistou um homem largo à frente deles, sentado em sua sela como um saco de sebo. O cavalo era um burro de pernas compridas, comendo terreno a trote constante. Ele imaginava que um ladrão de cavalos tinha um olho para um bom animal. Captando o som de seus cascos, Vanin olhou para trás, mas apenas diminuiu a marcha. Isso era ruim.

Quando Mat diminuiu a velocidade de Pips ao lado do pardo, Vanin cuspiu. “A melhor aposta que temos é que encontramos seu cavalo correndo até a morte, para que eu possa rastreá-la a pé de lá,” ele murmurou. “Ela está se esforçando mais do que eu imaginava, sem sela. Se pressionarmos, talvez possamos pegá-la ao pôr do sol. Se seu cavalo não afundar ou morrer, será tempo de ela chegar Coramen.”

Mat inclinou a cabeça para trás para olhar para o sol, quase bem no alto. Era um longo caminho para cobrir em menos de meio dia. Se ele voltasse, poderia estar a uma boa distância do outro lado de Jurador ao pôr do sol, em companhia de Thom, Juilin e os outros. Com Tuon. Com os Seanchan sabendo caçar Mat Cauthon. O homem que havia sequestrado a Filha das Nove Luas não teve sorte suficiente para se safar de ser feito *da'covale*. E em algum momento amanhã ou no dia seguinte, eles plantariam Luca em uma estaca empalada. Luca e Latelle, Petra e Clarine e o resto. Um emaranhado de estacas empaladas. Os dados chacoalhavam e quicavam em sua cabeça.

"Nós podemos fazer isso", disse ele. Não havia outra escolha.

Vanin cuspiu.

Havia apenas uma maneira de percorrer uma grande quantidade de terreno rapidamente em um cavalo, se você pretendesse estar

em um cavalo vivo no final. Eles caminharam com os animais por meia milha, depois trotaram meia milha. O mesmo em um galope, depois uma corrida, e voltaram ao passo. O sol começou a deslizar para baixo e os dados giraram. Ao redor de colinas com florestas esparsas e sobre cumes cobertos de árvores. Córregos que podiam ser atravessados em três passos, mal molhando os cascos dos cavalos, e riachos de trinta passos de largura com pontes planas de madeira ou às vezes de pedra. O sol afundava cada vez mais, e os dados giravam cada vez mais rápido. Quase de volta ao Eldar, e nenhum sinal de Renna, exceto arranhões na terra dura da estrada que Vanin apontava como se fossem placas pintadas.

"Chegando perto agora", o homem gordo murmurou. Ele não parecia feliz, no entanto.

Então eles contornaram uma colina, e havia outra ponte baixa à frente. Mais além, a estrada torcia para o norte para cruzar o próximo cume através de uma lombada. O sol, parado no topo do cume, brilhava em seus olhos. Coramen estava do outro lado daquele cume. Abaixando o chapéu em busca de sombra, Mat procurou na estrada por uma mulher, por qualquer pessoa, montada ou a pé, e seu coração afundou.

Vanin xingou e apontou.

Um baio ensaboadado subia a encosta do outro lado do rio, uma mulher chutando freneticamente seus flancos, incitando-a a subir. Renna estava ansiosa demais para chegar aos Seanchan para continuar na estrada. Ela estava talvez a duzentos passos deles, e poderia muito bem estar a quilômetros. Sua montaria estava a ponto de desmoronar, mas ela poderia descer e correr à vista das guarnições antes que pudessem alcançá-la. Tudo o que ela tinha que fazer era alcançar a crista, mais quinze metros.

"Meu Lorde?" disse Harnan. Ele tinha uma flecha armada e seu arco meio erguido. Gorderan segurava a pesada besta em seu ombro, uma seta grossa e pontiaguda no lugar.

Mat sentiu algo tremular e morrer dentro dele. Ele não sabia o quê. Algo. Os dados rolaram como um trovão. "Atire", disse ele.

Ele queria fechar os olhos. A besta estalou; a seta fez um traço preto no ar. Renna atirou-se para a frente quando a atingiu nas costas. Ela quase conseguiu se erguer contra o pescoço do baio quando a flecha de Harnan a atingiu.

Lentamente, ela caiu do cavalo, deslizando pela encosta, rolando, quicando em árvores novas, caindo cada vez mais rápido até cair no riacho. Por um momento, ela flutuou de bruços contra a margem, e então a corrente a pegou e a puxou para longe, as saias ondulando na água. Lentamente, ela derivou em direção ao Eldar. Talvez, eventualmente, ela chegasse ao mar. E isso fazia três. Não parecia importar que os dados tivessem parado. Isso fazia três. *Nunca mais*, pensou ele enquanto Renna flutuava fora de vista em uma curva. *Mesmo se eu morrer por isso, nunca mais.*

Eles não forçaram, cavalgando de volta para o leste. Não havia sentido, e Mat se sentia muito cansado. Eles não pararam, porém, exceto para respirar e dar água aos cavalos. Ninguém queria falar.

Era de madrugada quando chegaram a Jurador, a cidade uma massa escura com os portões bem fechados. Nuvens cobriam a lua. Surpreendentemente, as paredes de lona do espetáculo de Luca ainda estavam no lugar logo depois da cidade. Com um par de homens volumosos envoltos em cobertores roncando conscientes sob a grande bandeira enquanto guardavam a entrada. Mesmo da estrada, no escuro, era claro que carroças e barracas preenchiam o espaço atrás do muro.

"Pelo menos posso dizer a Luca que ele não precisa correr, afinal", disse Mat, cansado, virando Pips em direção ao banner. "Talvez ele nos dê um lugar para dormir algumas horas." Por todo o ouro que lhe restava, Luca deveria dar a eles sua própria carroça, mas conhecendo o homem, Mat tinha esperanças de ter palha limpa em algum lugar. Amanhã, ele partiria para encontrar Thom e os outros. E Tuan. Amanhã, quando tivesse descansado.

Um choque maior esperava dentro da enorme carroça de Luca. Era realmente espaçosa por dentro, pelo menos para uma carroça, com uma mesa estreita no meio e espaço para caminhar ao redor. Mesa, armários e prateleiras foram todos polidos até brilharem.

Tuon estava sentada em uma cadeira dourada — Luca tinha uma cadeira, e dourada, quando todo mundo se contentava com bancos! — com Selucia de pé atrás dela. Um Luca radiante observava Latelle oferecer a Tuon um prato de bolos fumegantes, que a mulher morena examinava como se fosse realmente comer algo que a esposa de Luca havia cozinhado.

Tuon não mostrou nenhuma surpresa quando Mat entrou na carroça. “Ela foi capturada ou morta?” ela disse, pegando uma massa com os dedos curvados daquela maneira curiosamente graciosa.

“Morta”, disse ele categoricamente. “Luca, o que na Luz...”

“Eu proíbo, Brinquedo!” Tuon estalou, apontando um dedo para ele bruscamente. “Eu te proíbo de lamentar uma traidora!” Sua voz suavizou um pouco, mas permaneceu firme. “Ela ganhou a morte por trair o Império, e ela teria traído você com a mesma facilidade. Ela estava tentando trair você. O que você fez foi justiça, e eu nomeio assim.” Seu tom dizia que se ela nomeasse uma coisa, então era bem e verdadeiramente nomeada.

Mat fechou os olhos por um momento. “Todo mundo ainda está aqui também?” Ele demandou.

“Claro”, disse Luca, ainda sorrindo como um tolo. “A Dama — a Alta Dama; perdoe-me, Alta Dama.” Ele se curvou profundamente. “Ela conversou com Merrill e Sandar, e... Bem, você vê como foi. Uma mulher muito persuasiva, a Senhora. A Alta Dama. Cauthon, sobre o meu ouro. Você *disse* que eles deveriam entregar, mas Merrill disse que cortaria minha garganta primeiro, e Sandar ameaçou quebrar minha cabeça, e...” Ele parou sob o olhar de Mat, então de repente se iluminou novamente. “Olha o que a Senhora me deu!” Abrindo um dos armários, ele tirou um papel dobrado que segurava reverentemente com as duas mãos. Era papel grosso e branco como a neve; caro. “Um mandado. Não selado, é claro, mas assinado. O Grande Espetáculo Itinerante de Valan Luca e Magnífica Exibição de Maravilhas e Encantos encontra-se agora sob a proteção pessoal da Alta Dama Tuon Athaem Kore Paendrag. Todos saberão quem é, é claro. Eu poderia ir para Seanchan. Eu

poderia fazer meu espetáculo para a Imperatriz! Que ela viva para sempre”, acrescentou ele apressadamente, com outra reverência para Tuon.

*Para nada*, Mat pensou tristemente. Ele afundou em uma das camas com os cotovelos nos joelhos, ganhando um olhar muito aguçado de Latelle. Provavelmente apenas a presença de Tuon a impediu de bater nele!

Tuon ergueu uma mão peremptória, uma boneca de porcelana preta, mas cada centímetro uma rainha, apesar do vestido surrado e grande demais. “Você não deve usar isso exceto em caso de necessidade, Mestre Luca. Grande necessidade!”

“Claro, Alta Dama; é claro.” Luca fez reverências como se fosse beijar as tábuas do assoalho a qualquer minuto.

Tudo aquilo por porcaria nenhuma!

“Eu fiz menção específica de quem não está sob minha proteção, Brinquedo.” Tuon deu uma mordida na massa e delicadamente escovou uma migalha de seu lábio com um dedo. “Você consegue adivinhar de quem é o nome que encabeça essa lista?” Ela sorriu. Não um sorriso malicioso. Outro daqueles sorrisos para si mesma, diversão ou prazer por algo que ele não podia ver. De repente, ele notou algo. Aquele pequeno conjunto de botões de rosa de seda que ele havia dado a ela estava preso em seu ombro.

Apesar de tudo, Mat começou a rir. Ele jogou o chapéu no chão e riu. Com tudo, todos os seus esforços, ele não conhecia essa mulher! Nem um pouco! Ele riu até suas costelas doerem.



## CAPÍTULO

### 30

---



### *O que o Bastão dos Juramentos Pode Fazer*

O sol estava no horizonte, marcando perfeitamente a silhueta da Torre Branca ao longe, mas o frio da noite anterior parecia estar se aprofundando, e nuvens cinzentas escuras marchando pelo céu ameaçavam nevar. O inverno estava diminuindo, mas já havia passado da hora em que a primavera deveria ter começado, afrouxando seu domínio de forma irregular. Os ruídos da manhã penetraram na tenda de Egwene, isolada como estava de tudo ao seu redor. O acampamento parecia vibrar. Os trabalhadores trariam água dos poços e medidas extras de lenha e carvão em carroças. As mulheres serviçais estavam buscando o café da manhã das irmãs, e as noviças da segunda sessão correndo para tomar os seus, as da primeira e da terceira indo para as aulas. Era um dia importante, embora nenhuma delas soubesse. Provavelmente, hoje veria o fim das negociações simuladas que estavam acontecendo em Darein, em uma mesa sob um pavilhão ao pé da ponte para Tar Valon. Simulada em ambos os lados. Os guerreiros de Elaida continuavam a atacar impunemente do outro lado do rio. De qualquer forma, hoje seria a última reunião por algum tempo.

Examinando seu próprio café da manhã, Egwene suspirou e pegou algo preto do mingau fumegante, limpando-o dos dedos em um guardanapo de linho sem olhar o suficiente para ter certeza de que era um gorgulho. Se não podia ter certeza, então se preocupava menos com o que restava na tigela. Ela colocou uma colher cheia na

boca e tentou se concentrar nas lascas doces de damasco seco que Chesa havia misturado. Alguma coisa *quebrou* sob seus dentes?

"Isso tudo alimenta a barriga, minha mãe costumava dizer, então não ligue para isso", murmurou Chesa como se falasse consigo mesma. Era assim que ela dava conselhos a Egwene, sem ultrapassar a linha entre patroa e empregada. Pelo menos, ela dava conselhos quando Halima não estava presente, e a outra mulher saiu cedo esta manhã. Chesa estava sentada em um dos baús de roupas, para o caso de Egwene querer alguma coisa ou precisar enviar um recado, mas de vez em quando seus olhos se desviavam para a pilha de roupas que iriam para as lavadeiras hoje. Ela nunca se importou em costurar ou remendar na frente de Egwene, mas em sua opinião, separar roupa suja seria ultrapassar essa linha.

Afastando a careta de seu rosto, Egwene estava prestes a dizer à mulher para ir buscar seu próprio café da manhã — Chesa pensou em comer antes que Egwene terminasse outra transgressão —, mas antes que pudesse abrir a boca, Nisao se empurrou para dentro da barraca, cercada pelo brilho de *saidar*. Quando as abas de entrada caíram, Egwene vislumbrou Sarin, o toco de Guardião careca e de barba negra de Nisao, esperando do lado de fora. O capuz da irmã mais nova estava abaixado, cuidadosamente arrumado em seus ombros para que o forro de veludo amarelo aparecesse, mas ela estava segurando sua capa como se sentisse o frio intensamente. Ela não disse nada, apenas deu a Chesa um olhar penetrante. Chesa esperou pelo aceno de Egwene, pegou sua própria capa e saiu correndo. Ela podia não conseguir ver a luz do Poder, mas sabia quando Egwene queria privacidade.

"Kairen Stang está morta", disse Nisao sem preâmbulos. Seu rosto era suave, sua voz firme e fria. Baixa o suficiente para fazer Egwene se sentir alta, ela se levantou como se estivesse se esforçando por um centímetro extra. Nisao não costumava fazer isso. "Sete irmãs já haviam testado a ressonância antes de eu chegar lá. Não há dúvida de que ela foi morta usando *saidin*. Seu pescoço estava quebrado. Estilhaçado. Como se sua cabeça tivesse sido girada em torno de um círculo completo. Pelo menos foi rápido."



Nisao respirou fundo e de modo instável, então percebeu o que tinha feito e se endireitou ainda mais. “O Guardião dela está preparado para assassinato. Alguém deu a ele uma mistura de ervas para colocá-lo para dormir, mas ele será difícil de lidar quando acordar.” Ela não colocou o tom de desdém habitual de Amarela na menção às ervas, uma medida de seu aborrecimento, não importa o quão calmo seu rosto estivesse.

Egwene pousou a colher na mesinha e recostou-se. De repente, sua cadeira não parecia mais confortável. Agora, a próxima melhor depois de Leane era Bode Cauthon. Uma noviça. Ela tentou não pensar no que mais Bode era. Com os dias extras de prática, Bode poderia fazer o trabalho quase tão bem quanto Kairen. Quase. Ela não mencionou isso, no entanto. Nisao conhecia alguns segredos, mas não todos. “Anaiya, e agora Kairen. Ambas da Ajah Azul. Você conhece alguma outra ligação entre elas?”

Nisao balançou a cabeça. “Anaiya era Aes Sedai há cinquenta ou sessenta anos quando Kairen veio para a Torre, se bem me lembro. Talvez elas tivessem conhecidos em comum. Eu simplesmente não sei, Mãe.” Agora ela parecia cansada, e seus ombros caíram um pouco. Sua investigação silenciosa sobre a morte de Anaiya não deu em nada, e ela tinha que estar ciente de que Egwene iria adicionar Kairen.

“Descubra,” Egwene ordenou. “Discretamente.” Este segundo assassinato causaria bastante agitação sem que ela aumentasse as coisas. Por um momento, ela estudou a outra mulher. Nisao poderia dar desculpas após o fato, ou alegar que tinha duvidado desde o início, mas até então, ela sempre foi um modelo de autoconfiança e certeza absoluta da Ajah Amarela. Não agora, no entanto. “Muitas irmãs andam por aí segurando *saidar*?”

“Eu notei várias, Mãe,” Nisao disse rigidamente. Seu queixo se ergueu em uma fração de desafio. Depois de um momento, porém, o brilho ao redor dela se apagou. Ela apertou mais a capa, como se de repente tivesse perdido o calor. “Duvido que isso teria feito bem a Kairen. Sua morte foi muito repentina. Mas faz a pessoa se sentir... mais segura.”

Depois que a pequena mulher saiu, Egwene sentou-se mexendo o mingau com a colher. Ela não via mais manchas escuras, mas seu apetite havia desaparecido. Finalmente, ela se levantou e colocou a estola de sete listras em volta do pescoço, então jogou a capa sobre os ombros. Hoje, de todos os dias, ela não ficaria atolada na escuridão. Hoje de todos os dias, ela devia seguir sua rotina exatamente como era.

Do lado de fora, carroças de rodas altas rodopiavam pelos sulcos congelados das ruas do acampamento, cheias de grandes barris de água ou pilhas de lenha rachada e sacos de carvão, os cocheiros e os companheiros que cavalgavam atrás igualmente envoltos em suas capas contra o frio. Como de costume, famílias de noviças corriam pelas passarelas de madeira, geralmente conseguindo fazer suas cortesias à passagem das Aes Sedai sem diminuir a velocidade. O fracasso nos devidos respeitos a uma irmã poderia ganhar um castigo, mas o atraso também poderia, e as professoras eram geralmente menos tolerantes do que as Aes Sedai encontradas de passagem, que pelo menos poderiam fazer concessões para o motivo de uma noviça passar correndo.

As mulheres vestidas de branco ainda pulavam para fora do caminho ao ver a estola listrada pendurada no capuz de Egwene, é claro, mas ela se recusou a deixar seu humor azedar, não mais do que já estava, por noviças fazendo reverências na rua, escorregando e deslizando no chão gelado e às vezes quase caindo de cara antes que suas primas pudessem agarrá-las. “Primas” era como os membros da mesma família passaram a chamar umas às outras, e de alguma forma isso parecia torná-las mais próximas, como se elas realmente fossem parentes, e primas próximas. O que azedou seu humor foram as poucas Aes Sedai que viu por ali, deslizando pelas calçadas em meio a ondas de reverências. Não havia mais de uma dúzia entre sua tenda e o escritório de Amyrlin, mas três em cada quatro estavam envoltas na luz do Poder, além de capas. Elas andavam em pares na maioria das vezes, seguidas por quaisquer Guardiões que tivessem. Também pareciam atentas,

envoltas em *saidar* ou não, capuzes girando constantemente enquanto examinavam todos à vista.

Lembrou-se da época em que a febre maculosa atingiu Campo de Emond, e todo mundo andava por aí segurando lenços encharcados de conhaque no nariz — Doral Barran, a Sabedoria, na época, havia dito que ajudaria a evitar — segurando seus lenços e observando um ao outro para ver quem seria o próximo a explodir em pontos e cair. Onze pessoas morreram antes que a febre terminasse, mas foi um mês depois que a última pessoa adoeceu antes que todos estivessem dispostos a guardar aqueles lenços. Por muito tempo, ela associou o cheiro de conhaque ao medo. Quase podia sentir o cheiro agora. Duas irmãs haviam sido assassinadas no meio delas, por um homem que sabia canalizar, sem falar que aparentemente podia ir e vir como quisesse. O medo corria pela Aes Sedai mais rápido do que a febre maculosa.

A barraca que ela usava como escritório já estava quente quando chegou, o braseiro exalava um perfume de rosas. As luminárias espelhadas e a luminária de mesa estavam acesas. Sua rotina era bem conhecida. Pendurando sua capa no cabide no canto, ela se sentou atrás da escrivaninha, pegando automaticamente a perna instável da cadeira que sempre tentava dobrar. Tudo o que ela tinha que fazer era seguir a rotina. Amanhã, poderia anunciar o que tinha sido feito.

Sua primeira visitante foi um choque, talvez a última mulher que esperava entrar na tenda. Theodrin era uma morena esbelta, com bochechas de maçã, uma domanesa de pele acobreada com uma boca teimosa. Uma vez, ela sempre parecera pronta para sorrir. Ela deslizou pelos tapetes gastos, perto o suficiente para que a franja de seu xale roçasse a escrivaninha. Ao fazer uma reverência muito formal, Egwene estendeu a mão esquerda para que a mulher pudesse beijar seu anel da Grande Serpente. A formalidade devia ser cumprida com a formalidade.

“Romanda deseja saber se pode se encontrar com você hoje, Mãe”, disse a magra Marrom. Suavemente, mas havia uma teimosia enterrada em seu tom também.

“Diga a ela, a qualquer hora que ela escolher, Filha,” Egwene respondeu com cuidado. Theodrin ofereceu outra reverência sem mudar de expressão.

Quando a Marrom se moveu para sair, uma das Aceitas passou por ela na tenda, empurrando para trás o capuz branco com faixas. Emara era uma mulher magra e tão pequena quanto Nisao. Parecia que um vento forte poderia afastá-la, mas ela tinha uma mão muito firme com as noviças entregues a seus cuidados, mais firme do que muitas irmãs. Mas então, ela era dura consigo mesma, e a vida de uma noviça deveria ser difícil. Os olhos cinzentos de Emara rolaram para a franja do xale de Theodrin, e sua boca se torceu em um sorriso desdenhoso, antes de afastá-lo para espalhar suas saias nevadas e listradas para Egwene. Manchas brilhantes de cor flamejavam nas bochechas de Theodrin.

Egwene bateu a mão na mesa com força suficiente para chacoalhar o tinteiro de pedra e o jarro de areia. “Você esqueceu como ser cortês com uma Aes Sedai, criança?” ela disse bruscamente.

Emara ficou pálida — afinal, a Amyrlin tinha uma reputação — e fez uma reverência ainda mais profunda para Theodrin, que a cumprimentou com um aceno de cabeça antes de deslizar da tenda muito mais rápido do que havia entrado.

O que Emara balbuciou, com um sotaque illianense engrossado pelos nervos, foi um pedido de Lelaine para se encontrar com a Amyrlin. Romanda e Lelaine tinham sido muito menos formais, uma época, aparecendo sem aviso prévio e sempre que desejavam, mas a declaração de guerra a Elaida havia mudado muito. Não tudo, mas o suficiente para continuar. Egwene devolveu a Lelaine a mesma resposta que dera a Romanda, embora em um tom mais cortante, e Emara quase caiu fazendo uma reverência e praticamente saiu correndo da barraca. Mais um prego unindo a lenda de Egwene al'Vere, o Trono de Amyrlin que fazia Sereille Bagand parecer um travesseiro de penas de ganso.

Assim que a Aceita se foi, Egwene ergueu a mão e franziu a testa para o que havia coberto. O quadrado de papel dobrado que

Theodrin havia depositado sobre a mesa enquanto beijava seu anel. Sua carranca se aprofundou quando ela abriu. A caligrafia que cobria a pequena página conseguia fluir com precisão, mas havia uma mancha de tinta em uma borda. Theodrin era muito elegante. Talvez ela estivesse tentando se conformar com a visão geral das Marrons.

Romanda enviou duas irmãs para Viajar para Cairhien e investigar alguma história que deixou as Votantes Amarelas zumbindo. Não sei qual é o boato, Mãe, mas vou descobrir. Ouvei uma delas mencionar Nynaeve, não como se ela estivesse em Cairhien, mas como se o boato estivesse de alguma forma ligado a ela.

A mulher tola tinha até assinado seu nome!

“O que é isso, Mãe?”

Egwene teve um sobressalto de surpresa e mal pegou a perna da cadeira dobrável antes que ela a derrubasse nos tapetes. Ela reorientou sua carranca para Siuan, que estava bem dentro das abas da entrada com seu xale de franjas azuis em seus braços e suas pastas de couro pressionadas em seus seios. As sobrancelhas da mulher de olhos azuis se ergueram levemente com o espanto de Egwene.

“Aqui,” Egwene disse irritada, empurrando o papel para ela. Não era hora de pular e se contorcer! “Você sabe sobre Kairen?” Claro que sim, mas Egwene ainda disse: “Você fez as mudanças necessárias?” Mudanças necessárias. Luz, ela parecia tão pomposa quanto Romanda. Estava no limite. Só por fim, ela pensou em abraçar *saidar* e tecer uma proteção contra espionagem; só depois que a proteção estava instalada é que ela pensou que hoje talvez não fosse o melhor momento para alguém pensar que ela tinha assuntos particulares para discutir com Siuan.

Siuan não estava no limite. Ela havia resistido a tempestades. E conseguiu se recuperar do afogamento, alguns podem dizer. Hoje estava apenas um pouco ventoso, para ela. “Não há necessidade

até que tenhamos certeza sobre os barcos, Mãe,” ela respondeu calmamente, colocando suas pastas sobre a mesa e arrumando-as cuidadosamente entre o tinteiro e o jarro de areia. “Quanto menos tempo Bode tiver para pensar sobre isso, menor a chance de ela entrar em pânico.” Calma como um lago. Nem mesmo duas irmãs assassinadas conseguiram irritar Siuan. Ou enviar uma noviça de apenas alguns meses para substituir uma delas.

Uma carranca vincou sua testa enquanto ela lia o bilhete, no entanto. “Primeiro Faolain se esconde,” ela rosnou para o papel, “e agora Theodrin traz isso para você em vez de para mim. Aquela garota tola tem menos cérebro que um pássaro pescador! Você pensaria que ela quer que alguém descubra que ela está de olho em Romanda para você.” Está de olho. Uma maneira educada de dizer “espiã”. Ambas eram versadas em eufemismos. Isso combinava com ser Aes Sedai. Hoje, eufemismos irritavam Egwene.

“Talvez ela queira ser descoberta. Talvez ela esteja cansada de Romanda dizendo a ela o que fazer, o que dizer, o que pensar. Eu tive uma Aceita aqui que *zombou* do xale de Theodrin, Siuan.”

A outra mulher fez um gesto de desprezo. “Romanda tenta dizer a todos o que fazer. E o que pensar. Quanto ao resto, as coisas vão mudar quando Theodrin e Faolain puderem jurar sobre o Bastão dos Juramentos. Acho que ninguém vai realmente insistir que elas sejam testadas para o xale agora. Até lá, elas devem aceitar o que vier.”

“Isso não é bom o suficiente, Siuan.” Egwene conseguiu manter o nível de seu tom, mas foi preciso um esforço. Ela tinha pelo menos suspeitado no que estava deixando aquelas duas se meter quando disse para elas se unirem a Romanda e Lelaine. Precisava saber o que as Votantes estavam tramando, e ainda precisava saber, mas tinha um dever para com elas. Elas foram as primeiras a jurar fidelidade a ela, e por vontade própria. Além disso... “Muito do que é dito sobre Theodrin e Faolain pode ser dito de mim também. Se *Aceitas* puderem mostrar-lhes desrespeito...” Bem, ela não tinha medo *daquilo*. As irmãs eram outra questão. Principalmente as Votantes. “Siuan, não tenho nenhuma esperança de unir a Torre se as Aes Sedai duvidarem de mim.”

Siuan bufou com força. “Mãe, a essa altura até Lelaine e Romanda sabem que você é o Trono de Amyrlin de verdade, admitam ou não. Essa dupla não teria caído na conversa de Deane Aryman. Acho que elas estão começando a ver você como outra Edarna Noregovna.”

“Isso é o que pode ser”, disse Egwene secamente. Deane foi considerada a salvadora da Torre Branca após o desastre de Bonwhin com Artur Asa de Gavião. Acredita-se que Edarna tenha sido a mulher politicamente mais habilidosa que já segurou o bastão e estola. Ambas tinham sido Amyrlins muito fortes. “Mas como você me lembrou, eu tenho que me certificar de que não acabe como Shein Chunla.” Shein começou como uma forte Amyrlin, firmemente no comando da Torre e do Salão, e terminou como uma marionete fazendo exatamente o que lhe era dito.

Siuan assentiu, em aprovação e concordância. Ela realmente estava ensinando a Egwene a história da Torre, e muitas vezes ela falava sobre Amyrlins que tinha dado um passo em falso fatalmente. Incluindo ela mesma. “Isso é outro assunto, porém,” ela murmurou, batendo o bilhete contra seus dedos. “Quando eu colocar minhas mãos em Theodrin, vou fazê-la desejar ser uma noviça. E Faolain! Se elas acharem que podem se esquivar agora, eu juro, vou estripar as duas como peixes grunhidores no cais!

“Você vai estripar quem?” Sheriam perguntou enquanto caminhava através da proteção com uma rajada de ar frio.

A cadeira de Egwene quase a deixou cair nos tapetes novamente. Ela precisava de uma cadeira que não tentasse dobrar toda vez que ela se movia. Estava disposta a apostar que Edarna nunca pulava como se tivesse coceira nas costas.

“Ninguém que diz respeito a você,” Siuan disse calmamente, colocando o papel em uma das chamas do abajur. Queimou rapidamente, até a ponta dos dedos, e então ela o amassou entre as mãos e limpou as cinzas. Apenas Egwene, Siuan e Leane sabiam a verdade sobre Faolain e Theodrin. E as próprias duas irmãs, é claro. Embora houvesse muita coisa que nenhuma das duas sabia também.

Sheriam aceitou a rejeição com serenidade. A ruiva parecia ter se recuperado completamente de seu colapso no Salão. Pelo menos, ela havia recuperado sua dignidade externa, em sua maior parte. Observando Siuan queimar o bilhete, seus olhos verdes inclinados poderiam ter se apertado um pouco, e ela tocou a estreita estola azul pendurada em seus ombros como se para se lembrar de que ela estava lá. Ela não tinha que aceitar as ordens de Siuan — colocar sua Guardiã naquela posição parecia muito duro para Egwene, no final —, mas Sheriam sabia muito bem que Siuan também não precisava aceitar suas ordens, o que a irritava agora que Siuan estava tão abaixo dela no Poder. Saber que havia segredos que ela não estava a par tinha que irritá-la também. Sheriam teria que viver com isso, porém.

Ela também trouxe um papel, que colocou sobre a mesa na frente de Egwene. “Encontrei Tiana no caminho para cá, Mãe, e disse a ela que daria isso para você.”

“Isso” era o relatório do dia sobre as fugitivas, embora esses não chegassem mais todos os dias, nem mesmo todas as semanas, já que as noviças estavam organizadas em famílias. As primas apoiavam-se mutuamente através de frustrações e lágrimas, e conseguiam conversar umas com as outras sobre os piores erros, como fugir. Havia apenas um nome na página. Nicola Treehill.

Egwene suspirou e largou o papel. Ela teria pensado que a ganância de Nicola por aprender manteria seus pés parados, não importa o quão frustrada a mulher ficasse. E, no entanto, ela não podia dizer que lamentava ver o fim dela. Nicola era conivente e sem escrúpulos, disposta a tentar chantagem ou qualquer outra coisa que achasse que a faria avançar. Muito provavelmente ela teve ajuda. Areina não hesitaria em roubar cavalos para que as duas fugissem.

Abruptamente, a data ao lado do nome chamou sua atenção. Duas datas, na verdade, marcadas como perguntas. Os meses raramente eram nomeados, muito menos os dias numerados, exceto em documentos oficiais e tratados. Assinado, selado e testemunhado na cidade de Illian no décimo segundo dia dos



Salvos, este Ano de Graça... E por relatórios desta natureza, e ao inserir o nome de uma mulher no livro de noviças. Para uso comum, tantos dias antes desta festa ou depois disso bastavam. Escritas, as datas sempre pareciam um pouco estranhas para ela. Ela teve que contar nos dedos para ter certeza do que via.

“Nicola fugiu três ou quatro dias atrás, Sheriam, e Tiana está relatando isso só agora? Ela nem tem certeza se foram três dias ou quatro?”

“As primas de Nicola deram cobertura, Mãe.” Sheriam balançou a cabeça com pesar. Estranhamente, seu pequeno sorriso parecia divertido, no entanto. Ou até mesmo admirando. “Não por amor; aparentemente, elas ficaram felizes em ver a criança partir e com medo de que ela fosse trazida de volta. Ela era bastante arrogante sobre seu Talento em Previsão. Receio que Tiana esteja muito chateada com elas. Nenhuma estará sentado confortavelmente em suas aulas hoje, ou nos próximos dias, temo. Tiana diz que pretende dar a cada uma delas uma dose da chicote em vez do café da manhã todos os dias até que Nicola seja encontrada. Acho que ela pode ceder, no entanto. Com Nicola fora tanto tempo antes de sua fuga ser descoberta, pode levar algum tempo até que ela seja localizada.

Egwene estremeceu ligeiramente. Ela podia se lembrar de suas próprias visitas ao escritório da Mestra das Noviças, então ocupado pela mesma mulher à sua frente. Sheriam tinha um braço forte. Uma dose diária seria feroz. Mas esconder a fuga de uma fugitiva era mais sério do que fugir depois do expediente ou fazer uma brincadeira. Ela empurrou o relatório para um lado.

“Tiana vai lidar com isso como achar melhor”, disse ela. “Sheriam, houve alguma mudança na forma como as irmãs falam sobre meu sonho?” Ela havia revelado o sonho sobre um ataque de Seanchan na manhã seguinte ao sonho, e as mulheres que ela contou olharam para ela apaticamente, aparentemente por causa do frescor da morte de Anaiya. Isso surpreendeu a todas.

Em vez de responder, Sheriam pigarreou e alisou as saias azuis. “Você pode não estar ciente, Mãe, mas uma das primas de Nicola é

Larine Ayellin. De Campo de Emond”, acrescentou ela, como se Egwene não soubesse disso. “Ninguém pensaria que você estava tratando como favorita se perdoasse toda a família. Se ela ceder ou não, Tiana pretende ser muito afiada com elas nesse meio tempo. Elas vão sofrer.”

Inclinando-se para trás, cuidadosamente por causa da perna bamba da cadeira, Egwene franziu a testa para a outra mulher. Larine tinha quase a mesma idade que ela, e fora uma amiga próxima crescendo. Elas passaram horas juntas, fofocando e praticando tranças no cabelo para quando o Círculo de Mulheres dissesse que elas tinham idade suficiente. Apesar disso, Larine tinha sido uma das poucas garotas do Campo de Emond que pareciam aceitar que Egwene pudesse realmente ser o Trono de Amyrlin, embora demonstrasse isso principalmente mantendo distância. Mas Sheriam achava que Egwene teria *favoritas*? Até Siuan pareceu surpresa. “Você deveria saber melhor do que ninguém, Sheriam, disciplina de noviça é campo da Mestra das Noviças. A menos que uma garota esteja sendo abusada, de qualquer maneira, e você não teria sugerido isso. Além disso, se Larine acha que pode se safar ajudando uma fugitiva hoje – ajudando uma fugitiva, Sheriam! — o que ela vai pensar que pode fazer amanhã? Ela pode alcançar o xale se tiver a coragem de ficar com ele. Não vou levá-la por um caminho que termina com ela sendo mandada embora por mau comportamento. Agora. O que elas estão dizendo sobre o meu sonho?”

Os olhos verdes inclinados de Sheriam piscaram e ela olhou para Siuan. Luz, a mulher achava que Egwene estava sendo dura porque Siuan estava presente? Porque Siuan podia carregar fofocas? Ela deveria saber melhor; ela *tinha* sido a Mestra das Noviças. “A atitude entre as irmãs, Mãe,” Sheriam disse finalmente, “ainda é que os Seanchan estão a mil milhas de distância, eles não sabem Viajar, e se eles começarem a marchar em Tar Valon, nós saberemos disso antes que estejam a duzentas léguas.

Siuan murmurou algo baixinho que soou vil, mas não surpresa. Egwene também queria xingar. As preocupações com o assassinato

de Anaiya não tinham nada a ver com a apatia das irmãs. Elas não acreditavam que Egwene fosse uma Sonhadora. Anaiya tinha certeza, mas Anaiya estava morta. Siuan e Leane acreditavam, mas nenhuma das duas estava alto o suficiente agora para ser ouvida com mais do que polidez impaciente, se tanto. E ficou bem claro que Sheriam não acreditava. Ela obedecia ao seu juramento de fidelidade tão escrupulosamente quanto Egwene poderia ter desejado, mas você não podia ordenar que alguém acreditasse. Elas apenas falavam o que você dizia a elas, e nada mudava.

Quando Sheriam saiu, Egwene se pegou imaginando o que havia trazido a mulher em primeiro lugar. Poderia ter sido apenas para apontar que Larine seria punida? Certamente não. Mas ela não disse mais nada, além de responder às perguntas de Egwene.

Logo, Myrelle chegou, seguida de perto por Morvrin. Egwene sentiu cada uma delas soltar a Fonte antes que entrasse na tenda, e elas deixaram seus Guardiões esperando do lado de fora. Mesmo em breves vislumbres enquanto as abas de entrada eram empurradas para o lado, os homens pareciam cautelosos, mesmo para Guardiões.

Os grandes olhos escuros de Myrelle brilharam ao ver Siuan, e suas narinas se dilataram. O rosto redondo de Morvrin permaneceu liso como pedra polida, mas ela escovou a saia marrom-escura com as duas mãos como se estivesse limpando alguma coisa. Talvez fosse inconsciente. Ao contrário de Sheriam, elas tinham que aceitar as ordens de Siuan, e nenhuma delas gostava nada disso. Não que Egwene quisesse apertar seus narizes, mas ela confiava em Siuan, e jurando ou não, não confiava inteiramente nelas. Não no grau que ela confiava em Siuan. Além disso, havia momentos em que era inconveniente, se não impossível, dizer às irmãs juramentadas o que ela queria que fosse feito. Siuan podia levar mensagens e, assim, Egwene podia ter certeza de que seriam obedecidas.

Ela imediatamente perguntou sobre falar de seu sonho, mas sem surpresa, suas histórias eram as mesmas de Sheriam. Os Seanchan estavam longe. Haveria muitos avisos caso isso mudasse. A história tinha sido a mesma por uma boa semana e meia. Pior....

"Poderia ser diferente se Anaiya estivesse viva", disse Morvrin, equilibrando-se em cima de um dos bancos frágeis na frente da escrivaninha. Apesar de seu volume, ela o fez isso com facilidade e graciosidade. "Anaiya tinha uma reputação de conhecimento arcano. Sempre achei que ela deveria ter escolhido Marrom, em minha opinião. Se ela disse que você era uma Sonhadora..." Seus dentes se fecharam com um olhar penetrante de Egwene. Myrelle de repente se interessou em aquecer as mãos no braseiro.

Nenhuma das duas acreditava, também. Exceto por Siuan e Leane, ninguém em todo o acampamento acreditava que Egwene tivera um sonho verdadeiro. Varilin havia assumido as negociações em Darein, habilmente empurrando Beonin para um papel menor, e ela oferecia desculpas constantes de por que ela não podia passar um aviso naquele momento. Talvez em alguns dias, quando as conversas estivessem mais tranquilas. Como se fossem outra coisa que não irmãs conversando em círculos sem dizer uma palavra que pudesse deixar o outro lado ofendido. Ninguém além de Siuan e Leane. Ela pensava que elas acreditavam.

Myrelle virou-se do braseiro como se estivesse se preparando para colocar a mão nas brasas. "Mãe, eu estive pensando no dia em que Shadar Logoth foi destruída..." Ela parou e voltou para o braseiro quando uma mulher de rosto comprido em azul profundo entrou na tenda carregando um banquinho de três pernas pintado em espirais brilhantes.

Maigan era linda, com olhos grandes e lábios carnudos, mas parecia alongada de alguma forma. Ela não era tão alta, mas até suas mãos pareciam longas. Deu um aceno frio para Morvrin e ignorou Myrelle. "Eu trouxe meu próprio assento hoje, mãe," ela disse, fazendo o máximo de reverência que podia com o banquinho em uma mão. "Os seus são bastante instáveis, se assim posso dizer."

Não foi surpresa que a morte de Anaiya significasse que a Ajah Azul nomearia outra pessoa para o "conselho consultivo" de Egwene, mas ela esperava o melhor quando soube quem seria.

Maigan tinha sido uma das aliadas de Siuan quando Siuan era Amyrlin.

“Você se importa se eu mandar Siuan buscar chá, Mãe?” Maigan disse enquanto se acomodava em seu banquinho. “Você realmente deveria ter uma novata ou uma Aceita para fazer recados, mas Siuan servirá.”

“As noviças têm suas aulas, filha”, respondeu Egwene, “e mesmo com a disposição das famílias, as Aceitas dificilmente têm tempo para seus próprios estudos.” Além disso, ela teria que enviar uma noviça ou Aceita para ficar no frio sempre que quisesse falar com alguém em privacidade. Difícil para alguém que ainda não teria sido ensinado a ignorar o calor ou o frio, e uma bandeira plantada do lado de fora da barraca dizendo a todos que poderia haver algo que valesse a pena espionar. “Siuan, você pode, por favor, nos trazer um pouco de chá? Tenho certeza de que todas nós gostaríamos de uma xícara quente.”

Maigan levantou uma mão de dedos longos enquanto Siuan se dirigia para a entrada. “Eu tenho um pote de mel de menta na minha barraca,” ela disse imperiosamente. “Pegue. E lembre-se de não roubar nenhum. Eu lembro que você costumava ter um fraco por doce. Depressa, agora. Maigan tinha sido uma aliada. Agora ela era uma das muitas irmãs que culpavam Siuan por quebrar a Torre Branca.

“Como você diz, Maigan,” Siuan respondeu com uma voz mansa, e até dobrou o joelho um pouco antes de sair correndo. E ela se apressou. Maigan era tão alta quanto Myrelle ou Morvrin, e não havia ordens ou juramentos de fidelidade para protegê-la aqui. A mulher de rosto comprido deu um pequeno aceno de cabeça satisfeito. Siuan teve que implorar para ser aceita de volta na Ajah Azul, e havia rumores de que Maigan tinha sido a mais insistente na mendicância.

Morvrin deu suas desculpas para deixar Siuan para trás, talvez pretendendo alcançá-la por algum motivo, mas Myrelle pegou um dos bancos e começou uma competição com Maigan: quem poderia ignorar a outra completamente. Egwene não entendia a

animosidade entre as duas mulheres. Às vezes, as pessoas simplesmente não gostavam umas das outras. De qualquer forma, não funcionava para uma conversa. Egwene aproveitou a oportunidade para folhear as páginas das pastas de Siuan, mas não conseguiu se concentrar nos rumores de Illian e nas insinuações de Cairhien. Parecia não haver nada que justificasse a alegação de Theodrin de uma história que deixara as Votantes Amarelas agitadas. Siuan teria dito algo, se soubesse.

Maigan e Myrelle olhavam para ela como se observá-la virar folhas de papel fosse a atividade mais interessante do mundo. Ela teria mandado as duas embora, mas queria descobrir o que Myrelle estava pensando no dia em que Shadar Logoth foi retirado da terra. Ela não podia mandar um embora sem mandar as duas. Malditas as duas!

Quando Siuan voltou, com uma bandeja de madeira segurando um bule de prata e xícaras de porcelana — e o pote de mel de Maigan com vidro branco — foi seguida até a tenda por um soldado em armadura de placas e cotas de malha, um jovem shienarano com o cabelo raspado, exceto por um topete. Jovem, mas não novo. A bochecha escura de Ragan carregava uma cicatriz branca enrugada de uma flecha, e seu rosto era duro de uma forma que só o rosto de um homem que vivia com a morte a cada hora poderia ser. Enquanto Siuan distribuía xícaras de chá, ele se curvou, uma mão segurando um elmo com crista lunar no quadril, a outra no punho da espada. Nada em sua expressão dizia que ele já a tinha conhecido antes.

“É uma honra servir, Mãe,” ele disse formalmente. “Lorde Bryne me enviou. Ele pediu para lhe dizer que parece que as invasoras podem ter cruzado para este lado do rio na noite passada. Com Aes Sedai. Lorde Bryne está dobrando as patrulhas. Ele aconselha que as irmãs fiquem perto do acampamento. Para evitar incidentes.”

“Posso ser dispensada, Mãe?” Siuan disse de repente, com o som levemente envergonhado de uma mulher que se via com uma necessidade urgente de uma latrina.

“Sim, sim”, disse Egwene, com a maior impaciência que conseguiu, e mal esperou que a outra mulher saísse correndo da barraca antes de continuar. “Diga a Lorde Bryne que as Aes Sedai vão onde quiserem, quando quiserem.” Ela fechou a boca antes que pudesse chamá-lo de “Ragan”, mas isso só serviu para fazê-la parecer severa. Ela esperava que sim.

“Eu vou dizer a ele, Mãe”, ele respondeu, fazendo outra reverência. “Coração e alma para servir.”

Maigan sorriu levemente quando ele partiu. Desprezava os soldados — os Guardiões eram bons e necessários; soldados faziam bagunça para os outros limparem, em sua opinião —, mas ela preferia qualquer coisa que parecesse indicar uma divisão entre Egwene e Gareth Bryne. Ou talvez fosse melhor dizer que Lelaine favorecia. Nisso, Maigan era uma mulher de Lelaine até as unhas dos pés. Myrelle apenas pareceu confusa. Ela sabia que Egwene se dava bem com Lord Gareth.

Egwene levantou e se serviu de uma xícara de chá. E tomou um toque de mel de Maigan. Suas mãos estavam bem firmes. Os barcos estavam no lugar. Em poucas horas, Leane reuniria Bode e cavalgaria para bem longe do acampamento antes de explicar o que elas iriam fazer. Larine devia receber o castigo que merecia, e Bode devia fazer o que precisava ser feito. Egwene era mais jovem que Bode quando foi designada para caçar irmãs negras. Shienaranos serviam sua guerra contra a Sombra no Praga, coração e alma. Aes Sedai, e aquelas que se tornariam Aes Sedai, serviam à Torre. Uma arma mais forte contra a Sombra do que qualquer espada, e não menos afiada para uma mão incauta.

Quando Romanda chegou, com Theodrin para abrir a porta de entrada para ela, a Amarela de cabelos grisalhos fez uma reverência muito exata, nem uma fração a mais nem menos do que o decoro exigido de Votante para Amyrlin. Elas não estavam no Salão agora. Se a Amyrlin era apenas a primeira entre iguais ali, ela era um pouco mais em seu próprio estúdio, mesmo para Romanda. No entanto, ela não se ofereceu para beijar o anel de Egwene. Havia limites. Ela olhou para Myrelle e Maigan como se pensasse em

pedir-lhes para irem embora. Ou talvez dizendo a elas. Era um olhar espinhoso. Votantes esperavam obediência, mas nenhuma era de sua Ajah. E este era o escritório da Amyrlin.

No final, ela não fez nenhuma das duas coisas, apenas permitiu que Theodrin pegasse sua capa, bordada com flores amarelas e lhe servisse uma xícara de chá. Theodrin também não precisou fazer nada, e se retirou para um canto, contorcendo o xale e a boca fechada, mal-humorada, enquanto Romanda pegava o banquinho vazio. Apesar das pernas irregulares do banco, Romanda conseguiu fazê-lo parecer um assento no Salão da Torre, ou talvez um trono, enquanto ajustava o xale de franjas amarelas que usava sob o manto.

“As conversas estão indo mal,” ela disse com aquela voz alta e musical. Ainda fez soar como uma proclamação. “Varilin está mastigando os lábios em frustração. Magla também está frustrada, e até Saroiya. Quando Saroiya começa a ranger os dentes, a maioria das irmãs estaria gritando.” Com exceção de Janya, cada Votante que havia ocupado uma cadeira antes da divisão da Torre havia se insinuado nas negociações. Afinal, conversavam com mulheres que conheceram no Salão naquela época. Beonin estava quase reduzida a escrever recados.

Romanda levou o chá aos lábios, depois estendeu a xícara para o lado do prato sem dizer uma palavra. Theodrin disparou do canto para levar a xícara até a bandeja, acrescentando mel antes que ela devolvesse a xícara para a Votante e ela para o canto. Romanda provou o chá novamente e acenou com a cabeça em aprovação. O rosto de Theodrin corou.

“As conversas vão acontecer do jeito que vão”, disse Egwene com cuidado. Romanda se opunha a qualquer tipo de negociação, simulada ou não. E ela sabia o que ia acontecer esta noite. Manter o Salão no escuro sobre isso parecia um tapa na cara desnecessário.

O coque apertado na parte de trás da cabeça de Romanda balançou quando ela assentiu. “Elas já nos mostraram uma coisa. Elaida não permitirá que as Votantes que falam por ela se movam um centímetro. Ela está enterrada na Torre como um rato na



parede. A única maneira de dar descarga é mandar furões atrás dela.” Myrelle fez um som em sua garganta, ganhando um olhar surpreso de Maigan. Os olhos de Romanda permaneceram firmes nos de Egwene.

“Elaida será removida de uma forma ou de outra,” Egwene disse calmamente, colocando sua xícara de chá no prato. Sua mão não tremeu. O que as mulheres descobriram? Como?

Romanda fez uma leve careta para o chá, como se, afinal, não tivesse mel suficiente. Ou desapontada por Egwene não ter dito mais nada. A mulher se mexeu em seu banquinho com o ar de uma espadachim se preparando para outro ataque, a lâmina subindo. “As coisas que você disse sobre as Kin, Mãe. Que existem mais de mil delas em vez de algumas dezenas. Que algumas têm quinhentos ou seiscentos anos.” Ela balançou a cabeça diante da impossibilidade. “Como tudo isso pode ter escapado da Torre?” Ela estava desafiando, não fazendo uma pergunta.

“Só descobrimos recentemente quantas Bravias existem entre o Povo do Mar”, Egwene respondeu gentilmente. “E ainda não temos certeza de quantas realmente existem.” A careta de Romanda não foi tão pequena desta vez. Foi a Amarela que primeiro confirmou centenas de Bravias do Povo do Mar apenas em Illian. Primeiro golpe para Egwene.

Um golpe era foi suficiente para acabar com Romanda, no entanto. Ou até mesmo para feri-la muito. “Teremos que caçá-las, uma vez que nossos negócios estejam concluídos aqui,” ela disse em tom sombrio. “Deixar que algumas dezenas permaneçam em Ebou Dar e Tar Valon, apenas para nos ajudar a rastrear fugitivas, era uma coisa, mas não podemos permitir que mil Bravias permaneçam... organizadas.” Ela colocou ainda mais desprezo na palavra, na ideia de Bravias organizadas, do que no resto. Myrelle e Maigan observavam atentamente, escutando. Maigan estava até se inclinando para frente, de tão concentrada. Nenhuma delas sabia mais do que as histórias que Egwene havia espalhado, que todas achavam que vinham dos olhos e ouvidos de Suan.

“Bem mais de mil”, corrigiu Egwene, “e nenhuma Bravia. Todas as mulheres mandadas embora da Torre, exceto algumas fugitivas que escaparam da captura.” Ela não levantou a voz, mas fez cada ponto com firmeza, encontrando o olhar de Romanda. “Em todo caso, como você propõe caçá-las? Elas estão espalhadas por todos os países, em todos os tipos de ocupação. Ebou Dar foi o único lugar onde elas se reuniram ou se encontraram fora do acaso, e todas fugiram quando os Seanchan chegaram. Desde a Guerra dos Trollocs, as Kin permitiram que a Torre soubesse apenas o que elas queriam que soubessem. Dois mil anos, escondidas sob o nariz da Torre Branca. Seus números cresceram enquanto os números da Torre diminuíram. Como você pretende encontrá-las agora, entre todas as Bravias que a Torre sempre ignorou porque eram “velhas demais” para se tornarem noviças? Mulheres Kin não se destacam de forma alguma, Romanda. Elas usam o Poder quase tão frequentemente quanto as Aes Sedai, mas mostram a idade como qualquer outra pessoa, ainda que mais lentamente. Se elas quiserem permanecer escondidas, nunca conseguiremos encontrá-las.” E foram vários outros golpes para Egwene, sem nenhum tomado. Romanda tinha um leve brilho de suor na testa, um claro sinal de desespero em uma Aes Sedai. Myrelle estava sentada muito quieta, mas Maigan parecia prestes a cair do banco sobre o nariz, não importa o quão firme fosse.

Romanda lambeu os lábios. “Se canalizassem, elas conseguiriam a aparência. Se envelhecem, não podem canalizar com muita frequência, se é que canalizam. E de nenhuma maneira elas poderiam viver quinhentos ou seiscentos anos!” Não havia mais dissimulação, parecia.

“Há apenas uma diferença real entre as Aes Sedai e as Kin,” Egwene disse calmamente. As palavras ainda pareciam altas. Até Romanda parecia estar prendendo a respiração. “Saíram da Torre Branca antes que pudessem jurar pelo Bastão dos Juramentos.” Pronto; aquilo estava finalmente a céu aberto.

Romanda estremeceu como se tivesse levado um golpe mortal. “Você ainda não fez os juramentos”, disse ela com a voz rouca.

“Pretende abandoná-los? Pedir às irmãs que os abandonem? Myrelle ou Maigan engasgou. Talvez ambas.

“Não!” Egwene disse bruscamente. “Os Três Juramentos são o que nos torna Aes Sedai, e jurarei pelo Bastão dos Juramentos assim que for nosso!” Respirando fundo, ela modificou seu tom. Mas se inclinou para a outra mulher também, tentando atraí-la, incluí-la. Para convencê-la. Ela quase estendeu a mão. “Do jeito que é, as irmãs se aposentam para passar seus últimos anos em silêncio, Romanda. Não seria melhor se aqueles não fossem seus últimos anos? Se as irmãs se aposentassem com as Kin, elas poderiam amarrar as Kin à Torre. Não haveria necessidade de uma caçada fútil então.” Ela tinha ido tão longe; poderia muito bem dar o último passo. “O Bastão dos Juramentos tanto pode desatar como vincular.”

Maigan caiu de joelhos no tapete e se levantou, escovando as saias com tanta indignação como se tivesse sido empurrada. O rosto moreno de Myrelle parecia um pouco pálido.

Movendo-se lentamente, Romanda colocou sua xícara de chá na ponta da escrivaninha e se levantou, puxando o xale ao redor de si. Inexpressiva, ela ficou olhando para Egwene enquanto Theodrin colocava sua capa amarela bordada em seus ombros, prendia o alfinete de ouro e arrumava as dobras com tanto cuidado quanto uma dama de companhia. Só então Romanda falou, com uma voz de pedra. “Quando eu era pequena, sonhava em me tornar Aes Sedai. Desde o dia em que cheguei à Torre Branca, tentei viver como uma Aes Sedai. Eu vivi como Aes Sedai e morrerei como Aes Sedai. Isso não pode ser permitido!”

Ela se virou suavemente para sair, mas derrubou o banco em que estava sentada, aparentemente sem perceber. Theodrin correu atrás dela. Com preocupação em seu rosto, curiosamente.

“Mãe?” Myrelle respirou fundo, os dedos puxando suas saias verde-escuras. “Mãe, você está mesmo sugerindo...?” Ela parou, aparentemente incapaz de dizer isso. Maigan sentou-se em seu banquinho como se estivesse se forçando a não se inclinar para frente novamente.

“Eu expus os fatos,” Egwene disse calmamente. “Qualquer decisão será do Salão. Diga-me, Filha. Você escolheria morrer, quando pudesse viver e continuar a servir a Torre?”

A irmã Verde e a Azul trocaram olhares, então perceberam o que tinham feito e voltaram a ignorar uma à outra. Nenhuma das duas respondeu, mas Egwene quase podia ver os pensamentos se agitando atrás de seus olhos. Depois de alguns momentos, ela se levantou e colocou o banco de volta na posição vertical. Mesmo isso falhou em despertar nelas mais do que desculpas superficiais por fazê-la cuidar disso ela mesma. Então elas caíram em uma reflexão silenciosa.

Ela tentou voltar às páginas das pastas de Siuan — o impasse na Pedra de Tear estava se arrastando, e ninguém admitia ter ideia de como isso terminaria —, mas não muito depois da partida de Romanda, Lelaine chegou.

Ao contrário de Romanda, a esbelta Votante Azul estava sozinha e serviu seu próprio chá. Sentando-se no banco vazio, ela jogou sua capa forrada de pele para trás sobre ambos os ombros e a deixou pendurada em um alfinete de capa de prata cravejado de grandes safiras. Ela também usava o xale; as Votantes geralmente usavam. Lelaine foi mais direta que Romanda. Ou assim poderia ter parecido, na superfície. Seus olhos tinham um brilho afiado.

“A morte de Kairen colocou mais um obstáculo nas chances de fazer qualquer tipo de acordo com a Torre Negra,” ela murmurou sobre sua xícara de chá, inalando a fumaça. “E há o pobre Llyw para lidar. Talvez Myrelle o tome. Dois de seus três pertenciam a outra pessoa primeiro. Ninguém mais salvou dois Guardiões cujas Aes Sedai morreu.”

Egwene não foi a única a ouvir ênfase especial nisso. O rosto de Myrelle definitivamente empalideceu. Ela tinha dois segredos a esconder, e um deles era que ela tinha quatro Guardiões. A passagem do vínculo de Lan Mandragoran de Moiraine para ela era algo que não se fazia há centenas de anos. Hoje, era visto como unir um homem contra sua vontade. Algo não feito em ainda mais

centenas de anos. "Três é o suficiente para mim", disse ela sem fôlego. "Se você me dá licença, Mãe?"

Maigan riu baixinho quando Myrelle saiu da barraca andando rápido. Não tão rápido que ela não conseguisse abraçar *saidar* antes que as abas de entrada caíssem.

"Claro", disse Lelaine, trocando olhares divertidos com a outra Azul, "dizem que ela se casa com seus Guardiões. Todos eles. Talvez o pobre Llyw não sirva para marido."

"Ele é tão largo quanto um cavalo," Maigan colocou. Apesar de sua diversão com a fuga de Myrelle, não havia malícia em sua voz. Ela estava simplesmente afirmando um fato. Llyw era um homem muito grande. "Acho que conheço uma jovem Azul que pode tomá-lo. Ela não está interessada em homens dessa maneira."

Lelaine assentiu de um jeito que dizia que a jovem Azul havia encontrado seu Guardião. "As verdes podem ser muito estranhas. Veja Elayne Trakand, por exemplo. Na verdade, nunca pensei que Elayne escolheria Verde. Eu a tinha marcado para a Azul. A garota tem um bom senso para as correntes da política. Embora ela também tenha uma tendência a vagar em águas mais profundas do que pode ser seguro. Você não diria isso, Mãe?" Sorrindo, ela tomou um gole de seu chá.

Isso não era nada parecido com Romanda sentindo as coisas sutilmente. Isso foi golpe atrás de golpe, com a lâmina aparecendo do nada. Lelaine sabia sobre Myrelle e Lan? Ela tinha enviado alguém para Caemlyn, e se sim, quanto ela descobriu? Egwene se perguntou se Romanda também se sentira desequilibrada e atordoada.

"Você acha que o assassinato de Kairen é suficiente para impedir um acordo?" ela disse. "Para todas as que sabem, isso poderia ser Logain retornando para uma vingança louca." Por que, na Luz, ela disse isso? Precisava controlar a língua e manter o juízo. "Ou mais provavelmente, algum pobre tolo de uma fazenda por aqui, ou uma das cidades da ponte." O sorriso de Lelaine se aprofundou e era zombeteiro, não divertido. Luz, a mulher não demonstrava tanto desrespeito há meses.

“Se Logain quisesse vingança, Mãe, suspeito que ele estaria na Torre Branca tentando matar Vermelhas.” Apesar de seu sorriso, sua voz era suave e nivelada. Um contraste perturbador. Talvez essa fosse sua intenção. “Talvez seja uma pena que ele não esteja fazendo isso. Ele poderia remover Elaida. Mas isso seria mais fácil do que ela merece. Não, Kairen não impedirá um acordo mais do que Anaiya, mas as duas combinadas farão com que as irmãs se preocupem ainda mais com salvaguardas e restrições. Podemos precisar desses homens, mas *devemos* ter certeza de *nós* que estamos no controle. Total controle.”

Egwene assentiu. Um pequeno aceno. Ela concordava, mas... “Pode haver dificuldades em fazê-los aceitar isso”, disse ela. Dificuldades. Ela estava exibindo um talento positivo para o eufemismo hoje.

“O vínculo do Guardiã pode ser ligeiramente modificado”, disse Maigan. “Do jeito que é, você pode fazer o homem fazer o que quiser com alguns ajustes, mas a necessidade de ajustar pode ser removida com bastante facilidade.”

“Isso soa muito como Compulsão,” Egwene disse com firmeza. Ela havia aprendido aquela trama com Moghedien, mas apenas para trabalhar em como contra-atacar. A coisa era sujeira, o roubo da vontade de outra pessoa, de todo o seu ser. Alguém que era Compelido fazia qualquer coisa que você ordenasse. Qualquer coisa. E acreditava que era sua própria escolha. Só de pensar nisso a fazia se sentir suja.

Maigan encontrou seu olhar quase tão nivelado quanto Lelaine, porém, e sua voz era tão suave quanto seu rosto. Ela não tinha pensamentos sujos. “A Compulsão foi usada em irmãs em Cairhien. Isso parece certo agora. Mas eu estava falando sobre o vínculo, uma coisa completamente diferente.”

“Você acha que pode convencer os Asha'man a aceitar o vínculo?” Egwene não conseguiu esconder a incredulidade de sua voz. “Além disso, quem vai fazer esse vínculo? Mesmo que cada irmã que não tem um Guardiã tome um Asha'man, e cada Verde tomar dois ou três, não há irmãs suficientes. Isso se você puder

encontrar alguém que não se importe de estar ligada a um homem que vai enlouquecer.”

Maigan assentiu em cada ponto como se aceitasse. E ajustou as saias como se não estivesse realmente ouvindo. “Se o vínculo pode ser alterado de uma maneira”, disse ela assim que Egwene terminou, “deve ser possível alterá-lo de outras. Pode haver uma maneira de remover o compartilhamento, talvez parte da conscientização. Então talvez a loucura não fosse um problema. Seria um vínculo diferente, nada parecido com o vínculo do Guardiã. Tenho certeza que todas vão concordar que não seria como ter um Guardiã de verdade. Qualquer irmã poderia vincular qualquer número de Asha'man que fosse necessário.

Abruptamente, Egwene percebeu o que estava acontecendo. Lelaine estava sentada olhando para sua xícara de chá, mas estava estudando Egwene através de seus cílios. E usando Maigan como um cavalo de Troia. Sufocando a raiva, Egwene não precisou deixar sua voz fria. Estava gelada.

“Isso soa *exatamente* como Compulsão, Lelaine. É Compulsão, e nenhuma torção de palavras fará com que seja outra coisa. Eu *vou* apontar isso para qualquer outra pessoa que sugerir algo assim. E vou encomendar um castigo com bétula para quem fizer mais do que sugerir. A Compulsão está banida e continuará banida.”

“Como você disser”, respondeu Lelaine, o que poderia significar alguma coisa. O que veio a seguir foi mais espinhoso. “A Torre Branca erra de vez em quando. É impossível viver ou se mover sem cometer erros. Mas vivemos, e continuamos. E se às vezes precisamos esconder nossos erros, sempre que possível, nós os corrigimos. Mesmo quando é doloroso.” Colocando sua xícara de volta na bandeja, ela saiu com Maigan em seus calcanhares. Maigan abraçou a Fonte antes de sair da tenda. Lelaine não.

Por um tempo, Egwene concentrou-se em manter a respiração estável. Executou o rio contido pela margem. Lelaine ainda não havia dito que Egwene al'Vere como Amyrlin era um erro que poderia ter que ser corrigido, mas ela chegou muito perto disso.

Ao meio-dia, Chesa trouxe a refeição de Egwene em outra bandeja de madeira, pão tostado quente com apenas uma ou duas manchas suspeitas escuras e guisado de lentilha com lascas de nabo duro e cenoura lenhosa e pedaços de algo que poderia ter sido cabra. Uma colher foi tudo o que Egwene conseguiu engolir. Não era Lelaine que a incomodava. Lelaine a havia ameaçado antes, mas não desde que ela deixou claro que ela era a Amyrlin e não uma marionete. Em vez de comer, ela olhou para o relatório de Tiana pousado ao lado na mesa. Nicola podia não ter ganhado o xale apesar de seu potencial, mas a Torre tinha uma longa experiência em pegar mulheres de cabeça dura e cheias de falhas e transformá-las em confiantes Aes Sedai. Larine tinha um futuro brilhante pela frente, mas precisava aprender a obedecer às regras antes de começar a aprender quais poderiam ser quebradas e quando. A Torre Branca era boa em ensinar as duas coisas, mas a primeira sempre vinha primeiro. O futuro de Bode seria brilhante. Seu potencial quase se igualava ao de Egwene. Mas Aes Sedai, Aceita ou noviça, a Torre exigia que você fizesse o que era necessário para a Torre. Aes Sedai, Aceita, noviça ou Amyrlin.

Chesa foi volúvel em sua decepção quando voltou para encontrar a bandeja quase intocada, especialmente depois de ter encontrado um café da manhã praticamente intocado. Egwene considerou alegar uma dor de estômago e rejeitou. Depois que o chá de Chesa funcionou em suas dores de cabeça — pelo menos por alguns dias, até que voltassem mais ferozes do que nunca e todas as noites — a mulher gorda acabou tendo uma coleção de remédios de ervas para todos os males, comprados de todos os mascates com uma língua loquaz, e cada um com gosto mais vil que o anterior. Ela tinha um jeito de parecer tão desanimada quando Egwene não bebia as misturas horríveis, que ele acabava engolindo apenas para evitar que se preocupasse. Às vezes, surpreendentemente, funcionavam, mas nunca eram nada que Egwene quisesse colocar na boca. Ela mandou Chesa embora com a bandeja e a promessa de comer mais tarde. Sem dúvida, Chesa ofereceria um jantar grande o suficiente para encher um ganso.



Ela sentiu vontade de sorrir com o pensamento — Chesa ficaria em cima dela, torcendo as mãos, até que ela comesse cada mordida —, mas seus olhos voltaram para o relatório de Tiana. Nicola, Larine e Bode. A Torre Branca era uma mestra severa. A menos que a Torre esteja em guerra por consenso do Salão, a Amyrlin não... Mas a Torre estava em guerra.

Ela não sabia quanto tempo ficou sentada olhando para aquele pedaço de papel com um nome nele, mas quando Siuan voltou, havia se decidido. Uma mestra rigorosa que nunca tinha favoritas.

“Leane e Bode já foram?” ela perguntou.

“Pelo menos duas horas atrás, Mãe. Leane teve que entregar Bode e depois descer o rio.”

Egwene assentiu. “Por favor, sele Daishar...” Não. Algumas pessoas reconheceriam o cavalo de Amyrlin a essa altura. Muitas. Não havia tempo para discussões e explicações. Não havia tempo para afirmar sua autoridade e fazê-la ficar. “Sele Bela, e me encontre na esquina duas ruas ao norte.” Quase todo mundo conhecia Bela também. O cavalo de Siuan, todo mundo conhecia.

“O que você pretende fazer, Mãe?” Siuan perguntou preocupada.

“Quero dar uma volta. E Siuan, não conte a ninguém. Ela pegou os olhos da outra mulher, segurou-os com os seus. Siuan tinha sido Amyrlin e capaz de encarar uma pedra. Egwene era Amyrlin agora. “Ninguém, Siuan. Agora vá. Vá. E se apresse.” Com a testa ainda franzida, Siuan se apressou.

Assim que ficou sozinha, Egwene deslizou a estola do pescoço, dobrou-a com cuidado e enfiou-a na bolsa do cinto. Seu manto era de boa lã e forte, mas bastante simples. Sem a estola pendurada em seu capuz, poderia ter sido qualquer uma.

A passarela na frente de seu escritório estava vazia, é claro, mas assim que ela atravessou a rua congelada, fez seu caminho através do habitual rio branco de noviças, salpicado de Aceitas e as ocasionais Aes Sedai. As noviças se ajoelharam diante dela sem diminuir a velocidade, as Aceitas fizeram reverências ao passar, assim que viam que as saias sob o manto não eram brancas e as Aes Sedai deslizavam com os próprios rostos escondidos pelos

capuzes. Se alguém notou que ela não era seguida por um Guardião, bem, várias irmãs careciam de Guardiões. E nem todas estavam cercados pela auréola brilhante de *saidar*. Apenas a maioria.

A duas ruas de seu escritório, ela parou na beira da passarela de madeira, de costas para o fluxo de mulheres apressadas. Tentou não se preocupar. O sol estava a meio caminho do horizonte a oeste, uma bola dourada esfaqueada pelo pico quebrado do Monte do Dragão. A sombra da montanha já se estendia pelo acampamento, lançando as tendas na penumbra da noite.

Finalmente Siuan apareceu, montado em Bela. A pequena égua desgrenhada andava firme na rua escorregadia, mas Siuan agarrou-se às rédeas e à sela como se estivesse com medo de cair. Talvez ela estivesse. Siuan era uma das piores amazonas que Egwene já vira. Quando ela desceu da sela em uma enxurrada de saias e murmurou maldições, parecia aliviada por ter escapado com vida. Bela relinchou para Egwene em reconhecimento. Colocando seu capuz desordenado de volta no lugar, Siuan abriu a boca também, mas Egwene ergueu a mão em advertência antes que a outra mulher pudesse falar. Ela podia ver a palavra “Mãe” se formando nos lábios de Siuan. E provavelmente teria sido alta o suficiente para ser ouvida a cinquenta passos de distância.

“Não conte a ninguém,” Egwene disse suavemente. “E sem bilhetes ou dicas também.” Isso devia cobrir tudo. “Faça companhia a Chesa até eu voltar. Não quero que ela se preocupe.”

Siuan deu um aceno relutante. Sua boca quase parecia mal-humorada. Egwene suspeitava que tinha sido sábia ao acrescentar “bilhetes” e “dicas”. Deixando o antigo Trono de Amyrlin parecendo uma garota mal-humorada, ela subiu suavemente na sela de Bela.

Teve que andar com a égua robusta, no início, por causa dos sulcos congelados nas ruas do acampamento. E porque todos iriam se perguntar se viram Siuan montando Bela em algo mais rápido do que uma caminhada. Ela tentou cavalgar como Siuan, balançando incerta, agarrando-se ao alto pomo da sela com uma mão e às vezes com ambas. Isso a fez sentir como se estivesse prestes a cair

também. Bela virou a cabeça para olhar para ela. Ela sabia quem estava em suas costas, e sabia que Egwene cavalgava melhor do que isso. Egwene continuou a imitar Siuan e tentou não pensar onde estava o sol. Todo o caminho para fora do acampamento, além das fileiras de carroças, até que as primeiras árvores a esconderam de tendas e carroças.

Então ela se inclinou sobre o pomo para pressionar o rosto na crina de Bela. "Você me carregou para longe de Dois Rios", ela sussurrou. "Você pode correr tão rápido agora?" Endireitando, ela cavou em seus calcanhares.

Bela não podia galopar como Daishar, mas suas pernas robustas se agitavam na neve. Ela já foi uma cavalo de carroça, não uma corredora ou cavalo de guerra, mas deu o que tinha, esticando o pescoço com a maior bravura que Daishar jamais conseguira. Bela correu, e o sol desceu como se o céu de repente tivesse ficado lubrificado. Egwene deitou-se na sela e estimulou a égua. Uma corrida com o sol que Egwene sabia que não poderia vencer. Mas mesmo que ela não conseguisse vencer o sol, ainda havia tempo. Ela bateu os calcanhares no ritmo dos cascos de Bela, e Bela correu.

O crepúsculo rolou sobre elas, e depois a escuridão, antes que Egwene visse a lua brilhando na água do Erinin. Ainda havia tempo. Era quase o local onde ela havia parado Daishar com Gareth, observando os navios fluviais deslizarem em direção a Tar Valon. Controlando Bela, ela escutou.

Quietude. E então um xingamento abafado. Os grunhidos e arranhões silenciosos dos homens arrastando um fardo pesado pela neve e tentando fazer silêncio. Ela virou Bela através das árvores em direção aos sons. As sombras se mexeram e ela ouviu o suave sussurro de aço deslizando das bainhas.

Então um homem resmungou, não muito baixinho: "Conheço aquele pônei. É uma das irmãs. A que dizem que costumava ser Amyrlin. Ela não me parece isso. Não é mais velha do que a que dizem ser Amyrlin agora."

“Bela não é um pônei,” Egwene disse secamente. “Leve-me à Bode Cauthon.”

Uma dúzia de homens se uniu das sombras noturnas entre as árvores, cercando ela e Bela. Todos pareciam pensar que ela era Siuan, mas tudo bem. Para eles, Aes Sedai eram Aes Sedai, e eles a guiaram até onde Bode estava montada em um cavalo não muito mais alto que Bela e segurando uma capa escura em volta de si. Seu vestido também era escuro. Branco teria se destacado esta noite.

Bode também reconheceu Bela e estendeu a mão para coçar a orelha da égua com carinho quando Egwene montou ao lado dela.

“Você vai ficar em terra,” Egwene disse calmamente. “Pode voltar comigo quando terminar.”

Bode empurrou a mão para trás como se estivesse magoada com o som da voz de Egwene. “Por que?” ela disse, não exatamente uma demanda. Ela tinha aprendido muito, pelo menos. “Posso fazer isso. Leane Sedai me explicou e eu posso fazer isso.”

“Eu sei que você pode. Mas não tão bem quanto eu. Ainda não.” Isso parecia muito com uma crítica que a outra mulher não tinha merecido. “Eu sou o Trono de Amyrlin, Bode. Algumas decisões só eu posso tomar. E algumas coisas, eu não deveria pedir a uma noviça para fazer quando posso fazê-las melhor.” Talvez isso não fosse muito mais suave, mas ela não podia explicar sobre Larine e Nicola, ou o preço que a Torre Branca exigia de todas as suas filhas. A Amyrlin não conseguia explicar a primeira coisa a uma noviça, e uma noviça não estava pronta para aprender sobre a outra.

Mesmo à noite, a postura dos ombros de Bode dizia que ela não entendia, mas também aprendera a não discutir com Aes Sedai. Assim como ficou sabendo que Egwene era Aes Sedai. O resto, ela aprenderia eventualmente. A Torre poderia levar todo o tempo necessário para ensiná-la.

Desmontando, Egwene entregou as rédeas de Bela a um dos soldados e levantou as saias para caminhar pela neve em direção aos sons laboriosos de arrastar. Era um grande barco a remo, sendo empurrado e puxado pela neve como um trenó. Um trenó volumoso

que tinha que ser manobrado entre as árvores, embora com menos xingamentos quando os homens que empurravam e puxavam perceberam que ela os estava seguindo de perto. A maioria dos homens guardava a língua em torno de Aes Sedai, e se eles não pudessem ver o rosto dela entre a escuridão e o capuz, quem mais estaria aqui embaixo, perto do rio? Se eles sabiam que ela não era a mesma mulher que inicialmente pretendia acompanhá-los, quem questionava Aes Sedai?

Eles colocaram o barco no rio, tomando cuidado com os respingos, e seis homens subiram a bordo para colocar os remos em torrões acolchoados com trapos. Os homens estavam descalços, para evitar o ruído de uma bota raspando nas tábuas do casco. Barcos menores cruzavam essas águas, mas naquela noite eles tinham que dominar as correntes. Um dos homens na margem deu-lhe a mão para se equilibrar ao subir, e ela se acomodou em um assento na proa, segurando seu manto. O barco deslizou da margem, em silêncio, exceto pelo leve redemoinho dos remos na água.

Egwene olhou para frente, para o sul, em direção a Tar Valon. As paredes brancas brilhavam à luz de uma lua gorda e minguante, e as janelas iluminadas por lampiões davam à cidade um brilho abafado, quase como se a ilha estivesse abraçando *saidar*. A Torre Branca se destacava mesmo na escuridão, as janelas acesas, a grande massa brilhando sob a lua. Algo brilhou através da lua, e sua respiração ficou presa. Por um instante, ela pensou que tinha sido um Dragkar, uma visão maligna nesta noite entre todas. Mas era apenas um morcego, ela decidiu. A primavera podia estar perto o suficiente para os morcegos se aventurarem. Apertando mais a capa, ela olhou para a cidade que se aproximava. Cada vez mais perto.

À medida que a parede alta do Porto Norte assomava na frente do barco, os remadores recuaram na água de modo que a proa quase não beijou a parede ao lado da entrada do porto. Egwene quase estendeu a mão para se defender da pedra pálida antes que o barco batesse na parede. Aquele baque certamente teria sido ouvido pelos

soldados de guarda. Os remos fizeram apenas um pequeno ruído gorgolejante enquanto recuavam, e o barco parou onde ela poderia ter tocado a enorme corrente de ferro do outro lado do porto, seus enormes elos emitindo seu próprio brilho fraco da graxa que os cobria.

Não havia necessidade de tocar, no entanto. Também não há necessidade de esperar. Abraçando *saidar*, ela mal estava ciente da emoção da vida que a enchia antes de colocar as tramas no lugar. Terra, Fogo e Ar ao redor da corrente; Terra e Fogo tocando-a. O ferro preto brilhou branco em toda a largura da boca do porto.

Ela só teve tempo de perceber que alguém havia abraçado a Fonte não muito longe, acima dela na parede, então algo atingiu o barco, atingiu-a, e ela percebeu a água fria que a envolvia, enchendo seu nariz, sua boca. Trevas.

Egwene sentiu a dureza sob ela. Ouviu vozes de mulheres. Vozes animadas.

"Você sabe quem é essa?"

"Ora, ora. Certamente fomos melhores do que esperávamos esta noite."

Algo foi pressionado em sua boca e o calor gotejou, com um leve sabor de menta. Ela engoliu convulsivamente, de repente consciente de quão fria ela estava, tremendo. Seus olhos se abriram. E se prenderam no rosto da mulher segurando sua cabeça e o copo. Lanternas seguradas por soldados que se aglomeravam ao redor deram luz o suficiente para ela distinguir o rosto claramente. Um rosto sem idade. Ela estava dentro do Porto Norte.

"É isso, garota," a Aes Sedai disse encorajadoramente. "Beba tudo. Uma dose forte, por enquanto."

Egwene tentou afastar a xícara, tentou abraçar *saidar*, mas podia sentir-se deslizando de volta para a escuridão. Eles estavam esperando por ela. Ela havia sido traída. Mas por quem?



## EPÍLOGO



### Uma Resposta

Rand olhou pela janela para a chuva constante caindo de um céu cinza. Outra tempestade descia da Espinha do Mundo. A Muralha do Dragão. Ele pensou que a primavera deveria estar chegando em breve. A primavera sempre chegava, eventualmente. Mais cedo aqui em Tear do que em casa, deveria ser, embora parecesse haver poucos sinais disso. O relâmpago se bifurcou azul-prateado no céu, e longos momentos se passaram antes do estrondo do trovão. Relâmpago Distante. As feridas em seu lado doíam. Luz, as garças marcadas em suas palmas doíam, depois de todo esse tempo.

*Às vezes, a dor é tudo o que permite que você saiba que está vivo,* sussurrou Lews Therin, mas Rand ignorou a voz em sua cabeça.

A porta se abriu atrás dele, e ele olhou por cima do ombro para o homem que entrou na sala de estar. Bashere estava vestindo um casaco curto de seda cinza, um casaco rico e brilhante, e tinha o bastão do marechal-general de Saldeia, uma vara de marfim com a ponta de uma cabeça de lobo dourada, enfiada atrás do cinto ao lado de sua espada embainhada. Suas botas viradas para baixo haviam sido enceradas até brilharem. Rand tentou não deixar transparecer seu alívio. Eles já tinham ido embora há muito tempo.

"Nós iremos?" ele disse.

"Os Seanchan são receptivos", respondeu Bashere. "Louco de pedra, mas receptivos. Eles exigem uma reunião com você pessoalmente, no entanto. O Marechal-General de Saldaea não é o Dragão Renascido."



“Com esta Senhora Suroth?”

Basher balançou a cabeça. “Aparentemente, um membro de sua família real chegou. Suroth quer que você conheça alguém chamada Filha das Nove Luas.

Trovões rolaram novamente para um relâmpago distante.



Nós cavalgamos nos ventos da  
tempestade crescente,  
Corremos ao som do trovão.  
Dançamos entre os relâmpagos e  
despedaçamos o mundo.

— Fragmento anônimo de um poema  
que se acredita ter sido escrito perto  
do fim da Era anterior, conhecido por  
alguns como a Terceira Era. Por  
vezes atribuído ao Dragão  
Renascido.

Fim do  
Décimo Livro de  
*A Roda do Tempo*



## GLOSSÁRIO



**A Note on Dates in This Glossary.** The Toman Calendar (devised by Toma dur Ahmid) was adopted approximately two centuries after the death of the last male Aes Sedai, recording years After the Ruptura do Mundo (AB). So many records were destroyed in the Guerra dos Trollocs that at their end there was argument about the exact year under the old system. A new calendar, proposed by Tiam of Gazar, celebrated freedom from the Trolloc threat and recorded each year as a Free Year (FY). The Gazaran Calendar gained wide acceptance within twenty years after the Wars' end. Artur Asa de Gavião attempted to establish a new calendar based on the founding of his empire (FF, From the Founding), but only historians now refer to it. After the death and destruction of the War of the Hundred Years, a third calendar was devised by Uren din Jubai Soaring Gull, a scholar of the Sea Folk, and promulgated by the Panarch Farede of Tarabon. The Farede Calendar, dating from the arbitrarily decided end of the War of the Hundred Years and recording years of the New Era (NE), is currently in use.

**Arad Doman:** A nation on the Aryth Ocean, currently racked by civil war and by wars against those who have declared for the Dragão Renascido. Its capital is Bandar Eban. In Arad Doman, the ruler (king or queen) is elected by a council of the heads of merchant guilds (the Council of Merchants), who are almost always women. He or she must be from the noble class, not the merchant, and is elected for life. Legally the king or queen has absolute authority, except that he or she can be deposed by

three-quarter vote of the Council. The current ruler is King Alsalam Saeed Almadar, Lord of Almadar, Alto Assento of House Almadar. His present whereabouts are much shrouded in mystery.

**armsmen:** Soldiers who owe allegiance or fealty to a particular lord or lady.

**Asha'man:** (1) In the Old Tongue, "Guardian" or "Guardians," but the word always meant a guardian of justice and truth. (2) The name given, both collectively and as a rank, to the men who have come to the Black Tower, near Caemlyn in Andor, in order to learn to channel. Their training concentrates largely on the ways in which the Poder Único can be used as a weapon, and in another departure from the usages of the Torre Branca, once they learn to seize *saidin*, the male half of the Power, they are required to perform all chores and labors with the Power. When newly enrolled, a man is termed a Soldier; he wears a plain black coat with a high collar, in the Andoran fashion. Being raised to Dedicated brings the right to wear a silver pin, called the Sword, on the collar of his coat. Promotion to Asha'man brings the right to wear a Dragon pin, in gold and red enamel, on the collar opposite the Sword. Although many women, including wives, flee when they learn that their men actually can channel, a fair number of men at the Black Tower are married, and they use a version of the Guardiã bond to create a link with their wives. This same bond, altered to compel obedience, has recently been used to bond captured Aes Sedai as well.

**Balwer, Sebban:** Formerly secretary to Pedron Niall (the Lord Captain Commander of the Children of the Luz) in public, and secretly Niall's spymaster. After Niall's death, Balwer aided the escape of Morgase (once Queen of Andor) from the Seanchan in Amador for his own reasons, and now is employed as secretary to Perrin t'Bashere Aybara and Faile ni Bashere t'Aybara. Perrin is beginning to suspect that there is more to Balwer than at first appeared.

**Band of the Red Hand:** see *Shen an Calhar*.

**Blood, the:** Term used by the Seanchan to designate the nobility. There are degrees of nobility. The High Blood shave the sides of their heads and paint multiple fingernails — the higher the rank, the more nails painted — but a member of the lesser Blood, the low Blood, may have only the nails of the little fingers painted. One can be raised to the Blood as well as born to it, and this is frequently a reward for outstanding accomplishment or service to the Empire.

**calendar:** There are 10 days to the week, 28 days to the month, and 13 months to the year. Several feastsdays are not part of any month; these include Sunday (the longest day of the year), the Feast of Thanksgiving (once every four years at the spring equinox), and the Feast of All Souls Salvation, also called All Souls Day (once every ten years at the autumn equinox). While the months have names — Taisham, Jumara, Saban, Aine, Adar, Saven, Amadaine, Tammaz, Maigdhal, Choren, Shaldine, Nesan, and Danu — these are seldom used except in official documents and by officials. For most people, using the seasons is good enough.

**Captain-General:** (1) The military rank of the leader of the Queen's Guard, in Andor. This position is currently held by Lady Birgitte Trahelion. (2) The title given to the head of the Green Ajah, though known only to members of the Green. This position is currently held by Adelorna Bastine in the Tower, and Myrelle Berengari among the rebel Aes Sedai contingent under Egwene al'Vere.

**Cha Faile:** (1) In the Old Tongue, "the Falcon's Talon." (2) Name taken by the young Cairhienin and Tairens, attempted followers of *ji'e'toh*, who have sworn fealty to Faile ni Bashere t'Aybara. In secret, they act as her personal scouts and spies. Since her capture by the Shaido, they continue their activities under the guidance of Sebban Balwer.

**Children of the Luz:** Society of strict ascetic beliefs, owing allegiance to no nation and dedicated to the defeat of the Tenebroso and the destruction of all Amigos das Trevas. Founded during the War of the Hundred Years by Lothair Mantelar to proselytize against an increase in Amigos das Trevas, they evolved during the war into a completely military society. They are extremely rigid in their beliefs, and certain that only they know the truth and the right. They consider Aes Sedai and any who support them to be Amigos das Trevas. Known disparagingly as Whitecloaks, they were formerly headquartered in Amador, Amadicia, but were forced out when the Seanchan conquered the city. Their sign is a golden sunburst on a field of white. See *also* Questioners.

**Companions, the:** The elite military formation of Illian, currently commanded by First Captain Demetre Marcolin. The Companions provide a bodyguard for the King of Illian and guard key points around the nation. Additionally, the Companions have traditionally been used in battle to assault the enemy's strongest positions, to exploit weaknesses, and, if necessary, to cover the retreat of the King. Unlike most other such elite formations, foreigners (excepting Tairens, Altarans and Murandians) are not only welcome, they can rise even to the highest rank, as can commoners, which also is unusual. The uniform of the Companions consists of a green coat, a breastplate worked with the Nine Bees of Illian, and a conical helmet with a faceguard of steel bars. The First Captain wears four rings of golden braid on the cuffs of his coat, and three thin golden plumes on his helmet. The Second Captain wears three rings of golden braid on each cuff, and three golden plumes tipped with green. Lieutenants wear two yellow rings on their cuffs, and two thin green plumes, under-lieutenants one yellow ring and a single green plume. Bannermen are designated by two broken rings of yellow on the cuffs and a single yellow plume, squadmen by a single broken ring of yellow.

**Consolidation, the:** When the armies sent by Artur Asa de Gavião under his son Luthair landed in Seanchan, they discovered a shifting quilt of nations often at war with one another, where Aes Sedai often reigned. Without any equivalent of the Torre Branca, Aes Sedai worked for their own individual goals, using the Power. Forming small groups, they schemed against one another constantly. In large part it was this constant scheming for personal advantage and the resulting wars among the myriad nations that allowed the armies from east of the Aryth Ocean to begin the conquest of an entire continent, and for their descendants to complete it. This conquest, during which the descendants of the original armies became Seanchan as much as they conquered Seanchan, took more than nine hundred years and is called the Consolidation.

**Corenne:** In the Old Tongue, “the Return.” The name given by the Seanchan both to the fleet of thousands of ships and to the hundreds of thousands of soldiers, craftsmen and others carried by those ships, who will come behind the Forerunners to reclaim the lands stolen from Artur Asa de Gavião’s descendants. See *also Hailene*. **cuendillar:** A supposedly indestructible substance created during the Age of Legends. Any known force used in an attempt to break it is absorbed, making *cuendillar* stronger. Although the making of *cuendillar* has been thought lost forever, rumors of new objects made from it have surfaced. It is also known as heartstone. **currency:** After many centuries of trade, the standard terms for coins are the same in every land: crowns (the largest coin in size), marks and pennies. Crowns and marks can be minted of gold or silver, while pennies can be silver or copper, the last often called simply a copper. In different lands, however, these coins can be of different sizes and weights. Even in one nation, coins of different sizes and weights have been minted by different rulers. Because of trade, the coins of many nations can be found almost anywhere. For that reason, bankers, moneylenders and merchants all use scales to determine the value of any given coin. Even large numbers of

coins are weighed for this reason. The only paper currency is "letters-of-rights," which are issued by bankers, guaranteeing to present a certain amount of gold or silver when the letter-of-rights is presented. Because of the long distances between cities, the length of time needed to travel from one to another, and the difficulties of transactions at long distance, a letter-of-rights may be accepted at full value in a city near to the bank that issued it, but it may be accepted only at a lower value in a city farther away. Generally, someone of means intending a long journey will carry one or more letters-of-rights to exchange for coin when needed. Letters-of-rights are usually accepted only by bankers or merchants, and would never be used in shops.

**da'covale:** (1) In the Old Tongue, this would be translated literally as "one who is owned," or "person who is property." (2) Among the Seanchan, the term often used, along with "property," for slaves. Slavery has a long and unusual history among the Seanchan, with slaves having the ability to rise to positions of great power and open authority, including over those who are free. *See also so'jhin.*

**Cães das Trevas:** Crias das Trevas created from lupine stock corrupted by the Tenebroso. While they resemble hounds in their basic shape, they are blacker than night and the size of ponies, weighing several hundred pounds each. They usually run in packs of ten or twelve, although the tracks of a larger pack have been sighted. They make no mark on soft ground, but leave prints in stone, and are frequently accompanied by the smell of burned sulphur. They will not usually venture out into the rain, but once running rain fails to stop them. Once they are on the trail, they must be confronted and defeated or the victim's death is inevitable. The only exception to this is when the victim can reach the other side of a river or stream, since Cães das Trevas will not cross flowing water. Or supposedly not. Their blood and saliva are poison, and if either touches the skin, the victim will die slowly and in great pain. *See also Wild Hunt.*



**Daughters of Silence, the:** During the history of the Torre Branca (over three thousand years), various women who have been put out have been unwilling to accept their fates and have tried to band together. Such groups — most of them by far, at least — have been dispersed by the Torre Branca as soon as found and punished severely and publicly to make sure that the lesson is carried to everyone. The last group to be dispersed called themselves the Daughters of Silence (794–798 NE). The Daughters consisted of two Accepted who had been put out of the Tower and twenty-three women they had gathered and trained. All were carried back to Tar Valon and punished, and the twenty-three were enrolled in the novice book. Only one of those, Saerin Asnobar, managed to reach the shawl. See *also* Kin, the.

**Vigília da Morte Guards, the:** The elite military formation of the Seanchan Empire, including both humans and Ogier. The human members of the Vigília da Morte Guard are all *da'covale*, born as property and chosen while young to serve the Empress, whose personal property they are. Fanatically loyal and fiercely proud, they often display the ravens tattooed on their shoulders, the mark of a *da'covale* of the Empress. The Ogier members are known as Gardeners, and they are not *da'covale*. The Gardeners are as fiercely loyal as the human Vigília da Morte Guards, though, and are even more feared. Human or Ogier, the Vigília da Morte Guards not only are ready to die for the Empress and the Imperial family, but believe that their lives are the property of the Empress, to be disposed of as she wishes. Their helmets and armor are lacquered in dark green and blood-red, their shields are lacquered black, and their spears and swords carry black tassels. See *also da'covale*.

**Defenders of the Stone, the:** The elite military formation of Tear. The current Captain of the Stone (commander of the Defenders) is Rodrivar Tihera. Only Tairens are accepted into the Defenders, and officers are usually of noble birth, though often from minor Houses or minor branches of strong Houses.

The Defenders are tasked to hold the great fortress called the Stone of Tear, in the city of Tear, to defend the city, and to provide police services in place of any City Watch or the like. Except in times of war, their duties seldom take them far from the city. Then, as with other elite formations, they are the core around which the army is formed. The uniform of the Defenders consists of a black coat with padded sleeves striped black-and-gold with black cuffs, a burnished breastplate, and a rimmed helmet with a faceguard of steel bars. The Captain of the Stone wears three short white plumes on his helmet, and on the cuffs of his coat three intertwined golden braids on a white band. Captains wear two white plumes and a single line of golden braid on white cuffs, lieutenants one white plume and a single line of black braid on white cuffs and under-lieutenants one short black plume and plain white cuffs. Bannermen have gold-colored cuffs on their coats, and squadmen have cuffs striped black and gold.

**Delving:** (1) Using the Poder Único to diagnose physical condition and illness. (2) Finding deposits of metal ores with the Poder Único. That this has long been a lost ability among Aes Sedai may account for the name becoming attached to another ability.

**Depository:** A division of the Tower Library. There are twelve publicly known Depositories, each having books and records pertaining to a particular subject, or to related subjects. A Thirteenth Depository, known only to Aes Sedai, contains secret documents, records and histories which may be accessed only by the Trono de Amyrlin, the Keeper of the Chronicles, and the Votantes in the Salão of the Tower. And, of course, by the handful of librarians who maintain the Depository. **der'morat-:** (1) In the Old Tongue, "master handler." (2) Among the Seanchan, the prefix applied to indicate a senior and highly skilled handler of one of the exotics, one who trains others, as in *der'morat'raken*. *Der'morat* can have a fairly high social status,

the highest of all held by *der'sul'dam*, the trainers of *sul'dam*, who rank with fairly high military officers. *See also morat-*.

**Erith:** Daughter of Iva daughter of Alar. An attractive young Ogier woman whom Loial intends to marry, although at present he is on the run from her.

**Fain, Padan:** Former Amigo das Trevas, now more and worse than a Amigo das Trevas, and an enemy of the Abandonados as much as he is of Rand al'Thor, whom he hates with a passion. Last seen in Far Madding with Toram Riatin.

**Fel, Herid:** The author of *Reason and Unreason* and other books. Fel was a student (and teacher) of history and philosophy at the Academy of Cairhien. He was discovered in his study torn limb from limb.

**First Reasoner:** The title given to the head of the White Ajah. This position is currently held by Ferane Neheran in the Torre Branca. Ferane Sedai is one of only two Ajah heads to sit in the Salão of the Tower at present.

**First Weaver:** The title given to the head of the Yellow Ajah. This position is currently held by Suana Dragand in the Torre Branca. Suana Sedai is one of only two Ajah heads to sit in the Salão of the Tower at present.

**Fists of Heaven, the:** Lightly armed and Lightly armored Seanchan infantry carried into battle on the backs of the flying creatures called *to'raken*. All are small men, or women, largely because of limits as to how much weight a *to'raken* can carry for any distance. Considered to be among the toughest of soldiers, they are used primarily for raids, surprise assaults on positions at an enemy's rear, and where speed in getting soldiers into place is of the essence. **Forerunners, the:** *See Hailene.*

**Abandonados, the:** The name given to thirteen powerful Aes Sedai, men and women both, who went over to the Shadow during the Age of Legends and were trapped in the sealing of the Bore into the Tenebroso's prison. While it has long been believed that they alone abandoned the Luz during the War of

the Shadow, in fact others did as well; these thirteen were only the highest-ranking among them. The Abandonados (who call themselves the Chosen) are somewhat reduced in number since their awakening in the present day. Those thought to have survived are Demandred, Semirhage, Graendal, Mesaana, Moghedien, and two who were reincarnated in new bodies and given new names, Osan'gar and Aran'gar, although it seems possible that Osan'gar may also be dead. The life of a Abandonados is always uncertain. Recently, a man calling himself Moridin has appeared, and seems to be yet another of the dead Abandonados brought back from the grave by the Tenebroso. The same may be possible regarding the woman calling herself Cyndane, but since Aran'gar was a man brought back as a woman, speculation as to the original identities of Moridin and Cyndane may prove futile until more is learned.

**Gregorin:** Full name Gregorin Panar de Lushenos. A member of the Council of Nine in Illian who presently serves as the Administrador for the Dragão Renascido in Illian.

***Hailene:*** In the Old Tongue, “Forerunners,” or “Those Who Come Before.” The term applied by the Seanchan to the massive expeditionary force sent across the Aryth Ocean to scout out the lands where Artur Asa de Gavião once ruled. Now under the command of the High Lady Suroth, its numbers swollen by recruits from conquered lands, the *Hailene* has gone far beyond its original goals, and has in fact been succeeded by the Return. See Return.

**Hanlon, Daved:** A Amigo das Trevas, formerly commander of the White Lions in service to the Abandonados Rahvin while he held Caemlyn using the name Lord Gaebril. From there, Hanlon took the White Lions to Cairhien under orders to further the rebellion against the Dragão Renascido. The White Lions were destroyed by a “bubble of evil,” and Hanlon has been ordered back to Caemlyn and, under the name Doilin Mellar, has

ingratiated himself with Elayne, the Filha-Herdeira. According to rumor, he has done considerably more than ingratiate himself.

**Head Clerk:** The title given to the head of the Gray Ajah. This position is currently held by Serancho Colvine, a woman of reputedly fastidious behavior, in the Tower. **heart:** The basic unit of organization in the Ajah Negra. In effect, a cell. A heart consists of three sisters who know each other; each member of the heart knows one additional sister of the Black.

**Illuminators, Guild of:** A society that held the secret of making fireworks. It guarded this secret very closely, even to the extent of murder. The Guild gained its name from the grand displays, called Illuminations, that it provided for rulers and sometimes for greater lords. Lesser fireworks were sold for use by others, but with dire warnings of the disaster that could result from attempting to learn what was inside them. The Guild once had Capítulo houses in Cairhien and Tanchico, but both are now destroyed. In addition, the members of the Guild in Tanchico resisted the invasion by the Seanchan and the survivors were made *da'covale*, and the Guild as such no longer exists. However, individual Illuminators have escaped Seanchan rule, and perhaps more grand displays will be seen in the not-toodistant future. *See also da'covale.*

**Ishara:** The first Queen of Andor (*circa* FY 994–1020). At the death of Artur Asa de Gavião, Ishara convinced her husband, one of Asa de Gavião's foremost generals, to raise the siege of Tar Valon and accompany her to Caemlyn with as many soldiers as he could break away from the army. Where others tried to seize the whole of Asa de Gavião's empire and failed, Ishara took a firm hold on a small part and succeeded. Today, nearly every noble House in Andor contains some of Ishara's blood, and the right to claim the Lion Throne depends both on direct descent from her and on the number of lines of connection to her that can be established.

**Kaensada:** An area of Seanchan that is populated by less-civilized hill tribes. These tribes fight a great deal among themselves, as do individual families within the tribes. Each tribe has its own customs and taboos, the latter of which often make no sense to anyone outside that tribe. Most of the tribesmen avoid the more civilized residents of Seanchan.

**Katar:** A city in Arad Doman known for its mines and forges. Katar is wealthy enough that its Lords occasionally need reminding that they are part of Arad Doman.

**Kin, the:** Even during the Guerra dos Trollocs, more than two thousand years ago (circa 1000–1350 AB), the Torre Branca continued to maintain its standards, putting out women who failed to measure up. One group of these women, fearing to return home in the midst of the wars, fled to Barashta (near the present-day site of Ebou Dar), as far from the fighting as was possible to go at that time. Calling themselves the Kin, and Mulheres Kin, they kept in hiding and offered a safe haven for others who had been put out. In time, their approaches to women told to leave the Tower led to contacts with runaways, and while the exact reasons may never be known, the Kin began to accept runaways, as well. They made great efforts to keep these girls from learning anything about the Kin until they were sure that Aes Sedai would not swoop down and retake them. After all, everyone knew that runaways were always caught sooner or later, and the Kin knew that unless they held themselves secret, they themselves would be punished severely.

Unknown to the Kin, Aes Sedai in the Tower were aware of their existence almost from the very first, but prosecution of the wars left no time for dealing with them. By the end of the wars, the Tower realized that it might not be in their best interests to snuff out the Kin. Prior to that time, a majority of runaways actually had managed to escape, whatever the Tower's propaganda, but once the Kin began helping them, the Tower knew exactly where any runaway was heading,

and they began retaking nine out of ten. Since Mulheres Kin moved in and out of Barashta (and later Ebou Dar) in an effort to hide their existence and their numbers, never staying more than ten years lest someone notice that they did not age at a normal speed, the Tower believed they were few, and they certainly were keeping themselves low. In order to use the Kin as a trap for runaways, the Tower decided to leave them alone, unlike any other similar group in history, and to keep the very existence of the Kin a secret known only to full Aes Sedai.

The Kin do not have laws, but rather rules (called “the Rule”) based in part on the rules for novices and Accepted in the Torre Branca, and in part on the necessity of maintaining secrecy. As might be expected given the origins of the Kin, they maintain the Rule very firmly on all of their members.

Recent open contacts between Aes Sedai and Mulheres Kin, while known only to a handful of sisters, have produced a number of shocks, including the facts that there are twice as many Mulheres Kin as Aes Sedai and that some have lived more than a hundred years longer than any Aes Sedai who has lived since before the Guerra dos Trollocs. The effect of these revelations, both on Aes Sedai and on Mulheres Kin, is as yet a matter for speculation. See *also* Daughters of Silence, the; Knitting Circle, the.

**Knitting Circle, the:** The leaders of the Kin. Since no member of the Kin has ever known how Aes Sedai arrange their own hierarchy — knowledge passed on only when an Accepted has passed her test for the shawl — they put no store in strength in the Power but give great weight to age, with the older woman always standing above the younger. The Knitting Circle (a title chosen, like the Kin, because it is innocuous) thus consists of the thirteen oldest Mulheres Kin resident in Ebou Dar, with the oldest given the title of Eldest. By the rules, all will have to step down when it is time for them to move on, but so long as they

are resident in Ebou Dar, they have supreme authority over the Kin, to a degree that any Trono de Amyrlin would envy. See *also* Kin, the.

**Lady of the Shadows:** A Seanchan term for death.

**Lance-Captain:** In most lands, noblewomen do not personally lead their armsmen into battle under normal circumstances. Instead, they hire a professional soldier, almost always a commoner, who is responsible for both training and leading their armsmen. Depending on the land, this man can be called a Lance-Captain, Sword-Captain, Master of the Horse, or Master of the Lances. Rumors of closer relationships than lady and servant often spring up, perhaps inevitably. Sometimes they are true.

**Legion of the Dragon, the:** A large military formation, all infantry, giving allegiance to the Dragão Renascido, trained by Davram Bashere along lines worked out by himself and Mat Cauthon, lines which depart sharply from the usual employment of foot. While many men simply walk in to volunteer, large numbers of the Legion are scooped up by recruiting parties from the Black Tower, who first gather all of the men in an area who are willing to follow the Dragão Renascido, and only after taking them through portais near Caemlyn winnow out those who can be taught to channel. The remainder, by far the greater number, are sent to Bashere's training camps.

**length, units of:** 10 inches = 1 foot; 3 feet = 1 pace; 2 paces = 1 span; 1000 spans = 1 mile; 4 miles = 1 league.

***marath'damane:*** In the Old Tongue, "those who must be leashed," and also "one who must be leashed." The term applied by the Seanchan to any woman capable of channeling who has not been collared as a *damane*.

**Master of the Lances:** See Lance-Captain.

**Master of the Horse:** See Lance-Captain.



***Mera'din***: In the Old Tongue, “the Sem-Irmãos.” The name adopted, as a society, by those Aiel who abandoned clan and clã and went to the Shaido because they could not accept Rand al'Thor, a aguacento, as the *Car'a'carn*, or because they refused to accept his revelations concerning the history and origins of the Aiel. Deserting clan and clã for any reason is anathema among the Aiel, therefore their own warrior societies among the Shaido were unwilling to take them in, and they formed this society, the Sem-Irmãos. ***morat-***: In the Old Tongue, “handler.” Among the Seanchan, it is used for those who handle exotics, such as *morat'raken*, a *raken* handler or rider, also informally called a flier. *See also der'morat-*.

**Prophet, the**: More formally, the Prophet of the Lord Dragon. Once known as Masema Dagar, a Shienaran soldier, he underwent a revelation and decided that he had been called to spread the word of the Dragon's Rebirth. He believes that nothing — nothing! — is more important than acknowledging the Dragão Renascido as the Luz made flesh and being ready when the Dragão Renascido calls, and he and his followers will use any means to force others to sing the glories of the Dragão Renascido. Forsaking any name but “the Prophet,” he has brought chaos to much of Ghealdan and Amadicia, large parts of which he controls. He joined with Perrin Aybara, who was sent to bring him to Rand, and has, for reasons unknown, stayed with him even though this delays his going to the Dragão Renascido.

**Queen's Guards, the**: The elite military formation in Andor. In peacetime the Guard is responsible for upholding the Queen's law and keeping the peace. The uniform of the Queen's Guard includes a red undercoat, gleaming mail and plate armor, a brilliant red cloak, and a conical helmet with a barred visor. High-ranking officers wear knots of rank on their shoulder, and may wear golden lion-head spurs. A recent addition to the

Queen's Guard is the Filha-Herdeira's personal bodyguard, which is composed entirely of women with the sole exception of its captain, Doilin Mellar.

**Questioners, the:** An order within the Children of the Luz. They refer to themselves as the Hand of the Luz, and their avowed purposes are to discover the truth in disputations and uncover Amigos das Trevas. In the search for truth and the Luz, their normal method of inquiry is torture, their normal manner that they know the truth already and must only make their victim confess to it. At times they act as if they are entirely separate from the Children and the Council of the Anointed, which commands the Children. The head of the Questioners is the High Inquisitor, at present Rhadam Asunawa, who sits on the Council of the Anointed. Their sign is a blood-red shepherd's crook.

**Braço Vermelhos:** Soldiers of the Band of the Red Hand, who have been chosen out for temporary police duty to make sure that other soldiers of the Band cause no trouble or damage in a town or village. So named because, while on duty, they wear very broad red armbands that almost cover their entire sleeves. Usually chosen from among the most experienced and reliable men. Since any damages must be paid for by the men serving as Braço Vermelhos, they work hard to make sure all is quiet and peaceful. A number of former Braço Vermelhos were chosen to accompany Mat Cauthon to Ebou Dar. See *also* Band of the Red Hand.

**Return, the:** See *Corenne*.

**Sea Folk hierarchy:** The Atha'an Miere, the Sea Folk, are ruled by the Mestra dos Navios to the Atha'an Miere. She is assisted by the Chamadora de Vento to the Mestra dos Navios, and by the Master of the Blades. Below this come the clan Mestra das Ondases, each assisted by her Chamadora de Vento and her Swordmaster. Below her are the Sailmistresses (ship captains)

of her clan, each assisted by her Chamadora de Vento and her Cargomaster. The Chamadora de Vento to the Mestra dos Navios has authority over all Chamadoras de Vento to clan Mestra das Ondases, who in turn have authority over all the Chamadoras de Vento of her clan. Likewise, the Master of the Blades has authority over all Swordmasters, and they in turn over the Cargomasters of their clans. Rank is not hereditary among the Sea Folk. The Mestra dos Navios is chosen, for life, by the First Twelve of the Atha'an Miere, the twelve most senior clan Mestra das Ondases. A clan

Mestra das Ondas is elected by the twelve most senior Sailmistresses of her clan, called simply the First Twelve, a term which is also used to designate the senior Sailmistresses present anywhere. She can also be removed by a vote of her clan's First Twelve. In fact, anyone other than the Mestra dos Navios can be demoted, even all the way down to deckhand, for malfeasance, cowardice or other crimes. Also, the Chamadora de Vento to a Mestra das Ondas or Mistress of the Ship who dies will, of necessity, have to serve a lower ranking woman, and her own rank thus decreases.

**Seandar:** The Imperial capital of Seanchan, located in the northeast of the Seanchan continent. It is also the largest city in the Empire.

**Buscadores:** More formally, Buscadores for Truth, they are a police/spy organization of the Seanchan Imperial Throne. Although most Buscadores are *da'covale* and the property of the Imperial family, they have wide-ranging powers. Even one of the Blood can be arrested for failure to answer any question put by a Buscador, or for failure to cooperate fully with a Buscador, this last defined by the Buscadores themselves, subject only to review by the Empress. Those Buscadores who are *da'covale* are marked on either shoulder with a raven and a tower. Unlike the Vigília da Morte Guards, Buscadores are seldom eager to show their ravens, in part because it necessitates revealing who and what they are.

***sei'mosiev***: In the Old Tongue, "lowered eyes," or "downcast eyes." Among the Seanchan, to say that one has "become *sei'mosiev*" means that one has "lost face." See *also sei'taer*.  
***sei'taer***: In the Old Tongue, "straight eyes," or "level eyes." Among the Seanchan, it refers to honor or face, to the ability to meet someone's eyes. It is possible to "be" or "have" *sei'taer*, meaning that one has honor and face, and also to "gain" or "lose" *sei'taer*. See *also sei'mosiev*.

**Shara**: A mysterious land that lies to the east of the Aiel Waste. The land is protected both by inhospitable natural features and by man-made walls. Little is known about Shara, as the people of that land appear to work to keep their culture secret. The Sharans deny that the Guerra dos Trollocs touched them, despite Aiel statements to the contrary. They deny knowledge of Artur Asa de Gavião's attempted invasion, despite the accounts of eyewitnesses from the Sea Folk. The little information that has leaked out reveals that the Sharans are ruled by a single absolute monarch, a Sh'boan if a woman and a Sh'botay if a man. That monarch rules for exactly seven years, then dies. The rule then passes to the mate of that ruler, who rules for seven years and then dies. This pattern has repeated itself since the time of the Ruptura do Mundo. The Sharans believe that the deaths are the "Will of the Pattern."

There are channelers in Shara, known as the Ayyad, who are tattooed on their faces at birth. The women of the Ayyad enforce the laws regarding the Ayyad stringently. A sexual relationship between Ayyad and non-Ayyad is punishable by death for the non-Ayyad, and the Ayyad is also executed if force on his or her part can be proven. If a child is born of the union, it is left exposed to the elements, and dies. Male Ayyad are used as breeding stock only. When they reach their twenty-first year or begin to channel, whichever comes first, they are killed by Ayyad women and the body cremated. Supposedly, the Ayyad channel the

Poder Único only at the command of the Sh'boan or Sh'botay, who is always surrounded by Ayyad women.

Even the name of the land is in doubt. The natives have been known to call it many different names, including Shamara, Co'dansin, Tomaka, Kigali, and Shibouya.

**Shen an Calhar:** In the Old Tongue, "the Band of the Red Hand." (1) A legendary group of heroes who had many exploits, finally dying in the defense of Manetheren when that land was destroyed during the Guerra dos Trollocs. (2) A military formation put together almost by accident by Mat Cauthon and organized along the lines of military forces during what is considered the height of the military arts, the days of Artur Asa de Gavião and the centuries immediately preceding. See *also* Braço Vermelhos. **Sisnera, Darlin:** A High Lord in Tear, he was formerly in rebellion against the Dragão Renascido, but now serves as Administrador for the Dragão Renascido in Tear.

**so'jhin:** The closest translation from the Old Tongue would be "a height among lowness," though some translate it as meaning "both sky and valley" among several other possibilities. *So'jhin* is the term applied by the Seanchan to hereditary upper servants. They are *da'covale*, property, yet occupy positions of considerable authority and often power. Even the Blood step carefully around *so'jhin* of the Imperial family, and speak to *so'jhin* of the Empress herself as to equals. See *also* Blood, the; *da'covale*.

**Stump:** A public meeting among the Ogier. The meeting can be within or between *pouso*. It is presided over by the Council of Elders of a *pouso*, but any adult Ogier may speak, or may choose an advocate to speak for him. A Stump is often held at the largest tree stump in a *pouso*, and may last for several years. When a question arises that affects all Ogier, a Great Stump is held, and Ogier from all *pouso* meet to address the question. The various *pouso* take turns hosting a Great Stump.

**Sword-Captain:** See Lance-Captain.

**Taborwin, Breane:** Once a bored noblewoman in Cairhien, she lost her wealth and status and is now not only a servant, but in a serious romantic relationship with a man whom she once would have scorned.

**Taborwin, Dobraine:** A lord in Cairhien. He currently serves as Administrador for the Dragão Renascido in Cairhien.

**Tarabon:** A nation on the Aryth Ocean. Once a great trading nation, a source of rugs, dyes and the Guild of Illuminators' fireworks among other things, Tarabon has fallen on hard times. Racked by anarchy and civil war compounded by simultaneous wars against Arad Doman and the Devotos do Dragão, it was ripe for the picking when the Seanchan arrived. It is now firmly under Seanchan control; the Capítulo house of the Guild of Illuminators has been destroyed and most Illuminators themselves made *da'covale*. Most Taraboneanos appear grateful that the Seanchan have restored order, and since the Seanchan allow them to continue living their lives with minimal interference, they have no desire to bring on more warfare by trying to chase the Seanchan out. There are, however, some lords and soldiers who remain outside the Seanchan sphere of influence and hope to reclaim their land.

**wasp-jelly:** A small aquatic creature that appears to be made of jelly but stings severely when touched.

**weight, units of:** 10 ounces = 1 pound; 10 pounds = 1 stone; 10 stone = 1 hundredweight; 10 hundredweight = 1 ton.

**Wild Hunt, the:** It is believed by many that the Tenebroso (often called Grim, or Old Grim, in Tear, Illian, Murandy, Altara and Ghealdan) rides out in the night with the "black dogs," or the Cães das Trevas, hunting souls. This is the Wild Hunt. It is believed by many that merely seeing the Wild Hunt pass means imminent death, either for the viewer or for someone dear to the viewer. It is held to be especially dangerous to meet the Wild Hunt at a crossroads, just before sunrise or just after sunset. See *also* Cães das Trevas.

**Winged Guards, the:** The personal bodyguards of the First of Mayene, and the elite military formation of Mayene. Members of the Winged Guards wear red-painted breastplates and red helmets shaped like rimmed pots that come down to the napes of their necks in the back, and carry red-streamered lances. Officers have wings worked on the sides of their helmets, and rank is denoted by slender plumes.

**Wise Woman:** Honorific used in Ebou Dar for women famed for their incredible abilities at healing almost any injury. A Wise Woman is traditionally marked by a red belt. While some have noted that many, indeed most, Ebou Dari Wise Women were not even from Altara, much less Ebou Dar, what was not known until recently, and still is known only to a few, is that all Wise Women are in fact Mulheres Kin and use various versions of Healing, giving out herbs and poultices only as a cover. With the flight of the Kin from Ebou Dar after the Seanchan took the city, no Wise Women remain there. *See also* Kin, the.

**Jovem Guarda, the:** The first Jovem Guarda were young men studying under the Guardiões at the Torre Branca. They fought against their teachers who attempted to free Siuan Sanche after she was deposed from the Trono de Amyrlin. Led by Gawyn Trakand, the Jovem Guarda remained loyal to the Torre Branca, and fought skirmishes against Whitecloaks under Eamon Valda. They accompanied Elaida's embassy to the Dragão Renascido in Cairhien and saw action against the Aiel and Asha'man at Poços de Dumai. On their return to Tar Valon, they found themselves barred from the city.

The Jovem Guarda wear green cloaks with Gawyn's White Boar; those who fought against their teachers in Tar Valon wear a small silver tower on their collars. They accept recruits wherever they go, but they do not take veterans or older men. One requirement is that the recruit must be willing to put aside all loyalties except to the Jovem Guarda. Older members teach the new recruits Guardiões techniques since they have given over accepting instruction

from Guardiões, and several have refused offers of bonding from Aes Sedai. In many ways they hardly seem attached to the Tower and Aes Sedai at all. This is a result in part of their suspicion that they were not meant to survive the expedition to Cairhien.



### *About the Author*

Robert Jordan was born in 1948 in Charleston, South Carolina. He taught himself to read when he was four with the incidental aid of a twelve-years-older brother, and was tackling Mark Twain and Jules Verne by five. He was a graduate of The Citadel, The Military College of South Carolina, with a degree in physics. He served two tours in Vietnam with the U.S. Army; among his decorations are the Distinguished Flying Cross with bronze oak leaf cluster, the Bronze Star with "V" and bronze oak leaf cluster, and two Vietnamese Gallantry Crosses with Palm. A history buff, he also wrote dance and theater criticism. He enjoyed the outdoor sports of hunting, fishing, and sailing, and the indoor sports of poker, chess, pool, and pipe collecting. He began writing in 1977 and continued until his death on September 16, 2007.

## **Tabela de Conteúdos**

### [MAPAS](#)

### [PRÓLOGO: Vislumbres do Padrão](#)

1. [Tempo de Ir](#)
2. [Dois Capitães](#)
3. [Um Leque de Cores](#)



4. O Conto de uma Boneca
5. A Forja de um Martelo
6. O Cheiro de um Sonho
7. Quebra-cabeça de Ferreiro
8. Redemoinhos de Cor
9. Armadilhas
10. Um Farol Flamejante
11. Conversa sobre Dívidas
12. Uma Barganha
13. Alto Assentos
14. O que as Sábias Sabem
15. Aproximação das Trevas
16. O Tema das Negociações
17. Segredos
18. Uma Conversa com Siuan
19. Surpresas
20. Na Noite
21. Uma Marca
22. Uma Resposta
23. Enfeites
24. Uma Tempestade se Fortalece
25. Quando Usar Joias
26. Em So Habor
27. O que Deve Ser Feito
28. Um Aglomerado de Botões de Rosa
29. Algo Pisca
30. O que o Bastão dos Juramentos Pode Fazer
- EPÍLOGO: Uma Resposta
- GLOSSÁRIO